

A Cidade de Deus



Santo Agostinho

Santo Agostinho

A Cidade de Deus

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2022

A cidade de Deus

Santo Agostinho

Livro I – Os Godos em Roma

Censura os pagãos que responsabilizam pelas calamidades mundiais, em especial a da recente devastação de Roma pelos Godos, a religião cristã, por ter provocado a supressão do culto aos ídolos. Trata dos bens e dos males que, como é costume acontecer, nessa ocasião foram comuns a bons e maus. Repele energicamente a insolência dos que apresentam a objecção de ter sido ofendido pelos soldados o pudor das mulheres cristãs.

CAPÍTULO I

Acerca dos inimigos do nome de Cristo que, por causa de Cristo, os bárbaros pouparam durante a devastação de Roma.

É desta Cidade da Terra que surgem os inimigos dos quais tem que ser defendida a cidade de Deus. Muitos deles, afastando-se dos seus erros de impiedade, tornaram-se cidadãos bastante idôneos da Cidade de Deus. Mas muitos outros ardem em tamanho ódio contra ela e são tão ingratos aos manifestos benefícios do Redentor, que hoje não moveriam contra Ele a sua língua senão porque encontraram nos seus lugares sagrados, ao fugirem das armas inimigas, a salvação da vida de que agora tanto se orgulham.

Não são na verdade estes romanos encarniçados contra o nome de Cristo aqueles a quem os bárbaros pouparam a vida por amor de Cristo? Disto dão testemunho os santuários dos mártires e as basíli-

cas dos Apóstolos que acolheram quantos aí se refugiaram, tanto cristãos como estranhos, durante a devastação da Urbe¹. Ali se apa-

¹ Orósio (Paulo), presbítero de Braga (*Historiarum adversus paganos libri septem*, C. VII, 39) menciona que foi o próprio Alarico quem ordenou aos seus soldados que poupassem os templos cristãos, particularmente as basílicas dos apóstolos Pedro e Paulo, respeitassem quem neles procurasse refúgio e não deitassem mão dos objetos de culto. Mais menciona que Alarico assim procedeu, por, embora ariano, considerar Roma como sede da Cristandade.

Porque nos toca de perto este presbítero de Braga, não será talvez inútil acrescentar que P. Orósio, amigo e discípulo de Santo Agostinho, com este colaborou na luta contra o paganismo. Santo Agostinho retrata-o como «homem de engenho vivo, de palavra fecunda, com grande entusiasmo por conhecer a verdade e vivo desejo de ser instrumento útil na casa do Senhor, para refutar as falsas e perniciosas doutrinas que nas almas dos Hispânicos têm feito mais estragos do que a espada dos bárbaros nos seus corpos». (Aug. *Epist. 156*, 2; P. L. 33, 720-721).

Orósio foi a Hipona consultar Agostinho acerca de certos pontos de doutrina suscitados na Península Ibérica pelos priscilianistas, que nela abundavam com prejuízo para a ortodoxia.

O bispo de Hipona incumbiu-o de ir ao Oriente dar a conhecer os erros de Pelágio e, quando ele regressou, de reduzir a escrito todas as catástrofes que antes de Cristo caíram sobre o mundo. Assim nasceram *Historiarum adversus paganos libri septem* (Sete livros de história contra os pagãos), obra também conhecida durante a Idade Média por *Maesta Mundi* (Tristezas do Mundo). Tal como o mestre, também Orósio reconhece estar na providência divina o sentido da história, reconhecendo como providenciais todos os acontecimentos históricos, mesmo os mais lamentáveis.

A História contra os Pagãos gozou, ao lado da Cidade de Deus, de muita estima e estudo na Idade Média, que «fez da obra do presbítero hispânico o seu manual de história», (G. Finle — Errera San Agustin y Orósio. “Esquema para un estudio de las fuentes dei” « De Civitate Dei», in «La Ciudad de Dios», 167 (1954) II, 549).

No prefácio da sua obra, Orósio reconhece: “Minha humilde pessoa deve tudo o que fez à tua direção fraterna”. Toda a minha obra a ti pertence e para ti se volta. A minha única contribuição consiste em tê-la escrito com alegria, (ob. c., Viena, 1882).

Além dos *Historiarum adversus paganos libri septem* e, antes desta obra, Orósio escreveu: a) *Consulta-
tio sive commonitorium de erro priscillianistorum et Origenistarum*, que entregou a Santo Agostinho o qual, em resposta, escreveu *Liber ad Orosium contra Priscillianistas et Origenistas*, b) *Liber Apolo-
geticus Contra Pelagium de arbitrii libertate*.

Sobre Orósio, além das o. cit., v. P. L. 31, 635-1216.

- Bibliografia geral Portuguesa II, Lx.-1944 p. 80-165;
- G. Fink. « Recherches Bibliographiques sur Paul Orose », in *Arch. Bibl. Y Museos*, 56, Mad. 1952, p. 271-322.
- A melhor edição da « História » é a do *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum latinorum* (C.S.E.L.) corrigida por S. Svensnung. Tom, V, Upsala, 1922.
- E. Florez. *Espana Sagrada*, XV, 314-351;
- C. Tonez Rodrigues. *Los Siete Libros de la Historia contra los paganos*, in Quademos de Est. Gallegos, Compostela, 1948, p. 23-48;
- C. Tonez Rodrigues. *La obra de Orose*, in Bibl. de Uniu. de Compost. nos 61-62, 1953-1954;
- M. Martins, *Correntes de Fil. Rei. em Braga*, in Brotéria 1950, 162--213;
- M. Castro. *El Hispanismo en le obra de P. Orósio*, in Quademos cit. 28, 154;
- E. Cuevar e Dominguez Del Vai. *Patrologia Espanola* (ap. à Patrol, de B. Altaner) 81-84;
- B. Lacroix, *Orose et ses idées*. Montrene-Paris, 1965;
- B. Lacroix. *La Importancia de Orósio in Augustinus*, 2 (1957);

ziguava o encarniçado inimigo; aí findava o seu furor de extermínio; para ali conduziam os invasores tocados de compaixão, aos que, fora daqueles lugares, tinham poupado a vida, pondo-os a salvo das mãos dos que não tinham igual compaixão. Aqueles mesmos que, noutras lugares, como inimigos que eram, realizavam crudelíssimas chacinas, quando se aproximavam destes lugares em que lhes estava vedado o que, por direito de guerra, se permite noutras partes, refreavam a sua sanha bélica e renunciavam ao desejo de fazer cativos.

Foi assim que escaparam muitos dos que agora desacreditam o Cristianismo e imputam a Cristo as desgraças que a cidade teve que suportar. Não atribuem porém ao nosso Cristo mas ao destino, o benefício de se lhes ter poupado a vida por amor de Cristo. Deveriam antes, se o avaliassem judiciosamente, atribuir os sofrimentos e durezas que os inimigos lhes infligiram à divina Providência que costuma, com guerras, purificar e castigar os costumes corrompidos dos homens. É a divina Providência que põe à prova a vida justa e louvável dos mortais com tais aflições, para, uma vez provada, ou a transferir para uma vida melhor ou a reter nesta terra para outros fins.

Mas, de fato, os ferozes bárbaros pouparam-lhes a vida contra os costumes normais das guerras, por amor ao nome de Cristo, quer

— Bracara Augusta 21, (B. 1967), p. 346-363;

— « Orósio » in *Die. de Hist. de Portugal*;

— Elias de Tejada. *Orósio y Dracôncio*, in Ar. de Hist. del Derecho Esp., 29, (1963) p. 191-201.

em outros lugares quaisquer, quer nos recintos consagrados ao seu culto, e, para que a compaixão se tornasse mais extensiva, escolheram os mais amplos destinados a recolher multidões. Deviam atribuir isto ao Cristianismo. Era a ocasião propícia para que dessem graças a Deus e recorressem ao seu nome com sinceridade, evitando assim as penas do fogo eterno, aqueles que em grande número escaparam às presentes calamidades usando hipocritamente desse mesmo nome. Porque muitos dos que vês agora insultar com petulância e sem vergonha os servos de Cristo, não teriam escapado àquela carnificina e àquele flagelo se não tivessem fingido que eram servidores de Cristo. E agora — ingrata soberba e ímpia loucura! — de coração perverso resistem ao seu nome; ao qual se recolheram um dia para gozarem da vida temporal, tornando-se réus das trevas eternas.

CAPÍTULO II

Nunca, numa guerra, os vencedores pouparam os vencidos por amor aos seus deuses.

São muitos os feitos guerreiros consignados por escrito; uns anteriores à fundação de Roma, outros ocorridos desde que esta nasceu até ao apogeu do Império. Leiam-nos e digam-nos se, no assédio de alguma cidade por estrangeiros, os vencedores pouparam assim os que se refugiavam nos templos dos seus próprios deuses; ou se um chefe bárbaro deu quiçá ordem alguma para que, após o assalto da

cidade, não se ferisse quem quer que fosse encontrado neste ou naquele templo.

Não foi Eneias quem viu Príamo entre os altares profanando com o seu sangue os fogos que ele próprio tinha consagrado?²

E Diomedes e Ulisses, que, depois de degolarem os guardas da cidadela, roubaram a sagrada imagem e ousaram pôr as mãos sangurentas sobre as virginais faixas da deusa?³

E todavia o que segue não é exato; desde aquele momento, a esperança dos Gregos começou a afrouxar e a desvanecer-se⁴.

Na verdade, foi depois disto que ficaram vitoriosos; foi depois disto que destruíram Tróia a ferro e fogo; foi depois disto que degolaram Príamo, refugiado junto dos altares. Tróia não caiu, portanto, por ter perdido Minerva. E a própria Minerva, que é que ela tinha perdido para perecer? Teriam sido por acaso os seus guardiões? Sim, isto é verdade: de fato, só pôde ser roubada depois de estes terem sido degolados. O certo é que o ídolo era defendido pelos guardiões, em vez de serem eles defendidos pelo ídolo. Como é possível que se preste culto — para que guardasse a pátria e os cidadãos — àquela que não fora capaz de guardar os seus guardas?

² *Sanguine foedantem quos ipse sacraverat ignes*. Virgílio, *Eneida*, II, 502.

³ ... *caesis summae custodibus areis, Corripuere sacram effigiem manibusque cruentis, Virgíneas ausi divae contingere vittas,...* Virgílio, *Eneida*, II, 166-168.

⁴ *Ex illo fluere ac retro sublapsa referri Spes Danaum,...* Virgílio, *Eneida*, II, 169-170.

CAPÍTULO III

Quão imprudentemente os Romanos acreditaram que os deuses Penates, impotentes para guardarem Tróia, os haviam de proteger.

Eis a que deuses se compraziam os Romanos de entregarem a defesa da Urbe! Que lamentável erro! E ardem em cólera contra nós quando dizemos estas coisas dos seus deuses! Todavia, não se enfurecem contra os seus escritores e até pagam, para os estudarem, a professores que consideram dignos de honras e estipêndio público.

Precisamente, segundo Virgílio, que, como o maior e o mais brilhante de todos os poetas, leem desde crianças, para que o espírito ainda tenro delas fique dele impregnado, de forma a não mais poder ser esquecido, conforme os versos de Horácio: *A vasilha que recentemente se impregnou de perfume, largo tempo o conservará⁵.*

Precisamente, segundo Virgílio, Juno aparece cheia de ódio aos Troianos, incitando Éolo, rei dos ventos, contra eles, dizendo: *Um povo meu inimigo vai sulcando as ondas do Tirreno; leva consigo, para Itália, ílio e os Penates vencidos⁶.*

Foi a estes Penates vencidos que homens prudentes tiveram que recomendar Roma para que não fosse vencida? Juno falava as-

⁵ *Quo semel est imbuta recens servabit odorem Testa diu.* Horácio, Epist. I, 2, 69-70.

⁶ *Gens inimica mihi Tyrrhenum navigat aequor, Ilium in Italianam portans victosque penates.* Virgílio, Eneida , I, 67-68.

sim como uma irada mulher que não sabe o que diz. E que diz Eneias, tantas vezes chamado piedoso?

Não será ele quem conta como *Panto, filho de Otreu, sacerdote da cidadela de Febo, levando de rastos em suas mãos os objetos sagrados, os deuses vencidos e o seu netinho, vem em louca correria até aos meus umbrais?*⁷

Não mostra que tais deuses — que não duvida de chamar vencidos — a ele foram confiados em vez de ser ele a eles confiado, quando diz: *Tróia confia-te os seus objetos sagrados e os seus penates?*⁸

Se pois Virgílio considera estes deuses vencidos e até confiados a um homem para conseguirem a fuga; não será uma loucura pensar que Roma foi acertadamente confiada a tais protetoras e que só poderia ser assolada se os perdesse? Mais ainda, prestar culto a uns deuses vencidos como esses guias e defensores que mais será senão ter, não divindades propícias, mas maus pagadores?⁹

Que é mais razoável: acreditar que Roma teria evitado essa calamidade se os deuses não tivessem perecido antes dela, ou que eles

⁷ *Panthus Othryades, areis Phoebique sacerdos, Sacra manu, uictosque deos, parvumque nepotem Ipse trahit, cursuque amens ad limina tendit.* Virgílio, *Eneida*, II, 319-321.

⁸ *Sacra suosque tibi commendat Troia Penates ?* Virgílio, *Eneida*, II, 293.

⁹ Neste passo Santo Agostinho faz um jogo de palavras que na tradução perde muito do seu vigor e toda a sua graça. O texto latino reza assim: *quid est aliud quam tenere non numina bona se d nomiin mala ?* Literalmente: «que mais é senão, ter não bons deuses mas créditos (títulos de dívida) maus?» Efetivamente, na linguagem jurídica, *nomen* significa nome, título, de um devedor, e, portanto título de crédito. Os *mala nomina* são portanto os títulos incobráveis. Cf. Ernout-Meillet: *Dic. Etymol, de la langue lat.* Paris 1939.

teriam perecido de há muito se ela não tivesse feito o impossível por conservá-los? De fato, quem é que se não apercebe à primeira vista de quão louca foi a sua presunção de se julgar invencível sob a proteção de defensores vencidos e de atribuir a sua ruína à perda dos seus deuses protetores, quando a sua perdição pode muito bem ter resultado de ter escolhido protetoras perecíveis? Não, não era o prazer de mentir que impedia os poetas a escreverem e a cantarem aquilo acerca dos deuses vencidos; era a verdade que os obrigava a confessá-lo como homens de boa fé.

Estas questões tratá-las-ei noutro lugar, mais oportuna, diligente e pormenorizadamente. Por agora, vou tratar rapidamente conforme o plano traçado e as minhas possibilidades, dos ingratos que, blasfemando, imputam a Cristo os males de que estão padecendo como resultado da corrupção da sua vida. Até eles foram poupadados por amor a Cristo e nem sequer prestam atenção a esse fato. Com sacrílega e perversa desenvoltura, servem-se contra este nome das mesmas línguas de que hipocritamente se serviram para salvarem a vida. Essas línguas que, cheios de medo, refrearam nos lugares sagrados, para ficarem a salvo e sem perigo, mas, uma vez respeitados pelos inimigos por amor a Cristo, logo vomitam maldições contra Ele.

CAPÍTULO IV

O asilo de Juno em Tróia a ninguém salvou das mãos dos Gregos. Pelo contrário, as basílicas dos apóstolos livraram todos os que a elas se acolheram do furor dos bárbaros

A própria Tróia, como disse, mãe do Povo Romano, não pôde defender nos templos os seus habitantes do fogo e ferro dos Gregos, que prestavam culto aos mesmos deuses. Todavia, *no asilo sagrado de Juno, os guardiões escolhidos — Fênix e o cruel Ulisses — guardavam os despojos da guerra. Por aqui e por ali se amontoavam os tesouros de Tróia, retirados dos templos em chamas: mesas aos deuses consagradas, taças de ouro maciço, vestes roubadas. À volta, em pé e em longa fila, estão apavoradas as mães com os filhinhos*¹⁰.

É isto: foi escolhido o lugar consagrado a tão grande deusa, não para impedir a saída dos cativos, mas antes para mantê-los ali cativos. Compara agora aquele asilo — que não é de qualquer divindade gregária, nem da turbamulta dos deuses — , compara-o com os lugares dedicados aos nossos Apóstolos. Daquele, levavam-se os despojos roubados aos deuses e aos templos incendiados, não para os oferecerem aos vencidos mas para os repartirem pelos vencedores; para aqui, bem ao contrário, trazia-se com honra e até com um sagrado

¹⁰ ...Junonis asylo Custodes lecti, Phoenix et dims Ulyxes, Praedam adservabant; hue undique Troia gaza Incensis erepta adytis, mensaeque deorum Crateresque auro solidi captivaque vestis Congeritur. Pueri et pavidae longo or dine matres Stant circum. Virgílio, Eneida, II, 761-767.

respeito o que fosse encontrado em outra parte pertencente a estes lugares; ali, perdia-se a liberdade, aqui, ficava ela assegurada; ali, assegurava-se o cativeiro, aqui, proibia-se; ali, eram encerrados como presa da ambição dos inimigos, para aqui os traziam os inimigos, movidos de compaixão, para lhes concederem a liberdade.

Enfim, àquele templo da deusa Juno, tinha-o escolhido o orgulho e a avareza dos frívolos gregos, ao passo que estas basílicas de Cristo foram escolhidas pela humildade e a compaixão, mesmo de bárbaros desumanos. A menos que os gregos, naquela sua vitória, poupassem os templos dos deuses comuns e não tivessem ousado ferir ou reduzir ao cativeiro os infelizes e vencidos troianos lá refugiados; nesse caso, Virgílio teria mentido ao jeito dos poetas. Mas é ele mesmo quem nos descreve o costume dos inimigos quando saqueiam cidades.

CAPÍTULO V

Costume geral dos inimigos de devastarem as cidades vencidas. Parecer de César.

Como escreve Salústio, historiador de notável fidelidade, já o próprio César¹¹ fez notar esse costume ao expor perante o Senado o

¹¹ Quer no texto (utilizamos o da IV edição de B. Dombart e A. Kalb, Coll. «Bibliotheca Teubneriana», Leipzig—1928-1929) quer no Sumário (*breviculus*) vem Cato (Catão). Porém em Migne, (P.L.) vem “Caesan” e por César se traduz, por de César se tratar, como resulta, quer do sentido, quer do contexto de Salústio (Cf. C. Sallusti Crisp. *De Conjurazione Catilinae*, Librairie Hachette et Cie. Paris, 1895 p. 92), quer da época (que necessariamente não é a de Catão) a que se reporta o final do Capítulo.

seu parecer sobre os conjurados: *Donzelas e jovens são raptados; meninos são arrancados dos braços dos pais; mães sofrendo os caprichos dos vencedores; templos e casas saqueados; praticam-se morticínios e incêndios. Finalmente, armas, cadáveres, sangue e lamentos por toda a parte*¹².

Se não se tivesse aqui referido aos lugares sagrados, seríamos levados a crer que os inimigos costumavam poupar as moradas dos deuses. E mais: este tratamento não o recebiam os templos romanos das hostes estrangeiras, mas de Catilina e dos seus partidários, nobíssimos senadores e cidadãos romanos. Claro que se tratava de homens perdidos e parricidas da sua pátria.

CAPÍTULO VI

Nem os próprios Romanos vez alguma pouparam os vencidos que se refugiavam nos templos das cidades conquistadas.

Para que há de a nossa exposição estender-se a múltiplos povos que entre si se guerrearam sem pouparem em parte alguma os vencidos refugiados nas moradas dos deuses?

Vejamos os próprios Romanos __ recordemo-los, insisto __ e examinememo-los a esses mesmos, cuja principal glória, diz-se, foi a de

¹² *Rapi virgines, pueros, divelli liberos a parentum complexu, matres familiarum pati quae victoribus conlibuisset, fana atque domos spoliari, caedem incendia fieri: postremo armis cadaveribus cruento atque luctu omnia compleri.* Salústio, *De Conjuratione Catilinae*, LI, 9.

*poupar os vencidos e domar os soberbos*¹³ e que preferiram esquecer a vingar as injúrias recebidas¹⁴.

Digam-nos que templos costumavam excetuar para deixarem em liberdade os que lá se refugiavam quando saqueavam tantas e tão grandes cidades, assaltadas e tomadas para estenderem os seus domínios. Será que assim tenham procedido sem o consignarem os historiadores nas suas façanhas? Mas como é que silenciaram sinais de tão elevada piedade homens que procuravam com todo o empenho registrar feitos dignos de louvor? Conta-se que o ilustre romano Marco Marcelo, conquistador da bela cidade de Siracusa, chorou antes de arruiná-la e que, antes do sangue dela, correram as lágrimas dele. Tem até o cuidado de respeitar o pudor que, mesmo num inimigo, se devia respeitar. De fato, antes de, como vencedor, ordenar o assalto da cidade, publicou um edito proibindo que se exercesse violência corporal sobre quem quer que fosse livre. Porém, a cidade foi arrasada, como acontece nas guerras e, em parte nenhuma, lemos qualquer decreto em que este general tão casto e clemente tenha ordenado que deixassem ilesos todo aquele que tivesse procurado refúgio neste ou naquele templo. Não se iria silenciar este fato, caso ele tivesse ocor-

¹³ *Parcere subjectis et debellare superbos.* Virgílio, Eneida, VI, 853.

¹⁴ O texto de Salústio é do teor seguinte: *in pace vero, quod beneficis magis quam metu imperium agitabant, et accepta injuria ignoscere quam persequi molebant.* (*De Conj. Cat.*, IX, 5, p. 39) — «mas na paz, porque exerciam a sua autoridade mais com benefícios do que com o medo e preferiam esquecer a vingar as injúrias recebidas».

rido, quando se não esconderam as suas lágrimas ou a ordem de em nada se ofender a pudicícia.

Fábio, que destruiu Tarento, foi louvado por se ter abstido de pilhar os ídolos. O seu secretário consultou-o para saber o que devia fazer com tantas imagens capturadas dos deuses e ele temperou até a sua clemência com um gracejo. Perguntou como eram as imagens e tendo-se-lhe respondido que eram muitas e de grande tamanho e que até estavam armadas, ele replicou: «deixemos aos Tarentinos os seus irados deuses».

Se, pois, os historiadores romanos não puderam deixar no silêncio nem o pranto de um nem o riso do outro, nem a casta piedade do primeiro nem a jovial moderação do último, como é que iriam então deixar de consignar que eles pouparam fosse quem fosse por amor fosse de que deuses fosse, chegando a proibir que fossem atacados ou reduzidos ao cativeiro os refugiados nos templos?

CAPÍTULO VII

As cruelezias cometidas na destruição de Roma são o resultado dos hábitos de guerra; ao passo que a clemência então verificada resulta do poder do nome de Cristo.

Por conseguinte, todas as devastações, chacinas, pilhagens, incêndios e tormentos, que se cometeram na recente catástrofe de Roma foram produto dos hábitos de guerra. O que porém de insólito ali ocorreu, ou seja, que, mudando o rumo dos acontecimentos de uma

forma insuspeitada, a残酷 dos bárbaros se tenha tornado branda até ao ponto de estabelecer que, por escolha, o público enchesse as basílicas mais amplas, onde ninguém seria ferido, donde ninguém seria arrancado, para onde eram levados muitos que deviam ser libertados pelos misericordiosos bárbaros, donde não seriam retirados por inimigos cruéis os que tinham que ser reduzidos ao cativeiro, quem não vê que tudo isto deve ser atribuído ao nome de Cristo, ao cristianismo, é cego. Quem o vê mas não o louva, é ingrato; quem se mostra contrário ao que louva, é insensato. É impossível alguém de perfeito juízo atribuir isto à ferocidade dos bárbaros. Quem encheu de terror as mentes ferocíssimas e sanguinárias, quem os foi refreando e miraculosamente os abrandou, foi Aquele que, muito tempo antes, pelo profeta havia dito: *Castigarei com uma vergasta as suas iniquidades e à chicotada as suas culpas; todavia, não lhes retirarei a minha misericórdia*¹⁵.

CAPÍTULO VIII

Quase sempre as graças e as desgraças são comuns a bons e maus.

Alguém dirá: porque é que esta divina misericórdia até aos ímpios e injustos se estende? Será porque, julgamos nós, quem a conce-

¹⁵ Visitabo in virga iniquitates eorum et in flagellis peccata eorum; misericordiam autem meam non dispergam ab eis. Salmo LXXXVIII, 33-34

de é Aquele que faz levantar o Sol todos os dias sobre os bons e sobre os maus e chover sobre os justos e os injustos¹⁶?

É certo que alguns haverá que, disto se apercebendo, pela penitência se hão de corrigir da sua impiedade; outros haverá, porém, que, como diz o Apóstolo, desprezando *as riquezas de bondade e de tolerância de Deus*¹⁷, estão armazenando *de acordo com a dureza do seu coração e conforme o seu coração impenitente*¹⁸; estão armazendo, repito, *para si castigos para o dia do castigo e da manifestação do juízo de Deus, que a cada um retribuirá segundo as suas obras*¹⁹.

Contudo, a paciência de Deus chama os maus à penitência e o açoite de Deus aos bons ensina a paciência. Da mesma forma, a misericórdia de Deus rodeia os bons para animá-los e a sua severidade castiga os maus para corrigi-los. Aprouve à divina Providência dispor para a outra vida, para os bons, de bens de que os pecadores não gozarão e, para os ímpios, de males que não atormentarão os justos. Quis porém que estes bens e males temporais fossem comuns a todos, para que nem sejam procurados ansiosamente os bens que vemos também na posse dos maus, nem sejam evitados, como qualquer

¹⁶ *Cotidie facit oriri solem suum super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.* Mat., V, 45.

¹⁷ *Divitias bonitatis et longanimitatis Dei.* Rom. II, 4.

¹⁸ *Secundum duritiam cordis sui et cor impaenitens.* Rom., II, 5.

¹⁹ *Sibi iram in die irae revelationis justi judicii Dei, qui reddet unicuique secundum apera ejus.* Rom., II, 5-6.

coisa de vergonhoso, os males de que também padecem freqüentemente os bons.

O que agora mais interessa é saber qual o uso que fazemos, quer das situações prósperas, quer das adversas. Efetivamente, o homem bom nem se envaidece com os bens temporais, nem se deixa abater com os males. Pelo contrário, o homem mau sofre na infelicidade, porque se corrompe na felicidade. Mas é na distribuição de bens e de males que Deus mais vezes patenteia a sua intervenção. De fato, se ele desde já castigasse qualquer pecado com penas manifestas, julgar-se-ia que nada reserva para o último juízo. E, pelo contrário, se desde já deixasse impunes todos os pecados, julgar-se-ia que a Providência divina não existe. O mesmo se passa com as coisas prósperas: se Deus não as concedesse com toda a largueza a quem lhas pede, diríamos que tal não está no seu poder e, se as concedesse a todos os que lhas pedem, julgaríamos que só se deve servir, com vistas a tais recompensas e servir assim, em vez de nos tornar santos, tornar-nos-ia mais ambiciosos, mais avaros.

Já porque é assim — que os bons e maus sofrem as mesmas provas — nem por isso vamos negar a distinção entre uns e outros porque distinto não é o que uns e outros sofrem. Mantém-se, na realidade, a diferença dos que sofrem, mesmo na semelhança dos sofrimentos. Ainda que estejam a sofrer do mesmo tormento, a virtude e o vício não se identificam. Assim, sob um só fogo, o ouro rebrilha e a

palha fumega; sob o mesmo trilho, a palha tritura-se e o grão limpa-se; assim como a água ruça não se confunde com o azeite embora saiam espremidos da mesma prensa, o único e mesmo golpe, caindo sobre os bons, põe-nos à prova, purifica-os, afina-os e condena, arrasa, extermina os maus.

Daí que, na mesma aflição, os maus abominam a Deus e blasfemam e os bons dirigem-Lhe as suas súplicas e louvam-No. O que mais interessa não é o que se sofre, mas como o sofre cada um. Agitados com o mesmo movimento, a imundície exala um fedor insuporável e o unguento, um suave perfume²⁰.

²⁰ Distribuição dos bens temporais. Deus faz brilhar o sol e faz chover sobre os bons e sobre os maus. Mais que isso: parece preferir os maus aos bons na distribuição desses e demais bens materiais. É esta uma situação que sempre na vida dos homens, através de todas as gerações, vem sendo posta com angústia e escândalo. Já os Judeus sobre ela meditavam no Eclesiástico e em Jó. Santo Agostinho apresenta várias soluções que, no fim de contas, se vêm a unificar. Esses bens são concedidos, mesmo aos santos, para que se não pense que não são bons esses bens. São bens, embora de valor inferior aos bens do espírito, à virtude. São também concedidos aos maus para que os santos não pensem que são os bens supremos. Em relação a outros, são bens de inferior categoria, que até aos maus podem ser concedidos e, por isso, os bons não devem ter apego a eles e por causa deles perder de vista os bens não temporais.

Concedem-se aos maus, porque não são tão maus que não mereçam qualquer recompensa por algum bem que pratiquem. Concedem-se aos bons, para que não percam a coragem em se converterem com receio de os perderem.

Na desolação e adversidade, a divina Providência não deixa o justo sem a consolação desses bens, não vá ele esmorecer; na prosperidade prova-o, retirando-lhos, não vá com eles corromper-se.

Mas a felicidade dos maus detentores desses bens é aparente: o remorso rói-lhes a alma. Não há motivo para os invejar.

Os bens temporais são concedidos a todos — aos maus, porque é a sua paga por algum bem que façam; aos bons, para que não receiem a conversão sem eles. Se porém fossem concedidos só aos bons, julgar-se-ia que só por eles se tomariam bons. Se fossem concedidos só aos maus, os bons não se converteriam, porque receariam perder o que afinal não deixa de ser um bem.

Se não fossem retirados senão aos bons — os débeis não se converteriam aos bens mais altos, com receio de perder os bens da Terra; se não fossem retirados senão aos maus, julgar-se-ia que nisso e só nisso consistiria toda a sua pena. Sobre o assunto, v. R. Jolivet, « Le probl. du mal chez S. Augustin » (in *Arch. de Phil.* VII, 2, 1930); G. Philips. *La raison d'Etre du mal, d'après Saint Augustin*. Louvain, 1927.

CAPÍTULO IX

Causa dos castigos que atingem tanto os bons como os maus.

Nessa catástrofe, que é que os cristãos padeceram que lhes não tenha servido de proveito, se o considerarmos com espírito de fé? Em primeiro lugar, ao pensarem com humildade nos pecados por causa dos quais Deus, indignado, encheu o mundo de tamanhas calamidades, embora estejam longe dos facínoras, dos dissolutos e dos ímpios, não se julgarão todavia tão isentos de faltas que se considerem a si próprios livres de sofrerem algum mal temporal por sua causa.

Efetivamente, além do caso de que todo o homem, por mais louvável que seja a sua vida, por vezes cede à concupiscência da carne e, sem cair em crimes monstruosos, nem no abismo da devassidão, nem na abominação da impiedade, deixa-se, todavia, arrastar para certos pecados, quer raras vezes quer, quando são mais leves, com mais frequência, além deste caso, encontrar-se-á, acaso com facilidade, alguém que, no final de contas, trate como deve a esses ímpios por cujo horrível orgulho, luxúria, cupidez, iniquidade e abomináveis sacrilégios, Deus esmagou a terra como já ameaçadora-mente tinha predito? Quem é que vive com tais pessoas como deveria viver? A maior parte das vezes, quando devíamos adverti-las, instruí-las e, por vezes mesmo, repreendê-las e corrigi-las, dissimulamos culposamente, quer por que nos custa o esforço, quer por que receámos ofendê-las, quer por que procuramos evitar inimizades que po-

dem tornar-se um estorvo ou até um dano para os bens temporais que a nossa cobiça procura alcançar ou que a nossa fraqueza receia perder.

E assim, embora a vida dos maus desagrade aos bons e, por isso, estes não cheguem a cair na condenação que os espera após esta vida, todavia, porque são indulgentes para com os seus condenáveis pecados, porque os temem e caem nos seus próprios pecados, embora leves e veniais, justamente são atingidos pelo mesmo flagelo temporal, sem todavia sofrerem as penas eternas. É justo, pois, que sintam a amargura desta vida quando a divindade justamente com aqueles os castiga, pois foi por amor das doçuras desta vida que eles não quiseram causar amargura aos que pecavam.

Se, por isso, alguém se abstém de repreender e de corrigir os mal comportados, quer porque espera ocasiões mais oportunas, quer porque receia que assim se tornem piores ou impeçam a formação moral e religiosa dos mais débeis com pressões para que se afastem da fé, não me parece que seja isso má inclinação, mas antes, conselho de caridade.

Mas há culpa quando as pessoas, que vivem de maneira diferente dos maus e aborrecem a sua conduta, são todavia indulgentes para com os pecados dos outros quando os deviam corrigir e repreender. Têm o cuidado de os não ofenderem, com medo de por eles serem lesados nos bens de que usam os bons, sem dúvida legítima e

honestamente, mas mais avidamente do que convém aos que peregrinam neste mundo e mostram a esperança da pátria superior.

Não se trata apenas dos mais débeis, dos que estão comprometidos com a vida conjugal, tendo ou procurando ter filhos, com casas, família numerosa (como aqueles aos quais se dirige o Apóstolo nas Igrejas, ensinando-lhes e recordando-lhes como devem viver as mulheres com os seus maridos, os maridos com as mulheres, os filhos com os pais e os pais com os filhos, os servos com os senhores e os senhores com os servos). Estes adquirem com prazer muitos bens terrenos e temporais e perdem-nos com pesar. Por isso não se atrevem a ofender aqueles homens cuja vida tão contaminada e tão depravada lhes desagrada.

Trata-se também dos que mantêm um teor de vida superior, livres dos laços conjugais, que se servem de alimentação frugal e de vestuário simples, mas se abstêm de repreender os maus, com receio de que as insídias ou ataques deles ponham em perigo a sua fama ou segurança. E, embora não os temam tanto que cheguem a praticar ações idênticas, cedendo a qualquer das suas ameaças ou perversidades, evitam porém censurar os desmandos que não cometem como eles, quando a sua censura poderia talvez corrigir alguns. Receiam pôr em perigo e perder a sua integridade e reputação no caso de lharem no seu intento e isto, não porque as considerem indispensáveis para o serviço de ensinar os demais, mas sim em consequência

daquela doentia fraqueza em que caem a língua e os juízos humanos quando se comprazem nas adulações e temem a opinião pública, os tormentos da carne ou da morte, isto é, por causa dos grilhões de certas paixões e não por causa do dever de caridade.

Parece-me pois que não é pequena a razão por que são castigados os bons juntamente com os maus, quando apraz a Deus castigar, mesmo com penas temporais, os maus hábitos. Juntos são castigados, não porque juntos levem má vida, mas porque juntos amam a vida temporal; não igualmente, mas juntamente. Os bons deviam desprezá-la para que os outros, repreendidos e corrigidos, alcançassem a vida eterna. E, se eles se recusam a acompanhá-los para a conseguirem, deveriam suportá-los, como inimigos e amá-los porque, enquanto vivem, nunca se sabe se não se decidirão a mudar para melhor.

Neste caso, têm responsabilidade não já igual mas muito mais grave aqueles de quem fala o profeta: *Perecerá por sua culpa, mas do seu sangue pedirei contas à sentinelas*²¹. Para isso há sentinelas, isto é, responsáveis pelos povos, colocadas como chefes das Igrejas, para que se não poupem a repreender o pecado²². Mas também não

²¹ *Ille quidem irt suo peccato morietur, sanguinem autem ejus de manu Speculatoris requiram.* Ezeq. XXXIII, 6.

²² É deste teor o texto latino de que este período é a tradução: *Ad hoc enim speculatores, hoc est populum praepositi, constituti sunt in ecclesiis, ut non parcant objurgando peccata.* Traduzi *speculatores* por «sentinelas» tendo em mente a raiz *spec* (observar). Como em Grego a raiz é σχοπτές (com inversão da ordem das consoantes χ = c e π = p. v. Michel Bréal et Anatole Bailly in *Lecons de mots — Dict. Etym. Lat.*, p. 360) poderia ter traduzido por *episcopuses* (bispo). Que é este o sentido que Santo Agostinho pretendia dar à palavra *speculatores*, resulta da frase *populorum praepositi* (responsáveis pelos povos) e *constituti in ecclesiis* (chefes das igrejas).

está totalmente isento de culpa quem, embora não constituído chefe de igreja, conhece, naqueles a que está ligado pelas necessidades desta vida, muitas coisas que deve admonestar ou condenar, mas é negligente e evita indispor-se com eles, para tratar dos interesses de que nesta vida pode fazer um uso legítimo mas com que se deleita mais do que convém.

Os bons têm ainda outra razão para sofrerem os males temporais. E a mesma de Jó: que o homem submeta o seu próprio espírito à prova e comprove e conheça com que grau de piedade e com que desinteresse ama a Deus.

CAPÍTULO X

Os santos nada perdem quando perdem as coisas temporais.

Depois de teres pensado nestas coisas e as teres examinado maduramente, repara se aos homens crentes e piedosos algum mal acontece que se lhes não converta em bem; a não ser que se julgue falha de sentido esta afirmação do Apóstolo: *Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus*²³.

Perderam tudo o que tinham. Perderam porém a fé? Perderam a sua religião? Perderam os bens do homem interior que, perante Deus, é rico? São estas as riquezas de Cristo, com as quais o Apóstolo se

²³ *Scimus quia diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum.* Rom. VIII, 28.

considerava opulento. *É um grande lucro a religião, desde que nos baste. Nada de fato trazemos para este mundo, assim como dele nada poderemos levar. Devemos estar contentes, desde que tenhamos que comer e que vestir. Os que pretendem ser ricos caem em tentações, em armadilhas e em muitos e loucos desejos, que afundam os homens na ruína e na perdição. A avareza é de fato a raiz de todos os males. Os que se lhe prendem desviaram-se da fé e envolveram-se em múltiplas dores*²⁴.

Portanto aqueles que na dita devastação perderam as riquezas terrenas, se as possuísssem como o ouviram àquele que fora pobre por fora e rico por dentro, isto é, se fizessem uso do mundo como se dele não fossem usuários, bem poderiam dizer o mesmo que ele, tão gravemente tentado mas nunca vencido: *Nu saí do ventre de minha mãe, nu voltarei à terra. O Senhor me deu, o Senhor me tirou. Aconteceu como ao Senhor aprouve. Seja bendito o nome do Senhor*²⁵.

Como bom servo, tinha por grande riqueza a vontade do Senhor; seguindo-O passo a passo, tomava-se rico em espírito e não se entrustecia ao abandonar em vida o que depressa deixaria ao morrer.

²⁴ *Est enim quaestus magnus pietas cum sufficientia. Nihil enim intulimus in hunc mundum sed nec auferre aliquid possumus: habentes autem victum ET tegumentum, his contenti sumus. Nam que volunt divites fieri, incident in temptationem et laqueum et desideria multa stulta et noxia, quae mergunt homines in interitum et perditionem. Radix est enim omnium malorum avaritia, quam, quidam adpetentes, afide pererraverunt et inseruerunt se doloribus multis.* Tim., VI, 10.

²⁵ *Nu dus exiit de utero matris meae, nu dus revertar in terram. Dominus dedit, Dominus abstulit; sicut Domino placuit, ita factum est: sit nomen Domini benedictum.* Jó I, 21.

Mas os outros, mais fracos, que, sem anteporem os bens terrenos a Cristo, a eles estavam ligados com um certo apego, quando os perdem é que se apercebem até que ponto, amando-os, pecaram. E doem-se tanto mais quanto mais se meteram nas dores, como acima recordei pela boca do Apóstolo. Era necessária uma lição da experiência para aqueles que, durante tanto tempo, desprezaram a lição das palavras, pois, o Apóstolo ao dizer: *Caem em tentação os que pretendem ser ricos*²⁶, o que, sem dúvida, reprova nas riquezas é a cupidez e não a posse. E noutro lugar ordena: *Aos ricos deste mundo aconselha a que não sejam soberbos, não ponham a sua confiança na riqueza incerta, mas sim no Deus vivo que tudo nos concede com abundância para que o desfrutemos. Que façam o bem, que sejam ricos em boas obras, generosos, deem sem dificuldade, com espírito de comunhão, adquiram um tesouro bem alicerçado para o futuro para que consigam a vida eterna*²⁷.

Os que assim usavam das suas riquezas foram compensados das suas ligeiras perdas com grandes lucros. A alegria que experimentaram por terem colocado a bom recato os bens que gostosamente distribuíram foi maior do que o desgosto sofrido com a perda alegra dos bens que possuíam sem apego. Pode bem perder-se na Terra

²⁶ *Qui volunt divites fieri, incident in temptationem, etc.* Tim., VI, 6.

²⁷ *Praecipe divitiibus hujus mundi, non superbe sapere, neque sperare in incerto divitiarum; sed in Deo vivo, qui praestat nobis omnia abundantius ad fruendum; bene faciant, divites sint in operibus bonis, facile tribuant, communicent, thesaurizent sibi fundamentum bonum in futurum, ut adprehendant veram vitam.* Tim., VI, 17-19.

o que, com pesar, dela não se pode levar. De fato, os que ouviram esta recomendação do Senhor: *Não queirais amontoar tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e onde os ladrões cavam e os furtam; mas entesourai tesouros no céu, onde o ladrão não chega nem a traça os rói; é que onde está o teu tesouro aí estará também o teu coração*²⁸. Esses puderam experimentar no tempo da tribulação quão retamente procederam por não terem desprezado os ensinamentos do mais verdadeiro dos mestres e do mais leal e invencível guardião do tesouro. Se muitos se alegraram por terem colocado as suas riquezas aonde de fato o inimigo não chegou, com quanta maior certeza e segurança poderão alegrar-se os que seguiram o aviso de Deus e as levaram para onde jamais o inimigo poderá ter acesso!

O nosso Paulino, bispo de Nola, que voluntariamente passou de muito rico para muito pobre e eminentemente santo, quando os bárbaros devastaram Nola e por eles foi aprisionado, rezava assim no seu coração como posteriormente dele soubemos: *Senhor, que eu não seja torturado por causa do ouro ou da prata. Tu sabes bem onde estão todas as minhas coisas*²⁹.

²⁸ *Nolite vobis condere thesauros in terra, ubi tinea et rubigo exterminant, ET ubi fures effodiunt et furantur; sed thesaurizate vobis thesauros in Caelo, quo fur non accedit, nec tinea corrumpit: ubi est thesaurus tuus, ibi erit et cor tuum.* Mat., VI, 19-21.

²⁹ *Domine, non excrucier propter aurum et argentum; ubi enim sint omnia mea tu seis* (a).
(a) Em parte nenhuma da correspondência trocada entre Santo Agostinho e São Paulino de Nola se encontra referido este caso, provavelmente porque essa correspondência se perdeu.
Nasceu Paulino em Bordô no ano de 353 e morreu em Nola em 431, de família patrícia romana. Exerceu cargos públicos na Itália, onde viveu durante muito tempo. Viveu depois na Espanha, donde era a

Ele tinha de fato todas as suas coisas onde lhe tinha indicado
Aquele que predissera que haviam de vir ao mundo todos estes ma-

mulher com quem se casou e onde foi ordenado presbítero. Voltou à Itália, onde foi sagrado bispo de Nola.

Trocou correspondência com Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo. Embora nunca, que se saiba, se tenha encontrado com Agostinho, a correspondência entre ambos trocada revela que os unia uma profunda amizade.

Por volta de 395, servindo Alípio de intermediário, Santo Agostinho enviou-lhe algumas das suas obras que Paulino, ainda por intermédio de Santo Alípio, agradeceu vivamente (Ep. 4 — Agost. Ep. 25 — P.L. XXXIII, 101, 103). Por não ter obtido resposta imediata a esta carta e receando que ela se tivesse extraviado, Paulino voltou a escrever a Agostinho (Ep. 6 de Ag., ep. 30 — P.L. XXXIII, 120-122). Agostinho, que já tinha respondido à primeira (Ep. 27 — P.L. XXXIII, 107-111), respondeu igualmente à segunda (Ep. 31 — P.L. XXXIII, 121-125) pouco depois de ter recebido das mãos de Valério a sagrada episcopal.

Da maior parte da correspondência trocada entre os dois, só nos restam fragmentos.

As últimas referências que lhe são feitas constam do «De cura pro tortuis gerenda», escrita em 421 para responder a uma questãoposta por Paulino. Nessa obra, Agostinho diz:

«Soubemos, não por vários rumores mas sérios testemunhos, que, durante o cerco de Nola pelos bárbaros, o confessor da fé Félix, cujo túmulo rodeias de religiosa aféição, não só se tinha mostrado aos habitantes por insignes benefícios, mas até tinha aparecido a seus olhos».

Segundo Filostérgio (Hist. eccl. XII, 3; ed. Bidez p. 142), os bárbaros pouco tempo se mantiveram em Nola. Depois de a terem destruído, abandonaram-na e retiraram-se, com grande alegria do seu povo, como se vê duma inscrição na sua basílica (b).

De Paulino a Agostinho, temos as cartas com os números 25, 30, 94, 121 e oito de Agostinho a Paulino com os números 27, 31, 42, 45, 80, 95, 154 e 186 na Col. Migne.

Deixou-nos ainda Paulino 36 composições poéticas entre as quais duas, em forma de epístola, a Ausônio (c).

A este respeito, v., além da cit. Col. Migne e da obra de Santo Agostinho *De cura pro mortuis gerenda*, P. Fabre, *Saint Paulin de Nole et Vaniété chrétienne*; P. Courcelle, *Hist. litt. des grandes invasions germaniques*, Paris, 1948; id., *Les lacunes de la corresp. entre Saint Augustin et Saint Paulin de Nole*, in *Reme des Études anciennes*, t. LIII, 1951; P. Mouceaux, *Hist. litt. lat. chret.*, Paris, 1924; Cayré, *Précis de Patrol*, Paris, 1927-30. Sobre Ausônio v. G. Boissier: *La Fin du Paganisme*.

(b) Filostérgio, historiador cristão leigo de Capadócia no século IV-V, ariano, discípulo de Eunônio, escreveu, em continuação de Eusébio de Cesareia, uma célebre *História da Igreja* em doze volumes, abrangendo o período de 300 a 425. Desta obra só restam alguns fragmentos e um Epítome. O que resta da *História da Igreja* está publicado em Migne in *Patrologia Greca*, t. LXV. Sobre Filostérgio v. P. Batiffol, *Quæstiones Philostergianæ*, Paris, 1891.

(c) Ausônio, (Decimus Magnus Ausonius), conhecido poeta, nascido em Burdigala, actual Bordô, em 309 e lá falecido em 395, foi mestre e amigo de São Paulino de Nola, lecionou gramática e retórica em Bordô durante trinta anos, ingressou depois na carreira administrativa, foi nomeado por Valentiniano I preceptor de seu filho Graciano, foi cônsul no reinado deste, tendo voltado, depois do assassinato de Graciano, a Bordô onde morreu cristão. Escreveu o poema Mosella, nome do rio que atravessa Treveris, a capital imperial de então. Além deste poema escreveu *Commemoratio Professorum Burdigalensium* (Memoriais dos professores Bordaleses); *Parentalia* (Parentálias, recordando parentes e amigos falecidos) e *Ordo Nobilium Urbium* (Importância de cidades ilustres) em que descreveu vinte cidades notáveis da época.

les. Por isso é que, quando da invasão dos bárbaros, nem sequer as suas riquezas terrenas perderam aqueles que obedeceram ao mandamento do Senhor acerca de como e onde deviam entesourar. Mas alguns tiveram que se arrepender por não terem seguido as suas indicações e aprenderam a lição acerca do uso de tais bens, se não com a sabedoria que previne, pelo menos com a experiência consequente.

Houve de fato homens de bem, mesmo cristãos, que foram torturados para que entregassem seus bens ao inimigo. Porém nunca puderam entregar nem perder os bens pelos quais se tornaram bons. E se alguns preferiram ser torturados a entregarem as suas riquezas iníquas, nesse caso já não eram bons. Estes, que tanto sofreram por causa do ouro, deviam ter sido advertidos de quanto tinham que padecer por Cristo. Aprenderiam assim a amar quem faz ricos de vida eterna todos os que por ele padeceram, em vez de amarem o ouro ou a prata. A desgraça foi terem padecido pelo ouro e pela prata, quer mentindo para os ocultarem, quer confessando para os entregarem. Ninguém perdeu a Cristo confessando-o nas torturas; ninguém conserva o ouro senão negando-o. Por isso talvez fossem mais úteis os tormentos que ensinavam a amar o bem incorruptível do que os outros bens por que os seus donos sofriam tormentos sem qualquer proveito.

Também houve aqueles que, não possuindo bens alguns para entregarem, sofreram torturas por neles se não acreditar. Também

desejavam talvez possuir; eram pobres mas não por vontade santa. Neles se verificou que não foi a posse, mas sim a paixão pelas riquezas o que lhes valeu tais torturas. Se alguns, resolvidos a levarem uma vida mais perfeita, não tinham escondidos nem ouro nem prata, ignoro se lhes sucedeu algo de parecido, isto é, serem torturados até neles acreditarem. Ainda mesmo que tal tenha acontecido, o que confessava a santa pobreza no meio daqueles tormentos, evidentemente que estava confessando Cristo. E, portanto, mesmo que não tenha conseguido que os inimigos nele acreditassem, conseguiu sim, com os seus tormentos, uma celestial recompensa como confessor da santa pobreza.

Diz-se que uma prolongada fome matou muitos cristãos. Também isto converteram em seu proveito os autênticos homens de fé, suportando-a com espírito de religião. A fome, ao tirar-lhes a vida, como se fora uma enfermidade corporal, libertou-os dos males desta vida. Porém, aos que não matou, ensinou-lhes a viverem mais sobriamente e a jejuarem mais prolongadamente.

CAPÍTULO XI

Fim da vida temporal, longa ou breve.

Muitos foram na verdade os cristãos massacrados. Muitos foram consumidos em hedionda variedade de muitas mortes. Isto é duro de suportar, mas é comum a todos os que foram gerados para

esta vida. Uma coisa sei: ninguém teria morrido se não existisse para morrer um dia. O fim da vida torna igual a vida longa à vida breve. Efetivamente, de duas coisas que já não existem, nem uma é melhor nem a outra é pior, nem uma é mais longa nem a outra é mais breve. Que importa o gênero de morte que acabará com esta vida, quando ao que morre não se obrigará que morra de novo? A cada mortal o ameaçam mortes de todos os lados.

Nos quotidianos azares desta vida, enquanto durar a incerteza acerca de qual das mortes surgirá, eu pergunto se não será preferível suportar uma morrendo, a ser por todas ameaçado, vivendo. Não ignoro quão depressa preferimos viver longos anos sob o temor de tantas mortes, a morrermos de uma vez e já não temermos diante de nenhuma.

Mas, uma coisa é o que o sentido carnal, fraco como é, repele por medo e outra o que a razão, convenientemente esclarecida, converge. Não deve considerar-se má a morte que uma vida virtuosa precede. Na verdade, o que torna má a morte mais não é que o que à morte se segue. Àqueles que necessariamente hão de morrer não deve preocupar muito o que acontecerá para que morram, mas antes para onde terão de ir irremediavelmente depois da morte. Os cristãos sabem que foi muito melhor a morte do pobre piedoso entre os cães que o lambiam, do que a do ímpio rico entre púrpuras e linhos. Em

que podem então prejudicar aos que viveram sem mácula as formas horríveis de morrer?

CAPÍTULO XII

Mesmo que tenha sido negada sepultura aos corpos humanos, com isso de nada são privados os cristãos.

Tão grande era o montão de cadáveres, que nem os puderam sepultar. A fé autêntica nenhum medo tem disso, pois, tendo presente o que foi predito, nem as feras devoradoras impedirão a ressurreição dos corpos daqueles de quem nem sequer um dos cabelos se perderá. De maneira nenhuma a Verdade teria dito *não temais os que matam o corpo mas não podem matar a alma*³⁰, se constituísse obstáculo para a vida futura o quer que fosse que quisessem fazer os inimigos nos corpos dos mortos.

Ninguém haverá tão insensato que sustente que, antes de sermos mortos, não devemos temer os que matam o corpo, mas devemos temer sim os que impedem que se dê sepultura aos cadáveres. Seria então falso o que Cristo disse: *Os que matam o corpo e depois já nada mais lhe podem fazer*³¹, se tivessem alguma coisa de importante a fazer ao cadáver. Longe de nós pensar que é falso o que disse a Verdade. Diz-se que eles realmente algum dano causam quando

³⁰ *Nolite timere eos qui corpus occidunt, animam autem non possunt occidere.* Mat., X, 28.

³¹ *Qui corpus occidunt et postea non habent quod faciant.* Luc., XII, 4.

matam, pois que o corpo tem sensações ao morrer. Depois, já nada há a fazer, porque já não há sensibilidade no corpo morto. Na verdade, a terra não cobriu muitos corpos cristãos; mas o que não conseguiram foi expulsar ninguém dos espaços do Céu e da Terra, cheios como estão da presença d'Aquele que sabe onde fará surgir, pela ressurreição, o que Ele mesmo criou. Diz realmente o salmo: *Deixaram os cadáveres dos teus servos em pasto às aves do céu e a carne dos teus santos às feras da terra. Derramaram o seu sangue como água à volta de Jerusalém e não havia quem os sepultasse*³². Mas estas palavras são mais para marcarem a crueldade dos que tal fizeram do que o infortúnio dos que tal sofreram. Embora estas coisas pareçam efetivamente duras e cruéis aos olhos dos humanos, todavia *preciosa é, aos olhos de Deus, a morte dos seus santos*³³.

Portanto, tudo isto, ou seja, os cuidados fúnebres, a qualidade da sepultura ou a solenidade das exéquias, constituem mais uma consolação dos vivos do que um alívio dos defuntos. Se ao ímpio serve de proveito uma sepultura de alto preço, ao piedoso tanto faz uma ordinária ou mesmo nenhuma. Brilhantes funerais, aos olhos humanos, prestou a multidão dos seus servidores ao famoso rico purpulado. Mas muito mais brilhantes perante o Senhor ofereceu ao pobre

³² *Posuerunt mortalia servorum tuorum escam volatilibus caeli, cames sanctorum tuorum bestiis terrae; effuderunt sanguinem eorum sicut aquam in circuitu Hierusalem, et non erat qui sepeliret.* Salmo LXXVIII, 2-3.

³³ *Pretiosa in conspectu Domini mors sactorum ejus.* Salmo CXV, 15.

coberto de úlceras o exército dos anjos que não lhe erigiram um túmulo de mármore, mas o colocaram no seio de Abraão.

Disto se rirão aqueles contra os quais decidimos defender a Cidade de Deus. Todavia, também os seus filósofos têm mostrado desprezo pelo cuidado com a sua sepultura. E até exércitos inteiros, ao morrerem pela pátria terrena, se não preocuparam com o lugar aonde viriam a jazer nem de que feras seriam alimento. A este propósito puderam dizer os poetas com aplauso dos seus leitores: *Quem não tem uma é coberto pelo céu*³⁴.

De forma nenhuma devem insultar os cristãos por causa dos corpos insepultos. A eles foi prometida a reforma da própria carne e de todos os membros, não somente à custa da terra, mas ainda do seio mais secreto dos outros elementos em que se tenham convertido os cadáveres ao se desintegrarem. Num instante voltarão à sua integridade.

CAPÍTULO XIII

Porque se devem supultar os corpos dos santos.

Mas nem por isso se devem desprezar e abandonar os corpos dos defuntos, principalmente os dos justos e dos fiéis dos quais o Espírito se serviu santamente como órgãos e receptáculos de todo o

³⁴ *Caelo tegitur, qui non habet umam.* Lucano, Farsália, VII, 819.

gênero de boas obras. Se as vestes e o anel dos pais, bem como as coisas deste gênero, são tanto mais queridos dos descendentes quanto maior tiver sido o hábito para com os pais, de maneira nenhuma se devem desprezar os corpos com os quais mantivemos muito mais familiaridade e intimidade do que com qualquer peça de vestuário que se usa. O corpo é parte natural do homem e de modo nenhum é um ornamento ou instrumento que se usa por fora. Por isso é que os funerais dos antigos justos eram tidos por um dever de piedade: celebravam-se exequias e concedia-se sepultura. Eles próprios, enquanto vivos, deixavam instruções a seus filhos acerca do sepultamento e da trasladação dos seus corpos.

É louvado Tobias, que, por enterrar os mortos, alcançou, segundo o testemunho de um anjo, merecimento perante Deus. Também o próprio Senhor, que havia de ressuscitar ao terceiro dia, elogia a boa ação da mulher piedosa, ou seja, a de ela ter derramado um precioso unguento sobre os seus membros com vista à sepultura e recomenda que essa ação seja divulgada como boa. E com louvor são lembrados no Evangelho aqueles que com delicadeza tiraram da cruz o seu corpo, com respeito o amortalharam e o sepultaram. Porém estes documentos autorizados não pretendem convencer-nos de que nos cadáveres haja alguma sensibilidade, mas que a divina Providência, à qual agradam estes deveres de piedade porque reafirmam a nossa fé na ressurreição, se interessa também pelos corpos dos mor-

tos. Também aqui nos é dada uma salutar lição: se, perante Deus, nem as obrigações e cuidados dispensados aos membros já sem vida dos homens perecem, quão grande será a recompensa que nos espera pelas esmolas que oferecemos aos que ainda têm vida e sensibilidade!

Há outras disposições que os santos patriarcas quiseram professar com significado profético acerca da sepultura ou da trasladação dos seus corpos; mas para tratar disso não é este o lugar próprio. Basta o que já dissemos.

Quanto aos bens necessários ao sustento dos vivos, tais como o alimento e o vestuário, se é certo que a sua falta causa grave doença, também é certo que isso não quebra nos bons a fortaleza perante o sofrimento, nem arranca da alma a piedade, mas antes a torna mais fecunda pelo exercício. Quão menos se hão de sentir infelizes os justos quando lhes faltam com os cuidados que é costume empregarem-se nos funerais e no sepultamento dos corpos dos defuntos; estando eles já em paz nas misteriosas moradas dos santos! Por isso quando, no saque daquela grande Urbe ou na de qualquer outra cidade, faltaram aos cadáveres dos cristãos estes cuidados, não houve culpa dos

vivos que os não podiam prestar, nem pena para os mortos que a não podiam sentir³⁵.

CAPÍTULO XIV

No seu cativeiro, nunca aos santos faltaram as consolações divinas.

Mas dirão que também muitos cristãos foram conduzidos ao cativeiro. Muito de lamentar seria que os levassem para onde não encontrassem o seu Deus.

Há nas Escrituras Santas um grande lenitivo mesmo no infortúnio. Cativos estiveram os três jovens; cativo esteve Daniel; cativos estiveram outros profetas. Nunca Deus lhes faltou como consolador. Não iria abandonar os seus fiéis ao domínio de um povo, bárbaro sim, mas humano, Aquele que não abandonou o profeta no ventre do monstro. Aqueles com quem discutimos preferem zombar destas coisas a crer nelas. Todavia, também eles, nos seus escritos, creem que Arion de Metimna, célebre tocador de cítara, quando foi arrojado de um navio, foi recebido no dorso de um golfinho e chegou assim a

³⁵ Honras fúnebres. Os pagãos ligaram às honras fúnebres uma importância exagerada. Receavam que os mortos voltassem para apoquentar os vivos no caso de não lhes serem prestadas de forma condigna as respectivas honras fúnebres.

Depois deles, também muitos cristãos julgavam que os mortos não se levantariam no último dia ressurgindo, no caso de as suas ossadas terem sido impiamente dispersadas ou de o seu corpo ter ficado insepulto.

Contra estes exageros e a pedido de Paulino de Nola, escreveu Agostinho em 421 o tratado «De cura pro mortuis gerenda», expondo uma doutrina de respeito pelo corpo humano que foi templo de Deus, habitáculo do Espírito Santo e órgão e instrumento da alma para o bem, mas sem esquecer que para o cristão seria indiferente que o corpo tenha sido queimado ou devorado ou inumado.

terra. É certo que o que narramos acerca do profeta Jonas é mais incrível. Mais incrível na verdade porque mais maravilhoso; mais maravilhoso porque mais portentoso.

CAPÍTULO XV

Régulo, que deu um exemplo ao suportar o cativeiro espontaneamente por motivos religiosos, nunca foi socorrido pelos deuses que adorava.

Têm eles, entre os seus mais ilustres varões, o notabilíssimo exemplo de um cativeiro voluntariamente suportado por motivos religiosos. Marco Régulo, general romano, esteve cativo entre os Cartagineses. Como estes preferiam que aqueles lhes devolvessem os seus prisioneiros a reterem em seu poder os romanos, enviaram Régulo com os seus embaixadores a Roma com o fim primordial de obterem a permuta. Mas antes o fizeram jurar que voltaria para Cartago se nada conseguisse. Para lá se dirigiu, mas exortou o Senado a não realizar a troca dos cativos por estar convencido da sua desvantagem para o Estado Romano. Depois desta exortação, nenhum dos seus o obrigou a voltar para o inimigo. Mas ele cumpriu o que voluntariamente tinha jurado. Os cartagineses entregaram-no então a horríveis e requintadas torturas, dando-lhe a morte. Com efeito, meteram-no dentro de um apertado caixão dentro do qual tinha forçosamente de se manter de pé; pregaram nele agudíssimos pregos, de maneira que a parte nenhuma se podia encostar sem sofrer atrocíssimamente.

mas dores e aniquilaram-no à força de vigílias. Sem dúvida que é justificadamente que se louva tamanha virtude, maior ainda que a sua infelicidade. Ele jurou pelos deuses cujo culto foi objeto de uma proibição que, segundo eles, nos valeu as atuais desgraças infligidas ao gênero humano. Pois bem, se estes deuses, aos quais se prestava culto na mira de se obter a prosperidade na vida presente, quiseram ou permitiram a imposição de tais penas a quem se lhes manteve fiel sob juramento, que castigos, mais duros ainda, não teriam, na sua irritação, infligido ao seu perjúrio?

Mas porque é que do meu raciocínio não hei de tirar antes uma dupla conclusão? Certamente que ele de tal forma prestava culto aos deuses que, devido ao seu juramento, nem podia deixar-se ficar na sua pátria nem ir para qualquer outra parte; mas, sem a menor hesitação, voltou para junto dos seus encarniçados inimigos. Não há dúvida de que estava totalmente enganado se julgava útil a esta vida o que lhe acarretou tão horrível morte. Com o seu exemplo elucidou-nos de que os deuses de nada servem aos seus devotos, relativamente à felicidade temporal. Com efeito, apesar de devotado ao seu culto, foi vencido e levado cativo e, porque não quis agir contra o juramento feito em nome deles, depois de o terem torturado por um novo gênero de suplícios, até então inaudito e horrível em excesso, suprimiram-no. Se porém o culto dos deuses concede como recompensa a felicidade depois desta vida; porque é que contra o Cristianismo le-

vantam a calúnia de que a desgraça de Roma resultou do abandono do culto dos deuses? Mesmo adorando-os com toda a fidelidade, não poderia ela vir a ser tão desgraçada como Régulo? A não ser talvez que a esta evidente verdade se oponha a loucura de uma surpreendente cegueira, a ponto de se ousar pretender que uma cidade inteira não pode ser infeliz quando venera os deuses, mas que um indivíduo pode sê-lo. Como se o poder dos deuses fosse mais capaz de proteger a multidão do que o indivíduo, sendo certo que são os indivíduos que constituem a multidão.

Mas, dirão: M. Régulo, mesmo no cativeiro e no meio de tais tormentos físicos, pôde conservar a sua felicidade graças à virtude do seu espírito. Procurem então uma virtude que possa tornar feliz toda uma cidade. É certo que a felicidade da cidade e a felicidade do homem não têm origem diversa, pois que a cidade mais não é que a multidão dos homens em concórdia. Não discuto agora a natureza da virtude de Régulo. Para já, basta que este nobilíssimo exemplo os obrigue a reconhecerem que o culto dos deuses não deve ser prestado na mira dos bens corporais ou das coisas externas ao homem. Ele preferiu carecer de todas elas a ofender os deuses pelos quais jurara. Mas que havemos de fazer com homens que se gabam de terem tido tal cidadão e receiam ter tal cidade? Então, se isso não temem, confessem que desgraça semelhante à de Régulo pode cair mesmo sobre

uma cidade tão diligente como ele em honrar os deuses e deixem de caluniar os templos cristãos.

Mas voltemos à questão já levantada acerca dos cristãos submetidos ao cativeiro. Pois calem-se, quando a este fato se referem, os que dele se valem impudente e imprudentemente, para zombarem da mais salutar das religiões. Se não constituiu uma vergonha para os seus deuses o fato de o seu mais zeloso adorador, por ser fiel ao juramento, ter renunciado à única pátria que tinha e, cativo de seus inimigos, ter perdido a vida em torturas de inaudita crueldade após uma longa agonia, muito menos há que incriminar o nome cristão por causa do cativeiro dos seus santos que esperam, com verdadeira fé, a pátria celeste e se reconhecem peregrinos nas suas próprias moradas.

CAPÍTULO XVI

Se a violação das virgens santas, suportada sem consentimento da sua vontade durante o cativeiro, poderá manchar a virtude de espírito.

Julgam que lançam à cara dos cristãos um grande crime quando, exagerando o seu cativeiro, aludem às violações cometidas não só com as casadas e com as donzelas núbeis mas também com religiosas. Aqui já não é a fé, nem a piedade, nem mesmo a virtude chamada castidade, mas a nossa própria discussão que se encontra constrangida entre o pudor e a razão. Não nos preocupamos aqui somente

em dar uma resposta aos estranhos, mas em proporcionar um lenitivo aos nossos irmãos na fé.

Fique bem assente, antes de mais, que a virtude, norma de vida reta, dá as suas ordens aos membros do corpo a partir da sua sede, a alma e que o corpo se santifica sendo o instrumento de uma vontade santa. Se esta permanece inquebrantável e firme, mesmo que um estranho opere com ou no corpo ações que não poderia evitar sem pecado próprio, não há culpa na vítima. Todavia, a violência cometida sobre o corpo de outrem pode não somente produzir a dor mas excitar a volúpia. Quando isto acontecer, nem por isso se arrancou da alma a sua pureza valentemente defendida, embora o pudor fique perturbado. Não se julgue consentido pela vontade do espírito o que talvez tenha acontecido com algum deleite da carne.

CAPÍTULO XVII

A morte voluntária por medo à dor ou à desonra.

Que sensibilidade humana se recusará a desculpar as que se suicidaram para evitarem tal ultrage? E, se alguém acusar as que se não quiseram suicidar para evitarem com este pecado o delito alheio, esse mesmo não se livrará da acusação de estupidez.

Sabemos que não há rei que consinta que se tire a vida, inclusive ao culpado, por iniciativa privada e, portanto, quem a si próprio se

mata é homicida. E é tanto mais culpado ao suicidar-se quanto mais inocente era a causa que o levou à morte.

Se justificadamente detestamos o caso de Judas; se a Verdade decide que, ao suspender-se no laço, ele, longe de expiar, mais agravou a vilania da sua traição, pois que, desesperando da misericórdia de Deus, fechou com um funesto remorso todo o caminho a uma salutar penitência; muito mais se deve abster do suicídio quem nenhuma culpa teve a expiar com tal suplício. Porque Judas, ao matar-se, matou um celerado e todavia acabou a sua vida réu não somente da morte de Cristo mas também da sua própria morte. Suicidou-se por causa do seu crime e ao seu crime juntou mais outro crime. Porque é pois que o homem que nenhum mal causou, contra si o vai causar? Porque é que com a sua própria morte vai ele executar um inocente para não suportar um culpado? Porque é que vai cometer na sua própria pessoa um pecado próprio para evitar que nela se cometa um pecado alheio?

CAPÍTULO XVIII

Violência e paixão carnal alheias sofridas no corpo da vítima contra sua vontade.

Claro que todos receiam que a luxúria alheia o polua. Não o poluirá se for alheia; se porém o poluir, é porque não é alheia.

A pudicícia é uma virtude do espírito e tem por companheira a fortaleza que lhe dá ânimo para tolerar os males, mas não para consentir no mal. Mas ninguém, por mais magnânimo e pudico que seja, tem em sua mão dispor da sua própria carne; apenas dispõe da sua anuência ou repulsa. Acaso admitirá alguém de tão juízo que perderá a sua castidade no caso de se praticarem atos de paixão carnal estranha, mesmo consumados, na sua própria carne tomada à força? Se num caso destes a castidade desaparecer, sem dúvida já não será uma virtude do espírito e não formará parte daqueles bens que constituem uma conduta intangível. Será antes um dos bens do corpo, tais como o vigor, a beleza, a saúde e outros que tais. Estes bens, mesmo que eles próprios diminuam, uma vida boa e justa é que nunca diminuirão. Se deste tipo fosse a pudicícia, a que propósito nos esforçaríamos para a não perdermos mesmo com perigo para o corpo? Mas, se é um bem do espírito, nem com a violência sobre o corpo ela se perderá. Mais ainda: quando o bem da santa continência resiste ao assalto impuro das concupiscências carnais, o próprio corpo fica santificado. Se persiste uma decisão inabalável de não ceder às suas solicitações, não desaparece a santidade, mesmo a do corpo, pois que se mantém a vontade e até a faculdade de o utilizar santamente.

Nem o corpo é santo pelo fato de os seus membros se mantenrem íntegros ou pelo fato de não terem sido objeto de qualquer contato, pois, por diversas razões, podem sofrer lesões e violências. Os

médicos por vezes praticam, por razões de saúde, atos que repugnam à vista. A parteira, ao verificar com a mão a integridade de uma donzela, pode destruir essa integridade por maldade, por imperícia ou accidentalmente. Julgo que não haverá ninguém tão tolo que pense que a santidade da donzela, inclusive a corporal, se rebaixou devido a essa falta de integridade. Quando o espírito se mantém firme, no propósito que lhe mereceu a santidade, mesmo corporal, não se arranca essa santidade pela violência da concupiscência alheia. A perseverança da sua continência mantém-lhe a santidade.

Se porém uma mulher de coração corrompido viola a promessa feita a Deus e procura um sedutor para se entregar à paixão viciosa; diremos que, enquanto vai a caminho, conserva a santidade corporal depois de ter perdido e destruído a do espírito, que tornava santo o corpo? Longe de nós tal erro. Tiremos do exposto antes a lição seguinte: a santidade do corpo, mesmo em caso de violência, não se perde se permanecer a santidade do espírito; mas perde-se, mesmo que o corpo se mantenha intacto, se se perder a santidade do espírito. Por isso é que não há qualquer razão para se castigar a si mesma com a morte espontânea a mulher violentamente profanada e vítima de pecado alheio. Muito menos, antes que isso aconteça. Porque havemos de consentir um homicídio certo, quando a própria torpeza, ainda por cima alheia, é incerta?

CAPÍTULO XIX

Lucrécia, que se matou devido à violência nela perpetrada.

Dissemos que, quando há violência corporal sem que haja mudado para o mal, no mais íntimo, a resolução de manter a castidade, a torpeza recai somente sobre quem satisfaz a paixão carnal e nunca sobre quem caiu, contra sua vontade, sob a violência carnal. Ousarão contradizer isto aqueles contra os quais defendemos, não só a santidade espiritual mas também a santidade corporal das mulheres cristãs violadas no cativeiro? Tecem altos louvores à pudicícia de Lucrécia, nobre matrona da velha Roma. O filho do rei Tarquínio cevou a sua lascívia com violência no corpo dela. Ela relatou este crime do devasso jovem a seu marido Colatino e a Bruto, seu parente, varões de estirpe e coragem das mais elevadas, fazendo com que eles lhe prometesse vingança. Em seguida, amargurada pela ofensa contra si cometida e não a podendo suportar, pôs termo à vida. Que diremos? Deve ela ser considerada adúltera ou casta? Quem julgará que se deve dispensar qualquer esforço nesta discussão? Certo declamador disse com elegância e verdade: *Ó maravilha: foram dois e só um cometeu adultério*³⁶. Dito esplendidamente e com toda a justeza! Reparou bem, nesta união dos dois corpos, a ignominiosa paixão de um e a castíssima vontade da outra. Atende, não à união dos corpos mas

³⁶ *Mirabile dictu; duo fuerunt, et adulterium unus admisit.* Dito de autor desconhecido.

à separação das almas, quando diz: *Foram dois e só um cometeu adultério*³⁷.

Mas que é isso? Será que a vingança vai recair com mais rigor sobre quem não cometeu adultério? Na verdade, Tarquínio foi expulso da pátria com seu pai; mas Lucrécia foi imolada com o supremo castigo. Se não há impudicícia na vítima violentada, também não há justiça quando quem sofre o castigo é a mulher casta. Apelo para vós, leis e juízes romanos! Depois de se cometer um crime, nunca tendes permitido que o réu seja impunemente executado sem que antes haja decisão judicial. Se alguém apresentasse este crime perante o vosso tribunal e ficasse provado, não só que sem prévia decisão foi assassinada uma mulher, mas ainda que o foi uma mulher casta e inocente, não aplicaríeis rigorosamente a quem o cometeu a pena adequada? Foi o que fez Lucrécia. Ela, a tão exaltada Lucrécia, ela sim, é que matou uma Lucrécia inocente, casta e, para mais, vítima de violência. Proferi a sentença! Se não o podeis fazer porque já se não pode apresentar quem poderíeis punir, porque louvais, com tanta exaltação, a homicida duma inocente e casta?

Certamente que não tereis argumentos para defendê-la perante os juízes dos infernos, mesmo que estes sejam como os cantam os vossos poetas nos seus poemas. Com certeza que ela se encontrará

³⁷ *Duo fuerunt, et adulterium unus admisit.* Ut Supra.

entre aqueles *que, sendo inocentes, com suas próprias mãos se mataram e exaltaram suas vidas renegando a luz*³⁸ e, quando pretenda voltar à terra, *os fados obstam a isso e o charco odioso retém-na presas nas suas repugnantes águas*³⁹.

Será que talvez ela não se encontre lá por ter acabado com a sua vida, não inocente, mas consciente da sua malícia? Será que (só ela o poderá saber), depois de violentada pelo tal jovem, ela mesma, arrastada pelo próprio prazer, consentiu e foi tão grande a sua dor que decidiu expiar esse prazer em si mesma com a morte? Mesmo assim não devia suicidar-se, se é que havia possibilidade de fazer perante os seus falsos deuses uma frutuosa penitência. Em tal caso, é falso aquele dito: «houve dois e só um cometeu adultério». Convém antes dizer que ambos foram adúlteros; um com a sua evidente violência, a outra com a sua latente adesão. Não se suicidou sendo inocente e não podem por isso dizer os literatos que a defendem que não está nas moradas infernais entre os *que, sendo inocentes, com suas próprias mãos se mataram*.

Mas assim, este caso sofre de defeito por dois lados: se se atenua o homicídio, reforça-se o adultério; se se desculpa o adultério, agrava-se o homicídio. Não há saída possível quando se diz: se é adúltera, porque é que se exalta? Se é casta, porque é que se suicida?

³⁸ ... qui sibi letum insontes peperere manu, lucemque perosi, projecere animas. Virgílio, Eneida VI, 434-436.

³⁹ Fas obstat, tristisque palus inamabilis undae Adligat. Id. Ib. 439.

A nós porém — para se confundirem os que, alheios a considerações de santidade, insultam as mulheres cristãs violadas durante o cativeiro — basta-nos, no exemplo tão nobre desta mulher, o que, como um dos maiores louvores, foi dito: *Foram dois e só um cometeu adultério*. Tinham Lucrécia em tal conta que a julgaram incapaz de se macular com um consentimento adulterino.

O fato de se ter suicidado por ser vítima de um adultério sem ser adúltera não constitui amor à castidade, mas debilidade da vergonha. Efetivamente, envergonhou-se da torpeza alheia cometida em seu corpo embora sem cumplicidade da sua parte. Como romana que era, demasiado ávida de glória, teve receio de que a violência sofrida durante a sua vida, a interpretasse o público como consentida se continuasse a viver. É por isso que ela julgou que devia apresentar aos olhos dos homens aquele castigo como testemunho da sua intenção, já que não podia mostrar-lhes a sua consciência. Encheu-a de vergonha a ideia de poder ser julgada cúmplice do que outrem torpemente nela realizara sem o seu consentimento interior.

Não procederam assim as mulheres cristãs que, apesar de terem suportado situações semelhantes, continuam a viver. Não vingaram em si um crime alheio, para não acrescentarem o seu aos crimes dos outros. O fato de inimigos terem cometido, por concupiscência, uma violação, não as levou a cometerem, por vergonha, um homicídio contra si próprias. No seu íntimo, mantêm com certeza a glória da

castidade e o testemunho da sua consciência. Mantêm-na também perante o seu Deus e de nada mais precisam. Isto lhes basta para procederem com retidão. Não aconteça que, para evitarem a ferida da suspeita humana, se desviem da autoridade da lei divina.

CAPÍTULO XX

Não há autoridade que permita aos cristãos, seja por que razão for, que voluntariamente acabem com a própria vida.

Não é sem razão que é possível encontrar nos santos livros canônicos qualquer passo em que se preceitue ou se permita darmo-nos a morte, quer para evitarmos algum mal, quer mesmo para conseguirmos a imortalidade. Pelo contrário, devemos considerar-nos disso proibidos por este preceito da lei: *não matarás*⁴⁰, sobretudo por se não ter acrescentado «o teu próximo», tal como o que se diz ao proibir-se o falso testemunho: *Não darás falso testemunho contra o teu próximo*⁴¹. Contudo, se alguém der contra si falso testemunho, não se julgue livre deste crime, porque a regra de amar o próximo a tem em si própria o que ama, segundo o texto: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*⁴².

Pois bem, não seria menos réu de falso testemunho quem o levantasse contra si próprio do que quem o levantasse contra o próxi-

⁴⁰ *Non occides.* Éxodo, XX, 13.

⁴¹ *Falsum testimonium non dices aduersus proximum tuum.* Éxodo, XX, 16.

⁴² *Diliges proximum tuum tanquam te ipsum.* Mat. XXII, 39.

mo. Mas se, no preceito que proíbe o falso testemunho, esta proibição se limita ao próximo e numa incorreta compreensão alguém pode entender que lhe é permitido apresentar-se com falso testemunho contra si mesmo, com quanta maior força se há de entender que não é lícito ao homem acabar com a própria vida, já que no texto *non occides*, sem mais acréscimos, ninguém se pode considerar excetuado, nem mesmo aquele a quem é dirigido o preceito.

Daí que alguns pretendam estender este preceito aos animais selvagens e domésticos e por ele lhes seja vedado matá-los. E porque não também às plantas e tudo o que por raízes se fixa ao solo e dele se alimenta? Efetivamente, as coisas deste gênero, embora não sintam, diz-se que vivem e por isso podem morrer e até se podem matar se se usar de violência. A propósito, diz o Apóstolo falando das sementes das plantas: *O que semeias não se vivificará se não morrer*⁴³. E no salmo está escrito: *Matou-lhes as vinhas com granizo*⁴⁴. Quer dizer que, em virtude do preceito *non occides*, devemos considerar ilícito arrancar abrolhos e adotar tolamente o erro dos maniqueus? Arredemos pois estes devaneios e quando leremos *non occides* não incluamos nesta proibição as plantas que carecem de sensibilidade, nem os animais irracionais, tais como as aves, os peixes, os quadrúpedes, os répteis, diferentes de nós na razão, pois que a eles não foi

⁴³ *Tu quod seminas non vivificatur, nisi moriatur.* I Cor., XV, 36.

⁴⁴ *Occidit uites eorum in grandine.* Salmo LXXVII, 47.

concedido participar dela conosco. Por justa disposição do Criador, a sua vida e a sua morte estão ao nosso serviço. Só nos resta concluir que temos de aplicar apenas ao homem as palavras *não matarás*, nem a outro nem a ti próprio matarás, pois quem a si próprio se mata, mata uma pessoa⁴⁵.

CAPÍTULO XXI

Casos em que a execução do homem não constitui o crime de homicídio.

A própria autoridade divina opôs algumas exceções ao princípio de que não é lícito matar um homem. Mas trata-se de exceções

⁴⁵ Questão do suicídio. Será legítimo o suicídio? No paganismo, foram dadas à questão soluções diversas. Platão condena o suicídio (*Fedon*), mas admite-o no caso de doença incurável ou de desonra (*Leis* XI, 873). Aristóteles condena-o, considerando-o uma covardia (*Eth. ad Nicom.* III, 11). Diógenes de Laércio e os cínicos autorizam-no. Epíteo e os estoicos condenam-no (*Dissert I*, 9) em princípio; admitem-no, porém, em circunstâncias especiais. V. Cícero, *Tascul.* I, 34. Sêneca começa por admiti-lo, mas acaba por confessar que «o homem de coração, o sábio, não foge da vida: sai dela». (*Ep.* 24-25). São ainda contra o suicídio os neo-platônicos. (Plotino, *Enéadas*, I, 4).

B — Santo Agostinho condena-o sem reservas. Nem o sofrimento, que é purificador, como no caso de Jó; nem o receio de cair nas mãos do inimigo; nem a ameaça de martírio, que é uma graça; nem a desonra, pois que o pecado só na alma existe e um corpo violado mantém-se puro se a vontade não aderiu ao pecado alheio; nem o receio de perder a salvação, pois, a ser motivo, todos os neófitos se deviam suicidar logo após o batismo; nem o medo da violência, pois afinal sempre comete violência contra si o que se suicida.

Sobre o caso, v. B. Roland-Gosselin, *La Morale de Saint Augustin*, Paris, 1925.

C — Todavia, perante certos casos de suicídio, cometido em certas circunstâncias por pessoas a quem a Igreja presta culto, tais como os referidos por Eusébio de Cesareia na sua « História Eclesiástica » (II, 8, 34), o de Santa Apolônia, o dos Santos Bernice, Prosdote e Domrina, o de Santa Pelágia (P. G. 579-785 e P. L. XVI, 229, S. Ambrosio in «De Virginitate» III, 7, 33). Santo Agostinho prudentemente declara: «não me atrevo a afirmar temerariamente nada acerca delas (*de his nihil temere audeo judicare* in *De Civ. Dei* L. I cap. XXVI). A celeberrima *veneratio* (*De Civ. Dei* L. I cap. XXVI) em que eram tidas pela Igreja católica impedia-o de formar um juízo que não fosse o de que essas pessoas não agiram por qualquer ilusão humana mas por inspiração ou mandato divino.

Sobre este ponto, v. R. Thamim, *Un problème moral dans l'Antiquité*, Paris, 1883; A. Bayet, *Le Suicide et la morale*, Paris, 1902; H. Deleaye, *Les légendes hagiographiques*, Brux. 1927; idem, *Les origines du culte des martyrs*, Brux., 1921; P. Morceaux, *Histoire Litt. de l'Afrique Chrét.*, T. VI. Paris 1922.

em que ordena que se dê a morte, quer por uma lei promulgada, quer por uma ordem expressa que, na ocasião, visa certa pessoa. (Mas então aquele que deve o seu ministério ao chefe que manda, não é ele próprio que mata; comporta-se como um instrumento, como a espada para o que a utiliza. Por isso não violaram o preceito não matarás as pessoas que, movidas por Deus, levaram a cabo guerras, ou os que, investidos de pública autoridade e respeitando a sua lei, isto é, por imperativo de uma razão justíssima, puniram com a morte os criminosos.

Assim Abraão, não só não é culpado do crime de crueldade, como até foi louvado com o nome de piedade por querer executar o filho, não criminosa mente mas por obediência.

Pergunta-se com razão se se deve tomar como uma ordem de Deus o caso de Jefté, que deu a morte à sua filha por ter sido ela quem, correndo, saiu ao seu encontro, pois ele tinha feito a promessa de imolar a Deus o primeiro ser que viesse ao seu encontro quando voltasse vitorioso da batalha. Nem Sansão seria de qualquer forma desculpado de se ter a si mesmo sepultado com os seus inimigos na ruína do templo, se o Espírito Santo, que por seu intermédio fizera milagres, não lhe tivesse no íntimo ordenado).

Portanto, à exceção destes, a quem é dada a ordem de matar, quer de uma forma geral por uma lei justa, quer de um modo particular pela própria fonte da justiça que é Deus, o que matar uma pessoa,

quer se trate de si mesmo, quer se trate de qualquer outro, é arguido do crime de homicídio.

CAPÍTULO XXII

A morte voluntária jamais pode constituir uma prova de fortaleza de ânimo.

Todos os que contra si próprios perpetraram este crime, talvez sejam dignos de admiração pela sua fortaleza de ânimo, mas não devem ser louvados pela santidade da sua razão. Se mais cuidadosamente consultares a razão, nem sequer lhe poderemos chamar fortaleza de ânimo, pois se entregaram à morte por não poderem suportar as contrariedades da vida ou os pecados alheios. Antes se reconhece neste caso uma alma débil que não é capaz de suportar a dura servidão do seu corpo nem a tola opinião do vulgo. Muito mais esforçado se deve considerar o ânimo que é mais capaz de suportar uma vida penosa do que fugir dela e que à luz de uma consciência pura, despreza o juízo humano, sobretudo o vulgar, a maior parte das vezes envolvido nas trevas do erro.

Se se deve considerar caso de fortaleza de ânimo que uma pessoa a si própria imponha a morte; nesse caso de fortaleza de ânimo se encontra antes Teômbroto. Contam deste que, depois de ter lido um livro de Platão acerca da imortalidade da alma, se atirou de um muro abaixo, passando assim desta para a vida que considerava melhor.

Nenhuma calamidade, nenhum crime, verdadeiro ou falso, impossível de suportar, o compeliu. Apenas a fortaleza de ânimo lhe bastou para abraçar a morte e quebrar os suaves laços desta vida.

O próprio Platão que acabara de ler, pôde testemunhar que aquele ato tinha mais de grandeza que de bondade. Seguramente que este teria sido o primeiro a realizá-lo e até a ordená-lo se, graças à inteligência que lhe mostrou a imortalidade da alma, ele não tivesse julgado que era possível evitá-lo de qualquer forma e proibi-lo até.

Mas o certo é que muitos se mataram para não caírem nas mãos do inimigo. Não procuramos saber se isso é um fato, mas sim se deveria ter acontecido. Aos exemplos deve ser anteposto um juízo sô. Há exemplos, com certeza, que com este juízo estão de acordo e são tanto mais dignos de imitação quanto mais notáveis são pela sua piedade religiosa.

Não se mataram os patriarcas, nem os profetas, nem os apóstolos. O próprio Cristo Senhor, quando os aconselhou a fugirem de uma cidade para outra cidade em caso de perseguição, poderia com certeza tê-los aconselhado a morrerem às suas próprias mãos para não caírem nas mãos dos seus perseguidores. Mas não, ele não ordenou nem aconselhou aos seus que assim deixassem esta vida; prometeu sim, aos que daqui partissem, que lhes prepararia moradas eternas. É pois manifesto que, aos que adoram o único Deus verdadeiro,

isso não é permitido, por mais exemplos que em contrário apresentem os povos que a Deus desconhecem.

CAPÍTULO XXIII

Valor do exemplo de Catão, que se suicidou por não poder suportar a vitória de César.

Contudo, além do caso de Lucrécia, de que acima me parece que já dissemos bastante, não encontram eles uma autoridade a invocar a não ser a de Catão, que se suicidou em Útica. Não foi o único a fazê-lo; mas, como passava por um homem probo e douto, julgou-se justamente por isso que se poderia e ainda se pode fazer legitimamente o que ele fez.

Que direi que valha a pena acerca deste fato, a não ser que os seus amigos, alguns deles homens cultos, o dissuadiram com prudência de consumar o suicídio, pois eram de opinião de que a façanha era mais própria de uma mentalidade covarde do que valorosa, por deixar patente que não se tratava de uma honra que pretende evitar a desonra, mas sim de debilidade que não é capaz de suportar a adversidade?

Assim pensou o próprio Catão a respeito do seu filho muito querido. Se era vergonhoso viver humilhado pela vitória de César, porque é que ele se tornou, para com o seu filho, um instigador de uma tal vergonha, prescrevendo-lhe que tudo esperasse da benevo-

lência de César? Porque é que não o obrigou a morrer com ele? Se Torcato executou com aplauso o próprio filho, aquele filho que, contra as suas ordens, lutou contra o inimigo e alcançou a vitória, porque é que Catão não perdoou a si próprio vencido e perdoou a seu filho, também vencido? Seria mais desonroso ser vencido contra uma ordem do que suportar o vencedor contra a honra? Catão não considerou desonroso viver submetido a César. Doutra forma, teria libertado o filho da desonra com a espada paterna. Por que então, a não ser por isto, amou tanto o filho — para quem quis e esperou a clemência de César — quanto invejou, como se conta ter dito, o próprio César, ou (digamo-lo mais benignamente) envergonhou-se da glória que ao próprio César adviria se o pouasse.

CAPÍTULO XXIV

Régulo foi mais corajoso do que Catão, mas os cristãos são-no muito mais.

Os nossos adversários não toleram que ponhamos acima de Catão o santo varão Jó, (que preferiu sofrer horríveis males na sua carne a libertar-se de todos os seus tormentos infligindo a morte a si próprio); nem outros santos que, segundo o testemunho das nossas Escrituras, de tão grande valor pela sua tamanha autoridade e totalmente dignas de fé, preferiram suportar o cativeiro ou a sujeição ao ini-

migo, a causarem a própria morte. Em todo o caso, segundo os seus próprios escritos, a Marco Catão prefiro Marco Régulo.

Na verdade, Catão nunca tinha vencido César, mas, uma vez vencido por este, pareceu-lhe indigno submeter-se-lhe. Para evitá-lo, escolheu o suicídio. Mas Régulo já tinha vencido os Cartagineses. Como general romano, tinha conseguido para o Império Romano uma vitória que não fora dolorosa para os seus concidadãos, mas gloriosa sobre os seus inimigos. Mais tarde por eles vencido, preferiu suportá-los como escravo a deles se libertar pela morte. Desta forma, sob a opressão dos cartagineses, conservou a paciência e, no amor aos romanos, a constância, não subtraindo o seu corpo vencido aos seus inimigos nem a sua alma invencível aos seus concidadãos. Nem foi por amor a esta vida que não quis suicidar-se. A prova disso está em que, para cumprir o juramento prestado, voltou, sem vacilar um momento, para os seus inimigos, muito mais ofendidos pelo seu discurso perante o Senado do que pelas armas na guerra.

Assim, um tão grande depreciador da vida, ao preferir o fim dos seus dias nas mãos dos seus encarniçados inimigos — sabe Deus no meio de que tormentos — a causar a sua própria morte, sem dúvida que considerou grave crime que o homem a si próprio se destruísse.

Entre todos os seus varões dignos de louvor e ilustres por insignes virtudes, os romanos não nos apresentam outro melhor; nem

se corrompeu na prosperidade, pois viveu paupérrimo, apesar de ter alcançado tão grande vitória, nem se deixou abater na desgraça, pois voltou intrépido para tamanhas torturas.

Ora, se os mais fortes e ilustres defensores da pátria terrena, adoradores de deuses falsos, mas não falsos adoradores, que, com toda a sinceridade, por eles juravam, puderam, segundo os usos e o direito da guerra, imolar os inimigos vencidos mas não quiseram, uma vez vencidos pelos inimigos, a si próprios se imolarem, se eles, sem medo da morte, preferiram suportar os inimigos como donos das suas próprias vidas a causarem em si mesmos a morte, com quanta maior razão os cristãos, adoradores do verdadeiro Deus e que aspiram à pátria celeste, se não hão de abster deste crime, se uma disposição divina os colocar temporariamente sob o jugo dos inimigos com o propósito de prová-los ou corrigir?

Não os abandonará nessa humilhação Aquele que, sendo o Altíssimo, por eles tanto se humilhou. Nenhum poder ou direito militar obriga os cristãos a aniquilarem o inimigo vencido. Que erro é esse tão funesto que se insinua no homem e o leva a matar-se porque um inimigo contra si pecou ou para evitar que contra si peche, quando se não atreve a matar o inimigo que já pecou ou se prepara para pecar?

CAPÍTULO XXV

Não se deve evitar um pecado com outro pecado.

Contudo, deve-se temer e precaver que o corpo, sujeito à lascívia do inimigo, induza a alma a consentir no pecado devido à volúpia altamente sedutora. E assim, dizem, já não é por um pecado alheio, mas por um pecado próprio que surge a obrigação de antes se matar do que cometê-lo.

Com certeza que uma alma submissa a Deus e à sua sabedoria e não ao corpo e à sua concupiscência, não consentirá na volúpia da carne despertada pela volúpia alheia. Se, porém, é verdade que matar-se a si mesmo é, para uma pessoa, um ato detestável, um crime abominável, como o proclama manifestamente a Verdade, quem é tão insensato que diga: «Pequemos então agora para que não pequemos mais tarde; cometamos agora um homicídio para mais tarde não cairmos em adultério»? Se a iniquidade nos domina até nos levar a optar, não pela inocência mas pelo pecado, um adultério incerto no futuro vale mais do que um homicídio certo no presente? Não é preferível cometer uma torpeza que se cura com a penitência, a cometer um crime que não deixa lugar a salutar arrependimento?

Digo isto por causa daqueles ou daquelas que, para evitarem não já um pecado alheio mas um seu próprio e receando o consentimento da sua própria luxúria excitada pela de outrem, se julgam obrigados a usar contra si de violência que lhes cause a morte.

Aliás, longe esteja do espírito cristão que confia no seu Deus e se apoia no seu auxílio, pondo nele toda a sua esperança, longe esteja, digo eu, pensar que uma tal alma se renda aos deleites carnais, sejam eles quais forem, até consentir num pecado torpe! Se todavia esta rebeldia concupiscente, que ainda habita nos membros destinados à morte, se move fora da lei da nossa vontade como que por lei própria sua, quanto mais sucederá isso sem culpa no corpo de quem não consente pois que sem culpa sucede no corpo de um adormecido!

CAPÍTULO XXVI

Quando é cometido pelos santos aquilo que não é permitido, deve-se indagar porque é que foi cometido.

Mas, dizem, algumas santas mulheres, no tempo das perseguições, para evitarem os perseguidores da sua pudicícia, atiraram-se a um rio de mortal corrente caudalosa e deste modo pereceram e o seu martírio celebra-se com a mais solene veneração na Igreja Católica.

Sobre isto não me atrevo a emitir temerariamente um juízo. Ignoro se a autoridade divina, servindo-se de alguns testemunhos dignos de fé, persuadiu a Igreja a honrar deste modo a sua memória. Pode ser que assim tenha sido. E se de fato tal fizeram, não enganadas por erro humano, mas impelidas por mandato divino, sendo portanto não alucinadas mas obedientes? Alguma coisa como o caso de Sansão, de que não é lícito pensar de outro modo.

Efetivamente, quando Deus manda e mostra sem ambiguidade que é ele quem manda, quem chamará delito a esta obediência? Quem acusará esta piedosa disponibilidade? Todavia, não julguemos que procederia sem crime quem resolvesse imolar a Deus seu filho porque Abraão louvavelmente fez o mesmo. Também o soldado, quando, obedecendo à autoridade sob a qual legitimamente foi colocado, mata uma pessoa, por nenhuma lei do seu país é tido por réu de homicídio. Ao invés, se o não fizer, é réu de indisciplina e de rebeldia à autoridade. Mas, se o fizer por sua própria conta e risco, incorrerá num crime de efusão de sangue. Tanto será punido se o fizer sem uma ordem, como o será se o não fizer com ordem para isso. Se assim é com a autoridade do general, quanto mais não será com a autoridade do Criador! Portanto, quem já sabe que não é lícito o suicídio, pratique-o, todavia, se receber uma ordem daquele cujos preceitos não é lícito desprezar; mas que repare bem se há a certeza absoluta da origem divina de tal ordem.

Nós, que conhecemos de ouvido a consciência de outrem, não temos a pretensão de julgar o que nos está escondido. *Ninguém sabe o que se passa no homem senão o espírito do homem que nele habita*⁴⁶.

⁴⁶ *Nemo seit quid agatur in homine nisi spiritus hominis, qui in ipso est.* Cor., II, 11.

O que dizemos, o que consideramos seguro, o que de todas as formas pretendemos provar é isto: ninguém tem o direito de causar a própria morte por sua iniciativa, sob o pretexto de se livrar de calamidades, porque cairia nas perpétuas; ninguém tem esse direito em relação aos pecados alheios, porque começaria por ter um próprio e gravíssimo pecado quem ainda estava limpo de toda a mácula estranha; ninguém tem esse direito em relação aos seus pecados passados: precisamente por causa deles é que lhe é mais necessária à vida presente para poder repará-los com a sua penitência; ninguém o tem sob pretexto de desejar a vida melhor que o espera após a morte: esta vida não acolhe no seu seio os réus da sua própria morte.

CAPÍTULO XXVII

Deve-se desejar a morte voluntária para evitar o pecado?

Resta uma razão, de que já tinha começado a falar, segundo a qual pareceria útil o suicídio, ou seja, para que se não caia em pecado quer sob as carícias da voluptuosidade quer sob o aguilhão da dor. Se quiséssemos admitir esta razão, pouco a pouco ela nos levaria a aconselharmos as pessoas a preferirem matar-se no momento em que, purificadas pela água santa da regeneração, receberam a remissão de todos os pecados. Na verdade, a ocasião de se evitarem os pecados futuros é aquela em que são apagados todos os pecados passados. Se

é lícito obter este resultado pela morte voluntária, porque não a causar nesse momento?

Porque é que todos os batizados se pouparam? Porque é que de novo oferecem a cabeça, já livre, a tantos perigos desta vida, tendo à mão uma solução tão fácil de evitá-los entregando-se à morte? Não está escrito: *Quem ama o perigo cairá nele*⁴⁷?

Porque se amam, pois, tantos e tão grandes perigos ou, pelo menos, ainda que se não amem, as pessoas a eles se expõem, permanecendo na vida quem dela pode licitamente ausentar-se?

Mas, como é que uma tão estúpida perversão pode transformar-nos o coração e desviá-lo da contemplação da verdade, até ao ponto de julgarmos que temos o dever de nos matarmos para não cairmos em pecado sob a pressão de um prepotente e, ainda, que somos obrigados a viver para suportarmos até ao fim este mundo, a toda a hora cheio de tentações, não só as que receamos do prepotente mas também as outras, tantas e tão grandes, que resultam da vida que temos de suportar?

Para quê então perder tempo com sermões cheios de zelo para inflamar os batizados em desejos de integridade virginal ou de continência na viuvez, ou de fidelidade conjugal, quando dispomos de um método muito mais prático e livre do perigo de pecar: aconselhar a

⁴⁷ *Qui amat periculum incidit in illum.* Ecle. 3,27

todos cujos pecados acabam de ser perdoados que abracem imediatamente a morte, provocando-a, para os enviarmos ao Senhor mais sãos e mais puros?

Mas se alguém julga que se deve tentá-lo ou aconselhá-lo, não lhe digo: «perdeste a consciência», mas sim: «perdeste o juízo». Com que cara se poderá dizer a uma pessoa: «mata-te, não aconteça que enquanto vives sob o poder de um senhor sem vergonha, de bárbaros costumes, acrescentes, aos teus pecados leves, um grave»? Só o maior celerado poderá dizer: «Mata-te, agora que todos os teus pecados estão perdoados, não aconteça que voltes a cometê-los de novo ou ainda piores enquanto viveres num mundo lisonjeiro, com tantos prazeres impuros, enlouquecido por tantas crueldades nefandas, inimigo com tantos erros e terrores». Pois, se é um crime falar assim, indubitavelmente que é um crime alguém suicidar-se. Se pode haver uma justa razão para que alguém voluntariamente se dê a morte, sem dúvida que mais justas do que estas se não podem apresentar. Mas, se realmente estas não são justas, então nenhuma o é.

CAPÍTULO XXVIII

Razão por que Deus permitiu que a lascívia do inimigo se satisfizesse nos corpos das pessoas continentes.

Se a vossa castidade foi um joguete dos inimigos, nem por isso, ó fiéis de Cristo, deveis sentir desgosto pela vida. Tendes motivos

para uma grande e autêntica consolação, se mantiverdes a convicção firme de que não haveis participado, por permissão, nos pecados contra vós cometidos. Mas, se por acaso perguntardes por que são permitidos, responderei: quão profunda é a providência do Criador e governador do mundo! Quão insondáveis são os seus juízos e impene-tráveis os seus caminhos! Interrogai-vos sinceramente nas vossas almas, para ver se não vos tereis envaidecido com ares de superioridade do dom da vossa integridade ou da vossa continência ou do vosso pudor e levados pelo prazer dos louvores humanos, não haveveis tido, neste ponto, inveja de alguns.

Não acuso o que ignoro nem ouço a resposta que os corações vos dão a estas perguntas. Mas, se eles vos responderem que assim é, não vos admireis por terdes perdido aquilo com que pretendíeis suscitar a admiração humana e por terdes ficado com o que já não podem admirar. Se não prestastes o vosso consentimento aos que estavam a pecar, é porque o auxílio divino se juntou à divina graça para a não perderdes; mas o opróbrio humano sucedeu à glória humana para a não amardes. Em ambos os casos, consolai-vos, ó pusilâimes; por um lado, fostes provadas, pelo outro, castigadas; por um lado, fostes santificadas, pelo outro, corrigidas.

Mas as que, depois de terem interrogado o coração, responderem que jamais se orgulharam da excelência da virgindade, da viudez ou do recato conjugal; que antes, atraídas pela humildade, se alegra-

ram com temor deste dom de Deus; que a ninguém invejaram a exceléncia de uma santidade e de uma castidade semelhante à delas; que antes, pondo de parte o louvor humano (que é tanto mais pródigo quanto mais rara é a virtude exaltada), optaram por crescerem em número em vez de sobressaírem em grupo reduzido delas; estas, mesmo que algumas delas tenham sido violentadas por bárbaros sensuais, não se devem queixar de isto ter sido permitido, nem crer que Deus esquece tais torpezas, porque permite o que ninguém comete impunemente.

Na realidade, há como que um certo peso das más paixões a que o juízo divino, oculto no presente, dá livre curso reservando-se para pô-las às claras no último dia. Mas talvez estas, que no seu coração estão bem conscientes de não terem tirado nenhum motivo de orgulho deste privilégio da castidade e que nem por isso sofreram menos na sua carne a violência do inimigo, tivessem um pouco de fraqueza secreta que poderia tomar-se em orgulho cheio de arrogância, se no decurso da citada calamidade elas tivessem escapado a esta humilhação.

Assim como alguns foram arrebatados pela morte para que a malícia não pervertesse a sua inteligência assim também a algumas destas se lhes tirou pela violência um tanto da sua honra para que a sua prosperidade não pervertesse a sua modéstia. Assim, tanto a umas que já se orgulhavam de não terem sofrido nenhum contacto

obsceno na sua carne, como a outras, que poderiam talvez vir a orgulhar-se caso não chegassem a sofrer o atentado brutal dos inimigos, a nenhumas se lhes arrebatou a castidade, mas antes se lhe fortaleceu a humildade. Das primeiras se curou a vaidade latente; às segundas se evitou uma vaidade iminente.

Há ainda outro ponto que não se deve deixar em silêncio: a algumas que sofreram estas coisas pode parecer que o bem da continência se deve considerar como um dos bens corporais e que se conserva se o corpo continuar livre de todo o contato libidinoso com outro, em vez de residir apenas na fortaleza da vontade ajudada por Deus, santificando assim não só o espírito mas também o corpo. Este bem não é tal que não possa ser arrebatado mesmo sem consentimento. Deste erro foram talvez libertadas, quando pensam com que sinceridade serviram a Deus; quando com fé inabalável estão convencidas de que, às que assim o servem e lhe suplicam, Deus de maneira nenhuma pode votá-las ao abandono; quando tudo isto nelas está arraigado, concluem claramente: Deus jamais poderia permitir que estas coisas acontecessem aos seus santos, se deste modo pudesse perecer a santidade que lhes confiou e que neles ama.

CAPÍTULO XXIX

Que devem responder os servidores de Cristo aos infiéis quando estes o repreendem por não os ter livrado do furor dos inimigos.

Toda a família do verdadeiro Deus soberano tem a sua consolação, uma consolação não falaz nem assente em bens caducos e passageiros. De forma nenhuma deve estar desgostosa mesmo da vida temporal. É nela que aprende a conseguir a eterna e, como peregrina que é, a utilizar-se dos bens terrenos, mas não a deixar-se por eles cativar. E, quanto aos males, é neles posta à prova ou é por eles corrigida. Aos que insultam a sua probidade e dizem, quando lhe advém algum mal temporal: *Onde está o teu Deus?*⁴⁸, perguntem, por sua vez, onde é que estão os seus deuses quando sofrem de males semelhantes, eles que, para evitarem tais males, os adoram ou pretendem convencer-nos de que devem ser adorados.

Ela lhes responderá: «O meu Deus está em toda a parte presente; todo em toda a parte; em parte nenhuma encerrado; pode estar presente sem que saibamos; pode ausentar-se sem se mover. Quando me atormenta com a adversidade, está submetendo à prova os meus merecimentos ou castigando os meus pecados; mas, em compensação dos meus males temporais, piedosamente suportados, tem-me reservada uma recompensa eterna. Mas vós, quem sois vós para merecer-

⁴⁸ *Ubi est Deus tuus?* Salmo XLI, 4.

des que convosco se fale sequer dos vossos deuses e muito menos do meu Deus, que é *mais terrível que todos os deuses, pois os deuses dos gentios são os demônios, ao passo que o Senhor fez os Céus*⁴⁹.

CAPÍTULO XXX

Os que se queixam dos tempos cristãos pretendem encher-se de vergonhosas prosperidades. Se ainda estivesse vivo Cipião Násica, outrora vosso pontífice, eleito por todo o Senado por ser o melhor varão para receber a sagrada imagem da Frígia durante o terror da Guerra Púnica, não vos atreveríeis talvez a olhar-lhe cara a cara. Seria ele próprio que vos refrearia a impudênciа.

Porque vos queixais dos tempos cristãos quando a adversidade vos fustiga? Não será porque estais desejosos de gozar com segurança da vossa luxúria, afundando-vos em costumes totalmente perdidos, longe de toda a aspereza das coisas molestas? Desejais ter paz e estar providos de todo o gênero de recursos, mas não é para deles fazerdes uso com honradez — isto é, com moderação e sobriedade, com temperança e religiosamente — mas sim para alcançardes infinita variedade de prazeres com dissipações insensatas e, com tal prosperidade, dardes origem nos vossos costumes, a males piores que as crueldades dos inimigos.

⁴⁹ *Terribilis est super omnes deos: quantam dii gentium daemonia, Dominus autem Caelos fecit.* Salmo XCV, 4-5.

Mas o dito Cipião, vosso pontífice máximo, considerado o melhor varão de todo o Senado, receava que sobre vós recaísse esta desgraça e por isso se opunha à destruição de Cartago, então rival do poder romano e opunha-se a Catão que advogava a sua ruína. Receava a segurança como inimigo para espíritos débeis e via que para estes concidadãos, como se pupilos fossem, era necessário o terror como o melhor tutor.

Não o enganou este parecer. A realidade provou quão verdadeiro fora o que dissera. Efetivamente, destruída Cartago, isto é, afastado e desaparecido o grande terror da república romana, imediatamente começaram a surgir muitos males, como consequência da situação próspera; a concórdia fendeu-se e rompeu-se; primeiro por cruéis e sangrentas rebeliões e, logo depois, num maléfico encadeamento de causas, incluindo guerras civis. Surgiram tais desastres, derramou-se tanto sangue, ateou-se tal selvagem cupidez de proscrições e rapinas, que os Romanos, aqueles que em tempos da sua vida mais íntegra temiam desgraças vindas do inimigo, agora, perdida essa integridade de vida, tinham que padecer dos seus próprios compatriotas, crueldades maiores. A própria ambição do poder que, entre outros vícios do gênero humano, mais puro se encontrava em todo o povo romano, uma vez vencidas algumas das principais potências, esmagou sob o jugo da servidão as restantes já desfeitas e fatigadas.

CAPÍTULO XXXI

Através de que graus foi aumentando entre os Romanos a ambição do poder.

Na verdade, quando é que descansará esse desejo em tão altivos espíritos, antes de chegarem, depois de escalarem todas as honras, até ao poder absoluto? Se não houvesse uma ambição superior não seria possível essa continuidade de honras. Mas de forma nenhuma essa ambição prevaleceria a não ser num povo corrompido pela avareza e pela luxúria. Em avaro e licencioso se tomou tal povo devido à prosperidade que o citado Násica, com grande previsão, julgava que se devia evitar opondo-se à destruição da maior, mais forte e mais opulenta cidade inimiga. Assim, a paixão seria reprimida pelo medo e, reprimida a paixão, não se cairia na luxúria. Reprimida a luxúria, não avançaria a avareza. Atalhados estes vícios, floresceria e cresceria a virtude tão útil à cidade. E a liberdade continuaria companheira da virtude.

Por isto e por tão previdente amor à pátria deste vosso pontífice máximo eleito (nunca é demais repeti-lo) pelo Senado daquele tempo sem discrepancia de opinião como o melhor varão, fez ele com que o mesmo Senado retirasse um projeto seu, tão desejado, de construir

um teatro⁵⁰. No seu discurso pleno de gravidade conseguiu convençê-lo a não consentir na infiltração da lascívia grega nos costumes varonis da pátria e a não tolerar a ruína e a morte da virtude romana por causa da depravação estrangeira. Foi tal o poder das suas palavras que o Senado mudou de disposição; proibiu que se colocassem assentos de que, à hora aprazada, os cidadãos se começavam a servir para os espetáculos.

Com que cuidado não teria este homem retirado de Roma os próprios jogos cênicos se tivesse ousado resistir à autoridade dos que ele considerava como deuses! Não se apercebia de que eram nocivos demônios, ou, se o sabia, pensava que era melhor aplacá-los do que desprezá-los. Ainda não tinha sido anunciada aos povos aquela suprema doutrina que, limpando o coração pela fé, poderia mudar as aspirações humanas e tenderia para os bens celestes e supracelestes com humilde espírito religioso liberto da tirania de soberbos demônios.

⁵⁰ Não foi Cipião Násica, como pensa Santo Agostinho, mas Cipião Córculo quem levou o Senado a interromper os trabalhos da construção de um teatro fixo, iniciados em 155 pelo Censor Cássio. Embora o teatro viesse já de longe, com Tondrônico († 207), Névio (264-194), Énio (239-169), Plauto († 184), Terêncio (185-159), era ele representado sobre um estrado móvel de madeira ao ar livre, geralmente no Forum. Só em 179 é que o censor Emílio Lépido construiu um hemiciclo junto do templo de Apolo e em 174 os censores construiriam um, todo de pedra. V. G. Bloch e J. Carcopino, in *Histoire Romaine*, II.

CAPÍTULO XXXII

Instituição dos jogos cênicos.

Todavia, ficai sabendo, vós que o ignorais e vós também que fingis ignorá-lo; prestai atenção, vós que murmurais contra quem vos libertou de tais senhores: os jogos cênicos, espetáculos de torpeza e desvario de vaidades, foram criados em Roma não por vícios humanos mas por ordem dos vossos deuses. Seria mais tolerável conceder honras divinas a Cipião do que prestar culto a deuses deste jaez. Porque estes não eram melhores que o seu pontífice. Vede, se prestais atenção, se é que o vosso espírito, embriagado por erros sorvidos desde há tanto tempo, vos permite tomar em consideração alguma coisa de são. Os deuses ordenavam exibições de jogos teatrais em sua honra para refrearem a pestilência dos corpos. O pontífice, ao invés, proibia a própria construção do teatro para evitar que as vossas almas se empesteassem. Se em vós resta uma centelha de lucidez para dar preferência à alma sobre o corpo, escolhei a qual dos dois deveis prestar culto.

E não se acalmou aquela pestilência dos corpos, porque, num povo belicoso como este, até então acostumado apenas aos jogos de circo, se insinuou a insânia refinada das representações teatrais.

Mas a astúcia de espíritos nefandos, prevendo que há seu tempo terminaria aquela peste, teve o cuidado de inocular outra muito mais grave e do seu pleno agrado, desta vez não nos corpos, mas nos

costumes. Esta peste cegou o espírito a estes desgraçados com tão espessas trevas e tornou-os tão disformes, que, agora (a posteridade talvez não acredite se lhe chegar ao ouvido), devastada que foi Roma, os contagiados desta peste que na fuga conseguiram chegar a Cartago, todos os dias e perseverantemente se encontram nos teatros, enlouquecidos pelos histriões.

CAPÍTULO XXXIII

Nem a destruição da pátria conseguiu corrigir os vícios dos Romanos.

Ó mentes dementes! Que tamanho, não erro, mas furor é este? Segundo ouvimos dizer, enquanto todos os povos do Oriente e as cidades mais importantes das regiões mais remotas da terra lamentam o vosso desastre e decretam luto público e se mostram inconsoláveis, vós procurais os teatros, entrais neles, enchei-los e tornai-los muito mais loucos do que eram antes. Era esta baixeza, era esta peste das vossas almas, era esta perversão da probidade e da honestidade que Cipião temia quando proibia a construção de teatros, quando via que a prosperidade vos podia afundar na corrupção, quando se recusava a que estivésseis seguros do temor do inimigo. Nunca acreditou na felicidade de um estado de altas muralhas e baixos costumes.

Mas em vós valeu mais a sedução ímpia dos demônios do que as advertências de homens precavidos. Por isso não quereis que vos

sejam imputados os males que praticais, mas imputais aos tempos cristãos os males que padeceis. E nem sequer na vossa segurança procurais a paz da república, mas a impunidade do vosso desregramento; vós que, viciados pela prosperidade não fostes capazes de vos corrigirdes na adversidade.

Cipião queria atemorizar-vos com o inimigo para que não caísseis no desregramento; mas vós nem esmagados pelo inimigo refrestes a sensualidade. Perdestes a utilidade da desgraça, tornastes-vos nos mais desgraçados e continuais os piores.

CAPÍTULO XXXIV

A clemência de Deus mitigou a ruína da Urbe.

E todavia, se viveis, devei-lo a Deus, que, perdoando, vos convida à correção pela penitência. Foi Ele quem vos permitiu, a vós ingratos, escapar às mãos inimigas, quer utilizando o nome dos seus servos quer refugiando-vos nos locais dedicados aos seus mártires.

Dizem que Rômulo e Remo fundaram um asilo e todos os que nele se refugiavam ficavam livres de toda a pena, procurando assim aumentar a população da cidade que iam fundar. Maravilhosa iniciativa que redundou em honra de Cristo! Os destruidores da Urbe decidiram o mesmo que antes tinham feito os seus fundadores. Que há de extraordinário em que, para completar o número dos seus concida-

dãos, tenham aqueles feito o que estes fizeram para conservarem um grande número dos seus inimigos?

CAPÍTULO XXXV

Escondidos entre os ímpios há filhos da Igreja e na Igreja há falsos cristãos.

Estas e outras que tais — se é possível encontrar outras mais fecundas e mais propositadas — poderão ser as respostas que a resgatada família de Cristo Senhor e a peregrina cidade de Cristo Rei darão aos seus inimigos. É bom que ela não esqueça que até entre os seus inimigos se ocultam alguns dos seus futuros concidadãos, para que não julgue ter sido improfícuo esperar por eles, suportando-os como inimigos, até ao dia em que ela os acolherá como crentes.

Do mesmo modo sucede que a cidade de Deus, durante a sua peregrinação pelo mundo, conta no seu seio com pessoas a si unidas pela comunhão dos sacramentos (*conexos communione sacramentorum*) que não partilham com ela a herança eterna dos santos. Alguns se mantêm escondidos; outros são conhecidos. Como os inimigos, não hesitam em murmurar contra Deus de cuja marca sacramental são portadores. Tão depressa com eles enchem os teatros, como logo a seguir conosco enchem as igrejas. Não há que desesperar da emenda de alguns, particularmente destes últimos, pois que entre os nos-

sos mais declarados adversários se escondem alguns predestinados a tornarem-se nossos amigos, coisa de que eles nem suspeitam.

De fato, estas duas cidades estão mutuamente entrelaçadas e mescladas uma na outra neste século, até que no último juízo serão separadas.

Para glória da cidade de Deus, que brilhará com mais claridade em contraste com os seus opositores, vou expor a minha opinião acerca da sua origem, do seu desenvolvimento e dos fins respectivos, conforme a ajuda que receber de Deus.

CAPÍTULO XXXVI

Assuntos a tratar na sequência desta obra.

Mas tenho ainda algumas coisas a dizer contra os que atribuem todas as desgraças da república romana à nossa religião, que proibiu que se sacrificasse aos seus deuses.

Devem, com efeito, ser relatadas todas aquelas desgraças, que venham a propósito e pareçam suficientes, suportadas por aquela cidade e pelas províncias por ela governadas antes da proibição dos sacrifícios. Sem dúvida que no-las atribuiriam todas a nós se a nossa religião já antes delas brilhasse a seus olhos ou já lhes tivesse proibido os seus cultos sacrílegos.

Em seguida, deve-se mostrar por que virtudes obtiveram o engrandecimento do Império e por que motivo Deus, de quem dependem todos os reinos, lhes prestou o seu auxílio.

Deve-se ainda mostrar como o poder dos que eles chamam deuses de nada lhes serviu e, pelo contrário, quanto os prejudicaram com os seus enganos e mentiras.

Por fim, responder-se-á aos que, já refutados e convencidos com evidentíssimas provas, procuram sustentar que convém venerar os deuses, não por causa dos interesses da vida presente mas por causa dos da vida que há de vir depois da morte. Se não me engano, é um assunto muito mais trabalhoso, muito mais subtil e digno da mais elevada discussão. Trata-se de discutir com filósofos e não com quaisquer filósofos, mas com os mais ilustres, com os que gozam entre eles da mais elevada fama e que conosco estão de acordo em muitos pontos tais como: a imortalidade da alma, a criação do mundo pelo verdadeiro Deus, a Providência com que rege todo o universo que criou.

Mas, como também devem ser refutados aqueles pontos em que de nós discordam, não devemos faltar a este dever: resolveremos com as forças que Deus nos conceder, as objeções contra a religião e, em seguida, estabeleceremos firmemente a Cidade de Deus, a verdadeira religiosidade (*pietas*) e o culto de Deus unicamente no qual se encontra a verdadeira promessa da felicidade eterna.

Santo Agostinho – A cidade de Deus (Livro 01 – Os godos em Roma)

Seja pois este o fim deste livro e encetemos novo caminho conforme o planejado.

Livro II - Roma e os falsos deuses

No qual se discutem os males que, antes de Cristo, quando vigorava o culto aos falsos deuses, os romanos sofreram e se demonstra: primeiro, que se acumularam, com a colaboração dos falsos deuses, os maus costumes e os vícios da alma, únicos, ou pelo menos, os mais graves males dignos de consideração; segundo, que os romanos não foram destes males libertados por esses falsos deuses.

CAPÍTULO I

Método a ser aplicado por necessidade de discussão.

Se a inteligência humana não ousasse, com o seu doentio comportamento, opor o seu orgulho à evidência da verdade, mas fosse capaz de submeter a sua debilidade à sã doutrina, como que a uma medicina, até se recuperar com a ajuda de Deus, alcançada por uma fé piedosa, não haveria necessidade de longos discursos para tirar do erro qualquer vã opinião: bastaria que quem está na verdade a expusesse com palavras suficientemente claras.

Mas agora estamos perante a maior e a mais sombria doença dos espíritos insensatos. Empenham-se em defender suas irracionais motivações como se fossem a própria razão e a própria verdade e isto mesmo depois de discutirem todos os argumentos que uma pessoa pode fornecer a outra pessoa; não se sabe se, por demasiada cegueira que nem as coisas mais claras distingue, ou se pela mais obstinada teimosia que os impede de ver o que se lhes tapa os olhos. O certo é que, na maioria dos casos, se torna imprescindível alargar a exposição dos assuntos, por si já claros, não como se tivessem de ser expos-

tos a quem tem olhos para ver, mas antes para que os possam tocar com as mãos os que andam às apalpadelas, meio cegos.

Porém, se julgamos que devemos retrucar sempre àqueles que nos respondem, quando é que acabaríamos de discutir? Até quando continuaríamos a falar? Os que ou não podem compreender o que se diz ou estão, na discussão, tão endurecidos na contradição que, mesmo que cheguem a compreender, não prestam atenção e continuam a responder, conforme está escrito *proferem iniquidades e não se cansam de falar em vão*⁵¹; se nos propuséssemos refutar as suas contradições tantas vezes quantas eles, com cabeças obstinadas, se propõem não pensar no que dizem, atentos apenas em contradizerem de qualquer modo os nossos argumentos, dar-te-ás conta de quão interminável, penoso e infrutífero isto seria.

Por isso nem a ti, meu filho Marcelino, nem aos outros, a favor dos quais este meu trabalho, espontaneamente, por amor a Cristo, vai dirigido, vos quereria como juízes dos meus escritos, se viésseis a ser daqueles que procuram sempre uma resposta quando ouvem alguma objeção ao que estão lendo. Não aconteça que se tornem semelhantes àquelas mulherzinhas de que fala o Apóstolo: *Sempre a aprenderem, mas incapazes de conhecerem a verdade*⁵².

⁵¹ *Loquuntur iniquitatem at que injatigabiliter vani sunt.* Salmo XCIII, 4.

⁵² *Semper discentes, et nunquam ad veritatis scientiam pervenientes.* II Tim., III, 7.

CAPÍTULO II

Do que foi exposto no primeiro livro.

No livro anterior tinha-me proposto tratar, com a ajuda de Deus, da sua Cidade e pus mãos a toda a obra. O que primeiro me ocorreu foi que devia responder aos que atribuem à religião cristã todas estas guerras que estão esfacelando o mundo e principalmente a recente devastação da Urbe Romana pelos bárbaros, isto porque foi proibido por essa religião servir aos demônios com nefandos sacrifícios. Pois deviam antes prestar honras a Cristo, já que foi por causa do seu nome e contra os estabelecidos costumes de guerra que os bárbaros lhes ofereceram para sua liberdade os mais espaçoso lugares para lá procurarem asilo. E para muitos o fato de se declararem servidores de Cristo, sincera ou hipocritamente, impelidos pelo medo, foi de tal modo respeitado que até julgaram proibido o que por direito de guerra lhes era permitido.

Daí a questão: porque é que os favores divinos se estendem também aos ímpios e ingratos e porque é que tiveram que sofrer os mesmos horrores causados pelo inimigo tanto os piedosos como os ímpios? Procurarei aclarar esta questão implícita em muitas outras (já sabemos que tanto os dons de Deus como as desgraças humanas estão sucedendo todos os dias quer aos que se comportam bem quer aos que se comportam mal, misturados como estão uns com os outros sem distinção, o que a muitos perturba).

Para fazê-lo segundo o plano da obra empreendida, por vezes me detive principalmente para consolar as santas e piedosamente castas mulheres nas quais pelo inimigo foi praticado algo que lhes acarretou a dor da vergonha, embora não lhes arrebatasse a firmeza da castidade. Não vão arrepender-se de viver, elas que não têm de que se arrepender.

De seguida, falei um pouco contra aqueles que atormentam os cristãos afetados pelos ditos fatos adversos e que principalmente atormentam com a mais impudente petulância o pudor das mulheres, humilhadas sim, mas castas e santas, quando na realidade são eles os mais perversos e irreverentes, totalmente degenerados daqueles romanos cujos feitos, tantos e tão gloriosos, são exaltados e cantados nas narrativas literárias, continuando eles os mais violentos inimigos de tal glória.

A Roma que fora fundada e engrandecida pelos trabalhos dos antepassados, tornaram-na eles mais disforme quando estava de pé do que quando caiu em ruínas; na verdade, quando caiu em ruínas, foram as suas pedras e suas vigas que ruíram, ao passo que na vida destes já não ruíram a fortaleza e os ornatos dos seus muros, mas a fortaleza e os ornatos dos seus costumes. Um fogo de paixões, mais funesto do que o que consumiu os tetos daquela Urbe, devorou os seus corações.

Foi nestes termos que acabei o primeiro livro. Em seguida, propus-me falar dos males por que passou, desde a sua origem, aquela cidade, tanto ela própria como as províncias sob o seu domínio; males esses que, todos eles, atribuiriam à religião cristã se já então a doutrina evangélica se pudesse fazer ouvir em acusação sem peias contra os seus falsos e falazes deuses.

CAPÍTULO III

Necessidade de recorrer à história para demonstrar que males aconteceram aos Romanos quando, antes da propagação da religião cristã, prestavam culto aos deuses.

Lembra-te porém de que, quando recordo estas coisas, o faço contra os indoltos, cuja ignorância deu origem a este divulgado provérbio: “não chove, a culpa é dos cristãos”. Sem dúvida que os que foram educados nas disciplinas liberais e gostam de história conhecem estes fatos. Todavia, para tornarem extremamente hostis para conosco as turbas ignaras, fingem ignorá-lo e procuram convencer o vulgo de que quem tem a culpa das calamidades que o gênero humano tem de padecer em certos lugares e tempos é o nome de Cristo, que por toda a parte está se difundindo com irresistível fama e gloriosíssima popularidade, contra os deuses.

Conosco voltem a recordar-se das calamidades que tantas e tão variadas vezes assolaram Roma, antes de Cristo aparecer em carne, antes de ser conhecido entre os povos o seu nome cuja glória em vão

invejam; e, se puderem, defendam dessas calamidades os seus deuses, se é que lhes prestam culto os seus devotos para não sofrerem desses males. Pretendem imputar-nos essas calamidades se agora as têm que suportar. Porque é que os seus deuses permitiram que as calamidades de que vou falar acontecessem aos seus devotos antes que o nome de Cristo, já público, os enfrentasse e proibisse os seus sacrifícios?

CAPÍTULO IV

Os devotos dos deuses nenhum preceito de vida honrada receberam deles e até nos seus atos de culto praticavam torpezas.

Em primeiro lugar, porque é que os deuses deles não quiseram interessar-se pelos seus próprios costumes, para que não se tornassem tão maus? Porque, realmente, o Deus verdadeiro com toda a razão pôs de lado os que não o veneravam. Mas, porque é que esses deuses não ajudaram com algumas leis, para bem viverem, os seus adoradores, pessoas tão ingratas que se queixam por se ter proibido o seu culto? Com certeza que convinha que, assim como estes se interessavam pelo seu culto, assim aqueles se interessassem pelos seus atos.

Mas responderão que ninguém é mau senão por vontade própria. Quem é que vai negar isso? Todavia, pertencia aos deuses conselheiros não ocultarem aos povos seus adoradores os preceitos de

uma boa vida, mas antes mostrá-los em clara explanação. Pertencia-lhes até pelos seus vates citar e repreender os que pecam; ameaçar publicamente com castigos os que procediam mal; oferecer prêmios aos que vivem retamente. Quem alguma vez o proclamou em alta voz e bom som nos templos dos seus deuses?

Também nós, quando éramos adolescentes, vínhamos outrora a esses espetáculos ridículos e sacrílegos; víamos os arrebatamentos; ouvíamos os flautistas; deleitávamo-nos com as obscenas representações que se exibiam em honra dos deuses e das deusas, da Virgem Celeste e de Berecíntia, mãe de todos. No dia solene da sua purificação, junto da sua liteira, eram cantaroladas perante o público, pelos mais vis comediantes, coisas tais que de ouvi-los se envergonharia, já não digo a mãe dos deuses, mas a mãe de qualquer dos senadores ou homens de bem e até a mãe desses palhaços. É que a vergonha humana que todos devem aos seus pais, nem a própria depravação pode apagar. Todavia, tal espetáculo, tão torpe de palavras e de atos obscenos, que os atores teriam vergonha de ensaiar em sua casa diante de suas mães, representavam-no eles em público, diante da mãe dos deuses e na presença de enorme multidão de ambos os sexos que o via e a ouvia. Se era levada pela curiosidade que a multidão assistia ao espetáculo, pelo menos, envergonhada e ofendida no seu pudor, devia afastar-se dele.

Se aquilo é sagrado, que será um sacrilégio? Se aquilo é purificação, o que será a contaminação? E a isto chamavam *Fercula*⁵³ (pratos, iguarias) como se se celebrasse um banquete em que os demônios imundos se fartassem com iguarias sujas.

Quem não se aperceberá de que categoria eram os espíritos que se deleitavam com tais obscenidades? Só quem ignore por completo a existência de espíritos imundos que, com o nome de Deus, nos enganam, ou quem leve uma vida tal que prefira, ao verdadeiro Deus, tê-los por propícios, ou os receie quando irados.

CAPÍTULO V

Obscenidades com que os seus adoradores honravam a mãe dos deuses.

De forma nenhuma eu quereria ter por juízes nesta matéria os que mais procuram divertir-se do que lutar contra os vícios de um comportamento depravadíssimo, mas o próprio Cipião Násica — eleito pelo Senado como o melhor dos cidadãos e que recebeu em suas mãos a imagem desse demônio e a introduziu em Roma — ele é que nos diria se concordaria em que, à sua mãe, como recompensa

⁵³ *Ferculum* (pl. *fercula*), é um derivado do verbo *fero* (transportar), pelo que o seu significado próprio é «o que serve para transportar». Daí o significado ora de « liteira, em que são transportadas pessoas, ora de « prato », bandeja, em que são transportadas comidas, iguarias; e, finalmente, como no caso presente, tomando-se o conteúdo pelo continente, o de «iguarias». V. M. Bréal et An. Bailly in *Leçons de Mots — Dict. Etym. Lat.*, Paris, p. 90 Cf. Horácio in *Sat. II*, 6, 104. V. ainda Ernout-Meillet, *Dict. Etym, de la langue latine*, p. 346.

dos seus méritos por parte do Estado, se lhe prestassem honras divinas; como consta que os gregos, os romanos e outros povos as tinham decretado, em honra de alguns mortais cujos benefícios tinham em alta estima e julgavam que com isso os tornavam imortais e considerados como deuses⁵⁴. Com certeza que Cipião havia de desejar para sua mãe a maior das felicidades possíveis. Mas, se em seguida lhe perguntassem se queria que entre as honras divinas se celebrassem aquelas torpezas, não clamaria ele que preferia ver sua mãe prostrada sem sentidos, morta, avê-la viva para, como deusa, ter de ouvir complacente mente tais coisas? Longe vá o pensamento de que um senador do Povo Romano dotado de uma mentalidade tal que proibiu a construção de um teatro nesta cidade de varões fortes, quisesse para sua mãe um culto em que ela aceitaria benevolamente, como deusa, sacrifícios cujos ritos a ofenderiam como matrona. De maneira nenhuma ele acreditaria que a divinização transformaria em seu contrário o pudor de uma mulher digna de louvor a ponto de os seus adoradores a invocarem com honras semelhantes. Por que, para

⁵⁴ Segundo o filósofo grego Evêmero, os deuses mais não são que poderosos reis que os seus súditos divinizaram após a morte, por lisonja ou por reconhecimento para com os seus méritos. É possível que Santo Agostinho tenha tomado conhecimento do Eneemerismo através de Círcero, que aceita esta explicação historicista do fenômeno mítico pelo menos em relação a Hércules, Castor, Pallus e Liber (v. *De natura deorum*, II, 24). Embora esta explicação não encontrasse aceitação entre os gregos (Calímaco, Eratóstenes, Estrabão, Plutarco), foi porém defendida pelos romanos (Énio, *Evhemerus sive Sacra Historia*) e pelos apologistas judeus (*Livro da Sabedoria* XIV, 15 segs.) e cristãos (Lactâneo, *Div. Inst.* XI, 45-48 e 63-65. Santo Agostinho. *De Civ. Dei*, IV, 27; VIII, 26; XVIII, 5, 14, 19). V. A. Mandouze, « Saint Augustin et la religion romaine » in *Rech. Augustin.* J. Paris, 1958, p. 157 e segs; G. Nemethy, *Evhemeri reliquiae*, Budap., 1889.

não ouvi-las quando proferidas, não interessa contra quem, no tempo em que ela vivia entre os homens, teria tapado os ouvidos e por-se-ia em fuga, sob pena de fazer corar com a vergonha dela os seus vizinhos, o seu marido e os seus filhos.

E, assim, tal mãe dos deuses, a quem o homem mais perverso teria vergonha de ter por mãe, escolheu o melhor varão, não para o ajudar e aconselhar, mas para o enganar com disfarces à maneira da mulher da qual está escrito *Mas a mulher apodera-se das preciosas almas dos homens*⁵⁵; o que ela quis foi que aquela alma de tão elevado caráter, arrastada por um pretenso testemunho divino e, na verdade, a si mesma se considerando como a melhor, não procurasse a piedade e a religião verdadeiras, sem as quais a soberba esvazia e derruba todo o gênio, mesmo o mais digno de louvor. Como pois, escolheria essa deusa tão bom varão senão insidiosamente, quando procurava para os seus ritos sagrados obscenidades tais que os melhores homens evitavam que fossem mostradas aos seus convidados?

CAPÍTULO VI

Os deuses pagãos nunca estabeleceram normas de conduta.

Pelo mesmo motivo não tiveram esses deuses a menor preocupação com a vida e os costumes das nações e suas gentes que os ve-

⁵⁵ *Mulier autem virorum preciosas animas captat.* Prov., VI, 26.

neravam, mas, pelo contrário, permitiram, sem proferirem qualquer das suas terríveis proibições, que fossem atingidas por tão horrendos e detestáveis males, não só nos seus campos e vinhas, nas suas casas e bens pecuniários e, por fim, no seu próprio corpo que está submetido à alma, mas também que fossem atingidas na própria alma, e permitiram mesmo que elas se afundassem nesses males e se tornassem a pior gente.

Mas, se o proibiam, pois que no-lo mostrem, que no-lo provem. E não nos venham cochichar aos ouvidos, não sei que débeis sussurros de pouquíssimos, acerca de uma misteriosa religião recebida dos antepassados em que se aprendia a retidão de vida e a guarda da castidade. Mostrem-nos os lugares e digam-nos quando foram consagrados para essas reuniões; onde não se pratiquem cenas com palavras e gestos obscenos dos histriões; onde não se celebrem os *Fugalia*⁵⁶ em que a toda casta de torpezas é concedida permissão (e, na verdade, *Fugalia* são mais «fuga» do pudor e da honestidade); onde estão os lugares destinados a ouvir os preceitos dos seus deuses para reprimirem a avareza, destruírem a ambição; onde os povos ouçam o que os deuses preceituam acerca da repressão da avareza, da destruição da ambição, do refreamento da luxúria; onde os desgraçados aprendam o que se deve saber, como tão estrondosamente proclamou o vosso

⁵⁶ *Fugalia* era o nome que se dava às festas comemorativas da expulsão dos reis, a seguir às *Terminalia*, ambas em fevereiro. O nome deriva, na realidade, do verbo *fugio*, com o significado de fugir, de raiz comum com o verbo grego *φεύγω* e o substantivo *φυγή* (fuga).

Pérsio ao dizer: *Aprende ó míseros e tomai conhecimento das causas das coisas. Que somos nós? Nascemos para ter que vida? Que lugar nos é concedido? E por que suave viragem dobramos? Desde que ponto e por onde o nosso caminho dobrará suavemente o marco da meta? Que medida impor ao dinheiro? Que é lícito desejar? Qual a utilidade da moeda acabada de fazer? Quanto se deve dar à pátria e aos amados parentes? Que homem te ordena Deus que sejas? Qual o teu lugar na humanidade*⁵⁷?

Digam em que locais costumavam os deuses ensinar esses preceitos e por que povos seus adoradores eram habitualmente ouvidos, tal qual como nós, que mostramos as igrejas para isso construídas, por onde quer que se difunda a religião cristã.

CAPÍTULO VII

Sem a autoridade divina, são inúteis as descobertas filosóficas. O que os deuses fazem arrasta muito mais facilmente as pessoas ao vício do que o que elas discutem.

Será que eles vão nos lembrar as escolas e as discussões dos filósofos? Primeiro que tudo, elas não são romanas, mas gregas. Ou então já são romanas, porque a Grécia se tornou província romana.

⁵⁷ *Discite, o triseri, et causas agnoscite rerum, Quid sumus, et quidnam victuri gignimur, ordo Quis datus, aut metae qua mollis flexus et unde, Quis modus argenti, quid fas optare, quid asper Utile numerus habet, patriae carisque propinquis Quantum largiri deceat; quem te Deus esse Jussit, et humana qua parte locatus es in re.* Persio, Sat. Ill, 66-72 in *Perse Satires*, Texte établi et traduit par A. Castault, Belles-Lettres Paris, 1920.

De fato, não se ensinam lá os preceitos de Deus, mas as descobertas de homens dotados de agudíssimo engenho, que se aplicaram a descobrir pelo raciocínio o que estava escondido na natureza das coisas; o que se deve desejar e o que se deve evitar nos costumes; o que, como certeza, se tira por conexão das próprias regras do raciocínio, ou o que não é consequente, ou ainda o que repugnará.

E alguns deles, na medida em que foram ajudados por Deus, descobriram coisas importantes. Mas, na medida em que foram, como humanos, limitados, erraram; principalmente quando a divina Providência resistia justamente à sua soberba, querendo mostrar, pelo seu exemplo, que o caminho da piedade parte da humildade para se elevar às alturas.

Surge daqui uma questão que teremos ocasião de, mais tarde⁵⁸, aprofundarmos e discutirmos se Deus, o verdadeiro Senhor, o quiser.

Mas se os filósofos descobriram alguma coisa que pode ser útil para levarmos uma vida digna e conseguirmos a felicidade, quanto mais justo não seria que a eles atribuíssem honras divinas! Quanto melhor e mais honesto não seria que no templo de Platão se lessem os seus livros do que nos templos dos demônios se castrassem os Galos⁵⁹, se consagrasssem os efeminados, se mutilassem os loucos e

⁵⁸ Ver Livros VIII, IX e X, particularmente destinados a combater os filósofos.

⁵⁹ Os Galos eram sacerdotes de Cibele que se mutilavam no decorrer das cerimônias orgiásticas. Eram combatidos tanto pelos satíricos pagãos (Pérsio, Juvenal, Marcial) como pelos apologistas cristãos

se assistisse a tudo o que há de mais cruel e vergonhoso, de vergonhosamente cruel ou cruelmente vergonhoso, que é costume celebrar-se nas cerimônias de tais deuses!

Quão preferível seria que, para se instruírem suficientemente os jovens na justiça, se recitassem em público as leis dos deuses em vez de se louvarem em vão as leis e as instituições dos antepassados.

Na verdade todos os adoradores de tais deuses, logo que são tocados pela paixão, como diz Pérsio, *impregnados de ardente veneno*⁶⁰, apegam-se mais aos feitos de Júpiter do que aos ensinamentos de Platão ou às censuras de Catão. Mostra-o aquele adolescente viciado, referido nas obras de Terêncio, que olha para um certo quadro pintado numa parede *onde estava representado Júpiter, dizem, a despejar no seio de Danae uma como que chuva de ouro*⁶¹ e ele, encostando-se a uma tão alta autoridade, gaba-se de, na sua torpeza, imitar esse deus: *Mas que Deus! Aquele que sacode as abóbodas do céu com soberano trovão! Eu, um homenzito, não faria isso? Pois já o fiz e com que ganas*⁶².

(Justino Apol. I, 27; Minúcio Félix — Oct. XXIV, 4; Lactâncio. *Div. Just.* I, 21, 16; Jerônimo. *In Oseam* I, 4).

⁶⁰ *ferventi tincta veneno.* Pérsio, *Sat.*, III, 37.

⁶¹ *ubi inerant pictura haec, Jovem quo pacto Danaae misisse aiunt quondam in gremium imbreu au-reum.* Terêncio, *Eunuq*, 584-585.

⁶² *At quem deum! qui templo caeli summo sonitu concutit. Ego homuncio id non facerem? Eço vero illud feci ac libens.* Id. Ib. 590.

CAPÍTULO VIII

Jogos cênicos pelos quais os deuses se aplacam em vez de se ofenderem com as representações das suas torpezas.

Na realidade, estas coisas não são proferidas nas cerimônias dos deuses, mas nas fábulas dos poetas. Não quero afirmar que esses mistérios sejam mais vergonhosos do que as representações teatrais. O que digo é que os romanos não introduziram esses mesmos jogos, em que reinam as ficções dos poetas, nas solenidades dos seus deuses em virtude de um ingênuo dever (é a história que convence quem isto nega), mas têm sido os próprios deuses que têm exigido severamente e, até de certo modo, sob coação, que se celebrem e se consagrem em sua honra.

No primeiro livro toquei de passagem neste assunto, em breve referência. Efetivamente, nos primórdios, tendo-se agravado uma peste, foram decretados jogos cênicos em Roma por decisão dos pontífices. Quem é que na verdade, ao ordenar a sua vida, não escolhe para si as ações representadas em cena com garantia da autoridade divina, de preferência às normas amiúde escritas nas leis promulgadas pelo gênio humano?

Se os poetas mentirosamente nos apresentaram um Júpiter adulterio, os deuses, se por ventura castos, deveriam irritar-se e vingar-se, não pela negligência na representação, mas pelo fato de os humanos terem representado tais atrocidades, que eram pura ficção. E as

mais toleráveis destas representações cênicas são as comédias e as tragédias, isto é, as fábulas dos poetas para serem representadas nos espetáculos com muitas cenas vergonhosas, mas pelo menos sem as frases obscenas de muitas outras composições como as que fazem parte dos estudos chamados honestos e liberais que os meninos são obrigados pelos velhos a ler e a aprender.

CAPÍTULO IX

O que pensavam os antigos romanos dos desmandos poéticos que os gregos, seguindo o parecer dos deuses, quiseram que fossem livres.

O que acerca disto pensavam os antigos romanos, atesta-o Cícero nos livros que escreveu sobre **A República**. Neles, diz Cipião no decurso de uma discussão: *Nunca as comédias poderiam representar com êxito as suas torpezas, se os hábitos de vida não o permitissem*⁶³

Os gregos, mais antigos que os romanos, guardaram na sua opinião imoral uma certa lógica. Entre eles foi mesmo permitido por lei que se dissesse, numa comédia, referindo nomes, o que se quisesse acerca de quem se quisesse. Por isso, como diz o «Africano» nos mesmos livros: *Quem é que ela não tem atingido? Ou antes, quem é que ela não vexou? A quem poupou? Que tenha maltratado homens*

⁶³ *Nunquam comoediae nisi consuetudo vitae pateretur, probare sua theatris plagitia potuissent.* Cic., De republica , VI, 11-12.

conhecidos por ímparobos, revoltosos contra o estado, como Cleone, Cleofonte ou Hipérbole, seja.⁶⁴

Continua: *Embora cidadãos desta espécie devam ser postos a descoberto pelo censor, de preferência a sê-lo pelo poeta, suporte-mo-lo. Mas a um Péricles, que governou a sua própria cidade durante anos, com a maior autoridade, na paz e na guerra, vê-lo ultrajado em versos representados em cena, não desagrada menos do que se o nosso Plauto ou Névio quisessem maldizer a Públia e a Gneu Cipião, ou Ceálio a Marco Catão⁶⁵.*

E, um pouco depois, acrescenta: *Pelo contrário, as nossas Doze Tábuas, tão parcimoniosas em sancionar a pena capital, eram-lhe, porém, favoráveis quando alguém cantasse ou compusesse um poema atentando contra a reputação de alguém. Perfeitamente! Aos juízos dos magistrados e às suas legítimas decisões é que se deve expor a nossa vida, mas não devemos expô-la à imaginação dos poetas e não devemos deixar que se profira nem um só ultraje a não ser com a condição de podermos responder e defendermos-nos em Tribunal⁶⁶.*

⁶⁴ *Quem ilia non adtigit? Vel potius quem non vexavit? cui pepercit? Esto, populares homines improbas, in re publica sedetiosos, Cleonem, Cleophontem Hyperbolum laesit.* Id. Ib.

⁶⁵ *Patiamur etsi ejus modi cives a censore melius est quam a poeta notari. Sed Peridem, cum jam suae civitati maxima autoritate plurimos annos domi et belli praefuisse, uiolari versibus; et eos agi in scaena, non plus decuit quam si Plautus noster voluisse, aut Nevius Publio et Gneo Scipioni aut Caecilius Marco Catoni maledicere.* Id. Ib.

⁶⁶ *Nostrae contra duodecim tabulae cum perpaucas res capite sanxissent, in his hanc quoque sancientdam putaverunt, si quis occentavisset, sive carmen condidisset, quod infamiam faceret flagitiumne alteri. Preclare! Judiciis enim magistratum, disceptationibus legitimes propositam vitam, non poeta-*

Julguei que devia citar este texto do livro quarto de **A Repú-
blica** de Cícero, suprimindo ou alterando alguns pormenores para
uma melhor compreensão. Vem muito a propósito do que pretendo
explicar, se puder. Diz em seguida mais umas coisas e conclui esta
passagem mostrando como aos antigos romanos desagradava enalte-
cer ou ultrajar em cena um homem ainda em vida. Mas, como disse,
os gregos preferiram permiti-lo, porque lhes pareceu mais convenien-
te, embora mais impudente; viam que os deuses aceitavam e lhes
agradavam as infâmias não só dos homens, mas também as dos pró-
prios deuses, compostas para o teatro, fossem elas ficções dos poetas
ou autênticas perversidades representadas no palco. E oxalá elas pro-
vocassem apenas o riso nos seus adoradores e não também a imita-
ção. Teria sido orgulho demais respeitar a reputação das autoridades
do Estado e dos cidadãos, quando nem os deuses quiseram que a sua
fama fosse poupada.

CAPÍTULO X

**Com que arte de causar dano pretendem os demônios que sejam
narrados os seus falsos ou verdadeiros crimes.**

Alegam em defesa dos deuses que o que deles se diz não é ver-
dadeiro, mas falso. Precisamente, isso ainda mais execrável é, se to-

*rum ingenii habere debemus; nec probrum audire, nisi ea lege, ut respondere liceat, et judicio depen-
dere. Id. Ib.*

mares em consideração uma piedade autêntica. Mas, se refletires na malícia dos demônios, que é que haverá de mais ardiloso e de mais hábil para enganar? Se se fala mal de um honesto, bom e útil príncipe da pátria, não é isso tanto mais indigno quanto mais afastado da verdade e mais alheio à sua vida? Que tormentos bastarão então, quando essa abominável, essa tamanha injúria se pratica contra um deus?

Mas os espíritos malignos, que eles têm por deuses, permitem que os homens lhes atribuam crimes que não cometaram, contanto que as suas mentes se deixem envolver nessas crenças como que em redes e os arrastem assim consigo para o suplício que lhes está destinado. Ou então quem os cometeu foram pessoas que gostam de ser havidas por deuses, que se comprazem nos erros humanos, pelos quais com mil artes de causar dano e de enganar, se propõem mesmo serem adorados. Ou ainda, tais crimes por nenhuma pessoa foram cometidos, mas esses espíritos tão falazes aceitam de boa vontade que eles se inventem acerca dos deuses para que assim pareça que desceu do próprio céu à terra uma autoridade bastante idônea para perpetuar esses crimes e torpezas.

Como, porém, os gregos se sentiam escravos de tais deuses, pensaram que, sendo estes vítimas de tantos e tão grandes ultrajes no teatro, de forma nenhuma deviam ser os humanos poupadados pelos poetas; procediam assim porque pretendiam assemelhar-se aos seus deuses e porque receavam provocar a cólera destes, se eles próprios,

simples humanos, gozassem de melhor reputação e, por isso, lhes passassem à frente.

CAPÍTULO XI

Entre os gregos, os atores eram admitidos à administração pública, porque seria injusto que fossem desprezados pelos homens os que aplacavam os deuses.

Nesta ordem de ideias consideraram os atores destas farsas dignos da não pequena honra de cidadania. Assim também no dito livro **A República**, se recorda que não só o ateniense Esquines, varão eloquentíssimo, que representou tragédias quando adolescente, se aposou da governação, mas também Aróstodemo, igualmente ator trágico, foi várias vezes enviado pelos Atenienses a Filipe como embaixador, principalmente para os assuntos de paz e de guerra. Não lhes parecia razoável que os atores da arte e dos jogos cênicos em que os deuses se compraziam, fossem atirados para o número dos desacreditados.

Era na verdade torpe, mas de certo totalmente de acordo com os seus deuses, o que faziam os gregos que não ousavam subtrair à língua dos poetas e dos histriões a vida dos cidadãos que estava a ser lacerada. Viam que era depreciada a vida dos deuses com consentimento e prazer dos próprios deuses. Por isso, longe de na cidade sentirem desprezo para com os atores de tais torpezas nos teatros, vendo

quão agradáveis eram para com os deuses seus senhores, consideraram-nos credores das mais altas honrarias.

De fato, que razões se poderiam encontrar para os Gregos honrarem os sacerdotes — porque, por seu intermédio, ofereciam vítimas agradáveis aos deuses —, mas considerarem infames os atores, por cujo intermédio se oferecia este prazer ou honra reclamada pelos deuses que, em caso de omissão, teriam sofrido as consequências da sua cólera? Principalmente atendendo a que Labeão⁶⁷, que é tido pelo melhor perito neste gênero de matérias, distingue as divindades boas das divindades más pela diversidade do culto e, assim, as más aplacam-se com matanças e súplicas tristes e, as boas, com homenagens alegres e festivas tais como, segundo ele próprio diz, jogos, banquetes e *lectistemia*⁶⁸.

De tudo isto faremos, mais à frente, se Deus nos ajudar, um exame mais pormenorizado. Por agora, no que respeita ao presente assunto, quer se tributem todas as honras a todos os deuses, como se todos fossem bons (não me parece que haja deuses maus e, todavia,

⁶⁷ Acerca deste misterioso Labeão (houve um M. Antistius Labeo jurisconsulto, contemporâneo de Augusto; um Cornelius Labeo, citado por Macróbio, Sénio e Lido, autor de *De oraculo Apollinis Clarii* e de *De diis animalibus* que parece ser o autor citado por Santo Agostinho). V. S. Muelleneisen, De G. Labeonis fragmentis, studiis, assectatoribus, Marburgo, 1889; Gabarron, Amobe, son oeuvre, Paris, 1921; George E. Mc Cracken, Amobius of Sicca, The case against The pagans, Westminster, 1949, t. I, p 39 e segs e 259 e segs; Boehm, De Comelii Labeonis aetate, Königsberg, 1913; Niggetiet, De Comeilio Labeone, Münster, 1908; Festugière, La Doctrine des « Viri Novi » sur l origite et sur la vie des âmes d'après Amobe, em Memorial lagrange, Paris, 1940, pp 97-131.

⁶⁸ *Lectistemum* (pl.-a) era um banquete ritual em honra dos deuses. Colocavam-se as estátuas dos deuses em leitos (*lectum*, pl.-a) em frente da mesa com iguarias, como se eles fossem comensais.

todos estes, por serem espíritos imundos, são maus), quer se lhes atribuam certas honras a cada um conforme a sua categoria, como é o parecer de Labeão, estão absolutamente certos os gregos ao honrarem tanto os sacerdotes, ministros dos sacrifícios, como os atores que exibem os espetáculos. Não aconteça que sejam convencidos de injustiça em relação a todos os deuses, se os jogos a todos são agradáveis; ou então, o que é mais grave, em relação aos deuses que julgam bons, se os jogos só a estes agradam.

CAPÍTULO XII

Os romanos, tirando aos poetas a liberdade em relação aos humanos e concedendo-a em relação aos deuses, pensaram melhor de si do que dos deuses.

Ora os romanos, como se gloria Cipião na dita disputa de **A República**, não permitiram que a sua vida e reputação estivessem sujeitas às injúrias dos poetas e até prescreveram que devia ser condenado à morte o que ousasse compor um poema desse gênero. Isto que decidiram é realmente bastante honroso em relação a si próprios, mas, em relação aos seus deuses, é orgulhoso e ímpio. Sabendo que estes se deixavam denegrir pelos ultrajes e maldições dos poetas, não apenas com paciência, mas até com prazer, consideram-se eles menos merecedores dessas injúrias que os seus deuses. E até se defendem deles ao abrigo da lei, ao passo que os deuses até isso misturaram nas suas solenidades e ritos sagrados. Afinal, Cipião, será que tu

louvas a licença negada aos poetas romanos de infligirem uma ofensa a qualquer dos romanos, quando estás a ver que eles não pouparam nenhum dos vossos deuses? Será que te parece mais digna de estima a vossa Cúria do que o Capitólio, mais até Roma sozinha do que todo o Céu, pois que os poetas estão proibidos, mesmo por lei, de exercitarem a sua envenenada língua contra os teus compatriotas, mas podem tranquilamente lançar contra os teus deuses tanta zombaria sem que um único senador, um único censor, um único governante, um único pontífice o proíbam?

Evidentemente que seria indigno que Plauto ou Névio dissessem mal de Públia e de Gneu Cipião, ou Cecílio de M. Catão; mas foi digno que o vosso Terêncio excitasse a perversidade dos adolescentes com os vícios de Júpiter Máximo e Ótimo?

CAPÍTULO XIII

Os romanos deviam ter compreendido que eram indignos de honras divinas aqueles seus deuses que desejavam ser venerados com diversões torpes.

Talvez Cipião me respondesse se fosse vivo: “Como é que não havemos de querer que isto fique impune, se os próprios deuses o aceitam como sagrado? Não foram eles que introduziram nos costumes romanos os jogos cênicos em que tudo isto se celebra, se recita e se representa? Não foram eles que ordenaram que tudo isto fosse consagrado e exibido em sua honra?”

Porque é que então eles próprios não concluíram daí que os deuses não eram verdadeiros e muito menos dignos de que o Estado lhes tribute honras divinas? Seria de fato de todo inconveniente, seria absolutamente inútil prestar-se-lhes culto, se tivessem exigido que se celebrassem jogos com ultrajes para com os romanos. Como é que, então, pergunto eu, pensaram que eles deveriam ser venerados? Como é que não descobriram que se trata de espíritos detestáveis que anseiam por enganar, exigindo que no meio das suas honras se celebrem os seus crimes?

Os romanos estavam efetivamente dominados por tão nefasta superstição que até prestavam culto a esses deuses que, bem viam, queriam que se lhes consagrasssem cenas obscenas; todavia, conscientes da sua dignidade e do seu pudor, nunca honraram, à maneira dos gregos, os autores de tais fábulas. Mas antes, como, segundo Cícero, o dito Cipião disse: *Consideram infamante a arte do comediantе e todo o teatro. Quiseram não somente interditar aos homens desta profissão o acesso às magistraturas abertas aos outros cidadãos, mas também excluí-los da sua tribo pela nota infamante do censor*⁶⁹.

Magnífica na verdade esta previsão, digna de ser contada entre os louvores aos romanos. Mas gostaria que ela fosse lógica e consequente consigo mesma. Acertadamente, de fato, a qualquer cidadão

⁶⁹ *Cum artem ludicram scaenamque totam in probo ducerent, genus id hominutn non modo honore civium reliquorum carere, sed etiam tribu moveri notatione censória voluerunt.* Cícero, *De republica*, IV, 10.

romano que preferisse ser ator não só não lhe seria dada nenhuma posição de honra, mas também, por notificação do censor, deixaria de pertencer à sua própria tribo. Ó espírito da cidade, ávido de louvores e sinceramente romano! Mas respondam-me: por que razão aceitável os homens de teatro são repelidos de tudo o que implique uma honra e são, todavia, admitidas, entre as honras aos deuses, as representações teatrais? Durante muito tempo a virtude romana ignorou as artes teatrais. Se as tivessem procurado para divertimento do prazer humano, teriam introduzido subrepticiamente o vício nos costumes humanos. Os deuses pediram que elas para si fossem representadas. Por que razão é então repelido o ator que com a sua arte presta culto aos deuses? E com que cara se desacredita o ator intérprete dessas torpezas teatrais, se se adoram aqueles que as exigem?

Engalfinhem-se nesta discussão os gregos e os romanos. Os gregos julgam que procedem corretamente honrando os atores porque eles prestam culto aos deuses que exigem as representações cênicas; os romanos, pelo contrário, nem sequer lhes permitem que com a sua presença desonrem uma tribo plebeia e muito menos a Cúria Senatorial. Nesta discussão resolve o essencial da questão um raciocínio deste teor. Propõem os gregos: se tais deuses devem ser venerados, também tais homens devem ser, com certeza, honrados. Contestam os romanos: mas a tais homens de forma nenhuma se de-

vem conceder tais honras. Concluem os cristãos: portanto, de nenhum modo devem tais deuses ser venerados.

CAPÍTULO XIV

Platão, que numa cidade morigerada não deixou lugar para os poetas, foi melhor do que aqueles que desejaram que fossem os deuses venerados com representações cênicas.

E agora perguntamos nós: porque é que, como os atores, não são também havidos por desonrados os próprios poetas, autores de tais fábulas, que contra os deuses proferem tão grosseiros insultos, a quem a Lei das Doze Tábuas proibiu de lesarem a reputação dos cidadãos? Por que razão é justo que se infamem os atores das ficções poéticas e das ignomínias dos deuses e se prestem honras aos seus autores? Não se deverá talvez dar antes a palma ao grego Platão que, quando concebeu a sociedade como ela devia ser, julgou que, como inimigos da verdade, deviam ser expulsos da cidade os poetas? Ele, na verdade, não pôde suportar, sem indignação, as injúrias aos deuses, nem quis que os ânimos dos cidadãos fossem manchados e corrompidos por ficções. Compara agora tu a humanidade de Platão (que afasta da cidade os poetas para proteger os cidadãos), com a divindade dos deuses que reclamam jogos cênicos em sua honra. Aquele, para que tais coisas se não escrevessem, embora não os tenha persuadido com argumentos, opôs-se, todavia, à leviandade e lascívia dos gregos; os deuses, porém, coagiram com as suas ordens a

gravidade e a modéstia dos romanos, para que tais poemas fossem representados. E não quiseram apenas que fossem representados: quiseram que lhes fossem dedicados, consagrados e solenemente celebrados. A quem deveria então a cidade prestar mais dignamente honras divinas: a Platão, que proibiu essas nefastas indecências, ou aos demônios, que se comprazem em assim enganarem as pessoas que aquele não conseguiu trazer à verdade?

Labeão foi de parecer que Platão devia ser colocado entre os semideuses, como Hércules e Rômulo. Punha, porém, os semideuses acima dos heróis, contando a uns e outros entre as divindades. Mas eu não tenho dúvidas em pôr estes semideuses acima dos heróis e até dos próprios deuses.

As leis dos romanos aproximam-se dos pontos de vista de Platão; este condena todas as ficções poéticas; aqueles por sua vez tiram aos poetas a liberdade de pelo menos maldizerem os humanos; este impede os poetas de habitarem na sua própria cidade; aqueles pelo menos afastam os atores de fábulas poéticas do convívio da cidade. E, se tivessem a ousadia de, em alguma coisa, se oporem aos deuses (que suspiram por jogos cênicos) talvez fossem de toda a parte reprimidos.

De forma nenhuma podem, portanto, os romanos esperar ou receber dos seus deuses leis que formem bons costumes ou corrijam os maus. Os romanos é que, com as suas leis, vencem e convencem os

deuses; estes pedem jogos cênicos em sua honra e são os romanos que excluem de todos os cargos honoríficos os homens de teatro; os deuses ordenam que, em sua honra, se representem as vilanias divinas em ficções poéticas e são os romanos que proíbem a impudência dos poetas de atentar contra a dignidade dos homens.

Mas Platão, aquele semideus, não só se opôs à lascívia de tais deuses, como também mostrou o que se devia aperfeiçoar na índole dos romanos. Ele é que de forma nenhuma consentiu que, numa cidade bem organizada, vivessem os poetas, quer como inventores sem peias de mentiras, quer como expositores dos péssimos feitos dos deuses que deveriam ser imitados pelos desgraçados dos humanos.

Não é que reconheçamos Platão como um deus ou um semideus, nem o comparemos sequer com nenhum santo anjo de Deus Altíssimo, nem com um verdadeiro profeta, nem com qualquer apóstolo ou mártir de Cristo, nem mesmo com qualquer pessoa cristã. Se Deus nos ajudar, na altura própria apresentaremos a razão deste nosso parecer. Mas, já que quiseram fazer de Platão um semideus, julgamos que deve ser posto à frente, se não de um Rômulo e de um Hércules (embora este último, a acreditar nos ditos dos historiadores ou nas ficções dos poetas, não tenha matado seu irmão nem cometido infâmia alguma), pelo menos de um Príapo ou de qualquer Cinocéfalo ou, por fim, de uma Febre; divindades que os romanos, em parte,

importaram do estrangeiro e, em parte, eles mesmos constituíram como seus próprios deuses.

Como é que, pois, semelhantes deuses seriam capazes de prevenir, com os seus preceitos e as suas leis, tão graves males do espírito e dos costumes? Ou, se já estavam arraigados, como é que os iam extirpar, eles que tiveram o cuidado de semear e de desenvolver os seus vergonhosos germes? Por que quiseram dar aos seus crimes, reais ou fictícios, a solene publicidade do teatro, para que, graças à sua autoridade divina, se atiçasse o fogo, já tão maléfico, das paixões humanas?

Foi bem em vão que Cícero, quando falava dos poetas, exclamou: *Quando lhes chegam o clamor e os aplausos do povo, como se de um grande e sapiente mestre se tratasse, que trevas se espargem! Que terror que inspiram! Que paixões que ateiam!*⁷⁰.

CAPÍTULO XV

Não foi a razão, mas a adulação, que levou os romanos a criarem para si alguns deuses.

Mas, não será antes a adulação, mais do que a razão, o que levou os romanos a elegerem os seus deuses, mesmo falsos como eram? Não julgaram digno nem sequer de um pequeno templo um

⁷⁰ *Ad quos cum accessit clamor et adprobatio populi, quasi magtri cuiusdam et sapientis magistri, quas illi obducunt tenebras, quos invehunt metus, quas inflamrunt cupiditates!* Cícero, *De Republica*, IV, 9.

Platão que têm como semideus, que tanto trabalhou com suas controvérsias para evitar os maiores males do espírito que corrompem os costumes humanos. Mas ao seu Rômulo, puseram-no à frente de muitos deuses, embora entre eles corra uma doutrina mais ou menos secreta que o apresenta mais como semideus do que como deus. Até lhe instituíram um flâmine, dignidade que, nas cerimônias sagradas, como o atesta o *apex*⁷¹ que usavam, era superior à de sacerdote. Só havia três flâmines ao serviço de outros tantos deuses; o flâmine Dial para Júpiter, o Marcial para Marte e o Quirinal para Rômulo. A benevolência dos cidadãos chamou-lhe depois Quirino, quando ele foi recebido no Céu. E por isso Rômulo recebeu honras superiores às de Netuno e Plutão, irmãos de Júpiter e do próprio Saturno, pai deles. Para o engrandecerem, dedicaram-lhe o mesmo grau de sacerdócio que a Júpiter e a Marte; a este provavelmente atendendo a Rômulo, de quem é pai.

CAPÍTULO XVI

Se aos deuses interessasse para alguma coisa a justiça, seria deles que os romanos teriam recebido as normas de conduta, em vez de pedirem leis a outros humanos.

Se os romanos pudesse receber dos seus deuses normas de vida, não teriam, alguns anos depois da fundação de Roma, tomado

⁷¹ *Apex (icis)*: tufo de lã na extremidade do barrete dos sacerdotes flâmines. Desta palavra é que vem o termo português ápice, extremidade superior ou ponta de alguma coisa.

dos Atenienses as leis de Sólon. Todavia, não as conservaram como as receberam, mas tentaram torná-las melhores e mais corretas. Embora Licurgo tenha fingido que as instituiu para os Lacedemônios pela autoridade de Apolo, os romanos, prudentemente, não quiseram acreditar nisso e, consequentemente, não as aceitaram como tais.

Conta-se que Numa Pompílio, que no reino sucedeu a Rômulo promulgou algumas leis que, na verdade, de nenhuma forma eram suficientes para governar a cidade. Também lhes instituiu muitas solenidades sagradas. Não consta, porém, que ele tenha recebido dos deuses essas leis.

Mas, dos males da alma, dos males da vida, dos males dos costumes (tão grandes que é deles que a República ruirá, mesmo que se mantenham de pé as cidades, como testemunham os seus mais doutos varões) nada os deuses fizeram para que tais males não atingissem os seus adoradores. Bem ao contrário, procuraram por todos os modos que eles aumentassem, como acima já ficou exposto.

CAPÍTULO XVII

O rapto das Sabinas e outras iniquidades que, noutros tempos, vigoravam e até eram louvadas na cidade romana.

Porque é que não foram ditadas leis ao povo romano pelos deuses? Terá sido, por acaso, porque, como diz Salústio, entre eles o direito, tal como o bem, tirava o seu valor mais da natureza do que

das leis⁷². Creio que as Sabinas foram raptadas em virtude desse «direito» e dessa «bondade». Efetivamente, que é que há de mais justo e melhor do que, pela força, cada um raptar como pode, aos pais que não as cedem, as jovens forasteiras levadas por engano a um espetáculo?

Se os sabinos procederam mal em negar as filhas pedidas, não foi muito mais iníquo roubá-las, lá porque foram recusadas? Seria mais justo declarar a guerra a um povo que se negara a dar suas filhas em casamento a conterrâneos e vizinhos seus, do que lutar com um povo que reclamava suas filhas raptadas. Preferiu-se, porém, aquilo.

Até Marte ajudaria seu filho a combater para vingar pelas armas a injúria de umas núpcias recusadas. E assim conseguiram as mulheres que pretendiam. Efetivamente, talvez em virtude de algum direito de guerra, o vencedor poderia justificadamente levar as moças que injustamente lhes tinham sido negadas. Mas raptar em tempo de paz as que não lhes tinham sido concedidas é contra todo o direito, gerando assim uma guerra injusta contra seus pais justamente indignados.

Isto teve resultados mais úteis e mais felizes; embora se tenha mantido, sob a forma de espetáculo de circo, a recordação desta frau-

⁷² *jus bonumque apud eos non legibus magis quam natura valebat.* Salústio, *Catilina*, IX, 1.

de, o exemplo desta má ação não conseguiu o agrado naquela cidade imperial.

O erro dos romanos está mais em terem consagrado Rômulo como deus depois daquela iniquidade, do que permitirem, por qualquer costume ou lei, à sua imitação, o rapto de mulheres. Foi em virtude deste sentido de direito e do bem que, depois de, com seus filhos, ter sido expulso o rei Tarquínio, cujo filho violentara Lucrécia, o cônsul Júnio Bruno obrigou Lúcio Tarquínio Colatino, marido da referida Lucrécia e seu colega, varão bom e inocente, a abandonar a magistratura por causa do nome e do parentesco dos Tarquínios e nem sequer lhe permitiu que continuasse a viver na cidade. Colatino, como também o próprio Bruto, tinha recebido o consulado do povo que favoreceu ou permitiu essa iniquidade.

Foi em virtude ainda desse «sentido do direito e do bem», que Marco Camilo (varão ilustre daquele tempo, que com toda a facilidade derrotou os Veientes, perigosíssimos inimigos do povo romano, depois de uma guerra de dez anos em que o exército romano, combatendo mal, sofreu várias vezes sérios revezes a ponto de a própria Roma tremer e duvidar da sua salvação) tomou a opulentíssima urbe deles. Mas a inveja dos caluniadores do seu valor e a insolênciados tribunos da plebe, declararam-no réu. Sentiu que aquela cidade que libertara era tão ingrata que, certíssimo da condenação, espontaneamente se retirou para o exílio. Já ausente, foi condenado ainda em

dez mil moedas de cobre, ele que, em breve, de novo salvaria dos gauleses a sua ingrata pátria.

Já me repugna relembrar tantos fatos vergonhosos e injustos por que era sacudida aquela cidade, quando os poderosos procuravam sujeitar a plebe e esta se recusava a sujeitar-se-lhes, trabalhando os defensores de uma e outra facção, mais pelo desejo de vencer do que por algo de honrado e bom.

CAPÍTULO XVIII

O que a História de Salústio comprova acerca dos costumes dos romanos, refreados pelo medo ou relaxados pela confiança.

Serei comedido e, como testemunha, apresentarei antes o próprio Salústio que, quando falava em louvor dos romanos, dizia isto com que iniciamos esta exposição: *Entre eles, o direito, tal como o bem, tirava o seu valor mais da natureza do que das leis*⁷³.

Exaltava assim aquela época em que depois da expulsão dos reis, a cidade se estendeu de forma incrível em brevíssimo espaço de tempo. O mesmo, porém, no primeiro livro da sua **História** e logo desde o princípio dela, confessa que, já então, pouco depois de o governo ter passado dos reis para os cônsules, as injustiças dos mais poderosos provocaram uma cisão entre a plebe e os patrícios, além de outras dissensões na Urbe.

⁷³ *Jus bonumque apud eos non legibus magis quam natura valebat.* Salústio, Catilina, IX, 1.

Conta ele que, entre a segunda e a última guerra cartáginesa, o povo romano viveu nos melhores costumes e na maior concórdia e que a causa deste bom comportamento não foi o amor pela justiça, mas o medo de uma paz insegura enquanto Cartago se manteve de pé. Por isso é que o dito Násica, para reprimir a corrupção e conservar aqueles ótimos costumes e para que os vícios fossem contidos pelo medo, não queria que Cartago fosse destruída.

Logo abaixo expõe o mesmo Salústio: *Mas a discórdia, a avarice, a ambição e demais males que costumam nascer da prosperidade, aumentaram extraordinariamente depois da destruição de Cartago*⁷⁴, para que compreendêssemos que já antes costumavam surgir e avolumar-se. Por isso, explica porque é que dissera isso: *As injustiças dos poderosos, provocando a separação da plebe e dos patrícios e outras dissensões internas, existiram entre eles desde o princípio, porque a observância de um direito justo e moderado não durou mais que o tempo em que se teve medo de Tarquínio e da pesada guerra com a Etrúria*⁷⁵.

Vê de que modo, naquele breve espaço de tempo que se seguiu à suspensão dos reis, isto é à sua expulsão, se viveu com leis justas e moderadas, sendo o medo a causa disso. Temia-se efetiva-

⁷⁴ *At discórdia, et avaritia, atque ambitio, et cetera, secundis rebus oriri sueta mala, post Carthaginis excidium maxime cuncta sunt.* Salústio, *Hist.*, fragm. 1,11.

⁷⁵ *Nam injuriae validiorum, et ob eas dissessio plebis a patribus, aliaeque dissensiones domifuerent jam inde a principio, ne que amplius quam regibus exactis, dum metus a Tarquinio et bellum grave cum Etruria positum est, aequo et modesto jure agitatum.* Id. Ib..

mente a guerra que o rei Tarquínio, expulso do reino e de Roma, aliado dos Etruscos, sustentava contra os romanos.

Repara no que ele, em seguida, escreve: *Mais tarde os patriarcios submeteram a plebe a um jugo de escravos, dispuseram à maneira dos reis da sua vida e da sua pele, expulsaram-nos dos seus campos e apoderaram-se sozinhos do poder, depois de dele excluírem os demais. Oprimida por estas sevícias e principalmente por dívidas, quando suportava, devido a contínuas guerras, o duplo peso dos impostos e do serviço militar, a plebe instalou-se com armas no Monte Sagrado e no Aventino, o que desde logo lhes valeu passarem a ter tribunos da plebe e outros direitos. Mas a segunda guerra Púnica pôs termo, de parte a parte, a estas discórdias e lutas*⁷⁶.

Aperceber-te-ás desde quando, isto é, desde pouco depois da expulsão dos reis, eram desta qualidade os romanos. Foi deles que diria: *Entre eles o direito, tal como o bem, tirava o seu valor mais da natureza do que das leis*⁷⁷. Mas se se consideram assim aqueles tempos, dos quais se diz terem sido os melhores e os mais belos da República Romana, que é que se dirá do período seguinte, ou que é que se há de pensar, para usar das próprias palavras do historiador, quan-

⁷⁶ Dein, servili imperio patres plebem exercere, de vita atque tergo regio more consulere, agro pellere et ceteris expertibus soli in império agere. Quibus saevitiis et maxime faenore oppressa plebs cum assiduis bellis tributum et militiam simul toleraret, armata montem Sacrum atque Aventinum insedit: tumque tribunos plebis et alia jura sibi paravit. Discordiarum et certaminis utrimque finis fuit secundum bellum Punicum. Id. Ib..

⁷⁷ Ibidem.

do pouco a pouco se foi transformando da mais bela e da mais virtuosa (*República*) na pior e na mais corrompida⁷⁸, depois da destruição de Cartago, como ele já notara? O que o próprio Salústio, um tanto resumidamente recorda e escreve desses tempos, pode ler-se na sua **História**: quão grave decadência dos costumes nasceu da prosperidade e acabou na guerra civil.

Como ele diz: *Desde essa época os costumes dos antepassados foram-se precipitando, não pouco a pouco, como outrora, mas como uma torrente. A juventude estava de tal forma corrompida pelo fausto e pela cobiça que, com razão, se podia dizer: surgiu uma geração que não é capaz de possuir patrimônio próprio nem permite que outros o possuam*⁷⁹.

Muito mais diz Salústio em seguida acerca dos vícios de Sula e das outras imundícies da República. Outros escritores são nisto concordes, embora muito inferiores no estilo. Apercebes-te talvez, julgo eu — e qualquer um que esteja atento facilmente notará — em que lodaçal de imundícies morais tinha caído aquela cidade antes da vinha do nosso Rei Supremo.

⁷⁸ *Cum paulatim mutata ex pulcherrima atque optima, pessima AC flagiotiosissima facta est.* Salústio, *Catilina*, V, 9.

⁷⁹ *Ex quo tempore majorum mores non paulatim, ut antea, sed torrentis modo praecipitati; adeo juvenis luxu, atque avaritia corrupta, ut merito dicatur genitos ess qui neque ipsi habere possent res familiares, neque alios pati.* Salústio, *Hist.*, fragm. I, 16.

Realmente, estas coisas aconteceram não apenas antes que Cristo, presente em carne, começasse a ensinar, mas até antes de ter nascido da Virgem.

Não se atrevem a imputar aos deuses tantos e tão grandes males daqueles tempos quer os, a princípio, toleráveis, quer os que, depois da destruição de Cartago, se tornaram intoleráveis e horríveis. Foram eles, porém, que, com astúcia maligna inculcaram nas mentes humanas as opiniões donde tais vícios surgiram como uma floresta. Então, porque é que imputam os males presentes a Cristo, que, com a sua doutrina salvadora, proíbe o culto dos deuses falsos e falazes, detesta e condena, com divina autoridade, estas nocivas e escandalosas paixões humanas, subtrai pouco a pouco em toda a parte, deste mundo que cambaleia e cai nesses males, a família com que fundará uma cidade eterna, a mais gloriosa, não pelos aplausos de vãs superficialidades, mas pelo autêntico valor da verdade?

CAPÍTULO XIX

Corrupção do Estado romano antes de Cristo ter feito desaparecer o culto dos deuses.

Eis como o Estado romano (não sou eu o primeiro a dizê-lo, mas, muito antes da vinda de Cristo, o disseram os seus autores e deles o aprendemos nós, pagando-lhes para estudar) *pouco a pouco*

*se foi transformando da mais bela e da mais virtuosa (república) na pior e mais corrompida*⁸⁰.

Eis como, antes da vinda de Cristo, *os costumes dos antepassados se foram precipitando, não pouco a pouco, como outrora, mas como uma torrente. A juventude estava de tal forma corrompida pelo fausto e pela cobiça*⁸¹ ...

Leiam-nos os preceitos dados ao povo romano pelos seus deuses contra o fausto e a avareza! Oxalá tivessem apenas omitido os preceitos respeitantes à castidade e moderação e não lhes tivessem exigido mesmo ações vergonhosas e de ignomínia, exercendo assim nelas uma autoridade perniciosa pela sua autoridade falsamente divina! Leiam os nossos preceitos — e tantos são — contra a avareza e o fausto, quer nos profetas, quer no Santo Evangelho, nos Atos dos Apóstolos ou nas Epístolas! Lá verão como dos povos, de toda a parte para isso reunidos, com que competência, com que autoridade divina esses preceitos ressoam, não com o barulho das contendidas filosóficas, mas com o estrondo dos oráculos de Deus troando das nuvens! E, todavia, continuam a não imputar aos seus deuses que o Estado se tornou antes da vinda de Cristo no pior e mais depravado devido ao fausto, à avareza, aos costumes cruéis e torpes.

⁸⁰ *paulatim mutata, ex pulcherrima atque óptima, péssima ac flagiosissima facta est.* Salústio, *Catilina*, V, 9.

⁸¹ *majorum mores, non paulatim, ut antea, sed torrentis modo praccipitati; adeo juventus luxu atque avaritia corrupta est.* Salústio, *Hist*, frag. I, 16.

Mas de tudo por que estão nestes tempos passando devido à sua soberba e aos seus prazeres acusam a religião cristã. Se os reis da Terra e todos os povos, os governantes e todos os juízes da Terra, os jovens e as donzelas, os velhos com os novos, toda a idade adulta de ambos os sexos, os cobradores de impostos e os soldados de que fala o Batista João, ouvissem e praticassem estes preceitos sobre os justos e bons costumes, a república teria ornado as terras já aqui com a felicidade da vida presente e teria subido até ao cume da vida eterna para conseguir um reinado de completa felicidade!

Mas, porque este ouve, aquele despreza e a maioria é mais amiga das carícias dos vícios do que da útil aspereza das virtudes, ordena-se aos servidores de Cristo, sejam eles reis ou governantes, juízes ou militares, soldados das províncias, ricos ou pobres, livres ou servos de ambos os sexos, que tolerem o Estado se for necessário, mesmo sendo o pior e mais depravado e que adquiram para si, pelo preço de uma tal tolerância, uma morada esplendorosa na santíssima e augustíssima cúria dos anjos, na república celeste onde a vontade de Deus é lei.

CAPÍTULO XX

A felicidade de que queriam gozar e o gênero de vida que queriam levar os que acusam os tempos da religião cristã.

A verdade é que tais adoradores e amigos desses deuses, dos quais se comprazem em serem imitadores até no crime e na depravação, não têm a menor preocupação em que a república seja má e tão corrompida. Contanto que ela se aguente, dizem eles, contanto que floresça atulhada da abundância e gloriosa em vitórias ou — o que ainda é melhor — se mantenha numa paz firme, que nos importa o resto? O que acima de tudo interessa é: que cada um aumente cada vez mais as suas riquezas; que estas cubram as prodigalidades diárias com que o poderoso conserva submisso o débil; que os pobres, procurando encher a barriga, estejam dispostos a agradar aos ricos; que sob a sua proteção desfrutem duma pacífica ociosidade; que os ricos abusem dos pobres, aumentando assim a sua clientela para serviço do próprio fausto; que os povos deem os seus aplausos não aos defensores dos seus interesses, mas aos generosos com os seus vícios; que não se deem ordens difíceis nem se proíba o que é impuro; que os reis se preocupem, não com o bem, mas com a submissão dos seus súditos; que as províncias sirvam aos seus governadores, não como a moderadores dos costumes, mas como a donos dos seus bens e provedores dos seus prazeres; que os honrem, não com sinceridade, mas iníqua e servilmente os temam; que as leis se apliquem, mais para

que ninguém cause dano à vinha alheia do que para defender a vida própria; que ninguém seja levado perante os juízes a não ser quando cause danos aos bens, à casa, à saúde, ou à vida de outrem contra a sua vontade; quanto ao resto, que cada um faça o que lhe apetecer dos seus bens, com os seus bens ou com quem se lhe ponha à disposição; que haja prostitutas públicas em abundância, quer para todos os que quiserem desfrutá-las, quer, principalmente, para os que não podem ter uma particular; que se construam enormes e suntuosos edifícios; que sejam frequentes e opíparos os festins; que, onde lhes aprouver, cada um possa, de dia ou de noite, jogar, beber, vomitar, dissolver-se; que por toda a parte ressoe o barulho das danças; que os teatros fervam com gritos de impudica alegria e todo o gênero de paixões, as mais cruéis e as mais infames; que seja considerado como inimigo público aquele a quem esta felicidade desagrada; e se algum pensar em alterá-la ou suprimi-la, que a multidão, senhora da sua liberdade, o afaste dos nossos ouvidos, o expulse de casa, o tire de entre os vivos; que se tenham por verdadeiros os deuses que se preocuparam em proporcionar aos povos esta felicidade e em conservar aquela de que já desfrutavam; que sejam venerados como quiserem, que exijam os jogos que lhes apetecerem, tal qual como os desejarem obter dos seus adoradores. Façam apenas com que tal felicidade não seja posta em perigo, nem pelo inimigo, nem pela peste, nem por qualquer calamidade.

Quem de tão juízo não comparará esta república, não digo com o Império Romano, mas com o palácio de Sardanapalo? Outrora este rei entregou-se de tal forma aos prazeres que mandou inscrever isto na sua sepultura: *Agora que estou morto só considero como bens os que, com paixão, sorvi quando era vivo*⁸².

Se eles o tivessem como rei, em tais casos, tão indulgente, sem a ninguém pôr o menor entrave, ter-lhe-iam consagrado um templo e um flâmine com melhor vontade do que os velhos romanos a Rômulo.

CAPÍTULO XXI

Opinião de Cícero acerca do Estado Romano.

Mas, se não dão importância a quem chamou Roma de o pior e o mais dissoluto dos Estados e se não se importam que a mesma esteja cheia de tamanhas infâmias e ignomínias dos piores e mais dissolutos costumes, contanto que se aguente de pé e assim se mantenha, ouçam não só o que narra Salústio — que ela se tornou no pior e no mais dissoluto dos estados — mas também o que diz Cícero: que a República tinha perecido por completo sem deixar rastro!

⁸² Segundo a tradução de Cícero, o epitáfio estaria assim redigido: *Haec habeo quae edi, quaeque exaturata libido hausit; et illajacent multa et praeclera relicta* (Eu posso o que comi e o que recebi da voracidade das minhas paixões; porém desperdiçaram-se muitos outros e excelentes bens). Cícero. *Tusculanae*. V, 35,101.

Apresenta-nos Cipião, aquele mesmo que destruíra Cartago, a discutir acerca de assuntos do Estado quando, por efeito da corrupção que Salústio descreveu, se pressentia para breve a ruína. Efetivamente, discutia-se precisamente no momento em que já um dos Gracos tinha sido assassinado, o que originou, como escreve Salústio, graves tumultos. Nos referidos livros, faz-se o relato da sua morte. No fim do segundo livro teria dito Cipião: *Assim como entre a cítara ou as flautas e o canto de vozes deve haver uma certa harmonia dos distintos sons, sem a qual eles se tornam insuportáveis aos ouvidos entendidos pela sua confusão e discordância, ao passo que, graças ao equilíbrio de vozes diferentes, o concerto se torna harmonioso e concordante, assim também, concertando devidamente as diversas classes sociais altas, médias e baixas, como se fossem sons musicais e numa ordem racional, consegue a cidade realizar um concerto mediante o consenso das suas partes mais divergentes. O que os músicos chamam harmonia no canto, chama-se concórdia na cidade; o mais seguro e o melhor veículo para a segurança de todo o estado. E esta concórdia sem justiça é que não pode subsistir*⁸³.

⁸³ ut in fidibus ac tibiis atque cantu ipso ac vocibus concentus est quidam tenendus ex distinctis sonis, quem immutatum aut discrepantem aures eruditae ferre non possunt; isque concentus ex dissimilarum vocum moderatione concors tamen efficitur et congruens: sic ex summis et infimis et mediis interjectis ordinibus, ut sonis, moderata ratione civitatem consensu dissimilliorum concinere; et quae harmonia a musicis dicitur in cantu, eam esse in civitate concordiam; artissimum atque optimun omni in re publica vinculum incolumitatis, eamque sine justitia nullo pacto esse posse. Cicero, *De Republica*, II, 42-43.

Em seguida expõe mais detalhada e profundamente quanto interessa a justiça à sociedade e quanto a sua falta lhe é prejudicial. Toma a palavra Filo, um dos que intervêm na conversa e pede que esta questão seja tratada com mais cuidado e que mais se diga acerca da justiça, pela razão de que, como diz o povo, não se pode governar sem justiça. Cipião concorda em que se deve discutir e aclarar esta questão e responde: *Julgava que de nada serviria tudo o que até agora se dissera acerca da república (estado) e seria inútil dar mais um passo se não ficar bem assente que não só a falsidade do princípio anterior «É inevitável a injustiça», mas também a absoluta verdade deste «Sem a mais rigorosa justiça, não é possível governar uma república »*⁸⁴.

Marcou-se para o dia seguinte a explicação da questão e a matéria foi tratada no livro terceiro com grande calor. Filo tomou o partido dos que entendiam que não se pode governar o Estado sem injustiça, dando bem a entender que ele próprio não pensava assim. E com todo o empenho começou a defender a injustiça contra a justiça, dando a impressão de que na realidade pretendia mostrar com exemplos e razões verossímeis que aquela era útil e esta inútil para o Estado. Então Lélio, a pedido de todos, saiu a defender a justiça. Quanto lhe foi possível, assegurou que nada é tão nefasto ao Estado como a

⁸⁴ *nihil esse, quod adhuc de re publica dictum putarent et quo possent longius progredi, nisi esset confirmatum non modo falsum esse illud, sitie injuria non posse se d hoc verissimum esse, sine summa justitia rem publicam regi non posse.* Id. Ib. II, 44.

injustiça e que o Estado de forma nenhuma poderá ser governado ou mantido senão com toda a justiça.

Esgotada, como parecia, esta questão, Cipião voltou ao seu interrompido discurso, recorda e realça a sua breve definição de República (= Estado): é uma «empresa do povo», tinha ele dito e concretiza que «povo» não é qualquer conjunto de indivíduos, mas «uma associação de pessoas baseada na aceitação do direito e na comunhão de interesses». Seguidamente ensina quão grande é a utilidade da definição numa controvérsia e acaba por concluir, daquelas suas definições, que só há República (= Estado), isto é, «empresa do povo», quando é governada no bem e na justiça por um rei, por poucos aristocratas ou por todo o povo. Mas quando o rei é injusto chama-se-lhe, à maneira grega, «tirano»; quando são injustos os aristocratas detentores do poder, chama-se-lhes «faccção»; e, quando o próprio povo é injusto, a ele próprio se chama tirano na falta de outro nome em uso. Já não se trata da república «depravada», como se tinha discutido no dia anterior. É que, segundo a conclusão tirada das definições, já não se trata da república, porque já não se trata de «empresa do povo» quando é tomada pelo tirano ou pela facção e o próprio povo já não é povo se é injusto, pois já não será «uma associação de pessoas baseada na aceitação do direito e na comunhão de interesses», conforme a definição de «povo».

Quando, pois, a República Romana tinha as características com que a descreve Salústio, tornara-se não apenas «corrompida e depravada», como ele diz, mas totalmente nula, como o patenteiam as razões da discussão havida acerca do estado (= república) entre os maiores personagens de então. Como também o próprio Túlio, não já com palavras de Cipião ou de outro qualquer, mas falando por si próprio, depois de primeiro ter recordado aquele verso do poeta Ênio: *É devido aos costumes e heróis antigos que Roma se mantém de pé*⁸⁵, afirma no princípio do quinto livro: *Este verso pela sua concisão e exatidão parece-me como que emanado de um oráculo. De fato nem os homens, se a cidade não tivesse tais costumes, nem os costumes, se tais homens não tivessem governado a cidade, teriam podido fundar ou manter durante tanto tempo uma república tão grande e dum poder tão vasto e tão extenso. É por isso que, em tempos passados, a própria conduta dos cidadãos proporcionava homens de prestígio e estes excelentes varões mantinham os costumes antigos e as tradições dos antepassados. A nossa época, porém, recebeu o estado como se fosse uma preciosa pintura, mas um tanto desbotada pela antiguidade. E não só se descuidou de a restaurar nas suas cores originais, como nem sequer se preocupou em conservar-lhe os contornos externos. Que resta daqueles velhos costumes que mantinham em*

⁸⁵ *Moribus antiquis res stat Romana virisque*, cit. por Cícero in *De Republica*, V, 1.

*pé, como diz o poeta, o Estado romano? Vemo-los tão enterrados no esquecimento que não só se não põem em prática, mas até se ignoram. E que direi dos homens? De fato os próprios costumes pereceram à falta de homens — desgraça tamanha esta de que teremos de prestar contas — e até de que teremos, de certo modo, de nos defendermos em juízo como réus de pena capital. Pelos nossos vícios e não por qualquer acaso mantemos ainda a República como uma palavra, mas perdemos-la desde há muito como uma realidade*⁸⁶.

Isto confessava Cícero, é verdade, muito depois da morte do Africano que pôs nos seus livros a discutir acerca da República (= Estado), todavia muito antes da vinda de Cristo. Se isto se tivesse experimentado e relatado quando a religião cristã já se tinha difundido e prevalecia, qual pagão não teria pensado que tal devia ser impunitado ao cristianismo?

Nesse caso, porque é que os seus deuses não trataram de evitar que se perdesse ou perecesse essa República de que Cícero, muito antes que Cristo viesse em carne, tão lugubriamente deplora a perda?

⁸⁶ quem quidem ille versum, vel brevitate vel veritate tamquam ex oráculo mihi quodam esse effatus videtur. Kam neque viri, nisi ita morata civitas fuisset, neque mores, nisi hi viri praefuissent, aut fundere aut tam diu tenere potuissent tantam et tam juste late que imperantem rem publicam. Itaque ante nostram memoriam et mos ipse patrius praestantes viros adhibebat, et veterem morem ac majorum instituta retinebant excellentes uiri. Nostra vero aetas cum rem publicam sicut picturam accepisset egregiam, sed evanescentem vetustate, non modo eam coloribus eisdem quibus fuerat renovare neglexit, sed ne id quidem curavit, ut formam saltem ejus et extrema tamquam liniamenta servaret. Quid enim manet ex antiquis moribus, quibus ille dixit rem stare Romanam, quos ita oblivious obsoletos videmus, ut non modo non colantur, sed jam ignorentur? Nam de viris quid dicam? Mores enim ipsi interierunt virorum penuria, cuius tanti mali non modo reddenda ratio nobis, sed etiam tamquam reis capititis quodam modo dicenda causa est. Nostris enim vitiis, non casu aliquo, rem publicam verbo retinemus, re ipsa vero Jam pridem amisimus». Cícero, *De Republica*, V, 1.

Vejam os seus admiradores se, na época dos antigos heróis e velhos costumes, vigorou então a verdadeira justiça ou se por acaso nem então foi viva nos seus costumes, mas antes se pintalgou com as suas cores. O próprio Cícero, sem disso se aperceber, o expressou quando a exaltou. Mas é assunto que consideraremos à parte, se Deus quiser.

Esforçar-me-ei noutro lugar por mostrar que nunca Roma foi um Estado (República) porque nunca nela existiu uma verdadeira justiça; isto conforme as definições do próprio Cícero, segundo as quais, com brevidade e, pela boca de Cipião, ficou assente o que é o Estado e o que é o povo (apoando-me também em muitas outras afirmações suas e dos demais interlocutores do diálogo). Porém, conforme as mais autorizadas definições, de certo modo houve uma república e melhor governada pelos antigos romanos do que pelos mais recentes. É que a verdadeira justiça só existe naquela república, cujo fundador e governador é Cristo; se é que convém chamar-lhe república, porque não podemos negar que ela é «empresa do povo». Mas se este nome, que noutros lugares se divulgou com outro sentido, se afastou talvez do uso da nossa conversação; o certo é que existe uma verdadeira justiça naquela cidade da qual diz a Santa Escritura: *Coisas gloriosas foram ditas de ti, Cidade de Deus*⁸⁷.

⁸⁷ *Gloriosa dieta sunt de te, Civitas Dei.* Salmo LXXXVI, 4.

CAPÍTULO XXII

Nenhuma preocupação tiveram os deuses dos romanos em que a República não se arruinasse em consequência dos maus costumes.

Mas tratemos do que interessa à presente questão.

Por mais que se diga ter sido ou ser agora a República digna de elogios, muito antes da vinda de Cristo já ela se tinha, segundo os seus mais doutos escritores, tornado extremamente pervertida e corrompida. Já nem sequer existia. Tinha morrido completamente, em consequência de seus perdidos costumes. Mas para que não perecesse, deviam os seus deuses protetores dar, a este seu povo fiel, regras de vida melhor e de costumes, já que dele receberam culto em tantos templos, prestado por tão numerosas classes de sacerdotes e de sacrifícios, com tantas e tão variadas cerimônias em tantas solenidades, com a animada concorrência de tantos jogos cênicos.

Mas, em tudo isto, os demônios nada mais procuraram senão fazer o seu próprio negócio, sem se preocuparem com a moralidade da sua vida, tratando, pelo contrário, que vivessem perdidamente enquanto, como súditos, tudo ofereciam em sua honra sob a pressão do medo.

Mas, se deram essas regras, publiquem-nas, mostrem-nas, leiam-nas. Quais são as leis ditadas pelos deuses à cidade e que os Gracos desprezaram para tudo perturbarem com sedições? Quais as que

Mário, Cina e Carbão violaram para chegarem até às guerras civis, empreendidas pelas mais injustas causas, cruelmente mantidas e ainda mais cruelmente terminadas? Quais, finalmente, as violadas por Sula, por cuja vida, costumes e efeitos, como o referem Salústio e outros historiadores, qualquer um tem repulsa? Quem se atreve a dizer que a República não tinha já então morrido?

Será que, perante tais costumes dos cidadãos, terão a ousadia de, em defesa dos seus deuses, nos ofertarem, como costumam, a frase virgiliana: *Retiraram-se todos, abandonando altares e santuários, estes deuses, graças aos quais este império se mantivera de pé?*⁸⁸

Em primeiro lugar, se assim aconteceu, não têm que se queixar da religião cristã, de que os seus deuses, ofendidos por ela, os abandonaram, pois que os seus maiores, com os seus maus costumes, há muito tempo tinham afugentado dos altares da Urbe, como se moscas fossem, a multidão dos minúsculos deuses.

Todavia, esta turbamulta de divindades onde estava, quando, muito antes de se corromperem os antigos costumes, Roma foi tomada e incendiada pelos gauleses? A estarem presentes, acaso dormiam? Toda a Urbe caiu então em poder dos inimigos. Só a colina do Capitólio se manteve. E esta mesma seria tomada se os gansos não

⁸⁸ *Discessere omnes, adytis arisque relictis Di, quibus imperium hoc steterat?* Virgílio, Eneida, II, 351-352.

vigiassem enquanto os deuses dormiam. Por isso Roma esteve quase a cair na superstição dos egípcios, que prestam culto aos animais terrestres e às aves, pois celebravam uma festa solene em honra do ganso.

Mas, daqueles males accidentais, mais do corpo que da alma, causados pelos inimigos ou por outra calamidade, não quero tratar por enquanto. Por agora tratarei da quebra nos costumes que, primeiro começaram a perder a cor pouco a pouco e depois se precipitaram como uma torrente, provocando na república uma tal ruína que, embora as casas e as muralhas se mantivessem intactas, os seus maiores escritores não tiveram dúvidas em dizer que a república sucumbia então.

Com toda a razão *todos os deuses se teriam afastado e abandonado os seus santuários e os seus altares*, até deixarem a República em absoluto desamparo, se a sociedade tivesse desprezado os seus preceitos acerca da vida virtuosa e da justiça. Agora pergunto eu: que deuses foram esses que não quiseram viver com o povo que os venerava e ao qual, quando levava má vida, não ensinaram a viver bem?

CAPÍTULO XXIII

As alterações nas empresas temporais não dependem do favor ou da hostilidade dos demônios, mas da decisão do verdadeiro Deus.

Que vos parece? Não acham que esses deuses ajudaram os homens a satisfazerem as suas paixões? Não é evidente que não pensaram em refreá-las? Não foram eles que ajudaram Mário, o plebeu adventício, sanguinário forjador e realizador de guerras civis, a que chegasse a ser cônsul por sete vezes e a que morresse, carregado de anos, no seu sétimo consulado, escapando assim às mãos de Sula prestes a ser o vencedor?

E, se os deuses o não ajudaram em tudo isto, não é pouca coisa o que confessam: mesmo que não lhe sejam propícios, às pessoas pode advir toda a felicidade temporal que tanto amam. Mesmo quando os deuses lhes são adversos, as pessoas podem, como no caso de Mário, encher-se e gozar de saúde, força, riquezas, honrarias, dignidade e longevidade. E podem também, como no caso de Régulo, apesar de os deuses lhes serem propícios, serem torturadas e morrer no cativeiro, na servidão, nas privações, nas vigílias e nas dores.

Se admitem que assim é, acabam por confessar, em conclusão, que eles de nada lhes servem e que o seu culto é inútil. De fato, se, em vez das virtudes da alma e da probidade de vida, cuja recompensa devem esperar só depois da vida, se empenharam em ensinar ao povo o contrário.

Se, os bens passageiros e temporais, nem prejudicam aos que os odeiam nem favorecem aos que os amam, para quê venerá-los? Para quê importuná-los tão zelosamente com o seu culto? Por que é que murmuram nestes trabalhosos e tristes tempos como se tivessem de se afastar ofendidos? E por que é que por causa deles a religião cristã é ofendida com os mais indignos ultrajes? Se nestes assuntos têm poderes benéficos ou maléficos, porque é que prestaram a assistência a esse péssimo homem que foi Mário e se desinteressaram por esse ótimo homem que foi Régulo? Não se revelaram eles por esta forma como os mais injustos e perversos?

Se julgam que são mais de temer do que de merecer, estão enganados; verifica-se que Régulo não os venerou menos do que Mário. Nem se pense que se deve escolher uma vida depravada porque os deuses estimaram mais a Mário do que a Régulo. Na realidade Metelo, de todos os romanos o mais digno de louvores, que teve cinco filhos consulares, mesmo nos assuntos temporais foi feliz e Catilina, o pior de todos, foi um desgraçado, oprimido pela miséria e derribado na guerra que seus crimes originaram. Mas a mais verdadeira, a mais segura felicidade, dela só gozam os bons, os que adoram a Deus, único que a pode conceder.

Quando a República se perdia, mercê dos maus costumes, nada fizeram os deuses para os orientar ou corrigir, de modo a que ela não perecesse. Pelo contrário, aumentaram a depravação e a corrupção

dos costumes para que ela morresse. Não se finjam, pois, de bons, sob pretexto de que se afastaram ofendidos pela iniquidade dos cidadãos.

Certamente que estavam lá; eles é que se traem e denunciam: não puderam prestar ajuda com o seu ensino, nem ficar escondidos com o seu silêncio.

Ponho de parte o fato de Mário ter sido recomendado pelos compassivos habitantes de Minturna à deusa Marica, no bosque a ela consagrado, pedindo a prosperidade de todos os seus empreendimentos. Tendo ele voltado incólume de uma situação altamente desesperada, este chefe cruel avançou sobre Roma com um exército igualmente cruel. Quão sangrenta, quão selvagem foi essa vitória, mais desumana do que a de um inimigo, podem lê-lo nos escritores que a descreveram. Mas, como já disse, ponho isso de parte.

Não atribuo a sorte sanguinária de Mário a não sei que Marica, mas antes à oculta Providência de Deus para fechar a boca aos pagãos e deixar livres de erro os que não agem por interesse, mas que olham para os fatos com reflexão. Porque embora os demônios tenham algum poder nestes assuntos, reduz-se ele, porém, aos limites assinalados por uma secreta e livre decisão do Omnipotente.

Não tenhamos em grande conta a felicidade terrena, que muitas vezes se concede mesmo aos maus como Mário. Também não a consideremos como coisa má, pois muitas pessoas religiosas e boas,

adoradoras do verdadeiro Deus, a fruíram contra a vontade dos demônios. Nem pensemos que devemos tornar propícios ou temer esses imundos espíritos por causa dos bens ou males terrenos. Porque, assim como as próprias pessoas más da Terra, também eles, os demônios, não podem fazer tudo o que lhes apetece, mas apenas o quanto lhes é permitido por Aquele cujos juízos ninguém comprehende plenamente nem critica com justiça.

CAPÍTULO XXIV

As façanhas de Sula foram abertamente favorecidas pelos demônios.

Os tempos de Sula foram tais que se começaram a desejar os anteriores, embora parecesse que ele era o seu vingador. Quando começou a dirigir o exército para Roma contra Mário, as entranhas da vítima imolada pareceram tão propícias, escreve Lívio, que o adivinho Postúmio queria que o condenassem à pena capital se Sula não conseguisse, com o apoio dos deuses, o que tinha em mente. Eis que *os deuses não tinham abandonado os seus santuários e os seus altares* quando prediziam o resultado dos acontecimentos sem se preocuparem em nada com a correção do próprio Sula. Prometiam com os seus presságios uma grande felicidade, mas não quebravam com ameaças a sua perversa cupidez.

Depois, quando estava na Ásia a conduzir a guerra contra Mitrídates, foi-lhe revelado por Júpiter, por intermédio de Lúcio Tício, que venceria Mitrídates. E assim aconteceu. Posteriormente, quando pensava voltar a Roma e vingar as injúrias recebidas e as dos amigos, no sangue dos cidadãos, de novo lhe foi revelado pelo mesmo Júpiter, por intermédio de um certo soldado da sexta legião, que antes tinha-lhe vaticinado a vitória sobre Mitrídates, mas que agora prometia-lhe o poder com que recuperaria de seus inimigos o governo (*rem publicam*) sem muito sangue. Então, tendo perguntado ao soldado que aspecto lhe parecia que tinha e tendo-o este indicado, Sula recordou-se que era o mesmo que apresentava o do vaticínio anterior quando lhe anunciou a vitória sobre Mitrídates.

Poderá dar-se resposta a isto: porque é que os deuses tiveram o cuidado de anunciar estes felizes acontecimentos e nenhum tratou de corrigir com uma advertência esse Sula que iria cometer, através de criminosa guerra civil, tão grandes males que não só macularam como também sufocaram por completo a república? Como tantas vezes disse, foi-nos dado a conhecer nas Escrituras Sagradas e os próprios fatos o indicam suficientemente, que esses deuses são demônios que tratam do seu negócio para serem tidos e venerados como deuses e serem obsequiados com ritos que tornam cúmplices os seus adoradores para que tenham com eles o mesmo péssimo veredito no juízo de Deus.

Depois, quando chegou a Tarento e lá ofereceu um sacrifício, Sula viu no vértice do fígado do vitelo a figura de uma coroa de ouro. Então Postúmio, o referido adivinho, declarou que lhe vaticinava uma gloriosa vitória e ordenou que só ele comesse daquelas vísceras. Passado um pequeno intervalo o escravo de um certo Lúcio Pôncio vaticinou aos gritos: *Sou mensageiro que venho de Bellona. A vitória é tua, Sula.* Em seguida acrescentou que o Capitólio iria arder. Dito isto, saiu imediatamente do acampamento e voltou no dia seguinte mais desembaraçado e gritou que o Capitólio tinha ardido. E na verdade o Capitólio tinha ardido. Na realidade a um demônio foi fácil prever e anunciar com rapidez o sucedido.

Repara bem nisto, por que tem o maior interesse para o assunto em causa: a que deuses desejam estarem sujeitos os que blasfemam do Salvador que retira do domínio dos demônios a vontade dos fiéis! Vaticinando, um homem gritou: *A vitória é tua, Sula!* E, para que se acreditasse que gritava por inspiração divina, predisse também um fato que iria desde já realizar-se e outro que acabava de se realizar muito longe donde estava o espírito que falava por seu intermédio. Todavia não gritou: *Abstenha-se de crimes, Sula!* Crimes horrendos que, uma vez vencedor, ali cometeu aquele a quem apareceu no fígado do vitelo uma coroa de ouro como símbolo evidentíssimo da sua vitória. Se tais sinais costumavam dar os deuses justos e não demônios ímpios, de certeza que o que aquelas entradas deveriam mos-

trar, eram nefastos acontecimentos e graves prejuízos para o próprio Sula. Nem efetivamente aquela vitória foi tão proveitosa para a sua glória quanto foi nociva a sua cupidez. Dela resultou que, ansiando pela glória e tendo-se exaltado e mergulhado na prosperidade, foi maior o dano que ele próprio sofreu nos seus costumes do que os danos que no corpo infligiu aos inimigos.

Estas coisas, na verdade tristes e dignas de dó, é que aqueles deuses não vaticinaram nas entradas do sacrifício, nos augúrios, nos sonhos ou vaticínios fosse de quem fosse. Tinham mais medo de serem corrigidos do que de serem vencidos. Mais ainda: faziam com que o glorioso vencedor dos seus concidadãos fosse vencido pelos seus nefandos crimes e deles cativo e por aí ficasse mais estreitamente submetido aos demônios.

CAPÍTULO XXV

Os espíritos malignos incitam as pessoas ao crime e, para que o cometam, apresentam-lhes a autoridade divina do seu exemplo.

Depois disto, quem não comprehende — a não ser aqueles que preferem imitar tais deuses a separar-se da sua companhia com a graça divina — quem não verá quanto estes espíritos malignos se esforçam por prestar pelo seu exemplo uma autoridade divina aos crimes?

Os próprios deuses foram surpreendidos a lutar uns com os outros numa ampla planície da Campânia, onde, não muito depois, os exércitos dos cidadãos se envolveram em terrível combate. Ouviu-se lá, primeiro um tremendo fragor e, logo depois, dizem muitos que viram lutar dois exércitos durante vários dias. Quando esta batalha findou, encontraram vestígios, tanto de homens como de cavalos, o que era de esperar de tal conflito. Se é verdade que os deuses lutaram entre si, então já se desculpam as guerras civis entre os homens; notando-se, todavia, até onde é que vai a malícia ou a miséria de tais deuses. Mas, se fingiram que batalhavam, que mais fizeram senão convencer os romanos de que, quando se envolvem em guerras civis a exemplo dos deuses, nada de criminoso cometem? É certo que já tinham começado as guerras civis; já dantes tinha havido, em batalhas nefandas, horrendas carnificinas; já a muitos comovera o caso de certo soldado que, ao despojar um morto, reconheceu no cadáver desnudado o seu próprio irmão e, amaldiçoando as guerras civis, aí a si mesmo se aniquilou e se juntou ao corpo do irmão. E, para que ninguém tivesse aversão a tamanho mal e antes o ardor das armas criminosas fosse aumentando cada vez mais, os nefastos demônios (que eles, tendo-os por deuses, entendiam que deviam louvar e venerar), quiseram mostrar-se perante os homens a lutar entre si, para que a sensibilidade cívica não receasse imitar tais pugnas, mas, pelo contrário, desculpasse o crime humano com o exemplo divino.

Com igual astúcia também os espíritos malignos exigiram que se lhes dedicassem e consagrasssem jogos cênicos, do que já falamos bastante. Aí se celebram as enormes imoralidades dos deuses com cânticos de cena e com representação de fábulas. Cada um poderá crer que eles fazem tais coisas; cada um poderá não o crer. Mas o certo é que vendo-os deliberadamente exibirem-se em tais atos, os imitará sem escrúpulos. E, para que ninguém julgasse que os poetas comemoravam as suas pugnas e infâmias em vez de proezas dignas deles, eles próprios confirmaram tais poemas para assegurarem o engano das pessoas. Confirmaram as suas pugnas não só nas representações teatrais, mas também mostrando-se aos olhos humanos no campo de batalha.

Fomos obrigados a dizer estas coisas porque os seus autores não tinham a menor dúvida em dizer e escrever que a República Romana, por causa dos péssimos costumes dos seus cidadãos, já se tinha perdido e dela já nada existia antes da vinda de Jesus Cristo Nosso Senhor. Não atribuem esta perda aos seus deuses. Mas imputam ao nosso Cristo os males transitórios que não podem causar a perdição dos bons, quer estes continuem a viver, quer lhes sucumbam. O certo é que o nosso Cristo frequentemente deu muitos preceitos contra os costumes depravados e a favor dos bons costumes; ao passo que os deuses não contribuíram com preceitos semelhantes a favor do seu povo fiel para que a república se não perdesse. Pelo contrário:

contribuíram até para a sua perda, corrompendo os seus costumes com a nociva autoridade dos seus exemplos.

Ninguém ousará, julgo eu, dizer que ela sucumbiu então, porque *Retiram-se todos abandonando altares e santuários, estes deuses*⁸⁹, como *amigos da virtude* que se sentiram ofendidos com os vícios humanos. Porque os inúmeros sinais das entradas, dos áugures, dos adivinhos com que mostravam o seu empenho em serem gabados e com que se vangloriavam da sua pretensa ciência do futuro e não menos pretensa ajuda nos combates, provam que eles sempre lá estiveram. Se na verdade tivessem partido, os romanos ter-se-iam sentido menos incitados à guerra civil pelas suas paixões do que efectivamente o foram por incitação dos deuses.

CAPÍTULO XXVI

Conselhos secretos dos deuses relativos aos bons costumes, ao mesmo tempo que, em público, se ensinava toda a casta de maldades nos atos de culto.

Estes é que são os fatos: a pedido dos próprios deuses (que se irritam com os que lhos recusam), em público e às claras faz-se o estendal das suas torpezas, com crimes à mistura, dos seus opróbrios e crimes reais ou fictícios. Consagram-lhos e dedicam-lhos em solemnidades previamente fixadas e estabelecidas. Apresentam-nos como

⁸⁹ *Discessere omnes adyti arisque relictis Di.* Virgílio, *Eneida*, II, 351-352.

exemplos a imitar e, como espetáculo, fazem-se desfilar perante os olhares de todos. Mas então como é que é isto? Os próprios demônios *que, nas representações, dão testemunho de que são eles os autores da vida criminosa e dissoluta com as suas infames façanhas reais ou simuladas; que solicitam os impudicos e coagem os pudicos a representarem-na como espetáculo*, como é possível que se apresentem estes mesmos a darem, nos mais secretos esconderijos dos seus santuários, não sei que preceitos morais a alguns iniciados escondidos? Se assim é, por isso mesmo há que evidenciar e confundir a barulhenta malícia dos espíritos nefastos. Tão grande é a força da probidade e da castidade que todo ou quase todo o ser humano aprecia no seu íntimo os elogios desta virtude e, por mais torpes que sejam os vícios que o dominaram, não chega a perder o sentido da honradez.

É por isso que a malignidade dos demônios, se não lhes acontece por vezes, como se diz nas nossas Escrituras, transformarem-se em anjos de luz, nunca cumprirão os seus planos de impostura. Cá fora, junto do povo, uma obscena impiedade ressoa em estrepitoso barulho; mas, lá dentro, uma castidade dissimulada dificilmente é ouvida de poucos. Mostra-se ao público o vergonhoso e o louvável fica secreto. Esconde-se o decoro, patenteia-se o indecoro. O mal que se pratica atrai todos os espectadores; o bem que se apregoa, dificilmente encontra alguns ouvintes, como se nos tivéssemos de enver-

gonhar das coisas honestas e vangloriar das desonestas. Mas onde é que isto se passa, senão nos templos dos demônios? Onde, senão nos antros da mentira? E faz-se isso para apanhar os mais honestos, que bem poucos são e faz-se isto para que se não corrijam os pervertidos, que são muitos.

Onde e quando recebem os iniciados da Deusa Celeste lições de castidade, ignoramos nós. Todavia, mesmo diante do seu templo, onde víamos levantada a sua imagem, todos acorrem de toda a parte, e cada um aí se aguenta de pé como pode; olhamos atentos para os jogos que se desenrolam, voltando os nossos olhos, ora para o cortejo das meretrizes, ora para a deusa virgem. Adoram-na com súplicas, mas perante ela celebram-se torpezas. Não vimos lá, nem histrião corado, nem atriz com vergonha.

Todos os papéis estavam repletos de obscenidades. Sabiam o que é que agradava a esta virginal divindade e exibia-se o que permitia a uma mulher casada voltar do templo muito *sabida*. Algumas, mais pudicas, desviavam os olhos dos gestos lascivos, mas com um olhar furtivo aprendiam artimanhas do vício. É certo que na presença dos homens se sentiam envergonhadas e não se atreviam a olhar à vontade para os gestos impudicos; mas ainda menos se atreviam a condenar na castidade do seu coração os ritos de uma divindade que elas veneravam. Era num templo que estas coisas eram ensinadas publicamente, mas, para se praticarem, procurava-se pelo menos um

lugar secreto, em casa. O pudor dos mortais (se, lá, algum pudor houvesse) ficaria muito admirado por os homens não cometerem livremente os atos vergonhosos que se aprendiam religiosamente junto dos deuses e que estes ordenavam se exibissem sob pena de virem a incorrer na sua cólera. Que outro espírito seria capaz de excitar as mentes pervertidas por um secreto instinto e impeli-las ao adulterio e a comprazer-se nele uma vez cometido, senão o que se compraz em tais ritos, levanta nos templos estátuas aos demônios, ama nos jogos as representações dos vícios, murmura em segredo palavras de justiça, para assim enganar alguns poucos bons e multiplica em público os incitamentos à perversão, para se assenhorear da multidão dos maus?

CAPÍTULO XXVII

Sob o pretexto de apaziguarem os deuses, os romanos, ao sacralizarem os jogos obscenos, destruíram a disciplina pública.

Túlio, homem grave, mas filósofo amador⁹⁰, quando estava para ser edil, clamou aos ouvidos da cidade que um dos seus deveres de

⁹⁰ Traduzi o termo *philosophaster* por filósofo amador. Tem causado embaraço a muitos autores o fato de Santo Agostinho, que nunca perde ocasião de manifestar a sua grande admiração por Cícero, lhe chamar depreciativamente *philosophaster*. Recusam-se por isso a admitir que ele tenha cometido tal irreverência, sendo nesta posição auxiliados por alguns códices que, em vez de *philosophaster* Tullius (como v. gr. o código de Córbia) trazem antes *Philosophus Tertullius* e traduzem Tertullius ora por grande, ora por bom, ou por grave e excuso (v. John Healy in *The City of God*, London, 1931; S. C. Giorgi in *La Città di Dio*, Firenze, 1931). Todavia, não me parecem justificados esses receios de que Santo Agostinho tenha sido irreverente para com Cícero pois a palavra *philosophaster* também significa

magistrado era o de apaziguar a deusa-mãe Flora com a celebração de jogos. Esses jogos costumavam ser celebrados tanto mais devotamente quanto mais torpes. Diz noutra altura, quando já era cônsul, por ocasião de um dos mais graves perigos da cidade, que, durante dez dias, foram realizados jogos sem ser omitido qualquer rito apropriado para apaziguar os deuses. Como se irritar tais deuses com a temperança não fosse preferível a aplacá-los com a luxúria e provocar a sua inimizade com a honradez não fosse preferível a amansá-los com tamanha dissolução!

Na realidade, esses homens, por causa dos quais se placavam os deuses, por muito atroz que fosse a sua ferocidade, não seriam mais nocivos do que os próprios deuses ao serem apaziguados com vícios tão repugnantes. Efetivamente, para desviarem o perigo com que o inimigo ameaçava os corpos, conciliavam-se os deuses por meios que arruinavam a virtude nas almas. Não se prestavam a serem defensores das muralhas contra os assaltantes senão depois de se terem tornado destruidores dos bons costumes.

Esta é a apaziguação de tais numes; a mais petulante, a mais impura, a mais impudente, a mais iníqua, a mais imunda; a louvável e instintiva virtude romana privou os seus atores de toda a dignidade, expulsou-os da tribo, declarou-os desonrados e taxou-os de infames.

filósofo amador, o que, de resto, calha bem, sem desprimo, ao grande escritor que foi Cícero. (V. sobre o assunto, M. Testard, *Saint Augustin et Cicéron*, Paris, 1958).

Esta é, repito, a impudica apaziguação de tais numes; desprezível, abominável, vergonha da verdadeira religião. Estas são as sedutoras fábulas ultrajantes para os deuses. Estes são os ignominiosos atos dos deuses; criminosa e vergonhosamente cometidos ou mais criminosa e vergonhosamente inventados. Era isto que toda a cidade aprendia publicamente pelos olhos e pelos ouvidos. Vendo que os deuses se compraziam com tais crimes, julgava que era preciso não só exibilos, mas também imitá-los. Não sei o que de bom e de honesto se ensinava (se é que se ensinava) a tão poucos e tão ocultamente que mais se temia que fosse conhecido do que infringido.

CAPÍTULO XXVIII

Caráter salvífico da religião cristã.

Ao verem que, pelo nome de Cristo, as pessoas se libertavam do jugo infernal dessas potestades imundas e da sua comunidade de castigo, ao verem que as pessoas passavam da perniciosíssima noite da impiedade para a luz salutar da piedade, os iníquos e ingratos, profunda e enraizadamente possuídos por esses espíritos nefastos, lastimam-se e murmuram.

E isto porque as multidões afluem às igrejas, formam uma casta assembleia com uma separação honesta de sexos; ali aprendem como se deve viver virtuosamente no tempo para, depois da morte, se merecer a felicidade na eternidade; ali, na presença de todos e de um

lugar elevado, se proclamava a Santa Escritura; os que a não cumprem, ouvem-na para castigo. Se por acaso, ali acorrem alguns zombadores de tais preceitos, toda a sua petulância em repentina mudança se desvanece ou é reprimida pelo temor e pelo respeito. Efetivamente, ali nada de vergonhoso, nada de vicioso é proposto para ser visto ou para ser imitado; ali se inculcam os preceitos e se contam os milagres do verdadeiro Deus; ali se louvam os seus dons ou se solicitam as suas graças.

CAPÍTULO XXIX

Exortação aos romanos para que abandonem o culto aos deuses.

Cobice antes estes bens, ó louvável índole romana, ó raça dos Régulos, dos Cévolas, dos Cipões, dos Fabrícios. Cobice antes estes bens. Distingua-os daquela torpíssima vaidade, da tão falaz malignidade dos demônios. Se em ti algo de louvável sobressai, só pela verdadeira piedade pode ser purificado e aperfeiçoado, mas perde-se ou arruína-se pela impiedade. Escolhe agora já o caminho a seguir, para que, sem resquícios de erro, sejas louvada, não em ti, mas em Deus verdadeiro. Tiveste outrora glória entre os povos, mas, por um secreto desígnio da Providência divina, faltou-te o poder de escolher a verdadeira religião. Acorda! É dia! Acorda como acordaste em alguns de teus filhos, de cuja virtude perfeita e sofrimentos suportados pela verdadeira fé nos gloriamos. Lutaram até ao fim contra as mais

hostis potências. Triunfaram morrendo valorosamente os que *pelo seu sangue nos geraram esta pátria*⁹¹. Para esta pátria te convidamos e exortamos. Junta-te ao número dos seus cidadãos porque ela tem como que por asilo a verdadeira remissão dos seus pecados. Não ouças os teus filhos degenerados que caluniam Cristo e os cristãos, pretendendo responsabilizá-los por estes tempos de desgraça e que buscam o tempo de gozar, não uma vida tranquila, mas antes o vício, em segurança. Jamais te satisfizeram esses tempos, nem mesmo para a tua pátria terrena. Apodera-te agora já da pátria celeste. Por ela pouco trabalharás e nela reinarás na verdade e para sempre. Aí não terás o fogo de Vesta nem a pedra do Capitólio, mas o único e verdadeiro Deus que *não porá limites nem ao teu espaço nem à tua duração. E dar-te-á um império sem fim*⁹².

Não procures os deuses falsos e enganosos. Rejeita-os e despreza-os. Atira-te para a verdadeira liberdade. Não são deuses. São espíritos perversos, para quem a tua felicidade eterna é a sua pena. Parece que Juno não invejou tanto aos troianos (de quem tiras a origem carnal) as fortalezas romanas, como estes demônios (que até agora consideras deuses) invejam a todo o ser humano as moradas eternas. Tu própria formaste, em parte não pequena, um juízo de tais espíritos, quando os aplacaste com jogos mas quiseste que fossem

⁹¹ ... sanguine nobis. Hanc patriam peperere suo... Virgílio, *Eneida*, XI, 24-25.

⁹² ... nec metas rerum nec tempore ponit: Imperium sine fine dabit... Virgílio, *Eneida*, I, 278-279.

considerados infames os histriones que os representassem. Reclama a tua liberdade contra os espíritos imundos que põem sobre os teus ombros a carga de consagrar festas às suas ignomínias. Afastaste dos cargos honoríficos os atores dos crimes divinos; suplica ao verdadeiro Deus que afaste de ti estes deuses que se deleitam com os seus próprios crimes, quer verdadeiros — o que é o máximo da ignomínia — quer falsos — o que é o máximo da perversidade. Muito bem, por espontaneamente teres recusado o acesso à sociedade civil aos histriones e aos cínicos! Acorda a valer! De modo nenhum a majestade divina se aplaca com artes que maculam a dignidade humana. Como pode, entre as Santas Potestades celestes colocar deuses que se deleitam com tais honras, ao mesmo tempo em que, os homens encarregados de lhes oferecerem essas homenagens, os consideras como não devendo ser contados no número dos cidadãos romanos de qualquer classe?

Incomparavelmente mais gloriosa é a cidade do Alto, onde a vitória é a verdade, onde a dignidade é a santidade, onde a paz é a felicidade, onde a vida é a eternidade. Se te envergonhas de teres tais homens na tua sociedade, muito menos terá ela tais deuses na sua. Se, portanto, desejas chegar à cidade bem-aventurada, evita a sociedade dos demônios. É indigno, que sejam venerados por gente honesta, aqueles que são aplacados por gente desprezível. Sejam, pois,

afastados da tua piedade pela purificação cristã, tal qual como os afastou das tuas dignidades a nota do censor.

Quanto aos bens carnais, únicos de que os maus querem gozar, e quanto aos males carnais, únicos que não querem suportar, os demônios não têm sobre eles o poder que se lhes atribui. (E, mesmo que o tivessem, seria preferível desprezar esses bens a, por causa deles, prestar-lhes culto e, prestando-lhes culto, pormo-nos na impossibilidade de chegar aos bens que eles nos invejam). Mas eles não têm nos bens de cá o poder que lhes atribuem aqueles que sustentam que é preciso venerá-los no interesse desses bens. Vê-lo-emos mais tarde.

Por agora, ponho termo a este livro.

Livro III - Os romanos e seus falsos deuses

Após ter falado no livro precedente dos males que visam a alma e os costumes, Santo Agostinho considera aqui os males que visam o corpo e as coisas exteriores. Ele mostra que os romanos, desde o início tiveram que suportar este tipo de males, sem que os falsos deuses — que eles adoravam livremente antes do advento de Cristo — fossem capazes de livrá-los deles.

CAPÍTULO I

Únicos males de que os maus têm medo e de que o mundo sempre padeceu quando prestava culto aos deuses.

Julgo que já disse o bastante acerca dos males morais e do espírito que é preciso evitar a todo o custo, acerca dos deuses que nada fizeram para aliviar o peso destes males que acabrunhavam o seu povo de adoradores e acerca dos esforços que, pelo contrário, dispenderam para os tornarem ainda mais pesados.

Creio que agora devo falar dos únicos males que os pagãos não querem suportar, que são: a fome e a doença, a guerra e a espoliação, o cativeiro e as carnificinas e outros que tais, que tratamos no livro primeiro. De fato os únicos males que os maus julgam maus são os que não fazem maus; mas não se envergonham de, entre os bens que louvam, serem eles, os maus, que os louvam. Sentem-se mais contrariados por terem uma casa de campo má do que por terem uma má vida, como se o maior bem do ser humano consistisse em ter todas as coisas, salvo ele próprio, boas.

Mas os seus deuses, quando eram por eles livremente adorados, não se opuseram a que tais males — únicos que receiam — lhes acontecessem. Efetivamente, em vários lugares e através de vários tempos, antes da vinda do nosso Redentor, inúmeros e incríveis flagelos atormentaram o gênero humano. Mas, que outros deuses, além destes deuses, adorava então o mundo, à exceção apenas do povo hebreu e, fora deste povo, alguns que, em qualquer parte, por um ocultíssimo e justíssimo desígnio de Deus foram considerados dignos da graça divina?

Mas, para não me alongar demasiadamente, omitirei os gravíssimos males que em toda a parte aconteceram a outros povos. Falarei apenas do que respeito a Roma e ao Império Romano, isto é à própria Cidade e às nações a ela ligadas, quer por uma confederação, quer na condição de submetidas. Todas estas nações sofreram tais males antes da vinda de Cristo, quando, por assim dizer, pertenciam já ao Corpo da República Romana.

CAPÍTULO II

Tiveram os deuses, que eram adorados igualmente por romanos e gregos, motivos para permitirem a destruição de Tróia?

Antes de mais nada, porque é que Tróia, ou Ílion, donde provém o povo rômano (não se deve escamotear nem dissimular o que já abordei no livro primeiro), foi vencida, tomada e destruída pelos gre-

gos, tendo e adorando ela os mesmos deuses? Príamo, dizem, teve que pagar os perjúrios de Laomedonte, seu pai.⁹³

É então verdade que Apolo e Netuno trabalharam a soldo desse Laomedonte? Na verdade, parece que este lhes prometeu uma recompensa e depois jurou que isso era falso. Admira-me que Apolo, apelidado de adivinho, tenha executado um tão grande trabalho sem saber que Laomedonte havia de se recusar a cumprir o prometido. Até porque, não fica bem que desconheça o futuro o próprio Netuno, seu tio, irmão de Júpiter e rei do mar. Efetivamente, Homero, que, dizem, viveu antes da fundação de Roma, apresenta este Deus fazendo uma profecia importante acerca da estirpe de Enéias, por cujos descendentes Roma foi fundada e dizem até que cobriu Enéias com uma nuvem, para que não fosse morto por Aquiles. Isto mesmo é confessado em Virgílio: (*Netuno*) *desejava destruir pela raiz as muralhas da perjura Tróia, construídas por suas próprias mãos*⁹⁴.

Assim, tão grandes deuses — Netuno e Apolo — ignorando que Laomedonte lhes recusaria a recompensa, tornaram-se, para os ingratos, em construtores gratuitos da muralha de Tróia. Vejam se

⁹³ Nesta passagem Santo Agostinho tinha em mente os versos ... *Satis jampridem sanguitie nostro Laomedontae luimus perjura Troiae.* (Como o nosso sangue já expiámos bastante os perjúrios da Tróia de Laomedonte). Virgílio, *Georgicas*, I, 501-502. Segundo a lenda Laomedonte, rei de Tróia, mandou construir por Apolo e Poseidon os muros de Pérgamo; mas chegada a altura do pagamento da obra, aquele negou-se ao pagamento da recompensa com estes ajustada.

⁹⁴ ... *cuperet cum vertere ab imo Structa suis manibus perjuriae moenia Troiae.* Virgílio, *Eneida*, V, 810-811.

não será mais grave acreditar em tais deuses do que a tais deuses prestar falso juramento.

O próprio Homero — que nos apresenta Netuno combatendo contra os Troianos e Apolo a seu favor quando, segundo narra a fábula, ambos foram ofendidos pelo dito perjúrio — não acredita facilmente nisso.

Se acreditam em fábulas não ponham como pretexto os perjúrios de Tróia ou então não se admirem de que os deuses tenham castigado os perjúrios de Tróia e tenham amado os de Roma. Efetivamente, como é que a conjuração de Catilina encontrou, numa cidade tão grande e tão corrompida, tantos partidários que viviam da sua mão e da sua eloquência, isto é: do perjúrio e do sangue dos cidadãos? E os senadores, tantas vezes corrompidos nos pleitos e o povo, tantas vezes comprado nos comícios e nos pleitos debatidos em assembleias, que mais fizeram senão cometer o pecado do perjúrio? Porque em tão corrompidos costumes ainda se conservou o antigo costume do jurar, não para impedir os crimes pelo temor religioso, mas para juntar aos outros crimes o de perjúrio.

CAPÍTULO III

Os deuses não podiam ser ofendidos pelo adultério de Páris, pois que, conta-se, entre eles o adultério era frequente.

Não há, pois, qualquer razão para que os deuses — pelos quais, como dizem, aquele império se mantinha — se fingensem irados contra os troianos perjuros, porque está provado que foram vencidos pelos gregos por serem mais fortes. Nem se indignaram com o adultério de Páris a ponto de abandonarem Tróia, como, por sua vez, alguns pretendem. É que eles é que costumam ser os instigadores e mestres dos pecados e não os seus vingadores.

Diz Salústio: *Como a tradição me ensinou, foram os troianos que, errantes e vagabundeando de terra em terra sob o comando de Enéias, construíram e habitaram, no princípio, a cidade de Roma*⁹⁵.

Se, portanto, os deuses julgaram que deviam punir o adultério de Páris, deveriam ter punido mais severamente, ou pelo menos da mesma forma, os romanos, pois a mãe de Enéias fez o mesmo. Mas, como poderiam eles detestar naquele tal crime que não detestaram na sua companheira Vênus (para não dizer outras coisas mais); já que ela o cometeu com Anquises vindo daí a nascer Enéias? Será porque aquele fato causou a indignação de Menelau e aquele outro foi com a aquiescência de Vulcano? De resto, julgo eu, os deuses não têm ciú-

⁹⁵ *urbem Romam, sicuti ego accepi, condidere et habuere initio Trojani, qui Aenea duce profugi sedibus incertis vagantur.* Salústio, Catilin, VI, 1.

mes de suas esposas, pois até consideram conveniente tê-las em comum com os homens. Talvez se pense que zombo das fábulas e que não trato a sério questão de tanta monta. Não acreditemos, por favor, que Enéias seja filho de Vênus! Concedo-o contanto que Rômulo também não seja filho de Marte. Mas se admitimos um, porque é que não admitimos o outro?

Será que é lícito aos deuses unirem-se às mulheres e ilícito aos homens unirem-se às deusas? Dura, ou antes, incrível, condição esta: que seja permitido a Marte o coito, à custa dum direito de Vênus e não o seja a Vênus, no exercício do seu próprio direito. Mas ambos os casos são confirmados pela autoridade romana. Mais perto de nós César não teve por menos certo que Vênus fosse sua avoenga do que o antigo Rômulo tivesse Marte por pai.

CAPÍTULO IV

Opinião de Varrão, segundo a qual é útil que os homens se digam, embora mentindo, filhos dos deuses.

Alguém me perguntará: então tu acreditas nessas coisas? Claro que não acredito. O próprio Varrão, o mais douto dos seus varões, embora com falta de coragem e de firmeza, quase que confessa que são falsas. Diz, contudo, que é útil às cidades que os homens superiores se considerem filhos dos deuses, mesmo que isso seja falso, para que, deste modo, o espírito humano, cheio de confiança na sua pre-

tensamente divina origem, conceba com audácia grandes projetos, atue com mais energia e por isso os realize com mais sucesso.

Esta maneira de pensar de Varrão, expressa como me foi possível por palavras minhas, já vês que larga porta abre à mentira. Ela nos faz compreender quantos ritos ditos religiosos podem ter sido inventados desde o momento em que se julgou que as mentiras acerca dos deuses seriam úteis aos cidadãos.

CAPÍTULO V

Não está provado que os deuses tenham punido o adultério de Páris, pois não se vingaram do da mãe de Rômulo.

Mas, ponhamos de parte se Vênus teria gerado Enéias da sua união com Anquises, ou se, da união com a filha de Númitor, Marte teria gerado Rômulo.

Uma questão semelhante se levanta nas nossas Escrituras. Ne-las se pergunta se os anjos prevaricadores se uniram às filhas dos homens, nascendo daí os gigantes, isto é, os homens de grande estatura e grande força que então povoaram a Terra.

Por agora, limitamo-nos a esclarecer este duplo problema: se é verdade o que entre eles se lê acerca da mãe de Enéias e do pai de Rômulo, como é que podem desagradar aos deuses os adultérios dos homens, se eles os praticam entre si de mútuo acordo? Se, porém, é falso, não podem então irritar-se com os verdadeiros adultérios dos

humanos, eles que se comprazem com os falsos deles. A isto acresce que, se não se acredita no adultério de Marte para se não crer também no de Vênus, não há qualquer razão para sustentar que a mãe de Rômulo exerceu o coito com um ser divino. Ela era vestal. Por isso os deuses deveriam vingar nos romanos este infame sacrilégio mais severamente do que vingaram o adultério de Páris nos troianos. Na verdade os próprios antigos romanos enterravam vivas as vestais surpreendidas em flagrante crime de fornicação, ao passo que, condenando-as embora, não puniam com a morte as mulheres adúlteras. Chegavam a defender mais severamente os santuários, que consideravam divinos, do que os leitos conjugais humanos.

CAPÍTULO VI

Os deuses não se vingaram do fraticídio de Rômulo⁹⁶.

Acrescento ainda que, se os crimes dos homens desagradaram a esses numes de tal maneira que, ofendidos pelo ato de Páris, abandonaram Tróia ao ferro e ao fogo, mais os deveria mover contra os romanos o fraticídio de Rômulo do que contra os troianos o ultraje de um marido. Era mais de provocar a cólera o fraticídio numa cidade que nascia do que o adultério numa cidade que reinava. Nem interessava à questão de que tratamos, se Rômulo teria feito ou mandado fazer

⁹⁶ Segundo a lenda Rômulo, fundador de Roma, matou seu irmão Remo, também da mesma cidade cofundador.

o que muitos negam por impudência, muitos põem em dúvida por vergonha e muitos dissimulam por desgosto. É notório o que consta: que o irmão de Rômulo não foi assassinado por inimigos nem por estrangeiros. Se Rômulo o perpetrhou ou ordenou, o que é certo é que ele era chefe dos romanos, mais do que Páris o era dos troianos. Porque é que então o raptor da esposa de outrem provocou a ira dos deuses contra os troianos e este matador de seu irmão atraiu a proteção dos mesmos deuses para os romanos? Mas, se aquele crime é alheio a ato ou a ordem de Rômulo, então, porque sem dúvida ele deve ser punido, foi toda a cidade que o cometeu, uma vez que não lhe ligou importância e a cidade matou, não apenas um irmão, mas, o que é pior, um pai. Efetivamente, tanto um como o outro foram seu fundador, embora um tenha sido impedido de reinar por ter sido suprimido criminosamente.

Não se vê, parece-me, o que Tróia fez de mal para merecer que os deuses a abandonassem e permitissem a sua destruição e o que é que Roma fez de bom para os deuses habitarem nela e permitirem o seu progresso. A não ser que tenha sido porque, tendo fugido vencidos de Tróia, buscaram entre os romanos refúgio para os enganarem de maneira idêntica. Pior ainda: mantiveram-se lá (em Tróia) para enganarem, como era seu hábito, os que iam agora habitar as mesmas terras e cá (em Roma), exercendo ainda melhor os mesmos artifícios da sua esperteza, recolheram as maiores honrarias.

CAPÍTULO VII

Destruição de Tróia, consumada por Fímbria, general de Mário.

De fato, quando já tinham deflagrado as guerras civis, que é que de detestável tinha cometido Tróia para ser destruída, com mais ferocidade e crueldade do que outrora pelos gregos, por Fímbria, o pior dos partidários de Mário? Porque então, muitos puderam fugir dela e muitos outros feitos prisioneiros, embora na servidão, pelo menos viveram.

Mas Fímbria logo de início publicou um edito para a ninguém se poupar e queimou toda a cidade e todos os homens que nela estavam. Isto mereceu Ílion, não dos gregos, a quem tinha irritado com a sua iniquidade, mas dos romanos nascidos da sua desgraça.

Mas os deuses, que eram comuns, nada fizeram ou nada puderam, esta é que é a verdade, para afastarem a desgraça. Será que então *se retiraram todos, abandonando altares e santuários, estes deuses*⁹⁷, que mantinham erguida aquela fortaleza restaurada depois do incêndio e da destruição dos antigos gregos? Mas, se eles se retiraram, eu pergunto qual a razão e, na verdade, acho tanto melhor a dos habitantes quanto pior a dos deuses. Efetivamente, aqueles fecharam as portas da cidade a Fímbria para a guardarem intacta para Sula. Por isso Fímbria, furioso, queimou-os, ou antes, aniquilou-os completa-

⁹⁷ *Abscessere omnes adytis arisque relicitis Di,...* Virgílio, *Eneida*, II, 351-352.

mente. Até então, Sula era o chefe do melhor partido político. Até então, pretendia recuperar pelas armas a República. Ainda não tinham surgido os maus resultados destes bons começos. Que podiam, pois, fazer de melhor os cidadãos daquela cidade? Que coisa mais honesta, mais fiel, mais digna da sua estirpe romana do que conservar a cidade para a melhor causa dos romanos e fechar as portas ao parricida da República Romana?

Mas, olhai, defensores dos deuses, em que tamanha desgraça se lhes converteu essa decisão! Os deuses abandonaram os adúlteros e entregaram Ílion às chamas dos gregos para que das suas cinzas nascesse uma Roma mais casta. Mas, porque é que depois abandonaram essa mesma cidade, aparentada com os romanos, que não se revoltou contra Roma, sua nobre filha, mas antes guardou a mais constante e religiosa fidelidade ao seu partido mais justo? E porque é que deixaram que ela fosse destruída não pelos fortes varões gregos, mas sim pelo mais imundo dos romanos? Se desagradava aos deuses a causa dos partidários de Sula, a favor do qual aqueles desgraçados conservaram a cidade, fechando-lhe as portas, porque então prometeram e predisseram eles a Sula tamanhos sucessos? Não se reconhecem aqui os aduladores dos felizes, mais do que os defensores dos infelizes? Mesmo então Ílion não foi destruída devido ao abandono dos deuses. Com efeito, os demônios sempre vigilantes para enganarem, fizeram o que puderam. Todas as suas estátuas foram derrubadas e queimadas

com a cidade. Apenas, como escreve Lívio, se mantém íntegra, em tamanha ruína do seu templo, a de Minerva, não para que se diga em seu louvor: *Ó deuses pátrios sob cuja proteção está sempre Tróia*⁹⁸, mas para que se não diga em sua defesa: *Retiraram-se todos, abandonando altares e santuários, estes deuses.* Na realidade, o que lhes foi permitido fazer, não era destinado a provar o seu poder, mas a mostrar a sua presença.

CAPÍTULO VIII

Deveria Roma confiar nos deuses de Ílion?

Com que prudência, depois do exemplo de Tróia, acabou Roma por confiar a sua guarda aos deuses de Tróia! Alguém dirá que eles já se tinham habituado a habitar em Roma quando Ílion caiu sob os ataques de Fímbria. Porque é que então se manteve de pé a estátua de Minerva? Se estavam em Roma quando Fímbria destruiu Ílion, então talvez estivessem em Ílion quando Roma foi tomada e incendiada pelos Gauleses! Mas, como têm um ouvido agudíssimo e são ligeiríssimos nos seus movimentos, depressa voltaram, ao gransnar dos gansos, para salvarem pelo menos a colina Capitolina que se tinha a-guentado. De resto, para virem defender o resto da cidade, foram avisados tarde demais!

⁹⁸ *Di patrii, quorum semper sub numine Troja est.* Id. Ib. IX, 247.

CAPÍTULO IX

Deverá considerar-se como um dom dos deuses a paz que se verificou durante o reinado de Numa?

Creem eles ainda que Numa Pompílio, sucessor de Rômulo, foi ajudado pelos deuses a manter a paz durante todo o decurso do seu reinado e a manter fechadas as portas de Jano, que costumavam estar abertas em tempo de guerra, precisamente porque instituiu entre os romanos muitos ritos sagrados.

Dever-se-ia agradecer àquele homem por tamanho sossego, se ele tivesse sabido consagrá-lo a tarefas salutares e se, renunciando a uma perniciosíssima curiosidade, procurasse o verdadeiro Deus com verdadeira piedade. Não foram, porém, os deuses que concederam aquele sossego, mas provavelmente tê-lo-iam enganado menos se o não tivessem encontrado ocioso! É que, quanto menos ocupado o encontraram, tanto mais o ocuparam eles.

Conta-nos Varrão o que é que ele maquinava e com que habilidades poderiam associar-se ele e a sua cidade a tais deuses. Mas se ele terá agradado ao Senhor, é assunto que será tratado mais pormenorizadamente na sua altura. Por agora, trata-se dos benefícios dos deuses. E é um grande benefício a paz, mas é um benefício do verdadeiro Deus, como o sol, como a chuva e as outras vantagens da vida, que, em muitos casos, beneficiam também os ingratos e os perversos.

Mas, se foram os deuses que concederam a Roma e a Pompílio esse tão grande benefício, porque é que nunca mais o concederam ao império romano durante os períodos mais dignos de louvor? Será que os ritos sagrados, quando foram instituídos, eram mais úteis do que, quando já instituídos, se celebravam? Realmente, eles ainda não existiam então e começaram a existir desde que se acrescentaram ao culto. Mas depois já existiam e eram observados em vista da sua eficácia.

Como é então que aqueles quarenta e três anos, ou trinta e nove, como querem outros, passaram em tão longa paz quando reinava Numa, e depois, apesar da celebração dos ritos, apesar do convite aos deuses para lhes presidirem, apesar da sua proteção e da sua defesa, durante o longo período que se estende da fundação de Roma até Augusto, se assinala como uma grande maravilha, apenas um ano durante o qual, após a Primeira Guerra Púnica, os romanos puderam fechar as portas da guerra?

CAPÍTULO X

Seria de desejar que o Império Romano crescesse à custa de tantas guerras, quando poderia manter-se em paz e segurança com o mesmo zelo que tinha havido no reino de Numa?

Responderão que o Império Romano não poderia alargar-se até tão distantes e largas paragens, nem adquiriria fama por tão elevada glória, se não fossem as guerras que continuadamente se foram suce-

dendo. Bela razão, não há dúvida! Porque é que o império, para ser grande tem que ser agitado? Não será melhor para os corpos humanos uma estatura pequena com saúde do que uma gigantesca corpulência com permanentes achaques e, depois de a atingir, não encontrar repouso, mas ser molestado por males tanto maiores quanto maiores são os membros?

Ora que mal haveria, ou melhor, como seria bom que se mantivessem os tempos a que se refere Salústio ao dizer em resumo: *No princípio os reis*⁹⁹ (de fato foi este o primeiro nome da autoridade na terra) *eram diferentes; uns exercitavam o espírito, outros os corpos.* *Naquela época, a vida humana desenvolvia-se sem cupidez, contendo-se cada um com o que possuía*¹⁰⁰.

Será que, para dilatar tanto o Império, era preciso que acontecesse o que Virgílio lamenta quando diz: *Pouco a pouco uma época pior e descolorida foi chegando e chegou a fúria das guerras e a paixão da posse*¹⁰¹.

Claro que os romanos têm uma boa defesa por terem empreendido e conduzido tão grandes guerras; eram obrigados, pois que inimigos sobre eles injustamente irrompiam, a resistir, não por avidez da conquista de glória humana, mas por necessidade de defesa da

⁹⁹ *Igitur initio reges.*

¹⁰⁰ *diversi pars ingenium, alii corpus exercebant; etiam turn vita hominum sine cupiditate agitabatur, sua cuique satis placebant.* Salustio, *Catilina*, VI, 3-5.

¹⁰¹ *Deterior donec paulatim ac decolor aetas, Et belli rabies et amor successit habendi?* Virgílio, *Eneida*, VIII, 326-327.

vida e da liberdade. Pois seja assim. De fato o próprio Salústio escreve: *Quando o estado se desenvolveu sob o ponto de vista da legislação, dos costumes, do território e pareceu bastante próspero e floriente, a sua opulência, como acontece às coisas humanas, provocou a inveja. Por isso, os reis e povos vizinhos começaram com guerras e poucos dos seus amigos foram em seu auxílio, porque os outros, atingidos pelo medo, afastaram-se do perigo. Mas os Romanos, sempre atentos, tanto na paz como na guerra, movem-se rapidamente, preparam-se, animam-se uns aos outros, correm ao encontro do inimigo, protegem com as armas a liberdade, a pátria e a família. Uma vez afastado corajosamente o perigo, correm em auxílio dos seus aliados e amigos e celebram alianças, mais prestando do que recebendo benefícios*¹⁰².

Roma, com estes métodos, cresceu com dignidade.

Mas, quando reinava Numa, para que tão longa paz houvesse, acaso os povos faziam excursões injustas, incitando-os à guerra? Ou antes, porque nada disto aconteceu, é que se pôde conservar aquela paz?

¹⁰² Postquam res comm legibus, moribus, agris aucta, satis prospera, satisque pollens videbatur, sicut pleraque mortalium habentur, invidia ex opulentia orta est. Igitur reges populiq fmitimi bello temptare; paucis ex amiás auxilio esse: tiam ceteri metu perculti a periculis aberant. At Romani domi militiaeque intenti festinare, parare, aliis alium hortari, hostibus obviām ire; libertatem, patriam, parentesque armis tegere. Post ubi pericula virtute propulerant, sodis at que amicis auxilia portabant magisque dandis quam acdpendis beneficiis parabant. Salústio, Catilina, VI, 3-5.

Se, de fato, Roma era então inquietada por guerras, mas às armas não opunha armas, que meios utilizou para que os seus inimigos, sem terem sido vencidos em combate nem aterrados em ofensiva guerreira, se mantivessem calmos? Roma devia ter usado sempre destes processos e reinaria sempre na paz, mantendo fechadas as portas de Jano. Se isso não esteve ao seu alcance, é porque Roma não conservou a paz enquanto os deuses o quiseram, mas sim enquanto os vizinhos preferiram não a provocar com nenhum ataque. A não ser que, por acaso, tais deuses tenham ousado vender ao homem o que depende do querer ou do não querer de outro homem!

É de fato interessante saber até que ponto é permitido a estes demônios amedrontarem ou excitarem as mentes, já de si corrompidas com os vícios que lhes são próprios. Mas, se isso lhes fosse sempre possível sem tomarem outras decisões, movidos frequentemente por uma força superior e oculta contrária às pretensões dos deuses, teriam sempre à sua disposição o poder de concederem períodos de paz ou de vitórias na guerra, realidades que dependem quase sempre das paixões humanas. A maior parte das vezes, todavia, estes acontecimentos produzem-se contra a sua vontade, como o asseguram, não as fábulas mentirosas, que apenas insinuam ou significam algo de verdadeiro, mas sim a própria história de Roma.

CAPÍTULO XI

As lágrimas da estátua de Apolo Cumano revelaram, julgou-se, a derrota dos gregos, ao quais ele não pôde prestar ajuda.

Não se sabe por que outro motivo esse Apolo de Cumas tivesse chorado durante quatro dias quando decorria a guerra contra os Aqueus e o rei Aristônico. Aterrados com este prodígio, os arúspices julgaram que a sua imagem devia ser lançada ao mar. Mas os velhos cumanos opuseram-se e contaram que um prodígio semelhante ocorreria com a mesma imagem quando da guerra contra Antíoco e Perseu e testemunharam que, por essa guerra ter chegado ao fim com felicidade para os romanos, um senato-consulto ordenou que se mandassem presentes ao mesmo Apolo. Chamaram-se então outros arúspices tidos por mais hábeis. Estes responderam que as lágrimas da imagem de Apolo eram favoráveis aos Romanos, visto Cumas ser uma colônia grega e que, chorando, Apolo anunciava o luto e a derrota nas terras donde o tinham feito vir, isto é, da própria Grécia. Em breve foi anunciado que o rei Aristônico tinha sido vencido e aprisionado. É evidente que Apolo não queria esta derrota, dela se doía e até o mostrava com as lágrimas da sua imagem de pedra.

Daqui se conclui que não é por vezes sem justeza, que em seus poemas, lendários sem dúvida, mas próximos da verdade, os poetas descrevem os costumes dos demônios. Assim, em Virgílio, Diana lamenta a sorte de Camila e Hércules chora Palas que vai morrer. É

por isso que talvez Numa Pompílio, gozando de longa paz sem saber nem procurar saber a quem a devia, perguntava durante os seus lazeres, a que deuses confiaria o cuidado de vigiarem pela salvação dos romanos e do seu reino. Mas, julgando que o verdadeiro, supremo e omnipotente Deus não curava das coisas terrestres, recordou-se de que os deuses troianos trazidos por Enéias não tinham podido salvar por muito tempo nem o reino de Tróia nem o de Lavínio fundado pelo próprio Enéias e julgou que devia procurar outros protetores, que juntou aos anteriores; quer aos que já tinham passado para Roma com Rômulo, quer aos que haviam de passar quando Alba foi destruída, para deles fazer os custódios dos fugitivos ou os auxiliares dos inválidos.

CAPÍTULO XII

Quantos deuses acrescentaram os romanos contra a Constituição de Numa, cuja multidão em nada os ajudou.

Todavia, Roma não se dignou contentar-se com esses cultos tão numerosos que Pompílio aí havia constituído. Efetivamente, ainda não tinha o principal templo do próprio Júpiter. Foi o rei Tarquínio quem construiu o Capitólio. Esculápio veio do Epidauro para Roma para exercer gloriosamente, na mais nobre das cidades, a sua arte como médico habilíssimo. Também a mãe dos deuses chegou não sei donde de Pessinunte. Era, de fato, indigno que seu filho já presidissem

na colina do Capitólio e ela ficasse escondida num lugar ignorado. Pois, se ela era a mãe de todos os deuses, não só seguiu alguns dos seus filhos para Roma, como também precedeu outros que haviam de segui-la. Sem dúvida que me surpreende que ela tenha gerado Cinocefalo que veio do Egito muito mais tarde. Se também dela nasceu a deusa Febre, o seu bisneto Esculápio o dirá. Mas de quem quer que ela tenha nascido, penso que os deuses estrangeiros não ousarão classificar de baixo nascimento uma deusa cidadã romana. Portanto, Roma, posta sob a proteção de tantos deuses — quem os poderá enumerar? Nativos e estrangeiros, celestes e terrestres, infernais e marinheiros, deuses das fontes e dos rios e, como diz Varrão, certos e incertos e, em todos os gêneros de deuses, machos e fêmeas como os animais — posta portanto sob a proteção de tantos deuses, Roma não poderia ter sido sacudida nem castigada por tão grandes e horríveis catástrofes, das quais, que muitas são, vou rememorar algumas, poucas.

Realmente, com grande fumarada congregou, como a sinal dado, um tão exagerado número de deuses para a sua proteção. Instituindo e sustentando-lhes templos e altares, sacrifícios e sacerdotes, ofendia o verdadeiro Deus supremo, único a quem são legitimamente devidas estas homenagens. Com certeza que a sua vida seria mais feliz com menos deuses, mas, quanto mais crescia, mais ela julgava que devia admitir, tal como um grande navio reclama mais marinhei-

ros, perdendo a esperança, julgo eu, de que esse reduzido número de deuses, sob os quais a sua vida foi melhor, em comparação com a sua queda posterior, pudesse constituir uma ajuda eficaz para a sua grandeza.

Efetivamente, já sob os reis, à exceção de Numa Pompílio, de quem acabo de falar, que desgraça tamanha não ocasionou aquela luta de rivalidades que obrigou a dar a morte ao irmão de Rômulo!

CAPÍTULO XIII

Com que direito, por que tratado obtiveram os romanos as primeiras mulheres em casamento.

Como é que nem Juno que, com o seu Júpiter, já favorecia, os romanos, senhores da terra, povo togado¹⁰³ nem a própria Vênus pôde ajudar os seus enéadas¹⁰⁴ para que merecessem casamentos segundo o bom e legítimo costume? Como é que desta falta resultou calamidade tamanha que tiveram de, com dolo, as raptar e, seguidamente, foram coagidos a lutar com os sogros, de modo que as míseras das mulheres, ainda não reconciliadas com os maridos, em consequência daquele ultraje, já «recebiam em dote o sangue dos pais»? É certo que os romanos, neste conflito, venceram os seus vizinhos. Mas à custa de quantas e quão graves feridas de parte a parte, de

¹⁰³ ... *Fovebat Romanos rerum dominos gentemque togatam*. Virgílio, *Eneida*, I, 280-281.

¹⁰⁴ Assim como aos descendentes de Luso se chama Lusíadas, também aos descendentes de Eneias se chama Enéadas.

quantas mortes dos seus chegados e vizinhos conseguiram estas vitórias?

Por causa de um só sogro, César e de seu genro, Pompeo, quando a filha de César, mulher de Pompeo, estava já morta, com que profundo e justo sentimento de dor exclama Lucano: *Nós cantamos as guerras, piores que as civis, travadas nas planuras de Ematia e o direito concedido pelo crime*¹⁰⁵.

Pois os romanos venceram e, com as mãos ensanguentadas da carnificina dos sogros, arrancaram às suas filhas miseráveis abraços, sem que elas ousassem chorar os pais assassinados para não ofendessem os maridos vencedores; elas que, enquanto eles combatiam, não sabiam por quem oferecer votos.

Não foi Vênus, mas Belona quem presenteou os romanos com tais núpcias; ou talvez Aleto, aquela fúria infernal que, quando Juno já lhes era favorável, causou mais danos do que quando era excitada pelos pedidos de Juno contra Enéias.

Andrômaca foi mais feliz quando a aprisionaram do que aquelas mulheres quando casaram com os romanos. Depois de ter recebido dela abraços, embora de escrava, Pirro nenhum troiano matou; mas os romanos chacinaram em combate os sogros cujas filhas abraçavam no leito. Aquela (Andrômaca) submetida ao vencedor, mal

¹⁰⁵ *Bella per Emathios plusquam civilia campos Jusque datum sceleri canimus.* Lucano, *Farsália*, I, 1-2.

pôde chorar, mas não temeu a morte dos seus. Estas, ligadas aos combatentes, receavam a morte de seus pais quando viram os maridos partirem para a batalha e, quando voltaram, choravam-nos sem poderem exprimir nem temor nem dor.

Na realidade, por causa da morte dos concidadãos e vizinhos, dos irmãos e dos pais, ou sofriam piedosamente ou se alegravam cruelmente com a vitória dos maridos. Acresce a isto que, segundo as alternativas da guerra, umas perderam os maridos às mãos dos pais, outras os pais e os maridos às mãos uns dos outros.

Nem também entre os romanos foram pequenas aquelas provas. Os sabinos vieram visitar a sua cidade que, para se proteger, teve de fechar as portas. Abertas estas com esperteza e tendo entrado os inimigos nas muralhas, trava-se um atroz e criminoso combate no fórum, mesmo entre genros e sogros. Os raptadores viam-se superados e fugiam atabalhoadamente para as suas casas, prejudicando assim gravemente as suas anteriores vitórias, já de si vergonhosas e depõráveis. Então Rômulo, desesperando da coragem dos seus, pediu a Júpiter para os deter na fuga. Esta circunstância valeu a Júpiter o cognome de Stator. Mas não seria o fim de tamanho mal se aquelas raptadas não tivessem vindo, com os cabelos desgrenhados atirar-se aos pés dos pais e não tivessem apaziguado a justíssima ira, não pela vitória do amor, mas por súplicas piedosas.

Depois, Rômulo, que não suportava o irmão como comarca, teve que aceitar como associado Tito Tácio, rei dos sabinos. Mas até quando o toleraria aquele que não suportava o irmão gêmeo? Daí que, depois do seu assassinato, para se tornar um deus maior, ficou sozinho no trono.

Que contratos de casamento são esses, que fermentos de guerra, que pactos de fraternidade e de afinidade, de aliança e de divindade são estes? Em que se tornou, no fim de contas, a vida da cidade sob a tutela de tantos deuses? Vês quantas coisas poderia expor agora sobre este caso, se a nossa intenção não fosse a de prosseguir o nosso assunto sem demoras.

CAPÍTULO XIV

Guerra impiedosa dos romanos contra os Albanos e vitória alcançada pela paixão de domínio.

Que aconteceu a seguir, depois de Numa, sob os outros reis? Quão grande mal foi, mesmo para os romanos, a guerra que estes declararam aos albanos! Com certeza que a longa paz de Numa se tinha deteriorado! Que incessantes carnificinas para os exércitos de Roma e de Alba, até ao esgotamento das suas cidades!

De fato, foi provocada pelo rei Túlio Hostílio que aquela Alba, fundada por Ascânia, filho de Enéias, mãe de Roma mais chegada que a própria Tróia, entrou em guerra. Durante a luta, vibrou e rece-

beu duros golpes, até que de parte a parte se cansaram de tanta luta. Combinou-se então submeter a sorte da guerra a três irmãos de uma e outra parte. Apresentaram-se por parte dos romanos os três Horácios e por parte dos albanos os três Curiáciros. Por três Curiáciros foram vencidos e mortos dois Horários e depois por um Horácio os três Curiáciros.

E assim ficou Roma vitoriosa, mas, no combate final, com a desgraça de, a casa, só um dos seis ter voltado vivo. Para quem foi, de uma e outra parte, o prejuízo, para quem o luto, senão para a estirpe de Enéias, senão para os pósteros de Ascânio, senão para a prole de Vênus, senão para os netos de Júpiter? De fato, foi uma guerra mais que civil, esta em que a cidade-filha se bate contra a cidade-mãe.

Acresce a esta última luta de três irmãos um mal atroz e horrível. Como ambos os povos eram antes amigos (pois eram vizinhos e parentes) a irmã dos Horácios estava noiva de um dos Curiáciros. Porque ela chorava ao ver os despojos do seu noivo nas mãos do seu irmão vencedor, este matou-a.

Parece-me que o sentimento desta única mulher foi mais humano do que o de todo o povo romano. Chorando um homem a quem se mantinha fiel e talvez um irmão que matava aquele a quem prometera a irmã, não era ela, julgo eu, que derramava lágrimas culpáveis. Na verdade, porque é que, em Virgílio, o piedoso Enéias é louvado

por ter chorado o inimigo morto às suas mãos? Porque é que Marce-lo, ao recordar o prestígio e a glória de Siracusa, que, pouco depois, ia destruir com as suas próprias mãos, derramou lágrimas de piedade, comovido pela sorte comum dos mortais? Por favor, invoquemos o sentimento humano para vermos que uma mulher não comete crime por chorar o seu noivo assassinado pelo seu irmão, quando tantos homens foram louvados por chorarem os seus inimigos por si pró prios vencidos. Mas quando esta mulher estava a chorar a morte do noivo perpetrada pelo irmão, regozijava-se então Roma por ter cau-sado em batalha uma grande matança contra sua cidade mãe e por ter saído vitoriosa à custa do sangue fraterno derramado por ambas as partes.

A que propósito me invocam a palavra louvor e a palavra gló-ria? Removidos os obstáculos de uma louca opinião, vejamos os cri-mes na sua nudez, pesemo-los na sua nudez, julguemo-los na sua nudez! Proclama-se o crime de Alba como se proclamava o adultério de Tróia! Nada de tal, nada de semelhante se enxerga!

Foi apenas para despertar a coragem adormecida que *Tulo chama às armas e põe em pé de guerra as suas hostes desabituadas das vitórias*¹⁰⁶.

¹⁰⁶ *Tullus in arma uiros et jam desueta triumphis Agmina.* Virgílio, *Eneida*, VI, 814-815.

Foi apenas este vício que perpetuou o tão grande crime de uma guerra entre associados e parentes. Foi a este enorme vício que Sáristio de passagem se referiu, quando, depois de recordar, com fúgidos louvores, os velhos tempos em que ser humano vivia tranquilo, sem ambições, cada um satisfeito com o que tinha, acrescenta: *Mas, desde que começaram a submeter cidades e nações, — Ciro, na Ásia, os Lacedemônios e os Atenienses, na Grécia — declarava-se a guerra apenas por um motivo: a paixão do domínio, julgando-se que o máximo da glória estava no máximo do poder*¹⁰⁷ e o resto que se propunha dizer.

A mim basta-me ter citado estas palavras. Esta paixão de domínio é que agita e esmaga o gênero humano com grandes males. Vencida então por esta paixão, Roma orgulhava-se por ter vencido Alba e dava ao seu crime o nome de glória. Diz a nossa Escritura: *O pecador é louvado pelos desejos da sua alma e o que pratica a iniqüidade recebe bênçãos*¹⁰⁸.

Arranquemos, pois, aos fatos as coberturas enganosas e o brilho ilusório para os vermos num exame sincero. Ninguém me venha dizer: este ou aquele é grande porque combateu e venceu este ou aquele. Também os gladiadores lutam, também eles são vencedores,

¹⁰⁷ *Postea vero quam in Asia Cyrus, in Graecia Lacedaemonii, et Athenienses coepere urbes atque mitiones subigere, libidinem dominandi causam belli habere, maximam gloriam in máximo império putare.* Salustio, Catilina, II, 2.

¹⁰⁸ *quoniam laudatur peccator in desideriis animae suave et qui iniqua gerit benedicitur.* Salmo X, 3.

também essa crueldade tem o seu prêmio de louvor. Mas julgo que é preferível ser punido por qualquer omissão, a buscar a glória daqueles combates. E, todavia, se na arena, um contra o outro, avançassem, para combaterem gladiadores, um dos quais fosse o pai e o outro o filho, quem suportaria tal espetáculo? Quem é que o não faria parar?

Como é que então pode ser glorioso este conflito armado entre uma cidade mãe e uma cidade filha? Estará a diferença em que não havia arena, mas largos campos, não com dois gladiadores, mas cheios de cadáveres de numerosos filhos de dois povos? Ou estará em que esta luta não se desenrolou no recinto de um anfiteatro, mas no mundo inteiro e fornecendo um espetáculo ímpio aos vivos e aos vindouros, em qualquer parte aonde chegue a notícia do fato?

Todavia, esses deuses protetores do Império Romano, contemplando estas lutas como espectadores de teatro, até ao momento em que a irmã dos Horácios foi atingida pelo ferro fraterno, sofriam contrariedade em seus desejos, porque, para três Curiácos mortos, era preciso, do lado dos romanos, uma terceira vítima que se juntasse aos dois irmãos, para que Roma não contasse com menos mortos, apesar de ter vencido. Seguidamente e como fruto da vitória, Alba foi destruída. Aí, depois de Ílion, destruída pelos gregos, depois de Lavínio, onde Enéias estabeleceu um reino de estrangeiros e de fugitivos, aí vieram habitar em terceiro lugar as divindades troianas.

Mas talvez, segundo o seu costume, tenham já emigrado também de Alba e, por isso, esta foi destruída. Tinhama todos ido embora com certeza, *abandonando altares e santuários, estes deuses*¹⁰⁹ que mantinham de pé o Império! Já se tinham ido embora por três vezes para que, à quarta vez, Roma se encomendasse à sua grande providência! Na verdade, desagradava-lhes Alba, onde Amúlio reinava, depois de expulso o irmão; agradava-lhes Roma, onde Rômulo reinava, depois do assassinio do irmão. Dirão: mas antes que Alba fosse destruída, o seu povo foi transferido para Roma, para que de uma e outra se fizesse uma só cidade.

Seja! Admito que assim tenha acontecido! Todavia, aquela cidade, reino de Ascânio e terceiro domicílio dos deuses troianos, foi cidade mãe, destruída pela cidade filha. E para fundir numa lamentável amálgama os restos dos dois povos poupadados pela guerra, muito sangue se derramou de parte a parte.

Para que hei de contar em pormenor as demais guerras, sempre as mesmas, sob os restantes reis, uma e outra vez repetidas? A vitória parecia que lhes punha cobro. Mas, tantas vezes acabadas pelo preço de sangrentas carnificinas, depois da paz e de tratados, tantas e tantas vezes se reacenderam entre genros e sogros, entre filhos e netos! Não foi pequeno indício deste período calamitoso o fato de nenhum des-

¹⁰⁹ *adytis arisque relicis di*, Virgílio, *Eneida*, II, 351.

ses reis ter fechado as portas da guerra. Nenhum deles, portanto, reinou em paz sob a proteção de tantos deuses.

CAPÍTULO XV

O que foram a vida e a morte dos reis romanos.

Qual foi o fim destes reis? De Rômulo é testemunha a fábula aduladora que no-lo apresenta admitido no céu. Mas alguns escritores relatam que, devido à sua ferocidade, foi esquartejado pelo Senado e que teriam subornado não sei que Júlio Próculo para dizer que ele lhe tinha aparecido e o tinha encarregado de avisar o Povo Romano de que era preciso que o venerassem entre os deuses. Deste modo se conteve e apaziguou o povo, que começava a insurgir-se contra o Senado. Verificou-se ainda um eclipse do sol, que a multidão, ignorando que isso era devido a leis inalteráveis que regulam o seu curso, atribuiu aos méritos de Rômulo. Como se aquele suposto luto do sol não indicasse antes que o rei tinha sido assassinado, denunciando a fuga da luz do dia a existência de um crime.

Foi o que aconteceu, realmente, quando o Senhor foi crucificado pela残酷和 iniquidade dos judeus. Esse obscurecimento do sol não aconteceu conforme as leis normais do curso dos astros, pois era então a Páscoa judaica, que se celebra na lua cheia e um eclipse regular do sol só se produz na lua nova.

Cícero dá mais ou menos a entender que a recepção de Rômulo entre os deuses é mais uma ficção do que uma realidade! Nos seus livros acerca da **República** louva-o com as palavras de Cipião: *Deixou de si um tão elevado conceito que, tendo desaparecido subitamente durante um eclipse do sol, se julgou que ele tinha entrado na sociedade dos deuses; crença que jamais mortal algum conseguiu despertar sem uma alta fama de virtude*¹¹⁰.

Com as palavras *eum subito non comparuisse*, «tendo desaparecido subitamente», comprehende-se, na verdade, que foi devido a tempestade violenta ou a morte criminosa secreta. Com efeito, outros escritores acrescentam ao eclipse uma tempestade súbita que, sem dúvida, deu ocasião ao crime ou ela própria arrebatou Rômulo.

De Tulo Hostílio, terceiro rei de Roma, que foi fulminado por um raio, o citado Cícero menciona, nos ditos livros, que não se acreditou na sua admissão entre os deuses a seguir a essa morte; com certeza porque essa honra legítima, isto é, geralmente reconhecida a Rômulo, não a quiseram os romanos vulgarizar, aviltar, concedendo-a facilmente a outro. Cícero diz mesmo isso abertamente nas **Catilinárias**: *Ao fundador desta cidade, Rômulo, elevamo-lo nós de boa*

¹¹⁰ *Tantum est consecutus ut, cum subito sole obscurato, non comparuisse, deorum in numero conlocatus putaretur, quam opinionem nemo umquam mortalis assequi potuit sitie eximia uirtutis gloria.* Cícero, *De Republica*, II, 10.

vontade à categoria dos deuses mortais, em face da fama adquirida¹¹¹.

Estas palavras dão a entender que se trata, não de um fato real, mas de uma opinião muito difundida por causa dos méritos da sua virtude. E Cícero, no diálogo do **Hortênsio**, ao falar dos eclipses regulares do Sol, diz: *Para produzir as mesmas trevas que surgiram quando da morte de Rômulo, a qual se verificou durante um escurecimento do sol*¹¹².

Pelo menos desta vez não teve o menor receio de falar da morte do homem, sendo então mais crítico do que panegirista.

E os restantes reis do Povo Romano, exceto Numa Pompílio e Anco Márcio, que morreram de doença, que horríveis fins tiveram! Tulo Hostílio, vencedor e destruidor de Alba, morreu queimado, como disse, por um raio, com toda a sua casa. Tarquínio Prisco foi assassinado pelos filhos do seu predecessor. Sérvio Túlio morreu devido a nefando crime de seu genro Tarquínio o Soberbo que lhe sucedeu no trono. E nem perante este parricídio cometido contra melhor rei daquele povo, depois de abandonados altares e santuários, se afastaram esses deuses¹¹³ que, indignados com o adultério de Páris, a-

¹¹¹ *Ilium, qui hanc urbem condidit, Romulum ad deos immortales benevolentia fama que sustulimus.* Id., *Catii*, III, 1.

¹¹² *Ut easdem tenebras efficiat, quas effecit in interitu Romuli, qui obscuratione solis est factus* (a). (a) Acerca do *Hortensius*, obra perdida de Cícero, veja-se: V. Michel Ruch, *L'Hortensius de Ciceron, Histoire et reconstitution*, Paris, 1958.

¹¹³ *discessere adytis arisque relectis di.* Virgílio, *Eneida*, II, 351.

bandonaram, diz-se, a mísera Tróia para permitirem aos gregos que a destruíssem e a queimassem. Mais ainda; Tarquínio, depois de ter assassinado o sogro, sucedeu-lhe. E esses deuses viram este criminoso parricida reinar graças ao assassinio do sogro, gabar-se das suas numerosas guerras e vitórias, construir o Capitólio com os despojos dos vencidos e não partiram; ficaram para ver Júpiter seu rei naquele altíssimo templo, isto é, na obra do parricida e suportaram que Tarquínio os chefiasse e sobre eles reinasse! E não foi como homem inocente, ainda, que ele construiu o Capitólio, nem como um homem que só mais tarde seria expulso da Urbe pelos seus crimes. Foi devido ao cometimento do mais monstruoso dos crimes que chegou ao trono e construiu o Capitólio. Todavia, quando, posteriormente, os romanos o destronaram e o expulsaram para fora dos muros da cidade, não foi por ter sido ele, mas seu filho quem violara Lucrécia na sua ausência e sem seu conhecimento. Nessa altura, sitiava ele a cidade de Árdea e conduzia a guerra pelo Povo Romano. Não sabemos o que ele faria se o crime de seu filho fosse levado ao seu conhecimento. E, contudo, sem conhecer o seu juízo, sem o aguardar, o povo tirou-lhe o poder e quando o exército voltou, ordenou-lhe que o abandonasse, fechou-lhe as portas e proibiu-lhe a entrada. Seguiu-se uma guerra terrível em que ele, graças aos vizinhos que sublevou, esmagou os romanos. Foi, porém, abandonado por aqueles com a ajuda dos quais contava e não pôde reconquistar o poder. Retirou-se,

segundo se conta, para Túsculo, perto de Roma e aí viveu tranquilamente durante catorze anos, como simples cidadão e lá envelheceu com sua mulher e teve uma morte sem dúvida mais invejável do que a do sogro que ele, seu genro, assassinou com a cumplicidade, conta-se, de sua filha. Todavia, os Romanos não chamaram a este Tarquínio «o cruel», ou «o celerado», mas «o soberbo», talvez porque a sua própria soberba não suportava a arrogância real. De fato, tiveram em tão pouca conta o homicídio por ele cometido contra o seu sogro — que tinham por um ótimo rei — que dele fizeram seu rei.

Fico assombrado ao pensar se recompensar um tão grande crime com tamanha honra não será crime maior ainda. E os deuses ainda desta vez não «abandonaram os seus santuários e os seus altares». A não ser que se alegue, em defesa destes deuses, que, se eles ficaram em Roma, foi mais para poderem punir com suplícios os romanos do que para os socorrerem com benefícios, seduzindo-os com vãs vitórias e esmagando-os com terríveis guerras.

Foi esta a vida dos Romanos sob os reis, nos gloriosos tempos daquela república, até à expulsão de Tarquínio o Soberbo, durante cerca de duzentos e quarenta e três anos. Todas as vitórias foram alcançadas pelo preço de muito sangue e de grandes calamidades! E, todavia, com elas apenas se alargou o Império em vinte milhas à volta da Urbe; território que não se compara com o que hoje têm até algumas cidades da Getúlia.

CAPÍTULO XVI

Primeiros cônsules romanos; cada um deles expulsa o outro da pátria e, logo depois, ele próprio morre, após o mais atroz dos parricídios cometidos em Roma, ferido por um inimigo ferido.

A este juntemos aquele período durante o qual, como diz Sá-lustio, vigorou um «direito justo e bem aplicado» enquanto se sustentava uma pesada guerra com a Etrúria e se fazia sentir o medo de Tarquínio.

De fato, enquanto os Etruscos auxiliaram Tarquínio a reconquistar o trono, Roma foi abalada por duras guerras. Por isso nos diz que a república foi administrada com um «direito justo e bem aplicado» sob a pressão do medo e não sob a inspiração da justiça. Nesse tão curto período, que funesto foi o ano em que foram criados os primeiros cônsules, depois de o poder régio ter sido suprimido! Na verdade não completaram o seu ano (de consulado).

Efetivamente, Júnio Bruto exonerou o seu colega Lúcio Tarquínio Colatino e expulsou-o da Urbe. Pouco depois, tombou ele, na guerra, das feridas recebidas de um inimigo que ele mesmo tinha ferido. Antes, tinha ele matado os seus filhos e os irmãos de sua mulher, ao saber que estes conspiravam para repor Tarquínio.

Este fato, lembra-o Virgílio, com louvor primeiramente, mas, logo a seguir, a sua humanidade revolta-se. Na verdade, depois de ter dito: *A estes filhos que fomentam novas guerras, seu pai envia-los-á*

*para a morte em nome duma esplendorosa liberdade*¹¹⁴, exclama logo a seguir: *Desgraçado! Seja qual for o juízo que os vindouros fizerem destes fatos*¹¹⁵, quer dizer, quaisquer que sejam, acerca destes fatos, os juízos de admiração e de louvor dos pósteros, desgraçado é o pai que mata os filhos. E, como que para consolar este desgraçado pai, acrescenta: *Quem triunfa é o amor da pátria e uma imensa ambição de glória*¹¹⁶.

Não parece que neste Bruto — que matou os filhos e não pôde sobreviver ao seu inimigo, o filho de Tarquínio, que ele matou e de quem foi vítima — não parece que nele foi vingada a inocência do seu colega Colatino, esse bom cidadão que, após a expulsão de Tarquínio, sofreu a mesma sorte do próprio tirano? O próprio Bruto era também, segundo consta, do sangue de Tarquínio. Pelos vistos, o que perdeu Colatino foi a semelhança de nome, pois também se chamava Tarquínio. Pois que o obrigassem a mudar de nome e não de pátria! Bastava que de seu nome desaparecesse a palavra Tarquínio, chamando-se-lhe apenas Colatino. Não perdeu o nome, o que sem detrimento poderia ter perdido, para ser obrigado, como primeiro cônsul, a perder o cargo e, como bom cidadão, a perder a pátria.

¹¹⁴ ... *Natos que pater nova bella moventes Adpoenam pukhra pro libertate vocabit.* Virgílio, *Eneida*, VI, 820-821.

¹¹⁵ *Infelix, utcumque ferent ea jacta minores.* Id. Ib. VI, 822.

¹¹⁶ *Vincit amor patriae Im dum que immensa cupido.* Id. Ib. VI, 823.

A detestável iniquidade de Júnio Bruto — aliás, totalmente inútil à República — será ela motivo de glória? Será que para a cometer também *quem triunfa é o amor da pátria e uma imensa ambição de glória?* De qualquer maneira L. Tarquínio Colatino, marido de Lucrecia, foi nomeado cônsul com Bruto, já depois de ter sido expulso o tirano Tarquínio. Quão justamente atendeu o povo, no cidadão, não ao nome, mas aos costumes! Quão impiamente privou Bruto de pátria e de cargos um colega da nova e primeira dignidade, quando podia privá-lo apenas do nome, se é que este o incomodava!

Todos estes males se cometeram, todas estas calamidades aconteceram quando na República vigorava um «direito justo e bem administrado». Também Lucrécio, que fora nomeado para o lugar de Bruto, foi consumido por doença antes de esse ano ter terminado. Assim, foram P. Valério, que sucedeu a Colatino e M. Horácio, que substituiu o falecido Lucrécio, que acabaram esse ano fúnebre e infernal que teve cinco cônsules e em que a República Romana inaugurou a nova dignidade e o novo poder do consulado.

CAPÍTULO XVII

Males com que foi afetada a República Romana após os começos do governo consular, sem que a ajudassem os deuses que ela venerava.

Tendo então desaparecido pouco a pouco o medo, não porque as guerras tivessem cessado, mas porque se tomaram menos opresso-

ras, acabou-se o período em que vigorou «um direito justo e bem administrado» e seguiu-se o que resumidamente descreve Salústio: *Começaram então os patrícios a sujeitar a plebe à servidão, a dispor das suas vidas e dos seus corpos como costumavam fazer os reis, a expulsar os cidadãos dos seus campos e a privá-los de todos os seus direitos, a chamar a si toda a autoridade. Oprimida por tantos vexames e principalmente esmagada por dívidas, a plebe, que, no decorso de contínuas guerras, era quem suportava tanto os impostos como o serviço militar, retirou-se em armas para o Monte Sagrado e para o Aventino. Conseguiu assim que a seu favor fossem criados tribunos da plebe e outros direitos. Foi a Segunda Guerra Púnica que pôs termo às discórdias e afrontamentos de ambas as partes*¹¹⁷.

Para que perder tanto tempo a escrever e fazê-lo perder aos leitores? Quão mísera fora essa República no decurso de tão longo período de tantos anos até à Segunda Guerra Púnica! No exterior, guerras incessantes e, no interior, discórdias, sedições civis a perturbá-la, é o que em poucas palavras nos é exposto por Salústio. Portanto, aquelas vitórias não constituíram a sólida alegria de felizes, mas a vã consolação dos míseros e um estímuo a espíritos inquietos, para suportarem sofrimentos cada vez mais estéreis.

¹¹⁷ *Dein servili imperio patres plebem exercere, de vita atque tergo regio more consulere, agro pellere et ceteris expertibus soli in imperio agere. Quibus saevitis et maxime faenore oppressa plebe, cum assiduis bellis tributum et militiam simul toleraret, armata montem sacrum atque Aventinum insedit, tumque tribunos plebis et alia jura sibi paravit. Discordiarum et certaminis utrimque finis fuit secundum bellum Punicum.* Salustio, *Hist.* I, fragm. 11.

Não se assanhem contra nós os bons romanos por isto dizermos. É absolutamente certo, aliás, que não se indignarão e, acerca disto, nada tenho a pedir nem a admoestar. Por que não dizemos nada mais duro nem o dizemos com mais dureza do que os seus escritores, a par dos quais não estamos nem no estilo nem nos vagares. De resto, trabalharam para saber isto e obrigam os seus filhos a aprendê-lo. Mas os que se assanham, como é que me suportarão se eu lhes disser o que Salústio já disse?

*Muitas perturbações, sedições e, por fim, guerras civis surgiram. Entretanto, um reduzido número de potentados, cuja influência tinha ganhado a maioria, aspirava ao domínio, sob o pretexto, aliás, louvável, de servirem os patrícios e a plebe. Os maus cidadãos eram tidos por bons, não pelo bem ou mal que faziam ao Estado — pois todos estavam igualmente corrompidos — mas pelas suas riquezas ou pelo poder de malfazer; cada um era considerado bom quando defendia a sua presente situação*¹¹⁸.

Se, portanto, estes historiadores pensaram que o que caracteriza uma honesta liberdade é não esconder as mazelas da sua própria pátria, (que, de resto, noutras ocasiões não deixaram de exaltar com altos elogios), quando não tinham outra melhor razão para imortaliz-

¹¹⁸ *Plurimae turbae, sediciones et ad postremum bella civilia orta sunt, dum pauci potentes, quorum in gratiam plerique concesserant, sub honesto patrum aut plebis nomine dominationes affectabant; bonique et mali eives appellati, non ob mérita in rem publicam, omnibus pariter corruptis, sed uti quis que locupletissimus et injuria validior, quia praesentia defendebat, pro bono ducebatur. Salústio, Hist. I, fragm. 12.*

zar os seus cidadãos, que nos convém a nós fazer (a nós de quem quanto maior e mais certa é a esperança em Deus, tanto maior deve ser a liberdade), quando eles imputam ao nosso Cristo os males presentes para alienarem os espíritos mais débeis e menos esclarecidos desta cidade, única na qual devemos viver para sempre em felicidade? Nós não dizemos contra os seus deuses coisas mais horríveis do que os seus autores cujas obras eles leem e elogiam. Deles é que contamos os fatos que relatamos; apenas não somos capazes de os relatar nem tão bem nem tão completamente.

Onde estavam então esses deuses, aos quais se julga que se deve prestar culto, tendo em atenção a curta e falaz felicidade deste mundo, quando os romanos — a quem eles mendigavam o culto com tanta astúcia e mentira — sofriam tamanhas calamidades?

Onde estavam eles quando o cônsul Valério morreu defendendo o Capitólio incendiado pelos exilados e os escravos? Como é que a ele lhe foi mais fácil socorrer a mansão de Júpiter do que receber a ajuda daquela turbamulta de deuses com o seu tão grande e tão bom rei à frente, cujo templo aquele tinha salvado?

Onde estavam eles quando a cidade, esgotada por tantas e incessantes sedições, num momento de calma esperava os legados que enviara a Atenas para esta lhe fornecer leis, foi devastada por grave fome e pela peste?

Onde estavam eles quando o povo de novo atacado pela fome criou pela primeira vez o prefeito dos abastecimentos e, tendo-se a fome agravado, Espúrio Mélio, que distribuiu trigo à multidão esfomeada, incorreu na acusação de aspirar à realeza e a instâncias deste prefeito, às ordens do ditador L. Quíncio enfraquecido pela idade, foi assassinado por Quinto Servílio, mestre de cavalaria, no meio do mais violento e perigoso tumulto da cidade?

Onde estavam eles quando surgiu a maior das pestes e o povo, tão duradoura e gravemente fatigado, achou por bem oferecer a esses inúteis deuses *lectisternios*¹¹⁹, o que nunca antes fizera? Armaram leitos em sua honra; daí esse nome sagrado, ou melhor, sacrílego.

Onde estavam eles quando o exército romano, depois de dez anos de ininterruptos e desgraçados combates junto aos muros de Veios, só foi salvo graças a Fúrio Camilo, a quem, depois, a ingrata cidade condenou?

Onde estavam eles quando os gauleses tomaram Roma, a saquearam, incendiaram e encheram de cadáveres?

Onde estavam eles quando uma famosa peste fez tão ingentes estragos e nela morreu o próprio Fúrio Camilo, que, depois de ter defendido dos Veientes a sua ingrata República, a livrou em seguida dos gauleses? Foi durante esta peste que se introduziram os jogos

¹¹⁹ *Lectisternium*, de *lectus*, leito e *sterno*, estender, montar. Refeição oferecida aos deuses, cujas estátuas ficavam deitadas sobre almofadas. Michel Bréal & Anatole Bailly. *Dictionnaire étymologique latin*. Paris, Hachette, 1906.

cênicos, uma nova peste, perigosa, não para os corpos dos romanos, mas, o que é muito mais pernicioso, para os seus costumes.

Onde estavam eles quando uma outra violenta peste ocorreu, crê-se que devido a envenenamentos de numerosas e nobres matronas¹²⁰, cujos costumes, além da infidelidade, se revelaram mais virulentos que toda a peste?

Onde estavam quando, nas Caudinas, os dois cônsules, com o exército, cercados pelos Samnitas, foram obrigados a assinar um pacto vergonhoso, a entregarem como reféns seiscentos cavaleiros romanos e os outros, depostas as armas, despojados do seu equipamento e do seu uniforme, a passarem seminus por debaixo do jugo dos inimigos?

Onde estavam quando uma grave peste atingiu muita gente e no exército muitos caíram fulminados por um raio? Ou quando no decurso de outra intolerável peste, se viu Roma obrigada a chamar Esculápio de Epidauro como deus médico e a utilizar-se dos seus serviços, porque decreto Júpiter, rei de todos os deuses, entronizado desde há muito no Capitólio, não tinha tido tempo, por causa das suas muitas aventuras imorais de juventude, para aprender medicina?

Onde estavam quando os inimigos de Roma — Lucanos, Brúcios, Samnitas, Etruscos, Gauleses, Senones — se congregavam e

¹²⁰ Segundo Tito-Lívio (Livro VIII, Cap. 18), houve 178 matronas condenadas por crime de envenenamento, dentre as quais as duas patrícias Cornélia e Sérgia.

primeiro massacraram os seus embaixadores e, depois, esmagaram o seu exército num combate em que morreram, além do pretor, sete tribunos e treze mil soldados?

Onde estavam quando em Roma, após demoradas e graves sedições, a plebe, abrindo as hostilidades, acabou por se retirar para o Janículo, tendo sido tão funesta esta calamidade que se resolveu (o que só em perigo extremo se fazia) nomear Hortênsio ditador? Este convocou a plebe e morreu no decurso da sua magistratura, o que a nenhum ditador acontecera antes e constituiu uma falta grave contra os deuses, presente como estava já Esculápio.

De resto, as guerras multiplicavam-se então por toda a parte a tal ponto que, por falta de soldados, se recrutavam os proletários (assim chamados porque tinham por missão única gerar prole para o Estado, uma vez que, devido à sua pobreza, não podiam fazer parte do exército). Chamado pelos Farentinos, Pirro, rei da Grécia, então no esplendor da glória, tornou-se inimigo dos romanos. Consultou ele Apolo acerca do resultado futuro dos acontecimentos e este, com muita urbanidade, respondeu-lhe com um oráculo tão ambíguo que, acontecesse o que acontecesse, num ou outro sentido, passaria sem-

pre por um bom adivinho. De fato, disse: *Dico te, Pyrrhe, vincere posse Romanos*¹²¹.

E, assim, quer os romanos vencessem Pirro quer Pirro vencesse os romanos, o adivinho podia estar seguro, qualquer que fosse o resultado. Que horrenda carnificina houve então nos dois exércitos! Todavia, Pirro saiu vencedor. Desta forma poderia, desde então, proclamar que Apolo vaticinara a seu favor, se pouco depois, num outro combate, os romanos não saíssem vencedores.

Durante estas tão sangrentas guerras, eclodiu entre as mulheres uma grave doença. Morriam grávidas antes do parto. Em tal situação Esculápio escusava-se alegando, julgo eu, que era médico chefe e não parteira (*obstetrix*).

Também os animais morriam da mesma maneira, a ponto de se pensar que a sua espécie se extinguiria. E que mais? Aquele inesquecível inverno, de incrível rigor, pois a neve atingiu alturas perigosas durante quarenta dias, mesmo no Fórum e fez do Tibre um bloco de gelo! Se isso acontecesse nos nossos tempos, o que não diriam! E que mais? Aquele ingente flagelo, enquanto durou, quantos não ceifou! Como se alongou por mais um ano, com violência sempre crescente, apesar da presença de Esculápio, houve que recorrer aos Livros Sibilinos. Neste gênero de oráculos, como no-lo recorda Cícero

¹²¹ A frase pode ter dois sentidos: « Digo-te, Pirro, tu poderás vencer os Romanos» e « Digo-te, Pirro, os Romanos poderão vencer-te». A ambiguidade resulta de, nas orações infinitivas, tanto o sujeito como o complemento direto estarem no acusativo.

nos seus livros sobre **De Divinatione**¹²², costuma-se a pessoa fiar nos intérpretes que fazem conjecturas duvidosas, como podem ou como querem. Proclamou-se então que a causa da peste era que muita gente detinha e ocupava numerosos edifícios sagrados para seu uso privado. Desta forma se livrou, entretanto, Esculápio da grave acusação de imperícia ou de negligência.

Mas, porque é que esses edifícios foram ocupados, sem oposição de ninguém, por tantos, a não ser porque à turbamulta dos deuses aí se fizeram preces em vão durante muito tempo e, por isso, pouco a pouco tais lugares foram abandonados pelos seus adoradores e, desabitados como ficaram, puderam, sem ofensa de ninguém, ser reivindicados para, pelo menos, servirem aos humanos?

Sob o pretexto de se apazigar a peste, foram então esses edifícios recuperados e reparados com cuidado. Posteriormente, porém, novamente abandonados e usurpados como dantes, caíram no esquecimento. Por isso, deve-se à grande erudição de Varrão, ao escrever sobre os edifícios sagrados, ter rememorado tantos santuários ignorados. Mas então, o que habilmente se pretendeu foi desculpar os deuses e não debelar a peste!

¹²² Sobre adivinhação, v. II, 54.

CAPÍTULO XVIII

Que enormes desgraças afligiram os romanos durante as Guerras Púnicas, apesar do pedido de socorro em vão dirigido aos deuses.

De resto, já durante as Guerras Púnicas, quando a vitória se mantinha vacilante e incerta entre os dois impérios e os dois mais poderosos povos lançavam um contra o outro os seus ataques com todo o seu poderio e grandes recursos, quantos pequenos reinos foram esmagados! Quantas extensas e célebres urbes foram destruídas! Quantas cidades foram desoladas e aniquiladas! As regiões e os territórios que em tão largas e fundas extensões foram devastadas! As vezes que ambas as partes foram, ora vencedoras, ora vencidas! Que perdas de homens entre os combatentes e as populações inermes! Que tamanhas armadas destroçadas em batalhas navais ou tragadas por tantas e tão diversas tempestades! Se fôssemos a contar ou a lembrar tudo isto, mais não seríamos que mero historiador.

O povo romano, tomado então de grande medo, recorria a vãos e ridículos remédios. Por indicação dos Livros Sibilinos restabeleceram-se os jogos seculares, cuja celebração, de cem em cem anos, se tinha estabelecido em tempos mais felizes, mas que, agora, por negligência, tinham sido varridos da memória. Os pontífices renovaram também os jogos consagrados aos deuses infernais e igualmente abolidos no passado durante os anos melhores.

E, de fato, quando foram renovados, os infernos, enriquecidos por uma tal afluência de mortos, também se regozijavam.

Entretanto, os míseros humanos — com as suas raivosas guerras, suas cruentas hostilidades, suas vitórias funestas para ambas as partes — ofereciam aos demônios jogos grandiosos e, aos infernos, copiosos banquetes.

Nada aconteceu na Primeira Guerra Púnica de maior lástima do que terem sido os romanos vencidos e o próprio Régulo feito prisioneiro; do que já fizemos menção nos livros primeiro e segundo. Era indubitavelmente um grande homem que antes tinha vencido e domado os cartagineses. Teria levado a termo a Primeira Guerra Púnica se, ávido em excesso de glória e de louvor, não tivesse imposto aos cartagineses fatigados condições mais duras do que eles podiam suportar. Se o cativeiro, totalmente imprevisto e a mais humilhante escravidão, se o indefectível juramento e a mais cruel das mortes daquele varão não obrigou tais deuses a corar de vergonha, é porque na verdade são eles seres aéreos que não têm sangue.

Naqueles tempos também não faltaram, dentro das muralhas, as mais graves provações. O Tibre transbordou muito para além do normal e devastou quase todos os bairros baixos da Urbe; uns foram arrastados sob o ímpeto da torrente, outros destroçaram-se encharcados pelas águas durante muito tempo estagnadas. A esta catástrofe sucedeu um incêndio ainda mais pernicioso que, assenhoreando-se

dos mais altos edifícios à volta do Fórum, nem sequer poupou o seu mais íntimo santuário, o Templo de Vesta, onde tinham o costume de lhe dar uma vida como que perpétua, renovando-lhe com grande cuidado a fogueira, com mulheres virgens, a isso mais condenadas do que honradas. O fogo não se mantinha então apenas vivo, tornara-se voraz. Aterradas com a sua impetuosidade, aquelas virgens não podiam livrar do incêndio os sagrados emblemas do destino que já tinham trazido a desgraça a três cidades em que estiveram. O pontífice Metelo, de certo modo esquecido da sua própria salvação, precipitou-se, já meio queimado. Mas nem o fogo reconheceu a ele, nem havia ali divindade alguma, porque, se tivesse havido, já teria fugido. Um homem pôde pois valer mais aos emblemas de Vesta do que esta ao homem. Mas, se de si próprios não repeliam o fogo, como podiam ajudar contra as águas e as chamas a cidade, de cuja salvação se julgavam os mentores? Assim também este fato tornou patente que eles nada podiam.

Não lhes apresentaríamos estas objeções se eles declarassem que esses emblemas sagrados se destinavam não a proteger bens temporais, mas a simbolizar bens eternos. Assim, se essas coisas corporais e visíveis vieram a perecer, em nada serão rebaixadas as realidades que representavam, podendo ser novamente reparadas para os seus fins. Mas, na verdade, com assombrosa cegueira, julgam que estes emblemas perecíveis podem tornar imperecíveis a salvação

terrestre e a felicidade temporal da cidade. Por isso, quando se lhes mostra que, apesar da sua presença, esses emblemas sagrados não puderam impedir que a saúde fosse abalada nem que a desgraça recaísse sobre eles, envergonham-se de mudar a opinião que não podem defender.

CAPÍTULO XIX

Aflições da Segunda Guerra Púnica, em que se consumiram as energias de ambas as partes.

Da Segunda Guerra Púnica seria demasiado longo recordar as calamidades dos dois povos combatendo em paragens tão grandes e tão distantes que, como confessam os que se determinaram, não tanto a contar as guerras romanas, como a louvar o Império Romano, o vencedor que mais parecia vencido. De fato, Aníbal surge na Hispânia, transpõe os montes Pireneus, atravessa a Gália a passo de corrida, galga os Alpes e, no decurso de uma tão longa volta, vai aumentando as suas forças, tudo devasta, tudo subjuga e entra pelas portas da Itália como uma torrente!

Que cruentos combates se travaram! Quantas vezes foram os romanos vencidos! Quantas praças se passaram para o inimigo, quantas foram tomadas e saqueadas! Que lutas cruéis! Tantas vezes gloriosas para Aníbal, quantas desastrosas para Roma! Que direi da espantosa e horrível catástrofe de Canas, onde Aníbal, apesar de cru-

delíssimo, saciado de tanta carnificina dos seus mais atrozes inimigos, diz-se que ordenou que se poupassem os sobreviventes?

Daí mandou a Cartago três módios¹²³ de anéis de ouro. Com isto entenderiam que na batalha tinham morrido tantos nobres romanos que a perda era mais fácil de medir que de contar e daí se podia calcular que a destruição da tropa restante (tanto mais numerosa quanto de menor categoria), que jazia sem anel, mais se podia conjecturar do que precisar.

Seguiu-se uma tal carência de soldados, que os romanos recravam réus de crimes propondo-lhes a impunidade, escravos concedendo-lhes a liberdade e, com estes elementos, conseguiram alistar (mas não restaurar) um vergonhoso exército. A estes escravos — não os ofendamos — a estes libertos, que iriam combater pela República Romana, faltaram as armas. Arrancaram-nas dos templos, como se os romanos dissessem aos deuses: entregai as armas que em vão conservastes durante tanto tempo; talvez que os nossos escravos delas possam tirar o proveito que vós, divindades nossas, não soubestes tirar.

E como o erário não bastava para pagar os soldos, lançou-se mão das riquezas privadas para ajudar as despesas públicas. Cada um contribuiu com o que tinha, a ponto de, excetuando os anéis e as bu-

¹²³ O módio correspondia provavelmente a 8,64 litros.

las (míseras insignias da nobreza), ninguém ficou com ouro algum; nem mesmo o Senado, muito menos as restantes ordens e as tribos. Quem suportaria os pagões, se, em nossos tempos, fossem obrigados a tal penúria? Apenas os podemos suportar quando, por um prazer supérfluo, se entregam mais aos histriões do que às legiões para lhes salvarem a vida em último transe.

CAPÍTULO XX

Destruição dos saguntinos aos quais, quando estavam a morrer por amizade aos romanos, os deuses nenhum auxílio prestaram.

Mas de todos os males desta Segunda Guerra Púnica, nenhum foi mais lamentável e mais digno de lastimáveis queixumes do que a destruição de Sagunto. Esta cidade da Hispânia, tão amiga do Povo Romano, foi destruída por a este povo se manter fiel.

De fato, Aníbal, rompendo o pacto com os romanos, procurou um motivo para os excitar à guerra. Impôs por isso a Sagunto um assédio feroz. Quando a notícia chegou a Roma, foram enviados legados a Aníbal para lhe fazerem levantar o cerco. Votados ao desprezo, vão a Cartago e aí apresentam a sua queixa acerca da ruptura do pacto e, nada tendo conseguido, voltam a Roma. Enquanto estas coisas morosamente vão correndo, aquela mísera cidade, tão opulenta, a mais dedicada à sua República e à República Romana, ao oitavo ou nono mês foi destruída pelos Cartagineses. Ler a sua ruína e mais

ainda descrevê-la, causa horror. Todavia, com brevidade a rememorarei, porque muito interessa ao assunto de que se trata. Primeiro, mirraram de fome, a ponto de alguns, diz-se, comerem os cadáveres dos seus.

Finalmente, cansados de todas estas coisas, não querendo de forma alguma cair cativos nas mãos de Aníbal, atearam à vista de todos uma altíssima fogueira e a ela se lançaram e todos os seus mutuamente feridos pelo ferro.

Era aí que eles deviam fazer alguma coisa, esses deuses glutões e trapaceiros, ávidos das carnes dos sacrifícios, que andam a enganar as pessoas com a fumarada dos seus falazes vaticínios! Era aí que deviam fazer alguma coisa para socorrerem uma cidade tão amiga do Povo Romano e para a não deixarem morrer por fidelidade ao seu juramento! Afinal, foram eles que presidiram como mediadores ao pacto que a ligou a Roma.

Foi por se ter mantido fiel ao pacto assinado, ao compromisso tomado, à palavra dada sob a sua presidência, que Sagunto foi sitiada, esmagada e destruída por um pérfido. Se estes mesmos deuses, mais tarde, com tempestades e raios, junto das muralhas de Roma, aterraram e afastaram Aníbal, deviam ter feito antes alguma coisa de semelhante. Ouso até dizer: teria sido mais honesto que eles, se o pudessem, desencadeassem a tempestade em benefício dos amigos de Roma em perigo por causa da sua fidelidade à aliança e então priva-

dos de todo o auxílio, do que desencadeá-la em benefício dos próprios romanos que combatiam pelo seu próprio interesse e dispunham de largos recursos contra Aníbal. Se tivessem sido os sustentáculos da fidelidade e da glória romana, teriam dela desviado o grave crime da desgraça de Sagunto. Mas, na verdade, que loucura acreditar que Roma não sucumbiu às mãos de Aníbal vencedor, devido a esses deuses defensores, que não puderam socorrer Sagunto nem evitar que ela perecesse por amizade a Roma! Se o povo de Sagunto fosse cristão e tivesse de sofrer algo deste gênero pela fé evangélica, embora se não aniquilasse a si próprio pelo ferro e o fogo, sofrendo a sua ruína pela fé do Evangelho, teria todavia sofrido com esperança, pela qual acreditara em Cristo, não de uma recompensa por um tempo breve, mas por uma eternidade sem fim.

Mas, quanto a esses deuses, que se veneram, diz-se e que é preciso venerar para assegurar a feliz posse de bens frágeis e transitórios, que nos responderão, a propósito da morte dos saguntinos, os que os defendem e os desculpam, senão o que respondem a propósito da morte de Régulo? Há esta diferença: aquele era um só homem e aqui é toda uma cidade. Mas, num e noutro caso, a causa da morte foi a fidelidade ao juramento. Por causa dele quis um voltar para o inimigo e não quis a outra para ele passar. Será então que a fidelidade ao juramento provoca a ira dos deuses? Será que podem perecer, não só um homem isolado mas até cidades inteiras, mesmo com deuses

propícios? Escolham o que quiserem. Se esses deuses se irritam com a fidelidade ao juramento, então que escolham os pérfidos adoradores. Se, porém, homens e cidades podem perecer, mesmo sendo eles propícios, vítimas de numerosos e graves tormentos, então o seu culto de nada serve para a felicidade na Terra.

Deixem pois de arder em ira os que se julgam uns desgraçados porque se perderam os sacrifícios aos deuses. Por que, apesar da presença e da benevolência destes, bem poderiam, não só queixar-se da sua desgraça, como agora fazem, mas serem aniquilados, como o foram Régulo e os saguntinos no meio de horríveis tormentos.

CAPÍTULO XXI

Quão ingrata foi a cidade de Roma para com Cipião, seu libertador! Costumes que ela praticava no tempo em que Salústio a descrevia como a melhor.

Ora, entre a segunda e a última guerra contra os cartagineses, quando, como declara Salústio, os romanos viviam nos melhores costumes e na maior concórdia (aliás, ponho de parte muitos acontecimentos, pensando nos limites do trabalho empreendido), numa época de ótimos costumes e da maior concórdia, Cipião, o libertador de Roma e da Itália, que de uma forma gloriosa e admirável pôs termo à Segunda Guerra Púnica, tão horrível, tão destruidora, tão perigosa; Cipião, o vencedor de Aníbal e domador de Cartago, cuja vida nos é descrita como votada aos deuses desde a adolescência e ali-

mentada nos templos, foi vítima das acusações dos inimigos e exilado da pátria que tinha salvado e libertado com coragem e passou e acabou o resto da vida na cidade de Línterno, não mostrando o menor desejo, depois do seu insigne triunfo, de rever Roma, chegando mesmo, diz-se, a ordenar que na sua ingrata pátria não lhe prestassem honras fúnebres¹²⁴.

Desde então, por intermédio do procônsul Gneu Mânlio, vencedor dos galogregos, pela primeira vez, o luxo asiático, pior que todo o inimigo, se introduziu em Roma. Efetivamente, foi então que apareceram os leitos de bronze, os tapetes preciosos; foi então que nos banquetes se introduziram as tangedoras de cítara e outras licenciosas perversidades.

Mas, por agora, propus-me falar dos males que os homens suportam contra a vontade e não dos que eles gostosamente criam. É por isso que o caso que referi de Cipião, vítima dos seus inimigos e morrendo longe da pátria por ele liberta, mais interessa à presente discussão, porque as divindades romanas, de cujos templos ele afastou Aníbal e que se veneram unicamente com vistas à felicidade terrena, não lhe retribuíram essa paga. Mas, porque Salústio disse que os costumes desse tempo eram ótimos, julguei conveniente lembrar a invasão do luxo asiático para fazer compreender que Salústio louva

¹²⁴ Segundo a tradição, Cipião teria mandado gravar na pedra tumular, sob a qual ficou a jazer o seu corpo, a seguinte inscrição: *Ingrata patria ossa mea non possidebis* — Ingrata pátria, não possuirás os meus ossos.

essa época em comparação com outros tempos em que os costumes foram os piores no meio de gravíssimas discórdias.

Foi então, isto é, entre a segunda e a terceira guerras púnicas, que foi promulgada a Lei Varonia proibindo que se instituísse herdeira a mulher, mesmo que fosse filha única. Ignoro o que se poderá dizer ou pensar de mais iníquo que esta lei. Todavia, durante todo o intervalo das duas guerras púnicas, a desgraça de Roma foi mais tolerável. Apenas no exterior o exército era castigado por guerras, mas era compensado pelas vitórias; no interior, nenhuma discórdia grava-sava, como há pouco. Mas, durante a última guerra púnica — em que, num só ataque do segundo Cipião, que por isso também recebeu o cognome de Africano, a rival do Império Romano foi destruída de vez — a República Romana foi esmagada por tal acúmulo de males que, devido à demasiada corrupção dos costumes, resultante da prosperidade e segurança, Cartago fez-lhe então mais mal com a sua rápida queda do que antes com a sua longa hostilidade.

Durante todo este tempo, até César Augusto — que parece ter tirado por completo a liberdade aos romanos (liberdade essa que eles próprios já não consideravam gloriosa, mas facciosa, funesta, debilitada, lânguida) para concentrar tudo no arbítrio próprio de um rei e restaurar, regenerar a República Romana, debilitada por doença e por velhice — durante todo este tempo omitirei os repetidos desastres militares devido ora a uma, ora a outra causa e o tratado maculado de

repulsiva ignomínia concluído com Numâncio. Os frangos tinham voado da gaiola, o que constituiu um mau presságio para o cônsul Mancino, dizem; como se, durante tantos anos em que esta pequena cidade esteve sitiada, mantendo sob ameaça o exército romano e começando já a ser o terror da República, a tivessem atacado os outros generais sob augúrios diferentes!

CAPÍTULO XXII

Edito de Mitrídates ordenando que se matassem todos os cidadãos romanos que se encontrassem na Ásia.

Disse que omitia esses acontecimentos; todavia não calarei a ordem de Mitrídates, rei da Ásia, para que matassem num só dia todo o cidadão romano que se encontrasse em qualquer parte da Ásia (e grande número deles aí tratava dos seus negócios); ordem que foi cumprida. Quão digno de dó era aquele espetáculo! Subitamente, por toda a parte, onde quer que se encontrasse um — no campo, no caminho, na cidade; em casa, na aldeia, na praça; no templo, no leito, à mesa — é inopinada e impiedosamente trucidado! Que gemidos dos que morriam! Que lágrimas dos que assistiam, talvez até dos que feriam! Que dura obrigação a dos hospedeiros, não só de verem estes nefandos morticínios em suas casas, mas até de os cometerem! Os seus rostos despojam-se de repente da sua grandiosa e soridente humanidade, para, em plena paz, cometerem um ato de guerra e des-

ferirem, direi, mútuos golpes, porque a vítima era ferida no seu corpo e o assassino era-o na alma.

Será que todos estes tinham também desprezado os augúrios? Não tinham eles deuses domésticos e públicos que consultassem, quando partiram de suas casas para esta viagem de onde não podiam voltar? Se assim é, não têm, nesta questão, razão para se queixarem dos nossos tempos. De há muito que os romanos desprezam estas práticas.

CAPÍTULO XXIII

Males internos que agitaram a República Romana depois de terem sido precedidos de um prodígio: a raiva de que foram atacados os animais domésticos.

Mas, recordemos já, com rapidez, aqueles males que foram tanto mais deploráveis quanto mais internos: as discórdias civis, ou antes incivis, que já não foram sedições, mas verdadeiras guerras urbanas; em que tanto sangue foi derramado; em que as paixões dos partidos se desencadearam, não já por dissensões de assembleia nem por recíprocas invectivas de toda a espécie, mas abertamente pelo ferro e pelas armas; guerras sociais, guerras servis, guerras civis. Quanto sangue romano derramaram! Quantas devastações e deserções fiziram na Itália!

Efetivamente, ainda antes que a guerra social levantasse o Lácio contra Roma, todos os animais sujeitos aos serviços humanos —

cães, cavalos, burros, bois e outros animais que estavam sob o domínio dos homens — tomaram-se subitamente ferozes, esqueceram a mansidão doméstica e, saindo dos estábulos, vagueavam soltos, de ninguém se deixavam aproximar, nem mesmo dos donos, sem um desfecho fatal ou sem perigo para o audacioso que de perto lhes fosse ao encalço. De que mal foi sinal — se é que foi um sinal — isto que foi tamanho mal mesmo sem ser sinal? Se isto tivesse acontecido nos nossos tempos, vê-los-íamos mais raivosos do que aqueles seus animais contra eles.

CAPÍTULO XXIV

Conflitos civis provocados pelas sedições dos Gracos.

O início dos males civis foram as sedições dos Gracos provocadas pelas leis agrárias. Queriam, na verdade, distribuir pelo povo os campos que a nobreza possuía injustamente. Mas ousar extirpar uma já vetusta iniquidade revelou-se tarefa não só muito perigosa como extremamente perniciosa, como os fatos o demonstraram.

Que carnificina a cometida, quando o Graco mais velho foi assassinado! E também a cometida quando, não muito tempo depois, mataram o outro, seu irmão! Não era em nome das leis e por ordem das autoridades que nobres e plebeus se matavam; era pelas turbas em conflitos armados.

Depois do assassinio do segundo Graco, o cônsul Lúcio Opílio __ que, na cidade, contra ele tinha pegado em armas e, depois de ter, a ele e aos seus partidários, atacado e abatido, fez uma ingente matança de cidadãos __ perseguiu o resto do partido por via judiciária e, após inquérito, imolou, diz-se, três mil homens.

Disto se pode ver quão grande multidão de mortos pôde custar o desordenado choque das armas, quando uma instrução judiciária dita regular pôde fazer tantas vítimas. O assassino de Graco vendeu a cabeça deste ao cônsul a peso de ouro. Tinham feito este contrato antes da matança. Nela foi também morto com seus filhos o consular Marco Fúlvio.

CAPÍTULO XXV

O templo da Concórdia erigido por um *senatus-consulto* no sítio em que tiveram lugar as sedições e as matanças.

Por *senatus-consulto*, sem dúvida oportuno, ordenou-se que, no próprio lugar do mortífero tumulto em que tombaram tantos cidadãos de todas as ordens, se levantasse um templo à Concórdia, para que esta, testemunha do castigo dos Gracos, tivesse os olhos nos oradores e lhes impressionasse a memória. Mas que outra coisa não foi, senão uma zombaria dos deuses, a construção de um templo em honra de uma deusa que, se estivesse presente, não teria permitido a ruína da cidade, dilacerada por tantas dissensões? A não ser talvez que a deu-

sa Concórdia, ré de tal crime, porque deixou ao abandono os ânimos dos cidadãos, merecia ser encerrada naquele templo como que num cárcere! Porque é que, caso quisessem estar de acordo com os acontecimentos, não levantaram antes um templo à Discórdia? Haverá alguma razão para que a Concórdia seja uma deusa e o não seja a Discórdia, aliás conforme a distinção de Labeão: a primeira seria uma deusa boa e a segunda uma deusa má? Parece que este não apresentou senão esta razão: ter notado que em Roma foi erigido um templo em honra da Febre e outro em honra da Saúde.

De igual modo, portanto, se deveria ter erigido um em honra da Discórdia e outro em honra da Concórdia. Assim foi, perigosamente, que os romanos decidiram viver sob a férula de uma tão má deusa e se esqueceram de que a sua cólera deu origem à destruição de Tróia. Efetivamente, porque não fora convidada para o banquete dos deuses, imaginou a tramoia de lançar a maçã de ouro para pôr à briga as três deusas. Daí a rixa entre as três deusas, a vitória de Vênus, o rapto de Helena e a destruição de Tróia. Foi por isso que — talvez indignada porque não mereceu, como os demais deuses, ter na Urbe um templo — perturbava já a cidade com tão graves tumultos. Quanto mais terrível não deve ter sido a sua ira quando, no próprio lugar da carnificina, isto é, no lugar do seu próprio trabalho, viu levantar-se um templo em honra da sua rival!

Os doutos e sapientes azedam-se quando nos rimos destas vaidades. Todavia, os adoradores destas boas e más divindades não escapam a este dilema da Concórdia e da Discórdia; quer porque puseram de parte o culto destas duas deusas, preferindo o culto de Febre e de Belona, às quais outrora dedicaram santuários, quer porque também àquelas prestaram culto, mas a Concórdia os abandonou e a Discórdia vinga-se arrastando-os à guerra civil.

CAPÍTULO XXVI

Diversos gêneros de guerra que se seguiram depois da dedicação de um templo à Concórdia.

Excelente obstáculo às sedições, na verdade, esse templo da Concórdia, testemunha da chacina e do suplício dos Gracos, que os Romanos acharam que deviam opor aos oradores. Quanto com isso aproveitaram, mostra-no-lo a sequência de acontecimentos ainda piores. Porque, desde então, os oradores esforçaram-se, não por evitar o exemplo dos Gracos, mas por superar os seus projetos.

Assim, o tribuno da plebe Lúcio Saturnino, o pretor Gaio Sér vílio e, muito depois, Marcos Druso, primeiro provocaram, todos eles, por suas rebeliões, massacres já de si muito graves; depois, atiçaram as guerras sociais que desolaram profundamente a Itália e a reduziram a um impressionante deserto despovoado. Sucederam-lhe em breve a guerra dos escravos e as guerras civis. Quantas batalhas

se travaram! Quanto sangue derramado! A ponto de quase todos os povos de Itália sobre os quais o Império Romano exercia a mais poderosa autoridade, estarem submetidos como que a uma cruel barbárie! Logo a seguir, de poucos gladiadores, menos de setenta, originou-se a guerra dos escravos. E de que maneira! A que número e a que arrojo e ferocidade chegaram! Os generais do Povo Romano que eles venceram! Que cidades e regiões devastaram e de que maneira! Dificilmente o puderam explicar cabalmente os que escreveram a história. E não ficou por aqui a guerra dos escravos; assolararam primeiro a província da Macedônia, depois, a Sicília e a orla marítima.

Quem poderá relatar em toda a sua magnitude os horríveis males que se cometaram: primeiro os latrocínios e depois, as violentas guerras dos piratas?

CAPÍTULO XXVII

As guerras civis de Mário e de Sula.

Quando Mário, já de fato manchado pelo sangue dos cidadãos fugiu vencido da Urbe, depois de ter imolado muitos dos seus adversários de partido, a cidade como que respirou um pouco. Mas, usando as palavras de Túlio: *Venceu depois Cina com Mário. Extinguiram-se então, com a execução dos mais ilustres varões, as luzes da cidade. Sula vingou a seguir esta cruel vitória. Nem há necessidade*

*de dizer à custa de quantas vidas de cidadãos e de quanta desgraça para o Estado*¹²⁵.

Acerca desta vingança, que foi mais perniciosa do que se deixassem impunes os crimes que até aí se puniram, diz Lucano: *O remédio excede a medida e a mão seguiu de muito longe as marcas da doença. Os culpados morreram; mas quando já só podiam restar culpados*¹²⁶.

Nesta guerra de Mário e Sula, sem contar com os que morreram em combate, também, na própria Urbe romana, as ruas, as praças, o Fórum, os teatros, os templos ficaram juncados de cadáveres. Era difícil dizer quando é que os vencedores fizeram mais vítimas: se antes, para vencerem, ou se depois, por terem vencido.

Quando da primeira vitória de Mário, quando, regressado do exílio, se recompõe, sem falar dos massacres cometidos por toda a parte, a cabeça do cônsul Otávio foi exposta nos *rostros*¹²⁷; os Césares foram trucidados nas suas casas por Fímbrria; os dois Crassos, pai e filho, foram assassinados à vista um do outro: Bébio e Numitório,

¹²⁵ Superavit postea Cinna cum Mario. Tum vero clarissimis viris interfectis lumina civitatis extincta sunt. Ultus est hujus victoriae crudelitatem postea Sulla, ne dici quidem opus est quanta deminutio civium et quanta calamitate rei publicae. Cicero, In Catii, III, 10.

¹²⁶ Excessit medecina modum nimiumque secuta est, Qua morbi duxere manum. Periere nocentes; Se d cum jam soli possent supereres nocentes. Lucano, Farsália, II, 142-144 (a).

(a) Migne acrescenta o seguinte: *Tunc data libertas odiis, resolutaque legum Frenis ira ruit, continuando poia a tradução nos termos seguintes: “Foi então dada liberdade aos ódios e, liberto do freio das leis, o rancor atirou-se para a frente”*. Lucano, Farsália, II, 142-146.

¹²⁷ Os *Rostros* (*Rostra*) eram as tribunas destinadas aos oradores no Fórum. Eram assim chamadas essas tribunas por estarem adornadas de esporões (*Rostra*) de ferro retirados aos maiores navios inimigos apresados e por terem a forma de bico das aves (*Rostra*).

arrastados por um gancho, pereceram com as entradas derramadas; Catulo subtraiu-se às mãos dos inimigos tomando veneno; Mérula, flâmine Dial¹²⁸, abriu as veias e ofereceu a Júpiter o próprio sangue em libação; à vista de Mário em pessoa, mataram sem delongas cidadãos aos quais ele não queria estender a mão quando o saudavam.

CAPÍTULO XXVIII

Vitória de Sula, vingadora da crueldade de Mário.

Segue-se porém a vitória de Sula, vingadora, claro, das crueldades daquele, conquistada à custa de tanto sangue dos cidadãos. Apenas terminada a guerra, os ódios, que ainda estavam vivos, tornaram a paz ainda mais cruel.

Aos primeiros e recentíssimos massacres de Mário Velho, juntaram Mário o Jovem e Carbão, do mesmo partido de Mário e outros mais crueis. Receando a vitória de Sula e também pela sua própria salvação, tudo encheram de cadáveres, tanto dos seus como dos outros. Porque, além dos inúmeros morticínios cometidos por toda a parte, cercaram o Senado e tiraram os senadores da Cúria como que de uma prisão, levando-os à morte pelo gládio. No templo de Vesta, o mais sagrado dos lugares entre os romanos, Múcio Cévola foi degolado abraçado ao próprio altar e pouco faltou para o seu sangue

¹²⁸ Dial era o nome dado ao flâmine de Júpiter.

extinguir o fogo que sempre ardia, mercê do cuidado perpétuo das virgens.

Depois em Roma, onde entrou como vencedor, numa Vila Pú-
blica, levado, não pela crueldade da guerra, mas da paz, Sula, sem
combate, mas com uma simples ordem, mandou degolar sete mil
prisioneiros; indefesos, evidentemente.

Houve tantas vítimas, que não foi possível contá-las. Até que
alguém sugeriu a Sula que deixasse alguns viverem, para que os ven-
cedores tivessem sobre quem mandar. Deteve-se então este anárquico
e furibundo desregramento de degolar e foi afixada uma lista, acolhi-
da com grande satisfação, com os nomes de dois mil cidadãos das
duas mais ilustres ordens — equestre e senatorial — que deviam ser
executados ou proscritos. O número causava tristeza, mas o limite
consolava. Não era tanta a amargura de ver tantas vitimas quanto o
regozijo de se pensar que os outros já nada mais tinham a temer.

Mas a própria segurança dos salvos, aliás bem cruel, não dei-
xou de se afligir com todo o gênero de refinados tormentos impostos
a alguns daqueles cuja morte tinha sido ordenada. A um deles despe-
daçaram, sem ferro de cortar, com as mãos. Alguns homens esquarte-
jaram um homem vivo mais ferozmente do que as feras costumam
despedaçar o cadáver que lhes atiram. A um outro arrancaram os
olhos e foram-lhe cortando os membros um a um e assim teve de

viver, ou antes, teve de ir morrendo lentamente no meio de atrozes sofrimentos.

Duas famosas cidades foram postas em hasta pública como se se tratasse de uma granja. Uma delas foi toda ela condenada à morte como um só réu que se conduzisse ao suplício. E tudo isto se fez na paz, depois da guerra; não para acelerar a vitória, a aliança, mas para que não fosse menosprezada depois de alcançada. A paz rivalizou e até venceu a guerra em crueldade. Esta abateu homens armados; aquela, homens desarmados. Na guerra, o que feria podia ser atingido pelo ferido; mas na paz não se permitia ao sobrevivente que vivesse; antes, era obrigado a morrer sem resistência.

CAPÍTULO XXIX

Comparação da invasão dos godos com as calamidades que os romanos suportaram da parte dos gauleses ou dos autores das guerras civis.

Que raiva de povos estrangeiros, que ferocidade dos bárbaros pode ser comparada a esta vitória de cidadãos sobre outros cidadãos? Que é que Roma viu de mais funesto, de mais tétrico, de mais amargo? Seria outrora a invasão dos gauleses? Ou, recentemente, a dos godos? Seria a ferocidade de um Mário, de um Sula, doutros chefes afamados dos seus partidos, que eram como que os luminares de todo o partido?

É certo que os gauleses trucidaram a quantos membros do Senado encontraram por toda a cidade, salvo os que estavam na cidadela do Capitólio, que se defendeu sozinha como pôde. Mas permitiram aos que se acolheram a essa colina que resgatassem a preço de ouro as suas vidas, que bem poderiam, se não arrebatar pelo ferro, pelo menos extinguir pelo cerco. Os godos, esses pouparam tantos senadores que o que mais surpreendeu foi terem matado alguns apenas.

Pelo contrário, Sula, quando ainda era vivo Mário, instalou-se como vencedor no Capitólio, que tinha sido salvo dos gauleses, para daí decretar a matança. E, como Mário se pôs em fuga — para voltar mais feroz e sedento de sangue —, aquele, no Capitólio, por um *senatus-consulto* privou muitos cidadãos das suas vidas e dos seus bens. Mas, quando Sula estava ausente, que é que de sagrado, de digno de ser poupadão houve para os partidários de Mário, pois nem sequer pouparam a Múcio, cidadão, senador, pontífice, quando abrava mal-aventuradamente o altar onde repousavam, como se dizia, os destinos de Roma? Pondo de parte outras inúmeras mortes, a última lista de Sula degolava mais senadores do que os que os godos puderam espoliar.

CAPÍTULO XXX

Sequência de guerras que, em grande número e gravidade, precederam a vinda de Cristo.

Com que cara, com que coração, com que impudência, com que tolice, ou melhor, com que demência não imputam aqueles males aos seus deuses e imputam os de agora ao nosso Cristo? As cruéis guerras civis foram mais amargas, como confessam os seus historiadores, do que todas as guerras com os inimigos estranhos. Julgaram eles que elas tinham não só apoquentado a República mas até a tinham de todo perdido. E eclodiram muito antes da vinda de Cristo.

Uma sequência de aceleradas causas liga as guerras de Mário e de Sula às guerras de Sertório e de Catilina (o primeiro proscrito e o segundo sustentado por Sula); liga estas às guerras de Lépido e de Catulo (dos quais, um pretendia revogar e o outro manter a política de Sula); liga estas às de Pompeo e de César (dos quais, o primeiro, partidário de Sula, lhe igualava e até ultrapassava o poderio e o segundo, não podendo suportar o poderio do seu rival, apenas porque o não possuía, adquiriu um maior ainda, pela derrota e a morte de Pompeo); liga estas a um outro César, posteriormente apelidado de Augusto, sob cujo império nasceu Cristo.

O próprio Augusto sustentou guerras civis com numerosos adversários. Nelas morreram muitos e muito ilustres homens, entre os quais Cícero, esse tão eloquente artífice da condução da República.

O vencedor de Pompeo, Júlio César, cultivou a sua vitória civil com clemência, conservou a vida e as dignidades aos seus adversários.

Mas, sob o pretexto de que ele aspirava à realeza, alguns senadores de elevada estirpe conjurados assassinaram-no na própria Cúria, pretendendo assim salvar a liberdade republicana.

Depois, Marco Antônio, de costumes totalmente diferentes, manchado e corrompido por todos os vícios, parece ter ambicionado o poderio de César. Cícero resistiu-lhe com veemência em nome da mesma pretensa liberdade da pátria. Foi então que surgiu o outro César, jovem de maravilhosa índole, filho adotivo de Júlio César e posteriormente, como disse, apelidado de Augusto. Cícero favoreceu este jovem César para excitar o seu poderio contra Antônio, esperando que ele, repelido e abatido o domínio de Antônio, restaurasse a liberdade da República.

Mas foi bem cego e incapaz de prever o futuro: o jovem cujo prestígio e poderio favorecia, permitiu a Antônio a morte de Cícero, como que num pacto de reconciliação e apoderou-se, em seu proveito, da liberdade da República, a favor da qual, tanto e tão alto tinha Cícero clamado.

CAPÍTULO XXXI

Quão impudicamente imputam a Cristo os males actuais aqueles a quem não é consentido o culto dos deuses, quando

tamanhas desgraças aconteceram no tempo em que eram adorados.

Acusem os seus deuses de tão grandes males aqueles que não agradecem a Cristo tão grandes bens. Com certeza, quando aqueles males apareceram, o fogo ardia nos altares dos numes, o incenso de Sabá e as grinaldas frescas perfumavam-nos, os sacerdócios gozavam de prestígio, os santuários resplandeciam; nos templos faziam-se sacrifícios, organizavam-se jogos e entrava-se em transe. Era quando o sangue dos cidadãos, por cidadãos derramado, corria de todos os lados, não apenas em certos lugares, mas mesmo por entre os altares dos deuses. Não foi um templo que Túlio escolheu para seu refúgio, porque em vão o escolhera Múcio. Mas aqueles que com maior indignação amaldiçoaram os tempos cristãos, refugiaram-se nos lugares especialmente consagrados a Cristo ou foram para aí conduzidos pelos próprios bárbaros para que vivessem.

Eu bem o sei e comigo o reconhece facilmente qualquer um que julgue sem partidarismo (aliás omitirei muitos fatos já por mim citados e outros muito mais que julgo seria longo lembrar): se o gênero humano tivesse recebido a doutrina cristã antes das guerras púnicas e se tivessem surgido tantas devastações quantas as que afligiram a Europa e a Ásia durante aquelas guerras, nenhum daqueles, cujos ataques agora suportamos, deixaria de atribuir estes males à religião cristã.

Mas os seus clamores, no que respeita aos romanos, seriam ainda muito mais insuportáveis se a religião cristã tivesse sido recebida e difundida antes da invasão dos gauleses ou das devastações e das inundações do Tibre e do incêndio, ou, o que ainda é o pior de todos os males, das guerras civis. Houve ainda outros males tão inconcebíveis, que eram contados como prodígios. Se tivessem acontecido em tempos cristãos, sobre quem recairia a responsabilidade, como se de crimes se tratasse, senão sobre os cristãos? Não me refiro, naturalmente, àqueles acontecimentos que são mais de pasmar do que de temer: bois que falam, crianças por nascer que proferem certas palavras no ventre materno, serpentes que voam, galinhas, mulheres e homens que mudaram de sexo e outros semelhantes.

Verdadeiros ou falsos, estes acontecimentos que se leem nos seus livros — não fabulosos, mas históricos — causam pasmo às pessoas, mas não as prejudicam. Mas, quando chove terra, quando chove greda, quando chovem pedras (pedras de verdade e não de granizo, como também é costume chamar-se-lhes), isto pode causar prejuízos mesmo graves. Lemos neles que a lava inflamada do Etna, correndo do cume do monte até ao litoral próximo, fez ferver de tal forma o mar, que as rochas ficaram abrasadas e o pez dos navios se derreteu. Isto é que, sendo incrivelmente espantoso, na verdade causou prejuízos e não pequenos!

Uma idêntica erupção, escrevem, sepultou a Sicília sob uma camada tão espessa de cinzas ardentes, que as casas de Catânia ficaram esmagadas e sepultadas. Comovidos com esta calamidade, os romanos, por compaixão, eximiram-na de impostos nesse ano. Contam ainda nos seus livros que, na África, quando já era província romana, se abateu uma praga de gafanhotos que parecia um prodígio. Dizem que depois de terem consumido os frutos e as folhas das árvores, se lançaram ao mar como uma nuvem de ingentes proporções. Conta-se que, tendo eles sido devolvidos já mortos às praias e, por isso tendo, corrompido os ares, surgiu uma tão grande epidemia que só no reino de Masinissa morreram oitocentos mil pessoas e muito mais em terras vizinhas do litoral. Asseguram que, em Útica, dos trinta mil jovens que contava, apenas dez mil teriam sobrevivido.

Uma falta de senso como a que estamos suportando e a que somos constrangidos a responder, qual destes males não teria ela atribuído à religião cristã, se os tivesse presenciado nos tempos cristãos? E, contudo, não os atribuem aos seus deuses, cujo culto reclamam de novo para não suportarem males bem menores, quando os seus antepassados, pelos quais eles antes eram venerados, males bem mais pesados tiveram outrora de suportar.

Livro IV - Ao que se deve a grandeza dos romanos

É provado neste livro que a grandeza e a duração do império romano não são a obra de Júpiter e nem dos outros deuses pagãos, cujo poder é restrito a objetos particulares e a funções secundárias, mas que é preciso honrar o único e verdadeiro Deus, princípio de toda felicidade, que forma e mantém os reinos da terra, através de decretos soberanos de sua sabedoria.

CAPÍTULO I

O que foi discutido no livro primeiro.

No princípio desta obra sobre A Cidade de Deus, achei que deveria começar por responder aos seus inimigos que andam em busca dos gozos terrenos e, ávidos de bens fugazes, acusam a religião cristã — única salutar e verdadeira religião — das tristezas que eles têm que suportar, mas que são mais uma advertência da misericórdia de Deus do que um castigo da sua severidade.

E como entre eles há uma multidão de ignorantes, acende-se mais fortemente o seu ódio contra nós. Baseados na autoridade dos seus doutores e na sua ignorância, julgam que os males insólitos dos seus tempos não teriam acontecido nos tempos passados.

Como esta opinião é ainda reforçada por esses doutores, que sabem que ela é falsa, mas dissimulam o que sabem, para que pareça que há justas razões para murmurarem contra nós, necessário se tomou demonstrar, com a ajuda dos livros em que os seus autores consignaram as recordações das épocas passadas, que os acontecimentos foram bem diferentes do que julgam, como necessário se tomou ain-

da esclarecer que os falsos deuses, que publicamente adoravam ou que agora adoram às ocultas, são espíritos imundíssimos, os mais maléficos e os mais enganadores demônios que chegaram a comprazer-se com os seus crimes reais ou fictícios e quiseram que os representassem solenemente nas suas festas para que a fraqueza humana não deixasse de cometer atos condenáveis quando uma pretensa autoridade divina os oferecia à sua imitação.

Provamo-lo, não com conjecturas nossas, mas, em parte, com recordações recentes — pois nós próprios vimos representar tais infâmias em honra de tais deuses — e em parte com os escritos dos que deixaram à posteridade o relato dos ritos, não para ultraje dos seus deuses, mas em sua honra. Tanto assim é que Varrão, um dos mais doutos e de maior autoridade entre eles, tratou, em obras distintas, as questões humanas e as questões divinas, consagrando umas às humanas outras às divinas, arrumando cada uma dessas questões conforme a sua dignidade: colocou os jogos cênicos, não entre as questões humanas, mas entre as divinas. Na realidade, porém, se na cidade só houvesse pessoas boas e honestas, nem entre as humanas teriam sido colocados os jogos cênicos. Isto, de certo, não o fez Varrão por autoridade própria, mas porque, nascido e educado em Roma, os encontrou entre as instituições divinas.

E, como no final do livro primeiro indicamos concisamente o que iríamos de imediato expor, falamos de algumas questões nos dois

livros seguintes, sabemos o que falta agora expor para satisfazer a expectativa dos leitores.

CAPÍTULO II

Assuntos contidos nos livros segundo e terceiro.

Tínhamos, pois, prometido que havíamos de opor certos argumentos aos que atribuem à nossa religião os desastres da República Romana e de relembrar (quaisquer que eles fossem e por muito grandes que fossem, à medida que eles se apresentassem, ou tanto quanto fosse necessário) os males suportados por Roma e pelas províncias dependentes do Império antes da proibição dos seus sacrifícios; males que eles nos atribuiriam, sem dúvida, se já então a nossa religião tivesse sobre eles difundido a sua luz ou se já lhes tivesse proibido as suas sacrílegas cerimônias.

Parece-me que desenvolvemos suficientemente estes assuntos no segundo e terceiro livros; no segundo, ao tratarmos dos males morais, que se devem considerar como os únicos verdadeiros males ou, pelo menos, como os maiores; no terceiro, ao tratarmos dos males ligados ao corpo e às coisas exteriores, únicos que os insensatos suportam com horror e que também os bons suportam.

Aqueles males, não digo que os aceitam com paciência, mas antes com prazer; e, todavia, estes males é que os tornam maus.

E bem pouco disse acerca de Roma e do seu império e muito menos até César Augusto. Se eu quisesse recordar e exagerar tais males, não já os males que os homens fazem uns aos outros, tais como as devastações e as destruições dos guerreiros, mas aqueles que surgem dos elementos terrenos do próprio mundo (Apuleio faz deles um breve relato numa passagem do seu livro **De Mundo**¹²⁹). Menciona que todas as coisas terrestres estão sujeitas a mutações, transformações, destruições: «tremores de terra sem medida» — utilize as suas palavras — «abriram o solo e engoliram cidades com as suas populações»; trombas d'água inundaram regiões inteiras; antigos continentes transformaram-se em ilhas pela invasão de estranhas ondas; outras ilhas, devido ao recuo do mar, tomaram-se acessíveis a pé enxuto; ventanias e procelas arrasaram cidades; fogo caído das nuvens abrasou e consumiu regiões do Oriente; no Ocidente, trombas d'água e inundações causaram idênticas devastações. Assim, certo dia o Etna esvaziou a sua cratera e rios de fogo precipitaram-se, como um incêndio vindo do céu, do cume ao longo das encostas, como uma torrente de chamas); se eu quisesse recolher, de onde pudesse, estes fatos e outros semelhantes que a história menciona, quando é que eu acabaria? E estas calamidades aconteceram nesses tempos em

¹²⁹ Acerca do Mundo. Tem-se hoje quase como ponto assente que o **De Mundo** é uma adaptação de um tratado do pseudo-Aristóteles.

que o nome de Cristo não tinha reprimido qualquer dessas fúteis práticas, perniciosas à verdadeira salvação.

Também tinha prometido mostrar de que qualidade eram os hábitos morais dos romanos e por que razão o verdadeiro Deus, em cujo poder estão todos os reinos, se dignou ajudá-los a estender o seu império e como aqueles que consideram deuses, em nada os auxiliaram, mas antes, inúmeros danos lhes têm causado com disfarces e enganos.

Parece-me que agora devo, portanto, falar (e mais demoradamente) do incremento do Império Romano. De fato, acerca da nociva falácia dos demônios que eles adoram como deuses, já se disse e não pouco, principalmente no livro segundo e quantos males introduziram nos seus costumes. No decurso dos três livros findos, assinalamos, quando nos pareceu oportuno, quantas consolações, mesmo nas desgraças da guerra, graças ao nome de Cristo, a quem os bárbaros testemunharam tanta honra, ao contrário dos costumes de guerra, Deus carreou para os bons e para os maus, *Ele que fez nascer o sol sobre os bons e sobre os maus e chover sobre os justos e os injustos*¹³⁰.

¹³⁰ *qui facit solem suum oriri super bonos et maios et pluit super justos et injustos.* Mat., V, 45.

CAPÍTULO III

Se a dilatação do Império, que só por guerras se conseguiu, se deve considerar um dos bens dos sábios e dos felizes.

Vejamos então agora o que valem as suas razões para se atreverem a atribuir aos deuses tamanha extensão e duração do Império Romano e afirmarem que se comportaram honestamente, venerando-os com jogos torpes representados por torpes atores.

Mas, antes, quereria averiguar brevemente se é razoável e sensato querer gabar-se da extensão e grandeza do Império, quando não se pode demonstrar a felicidade de pessoas sempre mergulhadas em guerras, em calamidades, no sangue do concidadão ou do inimigo (mas sempre sangue humano) e sob tenebroso terror e cruenta cupidez. Essa «felicidade», brilhante como o vidro e como ele frágil, vive-se no terrível receio de que de repente se estilhaçe.

Para fazermos um juízo mais à vontade sobre isto, não nos devaneçamos com vãs jactâncias, nem enfraqueçamos a força do pensamento com palavras altissonsantes como «povos», «reinos», «províncias». Imaginemos dois homens (porque cada homem, tal como uma letra na frase, é um elemento da cidade e do reino, por maior que seja a extensão do seu território) e pensemos que, destes dois homens, um é pobre, ou melhor, de classe média e o outro muito rico.

O rico é atormentado de temores, consumido de desgostos, arde em cobiça, nunca seguro, sempre inquieto, ofegante em perpétuos conflitos de inimizades, aumentando sem dúvida o seu patrimônio sem limite à custa destas misérias, mas àqueles aumentos juntando também amaríssimos cuidados.

O de condição média, porém, está satisfeito com o seu pequeno e apertado patrimônio familiar; é, dos seus, muito querido; goza da mais doce paz com os parentes, vizinhos e amigos; é piedosamente religioso e dotado de grande afabilidade; tem o corpo sadio; parco na vida; casto nos costumes; sereno de consciência. Não sei se haverá alguém tão louco que duvide qual deverá preferir.

Ora, como nestes dois homens, assim é a regra da equidade a seguir em duas famílias, em dois povos, em dois reinos. Aplicando como deve ser e com a condição de retificar o nosso pensamento, veremos facilmente onde estão as aparências e onde está a felicidade.

É por isso que, se o verdadeiro Deus for adorado e for servido com verdadeiros sacrifícios e costumes puros, é útil que os bons entendam até muito longe e por muito tempo o seu poder e isto, não tanto por eles próprios, mas por aqueles que eles governam. Por que, quanto a eles próprios, a sua piedade, a sua justiça, que são grandes dons de Deus, bastam-lhes para a verdadeira felicidade: a de viverem bem nesta vida e obterem depois a vida eterna.

Nesta terra, portanto, o reino dos bons é um benefício, não tanto para eles próprios, como para a humanidade. Porém, o reino dos maus é funesto principalmente a eles, pois arruínam as almas com a maior facilidade para cometem crimes. Mas, àqueles que lhes estão submetidos, nada mais é prejudicial do que a iniquidade própria.

Efetivamente, os sofrimentos que aos justos advêm dos senhores injustos não são o castigo de uma falta, mas a provação da virtude. Por conseguinte, o bom, mesmo que reduzido à escravidão, é livre; ao passo que o mau, mesmo que seja rei, é escravo, não de um homem, mas, o que é mais grave, de tantos senhores quantos os víncios. A estes vícios se refere a Sagrada Escritura quando diz: *Quando alguém se deixa vencer por alguma coisa, torna-se dela escravo*¹³¹.

CAPÍTULO IV

Os reinos sem justiça assemelham-se a uma quadrilha de ladrões.

Afastada a justiça, que são, na verdade, os reinos senão grandes quadrilhas de ladrões? Que é que são, na verdade, as quadrilhas de ladrões, senão pequenos reinos? Estas são bandos de gente que se submete ao comando de um chefe, que se vincula por um pacto social e reparte a presa segundo a lei por ela aceite. Se este mal for engrossando pela afluência de numerosas pessoas perdidas, a ponto de

¹³¹ *A quo enim quis devictus est, huic et servus addictus est.* II Pedro, II, 19.

ocuparem territórios, constituírem sedes, ocuparem cidades e subjugarem povos, arroga-se então abertamente o título de reino, título que lhe confere aos olhos de todos, não a renúncia à cupidez, mas a garantia da impunidade.

Foi o que, com finura e verdade, respondeu a Alexandre Magno certo pirata que tinha sido aprisionado. De fato, quando o rei perguntou ao homem que lhe parecia isso de infestar os mares, respondeu ele com franca audácia: «O mesmo que a ti parece isso de infestar todo o mundo; mas a mim, porque o faço com um pequeno navio, chamam-me ladrão e a ti, porque o fazes com uma grande armada, chamam-te imperador».

CAPÍTULO V

Os gladiadores fugitivos cujo poderio se assemelhou à dignidade régia.

Não me detenho a averiguar que tipo de gente congregou Rômulo. Muito fez por eles quando os admitiu na comunidade da cidade, pois desta maneira afastou-os daquela vida, impediu-os de pensarem nas devidas penas, cujo receio os arrastava para crimes ainda mais graves e levou-os a que doravante se tornassem mais pacíficos na vida social.

Pois vos digo que, quando o Império Romano já era grande pelo número de povos subjugados e temível para os demais, sofreu a-

margamente, teve grandes receios e não conseguiu, senão à custa de grandes esforços, evitar um ingente desastre, quando pouquíssimos gladiadores, fugidos da sua escola de exercícios na Campânia, formaram um grande exército, nomearam três chefes e devastaram cruelmente grande parte da Itália. Dirão: que deus é que os terá ajudado de forma a chegarem, de um pequeno e desprezível bando de ladrões, a um poder capaz de meter medo às forças e fortalezas romanas tão imponentes? Teremos que lhes negar o auxílio divino porque duraram pouco tempo? Como se, na verdade, a vida de qualquer pessoa fosse longa! Deste modo, os deuses a ninguém ajudariam a reinar, pois que cedo cada um morrerá, nem poderia ser tomado como um benefício o que em cada pessoa e, portanto, em todos, em pouco tempo se desvanece como fumo.

Que importa, de fato, aos que veneraram os deuses no tempo de Rômulo e que morreram há muito tempo, que o Império Romano tanto se tenha dilatado depois da sua morte, quando já enfrentam as suas causas nos infernos? Se são boas ou más, isso já não importa ao caso presente.

O mesmo é de pensar de todos aqueles que passaram a correr através do próprio Império (mesmo que a sua duração se estenda por várias épocas, dado o desaparecimento e a sucessão dos mortais), transportando o fardo dos seus atos durante a curta vida.

Mas, se mesmo as vantagens desses tempos efêmeros se devem atribuir à ajuda dos deuses, em pouco não foram ajudados os gladiadores que quebraram os grilhões da condição servil, que fugiram, que escaparam, que se agruparam num enorme e fortíssimo exército e que, obedecendo às diretrizes e ordens dos seus reis, fizeram tremer a grandeza romana e, depois de se terem mantido invictos perante vários generais romanos, se apoderaram de muitos despojos, conseguiram inúmeras vitórias, deram satisfação aos prazeres por que ansiam e fizeram tudo o que a paixão lhes sugeria. Por fim, até serem vencidos — o que mui dificilmente aconteceu — viveram gloriosos como reis.

Mas passemos a assuntos mais importantes.

CAPÍTULO VI

Ambição do rei Nino, que, para estender os seus domínios, começou por declarar a guerra aos seus vizinhos.

Justino, que, seguindo Togo Pompeo, escreveu uma História Grega, ou melhor, História Estrangeira, não somente em latim, como este, mas mais abreviada, começou assim a obra dos seus livros:

No princípio, o poder sobre os povos e as nações encontrava-se todo nas mãos dos reis, guindados a esta suprema dignidade, não pela ambição popular, mas pela sabedoria que os bons lhes reconheciām. O povo ainda não estava vinculado a leis; mais do que

*estendê-los, era costume proteger os limites do Estado! Para cada um, esses limites identificavam-se com as fronteiras da sua própria pátria. Nino, da Assíria, foi o primeiro que, impelido por uma ambição até então ignorada, mudou estes antigos e quase ancestrais hábitos. Foi ele o primeiro a declarar guerra aos seus vizinhos e a estender o seu domínio até às fronteiras da Líbia sobre populações ainda ignorantes da arte de se defenderem*¹³².

Depois acrescenta: *Nino consolidou por uma posse duradoura o vasto império que tinha conquistado. Vencidos que foram os seus vizinhos, cada vez mais forte com o aumento das suas tropas, marchou contra os outros povos, servindo cada vitória de instrumento para a segunda e assim submeteu os povos de todo o Oriente*¹³³.

Qualquer que seja a fidelidade aos fatos referidos por este ou por Trogó (efetivamente, outros escritores mais fiéis evidenciam alguns dos seus erros), consta, porém, nos demais escritores que Nino estendeu e alargou o reino dos Assírios. Sua duração foi até superior

¹³² *Principio rerum gentium nationumque Imperium penes reges erat, quos ad fastigium hujus majestatis non ambitio popularis, sed spectata inter bonos moderatio provehebat. Populi nullis legibus tenebantur, fines imperii tueri magis quam proferre mos erat, intra suam cuique patriam regna tenebantur. Primus omnium Ninus rex Assyriorum veterem et quasi avitum gentibus morem nova imperii cupiditate mutavit. Hie primus intulit bella finitimis et rudes adhuc ad resistendum populos ad terminos usque Libyae perdomit.*

¹³³ *Ninus magnitudinem quae sitae dominationis continua possessione firmavit. Domitis igitur proximis cum accessione virium fortior ad alios transiret et proxima quaeque victoria instrumentum sequentis esset, totius Orientis populos subegit (a).*

(a) Trogó Pompeo, um historiador romano de origem gaulesa, contemporâneo de Augusto, com o título de *Historiae Philipicae* escreveu uma história em quarenta e quatro livros, em continuação de Tito Lívio. Era a descrição da história de várias povos, exceto os romanos, a partir da Macedônia, reino de Filipe. Toda a obra se perdeu e é atualmente conhecida apenas pelo resumo que dela fez no Séc. II Juniano Justino.

à que o Império Romano até agora atingiu. Na verdade, como escreveram os que continuaram a história cronológica, manteve-se este reino durante mil duzentos e quarenta anos desde o primeiro ano em que Nino começou a reinar até passar para os Medos.

Levar a guerra aos vizinhos, avançar depois para novas conquistas, esmagar e submeter, por pura ambição de domínio povos pacíficos, que outro nome merece isto, senão o de imensa quadrilha de ladrões?

CAPÍTULO VII

Serão os reinos da Terra ajudados ou abandonados pelos deuses no decurso do seu progresso ou do seu retrocesso?

Se este reino foi tão extenso e tão duradouro sem o menor auxílio dos deuses, por que atribuir aos deuses romanos, tão amplo em extensão e tão longo no tempo, o domínio romano? Por que, qualquer que seja a causa daquele, tem que ser a mesma deste. Se se pretende que se deve atribuir aquele ao auxílio dos deuses, pergunto de quais. Porque os outros povos que Nino conquistou e subjugou não adoravam deuses alheios. Ou, se os assírios tiveram deuses próprios, estes, obreiros mais hábeis na arte de construir e de conservar um império, terão morrido quando esse povo perdeu o seu império? Ou, por que não lhes era pago o devido salário ou porque receberam melhores ofertas, preferiram passar-se para os Medos e destes, mais tarde, para

os Persas, a convite de Ciro que lhes fazia ofertas mais vantajosas? De resto, este povo, depois do Império de Alexandre da Macedônia, grande em tamanho, mas muito breve no tempo, perdura até hoje em extensas regiões do Oriente.

Se assim é, ou os deuses são uns traidores que abandonam os seus e se passam para os inimigos (o que nem um simples homem como Camilo fez, quando, depois de ter vencido e tomado de assalto a cidade mais encarniçada inimiga de Roma, sentiu a ingratidão dessa; todavia, esqueceu logo a injúria e, lembrado da pátria, livrou-se mais uma vez dos Gauleses); ou não são tão fortes como convém aos deuses que sejam fortes, eles que podem ser vencidos pelas decisões ou força humanas; ou guerreiam-se uns aos outros e são vencidos, não por homens, mas por outros deuses próprios de cada cidade, alimentando, portanto, entre si inimizades que cada um exerce a favor da sua facção. Uma cidade não devia, por conseguinte, venerar os seus deuses de preferência a outros pelos quais os seus poderão não ser ajudados.

Enfim, de qualquer modo que se interprete essa passagem para o inimigo, ou essa fuga, ou essa migração ou essa defecção dos deuses em pleno combate, ainda o nome de Cristo não tinha sido pregado nesses tempos e nessas regiões da Terra, quando aqueles impérios, no decurso de ingentes calamidades bélicas, se perderam ou passaram a outros. Mas, se a religião cristã já aí tivesse pregado um

outro reino, esse eterno e proscrito culto sacrílego dos falsos deuses, quando, depois de uma existência de mais de mil e duzentos anos, o seu reino tivesse sido arrebatado aos Assírios, que não teriam dito os espíritos frívolos dessa nação, senão que um reino conservado durante tanto tempo não podia perecer senão por uma causa: o abandono da sua religião e a introdução de uma religião nova?

Fixem neste possível clamor da vaidade a sua atenção e, se lhes resta algum pudor, envergonhem-se de queixumes semelhantes. O Império Romano sofreu mais um duro choque do que uma mudança; suportou provas como as doutros tempos antes do nome de Cristo, das quais se refez. Não se deve, pois, desesperar, nos tempos que correm. Efetivamente, quem conhece, a este respeito, a vontade de Deus?

CAPÍTULO VIII

Com o patrocínio de que deuses julgam os Romanos que o Império se dilatou e manteve, uma vez que se convenceram de que a proteção de cada coisa devia ser confiada a cada deus em particular.

Se estais de acordo, indaguemos agora qual é ou quais são, no meio de tamanha turba de deuses adorados pelos Romanos, qual ou quais os que eles julgam que dilataram e mantiveram o império.

Em trabalho tão preclaro e tão cheio de dignidade não ousarão com certeza atribuir qualquer quinhão à deusa Cluacina nem a Volú-

pia, assim chamada devido à voluptuosidade; nem a Lubertina, cujo nome vem de *libido*¹³⁴; nem a Vaticano, que preside aos vagidos das crianças; nem a Cunina, que vigia sobre os seus berços (*cunae*).

Mas, como é que num só capítulo deste livro podem ser mencionados os nomes de todos os deuses e de todas as deusas que difficilmente poderão caber em grossos volumes que tratam dos ofícios de cada deus para cada tarefa? Acharam que nem sequer deviam confiar a um só deus os trabalhos de campo, mas entregaram os planos à deusa Rusina (*rus* = campo), os cumes (*juga*) dos montes a Jugatino, as encostas (*collis*) à deusa Collatina, os vales a Valônia. Nem mesmo puderam reservar só para Segetia as ceifas (*segetes*), mas puseram a deusa Seia a presidir às sementes, enquanto estão debaixo da terra; a deusa Segetia, quando já estão acima da terra até à ceifa; a deusa Tutilina, à conservação do grão colhido e recolhido para se conservar em segurança (*tuta*).

A quem é que não pareceria suficiente aquela Segetia a todo o desenvolvimento da messe, desde que nasce até que a espiga amadureça? Tal não bastou, porém, a pessoas amantes de uma multidão de deuses e assim prostituíram a sua mísera alma à turba de demônios, desprezando o casto abraço do único Deus verdadeiro.

¹³⁴ Lascívia.

Puseram por isso Prosérpina a presidir à germinação do trigo, o deus Nóduto aos gomos e nós (*nodus*) dos caules; a deusa Volutina ao envoltório das folhas; a deusa Patelana à abertura dos folículos para que a espiga passe; a deusa Hostilina, quando as espigas vão igualando suas barbas, pois os antigos para «igualar» (*aequare*) usavam o verbo *hostire*; a deusa Flora à floração do trigo; o deus Lactumus quando está leitoso; a deusa Matuta à maturação; a deusa Runcina quando se arrancam (*nuncare*), isto é, quando o levam da terra. E não enumero a todos porque me aborrece o que a eles não causa vergonha.

O pouco que disse é para que se compreenda que os Romanos de nenhuma forma ousavam atribuir o estabelecimento do Império Romano, a sua dilatação, a sua manutenção a divindades que estavam de tal modo especializadas, cada uma em seu ofício, que a nenhuma foi confiado um emprego global. Como é que, portanto, Segetia teria tomado a seu cuidado o Império, ela a quem não era permitido ocupar-se ao mesmo tempo das searas e das árvores? Como é que Cunina poderia pensar nas armas, ela a quem não era permitido deixar o berço das crianças? Como é que Nóduto poderia prestar ajuda na guerra, ele que nem ao invólucro da espiga, mas apenas aos nós dos caules estava vinculado? Cada um põe em sua casa apenas um porteiro e, embora seja um só homem, basta perfeitamente; mas eles colocaram três deuses, Fórculo nas portas (*fores*), Cárdia nos gonsos

(*cardo*), Limentino à soleira (*limen*). E assim, Fórculo não podia guardar ao mesmo tempo os gonzos e a soleira.

CAPÍTULO IX

Se a extensão e a duração do Império Romano se devem atribuir a Júpiter, que os seus adoradores consideram como o maior dos deuses.

Deixemos, pelo menos enquanto, essa turba de minúsculos deuses e procuremos, como devemos, o papel dos deuses maiores, graças ao qual Roma se tomou tão grande a ponto de dominar tantos povos desde há tanto tempo.

Com certeza que isto é obra de Júpiter. Querem, efetivamente, que ele seja o rei de todos os deuses e de todas as deusas; indica-o o seu cetro, indica-o o Capitólio no alto da colina. Declaram que é a certadíssimo, embora proferido por um poeta, este dito a respeito deste deus: *Tudo está cheio de Júpiter*¹³⁵.

Varrão crê que ele é adorado mesmo por aqueles que adoram um só deus sem imagem, mas com outro nome. Se assim é, porque é que ele é tão maltratado em Roma, como de resto entre outros povos, erigindo-lhe uma estátua? Isto desagradava tanto ao próprio Varrão que, embora pressionado pelo costume perverso duma semelhante

¹³⁵ *Jovis omnia plena*. Virgílio, *Bucólicas*, III, 60.

cidade, não receou dizer e escrever que, os que levantaram estátuas aos deuses, aos povos tiraram o medo, mas infundiram o erro.

CAPÍTULO X

Opiniões seguidas por aqueles que propuseram deuses diferentes para as diferentes partes do Mundo.

E porque é que lhe unem Juno como esposa, que se diz sua «irmã e cônjuge»? Porque, dizem, segundo a tradição, Júpiter está no éter, Juno no ar e estes dois elementos, um superior e outro inferior, estão unidos. Já não é, portanto, aquele de quem foi dito: *tudo está cheio de Júpiter*, pois também Juno enche uma parte. Será que os dois cônjuges enchem os dois elementos residindo ao mesmo tempo um e outro nos dois? Então, porque é que se atribui o éter a Júpiter e o ar a Juno? No fim das contas, estas duas divindades bastariam; para quê atribuir o mar a Netuno e a terra a Plutão? E, para que estes não fiquem também sem esposas, juntam Salácia a Netuno e Prosérpina a Plutão. É que, dizem, assim como Juno reside no ar, isto é, na parte inferior do céu, assim também Salácia ocupa a parte inferior do mar e Prosérpina a parte inferior da terra.

Procuram, mas não encontram a maneira de remendar estas fábulas. Se assim fosse, os antigos teriam falado de três e não de quatro elementos do mundo para atribuírem a cada elemento uma parelha de deuses. Todavia, o que afirmam é bem diferente: o éter é uma coisa e

o ar é outra. Quanto à água, superior ou inferior, não deixa de ser água. Imagina tu que é diferente, deixará ela por isso de ser água? E a terra «inferior», que outra coisa poderá ser senão terra, por muito diferente que seja? E eis que com estes quatro ou três elementos já o conjunto do mundo corpóreo está completo.

Onde ficará Minerva? Que ocupará ela? Que é que preencherá? Encontrou um lugar no Capitólio ao mesmo tempo que eles, embora não seja filha de ambos. Se, como dizem, Minerva ocupa a parte superior do éter — e por essa razão os poetas fingem que ela nasceu da cabeça de Júpiter — porque não a consideram então como rainha dos deuses, mesmo acima de Júpiter? Porque seria indecoroso colocar a filha acima do pai? Porque é que não se observou a mesma justiça a propósito do próprio Júpiter para com Saturno? Porque este foi vencido? Então, combateram? Longe disso, dizem; palavrório de fábulas é que isso é! Vá! Não acreditemos em fábulas e façamos dos deuses melhor juízo. Porque é que então não foi dada ao pai de Júpiter uma morada, se não mais sublime pelo menos de igual categoria? Porque, dizem, Saturno é a duração do tempo. Portanto, prestar culto a Saturno é prestar culto ao tempo e supor que Júpiter, rei dos deuses, nasceu do tempo. Que há de indigno em dizer-se que Júpiter e Juno nasceram do tempo — se aquele é o céu e esta a terra — sendo certo que o céu e a terra foram criados? De fato também os seus doutores e sábios consignaram isto nos seus livros.

Não foi segundo as ficções dos poetas, mas segundo os livros dos filósofos que Virgílio escreveu: *Então, o Pai Omnipotente, o Éter, desceu em forma de chuva fecunda, ao seio da sua ditosa esposa*¹³⁶, isto é, no seio de Telure, a Terra. Por que ainda aqui querem que haja diferenças. Julgam que na própria terra uma coisa é a Terra, outra Telure outra Telumão e que cada um destes deuses tem os seus próprios nomes, distingue-se pelas suas funções e é venerado em altares e com ritos próprios.

A esta mesma Terra chamam também a mãe dos deuses e assim já as ficções dos poetas se tornam mais toleráveis, pois não é nos seus poemas, mas nos livros sagrados que é chamada não só a «irmã e esposa», mas também a mãe de Júpiter. Querem ainda que a mesma Terra seja Ceres e também Vesta. Mas é frequente apresentarem Vesta como o fogo dos lares, sem o qual a cidade não poderia existir. E por isso eram virgens que costumavam consagrar ao seu serviço, porque, assim como nada nasce do fogo, também nada nasce de uma virgem.

Todas estas frivolidades deviam com certeza vir a ser abolidas e extintas por quem nasceu duma virgem. Efetivamente, quem suporá que os que tributam tão grande honra (e até como que castidade) ao fogo, não se envergonhem de chamar Vênus a Vesta, desvanecen-

¹³⁶ *Tum pater omnipotens fecundis imbris aether Conjugis in gremium lactae descendit.* Virgílio, Geórgicas, II, 325.

do assim a louvável virgindade das suas servidoras? É que, se Vesta é Vênus, como é que virgens podem corretamente servi-la, abstendo-se das obras de Vênus? Haverá duas Vênus, uma virgem e outra mulher (*mulier*)? Ou melhor, três: uma, das virgens, que é também Vesta; outra, das casadas e outra, das meretrizes? Era a esta que os Fenícios davam de presente a prostituição das filhas antes de as vincularem aos maridos. Qual delas é a mulher de Vulcano? Com certeza que não é a virgem, pois tem um marido. Que seja a meretriz; nem pensar nisso; não vá parecer que se pretende fazer injúrias ao filho de Juno, ao colaborador de Minerva. Portanto, tem que se concluir que se trata da que diz respeito às casadas. Mas não queremos que a imitem no que ela fez com Marte. Lá voltas de novo às fábulas, dirão!

Que justiça é essa que se inflama contra nós por isto afirmarmos dos seus deuses e não inflama contra si próprios os que no teatro assistem gostosamente a estes crimes dos seus deuses? E (o que não seria de acreditar se não se provasse sem contestação) estas representações teatrais dos crimes dos deuses foram instituídas em louvor desses mesmos deuses.

CAPÍTULO XI

Os doutores dos pagãos defendem a opinião de que os diversos deuses mais não são que um e o mesmo Júpiter.

Afirmem, pois, o que lhes apetecer, baseados em argumentos de ordem física e em conclusões das suas controvérsias. Umas vezes dizem que Júpiter é a alma deste mundo corpóreo; alma que enche e move toda esta mole formada e constituída por quatro, ou por quantos elementos lhes aprouver; outras vezes, que ele cede à irmã e aos irmãos a sua parte; outras, que ele é o éter que envolve o ar desde Juno, lá em cima, até ao difundido cá por baixo; umas vezes, que ele próprio é o céu todo com o ar e que fecunda com as suas chuvas e sementes a Terra, simultaneamente sua esposa e mãe (pois que nada de torpe há entre os deuses); outras vezes, finalmente (para não desfiar todas as possibilidades), que ele é o deus único ao qual muitos atribuem o que foi dito pelo mais ilustre dos poetas: *O deus de fato percorre todas as terras, todas as extensões dos mares, todas as profundezas do Céu*¹³⁷; ele é Júpiter no éter e Juno nos ares; é Netuno nos mares e Salácia nas regiões inferiores do mar; é na terra Plutão e Prosérpina nas regiões inferiores da terra; é Vesta nos lares domésticos e Vulcano na fornalha dos ferreiros; nos astros é o Sol, a Lua e as estrelas, e nos adivinhos é Apolo; no comércio é Mercúrio, Jano no

¹³⁷ ... *deum namque ire per omnes Terras que tractusque maris caelumque profundum*. Virgilio, *Georg.*, IV, 221.

começo das coisas, Saturno no tempo, Marte e Belona nas guerras, Líder nas vinhas, Ceres nas searas, Diana nas florestas, Minerva nas artes; está, finalmente, na multidão dos deuses, a bem dizer plebeus; é quem preside, com o nome de Líbero, à emissão seminal dos homens e, com o nome de Líbera, à das mulheres; é Diespáter, que leva a seu termo o parto; é a deusa Mena, que preside às regras das mulheres; é Lucina, invocada pelas parturientes; é quem, com o nome de Ópis, presta socorro aos recém-nascidos, recebendo-os do seio da terra; é quem, com o nome do deus Vaticano, lhes abre a boca para os vagidos; com o nome da deusa Levana, os ergue da terra; com o nome da deusa Cunina, vigia os berços; é ele e não outro quem, com o nome das deusas Carmentes, narra os destinos dos recém-nascidos; quem, com o nome de Fortuna, preside aos acontecimentos fortuitos; com o da deusa Rumina, espreme a mama para o pequenino e é por isso é que os antigos chamaram ruma à mama; com o da deusa Potina, lhes administra a bebida; com o da deusa Edura, lhes fornece a comida; quem do pavor das crianças tira o nome de Pavêncio, o de Venília da esperança que vem, o de Volúpia da voluptuosidade, o de Agenória do esforço.

Dos estímulos com que o ser humano é impelido para o excesso de atividade, vem-lhe o nome de Stímula e de Strênia da energia (*strenuus*) para a ação; a que ensina a contar (*numerare*) é Numéria e a que ensina a cantar (*canere*) é Canena; é ainda o deus Consus por-

que aconselha, a deusa Sência porque inspira os pensamentos (*sententia*), a deusa Juventas que, chegada a idade de envergar a toga pretexta, apadrinha a entrada na idade juvenil; é a Fortuna barbuda que reveste de barba os adolescentes (a estes os quiseram honrar, considerando esta curiosa divindade pelo menos como um deus masculino, quer chamando-lhe Barbado, por causa da barba, como se chamou Nodato, por causa dos nós (*nodus*), quer chamando-lhe Fortúnio em vez de Fortuna, ainda por causa das barbas); como deus Jugatino ele une os esposos; com o nome da deusa Virginíense é invocado quando se desaperta a cinta da noiva; ele é mesmo Mutuno ou Tutuno, ou seja, entre os Gregos, Príapo.

Se ele não se envergonha de ser tudo o que disse e até o que não disse (pois não tenciono dizer tudo), isto é, que Júpiter sozinho seja todos os deuses e todas as deusas, quer sejam estas, como pretendem uns, partes dele ou potências dele, como parece a outros, a quem apraz ver nele a alma do mundo, o que constitui a opinião de muitos dos seus grandes doutores.

Se assim é (e qual seja não o indago por ora), que perderiam, se adorassem, numa síntese mais sensata, um Deus apenas? Que poderiam «dele desprezar, adorando-o a ele próprio»? Se deviam evitar que se irassem algumas das partes que eram esquecidas ou postas de lado, então não é ele (Júpiter), como pretendem, a vida total do único animador que em si contém todos os deuses como potências suas,

como membros seus, como partes suas; mas cada uma das suas partes tem vida própria, separada das outras, uma vez que uma pode irar-se com a exclusão de outra e que uma se amansa quando a outra se indigna. Se se disser que o próprio Júpiter todo inteiro se ofende, isto é, todas as suas partes ao mesmo tempo, no caso de não serem veneradas todas elas, uma a uma, diz-se uma tolice.

Na verdade, uma parte não seria posta de parte quando fosse venerado o próprio Uno que a todas contém. Mas omito outras questões, que muitas são. Quando afirmam que todos os astros são partes de Júpiter, que todos vivem e têm alma racional, que, portanto, são indiscutivelmente deuses, não reparam quantos não veneram, a quantos não constroem templos nem levantam altares, pois entenderam que não os deviam levantar senão a muito poucos astros, aos quais deviam ser oferecidos sacrifícios em especial. Se, pois, se enfurecem os que não são venerados em especial, não haverá que recear, dado o pequeno número dos satisfeitos, viver na cólera de todo o céu?

Mas, se se veneram todos os astros honrando Júpiter que a todos contém, poderiam então elevar-lhes súplicas a todos os comprendidos em Júpiter (desta forma, nenhum teria que se encolerizar, já que, neste único, nenhum estaria posto de parte). Seria melhor do que reservar o culto para uns tantos, dando lugar a que injustificadamente se indignem os que — decerto muitos mais — tivessem sido preteri-

dos, sobretudo quando do alto do céu onde brilham, veem preferir-se-lhes um Príapo exibindo-se na sua obscura nudez.

CAPÍTULO XII

Opinião dos que consideram Deus como a alma do Mundo e o Mundo o corpo de Deus.

Quê? Isto não deve deixar de emocionar as pessoas argutas ou sejam elas o que forem, porque, se pusermos de parte a discussão apaixonada, não é preciso ser um grande gênio para compreender que, se Deus é a alma do Mundo e o Mundo o corpo desta alma, então Deus é um ser vivo único, composto de um corpo e de uma alma; e se Deus, no próprio seio da natureza, contém em si todas as coisas de maneira que da sua alma, como princípio vivificante de toda esta mole, derivam a vida e a alma de todos os seres vivos conforme a sorte que coube a cada um quando nasceu — então nada há que não seja parte de Deus.

Se assim é, quem não vê quanta impiedade e irreligiosidade daí decorre, pois em tudo o que se pisar, em Deus se pisará e, ao matar qualquer ser vivo, se matará parte de Deus?

Não quero mencionar tudo o que pode ocorrer aos que nisto pensam, mas não pode ser mencionado sem vergonha.

CAPÍTULO XIII

Segundo alguns, só os seres animados e racionais constituem partes de um só Deus.

Se, porém, pretendem que apenas os seres vivos racionais, tais como os humanos, constituem partes de Deus, não vejo, na realidade, se o Mundo todo é Deus, como é que se excluem os animais de serem partes dele.

Mas, discutir para quê? A respeito do próprio ser vivo racional, isto é, do ser humano, que há de mais lamentável do que crer que quando se açoita uma criança é uma parte de Deus que se açoita? Quem poderá admitir, sem de todo perder o senso, que há partes de Deus que se tomam lascivas, iníquas, ímpias, e totalmente condenáveis? Por fim, por que os deuses haverão de se indignar contra os que não os veneram, quando, afinal, não são venerados pelas suas próprias partes?

Só resta, portanto, afirmar que os deuses, todos eles, têm as suas vidas próprias, cada um vive para si, nenhum deles é parte de qualquer outro, mas devem venerar-se apenas todos os que podem ser conhecidos e venerados, pois eles são tão numerosos que nem todos o podem ser. Como Júpiter lhes preside como rei, julgo que é a ele que se atribui a fundação e a dilatação do Império Romano. Com efeito, se não foi ele mesmo quem o fez, que outro deus julgam que poderia empreender uma tão vasta empresa, já que todos estão ocu-

pados nos seus deveres e trabalhos próprios sem que cada um se intrometa nos dos outros? Foi, pois, pelo rei dos deuses que o reino dos humanos pôde se estender e prosperar.

CAPÍTULO XIV

Atribui-se, sem razão, a dilatação dos reinos a Júpiter. Bastaria para isso Vitória, se ela é, como dizem, uma deusa.

Agora e antes de mais nada, eu pergunto: por que é que o próprio Estado não é um Deus? Porque é que não há de ser assim se a Vitória é uma deusa? Ou que necessidade há de Júpiter nesta questão, se a Vitória favorece e é propícia e sempre se põe do lado dos que ela quer que sejam vencedores? Quando esta deusa é favorável e propícia, que povos poderão fugir ao seu domínio, que reinos resistirão, mesmo que Júpiter se mantenha inativo ou ocupado em outra coisa?

Será talvez por que desagrada aos bons fazerem guerras injustas e, para estenderem os seus Estados, provocarem inesperadamente para o combate vizinhos tranquilos que nenhuma injustiça cometiram? Se são estes os seus verdadeiros sentimentos, então os apoio e os louvo.

CAPÍTULO XV

Convém aos bons quererem estender a sua dominação?

Vejam, pois, bem, se, por acaso, convirá a pessoas de bem se regozijarem com a extensão do Império.

Foi a iniquidade daqueles contra os quais foram movidas justas guerras que ajudou o Império a dilatar-se. Este, decerto, continuaria diminuto, se os povos vizinhos, por serem pacíficos e justos, não lhe tivessem dado azo com suas ofensas e provocações. Assim, para a felicidade da humanidade, não teria havido mais que pequenos reinos felizes por viverem em absoluta concórdia com os seus vizinhos e no mundo haveria muitos Estados como na cidade há muitas moradas de cidadãos.

Por isso é que guerrear, alargar o império sobre povos dominados, parece aos maus uma felicidade e aos bons uma necessidade. Mas, como seria pior ainda que os justos fossem subjugados pelos injustos, não é uma incongruência que também se chame felicidade a esta necessidade. Sem dúvida, porém, que viver em concórdia com um bom vizinho é uma felicidade maior do que subjugar um mau vizinho agressivo. Maus votos são os de quem deseja que haja quem odeie ou a quem tema para poder ter quem possa vencer.

Se, portanto, foi conduzindo guerras justas, isentas de impiedade e de iniquidade, que os Romanos puderam conquistar um tão dilatado império, não deveriam então venerar também como uma deusa a

iniquidade alheia? É que, de fato, esta contribuiu, como vimos, para a dilatação do Império, provocando inimigos injustos para que contra eles surgissem guerras justas e se dilatasse o Império. Porque é que a iniquidade não será também uma deusa, pelo menos dos povos estrangeiros, se o Pavor e o Palor e a Febre merecem ser deuses romanos?

Com estas duas, isto é, com a Iniquidade alheia e a Vitória, a Iniquidade suscitando motivos para a guerra e a Vitória conduzindo a guerra a um feliz resultado, dilatou-se o Império sem que Júpiter se mexesse. Aliás, que participação poderia ter tido nisso Júpiter, quando os benefícios que lhe poderiam ser atribuídos são tidos por deuses, chamam-se deuses, como deuses se veneram e são invocados como partes dele? Poderia ter chegado a ter alguma, se tivesse recebido o nome do Estado, como se chamou deusa à Vitória. Ou, se o Estado é um presente de Júpiter, porque é que também a Vitória não é tida por um seu presente? Como tal seria tida, sem dúvida, se no Capitólio não se venerasse uma pedra, mas se reconhecesse e adorasse o verdadeiro *Rei dos Reis e Senhor dos Senhores*¹³⁸.

¹³⁸ *rex regum et dominus domirumtium*. Apocalipse, XIX, 16.

CAPÍTULO XVI

Porque é que os Romanos, que assinalam um deus para cada acontecimento e para cada movimento, quiseram que o templo de Quietude (*Quies*) ficasse fora das portas?

Mas o que mais admira é que os Romanos tenham atribuído um deus para cada coisa e quase para cada movimento. Invocam a deusa Agenória, que os leva a agir; a deusa Stímla, que os estimula a agir além da medida; a deusa Múrcia, que imobiliza a pessoa desmedidamente e a torna, como diz Pompônio, mûrcida, isto é, extremamente preguiçosa e inativa; a deusa Strênia, que os torna vivazes.

Decidiram oferecer sacrifícios públicos a todos estes deuses e deusas. Todavia, invocando embora a deusa Quietude, (*Quies*) que lhes assegura a tranquilidade, não quiseram prestar-lhe oficialmente culto, por que ela tinha o seu templo fora da porta Colina. Terá sido isto indício de um espírito inquieto ou tal significa, pois aquele que persevera em adorar aquela turbamulta, não de deuses com certeza, mas de demônios, não pode manter aquela tranquilidade para a qual nos chama o verdadeiro médico, quando nos diz: *Aprendei de mim, pois sou manso e humilde de coração e encontrareis a paz nas vossas almas*¹³⁹?

¹³⁹ *Discite a me, quoniam mitis sum et humilis corde, et invenietis requiem animabus vestris.* Math., XI, 29.

CAPÍTULO XVII

Se o poder de Júpiter é soberano, deverá Vitória ser ainda considerada como deusa?

Dirão talvez que Júpiter envia a deusa Vitória e que esta, obedecendo-lhe como ao rei dos deuses, se dirige para os que ele lhe indicou e se põe ao lado deles? Isso diz-se com verdade, não desse Júpiter imaginado caprichosamente como rei dos deuses, mas do verdadeiro Rei dos Séculos que envia, não a Vitória, que nada tem dum substância, mas o seu anjo, para tornar merecedor quem Ele quer. Ele, cujos desígnios podem ser ocultos mas não injustos.

Com efeito, se a Vitória é uma deusa, porque é que o Triunfo não é, ele também, um deus e não se junta à Vitória como marido ou irmão ou filho? Efetivamente, tem havido tais opiniões acerca dos deuses que, se os poetas as tivessem imaginado e se nós os criticássemos, poderiam responder-nos «são ficções dos poetas de que nos devemos rir e que não se devem atribuir às verdadeiras divindades».

E, contudo, não zombavam de si próprios, não, quando liam essas extravagâncias nos poetas, mas os adoravam nos templos. Era, portanto, a Júpiter que eles deviam rogar e só a ele deviam suplicar. Se Vitória é uma deusa e até sujeita a esse rei, não pode, quando é enviada por ele, atrever-se a resistir-lhe e a satisfazer a sua própria vontade.

CAPÍTULO XVIII

Como é que distinguem a Felicidade da Fortuna os que as consideram como deusas?

Vejamos: a Felicidade também é uma deusa? Recebeu um templo, mereceu um altar, são-lhe oferecidos sacrifícios apropriados. Pois então, só a ela adorem! Efetivamente, que é que de bom poderia faltar onde ela estivesse? Mas, o que quer dizer que a Fortuna é, também ela, considerada e venerada como uma deusa? Será a Felicidade uma coisa e a Fortuna outra? A Fortuna, essa, pode ser má, mas a Felicidade, se for má, já não será Felicidade. Sem dúvida que devemos considerar os deuses de um e outro sexo (se é que têm sexo) todos bons. Di-lo Platão, dizem-no outros filósofos e ilustres chefes de Estado e de povos. Mas então como é que a deusa Fortuna é ora boa ora má? Acaso será que, quando é má, deixa de ser deusa e se converte de repente num demônio maligno?

Quantas são então essas deusas? Tantas, com certeza, quantos os homens afortunados, isto é, de boa fortuna. Mas, como são muitos simultaneamente, isto é, ao mesmo tempo, os de má fortuna, se ela é sempre a mesma, então é ela boa e má; boa para uns e má para outros? Será sempre boa a que é deusa? Então confunde-se com a Felicidade. Porque se empregam então diferentes nomes? Tal é de admitir, pois é costume ter uma só coisa dois nomes. Mas para que tempos distintos, altares distintos e distinto culto? Há uma razão, dizem:

é que a felicidade é a que os bons conseguem pelos seus méritos adquiridos; mas a fortuna, a que se chama boa, acontece fortuitamente, sem consideração pelos seus méritos, a todas as pessoas, boas e más. Por isso é que se chama Fortuna.

Mas, como pode ser boa a que, sem discernimento, favorece bons e maus? Para que venerar então a que é de tal modo cega que cai ao acaso sobre qualquer um, preterindo na maioria das vezes os seus adoradores e favorecendo os que a desprezam?

Ou então, se os seus adoradores conseguem que por ela sejam notados e amados, será que ela então se deixará guiar pelos méritos e não favorece ao acaso? Em que é que fica então aquela definição da Fortuna? De onde resulta ter ela tirado o nome de acontecimentos fortilhos? Se ela é, na verdade, fortuna, não interessa adorá-la. Mas se discerne os seus adoradores para os favorecer, então já não é fortuna. E se Júpiter a enviar para onde lhe apetecer? Então, adore-se só a ele, pois não pode a Fortuna resistir-lhe quando ele lhe ordena que vá para onde lhe apetecer. Ou então, que lhe prestem culto os maus que não querem adquirir méritos pelos quais possam tornar propícia a deusa Felicidade.

CAPÍTULO XIX

A Fortuna feminina.

Atribuem realmente tamanha importância àquela pretensa deusa a que chamam Fortuna, que, segundo uma tradição histórica, a estátua consagrada pelas mulheres e chamada Fortuna feminina teria falado não apenas uma vez, mas duas e declarado que as mulheres tinham feito esta consagração em conformidade com os ritos.

Se este fato é verdadeiro, não temos de que nos admirar. Efetivamente, não é difícil aos malignos demônios enganarem-nos, mesmo desta maneira. E melhor aqui deveriam notar os seus artifícios e manhas, porque a deusa que falou é aquela que intervém ao acaso e não a que vem recompensar os méritos. A Fortuna foi loquaz e a Felicidade muda; para que, senão para que as pessoas não tratem de viver com retidão, desde que esteja assegurada a Fortuna que os tornará afortunados sem o menor mérito.

Mas, se na realidade a Fortuna fala, então que não seja a feminina, mas antes a masculina a falar, para que não se julgue que foi a loquacidade das mulheres que lhe consagraram a estátua quem inventou um tão grande prodígio.

CAPÍTULO XX

A Virtude e a Fé que os pagãos louvaram com templos e culto, deixando de lado outros bens que da mesma forma deviam ser venerados, se é que está certo que lhes atribuam a divindade.

Fizeram também da Virtude uma deusa. Se ela, na verdade, fosse deusa, devia ser preferida a muitas outras. Mas, por que, na realidade deusa não é, mas é antes um dom de Deus, deve ser pedida Àquele que é o único que a pode dar e toda a turba dos falsos deuses se dissipará.

Mas, porque é que a Fé, também ela, é tida por uma deusa e recebeu, ela também, um templo e um altar? Quem quer que seja que a aceite sensatamente, é de si próprio que faz uma morada para ela.

Mas, como sabem eles o que é a fé, cujo primeiro e máximo dever consiste em crer no verdadeiro Deus? Porque é que a Virtude não há de bastar? A Fé não estará nela incluída? Mesmo eles entenderam que, na verdade, a Virtude se deve distribuir por quatro espécies: prudência, justiça, força e temperança. E como cada uma destas tem as suas espécies, a Fé liga-se à Justiça e mantém o primeiro lugar entre nós, que sabemos o que quer dizer *o justo vive da fé*¹⁴⁰.

Surpreendem-me, porém, esses ávidos dum multídão de deuses, pois, se a fé é uma deusa, por que é que lhes infligem a injúria de porem de parte a tantas outras deusas às quais podiam, de forma se-

¹⁴⁰ *justus ex fide vivit.* Habacuc, II, 4.

melhante, dedicar templos e altares? Por que é que a temperança não mereceu ser considerada como deusa, já que foi em nome dela que muitos romanos de alta categoria conseguiram uma não pequena glória? Finalmente, por que a fortaleza não é uma deusa? Ela que assistiu a Múcio quando expôs a mão às chamas, ela que assistiu a Cúrcio quando se atirou, pela pátria, a um precipício. Ela que assistiu aos Décios, pais e filhos, quando a favor do exército fizeram voto de si mesmos. Se, porém, em todos eles era de verdadeira fortaleza que se tratava, não é isso que está agora em causa.

Porque é que a prudência, porque é que a sabedoria nenhum dos lugares dos deuses mereceram? Será porque são todas veneradas sob o nome genérico da própria Virtude? Nesse caso, bem podia ser adorado um só Deus, do qual julgam que todos os outros são partes. Mas a Fé e a Pudicícia estão incluídas numa única virtude e, todavia, mereceram altares à parte em templos próprios.

CAPÍTULO XXI

Os que não compreendem que haja um só Deus, deveriam contentar-se pelo menos com a Virtude e a Felicidade.

Não foi a verdade, mas sim a vaidade que criou estas deusas; o que elas são, na realidade, são dons do verdadeiro Deus e não deusas. Aliás, onde estão a Virtude e a Felicidade, para que procurar outra coisa? Que bem, de fato, basta àqueles a quem não bastam a Virtude

e a Felicidade? É que a Virtude abarca tudo o que se deve fazer e a Felicidade tudo o que se deve desejar. Se Júpiter era adorado para que no-las dispensasse, (porque, se a extensão e a duração do Império são algo de bom, pertencem à Felicidade) como é que se não comprehendeu que a Virtude e a Felicidade são dons de Deus e não deusas? Se, porém, se consideram deusas, pelo menos que deixassem de procurar essa tamanha multidão de deuses. Atendam às funções de todos os deuses e deusas, tais como lhes apraz imaginá-los segundo a sua fantasia e, se puderem, vejam se encontram algum bem que os deuses possam dispensar a uma pessoa que já possua a virtude, a uma pessoa que possua já a felicidade. Que ensinamento se deveria pedir a Mercúrio ou a Minerva, quando a Virtude já em si os contém a todos?

Efetivamente, a virtude foi definida pelos antigos como a própria arte de viver honesta e corretamente (*ars ipsa bene recteque vivendi virtus*). Pelo fato de «virtude» em grego se chamar *àreté*, os latinos acharam por bem traduzi-la com o nome de «arte». Mas, se a virtude não pode estar presente senão nos dotados de engenho, que necessidade havia do deus-pai Cácio (*Catius*) para tornar as pessoas Sagazes (*cati*) isto é, argutas, uma vez que a Felicidade podia conceder-lhes esta qualidade?

É que, na verdade, nascer dotado de engenho é um favor da Felicidade; e daí, embora a deusa Felicidade não possa ser adorada por

alguém que ainda não nasceu para dela obter este favor, esta deusa poderá conceder aos pais, seus adoradores, que deles nasçam filhos dotados de engenho. Que necessidade têm as parturientes de invocar Lucina, quando, se a Felicidade estiver presente, elas derem à luz com facilidade filhos bem dotados? Que necessidade há de recomendar à deusa Ope os que estão a nascer; ao deus Vaticano os que dão vagidos; à deusa Cunina os deitados no berço; à deusa Rumina os lactantes; ao deus Estalitino os que começam a erguer-se (*stantes*); à deusa Adeona os que começam a andar (*adeuentes*); à deusa Abeona os que se afastam (*abeuentes*); à deusa Mente para que tenham boa inteligência (*mens*), ao deus Volumno e à deusa Volumna para que queiram (*volo*) o bem; aos deuses nupciais para que façam um bom casamento; aos deuses campestres, principalmente à deusa Fructesea, para que colham abundantes frutos; a Marte e a Bellona para que combatam (*belligero*) valentemente; à deusa Vitória para que vencam; ao deus Honor para que recebam honras; à deusa Pecúnia para que sejam ricos (*pecuniosi*) ao deus Esculano (*Aesculanus*) e a seu filho Argentino para que tenham moedas de bronze (*aes*) e de prata (*argentum*)? É que puseram Esculano como pai de Argentino, pelo fato de a moeda de bronze ter começado a ser usada antes da de prata. Admiro-me, porém, por Argentino não ter gerado Aunno, já que a moeda de ouro (*aurea*) se lhe seguiu. Se tivessem este deus, tê-lo-

iam preferido ao seu pai Argentino e ao avô Esculano, como preferiram Júpiter a Saturno.

Que necessidade havia então de adorar e invocar tamanha multidão de deuses para se obterem os bens da alma e do corpo e os bens exteriores, (e nem sequer a todos recordei, já que nem mesmo eles foram capazes de atribuir a todos os bens humanos classificados restrita e separadamente, deuses restritos e separados), quando por si só a deusa Felicidade era capaz de conceder todos esses bens com grande e fácil vantagem, sem que se tivesse de procurar um outro deus não somente para os conseguir, mas também para afastar os males?

Porque é que, na verdade, se teria de invocar a deusa Fessônia para aliviar os cansados (*fessi*), a deusa Pelônia para repelir (*pellere*) os inimigos, o médico Apolo ou Esculápio para curar os enfermos, ou ambos em conjunto, quando grave fosse o perigo? Não se teria invocado o deus Espiniense para arrancar dos campos os espinhos (*spina*), nem a deusa Robiga para nos preservar da alforra (*robiga*). Bastaria a presença e a proteção da Felicidade para prevenir ou afastar facilmente estes males.

Finalmente, já que tratamos destas duas deusas, Virtude e Felicidade, se a felicidade é a recompensa da virtude, não é uma deusa, mas um dom de Deus; mas se é uma deusa, porque é que se não diz que ela confere a própria virtude, quando na verdade a aquisição da virtude é também uma grande felicidade?

CAPÍTULO XXII

Culto dos deuses; Varrão gaba-se de ter trazido aos Romanos esta ciência.

Como é então que Varrão se gaba de ter prestado aos seus cidadãos um enorme serviço, não só por lhes ter lembrado quais os deuses que os Romanos deviam venerar, mas também por referir a função a atribuir a cada um deles? De nada serve, diz ele, conhecer de nome e de vista um médico se não se sabe que é médico. Da mesma forma, de nada te serve saber que Esculápio é um deus se não sabes que ele alivia os doentes e, portanto, porque é que deves suplicar-lhe.

Confirma isto com outra comparação quando diz: não só ninguém pode viver bem, mas nem sequer viver pode, se ignora quem é ferreiro, quem é padeiro, quem é estucador, a quem é que se pode pedir tal utensílio, a quem se pode tomar como ajuda, como guia, como mestre. Deste modo, declara ele, ninguém pode duvidar de quanto útil é o conhecimento dos deuses se souber qual a força, qual a competência e quais os poderes que cada um possui sobre cada coisa. Deste modo, diz ele, podemos saber por que causa e a que deus devemos invocar para nossa ajuda ou nossa defesa, para que não procedamos como costumam os histriões e peçamos água a Líbero e vinho às Ninfas.

Que grande serviço, não há dúvida! Quem não lhe agradeceria se ele tivesse mostrado a verdade e ensinado as pessoas a adorar o único verdadeiro Deus, do qual provêm todos os bens!

CAPÍTULO XXIII

A Felicidade, à qual os Romanos, adoradores de muitos deuses, durante muito tempo não prestaram honras divinas, bastaria ela sozinha com exclusão de todos os demais.

Mas, (voltando ao assunto) se os seus livros e o seu culto são verdadeiros e se a Felicidade é uma deusa, porque é que se não ressolveram a venerá-la a ela apenas, pois que ela sozinha poderia tudo conceder e sem delongas tomar a pessoa feliz?

Efetivamente, quem é que não deseja acima de tudo o que o pode tomar feliz? Por que é que só tão tarde e depois de tantos romanos ilustres é que Lúculo construiu um templo a uma tão grande deusa? Por que é que o próprio Rômulo, que desejava fundar uma cidade feliz, não começou por levantar um templo a esta deusa, nada tendo que pedir aos outros, uma vez que nada lhe faltaria se lhe assistisse a Felicidade? É que, se esta deusa lhe não tivesse sido propícia, nem ele começaria por ser rei nem mais tarde se tomaria, como julgam, um deus.

Para que, pois, estabelecer como deuses dos Romanos a Juno, Júpiter, Marte, Pico, Fauno, Tíberino, Hércules e outros mais? Para que é que Tito Tácio lhes acrescentou Saturno, Ope, o Sol, a Lua,

Vulcano, a Luz e alguns mais, entre os quais a deusa Cluacina, esquecendo-se da Felicidade? Para que é que Numa trouxe tantos deuses e tantas deusas sem aquela? Será que não a conseguiu ver no meio de tão grande multidão? Com certeza que o próprio rei Hostílio não introduziria deuses novos, como o Pavor e o Palor, para que lhe fossem propícios, se tivesse conhecido esta deusa e a adorasse. É que todo o pavor e todo o palor não só se retirariam depois de venerados, mas até fugiriam repelidos pela simples presença da Felicidade.

Depois, como é que o Império Romano já se alargava e dilatava tanto, quando ainda ninguém venerava a Felicidade? Será que ele era maior do que feliz?

Como é que, na verdade, se podia encontrar a verdadeira felicidade onde não estava a verdadeira piedade? É que a piedade é o culto autêntico do verdadeiro Deus, não o culto de tantos falsos deuses quantos são os demônios. Mas, posteriormente, quando a Felicidade já tinha sido recebida no grêmio das divindades, é que se seguiu a grande infelicidade das guerras civis.

Acaso será que a Felicidade se sentiu justamente indignada por tão tardivamente ter sido convidada a partilhar, não para ser honrada, mas humilhada, o culto de Príapo, de Cluacina, de Pavor, de Palor, da Febre e de outras que não são divindades que se devam adorar, mas antes crimes dos seus adoradores?

Finalmente, se pareceu que se devia prestar culto a tão eminentíssima deusa juntamente com esta indigníssima turba, porque é que, pelo menos, não foi venerada com mais brilho do que os outros? Quem suportará que não tenha a Felicidade sido colocada entre os deuses Consententes, membros, segundo se diz, do Conselho de Júpiter, nem entre os chamados deuses Seletos? Deviam ter-lhe levantado um templo que se impusesse pela proeminência do local e pela dignidade da construção. Porque é que não se fez para ela coisa melhor do que para o próprio Júpiter? Pois quem concedeu a Júpiter a própria realeza se não foi a Felicidade, se é que foi feliz no seu reinado? E mais que o reinado, vale a felicidade.

Ninguém de fato duvida de que é fácil encontrar um homem que receie tomar-se rei; mas não se encontra ninguém que não queira ser feliz.

Suponhamos que se consulte os próprios deuses sobre este assunto, por meio de áugures ou por qualquer outro modo e se lhes pergunte se consentiriam em ceder o lugar à Felicidade; se, por acaso, os templos e os altares dos outros deuses ocupassem todo o local indicado para construir um templo maior e mais belo à Felicidade, o próprio Júpiter se afastaria para que o cume da colina do Capitólio fosse antes destinado à Felicidade. Ninguém, na verdade, resistiria à Felicidade, a não ser (o que não pode acontecer) quem quisesse ser infeliz. Se fosse consultado, de forma nenhuma Júpiter faria o que a

ele lhe fizeram os três deuses — Marte, Término e Juventas — que, de modo nenhum, quiseram ceder o lugar ao seu superior e rei.

Efetivamente __ mencionam os seus livros __ quando o rei Tarquínio pretendeu construir o Capitólio, notou que esse lugar, que lhe pareceu o mais digno e o mais apropriado, já estava ocupado por outros deuses. Não se atreveu a fazer fosse o que fosse contra a determinação deles, julgando que eles se afastariam voluntariamente perante tão alta divindade e chefe seu. Porque eram muitos os que se encontravam na colina do Capitolio, perguntou-lhes por intermédio dos áugures se queriam ceder o lugar a Júpiter. Todos quiseram ceder-lho menos aqueles que citei: Marte, Término e Juventas. E, por isso, o Capitólio foi edificado de maneira a manter estes três deuses no seu interior, mas sob representações tão obscuras que apenas os mais doutos sabiam disso.

O próprio Júpiter não teria, pois, desprezado a Felicidade como ele foi desprezado por Término, Marte e Juventas. E até estes deuses, que não cederam o lugar a Júpiter, com certeza o cederiam à Felicidade, que fizera de Júpiter seu rei. Ou então, se não cedessem, não o fariam por desprezo, mas por preferirem manter-se obscuros na casa da Felicidade a brilhar sem ela em locais próprios.

Assim, uma vez instalada a Felicidade num local espaçoso e elevado, os cidadãos ficariam sabendo onde deviam ir implorar auxílio para todas as suas legítimas aspirações; e assim, por imposição da

própria natureza, teriam abandonado a supérflua multidão dos outros deuses e prestado culto apenas à Felicidade; só a ela teriam orado; só o seu templo teria sido frequentado pelos cidadãos que quisessem ser felizes e ninguém há que não o queira; e assim seria a ela própria que a pediriam em vez de a pedirem a todos os outros. Que é, de fato, que se pretende obter de um deus, senão a felicidade, ou, pelo menos, o que parece referir-se-lhe?

Se, portanto, a Felicidade tem o poder (e tem-no se é deusa) de se dar a qualquer um, que loucura solicitar de um outro deus o que dela própria pode obter? Esta deusa, portanto, devia ser venerada acima de todos os deuses, mesmo pela dignidade do lugar.

De fato, como se lê nos seus próprios escritores, os antigos Romanos veneraram a um não sei que Sumano, ao qual atribuíam os trovões noturnos, mais do que a Júpiter, ao qual pertencem os trovões diurnos. Mas, depois da construção de um esplêndido e eminente templo a Júpiter, as multidões a ele de tal modo afluíram por causa da dignidade do edifício, que dificilmente se encontraria quem se lembrasse de ter lido ao menos o nome de Sumano, pois já não era possível sequer ouvi-lo.

Se, portanto, a felicidade não é uma deusa, pois que, esta é que é a verdade, é antes um dom de Deus, procure-se então esse Deus que a pode dar e abandone-se essa maléfica multidão de falsos deuses, que uma vã multidão de pessoas tolas segue, fazendo deuses dos

dons de Deus e ofendendo, com a contumácia duma vontade orgulhosa, Aquele de quem esses dons são.

Efetivamente, não pode deixar de ter infelicidade quem adora a felicidade, como se fosse um deus e abandona o Deus doador de felicidade; como não pode deixar de ter fome quem lambe pão em pintura e não o pede a quem o tem de verdade.

CAPÍTULO XXIV

Com que argumentos defendem os pagãos que se devem adorar os dons divinos tal como os próprios deuses.

Convém, porém, examinar as suas razões.

Até que ponto, dizem eles, se deve crer que os nossos antepassados eram tão tolos que não sabiam que os dons divinos não são deuses? Sabiam que tais dons a ninguém são concedidos a não ser por concessão de um deus.

Mas, como não descobriam o nome desses deuses, deram-lhes o nome das coisas que julgavam que por eles eram concedidas. Alguns faziam-no por meio duma derivação da palavra. Assim, de *bellum* (guerra) formaram *Bellona* e não *Bellum*; de *cuna* (berço) formaram *Cunina* e não *Cuna*; de *seges* (seara) formaram *Segetia* e não *Seges*; de *bos* (boi) tiraram *Bubona* e não *Bos*; de *poma* (fruto) tiraram *Pomona* e não *Poma*.

Mas, às vezes, sem qualquer alteração da palavra, davam aos deuses o nome das coisas. Assim, chamaram *Pecúnia* à deusa que concede dinheiro (*pecunia*), sem, todavia, se considerar pecúnia (dinheiro) uma deusa; *Virtus* a que dá a virtude; *Honor*, a deusa que confere a honra; *Concórdia* a deusa que concede a concórdia; *Vitória* a que dá a vitória.

Assim, dizem eles, quando se diz que a Felicidade é uma deusa, entende-se, não a própria felicidade, que é dada, mas a divindade por quem a felicidade é dada.

CAPÍTULO XXV

Deve-se adorar um só Deus, de quem, embora se ignore o nome, todavia se tem o sentimento de que é Ele o dispensador da felicidade.

Dada esta explicação, ser-nos-á talvez muito mais fácil convencer do que pretendemos aqueles cujo corações não estejam demasiado endurecidos.

Se, na verdade, a debilidade humana já sentiu que um só Deus é que pode dar a felicidade e, se tal era o sentimento de pessoas que veneravam tantos deuses, entre eles o próprio Júpiter, rei dos deuses, é porque ignoravam o nome d'Aquele por quem a felicidade é concedida e por isso pretenderam chamá-lo pelo nome da coisa que julgavam que era por ele concedida. Pensaram, pois, com bastante justezza que a felicidade não lhes podia ter sido concedida pelo próprio

Júpiter, que já veneravam, mas antes por Aquele que julgavam que deviam venerar sob o nome de Felicidade.

Afirmo, sem dúvidas, que eles acreditavam que a felicidade era concedida por um certo deus que ignoravam. Pois então que o procurarem, que o venerem e isso bastará. Repudiem o alarido dos inúmeros demônios. Não se satisfaça com este Deus o que não se satisfaz com os seus dons. Não baste este Deus dispensador de felicidade como objeto de culto àquele a quem não basta como dádiva a própria felicidade. Mas àquele a quem ela basta (e de fato o ser humano não tem por que mais deva aspirar), sirva o Deus único que concede a felicidade. Não é aquele a quem chamam Júpiter. Se realmente vissem nele o dispensador de felicidade, não teriam procurado sob o nome de Felicidade um outro deus ou deusa que lhes desse a felicidade. Nem julgariam que deveriam venerar o próprio Júpiter com tantas infâmias. Diz-se que ele foi adúltero com mulheres de outros, diz-se que ele foi o raptor e impudico amante de um jovem formoso.

CAPÍTULO XXVI

Jogos cênicos. Os deuses exigiram dos seus adoradores que fossem celebrados em sua homenagem.

Mas, diz Túlio: *tudo isto são ficções de Homero, que transferia para os deuses as fraquezas humanas. Eu teria preferido que ele*

*transferisse para nós as virtudes divinas*¹⁴¹. Com razão desagradava a um homem sério este poeta inventor dos crimes dos deuses.

Porque é que, então, os jogos cênicos, em que estas coisas são repetidamente contadas, cantadas, representadas, exibidas em honra dos deuses, foram inscritos pelos mais doutos no número das coisas divinas?

Clame aqui Cícero, não contra as ficções dos poetas, mas contra as instituições dos antepassados, não suceda que sejam eles a clamar «Que é que nós fizemos? Foram os próprios deuses que reclamaram a exibição dos jogos em sua honra; foram eles que os impuseram ameaçadoramente; foram eles que anunciaram calamidades se lhes fossem recusados; foram eles que castigaram severíssimamente os que os negligenciaram; foram eles que, depois da reparação, se declararam aplacados».

Vou relatar o que se conta dentre os fatos extraordinários do seu poder. A Tito Latino, camponês romano, pai de família, foi ordenado em sonho que informasse o Senado de que se tornava necessário recomeçar os jogos romanos e que no primeiro dia da sua celebração se ordenasse a execução de um criminoso perante todo o povo; triste ordem que teria desagrado aos deuses que nestes jogos só procuravam evidentemente o folguedo.

¹⁴¹ *Fingebat haec Hometus, et humana ad deos transferebat: divina mallem ad nos.* Cícero, *Tusculanas*, I, 25.

Como aquele que, em sonho fora avisado, não se atreveu a cumprir a ordem no dia seguinte, o mesmo lhe foi ordenado de novo e mais severamente na noite seguinte; porque o não fez, perdeu um filho. Na terceira noite, foi dito ao homem que recairia sobre ele castigo mais grave se não cumprisse. Como nem assim se atreveu, caiu numa dolorosa e horrível doença. Então, a conselho de amigos, expôs o caso aos magistrados e foi transportado numa liteira ao Senado e, logo que contou o sonho, recuperou imediatamente a saúde e regressou, com os próprios pés. Estupefato com tamanho prodígio, o Senado quadruplicou o dinheiro e determinou que recomeçassem os jogos.

Quem, dotado de são juízo, não verá que as pessoas sujeitas aos maus demônios — sujeição de que só a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor, os poderá libertar — foram forçadas a oferecer a tais deuses o que, em reto conselho, se pode considerar vergonhoso?

Com certeza, naqueles jogos instaurados por ordem do Senado sob pressão dos deuses, o que foi celebrado foram os crimes dos deuses contados pelos poetas. Nesses jogos, os mais torpes histeriões cantavam, imitavam e deleitavam a Júpiter, o corruptor da pudicícia. Se aquilo era fingido, ele deveria indignar-se; mas, se se deleitava com os seus crimes, fingidos embora, como venerá-lo sem servir ao Diabo?

Será este Júpiter quem fundou, dilatou e conservou o Império Romano? Ele, que é mais abjeto do que qualquer pessoa a quem tais atos causariam repulsa? É este deus, a quem se presta um tão infeliz culto e que, se tal culto lhe não é prestado, mais infelizmente ainda se enfurece, é este quem concede a felicidade?

CAPÍTULO XXVII

As três categorias de deuses acerca dos quais discorreu o pontífice Cévola.

Conta-se em alguns escritos que o doutíssimo pontífice Cévola distinguiu três categorias de deuses: uma introduzida pelos poetas, outra pelos filósofos e a terceira pelos chefes do Estado. Diz ele que a primeira categoria é uma trapaça, porque inventa muitas coisas indignas acerca dos deuses. A segunda não convém aos Estados, porque comprehende coisas supérfluas e até outras cujo conhecimento é prejudicial aos povos. Quanto às supérfluas, o caso é sem importância; os juristas costumam dizer que *o supérfluo não prejudica*¹⁴².

Quais são então as coisas cujo conhecimento é prejudicial ao povo? São estas, diz ele: «Hércules, Esculápio, Castor e Pólux não são deuses; ensinam os sábios, efetivamente, que estes foram homens e que, segundo a natureza humana, morreram». Que mais? Isto: «que as cidades não possuem representações verdadeiras dos que são re-

¹⁴² *Superflua non nocent. Cod. Justiniano*, VI, 23; I, 17.

almente deuses, por que um verdadeiro deus não tem sexo, nem idade, nem um corpo bem individualizado».

É isto que esse pontífice não quer que o povo saiba. Não é que tenha isto por falso; mas parece-lhe conveniente que os Estados se mantenham enganados em matéria de religião.

O próprio Varrão não tem dúvidas em dizê-lo nos seus livros acerca das coisas divinas. Maravilhosa religião de que se socorre o débil que deseja libertar-se; quando para se salvar, busca a verdade, são de parecer que o que lhe convém é que seja enganado.

Nos mesmos escritos não se esconde porque é que Cévola repudia as categorias dos deuses dos poetas: porque deformam a tal ponto os deuses, que nem sequer podem ser comparados a pessoas decentes. A este fazem-no ladrão, àquele fazem-no adúltero; ou então às vezes fazem-lhes dizer e fazer inépcias e torpezas.

Três deusas disputam entre elas o prêmio da beleza: as duas vencidas por Vênus destroem Tróia! O próprio Júpiter se disfarça de boi ou de cisne para copular com uma mulher. Uma deusa desposa um homem. Saturno devora os filhos. Não é possível imaginar prodígios ou vícios que lá não se encontrem; o que é coisa que está muito longe da natureza dos deuses.

Ó Cévola, pontífice máximo! Suprima os jogos, se for capaz! Ordena que aos deuses imortais não prestem honras tais os povos que se comprazem em admirar os crimes dos deuses e em imitá-los na

medida em que puderem. Mas, se o povo te responder: «Fostes vós, os pontífices, que os introduzistes entre nós», roga aos próprios deuses, por cuja instigação vós os prescrevestes que proíbam tais exibições!

Se eles são maus e, portanto, devem ser considerados absolutamente indignos da majestade divina, maior é ainda a ofensa dos deuses acerca dos quais se criam impunemente ficções.

Mas eles não te ouvirão; são demônios, ensinam a depravação, comprazem-se nas coisas torpes. Não consideram como injúrias que deles se inventem essas coisas. Para eles, seria antes injúria — que não poderiam suportar — se nas suas solenidades não as representassem.

Mas, se contra os jogos apelardes para Júpiter, principalmente porque neles é a este deus que se atribuem mais crimes, ainda mesmo que lhe chameis o deus Júpiter que administra e governa todo este mundo, não lhe fareis a maior das injúrias julgando que ele tem que ser venerado na companhia desses deuses e representando-o como rei deles?

CAPÍTULO XXVIII

O culto dos deuses serviu aos Romanos para obterem e dilatarem o seu Império?

De forma nenhuma para dilatarem e conservarem o Império Romano tiveram poder esses deuses que com tais honras se aplacam, ou melhor, se incriminam, cujo crime, em se comprazerem com mentiras é maior do que se fosse verdade o que deles se diz. De fato, se tal poder tivessem, tão grande dom tê-lo-iam outorgado antes aos Gregos, que lhes tributaram culto com mais honra e mais dignidade nesta categoria de coisas divinas, isto é, nos jogos cênicos.

De fato não quiseram subtrair-se à mordacidade dos poetas pelos quais — bem viam — os deuses eram despedaçados; deram-lhes permissão para maltratarem também os humanos que lhes apetecesse; não consideraram torpes os próprios histriões, mas, ao contrário, julgaram-nos dignos das mais altas honras. Mas os Romanos, assim como puderam ter moeda de ouro sem adorarem Aurino e ter moeda de prata e de bronze sem adorarem Argentino ou seu pai Esculano, também poderiam ter da mesma forma todos os demais deuses que seria enfadonho relembrar. Consequentemente, de maneira nenhuma poderiam ter um império, se contra eles tivessem o verdadeiro Deus. Mas, em compensação, se tivessem ignorado e desprezado essa multidão de falsos deuses e conhecessem e adorassem com fé sincera e costumes puros o Deus único, teriam tido cá, qualquer que fosse a

sua grandeza, um império melhor e receberiam depois um sempiterno.

CAPÍTULO XXIX

Falsidade do auspício que pareceu indicar aos Romanos a fortaleza e a estabilidade do Império.

Que é isso a que eles chamaram maravilhoso auspício e que eu recordei um pouco acima, que Marte, Término e Juventas se recusaram a ceder o seu lugar ao próprio Júpiter, rei dos deuses? É este o significado, dizem eles: a estirpe de Marte, isto é, a estirpe romana, a ninguém cederá o lugar que ocupa; ninguém, mercê do deus Término, alterará as fronteiras romanas; e, mercê da deusa Juventas, a juventude romana perante ninguém cederá.

Vejamos lá: têm Júpiter como rei dos seus deuses e dispensador do seu império, ao passo que os auspícios o apresentam como adversário ao qual é belo não ceder! Mesmo que isto fosse verdade, nada têm a temer. Efetivamente, não chegarão a confessar que os deuses que não quiseram ceder o lugar a Júpiter, tiveram que ceder a Cristo. Estes deuses puderam, sem que, aliás, se tocasse nas fronteiras do Império, ceder a Cristo, abandonando-lhe a morada dos seus lugares santos e, sobretudo, dos corações dos crentes.

Antes que Cristo chegasse em carne, antes mesmo que fossem escritas estas coisas que extraímos dos livros deles, mas depois, to-

davia, de este auspício ter sido proferido no tempo do rei Tarquínio, por diversas vezes foi o exército romano derrotado, isto é, posto em fuga. Revelou-se falso o auspício segundo o qual Juventas não cederia a Júpiter.

A estirpe de Marte foi esmagada na própria Roma pelo ímpeto das vagas de Gauleses. As fronteiras do Império encolheram quando muitas cidades se renderam e se passaram para Aníbal. Assim se desvaneceu a beleza dos auspícios e se manteve contra Júpiter, não a contumácia dos deuses, mas dos demônios. Por que uma coisa é não ceder e outra é retomar o lugar cedido.

Aliás, posteriormente, as fronteiras do Império Romano foram alteradas no Oriente por vontade de Adriano. Efetivamente, cedeu três magníficas províncias — a Armênia, a Mesopotâmia e a Assíria — ao Império dos Persas. Assim, esse deus Término — que, segundo diziam, protegia as fronteiras romanas e, segundo esse belíssimo auspício, não tinha cedido o seu lugar a Júpiter, — parece ter receado mais Adriano, rei dos homens, do que Júpiter, rei dos deuses.

Recuperadas em outra ocasião estas províncias, novamente voltou o deus Término a retroceder, quase nos nossos tempos, quando Juliano, que se entregava aos oráculos dos deuses, ordenou, com imoderada ousadia, que fossem queimados os navios em que se transportavam os víveres. Quando, logo depois, ele foi morto por uma flecha inimiga, o exército, privado de provisões, ficou reduzido a

tamanha carência, que ninguém teria escapado, quando o exército, perturbado pela morte do imperador, era acometido de todos os lados pelos inimigos, se se não fixassem por um tratado de paz as fronteiras do Império por onde ainda hoje perduram, por um preço não tão grande como o que Adriano pagou, mas sim mediante um compromisso.

A um falso augúrio deu origem o fato de não ter cedido a Júpiter o deus Término, que afinal cedeu à vontade de Adriano, à temeridade de Juliano e à necessidade de Joviano. Os mais perspicazes e respeitáveis romanos bem o notaram. Mas pouco podiam contra as tradições duma cidade obrigada aos ritos demoníacos. Porque, embora sentissem a falsidade desses ritos, não deixavam de acreditar que deviam prestar um culto religioso, próprio de Deus, à natureza criada e estabelecida sob o governo e a dependência do único Deus verdadeiro, como diz o Apóstolo: *Servindo à criatura em vez de ao Criador, que é bendito para sempre*¹⁴³.

Era necessário o auxílio deste verdadeiro Deus pelo qual seriam enviados homens santos e verdadeiramente piedosos que morressem pela verdadeira religião, para que a falsa religião fosse extirpada da alma dos vivos.

¹⁴³ *Servientes creaturae potius quam creatori, qui est benedictus in saecula.* Rom., I, 25.

CAPÍTULO XXX

Que é que confessam pensar dos deuses dos gentios os seus próprios adoradores.

O áugure Cícero mofa dos augúrios e zomba das pessoas que pautam os passos da sua vida pelos gritos dos corvos e das gralhas. Mas este acadêmico, que sustenta que tudo é incerto, não é digno de qualquer autoridade nestes assuntos. No livro segundo da sua obra *De natura deorum*¹⁴⁴, aparece a discutir Quinto Lucílio Balbo, que — embora admita algumas superstições, quer de ordem física quer de ordem filosófica, conforme a natureza das coisas — se indigna, todavia, contra a instituição dos ídolos e contra a crença em fábulas.

Diz ele: *Então não vedes como a razão se desviou das coisas boas e úteis por si descobertas, para os deuses inventados e fictícios? Este fato gerou falsas opiniões, erros turvos e superstições próprias de velhotas. Pois, conhecem-se as formas dos deuses, as suas idades, o seu vestuário e enfeites e, além disso, as suas genealogias, os seus casamentos, os seus parentescos; tudo isto à semelhança da humana fraqueza. Representam-no-los de alma perturbada. Dos deuses recebemos os desejos, os desgostos, as cóleras. Como nos referem as fábulas, não só os deuses tomaram parte em guerras e em combates; não somente, como no-lo conta Homero, defen-*

¹⁴⁴ Acerca da Natureza dos deuses, Marco Túlio Cícero.

*deram dois exércitos inimigos, um dum lado e outro do outro, como até sustentaram guerras suas próprias (por exemplo, contra os Titãs e os Gigantes). Não só se conta, mas também se crê insensatamente nestas coisas, plenas de frivolidades e de suma ligeireza*¹⁴⁵.

Vede, entretanto, o que confessam os que defendem os deuses dos gentios. Depois de ter afirmado que estas crenças se ligam à superstição, declara Cícero que a sua doutrina pessoal, inspirada nos estoicos, ao que parece, se liga à religião:

*Não foram apenas os filósofos, mas também os nossos antepassados que separaram a superstição da religião. Efetivamente, os que passavam os dias inteiros a orar e a imolar para que os seus filhos lhes sobrevivessem (essent superstites) foram alcunhados de supersticiosos*¹⁴⁶.

Quem não comprehende os esforços que ele faz, com medo de ferir as tradições da cidade, para louvar a religião dos antepassados e separá-la da superstição, sem, todavia, encontrar a forma como fazê-lo? Porque, se os antepassados chamavam supersticiosos àqueles que

¹⁴⁵ *Videtisne igitur, ut a physicis rebus bene et atque utiliter inventis ratio sit tracta ad commentarios et fictos deos? Quae res genuit falsas opiniones erroresque turbulentos et superstitiones paene aniles. Et formae enim nobis deorum et aetates et vestitus ornatusque noti sunt, genera praetera, conjugia, cognationes, omniaque traducta ad similitudinem imbecillitatis humanae. Nam et perturbatis animis inducuntur; accepimus enim deorum cupiditates aegritudines iracundias. Nec vero, ut fabulae ferunt, dii bellis proeliisque caruerunt; nec solum, ut apud Homerum, cum duos exercitus contrários alii dii ex parte defenderunt, sed etiam (ut cum Titanis aut cum Gigantibus) sua própria bella gesserunt. Haec et dicuntur et creduntur stultissime et plena sunt vanitatis summaeque levitatis.* Cícero, *De natura deorum*, II, 28.

¹⁴⁶ *Non enim philosophi solum verum etiam maiores nostri superstitionem a religione separaverunt; nam qui totos dies precabantur et immolabant, ut sibi sui liberi superstites essent, superstitionis sunt appellati.* Id., Ib., II, 28.

*passavam os dias inteiros a orar e a imolar*¹⁴⁷ não serão também os que inventaram (o que ele reprova) essas estátuas dos deuses de diversas idades, de vestuário diferente, essas genealogias e casamentos e parentescos dos deuses? Na verdade, quando se inculpa tudo isto de superstição, esta culpa abrange os antepassados que instituíram e veneraram ídolos e abrange-o a ele também, que, apesar de toda a eloquência que emprega para se libertar dos ídolos, pregava, todavia, que era necessário venerá-los. Nem ousaria murmurar na assembleia do povo o que com retumbância proferia no seu eloquente discurso.

Por isso demos nós, cristãos, graças ao Senhor nosso Deus; não ao Céu e à Terra, como disserta este escritor, mas Àquele que criou o Céu e a Terra e que, pela profunda humildade de Cristo, pela pregação dos apóstolos, pela fé dos mártires que morreram pela verdade e vivem na verdade; a essas superstições que Balbo dificilmente, como que a balbuciar, repreende, não só as arrancou dos corações religiosos, mas até dos templos supersticiosos, pela livre submissão dos seus.

¹⁴⁷ *totos dies precabantur et immolabant.* Id., Ib, II, 28.

CAPÍTULO XXXI

Opinião de Varrão, que reprova as crenças populares e, embora não tenha chegado à crença do verdadeiro Deus, pensa que se deve adorar a um só Deus.

Não é verdade que o próprio Varrão, (dói-nos que ele tenha posto os jogos cênicos na categoria das coisas divinas, embora não por iniciativa própria), quando exorta, em muitas passagens, como homem religioso que era, a que se venerem os deuses, confessa que segue sem convicção pessoal as cerimônias instituídas, como recorda, pela Cidade Romana e que não hesita em confessar que, se tivesse de constituir a cidade de novo, consagraria os deuses e os seus nomes segundo uma regra tirada de preferência da natureza? Mas, como já estava integrada no velho povo, julgou que devia conservar a história dos nomes e sobrenomes tal como tinha sido transmitida. O fim das suas descrições e investigações consiste em levar o povo ao culto, mais do que levá-lo ao desprezo dos deuses.

Por tais palavras, este homem tão arguto dá suficientemente a entender que nem tudo menciona, por que muitos pormenores não só provocariam o seu desdém como até suscitariam a repulsa do próprio vulgo se não se calasse.

Poder-se-ia julgar que o que digo são meras conjecturas minhas, se ele próprio, noutra passagem, ao falar das coisas religiosas, não declarasse abertamente que há muitas coisas verdadeiras de que

é inútil instruir o povo e também muitas que, embora falsas, é vantajoso para o povo tomá-las por verdadeiras. É por isso que os Gregos ocultavam atrás dos muros e no silêncio a celebração de suas iniciações e mistérios.

Deixou aqui bem patente o que tramam os sabichões para o governo dos povos e das cidades. E nestes logros que se deleitam (de miríficas maneiras) os demônios malignos que detêm em seu poder tanto enganadores como enganados e de cuja dominação só os pode libertar a graça de Deus por Jesus Cristo Senhor Nosso.

Diz ainda o mesmo argutíssimo e doutíssimo escritor que lhe parece que só comprehendem a natureza de Deus os que creem que ele é uma alma que dirige o universo com movimentos e com leis. Por isso, embora ainda não estivesse na posse da verdade (pois o verdadeiro Deus não é uma alma, mas o criador e autor da alma), todavia, se pudesse estar livre dos preconceitos tradicionais, teria proclamado e recomendado o culto a um só Deus, governador do mundo, a que imprime movimento e fixa leis. E assim não restaria acerca deste assunto senão uma questão: a de ele dizer que Deus é uma alma em vez de criador da alma.

Diz também que, durante mais de cento e setenta anos, os anti-gos romanos adoraram os deuses sem representações. Diz ele: *Se isto se mantivesse até agora, o culto dos deuses teria sido mais puro*¹⁴⁸.

Como prova da sua asserção, invoca, entre outros, o Povo Ju-deu. Nem tem dúvidas em terminar esta passagem desta maneira: *Os primeiros que erigiram para o povo estátuas de deuses suprimiram do meio dos seus concidadãos o temor, mas aumentaram o erro*¹⁴⁹, julgando sensatamente que os deuses podiam facilmente ser desprezados sob a aparência estúpida de ídolos. Na verdade não diz: *introduziram o erro*¹⁵⁰, mas sim *aumentaram*¹⁵¹.

Quis assim, com certeza, dar a entender que, mesmo sem ídolos, o erro já existia. Por isso, quando declara que só compreendem o que seja Deus os que o têm por uma alma que governa o universo e considera mais puro que se observe a religião sem ídolos, quem não verá quanto ele está próximo da verdade? Se ele alguma coisa pudesse contra a antiguidade de tão grande erro, sem dúvida que teria acreditado num Deus único que governa o mundo e teria pensado que Aquele se deve adorar sem ídolos.

Encontrando-se tão perto da verdade, poderia talvez reconhecer facilmente a mutabilidade da alma e isso tê-lo-ia levado a conceber

¹⁴⁸ *Quod si adhuc mansisset, castius dii observarentur.*

¹⁴⁹ *qui primi simulacra deorum populis posuerunt, eos civitatibus suis et metum dempsisse et errorem addidisse.*

¹⁵⁰ *errorem tradiderunt.*

¹⁵¹ *Addiderunt.*

que o verdadeiro Deus é, por natureza, imutável e, consequentemente, criador da própria alma.

Por que assim é, todos esses motivos de escárnio respeitantes à multidão dos deuses que tais pessoas compilaram nos seus livros, foram eles obrigados, por uma secreta vontade de Deus, mais a confessá-los do que a tentarem convencer-nos deles. Se daqui tiramos alguns testemunhos, fazemo-lo para refutar os que se não querem aperceber de quão grande e quão maligno é o poder dos demônios de que nos libertarão o sacrifício único de tão santo sangue derramado e o dom do Espírito que nos foi concedido.

CAPÍTULO XXXII

Sob que pretexto de utilidade os chefes das nações quiseram que as falsas religiões se mantivessem entre os povos que lhes estavam submetidos.

Diz ainda Varrão, a propósito da genealogia dos deuses, que os povos estão mais inclinados a ouvir os poetas do que os filósofos. É por isso que os seus antepassados, isto é, os antigos romanos, acreditaram no sexo e na genealogia dos deuses e lhes atribuíram casamentos.

Parece que isto aconteceu só pela razão de que a pretensa prudência e sabedoria dos homens se preocupava em enganar o povo em matéria de religião, servindo assim e imitando os demônios, cujo maior desejo é enganar. Com efeito, assim como os demônios não se

podiam apoiar senão naqueles que começaram por enganar, assim também os chefes, certamente homens não justos, mas semelhantes aos demônios, inculcavam como verdade aos povos, sob o nome de religião, crenças que sabiam que eram vãs. Desta maneira, prendiam-nos, a bem dizer, mais eficazmente, à sociedade civil, para os mantivessem semelhantemente submetidos. Quem, pois, débil e ignorante, poderia escapar a chefes das nações e demônios, uns e outros enganadores?

CAPÍTULO XXXIII

É pelo juízo e pelo poder do verdadeiro Deus que os tempos de todos os reis e de todos os impérios são ordenados.

É, pois, Deus, autor e dispensador da felicidade, por que é ele o único Deus verdadeiro, quem concede os reinos da Terra tanto aos bons como aos maus. E não o faz à toa, como que fortuitamente (pois que Ele é que é o verdadeiro Deus e não a fortuna), mas conforme a ordem das coisas e dos tempos, para nós oculta, mas dele perfeitamente conhecida. Ele não serve nem está submetido a esta ordem dos tempos. Pelo contrário, é Ele que, como senhor, a rege e, como moderador, a ordena. Mas a felicidade, essa dá-a aos bons. Podem tê-la ou não os que servem; podem tê-la ou não os que reinam. Todavia, só será plena naquela vida onde já ninguém terá que servir. E por isso que os reinos da Terra são por Ele concedidos tanto aos maus

como aos bons; Ele não quer que os seus adoradores, ainda crianças na vida moral, desejem d'Ele esse dom como qualquer coisa de grande.

É este o mistério do Antigo Testamento, no qual se ocultava o Novo: nele, as promessas e os dons são de ordem terrena. Mas as pessoas espirituais de então já comprehendiam, sem, todavia, o pregar abertamente, de que eternidade eram figura estas coisas temporais e em que dons divinos consistia a verdadeira felicidade.

CAPÍTULO XXXIV

O reino dos Judeus foi instituído e conservado pelo único e verdadeiro Deus enquanto eles se mantiveram na verdadeira religião.

Também, para fazer compreender que estes bens terrenos, únicos a que aspiram os que não podem conceber outros melhores, dependem do poder do próprio Deus único e não da multidão dos falsos que os Romanos outrora acreditaram que deviam ser venerados, multiplicou Ele o seu povo no Egito, a partir de um reduzido número de indivíduos e libertou-o por meio de sinais maravilhosos.

E não foi a Lucina que invocaram as mulheres judias quando, das mãos dos Egípcios perseguidores, que procuravam matar todos os seus filhos. Ele próprio salvou os seus recém-nascidos para que de forma prodigiosa se multiplicassem e aquele povo crescesse de maneira incrível. Mamaram sem a deusa Rumina ; estiveram nos seus

berços sem Cunina ; comeram e beberam sem Educa e sem Potina; foram educados sem tantos deuses da infância; casaram sem os deuses conjugais; uniram-se aos respectivos cônjuges sem o culto de Príapo, sem invocarem Netuno; o mar abriu-se aos que passavam e as ondas se fecharam sobre os inimigos que os perseguiam; não se consagraram a qualquer deusa Mania, quando receberam o maná caído do céu; não veneraram as Ninfas nem as Linfas, quando a água jorrou da rocha batida quando estavam sequiosos; conduziram a guerra sem os insensatos ritos de Marte e de Belona e, se não venceram certamente sem a vitória, nem por isso consideraram esta como uma deusa, mas como uma dádiva do seu Deus; tiveram searas sem Segetia, bois sem Bubona, mel sem Melona, fruta sem Pomona; numa palavra: todos estes bens, pelos quais os Romanos julgavam que deviam invocar uma tão grande multidão de falsos deuses, receberam-nos eles, de uma forma mais feliz, do único Deus verdadeiro.

E, se contra Ele não tivessem pecado por uma curiosidade ímpia, se d'Ele afastados por pretensas artes mágicas, não deslizassem para os deuses estrangeiros e os ídolos e se, por fim, não tivessem dado a morte a Cristo, manter-se-iam no mesmo reino, embora não mais espaçoso, todavia mais feliz. E agora, o fato de se apresentarem dispersos por quase todas as terras e nações, constitui uma decisão providencial daquele único e verdadeiro Deus. E assim, a destruição das imagens, dos altares, dos bosques sagrados e dos templos dos

falsos deuses e a proibição dos sacrifícios, que se vão verificando por toda a parte, pode provar-se pelos livros deles como tudo de há muito estava profetizado, para que, quando se lerem estas previsões nos nossos livros, se não possa pensar que as inventamos.

Deixemos para o próximo livro a continuação destas considerações e ponhamos termo aqui a esta longa exposição.

Livro V - Os antigos costumes dos romanos

Santo Agostinho discute primeiro a questão do fatalismo, para confrontar aqueles que explicavam a prosperidade do império romano pelo *fatum*, como ele fez antes para aqueles que o atribuíam à proteção dos falsos deuses. Conduzido de sorte a tratar da presciênciaria divina, ele prova que ela não impede o livre arbítrio de nossa vontade. Ele fala em seguida dos antigos costumes dos romanos e mostra por qual mérito ou por qual sentença da divina justiça eles obtiveram, para o crescimento de seu império, da assistência do verdadeiro Deus, que eles não adoravam. Por fim, ele ensina no que os imperadores cristãos devem fazer consistir a felicidade.

PREFÁCIO

É inteiramente certo que a plena satisfação de todos os nossos desejos é que constitui a felicidade, que não é uma deusa, mas um dom de Deus. Consequentemente, nenhum Deus deve ser venerado pelos humanos, a não ser Aquele que os pode tornar felizes; daí que, se ela fosse uma deusa, dever-se-ia declarar com toda a razão que só ela é digna de ser adorada.

Já agora, vejamos por que razão é que Deus — que pode conceder aqueles bens que até mesmo os que não são bons (e por isso também infelizes) podem ter — quis que o Império Romano fosse tão extenso e tão duradouro. Porque, na verdade, não foi a multidão de falsos deuses que eles adoravam quem o fez.

A este respeito já muito dissemos e, quando parecer oportuno, voltaremos a dizê-lo.

CAPÍTULO I

A origem do Império Romano, bem como a de todos os reinos não foi fortuita, nem resultou da posição das estrelas.

A causa da grandeza do Império Romano não é evidentemente fortuita nem fatal, no sentido ou opinião dos que chamam fortuitos aos acontecimentos que não têm causa ou não provêm de uma ordem racional e fatais aos que resultam necessariamente de certa ordem independente da vontade de Deus e dos homens. É seguramente a Providência divina que estabelece os reinos humanos. Se alguém o atribuir ao destino, chamando «destino» à própria vontade ou omnipotência de Deus, pois mantenha a sua opinião mas corrija a linguagem.

Porém, porque é que não diz logo de início o que virá a dizer quando se lhe perguntar a que é que chama «destino»? Na verdade, quando a ouvem, pessoas tomam esta palavra no sentido usual e não pensam senão na força da posição dos astros tal qual como ela se apresenta quando alguém nasce ou é concebido. Alguns consideram essa força alheia e outros, subordinada à vontade de Deus.

Mas aqueles para quem os astros decidem, sem a vontade de Deus, do que fazemos ou dos bens que possuiremos ou dos males que teremos de suportar, devem ser impedidos de fazer-se ouvir não só dos que observam a verdadeira religião, mas também dos devotos de qualquer deus, mesmo falso.

Na verdade, esta opinião que mais pretende senão que nenhum deus se adore nem a ele se dirija a oração? Mas, por ora, não é contra os que defendem esta opinião que se dirige a nossa discussão, mas contra os que, para defenderem os seus pretensos deuses atacam a religião cristã.

Aqueles que fazem depender da vontade de Deus a posição das estrelas que decidem, de certo modo, o caráter de cada um e dos acontecimentos bons ou maus da sua vida, — se julgam que essas estrelas, que receberam esse poder do poder supremo, decidem esses acontecimentos como lhes apetece — grave ofensa fazem ao Céu. Tomam o Céu por uma espécie de ilustre senado e esplêndida cúria em que se decide dos crimes que se podem cometer; crimes esses que, se fosse alguma cidade terrena a votá-los, tal cidade teria de ser destruída por decisão do gênero humano.

Que possibilidade se deixa a Deus, senhor dos astros e dos humanos, para julgar os atos humanos submetidos à fatalidade dos astros?

Ou, se disserem que as estrelas, tendo recebido do Deus Supremo o seu poder, não decidem desses crimes segundo seu arbítrio, mas se limitam a executar rigorosamente as suas ordens nas decisões fatais que tomam, não será isso atribuir ao próprio Deus o que pareceu indigno da vontade das estrelas?

Poderão ainda dizer que as estrelas indicam, mas não realizam os acontecimentos. É como se a sua posição fosse uma linguagem para predizer e não para realizar o futuro. Foi de fato este o parecer de homens não mediocremente doutos.

Não é porém assim que os astrólogos costumam falar. Não dizem, por exemplo, «esta posição de Marte anuncia um homicida», mas «faz um homicida».

Concordemos, porém, que eles não falam como devem e que deviam tomar dos filósofos a sua maneira de falar, para anunciar os acontecimentos que julgam descobrir na posição dos astros.

Como é que acontece que nunca puderam explicar porque é que na vida dos gêmeos, nos seus atos, nos seus sucessos, nas suas profissões, nas suas habilidades, nas suas honras, nos outros acontecimentos que respeitam à vida humana e na sua própria morte, há tão grande diversidade, a ponto de muitos estranhos se parecerem mais a gêmeos do que estes se parecem um ao outro, apesar do tão breve intervalo que separa o seu nascimento e da sua comum concepção produzida pelo mesmo ato e no mesmo momento?

CAPÍTULO II

A saúde dos gêmeos; ora parecida, ora diferente.

Conta Cícero que Hipócrates, médico notabilíssimo, deixou escrito que suspeitava de que certos irmãos eram gêmeos porque co-

meçavam a adoecer ao mesmo tempo e porque ao mesmo tempo se lhes agravava a doença e ao mesmo tempo melhoravam.

Mas o estoico Posidônio, muito dado à astrologia, costumava afirmar que eles tinham nascido sob a mesma constelação e que sob a mesma constelação tinham sido concebidos. Assim o que o médico julgava que se ligava à grande semelhança de temperamentos, atribuía-o o filósofo-astrólogo à força e à disposição dos astros que se verificava no momento em que foram concebidos e no momento em que nasceram.

Neste caso é, à primeira vista, muito mais aceitável e crível a hipótese do médico, porque o estado de saúde do corpo dos pais quando se unem pode afetar os primeiros tempos dos concebidos, de maneira que, tendo os seus primeiros desenvolvimentos no corpo da mesma mãe, nascem com igual compleição. Depois, sustentados com os mesmos alimentos e na mesma casa onde, segundo o testemunho da medicina, o ar, a disposição dos lugares e as propriedades das águas exerceram uma grande influência, boa ou má, nos seus corpos e acostumados, enfim, aos mesmos exercícios, puderam desenvolver corpos tão semelhantes que as mesmas causas provocavam neles, no mesmo momento, a mesma doença. Mas querer ligar a posição do céu e dos astros, que se verificou quando foram concebidos ou nasceram, a essa doença idêntica e simultânea, quando tantos seres diferentes na origem, no comportamento e no destino, puderam ser con-

cebidos e nascer no mesmo instante, no mesmo país e sob o mesmo céu, constitui isso qualquer coisa de insólito que eu não sei qualificar.

O que é certo, porém, é que nós conhecemos gêmeos que não só exerceram diferentes atividades e fizeram diferentes viagens, mas também padeceram de doenças diferentes. A meu ver, Hipócrates poderá dar deste caso uma explicação facilíma: uma diferença de alimentação e de exercícios, que resulta não da constituição do corpo, mas do poder da vontade, pode provocar diferenças de saúde.

Todavia seria maravilhoso se Posidônio ou qualquer outro defensor da fatalidade astral pudesse achar para este caso uma explicação, se é que não quer troçar dos que destas questões nada sabem. Tentam pôr em relevo o exíguo intervalo de tempo entre o nascimento de um e outro gêmeo e, portanto, a partícula do céu onde está marcada a hora do nascimento e a que chamam horóscopo. Mas então, ou esse intervalo não tem tanta influência para explicar nos gêmeos a sua diferença de vontades, de atos, de comportamentos e de sucessos; ou então tem-na demais para a identidade, quer da humildade quer da nobreza da sua origem, já que pretendem que tão grande diferença de condição depende apenas da hora em que cada um nasce. Se nascem um depois do outro em tão curto intervalo que o seu horóscopo tem que ser o mesmo, então reclamo para eles igualdade plena, o que em nenhum gêmeos poderão jamais encontrar; se, porém, a demora do

segundo a nascer muda o horóscopo, então reclamo pais diferentes, o que não podem ter os gêmeos.

CAPÍTULO III

Argumento da roda do oleiro utilizado pelo astrólogo Nigídio na questão dos gêmeos.

É, pois, em vão que se recorre à célebre teoria da roda do oleiro que Nigídio, embaraçado com esta questão, deu em resposta __ dizem __ e daí ter sido alcunhado de Fígulo (*Figulus* = oleiro). Com quanta força pôde, imprimiu grande velocidade à roda do oleiro. Enquanto ela girava, marcou-a por duas vezes com tinta preta, com a maior rapidez, como se o fizesse no mesmo lugar. Depois, parada que ficou a roda, encontraram-se na borda umas marcas bastante distanciadas. É assim, diz ele, que acontece na rapidíssima rotação do céu. Embora os gêmeos nasçam um depois do outro tão rapidamente como a marcação dos sinais da roda, isso constituirá no céu uma grande distância. Daí provém, diz ele, todas as dessemelhanças verificadas nos comportamentos e nos sucessos dos gêmeos.

Esta ficção ainda é mais frágil do que os vasos modelados naquela roda. Efetivamente, se tanto se repercute no céu esta distância (que é impossível de medir pelas constelações) que a um dos gêmeos cabe uma herança e o outro é dela privado, como é que se atrevem a predizer aos que não são gêmeos, depois de observadas as suas cons-

telações, os acontecimentos envoltos em mistério que ninguém pode compreender e a explicá-los pelos momentos do nascimento?

Mas se, em face disto, disserem que se realizam as predições dos nascimentos de outras crianças porque se referem a um intervalo de tempo mais longo — ao passo que aqueles minúsculos instantes que podem mediar entre o nascimento de um e de outro gêmeo, predizem insignificantes acontecimentos acerca dos quais os astrólogos não são ordinariamente consultados (efetivamente, quem é que pergunta quando é que se deve sentar, passear ou sentar-se à mesa e o que é que há de comer?) — será então que nos referimos a estes pormenores, quando nos gêmeos assinalamos numerosas e grandes diferenças no seu comportamento, nos seus atos e nos seus sucessos?

CAPÍTULO IV

Os gêmeos Esaú e Jacob foram muito diferentes na qualidade do seu comportamento e das suas ações.

Nos antigos tempos dos Patriarcas nasceram dois gêmeos (para citar os mais célebres), tão seguidos um ao outro que o segundo tinha agarrado o pé do primeiro. Foram tão grandes as diferenças nas suas vidas, no seu comportamento, foi tão grande a disparidade dos seus atos e tamanha a diferença no amor dos seus pais, que a própria distância os tornaria inimigos.

Acaso quererá com isto dizer-se que um passeava quando o outro se sentava, que um dormia quando o outro estava acordado, que um falava quando o outro estava calado, pormenores respeitantes a minúcias que não podem ser compreendidas pelos que anotam a posição dos astros quando nasce alguém para em seguida consultarem os astrólogos? Um serviu a soldo, o outro não serviu; um foi amado pela mãe, o outro não; um perdeu um título honorífico que entre eles era muito apreciado, o outro adquiriu-o. E que dizer das esposas, dos filhos, dos bens? Que diferença!

Se estas disparidades dependem daquelas pequenas diferenças de tempo que separam o nascimento dos gêmeos e não estão assinaladas nas constelações, porque é que dizem que as encontram marcadas quando se observam as constelações das outras crianças? Talvez respondam: é porque elas dependem, não de curtos instantes não observáveis, mas de espaços de tempo que podem ser observados e anotados. Nesse caso, que faz aqui a dita roda do oleiro, senão condenar a andarem à volta pessoas de coração de barro, com medo de serem convencidos pela tagarelice dos astrólogos?

CAPÍTULO V

Como é que os astrólogos foram levados a professar uma ciência vã.

Porque é que o exemplo dos indivíduos, cujas doenças surgiam em ambos ao mesmo tempo, ora mais graves, ora mais leves e levaram Hipócrates, ao examiná-los como médico, a suspeitar de que se tratava de gêmeos, não bastaram para rebater os que pretendem atribuir aos astros o que provém de uma semelhante compleição dos corpos? Porque é que foram atingidos na mesma ocasião por idêntica doença e não um depois do outro, tal como nasceram, pois naturalmente não podiam nascer ao mesmo tempo?

Ou então, se o fato de terem nascido em diversos momentos nada tem a ver com o fato de adoecerem em momentos diferentes, porque é que se pretende que esta diferença, quando se verifica no nascimento, comporta a diversidade dos outros acontecimentos? Porque é que eles puderam viajar em momentos diferentes, casar em momentos diferentes, procriar filhos em momentos diferentes e muitas coisas mais, porque nasceram em momentos diferentes e não puderam pela mesma razão estar doentes em momentos diferentes? Porque, se a diferente hora de nascimento mudou o horóscopo e tornou diferentes os outros acontecimentos, porque é que se mantém nas doenças um efeito da simultaneidade das concepções?

Mas, se os destinos das doenças estão na concepção e os dos outros acontecimentos estão no nascimento, não se deveria dizer nada acerca da saúde segundo o estado das constelações à nascença, se não se tem os indícios requeridos acerca da hora da concepção. Se se predizem as doenças sem se conhecer o horóscopo da concepção, porque o instante do nascimento é indicado, como predizer a um dos gêmeos, pela hora do seu nascimento, quando é que estava doente, ao passo que outro, que não teve a mesma hora de nascimento, deveria estar necessariamente doente da mesma forma?

Pergunto ainda: se no nascimento dos gêmeos é de tão grande importância o intervalo de tempo para que seja necessário assinalar-lhes constelações diferentes já que diferente é o horóscopo e diferentes são, portanto, as linhas celestes de demarcação (*Cardines*), nas quais eles põem tanta ênfase, até ao ponto de dizerem que elas originam diversos destinos, como pôde isso acontecer, quando é impossível uma diferença de tempo na concepção?

Ou então, se dois concebidos no mesmo tempo puderam ter, para nascer, destinos diferentes, por que é que dois nascidos no mesmo momento não poderiam ter, para viver e para morrer, destinos diferentes? De fato, se um só momento, em que ambos foram concebidos, não os impediu de nascerem um depois do outro, por que é que, se os dois nasceram no mesmo momento, isso os impedirá de morrer um depois do outro?

Se a concepção num só momento permite aos gêmeos uma sorte diferente no ventre materno, por que é que um nascimento no mesmo momento não lhes permite que tenha, qualquer dos dois, uma sorte diferente na Terra, desvanecendo-se assim todas as invencionices desta arte, ou melhor, desta vacuidade?

Como é isso? Por que é que os concebidos na mesma ocasião, no mesmo instante, sob uma única e mesma posição dos astros, têm um diferente destino que os faz nascer a horas diferentes e os nascidos de mães diferentes, no mesmo momento e sob uma única e mesma posição do céu, não podem ter destinos diferentes que os levem a fatal diversidade de vida e de morte? Será que os concebidos ainda não têm destino e não o poderão ter senão quando nascem?

Para que é que se diz, então, que, se fosse possível descobrir a hora da concepção, os astrólogos poderiam, como os adivinhos, prever muitas coisas? Daí o que muitos dizem: que certo sábio escondeu a hora em que se uniria a sua mulher para gerar um filho maravilhoso. Daí, por fim, o parecer do grande astrólogo Posidônio, também filósofo, acerca de dois gêmeos que padeciam no mesmo momento da mesma doença; isso, respondia ele, é devido a terem sido concebidos e nascidos na mesma ocasião. E acrescentava a «concepção», para que não se dissesse: não é evidente que tenham nascido no mesmo momento os que incontestavelmente foram concebidos no mesmo momento.

O fato de sofrerem na mesma ocasião da mesma doença, não o atribuía à compleição corporal, em ambos muito semelhante, mas ligava esta semelhança de saúde à influência dos astros.

Se, portanto, a concepção é bastante, tem força tamanha para determinar a igualdade dos destinos, o nascimento não deveria alterar destinos idênticos. Ou então, se os destinos dos gêmeos se diferenciam porque nascem em momentos diferentes, por que não havemos antes de entender que eles já estavam mudados para nascerem em tempos diferentes? Será que a vontade dos vivos não altera os destinos da natividade, ao passo que a ordem do nascimento altera os destinos da concepção?

CAPÍTULO VI

Os gêmeos de sexo diferente.

De resto, nas concepções dos gêmeos em que, sem dúvida, são os mesmos os momentos dos dois, como é que acontece que sob a mesma constelação fatal seja concebido um varão e uma fêmea?

Conhecemos gêmeos de sexos diferentes. Ambos ainda vivos, ambos na força da idade. Tanto quanto o permite a diferença de sexos, muito se parecem um com o outro. Mas já são tão diferentes quanto ao gênero de vida e aos gostos que, além dos atos que são necessariamente diferentes no homem e na mulher (ele é funcionário nos serviços de um conde e anda quase sempre fora de casa a viajar,

enquanto ela nunca abandona a terra dos pais nem a sua propriedade) e ainda por cima (o que mais custa a acreditar se se crê na fatalidade astral, mas não é de admirar, se se pensar na vontade dos humanos e nos benefícios de Deus), ele é casado, e ela é uma virgem consagrada; ele gerou numerosa prole, ela nem sequer casou.

Não há dúvida de que é enorme a força do horóscopo! Já demonstrei à saciedade até que ponto é nula. Mas, qualquer que ela seja, é, segundo dizem, no nascimento que ela influi. Não influi também na concepção? É manifesto que esta resulta de uma só união carnal. A aptidão da natureza é tal que, quando uma mulher concebe, deixa de estar apta para outra concepção. Conclui-se daí que o momento da concepção dos gêmeos é necessariamente o mesmo. Será que por terem por acaso nascido sob a influência de diferente horóscopo, ao nascerem, ele se transformou em varão e ela em mulher?

Não é absolutamente absurdo admitir que mudanças — mas apenas quanto às diferenças do corpo — sejam devidas à influência sideral. Vemos assim que o Sol, pela sua aproximação ou pelo seu afastamento, provoca as estações do ano; a Lua, conforme vai para crescente ou para minguante, assim faz crescer ou minguar certas categorias de seres, tais como os ouriços do mar e as conchas e ainda as maravilhosas marés do oceano.

Mas a vontade, faculdade do espírito, não depende da posição dos astros. E quando eles tentam ligar aos astros os nossos atos, estão

a convidar-nos a que procuremos as razões por que não se pode manter a sua teoria mesmo no mundo corporal. Que mais pertence ao corpo do que o sexo do corpo? E, todavia, gêmeos de sexos diferentes puderam ser concebidos sob a mesma posição dos astros.

Que é que se pode dizer de mais insensato do que querer que a posição dos astros, idêntica para ambos no instante da concepção, não pôde impedir que a irmã, tendo a mesma constelação, tenha um sexo diferente do irmão e que a posição dos astros no momento do nascimento pôde fazer com que ela dele tanto se distinga pela santidade virginal?

CAPÍTULO VII

Escolha do dia em que se casa, em que se planta alguma coisa no campo, em que se semeia.

Quem poderá admitir que pela escolha do dia cada um fabrique com os seus próprios atos novos destinos? O tal homem, douto sem dúvida, que não tinha nascido para ter um filho maravilhoso, mas antes, para gerar um desprezível e, por isso, escolheu a hora em que se uniria a sua mulher. Criou, pois, um destino que não tinha e pelo seu próprio ato começou a cair numa fatalidade que não se verificava na sua natividade. Ó que singular tolice!

Escolhe-se um dia para casar, porque, creio eu, se pode, se se não escolher, cair num dia mau e fazer um casamento infeliz. Onde

para, então, o que os astros decretaram ao que nasce? Pode uma pessoa mudar, por escolha do dia, o destino que lhe foi determinado e o que ele próprio fixou pela escolha de um dia não poderá ser alterado por um outro poder?

Depois, se só as pessoas e não tudo o que está abaixo do Sol, estão submetidos às constelações, porque é que se escolhem certos dias como mais adequados para o plantio das videiras ou das árvores ou para as sementeiras e outros dias para domar ou cobrir o gado ou para se fecundarem as tropas de éguas e as manadas de vacas e outras coisas que tais?

Mas, se os dias escolhidos valem para esses casos, por que todos os seres terrenos inanimados ou vivos estão submetidos, segundo a diversidade dos momentos, à influência da posição dos astros, considerem então quão inumeráveis seres nascem, se originam e começam no mesmo instante e têm destinos tão diferentes, que estas observações astrais fariam rir uma criança.

Quem será, na verdade, tão insensato que ouse afirmar que todas as árvores, todas as ervas, todas as feras, todas as serpentes, aves, peixes, vermes, têm, cada um, um diferente momento para nascer? Todavia, pessoas há que, para provarem o talento dos astrólogos, lhes costumam apresentar as constelações de animais mudos, cujo nascimento observaram cuidadosamente em casa na mira de esta consulta e preferem aos demais os astrólogos que, pelo exame das suas cons-

telações, declaram que não foi uma pessoa, mas um animal que acabou de nascer.

Atrevem-se mesmo a afirmar de que espécie de animal se trata e se é um animal de tiro ou lanígero, apto para o arado ou para guardar a casa. Consultam-nos até acerca do destino dos cães e as suas respostas levantam grandes aclamações dos seus admiradores.

De tal maneira enlouquecem as pessoas que chegam a pensar que, quando uma pessoa nasce, se suspendem todos os demais nascimentos e que, sob a mesma zona do céu, nem mesmo uma mosca pode nascer ao mesmo tempo que ele. De fato, se isto admitiram para uma mosca, o raciocínio levar-nos-á gradualmente das moscas aos camelos e aos elefantes.

Não querem notar que, uma vez escolhido o dia para semear o campo, muitos grãos caem ao mesmo tempo na terra, germinam ao mesmo tempo, despontam ao mesmo tempo e ao mesmo tempo crescem e se douram; e, todavia, destas espigas da mesma idade e, a bem dizer, do mesmo gênero, umas são destruídas pela alforra, outras devoradas pelas aves e outras arrancadas pelas pessoas.

Como é que poderão afirmar que estes grãos com tão diversos destinos tiveram constelações diferentes? Será que lhes pesa terem escolhido datas para estas coisas e declaram que essas datas não implicam com as decisões do céu para não submeterem aos astros senão

os humanos, únicos seres a quem Deus deu na Terra uma vontade livre?

Bem consideradas todas estas coisas, há motivos para crer que, se os astrólogos dão tantas respostas surpreendentemente verdadeiras, isso acontece devido a uma oculta inspiração dos maus espíritos, que põem todo o cuidado em infundir e firmar nos espíritos humanos essas falsas e nocivas opiniões acerca das fatalidades astrais e de forma nenhuma devido à arte de estabelecer e de examinar os horóscopos; tal arte não existe.

CAPITULO VIII

Os que dão o nome de destino, não à posição dos astros mas à conexão das causas que depende da vontade de Deus.

Há ainda os que dão o nome de destino, não à posição dos astros tal como se verifica quando cada coisa é concebida, nasce ou principia, mas à conexão e à série de causas que faz com que tudo seja o que é. Não vale a pena estabelecer com eles uma laboriosa controvérsia por causa de uma palavra. É que atribuem essa ordenação e uma certa conexão das causas à vontade e ao poder de um Deus supremo que — acreditamo-lo da melhor vontade e em toda a verdade — conhece todas as coisas antes que elas aconteçam e nada deixa em desordem. É dele que vêm todos os poderes, embora dele não venham todas as vontades.

Que entendem por destino principalmente a própria vontade de um Deus Supremo, cujo poder insuperável se estende a todos os seres, prova-se por estes versos que, se não me engano, são de Aneu Sêneca: *Conduz-me, pai soberano, senhor das alturas do céu, para onde te aprouver. Obedecer-te-ei sem demora. Aqui estou sem preguiça. Faz com que eu não queira e gemendo te seguirei. E, posto que culpado, suportarei o que ao bom apraz. Os destinos guiam o que obedece e forçam o que resiste*¹⁵².

É de toda a evidência que neste último verso ele chama destino ao que acima designara por vontade do Pai soberano. Diz que está preparado para lhe obedecer, para ser de boa vontade conduzido, com receio de ser arrastado contra vontade, porque *os destinos guiam o que obedece e forçam o que resiste*¹⁵³.

Apoiam este pensamento estes versos de Homero, que Cícero traduziu para o latim: *São, as mentes dos homens, como a luz com que o próprio pai Júpiter quis iluminar a terra fecunda*¹⁵⁴.

A opinião de um poeta pouca autoridade teria nesta questão; mas, porque ele (Cícero) diz que os estoicos, para defenderem a força do destino, costumam citar estes versos de Homero, não se trata já da

¹⁵² Due, summe pater altique dominator poli, Quocumque placuit, nulla parendi mora est. Adsum impiger: fac nolle, comitabor gemens Malusque patiar, facere quod licuit bono. Ducunt volentem fata, nolentem trahunt. Sêneca, Epist 107, 11. Estes versos citados por Sêneca são uma tradução latina do hino a Zeus de Cleanto, fragm. 527. Cf. M. Pohlenz, *Da Stoa I*, p. 217-221.

¹⁵³ *Ducunt volentem fata, nolentem trahunt. Id. Ib.*

¹⁵⁴ *Tales sunt hominum mentes, quali pater ipse Jupiter auctiferas lustravit lumine terras.*

opinião de um poeta mas da dos filósofos. É por meio destes versos, que eles utilizam nas suas discussões, que a sua doutrina acerca do destino se manifesta com clareza. Chamam eles Júpiter ao que creem ser o Deus Supremo, de quem depende, dizem eles, toda a conexão dos destinos.

CAPÍTULO IX

A presciênciade Deus e a livre vontade do homem, contra a definição de Cícero.

Cícero esforça-se por refutá-los, mas julga que nada pode contra eles a não ser que suprima a adivinhação. Para consegui-lo, chega a negar que haja conhecimento do futuro e sustenta com todas as suas forças que nenhuma previsão dos fato pode haver, quer nos humanos quer em Deus. Desta maneira, não só nega a presciênciade Deus, mas também procura destruir toda a profecia, mesmo que ela seja mais clara do que a luz, com vãos argumentos e opondo a si mesmo certos oráculos que facilmente se podem refutar, mas nem sequer isto mesmo consegue.

Mas, ao refutar as conjecturas dos astrólogos, a sua retórica triunfa porque elas na verdade são de tal natureza, que a si próprias se destroem e se refutam. Todavia, são muito mais desculpáveis os que admitem a fatalidade astral do que ele, que suprime a presciênciado

futuro. Efetivamente, é extremada insânia admitir que Deus existe e negar-lhe o conhecimento do futuro.

Quando ele próprio se deu conta disso escreveu um texto sobre a ideia que a Escritura condensa na frase: *Disse o louco no seu coração: Não há Deus*¹⁵⁵, mas sem o fazer em seu próprio nome. Viu quanto isso seria revoltante e molesto e encarregou Cota, nos livros *De natura deorum*¹⁵⁶, de sustentar a discussão acerca desta matéria contra os estoicos; mas antes quis pôr-se do lado de Lucílio Balbo, a quem tinha confiado a defesa das opiniões dos estoicos, do que do lado de Cota que nega que haja qualquer natureza divina. Mas nos livros *De divinatione*¹⁵⁷, é em seu próprio nome que abertamente ataca a presciênciia do futuro.

Parece que Cícero fez tudo isto para que, admitindo-se o destino, se não negue a vontade livre. Pensa ele que, uma vez admitida a ciência do futuro, o destino se toma uma consequência necessária e inegável.

Mas, aonde quer que levem tão tortuosas controvérsias e as discussões dos filósofos, o que nós confessamos é que há um Deus Supremo e verdadeiro, tal como confessamos a sua vontade, o seu poder supremo e a sua presciênciia; nem temos medo de poder fazer

¹⁵⁵ *Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus.* Salmo XIII, 1.

¹⁵⁶ «Acerca da natureza dos deuses». Cícero, *De natureza deorum*, XIII.

¹⁵⁷ «Acerca da adivinhação».

sem vontade o que voluntariamente fazemos, já por que prevê o que havemos de fazer Aquele cuja presciência não pode se enganar.

Foi este receio que levou Cícero a impugnar a presciência e os estoicos a dizerem que nem tudo acontece necessariamente, embora sustentem que tudo acontece fatalmente.

Que é pois que Cícero receou na presciência do futuro, para procurar abalá-la com uma argumentação detestável? Isto: se os acontecimentos futuros são todos previstos, cumprir-se-ão pela mesma ordem por que foram previstos. Se vierem por essa ordem, então a ordem das coisas está determinada pela presciência de Deus; se a ordem dos acontecimentos está determinada, determinada está também a ordem das causas, pois nada pode acontecer que não seja precedido de uma causa eficiente. Se, portanto, a ordem das coisas, pela qual acontece tudo o que acontece, está determinada, fatalmente acontece, diz ele, tudo o que acontece. Mas, se assim é, nada está no nosso poder e nenhum arbítrio da vontade existe. Mas, se tal admitirmos, acrescenta ele, toda a vida humana se subverte, em vão se proferem leis, em vão recorremos às censuras ou aos louvores, às críticas ou às exortações, nem haverá mais justiça como prêmio para os bons, nem castigos instituídos para os maus.

É pois para evitar à humanidade estas consequências indignas, absurdas e perniciosas que ele nega a presciência do futuro. Encerra a alma religiosa no angustioso dilema de escolher de duas uma: ou a

nossa vontade tem algum poder ou existe uma presciênciā do futuro. Porque, assim pensa, uma e outra não podem coexistir; se admitirmos uma, negamos a outra; se escolhermos a presciênciā do futuro, suprimimos o arbítrio da vontade; se escolhermos o arbítrio da vontade, suprimimos a presciênciā do futuro. E assim ele, grande e douto varão, tantas vezes e com tal maestria defensor da vida humana, das duas coisas escolheu o livre arbítrio da vontade; mas, para o consolidar, negou a presciênciā do futuro e assim, querendo fazer os humanos livres, fê-los sacrílegos.

Mas a alma religiosa escolhe uma e outra, confessa uma e outra e fundamenta uma e outra na fé religiosa. Como? Pergunta. Por que, se há uma presciênciā do futuro, seguem-se todos aqueles acontecimentos que são conexos até se chegar ao ponto em que na nossa vontade já nada há. Mas, se, pelo contrário, alguma coisa depende da nossa vontade, os mesmos argumentos virados do avesso, nos levam a demonstrar que não há presciênciā do futuro.

Eis como se viram do avesso todas essas questões: se há um arbítrio da vontade, nem tudo acontece fatalmente; se nem tudo acontece fatalmente, a ordem das causas não está determinada; se a ordem das causas não está determinada, também não está determinada na presciênciā de Deus a ordem dos acontecimentos, por que eles não se podem realizar sem causas que os precedam e os produzam; se a ordem dos acontecimentos não está determinada pela presciênciā divi-

na, eles não acontecem todos como Deus previu que aconteceriam e, portanto, em Deus, diz ele, não há presciênciade todos os futuros.

É contra estas audáciais ímpias e sacrílegas que nós afirmamos, não só que Deus conhece todos os acontecimentos antes que eles se verifiquem, mas também que fazemos voluntariamente tudo o que sabemos e temos consciênciade que o fazemos apenas porque o queremos.

Não dizemos que tudo acontece fatalmente; dizemos antes que nada acontece fatalmente; porque a palavra *fatal* ou *destino*, no sentido que é costume dar-se-lhe, isto é, designando a posição dos astros no momento em que cada um é concebido ou nasce, demonstramos que nada vale, porque é uma expressão sem sentido. Mas a ordem das causas, em que a vontade de Deus muito pode, nem a negamos nem a designamos com o nome de destino, salvo, talvez, no sentido que se lhe dá ao derivar *fatum* (destino) de *fari* (falar).

Não podemos, na verdade, negar o que foi escrito nas Sagradas Escrituras: *Deus falou uma vez e eu ouvi duas coisas: o poder pertence a Deus e a ti, Senhor, a misericórdia, a ti que recompensas cada um conforme as suas obras*¹⁵⁸.

¹⁵⁸ *Semel locutus est Deus, duo haec audivi, quia potestas Dei est, et tibi, Domine, misericórdia, qui reddis unicuique secundum opera ejus.* Salmo LXI, 12-13.

As palavras *semel locutus est*¹⁵⁹ significam: ele proferiu uma «palavra imóvel» isto é, «irrevogável», tal como conhece irrevogavelmente tudo o que virá a acontecer e tudo o que Ele mesmo terá a fazer.

Com este sentido poderíamos fazer derivar *fatum* (destino) de *fari* (falar), se não fosse costume entender-se por esta palavra uma outra coisa para a qual não queremos que o coração dos homens se incline. Mas, pelo fato de a ordem das causas estar determinada para Deus, não se conclui que nada depende do arbítrio da nossa vontade. É que as nossas próprias vontades pertencem à ordem causal; certa para Deus e contida na sua presciênciā. As vontades humanas são efetivamente as causas das ações humanas e, por conseguinte, aquele que previu todas as causas das coisas não pôde ignorar, entre as causas, as nossas próprias vontades, pois que previu as causas das nossas ações.

Mas, mesmo o que Cícero concede — que nada acontece sem ser precedido de uma causa eficiente — é bastante para o refutar nesta questão. Para que lhe serve, efetivamente, afirmar que nada acontece sem causa, mas que nem toda a causa é fatal, pois que há causas fortuitas, causas naturais e causas voluntárias? Basta que reconheça que nada acontece senão em virtude de uma causa anterior. As cau-

¹⁵⁹ «falou uma vez». ut supra.

sas que se chamam fortuitas, donde fortuna tirou o nome, não dizemos que não existem. Dizemos antes que estão escondidas. E atribuímo-las à vontade do verdadeiro Deus ou de qualquer outro espírito. E as próprias causas naturais, de forma nenhuma as separamos da vontade d'Aquele que é o autor e o criador de toda a natureza. Até mesmo as causas voluntárias provêm ou de Deus ou dos anjos, ou dos humanos ou de alguns animais, se é que se podem chamar vontades a esses movimentos das almas privadas de razão, que as levam a agir conforme a sua natureza, quando sentem algum desejo ou aversão. Mas por vontade dos anjos entendo, quer a dos bons, a que chamamos anjos de Deus, quer a dos maus, a que chamamos anjos do Diabo ou ainda demônios. Da mesma forma a dos humanos, quer dos bons quer dos maus.

Daqui se tira que não há causas eficientes de tudo o que acontece que não sejam voluntárias, isto é, procedentes dessa natureza que é sopro (*spiritus*) de vida. E que também se chama sopro (*spiritus*) ao ar ou ao vento. Mas este, porque é um corpo, não é sopro (*spiritus*) da vida. Porém o sopro (*spiritus*) de vida que tudo vivifica e é criador de todo o corpo e de todo o espírito (*spiritus*) criados, é o próprio espírito (*spiritus*) inteiramente criado. Na sua vontade está o poder supremo que ajuda as vontades boas dos espíritos criados, julga as vontades más e a todas ordena, dando poderes a umas e recusando-os a outras.

De fato, assim como é o criador de todas as naturezas, assim é também o dispensador de todos os poderes, mas não de todos os quereres. Realmente, as vontades más não procedem d'Ele porque são contrárias à natureza, que, essa sim, provém d'Ele. Por isso os corpos estão submetidos às vontades; uns, às nossas, isto é, de todos os seres viventes mortais e, aliás, mais os dos humanos do que os dos animais; outros, às dos anjos; mas todos estão submetidos principalmente à vontade de Deus, de quem dependem também todos os quereres, porque eles não têm outros poderes que não sejam os que Ele lhes concede.

Também a causa das coisas, que faz mas não é feita, é Deus. Mas há as outras causas que fazem e são feitas; como são todos os espíritos criados, principalmente os racionais. Mas as causas corporais que são mais atuadas do que atuantes, nem sequer entre as causas eficientes devem ser enumeradas, porque o que elas podem realizar é apenas o que as vontades dos espíritos produzem, delas se servindo.

Como é, então, que a ordem das causas que está determinada (certa) na presciêncie de Deus faz com que nada dependa da nossa vontade, quando nessa mesma ordem de causas as nossas vontades ocupam lugar importante? Pois lá se avenha Cícero com aqueles que afirmam ser fatal esta ordem de causas ou, melhor dizendo, dão o nome de destino a essa ordem; o que nos causa repulsa, principal-

mente porque com tal palavra é costume nada se entender na realidade.

Mas, quando Cícero nega que a ordem de todas as causas está totalmente determinada (*certissima*) e perfeitamente conhecida (*notissima*) da presciênciade Deus, mais do que os estoicos, detestamos nós essa opinião. Efetivamente, ou ele nega a existência de Deus, como tentou fazê-lo por interposta pessoa nos livros *De natura deorum*, ou então confessa a sua existência, mas nega a sua presciênciado futuro e, nesse caso, nada mais faz do que repetir o que *disse o insensato em seu coração: Não há Deus*. Efetivamente, quem não tem a presciênciade todos os acontecimentos futuros certamente que não é Deus. Aí está porque é que mesmo as nossas vontades apenas podem o que Deus quis e previu que pudessem.

Portanto, o que elas podem, podem-no com certeza e serão elas próprias que hão de fazer o que devem fazer, por que o que elas poderão e terão a fazer, isso mesmo foi previsto por Aquele cuja presciênciãose pode enganar.

Por isso, se me agradasse aplicar o nome de «destino» a qualquer coisa, preferia dizer: «o destino aplica-se ao inferior e ao superior aplica-se a vontade que o mantém submetido ao seu poder», a retirar à vontade o arbítrio na ordem de causas a que os estoicos costumam apelidar, sem repugnância, de destino.

CAPÍTULO X

Se alguma forma de necessidade domina a vontade humana.

Não há, pois, que temer a necessidade. Por que a temeram, os estoicos procuraram distinguir as causas dos seres de tal forma que subtraíram algumas a essa necessidade e lhe submeteram outras. Entre as causas que pretendiam subtrair à necessidade puseram eles as nossas vontades, com receio de as privarem de liberdade ao sujeitárem-nas à necessidade.

Se, de fato, devemos apelidar de necessidade aquela força que não está em nosso poder e que realiza, mesmo que o não queiramos, o que está nas suas potencialidades (a necessidade da morte, por exemplo) é manifesto que a nossa vontade, que nos faz viver bem ou mal, não está submetida a esta necessidade. Fazemos efetivamente muitas coisas que, se não quiséssemos, decerto não faríamos. E em primeiro lugar o próprio querer; se queremos, o querer existe, se não queremos, não existe, por que não quereremos se não quisermos.

Mas, se se definir a necessidade segundo a expressão «é necessário que tal coisa seja ou se faça assim», não sei por que é que havemos de recear que ela nos vá tirar a liberdade da vontade. Certamente que não submetemos a vida de Deus e nem a presciênciа de Deus à necessidade, quando dizemos: é necessário que Deus viva sempre e tudo saiba com antecipação; como também não se diminui o seu poder, quando se diz que ele não pode morrer nem enganar-se.

Certamente que não o pode, mas de tal modo que, se o pudesse, ele teria um poder menor. É pois corretamente que se chama onipotente quem todavia não pode nem morrer nem enganar-se. Realmente, chama-se onipotente porque faz o que quer e não porque suporta o que não quer; se isto lhe acontecesse, deixaria de ser onipotente. Não pode certas coisas, precisamente porque é onipotente.

Assim é também ao dizermos que é necessário, quando queremos querer com livre arbítrio. Dizemos sem a menor dúvida a verdade, sem todavia sujeitarmos o nosso livre arbítrio a uma necessidade que suprime a liberdade. As nossas vontades são, pois, nossas; elas próprias fazem tudo o que fazemos quando queremos e que não se faria se não quiséssemos.

Mas, quando alguém, sem querer, suporta alguma coisa por vontade de outras pessoas, mesmo neste caso é a vontade que se exerce; embora não seja vontade do próprio, é sempre vontade de uma pessoa. Todavia, o poder é de Deus. (Porque, se se tratasse apenas de uma vontade que fosse incapaz de fazer o que quer, ela estaria impedida por uma vontade mais forte. Mesmo neste caso, a vontade não seria outra coisa mais que vontade e não de outrem, mas de quem estivesse querendo, embora o seu desejo se não pudesse cumprir). Por isso é que tudo o que o ser humano suporta contra sua vontade, não deve atribuí-lo às vontades dos humanos nem à dos anjos nem à

de qualquer espírito criado, mas sim à vontade d'Aquele que concede o poder àqueles que são capazes de querer.

Portanto, porque Deus previu o que viria a acontecer na nossa vontade, não se segue que nenhum poder tenha havido nela. Por que quem isso previu alguma coisa. Ora, se, prevendo o que se passaria na nossa vontade, ele previu não com certeza um puro nada, mas algo de real, sem dúvida conforme a sua própria previdênci, alguma coisa depende da nossa vontade. Consequentemente, de modo nenhum somos obrigados a suprimir o livre arbítrio, mantendo a presciênci de Deus e nem a negar a presciênci de Deus (o que é sacrilego), mantendo o livre arbítrio. Pelo contrário: abraçamos uma e outra verdade, uma e outra confessamos fiel e sinceramente; uma para bem querer, a outra para bem viver. Por que vive-se mal, se não se acreditar retamente em Deus. Longe de nós, portanto, negar, para permanecermos livres, a presciênci d'Aquele por cujo poder somos ou seremos livres.

Consequentemente, não é em vão que há leis, reprimendas, exortações, louvores e censuras. Tudo isto ele previu e vale tanto quanto ele previu que havia de valer.

Também as preces valem para se obterem os bens que ele previu conceder aos que oram. É de toda a justiça que se estabeleçam prêmios para as boas ações e castigos para os pecados. E nem é por Deus ter previsto que havia de pecar que o ser humano peca. Pelo

contrário, está fora de dúvida que, quando peca, é ele, ser humano, que peca, porque Aquele cuja presciênciam é infalível, sabia já que não seria o destino, nem a fortuna, nem outra causa qualquer, mas que seria o próprio ser humano que iria pecar. E se Ele não quiser, certamente que não pecará, mas, se não quiser pecar, também isso Ele previu.

CAPÍTULO XI

A Providência universal de Deus a cujas leis tudo está submetido.

Efetivamente este supremo e verdadeiro Deus que, com o seu Verbo e o seu Espírito Santo, são Três em Um; este Deus único, onipotente, criador e autor de toda a alma e de todo o corpo, de cuja beatitude participam todos os que em verdade e não em ilusão são felizes; que fez do ser humano um animal racional, composto de um corpo e de uma alma e que não permitiu, quando este ser humano pecou, que ficasse impune, nem o abandonou sem misericórdia; que aos bons e aos maus deu o ser como às pedras, a vida vegetativa como às plantas, a vida sensitiva como aos animais, a vida intelectual apenas como aos anjos; de quem procedem toda a regra, toda a forma e toda a ordem; de quem procedem a medida, o número, o peso; de quem procede tudo o que tem uma natureza, tudo o que tem um gênero, tudo o que tem um preço, seja ele qual for; de quem procedem os gérmenes das formas, as formas dos gérmenes, o movimento das

formas e dos gérmenes; que deu à carne a sua origem, a sua beleza, a sua saúde, a fecundidade da sua propagação, a disposição dos seus membros, a sua salutar harmonia; que à própria alma irracional deu memória, sensibilidade, instinto e à racional deu ainda espírito, inteligência, vontade; que não deixou de conceder, não somente ao céu e à terra, não somente ao anjo e ao ser humano, mas também aos órgãos do mais pequenino e do mais desprezível dos animais, à mais pequena das penas da ave, à flor dos campos, à folha da árvore, a harmonia das suas partes e como que uma certa paz; seria de todo inconcebível que Ele quisesse deixar o reino humano, as suas dominações e as suas sujeições fora das leis da sua Providência.

CAPÍTULO XII

Por que costumes os antigos Romanos mereceram que o verdadeiro Deus, embora ainda não o adorassem, dilatassem o seu Império.

Vejamos, então, quais foram os costumes dos Romanos e qual foi a causa por que se dignou prestar-lhes ajuda, para o engrandecimento do Império, o verdadeiro Deus, em cujo poder estão até mesmo os reinos da Terra.

Para que o pudéssemos expor com mais precisão, escrevemos sobre este caso o livro precedente, onde mostramos ser nulo nesta matéria o poder dos deuses que eles têm julgado deverem ser venerados com ritos ridículos.

As partes precedentes deste livro, até este momento, tiveram por objetivo eliminar a questão do destino e não fosse acontecer que alguém, já persuadido de que a propagação e a manutenção do Império Romano não se devem ao culto de tais deuses, as vá agora atribuir a não sei que destino, em vez de as atribuir à vontade poderosíssima de Deus Supremo.

Os antigos romanos, os dos primeiros tempos, tanto quanto a história no-lo ensina e garante, embora como as outras nações, à exceção apenas do povo dos hebreus, adorassem falsos deuses e imolassem vítimas, não a Deus mas aos demônios, todavia *eram ávidos de louvores, pródigos quanto ao dinheiro, aspiravam por elevada glória e fortuna honesta*¹⁶⁰.

Esta foi a sua paixão mais ardente. Por ela queriam viver. Por ela não hesitavam em morrer. Por esta desmesurada paixão, abafaram todas as outras paixões. Finalmente, porque consideravam vergonha para a sua pátria servir e uma glória dominar e imperar, desejaram com todo o empenho, antes de tudo, que ela fosse livre e depois que fosse soberana.

*É por isso que, não suportando o domínio da realeza, criaram uma autoridade renovável todos os anos e partilhavam-na por dois chefes chamados cônsules, palavra derivada de **consulere** (aconselhar).*

¹⁶⁰ *Laudis avidi, pecuniae liberales erant, gloriam ingentem, divitias honestas volebant.* Salústio. *Catil.*, VII, 6.

*lhar), em vez de lhes chamarem reis (**reges**) ou senhores (**domini**), palavras que derivam de **regnare** (reinar) e de **dominare** (dominar)¹⁶¹.*

E isto embora se pudesse usar muito bem a palavra *reges* (reis) que deriva do verbo *regere* (dirigir, governar), tal como *regnum* (reino, poder) deriva de *reges* e *reges*, como acima disse, de *regere*.

Pareceu-lhes, porém, que o fausto régio não era próprio da vida disciplinada de um dirigente nem da benevolência de um conselheiro, mas da soberba de um tirano.

Por isso, depois da expulsão do rei Tarquínio e da instituição dos cônsules, seguiu-se o que o citado autor descreve assim no seu elogio dos Romanos: *Conquistada que foi a liberdade, a cidade— fato incrível na história — desenvolveu-se com extrema rapidez, tão grande era a paixão da glória que a animava*¹⁶².

Foram pois esta avidez do louvor e esta paixão da glória que realizaram tantas maravilhas, dignas por certo de louvores e de glória segundo o juízo humano.

O mesmo Salústio elogia dois grandes e ilustres varões da sua época: Marco Catão e Caio César. Diz ele que durante muito tempo não teve a república ninguém de alta virtude, mas que, no seu tempo,

¹⁶¹ *annua imperia binosque imperatores sibifecere, qui cōsules appellati sunt a consulendo, non reges aut domini a regnando atque dominando.* Salústio, *Catil.*, VII, 6.

¹⁶² *Civitas incredibile memoratu est adepta libertate quantum brevi creverit, tanta cupido gloriae incesserat.* Salústio, *Catil.*, VII, 3.

estes dois, aliás de caráter diferente, foram de elevado valor. Elogia César por que muito desejava um grande comando militar, um exército e uma nova guerra onde o seu talento pudesse brilhar. Assim, acontecia que nas intenções destes homens grandes pela coragem estava Belona a excitar à guerra míseros povos e a atiçá-los com o seu sangrento azorrague, para lhes dar ocasião de que brilhasse o seu talento. Era a isto que conduzia, sem dúvida, a avidez do louvor e a paixão da glória.

Foi, pois, primeiro por amor à liberdade, depois pelo amor ao domínio e pela paixão dos louvores e da glória que eles realizaram tantas façanhas. Das duas coisas dá testemunho o seu insigne poeta. Efetivamente, diz: *Porsena ordenava que recebessem o banido Tarquínio e mantinha a cidade sob a pressão de um temível cerco; mas os descendentes de Eneias, por amor à liberdade, voavam ao combate*¹⁶³.

Para eles, nesse tempo, a grandeza consistia em morrerem corajosamente ou livremente viverem. Mas, quando a liberdade foi conquistada, surgiu neles tamanha paixão de glória, que já a liberdade só lhes parecia de pouca monta, se se não lhe acrescentasse a ânsia de domínio. Para eles, era tido em grande conta o que o mesmo poeta diz, pondo-o na boca de Júpiter: *Mais ainda: a intratável Juno,*

¹⁶³ *Nec non Tarquinium ejectum Porsenm jubebat Accipere ingentique urbem obsedione premebat; Aeneadae in ferrum pro libertate ruebant.* Virgílio, *Eneida*, VIII, 646-648.

*que agora mantém pelo medo o mar e a terra e o céu, mudará para melhor os seus propósitos e comigo favorecerá o povo togado, os Romanos senhores do mundo. Assim me aprouve. Virá um tempo em que, com o passar dos lustros, a casa de Assáraco oprimirá pela escravidão Tessália e a ilustre Micenas e dominará sobre Argos vencida*¹⁶⁴.

Na verdade, o que Virgílio põe na boca de Júpiter predizendo o futuro, eram fatos que ele próprio recordava e que discernia perfeitamente como se fossem presentes.

Mas eu quis recordá-los para mostrar que os Romanos, depois da liberdade, tinham em tal conta a vontade de domínio, que desta fizeram o objeto dos seus maiores louvores. É por isso que o mesmo poeta põe acima das artes dos outros povos as artes próprias dos Romanos: de reinar e de comandar, de subjugar e de conquistar pelas armas os povos.

Diz ele: *Outros forjarão com habilidade o bronze, até lhe darem alento, concedo e arrancarão ao mármore rostos com vida. Defenderão causas com mais eloquência. Traçarão com o compasso os caminhos do céu. E falarão do nascimento dos astros. Mas tu, Romano, atenta em governar os povos com o teu domínio. Estas serão*

¹⁶⁴ ... quin aspera Juno Quae mare nunc terrasque metu caelumque fatigat, Consilia in melius referet mecumque fovebit Romanos rerum dominos gentemque togatam. Sic placitum. Veniet lustris labentibus aetas, Cum domus Assaraci Phthiam claras que Mycenae Servitio premet ac victis dominabitur Argis. Virgílio, Eneida I, 279-285.

*as tuas artes: impor as normas da paz, perdoar aos vencidos e domar os soberbos*¹⁶⁵.

Estas artes exerciam-nas os Romanos com tanta maior maestria quanto menor era a sua entrega à volúpia, ao enervamento da alma e do corpo pela ânsia de adquirir e de aumentar riquezas, por estas corrompendo os costumes, espoliando os cidadãos pobres e presentean-do torpes histriões.

Aliás, esses que, quando isto narrava Salústio e Virgílio canta-va, já ultrapassavam os antigos pela corrupção dos costumes e mer-gulhavam na abundância, já não era pelas ditas artes mas por fraudes e mentiras que procuravam as honras e as glórias. Por isso é que o mesmo historiador diz:

*Primitivamente, a cupidez trabalhava menos o coração dos homens do que a ambição; vício aliás mais próximo da virtude. Na verdade, tanto o homem bom como o indolente anseiam igualmente pela glória, pelas honras e pelo poder. Mas aquele tenta-o pelo verdadeiro caminho, ao passo que o segundo, desprovido de meios honestos, procura lá chegar pela astúcia e pela mentira*¹⁶⁶.

¹⁶⁵ *Excedent alii spirantia mollius aera, Cedo equidem, vivos ducent de mármore vultus, Orabunt causas mellius caelique meatus Describent radio et surgentia sidera dicent: Tu regere império populos, Romane, memento (Hae tibi erunt artes) pacique imponere mores, Parcere subiectis et debellare superbos.* Virgílio, *Eneida*, I, 847-853.

¹⁶⁶ *Sed primo magis ambitio quam avaritia animos hominum exercebat, quod tarnen vitium proprius virtutem erat. Nam gloriam honorem, impenum bonus et ignavus aeque sibi exoptant; sed ille vera via nititur, huic quia bonaer artes desunt, dolis atque fallaciis contendit.* Salústio, *Catil.*, XI, 1 e segs.

Estas é que são as boas artes: era por meio da virtude e não por meio de uma astuta ambição que se chegava às honras, à glória, ao poder e que tanto o bom como o fraco, sem restrição, desejam para si. Mas aquele __ ou seja, o bom __ esforça-se por seguir pelo verdadeiro caminho. A virtude é o caminho pelo qual se avança para atingir o seu fim, ou seja, a glória, a honra, o poder.

Que os Romanos tinham isto bem arraigado no seu íntimo, indicam-no os templos dos deuses levantados muito perto um do outro à Virtude e à Honra, tomando por deuses os dons de Deus. Donde se pode deduzir que fim queriam eles que fosse o da virtude e para onde a orientavam os que eram bons, ou seja: para a honra; porque os maus nem sequer a possuíam, embora desejassem possuir honras que se esforçavam por adquirir, mas por artes más, isto é, pela manha e pela mentira.

Melhor do que César foi Catão, elogiado por Salústio. Com efeito, diz dele: *Quanto menos desejava a glória, mais ela o seguia*¹⁶⁷.

Efetivamente, a glória, pela qual ardem de desejo, é um juízo de pessoas que têm de outras pessoas uma alta opinião. E por isso é melhor a virtude que não se satisfaz com o testemunho humano, mas com o da sua consciência.

¹⁶⁷ *Quo minus, petebat gloriam, eo ilium magis sequebatur.* Salústio, *Catii*, LIV, 6.

Daí o que diz o Apóstolo: *Para nós, a nossa glória é o testemunho da nossa consciência*¹⁶⁸. E, noutra passagem: *Examine cada um a sua obra e então, em si mesmo somente e não em outrem, terá a glória*¹⁶⁹.

Portanto, a glória, a honra e o poder que os Romanos para si tanto desejavam e a que os bons se esforçam por chegar por meios honestos, não é a virtude que os deve seguir, mas eles à virtude. É que não é verdadeira virtude senão aquela que tende para um fim onde se encontre o bem do ser humano e não coloca nada acima disso. Por isso Catão não devia pedir as honras que pediu, a cidade é que lhas devia conceder em atenção à sua virtude sem ele as pedir.

Mas, se César e Catão são dois romanos desse tempo grandes pela virtude, a virtude de Catão parece muito mais próxima da verdade do que a de César. Que é que a cidade valia nessa época e que é que ela valia antes, vejamo-lo segundo o parecer de Catão. Diz ele:

Livrai-vos de julgar que os nossos antepassados de um pequeno fizeram um grande estado pela força das armas. Se assim fosse, tê-lo-íamos hoje muito mais belo. De fato, dispomos de maior cópia de aliados e de cidadãos e também de mais armas e cavalos do que eles. Mas foram outros os meios que os tornaram grandes e que nós não temos: na pátria, dedicação ao trabalho, no exterior, uma auto-

¹⁶⁸ *Nam gloria nostra haec est: testimonium conscientiae nostrae.* II Cor., I, 12.

¹⁶⁹ *Opus autem suum probet unusquisque, et tunc in semetipso tantum gloriam habebit et non in altero.* Gál., VI, 4.

*ridade justa; nas deliberações, ânimo livre, não culpado de crime ou de paixão. Em vez destes, temos a luxúria e a avareza; no Estado a miséria, entre os particulares a opulência. Louvamos as riquezas e adotamos a preguiça; nenhuma distinção entre os bons e os maus; a ambição possui todos os prêmios da virtude. Nem admira: quando cada um de vós toma as decisões por sua conta. Em cada casa sois escravos do prazer e, em público, do dinheiro e do favor, depois do que todos se atiram ao Estado como se fosse coisa abandonada*¹⁷⁰.

Quem ouvir estas palavras de Catão (ou de Salústio) laudatórias dos velhos Romanos, julgará que todos ou a maioria deles mereciam tais elogios. Mas não é assim. De outro modo, não seria verdadeiro o que ele mesmo escreveu e eu citei no segundo livro desta obra. Relata ele lá que, desde o princípio, as injustiças dos mais fortes ocasionaram a separação da plebe e dos patrícios; que no interior houve outras dissensões; que se não viveu sob um direito justo e bem aplicado senão depois da expulsão dos reis, enquanto se manteve o medo a Tarquínio e até que acabasse a pesada guerra que se teve de sustentar, por causa dele, com a Etrúria; que posteriormente, porém,

¹⁷⁰ *Nolite existimare majores nostros armis rem publicam ex parva magnam fetisse. Si ita esset, multo pulcheniam earn nos haberemus. Quippe sociorum atque civium, praeterea armorum et equorum major copia nobis quam illis est. Sed alia juere quae illos magnos jecere, quae nobis nulla sunt: domi industria, foris justum imperium, animus in consulendo liber, neque delicio neque libidini obtoxius. Pro his nos habemus luxuriam atque avaritiam, publice egestatem, privatum opulentiam; laudamus divitias, sequimur inertiam; inter bonos et malos discrimen nullum; omnia virtutis praemia ambitio possidet. Neque mirum: ubi vos separatim sibi quisque consilium capit, ubi domi voluptatibus, hie pecuniae aut gratiae servitis eo fit ut impetus fiat in vacuam rem publicam.* Salústio, *Catil.*, LII, 19-24.

os patrícios sujeitaram a plebe a um poder escravizante, açoitaram-na à maneira dos reis, expulsaram-na de suas terras e, afastados os outros, exerceram o poder sozinhos; que o fim de tais discórdias (em que eles pretendiam dominar e a plebe se recusava a servir) só se verificou com a Segunda Guerra Púnica, porque de novo um grande medo começou a pesar sobre os Romanos, a desviar estas almas inquietas das suas agitações devido a um cuidado maior e a reconduzi-los à concórdia cívica. Mas, por intermédio de alguns poucos, bons à sua maneira, começaram as grandes causas a serem administradas e foi graças à previdência destes poucos bons que, suportadas e domi-adas as provações, a república começou a desenvolver-se.

O mesmo historiador diz que, ao ouvir e ao ler muitas destas narrativas sobre os magníficos empreendimentos do povo romano na paz e na guerra, na terra e no mar, se comprouve em investigar o que é que tinha principalmente permitido aguentar o peso de tamanhas empresas.

Sabia que muitas vezes com um punhado de homens os Romanos tinham enfrentado grandes legiões de inimigos e tinha conhecimento de que haviam conduzido a guerra com poucas tropas contra reis opulentos. Depois de muitas reflexões disse que chegara à con-vicção de que tudo isto se devia à egrégia virtude de uns poucos ci-dadãos e que assim a pobreza vencera a opulência e um grupo redu-zido vencera a multidão. E prossegue: *Mas desde que a cidade se*

*corrompeu pelo luxo e pela ociosidade, foi a vez de a república sustentar pela sua magnanimidade os vícios dos seus generais e dos seus magistrados*¹⁷¹.

Foi, pois, a virtude de uns poucos, que se esforçaram por chegar pelo verdadeiro caminho à glória, à honra, ao poder, isto é, pela própria virtude, que foi louvada por Catão. Daí que, dentro da pátria, houvesse essa dedicação ao trabalho que Catão recorda, de forma que o erário fosse opulento e os negócios privados moderados. Mas o vício, depois de corrompidos os costumes, pôs as coisas do avesso: no Estado, a pobreza; entre os particulares, a opulência.

CAPÍTULO XIII

O amor pela glória, embora seja um vício, é considerado como uma virtude, por que impede vícios maiores.

Os impérios do Oriente brilharam durante muito tempo. Por isso quis Deus que houvesse um no Ocidente que, embora posterior no tempo, fosse ainda mais brilhante pela extensão e poderio. Foi uma concessão que Deus fez a tais pessoas para reprimirem graves males de muitos povos; a eles que, por causa da honra, do louvor e da glória se dedicaram ao serviço da pátria, nela procuraram esta mesma glória e não hesitaram em antepor a salvação, abafando a cupidez do

¹⁷¹ *Sed postquam luxu atque desidia ciuitas corrupta est, rursus respublica magnitudine sui imperatorum atque magistratum uitia sustentabat.* Salústio, *Hist. fragn.*, 1,11.

dinheiro e muitos outros vícios a esse vício único, isto é, o amor pela glória.

Vê com justeza quem reconhece que o amor ao louvor é um vício, o que não escapa ao poeta Horácio, que diz: *Inchas com o amor ao louvor? Há ritos expiatórios capazes de te aliviarem e infalíveis remédios num livreto: se o leres três vezes com atenção, sentir-te-ás aliviado*¹⁷².

E o mesmo, num dos seus poemas líricos, para reprimir a paixão ao domínio, canta assim: *Mais vasto será o teu império se dominares o teu espírito ambicioso, do que se reunires a Líbia aos longínquos povos de Cádis e se os dois púnicos se te renderem*¹⁷³.

Certamente, porém, que aqueles que não refreiam as suas torpes paixões invocando o Espírito Santo com piedosa fé e enamorando-se pela beleza inteligível, pelo menos tornam-se melhores pelo desejo de glória e de louvor humano. Não é que se tornem santos, mas menos torpes.

O próprio Túlio, nos livros que escreveu acerca da República, onde fala da formação do chefe do Estado, não pôde deixar de dizer que é preciso alimentá-lo de glória e, consequentemente, recordar-lhe

¹⁷² *Laudis atnore tumes: sunt certa piacula quae te Ter pure lecto poterunt recreare libello.* Horácio, *Epist.*, I, 1, 36-37.

¹⁷³ *Latius regnes avidum domando Spiritum, quam si Libyam remotis Gadibus jungas et uterque Poenus Serviat uni.* Horácio, *Odes*, II, 2, 9-12.

como é que os seus antepassados realizaram tantas proezas admiráveis e gloriosas através da paixão pela glória.

Não resistiam a tal vício, mas até achavam que deviam excitá-lo e inflamá-lo, julgando-o útil à República. Nem mesmo nas suas obras de filosofia Túlio se afasta desta peste e presta-lhe um testemunho mais claro que a própria luz. Ao falar dos estudos que é preciso prosseguir, sobretudo na mira do verdadeiro bem e não de um vão louvor humano, proferiu esta máxima geral e universal: *É a honra que alimenta as artes; é a glória que inflama os homens para o estudo; e jazem sempre por terra as coisas que no ânimo de cada um se encontram desprestigiadas*¹⁷⁴.

CAPÍTULO XIV

É preciso reprimir o amor ao louvor humano, por que toda a glória dos justos está em Deus.

Sem dúvida que é melhor resistir do que ceder a esta paixão. Realmente, cada um é tanto mais semelhante a Deus quanto mais puro está desta imundície. Embora durante esta vida ela não possa ser arrancada do fundo do coração, por que não cessa de tentar mesmo as almas em bom progresso, seja pelo menos a paixão pela glória superada pelo amor à justiça, de maneira que, se em alguma parte

¹⁷⁴ Honos alit artes, omnesque accenduntur ad studia gloria jacentque ea semper, quae apud quosque improbantur. Cícero. Tuscum ., I. 2, 4.

«jazem por terra as coisas que no ânimo de cada um se encontram desprestigiadas», se essas coisas são boas, se são justas, o próprio amor à glória se cubra de vergonha e ceda ao amor pela verdade! Chega a ser tão contrário à fé religiosa este vício, quando a paixão pela glória é maior no coração do que o temor e o amor a Deus, que o Senhor diria: *Como podereis crer, vós que esperais a glória uns dos outros e não procurais a glória que só de Deus vem?*¹⁷⁵.

Da mesma forma, a propósito de alguns que n'Ele tinham acreditado, mas tinham medo de o confessar publicamente, diz o Evangelista: *Amaram a glória dos homens mais que a de Deus*¹⁷⁶.

Não foi isto que fizeram os santos apóstolos. Estes pregaram o nome de Cristo nos lugares onde não somente eram desprestigiados, conforme aquele que disse: *E jazem sempre por terra as coisas que no ânimo de cada um se encontram desprestigiadas*¹⁷⁷, mas onde até eram objeto de profunda aversão; retiveram estas palavras que ouviram ao bom Mestre, que também é médico das almas: *Se alguém me negar perante os homens, também eu o negarei perante meu Pai que está nos Céus e perante os anjos de Deus*¹⁷⁸; entre as maldições e os opróbrios, entre as mais duras perseguições e os mais cruéis suplícios.

¹⁷⁵ *Quo modo potestis credere gloriam ab invicem expectantes et gloriam quae a solo Deo est tio quaerentes.* João, V, 44.

¹⁷⁶ *Dilexerunt gloriam hominum, magis quam Dei.* João, XII, 43.

¹⁷⁷ *Jacentque ea semper quae apud quosque improbantur.* Cícero, *Tuscul.*, I, 4.

¹⁷⁸ *Si quis me negaverit coram hominibus, negabo eum coram Patre meo, qui in caelis est vel coram angelis Dei.* Mat., X, 33; Luc., XII, 9.

cios, todo este enorme bramido da perseguição humana não foi capaz de os desviar da pregação da salvação dos homens.

Realizaram obras divinas; proferiram palavras divinas; viveram uma vida divina; de certa maneira, destruíram corações endurecidos; introduziram no mundo a paz da justiça; conseguiram para a Igreja uma ingente glória e nem por isso descansaram nela como um fim alcançado da sua própria virtude, mas referiram-na sempre à glória de Deus, por cuja graça eram o que eram. E com este mesmo fogo procuravam inflamar os que guiavam no amor d'Aquele que os havia de tornar a Ele semelhantes.

Para que não fossem bons por razões de glória humana, deu-lhes seu Mestre este ensinamento: *Tende cuidado em não praticar a vossa justiça perante os homens para por eles serdes vistos, senão, não tereis recompensa junto do vosso Pai que está nos Céus*¹⁷⁹.

Mas, para que, compreendendo mal estas palavras, eles não receassem agradar aos humanos e não se tornassem menos úteis escondendo-se, mostrou-lhes até que ponto deviam mostrar que eram bons, dizendo: *Brilhem as vossas obras diante dos homens, para que vejam as vossas boas ações e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus*¹⁸⁰.

Não diz «para que sejais vistos por eles», isto é, com a intenção de os

¹⁷⁹ *Cavete facere justitiam vestram coram hominibus, ut videamini ah eis: alioquin mercedem non habebitis apud Patrem vertrum qui in caelis est. Mat., V, 1.*

¹⁸⁰ *Luceant opera vestra coram hominibus, ut videant bom facta vestra et glorifificant Patrem vestrum, qui in caelis est. Mat., V, 16.*

verdes voltarem-se para vós, porque vós por vós próprios nada sois, mas diz: *Para que glorifiquem vosso Pai que está nos Céus*¹⁸¹ e, voltados para Ele, se tornem como vós sois.

A estes (aos apóstolos) seguiram-se os mártires que ultrapassaram pela sua inúmera multidão, os Cévolas, os Cúrcios, os Décios, não por se infligirem a si mesmos torturas, mas por suportarem com verdadeira fortaleza e com verdadeira piedade religiosa, as que lhes infligiam.

Mas, porque eram cidadãos da Cidade Terrena e tinham proposto, como fim de todas as suas obrigações, mantê-la a salvo evê-la reinar não no céu mas na terra, não na vida eterna mas no lugar de partida dos que morrem e no lugar de chegada dos que hão de morrer; que outra coisa poderiam amar senão a glória pela qual pretendiam viver, mesmo depois da morte, na boca dos que os louvam?

CAPÍTULO XV

Recompensa temporal que Deus concedeu aos bons costumes dos Romanos.

A estes, portanto, não tinha Deus que conceder a vida eterna com os seus santos anjos na sua Cidade Celeste. A verdadeira piedade é que conduz a essa sociedade, a qual só se manifesta quando se tributa ao único Deus verdadeiro o serviço religioso a que os gregos

¹⁸¹ Ut glorificant Patrem vestrum, qui in caelis est. Mac., V, 16.

chamam *λατρεία* (*latreia*)¹⁸². Se este Deus não lhes concedesse nem sequer a glória terrena do mais glorioso dos impérios, não lhes concederia a recompensa das suas boas qualidades, isto é, das virtudes com que se esforçaram por chegar a tamanha glória.

Foi na verdade de tais pessoas, que parece terem feito algo de bem para serem glorificados pelos humanos, que o Senhor também disse: *Na verdade vos digo, receberam a sua recompensa*¹⁸³.

De fato, sacrificaram os seus interesses pelo bem comum, isto é, pelo estado e pelo erário público; resistiram à avarice e vigiaram pelo bem da pátria com livre determinação; foram isentos de crimes e de vícios punidos por lei; por estes meios, como por um caminho verdadeiro, procuraram alcançar honras, poder e glória; conseguiram ser honrados por quase todos os povos; impuseram as leis do seu império a muitos povos; em quase todos os povos são hoje glorificados nas letras e na história. Não têm que se queixar da justiça do Deus verdadeiro e supremo; *receberam a sua recompensa*¹⁸⁴.

¹⁸² A teologia cristã distingue dois tipos de cultos: o culto da dulia, do grego *douleia* (servidão, submissão, culto aos servos de Deus), que é devido a Deus enquanto Senhor e o culto da latria, do grego *latreia*, que é devido a Deus enquanto Deus, ou seja, a Deus somente. (Nota da edição em francês).

¹⁸³ *Amen dico vobis, percepérunt mercedem suam.* Mat., VI, 2.

¹⁸⁴ *percepérunt mercedem suam.* Mat., VI, 2.

CAPÍTULO XVI

Recompensa dos santos cidadãos da Cidade eterna, aos quais são úteis os exemplos das virtudes dos Romanos.

Mas, mesmo aqui, é muito diferente a recompensa dos santos que sofrem opróbrios pela verdade de Deus e que é odiosa para os apaixonados por este mundo. Esta cidade é eterna e ninguém nela nasce, por que ninguém nela morre; nela é verdadeira e plena a felicidade, que não é uma deusa, mas um dom de Deus; dela recebemos o penhor da fé para todo o tempo durante o qual, peregrinando, suspiramos pela sua beleza; nela o Sol já não se levanta para os bons e para os maus, o Sol da justiça apenas protege os bons; nela não haverá mais esforços para enriquecer o erário público à custa das fortunas privadas, porque o tesouro comum será a verdade.

Não foi, por conseguinte, somente para que uma tal recompensa fosse concedida a tais pessoas que o Império Romano se desenvolveu e conquistou a glória humana; foi também para que os cidadãos desta Cidade eterna, enquanto por cá peregrinam, olhem com atenção e com tino para aqueles exemplos e vejam quão grande amor se deve à pátria celeste por causa da vida eterna, quando a cidade terrena é tão amada pelos seus cidadãos por causa da glória humana.

CAPÍTULO XVII

Que frutos colheram os Romanos das guerras e que aproveitaram estas aos vencidos.

No que respeita a esta vida mortal, que desliza e acaba em poucos dias, que interessa sob que autoridade vive o ser humano para morrer, se os que mandam não o obrigam a atos ímpios e iníquos? Os Romanos não causaram prejuízos aos povos aos quais, depois de subjugados, impuseram as suas leis, apenas porque isso aconteceu mercê das ingentes carnificinas das guerras? Se tal tivesse acontecido de mútuo acordo, os resultados teriam sido melhores; mas seria nula a vitória dos triunfadores.

De fato, os Romanos viviam, eles também, sob as suas próprias leis que impunham aos outros. Se tudo isto tivesse acontecido sem a intervenção de Marte ou de Belona, de maneira que não haveria também lugar para a Vitória, nem haveria vencedores, por que não tinha havido luta, não seria a mesma, a condição dos Romanos e dos outros povos? Sobretudo se se fizesse em seguida o que tão gratuita e humanamente se fez mais tarde: associar à cidade todos os que pertencessem ao Império Romano e declará-los cidadãos romanos; assim seria de todos o que antes era de poucos; só que aquela plebe que não possuía campos seus tinha de viver a expensas do Estado. Estas despesas de alimentação seriam prestadas mais gostosamente se previamente tivessem chegado a acordo e se servissem de bons adminis-

tradores públicos do que se, depois de vencidos, lhas tivessem de extorquir.

Fora de tão ilusório orgulho da glória humana — por que «já receberam a sua recompensa» os que, devido ao seu imenso amor por ela, empreenderam sangrentas guerras — não vejo na verdade que possa interessar, à segurança e aos bons costumes, isso (que pensamos serem os méritos humanos): que uns sejam vencedores e outros vencidos. Não cobram eles os impostos das suas terras? Será que lhes é permitido aprender (*discere*) o que aos outros não é permitido? Não haverá nas outras terras muitos senadores que os Romanos nem sequer de vista conhecem?

Deita fora a jactância; que são todos os homens senão homens? Mas, ainda mesmo que a perversidade do século admitisse que fossem mais honrados os melhores, nem mesmo assim se deveria ter em grande conta a honra humana, porque a fumaça não tem peso.

Todavia, mesmo nestas coisas, aproveitemos dos benefícios do Senhor nosso Deus. Consideremos tudo o que desprezaram, tudo o que suportaram, quantas paixões abafaram pela glória humana, estes homens que a mereceram como recompensa de tais virtudes e que isto nos ajude também a reprimir a nossa soberba. E, pois, como aquela cidade, em que nos foi permitido reinar, dista tanto da de cá quanto o Céu dista da Terra, a vida eterna dista da alegria temporal, a sólida glória dista dos vãos louvores, a sociedade dos anjos dista da

sociedade dos mortais, a luz d'Aquele que fez o Sol e a Lua dista da luz do Sol e da Lua, não julguem os cidadãos de tão grande pátria, que alguma coisa de grande fizeram quando, para a conquistarem, algo fizeram de bom ou suportaram alguns males, quando os Romanos, pela pátria terrestre que já possuíam, fizeram tamanhas coisas e tamanhas coisas suportaram; principalmente porque a remissão dos pecados, que congrega os cidadãos para a eterna pátria, tem alguma coisa que, como uma sombra, se assemelha ao asilo de Rômulo, em que a impunidade concedida a todos os crimes reuniu a multidão com que ele fundaria esta cidade.

CAPÍTULO XVIII

Quão alheios se devem manter os cristãos da jactância se algo tiverem feito por amor à pátria eterna, quando os Romanos tamanhas proezas realizaram por amor à glória e à cidade terrena.

Que é que de extraordinário há em desprezar por aquela celeste e eterna Pátria todas as seduções deste século, quando, por esta pátria terrestre e temporal, um Bruto pôde até matar os filhos, coisa que a Pátria celeste a ninguém obriga fazer? É, com certeza, mais difícil matar os filhos do que praticar as ações que tal pátria nos impõe: dar aos pobres os bens que tencionávamos juntar para os nossos filhos, ou perder esses mesmos bens se se apresentar uma provação que nos obrigue a tal em nome da fé e da justiça. Não são de fato as riquezas

da Terra que nos tornarão felizes a nós ou a nossos filhos; temos de perdê-las em vida, já que, uma vez mortos, serão elas levadas por quem desconhecemos ou talvez possuídas por quem não queremos. Deus é que faz a nossa felicidade e é a verdadeira riqueza das almas.

Mas, a respeito de Bruto, mesmo o poeta que o louva por ter matado os filhos, dá testemunho da sua infelicidade, pois diz: *O pai, por amor à bela liberdade, enviará para o suplício os filhos que preparam uma nova guerra. Infeliz! Pensem o que pensarem destes fatos os pósteros*¹⁸⁵.

Mas, no verso seguinte consola o infeliz: *Triunfa o amor à pátria e uma paixão imensa pela glória*¹⁸⁶.

São estas duas — a liberdade e a paixão pela glória humana — que levaram os Romanos a tão admiráveis feitos. Se, pois, pela liberdade de quem está destinado a morrer e pela paixão dos louvores por que os mortais anseiam, um pai pôde matar os filhos, que há de extraordinário se, pela verdadeira liberdade (aquela que nos liberta do domínio da iniquidade, da morte e do Diabo), não pelo desejo de louvores humanos, mas pelo amor de libertar os humanos, não de um rei Tarquínio, mas do demônio e do príncipe dos demônios, quisermos, não matar os nossos filhos, mas que os pobres de Cristo sejam contados entre os seus filhos?

¹⁸⁵ ... *Natos que pater nova bella moventes. Ad poenam pulchra pro libertate vocabit. Infelix, utcumque ferent ea jacta minores.* Virgílio, *Eneida*, VI, 820-822.

¹⁸⁶ *Vincit amor patriae laudumque immensa cupido.* Virgílio, *Eneida*, VI, 823.

Um outro notável romano houve, chamado Torquato, que também matou um filho. Este não lutou contra a pátria, mas pela pátria. Fê-lo, porém, contra as suas ordens, ou seja, contra o que ele, como pai e general, lhe ordenara. Provocado pelo inimigo lutou com ardor e, embora saísse vencedor, o pai matou-o para que o desprezo da sua autoridade não constituísse um exemplo mais perigoso do que vantajosa tinha sido a glória de ter derrotado um inimigo. Para que se van gloriam aqueles que, conforme as leis da pátria imortal, desprezam todos os bens terrestres, muito menos amados do que os filhos?

Fúrio Camilo, que tinha libertado a sua ingrata pátria do jugo dos Veientes, seus mais encarniçados inimigos e tinha sido condenado por rivais, voltou de novo a libertá-la da ameaça dos Gauleses, por não ter outra melhor onde pudesse viver com mais glória.

Por que se orgulha, como se tivesse feito alguma coisa extraordinária, aquele que, na Igreja, vítima de inimigos carnais, sofre injustamente uma grave desonra e não se passa para os inimigos dela, nem funda contra ela uma nova seita, mas antes, tanto quanto pode, a defende da violenta perversidade dos hereges, pois que não há outra em que se possa não ser glorificado pelos humanos, mas adquirir a vida eterna?

Se Múrcio, para celebrar a paz com o rei Porsena que apoquentava os Romanos com uma pesadíssima guerra e para se castigar por não ter morto este rei e, por erro, ter abatido outro em seu lugar, es-

tendeu à sua vista a mão direita sobre o braseiro de um altar, dizendo-lhe que muitos outros, como o que ele estava vendo, tinham jurado a sua morte e se Porsena, temendo a coragem e a conjura de tais homens, sem hesitar fez a paz e se absteve daquela guerra, quem fará dos seus méritos um título do reino dos céus se, para obter um reino, ele entrega às chamas, não espontaneamente, mas constrangido por um perseguidor, não digo uma só mão, mas o corpo todo?

Se Cúrcio, investido com suas armas, com o seu fogoso cavalo se precipitou na goela de um abismo para obedecer aos oráculos dos seus deuses que tinham ordenado que para lá mandassem o que os Romanos tinham de melhor e estes, não podendo compreender que algo houvesse de melhor que os guerreiros e as armas, julgaram-se obrigados a mandar para a morte, por ordem dos deuses, um soldado todo armado, porque é que se julga que cometiveram uma façanha pela Pátria celeste aqueles que, sob os golpes de um inimigo da sua fé, não se atiram espontaneamente à morte, mas para ela são enviados pelo inimigo, sendo certo que receberam do seu Senhor, Rei da sua Pátria, um oráculo mais certo: *Não temais os que matam o corpo mas não podem matar a alma*¹⁸⁷?

Se os Décios, entendendo que deveriam consagrarse em obediência a alguns oráculos, ofereceram as suas vidas em sacrifício

¹⁸⁷ *Nolite timere eos cqui corpus occidunt; animam autem non possunt occidere?* Mat., X, 28.

para que salvassem o exército romano, será que se irão de algum modo orgulhar os nossos santos mártires, como se tivessem feito alguma coisa de grande para merecerem a participação nesta pátria onde reina a verdadeira e eterna felicidade, quando, fiéis ao preceito, amaram e até derramarem o seu sangue, não apenas os irmãos por quem o derramaram, mas também os inimigos por quem ele foi derramado, lutando com a fé da caridade e com a caridade da fé?

Se Marco Púlvilo, que dedicava um templo a Júpiter, Juno e Minerva, quando lhe foi anunciada por invejosos a falsa notícia da morte de seu filho, para que, perturbado com esta mensagem, se retrasse e deixasse ao seu colega a glória da dedicação, se incomodou tão pouco com isso que até deu ordem para abandonarem o cadáver sem sepultura (triunfando no seu coração o desejo de glória sobre a dor desta perda), será a proclamar que fez uma grande coisa pela pregação do Santo Evangelho, pela qual são libertados de muitos erros e congregados os cidadãos da pátria celeste, aquele a quem o Senhor diz, quando ele se preocupava com a sepultura de seu pai:
*Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos*¹⁸⁸?

Se Régulo, para não quebrar a fé jurada a crudelíssimos inimigos, voltou de Roma para junto deles respondendo, conforme consta, aos Romanos, que pretendiam retê-lo, que, depois de ter sido escravo

¹⁸⁸ *Se quere me et sitie mortuos sepelire mortuos suos.* Mat, VIII, 22.

dos africanos, não podia conservar lá a dignidade de um honesto cidadão; e se os Cartagineses o sujeitaram com gravíssimos suplícios à morte por que ele contra eles procedeu no Senado Romano, que suplícios se não devem desprezar para guardar a fé naquela pátria a cuja felicidade a mesma fé nos conduz? Ou *que retribuirá ao Senhor pelos bens que dele recebeu*¹⁸⁹, a pessoa que, pela fé que lhe é devida, sofrer tormentos semelhantes aos que sofreu Régulo pela fé que devia a ferozes inimigos?

Como é que um cristão se atreverá a gabar-se da sua pobreza voluntária, abraçada para caminhar aqui mais à vontade, na peregrinação que conduz à Pátria em que Deus é a verdadeira riqueza, quando ouve ou lê que Lúcio Valério, falecido durante o seu consulado, era tão pobre que foi preciso pedir ao povo ofertas para assegurar a sua sepultura? Ou quando ouve ou lê que Quíncio Cincinato, dono de quatro geiras, que cultivava com as suas próprias mãos, foi afastado do arado para ser feito ditador, dignidade superior ao consulado, e que, depois de ter alcançado vitória sobre os inimigos, permaneceu na mesma pobreza?

Será que ele virá a gabar-se de ter feito alguma coisa de grande, por não se deixar separar, por nenhuma recompensa terrestre, da sua comunhão com a pátria eterna, quando aprendeu que Fabrício

¹⁸⁹ *quid retribuetur Domirto pro omnibus quae retribuit.* Salmo CXV, 3.

não pôde ser retirado da Cidade Romana pelos enormes presentes oferecidos por Pirro, rei do Epiro, nem mesmo pela promessa de lhe dar a quarta parte do seu reino e preferiu continuar pobre e simples cidadão na sua pátria?

Com efeito, enquanto a república (*res publica*), isto é, a empresa do povo (*res populi*), a empresa da pátria (*res patriae*), a empresa comum (*res communis*), era opulentíssima, eram eles em suas casas de tal modo pobres, que um deles, depois de ter sido duas vezes cônsul, foi expulso daquele senado de pobres sob a acusação censória de que lhe tinham sido encontradas dez libras de prata nuns vasos. Eles próprios eram pobres, mas os seus triunfos enriqueciam o erário público.

Todos os cristãos que, num desígnio ainda mais elevado, põem as suas riquezas em comum, conforme o que está escrito nos Atos dos Apóstolos: *Que se distribua a cada um conforme as suas necessidades e que ninguém diga que alguma coisa lhe pertence, mas que tudo lhes seja comum*¹⁹⁰; será que não compreendem que não devem dar-se ares arrogantes ao praticarem esse preceito para obterem a sociedade dos Anjos, quando aqueles homens fizeram quase outro tanto para conservarem a glória dos Romanos?

¹⁹⁰ Atos II, 44 e 45 e IV, 32.

Estes fatos e outros que tais que se podem achar na sua literatura, teriam adquirido semelhante notoriedade, seriam celebrados com tal renome, se o Império Romano, que se estendeu em todas as direções, não se tivesse desenvolvido devido a sucessos magníficos? Desta forma, esse império, tão vasto, tão duradouro, célebre e glorioso pelas virtudes de tão grandes homens, foi para eles a recompensa a que aspiravam os seus esforços e oferece-nos a nós uma tão exemplar e necessária lição, que sentiremos o espinho da vergonha se não praticarmos pela gloriosíssima Cidade de Deus as virtudes que eles praticaram, de forma um tanto semelhante, pela glória da cidade terrestre. E, se as praticarmos, não nos empertiguemos de soberba, porque, como diz o Apóstolo, *os sofrimentos do tempo presente são nada, comparados com a glória futura que em nós será revelada*¹⁹¹.

Mas, para alcançar a glória humana no tempo presente, considera-se bastante digna a vida deles. Daí que, à luz do Novo Testamento, oculto no véu do Antigo (que nos sugere a adoração do único verdadeiro Deus, não para obtermos benefícios temporais e terrenos, concedidos pela divina Providência ao mesmo tempo a bons e a maus, mas sim para a vida eterna, para as recompensas perpétuas e para vivermos associados à Cidade Celeste); à luz, repito, do Novo Testamento, os judeus, que mataram Cristo, com toda a justiça foram

¹⁹¹ *indignae sunt passiones hujus temporis ad "futuram gloriam quae revelabitur in nobis.* Rom., VIII, 18.

submetidos para glória dos Romanos. Era justo, na verdade, que aqueles que procuraram e conseguiram a glória terrena pelas suas virtudes, sejam elas quais forem, triunfassem dos que, pelos seus grandes vícios, rejeitaram e mataram o doador da verdadeira glória e da cidade eterna.

CAPÍTULO XIX

Diferem entre si a paixão pela glória e a paixão pelo domínio.

É evidente que há diferença entre a paixão pela glória humana e a paixão pelo domínio. Com certeza que quem põe todas as suas complacências na glória humana está inclinado a também desejar ardente mente o domínio; todavia, os que aspiram à verdadeira glória, mesmo que seja a dos louvores humanos, põem todo o cuidado em não desagradar aos bons julgadores. Há, efetivamente, muitos aspectos bons do comportamento que muitos avaliam corretamente, embora deles careçam. É por esses bons aspectos que aspiram à glória, ao poder e ao domínio aqueles de quem fala Salústio: *Segue o verdadeiro caminho*¹⁹².

Mas aquele que, sem ter ambições pela glória que provoca o temor de desagradar aos bons julgadores, que deseja o poder e o domínio, procura quase sempre obter o que ama, mesmo por meio de

¹⁹² *Sed ille vera via nititur.* Salústio, *Catil.*, XI, 2.

crimes evidentes. Por isso, o que deseja a glória, ou «segue o verdadeiro caminho» ou, pelo menos, procura-o com manhas e mentiras, querendo parecer a pessoa de bem que não é. Assim, para o que tem virtudes, é uma grande virtude desprezar a glória, por que este desprezo Deus vê, mas ele escapa ao juízo humano.

Na verdade, tudo o que fizer aos olhos dos humanos para que vejam que despreza a glória, pode ser que, por alguns suspeitosos, isso seja tomado como maneira de procurar louvores, isto é, uma glória maior, sem poder mostrar-lhes que é diferente do que dele suspeitam. Mas, o que despreza o juízo dos que o louvam, despreza também os juízos temerários dos que suspeitam e, se é verdadeiramente bom, não se desinteressa pela salvação deles. É que, na realidade, é tão grande a justiça daquele cujas virtudes são um dom do Espírito de Deus, que ele ama até os seus inimigos e ama-os de tal forma, que chega a querer para os que o odeiam e o caluniam a sua emenda e a sua companhia, não na pátria terrestre, mas na suprema.

Quanto aos aduladores, embora não faça caso dos seus elogios, nem por isso despreza a sua afeição. Não quer enganar os que o louvam e nem vai decepcionar os que lhe querem bem. Por isso é que faz ardentes esforços para que seja antes louvado. Aquele que concede ao ser humano tudo o que nele merece ser louvado.

Mas o que, desprezando embora a glória, é ávido de domínio, supera as bestas, quer pela crueldade quer pela luxúria. Tais foram

certos Romanos. Tendo deixado de se preocupar com a reputação, não lhes faltou a paixão pelo domínio. A história nos menciona que muitos foram exemplo disso. Mas foi Nero o primeiro César que atingiu o cume e como que o cúmulo deste vício; tamanha foi a sua luxúria, que dele parece nada havia de viril a recear; e tamanha foi a sua crueldade, que, se não fosse conhecido, pareceria que nada tinha de efeminado. Mas, mesmo a tais pessoas o poder do mundo não é dado senão pela providência do Deus Supremo, quando julga que as empresas humanas são dignas de tais senhores.

É claramente acerca desta questão que a voz divina se faz ouvir pela voz da Sabedoria de Deus: *Por mim reinam os reis, por mim dominam a Terra os tiranos*¹⁹³.

Mas, não se julgue que tiranos foram reis perversos e déspotas, mas homens poderosos, conforme o antigo significado. Daí o que diz Virgílio: *Será para mim um penhor de paz, ter apertado a mão direita do tirano*¹⁹⁴. E noutra passagem se diz claramente de Deus: *Por causa da perversidade do povo é que ele faz reinar o homem hipócrita*¹⁹⁵.

Expliquei suficientemente, tanto quanto me foi possível, quais foram as razões por que Deus uno, verdadeiro e justo ajudou os Romanos, que eram bons à maneira da cidade terrestre, a obterem a gló-

¹⁹³ *Per me reçes reçnant et tyranni per me tenent terram.* Prov., VIII, 15.

¹⁹⁴ *Pars mihi pacis erit dextram tetigisse tyranni.* Virgílio, *Eneida*, VIII, 266.

¹⁹⁵ *Quia regnare facit hominem hypocritam propter perversitatem populi.* Job, XXXIV, 30.

ria dum tão grande império. Talvez haja também uma outra razão mais secreta: a dos méritos diversos do gênero humano, melhor conhecidos de Deus do que de nós.

De fato, entre as pessoas verdadeiramente religiosas é ponto assente que, sem a verdadeira piedade, isto é, sem o verdadeiro culto ao verdadeiro Deus, ninguém poderá possuir a verdadeira virtude e que a virtude não é verdadeira quando se põe ao serviço da glória humana. Todavia, os que não são cidadãos da Cidade Eterna, chamada pelas Sagradas Escrituras de a Cidade de Deus, são mais úteis à cidade da Terra quando possuem mesmo uma tal virtude, do que quando nem essa possuem.

Mas aqueles que, dotados de verdadeira piedade, levam uma vida impoluta, se possuem a ciência de governar os povos, nada há de mais feliz para as empresas humanas do que se, por misericórdia divina, detêm o poder. Mas tais pessoas, por maiores que sejam as virtudes que possam ter nesta vida, atribuem-nas unicamente à graça de Deus, que as concedeu aos seus desejos, à sua fé, às suas orações e, ao mesmo tempo, compreendem o quanto lhes falta para chegarem à perfeição da justiça, tal como ela é na sociedade dos santos Anjos, na qual se esforçam por entrar. E, por muito que louve e apregoe a virtude que, privada da verdadeira piedade, se põe ao serviço da glória humana, de forma nenhuma ela se poderá comparar aos débeis

começos dos santos, cuja esperança está firmada na graça e na misericórdia do verdadeiro Deus.

CAPÍTULO XX

Pôr as virtudes ao serviço da glória humana é tão vergonhoso como pô-las ao serviço da paixão corporal.

Os filósofos que põem na própria virtude o bem supremo do ser humano, quando pretendem ofender o pudor de certos outros filósofos que, embora aprovem as virtudes, procuram medi-las pela volúpia corporal que é o seu fim, pretendendo que essa volúpia deve ser procurada por ela mesma e as virtudes para a volúpia, pintam com palavras um quadro em que a volúpia está sentada num trono como uma delicada rainha e as virtudes lhe estão submissas como escravas, atentas aos menores sinais para cumprirem o que ela ordenar; ela ordena à prudência que investigue com cuidado qual a melhor maneira de continuar a volúpia o seu reinado e a sua segurança; à justiça ordena que preste todos os serviços que puder, no sentido de lhe seguir as amizades necessárias à satisfação do corpo, que a ninguém incomode para evitar que uma violação das leis venha comprometer a segurança da sua vida de prazer; à fortaleza ordena que, se sobrevier ao corpo uma dor que não leve à morte, mantenha fortemente sua senhora, isto é, a volúpia, na consideração do seu espírito, para que a lembrança das delícias passadas mitigue o espinho da dor presente; à

temperança ordena que ponha medida nos alimentos e demais deleites e não aconteça que o excesso imoderado e prejudicial venha alterar a saúde e comprometer seriamente a volúpia, que, segundo os epicuristas, reside principalmente numa boa saúde corporal.

Desta maneira, as virtudes, com toda a sua gloriosa dignidade, servem a volúpia como a uma voluntariosa e impudica mulherzinha. Nada mais ignominioso, nada mais disforme, nada mais repelente do que a visão que este quadro oferece às pessoas de bem, dizem eles; e dizem a verdade. Mas não creio que dele ressalte suficientemente a beleza que lhe é devida, se se imaginar um quadro que represente as virtudes ao serviço da glória humana. É que, mesmo esta glória, embora não seja uma mulher sensual, não deixa de ser inflada e plena de vaidade. Por isso, não é digno que lhe estejam de tal modo escravizadas a solidez e a firmeza das virtudes, que a prudência nada preveja, que a justiça nada reparta, que a fortaleza nada suporte, que a temperança nada modere; a não ser o que agradar às pessoas e servir a uma glória feita de vento.

Não se podem defender desta sujeira os que, embora, como que desprezando a glória, sejam insensíveis aos juízos alheios, se se julgarem sábios e consigo mesmo se comprazerem. A sua virtude, se é que o é, sujeita-se de outra maneira ao louvor humano, uma vez que também é humano o que consigo mesmo se compraz. Mas o que, com verdadeira piedade, crê em Deus, n'Ele espera e O ama, volta-se

mais para as coisas em que não sente prazer do que para as que (se é que alguma há) agradam não tanto a si mesmo como à verdade. E aquilo por que já pode agradar, unicamente o atribui à misericórdia d'Aquele a quem receia desagradar, dando-lhe graças pelo que curou, e elevando preces pelo que resta curar.

CAPÍTULO XXI

O Império Romano foi disposto pelo verdadeiro Deus, de quem provém todo o poder e por cuja providência tudo é governado.

Sendo isto assim, não atribuamos o poder de conceder reinos e impérios senão a Deus verdadeiro, que só aos piedosos concede a felicidade no reino dos Céus, embora o reino da Terra tanto o conceda aos piedosos como aos ímpios, conforme apraz a Ele, a quem nada de injusto apraz.

Embora tenhamos exposto algumas coisas que Ele houve por bem descobrir-nos, todavia, seria muito para nós e em muito ultrapassaria as nossas forças desvendar os segredos humanos e, por um exame profundo, julgar dos méritos dos reinos. Foi, pois, Ele, Deus único verdadeiro (que nunca abandonou o gênero humano com o seu juízo e a sua assistência) quem concedeu aos Romanos o império quando quis e na medida em que o quis. Foi Ele também quem o deu aos Assírios ou aos Persas, que só adoravam dois deuses, um bom e outro mau, como o mostram as suas escrituras. Isto, para não falar do

povo hebreu (do qual já disse, a meu ver o bastante) que durante a sua monarquia só um único Deus adorou. Foi pois Aquele que deu aos Persas as suas searas e os outros frutos da terra, sem que eles prestassem culto a Segécia e a tantos outros deuses que os Romanos atribuíam a cada coisa, ou mesmo vários a uma só coisa. Foi Ele ainda quem lhes concedeu um reino sem que eles tenham prestado culto aos deuses aos quais os Romanos julgavam dever o império.

Assim também em relação aos humanos. O mesmo que o deu a Mário, deu-o também a Júlio César; o mesmo que o deu a Augusto, deu-o a Nero; o mesmo que o deu aos Vespasianos pai e filho, imperadores humaníssimos, deu-o também ao feroz Domiciano; e, para que não seja preciso mencionar um por um, o mesmo que o concedeu ao cristão Constantino, concedeu-o também ao apóstata Juliano, homem de excelente índole, mas atraído pelo desejo do poder e uma sacrílega e detestável curiosidade; entregue por esta a vãos oráculos e quando estava seguro da vitória, incendiou os navios que transportavam as vitualhas necessárias; depois, prosseguiu com fervor na sua louca empresa e em breve pagou com a vida a sua temeridade e deixou em território inimigo o seu exército esfaimado, que de nenhuma maneira teria podido escapar se, contrariamente ao auspício do deus Término, do qual já falamos no livro anterior, não tivessem sido deslocados os limites do Império Romano. E o deus Término, que não cedera a Júpiter, cede agora à necessidade.

Sem dúvida que é o Deus único e verdadeiro que rege e governa estes acontecimentos como lhe apraz. Quiçá sejam ocultas as suas razões; serão por isso injustas?

CAPÍTULO XXII

É do juízo de Deus que dependem a duração e o desenlace das guerras.

Também a duração das guerras, (que umas terminem mais cedo e outras mais tarde), está no seu arbítrio, no seu justo juízo e na sua misericórdia, conforme se propõe castigar ou consolar o gênero humano.

A guerra dos piratas foi terminada por Pompeo e a Guerra Púnica por Cipião com uma rapidez e uma brevidade de tempo incríveis. Também a guerra dos gladiadores fugitivos, apesar da derrota de muitos generais e de dois cônsules, apesar de a Itália horrivelmente esmagada e devastada, acabou, porém, depois de muitas ruínas, ao terceiro ano. Os Picenos, Marsos e Pelignos, povos não estrangeiros, mas itálicos, após uma longa e dedicadíssima sujeição ao jugo romano, tentaram erguer a cabeça para a liberdade. Nesse tempo Roma já mantinha subjugados sob o seu império muitos povos e tinha destruído Cartago. Nesta guerra da Itália, os Romanos, muitas vezes vencidos, perderam dois cônsules e vários ilustres senadores. Mas esta calamidade não durou muito tempo, pois acabou no quinto ano.

Mas, já a Segunda Guerra Púnica, com os maiores desgastes e prejuízos para a República, durante dezoito anos esgotou e quase aniquilou as forças romanas. Em duas batalhas morreram perto de setenta mil romanos. A Primeira Guerra Púnica prolongou-se por vinte e três anos e a de Mitrídates por quarenta. E, para que ninguém julgue que a coragem dos primeiros romanos era mais capaz de rapidamente acabar as guerras; nesses recuados tempos, muito louvados por muitas virtudes, a guerra dos Samnitas durou perto de cinquenta anos e nela os romanos sofreram uma tal derrota que os fizeram passar pelo jugo. Mas, como eles não amavam, parece, a glória por causa da justiça, mas a justiça por causa da glória, romperam o tratado de paz.

Recordo estes fatos por que muitos, ignorando o passado e outros fingindo ignorá-lo, se virem que uma guerra nos tempos cristãos se arrasta por mais tempo, com toda a impudência se atiram logo contra a nossa religião, gritando que, se ela não existisse e se as divindades fossem ainda veneradas segundo os velhos ritos, aquela coragem romana que, com a ajuda de Marte e de Belona, celerrimamente levava a cabo tão grandes guerras, também agora as terminaria rapidíssimamente.

Pois lembrem-se os que leram quão longas foram as guerras conduzidas pelos antigos romanos, quão carregadas de resultados vários e de lamentáveis derrotas, tal qual como o mundo inteiro à

maneira de um procelosíssimo abismo marinho, costuma ser agitado por tempestade de idênticos males. Que uma vez por todas confessem o que não querem confessar: não se percam nem enganem os ignorantes com as suas loucas palavras contra Deus.

CAPÍTULO XXIII

Guerra em que foi vencido, num só dia, com as suas imensas tropas, Radagaiso, rei dos Godos e adorador dos demônios.

Daquilo que, em época recentíssima da nossa lembrança, Deus admirável e misericordiosamente fez, não se recordam, porém, com ações de graças, mas, tanto quanto está nas suas mãos, tentam apagá-lo da recordação de todos as pessoas, se tal for possível. Também nós seremos ingratos se o calarmos.

Quando Radagaiso, rei dos Godos, à frente de um feroz e enorme exército, tomou posições muito perto da Urbe, grandemente ameaçadoras para os Romanos, num só dia foi vencido e com tal celeridade que os Romanos não tiveram, não digo um único morto, mas nem mesmo um único ferido, ao passo que o exército dele perdeu mais de cem mil homens e ele próprio, feito prisioneiro, sofreu o merecido castigo da morte.

Se este ímpio tivesse entrado em Roma com tão grandes e tão ímpias tropas, quem teria ele poupadão? Que monumento dos mártires teria ele respeitado? Em que pessoa teria respeitado a Deus? De

quem não teria derramado o sangue? De quem quereria deixar intacto o pudor? E que vozes não teriam os pagãos levantado pelos seus deuses? Com que insultos não proclamariam, caso aquele tivesse vencido e grandes proezas pudesse ter realizado? Diriam que foi porque ele apaziguou os deuses e os chamou em seu auxílio por sacrifícios quotidianos proibidos aos Romanos pela religião cristã? Com efeito, quando ele já se aproximava desses lugares onde, a um sinal da Suprema Majestade, foi esmagado e quando a sua fama se espalhava por toda a parte, já nos diziam em Cartago que os pagãos acreditavam, espalhavam e repetiam que, graças ao favor e apoio dos deuses amigos, aos quais, dizia-se, ele oferecia todos os dias sacrifícios, ele não poderia de forma alguma ser vencido por pessoas que já não ofereciam nem permitiam que quem quer que fosse oferecesse tais sacrifícios aos deuses romanos.

E não dão graças, os desgraçados, a tamanha misericórdia de Deus que, tendo decidido castigar com uma invasão de bárbaros a imoralidade humana — aliás dignos de mais grave castigo — temperou a sua indignação com uma tão grande mansuetude; a saber: primeiro, fez com que fosse miraculosamente derrotado, não fosse que, com grandes prejuízos para as almas débeis, a glória de se sair vitorioso a atribuíssem aos demônios, aos quais, segundo constava, elevava as suas preces; e depois permitiu que Roma fosse tomada por esses bárbaros que, contra todos os costumes das guerras antes trava-

das, protegeram os que se refugiaram nos lugares sagrados, por respeito à religião cristã, tornando-se, por respeito ao nome cristão, tão hostis aos demônios e aos seus ímpios sacrifícios, em que Radagaiso confiara, que mais pareciam mover uma guerra atroz aos demônios do que aos humanos.

Foi assim que o verdadeiro senhor e árbitro dos acontecimentos flagelou com misericórdia os Romanos e mostrou aos adoradores dos demônios, vencidos de tão incrível maneira, que os sacrifícios nem sequer para a salvaguarda dos bens presentes são necessários. Assim, aqueles que não discutem com teimosia, mas refletem sensatamente, não abandonam a verdadeira religião por causa das desgraças presentes e antes, mais fiéis se lhe mantêm, na expectativa da vida eterna.

CAPÍTULO XXIV

A verdadeira felicidade dos imperadores cristãos.

Nem nós chamamos felizes a alguns imperadores cristãos por que reinaram por muito tempo e legaram, após uma plácida morte, o império aos filhos, ou domaram os inimigos da República, ou conseguiram prevenir e reprimir os cidadãos que contra si se rebelaram. Estas e outras dádivas ou consolações desta vida atribulada, também certos adoradores dos demônios mereceram recebê-las sem pertencerem, como aqueles pertencem, ao reino de Deus e Deus assim o de-

cidiu, na sua misericórdia, para que os que n'Ele creem não as desejem como se elas fossem o Bem Supremo.

Mas chamamos-lhes felizes, se governarem com justiça; se, no meio das palavras dos que os põem nas alturas e das homenagens dos que os saúdam com demasiada humildade, eles não se orgulharem, mas se lembrem de que são humanos; se submeterem o seu poder à majestade de Deus, a fim de dilatarem ao máximo o seu culto; se temerem a Deus, O amarem e O adorarem; se mais amarem esse reino onde não temerão terem rivais; se forem lentos a punir e prontos a perdoar; se exercerem a sua vindicta pela obrigação de governarem e de protegerem a República e não para cevarem os seus ódios contra os inimigos; se concederem o perdão, não para deixarem o crime impune, mas na esperança de uma emenda; se, muitas vezes constrangidos a tomarem medidas severas, as compensarem com a brandura da misericórdia e a largueza dos benefícios; se neles a luxúria for tanto mais castigada quanto mais livre possa ela ser; se preferirem dominar as suas paixões depravadas, a dominar quaisquer povos; se tudo isto fizerem, não pelo ardente desejo de vanglória, mas por amor à felicidade eterna; se não forem negligentes em oferecer pelos seus pecados, ao seu verdadeiro Deus, um sacrifício de humildade, de propiciação e de oração.

Tais imperadores cristãos dizemos nós que são felizes; por ora, na esperança e depois, na realidade, quando chegar o reino que a guardamos.

CAPÍTULO XXV

Prosperidade que Deus concedeu ao imperador cristão Constantino.

O bom Deus, às pessoas convencidas de que devem adorá-lo com vistas à vida eterna, para impedi-las de imaginar que alguém pode obter as altas dignidades e os reinos da Terra sem os suplicarem aos demônios, como espíritos muito influentes nestas questões, ao Imperador Constantino (que não os suplicou aos demônios mas adorou o verdadeiro Deus), cumulou de tão grandes favores terrestres como ninguém se atreveria a desejar e permitiu-lhe ainda que fundasse uma cidade associada ao Império Romano, por assim dizer, filha da própria Roma, mas sem nenhum templo ou imagem de demônios. Reinou por muito tempo. Como único Augusto governou e defendeu todo o orbe romano. Das guerras que declarou e conduziu, saiu sempre vitorioso, teve pleno êxito na luta contra os tiranos e morreu em idade avançada, de doença e velhice, deixando o império aos filhos.

Em contrapartida, para evitar que qualquer imperador se fizesse cristão para conseguir a felicidade de Constantino, quando cada

um deve ser cristão por causa da vida eterna, tirou a vida a Joviano muito mais depressa do que a Juliano e permitiu que Graciano tom basse sob o ferro dum tirano, embora em condições bem menos penosas do que o grande Pompeo, adorador dos pretensos deuses romanos. Este, de fato, não pôde ser vingado por Catão, a quem deixara, por assim dizer, como herdeiro da guerra civil. Mas Graciano, embora as almas piedosas não busquem consolações deste gênero, foi vingado por Teodósio, que ele tinha associado ao poder, embora tivesse um irmão ainda criança, mais interessado num fiel consórcio do que num excessivo poderio.

CAPÍTULO XXVI

A fé e a piedade de Teodósio Augusto.

Não se contentou (Teodósio) em guardar fidelidade (a Graciano). Depois da morte deste, quando Máximo, seu carrasco, lhe expulsou o jovem irmão Valentiniano, como cristão, recebeu-o ele a título de pupilo na parte do império que governava. Olhou por ele com afeição paterna, quando, sem dificuldades, poderia suprimir quem estava privado de todos os recursos, se o desejo de dilatar o seu poder fosse maior do que o seu amor de fazer o bem. Depois de tê-lo acolhido, manteve-lhe a dignidade imperial e tratou-o com humanidade e generosidade. Depois, como este desenrolar dos acontecimentos tornasse Máximo terrível, Teodósio, no meio de angustiosas pre-

ocupações, não se deixou arrastar para curiosidades sacrílegas e ilícitas, mas antes mandou alguém consultar a João, que vivia no deserto do Egito, servo de Deus cuja fama se ia espalhando e chegou até ele como sendo homem dotado de espírito profético. Foi deste que recebeu o anúncio da vitória como coisa certíssima. Pouco depois de ter morto o tirano Máximo, repôs o jovem Valentiniano nas partes do seu Império donde tinha sido expulso, com veneração cheia de ternura e, tendo este príncipe morrido dentro em breve por traição, por acidente ou por outra forma, acabou com outro tirano, Eugênio, que no lugar daquele imperador fora ilicitamente colocado e, tendo novamente recebido uma resposta profética favorável, lutou contra um poderosíssimo exército, mais com a oração do que com as armas. Militares que estiveram nesta batalha contaram-nos que, do lado de Teodósio, se levantou uma violenta ventania que lhes arrancava os dardos das mãos para os dirigir com a maior violência contra os inimigos e que virava contra os inimigos os dardos que estes atiravam.

Foi por isso que o poeta Cláudiano, apesar de adversário do nome de Cristo, disse em louvor d'Aquele: *O tão amado de Deus, por quem combate o éter e correm ao som da trombeta os ventos conjurados!*¹⁹⁶

¹⁹⁶ *O nimium dilecte Deo, cui militat aether Et conjurati veniunt ad classica venti(a)!* Cláudiano, *De Tertio consulato Honoris Augusti panegyris*, 96-98. Cfr. Orósio, *Hist. VIII*, 35-21.

(a) Em Migne, a citação de Cláudino é *O nimium dilecte Deo, cui fundit ab antris Aeolus armatas hiemes; cui militat aether, Et conjurati veniunt ad classica venti!* Ó tão amado de Deus, por quem

Vencedor, como tinha acreditado e predito, Teodósio derrubou as estátuas de Júpiter que contra ele tinham sido erigidas e como que consagradas não sei com que ritos nos Alpes. E os seus raios, que eram de ouro, prazenteira e generosamente os deu aos correios que, na brincadeira (o que naquela alegria lhes era permitido), diziam que por eles queriam ser fulminados. Aos filhos de seus inimigos, que, vítimas não das suas ordens mas da violência da guerra, se tinham refugiado, sem ainda serem cristãos, nas igrejas, ofereceu-lhes a ocasião de se tornarem cristãos, amou-os com caridade cristã, não os privou de seus bens e cumulou-os de honrarias. Depois da vitória, não permitiu que se vingassem as inimizades particulares contra ninguém. Quanto às guerras civis, diferentemente de Cina, Mário e Sula e outros que tais, que, quando elas acabavam, não as queriam dar por acabadas, ele, ao contrário, deplorou que elas surgissem e quis, uma vez terminadas, que elas a ninguém prejudicassem.

No meio destes acontecimentos e desde o princípio do seu reinado, não deixou de ajudar com as mais justas e benignas leis contra os ímpios e, nas suas provações, a Igreja que o herético Valente, favorável aos arianos, tinha violentamente perseguido. Gostava mais de ser um membro da Igreja do que dominar toda a Terra. Ordenou que por toda a parte derrubassem os ídolos gentílicos, compreendendo-

dispersa, desde os antros, Eolo armadas ventanias; por quem combate o éter correm ao som da trombeta os ventos conjurados.

do bem que nem os próprios favores terrestres dependem dos demônios, mas do verdadeiro Deus.

Que é que há de mais admirável do que a sua piedosa humildade quando do gravíssimo crime dos Tessalonicenses? Por intercessão dos bispos, já tinha prometido indulgências para com esse crime. Mas, pressionado por um tumulto de uns tantos, viu-se obrigado a puni-lo. Castigado depois pela disciplina eclesiástica, fez tal penitência, que o povo, por ele orando, chorou mais ao ver prostrada a majestade imperial do que a tinha temido irada pelo seu pecado. Estas e outras que tais boas obras, que seria longo recordar, levou Teodósio consigo ao sair desta enfumaçada tempestade que envolve as cumeeiras, por muito altas que sejam, da grandeza humana. A recompensa dessas obras é a felicidade eterna, que Deus apenas às almas verdadeiramente piedosas concede.

Porém, os outros bens desta vida, honras ou riquezas, tanto aos bons como aos maus as concede Deus, como lhes concede o próprio mundo, a luz e o ar, a terra e as águas e os frutos, a alma e o corpo humano, os sentidos, a inteligência e a vida; entre esses bens se encontra o poder, por maior que ele seja, que ele dispensa conforme o governo de cada tempo.

Vejo agora que convém responder também aos que, refutados e convencidos de erro por provas evidentes que demonstram a inutilidade da multidão dos falsos deuses para obterem os bens temporais,

únicos que os tolos ambicionam, se esforçam por estabelecer que é necessário adorar os deuses, não já por causa dos interesses da vida presente, mas por causa dos que virão depois da morte.

Julgo que nestes cinco livros já respondi suficientemente aos que pretendem adorar vãos ídolos por amor a este mundo e se queixam de lhes serem vedados estes infantis caprichos. Quando os três primeiros foram publicados e começaram a estar em muitas mãos, ouvi dizer que alguns preparavam contra eles não sei que resposta por escrito. Depois, chegou até mim que já a tinham escrito e esperavam a ocasião em que a poderiam publicar sem perigo.

Advirto-os de que não optem pelo que lhes não convém. É fácil crer que se deu uma resposta, quando, na realidade, o que se quis foi não estar calado. O que há de mais palavroso do que a vacuidade? E por que ela pode, se quiser, gritar mais alto do que a verdade, nem por isso terá mais poder que a verdade.

Mas, considerem atentamente todas as questões e, se por acaso, num exame sem preconceitos, repararem que, mais do que replicar, o que podem é importunar com a sua impudentíssima tagarelice e com a ligeireza satírica ou cômica, deixem-se de ninharias e decidam-se antes pela correção dos prudentes do que pela adulção dos impudentes. Porque, se esperam a ocasião, não para dizerem livremente a verdade, mas para terem licença para maldizer, oxalá que sofram a sorte daquele de que fala Túlio e que devia à sua licença para fazer o

mal o apelido de feliz: *Ó desgraçado, a quem era permitido o mal!*¹⁹⁷.

Portanto, quem quer que se sinta feliz pelo fato de ter licença para maldizer, será mais feliz se perder por completo essa licença. Pode, uma vez que ponha de parte a sua vã jactância, pôr já todas as objeções que quiser com a intenção de se informar e daqueles a quem ele consultar ouvirá, numa amigável discussão, uma resposta, tanto quanto possível, oportuna, honesta, séria e sincera.

¹⁹⁷ *O miserum, cui peccare licebat!* Cícero, *Tuscul.*, V, 19.

Livro VI - Os deuses pagãos

Até aqui, Agostinho escreveu contra os que julgam que aos deuses deve ser prestado culto no interesse desta vida temporal. Agora enfrenta os que pretendem que se lhes preste culto tendo em vista a vida eterna. A estes refutará Agostinho nos cinco livros que se seguem e, em primeiro lugar, põe em evidência o baixo conceito em que tinha os deuses um escritor tão apreciado na teologia gentílica como foi Varrão. Alega que, segundo Varrão, existem três categorias de teologia: a fabulosa, a natural e a civil. Tratando da fabulosa e da civil, demonstra que em nada podem estas categorias contribuir para a felicidade da vida futura.

PREFÁCIO

Parece-me que nos precedentes cinco livros já discuti suficientemente contra os que, em relação ao interesse desta vida mortal e dos bens terrenos, julgam que é necessário honrar e adorar a multidão dos falsos deuses com os ritos e serviços chamados em grego *λατρεία* (*latreia*) e devidos, de fato, ao único Deus verdadeiro. A verdade cristã demonstra que esses deuses são inúteis simulacros, espíritos imundos, perniciosos demônios ou, no mínimo, criaturas e nunca, certamente, o Criador.

Todavia, quem ignora que nem esses cinco livros nem quaisquer outros, por numerosos que sejam, bastam para vencer os excessos da estupidez e da teimosia? E que a vaidade vangloria-se de jamais ceder perante as forças da verdade, com prejuízo, certamente, da pessoa em quem domina tão monstruoso vício. É uma enfermi-

dade que desafia todos os recursos da medicina, não porque falte médico, mas porque o doente é incurável.

Quanto aos que compreendem, examinam e pesam cuidadosamente o que leem sem obstinação alguma ou, pelo menos, sem apego culpável ou excessivo a seu velho erro, verão que, nos cinco livros já acabados, demos mais que satisfação às necessidades da questão e a discutimos talvez de mais que de menos.

Assim, os ignorantes, que tentem levantar toda esta animosidade contra a religião cristã a propósito das calamidades desta vida e dos flagelos que recaem sobre as coisas deste mundo, de acordo com as pessoas instruídas que não só se calam, mas até os incitam contra a sua consciência, possuídas que estão pela sua raivosa impiedade, esses mesmos ignorantes já não poderão duvidar de que toda esta animosidade é totalmente falha de reflexão e de sensatez e é antes plena de frívola temeridade e de perniciosa teimosia.

CAPÍTULO I

Dos que dizem que adoram os deuses tendo em vista, não a vida presente, mas sim a vida eterna.

Agora, conforme a ordem anunciada, há, portanto, que refutar e instruir aqueles que pretendem que se devem adorar os deuses gentílicos derrubados pela religião cristã, não por causa da vida presente, mas antes, pela que há de vir depois da morte.

Apraz-me tomar como início da minha discussão o verídico oráculo do santo salmo: *Feliz aquele que depositou no Senhor a sua esperança e não se detém a olhar para vaidades ou loucas mentiras*¹⁹⁸.

Todavia, acerca de todas essas «vaidades» e «loucas mentiras», devemos ouvir com mais tolerância os filósofos que reprovaram as opiniões errôneas dos povos que ergueram ídolos aos deuses, imaginando, à conta desses deuses chamados imortais, um grande número de indignas e mentirosas ficções, ou, pelo menos, acreditando em tais ficções, para depois as misturarem ao culto deles e nos seus ritos sagrados. Com estes homens — que, embora sem francamente o divulgarem, mas antes, de certo modo, cochichando-o nas suas discussões, testemunharam a sua reprovação a tais erros — não há qualquer inconveniente em tratar da seguinte questão: será necessário, tendo em vista a vida que há de vir depois da morte, adorar, não o Deus único, criador de todo o ser corporal e espiritual, mas antes uma multidão de deuses que aquele Deus único teria criado e elevado à categoria suprema, como pensaram alguns desses filósofos célebres e, entre todos, eminentes?

Além disso, quem poderá suportar a pretensão de que tais deuses — a alguns dos quais já me referi no livro quarto e a cada um dos

¹⁹⁸ *Beatus cuius est Dominus Deus spes ipsius et non respexit in vanitates et insaneas mendaces.* Salmo XXXIX, 5.

quais é distribuída a mais insignificante tarefa — podem conceder a vida eterna a alguém?

Há homens dos mais sábios e perspicazes, que se gabam, como de um grande serviço, de terem precisado nos seus escritos o motivo por que é necessário suplicar a cada deus o favor que a cada um deles se deve pedir, se não se quiser incorrer no vergonhoso absurdo (como costuma jocosamente acontecer na comédia) de se pedir água a Líbero e vinho às Ninfas.

Que é que estes autores aconselhariam a um qualquer que invocasse os deuses imortais e que, depois de ter pedido vinho às Ninfas, tivesse recebido esta resposta: «nós o que temos é água; para o vinho, dirija-se a Líbero»? Poderiam esses autores, na verdade, aconselhar essa pessoa a responder: «se não tendes vinho, ao menos concedei-me a vida eterna»? Será que essas deusas, ordinariamente de riso fácil, não rirão às gargalhadas? E, supondo que elas não procuram enganar esse suplicante, como verdadeiros demônios que são, não responderiam: «Ó homem, julgas que está na nossa mão dar a vida, quando tu bem o sabes, nem sequer a própria vida está na nossa mão»?

É portanto o cúmulo da estupidez impudente pedir a tais deuses e deles esperar a vida eterna, pois que, para o que respeita a esta vida tão curta e miserável, em que, na hipótese de que deles pudesse vir algum auxílio e sustento, o domínio assinalado à sua tutela é tão di-

vidido que, ao pedir a um os favores que pertencem à função e ao poder de um outro, comete-se tal inépcia, tal absurdo, que parece mesmo uma chacota de cômicos. Está certo que estas parvoíces fazam rir as pessoas no teatro, quando são propositadamente recitadas pelos pantomimos; mais certo porém será que, quando inconscientemente proferidas pelos tolos, deles se riam no mundo.

A que deus ou deusa e por que motivo convém dirigir preces, no que respeita aos deuses que as cidades instituíram, é assunto habilmente fixado e transmitido à posteridade pelos sábios. O que, por exemplo, se pode pedir a Líbero ou às Ninfas ou a Vulcano ou aos outros que, em parte, já mencionei no livro quarto e em parte deixei em silêncio. É evidente que, se pedir vinho a Ceres, pão a Líbero, água a Vulcano, fogo às Ninfas, é um erro, muito maior loucura será suplicar a qualquer um deles a vida eterna!

Por isso, quando, a propósito do domínio terrestre, procuramos quais desses deuses ou deusas podíamos julgar capazes de o conferir aos humanos, demonstramos, depois de tudo bem ponderado, que admitir o estabelecimento, mesmo só dos reinos da Terra, por qualquer destas numerosas e falsas divindades, era uma opinião totalmente errada. Sendo assim, não constituirá uma suprema loucura e impiedade (pois sem hesitação e sem comparação, se deve colocar a vida eterna acima dos reinos terrestres) pensar que tal vida pode ser concedida a qualquer pessoa por qualquer desses falsos deuses? O que

nos leva a concluir que tais deuses nem sequer poderão dar o reino da Terra, tão baixo e abjeto que não se dignam ocupar-se dele na sua tão elevada sublimidade; mas, bem ao contrário, por muito que se des prezem justificadamente os cumes perecíveis do reino terrestre, tão indignos se apresentam esses deuses, que nem se lhes pode solicitar a dádiva ou a conservação desses reinos.

Por tal razão, se (como se tratou e estabeleceu nos dois livros precedentes) nenhum dessa turbamulta de deuses — sejam eles, como for, plebeus ou nobres — é capaz de dar aos mortais os reinos mortais, muito menos será capaz de tornar imortais os mortais!

A isto acresce o seguinte: se atendermos à opinião daqueles que defendem que é necessário honrar os deuses, não por causa da vida presente, mas por causa da vida que há de vir depois da morte, também não é por causa desses bens (atribuídos a tais deuses não por razões sérias mas por vã opinião, como um domínio que eles receberam em partilha) que se lhes deve prestar culto. É, aliás, a opinião dos que julgam este culto indispensável aos interesses desta vida mortal e o quanto me foi possível, já os refutei nos cinco livros precedentes. Mesmo que assim fosse, se os adoradores da deusa Juventas gozassem de uma juventude mais florescente e se, pelo contrário, os seus desdenhadores morressem nos anos da sua juventude ou langucescesssem como se estivessem sujeitos ao frio da velhice; se a Fortuna barbada ornasse a cara dos seus devotos de uma forma mais

graciosa e alegre e se víssemos os que a desprezam privados de barba ou mal barbados, mesmo em tal caso teríamos o direito de afirmar que o poder de cada uma destas deusas se limita, de certo modo, às suas funções e que, por isso, não se deve pedir a vida eterna a Juventas, incapaz mesmo de fazer despontar a barba e nem, depois desta vida, esperar qualquer bem da Fortuna barbada, absolutamente incapaz de conceder, nesta vida, ao menos a idade em que a barba floresce.

Na verdade, o culto destas deusas não é necessário para se obterem estes favores que se atribuem à sua alçada. Muitos adoradores de Juventas tiveram uma juventude enfermiça, ao passo que outros, que nunca se devotaram a ela, gozam de vigorosa juventude. Semelhantemente, muitos que veneram a Fortuna barbada não lograram barba alguma ou têm-na disforme e os que a veneram para obtê-la são objeto de galhofa por parte dos que a têm.

Será então o coração humano tão insensato que chegue a acreditar que lhe poderá ser proveitoso para a vida eterna um culto que sabemos ser inútil e ilusório mesmo na ordem dos tão efêmeros bens temporais, à distribuição dos quais se julga que presidem os deuses, cada um no seu domínio? Não ousaram afirmar que esses deuses podem conceder a vida eterna nem sequer os que, para recomendarem o seu culto aos povos ignorantes e, pensando que eram deuses

demais, distribuíram minuciosamente mesmo as tarefas temporais para que nenhum deles ficasse ocioso.

CAPÍTULO II

Opinião de Varrão acerca do culto e espécies de deuses dos gentios. Teria sido mais reverente se se calasse, em vez de revelar o que revelou.

Quem mais acuradamente do que Marco Varrão fez investigações sobre esta matéria? Quem fez mais sábias descobertas? Distinções mais perspicazes? Quem tão cuidadosamente, tão completamente, as descreveu?

Embora de estilo bastante desagradável, é tão rico de doutrina e de pensamentos que, em todas as ordens do saber a que nós chamamos secular e eles liberal, ele instrui o ser humano afeiçoados a estas matérias tão bem como Cícero encanta o afeiçoados às questões de estilo. Aliás, o próprio Cícero dá dele este testemunho, ao afirmar que a discussão tratada nos **Acadêmicos** a teve com Marco Varrão, *o homem entre todos o mais arguto e, sem sombra de dúvida, o mais sábio*¹⁹⁹.

Não lhe chama «o mais eloquente» nem «o mais elegante», porque, na verdade, sob este aspecto, Varrão é bastante inferior; chama-lhe antes «sem sombra de dúvida o mais arguto» e, nos mesmos li-

¹⁹⁹ *homine omnium facile acutissimo et sine ulla dubitatione doctissimo.* Cícero, *Academ.*, I, 3, 9.

vros dos Acadêmicos, onde trata de pôr em dúvida todas as doutrinas, ele acrescenta « sem sombra de dúvida o mais sábio».

Realmente, acerca deste ponto estava tão seguro que afasta toda a dúvida que costuma mostrar em todas as questões e, ao pleitear a favor da dúvida acadêmica, apenas em relação a Varrão se esquece de que é um acadêmico.

No primeiro livro, ao elogiar as obras literárias de Varrão, diz: *Quando deambulávamos errantes na nossa própria cidade como estrangeiros, foram os teus livros que, de certo modo, nos levaram à casa e nos permitiram finalmente reconhecer quem éramos e onde estávamos. Foste tu quem nos deu a conhecer a idade da pátria, a distribuição dos tempos, os direitos da religião e os do sacerdócio; as regras da vida privada e as da vida pública; a situação das regiões e dos lugares; os nomes, as espécies, as funções e as causas de todas as coisas divinas e humanas*²⁰⁰.

Ora, este varão de tão insigne e excelente saber e de quem Terenciano disse, em verso tão elegante como conciso: *Varrão, o mais sábio seja do que for*²⁰¹, este varão que tanto leu que pasmamos que tenha tido vagar para escrever; e que tanto escreveu que dificil-

²⁰⁰ *Nos in nostra urbe peregrinantes errantesque tanquam hospites tui libri quasi domum reduxerunt, ut possemus aliquando qui et ubi essemus agnoscere. Tu aetatem patriae, tu descriptiones temporum, tu sacrorum iura, tu sacerdotum, tu domesticam, tu publicam disciplinam tu sedem regionum locorum, tu omnium divinarum humanarumque ritrum nomina, genera, officia, causas aperuisti.* Círcero, Academ., I, 3, 9.

²⁰¹ *Vir doctissimus undecimque Varro.* Terentianus Maurus, *De metris*, 2846.

mente acreditamos que haja alguém capaz de tudo ler; este varão, digo eu, de tamanho talento e saber, se tivesse sido o adversário e o destruidor das coisas a que se dá o nome de divinas e as quisesse apresentar não como respeitantes à religião, mas antes à superstição, não sei se conseguiria amontoar tanta coisa digna de troça, desprezo e abominação como o que escreveu.

Todavia, ele venerava esses mesmos deuses e considerava o seu culto imprescindível, a ponto de declarar na sua obra que receavavê-los perecer, não devido a ataques dos inimigos, mas devido antes à indiferença dos cidadãos. É desta ruína que ele pretende salvá-los, evocando-os nos seus livros e gravando-os na memória das pessoas. Crê ser-lhes assim mais útil do que Metelo o foi ao salvar do incêndio a estátua de Vesta ou do que Eneias ao salvar os seus penates da destruição de Tróia. E, não obstante, transmitiu à posteridade, para leitura, coisas que tanto sábios como ignorantes julgam dignas de rejeição e totalmente contrárias à verdadeira religião.

Que devemos pensar, então, senão que um homem tão sagaz e tão hábil, mas ainda não libertado pelo Espírito Santo, estava subjugado pelos costumes e leis da sua cidade, e todavia se recusava a esconder o que o perturbava sob o pretexto de enaltecer a religião?

CAPÍTULO III

Plano dos livros de Varrão acerca das antiguidades das coisas humanas e divinas.

Escreveu quarenta e um livros acerca das Antiguidades, dividindo-os em vinte e cinco livros sobre as coisas humanas e dezesseis sobre as divinas. Seguiu nesta distribuição o seguinte método: as coisas humanas tratou-as em quatro partes, dedicando seis livros a cada uma. Tem por objeto os que agem, onde agem, quando atuam e o que fazem. Nos seis primeiros livros escreveu acerca do ser humano; nos seis seguintes, acerca dos lugares; nos outros seis acerca dos tempos; e nos quatro últimos, acerca das coisas. Quatro vezes seis são, pois, vinte e quatro. No início da obra colocou um livro especial, que serve de introdução geral.

Nas coisas divinas mantém a mesma sistematização no que respeita ao culto devido aos deuses. De fato, as coisas sagradas são celebradas pelas pessoas em lugares e tempos próprios. E a cada um destes quatro assuntos dedica três livros: nos três primeiros, trata do ser humano; nos que se seguem, dos lugares; no terceiro grupo, acerca dos tempos; e no quarto grupo, das coisas sagradas; fazendo sobressair, com subtil distinção, quem celebra, onde as celebra, quando e em que consistem. Como, porém, era preciso que dissesse (e era isso que especialmente se esperava dele) a quem se devia prestar culto, compôs os três últimos livros sobre os próprios deuses; o que

(cinco vezes três) perfaz quinze livros. Desta maneira, como dissemos, são no total dezesseis, já que os fez preceder de um especial, que trata de tudo na generalidade.

Terminado este livro especial, segundo a sua sistematização, dividem-se assim os três do primeiro grupo acerca do ser humano: o primeiro trata dos pontífices; o segundo, dos áugures; o terceiro, dos quindecênviros. Os do segundo grupo, consagrados aos lugares, tratam: o primeiro, dos templetes (*de sacellis*); o segundo, dos templos; o terceiro, dos lugares sagrados. Os do terceiro grupo, consagrado aos tempos, isto é, aos dias festivos, tratam: o primeiro, das festividades; o segundo, dos jogos do circo; o terceiro, das representações teatrais. Os do quarto grupo, consagrado às coisas sagradas, tratam: o primeiro, das consagrações; o segundo, dos sacrifícios privados; o terceiro, dos sacrifícios públicos. Como que fechando esta espécie de aparatoso procissão, nos três livros que restam vêm os próprios deuses, destinatários de todo este culto, tratando: o primeiro destes livros, dos deuses certos; o segundo, dos deuses incertos; o terceiro e último, dos deuses principais e escolhidos.

CAPÍTULO IV

Resulta da dissertação de Varrão que os adoradores dos deuses consideram as instituições humanas anteriores às instituições divinas.

Ao longo de todo este belíssimo e tão sutil encadeamento de divisões e distinções, é vão procurar e muito imprudente desejar ou esperar encontrar a vida eterna; como ressalta do que já dissemos e do que temos ainda para dizer, é isto uma verdade que salta aos olhos de quem quer que seja que, por obstinação do coração, não se volte contra si próprio. Por que se trata de instituições que emanam dos humanos ou dos demônios e não dos bons demônios, como eles lhes chamam, mas antes, falando mais claramente, de espíritos imundos, indubitavelmente maléficos.

São eles que, com surpreendente inveja e ocultamente, insinuam no pensamento dos ímpios opiniões perniciosas que, debilitando cada vez mais a alma humana, a tornam incapaz de se adaptar e de se unir à imutável e eterna verdade e, por vezes, as sugerem abertamente aos próprios sentidos e as confirmam com falsos testemunhos ao seu dispor.

Este Varrão é ele próprio quem confessa ter tratado primeiramente das coisas humanas e em segundo lugar das divinas, pela simples razão de que foram as cidades o que primeiro existiu e depois é que estas criaram a religião. Mas o certo é que a verdadeira religião

não provém de cidade alguma terrena. É ela precisamente que dá origem à cidade celeste. Quem inspira esta cidade e é seu mestre é o Deus verdadeiro que concede a vida eterna aos seus adoradores.

Varrão reconhece, portanto, que das coisas humanas tratou em primeiro lugar e só em seguida das divinas, porque as divinas foram estabelecidas pelos humanos. E eis a explicação que ele dá disto: *Da mesma forma como o pintor existe antes do quadro e o arquiteto antes do edifício, assim também as cidades precedem as instituições que criam*²⁰².

Acrescenta que teria escrito primeiro acerca dos deuses e depois acerca dos humanos, se tivesse que tratar de toda a natureza dos deuses. Como se, na sua obra, ele não tivesse escrito senão acerca de uma parte desta natureza e não acerca dela toda, ou como se a natureza dos deuses, mesmo incompleta, não devesse ter a prioridade sobre a dos humanos!

De resto, nos seus três últimos livros, em que cuidadosamente estuda os deuses certos, incertos e escolhidos, parece que não omite elemento algum da natureza divina.

²⁰² *Sicut prior est pictor quam tabula picta, prior faber quam aedificium: ita priores sunt civitates quam ea quae a civitatibus instituta sunt.*

Para que acrescenta então: *Se escrevêssemos acerca de toda a natureza dos deuses e dos humanos, teríamos esgotado as coisas divinas antes de tocarmos nas humanas?*²⁰³

Por que, no fim de contas, ou ele escreve acerca de toda a natureza divina, ou acerca de uma das suas partes, ou acerca de nenhuma. No primeiro caso, as coisas divinas deveriam ter sido tratadas antes das humanas. No segundo caso, porque não teriam elas a mesma prioridade? Não merece uma parte da natureza divina ser colocada acima da totalidade da natureza humana? E se é demais que alguma parte divina prefira a todas as coisas humanas, deve pelo menos antecipar-se às coisas romanas uma vez que escreveu os livros sobre as coisas humanas enquanto respeitam, não a todo o universo, mas apenas a Roma. Todavia, quando ele declara tê-las posto nos seus livros antes das divinas, como se antepõe o pintor à pintura e o construtor ao edifício, confessa claramente que, à maneira da pintura e da arquitetura, as coisas divinas são de instituição humana.

Conclui-se que ele, afinal, não escreveu acerca de nenhuma natureza divina, mas que também não o quis dizer claramente, mas apenas dá-lo a entender aos mais inteligentes. Efetivamente, quando se diz «nem toda», usualmente quer-se assim dizer «alguma»; mas também se pode entender que se quis dizer «nenhuma», pois que

²⁰³ *Si de omni natura deorum et hominum scriberemus, prius divina absolvissimus, quam humana adtingissemus.*

«nenhuma» exclui tanto «todas» como «alguma». Como ele próprio diz, se tivesse escrito acerca de toda a natureza dos deuses, deveria tê-la posto, conforme a ordem da sua obra, antes das coisas humanas. Mas, embora não o diga, a verdade clama que ele deveria tê-la colocado, pelo menos antes das coisas romanas, ainda que se tratasse, não de toda, mas de uma parte. Mas coloca-a justamente depois; é porque então de nenhuma se trata. Assim, ele não quis colocar as coisas humanas acima das divinas; mas recusou-se a pôr as coisas falsas acima das verdadeiras. Por que, no que escreveu acerca das coisas humanas, apoia-se na história do passado; mas quando trata das que apelida de divinas, em que é que se apoia senão em opiniões quiméricas?

Eis, sem dúvida, o que ele pretendeu sutilmente indicar, não somente concedendo às primeiras superioridade sobre as segundas, mas também expondo as razões por que assim procedera. Se ele nada tivesse dito, outros sem dúvida teriam encontrado outras razões para o justificarem. Mas, pelo simples fato de ter alegado esta razão, a ninguém deixou a liberdade de formular outras hipóteses. Está suficientemente feita a prova de que ele pôs os humanos antes das instituições e não a natureza divina antes da natureza humana.

Assim, como ele próprio confessa, os seus livros acerca das coisas divinas tratam, não da verdade que resulta da natureza, mas da falsidade que resulta do erro. Confessa-o ainda mais claramente, co-

mo recordei no quarto livro, ao dizer que, se tivesse de fundar uma cidade nova, escreveria inspirando-se na lei da natureza. Mas, como encontrou uma já antiga, mais não pôde que conformar-se com as suas tradições.

CAPÍTULO V

Os três gêneros de teologia, segundo Varrão: o mítico, o natural e o civil.

Que vem então a ser isso de haver três gêneros de teologia, isto é, da ciência racional dos deuses: a teologia mítica, a teologia física e a teologia civil?

Se o uso do latim o permitisse, chamaríamos «fabular» à primeira; chamemos-lhe, porém, «mítica». Efetivamente, «mítica» deriva do grego *μυθος* (*muthos*) que significa próprio das fábulas²⁰⁴.

Quanto à segunda, já se chama, na linguagem habitual, «natural».

À terceira, a teologia civil, foi o próprio Varrão quem lhe deu este nome latino. Diz ele:

Chama-se mítica a teologia de que usam sobretudo os poetas, natural a dos filósofos, civil a do povo. Na primeira que citei, há muitas ficções contrárias à dignidade e natureza dos imortais. Nela

²⁰⁴ Perdemos o sentido da palavra «fábula», pelo menos em parte: na verdade, esta palavra vem de «*fari*» — «o dizer sagrado». V. Bréal, *Leçons de mots*, vid. pal. fan.

*se diz que um deus procede da cabeça, outro, de uma coxa, outro nasceu de gotas de sangue. Também se diz que os deuses roubaram, cometiveram adultério, se submeteram ao ser humano. Enfim, atribuem-se-lhes todas as fraquezas, não apenas as de qualquer humano, mas as do mais desprezível dos humanos*²⁰⁵.

Aqui declarou, sem sombra de ambiguidade, que se cometia, com fábulas mentirosas, uma grande injúria contra a natureza dos deuses, porque se podia fazê-lo, se ousava fazê-lo, porque se sentia impune. Não falava, porém, da teologia natural nem da teologia civil, mas sim da mítica; julgava que podia livremente incriminar esta.

Vejamos o que ele diz da segunda:

A segunda classe de teologia, para que chamei a atenção, é aquela acerca da qual os filósofos nos deixaram muitos livros em que se questionam os deuses. O que são eles? Onde residem? Qual a sua origem? Quais as suas qualidades? Existem desde determinada época, ou são eternos? Provêm do fogo, como crê Heráclito? Provêm dos números, como afirma Pitágoras, ou dos átomos como pre-

²⁰⁵ *Mythicorum appellant, quo maxime utuntur poetae; physicon, quo philosophi; civile, quo populi. Primum quod dixi, in eo sunt multa contra dignitatem et naturam immortalium ficta. In hoc enim est, ut deus alius ex capite, alius ex femore sit, alius ex guttis sanguinis natus; in hoc, ut dii furati sint, ut adulteria verint * ut servierint homini; denique in hoc omnia dii attribuuntur, quae non modo in hominem, se d etiam quae in contemptissimum hominem cadere possunt (a). M. Schanz, Tomo 1,1909 § 187, p. 434.*

* Em Migue vem, mais corretamente, *adulteraverint*.

(a) Cfr. Jean Pepin, “La « theologie tripartite» de Varron, Essai de reconstitution et recherche des sources”, in *Mémorial Bardy* (Rev. des Et. August, 11, 1956, pp. 265-294); E. Schwarz, “De M. Terentii Varronis apud Sanctos Patres vestigiis”, in «Jahrbücher für class. Philologie». Supplement 10 (1888) p. 405-499; P. Courcelle, *La figure e l'opera de Terenzio Varrone Reatino nel «De Civitate Dei» di Agostino*. Napoli, 1969.

*tende Epicuro? E outras questões que se podem ouvir mais facilmente dentro das paredes de uma escola do que cá fora, no fórum*²⁰⁶.

Varrão nada encontra de censurável nesta chamada teologia natural, que é a especialidade dos filósofos; contenta-se em recordar as controvérsias havidas entre eles e que deram origem à multidão de seitas dissidentes. Tirou esta filosofia da rua, isto é, do vulgo e fechou-a dentro dos muros da escola; não retirou, porém, das cidades a primeira classe, de todas a mais mentirosa e a mais obscena.

Ó ouvidos pios dos povos, incluindo o romano! Não podem suportar as discussões dos filósofos acerca dos deuses imortais. Mas os cantos dos poetas, as representações dos histriones, as ficções atentatórias da dignidade e da natureza dos imortais e que nem ao mais vil dos humanos se podem aplicar; isso podem suportar, isso podem ouvir e até com prazer, esses ouvidos! Mais ainda: tem-se como certo que isso agrada aos deuses e consegue aplacá-los.

Alguém dirá: distingamos essas duas classes de teologia, a mítica e a física, isto é, a fabulosa e a natural, da teologia civil de que se trata agora, como o próprio Varrão as distinguiu e, para já, vejamos as suas explicações acerca da teologia civil. Claro que bem vejo porque é que ela se deve distinguir da fabulosa: é que esta é falsa, ver-

²⁰⁶ Secundum genus est, quod demonstravi, de quo muitos libros philosophi reliquerunt; in quibus est, dñi qui sint, ubi, quod genus, quale est: a quodam tempore an a Sempiterno fuerint dñi: ex igni sint, ut credit Herachitus, an ex numeris, ut Pythagoras, an ex atomis ut ait Epicurus. Sic alia, quae facilius intra parietes in schola quam extra in foro ferre possunt aures. Cfr. nota 8.

gonhosa, infame. Mas, querer separar a teologia natural da civil, que mais é do que confessar que até mesmo a civil é mentirosa?

Porque, se aquela é verdadeiramente natural, que tem ela de repreensível para ser excluída? E se esta, a chamada civil, não é natural, que mérito tem ela para ser admitida? Efetivamente, Varrão trata primeiro das coisas humanas e depois das divinas, apenas por esta razão: é que nas coisas divinas não se conformou com a sua natureza, mas sim com as instituições humanas.

Examinemos agora a teologia civil. Diz Varrão: *A terceira espécie é a que, nas cidades, os cidadãos e principalmente os sacerdotes devem conhecer e praticar. É nela que se vê quais os deuses que cada um deve oficialmente venerar, com que ritos e com que sacrifícios*²⁰⁷.

Atentemos ainda para o que se segue: *A primeira é a teologia que melhor se acomoda ao teatro, a segunda ao mundo, a terceira à cidade*²⁰⁸.

Quem é que não vê a quem concede ele a palma? À segunda, evidentemente, à dos filósofos, como ele acima lhe chamou, pois, na sua opinião, é ela que se acomoda ao mundo ao qual nada se iguala em excelência, como eles dizem.

²⁰⁷ *Tertium genus est quod in urbibus cives, maxime sacerdotes, nosse atque administrare debent. In quo est quos deos publice sacra et sacrificia colere et facere quemque par sit.* Cfr. notas 2 e 3.

²⁰⁸ *Prima theologia maxime accomodata est ad theatrum, secunda ad mundum, tertia ad urbem.*

Quanto às outras duas teologias, a primeira e a terceira, ou seja, a do teatro e a da cidade, distinguiu-as ele ou juntou-as? Vemos, de fato, que nem sempre o que é próprio da cidade se pode referir também ao mundo, embora vejamos que as cidades estão no mundo. Pode bem acontecer que, por influência de falsas opiniões, se preste crédito e culto na cidade a divindades cuja natureza nem no mundo nem fora dele existe. Quanto ao teatro, onde se encontra ele senão na cidade? Quem instituiu o teatro senão a cidade? Porque o instituiu a cidade senão com vistas aos jogos cênicos? Onde se encontram os jogos cênicos senão entre as coisas divinas de que tratam com tanta sagacidade os livros de Varrão?

CAPÍTULO VI

Da teologia mítica ou fabulosa e da teologia civil, contra Varrão.

Ó Marco Varrão, pois que és o mais arguto e, sem sombra de dúvida, o mais douto dos humanos, porém humano e não Deus e não alcançado pelo Espírito de Deus até à verdade e à liberdade para contemplares e anunciar os divinos mistérios, apercebes-te, na verdade, da enorme diferença que há entre as coisas divinas e as ninharias e mentiras humanas; receias, porém, ofender as opiniões e os costumes dos povos, tão corrompidos nas credices públicas. Percebes perfeitamente, quando as examinas sob todos os aspectos, que elas são indignas da natureza dos deuses, mesmo daqueles que a fraqueza

do espírito humano julga descobrir nos elementos deste mundo e toda a vossa literatura o proclama como um eco.

Para que serve então o gênio humano, por mais elevado que seja? De que te serve, nestes apertos, a ciência humana, apesar da sua variedade e extensão?

Desejas prestar culto aos deuses da natureza e vês-te constran-
gido a prestá-lo aos da cidade. Descobres outros — os da fábula —,
contra os quais mais livremente revelas os teus verdadeiros sentimen-
tos; mas, quer queiras quer não queiras, a tua indignação salpicará os
próprios deuses da cidade.

Dizes que de fato os deuses fabulosos se fizeram para o teatro,
os naturais para o mundo e os civis para a Urbe; mas o mundo é obra
de Deus e a Urbe e o teatro são obra humana. E os deuses de que vos
rides nos teatros são os mesmos que adorais nos templos. Aqueles
aos quais ofereceis jogos são os mesmos que aqueles em honra dos
quais imolais vítimas.

Com quanta mais liberdade e agudeza dividirias os deuses re-
conhecendo: estes são naturais e aquelloutros foram instituídos pelos
humanos. Mas, acerca destes últimos, a linguagem dos poetas é bem
diferente da dos sacerdotes. Todavia, estas linguagens estão de tal
forma unidas entre elas pelos laços amigáveis da mentira, que tanto
uma como outra agradam aos demônios, que são inimigos da verda-
de.

Ponhamos de parte, por instantes, a teologia chamada natural e mais tarde a ela voltaremos.

Valerá a pena desde já solicitar ou esperar a vida eterna dos deuses da poesia e do teatro, dos jogos e da cena? De modo nenhum! Pelo contrário, que o verdadeiro Deus nos livre de tão monstruosa e sacrílega loucura.

Quê? Pedir a vida eterna a deuses que se comprazem e se calmam com a frequente celebração pública dos seus crimes? Ninguém, julgo eu, leva a sua demência ao ponto de se atirar para o abismo de uma tão louca impiedade.

Não, nem a teologia mítica nem a teologia civil podem conceder seja a quem for a vida eterna. Uma, com as suas ficções, semeia as torpezas que inventa acerca dos deuses e a outra, com os seus aplausos, faz a sua colheita. Uma espalha mentiras, a outra recolhe-as. Uma ataca as coisas divinas com crimes, a outra mete as representações desses crimes entre as coisas divinas. Uma celebra nos seus poemas as nefandas ficções humanas, a outra consagra-as nas festividades desses deuses. Uma canta os crimes e as torpezas dos deuses, a outra nelas se compraz. Uma põe-nas a descoberto ou inventa-as, a outra aprova-as, quando são verdadeiras, e diverte-se com elas, se forem falsas. Ambas são infames, ambas são condenáveis: a primeira — a teologia do teatro — faz profissão pública das suas torpezas; a segunda — a da cidade — com essas torpezas se enfeita.

Esperar a vida eterna do que polui esta breve vida temporal?

Será que a convivência com as pessoas nefastas, quando se insinuam em nossas afeições e em nossas decisões, pode poluir a nossa vida e não a polui a convivência com os demônios, cujo culto consiste em celebrar os seus crimes? Se esses crimes são verdadeiros, que perver-sos são esses deuses! Se são falsos, que torpes são as pessoas que os celebram!

Quando isto dizemos, talvez a alguém, muito mal informado nestas matérias, pareça que só são indignas da majestade divina, ridí-culas e detestáveis, na celebração destes deuses, as coisas cantadas pelos poetas e representadas pelos atores, mas que as cerimônias ce-lebradas, não pelos histriones, mas pelos sacerdotes, são isentas de toda a indecência e puras. Se assim fosse, jamais ninguém teria pen-sado que era preciso celebrar essas ignomínias teatrais em honra dos deuses, nem os próprios deuses jamais exigiriam que lhas dedicas-sem. Mas, se não se envergonham de representar semelhantes torpe-zas no teatro para honrarem os deuses, é porque nos templos exibem idênticas vergonhas.

Finalmente, o citado autor, ao empenhar-se em distinguir, co-mo um terceiro gênero, a teologia civil, da mítica e da natural, parece que quis dar-nos a entender que ela é mais uma mistura das outras duas do que uma teologia distinta. Diz, efetivamente, que o que os poetas escrevem é menos do que o que os povos devem seguir e, em

compensação, o que escrevem os filósofos é mais do que o que o vulgo pode compreender. Diz ele: *Estas (teologias), apesar de tão opostas, tomaram, todavia, não poucos (elementos) de uma e de outra para a teologia civil. Por isso, descrevemos com a civil o que esta tem de comum com os poetas (a) e teremos de ter mais contatos com os filósofos do que com os poetas*²⁰⁹

Varrão não exclui toda a relação com os poetas. Todavia, noutra passagem, observa, a propósito das genealogias divinas, que os povos se sentem mais inclinados para os poetas do que para os físicos²¹⁰. Aqui diz o que se deve fazer e além o que se faz, pois os físicos escreveram para serem úteis e os poetas para deleitarem. Assim, pois, os povos não devem imitar o que os poetas cantam, ou seja os crimes dos deuses, embora estes tanto deleitem os povos como os deuses. Efetivamente, como Varrão diz, os poetas escrevem, não para serem úteis, mas para serem agradáveis. Escrevem, todavia, o que os deuses pedem e os povos representam.

²⁰⁹ *Quae sic abhorrent ut tamen ex utroque genere ad civiles rationes adsumpta sint non pauca. Quare quae erunt communia cum poetis, una cum civilibus scribemus; e quibus major societas debet esse nobis cum philosophis quam cum poetis. (a)*

(a) Migne, que neste passo seguimos, traz *poetis*. Mas a edição que utilizamos (de B. Dombart e A. Kalb) traz *propriis*. Neste caso a tradução seria: *para os pontos comuns*.

²¹⁰ Varrão chama de físicos os filósofos que se dedicam à filosofia da natureza (*φυσισ*) e aos teólogos da teologia natural.

CAPÍTULO VII

Semelhança e concordância entre a teologia mítica e a teologia civil.

É, pois, à teologia civil que se reduz a teologia mítica, teatral, cênica, plena de ignomínias e de torpezas; e a que justificadamente é considerada como inteiramente digna de rejeição e de condenação, mais não é que uma parte da outra tida como digna de ser cultivada e observada. E, como me propus demonstrar, certamente não é uma parte heterogênea, estranha a todo o corpo, a ele indevidamente unida e indevidamente dele dependente, mas antes, em perfeita harmonia com o corpo, como um membro a ele adaptado com exatidão.

Que outra coisa mostram efetivamente essas estátuas, formas, idades, sexo e vestuário dos deuses? Se os poetas apresentam um Júpiter barbudo e um Mercúrio imberbe, os pontífices não fazem o mesmo? O enorme pênis²¹¹ atribuído a Príapo pelos histriões, não o é também pelos sacerdotes? Apresenta-se este deus nos lugares sagrados, para ser adorado, de forma diferente da que se apresenta nos teatros para provocar o riso? Será que o velho Saturno e o efebo Apolo são personagens dos histriões e não estátuas dos templos?²¹²

²¹¹ No texto vem *enormia pudenda*, enormes regiões pudendas. Traduzi, porém, esta expressão por «enorme pênis» por ser precisamente este, na sua enormidade, que a mitologia atribuía a Príapo, de cujo nome deriva priapismo, termo com que, ainda hoje, se denomina a doença nervosa caracterizada por uma permanente ereção.

²¹² Como resulta do contexto, o termo efebo (em grego *έφηβος*) é aqui apresentado por Santo Agostinho para, em contraste com o velho Saturno, significar «jovem», adolescente e não efebo no sentido com

Porque é que Fórculo, que preside às portas e Limentinus, que preside aos umbrais, são deuses masculinos, ao passo que Cárdea, a guardiã dos gonzos (*cardines*), que se encontra no meio deles, é fêmea? Não se encontram nos livros referentes às coisas divinas pormenores considerados pelos poetas sérios como indignos dos seus versos? Não é verdade que a Diana do teatro é portadora de armas e a da cidade se apresenta como uma simples donzela? Será que o Apolo que em cena é tocador de cítara, deixa de o ser em Delfos? Estes pormenores são ainda muito honestos em comparação com outros bem torpes.

Que ideia fizeram de Júpiter os que colocaram a sua ama no Capitólio? Não vêm eles assim confirmar a teoria de Evêmero, que, com a verborragia dum mitólogo, mas com a precisão de um historiador, escreveu que todos estes deuses tinham sido humanos, simples mortais?

E que mais quiseram senão transformar em galhofa as cerimônias sagradas os que sentaram os Epulões, deuses parasitas de Júpiter, à mesa deste? Com efeito, se um farsante anunciasse que alguns parasitas foram convidados para o banquete de Júpiter, é evidente que se julgaria que o que ele pretendia era fazer rir. Foi Varrão quem o disse e disse-o não para fazer troça dos deuses, mas para lhes pres-

que os gregos queriam significar a inscrição do jovem de 18 anos, como cidadão, no registro do seu demo (*δῆμος*). V. Fustel de Coulanges in *La Cité Antique*.

tar homenagem. E são os livros que tratam dos assuntos divinos e não os que tratam dos humanos, que o testemunham e este testemunho encontra-se, não nas passagens em que escreveu acerca dos jogos cênicos, mas naquelas em que expõe os direitos capitolinos!

Varrão vê-se finalmente forçado, por todos estes fatos, a confessar que julgaram os deuses sensíveis aos prazeres humanos, precisamente porque os tinham representado com feições humanas.

Aliás, os espíritos malignos não puseram de parte as suas tarefas para confirmarem, zombando das inteligências humanas, estas nocivas ideias. Um exemplo: o guarda de um templo de Hércules, encontrando-se uma vez de folga, em dia de feriado, começou a jogar aos dados consigo mesmo. As suas mãos lançavam alternadamente os dados, uma por Hércules, a outra por si próprio e o combinado era que, se ganhasse, a si próprio ofereceria uma boa ceia e pagaria uma amante com o dinheiro do templo e, se a vitória fosse de Hércules, este, do seu próprio dinheiro se serviria para os seus prazeres. Mas, uma vez vencido por si próprio, como se o tivesse sido por Hércules, obsequiou-o com a ceia devida à famosa meretriz Laurentina. Esta adormeceu no templo e viu-se em sonhos nos braços de Hércules, que lhe disse que o primeiro jovem que encontrasse ao sair do templo lhe daria a recompensa, que devia considerar como se de Hércules fosse recebida. Ao sair, o primeiro com quem se encontrou foi o riquíssimo jovem Tarúcio. Este manteve-a consigo, durante muito

tempo, como amante e, por sua morte, instituiu-a sua herdeira. Posta assim na posse de uma avultadíssima fortuna, para não parecer ingratia ao favor divino, declarou o povo romano seu universal herdeiro, julgando que assim praticava uma obra altamente grata aos deuses. Quando ela desapareceu, descobriram o seu testamento, o que, segundo se diz, lhe valeu mesmo as honras divinas.

Se os poetas imaginassem, se os farsantes representassem tais histórias, dir-se-ia, sem dúvida, que elas respeitam à teologia mítica e julgar-se-ia preciso eliminá-las da teologia civil por contrárias à sua dignidade. Mas, quando um tão grande mestre atribui estas torpezas, não aos poetas, mas aos povos; não aos comediantes, mas aos ritos sagrados; não aos teatros, mas aos templos, isto é, não à teologia mítica, mas à teologia civil, têm os histriones desculpa, quando representam, nas suas comédias, tamanhas desonestidades dos deuses. Mas os sacerdotes é que não têm a menor desculpa quando, nas cerimônias pretensamente sagradas, procuram reconhecer aos deuses uma honestidade de que não são dotados.

Juno tem os seus ritos próprios, que se celebram em Samos, ilha da sua predileção, onde ela foi dada em casamento a Júpiter. Ceres tem os seus ritos próprios, através dos quais se tenta encontrar Prosérpina raptada por Plutão. Também Vênus tem os seus e neles se chora Adônis, seu jovem e formosíssimo amante, morto à dentadas por um javali. A mãe dos deuses tem ritos próprios em que Átis, o

belo adolescente que ela amava e que, por ciúme feminino, ela cas-
trou, é chorado pelos desgraçados da mesma forma mutilados, a que
chamam «galos».

Se estes ritos são mais disformes que as torpezas cênicas, para
quê tantos esforços em separar as ficções dos poetas acerca dos deu-
ses (ficções próprias, claro está, do teatro) da teologia civil instituída,
conforme se diz, para a cidade, como se separa o ignóbil e o obsceno
do honesto e do decente? O que se deve antes é dar graças aos histri-
ões por pouparem os olhares dos espectadores e por não porem a
descoberto nas suas representações todas as ignomínias que se es-
condem por detrás dos muros dos templos.

Poderá pensar-se algo de bom acerca dos mistérios que se co-
brem de trevas, quando os que se desenvolvem em plena luz são já
tão abomináveis? Que ritos se praticam na sombra, por intermédio
desses castrados e invertidos (*molles*), é lá com eles! Mas o que não
puderam foi manter ocultos esses homens, desgraçada e vergonho-
samente efeminados e corrompidos. Vejam se conseguem convencer
seja quem for de que, pelo ministério de tais homens, realizam algo
de santo, já que não podem negar que tais práticas se encontram entre
as suas coisas santas.

Ignoramos o que lá se faz, mas sabemos quem o faz. Conhe-
cemos o que se passa em cena, onde nunca apareceu, nem mesmo no
coro de meretrizes, um castrado ou um invertido. Todavia, são ho-

mens torpes e infames que representam nesses espetáculos, porque pessoas honestas não o poderiam fazer. Que ritos são esses em que a piedade escolhe para ministros seres que até a obscenidade do teatro (*thymelica*) se recusa a admitir no seu seio?

CAPÍTULO VIII

Interpretações naturais que os doutores pagãos pretendem dar acerca dos seus deuses.

Mas, conforme eles afirmam, tudo isto comporta interpretações fisiológicas, isto é, fundadas em razões naturais. Como se nesta discussão tratássemos da física em vez da teologia, da ciência da natureza em vez da ciência de Deus! Embora o verdadeiro Deus seja Deus por natureza e não por conceito, todavia, nem toda a natureza é Deus. Claro que o ser humano é natureza e o animal, a árvore, a pedra são natureza, mas nada disto é Deus.

Mas se, quando se trata das coisas sagradas da mãe dos deuses, o fundamento desta interpretação consiste em considerar a Terra como mãe dos deuses, para quê continuarmos a nossa investigação e para quê indagarmos o resto? Concebe-se prova mais evidente a favor da opinião dos que pretendem que todos os deuses foram humanos, se nasceram da Terra, pois então a Terra é sua mãe. Ora, na verdadeira teologia, a Terra é obra de Deus e não sua mãe.

De resto, seja qual for a maneira de interpretar os mistérios desta deusa, referindo-os à natureza, o que de forma nenhuma é conforme à natureza, mas antes, a ela contrário é, que os homens sirvam de mulheres. Esta doença, este crime, esta ignomínia (que só na tortura os homens de hábitos viciosos confessam), torna-se uma profissão na celebração desses mistérios.

Por outro lado, se estes ritos, que se provou serem mais ignóbeis do que as torpezas da cena, encontram a sua justificação e a sua purificação nas interpretações que neles descobrem sinais de fatos naturais, por que é que se não consideram também justificadas e purificadas as ficções poéticas? Porque, afinal, também no mesmo sentido muitos as têm interpretado.

Assim, a história nefanda e atroz de Saturno devorar seus filhos é interpretada por alguns simbolizando o decurso do tempo que vai consumindo tudo o que gera. Ou então, na opinião do próprio Varrão, Saturno significaria as sementes que voltam de novo à terra donde saíram. Outros propõem outras explicações para este caso e semelhantes para outros casos.

E, contudo, chamam mítica a esta teologia e censuram-na a ela e a todas as suas interpretações simbólicas; rejeitam-na, reprovam-na, separam-na tanto da teologia natural (a dos filósofos) como da teologia civil (a da cidade e dos povos) de que estamos a tratar, como

merecedora de repúdio, porque as suas ficções são indignas dos deuses.

A razão deste repúdio está no fato de que as pessoas tão argutas e doutas que escreveram sobre a questão entendiam que era preciso reprovar as duas teologias, a fabulosa e a civil. Ousavam reprovar a primeira, mas não a segunda. Apresentaram, portanto, a mítica como digna de condenação e expuseram a outra (a civil) como sua semelhante. Procederam assim, não para que esta fosse mantida com preferência àquela, mas para que se visse que tão censurável era uma como a outra e, desta maneira, sem prejuízo para os que receavam censurar a teologia civil, este duplo desprezo permitia à teologia chamada natural impor-se aos melhores espíritos. Por que tanto a civil como a mítica, ambas são fabulosas e ambas são civis. Verificará que ambas são fabulosas quem reparar na vacuidade e na obscenidade de ambas. Notará que ambas são civis quem observar que os jogos cênicos da mítica também se verificam nas festividades dos deuses da cidade e fazem parte do culto público.

Como se pode então atribuir a qualquer destes deuses o poder de concederem a vida eterna, se tanto as estátuas como o seu culto os apresentam nas suas formas, idades, sexo, costumes, casamentos, geração e ritos, tão semelhantes aos deuses fabulosos tão claramente reprovados? Tudo isto mostra que: ou eles foram humanos, em honra dos quais, por causa do teor da sua vida ou da sua morte, se instituí-

ram ritos sagrados e solenidades, introduzindo e fomentando os demônios este erro; ou se admite, pelo menos, que estes espíritos imundos, aproveitando todas as ocasiões, se insinuaram nas inteligências das pessoas para os enganarem.

CAPÍTULO IX

Atribuições de cada um dos deuses.

Quê? Estas atribuições dos deuses, repartidas de maneira tão mesquinha e tão minuciosa, por ser preciso invocar cada um deles conforme a tarefa que lhe é própria e acerca das quais já falamos bastante sem, porém, termos esgotado o assunto, não estarão mais de harmonia com as palhaçadas dos histriões do que com a majestade dos deuses?

Se alguém desse duas amas a uma criança; uma encarregada de apenas fazê-la comer e a outra apenas de fazê-la beber, tal como se atribui às deusas Éduca e Pótina, seria certamente tido por um louco brincando de comédias em sua casa.

Pretende-se que o nome de Líbero está relacionado com *liberamentum* (livramento), por que, com a ajuda dele, são os machos, na cópula, libertados do sêmen emitido e o mesmo faz Líbera, a quem chamam também Vênus, às mulheres, porque também elas, conforme pretendem, expulsam o seu sêmen. É por isso que nos seus templos se oferecem a Líbero os órgãos sexuais do homem e a Líbera os da

mulher. A isto acrescentam que a Líbero são consagradas as mulheres e o vinho, porque provocam a volúpia. Era assim que eram celebradas as Bacanais, num arrebatamento de loucura. O próprio Varrão confessa que, se não estivessem possuídas de delírio, as bacantes não seriam capazes de se entregarem a tais excessos. Mais tarde, porém, estas coisas desagradaram ao Senado, que, mais judicioso, as mandou suprimir. Talvez então se tenha acabado por reconhecer quanto podem sobre a alma humana esses espíritos imundos quando são tomados por deuses. Com certeza que estas coisas não se passariam nos teatros. Nestes, as pessoas divertem-se, mas não deliram, se bem que ter deuses que se deleitam com semelhantes diversões se assemelha ao delírio.

Entre a pessoa religiosa e a pessoa supersticiosa, Varrão descobre esta diferença: a supersticiosa tem medo dos deuses, ao passo que a religiosa os venera como pais e não os teme como inimigos, pois que, na sua opinião, todos os deuses são tão bons, que se sentem mais inclinados a perdoar os culpados do que a prejudicar os inocentes.

Mas também nos recorda que à mulher que dá à luz se destinam três deuses à sua guarda, para impedir que o deus Silvano venha atormentá-la durante a noite. E, como símbolo destes guardiões, três homens fazem rondas noturnas à volta da casa, batendo nos umbrais, primeiro com um machado e depois com um pilão, acabando por

limpá-la com uma vassoura; tríplice símbolo da agricultura, destinado a vedar ao deus Silvano qualquer acesso.

Mas, o que é que isto quer dizer? A explicação é que, nem as árvores se cortam e se podam sem o ferro, nem a farinha se prepara sem o pilão e sem a vassoura não se juntam os grãos num monte. Foi destes três objetos que três deuses tomaram o nome: Intercidona, do gume do machado (*intercisio*); Pilumnum, do pilão (*pilum*); Deverra, da vassoura (*deverro* = varrer). É com estes deuses custódios que se defende a prole das investidas do deus Silvano.

Com certeza que de nada valeria, contra a crueldade de um deus nocivo, a custódia dos bons, se não se juntassem muitos contra um e se a este deus rústico, terrífico e inculto (pois que é da selva) não se opusessem os emblemas da cultura que lhe são contrários. É então esta a inocência dos deuses? É esta a concórdia dos deuses? Isto é que são as divindades protetoras da cidade, mais dignas de troça do que as palhaçadas dos teatros?

Que o deus Jugatino intervenha na união do homem com a mulher; vá lá! Mas é preciso levar a noiva a casa e lá temos o deus Domiducus. Para instalá-la lá, está o deus Domitius. Para fazê-la ficar com o seu marido, junta-se a deusa Mantuma.

Para quê buscar mais? Tenha-se em consideração o pudor humano! Seja a concupiscência da carne e do sangue a levar a cabo o resto no recato do pudor. Para quê encher o quarto com uma caterva

de deuses quando se retiram os paraninfos?²¹³ E enchem o quarto, não para que o conhecimento da sua presença constitua uma garantia maior do pudor, mas para que a mulher, débil em razão do sexo, aterrada pela novidade, graças ao concurso deles perca a virgindade sem dificuldade. Realmente, lá estão presentes a deusa Virginense, o deus-pai Súbigo, a deusa-mãe Prema, a deusa Pertunda e ainda Vênus e Príapo!

Que vem a ser isto? Se era absolutamente necessário que os deuses ajudassem o varão em apuros, não bastaria um ou uma? Não bastaria apenas Vênus, pois que, diz-se, ela assim se chama por que, sem violência (*vis*), a mulher nunca poderá deixar de ser virgem? Se nos homens há pudor que falta aos deuses, os esposos que acreditam na presença de tantos deuses de ambos os sexos, todos atentos ao ato conjugal, não se sentirão possuídos de tal vergonha que o ardor do ato se vai apagando e vai aumentando a resistência da vergonha?

Se, para desatar o cinto da donzela, lá está a deusa Virginense; se lá está o deus Súbigo para a submeter ao varão; se, para a obrigar, uma vez entregue, a deixar-se desflorar sem resistência, está lá a deusa Prema, o que faz lá a deusa Pertunda? Que tenha vergonha! Que se vá embora! Que deixe ao marido alguma coisa para fazer! É altamente indecoroso que seja outro a cumprir uma tarefa que, como o

²¹³ Paraninfos são os rapazes, em número de três, que constituem o acompanhamento da noiva até casa do noivo. V. M. David, *La religion romaine*. Lille, 1949-50, p. 111.

seu nome indica, só a ele pertence. Talvez seja tolerada por se tratar de uma deusa e não de um deus. Porque, se visse que se tratava de um deus masculino, que se chamaria então Pertundo, o marido, para salvar a honra da mulher, contra ele chamaria por mais socorros do que a parturiente contra Silvano. Mas, o que estava dizendo, se há um outro bem macho — Príapo — sobre cujo enormíssimo e tão repugnante membro obrigam os recém-casados a sentarem-se, conforme é costume honestíssimo e religiosíssimo das matronas?

Que tentem ainda, com toda a sutileza de que são capazes, distinguir a teologia civil da teologia mítica, as cidades do teatro, os templos da cena, os ritos dos pontífices dos cantos dos poetas, como se distingue o honesto do torpe, o verdadeiro do falso, o grave do frívolo, o sério do jocoso, o apetecível do desprezível!

Compreendemos como se comportam; sabem que a teologia do teatro e da fábula provém da teologia civil e que esta se reflete nos cantos dos poetas como num espelho. Por isso, depois da exposição desta, que não se atrevem a condenar, censuram e recriminam a sua imagem com mais liberdade para que os leitores mais esclarecidos desprezem, ao mesmo tempo, o rosto e a imagem. Todavia, os próprios deuses, vendo-se nesta imagem como se se vissem num espelho, amam-se de tal forma que é no espelho e na imagem que melhor se vê quem são e o que são eles. Por isso obrigam também os seus adoradores, com ordens terríveis, a dedicarem-lhes às imundícias da

teologia mítica, a concederem-lhes um lugar nas solenidades e a temrem-nos por coisas divinas. E assim se declararam, com maior evidência, como os mais imundos dos espíritos e fizeram com que esta teologia do teatro, abjeta e reprovada, se tornasse parte constitutiva da seleta e recomendável teologia urbana.

Desta forma, todo este conjunto é torpe e enganoso, cheio de deuses imaginários, achando-se uma das suas partes nos livros dos sacerdotes e a outra no canto dos poetas. Se contém ainda outras partes, isso é outra questão. Por agora, parece-me que deixei suficientemente demonstrado que, seguindo a divisão de Varrão, a teologia da cidade e a do teatro se reduzem à mesma teologia civil. Consequentemente, como ambas rivalizam em vilania, absurdo, indignidade, falsidade, longe esteja da pessoa religiosa esperar a vida eterna, quer duma quer doutra.

Finalmente, o próprio Varrão começa a sua recensão e enumeração dos deuses a partir da concepção do ser humano, pondo Jano à frente da série; prossegue a série até à morte da pessoa decrépita; e fecha a lista dos deuses, afetos ao ser humano, com a deusa Nênia, que se canta nas exéquias dos velhos.

Começa depois a mostrar os outros deuses, afetos, já não ao ser humano, mas às coisas que este utiliza, tais como o alimento, o vestuário e tudo o que a esta vida é necessário, acabando por revelar qual é a tarefa de cada um e o que é que a cada um se pode pedir. Em

toda esta diligente enumeração, não apresentou nem nomeou deus algum a quem se possa pedir a vida eterna, única por causa da qual somos cristãos.

Quem será tão tacanho, que não comprehenda que, expondo e explicando com tanto cuidado a teologia civil, mostrando a sua semelhança com a indigna e infame teologia fabulosa, ensinando com bastante clareza que esta teologia fabulosa mais não é que uma parte da outra, este homem se propôs infiltrar nos espíritos humanos apenas a teologia natural que diz provir dos filósofos? Com tal sutileza reprova a teologia mítica, sem se atrever a criticar a civil, embora esta se mostre repreensível com a sua simples apresentação e afasta, desta maneira, duma e doutra, o juízo dos atilados, que não resta senão a escolha da natural.

Disto tratarei mais demoradamente, na ocasião oportuna, com a ajuda de Deus.

CAPÍTULO X

Da liberdade de espírito de Sêneca, que critica a teologia civil com mais veemência do que Varrão criticou a teologia mítica.

A liberdade que a Varrão faltou para criticar a teologia civil tão abertamente como a cênica, apesar de tão semelhantes, não faltou, pelo menos em parte, a Aneu Sêneca, que, segundo certos indícios,

brilhou nos tempos dos Apóstolos. Mas, se a teve nos seus escritos, faltou-lhe, porém, na vida.

No seu livro contra as superstições (*De superstitione*), atacou esta teologia urbana muito mais ampla e vigorosamente do que Varão a dos teatros e das fábulas. Efetivamente, quando se refere aos ídolos, diz: *Presta-se culto a seres sagrados, imortais, invioláveis, representados na mais vil e inerte matéria; dá-se-lhes a forma de humanos, de feras, de peixes, algumas vezes um duplo sexo e com diversos corpos; chamam deuses a estes entes que, se se tornassem vivos e nos aparecessem de surpresa, seriam tomados por monstros*²¹⁴.

Um pouco mais à frente, ao elogiar a teologia natural, depois de ter classificado as opiniões de alguns filósofos, põe a si mesmo a seguinte questão: *Alguém me dirá ao chegar a este ponto: tenho que acreditar que o Céu e a Terra são deuses, que uns habitam acima e outros abaixo da lua? Poderei eu estar de acordo com Platão ou com o peripatético Estratão, dos quais um concebe deus sem corpo e o outro concebe-o sem alma?*²¹⁵

²¹⁴ *Sacros, immortales, inviolabiles in materia vilissima atque immobili dedicant, habitus illis hominum, ferarum que et piscium, quidam vero mixto sexu, diversis corporibus induunt; rtumina vocant, quae si spiritu accepto subito occurrerent, monstra haberentur.* Annaeus Seneca, *De Superstitione* (a).

(a) Temos conhecimento desta obra de Sêneca apenas por esta citação de Santo Agostinho, por uma referência que lhe faz Diomedes in *Grammat. Lat. I.* pag. 379, 19) e uma equívoca alusão de Tertuliano (in *Apolog. XII*).

²¹⁵ *Hoc loco dicit aliquis: credam ego caelum et terram deos esse et supra lunam alios, infra alios? Ego feram aut Platonem out Peripateticum Stratonom quorum alter fecit deum sine corpore, alter sine animo?*

E responde:

*Então, quais te parecem mais verdadeiros, os sonhos de T. Tácio ou os de Rômulo ou os de Tulo Hostílio? Tácio fez de Chacina uma deusa, Rômulo tornou Pico e o Tiberino em deuses, Hostílio transformou em deuses o Pavor e o Palor, as mais sombrias afecções humanas, das quais, uma resulta de um abalo do espírito atemorizado e a outra de um abalo do corpo, não uma enfermidade, mas uma falta de cor. Será que vais acreditar nestas divindades e pô-las no céu?*²¹⁶

A liberdade com que Sêneca escreveu acerca de ritos tão cruelmente obscenos! Diz ele:

Um amputa os seus próprios órgãos viris; outro corta os bíceps dos braços. Como é que temerão a cólera dos deuses os que assim os aplacam? Não se deve prestar qualquer espécie de culto a deuses que querem uma coisa destas! Tão grande é a loucura de uma alma perturbada e como que lançada fora de si, que ela pretende aplacar os deuses comportando-se como o não fariam as pessoas mais temíveis e cuja crueldade passou à história fabulosa. Tiranos houve que despedaçaram os membros das suas vítimas, mas a ninguém ordenaram que despedaçassem os deles próprios. Alguns des-

²¹⁶ *Quid ergo tandem veriora tibi videntur T. Tatii aut Romuli aut Tulli Hostilii somnia? Cloacinam Tatius dedicavit deam, Picum Tiberinumque Romulus, Hostilius Pavorem atque Pallorem taetemmos hominum affectus, quorum alter mentis territae motus est, alter corporis ne morbus quidem, sed color. Haec num irn potius credes et caelo recipies?*

*graçados foram castrados para satisfazerem a vergonhosa lascívia dos reis, mas ninguém se mutilou com as suas próprias mãos às ordens do seu senhor para deixar de ser homem. Golpeiam-se nos tempos, oferecem em súplica as suas feridas e o seu sangue. Se a alguém fosse dada a oportunidade de observar os que assim procedem e sofrem, veria coisas tão repugnantes para as pessoas decentes, tão indignas das pessoas livres, tão longe dos sãos espíritos, que ninguém duvidaria de estar no meio de loucos, se fossem poucos. No caso, a multidão dos insensatos torna-se garantia da sua sanidade mental*²¹⁷.

Quanto ao que se passa no próprio Capitólio, que ele menciona a seguir e reprova (com que coragem!), quem poderia acreditar que essas cenas não são realizadas senão por farsantes ou por loucos? Primeiro, põe a ridículo os mistérios do Egito, as lágrimas que derramam sobre Osíris perdido e a grande alegria que manifestam, logo a seguir, ao encontrarem-no, quando, afinal, tanto a sua perda como o seu encontro são puras ficções; todavia exprimem uma dor e uma alegria sincera da parte daqueles que nada perderam nem achararam.

²¹⁷ *Ille viriles sibi partes amputai, ille lacertos secat. Ubi iratos deos timent qui sic propitiis merentur? Dii autem nullo debent coli genere, si hoc volunt. Tantus est perturbatae mentis et sedibus suis pulsae furor, ut sic dii placentur, quem ad modum ne quidem homines saeviunt taeterrimi et in fabulas traditae crudelitatis. Tyrani laceraverunt ali quorum membra, neminem sua lacerare jussérunt. In regiae libidinis voluptatem castrati sunt quidam; sed nemo sibi, ne vir esset, jubente domino manus adtulit. Se opsi in templis contrucidant, vulneribus suis ac sanguine supplicant. Si cut intueri vacet, quae faciunt quaeque patiuntur, inveniet TAM indecora honestis, tam indigna liberis, tam dissimilia sanis, ut nemo fuerit dubitaturus furere eos, si cum paucioribus furerent; nunc sanitatis patrocinium est insanientium turba.*

Depois, observa:

*Porém esta loucura tem uma duração limitada. Ser louco uma vez por ano suporta-se. Mas, suba ao Capitólio: corarás de vergonha ao veres a generalizada demência que o frenesi toma como um dever. Um apresenta nomes a Júpiter, outro anuncia-lhe as horas; um é o seu massagista (*litor*), outro é o seu perfumista que com o ridículo movimento de braços imita a ação do perfumista. Há as que arranjam os cabelos de Juno e de Minerva (mantendo-se de pé, afastadas do templo e do ídolo, mexem os dedos como os cabeleireiros). Há as que seguram no espelho. Há as que pedem o patrocínio dos deuses nos seus pleitos e há os que lhes apresentam memoriais escritos e os informam das suas causas. Um hábil chefe de histriões, velho já decrépito, representa todos os dias uma farsa no Capitólio, como se os deuses sentissem prazer em contemplarem um ator a quem os homens já não ligam importância. Ali cai toda a casta de artífices para trabalharem para os deuses imortais²¹⁸.*

E, um pouco mais à frente, acrescenta:

²¹⁸ *Huic tamen furori certum tempus est. Tolerabile est semel anno insanire. In Capitolium perveni, pudebit publicatae dementiae, quod sibi vanus furor attribuit afficio. Alius nomina deo subicit, alius horas Jovi nuntiat: aliis litor est, aliis unctor, qui vano motu bracchiorum imitatur unguentem. Sunt quae Junoni AC Minervae capillos disponant (longe a templo, non tantum a simulacro stantes digitos movent omantium modo), sunt quae speculum teneant, sunt qui vadimonia sua deos advocent, sunt qui libellos offerant et illos causam suam doceant. Doctus archimimus, senex jam decrepitus, cotidie in Capitolio mimum agebat, quasi dii libenter spectarent, quam illi homines desierant. Omne illic artificium genus operatum diis immortalibus desiderat.*

*Todavia, estes (serviços prestados a um deus), por muito inúteis que sejam, não são vergonhosos nem infames. Algumas, que se julgam amadas por Júpiter, instalam-se no Capitólio, mas não ficam amedrontadas nem mesmo com o olhar de Juno o qual, a crer nos poetas, é irritadíssimo*²¹⁹.

Esta liberdade não a teve Varrão; apenas se atreveu a criticar a teologia poética; na teologia civil — que Sêneca demoliu — , nem ousou tocar. Mas, verdade se diga, os templos, onde estes fatos se passam, são piores do que os teatros, onde eles se simulam. Por isso, nas cerimônias da teologia civil, a parte que Sêneca reserva ao sábio não é a adesão de um coração sinceramente religioso, mas a celebração exterior. Efetivamente, diz ele: *O sábio tudo isto observará como coisa ordenada e não como coisa grata aos deuses*²²⁰.

E, um pouco à frente, acrescenta:

Que significam esses casamentos que celebramos entre os deuses e até, com desprezo da religião, entre irmãos e irmãs? Juntamos Pelona a Marte, Vênus a Vulcano, Salácia a Netuno. Todavia, deixamos algumas solteiras, como se lhes faltasse algum requesito; apesar de haver algumas viúvas como Papulônia ou Fúlgora e a deusa Rúmina. Não me admiro de que para elas tenha faltado pre-

²¹⁹ *Hi ternen etiamsi super vacuum usum, non turpem nec infamem deo promittunt. Sedent quaedam in Capitolio, quae se a Jove amari putant: ne Junonis quidem si credere poetis velis, iracundissimae, respectu terrentur.*

²²⁰ *Quae amnia sapiens servabit tan quam legibus jussa, non tan quam diis grata.*

*tendente. Toda esta obscura turbamulta de deuses, que uma longa superstição foi engrossando no decurso de tão longos séculos, adoramo-la nós, lembrando-nos, porém, de que este culto assenta mais no costume do que na verdade*²²¹.

Por conseguinte, nem as leis nem os costumes estabeleceram na teologia civil o que é que seria agradável aos deuses ou interessaria a este assunto. Todavia, este Sêneca, libertado pela filosofia²²², como convinha a um ilustre senador do Povo Romano, honrava o que censurava, praticava o que reprovava, adorava o que condenava. Quer dizer, a filosofia tinha-lhe ensinado alguma coisa de grande: não ser supersticioso no mundo; mas as leis da cidade e as tradições humanas obrigaram-no, sem descer ao papel de histrião representando ficções no palco, a imitar esse papel no templo; pelo que é tanto mais digno de censura quanto mais, praticando esses ritos sem sinceridade, assim procedia para que o povo pensasse que era com sinceridade que procedia; o próprio comediante, ao representar, pretende divertir e não enganar com as suas mentiras.

²²¹ *Quid quod et matrimonia deorum jungimus, et ne pie quidem, fratrum et sororum! Bellonam Marti colocamus, Vulcano Venerem, Neptuno Salatiam. Quosdam tamem caelibus relinquimus, quasi condicio defecerit, praesertim cum quaedam viduae sint, ut Populonia vel Fulgora et diva Rumina; quibus non miror petitorum defuisse. Omnem istam ignobilem deorum turbam, quam longo aevo longa superstítio congreguit, sic adorabimus, ut meminerimus cultum ejus magis ad morem quam ad rem pertinere.*

²²² Traduzi por «libertado pela filosofia» a frase *quem philosophi quase liberum fecerunt*, por assim melhor se lhe captar o sentido. Em Migne, em vez desta, vem a frase *quem philosophia quasi liberum fecerat*, «a quem a filosofia como que libertou».

CAPÍTULO XI

O que Sêneca pensava dos judeus.

Entre as superstições da teologia civil, Sêneca criticava também os ritos sagrados dos judeus. Sobretudo, o sabá. Diz ele que era uma prática inútil, porque, repetindo-se de sete em sete dias, faz perder na ociosidade quase um sétimo da vida, além de que muitas tarefas urgentes são prejudicadas com esta folga.

Quanto aos cristãos, já então inimigos declarados dos judeus, não ousou falar deles em qualquer sentido, nem para os louvar contrariamente aos velhos hábitos da sua pátria, nem para os maldizer, contrariamente talvez ao seu modo de sentir.

Acerca dos judeus, eis o que ele diz: *Os costumes desta gente perversa adquiriram tal poder que já se impuseram em todas as regiões: os vencidos impuseram as suas leis aos vencedores*²²³.

Dizendo isto, mostrava a sua admiração; mas, ignorando os planos divinos, acrescenta esta observação em que bem se revela o que sentia acerca da significação dos seus ritos sagrados: *Eles sabem quais as origens dos seus ritos; mas a maior parte do povo pratica-os sem saber o que faz*²²⁴.

²²³ Cum interim usque eo sceleratissimae gentis consuetudo convaluit, ut per omnes jam terras recepta sit; victi victoribus leges dederunt. Annaeus Seneca, *De Superstitione*.

²²⁴ Illi tamen causas ritus sui noverunt; major pars populi facti, quod cur faciat ignorat. Id. Ib..

Mas estes ritos sagrados __ por que e na medida em que foram instituídos pela autoridade divina e como posteriormente esta mesma autoridade divina os retirou, na ocasião oportuna, do povo de Deus, ao qual foi revelado o mistério da vida eterna __ já o expusemos em outra parte, sobretudo nos tratados contra os maniqueus e é assunto de que voltaremos a tratar, em momento mais oportuno, nesta obra.

CAPÍTULO XII

Verificada a inutilidade dos deuses gentílicos, que nem à vida temporal conseguem prestar ajuda, é indubitável que eles a ninguém são capazes de conceder a vida eterna.

Até agora, tratamos das três teologias que os Gregos denominam mítica, física e política e que, em latim, se podem chamar fabulosa, natural e civil e demonstramos que a vida eterna, nem da fabulosa (que é abertamente reprovada pelos próprios adeptos da multidão dos falsos deuses) e nem da civil (que mais não é que uma parte em tudo semelhante àquela, se não mais detestável ainda) se pode esperar.

Se se achar insuficiente o que neste livro ficou dito, pois acrescentem-se-lhe os numerosos desenvolvimentos dos livros precedentes, sobretudo do quarto, acerca de Deus dispensador da felicidade. De fato, se a felicidade fosse uma deusa, a quem deveriam os humanos consagrarse, tendo em mira a vida eterna, senão à felicidade? Mas como ela é, não uma deusa mas um favor divino, a que deus nos

havemos de consagrar senão ao Deus que concede a felicidade? Nós que, com caridosa piedade, amamos a vida eterna, onde se encontra a felicidade plena e verdadeira.

Ora, todos esses deuses que se adoram de uma forma tão vergonhosa e que se irritam ainda mais vergonhosamente, quando se lhes recusam tais adorações, confessando assim que são espíritos imundos, são incapazes de conceder a felicidade. Depois de tudo isto, ninguém, parece-me, pode pôr em dúvida o que fica dito.

Enfim, como pode conceder a vida eterna quem não pode conceder a felicidade? Realmente, nós chamamos vida eterna àquela em que a felicidade não tem fim. Se a alma vive, com efeito, nas penas eternas que torturam igualmente os espíritos imundos, existe para ela mais uma morte eterna do que uma vida. Não há pior nem mais completa morte do que aquela em que a morte não morre! Mas, como a natureza da alma, criada imortal, não poderá ser privada de toda a vida, a sua morte suprema consiste em ser separada da vida de Deus numa eternidade de suplício. Por conseguinte, a vida eterna, isto é, que não tem fim, só a pode conceder aquele que concede a verdadeira felicidade.

Ora, esses deuses, que a teologia civil venera, não podem concedê-la, como se provou. Não temos pois que os venerar, quer na mira dos bens temporais e terrenos, como já demonstramos nos cinco livros precedentes, quer principalmente na da vida eterna, aquela que

se segue à morte, como já mostramos neste e também nos livros anteriores.

Mas, como o hábito inveterado cria raízes bem profundas, se alguém julgar que não expus suficientemente a necessidade de rejeitar e pôr de parte a teologia civil, pois então leia-se atentamente o livro que se segue, destinado a completar, se Deus me ajudar, o presente.

Livro VII - Os deuses escolhidos.

Santo Agostinho se dedica neste livro ao exame dos deuses escolhidos da teologia civil: Janus, Júpiter, Saturno e os outros. Ele demonstra que o culto prestado a esses deuses não é de nenhuma utilidade para adquirir a felicidade eterna.

PREFÁCIO

Pois, como tentei, com a maior diligênciarrancar e extirpar as velhas e perniciosas doutrinas, inimigas do verdadeiro sentimento religioso, que um inveterado erro do gênero humano inculcou poderosa e profundamente nos espíritos tenebrosos e, de acordo com as minhas débeis forças e fortalecido com a ajuda divina, cooperei com a graça d'Aquele que, como verdadeiro Deus que é, tem o poder de dá-la, queiram os mais prontos e mais bem dotados, aos quais bastam os livros anteriores para seu esclarecimento, ter para comigo paciência e calma e não julguem supérfluo para os outros o que para si próprios não julgam necessário!

É que se trata de um assunto muito importante, este de mostrar que a verdadeira e verdadeiramente santa Divindade, embora seja dela que nos vêm também todos os socorros necessários à fragilidade de que somos portadores, deve ser procurada e honrada, não por causa desta vida mortal, que não passa de transitória fumaça, mas sim por causa da vida bem-aventurada, que outra não é senão a vida eterna.

CAPÍTULO I

Não se encontra, como demonstramos, a característica de deidade na teologia civil. Será que a poderemos achar nos deuses seletos?

Esta divindade ou, como melhor direi, esta deidade (pois já não nos repugna empregar estas palavras para traduzirmos com maior precisão o termo grego *Teotes*), esta divindade, ou esta deidade, é característica não referida na teologia a que Marco Varrão dá o nome de civil e se encontra exposta em dezesseis livros. Quer dizer, honrando os deuses tais como as cidades os instituíram e da maneira como são honrados, não se pode alcançar a felicidade da vida eterna. Acerca deste assunto, o leitor a quem o livro sexto não chegou a convencer, ao ler este nada mais terá a desejar.

O que pode efetivamente acontecer é que se julgue que, pelo menos os deuses escolhidos principais, estudados por Varrão no seu último livro, de que pouco temos falado, devem ser venerados na mira da vida feliz, que outra não pode ser senão a eterna. A este propósito, não pegarei na expressão de Tertuliano, talvez mais faceta do que exata: *Se se escolhem os deuses como as cebolas, tudo o que não é escolhido é, seguramente, considerado refugo*²²⁵.

Não digo isso. Vejo que mesmo entre os escolhidos há outra escolha de alguns para desempenharem funções mais altas e mais

²²⁵ *Si dii eliguntur ut bulbi, utique ceteri reprobi judicantur.* Tertuliano, *Ad nationes*, II, 9.

importantes. Assim como, no exército, depois de uma escolha entre os recrutas, opera-se uma seleção no mesmo grupo, com vistas a um mais árduo trabalho das armas; também na Igreja, quando se escolhem homens para a dirigirem, nem por isso os outros fiéis passam a ser rebotalho, porque todos os verdadeiros crentes são justamente considerados eleitos. Da mesma forma, nos edifícios se escolhem as pedras angulares sem que com isso se rejeitem as outras, que são destinadas às outras partes do edifício. Assim também, escolhem-se uvas para comer, sem se considerarem refugo as que ficam para a bebida. Não há necessidade de insistirmos; isto é bem claro.

Por isso, só porque se escolheram certos deuses dentre muitos, não merecem desprezo nem quem acerca deles escreveu, nem os seus adoradores, nem os próprios deuses. Deve-se antes averiguar quais são esses deuses e para que fim parece que foram escolhidos.

CAPÍTULO II

Quais são os deuses *escolhidos* e se estes se devem considerar libertos das funções dos deuses *inferiores*.

Os deuses escolhidos, que Varrão aponta no decurso de um só livro, são os seguintes: Jano, Júpiter, Saturno, Gênio, Mercúrio, Apolo, Marte, Vulcano, Netuno, Sol, Orco, Líbero-pai, Telure, Ceres, Juno, Lua, Diana, Minerva, Vênus, Vesta. Vinte ao todo, sendo doze deuses e oito deusas.

Chamam-se escolhidas estas divindades em razão da maior importância das suas funções no mundo, por causa da sua maior autoridade entre os povos, ou devido à maior importância do culto que lhes é prestado?

Se é por causa da importância das suas tarefas no governo do mundo, não deveríamos encontrá-las no meio dessa multidão de divindades a bem dizer plebeias, afeitas a papéis insignificantes. Com efeito, para principiar, é o próprio Jano quem, no ato da concepção, onde têm origem todos os empregos miúdos distribuídos aos deuses miúdos, abre o acesso à recepção do sêmen. Mas também ali está Saturno pela mesma causa do sêmen. Está lá também Líbero, que alivia o macho também pela efusão do sêmen. Está lá ainda Líbera, que se identifica com Vênus, para prestar à mulher o mesmo serviço, aliviando-a, a ela também, pela emissão do sêmen.

Todos estes deuses são dos que se chamam escolhidos. Mas também lá está a deusa Mena, que preside o fluxo menstrual, apesar de não ser nobre, embora seja filha de Júpiter. Aliás, Varrão, no seu livro acerca dos deuses escolhidos, assinala este domínio das menstruações à própria Juno, a rainha dos deuses escolhidos e, sob o nome de Juno Lucina, ela própria preside o fluxo sanguíneo com a dita Mena, sua nora.

Estão lá, ainda, dois deuses, não sei quais, muito obscuros. Um Vitumno e um Sentino, que conferem ao feto, o primeiro a vida e o

segundo a sensibilidade. É extraordinário! Apesar de mais obscuros, concedem muito mais que tantos deuses eminentes e escolhidos. Realmente, em que se torna tudo o que a mulher traz no seu seio, se for desprovido de vida e de sensibilidade, senão em não sei que mais abjeto, comparável à lama e ao pó?

CAPÍTULO III

Não há qualquer motivo assinalável na escolha dos deuses, pois que muitos deuses inferiores exercem funções mais elevadas do que as dos escolhidos.

Qual teria sido então a causa que obrigou tantos deuses escolhidos a essas tarefas mesquinhas, ao passo que um Vitumno e um Sentino, *a quem uma obscura fama esconde*²²⁶ os superam na partilha das grandezas? Com efeito, é Jano, deus escolhido, quem abre o acesso e, por assim dizer, a porta ao sêmen. É Saturno, deus escolhido, quem fornece o próprio sêmen. É Libero, deus escolhido, quem facilita a emissão nos homens, como Líbera, que é a própria Ceres ou Vênus, o facilita às mulheres. É Juno, deusa escolhida (e não sozinha, mas com Mena, filha de Júpiter), quem assegura o fluxo menstrual para que se desenvolva o que foi concebido. E é um obscuro e desconhecido Vitumno quem confere a vida. Um obscuro e desconhecido Sentino quem confere a sensibilidade; dois benefícios tão

²²⁶ *quos fama obscura recondit.* Virgílio, *Eneida*, V, 302.

acima de tantos outros, como estes estão abaixo da inteligência e da razão.

De fato, assim como os seres dotados de razão e de inteligência estão acima dos que, desprovidos de razão e de inteligência, vivem e sentem como gado, assim também os seres dotados de vida e de sensibilidade estão com razão acima dos que não vivem nem sentem. Consequentemente, Vitumno, o despenseiro da vida e Sentino, o despenseiro da sensibilidade, mereceriam ocupar um lugar entre os deuses escolhidos, mais do que Jano, o introdutor do sêmen, mais do que Saturno que o concede e difunde, mais do que Líbero e do que Líbera, que o movimentam e emitem. Sêmen que, aliás, não merece ser considerado se não atinge a vida e a sensibilidade. E não são estes dois dons de eleição que provêm dos deuses escolhidos, mas de certos deuses ignorados e, perante a grandeza dos outros, desprezados.

Haverá quem responda: Jano tem poder sobre todos os começos e é por isso que está certo que lhe atribuem as preliminares da concepção. Saturno dispõe de todos os sêmenes e por isso também a inseminação do homem não pode passar sem a sua ajuda. Líbero e Líbera presidem a todas as emissões seminais, razão por que dirigem todos os atos concernentes à reprodução humana. Juno preside a todas as purificações e a todos os partos e por isso não deixa de assistir às purificações das mulheres e aos nascimentos humanos. Mas, neste

caso, respondam, pois é isso que se pretende, acerca de Vitumno e de Sentino, têm eles também poder sobre todo o ser vivo e sensível?

Se concordam que assim é, reparem a que alto posto devem ser guindados. Realmente, nascer duma semente, é nascer na terra e da terra, ao passo que viver e sentir pertence também, em sua opinião, aos deuses siderais. Mas, se disserem que a Vitumno e a Sentino pertencem apenas os atributos que se desenvolvem na carne e se apoiam nos sentidos; porque é que Deus, mercê do qual tudo vive e sente, não há de ser ele quem dispensa à carne a vida e a sensibilidade e quem, pela sua ação universal, concede também este dom aos recém-nascidos? Que necessidade há de Vitumno e de Sentino?

Será que aquele que preside a toda a vida e a toda a sensibilidade lhes confiou, como que a criados, estes domínios da carne tidos por muito distantes e muito baixos? Têm estes deuses escolhidos tanta falta de criadagem que nem têm a quem confiar estes cuidados, mas são constrangidos, apesar de toda a sua nobreza que lhes valeu o serem escolhidos, a trabalharem na companhia de deuses obscuros?

Assim, Juno, deusa escolhida, a rainha, «a esposa e irmã de Júpiter», tem ela própria que ser Interduca para as crianças e cumpre o seu serviço com duas das mais obscuras das deusas: Abeona e Adeona. Junta-se-lhes a deusa Mente, encarregada de incutir nas crianças um espírito reto e não a colocam entre os deuses escolhidos, como se o ser humano pudesse receber alguma coisa de maior importância!

Mas Juno é lá admitida na qualidade de Interduca e de Domiduca, como se fosse grande coisa «andar no caminho» e «dirigir-se para casa» sem espírito reto. Benefício que depende de uma deusa que, os que presidiram à escolha, não pensaram em colocar entre as divindades escolhidas.

Seria, porém, melhor tê-la preferido a Minerva, a quem, entre outras funções menores, se atribui a memória das crianças. Quem é que, de fato, poderá duvidar de que um espírito reto é muito superior à mais prodigiosa memória? Ninguém será mau por ter um espírito reto, mas há gente péssima que tem uma admirável memória e é tanto pior quanto menos capaz for de esquecer seus maus propósitos. E, todavia, Minerva figura entre os deuses escolhidos, ao passo que a deusa Mente se perde na multidão dos sem categoria.

E que direi da Virtude e da Felicidade, de que tanto falamos já no livro quarto? Admitem-nas como deusas, mas não lhes concedem lugar entre os deuses escolhidos. Concederam-no, porém, a Marte e a Orco, encarregados, o primeiro de ocasionar as mortes violentas, o segundo de acolher em si os defuntos!

Nestes insignificantes trabalhos, minuciosamente repartidos por uma caterva de deuses, vemos que os deuses escolhidos trabalham como trabalha o Senado com a plebe e encontramos funções, mais importantes e melhores que as dos chamados deuses escolhidos, desempenhadas por certos deuses que não foram considerados dignos

de qualquer escolha. Resta concluir que, se eles se encontram entre os deuses principais e escolhidos, tal não resulta dos cargos mais elevados que desempenham no mundo, mas apenas da sorte de serem mais conhecidos do povo. Aí está porque o próprio Varrão afirma que a certos deuses-pais e a certas deusas-mães aconteceu como acontece aos humanos: caíram na obscuridade.

Se, portanto, não se devia meter a Felicidade na categoria dos deuses escolhidos, porque não há dúvida de que esta honra se deve, não ao mérito mas à sorte, dever-se-íá então colocar a Fortuna, pelo menos entre estes deuses ou até acima deles, pois que, segundo se diz, ela dispensa os seus favores a cada um, não segundo a ordem da razão, mas segundo o capricho da sorte. Ela é que deveria, entre os deuses escolhidos, ocupar o primeiro lugar, pois que é principalmente entre estes que ela mostra o seu poder.

Constatamos que não é devido às suas eminentes virtudes, nem por causa de uma felicidade merecida que eles foram postos à parte, mas, conforme o sentimento dos seus próprios adoradores, pelo poder arbitrário da fortuna.

Também o eloquente Salústio pensava, com certeza, nestes deuses quando dizia: *Com certeza que a fortuna é senhora soberana;*

*é ela que, mais conforme o seu capricho do que conforme a justiça, assegura a todos os seres a notoriedade ou a obscuridade*²²⁷.

Efetivamente, não é possível encontrar razões para se enaltecer Vênus e rebaixar a Virtude, quando ambas são colocadas na categoria das deusas sem que se possam comparar os seus méritos.

Mas, se se julga mais digno de honra o que é mais procurado pela maioria, porque é que a deusa Minerva é tão celebrada e a deusa Pecúnia mantida na obscuridade? É que, realmente, entre os humanos, são mais os aliciados pela avareza que os seduzidos pela ciência. E entre os próprios artistas, raras vezes se encontra um que, no seu ofício, não tenha em vista ganhar dinheiro e cada um aprecia sempre mais o fim que se propõe do que o que apenas é um meio para o conseguir.

Se foi, portanto, o juízo de uma multidão estulta que presidiu a esta distinção, porque é que a deusa Pecúnia não obteve a preferência sobre Minerva, já que a maioria dos artistas trabalha na mira do dinheiro (*pecunia*)? Se, porém, esta distinção se deve a um reduzido número de sábios, porque é que a Virtude não foi preferida a Vênus, já que a razão a coloca tão acima destas? Pelo menos, como já disse, a Fortuna, soberana universal na opinião dos que lhe atribuem maior influência, tudo pode tornar glorioso ou obscuro, mais conforme ao

²²⁷ *Sed projecto fortuna in omni re dominatur; ea res cunctas ex libidine magis quam ex vero celebrat obscuratque.* Salústio, *Catiliana*, VIII, 1.

capricho do que à verdade. E se, mesmo entre os deuses, ela tem uma importância que pode tornar glorioso ou obscuro quem ela quiser, deveria ocupar o primeiro lugar entre os deuses escolhidos, já que, sobre os deuses, é tão grande o seu poder. Será que a Fortuna não conseguiu essa honra porque ela própria (é caso para pensar) sofreu uma fortuna adversa? Neste caso, ela, que nobilita os outros, mas a si não pode nobilitar, é de si própria adversária!

CAPÍTULO IV

Está-se melhor com os deuses inferiores, que de nenhuma infâmia estão manchados, do que com os escolhidos, cujas torpezas são tão celebradas.

Uma pessoa ávida de renome e de glória não deixará de felicitar os deuses escolhidos e de lhes chamar afortunados, desde que não repare que, mais pelos ultrajes do que pelas honras, foram eles escolhidos.

Efetivamente, a obscuridade que envolve a turbamulta dos deuses ínfimos protegeu-os da ignomínia. Rimo-nos, na verdade, por os vermos classificados em conformidade com as tarefas que a opinião humana inventou e lhes atribuiu, à maneira de subalternos cobradores de impostos ou de artífices do bairro operário, em que o menor dos vasos, para se dar por acabado, passa por numerosas mãos até que o mestre o termine sozinho. Pensaram, contudo, que não se podia tirar melhor rendimento da multidão dos trabalhadores senão fazendo

com que cada um aprendesse, depressa e com facilidade, apenas uma parte da tarefa, para não obrigá-los, à custa de muito tempo e cansaças, a serem todos perfeitos no trabalho todo.

Todavia, entre os deuses não escolhidos, mal se encontrará um cuja reputação se tenha perdido em consequência de algum crime, ao passo que, entre os escolhidos, a custo se encontrará algum que não tenha sofrido o ferrete de alguma insígne infâmia. Os grandes desceram até às humildes tarefas dos pequenos e estes não foram guindados até aos sublimes crimes daqueles.

É verdade que, acerca de Jano, nada me ocorre a respeito da probidade. E talvez assim seja: teria levado uma vida mais afastada de crimes e torpezas. Acolheu o benigno Saturno fugitivo; partilhou o seu reino com o seu hóspede, embora cada um tenha fundado a sua cidade: Janícula e Satúrnia. Mas essas pessoas, gulosas de tudo o que pode manchar o culto dos deuses, achando demasiado honrosa a vida de Jano, desfiguraram-no na monstruosa fealdade da sua estátua, que o representa, ora com duas, ora com quatro frontes, como que duplicado. Será que quiseram, já que a maioria dos deuses escolhidos perdeu a cara à força de impudor no crime, que Jano aparecesse com tantas mais frontes quanto mais inocente era?

CAPÍTULO V

A doutrina mais secreta dos pagãos e interpretações físicas.

Mas, antes de mais, ouçamos as suas interpretações físicas, por meio das quais tentam disfarçar as torpezas do seu miserável erro, colorindo-o de profundidade doutrinária.

Primeiro, vejamos como Varrão apresenta tais interpretações. Segundo ele, os antigos imaginaram as estátuas, as insígnias e o vestuário dos deuses, para que, ao fixarem o seu olhar nesses ídolos, os iniciados nos mistérios da doutrina pudessem captar pelo espírito a alma do mundo e as suas partes, isto é, os deuses verdadeiros.

Os que talharam as estátuas com aparência humana, ao que parece, acreditaram que a alma dos mortais, presente no corpo humano, se assemelha profundamente à alma imortal; como se se tornassem vasos para designar os deuses e no templo de Libero se pusesse uma garrafa a representar o vinho, significando o continente o conteúdo. O mesmo se diga duma estátua com forma humana: essa estátua significa a alma humana, porque, habitualmente, ela contém, como um vaso, a natureza humana, natureza que eles pretendem que seja Deus ou os deuses.

São estes os mistérios de doutrina que este Varrão de tão elevada ciência sondou e que lhe permitiram formular estas explicações. Mas, ó, dos homens o mais arguto, não terás tu, nestes mistérios de doutrina, perdido aquela sabedoria que te levou a dizer tão justamen-

te que os primeiros que elevaram ídolos para os povos, baniram o temor, mas aumentaram o erro entre os seus concidadãos, ao passo que os antigos romanos prestavam, sem imagens, um culto mais puro aos seus deuses? Foi a autoridade destes antepassados que te inspirou a audácia de falar deste modo contra os seus descendentes. Porque, se os antepassados tivessem, também eles, prestado culto aos ídolos, talvez tu tivesses abafado no silêncio e no receio, a tua opinião, embora verdadeira, acerca da instituição das estátuas e, nestas vãs e perniciosas ficções, terias glorificado esses mistérios de doutrina numa linguagem mais rica e mais elevada. Todavia, a tua alma tão sábia e tão lúcida (quanto te lamentamos!) não foi capaz de atingir, através desses mistérios de doutrina, o seu Deus, isto é, Aquele por quem essa tua alma foi feita — não aquele com o qual ela foi feita — este Deus do qual ela não é uma parte, mas criatura; este Deus que é, não a alma de todas as coisas, mas o criador de todas as almas; que basta com a sua luz para tornar a alma feliz, se ela não for rebelde à Sua graça.

O que se segue nos esclarecerá acerca da natureza e do valor desses mistérios de doutrina. Entretanto, este tão douto Varrão reconhece que os verdadeiros deuses são a alma do mundo e das suas partes. Daqui se vê que toda a sua teologia, isto é, a própria teologia natural, à qual ele tanto concede, deveria estender-se precisamente até à natureza da alma racional.

De fato, acerca da teologia natural, ele antecipa-se com algumas reflexões preliminares no livro que escreveu em último lugar acerca dos deuses escolhidos. Aí veremos se ele conseguiu, por interpretações fisiológicas, conduzir a teologia civil à teologia natural. Se o tiver conseguido, toda a teologia será natural. Nesse caso, para quê tanto cuidado em separá-la da teologia civil? Mas, se não houver justo motivo para tal distinção, se nem mesmo essa teologia natural, que a Varrão tanto agrada, é verdadeira (e realmente ela conduz à alma, mas não conduz a Deus, que fez a própria alma), quão mais abjeta e falsa será então essa teologia civil, que se ocupa sobretudo da natureza dos corpos! Assim o demonstram as próprias interpretações, algumas das quais tenho necessariamente de comentar e que Varrão com tanto cuidado indicou e expôs.

CAPÍTULO VI

Na opinião de Varrão, Deus é a alma do Mundo, embora nas suas partes possua numerosas almas de natureza divina.

Nas suas reflexões preliminares acerca da teologia natural, o cidadão Varrão emite a sua opinião de que Deus é a alma do Mundo (a que os Gregos chamam *cosmos*) e de que este mesmo mundo é Deus. Mas, assim como um homem sábio, composto de corpo e alma, só se chama sábio devido à alma, assim também o Mundo se chama deus devido à sua alma, uma vez que ele é formado de corpo e alma.

Aqui parece que Varrão, de certo modo, reconhece um só Deus. Mas, para ele introduzir ainda vários outros, acrescenta que o Mundo se divide em duas partes — o Céu e a Terra — e que o Céu se desdobra em éter e ar e a Terra em água e terra firme. Destes elementos, o éter é o mais elevado; em segundo lugar vem o ar; em terceiro lugar, a água; e, abaixo de todos, a terra.

Todas estas quatro partes estão cheias de almas; o éter e o ar, de almas de imortais; a água e a terra, de almas de mortais. No alto, desde o círculo mais elevado do Céu até ao da Lua, residem as almas etéreas, astros, estrelas, em que a nossa inteligência e mesmo os nossos olhos nos fazem reconhecer deuses celestes. Entre a esfera da Lua e os mais altos cimos da zona das nuvens e dos ventos, moram as almas aéreas, visíveis à inteligência, mas não aos olhos e chamados heróis, lares, gênios.

Tal é pois, resumidamente exposta neste preâmbulo, a teologia natural que tanto agradou, não apenas a Varrão, mas também a numerosos filósofos. Esta teologia natural discuti-la-ei mais detidamente, assim me ajude o verdadeiro Deus, quando terminar o que me falta dizer acerca da teologia civil no que respeita aos deuses escondidos.

CAPÍTULO VII

Será racional fazer de Jano e de Término duas divindades distintas?

Pergunto, portanto, quem será Jano, pelo qual Varrão começou. Responder-me-ão: é o Mundo. Não há dúvida de que é uma resposta breve e clara. Mas, neste caso, porque é que se diz que o começo das coisas diz respeito a Jano e os seus fins a um outro deus chamado Término? É que, por causa dos começos e dos confins, dois meses foram consagrados a estes dois deuses em seguida aos dez outros de Março a Dezembro, ou seja, Janeiro a Jano e Fevereiro a Término. É por isso que, diz-se, as Terminais se celebram nesse mês de Fevereiro, tempo da purificação sagrada, a que se chama Februm, donde o mês tirou o nome.

Então, os começos das coisas diriam respeito a Jano, que é o Mundo e os seus fins, termos ou acabamentos (*fines*) escapar-lhe-iam para serem confiados a um outro deus? Não reconhecem que tudo o que começa no Mundo, também no Mundo encontrará seu término?

Que frivolidade! Reduz-se à metade o poder de Jano nas suas funções e à sua estátua dão uma cara dupla! Não seria muito mais razoável a explicação das duas faces se se dissesse que Jano se identifica com Término ao dar-se-lhe uma face para os começos e outra para os términos?

Efetivamente, o que age deve tomar um e outro em consideração: no decurso da ação, quem não lhe vê o começo não lhe prevê o término. É preciso também que a atenção previdente se ligue à memória do passado: quem esquece o que começou não saberá como irá acabar.

Se os pagãos pensassem que a vida feliz começa neste mundo e acaba fora dele e se, por este motivo, reduzissem aos começos o poder de Jano, seria certíssimo que lhe preferissem Término, que não afastariam dos deuses escolhidos.

Aliás, mesmo cá, onde estes deuses partilham entre si os começos e os acabamentos das coisas temporais, dever-se-ia conceder mais honras a Término. É de fato maior a alegria quando se dá o trabalho por acabado, ao passo que todo o trabalho começado continua cheio de inquietações até chegar ao fim. Desde que se começa, o que acima de tudo apetece, se pretende, se espera e se deseja é o fim. E não nos alegramos na obra começada, senão quando ela termina.

CAPÍTULO VIII

Porque é que os adoradores de Jano, que o representam com duas caras, pretendem também apresentá-lo com quatro faces.

Mas, passemos à interpretação da imagem bifronte.

Dizem que Jano tem duas faces — uma voltada para a frente, outra para trás — porque a cavidade da nossa boca, quando a abri-

mos, parece semelhante ao mundo. É por isso que os gregos chamam *οὐρανός* (céu) ao palato e alguns poetas latinos lhe chamam céu pala-tino. Esta cavidade, quando abrimos a boca, tem uma abertura exterior para os dentes e uma interior para a garganta.

Eis onde foi parar o mundo por causa de um nome grego ou poético do nosso palato! Que tem isto a ver com a alma e a vida eter-na? Será preciso adorar este deus apenas por causa da saliva, à qual, sob o céu da boca, se abrem as duas portas, para permitirem, umas vezes engoli-la, outras vezes cuspi-la? Que é que há de mais absurdo do que não encontrar neste mundo duas portas opostas (por onde ele admitiria alguma coisa dentro de si ou alguma coisa expeliria para fora de si) e pretender fazer da nossa boca e da nossa garganta — com as quais o mundo nenhuma semelhança tem — uma representa-ção deste mundo sob o nome de Jano, apenas por causa do palato com que Jano não se parece?

Quando lhe atribuem quatro faces e lhe chamam Jano duplo, interpretam isto como significando as quatro partes do mundo; como se o mundo pudesse olhar para algo que está fora de si, como Jano olha por intermédio das suas caras.

Acresce que, se Jano é o mundo e o mundo comprehende quatro partes, a imagem de Jano com duas caras não é verdadeira. Ou, se é verdadeira, por que também é costume designar-se o mundo inteiro sob o nome de «o Oriente e o Ocidente», será que, ao falar-se das

outras partes — do Norte e do Sul — se pode qualificar o mundo de geminado, tal como se diz geminado Jano de quatro faces?

Nada há que permita ver, em quatro portas abertas — uma, para a entrada e as outras, para a saída — qualquer semelhança com o mundo, como dizem que encontram semelhança entre a boca humana e o bifronte Jano. A não ser, talvez, que Netuno venha em sua ajuda, apresentando-lhes um peixe que, além das aberturas da boca e da garganta, tem ainda as das guelras à direita e à esquerda. Todavia, apesar de tantas portas, nenhuma alma pode escapar a esta vacuidade, a não ser a que ouça a Verdade, que diz: *Eu sou a porta*²²⁸.

CAPÍTULO IX

Poder de Júpiter. Comparaçāo deste com Jano.

Digam-nos então o que é que pensam de Jove, também chamado Júpiter. «É o deus, dizem eles, que tem sob o seu poder as causas de tudo o que acontece no mundo». Quão grande é este poder no-lo atesta Virgílio, no célebre verso: *Feliz aquele que pode conhecer as causas das coisas*²²⁹.

Por que é que então se lhe antepõe Jano? Deixemos que o citado Varrão, tão douto e tão arguto, nos responda: «É que, em poder de Jano estão os inícios e no de Júpiter os términos. É precisamente por

²²⁸ *Ego sum janua.* João, X, 9.

²²⁹ *Felix qui potuit rerum cognoscere causas.* Virgílio, *Geórgicas*, II, 490.

isso que se tem Júpiter como rei de todos. Os inícios são superados pelos términos, por que, embora os inícios venham antes no tempo, são superados em dignidade pela sua realização»²³⁰, diz ele.

Palavras, sem dúvida, justíssimas, se se tratasse de distinguir nos fatos o seu início e o seu término. Começar um ato é partir; acabá-lo é chegar ao término. Entregar-se alguém ao estudo é um começo; compreender uma doutrina é um fim. É da mesma forma em tudo: primeiro estão os princípios, mas a cúpula são os finais. Mas isto é questão já resolvida entre Jano e Término.

Mas o que se atribui a Júpiter são as causas eficientes e não as já realizadas. É de todo impossível que, mesmo na ordem do tempo, elas sejam precedidas pelo que está feito ou se começou a fazer. Realmente, quem faz é sempre anterior àquilo que é feito. Por isso, se os começos dos fatos pertencem a Jano, eles não podem ser antepostos às causas eficientes atribuídas a Júpiter. É que nada se faz nem começa a fazer-se sem ser precedido pela causa que o faz.

Se este é o deus em cujo poder estão as causas de todas as naturezas produzidas e de todas as coisas naturais, se é a este deus que os povos dão o nome de Júpiter, mas honram com tamanhas ofensas e tão depravadas acusações, não há dúvida que esses povos se tornam

²³⁰ Varrone, *Antiq. (rer. div. 16), fr. 251* (solo in Agostino).

réus de um sacrilégio mais horrível do que se não reconhecessem absolutamente nenhum deus.

Melhor seria que eles dessem o nome de Júpiter a outro, esse digno de odiosas e vergonhosas honras, substituindo este por um vão simulacro de que poderiam blasfemar (como a pedra oferecida a Saturno, diz-se, para que a devorasse como se fosse um filho), do que representarem Júpiter simultaneamente tonante e adúltero, que governa o mundo inteiro e chafurda em tanta impudicícia, que tem nas suas mãos as causas supremas de todas as naturezas e de todos os seres da natureza e não tem em boa ordem os seus próprios assuntos.

Agora é a minha vez de perguntar que lugar concedem a Júpiter entre os deuses, se Jano é o mundo. Varrão definiu os verdadeiros deuses como almas do mundo e partes deste. E assim, o que não existe não é, dizem, verdadeiro deus. Dirão eles que Júpiter é a alma do mundo, de tal maneira que Jano será o seu corpo ou, noutros termos, o mundo visível? Se é isto que dizem, não podem afirmar que Jano é um deus, porque não é o corpo do mundo que é deus, segundo eles próprios afirmam, mas a alma do mundo e suas partes. Daí declarar Varrão, com toda a clareza, que lhe parece que a alma do mundo é um deus e que o próprio mundo é deus. Mas, assim como o homem sábio, composto de corpo e alma, se diz sábio por causa da sua alma, assim também o mundo se chama deus por causa da sua alma, embora formado de corpo e alma. De modo que o corpo do mundo só, não

é deus, mas apenas a alma ou o corpo e a alma juntos. Se, portanto, Jano é o mundo e Jano é deus, para Júpiter poder ser deus, atrever-se-ão a afirmar que ele é uma parte de Jano? Não será antes a Júpiter que costumam atribuir o ser do universo e daí o dito: *Tudo está cheio de Júpiter*²³¹?

Portanto, se querem que Júpiter seja deus e, sobretudo, rei dos deuses, têm que o conceber como mundo e assim poderá, como eles pretendem, reinar sobre os outros deuses como partes suas. É ainda neste sentido que Varrão, num outro livro que escreveu acerca do culto dos deuses, cita estes versos de Valério Sorano: *Júpiter onipotente, progenitor e progenitora dos reis, das coisas e dos deuses, progenitor e progenitora dos deuses, deus único e, ele só, todos eles*²³².

Explicam-se assim no livro estes versos: chamam-lhe varão porque insemina e mulher porque é inseminada; diz que Júpiter é o mundo que de si emite e em si recebe todas as sementes. É por isso, acrescenta Varrão, que Sorano escreve: *Júpiter progenitor e progenitora*. É também por isso que ele é, ao mesmo tempo, um e tudo, porque o mundo é uno e em si tudo contém.

²³¹ *Jovis omnia plena*. Virgílio, *Égloga*, III, 60.

²³² *Júpiter omnipotens regum rerumque deumque Progenitor genetrixque deum, deus urytus et omnes* (a). (a) Valério de Sora ou Sorano (Valerius Soranus) foi um poeta do Sec. V antes de Cristo, altamente considerado por Cícero, que lhe chama *litteratissimus omnium togarum* — o maior literato de todos os togados (Cícero, *De Orat.* III, II, 43). Referem-se-lhe Plínio o Antigo (in *Hist. Nat.* III, 9) e Plutarco (in *Quaest. Roman.*, 58, 61). Toda a sua obra se perdeu.

CAPÍTULO X

Justifica-se a distinção de Jano e Júpiter?

Se Jano é o mundo e Júpiter também é o mundo e se o mundo é só um, porque é que há dois deuses: Jano e Júpiter? Porque é que têm templos distintos, altares distintos, ritos diversos e diferentes imagens? Será porque, sendo o poder dos primórdios uma coisa totalmente diferente do poder das causas, um recebe o nome de Jano e outro o de Júpiter? Mas então, se um homem tem dois poderes ou duas profissões em assuntos diferentes, poderá dizer-se que é ao mesmo tempo dois juízes ou dois artífices? Será então necessário pensar que um só deus, pelo fato de ser ao mesmo tempo senhor das origens e das causas, deverá ser desdobrado? Se se considera legítimo este desdobramento, pois que se diga: «Júpiter é em si mesmo tantos deuses quantos os nomes que lhe são dados em consequência dos seus múltiplos poderes, porque os objetos que lhe valeram estes nomes são múltiplos e distintos»! Vou citar alguns.

CAPÍTULO XI

Apelidos de Júpiter que se referem, não a muitos, mas a um e mesmo deus.

Chamaram-lhe Victor, Invictus, Opitulus, Impulsor, Stator, Centúmpeda, Supinalis, Tigillus, Almus, Ruminus e outros mais títu-

los, cuja enumeração seria longa²³³. Aplicaram estes apelidos a um só deus, atendendo aos diversos poderes, sem o levarem a multiplicar-se em tantos deuses quantas as atividades, isto é, triunfa de tudo, por ninguém é vencido, presta auxílio (*ops*) aos necessitados, tem o poder de derrubar, de tornar firme, de manter, de destruir, como viga (*tigillus*) que mantém e sustenta o mundo, alimenta todos os seres, é *ruma*, isto é, a mama que nutre todos os seres animados.

Como vimos, algumas destas funções são importantes, outras insignificantes e, todavia, julgou-se que um só deus cumpriria umas e outras. Na minha opinião, as causas e as origens das coisas, que os levaram de um único mundo a fazerem dois deuses—Júpiter e Jano — estão mais aparentadas do que as operações de sustentar o mundo e de dar mama aos seres animados. E, embora estas duas operações estejam tão afastadas uma da outra pela virtude e dignidade, ninguém pensou que delas se deviam fazer dois deuses: um só Júpiter se chamou *Tigillus* para a primeira e *Ruminus* para a segunda.

Abstenho-me de dizer que, para dar mama aos seres animados, Juno estaria mais apta do que Jove, tanto mais que havia a deusa Rúmina que podia ajudá-la na prestação destes serviços. É certo que poderão responder-me, julgo eu, que a própria Juno mais não é que o

²³³ Damos a tradução, tanto quanto possível aproximada, destes títulos e da sua corrente leitura: *Victor* (vencedor), *Invictus* (invencível), *Opitulus* (auxiliador), *Impulsor* (Instigador), *Stator* (Mantenedor), *Centúmpeda* (Centípeda, i. é, de cem pés), *Supinalis* (Destruidor), *Tigillus* (Sustentador), *Almus* (Aliamentador), *Ruminus* (Nutridor).

próprio Jove, conforme os versos de Valério Sorano: *Júpiter onipotente, progenitor e progenitora dos reis e das coisas e dos deuses, progenitor e progenitora dos deuses, deus único e, ele só, todos estes*²³⁴.

Mas, para que lhe chamaram Ruminus se, com um pouco de atenção, se descobre que ele mais não é que a deusa Rúmina? Realmente, se parecia indigno da majestade dos deuses que, para uma só espiga, um fosse encarregado dos nós da haste, outro dos folículos que envolvem os grãos, quanto mais indigno não será que uma só operação ínfima, ou seja a do aleitamento dos animais, exija o cuidado de duas divindades, uma das quais seria Júpiter, o próprio rei de todos os deuses e o faria, não com sua esposa, mas não sei com que obscura Rúmina, a não ser que ele seja esta mesma Rúmina, ou talvez Ruminus, quando são machos os que mamam e Rúmina quando são as fêmeas. Diria que recusaram a Jove um nome feminino se ele não fosse alcunhado, nesses versos, de «pai e mãe» ou se eu não lesse entre todos os seus outros apelidos o de Pecúnia, uma dessas deusas minúsculas mencionadas no livro quarto. Mas, se homens e mulheres têm dinheiro (*pecunia*), porque é que a Júpiter não se chamou Pecúnia e Pécúnio como Rúmina e Rúmino? Eles lá sabem!

²³⁴ *Júpiter omnipotens regum rerumque deumque Progenitor genetrix deum, deus unus et omnes.* V. nota (3) do Cap. IX.

CAPÍTULO XII

Júpiter também se chama Pecúnia.

O engenho que revelam na explicação deste nome!

Chama-se Pecúnia, dizem, porque tudo lhe pertence. Que bela razão de um nome divino! Bem ao contrário, o que tudo possui fica aviltado e degradado ao receber este nome de Pecúnia! Porque, em comparação com tudo o que encerram o Céu e Terra, que é o dinheiro (*pecunia*) no conjunto de todos os bens que os humanos possuem por seu intermédio? Foi com certeza a avareza que deu este nome a Jove, para que todo aquele que ama o dinheiro pense que não ama um deus qualquer, mas o próprio rei de todos os deuses.

Seria muito diferente se lhe chamassem *Divitiae* (riquezas), porque uma coisa é a riqueza e outra coisa é o dinheiro. Chamamos ricos aos homens sábios, justos, virtuosos, que não têm dinheiro ou têm pouco. Eles são ricos de virtudes, graças às quais, mesmo para as necessidades materiais, basta o que há. Mas são pobres os avarentos, sempre ávidos e necessitados. Podem possuir grandes somas de dinheiro, mas, na sua opulência, não podem deixar de estar necessitados. Ao próprio Deus verdadeiro chamam com razão rico, não de dinheiro, mas de onipotência. É verdade que também se chamam ricos aos endinheirados, mas, no fundo, são indigentes se são dominados pela cupidez. Também se chamam pobres aqueles a quem falta dinheiro, mas, no fundo, eles são ricos se forem sábios!

Que poderá, pois, valer para o sábio esta teologia em que o rei dos deuses recebeu o nome de uma coisa *que nenhum sábio desejou?*²³⁵

Se esta doutrina pudesse trazer qualquer salutar ensino para a vida eterna, quão mais simplesmente se teria chamado a Deus Senhor do Mundo, não Dinheiro (*Pecunia*) mas Sabedoria (*Sapientia*), pois que esta limpa as imundícies da avareza, isto é, do amor ao dinheiro.

CAPÍTULO XIII

Da explicação do que é Saturno e Gênio, resulta que os dois e Júpiter são um só.

Para quê mais considerações acerca de Júpiter, ao qual se devem, talvez, reduzir todos os deuses? Sendo ele todos os outros, não tem sentido conceber uma multidão de deuses, quer os concebamos como partes ou atributos de Júpiter, quer a força da alma (que julgam difundida por todas as coisas) tenha recebido os nomes de muitos deuses procedentes das partes desta massa, nas quais aparece este mundo visível, ou as tenha recebido das múltiplas operações da natureza.

De fato, quem é Saturno? Um dos principais deuses, diz Varão, que domina sobre todas as sementeiras. Não nos diz a explicação dos versos de Valério Sorano que Júpiter é o mundo e que de si emite

²³⁵ *quam nemo sapiens concupivit.* Salústio, *Catilim*, XI, 3.

e em si recebe todas as sementes? Neste caso, tem o domínio de todas as sementeiras.

E que é o Gênio? É o deus, diz-nos ele, que preside e dá vigor a tudo o que se gera. Mas este vigor, a quem se julga que pertencerá, senão ao mundo ao qual se referem estas palavras: *Júpiter, progenitor e progenitora*²³⁶?

E quando, noutra passagem, ele nos diz que Gênio é a alma racional de cada um e que, portanto, cada um tem a sua alma e que Deus é a alma racional do mundo, conduz-nos ao mesmo ponto, isto é, a pensarmos que a própria alma do mundo é, como o Gênio, universal. E é a este que se chama Júpiter. Por que, se todo o Gênio é deus e se a alma de cada um é Gênio, segue-se que a alma de todo e qualquer pessoa é deus. Se a sua absurdidade os obriga a rejeitar esta consequência, só falta chamar Gênio e, evidentemente, deus, ao Gênio a que chamam espírito do Mundo e, portanto, a Júpiter.

CAPÍTULO XIV

Funções de Mercúrio e de Marte.

Quanto a Mercúrio e Marte, não encontraram maneira de relacioná-los com qualquer parte do mundo e com as obras de Deus rea-

²³⁶ *Júpiter progenitor genetrixque?* V. nota 3 ao Cap. IX.

lizadas nos elementos. Por isso os puseram pelo menos à frente das empresas humanas como ministros da linguagem e da guerra.

Mas, se Mercúrio estende o seu poder à linguagem dos pró prios deuses, ele até o rei dos deuses comanda, se é verdade que Júpiter tem de falar como àquele apraz ou dele recebe a faculdade de falar, o que é manifestamente absurdo.

Se se julga que é apenas sobre a linguagem humana que Mercúrio tem autoridade, não é de crer que Júpiter se tenha querido re baixar ao papel de dar de mamar não só às crianças, mas mesmo aos animais (donde o seu nome de Rúmino) e tenha renunciado ao cuida do com a nossa fala, que nos torna superiores aos animais. Disto re sulta que Júpiter e Mercúrio são o mesmo.

Dir-se-á que é a própria linguagem que se chama Mercúrio, como o indicam as interpretações dadas deste deus. Efetivamente, a palavra Mercúrio (*Mercurius*) significa *medius currēns* (o que corre no meio), porque a linguagem funciona como um mediador entre as pessoas. Este deus em Grego chama-se *Eρμῆς* (*Ermes*) porque à lin guagem ou à interpretação da linguagem se chama *έρμηνεία* (*ermeneia*). Ele preside também ao comércio, por que entre vendedo res e compradores a linguagem serve de intermediário. As asas que apresenta na cabeça e nos pés significam que a linguagem voa atra vés dos ares como uma ave. Chamam-lhe *nuntius* (mensageiro) por que é por meio da linguagem que se anunciam todos os pensamentos.

Portanto, se Mercúrio, conforme a interpretação que dão ao termo, é a própria linguagem, então, como eles mesmos confessam, não é deus. Mas, como criam para si deuses que nem demônios são, ao rogarem aos espíritos imundos, são possuídos por estes espíritos que não são deuses, mas demônios.

Da mesma forma, não tendo podido encontrar também para Marte um elemento ou uma parte do mundo onde ele cumprisse qualquer tarefa natural, fizeram dele o deus da guerra, que é uma tarefa humana e das menos apetecíveis. Se, portanto, a Felicidade assegurasse uma paz perpétua, Marte nada teria para fazer. Mas, se Marte é a própria guerra, como Mercúrio é a linguagem, oxalá que, assim como é manifesto que este não é deus, assim também deixe de existir a guerra a que tão falsamente chamam deus!

CAPÍTULO XV

Astros que os pagãos designaram com o nome de deuses.

Talvez esses deuses sejam aqueles astros a que foi dado o nome deles. Realmente, há um astro chamado Mercúrio e outro chamado Marte. Mas também há um chamado Júpiter e, todavia, Júpiter é o Mundo. Há ainda um chamado Saturno, ao qual atribuem uma função de não pequena importância: o poder sobre todas as sementes. Há finalmente um, o mais brilhante de todos, a que chamam Vênus, que pretendem identificar com a Lua. Existe um astro brilhante acer-

ca do qual, como acerca do pomo de ouro, discutem Juno e Vênus. Uns dizem que a estrela da manhã (Lúcifer) pertence a Vênus, outros que a Juno. Mas, como é costume, é Vênus quem ganha. São muito mais os que atribuem esta estrela a Vênus e muito poucos os de diferente opinião. Mas quem é que não rirá ao ouvir proclamar Júpiter rei de todas as coisas e ao mesmo tempo reparar que o seu astro é tão superado em esplendor pelo de Vênus? Júpiter deveria superar os outros em esplendor, tal como os supera em poder. É assim, replicam, porque o astro que parece mais obscuro está mais alto e muito mais distante da Terra. Se, pois, a uma dignidade maior corresponde uma posição mais elevada, porque é que Saturno está no Céu acima de Júpiter? A mentira da fábula, que fez de Júpiter rei, não pôde chegar aos astros? E a posição que Saturno não pôde conservar no seu reino nem no Capitólio, permitiu-se-lhe que a mantivesse no Céu? Então, porque é que Jano não recebeu um astro? Será porque nele, visto ser o Mundo, todos se encontram? Mas também Júpiter é o Mundo e, todavia, tem um. Será que Jano lá se arranjou como pôde e, por um astro que não tem no Céu, recebeu tantas caras na Terra? De resto, se se basearam apenas nos astros para fazerem de Mercúrio e de Marte partes do mundo e para os considerarem como deuses (porque, realmente, nem a Linguagem nem a Guerra são partes do mundo, mas atos humanos), então, por que é que o Carneiro, o Touro, o Caranguejo, o Escorpião e outros que tais (que eles contam entre os

sinais celestes e que são compostos, não de uma única estrela mas cada um de várias, colocados muito acima dos referidos astros de deuses, no cume do Céu em que o movimento mais constante assegura às estrelas um curso invariável), então por que é, repito, que estes não receberam nem altar, nem sacrifícios, nem templos e por que é que não os colocam, não digo entre os deuses escolhidos, mas, pelo menos, entre os da plebe?

CAPÍTULO XVI

Acerca de Apolo e de Diana e de outros deuses escolhidos, que pretendem identificar com as partes do Mundo.

Quanto a Apolo, embora o tenham por adivinho e médico, para o colocarem em alguma parte do Mundo, disseram que ele é também o Sol. Disseram da mesma forma que Diana, sua irmã, era a Lua e presidia os caminhos. (Daí pretendem que ela era virgem, porque um caminho nada gera). Ambos têm setas, porque estes dois astros lançam do céu os seus raios sobre a Terra.

Pretendem que Vulcano seja o fogo do Mundo, Netuno as águas do Mundo, Dispáter, ou seja, o Orco, a parte terrestre e mais baixa do Mundo. Fazem Líbero e Ceres presidirem as sementes. Ele as sementes masculinas e ela as sementes femininas, ou ele aos seus elementos líquidos e ela aos seus elementos secos.

E tudo isto se relaciona sem dúvida com o Mundo, isto é, com Júpiter, que se chama precisamente «progenitor e progenitora», porque expele de si e em si recebe todas as sementes.

Pretendem também, por vezes, que Ceres seja a Grande-Mãe que, dizem eles, mais não é que a Terra. Esta apresentam-na ainda como sendo Juno, à qual atribuem as causas segundas. E, todavia, foi a Júpiter que se conferiu o título de «progenitor e progenitora dos deuses», porque, conforme julgam, Júpiter é a totalidade do Mundo.

E Minerva também, porque a fizeram presidir às artes humanas e, não tendo encontrado estrela para a alojarem, identificaram-na com a zona superior do éter ou mesmo com a Lua.

Também Vesta; consideram-na a maior das deusas, por que ela é a própria Terra. Todavia, acharam que deviam atribuir-lhe os elementos leves do fogo, aqueles que os humanos utilizam, mas não os elementos violentos; esses, atribuem-nos a Vulcano.

Assim, para eles, todos estes deuses escolhidos mais não são que este Mundo. Para uns, o Mundo inteiro; para outros, suas partes. O Mundo inteiro como Júpiter; suas partes, como Gênio, a Grande-Mãe, o Sol e a Terra, ou antes Apolo e Diana.

E, ora fazem de várias coisas um só deus, ora de vários deuses uma só coisa. Um só deus é várias coisas; é o caso de Júpiter. Efetivamente, o Mundo inteiro é Júpiter; o Céu, só por si, é Júpiter; só por si, um astro é Júpiter. Isto é o que se julga; é o que se diz!

É também o caso de Juno. Juno é a senhora das causas segundas, Juno é o ar, Juno é a Terra e, se tivesse triunfado de Vênus, Juno seria um astro.

De maneira semelhante, Minerva é a zona superior do éter. Mi-
nerva é igualmente a Lua, que se situa no limite inferior do éter.

Mas também fazem de vários deuses uma só coisa. Jano é o
Mundo e Júpiter também; Jano é a Terra, a Grande-Mãe e Ceres
também.

CAPÍTULO XVII

O próprio Varrão apresentou como duvidosas as suas opiniões acerca dos deuses.

Acerca do que resta, tal como acerca do que já foi relatado a tí-
tulo de exemplo, eles nada explicam, mas, bem ao contrário, tudo
complicam. Arrastados pelo ímpeto do seu pensamento vagabundo,
avançam e recuam, aos saltos, de lá para cá, de cá para lá, ao ponto
de o próprio Varrão achar melhor de tudo duvidar e nada afirmar.

Tendo terminado o primeiro dos três livros consagrados aos
deuses certos, escreve assim no princípio do segundo, consagrado
aos deuses incertos:

*Não devo ser repreendido por este livrinho ter expendido opi-
niões duvidosas acerca dos deuses. Quem julgar que é necessário e
possível formular um juízo seguro, formá-lo-á ele próprio depois de*

*me ter ouvido. Por mim, mais facilmente me levam a duvidar do que disse no meu primeiro livro, do que a condensar num breve resumo tudo o que possa escrever neste*²³⁷.

Ora, nesse terceiro livro acerca dos deuses escolhidos, após um preâmbulo que considerou oportuno acerca da teologia natural, ao começar a tratar as futilidades e loucuras desta teologia civil em que, longe de ser guiado pela verdade dos fatos, era antes embarracado pela autoridade dos antepassados, diz:

*Vou tratar , neste livro, dos deuses públicos do Povo Romano, aos quais se dedicaram templos e que assinalaram, honrando-os com estátuas. Mas, como Xenófanes de Colófon direi o que penso, mas não o que aprovo. É que é próprio do ser humano emitir opiniões, mas o saber, apenas a Deus pertence*²³⁸.

Por isso, ao tentar dar-nos a conhecer as instituições criadas pelo ser humano, promete-nos, titubeando, uma exposição, não de questões bem definidas e firmemente assentes, mas de simples opiniões e de pontos de vista duvidosos.

Ele sabia muito bem que há um mundo, que há um Céu e uma Terra, um Céu cintilante de estrelas, uma Terra útil de sementes e

²³⁷ *Cum iti hoc libello dúbias de diis opiniones posuero, reprehetidi non debeo. Qui enim putabat judicari oportere et posse, cum audierit, Jaciet ipse. Ego citius perduci possum, ut in primo libro quae dixi in dubitationem revocem, quam in hoc quae praescribam omnia ut ad aliquam dirigam summam.*

²³⁸ *De diis populi Romani publicis quibus aedes dedicaverunt eosque pluribus signis omatos notaverunt, in hoc libro scribam, sed ut Xenophanes Colophonios scripsit, quid putem, non quid contenam, ponam. Hominis est enim haec opinari, dei scire.*

outras coisas semelhantes. Acreditava de ânimo firme e seguro que este vasto conjunto e toda esta Natureza são dirigidas e governadas por uma certa força invisível e superiormente poderosa. Mas não podia afirmar, com o mesmo conhecimento e crença, que Jano é o mundo, nem podia descobrir como é que Saturno, sendo pai de Júpiter, se tomou seu súdito e outras coisas que tais.

CAPÍTULO XVIII

Qual a causa mais verossímil da propagação dos erros do paganismo?

Tudo isto se explica de forma mais verossímil admitindo que os deuses foram humanos que os pagãos por adulação quiseram divinizar, dedicando-lhes cerimônias e solenidades conformes ao caráter, aos costumes, aos atos e às circunstâncias de cada um. Estas honras, insinuando-se, pouco a pouco, na alma humana, semelhantes a demônios e, ávidos de diversões, espalharam-se por toda a parte, ornadas pelas mentiras dos poetas e as seduções dos espíritos falazes.

E, de fato, que um jovem sem amor filial ou receando ser assassinado por um pai sem amor paternal, tenha podido, ávido de reinar, expulsar seu pai do reino, é coisa mais de acreditar do que a explicação que Varrão nos dá de que Saturno foi vencido por Júpiter, o pai pelo filho, porque a causa, que está nas mãos de Júpiter, é anterior à semente, que está nas mãos de Saturno. Se assim fosse, jamais

Saturno poderia ser anterior ou pai de Júpiter. A causa precede sempre a semente e nunca é gerada por esta. Mas, nos seus esforços para justificarem com pretensas interpretações naturais as fábulas menos consistentes e as ações puramente humanas, mesmo os espíritos mais argutos sentem-se de tal forma embaraçados que até nós nos sentimos constrangidos a deplorar os seus desvarios.

CAPÍTULO XIX

Interpretações acerca do culto prestado a Saturno.

Conforme Varrão afirma, disseram que Saturno costumava devorar o que dele nascia, porque as sementes voltam ao lugar donde nasceram. E o fato de, em vez de Júpiter, lhe terem dado um torrão para devorar, significa, diz ele, que as sementes começaram a ser enterradas pelas mãos humanas antes de se descobrir a utilidade de se lavrar a terra. Saturno devia, pois, designar a terra e não as sementes, porque é a terra que, de certo modo, devora o que produziu, uma vez que a ela voltam, para serem novamente recebidas no seu seio, as sementes que dela nasceram.

Quanto ao torrão dado a Saturno em vez de Júpiter, que relação pode isto ter com o fato de as sementes serem cobertas com terra pelas mãos humanas? Quererá isso dizer que essa semente coberta de terra não seria por isso devorada como as outras? Isto se diz como querendo sugerir que quem apresentou o torrão, escondeu a semente,

como dizem que se tirou Júpiter a Saturno, oferecendo-lhe um torrão, quando, na realidade, cobrindo a semente de terra, se fez com que essa semente fosse mais rapidamente devorada. Depois, neste caso, Júpiter é a semente e não a causa da semente, como acima se referiu.

Mas, que mais podem fazer as pessoas que, ao interpretarem inépcias, nada de sensato encontram para nos dizer?

*Saturno tem uma foice por causa da agricultura*²³⁹, diz Varrão. Com certeza, no seu reinado ainda não havia agricultura e, se a sua época se considera antiga, conforme a interpretação que Varrão dá destas fábulas, é precisamente porque os humanos primitivos viviam de sementes que a terra espontaneamente produzia. Quanto à foice, será que talvez ele a tenha recebido depois de ter perdido o cetro e assim, de rei preguiçoso que fora nos antigos tempos, se tornou, sob o reinado de seu filho, trabalhador diligente?

A seguir Varrão diz que, se certos povos, como os Cartagineses, tinham o costume de sacrificar crianças a Saturno e outros, como os Gauleses, mesmo velhos, era por que, de todas as sementes, a melhor era a raça humana.

Que necessidade teremos de insistir sobre tão cruel inépcia? Notemos desde já e retenhamos que estas interpretações não se referem ao verdadeiro Deus — natureza viva, incorpórea e imutável, a

²³⁹ *Falcem habet propter agriculturam.*

quem se deve pedir a vida eternamente feliz __ mas antes, que elas se mantêm confinadas às coisas corpóreas, temporais, mutáveis e mortais.

Diz Varrão: *Que Saturno, segundo as fábulas, tenha castrado o Céu, seu pai, significa isto que a semente divina está em poder de Saturno e não em poder do Céu*²⁴⁰.

E isto porque, tanto quanto se possa compreender, nada no Céu nasce da semente. Mas então veja: se Saturno é filho do Céu, ele é filho de Júpiter. Que Júpiter é o Céu, inúmeros e precisos testemunhos o confirmam. E assim, as opiniões que não resultam da verdade se esboroam por elas mesmas sem que haja ninguém a abalá-las.

Diz ainda Varrão que Saturno se chama *Króvoς* (*cronos*), palavra grega que significa tempo, porque sem tempo, acrescenta, nenhuma semente poderia ser fecundada. Diz-se isto e outras coisas mais, de Saturno e tudo se refere à semente. Mas, pelo menos Saturno, com semelhante poder deveria bastar às sementes. Porque se requisitam então ainda outros deuses, particularmente Líbero e Líbera, ou seja Ceres? A propósito destes deuses e da semente, repete Varrão muitas coisas, como se nada tivesse já dito acerca de Saturno.

²⁴⁰ *Quod caelum patrem Satumus castrasse in fabulis dicitur, hoc significat penes Satumum non penes Caelum semen esse divinum.*

CAPÍTULO XX

Os mistérios de Ceres Eleusina.

Entre as cerimônias dedicadas a Ceres, apregoam-se as Elêusis, que tão famosas foram entre os Atenienses. Varrão não dá delas qualquer explicação. Apenas se refere ao trigo que Ceres descobriu e a Prosérpina que Ceres perdeu quando Orco a raptou. Diz ele que Prosérpina representa a fecundidade das sementes e, como essa fecundidade faltou durante algum tempo e a terra se queixou da sua esterilidade, apareceu a opinião de que a filha de Ceres, ou seja a própria fecundidade, chamada Prosérpina (de *prosperere* — propagar-se) fora raptada por Orco e retida nos infernos. Solenizou-se esta desgraça com luto público, mas, quando reapareceu a fecundidade e Prosérpina voltou, surgiu a alegria e foram instituídas cerimônias nessa ocasião. Acrescenta Varrão que nesses mistérios se referem muitos fatos relativos, todos eles, à descoberta dos cereais.

CAPÍTULO XXI

Torpeza dos mistérios de Líbero.

Sinto vergonha por ter de tratar do culto de Líbero e da desmesurada torpeza a que esse culto chegou. Fizeram presidir esse culto às sementes líquidas (não, portanto, apenas dos sumos dos frutos, entre os quais o vinho ocupa de certo modo o primeiro lugar, mas também das sementes dos seres animados). Sinto vergonha precisamente por

causa da amplidão da exposição, mas, perante a arrogante estupidez dos sectários, não hesito. Apenas citarei algum pormenor dos muitos que tenho de omitir.

Conta Varrão que, nas encruzilhadas da Itália, a celebração dos ritos de Líbero se fazia acompanhar de uma licenciosidade tão torpe que se adoravam, em honra deste deus, as regiões pudendas do homem e isto, não com a discrição que um resquício de pudor sugeriria, mas publicamente, exaltando a obscenidade. Enquanto duravam as festas de Líbero, o membro obsceno era colocado em cima de carroças com a maior solenidade e passeavam-no, primeiro pelas encruzilhadas do campo e por fim na própria Urbe.

Na cidade de Lavínio, um mês inteiro era consagrado ao culto de Líbero. Durante esses dias, proferiam-se as mais obscenas palavras, até ao dia em que esse órgão era transportado através do Fórum e aí era colocado no seu lugar apropriado.

A mais honesta mãe de família era obrigada a colocar uma coroa sobre esse obsceno órgão. Era assim que tinham que apaziguar o deus Líbero para obterem sucesso nas sementeiras. Era assim que tinham de desviar dos campos os encantamentos: uma matrona era constrangida a realizar em público o que uma meretriz não se podia permitir no teatro perante matronas.

Foi por isso que se julgou que Saturno sozinho não podia bastar às sementes. Desta forma, a alma impura encontrava ocasiões de

multiplicar os deuses. Abandonada pelo único Deus verdadeiro, em castigo da sua impureza e prostituída por uma multidão de falsos deuses, na sua sede de maior impureza, ela chamou de sagrados estes ritos sacrílegos e ela própria se ofereceu à obscena caterva de demônios, para por todos eles ser violada e conspurcada.

CAPÍTULO XXII

Netuno, Salácia e Venília.

Netuno já tinha por esposa Salácia, que, dizem eles, é a água profunda do mar. Por que lhe juntaram então Venília? Apenas para permitir à alma prostituída, devido, não à necessidade do culto mas somente da paixão, de multiplicar seus convites aos demônios.

Apareça uma interpretação dessa ilustre teologia, que refute com argumentos a nossa crítica! «Venília é a onda que chega à praia, Salácia é a que volta ao alto mar». Porque é então que se fazem duas deusas, se a mesma é a onda que vai e a onda que volta?

Cá está de novo a louca paixão fervendo em multiplicar os deuses! Embora não se multiplique a água que vai e volta, a alma, que vai e não volta, aproveita esta vã oportunidade para convidar os demônios e assim se prostituir ainda mais.

Peço-te, Varrão, ou então a vós que tendes lido esses escritos de pessoas tão sábias e vos orgulhais de nelas terdes aprendido grandes coisas, dai-me uma explicação, já não digo conforme à natureza

eterna e imutável que é o único Deus, mas, pelo menos conforme à alma do mundo e às suas partes, que são, na vossa opinião, verdadeiros deuses! Desta parte da alma do Mundo que penetra o mar, fazeis vós um deus: Netuno.

É um erro, até certo ponto tolerável, que tenhais feito o deus Netuno da parte da alma do Mundo que penetra o mar. Mas esta água que chega à praia e volta para o mar, constitui ela duas partes do Mundo, ou duas partes da alma do Mundo? Qual de vós é tão louco para assim pensar? Porque vos fabricaram então duas deusas, senão por que os vossos sábios antepassados tiveram o cuidado, não de vos porem sob a direção certa de vários deuses, mas sim de vos entregarem a uma multidão de demônios encantados com estas futilidades e mentiras? E por que é que, segundo esta interpretação, Salácia perdeu esta parte profunda do mar que a submetia às ordens de seu marido? Pois, ao apresentá-la como a onda que retrocede, colocai-la à superfície. Ou será que, por ele se ter unido a Venília, Salácia expulsou furiosa seu marido das regiões superiores do mar?

CAPÍTULO XXIII

Acerca da Terra, que Varrão afirma ser uma deusa por que a alma do Mundo, que, na sua opinião, é deus, penetra também esta parte inferior do seu corpo e lhe comunica uma força divina.

Realmente, só existe uma Terra, que vemos cheia de animais. Todavia, entre os elementos, este grande corpo mais não é que a par-

te mais baixa do mundo. Porque pretendem que ela seja uma deusa? Porque é fecunda? Nesse caso, porque é que, mais do que ela, não são deuses os humanos, já que pelo cultivo a tomam mais fecunda, não adorando-a, mas lavrando-a? Respondem: o que faz dela uma deusa é a parte da alma do mundo de que ela está impregnada. Como se nos humanos não fosse mais evidente a alma, cuja existência não constitui questão! Todavia, os humanos não são tidos por deuses e, o que é deveras de lamentar, a estes seres que não são deuses, os humanos (que valem mais que eles) submetem-se, devido a um mirabolante e miserável erro, até chegarem a honrá-los e a adorá-los!

É certo que, no mesmo livro acerca dos deuses escolhidos, Varrão afirma que, no conjunto da natureza, a alma apresenta três graus. No primeiro, ela circula por todas as partes vivas do corpo, mas não tem sensibilidade, sendo apenas princípio de vida. No nosso corpo, diz ele, esta virtude impregna os nossos ossos, as nossas unhas, os nossos cabelos, como no mundo as árvores se alimentam, crescem e vivem à sua maneira, sem gozarem de sensibilidade. No segundo grau, a alma possui sensibilidade e esta virtude penetra nos nossos olhos, nos nossos ouvidos, nas nossas narinas, na nossa boca, no nosso tato. No terceiro grau, o mais elevado, a alma chama-se espírito e a inteligência domina aí; desta carecem todos os mortais, exceto o ser humano. Esta é, diz ele, a parte da alma do Mundo que é deus e que em nós se chama Gênio.

As pedras e a terra que vemos no mundo e que a sensibilidade não informa, são como que os ossos, como que as unhas de deus; mas o Sol, a Lua, as estrelas, que os nossos sentidos captam e pelos quais ele percebe, são os seus sentidos. Por fim, o éter é o seu espírito e esta força, ao chegar aos astros, torna-os deuses. Como, ao impregnar a Terra, faz dela a deusa Tellure e, ao impregnar o mar e o Oceano, faz o deus Netuno.

Que ele volte, portanto, dessa teologia que ele apelida de natural, onde se refugiou como que para repousar de tantos desvios e rodeios. Que ele volte, digo eu, que ele volte à teologia civil. Vou retê-lo ainda aqui por algum tempo, pois tenho ainda umas coisas a dizer acerca dela.

Ainda não quero dizer: se a terra e as pedras são semelhantes aos nossos ossos e às nossas unhas, conclui-se que carecem de inteligência e sentidos. Ou então, se se atribui inteligência aos nossos ossos e às nossas unhas, pelo fato de pertencerem ao ser humano, que é dotado de inteligência, tão louco é chamar deus à terra e às pedras que estão no Mundo, como chamar humano aos ossos e às unhas que estão em nós! Mas não há dúvida de que estas questões têm que ser tratadas com os filósofos e, por agora, é ainda ao político que me dirijo.

Embora ele tenha querido, ao que parece, levantar um pouco a cabeça até àquela como que atmosfera de liberdade da teologia natu-

ral, bem pode ter acontecido que, ao refletir neste seu livro e ao verificar que nele se encontrava pouco à vontade, o tenha encarado também sob o ponto de vista de teologia natural e tenha falado desta maneira para que se não julgasse que os seus antepassados ou outros povos (*civitates*) prestaram um culto sem fundamento a Telure e a Netuno.

Ora, o que eu digo é o seguinte: esta parte da alma do Mundo que penetra na Terra, por que é que ela também — pois que só há uma Terra — não constitui uma só deusa, aquela a que se chama Telure? Mas, se é assim, onde estará Orco, irmão de Júpiter e de Netuno, a quem chamam Dispáter (*Pai Dite*)? Onde estará sua esposa Prosérpina, que, segundo uma outra opinião referida nos mesmos livros, é apresentada, não como a fecundidade da Terra, mas como a região inferior da Terra? Se replicarem: «Uma parte da alma do Mundo, penetrando na região superior da Terra, transformou-se no deus Dispáter (*Dis Pater*) e a outra, penetrando na região inferior, tomou-se na deusa Prosérpina», que será então de Telure? O todo que ela era, ficou tão dividido nestas duas partes e dois deuses que já se não poderá descobrir qual é a terceira e onde está. A não ser que se diga que os deuses Orco e Prosérpina não são mais que uma só deusa, Telure e já não são três, mas apenas uma ou duas. Todavia, são três os deuses que se nomeiam, três que se reconhecem, três que se adoram com os seus altares, os seus templos, os seus ritos, as suas

imagens, os seus sacerdotes e também com os seus demônios impostores, que, por meio de tudo isto, à porfia, violam a alma prostituída.

Poder-se-á dizer ainda: «em que parte da Terra penetra uma parte da alma do Mundo para formar o deus Telumão»? Não há outra parte, diz Varrão; a mesma e única Terra possui uma dupla virtude: uma masculina, que produz as sementes e outra feminina, que as recebe e alimenta. É à virtude feminina que ela deve o nome de Telure e à virtude masculina o de Telumão. Por que é que, então, os pontífices, juntando outros dois deuses oferecem, como ele mesmo menciona, sacrifícios a quatro deuses: Telure, Telumão, Áltor e Rúsor? A cerca de Telure e Telumão já se falou. Mas por que a Áltor? Porque, diz ele, da Terra se alimenta (*alo*) tudo o que nasceu. E por que a Rusor? Porque, continua ele, tudo volta (*rursus*) à Terra.

CAPÍTULO XXIV

Os apelidos de Telure e sua explicação: designam, sem dúvida, várias virtudes, mas não podem justificar a crença em vários deuses.

A Terra, sendo uma só, devia, portanto, por causa destas quatro «virtudes», receber quatro apelidos e não constituir quatro deuses. Como o único Júpiter e a única Juno receberam tantos apelidos que exprimem o aspecto multiforme da virtude pertencente a um só deus ou a uma só deusa, sem constituir, pela sua multiplicidade, uma igual multiplicidade de deuses. Mas, assim como, por vezes, as mulheres

mais degradadas sentem remorsos e desgosto pela multidão daqueles que traíram pela paixão, assim também a alma aviltada é prostituída pelos espíritos imundos, apesar de se comprazer em criar uma multidão de deuses e em se prostrar diante deles para que a poluam, sente por vezes tédio de tais deuses. Realmente, até o próprio Varrão, como que envergonhado desta caterva de deuses, não quis senão uma deusa: Telure.

Diz ele:

É a ela que chamam a Grande-Mãe. Ela tem um tambor, para significar que é o disco da Terra. As torres que traz na cabeça, são as cidades. Representam-na sentada, porque se mantém parada enquanto, à sua volta, tudo se move. Puseram «galos» (a) a serviço desta deusa, querendo-se assim significar que devem cultivar a Terra os que buscam as sementes, pois que é nela que tudo se encontra. Se se agitam diante dela, é porque se exortam os que cultivam a terra a não se sentarem, porque têm sempre que fazer. O ruído dos címbalos simboliza o bater das armas de ferro e o estrépito das mãos e do bronze que se provoca ao cultivar o campo. Os címbalos são de cobre porque os antigos trabalhavam com uma relha de cobre antes de o ferro ter sido descoberto. Põem junto (de Telure) um leão solto, domesticado, para demonstrar que não há qualquer qualidade de

*terra, por mais distante e estéril que seja, que não se preste para ser trabalhada e cultivada*²⁴¹.

Depois, acrescenta que foi a abundância de nomes e apelidos dados à Mãe Telure que fez admitir nela igual abundância de deuses.

Diz ele:

*Tomam-na por Ope, porque o trabalho melhora-a; por Mãe, porque gera muitos filhos; por Grande, porque produz alimentos; por Prosérpina, porque dela provêm (proserpant) os frutos; por Vesta, porque se veste de ervas. E, desta forma, a ela se reduzem aceradamente as outras deusas*²⁴².

Mas, se ela é uma só deusa (na verdade nem uma é), porque é que se chega a esta multidão? Que não constituam, portanto, senão uma, estas múltiplas divindades! Que não haja tantas deusas quantos os nomes! Mas a autoridade dos antepassados caídos em erro pesa sobre Varrão e, como ele diz, leva-o a titubear. Efetivamente, acres-

²⁴¹ *Eaniem dicunt Matrem Magrnt; quo d tympanum habeat, significari esse orbem terrae; quod turris in capite, oppida; quod sedens fingatur, circa eam cum omnia moveantur, ipsam non moveri. Quod gallos (a) huic deae ut servirent ficerent, significat, qui semine indigeant, terram sequi oportere; in ea quippe annia reperiri. Quod se apud eam jactant, praecipit, qui terram colunt, ne sedeant; semper enim esse quod agant. Cymbalorum sonitus ferramentorum jactandorum AC manuum et ejus rei crepitum in colendo agro aui fit significant; ideo aere, quod eam antiqui colebant aere, antequam ferrum esset inventum. Leonem adjungunt solutum ac mansuetum, ut ostendant nullum genus esse terrae tam remotum ac vehementer ferum, quod non subigi colique conveniat.*
(a) Galos (*galli*) eram eunucos que a si mesmo se impunham a castração ritual para poderem dedicar-se ao culto de certas divindades.

²⁴² *Tellurem putant esse Opem, quod opere fiat melior; Matrem, quod plurima pariat; Magnam, quod cibum pariat; Proserpinam, quod ex ea proserpant fruges; Vestam, quod vestiatur herbis: sicut alias deas non absurde ad hanc revocant.*

centa: *Com isto não briga a opinião dos antepassados acerca destes deuses, cuja pluralidade admitem*²⁴³.

Como é que não briga? Ter vários nomes não é muito diferente de ser várias deusas? *Mas, pode acontecer que uma e a mesma coisa contenham em si várias coisas*²⁴⁴, responde ele. Concordo que numa só pessoa haja várias coisas; segue-se daí que há nela várias pessoas? Concordo também que numa só deusa haja várias coisas; segue-se daí que nela há várias deusas? Pois então, não se privem de dividir, combinar, multiplicar, dobrar, complicar, como quiserem!

São estes os sublimes mistérios de Telure e da Grande-Mãe, de quem procede tudo o que se refere às sementes perecíveis e à prática da agricultura! Será possível que, adaptados a estes mistérios e empregados para este fim, o tambor, as torres, os galos, a doentia agitação dos membros, o ruído dos címbalos, os leões imaginários, a alguém prometam a vida eterna?

Será possível que os galos castrados sirvam esta Grande Deusa para significarem, aos homens carentes de sêmen, a obrigação de cultivarem a terra, já que precisamente o seu serviço acarreta a privação do sêmen? Adquire-se, pelo apego a esta deusa, o sêmen que se não tem, ou pelo contrário, pelo apego a esta deusa, perde-se o sêmen que se tem? Isto é dar interpretações, ou mostrar execrações?

²⁴³ *Cum quibus opinio majorum de his deabus, quod plures eas putarunt esse, non pugnat.*

²⁴⁴ *Sed potest fieri ut eadem res et una sit, et in ea quaedam res sint plures.*

Não se reparo como subiu a malícia dos demônios, que, não se atrevendo a prometer aos humanos grandes bens por estes ritos sagrados, conseguiram, todavia, exigir deles tão cruéis sacrifícios.

Se a Terra não fosse uma deusa, os humanos poriam nela as mãos, trabalhando para obterem sementes, em vez de, ferindo-se por causa dela perderem o sêmen. Se não fosse deusa, tomar-se-ia fecundada graças a mãos alheias, sem que para isso se obrigasse um homem a tomar-se estéril por suas próprias mãos.

Que, quando das festas de Líbero, uma honesta matrona tenha de coroar as regiões pudendas do homem, sob os olhares de uma multidão, onde talvez se encontre também o seu marido, com rubor e suor na fronte, se é que os homens são susceptíveis de pudor. Que, na celebração das suas bodas, uma jovem noiva seja constrangida a sentar-se sobre o membro viril de Príapo. São torpezas muito menos detestáveis e muito menos graves do que a cruel infâmia ou a残酷 infame da mutilação dos galos. Porque, nesses atos, os ritos demoníacos ferem o pudor dos dois sexos sem que nem um nem outro sejam por tal ferida destruídos.

Num caso, receia-se a maldição lançada sobre os campos; noutro caso, não se receia a amputação dos membros; num caso, profana-se o pudor duma noiva, sem, todavia, se lhe tirar nem a fecundidade nem a virgindade; noutro caso, amputa-se a virilidade, sem que a vítima se possa tornar mulher ou permanecer varão.

CAPÍTULO XXV

Interpretação dos sábios da Grécia acerca da mutilação de Átis.

Não se faz menção de Átis, em memória de cujo amor se mutila o galo, nem Varrão apresentou dele uma interpretação. Mas os eruditos e os sábios da Grécia não se calaram acerca de tão santa e admirável história. Porque o aspecto da terra na Primavera é mais belo que nas outras estações, o célebre filósofo Porfírio pensou que Átis era o símbolo das flores e que ele se castrou porque a flor cai antes do fruto. Não foi, pois, propriamente um homem ou quase homem, chamado Átis, mas sim o seu órgão viril, que se comparou a uma flor. Átis estava bem vivo quando este órgão caiu; melhor, não caiu nem foi colhido, foi antes completamente esquartejado. Após a perda desta flor, ninguém viu mais tarde qualquer fruto, mas sim a esterilidade. Que é então este resto de homem? Que ficou dele depois da mutilação? Que significação dar a isto? A que é que isto se refere? Que interpretação lhe dar? Não deverão persuadir-nos os vãos esforços despendidos de que o que devemos crer é o que sobre o homem mutilado nos legou a fama e os documentos consignaram? Não há dúvida de que o nosso Varrão tem toda a razão para recusar esta história e nada querer dela mencionar. Efetivamente, ela não podia ser ignorada por tão douto homem.

CAPÍTULO XXVI

A torpeza dos mistérios da Grande-Mãe.

Não me recordo de ter lido em parte alguma e nem Varrão faz qualquer referência acerca dos invertidos consagrados à Grande-Mãe, com tal desprezo de tudo o que, para um homem e uma mulher, constitui o pudor. Os quais se viam, ainda ontem, de cabelos encharcados de perfume, cara pintada, membros lânguidos, andar efeminado, a perambularem pelas praças e ruas de Cartago, chegando mesmo a exigir do público com que possam manter a sua vergonhosa existência.

A compreensão falha, a razão ruboriza-se, emudece a palavra! A Grande-Mãe superou todos os outros deuses, seus filhos, não pela grandeza da sua majestade, mas pelo crime. A este monstro nem a monstruosidade de Jano se compara. A monstruosidade de Jano estava apenas nas imagens, mas aquela mostra a crueldade da sua deformidade nos seus próprios mistérios. Ele acrescentava membros aos seus ídolos e ela suprimia membros aos homens. Nem os tão numerosos e tão graves estupros de Júpiter superaram esta ignomínia. Este, no meio dos seus atentados contra as mulheres, só com Ganímedes desonrou o Céu. Mas ela, com tantos invertidos profissionais e públicos, profanou a Terra e ultraja o Céu.

Em crueldade tão obscura, talvez se lhe compare ou lhe passe à frente Saturno, que, diz-se, castrou o próprio pai. Mas, nos mistérios

de Saturno, os homens podiam morrer nas mãos dos outros, mas não se mutilavam com as suas próprias mãos. Saturno, contam os poetas, devorou seus filhos, e os físicos explicam este ato como lhes apetece, mas a história ensina-nos que ele os matou.

Também os Cartagineses lhe imolavam seus filhos, mas os Romanos não permitiram este sacrifício. Pelo contrário, a Grande-Mãe dos deuses impôs a castração mesmo nos templos de Roma e neles manteve esta cruel prática, fazendo crer que, castrando os Romanos, lhes reforçava a virilidade.

Ao lado deste mal, que são os latrocínios de Mercúrio, a lascívia de Vênus, os estupros e obscenidades dos outros deuses, que nós poderíamos apresentar, tirados dos livros, se não fossem todos os dias cantados e celebrados nos teatros?

Que são eles, ao lado de um tão grande mal, cuja grandeza só à Grande-Mãe poderia convir? Diz-se: tal qual como outras, estas coisas são ficções dos poetas; como se os poetas tivessem inventado também que tudo isso é aceite e agradável aos deuses. Que os tenham cantado ou por escrito os tenham contado, talvez tenha sido audácia e petulância dos poetas; mas que os tenham ligado às coisas divinas e às honras religiosas por ordem e sob pressão destas divindades, que é isto senão um crime dos deuses, ou, melhor talvez, uma confissão dos demônios e uma armadilha aos desgraçados?

Que a mãe dos deuses tenha sido considerada digna de ser honrada pela consagração de homens mutilados, isso não é uma invenção dos poetas; eles preferiram mostrar o seu horror, a cantá-lo.

Quem estará disposto a consagrar-se a estes deuses escolhidos, para, após a morte, conseguir a vida bem-aventurada, se aqueles que se lhes consagram não podem viver honradamente antes da morte, submetidos a tão repugnantes superstições e vinculados a tão obscessivos demônios?

Mas tudo isto, diz Varrão, se refere ao Mundo. Ao imundo, deveria antes dizer. Como é que, na verdade, não há de se referir ao mundo o que (como está demonstrado), se encontra no mundo?

Quanto a nós, o que nós buscamos é uma alma que, cheia de fé na verdadeira religião, não adore o mundo como seu deus, mas o admire como obra de Deus e por causa de Deus; uma alma que, purificada da imundície do mundo, chegue sem nada de imundo ao Deus criador do Mundo.

CAPÍTULO XXVII

Explicações físicas imaginadas por alguns, que não honram a verdadeira divindade e cujo culto não é o que convém à verdadeira divindade.

Vemos que estes deuses escolhidos se tornaram mais conhecidos do que os outros, não porque se tenham posto em relevo os seus méritos, mas sim porque os seus crimes não ficaram ocultos. Por isso

é mais verossímil que tenham sido humanos, como o testemunham não só os escritos dos poetas mas também a tradição histórica.

De fato, o que diz Virgílio: *O primeiro que veio do alto Olimpo foi Saturno, fugindo das armas de Júpiter e desterrado dos reinos perdidos*²⁴⁵ e os versos que se seguem sobre este fato referem-se a acontecimentos contados por Evêmero, cujo relato foi traduzido por Ênio para o latim. E, como disseram já tantas coisas os que antes de mim escreveram em grego e em latim contra estes erros, não vale a pena deter-me nisso.

Quando considero as teorias naturais pelas quais as pessoas doutas e argutas se esforçam por converter as coisas humanas em coisas divinas, constato que tudo nelas recai unicamente em obras temporais e terrestres, em uma natureza corporal que, apesar de invisível, nem por isso é menos mutável e, por conseguinte, de maneira nenhuma poderia ser o verdadeiro Deus. Se ao menos elas se expri-missem em simbolismos conformes com o sentido religioso, certamente que se lamentaria que eles não tenham servido para anunciar e glorificar o verdadeiro Deus, mas seriam de certo modo suportáveis pelo simples fato de não obrigarem nem prescreverem qualquer rito imundo e torpe.

²⁴⁵ *Primus ab aetherio venit Satumus Olimpo, Arma Jovis fugiens et regnis exsul ademptis.* Virgílio, *Eneida*, VIII, 319-320.

Mas, uma vez que não é lícito adorar, em lugar do verdadeiro Deus — único que pode tomar feliz a alma em que habita — quer um corpo quer uma alma, quanto mais ilícito não será adorá-los de uma forma que não assegura ao corpo e à alma do adorador nem a salvação nem a honra humana.

Por isso, se, com templos, sacerdotes e sacrifícios (que só ao verdadeiro Deus são devidos), se venera algum elemento do mundo ou algum espírito criado (mesmo que não seja imundo nem mau), não é com certeza mau porque sejam más essas honras, mas porque elas são de tal natureza que só devem ser empregadas no culto daquele a quem se deve todo o culto e serviço.

Por outro lado, se se pretende que ridículas e monstruosas estátuas, sacrifícios homicidas, coroas depostas sobre os órgãos viris, o comércio da prostituição, o corte dos membros, as mutilações vergonhosas, as consagrações de invertidos, a celebração de jogos impuros e obscenos, contribuem para honrar o verdadeiro Deus, isto é, o Criador de todas as almas e de todos os corpos, peca-se, não porque se adore um ser que não devia ser adorado, mas porque não se adora como deve ser o Deus que se deve adorar.

Mas recorrer a tais meios, isto é, a torpezas e infâmias, para adorar, não o verdadeiro Deus, criador da alma e do corpo, mas uma criatura, mesmo inocente, seja ela alma ou corpo, seja conjuntamente alma e corpo, é pecar duas vezes contra Deus, adorando em seu lugar

um ser dele diferente, adorando-o de uma forma indigna não só dele, mas de qualquer outro.

De que modo os pagãos adoram, isto é, quão torpe e perversamente adoram, está bem à vista! Que objeto ou que seres adoram eles, é assunto que ficaria por esclarecer, se a sua história não atestasse que tal culto, cuja hediondez e ignomínia confessam, se dirige a divindades que o exigem com terríveis ameaças. Fica pois dissipado todo o equívoco: são horríveis demônios, espíritos imundos que toda esta teologia civil convida a se mostrarem nessas estúpidas imagens, para possuírem, por intermédio delas, o coração dos insensatos.

CAPÍTULO XXVIII

A teologia de Varrão está em total desacordo consigo própria.

Que vale, pois, o raciocínio, aparentemente tão sutil, de um homem tão douto e arguto como Varrão, ao tentar reduzir todos esses deuses ao Céu e à Terra e transferi-los para aí? Não pode! Os deuses escorregam-lhe das mãos, escapam-se, resvalam e caem. Ao falar das fêmeas, isto é, das deusas, escreve:

Como disse no primeiro livro consagrado aos lugares, é dupla a origem atribuída aos deuses: o Céu e a Terra. É por isso que a uns deuses se chama celestes e a outros terrestres. Nos livros anteriores, começamos pelo Céu, ao falarmos de Jano que, na opinião de al-

*guns, é o Céu e, na opinião de outros, é o mundo. Assim, ao tratarmos das fêmeas, começamos por Telure*²⁴⁶.

Compreendo as dificuldades de um tão elevado engenho. É de fato arrastado por certas verossimilhanças a fazer do Céu um agente e da Terra um paciente. É por isso que ele atribui, a um, uma virtude masculina e, à outra, uma virtude feminina e não repara que, quem fez um e outra, foi o que tudo isso fez.

Daí que, no livro precedente, também assim tenha interpretado os famosos mistérios de Samotrácia e prometa, com uma seriedade quase religiosa, expor por escrito e enviar aos seus, coisas que lhes são desconhecidas.

Diz ele que de muitos indícios tirou a conclusão de que, entre as estátuas, uma representa o Céu, outra a Terra e outra os modelos das coisas a que Platão chama ideias. Quer que em Júpiter se veja o Céu, em Juno a Terra, em Minerva as ideias, o Céu pelo qual tudo é feito, a Terra de que tudo é feito, o modelo segundo o qual tudo se faz.

Abstenho-me de mencionar aqui que Platão concede a essas ideias um tal poder que o Céu, longe de fazer seja o que for em conformidade com elas, ele próprio é que seria feito à sua semelhança.

²⁴⁶ *Quoniam, ut primo libro dixi de locis, duo sint principia deorum animadversa de caelo et terra, a quo dii partim dicuntur caelestes, partim terrestres: ut in superioribus initium fecimus a caelo, cum diximus de Jano, quem alii caelum, alii dixerunt esse mundum, sic de feminis scribendi facitnus initium a Tellure.*

Direi apenas que, no seu livro acerca dos deuses escolhidos, (Varrão) perdeu de vista o alcance desses três deuses, com os quais abarcava a bem dizer a totalidade das coisas.

Realmente, ele atribui ao Céu as divindades masculinas, à Terra as femininas e entre estas últimas colocou Minerva, que um pouco antes tinha posto acima do próprio Céu. Além disso, um deus masculino — Netuno — está no mar, que pertence mais à Terra do que ao Céu. E, por fim, Dispáter (*Dis Pater*), chamado em grego *Πλούτων* (Plutão), também deus masculino e irmão dos outros dois, apresenta-se como um deus da Terra e dela ocupa a parte superior, ocupando Prosérpina, sua esposa, a parte inferior. Como é que pretendem, então, referir os deuses ao Céu e as deusas à Terra? Que é que há de sólido, de coerente, de sensato, de preciso, nesta exposição?

Telure é de fato o princípio das deusas, a Grande-Mãe, em volta da qual os invertidos e mutilados, castrados e contorcionistas exibem a sua ruidosa e louca torpeza.

Para que, então, chamar Jano de a cabeça dos deuses e Telure de a cabeça das deusas? Nem o erro pode do primeiro fazer uma cabeça sequer, nem a loucura pode curar a da segunda. Porque é que tentam, em vão, referir tudo isto ao Mundo? Mesmo que isso fosse possível, nenhum espírito religioso adoraria o Mundo em vez do verdadeiro Deus. E, todavia, que isso não é possível, demonstra-o a evi-

dência da verdade. Atribuam tudo isto a pessoas que já morreram, a demônios detestáveis e não haverá mais dificuldades.

CAPÍTULO XXIX

Tudo o que os fisiólogos atribuem ao Mundo e às suas partes deve ser atribuído ao único Deus verdadeiro.

Vejamos como tudo o que a teologia atribui ao mundo com a ajuda de razões pretensamente naturais, deve ser efetivamente atribuído, sem a menor suspeita de sacrilégio, ao verdadeiro Deus, criador do Mundo, autor de toda a alma e de todo o corpo!

Nós adoramos Deus e não o Céu e nem a Terra, que são partes constitutivas do Mundo. Nem a alma ou as almas difundidas em todos os seres vivos, mas Deus que fez o Céu e a Terra e tudo o que neles se contém, autor de toda a alma, quer simplesmente viva e carente de sensibilidade e de razão, quer também a dotada de sensibilidade ou também de inteligência.

CAPÍTULO XXX

Por que faculdade-sentimento religioso (*qua pietate*) distinguimos o Criador das criaturas, de modo a não adorarmos, em vez de um só, tantos deuses quantas as obras de um só autor.

E, para começar a percorrer as obras do único Deus verdadeiro — obras que levaram os pagãos à invenção de uma multidão de falsos deuses, esforçando-se por, com aparências de honestidade, inter-

pretarem os mais torpes e perversos mistérios — digamos: nós adoramos Deus e não as naturezas, das quais é o criador e fixou o começo e o fim, quer da sua existência, quer da sua atividade; que detém, conhece e ordena as causas dos seres; que conferiu às sementes a sua virtualidade; que comunica aos vivos, que ele próprio escolheu, uma alma racional, chamada espírito; que dotou os humanos da faculdade e uso da palavra; que concedeu aos espíritos, como lhe aprouve, o dom de anunciar o futuro e que ele próprio prediz por intermédio de quem lhe apraz, como, por intermédio de quem lhe apraz, cura os doentes; que governa os inícios, desenvolvimentos e términos das próprias guerras, quando, desta forma, o gênero humano merece ser corrigido e castigado; que cria e rege o fogo tão violento e tão impenitente deste mundo, como convém à imensidão da natureza; que cria e governa todas as águas; que fez o Sol, a mais brilhante das luzes materiais, ao qual deu força e movimentos convenientes; que mesmo dos Infernos não retira o seu poder e domínio; que fornece, aos mortais, sementes e alimentos secos e líquidos, apropriando-os às suas naturezas; que sustém a Terra e a torna fecunda; que dá com largueza os frutos dela aos animais e aos humanos; que conhece e ordena as causas principais e as que destas dependem; que fixou o curso da Lua, acomodou os caminhos do Céu e da Terra às mudanças de lugar; que às inteligências humanas, criaturas suas, concedeu também o conhecimento das diversas artes para ajudar a vida e a natureza; que

estabeleceu a união do macho e da fêmea para ajudar a propagar a vida; que aos agregados humanos, para se aquecerem e iluminarem, dotou de um fogo terreno próprio para todos os usos.

Tais são as obras ou atributos que o tão douto e arguto Varrão, sabendo-o de outrem ou por sua iniciativa, se esforçou por distribuir entre os deuses escolhidos, levado não sei por que interpretações físicas. De tudo isto é autor e animador o único Deus verdadeiro, mas à maneira de Deus, isto é, estando todo em toda a parte, sem estar limitado por qualquer espaço, nem ligado por qualquer vínculo, in-cindível em partes, absolutamente imutável, enchendo o Céu e a Terra de um poder presente, por natureza não carente.

Também governa tudo quanto criou, de tal maneira que a cada uma das suas criaturas é dado provocar e dirigir os seus próprios movimentos. E, ainda que nada possam sem ele, com ele não se confundem. Realiza também muitas coisas por intermédio dos anjos, mas só nele é que está a origem da felicidade dos anjos. Mesmo quando, por certas causas, ele envia anjos aos humanos, não é todavia pelos anjos, mas por ele próprio que torna felizes os humanos, tal qual como torna felizes os anjos.

É deste único Deus verdadeiro que esperamos a vida eterna

CAPÍTULO XXXI

Benefícios que, além dos gerais, Deus concede aos que seguem a verdade.

Temos realmente dele um grande sinal do seu amor para com os bons, além dos benefícios que, de acordo com a administração, já por nós mencionada, da natureza, ele concede aos bons e aos maus.

A realidade é que nunca seremos capazes de lhe agradecer a dádiva de sermos, de vivermos, de contemplarmos o Céu e a Terra, de possuirmos inteligência e razão para procurarmos Aquele que todos estes bens criou.

E todavia, acabrunhados pelo peso dos nossos pecados, desviados da contemplação da sua luz, cegos pelo amor das trevas, ou seja, da iniquidade, não fomos completamente abandonados, mas ele nos enviou o seu Verbo, o seu único Filho, que, na sua carne, de nós assumida, nasceu e sofreu para que soubéssemos quanto Deus amou o ser humano e ficássemos purificados de todos os pecados por esse sacrifício sem igual e, com a caridade do Espírito Santo, derramada em nossos corações, chegássemos ao eterno descanso e inefável docura da sua contemplação.

Que corações, que línguas poderão ter a pretensão de lhe prestarem condignas ações de graças?

CAPÍTULO XXXII

O sacramento da Redenção de Cristo nunca faltou nos tempos passados e sempre foi anunciado por diversos sinais.

Desde a origem da humanidade que este mistério da vida eterna foi, por meio de símbolos e de sinais sagrados apropriados aos tempos, anunciado pelos anjos aos que deviam conhecê-lo. Depois, o Povo Hebreu foi congregado numa espécie de Estado encarregado de realizar este mistério. Aí, pela voz de certas pessoas, uns disso conscientes, outros inconscientes, foi predito tudo o que devia acontecer desde a vinda de Cristo até os nossos dias e depois.

Posteriormente, este povo dispersou-se por diversas nações, para dar testemunho das Escrituras em que se anunciava a salvação eterna que viria a realizar-se em Cristo. Por que, não apenas as profecias, que consistem em palavras, nem apenas os preceitos da vida, que regem os costumes e a religião e estão contidos nessas Escrituras, mas também os ritos sagrados, o sacerdócio, o tabernáculo ou o templo, os altares, os sacrifícios, as cerimônias, os dias de festa e as outras instituições pertinentes ao serviço devido a Deus, serviço a que os Gregos chamam *λατρεία* (*latreia*), tudo isto figurou e pressagiou os acontecimentos que, para a vida eterna dos fiéis em Cristo, se realizaram, como nós acreditamos, se realizam, como estamos a ver e virão a se realizar, como esperamos.

CAPÍTULO XXXIII

Só a religião cristã pôde descobrir o engano dos espíritos malignos que se alegram com os erros humanos.

Pois foi esta religião, única e verdadeira, que foi capaz de pôr a descoberto que os deuses dos gentios mais não são que impuros demônios. Aproveitando-se das almas dos mortos e sob a aparência de criaturas deste mundo, desejando passar por deuses, têm-se deleitado com uma orgulhosa impudênciā nas honras quase divinas, que mais não eram senão abominação e torpeza e têm invejado às almas humanas a sua conversão ao verdadeiro Deus.

De tão monstruosa e sacrílega tirania se libertou o ser humano pela sua fé n'Aquele que, para o elevar, lhe deu o exemplo de uma humildade igual em grandeza ao orgulho que fez cair os demônios. Entre estes é preciso colocar, não somente os deuses de que já tanto falamos e tantos outros de outras terras e povos, mas também aqueles de que falamos agora, os deuses escolhidos para constituírem como que um Senado dos deuses, a todos preferidos, não pela dignidade das suas virtudes mas pela fama dos seus crimes.

Nos seus esforços por reduzir o seu culto a explicações naturais, Varrão, procurando coonestar torpezas, não é capaz de as enquadrar e harmonizar com as suas explicações. É que as verdadeiras causas destes ritos não são as que ele crê ou pretende fazer crer. Se, efetivamente, houvesse tais causas ou outras semelhantes, elas ne-

nhuma relação teriam, sem dúvida, com Deus e a vida eterna, que há que procurar na religião. Mas, dando a estes ritos uns laivos de explicação tirada dos seres da natureza, elas teriam pelo menos atenuado um pouco o escândalo causado pela obscenidade e absurdade desses mesmos ritos mantidos sem explicações. Foi assim que tentou fazer para certas fábulas do teatro ou certos mistérios do templo, sem justificar os teatros ao compará-los aos templos, mas antes condenando os templos ao compará-los aos teatros. Pelo menos, esforçou-se por, com semelhantes explicações naturais, apaziguar o bom senso revoltado por tais horrores.

CAPÍTULO XXXIV

Dos livros de Numa Pompílio que o Senado mandou queimar para se não divulgarem as causas das instituições religiosas tal como neles vinham expostas.

Bem ao contrário, sabemos, como no-lo relata esse tão douto Varrão, que a revelação das causas dos ritos sagrados referida nos livros de Numa Pompílio, pareceu a tal ponto intolerável e foi considerada indigna, não só de ser lida pelas pessoas religiosas, mas mesmo de ser conservada por escrito às ocultas.

É a ocasião de eu dizer o que no livro terceiro desta obra eu tinha prometido relatar no momento próprio. Efetivamente, assim se lê no livro do mencionado Varrão acerca do culto aos deuses:

*Um certo Terêncio possuía uma propriedade perto do Janícu-
lo. O seu vaqueiro, ao arrastar o arado perto do túmulo de Numa
Pompílio, desenterrou os livros em que se encontravam escritas as
causas das instituições religiosas. Levou-os a Roma, ao pretor. Este
viu o princípio deles e deferiu ao Senado questão de tanta monta. Aí,
quando leram algumas das razões que explicavam cada uma das
instituições, o Senado concordou com o falecido rei, determinando
os Senadores (padres conscritos), religiosos como eram, que o pre-
tor queimasse esses livros*²⁴⁷.

Pense cada um o que quiser. Mais ainda, diga qualquer ilustre defensor de tamanha impiedade o que lhe sugerir a sua extravagante teimosia. Quanto a mim, basta-me constatar que as explicações religiosas escritas pela mão do rei Pompílio, fundador da Religião Romana, tiveram de se conservar escondidas do povo, do Senado, dos próprios sacerdotes. Foi este rei em pessoa quem, impelido por uma curiosidade culpável, se iniciou nos segredos dos demônios e os reduziu a escrito para os recordar quando os lesse.

²⁴⁷ *Terentius quidam cum haberet ad Janiculum fundum et bubulcus ejus juxta sepulcrum Numae Pompilii traicens aratrum eruisset ex terra libros ejus, ubi sacrorum institutorum scriptae erant causae, in Urbem pertulit ad praetorem. At ille cum inspexisset principia, rem tantam detulit ad Senatum. Ubi cum primores quasdam causas legissent, cur quidque in sacris fuerit institutum Numae mortuo Senatus adsensus est, eosque libros tanquam religiosi patres conscripti, (a) praetor ut combureret, censuerunt.*
Tito Lívio, *Hist. XL*, 29.

(a) Padres conscritos, nome por que eram tratados os patrícios (patres) recrutados (*conscripti*) para constituírem o Senado desde que este fora criado por P. Valério depois da expulsão dos reis.

Mas, embora, por ser rei, nada tivesse a temer, não se atreveu nem a comunicá-los nem a perdê-los, destruindo-os de qualquer maneira. Assim, como não queria que ninguém conhecesse coisas tão abomináveis e como, por outro lado, receava profaná-los, com o que atrairia a ira dos deuses, enterrou-os num sítio que julgou seguro, não pensando que um arado poderia passar tão perto da sua sepultura.

Quanto ao Senado, teve receio de ter de condenar a religião dos antepassados e viu-se consequentemente constrangido a concordar com Numa. Todavia, julgou estes livros tão perniciosos que se recusou a enterrá-los de novo, para evitar que a curiosidade humana procurasse, com mais ardor, uma coisa já tornada pública e mandou destruir pelo fogo tão nefandos documentos. E assim, por que se julgou necessária a manutenção desse culto, a ilusão sustentada pela ignorância das causas pareceu preferível às perturbações que o seu conhecimento suscitaria na cidade.

CAPÍTULO XXXV

Da hidromancia, na qual Numa foi mistificado por certas imagens dos demônios.

Como lhe não foi enviado nenhum profeta de Deus, nenhum santo anjo, Numa viu-se forçado a recorrer à hidromancia, para ver na água as imagens dos deuses, ou antes, as mistificações dos demô-

nios e aprender o que devia instituir e observar em matéria de ritos sagrados.

O mesmo Varrão nos diz que este gênero de adivinhação, importado da Pérsia, foi praticado por Numa e mais tarde pelo filósofo Pitágoras. Acrescenta ainda que, desde que se empregue sangue, se podem consultar também os infernos {método a que ele dá o nome grego de *vεχνομαντεία* (*Nekromanteia*), que também se chama hidromancia ou necromancia, que é tudo o mesmo; aí, ao que parece, são os mortos quem revelam o futuro}.

Por que artifícios o conseguem, eles lá sabem. O que eu não quero é afirmar que estes artifícios costumavam ser proibidos e punidos pela severidade das leis dos gentios nas suas cidades antes da vinda do nosso Salvador. Não, repito, não o quero afirmar. É que, talvez, de fato, fossem então permitidos.

Mas não deixou de ser graças a tais artifícios que Pompélio tomou conhecimento dessas instituições sagradas, cujos ritos publicou e cujas explicações enterrou (tal foi o medo que ele próprio sentiu pelo que ficou a saber) contidas nos livros que o Senado entregou às chamas logo que os descobriu.

A que propósito vem pois Varrão, não sei com que pretensas causas físicas para explicar esses ritos? Se os livros de Numa contivessem semelhantes explicações, não os teriam queimado com certeza, ou então os livros do mesmo Varrão dedicados ao pontífice César

teriam sido, da mesma forma, lançados ao fogo pelos Senadores (pais dos conscritos).

Quanto ao ato de Numa Pompílio, carreando, isto é, transportando água para as suas operações de hidromancia, ele explica através da tradição do seu casamento com a ninfa Egéria, conforme o expõe Varrão no citado livro. Assim, costuma acontecer que fatos reais, uma vez aspergidos de mentiras, se transformam em fábulas. Foi pois pela hidromancia que este curiosíssimo rei romano aprendeu os ritos sagrados que os pontífices deviam conservar nos seus livros, e as explicações destas cerimônias que ele quis ser o único a conhecer.

Foi por isso que, depois de as ter escrito em segredo, teve o cuidado de as enterrar, para as subtrair ao conhecimento humano.

Portanto, ou as paixões dos demônios lá descritas eram tão sórdidas, tão perniciosas, que toda a teologia civil delas haurida devia parecer execrável, mesmo a pessoas que tinham aceitado tantas infâmias nos seus ritos sagrados, ou então revelava-se aí que todos estes deuses, tidos por imortais desde há tanto tempo pela quase totalidade dos povos pagãos, mais não eram que pessoas falecidas.

Estes ritos agradavam aos demônios que, firmando a sua autoridade em falsos milagres, se faziam adorar, em vez desses mortos, fazendo-se passar por deuses. Por uma secreta Providência do verdadeiro Deus, os demônios, tornados favoráveis pelos artifícios da hi-

dromancia, puderam revelar ao seu amigo Pompílio todas essas ignomínias, sem todavia o advertirem de, à sua morte, as queimar em vez de as enterrar.

De resto, para evitarem que elas fossem conhecidas, não puderam eles impedir nem que a charrua as exumasse, nem que a pena de Varrão fizesse chegar até nós o relato deste fato. É que eles não podem fazer mais do que lhes é permitido. Por um justo e profundo desígnio de Deus soberano, foi-lhes permitido afligir ou mesmo sujeitar e enganar aqueles que é justo tratar assim porque o merecem.

Na verdade, quão perniciosos, quão afastados do culto da verdadeira divindade foram esses escritos julgados, pode-se deduzir do fato de o Senado achar preferível queimar os livros, que Pompílio tinha escondido a recear o que receou aquele que se não atreveu a fazê-lo. Por conseguinte, quem nem mesmo agora quer levar uma vida religiosa, procure a eterna em tais mistérios. Mas quem não desejar alianças com os demônios malignos, não tema a perniciosa superstição com que são venerados, mas, bem ao contrário, reconheça a verdadeira religião graças à qual eles são desmascarados e vencidos!

Livro VIII – A teologia natural.

Aborda o terceiro gênero de Teologia, chamada natural e trata da questão dos deuses a essa teologia ligados, isto é, se o culto desses deuses tem interesse para se conseguir a vida bem-aventurada que surgirá depois da morte. A discussão travar-se-á com os platônicos, por que estes estão muito acima dos outros filósofos e estão mais próximos da verdade da fé cristã. Antes de tudo, refutam-se aqui Apuleio e todos os que pretendem que se deve prestar culto aos demônios, como mediadores e intérpretes entre os deuses e os humanos. Demonstra-se que esses demônios estão sujeitos aos vícios e introduziram o que as pessoas honradas e prudentes reprovam e condenam, ou seja, as sacrilegas ficções dos poetas, os ludibrios teatrais, os malefícios e os crimes das artes mágicas. Averiguado que eles favorecem e se comprazem com tudo isto, conclui-se que de modo nenhum se podem conciliar os humanos com os deuses bons.

CAPÍTULO I

É com os filósofos que professam a mais elevada doutrina que se deve discutir a questão da teologia natural.

Precisamos agora de uma muito maior atenção do que a exigida para a explicação e solução dos problemas dos livros anteriores. É que, de fato, ao tratarmos da chamada teologia natural, temos que lidar, não com quaisquer pessoas (pois já não se trata da teologia mística ou civil, isto é, a do teatro e a da cidade, das quais uma exalta ostensivamente os crimes dos deuses e a outra põe a descoberto os seus mais criminosos desejos; desejos, portanto, mais de demônios maléficos do que de deuses), mas é com filósofos que devemos discutir e com aqueles cujo nome proclama o amor à sabedoria.

Ora se a Sabedoria é Deus __ por quem tudo foi feito, como o demonstraram a autoridade divina e a verdade __ verdadeiro filósofo é o que ama a Deus. Mas, porque a própria coisa assim chamada não existe em todos os que se gabam deste nome (realmente nem todo aquele que se diz filósofo é por isso amigo da verdadeira sabedoria), certamente que, de entre todos aqueles cujas opiniões e escritos podemos conhecer, teremos que escolher aqueles com quem se pode dignamente tratar desta questão.

Aliás, nesta obra não pretendo refutar todas as opiniões de todos os filósofos, mas apenas as que se referem à teologia, palavra grega com que queremos significar o pensamento ou palavra acerca da divindade. E, mesmo assim, não a opinião de todos, mas apenas a dos que, admitindo embora a existência de Deus e a sua solicitude para com os humanos, julgam, todavia, que o culto de um Deus único e imutável é insuficiente para se obter a bem-aventurança depois da morte e creem que, por isso, é preciso adorar uma multidão de deuses; criados __ aliás __ e instituídos pelo único e verdadeiro Deus.

A opinião destes filósofos marca já um grande progresso sobre a de Varrão na aproximação da verdade. Realmente, este soube desenvolver a teologia natural apenas até aos limites deste mundo ou da sua alma; aqueles, porém, confessam um Deus que ultrapassa toda a natureza da alma; um Deus que fez não apenas este mundo visível, a que tantas vezes chamamos o céu e a terra, mas também toda a alma

sem exceção; um Deus que concede a felicidade à alma dotada de razão e de inteligência, como é o caso da alma humana, fazendo-a participar da sua luz imutável e incorpórea.

Estes filósofos chamam-se platônicos, nome que deriva de Platão, seu mestre. Ninguém o ignora, por muito que tenha ouvido falar destes assuntos. Vou, portanto, a propósito de Platão, tratar sumariamente do que me parece necessário à presente discussão, mencionando primeiramente os que o precederam neste gênero de estudos.

CAPÍTULO II

As duas escolas filosóficas — a itálica e a jônica — e os seus fundadores.

No que respeita às letras gregas, cuja língua é considerada como a de maior lustre entre as nações, a tradição dá-nos a conhecer duas escolas de filósofos: uma, denominada itálica, desta parte da Itália a que outrora se dava o nome de Grande Grécia e a outra, a jônica, da parte a que ainda hoje se dá o nome de Grécia.

A escola itálica teve por fundador Pitágoras de Samos, de quem provém também, segundo se conta, o nome da filosofia. Efetivamente, antes dele, chamavam-se sábios aqueles que, de certo modo, se sobressaíam dos demais por uma conduta digna de louvor; mas ele, interrogado acerca da sua profissão, respondeu que era um filó-

sofo, isto é, um estudante ou amigo da sabedoria. É que lhe parecia demasiado pretencioso chamar sábio a si próprio.

A escola jônica teve por chefe Tales de Mileto, um dos chamados sete sábios. Os outros seis distinguiram-se pelo seu gênero de vida e por certas regras próprias para assegurarem uma boa conduta.

Tales, na mira de suscitar sucessores, elevou-se acima de todos, aprofundando a natureza das coisas e reduzindo as suas pesquisas a escrito. O que lhe valeu maior admiração foi ter conseguido captar as leis da astronomia e predizer os eclipses do Sol e da Lua. Pensou que a água é o princípio das coisas, donde provêm todos os elementos do mundo, o próprio mundo e o que nele se produz. Mas a esta atividade, que a consideração do mundo nos faz ver tão admirável, não propôs ele qualquer princípio proveniente da inteligência divina.

Anaximandro, um dos seus discípulos, sucedeu-lhe e modificou a sua concepção da natureza. Para este, não é duma só coisa — como a água, para Tales — que tudo provém; mas cada coisa nasce dos seus princípios próprios. Estes princípios próprios de cada coisa são, crê ele, em número infinito e geram inúmeros mundos com tudo o que nele aparece. Ainda segundo a sua opinião, estes mundos ora se dissolvem ora renascem, conforme o tempo que cada um pode durar. Também ele não reconhece à inteligência divina nenhuma interferência nas atividades da natureza.

Deixou como sucessor Anaxímenes que atribuiu ao ar infinito todas as causas dos seres. Não negou os deuses, nem deixou de a eles se referir, todavia, não julgou que tivessem feito o ar, mas, antes, eles é que provêm do ar.

Pelo contrário, Anaxágoras, discípulo de Anaxímenes, julgou que todos os seres que vemos tiveram por autor um espírito divino e afirmou que ele os tirou de uma matéria infinita, constituída por partículas semelhantes entre elas. Cada um dos seres era feito das suas partículas próprias, mas sob a ação do espírito divino.

Diógenes, outro discípulo de Anaximandro, afirmou, também ele, que o ar era a matéria de que todos os seres eram feitos. Mas que o ar era dotado duma inteligência divina sem a qual, dele nada se pode fazer.

A Anaxágoras sucede seu discípulo Arquelau. Também este pensou que todas as coisas são constituídas por partículas semelhantes entre elas, mas entendia que todas elas se mantinham coesas graças a uma inteligência que movia os corpos eternos, isto é, as referidas partículas, unindo-as e separando-as.

Diz-se que teve por discípulo Sócrates, mestre de Platão. Foi em consideração a este mestre que resumi todas estas doutrinas.

CAPÍTULO III

Doutrina de Sócrates.

Segundo a tradição, Sócrates foi o primeiro a orientar toda a filosofia para a reforma e a disciplina dos costumes, ao passo que todos os seus antecessores tinham consagrado os maiores esforços a aprofundar as coisas físicas, isto é, as coisas da natureza.

Porque terá ele procedido assim? Terá ele pretendido, dominado pelo tédio das coisas obscuras e incertas, descobrir algo de claro e certo, necessário para a vida feliz, a cuja única consecução parece encaminhado o cuidado e o trabalho de todos os filósofos? Ou será, como suspeitam alguns mais benevolentemente, que ele não queria que espíritos manchados pelas paixões terrenas tivessem a veleidade de aspirar às coisas divinas?

Não me parece que seja possível pôr a claro esta questão. Às vezes notava que se afadigavam na investigação das causas das coisas, quando, segundo pensava, essas causas apenas residem, como primeiras e supremas, unicamente na vontade de um único e soberano Deus. Daí que, ainda segundo a sua opinião, só é possível captá-las com uma inteligência purificada. É por isso é que ele julgava que era necessário insistir na obrigação de purificar a vida com hábitos. Assim é que a alma, aliviada do fardo das paixões degradantes, se poderia elevar pelo seu natural vigor para as verdades eternas e contemplar, com uma inteligência pura, a substância da incorpórea e

imutável luz, onde vivem firmes as causas de todas as naturezas criadas.

Consta que, ora confessando a sua ignorância, ora dissimulando o seu saber, castigou e venceu, com o maravilhoso encanto da sua dialética e a extrema finura da sua graça, a loucura dos ignorantes que pretendiam saber alguma coisa, mesmo em questões morais, às quais parecia que tinha ele dedicado toda a sua atenção. Deste modo atraiu sobre si inimizades e, incriminado por acusação caluniosa, foi condenado à morte. Mais tarde, porém, essa mesma Atenas que publicamente o declarara culpado, também publicamente por ele pôs luto e a indignação do povo voltou-se contra os dois acusadores com tamanha violência que um deles morreu às mãos da multidão e o outro só escapou ao castigo pelo exílio voluntário e perpétuo.

A fama de tão preclara vida e da sua morte valeu a Sócrates ter deixado numerosos discípulos que, obstinadamente, tomaram o gosto pelo estudo dos problemas morais; bem que se trata do soberano bem que pode tomar o homem feliz.

Mas, porque nas lucubrações de Sócrates não aparece tudo muito claro, dada a sua maneira de tratar as questões, isto é, afirmando-as ou negando-as, cada um dos seus discípulos tomou o que mais lhe aprovou, estabelecendo, como melhor lhe pareceu, qual o fim último. Mas chama-se fim último ao que torna feliz quem o consegue. É acerca desse fim que os Socráticos (fato dificilmente de acre-

ditar, por se tratar de discípulos do mesmo e único mestre) têm concepções tão divergentes que alguns, como Aristipo, puseram o bem supremo na voluptuosidade; outros, como Antístenes, na virtude; e houve ainda muitos outros que emitiram opiniões que seria muito demorado enumerar.

CAPÍTULO IV

Platão, que foi o principal discípulo de Sócrates, dividiu a filosofia em três partes.

Entre os discípulos de Sócrates, o que brilhou com mais deslumbrante e merecida glória, o ponto de eclipsar totalmente todos os outros, foi Platão.

Ateniense nascido de ilustre família, em muito ultrapassou os seus condiscípulos pelo seu maravilhoso engenho. Pensando que, para aperfeiçoar a filosofia, nem em si próprio, nem nas lições de Sócrates encontrava o bastante, viajou durante muito tempo e por tão longe quanto lhe foi possível, por onde quer que o atraísse o renome de uma doutrina célebre digna de ser recolhida.

Assim, no Egito aprendeu todas as doutrinas reputadas que lá se professavam. De lá passou às regiões da Itália onde os pitagóricos gozaram de grande fama e, seguindo as lições dos mais eminentes mestres, assimilou com toda a facilidade tudo o que então florescia na filosofia itálica. Devido à particular estima que dedicava a seu

mestre Sócrates, fez-lhe dizer em quase todos os seus diálogos, quer o que tinha aprendido de outros mestres, quer o que por si mesmo tinha podido compreender; tudo harmonizando com o encanto e as preocupações morais do seu mestre.

Como o estudo da sabedoria tem por objeto a ação e a contemplação, pode portanto chamar-se ativa a uma parte e contemplativa à outra. A parte ativa trata da forma de nos conduzirmos na vida, isto é, respeita aos costumes que devem ser seguidos e a contemplativa ao exame das causas da natureza e da pura verdade. Consta que Sócrates sobressaiu na ativa; Pitágoras ligou-se mais, com todas as forças da sua inteligência, à contemplativa.

Atribui-se a Platão a glória de ter unido uma à outra, levando a filosofia à sua perfeição. Dividiu-a ele em três partes: a moral, que trata da ação; a natural que se confina à contemplação; a racional que distingue o verdadeiro do falso. Embora esta seja indispensável às outras duas, isto é, à ação e à contemplação, é todavia principalmente a contemplação que reivindica para si o aprofundado conhecimento da verdade. Esta divisão tripartida, aliás, não é incompatível com a que divide todo o estudo da sabedoria em ação e contemplação.

Mas, qual terá sido, nestas três partes ou em cada uma delas, o pensamento pessoal de Platão e onde terá ele colocado, quer por sua ciência quer por sua fé, o fim de todas as ações, a causa de todas as naturezas, a luz de todas as razões. Estas são questões que levariam

muito tempo a expor com exatidão __ julgo eu __ e penso também que a tal respeito não se deve afirmar temerariamente seja o que for.

Efetivamente, nas suas obras apresenta o seu mestre Sócrates como dirigindo a discussão, afeta seguir o costume muito conhecido de dissimular a sua ciência ou a sua opinião, por que tal método também lhe agradava; donde resulta tornar-se difícil distinguir as suas ideias próprias acerca das grandes questões.

Todavia, dentre os pensamentos que nele se leem, dos que ele próprio exprimiu ou dos que outros formularam e ele expõe e transcreve, parecendo aprová-los, julgamos necessário mencionar e inserir alguns nesta obra, quer ele testemunhe neles a favor da verdadeira religião, que a nossa fé adota e defende, quer pareça contradizê-la na questão do Deus único e dos múltiplos deuses, a propósito precisamente da vida verdadeiramente feliz que virá depois da morte.

Talvez, de fato, aqueles que com mais agudeza e verdade compreenderam Platão __ filósofo tão acima de todos os dos gentios __ e adquiriram uma maior fama ao tomarem-se seus discípulos, tenham de Deus esta concepção: é n'Ele que se encontra a causa da existência, a razão da inteligência e a regra da vida; três aspectos que se relacionam. O primeiro, com a parte natural da filosofia; o segundo, com a parte racional; e o terceiro, com a parte moral.

Realmente, se o ser humano foi criado para atingir, por meio do que nele há de superior, o Ser Superior a todos os seres, isto é, o

Deus único, verdadeiro e perfeito, sem o qual nenhuma natureza subsiste, nenhuma doutrina nos instrui, nenhuma conduta é útil, pois então que seja a Ele que se busque, pois que, para nós, é Ele a origem de todas as coisas; seja a Ele que se contemple, pois que para nós, é n'Ele que está toda a certeza; seja a Ele que se ame, pois que, para nós, é n'Ele que está toda a retidão.

CAPÍTULO V

Em matéria de teologia é de preferência com os platônicos que se deve discutir, pois as suas opiniões são melhores do que as dos outros filósofos.

Se, pois, para Platão, sábio é o que imita, o que conhece, o que ama a este Deus e encontra a sua felicidade em participar da sua vida, que necessidade haverá de examinar os demais? Nenhum deles estará mais próximo de nós que os platônicos. Ceda-lhes, portanto, não só essa teologia mística que diverte os espíritos dos ímpios com os crimes dos deuses, mas ceda-lhes também essa teologia civil, em que impuros demônios, seduzindo, com o nome de deuses, os povos entregues aos prazeres terrestres, acharam por bem considerar os erros humanos como honras divinas; em que esses demônios, despertando nos seus adoradores imundas paixões, os provocam, sob o pretexto de se fazerem honrar, a assistirem às representações dos seus crimes, entregando-se eles próprios aos olhares dos espectadores como à mais agradável das representações; em que, finalmente, o que

pode restar de honestade no templo, sendo manchado pelo seu compromisso com as torpezas do teatro, tudo o que de infame se comete no teatro merece louvor, em comparação com as vilanias do templo.

Cedam-lhes também as interpretações de Varrão, para quem estes ritos sagrados se referem ao Céu e à Terra, às sementes e às operações dos seres mortais. Por que estes ritos não têm a significação que ele procura dar-lhes, também a verdade escapa ao seu esforço e mesmo que esta significação fosse verdadeira, a alma racional não deveria honrar, em vez do seu Deus, os seres que a ordem da natureza estabeleceu abaixo dela; nem por cima dela, como deuses, seres aos quais o verdadeiro Deus a preferiu.

Cedam-lhes ainda as escrituras, de certo referentes aos mesmos ritos, que Numa Pompílio teve o cuidado de esconder fazendo-as sepultar consigo, mas que o arado desenterrou e o Senado fez queimar! Do mesmo gênero são também — para que algo de favorável a Numa se diga — as revelações que Alexandre da Macedônia, ao escrever à sua mãe, diz ter recebido de um certo Leão, Grão Sacerdote da religião egípcia. Segundo tais revelações, não foram divinizados apenas Pico, Fauno, Enéias, Rômulo e ainda Hércules e Esculápio, Líbio filho de Sêmele e os irmãos Tindáridas e todos os outros mortais; foram divinizados também os próprios deuses das grandes nações que Cícero, sem os nomear, parece designar nas suas **Tusculana**.

nas __ Júpiter, Juno, Saturno, Vulcano, Vesta __ e tantos outros que Varrão procura relacionar com as partes do mundo ou com os elementos. Todos são representados como tendo sido humanos. Também este Grão Sacerdote, por recear uma eventual revelação dos mistérios, suplicou insistenteamente a Alexandre que, depois de ter escrito à sua mãe, lhe peça que lance a carta ao fogo.

Cedam pois estas duas teologias — a mística e a civil — aos filósofos platônicos que reconhecem o verdadeiro Deus como autor das coisas, fonte luminosa da verdade, dispensador da felicidade eterna. Cedam ainda a tão grandes pensadores que chegaram a conhecer um Deus tão grande, esses outros filósofos, cujo pensamento, escravo do corpo, não admite para a natureza senão origens corpóreas: a água, segundo Tales; o ar, segundo Anaxímenes; o fogo, segundo os estoicos; segundo Epicuro, os átomos, isto é, corpúsculos, pequeníssimos, indivisíveis e imperceptíveis; e tantos outros que não vale a pena citar, para quem os corpos, simples ou compostos, inanimados ou vivos mas, todavia, corpos, são causas e princípios das coisas.

Realmente, alguns deles, tais como os epicuristas, acreditaram que as coisas vivas podiam ser produzidas por coisas não vivas; outros pensaram que é do vivo que provêm os vivos e os não vivos, mas que todo o corpo provém de outro corpo. Quanto aos estoicos, consideraram o fogo __ um dos quatro elementos que constituem o mundo

visível __ como dotado de vida e de sabedoria e consideraram-no como tendo fabricado o Mundo, de maneira que, segundo eles, era realmente um deus.

Estes e outros que tais não conseguiram elevar o seu pensamento acima dos fantasmas que os seus corações, submetidos aos sentidos carnais, imaginaram. Realmente, tinham dentro de si o que não viam e imaginavam que viam fora de si o que não viam. Embora, na realidade, não o vissem, mas apenas o imaginassem. E isto, realmente, à vista do pensamento, já não é corpo; é antes a imagem do corpo. E a faculdade que vê na alma a imagem dum corpo não é nem esse corpo nem a imagem desse corpo. É ela que vê e julga se essa imagem é bela ou disforme e é, sem a menor dúvida, melhor do que a imagem julgada. Esta faculdade é a inteligência humana, a natureza da alma racional que, sem dúvida, não é um corpo, pois que esta imagem do corpo, quando é percebida e apreciada no ato do pensamento, já não é ela mesma um corpo. Ela não é, portanto, nem terra, nem água, nem ar, nem fogo; não é nenhum destes quatro corpos chamados os quatro elementos de que vemos ser composto o mundo corpóreo. Ora se a nossa alma não é um corpo, como é que será um corpo Deus criador da alma?

Que estes filósofos cedam, portanto, aos platônicos. Cedam-lhes também os que se envergonharam de dizer que Deus é um corpo, mas nem por isso deixam de pretender que as nossas almas são

de natureza idêntica à d'Ele. Não se sentem chocados com a mobilidade tão grande da alma, que não se poderá atribuir, sem incorrer em impiedade, à natureza de Deus. Dirão: é pelo corpo que a natureza da alma está sujeita a mudanças; propriamente, ela é imutável. Poderiam dizer também: é pelo corpo que a alma é ferida, porque esta, por ela mesma, é invulnerável. Na verdade, o que não está sujeito a mudança, nada pode mudar. Por isso é que o que pode mudar por intermédio do corpo, alguma coisa o pode mudar e, então, já não pode, rigorosamente, chamar-se imutável.

CAPÍTULO VI

Pensamento de Platão acerca da chamada filosofia física.

Estes filósofos, que, pela sua fama e glória, vemos colocados merecidamente acima dos demais, compreenderam que Deus não é corpo e, por isso é que, na busca de Deus, transcendem todos os corpos. Compreenderam que em Deus Soberano nada é mutável e por isso é que, na procura do Deus Soberano, transcendem toda a alma e todo o espírito mutável. Compreenderam, além disso, que em todo o ser que muda, toda a forma que o faz ser o que é, qualquer que seja a sua natureza e os seus modos, não pode ela própria existir senão por Aquele que é verdadeiramente, por que é imutavelmente.

E daí que, quer seja o corpo do Mundo inteiro, a sua estrutura, as suas propriedades, o seu movimento regular, os seus elementos

escalonados do Céu à Terra e todos os corpos que ele encerra; quer seja toda a vida, a que sustenta e mantém o ser, como nas árvores; a que, além disso, possui sensibilidade, como nos animais; a que acrescenta a tudo isto a inteligência, como nos humanos; ou a que, sem necessidade de mantimentos, se mantém, goza de sentimentos e de inteligência, como nos anjos, não pode manter o seu ser senão d'Aquele que simplesmente é.

Para Ele, efetivamente, ser não é uma coisa e viver outra, como se pudesse ser sem viver. Para Ele, viver não é uma coisa e compreender outra, como se pudesse viver sem inteligência. Para Ele, compreender não é uma coisa e ser feliz outra, como se pudesse ter inteligência sem a beatitude. Mas, para Ele, viver, compreender, ser feliz, tudo isso para Ele é ser.

Devido a esta imutabilidade e a esta simplicidade, os platônicos compreenderam que Deus fez todos os seres e por nenhum pôde ser feito. Realmente observaram que tudo o que existe é corpo ou vida, que a vida é coisa superior ao corpo, que a forma do corpo é sensível e a da vida é inteligível. Puseram, portanto, a forma inteligível acima da forma sensível. Ora, nós chamamos sensível ao que pode ser percebido pela visão e pelo tato do corpo; inteligível ao que pode ser captado pelo olhar do espírito.

Não há, efetivamente, beleza corpórea, quer na estrutura do corpo __ nos seus traços por exemplo __ quer num movimento, co-

mo é o canto, que não tenha o espírito por juiz. Mas este espírito não poderia ser juiz, se nele não houvesse essa beleza mais perfeita, sem o volume da massa, sem o ruído da voz, sem a extensão do lugar e do tempo.

Quanto ao próprio espírito, se, também ele, não fosse mutável, um não seria melhor do que outro ao ajuizar acerca da beleza sensível; nem o mais vivaz, o mais esperto, o mais exercitado ajuizaria melhor do que o mais lento, o menos esperto, o menos exercitado e até o próprio espírito, embora uno, ao evoluir ajuíza melhor depois do que antes de se desenvolver.

Não há dúvida de que é mutável o que é capaz de mais e de menos. Daí, facilmente concluírem, pessoas engenhosas, doutas e experientes nestas matérias, que a primeira forma não se encontra nos seres em que ela se evidencia mutável. A seus olhos, o corpo e a alma aparecem com mais ou menos forma, de maneira que se lhes chegasse a faltar toda a forma, deixariam totalmente de ser. Viram, pois, que existe um ser no qual reside a primeira forma, imutável e, consequentemente, incomparável; julgaram muito justamente que é aí que se encontra o princípio das coisas, o qual não poderá ter sido feito e pelo qual tudo terá sido feito.

Assim, é o próprio Deus que lhes desvenda o que de Deus pode ser conhecido, quando a inteligência deles perscruta, através das Escrituras, as suas perfeições invisíveis, o seu eterno poder e a sua di-

vindade (Rom. I, 19-20). Ele, por quem todos os seres, mesmo os visíveis e temporais, foram criados.

Fica exposto assim o que se refere à parte chamada física, isto é, a natural.

CAPÍTULO VII

Os platônicos devem ser considerados muito superiores aos outros filósofos em lógica ou filosofia racional.

Quanto à doutrina tratada na segunda parte, a que chamam lógica, isto é, racional, longe de mim a ideia de lhes serem comparáveis aqueles que puseram nos sentidos corporais o discernimento da verdade e pretenderam medir pelas suas regras inseguras e falazes tudo o que ao pensamento respeita. É o caso de Epicuro e semelhantes e até os próprios estoicos que, possuídos por um ardente amor por esta habilidade na discussão que se chama dialética, julgaram que ela devia ser deduzida das sensações do corpo. É a partir daí, afirmam eles, que o espírito concebe as noções as *ennoiai*²⁴⁸, como eles dizem, das coisas que se explicam por meio de definições; é a partir daí que se desenvolvem e se encadeiam todas as regras da arte de aprender e de ensinar.

²⁴⁸ Segundo os estoicos, as chamadas noções comuns ou inatas (*évvoíai*), tais como Bem, Justo, Belo, têm a sua origem nos sentidos e não em origem diferente dos sentidos. Resultam tais noções de raciocínios espontâneos, a partir da percepção das coisas concretas. Assim, a noção de Bem resulta da comparação, feita pela razão, das coisas percebidas imediatamente como boas.

Costumo admirar-me muito sempre que os ouço afirmar que só os sábios são belos. Com que sentidos do corpo terão visto essa beleza? Mas aqueles que merecidamente colocamos acima dos outros, distinguiram o que o espírito contempla daquilo que os sentidos atingem, sem nada tirarem aos sentidos das suas aptidões, sem nada lhes concederem além delas. A luz dos espíritos, para todo o conhecimento a adquirir, é, disseram eles, este mesmo Deus, por quem todas as coisas foram feitas.

CAPÍTULO VIII

Também na filosofia moral os platônicos têm a primazia.

Resta a parte moral, a Ética como se diz em grego, que trata do Bem supremo. A ele referimos tudo o que fazemos; apetecêmo-lo não por outro, mas por ele mesmo e pela sua posse termina toda a busca posterior de felicidade. É por isso que também se chama fim, por que é para ele que queremos os outros bens. Mas, àquele queremo-lo por ele mesmo.

Este bem beatífico, uns dizem que vem ao ser humano do corpo, outros da alma e outros dos dois conjuntamente. Como viam que o ser humano é formado de corpo e alma, julgavam que, quer o corpo, quer a alma, quer os dois conjuntamente é que podiam ser a origem do seu bem; de um bem definitivo, princípio da felicidade ao

qual se reportava tudo o que faziam e não tiveram que buscar outra coisa a que referi-lo.

Aqueles pois que, diz-se, acrescentaram uma terceira categoria de bens chamados extrínsecos, como a honra, a glória, o dinheiro e outros que tais, não se propunham de forma alguma a fazer deles um bem final, isto é, desejável por ele próprio, mas sim um bem desejado na mira de outro. Assim, este gênero de bens seria bom para os bons e mau para os maus.

Desta forma, este bem do ser humano __ que uns exigem da alma, outros do corpo, outros do corpo e da alma __ todos eles pensaram que haveria que procurá-lo unicamente no ser humano.

Os que o esperavam do corpo, esperavam-no da parte menos nobre. Os que o esperavam da alma, esperavam-no da parte melhor. Os que o esperavam do corpo e da alma conjuntamente, esperavam-no do ser humano todo. Mas, quer seja duma parte ou do todo, é apenas do ser humano que o esperam.

Estas diferenças, embora sejam três, não deram origem a três, mas a muitos sistemas ou seitas filosóficas, por que acerca do bem do corpo, acerca do bem da alma, acerca do bem dos dois conjuntamente, diversos filósofos emitiram diversas opiniões.

Cedam, portanto, todos esses filósofos que disseram que feliz não é a pessoa que desfruta do seu corpo, que feliz não é o que desfruta da sua alma, mas feliz é o que desfruta de Deus. Não como o

espírito desfruta do seu corpo ou de si próprio, nem como um amigo desfruta de um amigo, mas como o olhar desfruta da luz (se é que entre estas coisas alguma semelhança pode existir).

Qual seja a sua natureza, ver-se-á em outro lugar, na medida em que, com a ajuda de Deus, nos for possível. Basta por agora recordar que, segundo Platão, o bem supremo consiste em viver conforme a virtude; o que só pode ser alcançado por quem tem o conhecimento de Deus e procura imitá-lo. Não há outra causa que possa tomá-lo feliz.

Também não hesita em dizer que filosofar é amar a Deus, cuja natureza é incorpórea. Donde se segue que o desejo de sabedoria (que o mesmo é que dizer: o filósofo) só se torna feliz quando começa a desfrutar de Deus. Certamente que não se é feliz pelo simples fato de que se desfruta do que se ama, pois muitos, de fato, são infelizes por amarem o que não deviam amar e mais infelizes ainda por dele desfrutarem.

Todavia, ninguém é feliz se não desfruta do que ama. Mesmo aqueles que amam o que não deve ser amado não se julgam felizes por amarem, mas por desfrutarem. Portanto, quem desfruta daquele que ama e ama o verdadeiro e supremo bem, quem, senão o mais desgraçado negará que esse é feliz? A esse verdadeiro e supremo bem dá Platão o nome de Deus. Por isso é que diz que filósofo é o

que ama a Deus e, porque a filosofia tende para a vida feliz, é desfrutando de Deus que quem o ama é feliz.

CAPÍTULO IX

Da filosofia que mais se aproxima da verdade da fé cristã.

Portanto, quaisquer que sejam eles, os filósofos que reconhecem no verdadeiro Deus Supremo o autor das coisas criadas, a luz dos nossos conhecimentos, o bem para que tendem as nossas ações, aquele que é para nós o princípio da natureza, a verdade da doutrina, a felicidade da vida; quer se chamem mais exatamente platônicos ou se dê não importa que nome à sua escola, quer se pense que os mais notáveis mestres da escola jônica, como Platão e os que bem o compreenderam, foram os únicos a pensar assim; quer se encontre esta doutrina na escola itálica, devido a Pitágoras, aos pitagóricos e talvez a outros mestres da mesma região que partilharam as suas ideias; quer sejam quaisquer outros havidos por sábios e filósofos, de outros povos (líbios do Atlântico, egípcios, indianos, persas, caldeus, citas, gauleses, hispanos e outros mais) que tenham aprendido e ensinado estas doutrinas, a todos colocamos acima dos outros e reconhecemos que estão mais próximo de nós.

CAPÍTULO X

Excelênciā da religiō Cristā entre as disciplinas religiosas.

Um cristão instruído apenas nas letras eclesiásticas, talvez ignore o nome dos platônicos e não saiba que em língua grega houve duas correntes filosóficas: a jônica e a itálica. Não é, porém, tão surdo para as coisas humanas que desconheça que os filósofos se dedicam ao estudo e à prática da sabedoria. Todavia, acautela-se dos que filosofam em conformidade com os elementos deste mundo e não em conformidade com Deus, por quem o mundo foi feito. É que ele está avisado pelo preceito apostólico a que presta atenção com fé: *Acaute-lai-vos, não vos deixeis enganar pelas vãs seduções duma filosofia conforme aos elementos do mundo*²⁴⁹.

Mas para que não se pense que todos são assim, ouve também o que de alguns diz o Apóstolo: *Por que o que de Deus se pode conhecer está patente. O próprio Deus o manifestou. Desde que o Mundo existe, as suas perfeições invisíveis tomaram-se visíveis ao espírito por meio das suas obras, bem como o seu eterno poder e a sua divindade*²⁵⁰.

²⁴⁹ *Cavete ne quis vos decipiatur per philosophiam et inanem seductionem secundum elementa mundi.* Col., II, 8.

²⁵⁰ *Quia quod notum est Dei, manifestum est in illis; Deus enim illis manifestat. Invisibilia enim ejus a constitutione mundi per ea, quase facta sunt, intellecta conspiciuntur, sempiterna quoque virtus ejus et divinitas.* Rom., I, 19 e segs..

Dirigindo-se aos atenienses, depois de ter dito de Deus aquelas extraordinárias palavras que por bem poucos pode ser compreendida _____ é nele que vivemos, nos movemos e somos²⁵¹ _____ acrescenta: *Como o disseram alguns dos vossos*²⁵².

Com certeza que o cristão também sabe que deles se deve acautelar em assuntos em que se enganam. Efetivamente, onde está referido que, *Por meio das coisas criadas Deus revelou as suas perfeições invisíveis, acessíveis à inteligência*²⁵³, também está referido que não prestaram ao próprio Deus o seu legítimo culto, rendendo a outros seres que não o mereciam as honras divinas que só a Ele são devidas:

*Realmente, embora tenham conhecido Deus, não o glorificaram como Deus e não lhe deram graças, mas perderam-se nos seus pensamentos e o seu coração insensato se obnubilou. Apelidando-se a si próprios de sábios tornaram-se loucos e substituíram a glória de Deus incorruptível por imagens de homens corruptíveis, aves, quadrípedes e répteis*²⁵⁴.

²⁵¹ *in illo vivimus et movemur et sumus.* Act. Apost., XVII, 28.

²⁵² *Sicut et vestri quidam dixerunt.* Act. Apost., XVII, 28.

²⁵³ *por ea, quae facta sunt, Deus illis manifestavit intellectu conspicienda invisibilia sua.* Rom., I, 21 e segs.

²⁵⁴ *Quoniam cognoscentes Deum non sicut Deum glorificaverunt aut gratias egerunt, sed evanuerunt in cogitationibus suis et obscuratum est insipiens cor eorum. Dicentes enim se esse sapientes stulti facti sunt et immutaverunt gloriam incorruptibilis Dei in similitudinem imaginis corruptibilis hominis et volucrum et quadrupedum et serpentium.* Rom., I, 21 e segs..

Alude neste passo aos romanos, gregos e egípcios que se gloriam com o nome de sábios. Mais tarde, com eles discutiremos acerca deste assunto. Mas se se trata do Deus único, autor desta universalidade, d'Aquele que, pela sua incorporeidade, não só está acima de todos os corpos, mas também, pela sua incorruptibilidade, está acima de todas as almas — ele, nosso princípio, nossa luz, nosso bem — na medida em que conosco estão de acordo sobre estes pontos, preferimo-los aos demais.

Um cristão pode desconhecer as obras literárias desses filósofos; pode não saber usar, nas suas discussões, de termos que não aprendeu; pode não saber chamar de natural como os latinos, ou física, com os gregos, a esta parte da filosofia que trata do estudo da natureza; racional ou lógica à outra, em que se procura a maneira de atingir a verdade; moral ou ética, àquela em que se trata dos costumes, dos fins bons a atingir, dos fins maus a evitar. Mas o que este Cristão não ignora é que é do único, verdadeiro e perfeito Deus que recebemos a natureza, pela qual fomos feitos à sua imagem; doutrina, pela qual conhecemos a Ele e conhecemos a nós e a graça, pela qual nos tornamos felizes, unindo-nos a Ele.

É esta a razão pela qual os preferimos aos demais: porque, ao passo que os outros gastaram o seu talento e os seus esforços na busca das causas das coisas, dos métodos do conhecimento e das regras da vida, estes, uma vez conhecido Deus, ficaram a saber onde encon-

trar a causa realizadora do universo, a luz para descobrir a verdade, a fonte onde se bebe a verdade.

Os que estão de acordo conosco são os que têm semelhante concepção de Deus, quer sejam eles platônicos, quer sejam eles quaisquer outros filósofos de qualquer nação. Mas, pareceu-nos preferível tratar destas questões com os platônicos, porque as suas obras são mais conhecidas. Realmente os gregos, cuja língua sobressai entre os povos, fizeram delas os maiores elogios e os latinos, movidos pela sua excelência e glória, aprenderam-nas mais gostosamente e traduziram-nas para a nossa língua, assegurando-lhes assim maior brilho e fama.

CAPÍTULO XI

Onde terá Platão adquirido uma compreensão que tanto se aproximou da doutrina cristã.

Alguns, que nos estão unidos pela graça de Cristo, admiram-se quando leem ou ouvem dizer que Platão teve de Deus concepções que, reconhecem, estão em estreita concordância com a verdade da nossa religião. Por isso, alguns têm pensado que, tendo ido Platão ao Egito, poderia ter ouvido Jeremias, ou lido os seus escritos proféticos durante a viagem. Eu mesmo consignei esta opinião em alguns dos meus livros. Mas, um cálculo mais apurado das datas, tais como se

contém na história cronológica, mostra que Platão nasceu cerca de cem anos depois da época em que Jeremias profetizou.

Com efeito ele viveu oitenta anos. Ora, do ano da sua morte até àquele em que Ptolomeu, rei do Egito, pediu à Judeia os livros dos profetas hebreus para mandá-los traduzir para seu uso por setenta hebreus que também conheciam o grego, passaram-se cerca de sessenta. Portanto, Platão não pôde, no decurso da sua viagem, nem ver Jeremias, morto desde há muito tempo, nem ler as suas Escrituras, ainda não traduzidas para grego, língua em que era exímio. A menos, talvez, que, apaixonado estudioso como era, tenha delas tido conhecimento por intérpretes, como aconteceu com as egípcias, sem se tratar duma tradução escrita (insigne favor que, diz-se, mereceu Ptolomeu, ele que, pelo poder da sua realeza, também podia inspirar algum temor).

Mas, sem dúvida que conseguiu, com as suas conversações, tomar conhecimento, na medida do possível, do seu conteúdo.

Alguns indícios parecem autorizar esta hipótese. O livro do Gênesis começa assim: *No começo fez Deus o Céu e a Terra. A Terra era invisível e desorganizada. As trevas estendiam-se sobre o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas*²⁵⁵.

²⁵⁵ *In principio Jecit Deus caelum et terram. Terra autem erat invisibilis et incomposita, Et tenebrae erant super abyssum, Et Spiritus Dei superferebatur super aquam.* Gênesis. I, 2.

Ora, no **Timeu**, onde trata da formação do mundo, Platão declara que, para esta obra, Deus começou por juntar a terra e o fogo. É manifesto que ele põe o fogo em lugar do céu. Esta concepção tem, pois, alguma semelhança com o que diz a Escritura: *No começo fez Deus o Céu e a Terra*²⁵⁶.

Seguidamente diz que os dois elementos intermediários que serviram para associar entre si estes dois elementos extremos, foram a água e o ar. Nisto se viu uma interpretação do que está escrito: *O Espírito de Deus pairava sobre as águas*²⁵⁷.

Pouco cuidadoso, de certo, com a maneira por que a Escritura designa habitualmente o Espírito de Deus, como o ar também se chama espírito, parece que se pode imaginar que esta passagem mencionava estes quatro elementos.

Quanto à afirmação de Platão de que filósofo é o que ama a Deus, nada há mais claro nas Escrituras. Mas, o que mais me inclina quase a crer que Platão não desconheceu estes livros está nisto: quando Moisés recebeu por um anjo a mensagem de Deus, perguntou pelo nome de quem lhe ordenava que fosse ter com o Povo Hebreu para libertar do Egito, tendo-lhe sido respondido: *Eu sou quem sou e dirás aos filhos de Israel: O que é manda-me ter convosco*²⁵⁸, como se, comparadas Àquele que é realmente, porque é imutável, as criatu-

²⁵⁶ *In principio fecit Deus caelum et terram.* Ibidem.

²⁵⁷ *Spiritus Dei superferebatur super aquam.* Ibidem.

²⁵⁸ *Ego sum qui sum, et dices filii Israel: Qui est misit me ad vos.* Êxodo, III, 14.

ras mutáveis não fossem. Platão sustentou isto com tenacidade e recomendou-o com solicitude.

Não sei se isto é encontrado em obras anteriores a Platão, salvo naquela onde se diz: *Eu sou quem sou e dir-lhes-ás: O que é manda-me ter convosco*²⁵⁹.

CAPÍTULO XII

Mesmo os platônicos, apesar da sua justa ideia de um único Deus verdadeiro, acharam que era necessário o culto a vários deuses.

Mas, onde quer que seja que Platão tenha aprendido estas verdades, quer tenha sido nos livros dos antepassados quer tenha sido, como diz o Apóstolo: *Por que o que de Deus se pode conhecer está patente. O próprio Deus o manifestou. Desde que o mundo existe, as suas perfeições invisíveis tomaram-se visíveis ao espírito por meio das suas obras, bem como o seu eterno poder e a sua divindade*²⁶⁰.

Creio ter mostrado suficientemente que tinha razão em escolher os platônicos para com eles discutir a questão que nos ocupa da teologia natural: «Será preciso, tendo em vista a felicidade depois da morte, oferecer sacrifícios a um só Deus ou a muitos?»

²⁵⁹ *Ego sum qui sum, et dices eis: Qui est misit me ad vos.* Ibidem.

²⁶⁰ *Quod notum est in Dei manifestum est in illis; Deus enim illis manifestavit; invisibilia enim ejus a constitutione mundi pa ea, quae facta sunt, intellecta conspiciuntur, sempitema quoque virtus ejus et divinitas.* Rom., 1,19 e segs

Se os preferi a todos os outros, foi por que, acerca do Deus único que fez o Céu e a Terra, eles lhes estão tanto acima em glória e prestígio quanto mais justas são as suas concepções.

Quão preferidos foram aos outros no juízo dos pósteros diz-nos o seguinte: Aristóteles, discípulo de Platão, homem de notável engenho, embora a Platão inferior no estilo (mas quão superior a tantos outros), fundou a escola dos peripatéticos, assim denominados porque ele tinha o hábito de discutir passeando.

Destacando-se pelo brilho da sua fama, conquistou, ainda em vida do seu mestre, muitos discípulos para as suas doutrinas. Mas depois da morte de Platão, Espeusipo, filho de sua irmã e Xenócra-tes, seu discípulo predileto, sucederam-lhe na chefia da escola, que se chamou Academia e por isso é que a eles e a seus sucessores chama-ram acadêmicos.

Todavia, os mais célebres filósofos deste tempo que preferiram seguir Platão, não quiseram que os apelidassesem de peripatéticos nem de acadêmicos, mas sim de platônicos. Os mais célebres dentre eles são os gregos Plotino, Jâmblico, Porfírio e, nas duas línguas, grega e latina, um platônico notável, o africano Apuleio. Mas todos estes filósofos, outros similares e o próprio Platão acharam que se devia oferecer sacrifícios aos deuses.

CAPÍTULO XIII

Parecer de Platão que definiu os deuses como seres necessariamente bons e amigos dos seres humanos.

Embora em muitos outros pontos importantes estejam em desacordo conosco, neste ponto que acabei de referir, já porque o tópico é relevante, já porque levantei esta questão, começo por lhes perguntar: no seu entender a que deuses convém prestar culto? Aos bons? Aos maus? Ou aos bons e aos maus?

Temos a opinião de Platão, segundo a qual todos os deuses são bons, não havendo absolutamente nenhum que seja mau. Donde se conclui que é aos bons que se deve prestar culto. Portanto, é apenas aos deuses que se presta culto, pois não são deuses se não são bons.

Se assim é (e seria decoroso pensar outra coisa dos deuses?), desvanece-se a opinião de alguns segundo os quais é preciso apaziguar com sacrifícios os deuses maus para que não nos sejam maléficos e invocar os deuses bons para que nos prestem auxílio. É que nenhum dos maus é deus. É pois aos deuses bons que se deve, como dizem, prestar honras sagradas.

Que deuses são então os que gostam dos jogos cênicos, que exigem que estes façam parte das coisas divinas e que a sua representação se exiba em sua honra? O seu poder mostra que existem; mas esse apego (aos jogos) indica que são maus.

A opinião de Platão acerca dos jogos é bem conhecida quando reconhece que os próprios poetas, autores desses poemas tão indignos da majestade e da bondade dos deuses, devem ser expulsos da cidade.

Que deuses são então esses que entram em conflito com Platão a propósito dos jogos cênicos? Efetivamente, ele não suporta que se desonrem os deuses com crimes inventados; mas os próprios deuses prescrevem que se representem esses crimes em sua honra. Enfim, quando exigiam a instituição desses jogos, reclamando infâmias, praticavam maldades. Tiraram de Tito Latínia seu filho e a ele feriram-no de doença porque se opunha às suas ordens e restituíram-lhe a saúde quando ele se submeteu.

Platão, porém, pensa que não se deve temê-los, mesmo que sejam maus e, mantendo com suma constância a força da sua opinião, não hesita em proscrever dum povo sabiamente constituído todas as bagatelas sacrílegas dos poetas, nas quais se comprazem os deuses, tornando-se cúmplices das suas máculas.

Mas é a este Platão que, como já contei no livro segundo, Labeão coloca na categoria dos semideuses. E este Labeão é da opinião que as divindades más devem ser apaziguadas com o sangue das vítimas e as orações públicas do mesmo tipo e, as divindades boas, com jogos e outros meios de provocar a alegria. Por que ousou então o semideus Platão recusar tão teimosamente, não a semideuses, mas

a deuses e mesmo a deuses bons, tais divertimentos, porque os considera infames?

Estes deuses, aliás, refutam a opinião de Labeão porque, no caso de Latínio, não se mostram apenas lascivos e brincalhões mas também cruéis e terríveis. Que os platônicos nos expliquem então tudo isto, pois que, fiéis ao pensamento do Mestre, consideram todos os deuses bons, honestos, associados aos sábios pelas suas virtudes, e julgam que é um sacrilégio ter deles outro conceito.

Nós o explicaremos, dizem eles. Pois então, ouçamo-los com atenção.

CAPÍTULO XIV

Opinião dos que admitem três gêneros de almas racionais: a dos deuses no céu, a dos demônios no ar e a dos humanos na terra.

Os seres vivos, dotados de alma racional, dividem-se, dizem eles, em três classes: os deuses, os humanos e os demônios.

Os deuses ocupam os lugares mais elevados, os humanos os mais baixos e os demônios os intermédios. Os deuses residem no céu, os humanos na terra e os demônios no ar.

À diferença de dignidade dos lugares corresponde a das naturezas. Assim, os deuses são superiores aos humanos e aos demônios; mas os humanos são inferiores aos deuses e aos demônios tanto pela categoria dos elementos como pela diferença de méritos.

Os demônios estão portanto no meio. Devem, pois, ser postos depois dos deuses, aos quais são inferiores pelo lugar e preferidos aos humanos, pois habitam acima deles. Têm de comum com os deuses a imortalidade do corpo e com os humanos as paixões da alma. Por isso, não é muito de se estranhar, acrescentam eles, que se comprazam nas obscenidades dos jogos e nas ficções dos poetas, uma vez que são dotados de sentimentos humanos de que os deuses estão muito distantes e absolutamente alheios. Pode-se pois concluir: repudiando e proibindo as ficções poéticas, não foi aos deuses, todos bons e excelsos, que Platão privou do prazer dos jogos cênicos, mas sim aos demônios.

Se isto é assim (isto, além de estar referido noutrios autores, refere-o também Apuleio, platônico de Madaura, num livro exclusivamente dedicado a este assunto, denominado **O deus de Sócrates**. Nele se disserta e expõe a que categoria de divindades pertencia a que estava ligada a Sócrates por uma certa amizade e o avisava para renunciar à ação quando o ato que pretendia não viria a ter próspero desenlace. Declara abertamente e assegura repetidamente que não era um deus mas um demônio. E fá-lo ao examinar com cuidado a opinião de Platão acerca da elevada posição dos deuses, da baixa posição dos humanos e da média dos demônios.

Se, pois, assim é, como é que Platão ousou, ao expulsar os poetas da cidade, privar, se não os deuses que afasta de todo o contato

impuro com os humanos, pelo menos os demônios dos prazeres do teatro? Não quereria ele por este meio advertir a alma humana, embora prisioneira ainda nos seus membros votados à morte, a que desprezasse, em nome do esplendor da virtude, as ordens impuras dos demônios e a que detestasse as suas obscenidades?

Se Platão honestíssimamente isto denuncia e proíbe, foi seguramente uma infâmia dos demônios tê-lo reclamado e exigido. Portanto, ou Apuleio se enganou e o espírito amigo de Sócrates não pertence a esta categoria de divindades ou Platão se contradiz, ora honrando os demônios, ora banindo os seus divertimentos duma cidade que respeita os bons costumes ou a amizade de Sócrates por um demônio não merece elogio.

O próprio Apuleio disso se envergonhou de tal forma que pôs no seu livro o título de **O deus de Sócrates** em vez de, conforme a discussão em que tão diligente e minuciosamente distingue os deuses dos demônios, intitulá-lo não O deus, mas antes O demônio de Sócrates. Preferiu, porém, pôr isto na própria discussão a pô-lo no título do livro. É que, graças à sã doutrina que brilhou sobre a humanidade, todos ou quase todos têm horror à palavra *demônios*, de tal forma que, quem, sem conhecer a exposição de Apuleio a favor da dignidade dos demônios, lesse este título **O demônio de Sócrates** jamais acreditaria tratar-se de um homem são do juízo.

E o próprio Apuleio, que encontra ele digno de louvor nos demônios além da subtileza e da robustez dos corpos e da maior altura do lugar onde residem? Realmente, acerca dos seus costumes e ao falar de todos em geral, nenhum bem diz deles, mas antes, muito mal. Enfim, depois da leitura daquele livro, ninguém se admira de que eles tenham pretendido que as torpezas cênicas figurassesem entre as coisas divinas; de que, pretendendo ser temidos como deuses, se deleitem com os crimes dos deuses; e de que tudo o que no seu culto inspira troça ou horror por uma obscena solenidade ou uma残酷de torpe, está bem de harmonia com as suas paixões.

CAPÍTULO XV

Os demônios não são superiores aos homens nem pelos corpos aéreos nem pela altitude dos lugares em que habitam.

Longe esteja, pois, de uma alma verdadeiramente religiosa e submissa ao verdadeiro Deus, julgar, considerando estas coisas, que os demônios são melhores do que ela, só porque têm melhores corpos. Se assim fosse, deveria pôr acima de si muitos animais que nos superam pela acuidade dos seus sentidos, a facilidade e a agilidade dos seus movimentos, o vigor das suas forças, a válida longevidade dos seus corpos.

Que ser humano se compara na visão à águia e ao abutre, aos cães no olfato, na velocidade às lebres, ao veado e a todas as aves,

aos leões e aos elefantes na valentia e na longevidade às serpentes que, diz-se, ao largarem a pele, se despojam da velhice e reencontram a juventude?

Todavia, assim como a todos os animais, nos avantajamos pela capacidade de raciocinar e de compreender e, assim também, somos superiores aos demônios pela nossa capacidade de viver reta e honestamente.

É indubitável que a Providência divina dotou de certas vantagens corporais os seres que nos são incontestavelmente inferiores. Assim o determinou para nos convidar a cultivarmos com muito maior cuidado o que a eles nos torna superiores e para nos ensinar a desprezarmos a perfeição corporal que poderíamos atribuir aos demônios e que, comparada com uma vida virtuosa pela qual os ultrapassamos, nada é. Tanto mais que também nós estamos destinados à imortalidade dos corpos. Não a que a eternidade dos suplícios há de atormentar, mas a que a pureza da alma há de preparar.

Mesmo em relação à altura do lugar, porque os demônios habitam o ar, ao passo que nós habitamos a terra, seria totalmente ridículo perturbarmo-nos com isso, a ponto de nisso vermos uma superioridade sobre nós. Se assim fosse, seríamos inferiores a todas as aves. Todavia as aves, quando estão cansadas de voar ou são obrigadas a retemperar as forças comendo, voltam à terra para repousarem e se alimentarem, o que os demônios, diz-se, não fazem.

Será que lhes agrada, nesse caso, reconhecer que as aves estão acima de nós e que os demônios estão acima mesmo das aves? Se pensar assim é pura loucura, não teremos que pensar que, por causa da habitação num elemento superior, os demônios são dignos da nossa submissão religiosa.

Realmente, assim como o fato de as aves do ar, longe de serem superiores a nós, nos estão subordinadas, a nós seres terrestres, devido à dignidade da nossa alma racional, assim também os demônios, porque habitam uma região do ar mais elevada, nem por isso nos são superiores a nós, seres terrestres, só porque o ar está acima da terra. Pelo contrário, os humanos devem a eles ser preferidos, por que, de forma nenhuma, pode ser comparado o seu desespero com a esperança dos homens pios.

De resto, a citada maneira como Platão liga numa ordem harmoniosa os quatro elementos, colocando entre os dois extremos (o fogo mobilíssimo e a terra imóvel), os dois intermédios (o ar e a água), por que tanto o ar está acima das águas e o fogo acima do ar quanto as águas estão acima da terra, este argumento adverte-nos de que os méritos dos seres animados não devem ser avaliados pela categoria dos elementos.

O próprio Apuleio, como os demais, diz que o ser humano é um animal terrestre, muito superior, porém, aos animais aquáticos, embora Platão conceda às águas a proeminência sobre a terra. Por

aqui se vê que, quando se trata de apreciar o valor das almas, não se deve usar do mesmo padrão que se usa na medição dos corpos. Pode bem acontecer de um corpo inferior abrigar uma alma melhor e um corpo superior uma alma pior.

CAPÍTULO XVI

O que pensa o platônico Apuleio dos costumes e ações dos demônios.

Ao falar dos costumes dos demônios, diz este platônico que eles são movidos pelas mesmas paixões que os humanos. Eles se irritam com as injúrias, se apaziguam com as homenagens e presentes, ficam contentes com as honras, se comprazem com os diversos ritos das cerimônias religiosas e se perturbam quando se comete nessas cerimônias alguma negligência.

Diz ele ainda que é com eles que estão relacionados, além de outras coisas, os vaticínios dos áugures, dos arúspices, dos adivinhos e dos sonhos e também dos prodígios dos mágicos.

Define-os sumariamente dizendo que os demônios são: quanto ao gênero, animados; quanto à alma, sujeitos às paixões; quanto à mente, racionais; quanto ao corpo, aéreos; quanto ao tempo, eternos. Destas cinco características, as três primeiras são comuns a eles e a nós; a quarta é própria deles; partilham a quinta com os deuses. Mas,

parece-me, das três que possuem conosco, duas são também comuns aos deuses.

Realmente Apuleio diz que os deuses também são «animados».

E, ao atribuir a cada um o seu elemento, põe-nos a nós entre os «animados» terrestres, com os outros seres que vivem e sentem na terra. Coloca entre os «animados» aquáticos os peixes e os outros seres que nadam. Entre os «animados» que habitam no ar põe os demônios. E os deuses entre os que vivem no éter.

Portanto, por pertencerem ao gênero dos animados, os demônios têm isto de comum com os humanos e também com os deuses e os brutos. Pela inteligência, são racionais como os deuses e os humanos; pela duração, são eternos como os deuses apenas; como sujeitos a paixões e quanto ao espírito, são como os humanos apenas; como seres aéreos e quanto ao corpo, são únicos. Consequentemente não constitui, para eles, grande vantagem pertencerem ao gênero dos seres animados, pois também os brutos dele fazem parte. Serem, quanto ao espírito, dotados de razão, não os coloca acima de nós, pois também o somos. Gozar da eternidade; que bem é esse sem a beatitude?

Mais vale uma felicidade temporal do que uma eternidade miserável. Possuir uma alma sujeita a paixões; que superioridade sobre nós é essa, se nós também lhes estamos sujeitos e não podemos estar-lhes sujeitos sem sermos infelizes?

Ter um corpo aéreo; que estima merece tal coisa, se a natureza de uma alma, qualquer que ela seja, é preferível a todos os corpos e, por conseguinte, um culto religioso, digna homenagem da alma, jamais pode pertencer a um ser inferior à alma?

Se, entre as qualidades que atribui aos demônios, Apuleio tivesse contado a virtude, a sabedoria, a felicidade e tivesse declarado que eles a possuíam eternamente e em comum com os deuses, certamente que lhes teria reconhecido um privilégio desejável e de alto preço.

Não é, porém, a eles que é preciso honrar como Deus, mas antes, Àquele de quem sabemos terem recebido tudo isso. Pelo contrário, quão pouco merecem as honras divinas estes seres animados aéreos que só têm razão para serem infelizes, só têm paixões para serem infelizes, só têm a eternidade para na infelicidade permanecerem sem fim!

CAPÍTULO XVII

Convirá ao ser humano adorar espíritos de cujos vícios se deve libertar?

É por isso que ponho tudo o mais de parte e apenas vou examinar o que, na opinião de Apuleio, os demônios têm em comum conosco, isto é, as paixões da alma.

Se os quatro elementos são, respectivamente, povoados por seres animados — o fogo e o ar de seres imortais, a água e a terra de seres mortais — eu pergunto por que é que as almas dos demônios são agitadas por turbulentas tempestades de paixões. Realmente, uma perturbação é o que em grego se chama *πτάθος* (*Pathos*). Por isso Apuleio quis chamar a estes seres «passivos quanto à alma», porque a palavra paixão (*passio*), derivada da palavra *Pathos*, deve designar o movimento da alma contrário à razão²⁶¹.

Porque há então na alma dos demônios estes movimentos que não se verificam nos animais? Porque, se algo de análogo aparece nos brutos, não é uma perturbação, pois ela não é contra a razão, de que os brutos carecem. Mas nos humanos, se se produzem tais perturbações, é em consequência da tolice e da miséria, por que ainda não estamos na posse da perfeita sabedoria, fonte da felicidade que nos é para o fim prometida, quando estivermos libertos desta condição mortal.

Quanto aos deuses, eles são, diz-se, isentos destas perturbações. São, não apenas eternos, mas também bem-aventurados. Diz-se que realmente também eles são dotados de alma racional, mas absolutamente limpos de mancha e de contágio. Se, portanto, os deuses não estão sujeitos a perturbações por que são viventes felizes e não

²⁶¹ Michel Bréal e Anatole Bailly dizem que de fato é «possível» que patir (sofrer), de que deriva *passio* (perturbação, desordem física) seja da mesma origem que *πάσχω* , *έπθον* (Sofrer). V. autores referid. — Leçons de mots. Dict. Etym. latin, p. 252.

miseráveis; se os animais não se perturbam porque são viventes que não podem ser nem felizes nem miseráveis, só há que concluir que os demônios, tal como os humanos, estão sujeitos às perturbações porque são viventes não felizes, mas miseráveis.

Que insensatez, ou melhor, que demência pode submeter-nos, por qualquer motivo religioso, aos demônios, quando, pela verdadeira religião, nos libertamos da perversidade que nos torna semelhantes a eles?

Ao passo que, na verdade, os demônios estão sujeitos à cólera (e Apuleio confessa-o, apesar de tão indulgente para com eles, a ponto de julgá-los dignos das honras divinas), a verdadeira religião prescreve-nos que não cedamos à cólera mas, pelo contrário, que lhe resistamos. Ao passo que os demônios se deixam subornar com presentes, a verdadeira religião impõe-nos que a ninguém favoreçamos em paga dos presentes recebidos. Ao passo que os demônios ficam lisonjeados com as honras, a verdadeira religião preceitua que de modo nenhum nos deixemos sensibilizar por ela. Ao passo que os demônios odeiam certas pessoas e amam outras, não por um juízo refletido e sereno mas, segundo o dito de Apuleio, por um movimento apaixonado da alma, a verdadeira religião nos ordena que amemos até mesmo os inimigos.

Em suma, todos estes movimentos do coração, todas estas agitações do espírito, todas estas turbulentas tempestades da alma que,

segundo Apuleio, inflamam e arrastam os demônios, a verdadeira religião nos impõe que as dominemos.

Que razão tens tu então Apuleio, a não ser a insensatez e o erro miserável, para te humilhares respeitosamente perante um ser ao qual não desejas ser semelhante na tua vida, para renderes um culto religioso a um ser que não quererás imitar, uma vez que imitar o que se adora constitui toda a religião?

CAPÍTULO XVIII

Que religião é essa que ensina aos humanos que devem recorrer aos demônios para se recomendarem aos deuses bons?

É pois em vão que Apuleio __ e os que como ele pensam __ atribui aos demônios, colocando-os no ar, a meio caminho entre o céu etéreo e a terra (porque nenhum deus se mistura ao ser humano como afirmou, segundo dizem, Platão) a honra de levarem aos deuses as orações dos humanos e trazerem daqueles a estes os favores pedidos.

Aos que assim pensam, repugna que os humanos se misturem com os deuses e os deuses com os humanos, mas não lhes desagrada que os demônios se misturem com os deuses e com os humanos, para transmitirem a uns os pedidos e trazerem a outros os favores.

Deste modo uma pessoa casta e alheia às criminosas práticas da magia, para ser entendida pelos deuses servir-se-ia de protetores que

gostam dessas práticas, quando precisamente é não os amando que se torna digno de que a atendam mais facilmente e com maior empenho.

Realmente, os demônios gostam das torpes cenas que ao pudor desagradam. Nos malefícios dos mágicos gostam das mil maneiras de enganar que a inocência detesta.

Não poderão, portanto, nem o pudor nem a inocência, ao pretenderem dos deuses um favor, obtê-lo pelos seus méritos próprios sem a intervenção dos seus inimigos. Escusa de tentar justificar as ficções poéticas e os logros teatrais.

Contra isto temos Platão, seu mestre e entre eles de tão grande autoridade, se o pudor humano tem de si tão mau conceito que não só ame as coisas torpes, mas até as tenha por agradáveis à divindade.

CAPÍTULO XIX

A magia, que se apoia na proteção dos espíritos malignos, é uma arte ímpia.

Não terei eu de citar, contra as artes mágicas, de que alguns bem infelizes e ímpios se chegam a gabar, o testemunho tão notório do público? Porque é que, efetivamente, são castigados tão pesadamente pela severidade das leis estas artes, se são obra de deuses dignos de veneração?

Acaso foram estabelecidas por cristãos estas leis que castigam as artes mágicas? Que outro sentido podem ter as palavras do altís-

simo poeta, senão que é indubitável que estes malefícios são perniciosos ao gênero humano: *Juro pelos deuses, por ti, querida irmã e pela tua doce cabeça, que, contra vontade, estou envolvida nas artes mágicas*²⁶²?

E ainda o que, noutra passagem, ele diz destas artes: *Vi transportar para outro lugar as plantas da seara*²⁶³, em que se alude a esta ciência funesta e criminosa que, diz-se, facultava os meios de transferir as colheitas de um campo para o outro?

Não recorda Cícero que, nas Doze Tábuas, o mais antigo Código dos Romanos, consta o castigo estabelecido contra quem pratica estas artes?

E, finalmente, o próprio Apuleio, acaso foi perante juízes cristãos que ele foi acusado de magia? Com certeza que se ele considerasse divinas, piedosas, conformes às obras dos poderes divinos, essas práticas de que o acusavam, ele deveria não só confessá-las, mas até delas se gabar e, pelo contrário, incriminar essas leis que, em vez de as considerarem dignas de admiração e veneração, as proscreviam e as consideravam condenáveis.

Desta maneira, ou teria feito com que os juízes partilhassem da sua opinião, ou, no caso de eles continuarem demasiado apegados a leis injustas e o condenassem à morte por pregar e exaltar tais doutri-

²⁶² *Testor, cara, deos, et te, germana, tuumque Dulce Caput, magicas invitam accingier artes.* Virgílio, Eneida, IV, 492-493.

²⁶³ *Atque satas alio vidi traducere messes.* Virgílio, Églog., VIII, 98.

nas, os demônios outorgar-lhe-iam uma recompensa digna da sua alma, já que não receara dar a própria vida pela divulgação das divinas obras.

Foi assim que os nossos mártires, quando lhes imputavam, a título de crime, a religião cristã, na qual sabiam que encontrariam a salvação e a glória eterna, em vez de, renegando-a, preferirem escapar às penas temporais, preferiam antes confessá-la, proclamá-la e pregá-la, tudo suportando por ela com valentia e fidelidade e, por ela morrendo com piedosa serenidade, tomaram vergonhosas as leis que a proscreviam e fizeram com que as mudassem.

Aliás, resta-nos deste filósofo platônico, Apuleio, uma copiosa e eloquente dissertação em que ele repele, como sendo-lhe estranho, o crime de magia e procura mostrar-se inocente, negando atos que um inocente não pode cometer. Mas todos os prodígios dos mágicos que ele justificadamente considera condenáveis, só ao ensino e à atividade dos demônios são devidos. Ele que veja, portanto, porque é que acha que se devem honrar estes demônios, ao afirmar que são indispensáveis para levarem as nossas preces até aos deuses, quando, afinal, o que devemos é evitar as suas obras se quisermos que as nossas orações cheguem até ao verdadeiro Deus.

Pergunto ainda: Que orações humanas devem os demônios apresentar aos deuses: as mágicas ou as lícitas? Se são as mágicas,

eles não as aceitam; se são as licitas, eles recusam tais intermediários.

E se um pecador arrependido faz oração, sobretudo porque se entregou à magia, pode receber o perdão por intercessão daqueles por cuja instigação ou favor foi levado a cometer a culpa que deplora? Ou serão os demônios que, para obterem o perdão dos arrependidos, serão os primeiros a fazer penitência por tê-los enganado? Ninguém jamais disse uma coisa dessas dos demônios! Se assim fosse, de modo nenhum se atreveriam a solicitar para si honras divinas os que desejam pela penitência chegar à graça do perdão. O primeiro caso (o de solicitarem honras divinas) seria detestável soberba e o segundo (o de desejarem pela penitência o perdão) seria humildade digna de lástima.

CAPÍTULO XX

Será de crer que os deuses bons preferem se comunicar com os demônios a fazê-lo com os humanos?

Realmente há um motivo urgente e dos mais prementes que exige a mediação dos demônios entre os deuses e os humanos: o de haver quem apresente os desejos humanos aos deuses e o de haver quem traga destes o favor aos humanos. Que motivo é esse? Qual a importância desta necessidade? É que, dizem, nenhum deus pode se misturar com o ser humano.

Preclara santidade, não há dúvida, a de um deus que não tem contatos com o ser humano suplicante, mas os tem com um demônio arrogante; não se põe em contato com o ser humano penitente, mas fá-lo com o demônio enganador; não contata com o ser humano que se refugia na divindade, mas comunica com o demônio que se finge divindade; não se mistura com o ser humano que pede perdão, mas mistura-se com o demônio que aconselha a corrupção; não se comunica com o ser humano que, nos seus livros filosóficos, expulsa os poetas da cidade bem organizada, mas se comunica com o demônio que solicita aos príncipes e aos pontífices da cidade que, em cena, se representem as galhofas dos poetas; não se mistura com o ser humano que proíbe que se inventem crimes à conta dos deuses, mas põe-se em contato com o demônio que se compraz nesses falsos crimes; não se põe em comunicação com o ser humano que castiga os crimes da magia com leis justas, mas se comunica com o demônio que ensina e pratica as artes mágicas; não se mistura com o ser humano que procura não imitar os demônios, mas mistura-se com o demônio que espreita a ocasião de enganar o ser humano.

CAPÍTULO XXI

Será que os deuses se utilizam dos demônios como mensageiros e intérpretes? Será que não sabem que são enganados? Ou querem sê-lo?

Tamanho absurdo, tamanha indignidade, não há dúvida de que se impõe fortemente, se, realmente, os deuses etéreos que se ocupam das questões humanas, nunca vierem a saber o que fazem os humanos, se os demônios aéreos não lhes comunicarem, pois que o éter está longe da terra e suspenso lá no alto, mas o ar, esse está contíguo ao éter e à terra.

Ó sabedoria admirável! Que pensarão estes filósofos de tais deuses, que têm por ótimos, senão que eles se ocupam das questões humanas apenas para que pareça que não são indignos de culto, mas que, devido à distância dos elementos, eles as ignoram? Julgam que os demônios são indispensáveis e que, portanto, se lhes deve prestar culto, já que é por eles que os deuses podem saber o que se passa entre os humanos e prover às suas necessidades quando for preciso. Porque assim é, o demônio é mais conhecido dos deuses bons devido à proximidade do seu corpo do que o ser humano devido à bondade da sua alma.

Que deplorável estupidez! Ou melhor, que ridícula e detestável vacuidade, para não dizer vã divindade! Realmente, se pelo seu espírito, livre de todo o obstáculo corporal, os deuses podem ver o nosso

espírito, não terão necessidade para isso dos demônios como intermediários. Mas, se é por intermédio dos corpos, das manifestações corporais da alma, (tais como a linguagem, a fisionomia, o gesto), que os deuses etéreos percebem — e daí inferem o que os demônios lhes anunciam — então podem ser ludibriados pelas mentiras dos demônios. Mas, se a divindade não pode ser enganada pelos demônios, também a mesma divindade não pode ignorar o que fazemos.

Eu quereria, portanto, que me dissessem então se os demônios comunicaram aos deuses que as fantasias dos poetas acerca dos crimes dos deuses desagradaram a Platão e se os mesmos demônios esconderam aos deuses que se compraziam com tais crimes; ou se se calaram acerca destes dois pontos, preferindo deixar os deuses na ignorância do caso; ou se lhes revelaram estes dois pontos: a piedosa sabedoria de Platão a respeito dos deuses e a sua própria libertinagem ultrajante para com os deuses; ou então se lhes encobriram as decisões de Platão de proibir que a licenciosa impiedade dos poetas desonrasse os deuses com pretensos crimes, sem que eles, por sua vez, nem temessem nem se envergonhassem de revelar o seu iníquo amor pelos jogos cênicos que celebram as ignomínias dos deuses.

Escolham a resposta que quiserem a estas quatro questões que lhes propus, mas reparem no mal que pensam dos deuses bons, seja qual for a resposta.

Se escolherem a primeira, terão que conhecer que não foi permitido aos deuses bons se comunicarem com o bom Platão, quando este procurava proibir que tais deuses fossem injuriados, mas era-lhes permitido se comunicarem com os demônios, quando estes se compraziam com essas injúrias. Realmente, os deuses bons não conheciam este homem bom, deles tão distante, senão por intermédio dos demônios maus, a quem não podiam conhecer, apesar de serem vizinhos.

Se escolherem o segundo e disserem que ambos os casos tinham sido ocultados pelos demônios, de maneira a que os deuses ignorassem totalmente não só a religiosíssima lei de Platão, mas também a sacrílega complacência dos demônios, que é que de útil podem os deuses conhecer acerca dos seres humanos por intermédio dos demônios mensageiros, se nem sequer conhecem as decisões que em sua honra tomou a piedade dos homens bons contra o desregramento dos demônios maus?

Se escolherem o terceiro e responderem que os deuses conheceram por mediação dos demônios, não só a decisão de Platão de proibir os ultrajes aos deuses, mas também a malícia dos demônios que exultam de alegria perante esses ultrajes, constituirá isso uma mediação ou um insulto?

Os deuses ouvem uma coisa e outra, de uma e de outra tomam conhecimento e não expulsam da sua presença os malignos demô-

nios, cujos desejos e atos se opõem à dignidade dos deuses e ao espírito religioso de Platão e, pelo contrário, transmitem ao bom e distante Platão os seus benefícios por intermédio destes perversos vizinhos?

De tal modo estão sujeitos a esta como que prisão dos elementos que podem aliar-se aos seus caluniadores, mas não o podem fazer com os que os defendem. Conhecem uma e outra — a calúnia e a defesa — mas não podem mudar o peso do ar e da terra.

Se escolherem o último, o quarto, escolhem o que de todos é o pior. Se os demônios deram conhecimento aos deuses das criminosas ficções dos poetas acerca deles imortais e das ultrajantes chacotas teatrais e do ardente apetite e da deleitosa complacência que experimentam em tudo isto; se, por outro lado, lhes esconderam que Platão, com filosófica gravidade, achou por bem que todas estas coisas deviam ser expulsas de uma república excelente, quem pode suportar que os deuses bons se vejam forçados a conhecer por tais intermediários os males dos perversos, mesmo os dos próprios intermediários e não podem conhecer os bens dos filósofos, àqueles contrários, sendo certo que aqueles são uma injúria para com os deuses e que estes são para os mesmos deuses uma honra?

CAPÍTULO XXII

Contra a opinião de Apuleio, impõe-se a rejeição do culto aos demônios.

Pois que é impossível escolher qualquer das quatro hipóteses sem fazer dos deuses tão mau conceito, só nos resta deixar de crer naquilo que Apuleio se esforça, como os filósofos do seu parecer, por nos convencer: que, entre os deuses e os humanos, os demônios exercem o papel de mensageiros e intérpretes para levarem aos deuses os nossos pedidos e deles nos trazerem o seu auxílio.

Pelo contrário, são espíritos ávidos de malfazer, totalmente alheados da justiça, inchados de soberba, pálidos de inveja, destros em enganos. Habitam certamente no ar por que, precipitados das alturas do Céu Superior devido a falta inexplicável, foram condenados a habitarem esta espécie de prisão apropriada ao seu estado. Todavia, só por que o ar está acima da terra e das águas, nem por isso são superiores em mérito aos humanos. Estes ultrapassam-nos à vontade, não pelo seu corpo terrestre, mas pela piedade da sua mente, que escolheu para seu amparo o verdadeiro Deus.

Sem dúvida que dominam muitos humanos indignos de participarem da verdadeira religião, tornando-os seus prisioneiros e escravos. A maioria dessas pessoas deixou-se persuadir de que os demônios eram deuses, devido ao aspecto falsamente miraculoso dos seus atos e das suas predições. Mas outros, reparando nos seus vícios com

um pouco mais de atenção e de cuidado, não puderam admitir a sua divindade. É por isso que os demônios se fingiram de intermediários entre os deuses e os humanos e intercessores dos seus benefícios. Pelo menos esta honra julgaram que lha não deviam recusar aqueles que não acreditavam na sua divindade, já que eram maus e os deuses são todos bons. Todavia, não ousavam declará-los totalmente indignos das honras divinas, com receio, sobretudo, de ofenderem povos que viam inveterados na superstição e entregues ao seu culto com tantos ritos e templos.

CAPÍTULO XXIII

O que pensava Hermes Trimegisto da idolatria e como pôde ele saber que seriam abolidas as superstições do Egito.

Acerca deles pensou e escreveu coisas mui diferentes o egípcio Hermes a quem chamam Trimegisto. É certo que Apuleio nega que sejam deuses. Mas, como lhes atribui uma certa mediação entre os deuses e os humanos, considera-os indispensáveis aos homens devido às suas relações com os deuses e não separa o seu culto da religião dos deuses superiores. Porém, segundo aquele egípcio, os deuses foram criados, uns pelo Deus supremo e os outros pelos humanos.

Quem isto ouve, tal como o estou a contar, julgará que é dos ídolos que se está a falar, pois estes é que são obra da mão humana.

Mas ele assegura que os ídolos visíveis e tangíveis são, de certo modo, os corpos dos deuses.

Alguns espíritos convidados a instalarem-se neles, tomaram delas posse com um certo poder, quer de prejudicarem, quer de satisfazerem os desejos dos que lhes prestam honras divinas e homenagens rituais. Possuir a arte de unir estes espíritos invisíveis a objetos visíveis feitos de matéria corporal, para os transformar como que em corpos animados, em ídolos dedicados e submissos a esses espíritos, é a isso que Hermes chama «fazer deuses». Alguns humanos teriam recebido esse grande e estranho poder de fazer deuses.

Citarei as palavras deste egípcio como foram traduzidas para a nossa língua:

Pois que o nosso discurso versa sobre o parentesco e o relacionamento dos humanos e dos deuses, repara, ó Asclépio, para o poder e a força do ser humano. Assim como o Senhor e Pai, o Ser Supremo, Deus, é fazedor dos deuses celestes, assim também o ser humano é fazedor dos deuses que estão nos templos, satisfeitos com a vizinhança humana²⁶⁴.

E logo a seguir:

²⁶⁴ *Et quoniam de cognitione et consortio hominum deorumque nobis indicitur sermo, potestatem hominis, o Asclepi, vimque cognosce. Dominus et Pater, vel quod est summum, Deus, ut effector est deorum caelestium, ita homo factor est deorum, qui in templis sunt humana proximitate contenti.*
Asclepius, XXIII, ed. de Festugière-Nock, p. 325.

*Assim como a humanidade, sempre fiel à recordação da sua natureza e da sua origem, persevera nesta imitação da divindade da mesma maneira que o Pai e Senhor fez os deuses eternos à sua semelhança, assim também a humanidade figurou os seus deuses à semelhança do seu semblante*²⁶⁵.

Aqui Asclépio, seu principal interlocutor, responde-lhe: *Falas de estátuas, Trimegisto?*²⁶⁶

Ao que este respondeu:

Sim, é de estátuas, ó Asclépio — vês como tu mesmo desconfias! — mas de estátuas animadas, cheias de sensibilidade e de espírito, que fazem tão grandes e belas coisas; estátuas conhecedoras do futuro e o predizem pela sorte, por adivinhos, por sonhos e por outras maneiras, que causam enfermidades às pessoas e as curam, que dão alegria e tristeza, conforme os méritos. Ignoras, Asclépio, que o Egito é a imagem do Céu, ou mais exatamente, o lugar onde se transfere e desce tudo quanto no Céu se determina e realiza e, mais exatamente ainda, ignoras que a nossa terra é o templo do mundo todo? E todavia, pois que fica bem ao sábio que tudo preveja, não vos é lícito ignorar isto: tempo virá em que parecerá que os egípcios em vão conservarão os seus deuses com espírito piedoso e religioso

²⁶⁵ *Ita humanitas semper memor naturae et originis suae in ilia divinitatis imitatione perseverat, ut, sicut Pater ac Dominus, ut sui similes essent, deos facit aetemos, ita humanitas deos suos ex sui vultus similitudine figuraret.* Id. Ib., pág. 326.

²⁶⁶ *Statuas dicis, o Trismegiste?* Id. Ib., pág. 326.

*escrúpulo e em que toda a sua santa veneração ficará inutilmente frustrada*²⁶⁷ (a).

Depois Hermes prossegue longamente nesta questão e parece aí predizer a época em que a religião cristã derrubará os ídolos falaciosos com tanta maior força e liberdade quanto ela é mais verdadeira e mais santa, para que a graça do Salvador autêntico liberte o ser humano dos deuses que o ser humano fez e o submeta a Deus que fez o ser humano.

Mas, ao predizer isto, Hermes fala com simpatia das mistificações dos demônios, sem exprimir claramente o nome cristão; mas como, assim, seria suprimido tudo aquilo em que o Egito se assemelha ao Céu (conforme nos garantia a observação) o testemunho que Trimegisto nos dá do futuro toma um tom doloroso. Ele é, de fato, daqueles de quem o Apóstolo diz:

Ao descobrirem Deus, não o glorificaram como Deus nem lhe prestaram graças; mas tomaram-se vãos nos seus pensamentos e o seu coração insensato se obnubilou. Dizendo-se sábios, tornaram-se

²⁶⁷ *Statuas, o Asclepi, vides quatenus tu ipse diffidas; statuas animatas sensu et spiritu plenas tantaque facientes et talia, statuas futurorum praesicias eaque sorte vate sonniis multisque aliis rebus praedicentes imbecilitates hominibus facientes easque curantes, tristitiam, laetitiamque pro meritis. An ignoras, o Asclepi, quod Aegyptus imago sit Caeli, aut, quod est verius, translatio aut descensio omnium quae gubernantur atque exercentur in Caelo. Ac sic dicendum est verius terra nostra mundi totius est templum. Et tamen quoniam praescire cuncta prudentem decet, istud vos ignorarefas non est: Futurum tempus est, quo appareat Aegyptios incassum pia mente divinitatem sedula religione sevasse et omnis eorum sancta veneratio in irritum casura frustrabitur (a).*

(a) *Et omnis eorum sancta veneratio in irritum casura frustrabitur* e em que toda a sua veneração ficará inutilmente frustrada — Esta parte é acrescentada em Migne ao texto precedente. Id. Ib. p. 327.

loucos, substituindo, à majestade de Deus incorruptível, imagens feitas à imagem do ser humano corruptível²⁶⁸ e mais, que seria longo recordar.

Realmente, a respeito do único e verdadeiro Deus construtor do mundo, muitas coisas diz que correspondem à verdade e não comprehendo como é que tal cegueira do coração o leva a afirmar que os seres humanos estão sujeitos aos deuses que (é ele que o confessa) pelos seres humanos foram feitos e a deplorar a supressão futura desta sujeição, como se houvesse alguma coisa mais deplorável para o ser humano do que ser dominado pelas suas próprias ficções.

Porque a verdade é que é mais fácil a uma pessoa deixar de ser humana, adorando como deuses as obras das suas mãos, do que às suas obras tornarem-se deuses pelo culto que uma pessoa lhes presta.

Realmente, a uma pessoa de tão elevada dignidade, se não é inteligente, é mais fácil descer à categoria dos brutos do que a obra humana ser preferida à obra de Deus feita à sua semelhança, isto é, ao próprio ser humano. É precisamente por isso que o ser humano se afasta daquele que o fez, quando acima dele coloca o que ele próprio fez.

Estas eram as vacuidades enganosas, perniciosas, sacrílegas que o egípcio Hermes lamentava por saber que chegaria o tempo da

²⁶⁸ *Cognoscentes Deum non sicut Deum glorificaverunt aut gratias egerunt, sed evanuerunt in cogitationibus suis, et obscuratum est insipiens cor eorum; dicentes enim se esse sapientes stulti sunt et inmutaverunt gloriam incorrupti Dei in similitudinem imaginis corruptibilis hominis.* Rom., I, 21-22.

sua abolição. No seu lamento, porém, havia tanto de impudência como na sua ciência havia de imprudência. Efetivamente, não fora o Espírito Santo quem lho revelara, como aos santos profetas que, conhecendo antecipadamente estes fatos, exultavam de alegria: *Se o ser humano faz deuses, então é porque não são deuses*²⁶⁹.

E, noutra passagem: *Dia virá, diz o Senhor, em que exterminarei da face da Terra o nome dos ídolos e será abolida a sua memória*²⁷⁰.

Quanto ao próprio Egito — e isto respeita à presente questão — o santo Elias profetiza assim: *E (os deuses) do Egito, feitos pelas mãos humanas, serão atirados para longe da sua face e o coração (dos egípcios) será vencido dentro deles*²⁷¹.

Da mesma estirpe eram aqueles que se regozijavam por ter chegado Aquele que sabiam que havia de vir; tal era Simeão, tal era Ana que reconheceu Jesus acabado de nascer; tal era Isabel que, por graça do Espírito, o reconheceu apesar de apenas concebido; tal era Pedro, ao exclamar, por revelação do Pai: *Tu és Cristo, filho de Deus vivo*²⁷².

Mas, ao contrário, os espíritos que a este egípcio tinham indicado o momento da sua futura perda, eram precisamente os que, a

²⁶⁹ *Si faciet homo deos, et ecce ipsi non sunt dii.* Jerem., XVI, 20.

²⁷⁰ *Erit in illo die, dicit Dominus, exterminabo nomina simulacrorum a terra, et nonjam erit eorum memoria.* Zacarias, XIII. 2.

²⁷¹ *Et movebuntur manufacta Aegypti a facie ejus, et cor eorum vincetur in eis.* Isaias, XIX, 1.

²⁷² *Tu es Christus, filius Dei vivi.* Mat., XVI, 16.

tremer, viriam a dizer ao Senhor ainda presente na sua carne: *Porque vieste perder-nos antes do tempo?*²⁷³. Quer porque fora demasiado súbito o acontecimento que de fato esperavam, mas para mais tarde, quer porque eles chamavam «a sua perda» ao fato de serem desprezados porque reconhecidos.

E esta desgraça chegava-lhes antes do tempo (*ante tempus*), isto é, antes do tempo do juízo em que serão punidos com a condenação eterna com todos os humanos que permanecem retidos na sua companhia.

Tal é o ensino da religião que não engana nem se engana, diferentemente desse Hermes que, impelido pelos ventos da doutrina que sopram de um e de outro lado e misturando o verdadeiro e o falso, deplora a próxima perdição duma religião que ele próprio mais tarde confessará constituir um erro.

CAPÍTULO XXIV

Hermes reconhece o erro dos seus antepassados, mas lamenta que ele venha a ser destruído.

Após muitas divagações, volta à questão dos deuses fabricados pelos humanos, exprimindo-se assim:

Por agora basta o que a este respeito já disse. Voltemos ao ser humano e à sua razão, esse dom divino que lhe valeu ser chamado

²⁷³ *Quid venisti ante tempus perdere nos?* Mat., VIII, 29.

*animal racional. Realmente o que se disse do ser humano, por admirável que seja, não é o mais admirável. A maravilha incomparável que desafia toda a admiração, é que o ser humano tenha podido descobrir a natureza e realizá-la. Efetivamente, como os nossos antepassados, devido à sua incredulidade e à sua indiferença a respeito do culto e da religião divina, cometiam um grave erro (**multum errabant**), acerca da noção dos deuses, inventaram a arte de fabricar deuses. A esta inventada arte juntaram uma virtude appropriada tirada da natureza do mundo; misturaram-na com aquela mas, como não podiam fazer almas, evocaram almas de demônios ou de anjos, infundindo-as nas imagens santas e nos mistérios divinos para que, mercê dessas almas, os ídolos tivessem o poder de praticar o bem e o mal*²⁷⁴.

Não sei se os demônios, evocados para o testemunharem, fariam confissões semelhantes à estas. Diz ele: *Como os nossos antepassados, devido à sua incredulidade e à sua indiferença a respeito do*

²⁷⁴ *Sed jam de talibus sint satis dicta talia. Iterum ad hominem rationemque redeamus, ex quo divino dono homo animal dictum est rationale. Minus enim miranda etsi miranda sint, quae de homine dicta sunt. Omnium enim mirabilium vicit admirationem quod homo divinam potuit invenire naturam eamque efficere. Quoniam ergo proavi nostri multum errabant circa deorum rationem increduli et non animadverentes ad cultum religionemque divinam, invenerunt artem, qua efficerent deos. Cui inventae adjunixerunt virtutem de mundi natura convenientem, eamque miscentes, quoniam anitrum facere non poterant, evocantes animas daemonum vel angelorum eas indiderunt imaginibus sanctis divinisque mysteriis, per quas idola et bene faciendi et male vires habere potuissent.* Asclepius, XXXVII, ed. Festugiere-Nock, p. 347.

*culto e da religião divina, cometiam um grave erro acerca da noção dos deuses, inventaram a arte de fabricar deuses*²⁷⁵.

Será que ao menos ele disse sem artifícios que eles erraram ao descobrirem a arte de fazerem deuses ou contentou-se em dizer «cometiam um erro» (*errabant*), sem acrescentar «cometiam um grave erro» (*Multum errabant*)? Foi, portanto, este erro «grave», esta incredulidade dos que desprezavam o culto e a religião divina que descobriu a arte de fazer deuses.

E, todavia, é esta arte inventada, por grave erro, pela incredulidade e aversão para com o culto e a religião divina, é esta arte de fabricar deuses, é isto que o homem sábio deplora como ruína, que há seu tempo virá, como se duma religião divina se tratasse. Repara que é devido a uma força divina que ele revela os velhos erros dos seus antepassados e é devido a uma força diabólica que ele é obrigado a lamentar o futuro castigo dos demônios.

Se, na verdade, os seus antepassados encontraram a arte de fabricar deuses em consequência de um «grave erro» acerca da noção dos deuses, por causa da sua incredulidade e da sua aversão para com o culto e a religião divina, que admira se todas as coisas que esta detestável arte fabricou contrárias à religião divina, forem pela reli-

²⁷⁵ *Quotiam proaui nostri multum errabant circa deorum rationem, increduli et non animadvertisentes ad cultum religionemque divinam, invenerunt artem qua efficerent deos.* Id. Ib..

gião divina destruídas, pois é a verdade que emenda o erro, é a fé que refuta a incredulidade, é a conversão que corrige a aversão?

Se Hermes, sem mencionar as causas, tivesse dito que os seus antepassados descobriram a arte de fabricar deuses, a nós caberia, por muito fraco que fosse o nosso sentido de justiça e de religião, observarmos e darmo-nos conta de que nunca eles teriam chegado à arte de fabricar deuses, se não estivessem longe da verdade, se tivessem de Deus uma crença digna dele, se tivessem orientado o seu espirito para o culto e a religião divina. E, todavia, se fôssemos nós a dizer que esta arte procede de um grave erro humano, da sua incredulidade, da aversão da sua alma desviada e infiel à religião divina, a impudênciados que resistem à verdade seria de certo modo suportável. Mas quando é o próprio Hermes quem admira no ser humano o poder desta arte sobre as coisas, pelo qual se lhe permite fabricar deuses e, ao mesmo tempo, se lamenta por chegar o tempo em que até as próprias leis ordenarão a supressão de todas estas ficções de deuses instituídos pelos humanos; quando é ele que não deixa de confessar e de precisar as causas que levaram a esta fabricação, ou seja o grave erro dos antepassados, a sua incredulidade, a aversão da sua alma pelo culto e a religião divina, que devemos nós dizer, ou melhor, que devemos nós fazer senão render as maiores ações de graças ao Senhor nosso Deus, que suprimiu os ídolos por razões contrárias às da sua instituição? Realmente, o que a multidão dos erros

estabeleceu, o caminho da verdade o aboliu; o que a incredulidade instituiu, a fé o supriu; o que a aversão ao culto da religião divina construiu, a conversão ao santo, verdadeiro e único Deus o destruiu.

Isto não aconteceu só no Egito, onde apenas a voz de Hermes deplora o espírito dos demônios; é toda a terra que canta ao Senhor um cântico novo, como o havia predito a escritura verdadeiramente santa, verdadeiramente profética, onde está escrito: *Cantai ao Senhor um cântico novo; cante ao Senhor a Terra inteira*²⁷⁶.

O título deste salmo é o seguinte: *Quando se edificava a casa depois do cativeiro*²⁷⁷.

E de fato ela edifica-se no mundo inteiro para o Senhor, esta casa, a Cidade de Deus, isto é, a Santa Igreja; ela se edifica com as pessoas que, depois de mantidas em cativeiro pelos demônios, se tornaram como que as suas pedras vivas pela fé de Deus. Porque o ser humano, só porque fabricava deuses, nem por isso deixava de ser por eles possuído. Realmente, embora autor deles, ao adorá-los, passava para a sua sociedade; sociedade, digo eu, não de ídolos estúpidos, mas de astuciosos demônios. Na verdade, o que é que são os ídolos, senão o que a Escritura deles descreve: *Têm olhos, mas não verão*²⁷⁸?

²⁷⁶ *Cantate Domino canticum novum, cantate Domino omnis terra.* Salmo XCV, 1.

²⁷⁷ *Quando domus aedificabatur post captivitatem.* Salmo XCV.

²⁷⁸ *Oculos habent, et non videbunt.* Salmo XCIV, 5.

E que é que poderá dizer dos objetos materiais, por mui habilmente trabalhados que estejam, se lhes falta vida e sensibilidade? Mas os espíritos imundos, vinculados por essa arte ímpia às imagens, agregando-as à sua sociedade, tinham cativado miseravelmente as almas dos seus adoradores.

Daí o que diz o Apóstolo: *Sabemos que um ídolo nada é; mas quando os gentios sacrificam, é aos demônios que sacrificam e não a Deus. Não quero que vos torneis associados aos demônios*²⁷⁹.

Depois deste cativeiro, em que os demônios astuciosos mantinham os seres humanos, é que, portanto, foi edificada em toda a Terra a Casa de Deus. Daí é que recebeu o título aquele salmo em que se diz:

*Cantai ao Senhor um cântico novo; cante ao Senhor a Terra inteira. Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome e anunciai dia após dia a sua sabedoria. Narrai a sua glória entre os gentios e as suas maravilhas entre os povos. Porque grande é o Senhor e digno de todo o louvor; terrível acima de todos os deuses; porque todos os deuses dos gentios são demônios, mas foi o Senhor quem fez os Céus*²⁸⁰.

²⁷⁹ *Scimus quia nihil est idolum; sed quae immolant gentes, daemoniis immolant, et non Deo; nolo vos socios fieri daemoniorum.* I Corint., X, 20.

²⁸⁰ *Cantate Domino caanticum novum, Cantate Domino omittis terra, Cantate Domino, benedicte nomen ejus, bene nuntiate diem ex die salutare ejus. A dñnitate in gentibus gloriam ejus, in omnibus populis mirabilia ejus; quoniam magnus Dominus et laudabilis nimis, terribilis est super omnes deos. Quia omnes dii gentium daemonia, Dominus autem caebs fecit.* Salmo XCV, 1-5.

Quem, portanto, lamenta a próxima chegada do tempo em que serão suprimidos o culto aos ídolos e o domínio dos demônios sobre aqueles que os adoram, desejaría, por instigação do espírito do mal, que para sempre subsistisse o cativeiro cujo fim fez cantar o Salmista a edificação de uma casa em toda a Terra. Era isso que Hermes vaticinava com desgosto; era isso que o profeta previa com alegria.

E como aquele que cantava este triunfo pela boca dos santos profetas era o Espírito vencedor, o próprio Hermes foi miraculosamente obrigado a confessar que os ídolos, cuja destruição ele não suportava e deplorava, tinham sido instituídos por pessoas nem sábias, nem crentes, nem religiosas, mas por pessoas perdidas no erro, incrédulas e hostis ao culto da religião divina.

Embora lhes chame deuses, todavia, ao dizer que foram fabricados por tais pessoas, às quais, de modo nenhum, devemos nos assemelhar, mostra, queira ou não, que não devem ser adorados por quem não é igual aos seus fabricadores, ou seja, por pessoas sábias, crentes e religiosas. E mostra, ao mesmo tempo, que os seus fabricantes a si próprios outorgaram deuses que não eram deuses. Porque continua verdadeira a frase do profeta: *Se o ser humano faz deuses, então é porque não são deuses*²⁸¹.

²⁸¹ *Si faciet homo deos, et ecce ipsi non sunt dii.* Jerem., XVI, 20.

A tais deuses é que Hermes chama deuses de tais pessoas, fabricados habilmente por tais artistas, isto é, os demônios fixados aos ídolos, não sei dizer por que arte, pelas cadeias das suas paixões. Mas, chamando-lhes deuses fabricados por humanos, não lhes concede o mesmo que lhes concede o platônico Apuleio (cuja doutrina e absurda incongruência já expusemos e demonstramos) ou seja o privilégio de serem intérpretes e intercessores entre os deuses que Deus fez e os humanos criados pelo mesmo Deus, levando as preces dos humanos e trazendo os favores dos deuses.

É, na verdade, demasiado absurdo crer que deuses fabricados por humanos tenham mais crédito junto aos deuses feitos por Deus, do que os próprios humanos feitos pelo mesmo Deus.

Realmente, o demônio fixado a um ídolo por uma arte ímpia, foi certamente feito deus por um humano, mas para esse humano apenas e não para todo os humanos.

Mas que deus será esse então que só um humano perdido no erro, incrédulo e desviado do verdadeiro Deus pode fabricar? Na verdade, se os demônios venerados nos templos e introduzidos, não sei por que arte, nos ídolos, isto é, nas estátuas visíveis, por pessoas que, usando dessa arte, fizeram deles deuses, perdendo elas próprias o rumo e afastando-se do culto e da religião divina; se esses demônios não são mensageiros nem intérpretes entre os humanos e os deuses, quer pelos seus péssimos e depravados costumes, quer porque os

humanos, a despeito do seu erro e da sua incredulidade, da sua aversão ao culto e à religião divina, são, todavia, indubitavelmente melhores que os deuses, produtos da sua arte, só resta que o que podem, só como demônios o podem, quer concedendo favores tanto mais nocivos quanto mais falaciosos, quer fazendo abertamente o mal (e, todavia, seja como for, eles nada podem fazer sem a permissão da profunda e misteriosa Providência de Deus); mas não é à função de intermediários entre os humanos e os deuses que eles devem, graças à amizade dos deuses, a sua influência sobre os humanos.

Realmente, os demônios, de maneira nenhuma, podem ser amigos dos deuses bons, daqueles aos quais chamamos os santos anjos, criaturas racionais que habitam nas santas moradas do Céu: Tronos, Dominações, Principados, Potestades. Pelas disposições da sua alma estão tão afastados deles, como o vício está da virtude e a malícia da bondade.

CAPÍTULO XXV

O que pode haver de comum nos santos anjos e nos humanos.

De forma nenhuma se deve, portanto, procurar a benevolência e a beneficência dos deuses bons, ou melhor, dos anjos bons, pela pretensa mediação dos demônios, mas pela imitação da boa vontade dos anjos, pela qual estamos com eles, com eles vivemos e com eles

adoramos o Deus que eles adoram, embora não os possamos ver com os nossos olhos carnais.

É na medida em que a dessemelhança da nossa vontade e a fragilidade da nossa débil natureza nos torna miseráveis, que nós deles estamos afastados, não pelo espaço do corpo, mas pelo mérito da vida. O que nos impede de nos unirmos a eles não é o fato de habitarmos na terra numa condição carnal, é o gosto do nosso coração impuro pelos bens terrenos. Quando nos curarmos, para sermos tais quais eles são, então aproximar-nos-emos deles pela fé, se acreditarmos que, pela sua assistência, Aquele que fez a felicidade deles fará a nossa.

CAPÍTULO XXVI

Toda a religião dos pagãos se reduz ao culto às pessoas mortas.

Bom é que se preste a devida atenção à maneira como o dito egípcio se expressa, quando se lamenta por estar chegando o tempo em que do Egito desaparecerão estas instituições, obras, como ele confessa, de pessoas perdidas nos seus graves erros, incrédulas e cheias de aversão pelo culto da religião divina.

Entre outras coisas, diz ele: *Então esta terra, santíssima sede de santuários e de templos, ficará toda cheia de sepulcros e de mor-*

*tos*²⁸², como se, caso não desaparecesse aquele culto, as pessoas não tivessem que morrer ou tivessem que ser sepultadas em lugar diferente da terra. Com certeza que, à medida que forem passando os tempos e os dias, irá aumentando também o número dos sepulcros, por que irá aumentando o número dos mortos.

Mas o que parece entristecê-lo é que aos templos e aos santuários dos ídolos iriam suceder os monumentos dos nossos mártires, de maneira que, ao lerem isto os que são animados duma mentalidade oposta e hostil à nossa, pensarão que adoramos os mortos nos túmulos como os pagãos adoravam os deuses nos templos.

A cegueira dos ímpios é tão grande que, a bem dizer, chegam a se chocar contra as montanhas, recusando-se a ver o que salta aos olhos. Não reparam que em todos os escritos pagãos não se encontram, ou dificilmente se encontram, deuses que não tenham sido pessoas que, uma vez falecidas, se tornaram objeto de honras divinas.

Ponho de parte a afirmação de Varrão, ou seja, que todos os mortos são por eles considerados deuses, os deuses manes. Prova-o, com os ritos sagrados oferecidos a quase todos os mortos, particularmente com os jogos fúnebres; sinal máximo, para ele, da sua divindade, pois estes jogos são comumente reservados aos deuses.

²⁸² *Tunc terra ista, sanctissima sedes delubrorum atque templorum, sepulcrorum erit mortuorumque plenissima.* Asclepius, XXIV, ed. Festugière-Nock, p. 327.

O próprio Hermes, de quem agora se trata, no mesmo livro em que parece prever o futuro, exclama pesaroso: *Então esta terra, santíssima de santuários e de templos, ficará toda cheia de sepulcros e de mortos*, testemunhando assim que os deuses do Egito mais não são que pessoas mortas. Com efeito, depois de ter declarado que os seus antepassados cometiam graves erros acerca da noção dos deuses e, incrédulos, sem consideração pelo culto e pela religião divina, inventaram a arte de fabricar deuses, acrescenta:

*A esta inventada arte juntaram uma virtude apropriada tirada da natureza do mundo; misturaram-na com aquela, mas, como não podiam fazer almas, evocaram almas de demônios ou de anjos, infundindo-as nas imagens santas e nos mistérios divinos para que, mercê dessas almas, os ídolos tivessem o poder de praticar o bem e o mal.*²⁸³

Continua a seguir, como que a querer provar isto com exemplos:

Teu avô, ó Asclépio, foi o primeiro inventor da medicina. De dicaram-lhe um templo no monte da Líbia, perto da Praia dos Crocodilos. É lá que repousa o homem que ele foi, isto é, o seu corpo. Porém o resto dele, ou, antes ele todo — se é que o homem todo está

²⁸³ *Cui inventae adjunxerunt vimtem de mundi natura convenientem eamque miscentes, quoniam animas facere non poterant, evocantes animas daemonum vel angelorum eas indiderunt irmginibus sanctis divinisque mysteriis, per quas idola et benefaciendi et male, vires habere potuissent.* Id. Ib., XXXVII, p. 348.

*no sentimento da vida — voltou ao Céu numa condição melhor e agora, com a sua divindade, presta às pessoas enfermas os socorros que costumava prestar com a arte da medicina*²⁸⁴.

Ei-lo pois a afirmar que um morto é adorado como um deus no próprio lugar onde tinha a sua sepultura. Mas engana-se e engana-nos ao dizer que ele voltou ao Céu.

Acrescenta ainda o seguinte: *Hermes, o avô de quem eu tenho o nome, não assiste e não cura, na cidade em que habita (a) e que traz o seu nome, todos os mortais que de toda a parte até ele acorrem*²⁸⁵.

Realmente Hermes «o antigo», ou seja Mercúrio, que ele afirma ser seu avô, reside, ao que se diz, em Hermópolis, cidade que dele tirou o nome. Aí estão, pois dois deuses — Esculápio e Mercúrio — que, na sua opinião, foram homens. Acerca de Esculápio, gregos e latinos pensam o mesmo. Quanto a Mercúrio, muitos pensam que ele não foi um mortal, embora o nosso Hermes afirme que ele foi seu avô. Mas, na realidade, este é um e aquele é outro, embora tenuham o mesmo nome. Não insisto se um é distinto do outro. O certo

²⁸⁴ *A vus enim tuus, o Aschepi, me decime primus inventor, cui templum consecratum est in monte Ubyae área litus crocodilorum in quo ejus jacet mundanus homo, id est corpus; reliquias enim, vel potius totus, si est homo totus in sensu vitae, melior remeavit in Caelum, omnia etiam nunc hominibus adjumenta praestans infirmis numine nunc suo, quae solebat medecinæ arte praebere.* Id. Ib., XXXVII, p. 347.

²⁸⁵ *Hermes, cuius avitum mihi nomen est, nonne in sibi cognomine patria (a) consistens omnes mortales undique venientes adjuvat et conservat.* Id. Ib., XXXVIII, p. 347-348.

(a) A cidade a que se refere é, com certeza, uma das Hermópolis do Egito, mas não se sabe qual.

é que este, como Esculápio, de homem se tornou deus, segundo o testemunho de seu neto Trimegisto, varão de tão grande autoridade entre os seus.

Acrescenta ainda: *Quanto a Ísis, esposa de Osíris, sabemos quanto de bem ela faz, se está propícia e quanto pode prejudicar, se está irada*²⁸⁶.

Depois, para mostrar que são deste gênero os deuses feitos pelos humanos com a dita arte (dá assim a entender que os demônios, na sua opinião, provêm de almas de mortos que foram encerradas em estátuas, mercê da dita arte inventada por pessoas presas a graves erros, incrédulas e irreligiosas, pois esses que tais deuses faziam, almas é que não podiam fazer), depois de ter dito acerca de Ísis o que já mencionei — *Quanto ela pode prejudicar se está irada*²⁸⁷ — acrescenta logo a seguir: *Na verdade os deuses da terra e do mundo facilmente se irritam, pois são formados e compostos por pessoas de uma dupla natureza*²⁸⁸.

Diz ele *ex utraque natura* (de uma dupla natureza), ou seja, de alma e corpo, sendo a alma o demônio e o corpo o ídolo.

E prossegue: *Daí resulta que os ídolos são chamados pelos egípcios «santos animais» e que as diversas cidades honram as almas*

²⁸⁶ *Isin vero Osiris quam multa bona praestare propitiam, quantis obesse scimus iratam.* Id. Ib., XXVI-I, p. 348.

²⁸⁷ *Quantis obesse scimus iratam.* Cf. nota acima.

²⁸⁸ *Terrenis etenim diis ac mundanis facile est irasci, utpote qui sint ab hominibus ex utraque natura facti atque compositi.* Asclepius, XXXVII, ed. cit. p. 348.

*daqueles que foram divinizados em vida, chegando a viver sob as suas leis e a tomar o seu nome*²⁸⁹.

Onde estão as fúnebres lamentações de Hermes pela terra do Egito, sede santíssima de santuários e de templos que um dia ficará toda cheia de sepulcros e de mortos?

Realmente, o espírito falacioso que a Hermes inspirava estas lamentações, foi obrigado a confessar, por seu intermédio, que esta terra estava já repleta de sepulcros e de mortos adorados pelos egípcios como deuses. Mas, por seu intermédio, era a dor dos demônios que se expressava; lamentavam estes a eminência das suas penas junto das «memórias» dos santos mártires. E que será em muitos desses lugares que eles sofrerão torturas, farão confissões e serão expulsos dos corpos dos possessos.

CAPÍTULO XXVII

Maneira de os cristãos honrarem os mártires.

E, todavia, nós não instituímos para estes mesmos mártires nem templos, nem sacerdócio, nem ritos sagrados, nem sacrifícios porque, para nós, eles não são deuses; o Deus deles é o nosso Deus. É certo que veneramos as suas «memórias» como santas pessoas de

²⁸⁹ unde contigit ab Aegyptiis haec sancta animalia nuncupari colique per singulas civitates eorum animas, quorum sunt consecratae viventes, ita ut eorum legibus incolantur et eorum nominibus runcupentur. Id. Ib., p. 348.

Deus, que até à morte combateram pela verdade para fazerem conhecer a verdadeira religião, provando a falsidade, a mentira do paganismos. Se antes deles pessoas houve que partilharam de tais sentimentos, por medo essas pessoas reprimiam tais sentimentos.

Quem dentre os fiéis já alguma vez ouviu um sacerdote, de pé, diante do altar, mesmo diante de um altar construído para a glória e o culto de Deus sobre o corpo de um santo mártir, dizer nas suas orações: “Ofereço-te este sacrifício, ó Pedro, ó Paulo, ó Cipriano, pois é diante das suas *memórias* que o sacrifício é oferecido ao Deus que fez as pessoas e os mártires, associando-os aos seus santos anjos na glória celeste”? É também nessa solenidade que nós rendemos graças ao verdadeiro Deus pela sua vitória e nos exortamos pela renovação da sua memória a partilharmos das suas coroas e das suas palmas²⁹⁰, invocando a proteção de Deus.

Todas as homenagens trazidas pelos fiéis aos túmulos dos mártires são, portanto, testemunhos prestados à sua memória; não são ritos nem sacrifícios oferecidos aos mortos como se deuses fossem.

Alguns transportam para lá até mesmo alimentos, o que não fazem os melhores cristãos e, na maior parte das terras, não há esse costume. Aliás, os que o fazem, depois de colocarem os alimentos sobre o túmulo e de recitarem as suas orações, levam-nos para os

²⁹⁰ As coroas e as palmas eram e são os símbolos da vitória.

comerem ou mesmo para os distribuírem pelos indigentes, desejando apenas santificá-los pelos méritos dos mártires em nome do Senhor dos mártires. Mas quem conhece o único sacrifício dos cristãos que também lá é oferecido, sabe que não se trata de sacrifícios oferecidos aos mártires.

Nós não veneramos os nossos mártires nem com honras divinas nem com crimes humanos, como fazem os pagãos com os seus deuses. Nós não lhes oferecemos sacrifícios nem transformamos as torpezas em cerimônias sagradas. Pelo contrário, acerca de Ísis, esposa de Osíris, deusa do Egito e acerca dos seus antepassados que, segundo consta das suas escrituras, foram todos reis (esta Ísis, quando oferecia um sacrifício aos seus antepassados, encontrou um feixe de cevada e apresentou as espigas ao rei, seu marido e a Mercúrio, conselheiro deste rei, donde pretenderem que ela e Ceres são a mesma), acerca de Ísis e dos seus antepassados leiam os que quiserem e puderem e nisso meditem os que já leram, quantas e quão grandes são as maldades destes (contadas não por poetas, mas constantes dos seus livros religiosos), que Alexandre as relatou por escrito a sua mãe Olimpíada, de acordo com as revelações do sacerdote Leão. E verão a favor de que pessoas, depois de mortas e de que fatos foi instituído culto como se deuses fossem!

Não ousem comparar, seja no que for, tais deuses, mesmo que os tomem por deuses, aos nossos santos mártires que, mesmo assim,

não tomamos por deuses. Nós não instituímos sacerdotes em sua honra, nós não lhes oferecemos sacrifícios, pois isso seria inconveniente, abusivo, ilícito, já que só a Deus estão reservados. Nem nos divertimos com os seus crimes nem com esses jogos torpes com que celebram as infâmias dos seus deuses, quer eles as tenham cometido quando eram humanos, quer as tenham inventado, se as não cometaram, para agrado dos maléficos demônios.

Não foi a um demônio deste gênero que Sócrates teve como Deus, se é que algum teve! Mas com certeza, querendo sobressair nessa arte, foram eles que proporcionaram um deus semelhante a um homem inocente e alheio àquela arte de fabricar deuses.

Para quê mais? Ninguém duvida, por muito pouco esperto que seja, de que estes espíritos não devem ser venerados, tendo em mira a vida bem-aventurada que virá depois da morte. Mas dirão talvez: todos os deuses são bons, mas, quanto aos demônios, uns são bons outros são maus. Aos considerados bons é que se deve prestar culto para se chegar à vida eternamente feliz.

No próximo livro veremos quanto vale esta opinião.

Livro IX – As duas espécies de demônios.

Depois de se referir, no livro anterior, ao repúdio do culto aos demônios (que, realmente, com muitos argumentos, eles próprios se apresentam como espíritos maus) vai Agostinho agora, neste livro, ao encontro dos que alegam que há diferença entre demônios bons e demônios maus. Rebatida esta diferença, demonstra que só a Cristo pode caber o papel de mediador para a vida eterna.

CAPÍTULO I

A que ponto chegou a questão e o que é que falta para tratar.

A respeito dos deuses, há quem julgue que uns são bons e outros maus. Mas também há quem, fazendo deles o melhor conceito, lhes atribua honra e glória tais que não se atreve a pensar que haja algum deus mau. Mas os que afirmaram que havia deuses bons e deuses maus, também aos demônios deram o nome de deuses e, às vezes, embora raramente, também deram o nome de demônios aos deuses, reconhecendo que o próprio Júpiter, de quem eles fazem o rei e chefe dos outros deuses, foi alcunhado de demônio por Homero.

Mas os que dizem que todos os deuses são bons e muito superiores aos humanos que temos por bons, com razão se perturbam com os feitos dos demônios e, como não podem negar esses feitos nem podem admitir que possam ser cometidos por deuses — que, em sua opinião, são todos bons — , são obrigados a estabelecer diferenças entre os deuses e os demônios. De modo que atribuem aos demônios e não aos deuses tudo o que, com razão, lhes desagrada nas obras e nos sentimentos depravados em que se revela o poder dos espíritos

ocultos. Estão, porém, convencidos de que os demônios estão de tal forma colocados entre os deuses e os humanos, que são eles que transmitem os pedidos dos humanos e lhes trazem os favores dos deuses, já que nenhum deus pode se misturar com os humanos.

É esta a opinião dos platônicos, os mais eminentes e reputados filósofos, com os quais, devido ao seu alto valor, me pareceu conveniente discutir esta questão: se o culto da multidão de deuses tem alguma utilidade para se obter a vida feliz que nos espera depois da morte.

No livro precedente indagamos por que convênio os demônios (que se comprazem com o que as pessoas boas e prudentes reprovam e condenam, isto é, com as ficções sacrílegas, torpes e criminosas atribuídas pelos poetas, não a qualquer pessoa, mas aos próprios deuses e com a condenável violência das artes mágicas) poderiam eles, como vizinhos e amigos, conciliar as pessoas boas com os deuses maus e constatamos que eram disso totalmente incapazes.

CAPÍTULO II

Entre os demônios, que são inferiores aos deuses, haverá alguns bons, sob cuja proteção possa a alma humana alcançar a verdadeira felicidade?

Por conseguinte, como prometemos no fim do livro precedente, trataremos neste livro da diferença existente (a admitir que alguma existe), não entre os deuses, todos considerados bons, nem entre os

deuses e os demônios — aqueles separados dos humanos por vastíssimos espaços e estes colocados entre os deuses e os humanos — mas da diferença que há entre os próprios demônios; assunto este que respeita à presente questão.

Diz-se geralmente que há bons e maus demônios. Quer esta opinião seja dos platônicos quer seja de quaisquer outros, não se pode negligenciar a sua discussão. Convém que ninguém pense que se deve ater aos demônios pretensamente bons, com o desejo e o cuidado de, por seu intermédio, alcançar a benevolência dos deuses que considera bons, tendo em mira gozar, depois da morte, da sua sociedade e, desta forma apanhado na rede dos espíritos malignos, vítima dos seus enganos, se arredaria para muito longe do verdadeiro Deus; só com o qual, só no qual, só pelo qual a alma humana, isto é, a alma racional e intelectual é feliz.

CAPÍTULO III

Atribuições dos demônios segundo Apuleio, que, embora lhes não negue a razão, não lhes atribui qualquer virtude.

Qual é então a diferença entre bons e maus demônios? O platônico Apuleio, tão minucioso acerca dos seus corpos aéreos quando deles fala em termos gerais, emudece acerca das virtudes de que seriam dotados, caso fossem bons.

Ficou, pois, mudo acerca da causa da felicidade, mas não pôde, porém, esconder os indícios da sua miséria. De fato, como confessa, a sua mente, que faz deles seres racionais, longe de estar impregnada e armada de virtude para não ceder a qualquer paixão irracional, encontra-se, também ela, como os espíritos insensatos, de certo modo sacudida por violentas e tempestuosas perturbações. Tais são as suas palavras sobre o caso:

*É quase sempre desta espécie de demônios que falam os poetas quando, não muito longe da verdade, imaginam deuses hostis ou favoráveis a certas pessoas, concedendo a prosperidade e o sucesso a uns e a adversidade e a aflição a outros. Ei-los, pois, sujeitos à compaixão e à indignação, à angústia e à alegria; mostram todos os aspectos das paixões humanas, balançados como nós nas ondas dos pensamentos pelos mesmos movimentos do coração e as mesmas agitações do espírito. Estas perturbações e tempestades estão muito longe da tranquilidade dos deuses celestes*²⁹¹.

Há nestas palavras lugar para a dúvida de que não são as regiões inferiores da alma dos demônios, mas as suas próprias mentes, pelas quais eles são racionais, que, segundo Apuleio, se perturbam como um mar em fúria pela tempestade das paixões? Não são mesmo

²⁹¹ *Ex hoc ferme daemomnum numero, poetae solent haudquaquam procul a veritate osores et amatores quorum dam deos jingere; hos prosperare et evehere, illos contra adversari et adjigere; igitur et misereri et indignari, et angi et laetari omnemque humani animi faciem pati, simili motu cordis et saio mentis per omnes cogitationum aestus jluctuare. Quae omnes turbelae tempestatesque procul a deorum caelestium tranquillitate exulant.* Apuleio, *De Deo Socratis*, XII; ed. Thomas, p. 20.

comparáveis às pessoas sábias que a estas perturbações da alma, mesmo quando as suportam como uma condição desta vida, opõem uma imperturbável razão, sem nada aprovarem, cedendo-lhes e sem nada fazerem que se afaste do caminho da sabedoria e da lei da justiça.

Mas é aos mortais insensatos e iníquos que eles, não no corpo mas nos costumes, são semelhantes; para não dizermos piores, pois o seu mal é mais antigo e, por uma justa pena, incurável. Flutuam à mercê das agitações do espírito, como aquele diz, sem que parte alguma da sua alma possa encontrar apoio na verdade e na justiça, graças às quais se resiste à turbulência das depravadas paixões.

CAPÍTULO IV

Opinião dos peripatéticos e dos estoicos acerca das perturbações da alma.

São duas as opiniões dos filósofos acerca dos movimentos da alma a que os Gregos chamam *πάθη* (*pate*) e alguns dos nossos, como Cícero, chama «perturbações» (*perturbationes*); outros lhes chamam «disposições» (*affectiones*) ou «afetos» (*affectus*) e ainda outros, como o citado Apuleio, «paixões» (*passiones*), termo que melhor traduz a palavra grega.

Dizem certos filósofos que estas perturbações, disposições ou paixões atingem mesmo o sábio. Mas, no sábio, elas são moderadas e

submetidas à razão, cuja autoridade lhes impõe leis que, de certo modo, as contêm nos seus limites necessários. É este o sentimento, quer dos platônicos quer dos aristotélicos, pois Aristóteles, fundador da escola peripatética, foi discípulo de Platão.

Segundo outros, como os estoicos, tais paixões nunca atingem o sábio. Cícero, porém, nos seus livros **De finibus bonorum et malorum**²⁹² convence os estoicos de que estão em desacordo, mais em palavras do que na realidade, com os platônicos ou os peripatéticos. E que os estoicos recusam-se a chamar «bens» às comodidades corporais e exteriores, porque, a seu ver, não há para o ser humano «bem» fora da virtude e esta é que é a arte de viver bem e só reside na alma. Mas estes (os platônicos), usando de linguagem simples e corrente, chamam-lhes «bens», embora, em comparação com a virtude, que assegura a retidão da vida, os considerem pequenos e médio-cres.

Donde se conclui que, chame-lhes cada um como quiser — «bens» ou «comodidades» — ambos os têm em igual estima e, nesta questão, os estoicos procuraram nada mais do que a novidade das palavras.

Também a mim me parece que, quando se pergunta se as paixões do espírito podem afetar o sábio ou se este está totalmente

²⁹² Cícero, *De finibus bonorum et malorum*, III, 3, 10.

livre, a discussão versa mais sobre palavras do que sobre realidades. Parece-me, pois, que o sentimento dos estoicos é idêntico ao dos platônicos e dos aristotélicos, se não quanto à expressão, pelo menos quanto ao âmago da questão.

Para não me tornar demasiado extenso, ponho de parte outros argumentos e apenas exporei um que é bem revelador. Conta Aulo Gélio, varão de elegantíssimo estilo e de vasta e profunda erudição, no seu livro que tem por título **Noctes Atticae** (Noites Áticas), que, certo dia, viajava no mar com um reputado filósofo estoico. Esse filósofo __ como mais larga e copiosamente refere Aulo Gélio e eu resumo aqui __ ao ver o barco sacudido por um céu medonho e um mar perigosíssimo, devido ao medo, começou a empalidecer. Isto foi notado pelos presentes, que, apesar da morte vizinha, curiosamente perguntavam se a alma de um filósofo se perturbaria. Depois, passada que foi a tempestade e quando a segurança deu lugar à troca de impressões e mesmo de gracejos, um dos passageiros, faustoso rico asiático, repreendeu o filósofo por ter tido medo e empalidecido, ao passo que ele se manteve intrépido perante a morte iminente. Mas o outro lhe contou a resposta do socrático Aristipo. Este, ao ouvir, em iguais circunstâncias, as mesmas palavras de um indivíduo da mesma laia, respondeu-lhe que tinha feito muito bem em não se apoquentar com a vida de um velhaco, mas que devia recear pela vida de um Aristipo.

O rico ficou confundido com esta resposta, mas Aulo Gélio, não com vontade de atacar mas de aprender, logo perguntou ao filósofo qual a razão do seu pavor. Este, para satisfazer um homem inflamado pelo desejo de aprender, tirou da sacola um livro do estoico Epíteto, em que este consignava as suas ideias concordantes com os princípios de Zenão e Crísipo, fundadores, como se sabe, da escola estoica. Diz Aulo Gélio ter lido nesse livro que os estoicos admitem certas percepções da alma a que chamam «fantasias», de que não está em nosso poder saber em que condições e em que momento se produzem na alma.

Quando provêm de acontecimentos terríveis ou espantosos, perturbam fatalmente a alma do próprio sábio e de tal sorte que, por momentos, também este experimenta o calafrio do medo e a angústia da tristeza, antecipando-se, por assim dizer, estas paixões, ao exercício da inteligência e da razão, sem que, contudo, o espírito se contagie com o mal, as aprove ou nelas consinta.

Isto é o que está em nosso poder, dizem os estoicos e é nisto que reside a diferença entre a alma do sábio e a do néscio: no néscio, ela cede às paixões e aceita o assentimento da mente, ao passo que no sábio, embora se veja por necessidade a elas submetido, mantém com mente imperturbável o verdadeiro e estável juízo acerca do que deve apetecer e do que deve razoavelmente evitar.

Estas ideias que Aulo Gélio recorda ter lido no livro de Epiteto e declara tê-las achado conformes com os princípios dos estoicos, expu-las, julgo eu, não com mais elegância do que aquele, mas, certamente, com maior concisão e clareza.

Se isto é assim, não há, ou quase não há diferença entre a opinião dos estoicos e a dos outros filósofos acerca das paixões e perturbações da alma. Tanto uns como outros defendem a mente e a razão do sábio, do domínio daquelas. Se os estoicos dizem que elas não atingem o sábio, é talvez porque jamais elas obscurecerão com algum erro ou mancharão com alguma nódoa essa sabedoria que o torna sábio; sem alterarem a serenidade da alma do sábio, podem afetar-lhe com o que chamamos comodidade ou incomodidade, já que não querem chamar-lhes «bens» ou «males».

Seguramente que, se na verdade o tal filósofo não desse qualquer apreço aos bens que sentia fugirem-lhe no naufrágio — tais como a vida e a saúde do corpo — ele não teria tremido de pavor perante o perigo a ponto de mostrar a sua palidez. Mas essa mesma emoção ele podia muito bem suportá-la mantendo-se firmemente convencido de que a vida e a saúde do corpo, ameaçadas de serem levadas pela furiosa tempestade, não são os bens que, como a justiça, tornam bons os que as possuem. Que se deva chamar-lhes, como eles dizem, não bens, mas comodidades, é uma guerra de palavras e não uma questão sobre a realidade.

Que interessa que se lhes chame, com maior exatidão, bens ou comodidades, se a ameaça de perdê-los faz igualmente empalidecer e tremer tanto o estoico como o peripatético, os quais, sem lhes darem o mesmo nome, os apreciam da mesma forma?

O certo é que tanto uns como outros declaram que, se fossem constrangidos a cometer um ato injusto ou criminoso que pusesse em perigo esses bens ou comodidades sem de outro modo poderem salvá-los, prefeririam perder tudo o que garante a saúde e a vida a violar a justiça, cometendo esse ato. Assim a mente, em que esta convicção está alicerçada, não permite que em si possa prevalecer perturbação alguma contra a razão, mesmo que essa perturbação se verifique nas regiões inferiores da alma; mais ainda: a razão exerce sobre elas o seu domínio e nelas não consentindo mas, pelo contrário, resistindo-lhes, faz com que reine a virtude. É assim que Virgílio descreve Eneias quando diz: *O seu espírito mantém-se inquebrantável e é em vão que as lágrimas correm*²⁹³.

CAPÍTULO V

**As paixões que afetam a alma dos cristãos não arrastam ao vício,
mas exercitam a virtude.**

Por agora, não é preciso expor em pormenor e com precisão o que, a propósito destas paixões nos ensina a Escritura Sagrada, onde

²⁹³ *Mens inmota mota manet, lacrimae volvuntur inanes.* Vergílio, *Eneida*, IV, 449.

está contida a ciência cristã. Esta submete a inteligência a Deus, para que Ele a dirija e a ajude e, à inteligência, submete as paixões, para que ela as modere, as refreie e as ponha ao serviço da justiça. Em suma, na nossa doutrina não se pergunta à alma piedosa se se encoleiriza, mas por que; nem se está triste, mas donde lhe vem a tristeza; nem se tem medo, mas porque é que teme.

De resto, irritar-se contra um pecador para corrigi-lo, entrister-se com um aflito para consolá-lo, horrorizar-se à vista de um homem em perigo para impedi-lo de perecer; pensando bem, não vejo que isso seja repreensível.

É verdade que os estoicos costumam censurar a misericórdia. Todavia, quanto não seria mais louvável o nosso estoico comover-se com pena de uma pessoa que precisa ser salva de um perigo, do que perturbar-se com o medo de um naufrágio! Muito mais belo, muito mais humano, muito mais conforme com os sentimentos de uma alma piedosa, foi o elogio que Cícero dirigiu a César: *Das tuas virtudes, nenhuma é mais admirável nem mais agradável do que a misericórdia*²⁹⁴.

Mas o que é a misericórdia, senão a compaixão do nosso coração para com a miséria alheia, que nos impele a socorrê-la, se pudermos? E este movimento serve a razão, quando a misericórdia se

²⁹⁴ Nulla de virtutibus tuis nec admirabilior nec gravior misericordia est. Cícero, *Pro Ligario*, XII, 37.

manifesta sem comprometer a justiça, quer se exerça para com um necessitado, quer se perdoe a um arrependido. Cícero, egrégio orador, não teve dúvidas em lhe chamar virtude, ao passo que os estoicos não se envergonham de colocá-la entre os vícios, embora admindo, como o ensinou o livro de Epiteto — ilustre estoico, fiel aos princípios de Zenão e de Crísipo, chefes dessa escola — que a alma do sábio está sujeita a tais paixões, embora isenta de todo o vício. Segue-se daí que não consideram estas paixões como vícios, desde que, quando surgem no sábio, nenhum prejuízo causem à razão e ao vigor do espírito.

Há, pois, identidade de opiniões entre os peripatéticos, os platônicos e os próprios estoicos. Mas, como diz Túlio²⁹⁵, há muito tempo que a controvérsia de palavras atormenta estes pequenos gregos (*graeculi*), mais ávidos por disputas do que pela verdade.

Mas, a propósito, põe-se agora uma questão: terão de se considerar como fraquezas da vida presente os «afetos» (*affectus*) deste gênero, que nós experimentamos na prática das boas ações?

Os santos anjos punem sem cólera os que lhes são entregues pela eterna lei de Deus para serem punidos; socorrem os desgraçados, sem sentirem compaixão para com a sua desgraça; prestam aos amigos em perigo a sua ajuda, sem experimentarem o menor receio;

²⁹⁵ Marco Túlio Cícero, nome completo do grande escritor geralmente conhecido apenas por Cícero.

e, todavia, na linguagem humana empregam-se, mesmo a seu respeito, as palavras que designam estas paixões, devido a uma certa analogia nos atos e não devido à fraqueza das «afeições» (*affectionum*). Da mesma forma, segundo a Escritura, o próprio Deus se irrita e, todavia, não se perturba com qualquer paixão. A palavra «cólera» designa o efeito da vingança e não um alvoroçado afeto.

CAPÍTULO VI

Paixões que perturbam os demônios, segundo Apuleio, que afirma ser útil às pessoas a sua ajuda junto aos deuses.

Por agora, ponhamos de parte a questão dos santos anjos e vejamos como, segundo os platônicos, os demônios, colocados entre os deuses e os humanos, são agitados pelas ferventes ondas das paixões. Se, efetivamente, sofressem tais movimentos, mantendo a liberdade de espírito e dominando-as, Apuleio não teria dito dos demônios que, entregues, como nós, aos movimentos desordenados do coração e às agitações do espírito, fltuam à mercê do fervilhar das ondas do pensamento. É, pois, o seu espírito, isto é, a parte superior da alma, a parte que os toma racionais, onde a virtude e a sabedoria (se é que alguma têm) comandariam as paixões turbulentas das partes inferiores da alma, para regê-las e moderar; é, pois, o seu espírito, digo eu, como confessa este platônico, que é sacudido pelas agitadas ondas das paixões. O seu espírito é, portanto, escravo das paixões torpes,

dos medos, das cóleras e de outras que tais. Qual é, então, neles a parte que está livre e na posse da sabedoria pela qual poderão agradar aos deuses e, com o exemplo dos seus bons costumes, estimular os humanos — se o seu espírito, submetido e oprimido por paixões vícias, aplica tudo o que a natureza lhes concedeu de razão para enganar e seduzir — com tanto maior sanha quanto mais possuído está pela avidez de prejudicar?

CAPÍTULO VII

Afirmam os platônicos que os deuses foram desacreditados pelas fantasias dos poetas, que os representam como sujeitos a afeições contrárias, próprias dos demônios e não dos deuses.

Se alguém disser que não se refere a todos, mas apenas ao grupo dos maus demônios aos quais os poetas, sem muito se afastarem da verdade, representam como deuses inimigos ou amigos dos seres humanos e que é destes que Apuleio diz que «flutuam à mercê do fervilhar das ondas do seu pensamento», como poderemos compreender uma coisa dessas, quando, ao falar assim, ele (Apuleio) descreve o lugar que ocupam entre os deuses e os humanos, não apenas os maus, mas todos os demônios, devido ao seu corpo aéreo?

Realmente, diz ele, a ficção dos poetas consiste nisto: em colocarem alguns destes demônios entre os deuses, em darem-lhes nomes de deuses, em lhes distribuírem humanos à sua vontade, como amigos ou inimigos e tudo graças à liberdade impune da ficção poética.

Todavia, apresentam-nos os deuses muito distanciados, devido à sua morada celeste e à opulência da sua felicidade, destes costumes dos demônios.

É, pois, uma ficção dos poetas chamar deuses a seres que não o são e, com o nome de deuses, pô-los a brigar entre eles por causa dos humanos que amam ou odeiam por paixão partidária. Mas esta ficção, diz ele, não está longe da verdade, porque os demônios, chamados deuses sem o serem, são, todavia, descritos tais quais são. Diz ser o caso dessa Minerva de Homero *que intervém em plena assembleia dos Gregos para acalmar a cólera de Aquiles*²⁹⁶.

Essa Minerva é para ele uma ficção poética, porque Minerva, considera-a ele como uma deusa e coloca-a, longe de todo o contato com os mortais, nas altas regiões do éter, entre os deuses, que ele a todos tem por bons e felizes.

Mas que certo demônio tenha favorecido os Gregos contra os Troianos e outro tenha protegido os Troianos contra os Gregos (Vênus e Marte, como lhes chama o citado poeta (Homero), mas que para ele (Apuleio) são deuses por ele colocados nas moradas celestes onde não praticam estas façanhas e que os demônios tenham lutado entre si a favor dos seus amigos contra os seus inimigos, é nisso que, confessa, os poetas pouco se afastam da verdade.

²⁹⁶ *Quae mediis coetibus Graiutn cohibendo Achiūi intervenit.* Apuleio, *De Deo Socratis*, XI; ed. Thomas, p. 19.

Realmente, contam estes fatos de seres semelhantes aos humanos nos movimentos do seu coração e que, como afirma (Apuleio), flutuam à mercê do fervilhar das ondas do seu pensamento, capazes de manifestarem a sua predileção por uns e o seu ódio por outros, não por amor à justiça, mas por paixões partidárias, tal como o público que, no circo, toma partido pelos caçadores ou aurigas da sua preferência.

Parece, pois, que o filósofo platônico procurou fazer com que, quando os poetas cantam estes feitos, todos acreditem que eles foram cometidos, não pelos demônios intermediários, mas pelos próprios deuses, cujos nomes os poetas introduzem nas suas ficções.

CAPÍTULO VIII

Definição dada pelo platônico Apuleio, dos deuses celestes, demônios aéreos e humanos terrestres.

Mas quê? Merecerá alguma atenção a definição que ele dá dos demônios (cujos termos a todos se aplicam) em que diz: *Os demônios são, quanto ao gênero, seres animados; passíveis, quanto ao ânimo; quanto à mente, racionais; aéreos, quanto ao corpo; quanto ao tempo, eternos*²⁹⁷.

²⁹⁷ *daemones esse genere animalia, animo passiva, mente rationalia, corpore aeria, tempore aetema.*
Apuleio, *De Deo Socratis*, IV; ed. Thomas, p. 10.

Nestas cinco propriedades, nada, absolutamente nada, referiu em que os demônios parecessem ter de comum exclusivamente com os humanos bons alguma coisa que não tivessem em comum com os maus. Efetivamente, descreve um pouco mais pormenorizadamente, no seu lugar próprio, humanos; deles falando como de seres ínfimos e terrestres, depois de ter falado dos deuses do Céu e, uma vez evocados os dois extremos, inferior e superior, trata em último lugar dos demônios, que ocupam o meio.

Escreve ele:

*Portanto, os humanos, orgulhosos pela razão, poderosos pela palavra, dotados de alma imortal, de membros votados à morte, de espírito ágil e inquieto, de corpos pesados e débeis, de costumes dessemelhantes e erros parecidos, de audácia obstinada e de esperança firme, de atividade estéril e de fortuna instável, individualmente mortais, todos, porém, no seu gênero, perpétuos, por que se sucedem na renovação das gerações, de existência fugitiva, de tardia sabedoria, de morte rápida, de vida lastimosa, habitam na terra*²⁹⁸.

Ao mencionar tantas coisas que se referem à maior parte dos humanos, acaso se calou acerca desse pormenor que sabia pertencer a um pequeno número: a tardia sabedoria? Se o tivesse omitido, a sua

²⁹⁸ *Igitur homines, ratione gaudentes, oratione pollentes, inmortilibus animis, moribundis membris, levibus et anxiis mentibus, brutis et obnoxii corporibus, dissimilibus moribus, similibus enoribus, pervicaci audacia, pertinaci spe, casso labore, fortuna caduca, singillatim mortales, cuncti tamen universo genere perpetui, ykissim sufficienda prole mutabiles, volucri tempore, tarda sapientia, cita morte, quérula vita terras incolunt.* Apuleio, *De Deo Socratis*, IV; ed. Thomas, p. 10.

descrição do gênero humano, apesar de tão atento cuidado, ficaria na verdade incompleta. Pois bem, quando põe em relevo a excelência dos deuses, frisou bem que ela consistia nessa beatitude a que os humanos pretendem chegar por meio da sabedoria.

Por conseguinte, se a sua intenção fosse a de dar a entender que há bons demônios, teria juntado à sua descrição alguma propriedade donde parecesse que eles possuem, em comum com os deuses, uma certa beatitude, ou, com os humanos, alguma sabedoria. Ora, ele não lhes pôs em relevo qualquer destas boas qualidades que permitem distinguir os bons dos maus. E, embora se tenha abstdio de fazer ressaltar demasiado livremente a sua malícia, fê-lo, não para não ofender a eles, mas antes para não ofender os seus adoradores, a quem se dirigia. Todavia permitiu que os seus leitores preavidos compreendessem o que deviam pensar desses demônios. Assim, aos deuses, no seu entender todos bons e felizes, pô-los absolutamente a salvo das paixões e, como ele mesmo confessa, das tempestades que agitam os demônios e só os relacionou pela eternidade dos corpos. Todavia, em relação à alma, declarou abertamente que os demônios se assemelham, não aos deuses, mas aos humanos. E, mesmo esta semelhança, diz respeito não à sabedoria, bem de que os próprios humanos podem participar, mas à perturbação das paixões que dominam os insensatos e os maus, que os sábios e os bons dominam, preferindo não as ter, a ter de vencê-las.

Se Apuleio quisesse dar a entender que os demônios têm de comum com os deuses, não a eternidade do corpo, mas a da alma, não teria de certo excluído os humanos deste comum privilégio, porque, como platônico que é, pensa sem dúvida que também os humanos têm alma imortal.

Por isso é que, ao descrever esta espécie de seres animados, ele diz que os humanos são dotados *de alma imortal, de membros votados à morte*²⁹⁹. Se, portanto, os humanos não partilham da eternidade com os demônios por que têm um corpo mortal, é porque têm um corpo imortal que os demônios a possuem.

CAPÍTULO IX

Se os seres humanos podem obter a amizade dos deuses por intercessão dos demônios.

De que raça são então esses mediadores entre os deuses e os humanos, por intermédio dos quais poderão os humanos aspirar à amizade com os deuses, se o que há de melhor nos seres animados, a alma, é o que neles, como nos humanos, há de pior e se o que há de pior nos seres animados, o corpo, é o que neles, como nos deuses, o que há de melhor?

Efetivamente, o ser animado ou animal é composto de alma e corpo. Destes dois, o melhor é, sem dúvida, a alma, mesmo que vi-

²⁹⁹ *inmortilibus animis, moribundis membris.* Apuleio, *De Deo Socratis*, IV; ed. Thomas, p. 10.

ciosa e doente ela seja e perfeitamente são e vigoroso o corpo. É que a sua natureza é de ordem mais elevada e a mácula dos vícios não a faz descer abaixo do corpo. É assim como o ouro, que, mesmo impuro, tem maior valor do que a prata e o chumbo mais puros.

Estes mediadores entre os deuses e os humanos têm, como os deuses, um corpo eterno e, como os humanos, uma alma viciosa. É como se a religião, pela qual pretendem que os humanos se unem aos deuses por intermédio dos demônios, tivesse o seu fundamento mais no corpo do que na alma!

Enfim, que malícia, que castigo suspendeu estes falsos e falazes mediadores, como se, por assim dizer, estivessem de cabeça para baixo? É que a parte inferior do seu ser animado, isto é, o corpo, têm na eles em comum com os seres superiores, mas a parte superior, isto é, a alma, têm-na em comum com os seres inferiores. Estão unidos aos deuses celestes pela parte que é escrava e, desgraçados, estão unidos aos humanos terrestres pela parte que domina.

Realmente, o corpo é escravo, como diz Salústio: *Usamos do espírito preferentemente para mandar e do corpo para servir*³⁰⁰, e acrescenta: *Uma qualidade é comum a nós e aos deuses e outra a nós e aos brutos*³⁰¹, ao falar dos humanos, que têm, como os brutos, um corpo mortal.

³⁰⁰ *Animi império, corporis servitio magis utimur.* Salústio, *Catilina*, I, 2

³⁰¹ *Alterum nobis cum diis, alterum cum beluis commune est.* Id. Ib.

Mas estes, que os filósofos nos propuseram como mediadores entre nós e os deuses, bem podem dizer do seu corpo e da sua alma: esta é comum a nós e aos humanos e aquele é comum a nós e aos deuses. Com a diferença, como disse, de que estão ligados e suspensos às avessas, tendo o corpo escravo comum com os deuses bem-aventurados e a alma suspensa, com os desgraçados dos humanos, ou seja: exaltados pela parte inferior e rebaixados pela parte superior.

Donde se conclui: ainda que alguém julgue que eles têm de comum com os deuses a eternidade, porque morte nenhuma poderá, como acontece aos seres terrestres, separar o seu espírito do seu corpo, mesmo assim, não se pode considerar o seu corpo como veículo eterno de um corpo de seres dignos de honra, mas antes como eterno veículo de condenados.

CAPÍTULO X

Na opinião de Plotino, são menos desgraçados os humanos num corpo mortal do que os demônios num corpo eterno.

Plotino é justamente louvado por ter, nos tempos mais recentes, compreendido Platão melhor que os seus outros discípulos. Diz ele, ao tratar das almas humanas: *O Pai, na sua misericórdia, preparava-lhes vínculos (*vincula*) mortais*³⁰².

³⁰² *Pater misericors mortalia illis vincula (a) faciebat.* (a) Migne traz *vincula*. Plotino, *Enéadas*, IV, III, 12. V. trad. de P. Henry in *Plotin et l'Occident*. Lovaina, 1934, P. 123-125.

Assim, o fato de os humanos terem um corpo mortal, pensou ele atribuí-lo à misericórdia de um Deus-pai, que não quis mantê-los sempre na miséria desta vida. Desta misericórdia considerou indigna a iniquidade dos demônios, que, na miséria duma alma sujeita às paixões, receberam, não um corpo mortal como o dos humanos, mas sim um corpo eterno.

De certo que seriam mais felizes do que os humanos se, como estes, tivessem um corpo mortal e, como os deuses, uma alma bem-aventurada. E seriam iguais aos humanos se, com uma alma atribulada, tivessem ao menos merecido, como eles, um corpo mortal, contanto que, evidentemente, pudessem repousar, pelo menos depois da morte, das suas tribulações. Mas eles, devido à miséria da sua alma, não são mais felizes do que os humanos e, devido à perpétua prisão que é o seu corpo, são até mais infelizes do que os humanos. Ao afirmar que eles são eternos, quis dar a entender que eles não poderiam transformar-se em deuses, porque os demônios não são capazes de progredir na prática da piedade e da sabedoria.

CAPÍTULO XI

Opinião dos platônicos segundo a qual as almas dos humanos se tomam deuses depois da morte.

Realmente, diz ainda que as almas dos humanos são demônios e que de humanos se transformam em Lares, se o tiverem merecido;

lêmures ou larvas, se tiverem sido maus; mas chamam-se deuses Manes, quando não se sabe se tiveram ou não méritos.

Quem não vê nesta opinião, por muito pouca atenção que lhe preste, o abismo que se abre diante dos humanos de costumes perdidos? Na verdade, por muito perversos que sejam os humanos, ao pensarem que se transformarão em larvas ou deuses Manes, tornam-se tanto piores quanto mais ávidos são de malfazer, quando chegarem a crer que, depois da morte, serão solicitados a fazer o mal através de sacrifícios que lhes serão oferecidos como se de deuses se tratasse.

Realmente, diz ele, os larvas são demônios maléficos, provenientes de humanos. Mas, daqui surge outra questão: diz ele que se as pessoas felizes se chamam em grego *eudaimones*, é porque são espíritos bons, isto é, bons demônios; com o que confirma que também os espíritos dos humanos são demônios.

CAPÍTULO XII

A natureza dos demônios distingue-se da dos humanos, segundo os platônicos, por três propriedades contrárias.

Mas, por agora, tratemos dos intermediários cuja natureza própria o citado Apuleio descreveu: animados quanto ao gênero; quanto à mente racionais; passivos quanto à alma; aéreos quanto ao corpo; quanto ao tempo eternos.

Quer dizer: depois de ter posto os deuses no mais alto dos Céus e os humanos no mais baixo da Terra, separados pelos lugares e pela dignidade da natureza, conclui assim:

*Tendes assim duas categorias de seres animados: os deuses diferem muito dos humanos pela sublimidade da morada, a perpetuidade da vida, a perfeição da natureza. Entre eles, nenhuma comunicação, tão grande é a distância que separa as mais altas das mais baixas moradas. No alto, a vitalidade eterna e indefectível; cá em baixo, o caduco e transitório. A natureza dos deuses atinge o cume da beatitude, a nossa abisma-se na desgraça*³⁰³.

Vejo aqui mencionadas três propriedades sobre as duas partes externas da natureza, isto é, a suprema e a ínfima. Pois as três que faz ressaltar, como louváveis, nos deuses, repete-as logo a seguir, embora por outras palavras, para lhes opor outras três contrárias nos humanos. As três dos deuses são: a sublimidade da morada, a perpetuidade da vida, a perfeição da natureza. É o que repete, por outras palavras, para lhes opor três contrárias da natureza humana, ao dizer: *Tão grande é a distância que separa as mais altas das mais baixas moradas*³⁰⁴, o que corresponde à «sublimidade do lugar».

³⁰³ *Habetis interim bina animalia: deos ab hominibus plurimum différentes loci subhmitate, vitae perpetuitate, naturae perfectione, nullo inter se propinquo communicatu, cum et habitacula summa ab infimis tanta intercapedo fastigii dispescat, et vvacitas illic aetema el indefecta sit, hic caduca et subsiciva et ingénia illa ad beatitudinem sublimata, haec ad miserias infinata.* Apuleio, *De Deo Socratis*, VI, ed. Thomas, p. 1.

³⁰⁴ *Cum et habitacula summa ab injūmis tanta intercapedo fastigii dispescat.* Id. Ib.

Acrescenta: *No alto, a vitalidade eterna e indefectível; cá em baixo, o caduco e transitório*³⁰⁵, o que corresponde à «perpetuidade da vida». Continua: *A sua natureza atinge os cumes da beatitude, a nossa abisma-se na desgraça*³⁰⁶, o que corresponde à «perfeição da natureza».

Enunciou, pois, três características dos deuses: morada nas alturas, eternidade e beatitude e três, opostas, no ser humano: morada no mais baixo lugar, mortalidade e infelicidade.

CAPÍTULO XIII

Como é que os demônios, que nem gozam da felicidade com os deuses nem sofrem da miséria como os humanos, podem ser mediadores entre uns e outros, sem com uns e outros entrarem em contato?

Destas três propriedades atribuídas aos deuses e aos humanos, como os demônios estão colocados no meio, não há discussão possível acerca do lugar; entre o mais alto e o mais baixo diz-se que há e há, precisamente, um intermédio. Restam as outras duas. Nelas há que pôr uma atenção mais cuidadosa; como é que se demonstra que elas são alheias aos demônios? Ou como é que têm de lhes ser distribuídas como a sua posição intermédia parece exigir? Essas propriedades não lhes podem ser estranhas.

³⁰⁵ *et vivacitas illic aetema et mdefecta sit, hic caduca et subsiciva.* Id. Ib.

³⁰⁶ *et ingenia illa ad beatitudinem sublimata, haec ad misérias infimata.* Id. Ib.

Efetivamente, só porque se diz que o intermédio não é o alto nem o baixo, nem por isso se pode dizer que os demônios, pelo fato de serem viventes racionais, nem são felizes nem desgraçados, assim à maneira das plantas ou dos brutos privados de sentidos ou de razão; uma vez que a sua alma é dotada de razão, são necessariamente desgraçados ou felizes.

Da mesma forma, não podemos afirmar corretamente que os demônios não são nem mortais nem eternos. Realmente, todos os viventes, ou vivem eternamente ou terminam a sua vida com a morte. Mas já se disse que os demônios, quanto ao tempo, são eternos. Que resta, então, senão que estes intermediários possuem uma das duas características superiores e uma das duas inferiores? De fato, se eles tivessem as duas superiores ou as duas inferiores, já não seriam intermediários, mas subiriam ou desceriam para uma das duas partes. Mas, como não podem carecer, como ficou demonstrado, de uma e de outra, terão que mediar tomando de cada parte uma propriedade. Ora, como não podem ter a eternidade dos mais baixos, pois estes não a têm, recebem-na dos do alto e, assim, para cumprirem a mediação, só lhes resta tomarem dos de mais baixo a desgraça.

É por isso que, segundo os platônicos, é próprio dos deuses sublimes terem uma eternidade bem-aventurada ou uma bem-aventurança eterna; é próprio dos humanos ínfimos uma infelicidade mortal ou uma mortalidade infeliz; e dos demônios, que estão entre

aqueles dois, é próprio uma infeliz eternidade ou uma eterna infelicidade.

De resto, caracterizando os demônios por cinco propriedades, Apuleio não os pôs no meio como prometera, por que disse que tinham três, como nós; animados quanto ao gênero, racionais quanto ao espírito, de alma sujeita às paixões; uma como os deuses: eternos quanto ao tempo; uma que lhes é própria: aéreos quanto ao corpo.

Como é que, então, estão no meio, tendo com os seres do alto uma só característica e três com os de mais baixo? Quem é que não nota que eles se afastam do meio e pendem para a extremidade inferior?

Mesmo assim, não há dúvida de que se poderá dizer que eles estão de certo modo no meio, pois têm, como característica própria, um corpo aéreo, tal como os deuses do alto têm um corpo etéreo como característica própria e os humanos, cá em baixo, um corpo terrestre. Mas todos têm de comum duas características: serem animados quanto ao gênero e racionais quanto ao espírito.

Realmente, o próprio Apuleio, ao falar dos humanos e dos deuses, disse: *Tendes duas categorias de seres animados*³⁰⁷ e os platônicos não costumam apresentar os deuses senão como racionais quanto ao espírito.

³⁰⁷ *Habetis bina animalia.* Id. Ib.

Restam, para os demônios, as duas propriedades: passivos quanto à alma, eternos quanto ao tempo. Partilham a primeira com os de cá de baixo e a segunda com os do alto, de maneira que uma harmoniosa distribuição das características equilibra a sua situação média, sem que ela se desvie para o alto ou para baixo. Precisamente, isto é que é a «miserável eternidade» ou a «eterna miséria» dos demônios. Realmente, aquele que disse que eles têm «uma alma passiva», teria acrescentado «miserável» se não fosse o respeito pelos seus adoradores. Se, portanto, como eles próprios confessam, o mundo é dirigido, não por um cego acaso mas pela providência de um Deus supremo, jamais a desgraça dos demônios seria eterna se grande não fosse a sua malícia.

Se, portanto, se chama precisamente *εὐδαίμονες* (*eudémons*) às pessoas felizes, não são *εὐδαίμονες* (*eudémons*) os demônios que esses (filósofos) colocaram entre os deuses e os homens. Qual será então o lugar dos bons demônios, para que possam, estando acima dos humanos e abaixo dos deuses, prestar aos primeiros a sua assistência e aos segundos o seu ministério? Porque, se eles são bons e eternos, são também, com certeza, felizes. Mas uma felicidade eterna não lhes permite estarem no meio, porque ela muito os aproxima dos deuses e muito os afasta dos humanos. Daí a inanidade dos seus esforços para mostrarem que os bons demônios, imortais e felizes, poderiam legitimamente ser colocados a igual distância dos humanos

mortais e infelizes e dos deuses imortais e felizes. Tendo como os deuses a beatitude e a imortalidade, sem em nada as partilharem com os mortais e miseráveis humanos, como é que não estão afastados dos humanos e próximos dos deuses em vez de colocados entre os dois?

Seriam intermédios se tivessem duas propriedades suas próprias, não comuns com as duas de um dos outros dois, mas comuns com uma de um e de outro; como o ser humano é intermédio entre o anjo e o bruto, como o bruto é um ser vivo irracional e mortal e como o anjo é racional e imortal, o ser humano se encontra no meio, inferior aos anjos e superior aos brutos, pois tem, como os brutos, a mortalidade e, como os anjos, a razão; é um ser vivente, racional e mortal.

Assim, pois, quando procuramos um meio entre os felizes imortais e os miseráveis mortais, devemos encontrar um ser que seja um mortal e feliz ou um imortal miserável.

CAPÍTULO XIV

Sendo mortais, poderão os humanos gozar da verdadeira felicidade?

Se o ser humano poderá ser simultaneamente feliz e mortal, é a grande questão que entre os humanos se põe.

Alguns, olhando para a sua condição com demasiada modéstia, negaram ao ser humano a capacidade de ser feliz enquanto vive su-

jeito à mortalidade. Outros, considerando-se superiores, ousaram dizer que os mortais poderão ser felizes, desde que estejam de posse da sabedoria.

Se assim é, porque é que não se colocam estes como intermediários entre os humanos miseráveis e os felizes imortais, pois têm de comum com os imortais felizes a felicidade e com os mortais miseráveis a mortalidade? Com certeza que, se são felizes, a ninguém invejam (haverá realmente algo de mais miserável que a inveja?) e ajudam, na medida que lhes é possível, os mortais infelizes a obterem a felicidade para que possam também ser imortais depois da morte e possam unir-se aos anjos imortais e felizes.

CAPÍTULO XV

O homem Jesus Cristo é mediador entre Deus e os seres humanos.

Mas, se, segundo a opinião mais aceitável e mais provável, todos os humanos são necessariamente infelizes por serem mortais, tem que se procurar um intermediário que seja, além de humano, também Deus, para, por mediação da sua bem-aventurada imortalidade, encaminhar os seres humanos da sua miserável mortalidade à imortalidade bem-aventurada.

Era necessário que nem fosse excluído da mortalidade nem constrangido a permanecer mortal. Tornou-se, de fato, mortal, não

por enfraquecimento da divindade do Verbo, mas por assunção da fraqueza da carne. Mas não permaneceu mortal na carne, que Ele ressuscitou dos mortos. O fruto da sua mediação é precisamente este: que aqueles para cuja libertação se fez mediador não permaneçam mais na morte perpétua da carne. Foi, pois, necessário que o mediador entre Deus e nós possuísse uma mortalidade transitória e uma felicidade permanente, para se poder acomodar aos mortais no passageiro e levá-los de entre os mortos ao que permanece.

Os anjos bons não podem, portanto, ocupar uma posição intermediária entre os infelizes mortais e os imortais bem-aventurados, porque eles próprios são bem-aventurados (felizes) e imortais. Podê-lo-iam ser os anjos maus, porque, como os mortais, são infelizes, e imortais como os bem-aventurados.

Contrário a eles está o bom mediador que, contra a imortalidade e desgraça dos anjos maus, quis tornar-se mortal por algum tempo e pôde permanecer bem-aventurado na eternidade. Assim, para impedir que os maus anjos, imortais orgulhosos e infelizes criminosos, seduzissem os seres humano, valendo-se da sua imortalidade para conduzi-los à infelicidade, o bom mediador — pela humildade da sua morte e a suavidade da sua beatitude — destruiu o domínio daqueles nos corações que pela fé purificou da sua imundíssima tirania.

Assim, o ser humano mortal e infeliz, muito afastado dos seres imortais e felizes, que mediador poderá escolher que o conduza à

imortalidade e à beatitude? O que poderia deleitá-lo na imortalidade dos demônios, é miséria; o que poderia chocá-lo na mortalidade de Cristo, já não existe.

Naquele caso, tem que se precaver contra a desgraça sem fim; neste caso, já não tem que temer a morte que não pôde ser eterna, mas amar a felicidade sempiterna.

Se se interpusesse um mediador imortal e infeliz, seria para fechar a passagem à imortalidade feliz, porque o que impede de lá chegar — a própria infelicidade — persiste sempre. Mas, ao contrário, o que era mortal e feliz interpôs-se, uma vez passada a mortalidade, para dar aos que morreram a imortalidade, o que ele mostrou em si próprio ressuscitando e conferindo aos que são infelizes a beatitude de que jamais foi privado.

Há, pois, um mediador mau que separa os amigos e há um mediador bom que congraça os inimigos. São muitos os mediadores que separam, porque, se a multidão dos anjos bons tira a sua beatitude da participação no Deus único, a desgraçada multidão dos anjos maus, privada desta participação, faz oposição mais para impedir do que para facilitar a nossa felicidade. A sua própria multidão, de certo modo, nos ensurdece com o seu vozerio, para nos tornar impossível o acesso ao bem único e beatificante.

Para o conseguirmos, não são precisos muitos mediadores: basta um e precisamente aquele cuja participação nos torna felizes: o

Verbo de Deus criado, por quem tudo foi criado. Todavia, não é enquanto Verbo que ele é mediador, porque o Verbo, soberanamente imortal e soberanamente feliz, está longe dos mortais infelizes. Ele é mediador enquanto humano, mostrando, por isso mesmo, que, para atingir aquele que é, não somente o bem feliz (*beatum*), mas também beatificante (*beatificum*) não é preciso procurar outros mediadores que julguemos encarregados de dispor os degraus da nossa ascensão, pois foi o próprio Deus bem-aventurado (*beatus*) e beatificante (*beatificus*), tornado partícipe da nossa humanidade, quem nos forneceu um meio rápido de participarmos da sua divindade.

Realmente, ao libertar-nos da mortalidade e da miséria, não foi para os anjos imortais e felizes que nos encaminhou, para nos alcançar uma felicidade e uma imortalidade deles recebida, foi sim para aquela Trindade cuja participação faz a felicidade dos próprios anjos. Por isso, quando quis, para ser mediador, colocar-se abaixo dos anjos, na forma de escravo, manteve-se acima deles na sua forma de Deus, fazendo-se caminho de vida entre os inferiores; Ele mesmo que é a vida entre os superiores.

CAPÍTULO XVI

Terão os platônicos caracterizado acertadamente os deuses celestes, quando afirmam que, para evitarem o contato terreno, eles não se misturam com os humanos, os quais, por sua vez, para conseguirem a sua amizade, precisam da ajuda dos demônios?

Não é verdade o dito que o mesmo platônico atribui a Platão: *Nenhum deus se mistura com os humanos*³⁰⁸.

A melhor prova da sublimidade dos deuses, acrescenta ele, é que não se maculam com qualquer contato com os seres humano.

Reconhece, portanto, que os demônios estão maculados e, por isso, não podem purificar aqueles que os poluem e todos se tornam igualmente impuros: os demônios pelo contato com os humanos e os humanos pelo culto aos demônios.

Ou então, se os demônios podem contatar e misturar-se com os humanos sem se mancharem, é porque são melhores que os deuses, que se manchariam se se misturassem aos humanos. Realmente, é privilégio dos deuses, diz-se, estarem de tal modo separados pela sublimidade que o contato humano não poderá maculá-los.

Quanto ao Deus supremo, de tudo criador, a quem chamamos o Deus verdadeiro, diz Apuleio que, segundo Platão, é o único que não

³⁰⁸ *Nullus Deus miscetur homini* (a). Id. Ib. (a) Contra a convicção de Santo Agostinho, consta do **Banquete** (203 a) o seguinte: *Deus não se mistura ao homem e todavia a natureza demoníaca toma possível aos deuses terem geralmente relações com os homens e com eles conversarem tanto durante a vigília como durante o sono.*

pode, por penúria da palavra humana, ser convenientemente compreendido pela linguagem; só no sábio — quando por sua força de alma, se despoja, tanto quanto possível, do corpo humano — se torna transparente a compreensão deste Deus e, mesmo assim, só algumas vezes, como um fulgurante relâmpago em trevas profundas.

Se, portanto, o Deus verdadeiramente superior a todas as coisas, nem por isso deixa de estar presente, embora só eventualmente e no brilho fulgurante dum rápido relâmpago, de uma maneira inteligível e inefável à inteligência dos sábios, quando eles, tanto quanto possível, se desprendem do corpo, sem já serem para Deus uma ocasião de contaminação, para que pôr os deuses pagãos tão longe nas alturas, com medo de que o contato humano os macule? Como se não fosse suficiente ver esses corpos etéreos cuja luz ilumina, tanto quanto basta, a Terra! Se, na verdade, os astros, de que Apuleio faz outros tantos deuses visíveis, não são poluídos por quem os vê, também os demônios o não serão pelos olhares humanos, mesmo que estes os vejam de perto.

Por acaso será que os deuses, que não podem ser manchados pela vista, poderão sê-lo pela voz humana e, por isso, se teriam valido da intervenção dos demônios para receberem deles as palavras humanas, de que se conservam afastados para se manterem totalmente puros?

Que direi, então, dos outros sentidos? Não é cheirando que quer os deuses quer os demônios, quando estão presentes, podem ser contaminados pelas exalações dos corpos vivos humanos, pois que não o são durante os sacrifícios pela pestilência dos cadáveres.

Quanto ao gosto, nenhuma necessidade os obriga a restabelecer a sua mortalidade, para que, movidos pela fome, peçam alimentos aos seres humanos.

O tato está à sua disposição, por que, embora pareça que o contato se relaciona principalmente com o tato, os deuses poderiam muito bem, se quisessem, misturar-se com os seres humanos de maneira a verem e a serem vistos, a ouvirem e a serem ouvidos. Que necessidade têm eles de tocar? As próprias pessoas não se atreveriam a desejar tal dom, desde que gozassem da vista ou do convívio dos deuses ou dos demônios bons. E, se a sua curiosidade chegasse ao ponto de o desejarem, como poderia uma pessoa tocar num deus ou num demônio contra a vontade deles, se nem num pardal poderá tocar sem o apanhar?

Os deuses poderiam, portanto, misturar-se corporalmente com os seres humanos, vendo-os e oferecendo-se à sua vista, falando-lhes e ouvindo-os. Mas, se os demônios, como disse, deste modo se misturam às pessoas sem por isso se mancharem, ao passo que os deuses se mancham por esse contato, então os demônios, no seu entender, não podem ser manchados, mas podem-no os deuses.

Mas, se os próprios demônios se maculam, que auxílio podem eles prestar às pessoas para lhes obterem a vida bem-aventurada depois da morte? Estando maculados, não podem purificá-los para os reunirem, uma vez purificados, aos deuses sem mácula, junto dos quais foram constituídos mediadores dos humanos. E, se não prestam este serviço, para que serve às pessoas a amistosa mediação dos demônios? Será porventura para que, depois da morte, os humanos não passem a deuses por intervenção dos demônios, mas vivam uns e outros contaminados e, portanto, nem uns nem outros felizes? A não ser que alguém o explique dizendo que os demônios, à laia de esponjas ou coisa parecida, limpam os seus amigos, ficando eles tanto mais sórdidos quanto mais as pessoas ficam asseadas por esta espécie de limpeza. Se assim é, os deuses misturam-se com os demônios mais contaminados, ao passo que, para não serem contaminados, evitam a vizinhança e o contato humanos.

Ou será que os deuses podem purificar os demônios contaminados pelos humanos, sem por eles serem contaminados e não podem, do mesmo modo, purificar os humanos? Quem senão um enganado pelos falacíssimos demônios poderá pensar desta maneira?

Se alguém fica manchado por ver e por ser visto, porque é que os deuses visíveis (como diz Apuleio) *essas brilhantes luzes do mun-*

*do*³⁰⁹ e com eles, todos os outros astros, estão expostos aos olhares humanos, ao passo que os demônios, que só serão vistos se quiserem, estão livres deste contágio humano?

E, se não é o fato de ser visto, mas o de ver que contamina, então, terão que negar que *essas brilhantes luzes do mundo* de que fizeram deuses, veem os humanos quando dardejam os seus raios sobre a Terra! Estes raios, que se difundem sobre tantos objetos imundos, não se contaminam e contaminam-se os deuses, se se misturarem com as pessoas, mesmo que o contato necessário seja para socorrerem as pessoas? O fato é que, tocada pelos raios do Sol e da Lua, a Terra não contamina a sua luz.

CAPÍTULO XVII

Para conseguir a vida bem-aventurada que consiste na participação no soberano bem, o ser humano precisa, não de um mediador tal como o demônio, mas apenas de um, tal como é Cristo.

Admiro-me deveras por ver pessoas tão doutas, que têm na menor conta o que é corpóreo e sensível em comparação com o que é incorpóreo e inteligível, fazerem referência a contatos corpóreos a propósito da vida bem-aventurada.

³⁰⁹ claríssima mundi lumina. Apuleio, *De Deo Socratis*, II, p. 8, ed. Thomas. Ver Virgílio, *Georg.* I, 5-6.

Onde é que para o dito de Plotino: *É necessário fugir para a pátria muito amada, onde está o Pai, onde estão todas as coisas. Mas em que consiste esta fuga? Em tornarmo-nos semelhantes a Deus*³¹⁰.

Se, portanto, quanto mais nos aproximarmos de Deus, tanto mais nos tornamos a Ele semelhantes, a única maneira de nos afastarmos d'Ele será a de nos tornarmos dessemelhantes. Mas a este ser incorpóreo, eterno e imutável, a alma humana é tanto mais dessemelhante quanto mais presa está às coisas temporais e mutáveis.

Para sanar esta situação, como nenhuma relação é possível entre a imortal pureza do alto e os seres mortais e impuros cá de baixo, evidentemente que é necessário um mediador. Mas tal mediador não tem que ter um corpo imortal próximo das realidades do alto e uma alma enferma semelhante às coisas cá de baixo (essa enfermidade torná-lo-ia mais cioso da nossa cura do que desejoso de nos curar), mas sim adaptado à nossa baixeza pela mortalidade do seu corpo, de tal forma que a imortal justiça do seu espírito, que o mantém nas alturas, não pela distância, mas pela sua perfeita semelhança com Deus, traga à obra da nossa purificação e da nossa libertação uma ajuda verdadeiramente divina.

³¹⁰ *Fugiendum est igitur ad carissimam patriam, et ibi pater, et ibi omnia. Quae igitur classis out fuga P Similem Deo fieri.* Plotino, *Enéadas*, I, VI, 8; II, 3.

Um Deus insusceptível de contaminação não pode recear o contágio do ser humano de que se revestiu, nem, sendo humano, o dos humanos com os quais conviveu. São importantes, na verdade, estes dois ensinamentos que, graças à sua encarnação, nos mostrou, para a nossa salvação: nem a carne pode contaminar a verdadeira divindade, nem temos que julgar os demônios melhores do que nós porque não têm carne. É Este, como no-lo apresenta a Santa Escritura, o mediador entre Deus e os seres humanos: o homem Cristo Jesus. Pela sua divindade, é sempre igual ao Pai; pela sua humanidade, tornou-se a nós semelhante.

Mas não é esta a ocasião para, conforme as nossas forças, falarmos disto.

CAPÍTULO XVIII

A arteirice dos demônios, quando eles nos prometem por sua intercessão, o caminho para Deus, só pretende afastar as pessoas da verdade.

Os demônios, esses falsos e enganadores medianeiros, que em muitas das suas obras se revelam claramente míseros e malignos pela torpeza do seu espírito, procuram __ mercê da distância a que se encontram e da agilidade dos seus corpos aéreos __ distrair-nos e afastar-nos do aperfeiçoamento da alma. Eles não nos abrem o caminho para Deus, mas antes, com medo de que nele entremos, obstruem-no.

Realmente, mesmo neste caminho corporal — aliás falsíssimo e cheio de erros, em que a justiça não caminha, porque devemos subir para Deus não por elevação corporal mas por semelhança espiritual, isto é, incorpórea — mesmo neste caminho corporal (que os amigos dos demônios ordenam, segundo a hierarquia dos elementos, estabelecendo os demônios do ar como medianeiros entre os deuses do éter e os humanos da Terra), pensam que os deuses têm por fim principal não se deixarem contaminar pelo contato dos humanos, pondo entre ambos a distância das suas moradas.

Desta maneira, julgam eles que é mais fácil serem os demônios contagiados pelos humanos do que serem os humanos purificados pelos demônios e que os próprios deuses poderiam ser contaminados, se não estivessem protegidos pela sublimidade das suas moradas.

Quem será tão desgraçado que se convença de que pode ser purificado por esta via em que as pessoas são contaminantes, os demônios contaminados e os deuses contamináveis e não prefere escolher um caminho em que se evitem, antes do mais, os demônios, que contaminam e em que Deus, que não pode ser contaminado, purifique as pessoas das máculas para fazê-las entrar na sociedade dos anjos, que nunca foram contaminados?

CAPÍTULO XIX

O nome de demônio já nem entre os seus adoradores é tomado em bom sentido.

Para que não pareça que também nós discutimos palavras, pois que certos demonícolas (chamemos-lhes assim, como lhes chamam outros, entre os quais Labeão) pretendem que os seres a que eles chamam demônios sejam idênticos aos seres a que outros chamam anjos, vejo-me na obrigação de discorrer um pouco acerca dos bons anjos, cuja existência eles negam, mas a quem preferem chamar bons demônios em vez de anjos.

Nós, porém, segundo a linguagem da Escritura, regra da nossa religião cristã, lemos que há anjos, uns bons e outros maus, mas nunca que há bons demônios. Onde quer que nas Escrituras se encontre esta palavra de *daemones* ou *daemonia* (demônios), trata-se sempre de espíritos maléficos. Este significado generalizou-se de tal forma que mesmo entre aqueles que se chamam pagãos e que pretendem convencer-nos de que é necessário o culto a uma multidão de deuses e de demônios, não há com certeza um sequer, por muito letrado ou culto que seja, que se atreva a dizer em tom de elogio, mesmo a um escravo: Tens demônio! Ninguém duvida de que, a quem assim falar, só se lhe pode atribuir uma intenção injuriosa.

Que motivo nos pode, portanto, compelir, depois de termos offendido com esta palavra todos ou quase todos os ouvidos, habitua-

dos como estão a tomá-la em mau sentido, a explicar o que dissemos se, empregando a palavra anjo, evitamos o inconveniente a que pode dar lugar a palavra demônio?

CAPÍTULO XX

Qualidade da ciência que torna os demônios orgulhosos.

A própria origem desta palavra, se consultarmos os livros divinos, nos fornece um notável ensinamento. *Daemones* — os demônios — (porque a palavra é grega), da sua ciência é que tomam o nome³¹¹.

Mas o Apóstolo, inspirado pelo Espírito Santo, diz-nos: *A ciência incha, mas a caridade edifica*³¹², palavras cujo único sentido verdadeiro é o de que a ciência não é útil se a caridade a não anima; sem a caridade, ela incha, isto é, leva à vã soberba como que cheia de vento.

Nos demônios há, portanto, ciência sem caridade; por isso é que eles são tão inchados, isto é, tão soberbos que chegaram a reclamar honras divinas e culto religioso que sabem ser só devido ao verdadeiro Deus; e tanto quanto podem, reclamam esse culto junto de quem podem. A este orgulho dos demônios a que precisamente se submetera o gênero humano, opôs-se a humildade de Deus manifes-

³¹¹ Muito antes de S.^o Agostinho, já Platão (in *Crátilo*, 398 b) dizia: Foi por serem sensatos e sábios (*δαήμονες*) que Hesíodo lhes chamou demônios (*δαίμονες*). Eusébio, porém, entronca a palavra demônio não em *δαήμων*, como pensa Platão, mas em *δειμαίνειν* (amedrontar).

³¹² *Scientia inflat, caritas vero aedificat.* I Cor., VIII, 1.

tada em Cristo. Mas qual seja o poder desta humildade, é o que ignoram as pessoas cuja alma está inchada com a impureza da altivez e que são semelhantes aos demônios, não na ciência, mas na soberba.

CAPÍTULO XXI

Até que ponto se quis o Senhor tornar conhecido dos demônios.

Aliás, os próprios demônios o sabem; foram eles que disseram ao Senhor revestido da enfermidade da carne: *Que há entre Ti e nós, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder?*³¹³ Estas palavras mostram claramente como era grande a sua ciência, mas nula a sua caridade. De Cristo temiam o castigo. Não amavam n'Ele a justiça. Conheceram-no na medida em que Ele o quis. Ele qui-lo na medida em que foi preciso.

Mas eles não o conheceram, como os santos anjos que gozam da participação na sua eternidade, como Verbo de Deus que é. Conheceram-no como Ele tinha que se dar a conhecer para atemorizá-los e para libertar do seu poder, de certo modo tirânico, os predestinados ao seu reino e à glória sempre verdadeira e verdadeiramente sempiterna.

Deu-se pois a conhecer aos demônios, não por aquilo que é a vida eterna e a luz inalterável que ilumina os santos e cuja vista puri-

³¹³ *Quid nobis et tibi, Jesu Nazarene? Venisti perdere nos?* Marcos, I, 24.

fica os corações por meio da fé na sua pessoa, mas por certos efeitos temporais do seu poder, por certos sinais da sua presença tão escondida e que podiam ser mais perceptíveis aos sentidos angélicos, mesmo dos espíritos malignos, do que à fraqueza humana.

Quando julgou conveniente atenuar estes sinais e esconder-se mais profundamente, o príncipe dos demônios, chegando a duvidar d'Ele, tentou-O para saber se Ele era o Cristo, na medida em que o próprio Cristo quis ser tentado para proporcionar à humanidade de que era portador, um exemplo a imitar por nós.

Mas, depois daquela tentação, quando, como está escrito, o serviam os anjos (os bons e santos anjos, claro está, terríveis e temíveis para os anjos impuros), a sua grandeza cada vez mais se manifestava aos demônios, de tal forma que, por muito desprezível que parecesse n'Ele a fraqueza da carne, ninguém ousava resistir às suas ordens.

CAPÍTULO XXII

Em que difere a ciência dos demônios da dos santos anjos.

Para os anjos bons, toda a ciência das coisas corporais e temporais é, portanto, vil, não por que delas sejam ignaros, mas porque a caridade de Deus, que as santifica, é que lhes é cara.

Efetivamente, a sua beleza, não apenas incorpórea, mas imutável e inefável, inflamando-os de um santo amor, faz-lhes desprezar

tudo o que está abaixo dela, tudo o que não é ela e, sem a si próprios se excetuarem, desfrutam, enquanto são bons, do bem que os torna bons! E conhecem com mais certeza as coisas temporais, por que percebem as causas principais no Verbo de Deus, por quem o mundo foi feito. Nessas causas, algumas coisas são aprovadas, reprovadas outras e ordenadas todas.

Os demônios, esses é que não contemplam na sabedoria de Deus as causas eternas e, de certo modo, principais dos sucessos temporais; mas, por experiência de certos sinais, para nós ocultos, preveem muito mais coisas futuras do que os humanos e, às vezes também, dão a saber antecipadamente as suas intenções.

Enfim, os seres humano se enganam muitas vezes, mas os anjos bons, nunca. Uma coisa é de fato conjecturar o temporal pelo temporal, o mutável pelo mutável e introduzir formas mutáveis e temporais de vontade e de poder nessas previsões, o que, em certa medida, é permitido aos demônios; outra coisa é prever, nas leis eternas e imutáveis de Deus, que «vivem» na sua sabedoria, a sequência mutável dos acontecimentos e conhecer, pela participação no espírito de Deus, a sua vontade tão absolutamente certa como universalmente poderosa; privilégio justamente concedido aos santos anjos. É por isso que eles são, não somente eternos, mas também bem-aventurados. E o bem que os torna felizes é Deus, seu criador, já que gozam indefectivelmente da sua participação e contemplação.

CAPÍTULO XXIII

O nome de deuses é falsamente atribuído aos deuses dos gentios, mas, segundo a autoridade das Sagradas Escrituras, convém tanto aos santos anjos como às pessoas justas.

Se os platônicos preferem chamar-lhes deuses, em vez de demônios e contá-los entre aqueles deuses que — segundo Platão, seu chefe e mestre — foram formados pelo Deus supremo, pois, como queiram, não vamos discutir com eles por causa de palavras.

De fato, se dizem que são imortais, mas produzidos pelo Deus supremo e bem-aventurados, não por eles próprios, mas por se unirem àquele que os fez, dizem o mesmo que nós, chamem-nos como chamarem. Que é esta a opinião dos platônicos, se não de todos pelo menos dos melhores, pode ver-se nos seus escritos.

E, mesmo a propósito do nome e deste jeito de se chamar deuses às criaturas imortais e bem-aventuradas, quase não há entre eles e nós qualquer divergência, pois se lê também nas Sagradas Escrituras: *Deus, senhor dos deuses, falou³¹⁴* e, noutra passagem: *Dai graças ao Deus dos deuses³¹⁵* e ainda noutra passagem: *O grande Rei está acima de todos os deuses³¹⁶*.

³¹⁴ *Deus deorum dominus locutus est.* Salmo CXXXV, 2.

³¹⁵ *Confitemini deo deorum.* Salmo XCIV, 3.

³¹⁶ *Rex magnus super omnes deos.* Salmo XCIV, 3.

Mas aquele dito: *Ele é terrível acima de todos os deuses*³¹⁷, tem uma sequência que mostra o significado das palavras; lê-se, efetivamente: *Porque todos os deuses das nações são demônios, mas o Senhor fez os céus*³¹⁸.

Portanto, a frase: *Ele é terrível acima de todos os deuses*, designa os deuses das Nações, isto é, aqueles que as nações (*gentes*) têm por deuses e que são demônios. Precisamente porque Ele é terrível (*terribilis*) é que eles, sob o domínio do temor ao Senhor, diziam: *Vieste para nos destruir?*³¹⁹

Mas a expressão *o Deus dos deuses* (*Deus deorum*) não significa «o Deus dos demônios» e a frase *ele é o grande rei acima de todos os deuses* (*Rex magnus super omnes deos*) não se traduz por *ele é o grande Rei acima de todos os demônios!* Nas Escrituras, até as pessoas do povo de Deus se chamam deuses: *Eu disse-vos: sois deuses, todos filhos do Altíssimo*³²⁰. Assim se pode entender como Deus destes deuses o que foi chamado o grande Rei acima de todos os deuses.

Todavia, quando nos perguntam: se os humanos são chamados de deuses por pertencerem ao povo de Deus, a esse povo ao qual Deus fala por intermédio dos anjos ou de pessoas, não serão bem mais dignos deste nome os imortais que gozam da beatitude a que as

³¹⁷ *Terribilis est super omnes deos.* Salmo XCV, 4.

³¹⁸ *Quoniam omnes dii gentium daemonia, Dominus autem caelos fecit.* Salmo XCV, 4-5.

³¹⁹ *Venisti perdere nos?* Marcos, I, 24.

³²⁰ *Ego dixi, dii estis et filii Excelsi omnes.* Salmo LXXXI, 6.

pessoas aspiram chegar adorando Deus? A isto só teremos que responder: «Não é em vão que a Escritura Sagrada chama as pessoas de deuses mais expressamente do que a esses seres imortais e bem-aventurados, aos quais temos a promessa de nos tornarmos iguais ao ressuscitarmos; isto foi para que a nossa debilidade falha de fé não se atrevesse a divinizar algum deles devido à sua proeminência.

No caso de uma pessoa, isto é mais fácil de evitar. Mas convinha chamar mais claramente de deuses as pessoas do povo de Deus, para incutir nelas a firme confiança de que o seu Deus é bem aquele do qual foi dito *o Deus dos deuses*, porque, embora se chame imortais e bem-aventurados a seres que estão no Céu, não se lhes chama, todavia, deuses dos deuses, isto é, deuses das pessoas estabelecidas como povo de Deus, aos quais se disse: *Eu disse-vos: sois deuses, todos filhos do Altíssimo.*

Foi com este propósito que o Apóstolo disse: *Embora haja os que se chamam deuses, quer no céu quer na terra — e de fato há muitos deuses e muitos senhores — para nós, todavia, só há um Deus Pai, do qual provêm todas as coisas e no qual nós somos e um só Senhor Jesus Cristo, por quem todas as coisas são e por quem nós somos*³²¹.

³²¹ *Etsi sunt qui dicuntur dii, sive in caelo, sive in terra, sicut sunt dii multi et donum multi: nobis tamen ums Deus Pater, ex quo omnis et nos in ipso, et unus dominus Jesus Christus, per quem omnia et nos per ipsum.* I Cor, VIII, 5-6.

Não temos, portanto, de prosseguir na discussão acerca do nome, pois a questão está tão clara que exclui todo o escrúpulo da dúvida. É certo que não lhes agrada a nossa afirmação de que, do número dos seus imortais bem-aventurados, Deus enviou os anjos para anunciar a vontade divina às pessoas.

Na opinião deles, este ministério é desempenhado, não por aqueles aos quais chamam deuses, isto é, por seres imortais e bem-aventurados, mas por demônios, sem dúvida imortais, mas aos quais não ousam chamar bem-aventurados ou, no máximo, imortais e felizes só no sentido de que são demônios bons e não deuses colocados nas alturas, ao abrigo de todo contato humano. Mesmo que isto pareça apenas uma questão de nome, é tão detestável o nome de demônio, que temos o dever de, por todos os meio, rejeitá-lo quando se trata dos santos anjos.

Agora, ao terminarmos este livro, fique bem assente o seguinte: seres imortais e bem-aventurados, qualquer que seja o seu nome, mas, que foram feitos e criados, não são os intermediários úteis para conduzirem, à imortal beatitude, os infelizes mortais dos quais estão duplamente separados. É que aos intermediários, pela sua imortalidade em comunhão com os superiores e pela sua miséria em comunhão com os inferiores, sendo desgraçados (*miseri*) precisamente devido à sua malícia, é-lhes mais possível invejarem-nos esta felicidade (*beatitudinem*) que não possuem do que conseguirem-na para

nós. Também os amigos dos demônios nenhuma razão têm para nos fazerem honrar como deuses aqueles que devemos evitar como enganadores.

Mas os bons, portanto, não apenas imortais, mas também bem-aventurados, que os pagãos julgam dignos de, com o nome de deuses, serem honrados com ritos e sacrifícios para se obter, após a morte, a vida bem-aventurada, esses, qualquer que seja a sua natureza ou o seu nome, não aceitam tal homenagem religiosa, senão em honra do Deus único que os criou e os torna felizes (*beati*) pela participação no seu ser.

É esta a questão que, com a sua ajuda, iremos examinar mais atentamente no livro seguinte.

Livro X – O culto da latria.

Santo Agostinho estabelece que os bons anjos querem que se ofereça somente a Deus __ objeto de suas próprias adorações __ as honras divinas e os sacrifícios que constituem o culto da latria. Ele discute em seguida com Porfírio o princípio e o caminho da purificação e da libertação da alma.

CAPÍTULO I

Como também os platônicos reconhecem, só Deus é que concede a verdadeira felicidade tanto aos anjos como aos humanos. Há, porém, necessidade de se averiguar se os anjos, que eles acham que se devem venerar, pretendem sacrifícios só para Deus ou também para si próprios.

É opinião segura de quem quer que seja que use um pouco da razão que todas as pessoas procuram ser felizes. Mas quem é feliz? E como é que se torna feliz? Desde que a fraqueza humana põe estas questões, têm elas provocado numerosas e vivas controvérsias nas quais os filósofos gastaram os seus conhecimentos e os seus ócios. Seria longo e desnecessário expô-las e discuti-las. Mas se o leitor se recordar do que dissemos no livro oitavo acerca da escolha dos filósofos com os quais estes assuntos se devem tratar (acerca da beatitude de que há de vir depois da morte) — se lá poderemos chegar prestando culto religioso ao único Deus verdadeiro, autor dos próprios deuses ou então a uma multidão de deuses — não espere esse leitor que sejam aqui repetidas as mesmas coisas; principalmente por que, se

acaso as esqueceu, uma segunda leitura poderá auxiliar a sua memória.

Escolhemos os platônicos, sem dúvida os mais ilustres filósofos, porque eles souberam reconhecer que a alma humana, embora imortal e racional ou intelectual, não pode ser bem-aventurada sem a participação da luz desse Deus por quem ela própria e o mundo foram feitos. afirmam eles que tudo o que as pessoas desejam, isto é, a vida bem-aventurada, ninguém pode atingi-la se não se unir, pela pureza de um casto amor, a esse ser único e excelente que é o Deus imutável.

Mas também eles, cedendo aos vãos erros dos povos, ou, como diz o Apóstolo, *perdendo-se no vazio dos seus pensamentos*³²², acreditaram, ou quiseram fazer acreditar, que era preciso prestar culto a uma multidão de deuses, chegando até alguns deles a pretender que era preciso oferecer mesmo aos demônios as honras divinas das cerimônias e dos sacrifícios. Já lhes respondemos largamente.

Por isso, por agora, trata-se de considerar e discutir, na medida em que Deus o permita, estes seres imortais e bem-aventurados estabelecidos nos Tronos Celestes, Dominações, Principados, Potestades, a que eles chamam deuses e a que alguns chamam bons demônios ou, como nós, anjos. Trata-se de saber que espécie de religião e de pie-

³²² evanescentes in cogitationibus suis. Rom., I, 21.

dade julgamos que eles reclamam de nós; ou, falando mais claramente, se é para eles próprios ou apenas para o seu e nosso Deus que eles querem de nós a homenagem das cerimônias e dos sacrifícios ou a consagração, por ritos sagrados, de nós próprios ou de alguns dos nossos bens.

É este, de fato, o culto que devemos à divindade ou, mais precisamente, à deidade. Não encontrando termo latino conveniente para designar este culto com uma só palavra, quando for necessário usarei do grego para exprimir o que quero dizer. Na tradução latina da Escritura, *λατρεία* (*latreia*) é sempre tomada por *serviço*. Mas o serviço devido aos homens, conforme o preceito do Apóstolo dado aos servos de que devem ser obedientes aos seus senhores, em grego leva geralmente outro termo³²³. Latria, na linguagem usual dos escritores sagrados, designa sempre, ou tantas vezes que se pode dizer quase sempre, o serviço que respeita ao culto de Deus³²⁴. Daí, quando se fala de culto não parece que se deve só a Deus, pois que se diz que devemos culto também às pessoas a quem prestamos honras, quer à sua presença quer à sua memória. E empregamos esta palavra não apenas em relação aos seres a que nos submetemos com religiosa piedade, mas também em relação ao que está a nós sujeito.

³²³ Este termo é *δούλεια* (*douleia*).

³²⁴ Como o próprio S. Agostinho refere em *Quaestiones in Heptateucum*, II, 94: *unde intellegitur quia δούλεια debetur Deo tanquam Domino λατρεία, vero non nisi Deo tanquam Deo* (Daí que se entenda que *δούλεια* se deve a Deus como Senhor; *λατρεία*, porém, apenas a Deus, como Deus).

Por que da palavra *colere* derivam *agricolae*, *coloni*, *incolae*, (agricultores, colonos, íncolas), se chamam *coelicolae* (*celícolas*) os próprios deuses, por que habitam o Céu, não por que o cultivam mas por que, lá residindo, são a bem dizer os seus celestes *colonos*. São-no, não à maneira dos colonos que devem a sua condição ao solo onde nasceram, obrigados a cultivá-lo sob a autoridade dos proprietários³²⁵, mas, como diz um dos mestres da língua latina: *Houve uma cidade antiga habitada por colonos Tírios*³²⁶. Chamou-lhes colonos (do verbo *colere*) por que aí residiam e não por que exercessem lá a agricultura. É o mesmo sentido que se dá à palavra colônias para se designar as cidades fundadas como que por enxames de população emigrados de cidades maiores.

Assim, é exato que, no sentido próprio da palavra, o culto só é devido a Deus, mas, como o termo se aplica a outras coisas, não se pode designar em latim por uma só palavra o «culto devido a Deus».

A própria palavra religião (*religio*) parecia designar de maneira mais precisa, não um culto qualquer, mas o culto a Deus e é por isso que os nossos a traduzem pela palavra grega *θρησκεία* (*treskeia*). Todavia, como em latim corrente — não o das pessoas ignorantes, mas o das mais cultas — se diz que é preciso ter a religião da família,

³²⁵ O verbo *colere* primitivamente significava habitar, proteger. Passou depois a significar as honras que os humanos prestam aos deuses, equivalendo, pois, a prestar culto, honras. V. *Leçons de mots — Dict. Etym. Lat.* Paris, p. 46 (Bréal et Bailly). Emout — Meillet, p. 237 D.C.

³²⁶ *Urbs antiqua fuit, Tyri tenuere coloni.* Virgílio, *Eneida*, I, 12.

da amizade, de todas as relações sociais, esta palavra não evita o equívoco quando se põe o problema do culto à deidade. Assim, não podemos dizer com segurança que a religião é apenas o culto a Deus, por que pareceria desviar o termo do seu sentido usual pelo qual se designa o respeito devido ao que aproxima as pessoas.

Também o termo *pietas* (piedade), em grego *εὐσέβεια* (*eusebeia*), no sentido próprio costuma significar «culto a Deus». Todavia, designa também o cumprimento dos deveres para com os parentes. Na linguagem popular emprega-se frequentemente para designar as obras de misericórdia porque, parece-me, é principalmente Deus quem ordena que se cumpram estas obras e testemunha que elas lhe agradam tanto ou mais que os sacrifícios. Esta maneira de falar teve por efeito que ao próprio Deus se chamassem piedoso. Mas os gregos na sua língua nunca lhe chamam *ευσεβής* (*eusebein*), embora o mesmo povo tome *εὐσέβεια* (*eusebeia*) no sentido de misericórdia. Também em certas passagens das Escrituras, para marcar mais nitidamente a distinção, se preferiu a *εὐσέβεια* (*eusebeia*), «culto bom», esta outra composta *θεοσέβεια* (*teosebeia*), «culto a Deus». Mas em latim não se pode exprimir nem um nem outro com uma só palavra.

Assim, pois, o termo grego *latreia* traduz-se para o latim por *servitus* (serviço), mas com o sentido de uma homenagem prestada a Deus; o grego *treskeia* por *religio* (religião), mas com o sentido de

um laço que nos une a Deus; e a palavra grega *teosebeia* por duas palavras latinas *Dei cultus* (culto a Deu), o que designa para nós o culto exclusivamente reservado a Deus, ao verdadeiro Deus que torna «deuses» aqueles que o honram.

Quaisquer que sejam, pois, estes seres imortais e bem-aventurados que habitam as moradas celestiais, se eles não nos amam nem querem a nossa felicidade, não temos de venerá-los, mas se eles nos amam e nos querem felizes, desejam evidentemente que sejamos como eles próprios são. Acaso será diferente da nossa a fonte da sua felicidade?

CAPÍTULO II

O que pensa o platônico Plotino da iluminação do Alto.

Nesta questão, nenhuma divergência existe entre nós e esses eminentes filósofos. Eles viram e de várias maneiras e desenvolvimentamente o disseram nos seus escritos, que a felicidade destes seres, tal qual como a nossa, procede de um objeto inteligível pela luz, que para eles é Deus, mas que é algo diferente deles, que os esclarece de tal forma que ficam iluminados e, participando dessa luz, permanecem perfeitos e felizes.

Muitas vezes e insistente mente afirma Plotino, desenvolvendo o pensamento de Platão, que a alma, que se crê seja a alma do mundo, não recebe a sua felicidade de fonte diversa da nossa e esta fonte

é uma luz distinta da alma, a qual criou a alma e cuja iluminação inteligível a fez inteligivelmente resplandecer. Fez também uma comparação entre estes seres incorpóreos e os corpos celestes esplêndidos e graciosos: Deus seria o Sol e a alma a Lua.

Julga-se, de fato, que a Lua é iluminada por ação do Sol. Assim, pois, para este grande platônico, a alma racional — digamos antes intelectual e este gênero, no seu pensamento, encerra também as almas dos seres imortais e bem-aventurados, cujas residências ele coloca, sem hesitar, nas moradas celestes — não tem acima de si qualquer outra natureza além da de Deus, que fez o mundo e por quem ela própria foi feita. E que esses seres celestes não têm outra fonte de vida feliz e de luz para entenderem a verdade, que não seja a que nós também temos, ele diz, no que está de acordo com o Evangelho onde se lê:

*Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João. Veio como testemunha para dar testemunho da luz, para que todos por seu intermédio cressem n'Ele. Ele não era a luz, mas devia dar testemunho da luz. Há uma verdadeira luz que ilumina todo pessoa que vem a este mundo*³²⁷.

³²⁷ *Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Johannes; hie venit in testimonium, ut testimonium perhiberet de lumine, ut omnes crederent per eum. Non erat ille lumen, sed ut testimonium perhiberet de lumine. Brat lumen verum quod inluminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* João, I, 6-10.

Esta distinção basta para mostrar que a alma racional ou intelectual, tal como a refere João, não podia ser por ela mesma a luz, mas que a participação em uma outra luz, a verdadeira, a tornava luminosa. O próprio João o confessa quando o testemunha dizendo que *Todos nós recebemos da sua plenitude*³²⁸.

CAPÍTULO III

Do verdadeiro culto a Deus de que se afastaram os platônicos porque, embora tenham conhecido o criador do universo, prestaram honras divinas aos anjos, quer aos bons quer aos maus.

Se assim é, se os platônicos ou quaisquer outros que seguem essas opiniões, conhecendo a Deus, como Deus o glorificassem e lhe rendessem graças, não se teriam «perdido no vazio dos seus pensamentos», tornando-se uns, às vezes, causadores dos erros populares ou, outras vezes, não se atrevendo a resistir a tais erros. Teriam, sem dúvida, reconhecido que a esses seres imortais e bem-aventurados, assim como a nós infelizes e mortais, para obterem a imortalidade e a felicidade se impõe o culto ao único Deus dos deuses que é o nosso e o deles.

A este devemos o serviço chamado em grego *latreia*, quer nos ritos sagrados quer em nós próprios. Porque todos, em conjunto e cada um, somos o seu templo; ele digna-se habitar, quer na concórdia

³²⁸ *nos omnes de plenitude ejus accepimus.* João, I, 16.

de todos nós, quer em cada um em particular; não está mais em todos do que em cada um; nem se alarga pela massa nem se diminui pela participação. Quando se eleva para Ele, o nosso coração torna-se altar seu; o seu Unigênito é o Sacerdote com que o aplacamos; oferecemos-lhe vítimas cruentas quando, pela sua verdade, lutamos até ao sangue; oferecemos-lhe suavíssimo incenso quando na sua presença estamos abrasados em religioso e santo amor; dedicamos-lhe e devolvemos-lhe os dons que nos concede e a nós próprios; publicamos e consagramos a memória dos seus benefícios em festas solenes em dias certos, com receio de que, no decorrer do tempo, se infiltre em nós um ingrato esquecimento; sacrificamos-lhe no altar do nosso coração uma hóstia de humildade e de louvor ao fogo duma fervente caridade. Para o vermos como pode ser visto e para nos unirmos a Ele, purificamo-nos de toda a mancha do pecado e dos maus desejos e consagramo-nos ao seu nome.

Realmente Ele é a fonte da nossa felicidade e a meta de todas as nossas aspirações. Elegendo-o, ou melhor reelegendo-o, — pois tínhamo-lo perdido por negligência — reelegendo a Ele (*religentes*, donde vem, diz-se, a palavra «religião»), nós caminhamos para Ele por amor, para descansarmos quando a Ele chegarmos e assim seremos felizes, por que em tal meta alcançamos a perfeição. Por que o nosso bem, acerca de cuja meta surge entre os filósofos um grave problema, mais não é do que estarmos unidos a Deus, o único cujo

abraço incorpóreo, se é que é permitido falar nestes termos, fecunda a alma intelectual e a enche de verdadeiras virtudes. É-nos ordenado que amemos este bem com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todas as nossas forças. É para Ele que nos devem conduzir aqueles que nos amam; é para Ele que devemos conduzir aqueles que amamos.

Cumprem-se assim os dois preceitos de que dependem toda a lei e os profetas: *Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu espírito*³²⁹ e *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*³³⁰.

Para que o ser humano saiba de fato amar-se a si próprio, foi-lhe fixado um fim, ao qual, para ser feliz, deve referir todos os seus atos, por que quem se ama, não quer mais do que ser feliz e este fim consiste em unir-se a Deus.

Quando, portanto, àquele que já sabe amar-se a si próprio se prescreve que ame o seu próximo como a si mesmo, que é que se lhe ordena senão que exorte o seu próximo a amar a Deus com todas as suas forças? Este é que é o culto a Deus, esta é que é a verdadeira religião, esta é que é a reta piedade, este é que é o serviço só a Deus devido!

³²⁹ *Diliges Dominum Deum tuum in toto corde tuo et in tota anima tua et in tota mente tua.* Mat., XXII, 37 e segs..

³³⁰ *Diliges proximum tuum tanquam te ipsum.* Id. Ib.

Portanto, toda imortal potestade, por maior que seja a sua virtude, se ela nos ama como a si mesma, deseja ver-nos submetidos, para sermos felizes, àquele em quem ela própria encontra a sua felicidade pela submissão. E, portanto, se não presta culto a Deus, é infeliz, porque está privada de Deus. Se lhe presta culto, não quer ser adorada em vez de Deus. Bem ao contrário, aplaude e adere com todas as forças do seu amor a esta máxima divina: *Aquele que sacrifica aos deuses e não ao Senhor apenas, será extermínado*³³¹.

CAPÍTULO IV

O sacrifício só é devido ao verdadeiro Deus.

Não falo, por agora, das outras homenagens religiosas que prestamos a Deus. Pelo menos o sacrifício, ninguém se atreve a dizer que ele é devido a outrem que não a Deus.

Muitos ritos acabaram por ser retirados do culto de Deus para serem desviados para as honras humanas, devido quer a uma excessiva humildade, quer à pestilenta adulação. Todavia, eram mantidos para pessoas que assim se homenageavam por serem consideradas dignas de culto, de veneração e, acabando-se por forçar as coisas, de adoração. Mas quem vez alguma pensou que devia oferecer sacrifícios a outro que não àquele que se sabe, se julga ou se finge ser

³³¹ *Sacrificam diis eradiabitur, nisi Domino soli. Ex., XXII, 20».*

Deus? Quão antigo é o culto prestado a Deus por sacrifícios, mostram-no cabalmente os dois irmãos Caim e Abel: Deus reprovou o sacrifício do mais velho e olhou complacente para o do mais novo.

CAPÍTULO V

Sacrifícios que Deus não pretende, mas que aceita apenas como símbolo dos que pretende.

Quem será tão falho de senso que julgue que Deus tem necessidade das coisas que nos sacrificios se lhe oferecem? A Sagrada Escritura apresenta-nos vários testemunhos. Para não nos alongarmos bastará recordar esta breve passagem de um salmo: *Eu disse ao Senhor: Tu és o meu Deus, porque não tens necessidade dos meus bens*³³².

Tem-se, portanto, de acreditar que Deus não tem necessidade nem de gados, nem seja de que bem corruptível e terrestre for, nem mesmo da justiça humana; todo culto legítimo que se lhe presta, aproveita ao ser humano, não a Deus. Ninguém pretenderá prestar um serviço à fonte, quando bebe ou à luz, quando vê!

Nos sacrifícios em que os patriarcas imolavam animais e que hoje o povo de Deus relê nas Escrituras sem os praticar, convém que se veja apenas a figura das obras que se cumpriam entre nós tendo por fim unirmo-nos a Deus e levarmos para Ele o nosso próximo.

³³² *Dixi Domino, Deus meus es tu, quoquam bonorum non eges.*

O sacrifício visível é, pois, o sacramento, isto é, o sinal sagrado do sacrifício invisível. Por isso o penitente referido no profeta ou o próprio profeta, procurando para os seus pecados a benevolência de Deus, diz-lhe: *Se quisesses um sacrifício eu oferecer-to-ia; mas não te comprazes nos holocaustos. O sacrifício para Deus é um espírito contrito; um coração contrito e humilde, Deus não desprezará*³³³.

Vejamos como Deus, onde diz que não quer sacrifícios, aí mesmo mostra que os quer; recusa o sacrifício dos animais abatidos, mas quer o sacrifício de um coração contrito. Assim, segundo o profeta, o que Deus recusa é a figura do que quer. Deus, diz ele, não os quer da maneira que os estultos julgam que Ele quer: pelo prazer que neles acharia. Realmente, se não quisesse que os sacrifícios que pede (e que se reduzem a um só: o coração humilde e contrito pela dor do arrependimento) fossem figurados pelos sacrifícios pretensamente desejados para o seu prazer, com certeza que não teria prescrito a sua celebração na antiga Lei. Eles deveriam, pois, ser substituídos em tempo oportuno e determinado, para que não se pensasse que eram desejados pelo próprio Deus ou aceitáveis por nós próprios, em vez de ser desejado o que neles se significa. Daí as palavras de um outro Salmo: *Se tenho fome, não te direi, porque é meu o orbe da terra e*

³³³ *Si voluisses sacrificium dedissem utique; holocaustis non delectaberis. Sacrificium Deo spiritus contritus; cor contritum et humiliatum Deus non spemet.* Salmo L, 18-19.

*tudo o que o enche. Porventura comerei a carne dos touros ou beberei o sangue dos bodes?*³³⁴

Como se dissesse: mesmo que estes bens me fossem necessários eu não lhes pediria, porque os tenho em meu poder. Depois acrescenta para explicar estas palavras: *Oferece a Deus um sacrifício de louvor e cumpre os teus votos ao Altíssimo. Invoca-me no dia da tribulação e eu te libertarei e tu me glorificarás*³³⁵.

Da mesma forma, em outro profeta diz:

Com que é que me apresentarei ao Senhor e me inclinarei perante o Altíssimo Deus meu? Apresentar-me-ei diante dele com holocaustos, com reses de um ano? Agradará ao Senhor o sacrifício de milhares de carneiros, de dezenas de milhares de gordos bodes?

*Em compensação da minha impiedade dar-lhe-ei os meus primogênitos, o fruto das minhas entradas em compensação do pecado da minha alma? Homem! Não te foi já explicado o que é bom? Que te poderá o Senhor exigir senão que pratiques a justiça, que ames a misericórdia e que estejas preparado para caminhar com o Senhor teu Deus?*³³⁶

³³⁴ *Si esuriero, non dicam tibi; meus est enim orbis terrae et plenitudo ejus. Numquid manducabo cames taurorum aut sanguinem hircorum potabo?* Salmo XLIX. 12-13.

³³⁵ *Inmola Deo sacrificium laudis er redde Altíssimo vota tua et invoca me in die tribulationis, et eximam te et glorificabis me.* Salmo XLIX, 14-15.

³³⁶ *In quo adprehendam Dominum, assumam Deum meum excelsum? Si adprehendam illum in holocaustis, in vitulis anniculis? Si acceptavent Dominus in milibus arietum aut in denis milibus hircorum pinguium? Si dedero primogênita mea impietatis fructum ventris mei pro peccato animae meae? Si adnuntiatum est tibi, homo, bonum? Aut quid Dominus exquirat a te nisi facere judicium et diligere misericordiam et paratum esse ire cum Domino Deo tuo?* Miq., VI, 6 e segs

Estas palavras do profeta distinguem e mostram claramente duas coisas: que Deus não reclama os sacrifícios por eles mesmos e que eles são a figura dos que ele reclama. Diz-se na Epístola escrita para os hebreus: *Não vos esqueçais de fazer o bem e de ser generosos, porque é por tais sacrifícios que se agrada a Deus*³³⁷.

Por isso é que o texto *prefiro a misericórdia ao sacrifício*³³⁸, significa apenas que é preciso preferir um certo sacrifício a um outro sacrifício. Porque aquilo a que todos chamam sacrifício é o sinal do verdadeiro sacrifício. A misericórdia é que é o verdadeiro sacrifício; daí as palavras que acabo de citar: *porque é por tais sacrifícios que se agrada a Deus*.

Todas estas prescrições divinas da escritura, respeitantes aos sacrifícios do tabernáculo ou do templo, são, portanto, figuras que se referem ao amor a Deus e ao próximo. Realmente, como está escrito, é «nestes dois mandamentos que se resumem toda a lei e os profetas».

³³⁷ *Bene jacere et comunicatores esse nolite oblivisci; talibus enim sacrificiis placetur Deo.* Heb., XIII, 16.

³³⁸ *talibus enim sacrificiis placetur Deo.* Id. Ib.

CAPÍTULO VI

O verdadeiro e perfeito sacrifício.

O verdadeiro sacrifício é, pois, toda a obra que contribui para nos unir a Deus numa santa sociedade, isto é, toda a obra destinada a esse bem supremo graças ao qual podemos ser verdadeiramente felizes.

É por isso que a própria misericórdia, que nos leva a socorrer o nosso semelhante, se não é praticada por amor a Deus, não é um sacrifício, por que, embora cumprido ou oferecido pela pessoa, o sacrifício nem por isso deixa de ser uma coisa divina. É por isso que os antigos latinos lhe davam esse nome, que significa *ação sagrada*.

Consequentemente, a pessoa consagrada em nome de Deus e a Deus oferecida, é ela mesma um sacrifício, na medida em que morre para o mundo, a fim de viver para Deus. De fato, isto também diz respeito à misericórdia que cada um pratica para consigo mesmo. Por isso está escrito: *Tem piedade da tua alma, tornando-te agradável a Deus!*³³⁹

Também o nosso corpo, quando o mortificamos pela temperança, é um sacrifício se, como deve ser, o fazemos por Deus, sem fazermos dos nossos membros armas de iniquidade para o pecado, mas sim armas de justiça para Deus. A isso nos exortando, diz o Apóstolo

³³⁹ *Miserere animae tuae placens Deo. Ecles., XXX, 24.*

lo: *Suplico-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereçais os vosso corpos como hóstia viva, santa, agradável a Deus, como homenagem racional vossa*³⁴⁰.

Se, pois, o corpo, ser inferior de que a alma se utiliza como de um servidor ou de um instrumento, é um sacrifício, quando o seu bom uso é reportado a Deus, quanto mais não será a própria alma um sacrifício, quando ela se oferece a Deus, para que, inflamada pelo fogo do seu amor, se livra de toda concupiscência do século e se reforma, submetendo-se a Deus, ser imutável e tornando-se-lhe assim agradável pelos reflexos que recebe da sua beleza. Como conclusão, o mesmo Apóstolo acrescenta: *E não queirais amoldar-vos a este século, mas reformai-vos, renovando a vossa mentalidade para reconhecerdes qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que é agradável, o que é perfeito*³⁴¹.

Os verdadeiros sacrifícios são, portanto, as obras de misericórdia, quer para conosco quer para com o próximo e reportadas a Deus.

As obras de misericórdia não se praticam com outro fim que não seja: libertarmo-nos da infelicidade e seguidamente conseguir-

³⁴⁰ *Obsecro itaque vos, fratres, per misericordiam Dei, ut exhibeatis corpora i sestra hostiam vivam, sanctam, Deo placentem, rationabile obsequium vestrum.* Rom., XII, 1.

³⁴¹ *Et nocte conformari huic saeculo; sed reformamini in novitate mentis vestrae ad probandum vos quae sit voluntas Dei, quod bonum et bene placitum et perfectum.* Rom., XII, 2.

mos a felicidade, o que não se obtém senão graças ao bem supremo de que está escrito: *Para mim o bem é unir-me a Deus*³⁴².

Daqui se conclui com segurança que toda esta cidade resgatada, isto é, a assembleia e a sociedade dos santos, é oferecida a Deus como um sacrifício universal pelo Magno Sacerdote que, para de nós fazer o corpo de uma tal cabeça, a si mesmo se ofereceu por nós na sua paixão sob a forma de escravo. Foi, efetivamente, esta a forma que Ele ofereceu, foi nela que Ele se ofereceu, porque é graças a ela que Ele é mediador, é nela que é sacerdote, é nela que é sacrifício.

Por isso nos exortou o Apóstolo a que ofereçamos os nossos corpos como hóstia viva, santa, agradável a Deus, como homenagem racional; a não nos amoldarmos a este século, mas a irmo-nos transformando com a nova mentalidade e, para mostrar-nos qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito, porque o sacrifício na sua totalidade somos nós próprios, o Apóstolo continua:

O que realmente, em virtude da graça divina que me foi concedida, eu digo a quem quer que se encontre no meio de vós, é isto: não sinta a seu próprio respeito mais do que convém sentir, mas sinta de maneira que seja moderado o seu sentir, cada um segundo o grau de fé que Deus lhe atribuiu. Pois, como em um só corpo nós

³⁴² *Mihi autem adhaerere Deo bonum est.* Salmo LXXII, 28.

*temos muitos membros e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que muitos somos, constituímos em Cristo um só corpo, sendo individualmente membros uns dos outros, possuindo dons diferentes conforme a graça que nos foi concedida*³⁴³.

Tal é o sacrifício dos cristãos *muitos somos um só corpo em Cristo*³⁴⁴.

E este sacrifício a Igreja não cessa de reproduzi-lo no Sacramento do altar bem conhecido dos fiéis e nele se mostra que ela própria é oferecida no que oferece.

CAPÍTULO VII

É tal o amor que os santos anjos nos têm, que querem que prestemos culto, não a eles, mas ao único e verdadeiro Deus.

É com razão que estes seres imortais e bem-aventurados, estabelecidos nas moradas celestes, se regozijam por participarem do seu Criador, de cuja eternidade recebem a sua estabilidade, de cuja verdade recebem a certeza, de cujo favor recebem a santidade. E porque nos amam com amor misericordioso, a nós mortais e infelizes, para que sejamos felizes e imortais, não querem que lhes votemos a eles

³⁴³ Dico enim per gratiam Dei, quae data est mihi, omnibus, qui sint in vobis non plus sapere, quam oportet sapere, sed sapere ad temperantiam; sicut unicuique Deus paritus est mensuram fidei. Sicut enim in uno corpore multa membra habemus, omnia autem membra non eodem actus habent: ita multi unum corpus sumus in Christo; singuli autem alter alterius membra, habentes dona diversa secundum gratiam, quae data est nobis. Rom., XII, 3 e segs.

³⁴⁴ multi unum corpus in Christo. Id. Ib.

os nossos sacrifícios, mas Àquele de quem eles próprios, como bem sabem, são conosco o sacrifício. Realmente, com eles formamos a única Cidade de Deus a que se refere o Salmo: *De ti se disseram as coisas mais gloriosas, ó Cidade de Deus*³⁴⁵

E uma parte dela, que somos nós, peregrina e a outra parte, que são eles, presta auxílio. É dessa Cidade Suprema, onde a vontade de Deus é a lei inteligível e imutável, é dessa como que Cúria do Alto (efetivamente é lá que se cuida de nós) que nos vem, pelo ministério dos anjos esta Escritura onde se lê: *Será exterminado aquele que sacrificar aos deuses em vez de somente ao Senhor*³⁴⁶.

Esta Escritura, esta lei, preceitos como este, foram confirmados por tão grandes milagres que não é possível pôr em dúvida a quem querem aqueles espíritos imortais e bem-aventurados (que querem para nós o que eles são) que nós ofereçamos sacrifícios.

CAPÍTULO VIII

Milagres que Deus se dignou acrescentar às suas promessas, ainda pelo ministério dos anjos, para tornar mais firme a fé das almas piedosas.

Parecerá que me estendo de mais ao recordar de tão longo passado os milagres que atestam a verdade das promessas de Deus,

³⁴⁵ *Gloriosissima dieta sunt de te, Civitas Dei.* Salmo LXXXVI, 3.

³⁴⁶ *Sacrificans diis eradicabitur, nisi Domino soli.* Ex., XXII, 20.

quando predisse, há milhares de anos, a Abraão, que, em sua descendência, todos os povos da Terra seriam benditos.

Quem não admirará estes fatos: a Abraão, uma esposa estéril dá um filho numa idade em que nem uma mulher fecunda pode ter filhos; num sacrifício de Abraão, uma chama desce dos Céus e passa por entre os pedaços da vítima; ao mesmo Abraão, anjos revestidos da forma humana, que ele recebeu como hóspedes, predizem o incêndio de Sodoma pelo fogo do Céu e confirmam-lhe as promessas de Deus acerca da vinda de um filho; Lot, filho de seu irmão, com a ajuda dos mesmos anjos, é preservado do incêndio que vai cair sobre Sodoma; a mulher deste, já a caminho, olha para trás e, subitamente é transformada em sal, avisando-nos, como um grande símbolo, de que ninguém deve desejar as coisas passadas quando já trilha o caminho da libertação?

E quantos e quão grandes prodígios foram ainda realizados por Moisés no Egito, para arrancar o povo de Deus do jugo da servidão! Lá, os magos do Faraó — isto é, rei do Egito que oprimia este povo — receberam de Deus a permissão de operar alguns prodígios, mas para ornar a sua derrota ainda mais maravilhosa. Efetivamente operavam, com sortilégios, encantações mágicas, obras favoritas dos maus anjos, isto é, dos demônios; mas Moisés, provido dum poder tanto mais temível, porque agia com toda a justiça em nome de Deus, que fez o Céu e a Terra, venceu-os facilmente ajudado pelos anjos. A

terceira praga confessaram-se impotentes e Moisés, por uma disposição cheia de mistério, acabou o número das dez pragas. Foi então que o coração endurecido do Faraó e dos Egípcios cedeu, deixando partir o povo de Deus. Depressa se arreenderam e procuraram alcançar os Hebreus fugitivos. Enquanto estes passavam, o mar manteve-se dividido e seco para, logo depois, as suas águas se juntarem novamente, cobrindo e aniquilando os Egípcios.

Que direi dos prodígios que se multiplicaram sob o influxo surpreendente da divindade durante a travessia do deserto por aquele povo?

Águas impróprias para beber perdem o amargor, mercê do lenho que para elas atiraram por ordem de Deus e dessedentaram os Hebreus sequiosos; o maná que caiu do Céu para saciá-los e como a quantidade a colher era medida, tudo o que mais se colhesse apodrecia com vermes nele nascidos; mas, a medida dupla colhida na véspera de Sábado (porque era proibido colhê-lo nesse dia), não era atingida pela podridão; para os que desejavam comer carne — e parecia impossível encontrá-la em quantidade suficiente para tanta gente — encheram-se os campos de aves e o acicate da gula foi aniquilado pelo excesso de fartura; surgem os inimigos a cortarem a passagem e travam combate, mas Moisés ergue uma prece com os braços estendidos em forma de cruz e os inimigos são esmagados sem que tombe um só dos Hebreus; aparecem sediciosos entre o Povo de Deus, sepa-

ram-se da sociedade divinamente instituída e a terra abre-se e engole os vivos, exemplo visível dum castigo invisível; a vara fere o rochedo e a água jorra em abundância para matar a sede de tão grande multidão; mordeduras mortais de serpentes, justo castigo dos pecadores, são curadas à vista de uma serpente de bronze levantada sobre um madeiro, para que seja aliviado o povo abatido e que, pela imagem de uma morte de certo modo crucificada, seja simbolizada a destruição da morte pela morte? Esta serpente foi conservada em memória do milagre; mas quando o povo transviado começou a adorá-la como a um ídolo, o rei Ezequias, com uma piedade digna mais que todas de memórias, pondo toda a sua religião e todo o seu poder ao serviço de Deus, fê-la em estilhaços.

CAPÍTULO IX

Artes ilícitas no culto dos demônios acerca das quais o platônico Porfírio hesita, ora aprovando-as ora reprovando-as.

Estes casos e muitos outros semelhantes, que seria demasiado longo recordar, tinham por fim favorecer o culto do único Deus verdadeiro e de proibir o dos múltiplos falsos deuses. Resultavam de uma fé simples e de uma piedosa confiança e não de encantamentos e de vaticínios compostos na arte da sacrílega curiosidade a que umas vezes se chama *magia*, outras se dá o nome mais detestável de *goecia*, ou ainda o aparentemente mais honroso de *teurgia*; com estas dis-

tinções procuram fazer crer que entre as pessoas dadas a estas artes ilícitas, umas são condenáveis — aquelas a que vulgarmente se dá o nome de maléficas são as que, diz-se, se relacionam com a *goecia* e outras são louváveis — as que se relacionam com a teurgia. Mas a realidade é que tanto umas como as outras estão ligadas aos ritos falazes dos demônios que se apresentam com nome de anjos.

Porfírio chega mesmo a prometer uma espécie de purificação da alma pela teurgia, mas fá-lo numa exposição um tanto indecisa e tímida; prega, porém, que por esta arte se obtenha o regresso a Deus.

Como vês, entre o vício de uma sacrílega curiosidade e a profissão de filosofia, flutua em posições contrárias. Realmente, ora nos põe de sobreaviso contra essa arte, declarando-a falaciosa, perigosa na sua prática e proibida pelas leis; ora, como cedesse aos seus panegiristas, a considera útil para purificar uma parte da alma, não, com certeza, a parte intelectual que percebe a verdade das realidades inteligíveis, que não tem qualquer semelhança com os corpos, mas a parte espiritual que capta as imagens dos objetos corporais.

Efetivamente, diz que, por meio de certos ritos teúrgicos chamados *teletas*³⁴⁷, esta parte da alma está disposta e preparada para acolher os espíritos e os anjos e para ver os deuses. Mas confessa que essas *teletas* teúrgicas não conferem à alma intelectual qualquer puri-

³⁴⁷ *Teletas*. Ver 1^a nota do Cap. XXIII.

ficação que a disponha a ver o seu Deus e a perceber as verdadeiras realidades. Disto se pode inferir que tipo de deuses se veem, na sua opinião e que tipo de visão (que não mostra as verdadeiras realidades) se obtém pelos ritos teúrgicos. Diz, por fim, que a alma racional ou, como prefere dizer, intelectual, pode refugiar-se na sua própria vida, sem que o que nela há de «espiritual» tenha sido purificado por qualquer artifício teúrgico. Aliás, a purificação do espírito pela teurgia não basta para conduzi-la à imortalidade e à eternidade.

Distingue os anjos dos demônios, explicando que têm por residência, os demônios o ar e os anjos o éter, o empíreo; e, embora avise que convém servirmo-nos da amizade dos demônios, com cuja ajuda cada um de nós se pode levantar da terra, embora pouco, após a morte, reconhece, todavia, que é por outra via que se chega à sociedade superior dos anjos. Que se deve evitar a companhia dos demônios. Encontra-se nele, por assim dizer, a confissão explícita, quando diz que a alma, no decurso das expiações que sofre após a morte, tem horror ao culto dos demônios que a rodeavam. E esta teurgia, que ele nos recomenda como conciliadora dos anjos e dos deuses, não pôde ele negar que atua nas potências que invejam a purificação da alma, ou favorecem as manobras destes invejosos . A este propósito expõe os queixumes não sei de que caldeu, dizendo:

Um bom homem na Caldeia queixa-se de que os seus grandes esforços em purificar a sua alma não tiveram sucesso, por que um

*invejoso, prático nesses mistérios, tinha prendido as potências, conjurando-as com preces sagradas, impedindo-as assim de lhe concederem o favor solicitado. Portanto, este prendeu e aquele não desprendeu*³⁴⁸.

Este exemplo, na sua opinião, mostra que a teurgia é uma ciência capaz de fazer tanto o bem como o mal, quer entre os deuses quer entre os humanos; e, no seu entender, os deuses também experimentam essas perturbações que Apuleio atribui indiferentemente aos demônios e aos humanos, mas separa dos demônios os deuses, ao atribuir a estes moradas no éter, ponto este em que reafirma as ideias de Platão.

CAPÍTULO X

A teurgia promete uma falsa purificação das almas pela invocação dos demônios.

Eis agora outro platônico — dizem que mais douto — Porfírio, que reconhece a não sei que disciplina teúrgica o poder de aprisionar os próprios deuses nos laços das paixões e das agitações interiores, pois as preces sagradas podem conjurá-los e impedi-los de concede-

³⁴⁸ Conqueritur vir in Chaldaea bonus, purgandae animae magno in molimine frustatos sibi esse successus, cum vir ad eadem poten tactus invidia adjuratas sacris precibus potentias alligasset, tie postulata concederent. Ergo et ligavit ille, et iste non solvit (a).

(a) Este texto é, com toda a probabilidade, transcrito da tradução latina da obra de Porfírio *De regressu animae* por Mário Vitorino. Esta tradução, bem como todas as de Vitorino, perdeu-se. Sobre Vitorino (Gaio Mário) v. nota ao Cap. II, 5.1 da Nota Biográfica sobre Santo Agostinho.

rem a uma alma a purificação. Qualquer pessoa pode, ordenando-lhes o mal, aterrá-los ao ponto de não poder qualquer outra que lhes peça o bem e recorra para tal à mesma arte teúrgica, dissipar o seu terror ou dar-lhes a liberdade de concederem um favor.

Quem não verá em tudo isto invenções de demônios mentirosos, a não ser que seja o mais miserável dos seus escravos, indigno da graça do verdadeiro libertador? Realmente, se estas práticas se dirigissem a deuses bons, a pessoa de bem, ao procurar a purificação da alma, teria com certeza mais crédito junto deles, do que o mau ao procurar opor-se-lhes. Ou então, se os deuses justos julgassem a pessoa de que se trata indigna de ser purificada, deveriam, com certeza, não se deixar amedrontar por um invejoso, nem paralisar-se, como diz o mesmo, com medo de uma divindade mais poderosa, mas recuar o favor por seu livre arbítrio.

É de pasmar que aquele tão bom caldeu, que desejava purificar a sua alma pelos ritos teúrgicos, não tenha encontrado algum deus superior, quer para inspirar um maior temor e assim constranger os deuses timoratos a fazerem o bem, quer para repelir quem os aterrorizou e permitir-lhes que fizessem livremente o bem.

Talvez que ao bom teurgo tenham faltado os ritos sagrados capazes de purificar primeiro deste receio pestilento esses deuses que ele invocava como purificadores da alma. De fato, como explicar que se possa recorrer a um deus mais poderoso para amedrontá-los e se

não possa fazê-lo para purificá-los? Será que se encontra um deus que exalta o invejoso e amedronta os deuses para que não façam o bem e não se encontra um que exalte a pessoa de boa vontade e liberte os deuses do seu temor para que façam o bem?

Ó teurgia luminosa! Ó purificação da alma digna de ser proclamada, em que impera mais a imunda inveja do que a mais pura vontade de bem-fazer! Ou antes: ó falácia dos malignos espíritos, digna de ser evitada e detestada para ser atendida uma doutrina de salvação! Se, como ele diz, os que realizam estas purificações sórdidas por ritos sacrílegos veem no seu espírito, devidamente purificado, certas imagens maravilhosamente belas, anjos e deuses (se é verdade que assim é), é porque, como diz o Apóstolo, Satanás se transfigura em anjo de luz. Este é que é o autor dessas imagens; este é que deseja prender as almas infelizes nas redes dos mistérios enganadores duma multidão de falsos deuses e desviá-las do verdadeiro culto ao verdadeiro Deus, único capaz de purificá-las e de amá-las; ele é que, como diz Proteu, *se reveste de toda a casta de formas*³⁴⁹, perseguindo com hostilidade, socorrendo com enganos e, de ambas as formas, prejudicando.

³⁴⁹ *formas se vertit in omnes.* Virgílio, Geórg., IV, 411.

CAPÍTULO XI

Carta de Porfírio ao egípcio Anebonte pedindo que o instrua sobre as diversas categorias de demônios.

Este Porfírio mostrou-se mais sensato no escrito dirigido ao egípcio Anebonte, onde, sob o pretexto de consultá-lo e interrogar, desmascara e destrói essas artes sacrílegas e condena todos os demônios. Afirma que, por sua imprudência, são arrastados por um úmido vapor e por isso não se encontram no éter, mas no ar abaixo da Lua e mesmo no globo da Lua. Todavia, não se atreve a imputar a todos todas as imposturas, maldades e inépcias que justificadamente revoltam. Tal como os outros, a alguns deles chama benéficos, embora confesse que, na generalidade, são desprovidos de senso. Admira-se, porém, de que os deuses se deixem cativar pelas vítimas e até se vejam empurrados e constrangidos a fazer a vontade humana.

E se os deuses se distinguem dos demônios pelo corpo e pela incorporeidade, admira-se também como se hão de ter por deuses o Sol e a Lua e os demais astros visíveis no Céu que, não duvida, são corpos e, se são deuses, por que é que se diz que uns são benéficos e outros são maléficos? E como é que se unem aos incorpóreos os que são corpóreos?

Pergunta ainda, como quem duvida, se os adivinhos e os operadores de prodígios tiram o seu poder das disposições da alma ou de certos espíritos vindos de fora. Na sua opinião tiram-no mais de espí-

ritos que vêm de fora, pois, utilizando pedras e ervas, prendem pessoas, abrem portas trancadas e realizam outros prodígios deste gênero. Diz ele que outros pensam que há certo gênero de seres cujo ofício consiste em atender às demandas. Seres falazes por natureza, que adotam todas as formas, todos os aspectos, fingindo-se ora deuses, ora demônios, ora almas de falecidos. É deles que provêm todas estas obras que parecem boas ou más e, pelo contrário, empurram para o mal, caluniam e servem de obstáculo aos diligentes servidores da virtude. Cheios de temeridade e altivez, apreciam os perfumes e prendem-se com lisonjas. Isto e tudo o que respeita a este gênero de espíritos falazes e malignos que vêm de fora para a alma, abusando dos sentidos da pessoa desperta ou adormecida, o confirma Porfírio sem se confessar convencido, mas com tanta reserva na sua dúvida e nas suas suspeitas que chega a apresentar esta opinião como se fosse sustentada por outros. Claro que era difícil a um tão grande filósofo conhecer ou contestar sem receio toda esta diabólica sociedade, que qualquer velhota cristã reconhece sem dificuldade e detesta sem relutância. Também pode acontecer que Porfírio receie ofender o seu correspondente Anebonte, glorioso pontífice de tais mistérios e os outros admiradores de obras semelhantes, consideradas como divinas e pertencentes ao culto dos deuses.

Continuando na sua exposição e indagação dos fatos, lembranos que estes, considerados com sensatez, não podem deixar de ser

atribuídos senão às potências malignas e enganadoras. Realmente, pergunto eu: por que é que, depois de se invocarem os melhores, se lhes ordena, como se fossem os piores, que cumpram as ordens injustas das pessoas? Por que é que não atendem um suplicante atingido pelas artes de Vênus e não cessam de atirar toda a gente para uniões impudicas? Por que é que impõem aos seus sacerdotes a abstinência da carne — sem dúvida para evitarem as contaminações dos odores corporais — e, todavia, eles próprios são atraídos por outras emanacões, especialmente pelo fedor das vítimas? E, ao mesmo tempo em que se proíbe ao assistente todo o contato com o cadáver, as suas cerimônias celebram-se, a maior parte das vezes, com cadáveres. O que acontece é que uma pessoa, escrava de qualquer vício, ameaça e amedronta com as suas mentiras, não um demônio ou a alma de um morto, mas o próprio Sol, a Lua ou qualquer outro astro para lhes extorquir a verdade! Na realidade ameaça-os até de estilhaçar o Céu e de cometer outras façanhas semelhantes de que o ser humano é incapaz, para levar os deuses aterrados, como estúpidas crianças, por vãs e ridículas provocações, a executarem o que se lhes ordena.

Conta ainda Porfírio que um certo Querémon, perito em tais artes sagradas, ou antes sacrílegas, escreveu que os mistérios de Ísis e de seu esposo Osíris, muito celebrados no Egito, têm um enorme poder para constranger os deuses a fazer o que lhes é ordenado, quando aquele que quer forçá-los por seus encantamentos (*carmina*)

os ameaça de desvendar e arruinar esses mistérios, gritando-lhes com voz terrível que irá até ao ponto de espalhar os membros de Osíris se deixarem de executar as suas ordens. Com razão se admira Porfírio de que uma pessoa dirija estas ou outras vãs e loucas ameaças, não a qualquer pessoa, mas aos próprios deuses celestes resplandecentes de luz sideral e de que, longe de falhar, consiga pela violência coagi-los e levá-los pelo terror a fazerem o que ele quer.

Mas o certo é que ele finge admirar-se e pedir a explicação de tais coisas, para dar a entender que elas são obra desses espíritos de que acima faz a descrição segundo a opinião alheia: espíritos enganadores, não por natureza, como ele supõe, mas por perversidade, fazendo-se passar por deuses e por almas de defuntos, mas não, como ele próprio diz, por demônios que na realidade são.

E se lhe parece que é com ervas, pedras, animais, certos ruídos ou palavras, figuras ou representações, ou ainda observando certos movimentos dos astros na rotação do Céu, que os homens podem forjar na Terra poderes capazes de obter tais efeitos, tudo isso pertence aos mesmos demônios mistificadores das almas a eles submetidas que encontram nos erros humanos um divertimento voluptuoso.

Portanto, ou Porfírio, na verdade, embora deles tendo duvidado e acerca deles tendo procurado informar-se, recorda, todavia, tais fatos para confundi-los e refutar e para demonstrar que eles dizem respeito, não a potências capazes de ajudar-nos a conseguir a vida

bem-aventurada, mas sim a falazes demônios; ou então, pensando melhor do filósofo, este não quis ferir, à maneira sobranceira e autoritária de um doutor, um egípcio votado a esses erros e convencido da importância da sua ciência. Nem quis perturbá-lo com a oposição frontal de um adversário, mas, com a humilde compostura de um homem que interroga no desejo de se instruir, levá-lo a refletir e a mostrar-lhe como são desprezíveis ou mesmo dignas de rejeição estas coisas.

Depois, quase no fim da sua carta, pede-lhe que ensine o caminho para a bem-aventurança, segundo a sabedoria do Egito. De resto, quanto àqueles cujas relações com os deuses se limitam a importunar o seu espírito divino para encontrarem um fugitivo, ou para comprarem uma propriedade, por causa de um casamento ou de um negócio ou de qualquer outra coisa deste gênero, parece, diz ele, terem cultivado em vão a sabedoria. E ainda que essas divindades, com que se relacionaram, fizessem revelações exatas acerca de outros assuntos — pois que acerca da bem-aventurança nenhum conselho prudente e útil foram capazes de dar — nem por isso seriam deuses os bons demônios, mas apenas aquilo a que se chama de um embuste ou uma mera ficção humana.

CAPÍTULO XII

Milagres que o verdadeiro Deus opera pelo ministério dos santos anjos.

Todavia, como com essas artes se realizam tantas e tais coisas que ultrapassam todos os limites da capacidade humana, que resta senão que todos esses prodígios, que parecem divinamente preditos ou cumpridos, mas sem relação com o culto do Deus único (em cuja união, como confessam e atestam largamente mesmo os platônicos, se encontra o único bem beatífico), sejam prudentemente considerados como divertimento dos malignos demônios e obstáculos sedutores que a verdadeira religião deve evitar?

Mas todos os milagres realizados por ordem divina pelos anjos ou por qualquer outro modo, tendo por finalidade recomendar o culto e a religião do Deus único, no qual e só no qual existe a vida bem-aventurada, devem ser considerados como provenientes, operando Deus neles, da ação ou da intercessão dos que nos amam segundo a verdade e a piedade.

Não devem ser ouvidos os que negam que Deus invisível possa fazer milagres visíveis. Nem mesmo esses podem negar que este mesmo Deus fez o mundo que, não há dúvida, é visível. Tudo o que de maravilhoso acontece neste mundo é, com certeza, menos do que o mundo no seu todo, isto é, do que o Céu e a Terra e tudo o que encerram; obras que, indubitavelmente, foi Deus quem as fez. Mas, tal

como Aquele que as fez, assim também o modo como as fez se conserva oculto e é incompreensível aos seres humanos. Talvez os milagres das naturezas visíveis tenham perdido o seu valor devido a tantas vezes terem sido observados. Todavia, se encararmos com olhos de ver, veremos que são superiores aos mais extraordinários e mais raros. Realmente, o ser humano é um milagre maior do que qualquer milagre feito por um ser humano.

É por isso que Deus, que fez o Céu e a Terra visíveis, não desdenha fazer no Céu e na Terra milagres visíveis para estimular a alma, ainda presa às coisas visíveis, a adorar a Ele invisível. Mas, «onde» e «quando» os fará, é n'Ele o objeto de um desígnio imutável, em cuja disposição se encontram já presentes os tempos futuros. É que Ele move as coisas temporais e não se move no tempo. Para Ele, conhecer o que se vai fazer e o que está feito é tudo o mesmo; nem atende os que o invocam de forma diferente dos que o hão de invocar. Mesmo quando são os anjos que atendem, é Ele ainda quem nelas atende, como no seu verdadeiro templo, que não é feito pelas mãos humanas. O mesmo ocorre com os seus santos. E os preceitos realizam-se no tempo em conformidade com a lei eterna.

CAPÍTULO XIII

Deus invisível tem-se muitas vezes mostrado visível, não tal qual é, mas como o podem suportar os que o veem.

Não é de estranhar que Deus, sendo invisível, se tenha apresentado muitas vezes visível aos Patriarcas. Assim como o som faz perceber um pensamento encerrado no silêncio do espírito sem ser propriamente o pensamento, assim também a forma, sob a qual aparece Deus invisível por natureza, não é o que Ele é. Todavia, era a Ele mesmo que se via sob a forma corporal como era o próprio pensamento que se percebia no som da voz. Os Patriarcas não ignoravam que viam o Deus invisível sob uma forma corporal que não era Ele próprio.

Falava com Moisés e este também lhe dirigia a palavra, chegado a pedir-lhe: *Se diante de ti encontrei graça, mostra-te a mim para que eu, vendo-te, te conheça*³⁵⁰.

Como era preciso que a lei fosse proclamada pelos anjos duma forma terrífica, não a uma só pessoa nem a poucos sábios, mas a toda uma nação e a um povo enorme, diante do povo aconteceram prodígios sobre a montanha onde a lei lhe foi dada por intermédio de um só homem, enquanto a multidão presenciava o que de terrível e terrífero ia se desenrolando. A verdade é que o povo de Israel não acreditava.

³⁵⁰ *Si inveni gratiam ante te, ostende mihi temet ipsum scienter ut videam te.* Ex., XXXIII, 13.

tou em Moisés como os Lacedemônios acreditaram no seu Licurgo, isto é, que ele tinha recebido de Júpiter ou de Apolo as leis que estabeleceu. Efetivamente, quando o povo recebeu a lei que lhe prescrevia o culto do único Deus, sinais e movimentos sob os seus olhares operados nas coisas, na medida em que a Divina Providência considerava conveniente, tornavam evidente que, para dar essa lei, a criação era mero instrumento do Criador.

CAPÍTULO XIV

Deve-se prestar culto ao único Deus não só pelos seus benefícios eternos, mas também pelos seus benefícios temporais, uma vez que tudo está sob o domínio da sua Providência.

Tal como o de uma só pessoa, assim também o correto progresso educacional do gênero humano, que está a cargo do povo de Deus, se desenrola através de jornadas no tempo, como que em idades escalonadas. Assim, ele se eleva das coisas temporais à inteligência das eternas e das visíveis às invisíveis. Nem mesmo no tempo em que Deus permitia a este povo recompensas visíveis lhe era menos prescrito que adorasse o Deus único para que a alma humana, mesmo na mira dos bens terrenos desta vida passageira, a nenhum outro que não fosse o seu verdadeiro criador e senhor se submetesse. Realmente, todo o bem que os anjos ou os humanos podem fazer aos humanos depende de um só Deus Onipotente e duvidar disto é uma loucura.

No *De Providentia*³⁵¹ o platônico Plotino prova pela beleza das florezinhas e das folhas que esta providência desce de Deus altíssimo, cuja beleza é inteligível e inefável, até aos menores seres da Terra. Todos estes seres, assegura ele, tão humildes e tão rapidamente perecíveis, não poderiam ter nas suas formas estas proporções harmoniosas se não tivessem recebido a marca da origem em que reside a forma inteligível e imutável que em si contém ao mesmo tempo (*simul*) todas as perfeições. É o que mostra o Senhor Jesus quando diz:

*Olhai os lírios do campo: não trabalham nem fiam. Porém digo-vos: nem o próprio Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles. Ora, se o feno do campo — que hoje existe, mas amanhã é lançado ao fogo — Deus assim veste, quanto mais a vós, ó gente de pouca fé.*³⁵²

Com toda a razão, portanto, a alma humana, ainda debilitada pelos desejos terrenos, que no tempo prefere os mais baixos e terrenos bens necessários a esta vida transitória, desprezíveis em comparação com os favores eternos da outra vida, bom é que se habitue a não os esperar senão do Deus único, de maneira que, mesmo quando

³⁵¹ A citação que Santo Agostinho faz de Plotino é tirada precisamente do L. III das *Enneadas*, cujo título é em latim *De Providentia* (Acerca da Providência).

³⁵² Considerate lilia agri: non laborant neque neunt. Dico ou tem vobis, quia nec Salomon in tota gloria sua sic amictus est sicut unum ex eis. Quod si foenum agri, quod hodie est et eras in clibanum mittitur, Deus sic vestit: quanto magis vos, modicae fidei? Mat., VI, 28.

os deseja, se não afaste do culto desse Deus ao qual não pode chegar senão desviando-se deles com desprezo.

CAPÍTULO XV

Ministério dos santos anjos a serviço da Providência.

Assim, pois, aprouve à divina Providência ordenar o curso dos tempos de modo que a lei que prescreve o culto do único Deus verdadeiro fosse promulgada, como já disse e se lê nos Atos dos Apóstolos, pelo ministério dos anjos.

Apareceu, então, visivelmente a pessoa do próprio Deus, não em sua própria substância que permanece sempre invisível aos olhos corruptíveis, mas por sinais reveladores, por intermédio de uma criatura submetida ao criador. Sílaba a sílaba, através das durações sucessivas dos tempos dessas sílabas, falava por meio das palavras da linguagem humana Aquele que, não corporal, mas espiritualmente, não sensível, mas inteligivelmente, não temporal, mas por assim, dizer eternamente, fala uma linguagem que não começa nem acaba. É a Ele que ouvem com maior pureza, não com o ouvido do corpo, mas com o da mente, os seus ministros e mensageiros que gozam, em imortal beatitude, da sua verdade imutável e realizam, sem vacilações nem dificuldades, o que, de maneiras inefáveis, ouvem que deve ser realizado e deve chegar até estes seres visíveis e sensíveis.

Ora, esta lei, segundo as conveniências do tempo, foi dada para obter primeiro, como já disse, as promessas terrenas, sempre significadoras das eternas que, nos sacramentos visíveis, muitos celebrariam e poucos entenderiam. Todavia, o culto de um único Deus é claramente prescrito pelo testemunho convergente de todas as palavras e de todos os ritos desta lei. O culto não de um deus tirado da turbamulta, mas, sim o culto d'Aquele que fez o Céu e a Terra, todas as almas e todos os espíritos, tudo o que não é Ele.

Ele fez e as coisas foram feitas e, para que as coisas sejam e se encontrem bem, têm necessidade de quem as fez.

CAPÍTULO XVI

Para se merecer a vida eterna tem que se acreditar nos anjos que para si exigem honras divinas ou nos que mandam servir em santa religião, não a si, mas ao único Deus?

Mas, em que anjos devemos acreditar, a propósito da vida eterna? Nos que pretendem que sejam eles próprios honrados com ritos religiosos, pedindo aos mortais que lhes prestem culto e sacrifícios? Ou nos que declararam que esse culto é todo ele devido ao único Deus criador do universo e deve, como eles próprios dizem, ser prestado com autêntica piedade Àquele cuja contemplação faz a felicidade deles e, conforme prometem, fará a nossa?

Realmente, a visão de Deus é visão de uma tal beleza, digna de um tão grande amor que, sem ela, o ser humano dotado e cumulado

de todos os bens, nem por isso deixa de ser, como Plotino não hesita em afirmar, o maior desgraçado. Quando, pois, diversos anjos, com sinais prodigiosos nos convidam a prestarmos culto de latria, uns ao Deus único, outros a eles próprios, proibindo, todavia, os primeiros que se adorem os segundos, não ousando estes proibir que se adore aquele, a quais de uns e outros se deve prestar crédito?

Respondam os platônicos, respondam os filósofos de qualquer escola, respondam os *teurgos* ou antes os *periurgos*³⁵³, já que esta é a palavra que mais convém a todas estas práticas. Enfim, respondam os seres humanos, se neles existe, uma parte que seja, daquele sentido da sua natureza que os torna racionais. Respondam, digo eu: deve-se sacrificar a estes anjos ou deuses que o exigem para si próprios, ou só Àquele ao qual nos ordenam que o façamos os que no-lo proíbem, quer em sua honra quer em honra dos outros?

E se nem uns nem outros fizessem milagres, limitando-se uns a prescrever sacrifícios em sua própria honra e outros a prescrevê-los para os reservarem ao único Deus, a piedade deveria bastar para distinguir o que provém de um orgulho insolente do que deriva de um espírito autenticamente religioso.

³⁵³ O termo *periurgus* pode ser um trocadilho de Santo Agostinho com *theurgus* e aparentado com as palavras latinas *jurgium*, *jurgare* (querela, altercar) e o seu significado será, portanto, «disputador, amigo de altercações». Mas também pode ser o correspondente latinizado do termo grego *περίεργος* (indiscreto, minucioso) significando o que se dedica às coisas supérfluas, tais como as artes mágicas. Ver. E. Jacquier. *Les Actes des Apôtres*. Paris, 1926, p. 578.

Direi mais: se os que reclamam para si sacrifícios fossem os únicos a abalar as almas humanas pelos seus prodígios e aqueles que as prescrevem para os reservarem ao Deus único não se dignassem fazer esses milagres visíveis, seguramente que a autoridade destes últimos deveria prevalecer, não aos olhos do corpo mas ao juízo da razão. Mas Deus, para dar maior credibilidade às suas palavras de verdade, fez, por intermédio destes imortais mensageiros que proclamam, não o seu orgulho mas a majestade de Deus, milagres maiores, mais autênticos, mais brilhantes, para que não tivessem qualquer facilidade de persuadir os piedosos débeis da sua falsa religião, os que, com a ostentação dos prodígios sensíveis, exigem para si próprios sacrifícios. Quem é que gostará de ser louco ao ponto de não escolher a verdade que deve seguir, precisamente onde encontra os maiores sinais a admirar?

A história menciona, realmente, alguns milagres dos deuses dos gentios. Não me refiro aos fenômenos estranhos que, uma vez por outra, acontecem devido a causas ocultas da natureza, sempre estabelecidas e ordenadas pela Providência divina; inusitados partos de animais, espetáculos insólitos no Céu e na Terra, simplesmente terríficos, mas às vezes também nocivos, que, a crer na astúcia enganadora dos demônios, são pelos seus ritos conjurados e mitigados. Falo antes desses prodígios que apresentam com bastante evidência como um efeito da sua força e poderio, tais como: as imagens dos

deuses Penates, que Enéias levou consigo ao fugir de Tróia, andarem, ao que se diz, por elas messmas de um lugar para o outro; Tarquínio cortar um penhasco com uma navalha; a serpente de Epidauro acompanhar Esculápio enquanto ele navegou até Roma; uma mulherzinha, para provar a sua castidade, conseguir mover e arrastar, atada a um cinto, a nau em que era transportada a imagem da Mãe — Frígia, que se tinha mantido imóvel apesar dos esforços de tantos homens e bois; uma virgem Vestal cuja integridade era contestada, pôr fim à discussão enchendo um crivo de água do Tibre sem ela se derramar. Estes prodígios e outros semelhantes em nada se compararam com o poder e a grandeza dos operados, como lemos, entre o povo de Deus. Muito menos com estes se compararam ainda aquelas práticas, mágicas e teúrgicas, tidas por dignas de serem proibidas e castigadas pela lei dos próprios povos que adoravam esses deuses!

A maior parte de tais prodígios eram puras aparências com que enganavam os sentidos dos mortais utilizando um hábil jogo de imagens, como era o caso de, como diz Lucano, se fazer descer a Lua: *Até que, de perto derrame a sua baba sobre as ervas rasteiras*³⁵⁴.

Se alguns destes fatos parecem igualar materialmente algumas das obras dos santos, o fim que as distingue manifesta a incomparável superioridade destas. No primeiro caso trata-se de uma multidão

³⁵⁴ *Donec suppositas proprias despumet in herbas.* Lucano, *Farsália*, VI, 506.

de deuses que merecem as honras dos sacrifícios tanto menos quanto mais as reclamam; no outro caso, é o Deus único que nos é recomendado, mas que — como no-lo atestam as suas Escrituras e como no-lo mostra, mais tarde, a abolição desses sacrifícios — não tem necessidade de semelhantes homenagens.

Se, portanto, alguns anjos reivindicam para si o sacrifício, é necessário preferir-lhes aqueles que o não reclamam para si, mas sim para o Deus que servem, Criador de todas as coisas. É por aí, realmente, que eles mostram com que sincero amor nos amam, pois querem pelo sacrifício fazer de nós, não súditos seus, mas antes súditos d'Aquele cuja contemplação faz a sua felicidade e querem ainda ajudar-nos a chegar até Àquele que jamais abandonaram. E se os anjos reclamam sacrifícios — não apenas para um, mas para vários; não para eles próprios, mas para os deuses de quem são anjos — mesmo, então, é necessário preferir os que são anjos do único Deus dos deuses; estes anjos com tal força ordenam que só a Deus único se ofereçam sacrifícios, que chegam a proibir se ofereçam a qualquer outro, ao passo que nenhum dos outros anjos proíbe que se ofereçam sacrifícios Àquele ao qual estes ordenam que se ofereçam.

Mas se, como o indica a sua soberba falácia, aqueles que reclamam sacrifícios, não para o único Deus Soberano, mas para si próprios, não são nem bons anjos nem anjos dos deuses bons, mas maus demônios, que proteção mais poderosa poderemos escolher

contra eles do que a do Deus único de quem são servidores os anjos bons que nos prescrevem que ofereçamos sacrifícios não a eles, mas Àquele de quem nós próprios devemos ser o sacrifício?

CAPÍTULO XVII

Da Arca do Testamento e dos milagres que Deus operou para recomendar a autoridade da sua lei e das suas promessas.

Por isso é que a lei de Deus promulgada pelo ministério dos anjos, prescrevendo que se prestasse culto religioso ao único Deus dos deuses e proibindo que se prestasse a qualquer outro, foi colocada numa arca chamada Arca do Testemunho. Com este nome se significa suficientemente que Deus, objeto de todo o culto, não costuma estar encerrado nem contido num lugar. Embora as suas respostas e certos sinais perceptíveis aos sentidos saíssem do lugar em que se encontrava a Arca, mais não eram do que testemunhos da sua vontade.

Como já disse, a própria lei escrita em tábuas de pedra estava colocada na Arca. Durante a viagem pelo deserto, os sacerdotes transportavam-na com o respeito que lhe era devido, juntamente com uma tenda também chamada *Tenda do Testemunho*. Havia um sinal que aparecia durante o dia como uma nuvem e durante a noite brilhava como o fogo. Quando esta nuvem se movia, levantava-se o acampamento; quando ela parava, acampava-se. Grandes milagres —

além dos fatos já referidos e das vozes que saíam do lugar onde estava a Arca — prestavam testemunho a essa lei.

À entrada da Terra Prometida, quando a Arca passou o Jordão, o rio reteve as suas águas a montante e deixou-as correr a jusante, permitindo que tanto o povo como ela o atravessassem a pé enxuto. Depois a Arca foi passeada, sete vezes à volta da primeira cidade inimiga, que orava, conforme era costume dos gentios, para um grande número de deuses e, repentinamente, as muralhas esboroaram-se sem qualquer exército as ter atacado, sem qualquer embate do aríete. Quando, ainda mais tarde, os hebreus já habitavam a Terra Prometida, foi a Arca tomada pelos inimigos, em consequência dos seus pecados.

Os que a tomaram colocaram-na com todas as honras no templo do deus que adoravam acima de todos e aí a deixaram fechada. No dia seguinte, ao abrirem o templo, encontraram derrubado e vergonhosamente despedaçado, o ídolo a que dirigiam as suas preces. Depois, emocionados pelos prodígios e ainda mais vergonhosamente castigados, restituíram a Arca do divino Testemunho ao povo ao qual a tinham tomado. E vejam como é que foi essa restituição! Colocaram a Arca sobre uma carroça jungida a duas novilhas às quais retiraram os vitelos que amamentavam e deixaram-nas ir para onde quisessem, procurando desta forma pôr à prova o poder divino. E elas, sem condutor, sem guia, seguiram direitinhas em direção aos he-

breus, surdas aos mugidos das crias esfomeadas e levaram este grande mistério (*sacramentum*) aos que o veneravam.

Estes prodígios e outros que tais são pequenos aos olhos de Deus, mas grandes pelos ensinamentos que devem prestar e pelo salutar temor que devem inspirar aos mortais. Se alguns filósofos, sobretudo os platônicos, são glorificados por serem mais sábios do que os outros ao ensinarem, como um pouco atrás recordei, que a Divina Providência se ocupa dos mais pequeninos seres da Terra, como o comprovam as belezas harmoniosas que revestem os corpos dos vivos, mesmo das plantas e até das ervas do campo, quão mais evidente é o testemunho prestado à divindade por todos estes prodígios realizados à hora em que é proclamada, no lugar em que é recomendada, uma religião que proíbe que se ofereçam sacrifícios a qualquer criatura do Céu, da Terra, dos Infernos e estabelece que eles sejam reservados ao único Deus que é o único que ama e que, amado, nos faz felizes! É Ele que, de antemão, delimita os tempos em que esses sacrifícios serão prescritos e anuncia que eles tomarão uma nova e melhor forma nas mãos de um sacerdote mais perfeito, atestando assim que não os desejava, mas que eles eram a figura de melhores realidades. Por eles queria, não ser exaltado por tais honras, mas mover-nos a adorá-lo para felicidade nossa e não sua e unir-nos a Ele inflamados pelo fogo do seu amor.

CAPÍTULO XVIII

Contra os que negam, a propósito dos milagres cumpridos para a instrução do povo de Deus, que se deva crer nos livros da Igreja.

Haverá alguém que diga que esses milagres são falsos, que nunca se realizaram, que mais não são que escritos com mentiras? Se alguém pretende com isto dizer que, em tais assuntos, absolutamente nenhum escrito é digno de crença, também pode dizer que nenhum deus cuidou dos mortais.

Com efeito, que esses deuses não conseguiram convencer os humanos a prestarem-lhes culto senão operando obras maravilhosas, atesta-o a história das nações cujos deuses souberam manifestar-se mais prodigiosos do que úteis. Por isso, nesta obra, de que já temos em mãos o décimo livro, não procuramos refutar os que negam todo o poder divino ou sustentam que este não se ocupa das coisas humanas; dirigimo-nos aos que antepõem os seus deuses ao nosso Deus, fundador da santa e gloriosíssima Cidade, ignorando que o mesmo é fundador invisível e imutável deste Mundo visível e mutável e dispensador veríssimo desta vida feliz que vem dele e não das coisas que criou.

Diz, com efeito, o seu fidelíssimo profeta: *Para mim, o estar unido a Deus é que é bom*³⁵⁵.

³⁵⁵ *Mihi autem adhaerere Deo bornm est.* Salmo LXXII, 28.

Discute-se entre os filósofos qual o último bem para a aquisição do qual devem tender todos os nossos deveres. O profeta não disse: «para mim é bom abundar em riquezas, ser distinguido pela púrpura e pelo cetro ou sobressair pelo diadema»; nem, como se não envergonharam de dizer alguns filósofos: «o meu bem é o prazer do corpo»; ou melhor, como parece que disseram os melhores: «o meu bem é a virtude da minha alma». O que ele disse, foi: *Para mim, o estar unido a Deus é que é bom.*

Quem isto lhe ensinara foi Aquele que é o único digno das honras do sacrifício, como os seus santos anjos nos advertiram, confirmando-o com milagres. Por isso, Ele próprio se tornara sacrifício d'Aquele cujo fogo inteligível o tinha arrebatado e abrasado e para Quem o impelia o santo desejo de um incorpóreo abraço.

Se, pois, os adoradores duma multidão de deuses (seja qual for a opinião que deles tenham) acreditam nos milagres feitos por esses deuses ou dão crédito à história das coisas profanas ou aos livros mágicos, ou, o que lhes parece mais honesto, aos livros teúrgicos, por que se recusam a crer nos fatos testemunhados pelas Escrituras, cuja autoridade é tanto maior quanto mais acima de todos está Aquele unicamente a Quem elas prescrevem que se ofereçam sacrifícios?

CAPÍTULO XIX

Motivo por que se deve, segundo a verdadeira religião, oferecer um sacrifício visível ao único Deus invisível e verdadeiro.

Julgam alguns que esses sacrifícios visíveis convêm aos outros deuses, mas que ao Deus invisível, maior e melhor, convêm sacrifícios invisíveis, maiores e melhores, tais como as homenagens de uma alma pura e de uma boa vontade. Não há dúvida de que estes ignoram que os sacrifícios visíveis são sinais dos invisíveis, como as palavras pronunciadas são sinais das coisas.

Por isso é que, assim como, nas nossas preces e nos nossos louvores, dirigimos os sinais das nossas palavras àquele a quem oferecemos em nosso coração as próprias realidades que significamos, assim também, ao oferecermos um sacrifício, sabemos que o sacrifício visível não deve ser oferecido senão Àquele para quem nós devemos ser, no nosso coração, o sacrifício invisível. É então que os anjos e as virtudes superiores, cuja bondade e piedade mais aumentam o seu poderio, nos concedem os seus favores e partilham da nossa alegria. E se a eles mesmos quisermos oferecê-los, eles não os aceitam de bom agrado e, quando são enviados aos humanos de forma que se note a sua presença, negam-se terminantemente a aceitá-los. Há disto exemplos nas Sagradas Escrituras. Alguns julgaram que deviam prestar aos anjos, pela adoração e pelo sacrifício, a honra que apenas a Deus é devida. Foram disso impedidos por admoestação

deles, que ordenaram os tributassem apenas Àquele a quem sabem serem devidos.

Os santos homens de Deus imitaram os santos anjos: Paulo e Barnabé, em Licaônia, por terem realizado uma cura miraculosa, foram tomados por deuses. Os licaônicos quiseram imolar-lhes vítimas. Mas, na sua humilde piedade, repeliram essa honra e anunciam-lhes o Deus em Quem deviam acreditar.

E, se os espíritos embusteiros orgulhosamente os exigem para si próprios, é unicamente porque sabem que eles são devidos ao verdadeiro Deus. Porque, na verdade, não é no fedor dos cadáveres que se comprazem, como pensam alguns e o diz Porfírio, mas sim nas honras divinas. Aliás, desses fedores têm eles grande abundância por toda a parte e, se mais quisessem, eles próprios a si mesmo os poderiam fornecer. Portanto, os espíritos que se arrogam a divindade deleitam-se, não com a fumaça dos corpos, mas com a alma do suplicante sobre a qual dominarão depois de o terem enganado e escravizado e, assim, vedam-lhe o caminho que conduz ao verdadeiro Deus para que ele, humano, não seja sacrifício de Deus, quando sacrificia em honra de outrem, em vez de sacrificar a Deus.

CAPÍTULO XX

Do verdadeiro e supremo sacrifício cumprido pelo próprio Mediador de Deus e dos humanos.

Por isso, o verdadeiro Mediador, que, ao tomar a forma de escravo, se tornou mediador entre Deus e os humanos, o homem Jesus Cristo, sob a forma de Deus, aceita o sacrifício com o Pai, com o qual é um só Deus; mas, sob a forma de escravo, preferiu ser sacrifício a aceitá-lo, para que ninguém aproveitasse esta oportunidade para sacrificar a qualquer criatura. É por isto que Ele é sacerdote: é Ele quem oferece, é Ele a oblação.

Desta realidade quis que seja sacramento quotidiano o sacrifício da Igreja que, sendo corpo da mesma cabeça, aprendeu a oferecer-se a si própria por intermédio d'Ele. Sinais variados e múltiplos deste verdadeiro sacrifício eram os antigos sacrifícios dos santos, sendo eles figura deste único sacrifício, como se, por muitas palavras, se expressasse uma só realidade para ser bem ponderada sem causar enfado. Com este supremo e autêntico sacrifício cessaram todos os falsos sacrifícios.

CAPÍTULO XXI

Do grau de poder concedido aos demônios tendo em vista a glorificação, pela paciência dos seus sofrimentos, dos santos que venceram os espíritos aéreos, não os apaziguando, mas permanecendo fiéis a Deus.

Em tempos limitados e previamente fixados, foi mesmo permitido aos demônios um poder que lhes permite incitar as pessoas que eles dominam e nelas fomentar tiranicamente ódios contra a Cidade de Deus. Aceitam os sacrifícios de quem lhos oferece; reclamam-nos de quem já a isso está disposto; chegam a extorqui-los violentamente, pela perseguição daqueles que a isso se recusam.

Todavia, a sua conduta, longe de ser nociva à Igreja, é-lhe antes proveitosa, por que completa o número de mártires e a estes a Cidade de Deus tem-nos por cidadãos tanto mais gloriosos e ilustres quanto mais valentemente lutaram até ao sangue contra o pecado da impiedade.

Se a linguagem habitual da Igreja o permitisse, chamar-lhes-íamos, com mais propriedade, de os nossos heróis. De fato, este nome, diz-se, provém de Juno, porque Juno em Grego chama-se Hera, donde, não sei qual dos seus filhos, segundo as fábulas dos gregos, teria tomado o nome Herói.

O sentido místico desta fábula era o de que a Juno tinha sido atribuído o domínio do ar; morada, como eles pretendem, dos demônios e dos heróis; designando com esta palavra as almas dos defuntos

de certo mérito. Mas, num sentido contrário, os nossos mártires seriam amados heróis se, como disse, o permitisse o uso da linguagem eclesiástica; não porque vivessem no ar na companhia dos demônios, mas porque venceram os próprios demônios, potências do ar e inclusive a própria Juno — seja qual for o seu significado — tão justamente apresentada pelos poetas como inimiga da virtude e ciosa dos homens fortes que aspiram ao Céu.

Mas de novo Virgílio sucumbe perante ela e cede desastradamente, depois do que ela diz na Eneida: *Por Enéias sou vencida*³⁵⁶.

O próprio Enéias recebe de Heleno este conselho como que religioso: *Oferece de boa vontade os teus votos a Juno e com súplices oferendas vence a poderosa soberana*³⁵⁷.

Segundo esta opinião, que não emite como sua, mas como vinha de outros, Porfírio diz que um deus bom ou um bom gênio não virá a uma pessoa se o mau não for antes apaziguado; como se as divindades más fossem mais fortes do que as boas, pois que as más impedem a assistência das boas e não cedem o lugar senão depois de terem sido apaziguadas e, contra a sua oposição, as boas não podem ser úteis, mas as más podem causar mal sem que as boas lhes possam resistir!

³⁵⁶ vincor ab Aenea. Virgílio, *Eneida*, VII, 310.

³⁵⁷ Junoni cane vota libens, dominamque potentem. Supplicibus supera domis. Virgílio, *Eneida*, III, 438-439.

Não é este o caminho da verdadeira e verdadeiramente santa religião. Não foi assim que os nossos mártires triunfaram de Juno, isto é, das potências aéreas invejosas das virtudes dos santos. Os nossos heróis, se nos é permitido usar este nome, triunfaram de Hera por virtudes divinas e de forma nenhuma por «súplices oferendas». Cipião foi mais a propósito cognominado «O Africano» ao triunfar da África pelo seu valor do que se tivesse aplacado os seus inimigos com dádivas para o pouparem.

CAPÍTULO XXII

Origem do poder dos santos contra os demônios e origem da verdadeira purificação do coração.

As pessoas de Deus expulsam a potestade do ar, inimiga e contrária à piedade, não placando-a, mas conjurando-a com verdadeira piedade. Vencem todas as tentações desse inimigo, rogando contra ele, não a ele próprio mas ao seu Deus.

De fato, tal potestade a ninguém vence nem subjuga, a não ser pela associação ao seu pecado. É, pois, vencida em nome d'Aquele que assumiu a condição humana e levou uma vida sem pecado, para que a remissão dos pecados se operasse n'Ele, sacerdote e sacrifício, mediador entre Deus e os humanos, o Homem Jesus Cristo, por quem, purificados dos pecados, somos reconciliados com Deus. Efe-тивamente só os nossos pecados nos separam de Deus.

Nesta vida não é por virtude nossa, mas por misericórdia de Deus; não é por poder nosso, mas por indulgência d'Ele, que se opera em nós a purificação dos pecados. A própria virtude, seja ela qual for, que chamamos nossa, foi-nos concedida pela sua bondade. E muito atribuiríamos a esta carne se não vivêssemos por permissão d'Ele até a deixarmos.

Também a graça nos é concedida pelo mediador, para que, maculados pela carne do pecado, fiquemos limpos pela semelhança da carne do pecado. Por esta graça de Deus, pela qual Ele nos mostra a sua grande misericórdia, somos governados, mediante a fé, nesta vida e, depois desta vida, seremos levados pela própria beleza da verdade imutável à plenitude da perfeição.

CAPÍTULO XXIII

Princípios da purificação da alma segundo os platônicos.

Diz ainda Porfírio que, segundo uma resposta dos oráculos divinos, as *teletas*³⁵⁸ da Lua e do Sol não nos purificam, querendo assim mostrar que o ser humano não pode ser purificado pelas *teletas* de nenhum deus. Quais são então as *teletas* que nos purificam, se não nos purificam as da Lua e do Sol, que são tidos por principais entre

³⁵⁸ «*Teletas* eram ritos constituídos, essencialmente, por fórmulas destinadas a convencer os deuses. Com essas fórmulas pretendia-se sobretudo coagir os deuses a apresentarem-se nas imagens que os representavam. Cf. supra Cap. IX. V. Sobre o assunto: Boyancé, *Le culte des muses*, Paris, 1936, pp. 48 e 55.

os deuses do Céu? Acaba por afirmar que o oráculo anunciou que os princípios podem purificar; é que receou que, depois de ter dito que as *teletas* do Sol e da Lua não purificavam, se poderia vir a julgar que as *teletas* de qualquer outro da turbamulta dos deuses teria poder para purificar.

Pois bem, sabemos quais são os princípios que ele admite, como platônico. Fala, de fato, de Deus Pai e de Deus Filho a quem em grego chama «Inteligência Paterna» ou «Mente Paterna». Acerca do Espírito Santo nada diz, ou o que diz não é claro. Não comprehendo qual é esse outro que coloca entre os dois. Se queria falar de uma terceira natureza da alma, como Plotino, quando trata das *Três principais substâncias* (*De Tribus principalibus substantiis*), não falaria de um médio entre eles, isto é, entre o Pai e o Filho.

Realmente Plotino põe a natureza da alma depois da «Inteligência Paterna»; mas Porfírio, falando de um meio, não a coloca depois, mas entre as duas. Fala assim, como lhe foi possível, do que nós chamamos o Espírito Santo; não apenas do «Espírito do Pai» nem apenas do «Espírito do Filho», mas do Espírito de Um e Outro. De fato, os filósofos escolhem livremente os seus termos e, nas questões mais difíceis de compreender, não receiam ofender os ouvidos religiosos. Mas a nós convém que se fale conforme uma regra precisa e não aconteça que a liberdade nas palavras gere uma opinião ímpia acerca das coisas que elas designam.

CAPÍTULO XXIV

Único verdadeiro princípio que purifica e renova a natureza humana.

Por isso nós, quando falamos de Deus, não afirmamos dois ou três princípios, tal como não nos é permitido afirmar dois ou três deuses. É certo que, quando falamos de cada uma das pessoas divinas — do Pai, do Filho ou do Espírito Santo — confessamos que cada um é Deus; todavia não dizemos, como os heréticos Sabelianos, que o Pai é idêntico ao Filho, que o Espírito Santo é idêntico ao Pai e ao Filho. Mas dizemos que o Pai é o Pai do Filho, que o Filho é Filho do Pai e que o Espírito Santo, sem ser nem o Pai nem o Filho, é o Espírito do Pai e do Filho. E assim se diz com verdade que o ser humano não é purificado senão por um princípio, embora entre eles (filósofos) se fale de princípios no plural.

Porfírio, porém, dominado pelas potestades ciosas, das quais sentia vergonha, mas que tinha medo de livremente rebater, não quis reconhecer o Cristo Senhor como o Princípio por cuja encarnação somos purificados. Desprezou-o nessa carne que Cristo assumiu para ser sacrifício da nossa purificação. Não compreendeu este grande sacramento devido ao orgulho que o bom, o verdadeiro mediador abateu pela sua humildade, mostrando-se aos mortais nessa mortalidade que os maléficos e enganadores mediadores não tinham e, por isso, com mais arrogância se envaideceram, prometendo, como imor-

tais a mortais, uma ilusória aos infelizes seres humanos. Mas como bom e verdadeiro mediador mostrou que o mal é o pecado e não a substância ou a natureza da carne. Ele pôde, pois, assumir esta carne e com ela uma alma humana e conservá-la sem pecado, como pôde depô-la com a sua morte e transformá-la para melhor com a sua resurreição. Mostrou que nem a própria morte — castigo do pecado que Ele, embora sem pecado, sofreu por nós — pode ser evitada ao que peca, mas deve sim ser suportada, quando a ocasião surgir, como coisa justa. Não morreu por que pecou, mas morreu porque, morrendo, pôde pagar os nossos pecados.

O citado platônico não soube que este é que era o Princípio pois, se o soubesse, tê-lo-ia reconhecido como purificador. Não é a carne que há n'Ele que é o princípio e nem a alma humana; é o Verbo por quem tudo foi feito. A carne não purifica, pois, por ela mesma, mas pelo Verbo por quem foi assumida quando *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*³⁵⁹.

Também quando falava misticamente da sua carne que devia ser comida e os que o não compreenderam se retiraram ofendidos dizendo: *É dura esta palavra; quem a pode ouvir?*³⁶⁰, respondeu Ele

³⁵⁹ *Verbum caro factum est et habitavit in nobis.* João, I, 14.

³⁶⁰ *Durus est hic sermo, quis eum potest audire?* João, VI, 60.

aos que ficaram: *É o espírito que vivifica e a carne para nada serve*³⁶¹.

O Princípio, portanto, tomando uma alma e uma carne, purifica a alma e a carne dos crentes. Por isso, aos judeus que lhe perguntaram quem era Ele, respondeu que era o Princípio. E nós, carnais, enfermos, sujeitos ao pecado, envolvidos nas trevas da ignorância, seríamos totalmente incapazes de compreender isso, se não fôssemos purificados e curados por Ele, por meio do que éramos e do que não éramos.

Realmente, éramos humanos, mas não éramos justos e, na sua encarnação, Ele tinha uma natureza humana, mas justa e não pecadora. É esta a mediação pela qual foi estendida a mão aos que tinham caído e jaziam por terra. É esta a descendência preparada pelos anjos em cujas palavras se promulgava a lei que mandava prestar culto a um só Deus e prometia o mediador que havia de vir.

CAPÍTULO XXV

Todos os santos que viveram no tempo da Lei e nos séculos anteriores foram justificados no ministério e na fé de Cristo.

Foi pela fé neste mistério (*sacramentum*) que, mesmo os antigos justos que viveram piedosamente, puderam ser purificados, não somente antes de a Lei ter sido dada ao povo hebreu (porque nem

³⁶¹ *Spiritus est qui vivificat, caro autem non prodest quicquam.* João, VI, 63.

Deus nem os anjos deixaram de instruí-los), mas também no tempo da Lei, embora, como figura de realidades espirituais, ela pareça conter promessas carnais e por isso é que se chama Antigo Testamento. Realmente, existiam então Profetas que, como os anjos, anunciaram a mesma promessa e, entre eles, aquele de quem acima citei o pensamento tão profundo e tão divino acerca de soberano bem do ser humano: *Para mim, estar unido a Deus é que é bom*³⁶².

Neste Salmo fica bem clara a distinção entre os dois Testamentos, o Antigo e o Novo. Por causa das promessas carnais e terrenas em que via abundar os ímpios, diz o Profeta que os seus pés tremiam e os seus passos estiveram prestes a fraquejar, ao pensar que tinha servido a Deus em vão, pois a felicidade que d'Ele esperava, via-a ele prosperar naqueles que O desprezavam. Querendo saber a razão porque era assim, teve muita dificuldade, diz, em explicá-lo, até no momento em que, entrando no santuário de Deus, comprehendeu a sorte final dos que, no seu erro ele julgava felizes. Reconheceu, então que, na sua elevação, eles tinham sido, como diz, derrubados, tinham desaparecido e tinham perecido por causa das suas iniquidades. Este apogeu de felicidade temporal tornara-se para eles como o sonho de uma pessoa que, ao despertar, se encontra de repente privada das alegrias enganosas do seu sonho.

³⁶² *Mihi autem adhaerere Deo bonum est.* Salmo LXXII, 28.

E como nesta Terra, na Cidade Terrestre, eles se imaginavam grandes, conclui: *Senhor, na tua cidade reduzirás a nada a sua imagem*³⁶³.

Que a esta seja, porém, útil pedir mesmo os bens terrenos ao único Deus verdadeiro, em cujo poder estão todas as coisas, mostra-o bem quando diz: *Como um animal tenho estado diante de ti e estou sempre contigo*³⁶⁴. «Como um animal», disse, isto é, como alguém que não comprehende. Realmente, eu devia desejar de Ti as coisas que não podem ser comuns a mim e aos ímpios, mas, quando os vi na abundância, pensei que Te servi em vão, pois que esses bens eram a parte dos que não puderam servir-Te. Nem por isso deixarei de estar «sempre contigo», por que, mesmo em tais desejos, não recorri a outros deuses. Por isso continua: *Tomaste a minha mão direita, conduziste-me conforme a tua vontade e recebeste-me com glória*³⁶⁵, como se ficassem à esquerda todas aquelas coisas cuja abundância viu nos ímpios e por elas esteve prestes a desfalecer: *Que há para mim no Céu e, fora de Ti, que é que quis sobre a Terra?*³⁶⁶

A si próprio se repreende e tem razão para não estar satisfeito consigo próprio, por que, quando tinha no Céu tamanho bem (mais tarde o comprehendeu), pediu ao seu Deus bens transitórios, frágeis e,

³⁶³ Domine, in civitate tua imaginem illorum a d mihi lum rediges. Salmo LXXII, 20.

³⁶⁴ Velut pecus factus sum apud te, et ego semper tecum. Salmo LXXII, 23.

³⁶⁵ Tenuisti manum dexteræ meæ, in voluntate tua deduxisti me et cum gloria adsumpsisti me. Salmo LXXII, 24.

³⁶⁶ Quid enim mihi est in coelo, et a te quid volui super terram? Salmo LXXII, 25.

a bem dizer, uma felicidade de lama na Terra. Diz ele: *Desfaleceu a minha carne e o meu coração, Deus do meu coração*³⁶⁷. Desfalecimento feliz, com certeza, que das coisas cá de baixo leva às do alto! Por isso diz outro salmo: *Minha alma se consome e anela pelos átrios do Senhor*³⁶⁸. E noutra passagem: *Por tua salvação desfalece a minha alma*³⁶⁹.

Todavia, depois de ter falado de um e outro desfalecimento — o do coração e o da carne — não acrescentou «Deus do meu coração e da minha carne », mas apenas «Deus da minha carne», por que, na verdade, é o coração que purifica a carne. Daí estas palavras do Senhor: *Limpa o que está dentro, que o que está por fora limpo será*³⁷⁰

Diz a seguir que o seu quinhão é o próprio Deus; nada que venha d'Ele mas Ele mesmo: *Deus do meu coração, Deus meu quinhão, Deus meu para sempre*³⁷¹. Fala assim por que de tudo o que se oferece à escolha dos humanos, é ao próprio Deus que lhe apraz escolher.

³⁶⁷ *Defecit cor meum et caro mea, Deus cordis mei.* Salmo LXXII, 26.

³⁶⁸ *Desiderat et deficit anima mea in atria Domini.* Salmo LXXX, 2.

³⁶⁹ *Deficit in salutare tuum anima mea.* Salmo CXVIII, 81.

³⁷⁰ *Mundate quae intus sunt et quae foris sunt munda erunt.* Mat., XXIII, 26.

³⁷¹ *Deus cordis mei, et pars mea Deus in saecula.* Salmo LXXII, 26.

E continua: *Porque eis que os que se afastaram de ti morrerão; perdeste todos os que a infidelidade afastou de ti*³⁷², isto é, aquele que deseja ser o lúpanar de uma multidão de deuses.

Segue-se, finalmente, o que motivou as outras citações deste salmo: *Para mim estar unido a Deus é que é bom*, isto é, não me afastar d'Ele, não me entregar a tantas fornicações. E esta união só será perfeita quando se tenha libertado de tudo aquilo de que se deve libertar.

Mas agora é que se realiza o que se segue: *Pôr em Deus a minha esperança*³⁷³, porque, diz o Apóstolo: *Ver o que se espera já não é esperar. Quem vê, como pode esperar? Mas se esperamos o que não vemos, aguardemo-lo com constância*³⁷⁴.

Situados agora nesta esperança, ponhamos em prática o que se segue e sejamos nós também, à nossa medida, anjos de Deus, isto é, seus mensageiros, anunciando a sua vontade e louvando a sua glória e a sua graça.

Por isso, tendo dito: *Pôr em Deus a minha esperança*, acrescenta: *Para anunciar todas as tuas glórias às portas da filha de Sião*³⁷⁵.

³⁷² *Quia ecce qui longe se faciunt a te, peribunt; perdidisti otnem qui fomicatur abs te.* Salmo LXXII, 27.

³⁷³ *Ponere in Deo spem meam.* Salmo LXXII, 26.

³⁷⁴ *Spes enim quae videtur, non est spes; quod enim videt quis, quid sperat? Si autem quod non videmus speramus, per patientiam expectamus.* Rom., VIII, 24-26.

³⁷⁵ *ut adnuntiem omnes laudes tuas in portis filiae Sion.* Salmo LXXII, 26.

É esta a gloriosíssima Cidade de Deus, aquela que conhece e adora um só Deus, aquela que nos anunciaram os santos anjos, convidando-nos a fazermos parte dela e desejando que sejamos nela seus concidadãos. Eles, de fato, não pretendem que os honremos como deuses mas que, com eles, adoremos o seu e nosso Deus. Eles não pretendem que lhes ofereçamos sacrifícios, mas que, com eles, sejamos um sacrifício oferecido a Deus.

Assim, pois, quem, posta de parte toda a maligna obstinação, considera tudo isto, não pode pôr em dúvida que todos os bem-aventurados imortais que não nos invejam — não seriam felizes se nos invejassem, mas antes, nos amam para que sejamos felizes com eles — são-nos bem mais favoráveis, ajudam-nos muito mais, se com eles adorarmos o Deus único — Pai, Filho e Espírito Santo — do que se a eles lhes prestássemos culto, oferecendo-lhes sacrifícios.

CAPÍTULO XXVI

Inconstância de Porfírio hesitando entre a confissão do verdadeiro Deus e o culto aos demônios.

Quanto a mim, não sei por que é que Porfírio se sentia envergonhado entre os seus amigos teurgos. Sabia de certo modo tudo isto, mas não se sentia com liberdade para o defender contra o culto dos múltiplos deuses. Disse que havia de fato anjos que, descendendo

alto, ensinavam aos teurgos as coisas divinas e que outros, estando na Terra, anunciavam as coisas do Pai, sua sublimidade e profundidade.

Será que se pode acreditar que estes anjos, cujo ofício consiste em nos anunciar a vontade do Pai, queiram ver-nos submetidos a outros que não Àquele cuja vontade nos anunciam? Por isso mesmo o platônico nos aconselha com toda a razão que, em vez de os invocarmos, devemos imitá-los. Não devemos, portanto, ter receio de ofender estes seres imortais e bem-aventurados por não lhes oferecermos sacrifícios. Por que o que eles sabem não ser devido senão ao verdadeiro Deus, cuja posse constitui a sua felicidade, sem dúvida alguma não o desejam para eles mesmos, nem em figura, nem na sua própria realidade expressa pelos sacramentos. Esta arrogância é própria dos demônios orgulhosos e infelizes, dos quais estão muito longe os piedosos servidores de Deus que não procuram a sua felicidade senão na união com Ele. Para conseguirem este bem devem eles favorecer-nos com sincera benevolência, não arrogando o direito de a eles nos sujeitarem, mas anunciando-nos Àquele sob cuja autoridade nós lhes seremos associados na paz.

Por que receias então, ó filósofo, levantar livremente a voz contra estas potências ciosas das verdadeiras virtudes e dos dons do verdadeiro Deus? Já distinguiste os anjos que anunciam a vontade do Pai, daqueles que atraídos não sei por que artimanha descem até aos teurgos. Por que continuas ainda a honrá-los ao ponto de afirmares

que eles anunciam coisas divinas? Que coisas divinas podem anunciar esses anjos que não anunciam a vontade do Pai? Outros não são eles senão esses espíritos que um invejoso amarrou com os seus sortilégios para os impedir de purificarem uma alma, sem que a pessoa de bem que, como dizes, deseja essa purificação, possa libertá-los das suas amarras e restituir-lhes o seu poder.

Dúvidas ainda que sejam malignos demônios ou finges talvez ignorar, com receio de ofender os teurgos que enganaram a tua curiosidade e que te transmitiram, como um grande benefício, essa ciência perniciosa e insensata? E ousas levantar até aos Céus, acima dos ares, esta inveja que não é um poder mas uma pestilência — não uma senhora, mas, como confessas, uma escrava de invejosos — atreves-te a colocá-la entre os vossos deuses *sidérios* ou difamar os próprios astros com semelhantes opróbrios?

CAPÍTULO XXVII

A impiedade de Porfírio ultrapassa o erro de Apuleio.

Muito mais humano e suportável foi o erro do platônico Apuleio, teu correligionário. Este, ao tratar do culto dos deuses, confessou, por querer ou sem querer, que apenas os demônios colocados abaixo da esfera da Lua são agitados pelas enfermidades das paixões e pelas desordens da mente. Mas os deuses supremos do Céu que residem nos espaços etéreos, quer os visíveis que brilham tão clara-

mente aos seus olhos (como o Sol, a Lua e os outros astros), quer os invisíveis que ele via em imaginação, põe ele toda a sua argumentação em preservá-los do menor contágio dessas perturbações.

Mas tu, não foi de Platão, foi de teus mestres caldeus que aprendeste a levantar os vícios humanos até às sublimidades do mundo, etéreas ou empíreas e até aos celestes firmamentos, para que os vossos deuses pudessem anunciar aos teurgos as coisas divinas.

Todavia, pela tua vida intelectual tu pões-te acima destas coisas divinas, não duvidando de que, na tua qualidade de filósofo, não tens necessidade das purificações da arte teúrgica. Todavia, impõe-las aos outros, como que para pagares uma espécie de dívida para com os mestres, pois, aos que não podem filosofar, tratas de arrastá-los para essas purificações que julgas inúteis para ti, dotado de mais altas capacidades. Quer dizer: todos os que estão afastados da virtude da filosofia, que é árdua e de poucos, na tua opinião devem buscar os teurgos para se fazerem purificar, não na sua alma intelectual mas, ou menos, na sua alma espiritual. E como aqueles que não gostam de filosofar são incomparavelmente em muito maior número, a maior parte é forçada a socorrer-se mais desses teus ilícitos segredos do que das escolas platônicas.

Realmente, foi isto que te prometeram os imundos demônios, fingindo-se deuses etéreos de que te fizeste o pregador e o anjo: que as purificações pela parte teúrgica na alma espiritual não voltam com

certeza ao Pai, mas habitarão para lá das regiões aéreas, entre os deuses etéreos.

É isto que a multidão humana, que Cristo veio libertar do domínio dos demônios, não ouve. É, na verdade, n'Ele que encontram a mais misericordiosa das purificações: a da inteligência, a do espírito e a do corpo. Por que, se Ele assumiu a humanidade toda, sem o pecado, foi para curar da peste do pecado tudo o que constitui a humanidade. Oxalá o tivesses tu conhecido e, para alcançares com mais segurança a salvação, te tivesses encomendado mais a Ele que à tua virtude humana, frágil e débil, ou à tua funesta curiosidade. Realmente, não te teria enganado Aquele que os vossos oráculos, como tu mesmo escreveste, reconheceram como santo e imortal.

D'Ele disse também o mais ilustre dos poetas — é certo que como poeta, pois o disse figuradamente de outra pessoa — mas que com toda a verdade referimos a Cristo: *Sob a tua liderança, se algum vestígio do nosso crime perdura, ele será apagado e a Terra libertada do seu perpétuo terror*³⁷⁶.

Trata-se aqui do que, dada a fraqueza desta vida, pode subsistir, se não de crimes, pelo menos de vestígios de crimes, mesmo entre os mais avançados na virtude da justiça e que só o Salvador designando nestes versos pode apagar. Que não fala em seu próprio nome, o

³⁷⁶ *Te duce, si qua manem sceleris vestigia nostri, Innita perpetua solvent formidine terras.* Virgílio, *Égl.*, IV, 13-14.

próprio Virgílio o indica no quarto verso, creio eu, da sua égloga, ao dizer: *Já chegou a última idade do oráculo de Cumas*³⁷⁷. Daqui se conclui, sem receio, que quem isto disse foi a Sibila de Cumas.

Mas os teurgos, ou antes os demônios na aparência e figura de deuses, em vez de purificarem o espírito humano, sujam-no com a falsidade das suas visões e o enganoso ludibriu das suas vãs formas. Como poderão purificar o espírito humano, eles que têm sujo o seu? Se assim não fosse, não se deixariam prender por encantamentos de um homem invejoso nem reteriam, por medo, ou negariam, por uma inveja semelhante, aquele mesmo benefício ilusório que, parecia, iam prestar. Basta que dê ares à teurgia incapaz de justificar a nossa alma intelectual, isto é, a inteligência; quanto à parte espiritual, inferior à inteligência, se essa arte, como tu afirmas, a pode purificar, ela não pode — és tu quem o confessa — torná-la imortal e eterna.

Cristo, porém, promete a vida eterna e, por isso, o Mundo corre para Ele, causando-vos indignação, sem dúvida e também admiração e espanto.

E de que é que serve tudo isso, se não pudeste negar que as pessoas erraram com o ensino teúrgico e que muitos se extraviaram por causa desta doutrina cega e estulta e que é um erro bem evidente recorrer aos principados e aos anjos com as nossas súplicas e ritos?

³⁷⁷ *Vitima Cumaei venit jam carminis aetas.* Virgílio, Égl., IV, 4.

Foi para não parecer que perdeste o teu trabalho a ensinares estas coisas que remetes as pessoas para os teurgos, para que, por sua intervenção, se purifique a alma espiritual dos que não vivem segundo a alma intelectual?

CAPÍTULO XXVIII

Que convicções cegaram Porfírio ao ponto de não reconhecer a verdadeira sabedoria que é Cristo.

Atiras as pessoas para o mais certo dos erros e não te envergonhas de tamanho mal, tu que te proclamas amante da virtude e da sabedoria. Se as tivesses amado de verdade e com fidelidade, terias conhecido Cristo, força de Deus e sapiência de Deus e não terias recuado, intumescido pelo inchaço duma vã ciência, perante a sua humildade salutar.

Confessas, todavia, que até a alma espiritual pode __ sem as artimanhas teúrgicas e suas *teletas*, vãos objetos dos teus laboriosos estudos __ ser purificada pela virtude da continência. Dizes até, por vezes, que as *teletas* não elevam a alma após a morte, de maneira que, mesmo para a alma a que chamas «espiritual», parece que elas não têm qualquer utilidade depois do fim desta vida. Contudo, revolves estas coisas de muitas formas e repete-las para mais nada, julgo eu, que não seja o de pareceres conhecedor destas matérias, de agra-

dares às pessoas curiosas destas artimanhas ilícitas ou de tu mesmo lhes inspirares esta curiosidade.

Mas fizeste bem em declarar que estas artimanhas são de recear devido à ameaça das leis ou aos perigos da sua própria prática. Oxalá que, pelo menos, te ouçam estes seus desgraçados partidários, que se afastem a teurgia para não serem por ela absorvidos, que evitem todos se aproximar dela.

Dizes, é verdade, que a ignorância e os numerosos vícios que dela derivam não são purificados por (*per*) qualquer *teleta* mas apenas pelo (*per*) *Patrikon Noun*, isto é, pela «mente ou inteligência paterna», que tem consciência da vontade do Pai. Mas não acreditas que ela é o Cristo, que tu desprezas por ter um corpo recebido de uma mulher e por causa do opróbrio da cruz. Desprezas e repeles as coisas ínfimas por que te julgas capaz de captar, desde o cume, a mais alta sabedoria. Ele, Cristo, cumpre o que, com verdade, predisseram os santos profetas: *Perderei a sabedoria dos sábios e reprovarrei a prudência dos prudentes*³⁷⁸.

Não perde nem reprova neles a sua, a que Ele lhes deu, mas aquela que se arrogam os que não têm a d'Ele. Por isso, depois de ter rememorado o testemunho profético, o Apóstolo diz:

³⁷⁸ *Perdam sapientiam sapientium et prudentiam prudentium reprobabo.* Isaías, XXIX, 14.

*Onde está o sábio? Onde está o letrado? Onde está o investigador deste mundo? Da sabedoria deste mundo não fez Deus loucura? Já que o mundo, pela sua sabedoria, não conheceu Deus na Sabedoria de Deus, a Deus aprouve salvar os crentes pela loucura que pregamos. Os Judeus reclamam milagres e os Gregos procuram a sabedoria. Nós, porém, pregamos Cristo crucificado, escândalo para os Judeus, loucura para os Gentios, mas para os eleitos — Judeus e Gregos — poder e sabedoria de Deus. Por que a loucura de Deus é mais sábia do que os homens e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens*³⁷⁹.

Esta é a loucura e a fraqueza que os sábios e os fortes desprezam, apoiados no que julgam a sua virtude. Mas é a graça que cura os fracos que não se pavoneiam orgulhosamente da sua falsa beatitude, mas antes, humildemente confessam a sua autêntica miséria.

³⁷⁹ *Ubi sapiens? Ubi scriba? Ubi conqueror hujus saeculi? Nonne stultan fecit Deus sapientiam hujus mundi? Nam quoniam in Dei sapientia, non cogitavit mundus per sapientiam Deum, placuit Deo per stultitiam praedicationis salvos jacere credentes. Quoniam quidem Judaei signa petunt et Graeci sapientiam querunt; nos autem praedicamus Christum crucifixum, Judaeis quidem scandalum gentibus autem stultiam, ipsis vero vocatis Judaeis et Graecis Christum Dei virtutem et Dei sapientiam; quoniam stultum Dei sapientius est hominibus, et infirmum Dei fortius est hominibus.* I Coríntios, I. 19-25.

CAPÍTULO XXIX

A impiedade dos platônicos envergonha-se de confessar a encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Proclamas o Pai e seu Filho, a quem chamas «Intelecto ou Mente Paterna», assim como o que está no meio dos dois que, julgamos nós, será, na tua maneira de dizer, o Espírito Santo e a quem, segundo os vossos hábitos, chamas três deuses. Nisso, embora usando de termos imprecisos, sabeis de algum modo e como que através das sombras duma frágil imaginação, qual o alvo que se deve atingir. Mas a encarnação do Filho imutável de Deus, pela qual nos salvamos e a qual nos permite chegarmos ao que cremos, ou, por pouco que seja, compreendemos, não quereis vós reconhecer. Assim, pois, vedes, embora de longe e com a vista embaçada, a pátria onde devemos permanecer; mas não sois senhores do caminho por onde se deve seguir.

Contudo, confessas a graça, pois dizes que só a poucos foi concedido chegar a Deus pelo poder da inteligência. Realmente, não dizes: «aprouve a poucos» ou «poucos quiseram», mas, dizendo «foi concedido», não há dúvida de que confessas a graça de Deus e não a ciência humana e falas ainda da graça em termos mais claros quando, segundo a opinião de Platão, não duvidas de que é impossível ao ser humano chegar à sabedoria perfeita, mas o que falta aos que vivem

segundo a inteligência, pode, pela providência e pela graça de Deus, completar-se depois desta vida.

Oh! Se tivesses conhecido a graça de Deus por Jesus Cristo Nossa Senhor; se tivesses podido ver na encarnação, em que Ele tomou uma alma e um corpo humano, a mais bela das graças!

Mas que hei de fazer? Sei que é em vão que falo a um morto, pelo menos no que a ti se refere. Mas talvez não seja em vão que me dirijo, mais do que a ti, aos que te admiram e te amam devido a certo apego à sabedoria ou à curiosidade pelas artes que não devias ter estudado.

A graça de Deus não podia ser mais graciosamente realçada do que no Filho único de Deus que, mantendo-se em Si imutável, se revestiu de humanidade e deu aos humanos, pela mediação humana, o espírito do seu amor, para que, por este amor, possam os humanos chegar a Ele, tão afastado dos mortais pela sua imortalidade, pela sua imutabilidade dos que mudam, pela sua justiça dos ímpios e pela sua beatitude dos infelizes. E por que na nossa própria natureza infundiu o desejo de felicidade e de imortalidade, permanecendo bem-aventurado ao assumir a humanidade mortal para nos conferir o que amamos, ensinou-nos pelos seus sofrimentos a desprezar o que receamos.

Mas, para poderdes aceitar esta verdade, tendes necessidade de humildade, virtude bem difícil de vencer cabeças como as vossas.

Realmente, que é que há de incrível — sobretudo para vós, cuja doutrina vos convida a voltar-vos para esta crença — que é que há de incrível, sobretudo para vós, repito, em ouvir-nos afirmar que Deus assumiu a alma e um corpo humano?

Certamente formais da alma intelectual, que é sem dúvida humana, uma tão elevada ideia que ela pode, na vossa opinião, tornar-se consubstancial àquela Inteligência Paterna em que reconheceis o Filho de Deus. Que há, pois, de incrível se uma dessas almas intelectuais, duma forma inefável e excepcional, foi assumida para a salvação de muitos.

O corpo está unido à alma para constituir o ser humano total e completo e sabemo-lo pelo testemunho da nossa natureza. Se isto não fosse um fato, tanto da experiência corrente, seria, com certeza, um fato bastante difícil de crer. Realmente, é mais fácil crer na união do humano com o divino, do mutável com o imutável e até de um espírito ou, segundo a vossa maneira de falar, do incorpóreo com o incorpóreo, do que na união de um corpo com um incorpóreo.

Será que o extraordinário parto de um filho por uma virgem nos repugna? Mas isso não vos deve espantar, pelo contrário; o fato de um ser admirável vir ao mundo de uma maneira admirável deveria levar-vos a experimentar um sentimento de piedade.

Será que vos recusais a acreditar que este corpo, abandonado com a morte, passado pela ressurreição a um estado melhor, doravante incorruptível e imortal, Ele o tenha arrebatado para as alturas?

Tendes, sem dúvida, os olhos postos em Porfírio, nos seus livros acerca do **Regresso da alma** (*De regressu anime*), de que já citei muitas passagens, onde ele repete tantas vezes: «Deve-se fugir de todo o corpo, para que a alma possa manter-se bem-aventurada com Deus». Mas, a sua opinião é que ele devia corrigir, sobretudo porque partilhais com ele tantas ideias incríveis acerca da alma deste mundo visível, desta imensa massa corporal.

Encostados à autoridade de Platão, chegais mesmo a dizer que o mundo é um ser animado, um ser vivo, todo felicidade e até, acrescentais vós, eterno. Como é, então, que a alma nunca se separará do corpo e nunca deixará de ser feliz, se, para ser feliz, precisa de evitar todo o corpo?

E o Sol e os outros astros, também reconheceis nos vossos livros que eles são corpos e toda a gente o constata e concorda convosco sem hesitar. Todavia, acrescentais, em nome de uma ciência mais profunda, parece-vos, que eles são seres vivos felicíssimos e, com esses corpos, eternos.

Mas, então, por que é que, quando vos é exposta a fé cristã, esqueceis ou gostais de ignorar o que costumais sustentar e ensinar? Por que é que em nome dessas vossas opiniões, que vós próprios

desmentis, não quereis ser cristãos, senão porque Cristo apareceu humildemente e vós sois orgulhosos?

Quais serão as qualidades dos corpos dos santos na ressurreição? Os mais doutos nas Escrituras cristãs podem discuti-lo com grande precisão. Não temos a menor dúvida de que ele será imortal e de que Cristo mostrou dele o modelo na ressurreição. Mas quaisquer que sejam as qualidades que tenham os corpos ressuscitados, se por um lado se diz que são absolutamente incorruptíveis e imortais e que não criariam qualquer obstáculo à contemplação que fixa a alma a Deus e, por outro lado, afirmais que há corpos imortais entre os imortalmente felizes, por que é então que julgais que, para sermos felizes, devemos fugir de todo corpo, acreditando encontrar nisto uma boa razão de fugir à fé cristã? Porque será senão, volto a dizê-lo, porque Cristo é humilde e vós sois orgulhosos? Será que tendes vergonha de que vos corrijam? É esse, precisamente, o vício dos orgulhosos. Causa de fato vergonha aos sábios abandonarem a escola de Platão e fazerem-se discípulos de Cristo que, pelo seu Espírito, ensinou um pescador a dizer com sabedoria:

No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus. No princípio estava em Deus. Tudo foi feito por Ele e nada do que foi feito, foi feito sem Ele. N'Ele estava a vida e a vida era a

*luz dos homens e a luz brilhou nas trevas e as trevas não o compreenderam*³⁸⁰.

É este o princípio do Santo Evangelho que nós chamamos «segundo João». Conforme ouvimos muitas vezes o santo velho Simplíciano contar (que posteriormente, como bispo, presidiu à Igreja de Milão), houve um platônico que dizia dever este princípio ser escrito em letras de ouro e colocado em todas as igrejas no lugar mais destacado.

Mas, entre os orgulhosos, Deus, o Doutor por excelência, perdeu todo o crédito desde que *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*³⁸¹. Para estes infelizes é pouco estarem doentes; é preciso ainda que eles se vangloriem da sua doença e se envergonhem dos remédios que os poderiam curar. Não procedem assim para se elevarem, mas para que, caindo, agravem mais o seu mal.

CAPÍTULO XXX

Doutrinas de Platão refutadas e corrigidas por Porfírio.

Se, depois de Platão, se considera indigno corrigir-lhe qualquer opinião, porque é que o mencionado Porfírio lhe emendou algumas e não de pouca monta?

³⁸⁰ *In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil, quod factum est. In ipso vita erat, et lux hominum, et lux in tenebris lucet, et tenebrae earn non comprehenderunt.* João, I, 1-3.

³⁸¹ *Verbum caro jactum est et habitavit in nobis.* João, I, 14.

É questão totalmente certa que Platão escreveu que, após a morte, as almas humanas voltam para os corpos, mesmo dos animais. Também Plotino, mestre de Porfírio, sustenta a mesma opinião, mas Porfírio __ e com razão __ rejeitou-a.

É certo que admitiu o regresso das almas humanas, mas aos corpos humanos e não dos que elas tinham abandonado, mas a corpos novos. Envergonhava-se com certeza de aceitar aquela opinião. Não admitia que uma mãe, regressada talvez ao corpo de uma mula, servisse de montada a seu filho, mas não se envergonhava de admitir que uma mãe, tornada jovem, poderia, porventura, se casar com o filho.

Quão mais decente não será acreditar no que nos ensinaram os santos e verídicos anjos, no que nos disseram não só os profetas, animados do Espírito de Deus, mas também Aquele que os seus enviados anunciararam como sendo o Salvador que havia de vir e ainda os apóstolos, seus enviados, que encheram a orbe da Terra com o Evangelho. Quão mais decente, repito, não será acreditar no regresso, uma só vez, de cada alma ao corpo que lhe é próprio, do que todos esses regressos a corpos diferentes. Todavia, como disse, Porfírio emendou em grande parte esta opinião, ao sustentar que as almas humanas não podem cair senão nos corpos humanos, suprimindo, sem a menor hesitação, as prisões animais.

Diz ele ainda que Deus concedeu uma alma ao mundo para que, conhecendo os males provenientes da matéria ela regresse ao Pai e fique liberta, para o futuro, das máculas de semelhante contato. Há nisto com certeza algo de errado, pois a alma foi antes conferida ao corpo para fazer o bem. Realmente, ela não chegaria a conhecer o mal se o não praticasse. Mas Porfírio corrigiu essa opinião dos outros platônicos e não em pormenor de pouca monta, ao reconhecer que, uma vez purificada de todos os males e estabelecida com o Pai, a alma já não sofreria mais os males deste mundo.

Não há dúvida de que, desta maneira, arruinou a doutrina eminentemente platônica, de um círculo perpétuo da morte à vida e da vida à morte. Mostra ainda a falsidade do que, à maneira platônica, disse Virgílio: que as almas enviadas após a sua purificação aos Campos Elíseos (nome que, segundo a fábula, parece designar as alegrias dos bem-aventurados) são levadas ao rio Letes, isto é, ao esquecimento do passado *para que afastadas de toda a recordação, olhem de novo para a abóbada celeste e comecem a querer voltar aos corpos*³⁸².

Tem razão Porfírio em afastar esta doutrina. É realmente uma loucura acreditar que nessa vida — que só será totalmente feliz se estiver absolutamente certa da sua eternidade — as almas desejam a

³⁸² *Scilicet inmetiores supera ut convexa révisant. Rursus et incipient in corpora velle reverti.* Virgílio, Eneida, VI, 750-751.

ignomínia de corpos corruptíveis e se voltam para eles como se a purificação suprema tivesse por efeito voltar ao gosto da impureza.

Se, realmente, a purificação perfeita produz o esquecimento de todos os males e se este esquecimento desperta o desejo dos corpos, onde de novo se enredam em males, então será certo que a suma felicidade se torna causa de infelicidade, a perfeita sabedoria causa de tolice e a suprema purificação causa de imundície.

E não será com a verdade que a alma será feliz, (seja qual for o tempo em que ela feliz for), se, para ser feliz, tem que ser enganada. Realmente, ela não será feliz se não se sentir em segurança. Mas, para se sentir em segurança, ela terá de acreditar na sua felicidade eterna falsamente, pois um dia voltará a ser infeliz. Aquele que tem a felicidade como causa do seu regozijo, como pode regozijar-se com a verdade? Porfírio bem o viu e disse que a alma purificada volta ao Pai para não ser dominada nunca mais com o poluído contato dos maus.

Enganaram-se, pois, alguns platônicos ao acreditarem nesse círculo, a bem dizer fatal, em que cada um, do mesmo se afasta, para ao mesmo voltar. Ainda que isto fosse verdade, que interesse haveria em sabê-lo? A não ser que os platônicos tenham a ousadia de se considerarem superiores a nós, porque nós ignoramos, já nesta vida, o que eles, com toda a sua purificação e sabedoria, estavam destinados a ignorar na outra vida melhor, ao encontrarem a felicidade na falsi-

dade. Se isto constitui o maior dos absurdos e a maior das loucuras, evidentemente que a opinião de Porfírio deverá preferir-se à dos que imaginaram estes círculos das almas em que alternam perpetuamente a beatitude e a miséria. Se isto é assim, eis que temos um platônico que discorda, para melhor, de Platão; eis um que viu o que este não viu. Tendo vindo depois de um tão grande mestre, não hesitou em corrigi-lo; ao homem, preferiu a verdade.

CAPÍTULO XXXI

Contra o argumento dos platônicos de que a alma humana é coeterna com Deus.

Porque é então que, nestas questões que não podemos investigar com o engenho humano, não preferimos confiar na divindade que nos diz que a alma não é coeterna com Deus, mas foi por Ele criada, pois não existia?

Para recusarem um tal ato de fé, os platônicos apresentam esta razão, que julgam pertinente: se um ser não foi sempre no passado, não poderá no futuro existir para sempre. Embora ao escrever acerca do mundo e dos deuses criados no mundo por Deus, Platão afirme com toda a clareza que eles começaram a existir e tiveram um começo, diz, todavia, que fim é que não terão, mas, por vontade onipotente do seu autor, permanecerão no ser eternamente.

Mas o certo é que eles têm a sua maneira de compreender: não se trata de um começo de um tempo, mas de um começo de uma substituição. Dizem eles: «Realmente, se um pé sempre se mantiver, desde toda a eternidade, sobre o pó, desde sempre estará debaixo dele a sua pegada (e ninguém duvida de que a pegada foi feita por quem pousou o pé, mas esta não terá existido antes do pé, muito embora tenha sido provocada Por ele); pois, — dizem eles — também o mundo e os deuses no mundo sempre existiram, como sempre existiu quem os fez (e todavia foram feitos)».

Então, se a alma existiu sempre, teremos que dizer que também a sua infelicidade existiu sempre? Mas, se algo nela que não é eterno, começou a existir no tempo, por que será impossível que ela, sem ter existido antes, tenha começado a existir no tempo? Além disso a sua felicidade está destinada também a fortalecer-se com a experiência dos males e a persistir sem fim, como ele (Porfírio) confessa, «não há dúvida de que começou a existir no tempo e sempre existirá sem antes ter existido». Assim se esboroa toda a argumentação segundo a qual não poderia existir sem fim no tempo senão o que não teve começo no tempo. Não será o caso da felicidade da alma que, tendo princípio no tempo, não terá fim?

Ceda, pois, a fraqueza humana à autoridade divina! E, acerca da verdadeira religião, acreditemos nos seres bem-aventurados e imortais que não reclamam para si as honras, só devidas — eles bem

o sabem __ ao seu e também nosso Deus. Eles não nos ordenam que ofereçamos sacrifícios senão Àquele de quem nós, também com eles, como já tantas vezes disse e não será de mais repetir, devemos ser o sacrifício. E esse sacrifício devemos oferecê-lo por intermédio do sacerdote que, no ser humano assumido por Ele, no qual também Ele quis ser sacerdote, se dignou tornar-se sacrifício mesmo até à morte por nós.

CAPÍTULO XXXII

Porfírio, porque o procurou mal, não encontrou o caminho que conduz à libertação da alma. Só a graça cristã o descobre.

Esta é a religião que possui o caminho universal da libertação da alma, pois que nenhuma alma pode ser senão por esse caminho libertada. Este é, de certa maneira, o caminho régio único que conduz ao reino que não desliza na vertente do tempo, mas se afirma na estabilidade da eternidade. No fim do primeiro livro **Acerca do Regresso da alma** (*De regressu animae*), Porfírio declara que a doutrina que propõe o caminho universal da libertação da alma ainda não foi ensinada por nenhuma seita, nem por qualquer filosofia de grande aceitação, nem pelas disciplinas morais dos Indus, nem pela indução dos Caldeus, nem por qualquer outro sistema chegou essa doutrina, por via histórica, ao seu conhecimento. Admite, sem a mínima hesitação, que esse caminho existe, mas que não chegou ainda ao seu

conhecimento. Portanto, tudo o que ele tinha aprendido à custa de muito estudo acerca da libertação da alma, tudo o que, a si e aos outros mais do que a si, lhe parecia saber e possuir, tudo isso considerava insuficiente.

Realmente, sentia que ainda lhe faltava uma autoridade muito alta, cujas lições sobre questão de tanta monta deveria seguir. Quando afirma que nem a mais verdadeira se deu ainda a conhecer um sistema a propor o caminho universal da salvação da alma, mostra à saciedade, bem me parece, que essa filosofia, por ele professada, não é a mais verdadeira ou não possui tal caminho. E como pode ser a mais verdadeira sem conter esse caminho? Na verdade, que outro caminho universal de salvação das almas poderá haver senão aquele pelo qual são libertadas todas as almas e sem o qual, portanto, nenhuma é libertada?

Quando ele acrescenta: *Nem pelas disciplinas morais dos Indus, nem pela indução dos Caldeus, nem por qualquer outro sistema*³⁸³, de forma claríssima dá testemunho de que nada do que tinha aprendido dos Indus e dos caldeus propõe este caminho universal da libertação da alma e a verdade é que não lhe foi possível esconder que foi buscar junto aos caldeus os oráculos divinos que freqüentemente vai citando.

³⁸³ *Vel ab Indorum moribus ac disciplina, vel ab inductione Chaldaeorum vel alia qualibet via.* Porfírio, *De Regressu animae*, 1.º livro (?).

Que pretende ele então significar com esse caminho universal que ainda não foi proposto nem pela mais aceitável das filosofias, nem pelas doutrinas desses povos que são tidos por célebres nas coisas a que chamam divinas, por entre eles prevalecer uma grande curiosidade pela doutrina e pelo culto de certos anjos; caminho esse que ainda não chegou ao conhecimento da história?

Que caminho universal é esse senão o que a nação nenhuma pertence como coisa própria, mas foi concedido por Deus para ser comum a todos os povos? Este homem, dotado de um não medíocre engenho, certamente que não duvida de que ele existe: não crê que a Providência divina possa deixar o gênero humano privado deste caminho universal da salvação da alma. Ele não diz que não existe, apenas afirma que um tão grande bem, um tão elevado auxílio ainda não foi recebido nem chegou ao seu conhecimento.

Não é de estranhar. Porfírio vivia então em circunstâncias humanas em que este caminho universal de salvação da alma — que outro não era senão a religião Cristã — sofria, por permissão de Deus, os ataques dos sectários dos deuses e dos demônios, bem como dos reis da Terra. Era preciso que se assegurasse e consagrassse o número dos mártires, isto é, dos testemunhos da verdade destinados a mostrar e é preciso suportar os males do corpo pela fidelidade à verdadeira piedade e pela exaltação da verdade.

Porfírio via isto e estava convencido de que este caminho estava prestes a sucumbir às perseguições e, portanto, não era o caminho universal da salvação da alma. Não comprehendia que o que o emocionava e receava suportar se escolhesse esse caminho, servia antes para tornar mais firme esse caminho e para recomendá-lo mais eficazmente.

É, pois, este o caminho universal da salvação da alma, isto é, concedido a todos os povos pela misericórdia divina, perante cujo conhecimento ninguém a quem haja chegado ou venha a chegar, pode ou poderá perguntar: Por que só agora? Por que tão tarde? O designio d'Aquele que o envia não é penetrável para o engenho humano.

Porfírio bem o comprehendeu, quando declara que este dom de Deus ainda não foi recebido nem levado ao seu conhecimento. Todavia, absteve-se de considerá-lo falso só por que ainda o não tinha aceitado com fé ou por que ainda não tinha chegado ao seu conhecimento.

Este é que é, digo eu, o caminho universal da salvação dos crentes, a propósito do qual recebeu o fiel Abraão este oráculo divino: *Todos os povos serão abençoados na tua descendência*³⁸⁴.

³⁸⁴ *In semine tuo benedicentur omnes gentes.* Gênesis., XXII, 18.

Não há dúvida de que este era um caldeu; mas para receber tais promessas e para se tornar naquele de quem sairia a descendência *disposta pelos anjos nas mãos do mediador*³⁸⁵, em quem se viria a encontrar este caminho universal da salvação da alma dado a todos os povos, ele recebeu a ordem de abandonar a sua terra, os seus parentes e a casa de seu pai. Libertado, antes de mais nada, das suposições caldaicas, adotou o culto do único Deus verdadeiro e acreditou fielmente nas suas promessas.

Este é que é o caminho universal do qual se disse numa santa profecia: *Deus tenha piedade de nós e nos abençoe. Que ele faça brilhar sobre nós a sua face, para que na Terra conheçamos o teu caminho e seja a tua salvação conhecida de todos os povos*³⁸⁶.

É por isso que, tanto tempo depois, o Salvador que assumira a carne na descendência de Abraão, disse de si próprio: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*³⁸⁷.

Este é que é o caminho universal do qual tanto tempo antes se profetizou: *Nos últimos dias aparecerá a montanha do Senhor, estabelecida no cume dos montes. Ela elevar-se-á acima das colinas e todos os povos virão até ela e numerosas nações avançarão e dirão: Vinde, subamos à montanha do Senhor e à casa de Deus de Jacó. Ele*

³⁸⁵ *Depositum per angelos in manu Mediatoris.* Gálatas., III, 19.

³⁸⁶ *Deus misereatur nostri et benedicat nos; inluminet vultum suum super nos, ut cognoscamus in terra viam tuam, in omnibus gentibus salutare tuum.* Salmo LXVI, 2-5.

³⁸⁷ *Ego sum via, veritas et vita.* João, XIV, 6.

*nos mostrará o seu caminho e nele entraremos. Porque de Sião sairá a Lei e de Jerusalém a palavra do Senhor*³⁸⁸.

Não é, pois, o caminho de um só povo, mas de todas as nações. A Lei do Senhor e a sua palavra não ficaram em Sião e em Jerusalém; de lá saíram e espalharam-se por todo o universo. Daí que o próprio mediador, depois da sua ressurreição, tenha dito aos seus discípulos tomados de medo:

*Era preciso que se cumprisse o que foi escrito a meu respeito na Lei, nos profetas e nos salmos. Então abriu-lhes o entendimento para que compreendessem as Escrituras e disse-lhes: era preciso que o Cristo sofresse, que ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia e que em seu nome fossem pregadas a penitência e a remissão dos pecados a todos os povos, a começar por Jerusalém*³⁸⁹.

Este é que é, pois, o caminho universal da libertação da alma! Foi a ele que os santos anjos e os santos profetas anunciaram mediante o tabernáculo, o templo, o sacerdócio e os sacrifícios; primeiro, quando o puderam, a poucas pessoas que encontraram a graça de Deus e, principalmente, entre o povo hebreu. (A própria sagrada re-

³⁸⁸ *Erit in novissimis diebus manifestus mons Domini, paratus a cacumine montium et extolleatur super colles, et venient ad eum universae gentes et ingre tur nationes multae et dicent: Venite, ascendamus in montem Domini et domum Dei Jacob; et adnuntiabit nobis viam suam et ingrediemur in ea. Ex Sion enim prodiit lex et Verbum Domini ab Hierusalem.* Isaías, II, 2 e segs.

³⁸⁹ *Oportebat impletu quae scripta sunt in lege et prophetis et psalmis de me. Tunc aperit illis sensum, ut intellegerent scripturas, et dixit ás, qum oportebat tetriciff, Christum pari resurgere a mortuis tertio die et praedicari in nomine ejus paenitremissionem peccatorum per omnes gentes incipientibus ab Hierusalem.* Lucas, XXIV, 44-49.

pública do povo hebreu existia de certo modo, como que para profetizar e anunciar a Cidade de Deus que se havia de formar de todos os povos). Eles a anunciaram por palavras; claras algumas, mas, o mais das vezes, simbólicas.

Porém, o próprio mediador, presente na sua carne e os seus bem-aventurados apóstolos, revelando a graça do Novo Testamento, mostraram mais claramente o que, nos tempos anteriores era veladamente representado em conformidade com a distribuição das idades do gênero humano, como aprouve à sabedoria de Deus ordená-lo com o testemunho das maravilhosas obras divinas, algumas das quais já acima citei.

Realmente, não foram só visões angélicas que apareceram, não foram só palavras dos ministros celestes que se ouviram soar; mas também, à voz de pessoas de Deus, falando com humilde piedade, os espíritos imundos foram expulsos dos corpos e dos sentidos humanos; foram curados vícios e enfermidades do corpo e os animais da Terra e das águas, as aves do Céu, as árvores, os elementos, os astros obedeceram às ordens divinas; renderam-se os infernos e os mortos voltaram à vida; sem falar dos milagres particulares do próprio Salvador, sobretudo do seu nascimento e ressurreição; no primeiro se manifestou o sacramento da virgindade de sua mãe e no segundo se revelou o modelo dos que hão de ressuscitar no último dia.

Este caminho purifica o ser humano todo e, a ele mortal, prepara-o para a imortalidade de todas as partes que o constituem. E para que não se tenha uma purificação para a parte da alma a que Porfírio chama «intelectual», uma outra para a que ele chama «espiritual», e outra ainda para o corpo, o purificador e Salvador poderosíssimo e veracíssimo assumiu o ser humano todo. Fora deste caminho — que nunca faltou ao gênero humano, quer no tempo em que estes acontecimentos eram preditos, quer no tempo em que foram anunciados como já cumpridos — ninguém foi libertado, ninguém é libertado, ninguém será libertado.

Diz Porfírio que o caminho universal da libertação da alma não chegou ainda ao seu conhecimento pela história. Mas que é que se pode encontrar de mais luminoso que esta história, cuja autoridade, vinda de tão alto, se impõe ao mundo inteiro? E que mais digno de fé do que a narração dos fatos passados a predizerem os futuros e destes, muitos que estamos a ver já cumpridos nos incutem a esperança de que os outros se hão de cumprir?

De fato, nem Porfírio nem qualquer outro platônico podem, mesmo neste caminho das coisas terrenas pertinentes à vida mortal, desprezar as previsões e predições, tal como o fazem — e com razão — em relação aos outros vaticínios e adivinhações, quaisquer que sejam os seus métodos e processos.

Negam, efetivamente, que estas coisas sejam próprias de grandes pessoas ou que se tenham de ter em grande conta. Está certo. Realmente, ou acontecem com uma percepção antecipada das causas inferiores (assim, na arte médica, muitos fatos relativos à saúde são previstos nos seus sinais precursores), ou são obra de imundos demônios que anunciam antecipadamente os seus projetos e reivindacam o direito de os realizar, quer dirigindo os pensamentos e as paixões dos maus para as ações que com eles estão em conformidade, quer agindo sobre os mais baixos elementos da fragilidade humana.

Não foram tais predições que as pessoas santas, em marcha neste caminho universal da libertação das almas, tiveram a preocupação de fazer, como se elas tivessem grande importância, embora elas não lhes passassem desapercebidas e muitas vezes as predissessem para tornarem crível tudo o que, não caindo sob a alcada dos sentidos dos mortais, não podia impor-se nem ser verificado por uma experiência rápida.

Mas havia outros fatos verdadeiramente grandes e divinos, cuja realização anunciaram na medida em que lhes era concedido conhecer a vontade de Deus: a vinda de Cristo em carne com os prodígios cumpridos na sua pessoa e em seu nome; a penitência das pessoas e a conversão das suas vontades a Deus; a remissão dos pecados, a graça da justiça, a fé dos piedosos e, no mundo inteiro, a multidão dos que creem no verdadeiro Deus; a ruína do culto aos ídolos e dos demô-

nios, a provocação dos bons nas tentações, a purificação dos que progridem e a sua libertação de todo o mal; o dia do juízo, a ressurreição dos mortos; a eterna condenação da sociedade dos ímpios; o reino da gloriosíssima Cidade de Deus gozando mortalmente da sua presença; tudo isto foi predito e prometido acerca deste caminho nas Escrituras. Destas coisas vemos que foi já cumprida uma tão grande parte que uma salutar piedade nos dá confiança no cumprimento do que falta.

Este é que é o caminho certo para se chegar à visão de Deus e à eterna união com ele, que se proclama e afirma pela verdade das Sagradas Escrituras. Os que nela não creem — e por isso não a entendem — poderão com certeza se repugnar com esta verdade, mas não poderão vencê-la.

Talvez nestes dez livros não tenhamos respondido a tudo o que alguns esperavam de nós. Julgamos, porém, ter satisfeito, na medida em que o verdadeiro Deus e Senhor se dignou ajudar-nos, os desejos de outros, refutando as contradições dos ímpios, que preferem os seus deuses ao criador da Cidade Santa que é o objeto do nosso estudo.

Destes dez livros, os cinco primeiros foram escritos contra aqueles que julgam que os deuses devem ser adorados para se alcançarem os bens desta vida; os cinco seguintes contra aqueles para quem

o culto dos deuses deve ser praticado na mira da vida que há de vir após a morte.

E agora, como prometemos no livro primeiro, acerca das duas cidades que neste século, como dissemos, estão ligadas e misturadas uma na outra, irei.expor, com a ajuda de Deus, o que creio dever dizer a respeito da origem, desenvolvimento e desenlace que lhes são próprios.

Livro XI – A origem das duas cidades.

Começa a segunda parte desta obra que trata da origem das duas Cidades — Da Celeste e da Terrestre— do seu desenvolvimento e dos seus fins. Neste primeiro livro começa Agostinho por demonstrar que os primórdios das duas cidades tiveram um precedente na distinção entre anjos bons e anjos maus. Por tal motivo trata da criação do Mundo de que as Sagradas Escrituras nos oferecem a descrição no princípio do livro do Gênesis.

CAPÍTULO I

Nesta parte da obra começa-se por se mostrar as origens e os fins das duas Cidades, da Celeste e da Terrestre.

Chamamos Cidade de Deus àquela de que dá testemunho a Escritura que, não devido a movimentos fortuitos dos ânimos, mas antes devido a uma disposição da Suma Providência, ultrapassando pela sua divina autoridade todas as literaturas de todos os povos, acabou por subjugar toda a espécie de humanos engenhos. É, realmente, nela que está escrito: *Disseram de ti coisas gloriosas, ó cidade de Deus*³⁹⁰ e num outro salmo lê-se: *O Senhor é grande e digno dos maiores louvores na cidade do nosso Deus, na sua montanha santa, ele que aumenta o júbilo de toda a terra*³⁹¹ e um pouco mais à frente no mesmo salmo: *Como ouvimos, assim vimos na Cidade do Senhor das virtudes, na cidade do nosso Deus; Deus fundou-a para a eterni-*

³⁹⁰ *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei.* Salmo LXXXVI, 3.

³⁹¹ *Magnus Dominus et laudabilis nimis in civitate Dei nostri, in monte sancto ejus dilatans exultationes universae terrae.* Salmo XLVII, 2-3.

dade³⁹². E, da mesma forma, noutro salmo: *Uma torrente de alegria inunda a cidade de Deus; o Altíssimo santificou o seu tabernáculo; Deus está no meio dela; ela não será abalada*³⁹³.

Com estes testemunhos e outros que tais, que seria longo citar, sabemos que há uma Cidade de Deus da qual aspiramos ser cidadãos, movidos pelo amor que o seu fundador infundiu em nós. A este fundador da cidade santa preferem os cidadãos da Cidade Terrestre os seus próprios deuses, ignorando que Ele é o Deus dos deuses; não dos deuses falsos, isto é, ímpios e orgulhosos que, privados da luz imutável e a todos comum, reduzidos por isso a uma espécie de poder indigente, prosseguem o seu domínio a bem dizer pessoal ao reclamarem honras divinas daqueles que, por seus embustes, se lhes submeteram, mas é o Deus dos deuses piedosos e santos que preferem pôr toda a sua alegria em só a Ele se submeterem a pô-la em que muitos outros a si se submetam e preferem adorar a Deus a serem adorados em lugar de Deus.

Nos dez livros precedentes respondemos, como nos foi possível com a ajuda de nosso Senhor e Rei, aos inimigos da Cidade Santa. Agora, sabendo o que de mim esperam doravante e recordado do meu compromisso, sempre com confiança no auxílio do mesmo Se-

³⁹² *Sicut audivimus, ita et vidimus, in civitate Domini virtutum, in civitate Dei nostri; Deus fundavit eam in aeternum.* Salmo XLVII, 9.

³⁹³ *Fluminis impetus laetificat civitatem Dei, sanctificavit tabernaculum suu Altissimus; Deus in medio ejus non commovebitur.* Salmo XLV, 5-6.

nhor e Rei nosso, vou tratar de expor a origem, o desenvolvimento e os fins destas duas cidades, a terrena e a celeste, que estão, como disse, interligadas e de certo modo misturadas uma na outra no século presente. Mas antes direi de que maneira a origem das duas cidades teve como precedente a diversidade dos anjos.

CAPÍTULO II

Ao conhecimento de Deus nenhum ser humano chega senão pelo Mediador entre Deus e os seres humanos: o homem Jesus Cristo.

É grandioso, mas muito raro, que alguém se eleve, por um esforço da mente, acima de todas as criaturas corporais e incorpóreas, depois de ter observado e reconhecido a mutabilidade, para atingir a imutável substância de Deus e aprender d'Ele mesmo que toda a criatura d'Ele distinta só a Ele tem por autor.

De fato, Deus não fala ao ser humano por uma criatura corpórea, como se ferem os ouvidos do corpo fazendo vibrar o ar entre aquele que fala e aquele que ouve; também se não serve dessas imagens espirituais que tomam a forma e a semelhança dos corpos, como se produz nos sonhos e tudo o que se lhes assemelha (nestes casos Ele fala, por assim dizer, aos ouvidos do corpo, como se falasse por intermédio de um corpo, através do espaço corpóreo; realmente, muito se assemelham aos corpos estas visões imaginárias); mas fala pela própria verdade, se alguém está apto a ouvir pelo espírito e não pelo

corpo. Fala deste modo à parte mais excelente do ser humano, superior a todos os elementos que constituem o ser humano e à qual só Deus é superior.

Compreende muito bem o ser humano ou, se não chega a compreendê-lo, pelo menos crê que foi feito à semelhança de Deus. Certamente que está mais perto de Deus, seu superior pela parte superior de si mesmo, feita para dominar as partes inferiores, que tem em comum com os animais. Mas como a própria parte mental, sede natural da razão e da inteligência, está muito debilitada pelos vícios inventados que a obscurecem, necessitava, antes de tudo, de ser purificada pela fé para aderir à luz imutável e dela desfrutar, ou mesmo para lhe suportar o esplendor, até que, renovada e curada dia a dia, se torne capaz duma tão grande felicidade.

E para caminhar mais confiadamente nessa fé para a verdade, a própria verdade, Deus Filho de Deus, assumindo a humanidade sem anular a Deus, fundou e estabeleceu essa mesma fé para que o ser humano tivesse um caminho para o Deus do ser humano por intermédio do homem-Deus.

Este é que é, realmente, o Mediador entre Deus e os seres humanos: o homem Jesus Cristo. Ele é Mediador por ser humano e, como tal, é o caminho. Por que, se entre o que caminha e o lugar para onde se caminha há no meio um caminho, há esperança de lá chegar; se, porém, falta ou se desconhece por onde se deve seguir, que inte-

ressa que se saiba para onde se deve seguir? Só há, portanto, um caminho que exclui todo o erro: que o próprio Deus e o ser humano sejam o mesmo. Deus para onde se vai, homem por onde se vai.

CAPÍTULO III

Autoridade da Escritura canônica, obra do Espírito Santo.

Deus falou primeiro, por intermédio dos profetas, depois, diretamente, Ele próprio e, finalmente, na medida em que o julgou suficiente, pelos Apóstolos. Instituiu também a Escritura chamada canônica e investida da mais alta autoridade. Nela acreditamos a respeito de tudo o que convém não ignorar e que somos incapazes de conhecer por nós próprios.

É certo que podemos saber — e disso somos nós próprios testemunhas — o que está ao alcance dos nossos sentidos, interiores ou mesmo exteriores, (daí que chamemos presente (*praesentia*) ao que se apresenta aos nossos sentidos (*prae sensibus*), como dizemos que está diante (*prae*) dos nossos olhos um objeto que aos olhos se apresenta). Todavia, para as coisas que não estão ao alcance dos sentidos, por que as não podemos conhecer pelo nosso próprio testemunho, procuramos outras testemunhas e depositamos nelas fé, quando julgamos que essas coisas não estão ou não estiveram afastadas dos seus sentidos.

Da mesma forma, portanto, que a respeito das coisas visíveis que não vemos, depositamos fé naqueles que as viram, como acreditamos nas outras coisas que dependem de cada um dos respectivos sentidos do corpo, assim deve ser a respeito das coisas que são percebidas pela alma e pelo espírito (por que se pode muito bem falar de um sentido do espírito, donde vem o termo *sententia* (sentença — pensamento). Quer dizer: para as coisas invisíveis que escapam ao nosso sentido interior, devemos fiar-nos naqueles que as captaram tais quais elas se encontram na luz incorpórea ou naqueles que as contemplam na sua permanência (*manentia* — existência atual).

CAPÍTULO IV

Criação do Mundo: ela não é intemporal nem foi estabelecida segundo um plano novo de Deus, como se Deus tivesse querido depois o que antes não quisera.

De todos os seres visíveis o maior é o Mundo; de todos os invisíveis o maior é Deus. Mas que o Mundo existe, vemo-lo nós; que Deus existe, cremo-lo. De que Deus fez o Mundo não temos mais segura garantia para crê-lo do que o próprio Deus. Onde o ouvimos? Em parte alguma melhor, com certeza, do que nas Santas Escrituras, onde um seu profeta disse: *No princípio fez Deus o Céu e a Terra*³⁹⁴.

³⁹⁴ *In principio fecit Deus coelum et terram.* Gen., I, 1.

Então este profeta estava lá quando Deus criou o Céu e a Terra? Não. Mas esteve lá a Sabedoria de Deus, pela qual se fizeram todas as coisas, que se transmite também às almas santas, faz delas os amigos e profetas de Deus e, no seu íntimo, silenciosamente, lhes conta as suas obras.

Também lhes falam os anjos de Deus que veem sempre a face do Pai e anunciam a sua vontade a quem é preciso. Era um deles o profeta que disse e escreveu: *No princípio fez Deus o Céu e a Terra.*

E é tal a autoridade que tem, como testemunho, para que acreditemos em Deus, que, pelo mesmo Espírito de Deus (que por revelação lhe deu a conhecer estas coisas) predisse com tanta antecedência a nossa fé.

E por que é que ao Deus eterno aprouve criar, então, o Céu e a Terra, que antes não tinha criado? Se os que isto perguntam pretendem que o Mundo é eterno, sem princípio e, portanto, parece que não foi feito por Deus, estão muito afastados da verdade e deliram atingidos pela enfermidade mortal da impiedade. Por que, além das vozes proféticas, o próprio Mundo, pelas suas mudanças e revoluções tão bem ordenadas, como pelo esplendor de todas as coisas visíveis, proclama silenciosamente, a bem dizer, não só que foi feito, mas também que não pôde ser feito senão por Deus inefável e invisivelmente grande, inefável e invisivelmente belo.

Outros há que confessam que o Mundo foi feito por Deus; todavia, não admitem que ele tenha tido começo no tempo, mas sim começo na sua criação e, de uma maneira difícil de compreender, foi feito desde sempre. Julgam estes que, com tal maneira de dizer, defendem Deus de certa temeridade fortuita. Não se vá crer que lhe veio de repente ao espírito a ideia, jamais antes concebida, de fazer o Mundo e que foi determinado por uma vontade nova; Ele, até então absolutamente imutável.

Não vejo como, em outras questões, poderão sustentar esta opinião, sobretudo acerca da alma. Se pretendem que ela é coeterna com Deus, torna-se-lhes impossível explicar donde lhe adveio uma infelicidade nova, nunca antes por ela experimentada na eternidade. Se disserem que ela sofreu sempre alternâncias de infelicidade e de felicidade, terão, então, de afirmar esta alternância também para sempre. Mas, então, seguir-se-ia o absurdo de, nos momentos em que se diz feliz, mesmo neles não poder sê-lo, se prevê a sua infelicidade e torpeza futura. E se não prevê, mas crê que será sempre feliz e essa falsa crença a torna, neste caso, feliz, nada se pode afirmar de mais insensato.

E, se se pensar que sempre, no decurso dos séculos infinitos, ela suportou alternâncias de infelicidade e de felicidade, mas que agora, finalmente libertada, não voltará a cair na infelicidade, fica-se, pelo menos, obrigado a admitir que ela nunca foi verdadeiramente

feliz, mas vai apenas começar a sê-lo, com uma felicidade nova que não engana. Confessar-se-á, então, que qualquer coisa de novo lhe aconteceu, qualquer coisa de grande e de magnífico que ela jamais antes conhecera durante a sua eternidade.

Se negarem que Deus, por um desígnio eterno, foi a causa dessa novidade, terão também que negar que Ele é o autor da felicidade, o que é uma abominável impiedade. Se disserem que o próprio Deus, por um novo desígnio decidiu que a alma será doravante feliz para sempre, como é que o mostrarão então alheio à mutabilidade que nem mesmo eles querem admitir? Mas, se se confessar que a alma foi criada no tempo e que em nenhum momento do futuro ela perecerá, à maneira de um número que tem começo mas não tem fim, de maneira que, depois de ter experimentado uma vez a infelicidade e desta ter libertado, ela não voltará a conhecê-la, ninguém duvidará de que isso acontecerá sem prejuízo para a imutabilidade dos desígnios de Deus. Creia-se, pois, também, que o Mundo pôde ser feito no tempo sem que, ao fazê-lo, Deus tenha mudado o seu desígnio e a sua vontade eterna.

CAPÍTULO V

Não se deve imaginar uma extensão infinita de tempos antes do Mundo, nem também uma extensão infinita de lugares fora do Mundo, porque antes do Mundo não há tempos nem fora dele há lugares.

Quanto àqueles que admitem conosco que Deus é o autor do Mundo, mas nos põem a objeção do tempo do Mundo, vejamos o que esses mesmos respondem acerca do lugar do Mundo. Porque da mesma forma que nos perguntam: por que o fez Ele em tal momento em vez de tê-lo feito em tal outro? Assim também se lhes pode perguntar: porque o fez aí em vez de tê-lo feito noutro lugar?

Efetivamente, se imaginam antes do Mundo extensões infinitas de tempos no decurso das quais, parece-lhes, Deus não podia ficar inativo, pois imaginem também, fora do Mundo, extensões infinitas de lugares.

E se disserem que também aí o Onipotente não pôde se manter inativo, não serão eles obrigados a sonhar, como Epicuro, com inúmeros mundos, com a única diferença de que, em vez de, como ele, atribuírem a sua formação e dissolução aos movimentos fortuitos dos átomos, dirão que foram criados por Deus? Não será o que se conclui, se não admitirem que Deus se mantém inativo na imensidão sem limites desses lugares que se estendem por todos os lados à volta do Mundo, nem será o que se conclui, se não admitirem que esses

mundos não poderão ser destruídos por causa alguma, como eles pensam também do nosso Mundo?

Lidamos com os que pensam, como nós, que Deus é um ser incorpóreo, criador de todas as naturezas distintas da sua. Quanto aos outros, seria demasiado indigno admiti-los nesta discussão acerca da religião. Principalmente por que, àqueles que creem que se deve prestar culto a uma multidão de deuses, estes filósofos os superam em nobreza e autoridade e, por isso, por muito afastados que pareçam estar da verdade, estão, todavia, dela mais próximos que todos os outros.

A respeito da substância de Deus, que não incluem num lugar, nem nele a delimitam, nem fora dele a deixam, mas antes, como convém pensar acerca de Deus, reconhecem que ela está inteiramente toda com uma presença incorpórea em toda a parte, acaso dirão que ela está ausente desses espaços tamanhos que se estendem para fora do Mundo? Acaso dirão que ela ocupa unicamente o lugar deste Mundo tão exíguo, em comparação com os espaços infinitos? Não creio que cheguem a cair em tal palavreado.

Reconhecem, pois, que não há senão um Mundo, formando sem dúvida uma massa corpórea imensa, mas limitada e circunscrita no seu lugar e que é obra de Deus. O que eles respondem a propósito dos espaços que se estendem sem limites para fora do Mundo quando perguntam: por que é que Deus nada fez aí? Que o digam a si pró-

prios a propósito dos tempos ilimitados decorridos antes do Mundo, quando perguntam: por que é que Deus nada fez então?

Se Deus estabeleceu o Mundo no lugar onde está e não outro, quando nesses espaços infinitos todos os lugares tinham os mesmos direitos de serem escolhidos, não se segue por certo que Ele o fez por acaso e não por uma razão divina, embora esta razão escape a toda a inteligência humana. Pela mesma razão não é lógico atribuir a uma decisão fortuita que Deus criou o Mundo em tal tempo em vez de em tal outro, mesmo que no passado tenha havido uma infinidade de tempos igualmente anteriores sem diferença alguma para ser preferido um tempo a outro.

Se dizem que são vãos os pensamentos humanos que imaginam espaços infinitos, pois que não há lugar algum fora do Mundo, responder-se-lhes-á que também é vão imaginar tempos passados em que Deus nada fazia, já que não há tempo antes do Mundo.

CAPÍTULO VI

Para o Mundo, como para os tempos, o começo é o mesmo: um não precede o outro.

Se, de fato, a verdadeira diferença entre a eternidade e o tempo consiste em que não há tempo sem mudança sucessiva, ao passo que a eternidade não admite mudança alguma, quem não verá que o tempo não teria existido, se não tivesse sido feita uma criatura que deslo-

ca tal ou tal coisa por um movimento qualquer? Essa mudança e esse movimento cedem o seu lugar e se sucedem e, não podendo existir ao mesmo tempo, em intervalos mais curtos ou prolongados de espaço, dão origem ao tempo.

Como Deus, cuja eternidade exclui a menor mudança, é o criador e o ordenador dos tempos, como é que se poderá dizer que Ele criou o Mundo depois dos espaços de tempo? Eu não o vejo como, a não ser que se diga que antes do Mundo já existia uma criatura cujos movimentos teriam determinado o curso dos tempos. Mas as Sagradas Escrituras, absolutamente verídicas, afirmam que «no princípio fez Deus o Céu e a Terra» (Gen. I, 1), para nos darem a entender que Ele nada tinha feito antes, por que, se tivesse feito alguma coisa antes de tudo o que fez, seria dessa coisa que estaria escrito «no princípio Deus fê-la».

Está, pois, fora de dúvida que o Mundo foi feito, não no tempo, mas com o tempo. O que efetivamente se faz no tempo, faz-se depois de algum tempo e antes de outro; depois do que foi (*praeteritum*), antes do que será (*futurum*). Mas não poderia haver passado algum, por que não havia criatura alguma capaz, pelos seus movimentos sucessivos, de realizar o tempo.

Foi, pois, com o tempo que o Mundo foi feito, pois que, ao criar o Mundo, Deus criou nele o movimento sucessivo. Assim o demonstra a própria ordem dos seis ou sete primeiros dias. Estão lá

descritas uma manhã e uma tarde, até que, acabadas todas as obras de Deus no sexto dia, o sétimo nos revela, num grande mistério, o repouso de Deus. Mas de que dias se trata, é difícil, impossível mesmo, fazer disso uma ideia e quanto mais exprimi-la.

CAPÍTULO VII

Natureza dos primeiros dias que, segundo a tradição, tiveram manhã e tarde ainda antes da criação do Sol.

Como, efetivamente, vemos, os dias, como os conhecemos, têm tarde porque há um ocaso e têm manhã porque há um nascer do Sol. Mas os três primeiros dias decorreram sem Sol, feito, segundo a Escritura, no quarto dia.

É certo que ela nos conta que a luz foi feita em primeiro lugar pela palavra de Deus e que Deus a separou das trevas chamando dia à luz e noite às trevas. Mas que luz era esta e por que movimento alternante fazia ela a tarde e a manhã, é coisa que escapa aos nossos sentidos e não podemos compreender o que seja. Todavia, devemo-lo crer sem hesitação.

De fato, ou é uma luz corpórea situada longe dos nossos olhares, nas regiões superiores do mundo; um fogo de que mais tarde se iluminou o Sol; ou a palavra luz designa a Cidade Santa dos anjos e dos espíritos bem-aventurados de que fala o Apóstolo: *Ela é a Jeru-*

*salém do alto, nossa mãe eterna nos céus*³⁹⁵ e noutro lugar: *Vós sois todos filhos da luz e filhos do dia; nós não somos filhos da noite nem das trevas*³⁹⁶, se é que nós podemos compreender a tarde e a manhã desse dia.

Comparada à ciência do Criador, a ciência da criatura é semelhante a um crepúsculo; também ela começa a clarear e a tornar-se como que manhã, quando é dirigida ao louvor e ao amor do Criador. E não pende para a noite senão quando abandona o Criador para amar a criatura.

Enfim, a Escritura, quando enumera aqueles dias pela sua ordem, em parte nenhuma intercala a palavra noite. Efetivamente, em parte nenhuma diz: a noite foi feita, mas sim: *Fez-se uma tarde, fez-se uma manhã: é um dia*³⁹⁷. E, da mesma maneira, do segundo e dos outros dias.

Na verdade, a ciência da criatura em si mesma é, por assim dizer, mais descolorida do que quando se conhece na Sabedoria de Deus, o modelo de onde ela procede. Por isso, o nome de tarde convém melhor do que o de noite. Todavia, como disse, quando essa ciência se dirige ao louvor e ao amor do Criador, torna-se manhã.

Quando a ciência se realiza no conhecimento de si própria, isto é o primeiro dia. Quando ela se realiza no conhecimento do firma-

³⁹⁵ *Quae sursum est Hiesusalem, mater nostra aeterna in coelis.* Gal, IV, 6.

³⁹⁶ *Omnis enim vos filii lucis estis et filii diei; non surnus noctis neque tenebrarum.* 1 Tessal., V, 5.

³⁹⁷ *Facta est vespera et factum est mane dies unus.* Gen., I, 5.

mento, que, situado entre as águas do alto e de baixo, se chama Céu, é o segundo dia. Quando se realiza no conhecimento da terra e do mar e de todos os seres que se reproduzem, que se continuam através das raízes da terra, é o terceiro dia. Quando se realiza no conhecimento dos luzeiros maior e menor e dos astros, é o quarto dia. Quando se realiza no dos animais que nadam nas águas e voam, é o quinto dia. Por fim, quando se realiza no dos animais terrestres e do próprio ser humano, é o sexto dia.

CAPÍTULO VIII

Como compreender a existência e a natureza do repouso de Deus no sétimo dia, depois de seis de trabalho.

Que Deus descansou de todos os seus trabalhos ao sétimo dia e que o santificou é fato que não deve ser compreendido puerilmente no sentido de que Deus se fatigou com o trabalho.

As palavras *falou e as coisas se fizeram*³⁹⁸ devem ser entendidas como palavras inteligíveis e eternas, não sonoras nem temporais. Mas o repouso de Deus significa o repouso dos que nele descansam, como a alegria de uma casa significa a alegria dos que nela se alegram, mesmo que não seja a casa, mas um outro objeto que os torne alegres. Quanto mais se a própria casa, pela sua beleza, torna felizes os que nela habitam! Neste caso chama-se alegre, não por essa figura

³⁹⁸ *dixit et jacta sunt.* Salmo CXLVIII, 5.

de linguagem em que o continente é tomado pelo conteúdo (como se diz: o teatro aplaudiu, os prados mugem, quando num os espectadores aplaudem e nos outros mugem os bois), mas pela figura em que se toma o efeito pela causa (como se diz: uma carta alegre, para significar a alegria que ela comunica aos leitores).

É por isso que, com muita propriedade, quando a autoridade profética nos conta que Deus descansou, se quer significar o repouso dos que descansam n'Ele, a quem Ele próprio faz descansar.

Refere-se também às pessoas a quem se dirige e para quem foi escrita a profecia. Esta promete-lhes, a eles também, o repouso eterno em Deus depois das boas obras que Deus opera neles e por eles, se antes, nesta vida, se aproximaram, por assim dizer, d'Ele, pela fé.

Este repouso é ainda figurado pelo do sabá prescrito pela lei ao antigo Povo de Deus. Mas disto é minha intenção tratar mais pormenorizadamente no seu lugar próprio.

CAPÍTULO IX

Segundo os testemunhos divinos, que pensar da criação dos anjos?

E agora, já que me propus falar da origem da Cidade Santa e, em primeiro lugar, do que toca aos santos anjos que dela formam uma parte considerável e tanto mais feliz quanto ela jamais foi pere-

grina, vou, com a ajuda de Deus e na medida em que me parecer necessário, explicar os testemunhos divinos referentes ao assunto.

Quando falam da criação do Mundo, as Sagradas Escrituras não dizem claramente se os anjos foram criados e nem por que ordem. Mas, se não foram esquecidos, é a palavra Céu, na passagem em que está escrito *no princípio Deus fez o Céu e a Terra*³⁹⁹, ou antes a luz, de que acabo de falar, que os designa.

Aliás, eu não creio que eles tenham sido omitidos, por que está escrito que, no sétimo dia, Deus descansou de todos os seus trabalhos. Mas o livro começa assim: *No princípio fez Deus o Céu e a Terra*, de maneira que, parece, Deus mais nada fez antes do Céu e da Terra. Se, então, começou pelo Céu e pela Terra; se a Terra, a primeira coisa que fez, era, como a seguir menciona a Escritura, invisível e desorganizada; se, por falta de luz, as trevas se estendiam sobre o abismo, isto é, sobre a confusão da massa indistinta de terra e água; se, finalmente, foram criadas e organizadas todas as coisas que se descrevem como acabadas em seis dias, como é que os anjos iam ser omitidos entre as obras de Deus, eles que são uma parte tão considerável dessas obras, das quais Deus descansou no sétimo dia?

Não há dúvida de que os anjos são obra de Deus. Embora isso não esteja claramente expresso, não foi, porém, omitido. Testemu-

³⁹⁹ *In principio jecit Deus caelum et terram.* Gen., I, 1.

nha-o com toda a clareza, noutro lugar, a Escritura Sagrada. No hino dos três homens na fornalha, depois de ter dito: *Todas as obras do Senhor bendizei ao Senhor*⁴⁰⁰, inclui também os anjos entre as suas obras e canta-se no Salmo:

*Louvai ao Senhor no alto dos céus, louvai-o nas alturas; Louvai-os, vós, todos os seus anjos, louvai-o todas as suas Virtudes; Louvai-o, Sol e Lua, louvai-o, luz e todas as estrelas; Louvai-o, vós, céus dos céus e as águas que estão acima dos céus, louvem o nome do Senhor; Porque ele falou e as coisas se fizeram; Ele ordenou e as coisas foram criadas*⁴⁰¹.

Ainda aqui o declara abertamente a palavra divina: os anjos foram feitos por Deus, pois que, depois de os ter nomeado entre as outras realidades celestes, a todos encerra nestas palavras: *Ele falou e as coisas se fizeram*⁴⁰².

Quem ousará, então, sustentar que os anjos foram feitos depois de todas as obras enumeradas no decurso dos seis dias? Mas, se alguém chegar a este ponto de insensatez, tão vã opinião ficará refutada pela autoridade da mesma Escritura, onde Deus diz: *Quando os*

⁴⁰⁰ *Benedicte omnia opera Domini Dominum.* Dan., III, 57.

⁴⁰¹ *Laudate Dominum de caelis, lau date eum in excelsis; lau date eum omnes angeli ejus, laudate eum omnes uirtutes ejus; laudate eum sol et luna, laudate eum omnes stellae et lumen; laudate eum caeli caelorum et aquae, quae super caelos sunt, laudent nomen Domini; quoniam ipse dixit, et facta sunt; ipse mandavit, et creatu sunt.* Salmo CXLVIII, 1-3.

⁴⁰² *ipse dixit, et facta sunt.* Ib.

*astros foram feitos, todos os meus anjos me louvaram com a sua poderosa voz*⁴⁰³.

Portanto, os anjos já existiam quando foram criados os astros. Ora, estes foram-no no quarto dia. Diremos, então, que foram criados no terceiro? Claro que não. Sabemos muito bem o que nesse dia foi feito: a terra foi separada das águas, cada um destes elementos recebeu as espécies que lhes convinham e a terra produziu tudo o que nela cria raízes.

Seria, porventura, no segundo? Também não. Nesse dia foi feito o firmamento entre as águas do alto e de baixo, dando-se-lhe o nome de Céu e no firmamento foram criados os astros ao quarto dia.

É, pois, claro que, se eles se encontram entre as obras que Deus fez em seis dias, os anjos são essa luz que recebeu o nome de dia e foi para marcar a unidade que não se disse o primeiro dia, mas sim um dia. Porque o segundo, o terceiro e os seguintes não são outros, mas o mesmo dia único, repetido para constituir o número seis ou sete, em vista de um conhecimento senário ou septenário; o senário relativo às obras que Deus fez e o septenário relativo ao repouso de Deus.

Quando, realmente, Deus disse: *Faça-se a luz e a luz se fez*⁴⁰⁴, se é justo ver nesta luz a criação dos anjos, é por que certamente eles

⁴⁰³ *Quando facta sunt sidera, laudaverunt me voce magna omnes angeli mei.* Job., XXXVIII, 7.

⁴⁰⁴ *Fiat lux, et facta est lux.* Gen., I, 2.

foram feitos participantes da luz eterna que é a sabedoria imutável do próprio Deus, por quem tudo foi feito e a quem chamamos o Filho único de Deus.

Assim, eles foram iluminados por esta luz que os criou e, desde então, eles se tornaram luz e se chamaram dia por causa da sua participação na luz e dia imutável que é o Verbo de Deus, por quem eles e todas as coisas foram criadas. Por que *a verdadeira luz que ilumina toda pessoa que vem a este mundo*⁴⁰⁵ ilumina também todo anjo puro, para que seja luz, não em si próprio, mas em Deus. E se o anjo se afasta de Deus, torna-se impuro, como são todos os espíritos chamados impuros que já não são luz no Senhor, mas eles próprios trevas, privados da participação na eterna luz.

O mal, com efeito, não é uma natureza; a perda do bem é que recebe o nome do mal.

CAPÍTULO X

Trindade simples e imutável de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo que são um só Deus, em quem as qualidades outra coisa não são que a substância.

Não há, pois, senão um bem simples e, consequentemente, senão um bem imutável: Deus. E este bem criou todos os bens que, não sendo simples, são, portanto, mutáveis. Digo, precisamente, criou,

⁴⁰⁵ *Lumen verum quod inluminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* João, I, 9.

isto é, fez e não gerou. É que o que é gerado de um ser simples é simples como ele e é o mesmo que aquele que o gerou. A estes dois seres chamamos Pai e Filho e um e outro com o seu Santo Espírito são um só Deus. A este Espírito do Pai e do Filho se chama nas Sagradas Escrituras Espírito Santo, por uma espécie de apropriação deste nome. É, porém, distinto do Pai e do Filho, pois não é nem o Pai nem o Filho. Disse que é distinto, mas não outra coisa, por que também Ele é igualmente simples, igualmente imutável e coeterno.

E esta Trindade é um só Deus e não deixa de ser simples por ser Trindade. Não dizemos que esta natureza do bem é simples porque nela está só o Pai, só o Filho, só o Espírito Santo; ou ainda porque a Trindade é apenas um ser sem nenhuma subsistência de Pessoas, como julgaram os hereges sabelianos⁴⁰⁶, mas chama-se simples por que o que ela é o que ela tem, salvo o que cada pessoa tem em relação a cada uma das outras duas. Pois, com certeza que o Pai tem um Filho mas não é o Filho; o Filho tem um Pai mas não é o Pai.

Assim, pois, considerado em si mesmo e não em relação com o outro, Deus é o que tem, como se diz que vive em relação a ele mesmo, por que tem, evidentemente, a vida e essa vida é Ele próprio.

⁴⁰⁶ Segundo os Sabelianos, as três pessoas da SS. Trindade mais não eram que aspectos diferentes de um ser uno — Deus — ou nomes diferentes a este dados, conforme o ponto de vista por que era encarado. A igreja, porém, ensina que as três pessoas são subsistentes sem deixarem de ser consubstanciais.

É por isso que se chama simples a natureza que nada tem que possa perder; ou é simples a natureza em que *aquele que tem* se identifica com *aquilo que tem*.

Assim, o copo tem o licor, o corpo a cor, o ar a luz ou o calor, a alma a sabedoria. Mas nenhuma destas coisas é o que tem. Nem o copo é o licor, nem o corpo é a cor, nem o ar é a luz ou o calor, nem a alma é a sabedoria. Por conseguinte, podem ser privados das coisas que têm, podem mudar e podem transformar-se em outras disposições ou qualidades. O copo pode ficar vazio do líquido de que estava cheio; o corpo pode perder a cor; o ar pode escurecer ou arrefecer; a alma pode tresloucar-se.

Embora o corpo seja, após a ressurreição, incorruptível, como foi prometido aos santos, mantendo, na verdade, a qualidade duma inadmissível incorruptibilidade, o certo é que, mantendo-se a substância corporal, o corpo e a incorruptibilidade não são a mesma coisa.

Na realidade, a incorruptibilidade está toda em cada uma das partes do corpo — nem maior aqui, nem menor ali — por que nenhuma parte é mais incorruptível do que a outra. Na verdade, o corpo é maior no todo do que a parte e se uma parte é maior e a outra é menor, nem por isso a maior é mais incorruptível.

Uma coisa é o corpo que, em si, não está todo inteiro em qualquer das suas partes, outra coisa a incorruptibilidade, que, em qual-

quer das partes está inteiramente. Porque toda a parte incorruptível do corpo, ainda que desigual às demais é, igualmente, incorruptível.

O dedo, por exemplo, é menor do que a mão toda. Todavia, a mão não é mais incorruptível do que o dedo. Embora sejam desiguais a mão e o dedo é, todavia, igual a incorruptibilidade da mão e do dedo. Por isso, embora a incorruptibilidade seja inseparável de um corpo incorruptível, uma coisa é a substância que o faz chamar corpo, outra é a qualidade que o faz chamar incorruptível. E, por isso, mesmo nesse estado, ele não é o que tem.

A própria alma, mesmo que fosse sempre sábia — como quando for libertada para a eternidade — será sábia pela participação na imutável sabedoria, que não é ela própria. Pelo fato de, na realidade, o ar não ser visto quando privado da luz que o penetra, nem por isso se poderá negar que uma coisa é o ar e outra a luz que o ilumina.

Com isto, não pretendo dizer que a alma é uma espécie de ar, como pretendiam alguns, incapazes de conceber uma natureza incorpórea. A alma e o ar, todavia, apesar da sua grande diferença, têm uma certa semelhança e é permitido dizer que a alma incorpórea é iluminada pela luz incorpórea da Sabedoria simples de Deus, como o ar corporal é iluminado pela luz corporal. E como o ar privado da luz escurece (porque o que chamamos trevas, seja em que lugar corporal for, nada mais é do que o ar privado de luz), assim obscurece a alma privada da luz da Sabedoria.

Portanto, nesta ordem de ideias, chamam-se simples as perfeições que, por excelência e na verdade, constituem a natureza divina, porque nelas não é a substância uma coisa e a qualidade outra coisa; nem é pela participação em qualquer outra coisa que elas são a divindade, a sabedoria ou a beatitude.

É certo que, nas Sagradas Escrituras se diz múltiplo o Espírito de Sabedoria, mas isso é por que Ele encerra em si muitas coisas, mas Ele é o que tem e tudo o que tem é apenas Ele.

A Sabedoria não é múltipla, mas una e nela existem tesouros infinitos — para ela finitos — de coisas inteligíveis contendo todas as razões invisíveis e imutáveis dos seres, mesmo visíveis e mutáveis que por ela foram feitos.

Porque Deus nada fez sem disso Se aperceber; o que, na verdade, de nenhum artífice humano se pode dizer. Mas, se tudo fez conscientemente, Ele não fez, evidentemente, senão o que já antes tinha conhecido. Daí ocorrer ao nosso espírito algo de maravilhoso, mas realmente verdadeiro: para nós, este Mundo não poderia ser conhecido se não existisse, mas para Deus, se não fosse conhecido, não poderia existir.

CAPÍTULO XI

Deveremos acreditar que mesmo os espíritos que não se mantiveram na verdade participaram da beatitude de que

sempre gozaram os santos anjos desde o começo da sua existência?

Sendo isto assim, os espíritos a que chamamos anjos, de maneira nenhuma começaram por ser durante certo tempo espíritos das trevas, mas, no momento em que foram feitos, foram feitos luz. Não foram criados simplesmente para existir e viver de qualquer maneira, mas foram iluminados para viver na sabedoria e na felicidade.

Alguns desses anjos que se desviaram desta iluminação não obtiveram a excelência dessa vida sábia e feliz que, sem sombra de dúvida, só poderia ser eterna com a perfeita garantia da sua eternidade. Mas possuem a vida racional, embora insensata e de tal forma que não podem perdê-la mesmo que o quisessem. Mas quem poderá definir como foram participantes dessa sabedoria antes de terem pecado?

Como é que poderemos dizer que nessa participação foram iguais aos que são verdadeira e plenamente felizes precisamente porque não se enganaram acerca da eternidade da sua felicidade? Realmente, se tivessem tido essa igualdade de felicidade, permaneceriam também na sua eterna posse, igualmente felizes porque igualmente certos. É que, na verdade, a vida, por mais longa que seja, não poderá se chamar eterna se tiver que ter um fim. Com efeito, a vida tem este nome apenas por se viver e chama-se eterna por não ter fim.

Não há dúvida de que o que é eterno não é, só por isso, feliz (também o fogo do castigo se chama eterno). Todavia, a vida perfeita

e verdadeiramente feliz só pode ser eterna. De fato, tal não era a dos anjos maus pois que, destinada a cessar, não era eterna, quer eles o soubessem quer o ignorassem e supusessem outra coisa. Porque o temor, se o soubessem, ou o erro, se o ignorassem, os impedia, com certeza, de serem felizes. E se isto ignoravam, de forma que não confiavam nem no falso nem no certo, mas não podiam dar o seu assentimento acerca da eternidade ou temporalidade desse seu bem, a própria hesitação acerca de felicidade tão grande não admitia a plenitude da vida feliz que cremos existir nos santos anjos.

Não é que nós restrinjamos o significado de vida feliz ao ponto de dizermos que só Deus é feliz. Ele é, de certo, verdadeiramente feliz ao ponto de ser impossível conceber felicidade maior. E em comparação com esta felicidade, a dos anjos tem toda a elevação e toda a grandeza que lhes convém. Mas, em que consiste ela (*quid est*) e qual é a sua medida (*quantum est*)?

CAPÍTULO XII

Comparação entre a felicidade dos justos que ainda não obtiveram a recompensa prometida por Deus e a dos primeiros humanos no Paraíso antes do pecado.

Julgamos que os anjos não são as únicas criaturas racionais e intelectuais que devem ser tidas por felizes. Quem é que, de fato, ousaria negar que os primeiros humanos no Paraíso tenham sido felis-

zes antes do pecado, embora estivessem incertos da duração da sua felicidade ou da sua eternidade?

Não é sem motivo que nós hoje chamamos felizes aqueles que vemos viverem na justiça e na piedade com a esperança da imortalidade, sem qualquer crime a roer-lhes a consciência, obtendo facilmente a misericórdia divina para os seus pecados da fragilidade presente. Embora estejam seguros de que serão recompensados da sua perseverança, estão, porém, inseguros da própria perseverança. Que pessoa é que, efetivamente, sabe se perseverará até o fim na prática e no progresso da justiça, a não ser que obtenha a garantia por uma revelação d'Aquele que, sem enganar ninguém, não revela a todos, acerca deste ponto, o seu justo e secreto juízo?

Também a respeito do gozo de um bem presente, a primeira pessoa era mais feliz no Paraíso do que qualquer justo na debilidade desta vida mortal. Mas quanto à esperança de um bem futuro, qualquer pessoa, seja ela quem for, por muitos sofrimentos corporais que tenha de suportar, se sabe, não como provável, mas como verdade certa, que gozará sem fim, ao abrigo de toda a prova, da sociedade dos anjos, na íntima união com Deus Soberano, qualquer pessoa é mais feliz do que a primeira pessoa insegura da sua sorte na grande felicidade do Paraíso.

CAPÍTULO XIII

Todos os anjos foram criados no mesmo estado de felicidade, de forma que os que viriam a cair não podiam saber se viriam a cair, nem, depois da ruína dos que caíram, os que se mantiveram firmes tiveram conhecimento certo da sua perseverança.

Qualquer pessoa percebe facilmente que a felicidade, objeto dos legítimos desejos da natureza inteligente, comporta conjuntamente duas coisas: o desfrute sem perturbação do bem imutável que é Deus e a segurança, sem qualquer dúvida ou erro, acerca da perseverança para sempre nesse desfrute.

Que a tiveram os anjos de luz, cremo-lo com fé piedosa; que os anjos pecadores, privados daquela luz pela sua maldade, não tiveram essa segurança antes de caírem, concluímo-lo por lógico raciocínio. Não há dúvida de que temos que admitir que, se viveram antes do pecado, gozaram, com certeza, de alguma felicidade, embora dela não tivessem conhecimento prévio.

Pode parecer duro crer que, na criação dos anjos, uns foram feitos sem terem conhecimento prévio da sua perseverança ou da sua queda e outros tenham conhecido com toda a verdade a eternidade da sua felicidade, mas que todos foram criados desde a origem igualmente felizes e assim se mantiveram até o momento em que os anjos, hoje maus, voluntariamente se afastaram dessa luz, fonte de bondade. Mas seria, sem dúvida, muito mais duro pensar que os santos anjos se mantêm agora incertos da sua beatitude eterna, ignorando acerca

de si próprios o que nós podemos saber deles pelas Sagradas Escrituras.

Que cristão católico, na verdade, ignora que mais nenhum novo demônio sairá doravante do número dos anjos bons, assim como à sociedade dos anjos bons jamais voltará qualquer demônio? Realmente, no Evangelho, a Verdade promete aos santos e aos fiéis que serão iguais aos anjos de Deus e promete ainda que entrarão na vida eterna. Ora, se nós estamos certos de que jamais decairemos dessa imortal felicidade, ao passo que eles não têm essa certeza, nós não lhes somos iguais, mas superiores. Mas, como a Verdade nunca engana e nos diz que seremos sempre iguais, seguramente, também eles estão certos da sua eterna felicidade.

Desta, não estiveram seguros os outros, pois não tinham a certeza de que era eterna a sua felicidade e a sua felicidade tinha que ter fim. Por isso, só se pode concluir que, ou não foram iguais ou, se foram iguais, depois da queda dos maus sobreveio aos bons uma ciência certa da sua eterna felicidade.

A não ser, talvez, que alguém sustente que o que o Senhor diz do Diabo no Evangelho: *Era homicida desde o começo e não se manteve na verdade*⁴⁰⁷, deve ser entendido no sentido de que foi homicida não só desde o princípio, isto é, desde o princípio do gênero

⁴⁰⁷ *Ille homicida erat ab initio et in veritate non stetit.* João VIII, 44.

humano, desde que foi criada a pessoa a quem podia matar com o engano, mas também no sentido de que, desde o princípio da sua criação, não esteve na verdade e, por isso, nunca foi feliz com os santos anjos, recusando-se a ser súdito do Criador, pondo a sua alegria em se orgulhar do seu pretenso poder pessoal, tornando-se depois falso e enganador. Porque ninguém escapa ao poder do Onipotente. Aquele que se recusou se manter, por uma piedosa submissão, no que era na realidade, aspira, por uma orgulhosa elevação, a simular o que não é. E é também no mesmo sentido que é preciso entender o que diz o apóstolo S. João: *O Diabo peca desde o começo*⁴⁰⁸, quer dizer, ele rejeitou desde a sua criação a justiça que só uma vontade piedosa e submissa a Deus pode conservar.

Quem adota esta interpretação não pensa como certos hereges, isto é, maniqueus e outras pestes da mesma opinião, segundo os quais o Diabo teria recebido, um tanto como própria, a natureza do mal, de um princípio oposto ao bem. Esses, deliram com tanta vaidade de que, embora admitindo conosco a autoridade das palavras evangélicas, não reparam que o Senhor não disse «o Diabo é alheio à verdade», mas *não se manteve na verdade*⁴⁰⁹, querendo assim dar a entender que decaiu da verdade e, com certeza, se nela se tivesse mantido, dela participaria ainda para continuar feliz com os santos anjos.

⁴⁰⁸ *Ab initio diabolus peccat.* João III, 8.

⁴⁰⁹ *In veritate non stetit.* João VIII, 44.

CAPÍTULO XIV

Em que sentido é que se diz do Diabo que não se manteve na verdade porque a verdade não está nele?

Como se nós tivéssemos perguntado por que não permaneceu o Diabo na verdade, deu-nos o Senhor um sinal: *Por que a verdade não está nele*⁴¹⁰.

Ora ela estaria nele se ele nela se mantivesse. Mas é uma forma pouco usual de se exprimir: porque *não se manteve na verdade porque a verdade não está nele*⁴¹¹, parece querer dizer que o fato de não ter nele a verdade é a causa de ele nela não se manter, quando é antes o fato de nela não ter se mantido a causa por que ele não tem em si a Verdade. Esta expressão encontra-se no Salmo: *Clamei porque me atendeste, meu Deus*⁴¹², como se dissesse, parece, “Tu atendeste-me, Deus meu, porque chamei”. Mas, depois de ter dito *clamavi* (clamei), o Salmista, como se lhe tivessem perguntado como reconhecer que foi atendido por Deus, mostra a sinceridade do seu clamor pelo seu efeito de ter sido atendido por Deus. Como se dissesse: *a prova de que chamei é que tu me atendeste*.

⁴¹⁰ *Quia non est veritas in eo.* Id. Ib.

⁴¹¹ *In veritate non stetit, quia veritas non est in eo.* Id. Ib.

⁴¹² *Ego clamavi, quoniam exaudisti me Deus.* Salmo XVI, 6.

CAPÍTULO XV

Que pensar desta expressão *O Diabo peca desde o começo?*

Aquilo que João diz acerca do Diabo: *O Diabo peca desde o começo*⁴¹³ não o compreendem os hereges, pois que, se tal é a sua natureza, já não há pecado algum. Mas, que responder aos testemunhos proféticos, quer o de Isaías designando o Diabo sob a figura de príncipe da Babilônia: *De que maneira caiu Lúcifer que surgiu ao alvorecer*⁴¹⁴, quer o de Ezequiel: *Tu estiveste nas delícias do paraíso de Deus, adornado de todas as pedras preciosas*⁴¹⁵?

Não dão eles a entender que esteve algum tempo sem pecado? Um pouco mais adiante, de fato, diz-se dele mais expressivamente: *Caminhaste nos teus dias sem pecado*⁴¹⁶. Se a estas palavras não se pode dar uma melhor interpretação, a frase *não se manteve na verdade*⁴¹⁷, deve compreender-se assim: *ele esteve na verdade, mas não se manteve nela*. E a frase *o Diabo peca desde o começo*⁴¹⁸, não significa que ele pecou desde o princípio da criação, mas desde o começo do pecado, no sentido de que foi pelo seu orgulho que o pecado começou.

⁴¹³ *Ab initio diabolus peccat.* João, III, 8.

⁴¹⁴ *Quo modo cecidit Lucifer, qui mane oriebatur?* Isaías, XIV, 12.

⁴¹⁵ *In deliciis paradisi Dei fuisti, omni lapide pretioso omatus es?* Ezequiel, XXVIII, 13.

⁴¹⁶ *Ambulasti in diebus tuis sine vido.* Id. Ib.

⁴¹⁷ *In veritate non stetit.* João, VIII, 44.

⁴¹⁸ *Ab initio diabolus peccat.* João, III, 8.

E o que disse Jó acerca do Diabo no livro em que está escrito:
*Este é o começo da obra do Senhor, que Ele fez para que troçassem dela os seus anjos*⁴¹⁹, (com o que concorda o que se lê no Salmo: *Este dragão que formaste para que dele trocem*⁴²⁰), não se deve entender que Deus o criou desde o princípio para ser objeto de troça dos seus anjos, mas que, depois de ter pecado, Deus o sujeitou a esse castigo. O seu primeiro começo é obra do Senhor. Realmente, nenhuma natureza existe, mesmo no último e menor dos insetos de que não seja autor Aquele de quem procedem toda a medida, toda a beleza, toda a ordem, sem as quais nada se pode encontrar nem conceber entre as coisas. Quanto mais assim não é para a criatura angélica que se eleva, pela dignidade da sua natureza, acima de todas as outras obras que Deus fez!

CAPÍTULO XVI

Graus e diferenças entre as criaturas consideradas diversamente, conforme a sua utilidade ou a ordem da razão.

Entre os seres que de algum modo são, mas não são o mesmo que é Deus que os fez, colocam-se os vivos acima dos não vivos e os que têm capacidade de gerar ou mesmo de apetecer acima dos que carecem deste impulso.

⁴¹⁹ *Hoc est initium figuramenti Domini, quod fecit ad inludendum ab angelis suis.* João XI, 14.

⁴²⁰ *Draco hie, quern finxisti ad inludendum ei.* Salmo CHI, 26.

Dentre os vivos, os que possuem sensibilidade prevalecem sobre os que a não têm, tais como os animais sobre as árvores. Dentre os que sentem, prevalecem os inteligentes sobre os não inteligentes, tais como os humanos sobre os animais. Dentre os inteligentes prevalecem os imortais sobre os mortais, tais como os anjos sobre os humanos.

Esta ordem de preferência é a da natureza. Mas há outra ordem de apreciação fundamentada sobre o uso particular que fazemos de cada um dos seres. Assim, colocamos alguns que carecem de sensibilidade antes de outros que dela são dotados e de tal forma que, se estivesse em nosso poder, os eliminaríamos da natureza, quer porque ignoramos o lugar que nela ocupam, quer porque, conhecendo-o embora, os subordinamos aos nossos interesses. Quem não prefere ter pão a ratos em casa? Dinheiro a pulgas? Mas que admira se, mesmo quando se trata de avaliar pessoas cuja natureza é de tamanha dignidade, se compra muito mais caro um cavalo do que um escravo, mais caro uma pedra preciosa do que uma escrava! Assim, a liberdade de apreciação estabelece uma grande diferença entre as reflexões da razão e a necessidade do indigente ou o prazer do desejoso. A razão considera o que vale uma coisa no seu grau de ser; a necessidade o que uma coisa espera da outra.

A razão busca o que se mostra verdadeiro à luz da mente; o prazer vê o que há de agradável e de lisonjeiro para os sentidos. To-

davia, nas naturezas racionais, a vontade e o amor têm, por assim dizer, tão grande peso que, apesar da superioridade dos anjos sobre os humanos, segundo a ordem da natureza, os humanos virtuosos se antepõem aos anjos maus segundo a lei da justiça.

CAPÍTULO XVII

O vício da malícia não pertence à natureza, mas é contra a natureza. Não foi o Criador, mas a vontade, a causa que levou a natureza a pecar.

Numa interpretação correta, a frase *este é o começo da obra de Deus*⁴²¹ refere-se à natureza e não à malícia do Diabo. Por que uma malícia que vicia supõe indubitavelmente uma natureza anterior não viciada. Mas o vício é de tal modo contra a natureza que só pode ser nocivo à natureza. Não seria, portanto, um vício separar-se de Deus se, para a natureza de que esta separação constitui um vício, não fosse melhor estar unido a Deus. É por isso que, mesmo a vontade má presta poderoso testemunho a favor da natureza boa. Mas Deus, assim como é o criador excelente das naturezas boas, assim é também o ordenador justíssimo das vontades más. E quando estas abusam, para o mal, das naturezas boas, serve-se mesmo das naturezas más para o bem. Fez, portanto, com que o Diabo, bom pela sua criação, mau pela sua vontade, fosse atirado para o grupo dos seres inferiores para

⁴²¹ *hoc est initium figmenti Domitti.* Job, XI, 14.

ser entregue às mofas dos seus anjos, no sentido de que os santos tirem proveito das próprias tentações pelas quais ele procurava ser-lhes nocivo. Ao criá-lo, Deus não ignorava a sua malícia futura e previa todo o bem que do mal tiraria. Foi por isso que o salmista disse: *Este dragão que fizeste para ser um objeto de troça*⁴²², para mostrar que, no preciso momento em que o criou — criando-o bom por causa da sua vontade — nos dava a entender que já tinha preparado, graças à sua presciênciia, os meios de tirar proveito mesmo do mal.

CAPÍTULO XVIII

A oposição dos contrários torna mais patente a beleza do Mundo na ordem que Deus lhe conferiu.

Deus não teria criado nenhum, já não digo dos anjos, mas mesmo nenhum dos humanos, cuja malícia futura previra, se igualmente não tivesse conhecido os meios de mudá-los em proveito dos bons e assim embelezar a ordem dos séculos, como um formosíssimo poema de variadas antíteses.

Realmente, aquilo a que se chama antítese é um dos mais graciosos ornamentos do discurso que em latim se poderia chamar oposição ou, mais expressivamente, contraste. Embora este termo não esteja em uso entre nós, a figura é um dos ornamentos de estilo de que o latim, ou antes, as línguas de todos os povos, também faz uso.

⁴²² *Draco hic quem fiuxisti a d inludetidum ei.* Salmo CIII, 26.

Na segunda Epístola aos Coríntios é por antíteses que o apóstolo Paulo rodeia com suavidade aquela passagem em que diz:

*Com as armas da justiça combatemos à direita e à esquerda; gloriosos e obscuros, desacreditados e honrados, como sedutores e verídicos, como se nos ignorassem e nos conhecessem, quase moribundos e, todavia, pujantes de vida, castigados mas não exterminados, tristes mas sempre alegres, pobres mas a muitos enriquecendo, nada tendo e tudo possuindo*⁴²³.

Ora, assim como a oposição dos contrários embeleza o discurso, assim também uma espécie de eloquência, não das palavras, mas das coisas, põe em relevo, por uma semelhante oposição, a beleza do Mundo. Isto no-lo manifesta com toda a clareza o Livro do Eclesiástico, desta maneira: *Em frente do mal está o bem; em face da morte está a vida. Da mesma forma em frente do justo está o pecador. E assim contempla todas as obras do Altíssimo: todas, duas a duas, uma oposta à outra*⁴²⁴.

⁴²³ *Per arma justitiae dextra et sinistra: per gloriā et ignobilitatē, per infamiam et bonam famam; ut sedutores et veraces, ut qui ignoramur et cognoscimur; quasi morientes, et ecce vivimus, ut coherciti et non mortificati; ut tristes, semper autem gaudentes, sicut egetū, muitos autem ditantes, tamquam nihil habentes et omni possidentes.* II Corint., VI, 7-10.

⁴²⁴ *Contra malum bonum est et contra mortem vita; sic contra pium peccator. Et sic intuere in omnia opera Altissimi, bina bina, unum contra unum.* Ecles., XXXIII, 15.

CAPÍTULO XIX

Como é que parece que se deve entender o que está escrito *Deus separou a luz das trevas.*

A própria obscuridade da palavra divina tem esta vantagem: suscita e esclarece várias explicações verdadeiras, quando uns a entendem de uma forma e outros de outra forma, contanto que o que numa passagem se entende com dificuldade se confirme com o testemunho de fatos manifestos ou com outras passagens bem claras; quer se acabe, enquanto se esclarecem muitas questões, por encontrar o pensamento do escritor; quer, embora continue oculto, se manifestem outras verdades durante o aprofundar dessa obscuridade.

Parece-me que não é uma opinião em desacordo com as obras de Deus ver a criação dos anjos na criação da luz primitiva e a separação dos anjos santos dos anjos impuros nesta frase: *E Deus separou a luz das trevas e, à luz, chamou dia e, noite, às trevas*⁴²⁵, pois só pôde separar estas coisas Aquele que antecipadamente pôde saber, antes da queda, quais viriam a cair e, privados da luz da verdade, permaneceriam nas trevas do orgulho.

Quanto ao dia e à noite que conhecemos, isto é, a nossa luz e as nossas trevas, Deus ordenou a esses luzeiros do Céu que atingem os nossos sentidos que estabelecessem a separação, ao dizer: *Façam-se*

⁴²⁵ *Et divisit Deus inter lucem et tenebras; et vocavit Deus lucem diem et tenebras vocavit noctem. Gén., I, 4-6.*

*luzeiros no firmamento do céu para que brilhem sobre a terra e separem o dia da noite*⁴²⁶ e, pouco depois: *E Deus fez dois grandes luzeiros, o maior para presidir o dia e o menor para presidir a noite; e fez também as estrelas. E colocou-os Deus no firmamento do céu para brilharem sobre a terra e presidirem o dia e a noite e separarem a luz das trevas*⁴²⁷.

Mas entre esta luz que é a sociedade santa dos anjos, aos quais o brilho da verdade dá um esplendor inteligível e as trevas contrárias, isto é, os sombrios espíritos dos maus anjos desviados da luz da justiça, só pode estabelecer a divisão Aquele para quem o futuro mal (mal não da natureza, mas da vontade) não pode estar escondido ou obscuro.

CAPÍTULO XX

Acerca das palavras *E viu Deus que a luz era boa*, proferidas logo a seguir à separação da luz das trevas.

Convém, por fim, não esquecer que, quando Deus disse: *Faca-se a luz e a luz foi feita*⁴²⁸, logo é acrescentado: *E Deus viu que a luz era boa*⁴²⁹ e isto, antes de Deus ter separado a luz das trevas e de ter

⁴²⁶ *Fiant luminaria in firmamento caeli, ut luceant super terram et dividant inter diem et noctem.* Gen., I, 14.

⁴²⁷ *Et jecit Deus duo luminaria magna, luminare majus in principia diei, et luminare minus in principia noctis, et stellas; et posuit illa Deus in firmamento caeli lucere super terram et praeesse diei et nocti et dividere inter lucem et tenebras.* Gen., I, 16-18.

⁴²⁸ *Fiat lux, et facta est lux.* Gen., I, 3.

⁴²⁹ *E vidit Deus lucem quia bona est.* Ib.

chamado dia à luz e noite às trevas, para que não parecesse que lhe agradavam as tais trevas misturadas com a luz. De fato, sendo inimputáveis as trevas (entre as quais e esta luz visível aos nossos olhos, os luzeiros do Céu estabeleceram a separação), não foi antes, mas depois desta separação que se disse: *E Deus viu que isso era bom*⁴³⁰.

O que se disse foi: *E pô-los no firmamento do céu para brilharem sobre a terra e presidirem o dia e a noite e separarem a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom*⁴³¹. Ambas — luz e trevas — lhe agradavam porque ambas eram sem pecado. Mas quando Deus diz: *Faça-se a luz e a luz foi feita. E Deus viu que a luz era boa* e em seguida se lê: *E separou Deus a luz das trevas e Deus chamou dia à luz e noite às trevas*⁴³², não é acrescentado: *E Deus viu que isso era bom*, para evitar chamar a uma e outra conjuntamente quando uma das duas era má; aliás, não por natureza, mas por seu próprio vício. Foi por isso que apenas a luz agradou ao Criador. Quanto às trevas angélicas, embora tivessem de ser submetidas a uma ordem, não tinham, porém, de ser destinadas a ser aprovadas.

⁴³⁰ *Et vidit Deus quia bonum est.* Gen., I, 17.

⁴³¹ *Et posuit ilia in firmamento caeli, lucere super terram, et praeesse diei et nocti, et separate inter lucem et tenebras. Et vidit Deus quia bonum est.* Ib.

⁴³² *Et separavit Deus lucem et tenebras ; et vocavit Deus lucem diem et tenebras vocavit noctem.* Ib.

CAPÍTULO XXI

Acerca da ciência e da vontade eternas e imutáveis de Deus, em conformidade com as quais sempre lhe agradaram as obras que fez, tanto antes como depois de as fazer.

O que se deve, na verdade, entender por esta frase repetida a propósito de tudo, *Deus viu que isso era bom*⁴³³, senão a aprovação da obra realizada em conformidade com a arte que é a Sabedoria de Deus? Certamente que Deus não esperou acabar a sua obra para saber que ela era boa. Pelo contrário, nada teria feito se lhe fosse desconhecido. Para Ele, portanto, ver que à sua obra é boa — e se a não tivesse visto antes de a criar não a teria feito — não é aprender, mas ensinar-nos que é boa.

É certo que Platão se atreveu a dizer que Deus exultou de alegria depois de ter acabado o Universo. Não era, todavia, tão louco que acreditasse que Deus, com a novidade da sua obra, se tornara mais feliz. Quis assim mostrar que esta obra, uma vez realizada, agradou ao seu artífice, tal qual como lhe tinha agradado no seu projeto antes de ser realizada. Não é que mude a ciência de Deus e opere nela de forma diferente o que ainda não é, o que já é e o que foi.

Em Deus não há, como em nós, a previsão do futuro, a visão do presente e a recordação do passado. É totalmente diferente a sua maneira de conhecer, ultrapassando, muito acima e de muito longe, os

⁴³³ *Vidit Deus quia bonum est.* Gen., I, 4-10-12-18-21-25-30.

nossos hábitos mentais. Ele vê com um olhar absolutamente imutável, sem levar o seu pensamento de um objeto para outro. Por conseguinte, o que se passa no tempo comprehende, certamente, não só acontecimentos futuros que ainda não são, mas também presentes que já são e passados que já não são. Mas Ele abarca-os a todos na sua estável e sempiterna presença. Não os vê de forma diferente com os olhos do espírito, pois não é composto de corpo e alma. Nem agora de forma diferente de antes ou depois. Diferentemente do nosso, na verdade, o conhecimento que Ele tem dos três tempos — presente, passado e futuro — não está sujeito à mudança, por que *nele não há vicissitude nem sombra de mudança*⁴³⁴.

A sua atenção não passa de um pensamento para outro pensamento, mas, ao seu olhar incorpóreo, tudo o que sabe está simultaneamente presente. É que ele conhece os tempos sem qualquer representação temporal, assim como move o que está sujeito ao tempo sem sofrer qualquer movimento temporal.

Ele viu, pois, que a sua obra era boa, precisamente quando viu que era bom realizá-la. E o fato de a ver, uma vez realizada, não dorou nem aumentou a sua ciência, como se fosse menos sábio antes de criar o que veria. Por que as suas obras não alcançariam toda a sua

⁴³⁴ *apud quem nott est inmutatio tiec mometiti obumbratio.* Tiago, I, 17.

perfeição se não tivesse atuado por uma ciência de tal forma perfeita que a nenhuma delas nada poderia acrescer.

É por isso que, para nos ensinar que é o autor da luz, bastava dizer Deus fez a luz. E para nos ensinar, não apenas que a fez, mas também por que meio, bastaria anunciar assim: E disse Deus: *Faça-se a luz e a luz se fez*⁴³⁵. Por que assim saberíamos que Deus fez a luz e que a fez pelo seu Verbo. Mas como há três coisas a respeito das criaturas dignas de serem conhecidas que tinha de nos ensinar — quem a fez, por que meio a fez e porque a fez — acrescenta: *Disse Deus: Faça-se a luz e a luz fez-se. E viu Deus que a luz era boa*⁴³⁶.

Se, portanto, perguntamos: quem a fez? Foi Deus. Se perguntamos: por que meio a fez? Disse: Faça-se, e ela se fez. Se perguntamos: porque a fez? Porque é boa.

Ora, não há autor mais perfeito do que Deus, nem arte mais eficaz do que o Verbo de Deus, nem causa melhor do que esta: o bem foi criado por um Deus bom!

E o próprio Platão — quer porque o leu, quer, talvez, porque o aprendeu dos que o leram, quer porque o seu gênio tão penetrante o levou a perceber pela sua inteligência as perfeições invisíveis de Deus através das realidades visíveis, quer porque o aprendeu dos que

⁴³⁵ *Et dixit Deus: Fiat lux, et facta est lux.* Gen., I, 3.

⁴³⁶ *Dixit Deus: Fiat lux, et facta est lux. Et vidit Deus lucem quia bona est.* Gen., I, 3.

assim as tinham visto — considera justíssima esta razão da criação do mundo: que as obras sejam feitas por um Deus bom.

CAPÍTULO XXII

Dos que desprezam alguns dos seres do Universo, bem feitos pelo criador bom e julgam que algumas naturezas são más.

Todavia, certos hereges não admitem esta causa, isto é, a bondade de Deus, que explica a criação dos seres bons; esta causa, repito, tão justa e tão conveniente que, considerada com cuidado e religiosamente meditada, põe termo a toda a controvérsia acerca da origem do mundo. E não a admitem porque há muitas coisas, tais como o fogo, o frio, os animais ferozes e outras deste teor que, quando se lhes faz oposição, ferem a pobre e frágil mortalidade desta carne, aliás, fruto de um justo castigo. Não reparam quão cheias de vigor estão essas coisas na sua natureza e nos seus lugares próprios, em que bela ordem estão dispostas, que beleza conferem por suas proporções a todo o Universo como à sua comum república, ou ainda que vantagens a nós próprios proporcionam se delas soubermos fazer um uso inteligente e apropriado; os próprios venenos, nocivos se tomados inconsideradamente, transformam-se em medicamentos salutares se aplicados com critério. Pelo contrário, mesmo as coisas com que nos deleitamos, como o alimento, a bebida e esta luz, tornam-se nocivas se usadas imoderada e inoportunamente.

Por isso, nos adverte a Divina Providência para que não culpemos à toa as coisas, mas indaguemos diligentemente a utilidade delas. E, quando falhar o nosso engenho ou a nossa debilidade, pensemos antes que essa utilidade está oculta como os segredos que difficilmente podemos descobrir. Por que o próprio segredo desta utilidade é uma provação para a nossa humildade ou uma mortificação para o nosso orgulho, pois uma natureza jamais é um mal e esta palavra mais não designa do que uma privação de bem.

Mas da Terra até ao Céu, do visível até ao invisível, há bens uns superiores aos outros e tinham de ser desiguais para todos existirem. Mas Deus, que é um tão grande artífice nas coisas grandes, não o é menos nas pequenas, as quais não se devem medir pela sua grandeza (que é nula), mas segundo a sabedoria do seu autor.

Assim, se se raspa uma só sobrancelha da face de uma pessoa, ao seu corpo bem pouco se tira; mas quanto se tira da sua beleza! Por que esta não consiste no tamanho, mas na semelhança e proporção dos membros.

Não é muito de admirar, com certeza, que aqueles que creem na existência de uma natureza má, proveniente de e propagada por algum princípio contrário, se recusem a ver na bondade de Deus, autor dos seres bons, a causa da criação, preferindo crer que Deus foi levado a criar esta grande mole do Mundo pela extrema necessidade de repelir o mal que contra ele se levantava. E para o reprimir e supe-

rar, misturou ao mal a sua natureza boa e esta, assim poluída da mais vergonhosa forma e oprimida pela mais cruel servidão, apenas pelo preço de pesados esforços consegue Deus purificá-la e libertá-la, não inteiramente porém, mas a parte que não pôde ser purificada desta contaminação tornar-se-á envoltório e liame do inimigo vencido e aprisionado.

Não teriam assim perdido o juízo os maniqueus, ou melhor, não teriam assim caído em delírio, se considerassem a natureza de Deus como ela é na realidade: imutável e absolutamente incorruptível, nada lhe podendo ser nocivo. E se a respeito da alma (que por sua vontade pode decair, pode corromper-se pelo pecado e ser assim privada da luz da verdade imutável), a considerassem com sentido cristão, não como uma parte de Deus nem da natureza de Deus, mas sim como criada por ele, imensamente inferior ao seu Criador.

CAPÍTULO XXIII

Erro de que está impregnada a doutrina de Orígenes.

Mas, o que é muito mais de admirar é que — mesmo crendo, como nós, num princípio único de todas as coisas e na impossibilidade, para toda a natureza que não seja Deus, de ter outro criador que não seja Ele — alguns, todavia, não se têm conformado em crer reta e simplesmente nesta causa da criação do Mundo tão boa e tão simples, ou seja: que um Deus bom criou as coisas boas e que, fora de

Deus, as coisas, que não são o que Deus é, mas são boas, só um Deus bom as poderia fazer.

Dizem que as almas, que não são parte de Deus, mas feitas por Deus, pecaram, separando-se do criador e que, descendo por etapas diversas, conforme a diversidade dos pecados, desde os Céus até à Terra, mereceram diversos corpos como prisões. Isto é que é o Mundo e a causa da sua criação não é a produção de bens, mas a representação de males.

Disto é acusado justificadamente Orígenes. Nos livros a que deu o nome **Des principes** — isto é, *Acerca dos Princípios* — é assim que pensa e escreve. E admiro-me, mais do que poderia dizê-lo, que um homem tão sábio, tão versado nas letras eclesiásticas, não tenha notado, primeiro que tudo, quanto isso é contrário ao pensamento tão autorizado da Escritura que, a seguir a cada obra de Deus, repete: *E Deus viu que era bom*⁴³⁷ e, acabado tudo, conclui: *E Deus viu que tudo o que fez era muito bom*⁴³⁸, querendo mostrar que não há outra causa da criação senão um Deus bom que fez seres bons.

Se ninguém tivesse pecado, o Mundo estaria ornado e cheio só de naturezas boas e, só porque se pecou, nem por isso tudo ficou cheio de pecado, pois, entre os celestiais, um número muito maior de bons conservou a ordem da sua natureza.

⁴³⁷ *Et vidit Deus, quia bonum est.* Gen. I, 4.

⁴³⁸ *Et vidit Deus omnia, quae fecit, et ecce bona valde.* Gen., I, 31.

Nem a própria vontade má, pelo fato de não querer observar a ordem da natureza, pôde evitar as leis do Deus justo que ordena convenientemente todas as coisas. Por que, tal como um quadro de cores sombrias distribuídas nos seus devidos lugares, assim também o conjunto das coisas, se alguém o puder abarcar com um só olhar, se mantém belo, mesmo com os pecadores, embora estes, encarados separadamente, apareçam enfeados devido à sua deformidade.

Orígenes e os que assim pensam deveriam ver que, se tal opinião fosse verdadeira, o Mundo teria sido feito para dar às almas, conforme a gravidade dos seus pecados, corpos onde seriam encerradas para seu castigo como numa prisão: às menos culpadas, corpos mais leves e mais elevados; às mais culpadas, corpos mais pesados e mais baixos e os demônios — porque nada há de mais detestável do que eles — teriam que receber, por mais razão que os humanos bons, corpos de terra, que são os mais baixos e os mais pesados de todos.

Mas, na realidade, para que compreendamos que não se devem avaliar os méritos da alma pelas qualidades do corpo, o demônio, o pior dos seres, recebeu um corpo aéreo; ao passo que o ser humano, que agora é, sem dúvida, culpado, mas de malícia de bem menor importância e, em todo o caso, antes de pecar, o ser humano recebeu, todavia, um corpo de barro.

Haverá alguma coisa mais insensata do que dizer que só há um Sol no Mundo, não por que o artífice Deus o fez na intenção de em-

beleza o Mundo ou ainda na de prover ao bem estar dos seres corporais, mas antes, que isso aconteceu por uma alma ter pecado, de forma a merecer ser encerrada num tal corpo? Mas, se tivesse acontecido diferentemente, não que uma só mas duas, não duas mas dez ou cem, tivessem cometido o mesmo pecado, este Mundo teria cem sóis? Não foi, então, a admirável providência do artífice que promoveu o bom estado e a beleza dos seres corporais, foi antes o grau de pecado de uma só alma que lhe valeu merecer tal corpo. Não é, com certeza, a progressão das almas (acerca das quais eles não sabem o que dizem) no afastamento da verdade e do mérito que tem que ser reprimida, mas antes o desvario desses que tais coisas chegam a pensar.

Quando, pois, a propósito de cada criatura, se põem as três questões acima referidas — quem a fez, por que meio e por que a fez — haverá que se responder: fê-la Deus, pelo Seu Verbo, porque ela é boa.

Mas estas respostas, não insinuarão elas, nas suas misteriosas profundezas, a própria Trindade, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo? Verifica-se nesta passagem das Escrituras alguma coisa que impeça esta interpretação? É esta uma questão que demoraria muito a expor e não se pode exigir que tudo se explique num só livro.

CAPÍTULO XXIV

Acerca da Trindade divina que, em todas as suas obras, deixou sinais que a revelam.

Nós cremos, mantemos e pregamos com fidelidade que o Pai gerou o Verbo, isto é, a Sabedoria pela qual tudo foi feito, seu Filho único; que Ele, o Uno, gerou o Único, o Eterno, o Coeterno, o soberanamente bom, o igualmente bom; e que o Espírito Santo é simultaneamente o Espírito do Pai e do Filho, Ele mesmo consubstancial e coeterno a ambos; que tudo isto é Trindade por causa da propriedade de pessoas e Deus único por causa da sua inseparável divindade, assim como é único Onipotente por causa da sua inseparável onipotência. De tal maneira, porém, que, se alguém se interrogar acerca de cada um, deve contentar-se em saber que cada um é Deus e onipotente e se se interrogar acerca dos três conjuntamente, a resposta será que não há três deuses ou três onipotentes, mas um só Deus onipotente, tão grande é, na sua Trindade, a inseparável unidade que desta maneira se quis manifestar.

Se o Espírito Santo do Pai bom e do Filho bom, por que é comum a ambos, se poderá chamar com correção bondade de ambos, é questão acerca da qual não me atrevo a emitir uma opinião temerária. Mas o que não tenho medo de dizer é que o Espírito Santo é a santidad das duas outras Pessoas, não como qualidade de uma e de outra, mas como sendo ele também substância e terceira Pessoa na Trinda-

de. O que mais provavelmente me leva a esta opinião é o seguinte: o Pai é espírito e o Filho é espírito, o Pai é santo e o Filho é santo; todavia, o Espírito Santo é que é propriamente assim chamado como sendo a Santidade substancial e consubstancial de ambos.

Mas, se a bondade divina se identifica com a santidade, já não será uma audaciosa presunção, mas exercício atento da razão, ver nas obras de Deus, sob uma forma misteriosa de falar destinada a despertar a nossa atenção, esta mesma Trindade insinuada pela tríplice questão acerca de cada criatura: *Quem a fez? Por que meios a fez? E Porque é que a fez?* Realmente, foi o Pai do Verbo quem disse Façase! E o que à sua palavra se fez, foi, sem dúvida, pelo Verbo que se fez. Finalmente, a frase *Deus viu que era bom* exprime bem que Deus, sem necessidade alguma, sem a menor busca de proveito pessoal, mas apenas por sua bondade fez o que fez, isto é, por que é bom! E se a obra é declarada boa depois da sua criação, é para mostrar que ela está de harmonia com a bondade, razão da sua criação.

Mas, se esta Bondade designa precisamente o Espírito Santo, é a Trindade toda que se nos revela nas suas obras. E é dela que a Cidade Santa, a cidade constituída nas alturas pelos santos anjos, tira a sua origem, a sua forma e a sua beatitude.

Na verdade, se se perguntar *onde vem*, diremos: *foi Deus que a fundou; donde provém a sua sabedoria*, diremos: *é Deus que a ilumina; donde provém a sua felicidade*, diremos: *é de Deus que ela*

desfruta! Subsistindo n'Ele, tem a sua forma; contemplando-o, tem a sua luz; unindo-se a Ele, tem a sua alegria. Ela é, vive, ama. Na eternidade de Deus ela prospera, brilha na verdade de Deus, regozija-se na sua bondade!

CAPÍTULO XXV

Divisão de toda a filosofia em três partes.

Tanto quanto nos é possível comprehendê-lo, é daí que vem a divisão, pretendida pelos filósofos, do estudo da sabedoria, em três partes. Ou melhor, eles puderam observar que estava dividida em três partes. Não foram eles que determinaram que fosse assim, mas apenas descobriram que é assim.

A uma parte chamou-se *Física*, à outra *Lógica* e à terceira *Ética*. A estes nomes correspondem, nos escritos de muitos autores latinos, os de *natural*, *racional* e *moral*, como resumidamente já referimos no livro oitavo.

Disto não se pode concluir que esses filósofos tenham tido, nestas três partes, alguma ideia da Trindade como Deus, embora Pla-
tão — o primeiro, dizem, a descobrir e a recomendar esta divisão — tenha visto em Deus o único autor de todas as naturezas, o doador da inteligência, o imperador do amor pelo qual se vive virtuosa e felizmente. Mas há diversas opiniões quando há que tratar da natureza das coisas, dos meios de discernir a verdade, do fim do bem a que

devemos referir tudo o que fazemos. Todavia, toda a sua pesquisa vem dar a estas três grandes e gerais questões.

Assim, embora em cada uma destas questões professe cada um opiniões divergentes, nenhum, porém, hesita em reconhecer que existe uma causa para a natureza, um método para a ciência e um sentido para a vida.

Também são três as coisas que concorrem para o trabalho de um artífice: a natureza, a doutrina, o uso (prática). A natureza deve ser apreciada pelo engenho, a doutrina pela ciência e o uso (prática) pelos frutos (resultados). Não ignoro que o «fruto» se diz propriamente de alguém que usufrui e o «uso» (ou utilidade) de alguém que utiliza. A diferença parece consistir em que «usufruir» se diz de uma coisa que nos agrada por si mesma, sem estar relacionada com outra; «utilizar» se diz de uma coisa que se procura para outra. Por isso, mais que usufruir, convém utilizar os bens temporais para se merecer o gozo dos bens eternos; não como os perversos que querem desfrutar do dinheiro e utilizar-se de Deus. Porque não é por causa de Deus que empregam o seu dinheiro; é antes por causa do dinheiro que prestam culto a Deus.

Todavia, conforme o modo de falar que o hábito fez prevalecer, «utilizam-se» os «frutos» e «usufrui-se» do «uso»; não se fala no sentido próprio de «frutos do campo», dos quais, na verdade, todos fazemos um uso temporal. Foi, pois, neste sentido que eu falei de

uso, a propósito das três coisas que convinha considerar no ser humano: a natureza, a doutrina e o uso.

Como disse, foi a partir delas que, tendo em mente a consecução da vida feliz, os filósofos dividiram em três partes a sua doutrina. Foi a partir delas que, tendo em mente a obtenção da vida bem-aventurada, deriva esta divisão em três da disciplina descoberta, como já disse, pelos filósofos: a natural por causa da natureza, a racional por causa da doutrina, a moral por causa do uso.

Portanto, se a nossa natureza procedesse de nós, seríamos nós os autores da nossa sabedoria e não teríamos a preocupação de a adquirirmos da doutrina, isto é, de a aprendermos dos outros; e o nosso amor, de nós partindo e a nós referido, nos bastaria para vivermos felizes sem necessidade de qualquer outro bem de que gozássemos. Mas, por que, de fato, a nossa natureza, para existir, tem Deus como autor, sem dúvida que temos de tê-lo como mestre para conhecermos a Verdade e ainda como dispensador das nossas íntimas alegrias para sermos felizes.

CAPÍTULO XXVI

Imagen da soberana Trindade que, de certo modo, se encontra mesmo na natureza do ser humano ainda não bem-aventurado.

Também reconhecemos em nós uma imagem de Deus, isto é, daquela soberana Trindade. Claro que não é uma imagem igual, mas

antes imensamente distante. Tão pouco é coeterna. Numa palavra: não é da mesma substância que Deus. Todavia, não conhecemos entre os seres por Ele criados nada que seja d'Ele mais próximo pela natureza do que essa imagem, embora esta tenha ainda necessidade de uma reforma que a aperfeiçoe para ser também muito próxima pela semelhança.

Efetivamente, somos e sabemos que somos e amamos esse ser e esse conhecer. E nestas três coisas que acabo de referir nenhuma falsidade parecida com a verdade nos perturba. De fato, não as atingimos, como às realidades exteriores, por qualquer sentido corporal como as cores pela visão, os sons pelo ouvido, os perfumes pelo olfato, os sabores pelo gosto, o duro e o mole pelo tato.

Destas coisas sensíveis temos também imagens que muito se lhes assemelham, mas são corporais; consideramo-las no pensamento, conservamo-las na memória e somos por elas incitados a desejarmos as próprias coisas, mas, sem qualquer imagem enganosa da fantasia ou da imaginação, é coisa absolutamente certa que sou, que conheço e que amo.

Nestas verdades nenhum receio tenho dos argumentos dos acadêmicos que questionam: o que será se te enganares? Pois, se me enganar, existo. Realmente, quem não existe, de modo nenhum pode se enganar. Por isso, se me engano é porque existo. Por que, portanto, existo se me engano, como poderei enganar-me sobre se existo,

quando é certo que existo quando me engano?⁴³⁹ Por conseguinte, como seria eu quem se enganaria, mesmo que me engane não há dúvida de que não me engano nisto: que sei que existo. Mas a consequência é que não me engano mesmo nisto: que sei que me conheço. De fato, assim como sei que existo, assim também sei isso mesmo: que me conheço.

E quando eu amo estas duas coisas, acrescento, às coisas que conheço, o amor como terceiro elemento, que não é de menor importância. Pois não me engano sobre se me amo, já que não me engano nas coisas que amo; mesmo que elas fossem falsas, seria verdade que amo as coisas falsas. Realmente, por que motivo eu havia de ser justamente repreendido e justamente impedido de amar as coisas falsas se fosse falso que as amo? Como, porém, essas coisas são verdadeiras e certas, quem duvida de que o próprio amor que as faz é também ele amor verdadeiro e certo? É tão verdadeiro que ninguém há que não queira existir, como nada existe que não queira ser feliz. E como poderá ser feliz se nada é?

⁴³⁹ Este raciocínio, muito familiar a Santo Agostinho e que ele repete em várias de suas obras (particularmente em *De Trinitate*, Livro, X, Cap. 10; em *De libero arbitrio*, Livro II, Cap. 3 e em *Soliloquiorum*, Livro I, Cap. 3) contém o germe de onde deveria sair, doze séculos mais tarde, o *Cogito, ergo sum* e toda a filosofia moderna. Ver, Descartes, *Discours de la méthode*, 4^e partie; *Méditations*, I et II; Lettres, tome VIII de l'édition de M. Cousin, p. 421; comp. Pascal, *Pensées*, p. 469 de l'édition de M. Havet. (Nota da edição em francês).

CAPÍTULO XXVII

Do ser e do conhecimento e do amor por um e outro.

A existência é, por uma inclinação natural, tão agradável, que, só por isso, nem os mais desgraçados querem morrer e quando se sentem desgraçados não querem que sejam eles a desaparecer, mas antes que desapareça a sua desgraça.

Mesmo aqueles que se consideram os mais infelizes __ e de fato o são, assim julgados não só pelos sábios que os têm por insensatos, mas também pelos que, julgando-se felizes, os têm por pobres e indigentes __ se alguém lhes oferecesse a imortalidade, em que nem mesmo a infelicidade morresse, de maneira que, se se recusassem a permanecer eternamente infelizes, deixariam todos e para sempre de existir e seriam votados a total aniquilação, com certeza que rejuviriam de alegria e prefeririam continuar a ser eternamente o que são a deixarem de todo de ser. Disto mesmo é testemunha o seu bem conhecido sentimento.

Porque será que receiam morrer e preferem viver nos seus tormentos a acabar com eles na morte, senão porque é claramente evidente que à natureza repugna não ser? Também, quando sabem que estão prestes a morrer, desejam que lhes seja concedida, como um grande benefício, a misericórdia de viverem durante mais algum tempo na mesma miséria e a morrerem mais tarde.

Não há a menor dúvida de que mostram assim com que gratidão aceitariam a imortalidade, mesmo que com ela não pusessem termo à sua indigência.

Pois quê? Todos os animais, mesmo os privados de razão, aos quais não é dado cogitar estas coisas, desde os dragões gigantes até aos menores vermezinhos, não exprimem eles também, por todos os movimentos possíveis, o seu desejo de existir e, deste modo, de evitá-la morte?

Pois quê? Todas as árvores e plantas (sem sensibilidade para evitarem, com movimentos exteriores, a sua destruição), não é certo que, para lançarem para o ar os cimos dos ramos, mergulham no solo as extremidades das suas raízes, para dele colherem o sustento e assim, à sua maneira, se esforçam por conservarem o ser?

Enfim, os próprios corpos destituídos, não só de sensibilidade, mas até de vida vegetativa, lançam-se para o alto, caem cá em baixo ou ficam-se suspensos no meio, para conservarem a sua essência num lugar onde, segundo a sua natureza, ela possa subsistir.

Pois bem; o quanto se ama o conhecer e como repugna à natureza humana ser enganada, pode concluir-se do fato de que ninguém há que não prefira afligir-se em são juízo a alegrar-se na demência. Esta grande e admirável força não é encontrada, fora do ser humano, em qualquer animal destinado à morte.

É certo que alguns, para contemplarem a nossa luz, têm o sentido da visão mais agudo que o nosso; mas não podem atingir aquela luz incorpórea que na nossa mente brilha de certo modo, para que possamos emitir acerca de todas as coisas um juízo correto; por que é na medida em que a possuímos que desse juízo somos capazes.

Todavia, se não há ciência nas sensações dos animais privados de razão, há neles, porém, pelo menos uma certa semelhança de ciência. Os outros seres corpóreos chamam-se sensíveis, não porque sintam, mas porque são sentidos. Entre eles, os vegetais imitam a sensibilidade pelo ato de se nutrirem e se reproduzirem. Todavia, estes e todos os seres corporais têm na natureza as suas causas latentes.

Quanto às suas formas, que embelezam a estrutura deste mundo visível, eles apresentam-nas aos nossos sentidos para serem percebidas, parece que como se quisessem dar-se a conhecer para compensarem o conhecimento que não têm. Nós captamo-los com os sentidos do corpo, mas não é com esses sentidos do corpo que os julgamos. Com efeito, um outro sentido do ser humano interior, muito superior aos outros, permite-nos sentir não só o justo mas também o injusto; o justo pela sua beleza inteligível e o injusto pela privação dessa beleza. Para o exercício deste sentido não chega nem a agudeza da pupila, nem a abertura dos ouvidos, nem os respiradouros do nariz, nem a abóbada do palatino, nem tato algum corpóreo. É nesse

sentido que encontro a certeza de que existo e de que sei; é nesse sentido que encontro a certeza de que amo tudo isso e de que amo.

CAPÍTULO XXVIII

Deveremos nós amar também o próprio amor com que amamos o ser e o saber, para mais nos aproximarmos da imagem da Trindade divina?

Mas, acerca destes dois pontos, ou seja, do saber e do conhecer, quanto os amamos em nós, como deles se encontra uma semelhança, embora longínqua, mesmo nas coisas que são inferiores a nós, já dissemos o bastante, tanto quanto me parece que o exigia o plano desta obra.

Acerca do amor com que são amados, não disse se esse amor também é amado. Mas esse amor é amado e provamos que o é com o fato de que, quanto mais uma pessoa é legitimamente amada, mais este amor é ele próprio amado.

É com razão, de fato, que se diz bom não quem conhece o bem, mas sim quem o ama. Por que não temos então consciência de a-marmos em nós esse mesmo amor que nos faz amar tudo o que de bom nós amamos? Porque também há um amor com que amamos o que amado não deve ser e a este amor odeia em si aquele amor com que se ama o que amado deve ser. Podem ambos estes amores existir na mesma pessoa e o bem para a pessoa consiste em que, progredin-

do no que nos faz viver bem, vá retrocedendo, até à completa cura, no que nos faz viver mal e se mude em bem toda a nossa vida.

Se fôssemos animais, amaríamos a vida carnal e o que é conforme com os seus sentidos. Isso bastaria para nosso bem e, se nos encontrássemos bem com isso, nada mais procuraríamos. Da mesma forma, se fôssemos árvores, nada amaríamos, com certeza, com um movimento sensível, contudo, parece que desejariíamos o que nos tornasse mais fecunda e abundantemente frutíferas. Se fôssemos pedras, ondas, ventos, chama ou coisa parecida, não teríamos nem sensibilidade nem vida; todavia, não seríamos desprovidos duma certa tendência para o lugar próprio e para a ordem. São como que amores dos corpos as forças dos seus pesos, quer tendam para baixo, devido à gravidade, quer para cima, devido à leveza. Efetivamente, assim como a alma é arrastada pelo amor para onde quer que vá, assim também o corpo é arrastado pelo seu peso.

Mas nós somos humanos criados à imagem do nosso Criador, cuja eternidade é verdadeira, a eterna verdade, a eterna e verdadeira caridade e Ele próprio é, sem confusão nem separação, a eterna Trindade, a verdadeira Trindade, a bem amada Trindade.

Consideremos todas as coisas que estão abaixo de nós; de forma nenhuma existiriam, não se manteriam em qualquer forma, não desejariam nem observariam qualquer ordem, se não tivessem sido

feitas por Aquele que soberanamente é e que é a soberana sabedoria e a soberana bondade.

Percorramos todas as obras que Ele fez na sua admirável estabilidade e recolhamos, por assim dizer, os vestígios mais ou menos profundos com que as marcou. Pois, como aquele filho mais novo do Evangelho olhando para a sua figura, entremos em nós e levantemos para regressarmos Àquele de quem nos afastamos pelo pecado. Lá, o nosso ser não mais terá morte; lá, o nosso saber não mais terá erro; lá, o nosso amar não mais terá obstáculo.

Estas três realidades, bem nossas, temo-las nós por certas. Acreditamos nelas, não devido ao testemunho de outrem, mas porque nós as sentimos presentes, vemo-las dentro de nós com um olhar que não engana. Mas até quando durarão elas? Jamais acabarão? Que será delas, conforme o mau ou o bom uso que lhes dermos? Não podemos sabê-lo por nós próprios. É por isso que a este propósito procuramos outros testemunhos ou já os temos. Acerca da garantia que deve oferecer-nos a sua fidelidade, não é este o lugar, mas mais adiante, em que disso se tratará pormenorizadamente.

Mas, neste livro trata-se da Cidade de Deus, que não peregrina na mortalidade desta vida, mas reside, sempre imortal, nos Céus; a dos santos anjos, unidos a Deus, que jamais foram ou serão desertores. Há anjos que desertaram da luz eterna e se tornaram trevas; mas, como dissemos, Deus, desde as origens separou-os dos primeiros.

Com a ajuda d'Ele acabemos, pois, de explicar como pudermos o que começamos.

CAPÍTULO XXIX

Ciência pela qual os santos anjos conhecem a Trindade na sua própria deidade e pela qual veem na arte do Criador as causas das suas obras antes de as considerarem na própria obra do artífice.

Os santos anjos conhecem a Deus não pelos sons das palavras, mas pela própria presença da Verdade imutável, isto é, pelo Verbo, Filho único de Deus. Conhecem o próprio Verbo e o Pai e o Espírito Santo d'Eles; veem que esta Trindade é inseparável, que n'Ela cada uma das pessoas é substancial e que, todavia, todas juntas não fazem três deuses mas um só Deus e tudo isto lhes é mais conhecido do que nós somos de nós próprios.

Conhecem também melhor a criatura aí, isto é, na Sabedoria de Deus, como na arte em que foi feita, do que em si mesma. Por conseguinte, conhecem-se melhor aí a si mesmos do que em si mesmos, embora se conheçam também em si mesmos. Foram, na realidade, feitos e são diferentes de quem os fez. Aí, no Verbo, têm eles, como acima dissemos, um conhecimento, digamos, diurno e neles próprios um conhecimento, digamos ainda, vespertino.

É, de fato, muito diferente conhecer um objeto na própria ideia segundo a qual foi feito e conhecê-lo em si mesmo. Assim se conhe-

ce a direção em reta das linhas ou a verdade das figuras, quando se veem na inteligência, de forma diferente de quando se escrevem na areia; ou ainda: a justiça na imutável Verdade é diferente na alma do justo.

Da mesma forma quanto ao resto; o firmamento chamado céu posto entre as águas superiores e as inferiores; a reunião das águas em baixo, a secura da terra, a formação das plantas e das árvores; a criação do Sol, da Lua e das estrelas; os animais provenientes das águas, como as aves, os peixes e os monstros que nadam; da mesma forma os animais que andam ou rastejam na terra e o próprio ser humano que supera tudo o que há na Terra.

Todos estes seres os anjos conhecem no Verbo de Deus, em quem residem imutáveis e permanentes as suas causas e as suas ideias, isto é, Aquele que presidiu à sua criação, de uma forma que difere do conhecimento deles em si mesmos: com um conhecimento mais claro ali, mais obscuro aqui, como o da arte e o das obras. Quando estas obras se referem ao louvor e glória do Criador, como que resplandece a manhã no espírito de quem contempla.

CAPÍTULO XXX

A perfeição do número seis; o primeiro que é a soma exata das suas partes.

É por causa da perfeição do número seis que se narra (na Escritura), que as coisas ficaram perfeitas⁴⁴⁰ em seis dias, ou no mesmo dia repetido seis vezes. Não é porque a Deus fosse necessário algum intervalo de tempo, como se ele não pudesse criar duma só vez todos os seres que, doravante, por seus movimentos apropriados gerariam o tempo, mas por que o número seis significa a perfeição das obras.

Efetivamente, ele é o primeiro a ser a soma exata das suas partes, isto é, do seu sexto, do seu terço e da sua metade, que são, respectivamente, um, dois e três, cuja soma faz seis. Devem-se, neste cálculo, tomar como partes aquelas de que se pode dizer que são *alíquotas*⁴⁴¹, tais como a metade, o terço, o quarto e assim por diante.

Assim, por exemplo, quatro é uma parte do número nove, mas não se pode dizer qual, como se pode dizer do um que é o nono e do três que é o terço. Mas estas duas partes somadas — o nono e o terço, isto é, o um e o três — estão longe da soma total que é nove.

⁴⁴⁰ Em vez de «acabadas», conforme o seu étimo (*perfectus*, de *perficio*) preferimos traduzir o termo *perfecta* por «perfeita» para manter o jogo de palavras do original.

⁴⁴¹ Com a palavra *aliquota*, Santo Agostinho pretende referir-se, como resulta, aliás, do contexto, à *quota parte* ou parte proporcional e não a uma parte qualquer, isto é, que cabe no todo um número inteiro de vezes.

Também quatro é parte de dez, mas não se pode dizer qual, como se pode dizer do um que é um décimo, do dois que é um quinto, do cinco que é metade. Mas estas três partes — décimo, quinto e metade, ou seja, um, dois e cinco — somam oito e não dez. Ultrapassam-no, porém, as partes adicionadas do número doze, sendo um o duodécimo, dois o sexto, três o quarto, quatro o terço e seis metade; pois um, dois, três, quatro e seis perfazem dezesseis, portanto, mais de doze.

Julguei que isto devia ser sumariamente rememorado para mostrar a perfeição do número seis que, como disse, é o primeiro a ser a soma exata das suas partes e é neste número que Deus deixou perfeitas as suas obras. Não se deve, pois, desprezar a teoria dos números, de que as Sagradas Escrituras, em muitas passagens, desvendam o alto valor aos que as estudam com atenção. Não foi em vão que se disse em louvor de Deus: *Tudo dispuseste em número, peso e medida*⁴⁴².

CAPÍTULO XXXI

Sétimo dia, em que se põem em destaque o repouso e a perfeição.

No sétimo dia, isto é, no mesmo dia sete vezes repetido, há também um número perfeito, mas por outra razão: ele anuncia o re-

⁴⁴² *Omnia in mensura et numero et pondere disposuisti.* Sab. de Salomão, XI, 21.

pouso de Deus, em que, pela primeira vez, se fala de santificação. Não quis Deus santificar esse dia com alguma das suas obras, mas com o seu repouso, que não tem tarde. Não há criatura alguma que, conhecida de uma maneira no Verbo e de outra maneira em si mesma, subministre um conhecimento diurno e um conhecimento vespertino.

Certamente que acerca da perfeição do número sete muitas considerações poderiam ser aventadas. Mas este livro já se vai alargando e receio, ao apresentar-se a oportunidade, parecer desejoso de alardear a minha cienciazinha (*scientiola*) com mais vaidade do que proveito. Deve, pois, ter-se em conta a regra da moderação e da gravidade para se evitar que, falando muito do número, me surpreenda a desprezar o peso e a medida. Basta, pois, recordar que três é o primeiro número ímpar completo, que quatro é o primeiro número par completo e que dos dois resulta o sete. Por isso muitas vezes se toma o sete pela universalidade, como nas frases: *Sete vezes o justo cairá e se levantará*⁴⁴³, isto é, por muitas vezes que caia, não perecerá. Estas quedas não se referem à iniquidade, mas às tribulações que conduzem à humildade. *E louvar-te-ei sete vezes por dia*⁴⁴⁴, que exprime o

⁴⁴³ *Septiens cadet justus, et resurget.* Prov., XXIV, 16.

⁴⁴⁴ *Septiens in die laudabo te.* Salmo CXVIII, 164.

pensamento, já exposto, noutra passagem, nestes termos: *O seu louvar estará sempre na minha boca*⁴⁴⁵.

Há nos autores sagrados muitas passagens semelhantes em que o número sete é, como disse, usado para exprimir a universalidade de qualquer coisa. Por isso com o mesmo número se representa por vezes o Espírito Santo, do qual disse o Senhor: *Ensinar-vos-á toda a verdade*⁴⁴⁶.

Aí está o repouso de Deus, graças ao qual se repousa em Deus. Na verdade, é no todo, isto é, na perfeição plena, que está o repouso; o trabalho está na parte. Por isso nos esforçamos enquanto conhecemos em parte; quando chega o que é perfeito, desvanecer-se-á o que é em parte. É por isso, também, que tão trabalhosamente examinamos estas Escrituras.

Mas os santos anjos (a cuja sociedade e congregação, neste tão laborioso peregrinar, aspiramos) esses têm eternidade de permanência, facilidade de conhecimento e felicidade de repouso e por isso é que nos ajudam sem dificuldade, por que não têm que se esforçar na simplicidade e liberdade dos seus movimentos espirituais.

⁴⁴⁵ *Semper laus ejus in ore meo.* Salmo XXXIII, 1.

⁴⁴⁶ *Docebit vos omnem veritatem.* João, XVI, 13.

CAPÍTULO XXXII

Opiniões dos que julgam que a criação dos anjos precedeu a do Mundo.

Que ninguém venha suscitar contendas dizendo que a frase: *Faça-se a luz e a luz se fez*⁴⁴⁷, não se refere aos santos anjos, mas se refere à criação, desde os primórdios, de certa luz corpórea e os anjos não só não foram criados antes do firmamento posto entre as águas e chamado céu, mas foram criados mesmo antes do fato a que se refere a frase: *No princípio fez Deus o céu e a terra*⁴⁴⁸ e a frase: *No princípio*⁴⁴⁹ não designa o começo da criação (pois os anjos foram feitos antes), mas quer dizer que Deus tudo fez na sua Sabedoria, isto é, no seu Verbo, designado pela Escritura por «Princípio». Ele próprio o declarou no Evangelho quando, à pergunta dos Judeus «quem era», respondeu que «era o Princípio».

Nenhuma resposta darei em contrário, sobretudo porque me a-praz ver no livro sagrado do Gênesis, logo desde o exórdio, que a Trindade é evocada. Quando se diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, dá-se a entender que o Pai criou o Filho, como o testemunha o Salmo em que se lê: *Como são magníficas as tuas obras, Senhor! A todas fizeste na Sabedoria*⁴⁵⁰, pois, muito a propósito, o Espírito San-

⁴⁴⁷ *Fiat lux, et facta est lux.* Gen., I, 3.

⁴⁴⁸ *In principio fecit Deus caelum et terram.* Gen., I, 1.

⁴⁴⁹ *In principio.* Gen., I, 1.

⁴⁵⁰ *Quam magnificata sunt opera tua Domine! Omnia in sapientia fecisti.* Salmo CI 11, 24.

to é também mencionado pouco depois. Efetivamente, a Escritura, depois de declarar que a Terra tinha Deus feito no princípio, ou a que massa de matéria destinada à construção do Mundo tinha chamado céu e Terra e depois de ter acrescentado: *A terra era invisível e desorganizada e as trevas estavam sobre o abismo*⁴⁵¹, então é que acrescenta, para completar a menção da Trindade: *E o Espírito de Deus pairava sobre a água*⁴⁵².

Portanto, cada um escolha o sentido que quiser dar a estas palavras tão profundas que se pode, para exercício dos leitores, interpretá-las de diversas maneiras que não colidem com a regra de fé. Do que ninguém pode, porém, duvidar, é de que os santos anjos estão nas moradas sublimes e, embora não coeternos com Deus, estão, todavia, seguros e certos da sua verdadeira e eterna felicidade. Que é a esta sociedade que pertencem os pequeninos, ensinou-o o Senhor, não só quando disse: *Serão iguais aos anjos de Deus*⁴⁵³, mas também mostrou de que contemplação gozam os mesmos anjos quando diz: *Cuidado! Não desprezeis um só destes pequeninos, pois eu vos digo: os seus anjos nos Céus veem sempre a face de meu Pai que está nos Céus*⁴⁵⁴.

⁴⁵¹ *Terra autem erat invisibilis et incomposita et tenebrae erant super abyssum.* Gen. I, 1-2.

⁴⁵² *Et Spiritus Dei superferebatur super aquam.* Gen., 1, 1-2.

⁴⁵³ *Erunt aequales angelis Dei.* Mat., XII, 30.

⁴⁵⁴ *Videte, ne contemnaūs unum ex pusillis istis; dico enim vobis, quia angeli eorum in caelis semper vident faciem Patris mei, qui in caelis est.* Mat., XVII, 10.

CAPÍTULO XXXIII

Duas sociedades angélicas distintas e opostas que, com razão, se podem chamar luz e trevas.

Que alguns anjos pecaram e foram precipitados nos abismos deste mundo, que para eles se tornou como que um cárcere até à sua derradeira condenação no dia do juízo é o que clarissimamente mostra o apóstolo Pedro, quando diz que Deus não poupou os anjos pecadores e os encerrou nos tenebrosos cárceres do Inferno, conservando-os para serem castigados no dia do juízo.

Quem pode duvidar de que entre estes anjos pecadores e os outros estabeleceu Deus, na sua presciênciā, ou de fato, a separação e que, com justiça, aos outros chamou luz? Mesmo nós, que vivemos ainda na fé e na esperança de nos tornarmos a eles iguais, sem ainda o termos conseguido, somos já apelidados de luz pelo Apóstolo, ao dizer: *Houve tempo em que fostes trevas, mas agora sois luz no Senhor*⁴⁵⁵.

Mas, que os anjos desertores têm sido com toda a clareza chamados trevas, sem dúvida que o notam todos os que creem ou sabem que eles são piores que as pessoas infieis. É por isso que, ainda que fosse preciso ver uma outra luz nesta passagem desse livro onde se lê: *Deus disse: Faça-se a luz e a luz fez-se* e outras trevas onde está

⁴⁵⁵ *Fuistis enim aliquando tenebrae, nunc autem lux in Domino.* Efés., V, 8.

escrito: *Deus separou a luz das trevas*⁴⁵⁶, para nós, todavia, há duas cidades de anjos: uma que goza de Deus, e outra que intumesce de orgulho; uma à qual se diz: *Adorai-o todos vós seus anjos*⁴⁵⁷ e outra cujo chefe diz: *Tudo isto te darei se prostrado me adorares*⁴⁵⁸; uma abrasada no santo amor de Deus e outra ardendo num amor impuro da sua própria grandeza. E por que, segundo está escrito: *Deus resiste aos soberbos e concede a sua graça aos humildes*⁴⁵⁹, uma habita no mais alto dos Céus, a outra foi de lá expulsa e anda a causar a desordem nas regiões inferiores do céu aéreo; uma é tranquila na piedade luminosa, a outra turbulenta nas suas tenebrosas paixões; uma, atenta aos sinais de Deus, socorre com clemência e executa com justiça; a outra, sob o aguilhão do orgulho, ferve em desejo de dominar e de prejudicar; uma, por todo o bem que pretende fazer, põe-se ao serviço da bondade de Deus; a outra, com medo de não fazer todo o mal que pretende, é retida pelo freio do poder de Deus; uma faz troça da segunda quando, com pesar desta, tira proveito das suas perseguições; esta, inveja a primeira aovê-la recolher os seus peregrinos.

Portanto, para nós estas duas cidades de anjos, desiguais e contrárias, uma boa por sua natureza e vontade, a outra boa por sua natu-

⁴⁵⁶ *Divisit Deus inter lucem et tenebras.* Ib

⁴⁵⁷ *Adorate eum omnes angeli ejus.* Salmo XCVI, 8.

⁴⁵⁸ *Haec omnia tibi dabo, si prostratus adoraveris me.* Mat., IV, 9.

⁴⁵⁹ *Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam.* Tiago, IV, 6.

reza e má por sua vontade, cremos, segundo outros testemunhos mais claros das Sagradas Escrituras, que, ainda nesse livro chamado Gênesis, elas são designadas pelas palavras luz e trevas. Mesmo que quem isto escreveu lhes tenha dado nesta passagem outra significação, não creio que tenha sido inútil ter sondado a obscuridade do seu pensamento. Se não penetramos na intenção do autor desse livro, pelo menos não nos afastamos da regra de fé que é tão bem conhecida dos fiéis através de outras passagens das Sagradas Escrituras com a mesma autoridade. Embora, na verdade, as obras de Deus aqui mencionadas sejam corpóreas, não há dúvida de que têm certa semelhança com as realidades espirituais, conforme disse o Apóstolo: *Vós sois todos filhos da luz, filhos do dia; nós não somos filhos da noite nem das trevas*⁴⁶⁰.

Se é assim que também pensa quem isto escreveu, a nossa intenção alcançou o perfeito fim da disputa. Na verdade, não é de crer que uma pessoa de Deus, penetrada de sabedoria divina, ou melhor, o Espírito de Deus nela, ao enumerar as obras de Deus até ao seu completo acabamento no sexto dia, tenha deixado de mencionar os anjos, qualquer que seja o sentido da passagem: *No princípio fez Deus o Céu e a Terra*⁴⁶¹; quer «no princípio» (*in principio*) queira dizer que foram os primeiros a serem criados — quer «no princípio» queira

⁴⁶⁰ *Omties enim vos filii lucis estis et filii diei, non sumus noctis neque tenebrarum.* I Tessalon., V, 5.

⁴⁶¹ *In principio fecit Deus caelum et terram.* Gen., I, 1.

dizer (o que é mais provável) que Deus os tenha feito no Verbo, seu Filho único. Estas palavras «o Céu e a Terra», designam a criação universal não só do espiritual mas também do corpóreo, ou então (o que é mais provável) designam as duas grandes partes do mundo que englobam todos os seres criados, de modo que a Escritura, primeiro, apresenta-nos o conjunto e, logo a seguir, as partes do mundo segundo o número místico dos seis dias.

CAPÍTULO XXXIV

Julgam alguns que, na criação do firmamento, os anjos são designados com o nome de águas separadas, julgando outros que as águas não foram separadas.

Pensaram alguns que com o nome de águas foram de certo modo designados os povos angélicos e que foi este o significado da frase: *Faça-se o firmamento entre uma água e outra água*⁴⁶². Assim, os anjos seriam colocados acima do firmamento e abaixo dele as águas visíveis ou a multidão dos anjos maus ou toda a raça humana. Se assim foi, então já não se vê quando teriam sido criados os anjos, mas sim quando foram separados. Alguns negam (opinião sem fundamento e a mais perversa e ímpia) que as águas tenham sido criadas por Deus, por que em parte nenhuma está escrito Deus disse: façam-se as águas!

⁴⁶² *Fiat firmamentum inter aquam et aquam.* Gen., I, 6.

Com a mesma falta de fundamento poderiam também dizer isso da Terra. Efetivamente, em parte nenhuma se lê “disse Deus: façase a Terra!” Mas está escrito, dizem eles: *No princípio fez Deus o céu e a terra*⁴⁶³. Então, está aí compreendida a água, pois, sob o mesmo nome estão compreendidas uma e outra. Com efeito, como se lê num Salmo: *O mar é d'Ele e foi Ele mesmo quem o fez e as suas mãos formaram a terra árida*⁴⁶⁴.

Mas os que pretendem que, sob o nome de águas que estão sobre os Céus, se quer designar os anjos, são impressionados pelo peso dos elementos e, por isso, pensam que a natureza fluida e pesada das águas não pode estabelecer-se nos lugares superiores do Mundo. Segundo este raciocínio, se esses pudessem fazer um homem, não colocariam na cabeça a pituita que em grego se chama *φλέγμα* e que ocupa o lugar das águas entre os elementos do nosso corpo⁴⁶⁵. Com efeito, a cabeça é a sede deste flegma, conforme a obra tão bem ordenada de Deus, mas de tal forma absurda, segundo as conjecturas desses tais, que se não o soubéssemos e se estivesse escrito no Gênesis que Deus colocou um humor fluido, frio e por isso pesado, na região mais alta do corpo humano, estes pesadores de elementos recusar-se-iam absolutamente a admiti-lo e, se reconhecessem a autoridade da

⁴⁶³ *In principio fecit Deus caelum et terram.* Gen., I, 1.

⁴⁶⁴ *Ipsius est mare, et ipse fecit illud, et aridam terram manus ejus finixerunt.* Salmo XCIV, 5.

⁴⁶⁵ A exposição de Santo Agostinho compreender-se-á melhor se recordarmos que a flegma, fleuma ou fleugma era, na medicina antiga, um dos humores (aquoso portanto) resultante da inflamação da glândula pituitária (em lat. *pituita* e em grego *φλέγμα*).

Escritura, julgariam que por tal seria necessário entender uma coisa totalmente diferente.

Mas, se com cuidado sondássemos e discutíssemos tudo o que nesse livro sagrado se contém acerca da criação do mundo, muito haveria para dizer e seria preciso que nos afastássemos demasiadamente do plano da nossa obra e já tratamos do que nos pareceu suficiente acerca dessas sociedades de anjos, diversas e contrárias entre si, nas quais se encontram as origens das duas cidades, mesmo nas coisas humanas, de que estou decidido a voltar a falar.

Mas, já é tempo de acabarmos também com este livro.

Livro XII – Os anjos e os seres humanos.

Aqui Santo Agostinho trata primeiro dos anjos, averigua depois porque é que a boa vontade de uns e a má vontade de outros foi a causa da bem-aventurança dos bons e da desgraça dos maus e, por fim, trata da criação do ser humano e prova que não foi criado desde sempre, mas no tempo, nem por outro autor senão Deus.

CAPÍTULO I

Natureza única tanto dos anjos bons como dos maus.

Antes de começar a falar da criação do ser humano — assunto no qual se tornará patente a origem das duas cidades em relação ao gênero dos racionais mortais, como já se viu, parece-me, no livro anterior acerca dos anjos — reparo que ainda me falta dizer umas coisas acerca dos anjos. Devo explicar, tanto quanto me é possível, que não há inconveniência nem incoerência em falar duma cidade comum aos anjos e aos humanos. Não há quatro cidades (ou seja, duas dos anjos e duas dos humanos), mas apenas duas; uma composta de bons e outra de maus, anjos ou humanos.

Não é lícito pôr em dúvida que as inclinações, entre si contrárias, dos bons e dos maus anjos, não resultam de naturezas e princípios diversos, pois foi Deus, autor e criador excelente de todas as substâncias, quem criou a umas e outras; mas, essas inclinações provêm das vontades e dos apetites.

Uns mantêm-se no bem, comum a todos, que para eles é o próprio Deus e na sua eternidade, na sua verdade, na sua capacidade. Os

outros, comprazendo-se mais no seu poder pessoal, como se fosse bem seu próprio, afastaram-se do supremo bem, fonte universal de felicidade e, preferindo o fausto da sua elevação à eminentíssima glória da eternidade, a astúcia da sua vaidade à plena certeza da verdade, as suas paixões de facção à indivisível caridade, tornaram-se orgulhosos, enganadores e invejosos. A beatitude daqueles tem, pois, por causa, a sua união a Deus e a desgraça destes explica-se pela razão contrária: a separação de Deus.

Se, portanto, a quem perguntar *por que é que uns são felizes*, Se deve responder: *porque estão unidos a Deus*. E a quem perguntar *por que é que outros são infelizes*, se deve responder: *porque eles não estão unidos a Deus*. Segue-se que o único bem fonte de beatitude para a criatura racional e inteligente é Deus.

E, embora nem todas as criaturas sejam capazes de alcançar a beatitude⁴⁶⁶ (o animal, a madeira, a pedra e outras coisas que tais não obtêm nem atingem este dom), todavia, as que a podem alcançar, não o podem por si próprias, pois foram criadas do nada, mas podem-no por Aquele que as criou. Possuí-lo é a sua felicidade; perdê-lo é a sua desgraça. Mas o que tira a sua felicidade do bem que Ele é e não de outro, não pode ser infeliz, por que não pode perder-se.

⁴⁶⁶ As coisas e os animais não são capazes de beatitude por que desta, resultando de um conhecimento, só são capazes os seres racionais.

Dizemos que só há um bem imutável: o Deus verdadeiro e bem-aventurado. Porém, as criaturas que Ele fez, embora sejam boas, pois d'Ele provêm, são, todavia, mutáveis, pois que não foi d'Ele, mas do nada que as fez. Embora não sejam o bem supremo, pois que maior bem que eles é Deus, são, todavia, grandes bens, esses bens mutáveis que, unindo-se ao bem imutável, podem conseguir a felicidade. Deus é em tal medida o seu bem que, sem Ele, são necessariamente infelizes. Nem por isso as outras criaturas do universo são melhores pelo fato de não poderem ser infelizes, como também não se deve considerar as outras partes do nosso corpo melhores do que os olhos, pelo fato de não poderem se tornar cegas.

A natureza sensível, mesmo quando sente uma dor, é melhor que uma pedra que nunca a poderá sentir. Também uma natureza racional, mesmo infeliz, é superior a uma natureza privada de razão ou de sensibilidade, sobre a qual, portanto, não recai a desgraça.

Por que assim é, o fato de estar separada de Deus constitui um vício para esta natureza dotada de uma tal superioridade que, embora ela própria seja mutável, a sua felicidade consiste em unir-se ao bem imutável, isto é, a Deus Soberano e, como só sendo feliz é que cura a sua indigência, só Deus chega para curá-la.

Mas, todo vício é prejudicial à natureza e, portanto, é contrário à natureza. Por isso, é pelo vício, e não pela natureza, que o ser que se une a Deus difere daquele que dele se separa. Mas é ainda esse

vício que faz ressaltar a extraordinária grandeza e a tão alta dignidade da própria natureza. Efetivamente, presta-se uma homenagem à natureza daquele de quem justificadamente se censura o vício, pois o vício só é justo objeto de censura por que desonra uma natureza digna de louvor.

Assim, chamar a cegueira de vício dos olhos é mostrar que a visão pertence à natureza dos olhos; chamar a surdez de vício dos ouvidos é mostrar que a audição pertence à natureza dos ouvidos; da mesma forma, quando se diz que é um vício da natureza angélica, aquele pelo qual ela não se une a Deus, declara-se abertamente que à sua natureza convém a união a Deus.

Aliás, quão grande seja a glória de estar unido a Deus, para servir para Ele, ser sábio e feliz por Ele, fruir de tamanho bem sem conhecer a morte nem o erro nem o sofrimento, quem disto poderá pensar ou falar adequadamente?

Tanto o vício é prejudicial à natureza, que até o dos anjos maus (que consiste na separação de Deus) mostra à saciedade que Deus criou a sua natureza tão boa que o fato de não estar esta com Deus já lhe é prejudicial.

CAPÍTULO II

Parece que nenhuma essência é contrária a Deus, pois só se opõe totalmente ao Ser supremo e eterno o que não é.

Devemos afirmar coisas para que ninguém, a propósito dos anjos apóstatas, pense que eles poderiam ter recebido uma natureza diversa proveniente de outro princípio; natureza de que Deus não seria o autor. Todos se verão livre deste erro ímpio, tão rápida e facilmente quanto com mais perspicácia puder compreender o que pelo anjo disse Deus quando mandou Moisés aos filhos de Israel: *Eu sou aquele que sou*⁴⁶⁷.

Deus, a essência suprema, isto é, aquele que é sumamente e por isso é imutável, deu o ser às coisas que criou do nada, mas não deu o ser sumamente como ele próprio é; a uns deu mais ser, a outros menos ser e assim ordenou as naturezas segundo os graus da sua essência.

Assim como, de fato, o verbo *sapere* (saber) deu origem à palavra *sapientia* (sapiência), assim também do verbo *esse* (ser) vem a palavra *essentia* (essência); palavras novas, de certo, que os antigos autores latinos não usaram, mas são empregadas hoje para que não faltasse à nossa língua o que os gregos chamam *ousia*, que se traduz literalmente por *essentia*.

⁴⁶⁷ *Ego sum qui sum.* Êxodo, III, 14.

Assim, pois, a esta natureza, que sumamente é, pela qual tudo quanto existe foi feito, não há natureza contrária, a não ser aquela que não é. Realmente, só o não ser é que é contrário ao que é. É por isso é que a Deus __ essência suprema, autor de todas as essências, sejam elas quais forem __ nenhuma essência é contrária.

CAPÍTULO III

Dos inimigos de Deus, que o são, não por natureza, mas por vontade contrária. Esta, quando prejudica uma natureza boa, porque o vício, se não prejudica, é porque não existe.

Nas Escrituras, dizem-se inimigos de Deus os que, não por natureza, mas por seus vícios, se levantam contra a sua autoridade. A Deus não podem eles prejudicar, mas a si próprios. São seus inimigos pela vontade de lhe resistirem e não pelo poder de O atingirem. Deus é imutável e absolutamente incorruptível. Por isso o vício, que faz erguerem-se contra Deus aqueles a quem chamamos seus inimigos, é um mal não para Deus, mas para os próprios. E isto pela simples razão de que o vício corrompe neles o bem da natureza. Não é, pois, a natureza, mas sim o vício que é contrário a Deus, por que o que é contrário ao bem é o mal. Quem negará, porém, que Deus é sumamente bom? Portanto, o vício é contrário a Deus como o mal o é ao bem.

Mas, uma natureza viciada é também um bem e a este bem é contrário o vício, claro está. Porém, ao passo que ele se opõe a Deus

unicamente como o mal ao bem, para a natureza que vicia não é apenas um mal, mas algo de prejudicial. Na realidade, nenhum mal prejudica a Deus, mas todo o mal prejudica as naturezas mutáveis e corruptíveis que são, apesar disso, boas, como o demonstram os próprios vícios. Se não fossem boas, os vícios não as poderiam prejudicar. Que prejuízo, com efeito, lhes farão senão o de lhes tirarem a integridade, a beleza, a saúde, a virtude e todos os bens naturais que o vício costuma destruir ou diminuir? Se nada houvesse, o vício, nada de bom retirando, já não causaria prejuízo e, portanto, já não seria um vício, pois não pode ser vício sem prejudicar.

Segue-se daí que, apesar da sua impotência para causar prejuízo ao bem imutável, o vício a nada pode causar prejuízo senão ao bem, porque não está senão onde causa prejuízo. Isto mesmo também pode ser assim formulado: tanto é impossível ao vício estar no Bem Supremo como não estar em algum outro bem.

Os bens podem estar sós em qualquer parte; os males, não podem estar sós em parte alguma. É que, mesmo as próprias naturezas, que a sua má vontade viciou desde a origem, só são más enquanto viciadas, mas boas enquanto naturezas. E quando uma natureza viciosa é castigada, além de ser uma natureza, tem isto de bom: não é impune.

Efetivamente, isto é justo e tudo o que é justo é, sem dúvida, um bem. Na verdade, ninguém é punido pelas suas faltas naturais,

mas pelas suas faltas voluntárias. O próprio vício que o progresso de um longo hábito arraigou fortemente como uma natureza, teve a sua origem na vontade. Estamos agora falando dos vícios de uma natureza dotada de espírito que capta a luz inteligível, com que pode distinguir o justo do injusto.

CAPÍTULO IV

As naturezas carentes de razão e de vida não destoam, no seu gênero e na sua ordem, da beleza do universo.

Seria ridículo julgar condenáveis os defeitos dos animais, das árvores e de outras coisas mutáveis e mortas, totalmente desprovidas de inteligência, de sensibilidade ou de vida e cuja natureza corruptível se desagrega. Essas criaturas receberam, por vontade do Criador, uma medida de perfeição tal que, ao desaparecerem e ao sucederem-se, realizam plenamente a sua pequena parte de beleza temporal, concedida, no seu gênero, às partes deste mundo.

Os seres terrestres não tinham que ser idênticos aos celestes, nem tinham de faltar no Universo só porque estes são melhores. Quando, portanto, nos lugares apropriados a tais seres, uns nascem da morte dos outros e os mais débeis sucumbem perante os mais fortes, contribuindo os vencidos para o aperfeiçoamento dos vencedores, é isto a ordem das coisas transitórias. Se a beleza desta ordem não nos agrada, é por que, inseridos no mundo como partes, em razão

da nossa condição mortal, não podemos perceber o conjunto a que os pormenores que nos ofendem se ajustam com toda a harmonia e proporção.

Daí que, quanto mais ineptos formos para contemplarmos a obra de Deus, com tanta maior razão se nos impõe a fé na providência do Criador e não aconteça de cairmos na temeridade, humana e insensata, de criticarmos, seja o que for, na obra de tão grande artista.

De resto, bem considerados, os defeitos das coisas terrestres, involuntários e não passíveis de penas, dão testemunho a favor das próprias naturezas que, todas elas, são obra de Deus Criador e isto pela mesma razão: por que também nelas, o que nos desagrada ver o vício arrebatar é o que nos agrada na sua natureza.

A não ser que estas naturezas se tornem nocivas ao ser humano — o que é frequente — e lhe desagradem, não como naturezas, mas como contrárias ao seu interesse, como aqueles animais cuja abundância castigou a soberba dos egípcios. Pelo mesmo motivo se poderia censurar o Sol, pois alguns delinquentes ou devedores insolventes são, por ordem dos juízes, expostos ao Sol.

É, pois, a natureza __ considerada em si mesma e não segundo as suas vantagens ou os seus prejuízos a nosso respeito __ que glorifica o seu Criador. Mesmo a natureza do fogo eterno é, sem a menor dúvida, louvável, embora seja destinada aos suplícios dos ímpios condenados. Efetivamente, o que há de mais belo do que o fogo

chamejante, vigoroso, resplandecente? Que há de mais útil para aquecer, para curar, para cozer? E, todavia, nada mais molesto do que ele quando queima. Portanto, o mesmo elemento, nocivo em certos casos, torna-se utilíssimo quando convenientemente utilizado. Quem será capaz, no mundo inteiro, de, com palavras, enumerar as suas vantagens?

Não devem ser ouvidos os que no fogo louvam a luz e detestam o calor. É que estes não o apreciam na sua natureza, mas nas suas vantagens ou inconveniências. Querem ver, mas não querem arder. Pouco atentam para o fato de que esta luz, que tanto lhes agrada, não convém aos olhos enfermos e os prejudica, ao passo que o seu calor, que lhes desagrada, convém a certos animais e lhes dá vida e saúde.

CAPÍTULO V

Seja louvado o Criador, na forma e na medida de todas as naturezas.

Todas as naturezas, pelo fato de existirem, têm a sua medida, a sua forma e uma certa harmonia consigo mesmas e, portanto, são boas. Enquanto se mantiverem onde, segundo a ordem na natureza, se devem manter, conservam o ser tal qual como o receberam. As que não o receberam para sempre, transformam-se em melhores ou piores, conforme as necessidades e os movimentos das coisas às quais a lei do Criador as submete e, como apraz à divina providência,

tendem para o fim que o plano de governação do universo lhes assinala.

Mas esta tão grande corrupção que impele as naturezas mutáveis e mortais à sua destruição, há de reduzir o que era ao não ser, mas de forma que não impeça que daí surjam, como consequência, novos seres que devem continuar a existir. Por que assim são estas coisas. Deus, Ser Supremo e, por isso, autor de toda a essência limitada no seu ser (não pode Ele ser igual ao que foi criado do nada, nem de forma alguma poderia existir se não tivesse sido feito por Ele), não poderá ser censurado por defeitos em que possamos tropeçar nas naturezas e deve ser honrado pela contemplação de todas as naturezas.

CAPÍTULO VI

Causa da beatitude dos anjos bons e desgraça dos maus.

Do exposto se conclui que a verdadeira causa da beatitude dos anjos bons está no fato de estarem unidos ao que é no mais elevado grau. Quando, pelo contrário, perguntamos qual a causa da desgraça dos anjos maus, ela apresenta-se-nos precisamente no fato de se terem desviado d'Aquele que no mais elevado grau é, para se voltarem para si próprios, que não possuem o ser em grau supremo. E que ou-

tro nome tem este vício senão o de soberba. Na verdade, a *soberba* é a origem de todo pecado⁴⁶⁸.

Não quiseram reservar para Deus a sua fortaleza. Se se mantivessem unidos ao que soberanamente é, «seriam» mais; preferindo-se a Ele, escolheram o que menos é. Foi esta a primeira deficiência, a primeira indigência, o primeiro vício desta natureza criada, não para ser em grau supremo, mas para encontrar a sua beatitude no gozo do Ser Supremo. Desviou-se d'Ele; por conseguinte, sem perder todo o seu ser, viu-o diminuído e foi este o princípio da sua desgraça.

Se se procurar a causa eficiente desta vontade má, nada se encontrará. O que é então que torna a vontade má, quando ela própria torna o ato mau? É a vontade má que produz o ato mau; mas nada produz a vontade má. Por que se alguma causa existe, ela terá ou não terá uma vontade. Se a tem, não há dúvida de que essa vontade tem que ser boa ou má. Se é boa, quem teria a loucura de dizer que uma vontade boa produz uma má? Se assim fosse, uma vontade boa teria sido a causa do pecado e ninguém poderá conceber nada de mais absurdo. Se, porém, aquilo que se julga que faz a má vontade tem, ele próprio também, uma vontade má, eu pergunto então quem o teria feito; e, para pôr termo à discussão, pergunto qual é a causa da primeira vontade má. É que esta primeira vontade não é efeito dum

⁴⁶⁸ *Initium omnis peccati superbia.* Eccl., X, 15.

vontade má, pois que, sendo a primeira, nenhuma outra a fez. Se uma outra a tivesse precedido para a fazer, ela seria a primeira, que teria feito a outra.

Se se responder que nada a fez e que, portanto, sempre existiu, então pergunto se sempre existiu em alguma natureza. É que se nenhuma existiu, então jamais existiu. Mas se em alguma existiu, então ela viciava-a, corrompi-a, era-lhe prejudicial e, consequentemente, privava-a do bem. Assim, a natureza onde estava a vontade má não podia ser má; era boa, embora mutável e o vício poderia ser-lhe prejudicial. Se, de fato, não chegou a ser prejudicial, não era um vício e, portanto, não se pode dizer que tivesse uma vontade má. Mas se chegou a ser prejudicial, foi, com certeza, tirando ou diminuindo um bem. A vontade má não pôde, portanto, existir sempre em algo onde antes havia um bem natural que a vontade má poderia destruir pela sua nocividade. Mas se não era eterna, então eu pergunto quem a produziu.

Só resta uma resposta: a causa da vontade má foi um ser que em si nenhuma vontade tinha. Neste caso, eu pergunto se se trata de um ser superior, inferior ou igual. Se é superior, não há dúvida de que é melhor. Como é então ele sem vontade, ou melhor, sem vontade de boa? Da mesma forma, se é igual, por que, se dois seres têm uma vontade, igualmente boa, um não produz no outro uma vontade má. Só resta uma conclusão: um ser inferior, totalmente privado de von-

tade, é que terá produzido na natureza angélica, a primeira que pecou, uma vontade má. Mas, seja qual for esse ser, mesmo que seja mais baixo que a mais baixa das terras, porque é uma natureza e uma essência, é incontestavelmente bom, possui medida e beleza no seu gênero e na sua ordem.

Como é então que um ser bom produz uma vontade má? Como é, digo eu, que um bem é causa de um mal? Por que, quando a vontade abandona o superior e se volta para o inferior, torna-se má e não porque o objeto para o qual se volta seja um mal; o fato de se voltar para ele é que constitui uma perversão. Não é, portanto, o objeto inferior que torna a vontade má, mas é a própria vontade que se torna má ao desejar esse objeto inferior de forma desordenada e depravada.

Suponhamos duas pessoas com as mesmas disposições do corpo e da alma. Ao contemplarem a beleza de um corpo, uma é movida a desfrutá-la ilicitamente e a outra permanece estável numa vontade casta. A que causa atribuir que numa a vontade se torne má e na outra não? Qual a causa desta vontade má que numa se produziu? Não é a mencionada beleza do corpo, pois não produziu a vontade má em ambas, apesar de igualmente exposta aos olhares de ambas. Será que é a carne da que repara que está em causa? E porque não a da outra? Será o espírito? E por que não o de ambas? É que supusemos em ambas as mesmas disposições de corpo e de alma. Deveremos nós dizer que a primeira foi tentada por uma sugestão secreta do mau

espírito, como se o consentimento a esta sugestão e a toda outra insinuação não viesse da própria vontade?

Quem seja o autor deste consentimento, desta vontade má que cede ao mau conselheiro, é precisamente o que procuramos encontrar. A mesma tentação a ambas solicita. Uma cede e consente; a outra permanece fiel a si mesma.

Que concluir senão que uma não quis e a outra quis renunciar à castidade? É donde provém este querer da própria vontade, pois ambas tinham as mesmas disposições de corpo e de alma? A mesma beleza surgiu igualmente aos seus olhos; a mesma tentação secreta as solicitou igualmente.

Se se quiser saber o que é que produziu numa delas uma vontade própria má, se pensarmos nisso a sério, nada nos ocorre. Se dissermos, então, que foi ela própria quem a produziu, o que era ela, então, antes desta vontade má senão uma natureza boa de que Deus, bem imutável, é o autor?

Assim, uma consente e a outra resiste às sugestões do tentador para abusar de um belo corpo que, em iguais circunstâncias, a ambas se apresentou, quando, antes da visão tentadora, ambas estavam em idênticas disposições de corpo e de alma. Dir-se-á que a primeira, que antes era boa, fez para si própria uma vontade má. Investigue-se porque ela a fez: por ser uma natureza ou por ser uma natureza feita do nada? A resposta que encontrará será esta: a má vontade não sur-

giu da natureza como tal, mas do fato de a natureza ter sido feita do nada.

Com efeito, se a natureza é causa da vontade má, a que outra conclusão somos obrigados a chegar senão que do bem sai o mal, que o bem é causa do mal, pois uma natureza boa se transforma em uma vontade má? Qual será, então, a causa de uma natureza boa, embora mutável, fazer, antes de ter má vontade, algo de mau, isto é, essa mesma vontade má?

CAPÍTULO VII

Não se deve procurar uma causa eficiente da vontade má.

Ninguém procure pois a causa eficiente da vontade má, porque essa causa não é eficiente, mas sim deficiente. A vontade má não é uma eficiência, mas uma deficiência.

De fato, separar-se d'Aquele que é no mais alto grau, para se voltar para o que tem menos ser, é começar a ter uma vontade má. Querer, portanto, descobrir uma causa desta defecção, quando ela é, como disse, não eficiente mas deficiente, é como se se quisesse ver as trevas e ouvir o silêncio. São duas coisas que conhecemos, mas nem uma pelos olhos nem a outra pelos ouvidos; não na substância, mas na privação da substância.

Ninguém, portanto, procure saber de mim o que sei que não sei, salvo talvez o aprender a ignorar o que é preciso saber que não se

pode saber. Efetivamente, o que se conhece, não pela sua substância, mas pela sua privação, de certo modo conhece-se, ignorando-o — se assim podemos falar e compreender — e ignora-se, conhecendo-o.

Quando o golpe de vista do olho corporal recai sobre as figuras corporais, em parte nenhuma vê as trevas a não ser quando já começa a não ver. Também não pertence a outro sentido que não seja o do ouvido captar o silêncio, mas só o capta quando já não ouve. O mesmo acontece no que respeita às formas inteligíveis: o nosso espírito capta-as comprehendendo-as, mas, no que lhes falta, conhece-as ignorando-as. Efetivamente, *quem comprehende o pecado?*⁴⁶⁹

CAPÍTULO VIII

Do amor pervertido pelo qual a vontade se afasta do bem imutável para se unir ao bem mutável.

O que eu sei é que a natureza de Deus nunca, em parte nenhuma e de modo nenhum pode falhar, ao passo que podem falhar as naturezas feitas a partir do nada. Mas quanto mais essas naturezas são e fazem o bem (é então que alguma coisa fazem) tanto mais têm elas causas eficientes. E, na medida em que falham e, por isso, fazem o mal (que fazem então senão o nada?), têm elas causas deficientes.

Sei também que, no ser em que se produz uma vontade má, isso não aconteceria se ele não quisesse. As suas faltas são, portanto,

⁴⁶⁹ *Delicta quis intellegit?* Salmo XVIII, 13.

voluntárias e não necessárias e, por isso, é que são seguidas de um justo castigo. De fato, afasta-se, não para o mal em si, mas de maneira má, isto é, não se inclina para naturezas más, mas inclina-se mal, por, contra a ordem da natureza, se separar do Ser Supremo para seres inferiores.

Assim, a avareza não é o vício do ouro, mas do ser humano que ama perversamente o ouro, pondo de parte a justiça que devia ser posta muito acima do ouro. A luxúria também não é um vício dos corpos belos e graciosos, mas de uma alma que ama de forma pervertida as volúpias corporais, descuidando da temperança que nos dispõe para as realidades mais belas do espírito e para maiores graças incorruptíveis. Não é a jactância um vício do louvor humano, mas da alma que perversamente gosta de ser louvada pelas pessoas, com desprezo pelo testemunho da consciência. Nem a soberba é o vício de quem outorga o poder ou do próprio poder, mas o da alma que ama perversamente a sua própria autoridade e despreza a autoridade justa de um mais poderoso.

É por isso que quem ama perversamente um bem, seja ele de que natureza for, mesmo que o obtenha, torna-se mau nesse bem e miserável pela privação de um bem melhor.

CAPÍTULO IX

O criador da natureza dos santos anjos é também o autor da sua vontade boa por meio da graça neles derramada pelo Espírito Santo.

Como não existe, portanto, na vontade má, uma causa eficiente natural, ou, se assim se pode dizer, essencial (é, realmente, por ela que o mal dos espíritos mutáveis começa; este mal é que diminui ou corrompe o bem da natureza; uma tal vontade não resulta senão de uma defecção pela qual se abandona Deus; também a causa desta defecção é em si uma defecção), se dissermos que também não há nenhuma causa eficiente da vontade boa dos anjos, temos que ter cuidado para não pensar que a vontade boa dos anjos não foi criada, mas é coeterna com Deus. Como, porém, também eles foram criados, como pretender que a sua vontade é incendiada? Mas, já que foi criada, foi-o com eles ou primeiro foram eles criados mas sem ela? Mas, se foi criada com eles, é fora de dúvida de que o seu Autor e o dos anjos é o mesmo e, no mesmo instante em que foram criados, ligaram-se eles a quem os criou com o mesmo amor com que foram criados.

Os maus estão separados da sua companhia precisamente porque, ao passo que os bons permaneceram nessa vontade boa, eles, os maus, mudaram, ao nela não se manterem e se afastarem dessa companhia, devido à má vontade que neles apareceu graças à sua defec-

ção; defecção esta que, por sua vez, não se verificaria, se eles não a tivessem querido.

Mas, se os anjos bons começaram por existir sem vontade boa e se foram eles próprios que em si a produziram sem a ação de Deus, tornaram-se então melhores do que tinham por Ele sido feitos? Nada disso! Efetivamente, sem vontade boa, que mais seriam senão maus? Ou, se não eram maus, pois não tinham vontade má (com efeito não se tinham separado duma vontade boa que ainda não tinham começado a ter) com certeza que então nem eram maus, nem tão pouco eram bons senão quando começaram a ter vontade boa. Mas não puderam fazer-se a si próprios melhores do que os tinha feito Aquele que melhor que ninguém tudo fez.

Por isso, a boa vontade, pela qual se tornariam melhores, não a poderiam eles ter sem a ajuda efetiva do Criador. Aliás, a sua vontade boa teve por efeito voltá-los, não para si próprios, que tinham menos ser, mas para o Ser Supremo. Unindo-os a Este, conferiu-lhes ela mais ser, para os fazer viver com sabedoria e beatitude na sua participação.

Por muito boa que fosse, a sua vontade permaneceria pobre e entregue ao puro desejo, se Aquele que tinha feito, a partir do nada, uma natureza boa, capaz de o possuir, não a tivesse feito melhor enchendo-a de si próprio depois de a levar a tornar-se mais intensamente desejosa d'Ele.

Há outra questão a discutir. Se os anjos bons são autores da sua própria vontade boa, fizeram-na com alguma vontade ou com nenhuma? Se com nenhuma, evidentemente que nada fizeram; se com alguma, era esta boa ou má? Se era má, como pôde uma vontade má ser causa de uma vontade boa? Se era boa, então já a tinham. E esta, quem é que a tinha criado senão Aquele que os criou com uma vontade boa, isto é, com um amor casto pelo qual eles se unem a Quem simultaneamente cria a sua natureza e os enriquece com a sua graça? Daí termos de acreditar que os santos anjos nunca existiram sem vontade boa, isto é, sem o amor de Deus.

Mas os que, embora criados bons, são agora maus (por sua má vontade própria, que não é devida à sua natureza boa, mas à sua falta espontânea relativamente ao bem; a causa do mal não é o bem, mas a falta de bem), esses, ou receberam a graça do divino amor num grau menor que o daqueles que nela perseveraram, ou então, embora criados todos igualmente bons, uns caíram por má vontade e os outros, tendo recebido maiores auxílios, chegaram à plenitude da felicidade com a garantia definitiva de jamais caírem, como já expus no livro anterior.

É preciso reconhecer, em justo louvor ao Criador, que não é apenas das pessoas santas, mas também dos santos anjos que se pode dizer que a caridade de Deus foi derramada neles pelo Espírito Santo que lhes foi dado. Nem é somente do bem dos humanos, mas primei-

ra e principalmente do dos anjos que foi escrito: *Para mim o bem é estar unido a Deus*⁴⁷⁰.

Os que desfrutam em comum deste bem constituem, entre si e com Aquele a que estão unidos, uma santa sociedade e formam a única cidade de Deus que é, ela própria, o seu sacrifício vivo e o seu templo.

Mas é tempo, bem o vejo, de contar, como já o fiz para louvar os anjos, como nasceu do mesmo Deus Criador a parte desta cidade destinada a reunir-se um dia aos anjos imortais, a qual é constituída por pessoas mortais e que peregrinam agora por esta terra de maneira inconstante ou, naqueles que já morreram e que repousam nas moradas secretas em que habitam as almas.

Efetivamente, foi de uma só pessoa, a primeira a ser criada por Deus, que começou o gênero humano, como o testemunham as Sagradas Escrituras que, com toda a razão, gozam de admirável autoridade no mundo inteiro. Foram essas Escrituras que __ sob a ação divina, entre outras coisas que já se verificaram __ predisseram que nelas viriam a acreditar todos os povos.

⁴⁷⁰ *Mihi autem adhaerere Deo bonum est.* Salmo LXXII, 28.

CAPÍTULO X⁴⁷¹

Opinião segundo a qual o gênero humano, tal como o próprio Mundo, sempre existiu.

Omitamos, pois, as conjecturas das pessoas que falam da natureza ou da instituição do gênero humano, sem saberem do que falam. Creem uns que, tal como o próprio Mundo, sempre houve humanos. Por isso é que Apuleio descreveu assim o gênero humano dos vivos: *Um por um são mortais, mas no seu conjunto, esta raça é eterna*⁴⁷².

Se o gênero humano é eterno, até que ponto são verdadeiras as vossas narrativas, segundo as quais se assegura quem e de que coisas foram os inventores, quais os primeiros criadores das disciplinas liberais e de outras artes, quais os primeiros habitantes de tal região ou parte da Terra, quando é que tal ou tal ilha começou a ser povoada?

Responderão: «dilúvios e conflagrações têm devastado, de tempos a tempos, se não todas, pelo menos a maior parte das terras, de tal forma que os humanos ficam reduzidos a um pequeno número, de cuja descendência novamente se refaz a antiga multidão; desta forma tudo se descobria e criava como se fosse pela primeira vez,

⁴⁷¹ Ordem dos capítulos restaurada, para permitir comparação com as edições francesas, espanhola, italiana e latina. (Nota deste editor)

⁴⁷² *Singillatim mortales, cuncti tamen universo genere perpetui.* Apuleio, *De deo Socratis*, VI, p. 10 da Trad. Thomas.

quando, na realidade, o que se fazia era restaurar⁴⁷³ o que tinha sido interrompido e extinto pelas ditas imensas devastações. Aliás, o ser humano não pode provir senão do ser humano».

Mas o que eles dizem é o que pensam e não o que sabem.

Também alguns escritos eivados de mentira os enganam. Citam esses escritos em seu apoio e dizem que a história tem já muitos milhares de anos.

Todavia, segundo a Sagrada Escritura, nem sequer contamos ainda com seis milênios completos desde a criação do ser humano⁴⁷⁴.

Sem me alongar em refutar o infundado desses escritos em que se mencionam milhares de anos, para arruinar a sua autoridade nesta questão, lembremos a carta de Alexandre Magno a Olímpia, sua mãe.

Conta ela a história de um sacerdote egípcio, insinuando que foi extraída dos escritos sagrados daquele país. Contém também as monarquias bem conhecidas na história grega.

Segundo essa carta, o império assírio ultrapassou cinco mil anos, ao passo que a história grega lhe atribui cerca de mil e trezentos anos a partir de Belo, que o sacerdote egípcio reconhece também como primeiro rei da Assíria.

⁴⁷³ No **Timeu**, um dos personagens do diálogo, Crítias, conta uma conversa de Sólon com um sacerdote egípcio que fala dessas renovações periódicas da civilização e das artes. Mas, de fato, em nenhum lugar do **Timeu** o gênero humano é dado como eterno. (Nota da edição em francês).

⁴⁷⁴ Santo Agostinho segue a cronologia de Eusébio, segundo a qual teriam se passado, desde a criação do mundo até a tomada de Roma pelos Godos, 5611 anos. (Nota da edição em francês)

Segundo este sacerdote os impérios persa e macedônio teriam durado até Alexandre, a quem ele se dirige, mais de oito mil anos.

Mas, segundo os Gregos, o dos Macedônios contou, até à morte de Alexandre, quatrocentos e oitenta e cinco anos e o dos Persas, até à sua queda pela vitória do mesmo Alexandre, durou duzentos e trinta e três anos.

Estes números de anos são, pois, bem menores que os dos egípcios. Nem multiplicados por três lhes ficariam iguais. De fato, conta-se que os egípcios tinham outrora anos tão curtos que acabavam em quatro meses. Daí que um ano pleno e real, como o que agora vigora tanto entre nós como entre eles, compreende três dos antigos anos deles.

Mas nem mesmo assim, como já disse, a história grega concorda com a do Egito na contagem dos tempos. É, portanto, à dos Gregos que é preciso prestar fé, porque não excede o número de anos marcados pelas nossas verídicas e Sagradas Escrituras.

Se esta carta de Alexandre, que tão célebre se tornou, se afasta tão exageradamente, no cálculo dos tempos, da provável fidelidade dos acontecimentos, muito menos dignos de fé são aqueles escritos cheios de velhas fábulas que eles pretendiam opor à autoridade dos tão conhecidos livros sagrados. Estes predisseram que se lhes havia de dar crédito em todo o Mundo e todo o Mundo, como fora predito, neles acreditou.

A veracidade das suas narrativas sobre fatos passados fica bem demonstrada pela exatidão com que se cumprem as suas predições futuras.

CAPÍTULO XI

Dos que julgam que este Mundo não é efetivamente eterno, mas são de opinião de que, ou se tem de admitir inúmeros mundos, ou então que se trata do mesmo que, num ciclo de séculos sempre está nascendo e se extinguindo.

Outros que não consideram este Mundo eterno, pensam que ele não é o único que existe mas que existem inúmeros mundos, ou que há um só, mas passa por inúmeras alternâncias de nascimentos e de mortes com determinados intervalos de séculos.

Estes têm que admitir que o gênero humano existiu no princípio sem ter havido humanos que o gerassem. Não se trata, como julgam os anteriores, de dilúvios e incêndios da Terra que não atingiram o Mundo inteiro, mas pouparam alguns sobreviventes destinados a reconstituir o seu número anterior. Não podem admitir que, uma vez destruído o Mundo, no Mundo ainda fiquem algumas pessoas. Mas, como admitem que o Mundo renasce da sua matéria, assim, na sua opinião, o gênero humano renasceria dos elementos e depois, como nos outros animais, a geração multiplicaria a raça dos mortais.

CAPÍTULO XII

Resposta aos que acusam a criação do ser humano de ter chegado muito tarde.

Quando foi tratada a questão da origem do Mundo, respondemos aos que se recusam a crer que o Mundo começou e não existiu sempre, como o próprio Platão expressamente confessa, embora alguns lhe atribuam opinião contrária ao que deixou dito.

Esta mesma será a resposta, a propósito da primeira criação do ser humano, aos que perguntam por que é que o ser humano não foi criado desde tempos inumeráveis e sem fim do passado, mas tão tarde que, segundo a Escritura, nós contamos menos de seis mil anos desde que o ser humano começou a existir.

Se os impressiona a brevidade do tempo que lhes parece feito de tão poucos anos desde que o ser humano apareceu, como se lê nos nossos autorizados escritores, pois fiquem a saber que nada que tem um termo é de tão longa duração. Comparados a uma eternidade sem fim, todos os períodos de séculos que têm um termo devem ser tidos, não por exíguos, mas por nada.

Se, portanto, desde que o ser humano foi feito por Deus, decorreram, não digo cinco ou seis mil anos, mas sessenta ou seiscentos mil, ou sessenta ou seiscentas vezes mais, ou seiscentas mil vezes mais, ou multiplicarmos estas quantidades por elas mesmas até não

haver algarismos para exprimir tais quantidades, ainda se poderá perguntar da mesma forma porque é que Deus não o fez mais cedo!

Comparemos a abstenção divina anterior à criação do ser humano na sua duração eterna e sem começo, a uma soma de períodos de tempo por maior e inexprimível que seja, mas encerrada nos limites de uma determinada duração e, portanto, finita; esta soma nem sequer representa a mais pequena gota de água de todo o mar que o Oceano abarca, porque estas duas coisas — uma tão pequenina e a outra tão desmesuradamente grande — são ambos finitas.

Mas este período de tempo, por mais longo que seja, que parte de um começo e para num término, comparado ao que não tem começo, já não sei se devemos tê-lo por mínimo ou se tê-lo mesmo por nulo. Se, efetivamente, deste período, a partir do seu termo, se subtraírem momentos extremamente pequenos, o seu número, tão grande que já nem é exprimível, descerá, todavia e subindo (como se a partir do dia atual de um ser humano descontasses os seus dias subindo até ao seu nascimento), a subtração conduziria finalmente ao princípio do período.

Mas se, de uma duração que não teve começo se retirarem do passado, não digo instantes, nem um a um, horas, dias, meses ou anos em grandes quantidades, mas períodos de tempo tão longos que não seja possível a um especialista em cálculo medi-los em anos, mesmo que, na realidade, estes se esgotassem por subtração de mo-

mentos, de instante em instante e se lhe retirarem estes tão grandes períodos de tempo, não uma ou duas vezes nem frequentemente mas constantemente, o que acontece? Que é que se consegue? Nunca se chega ao começo, que começo não há.

É por isso que as questões que agora formulamos poderão os nossos descendentes voltar a formulá-las, com a mesma curiosidade, após seiscentos mil anos, se até lá se prolongar esta raça mortal que vai nascendo e morrendo e se até então continuar a sua ignorância e debilidade. E os que, antes de nós, viveram em tempos próximos da criação do ser humano, poderiam ter levantado a mesma questão.

Enfim, no dia seguinte ao do próprio dia da sua criação, até o primeiro ser humano poderia ter perguntado por que é que não fora criado mais cedo. E qualquer que fosse, nos tempos anteriores, a data da sua criação, este problema do começo dos seres temporais não teria encontrado então importância diferente da de agora ou da de mais tarde.

CAPÍTULO XIII

O retorno dos séculos; alguns filósofos julgaram que, depois de completarem um determinado ciclo de séculos, as coisas voltariam a existir na mesma ordem e da mesma forma.

Alguns filósofos deste Mundo, para resolverem este problema, julgaram que não havia outra possibilidade de solução senão a de

admitirem períodos cíclicos de tempo dentro dos quais a natureza seria constantemente renovada e repetida em todos os seus seres.

Assim se sucederiam sem parar os movimentos periódicos dos séculos que vêm e vão, quer estas revoluções se cumpram num Mundo permanente, quer, em certas épocas, um Mundo que morre e que renasce presente, sem cessar, como novos, os mesmos seres passados e futuros.

Deste jogo burlesco não pode escapar a alma imortal, mesmo que tenha alcançado já a sabedoria. Sem parar encaminhar-se-ia para uma falsa beatitude e, sem parar, voltaria a uma autêntica miséria.

Como é que seria autêntica esta felicidade, se a sua perenidade não é segura? É que, ou a alma desconhece a sua miséria futura e, neste caso, vive numa lastimosa ignorância no meio da verdade, ou, se a conhece, vive roída de temor no meio da felicidade.

Mas, se ela nunca mais voltar à desgraça e caminhar para a beatitude, é porque aconteceu no tempo algo de novo que não acabará no tempo.

Porque é que não há de ser assim o Mundo? E porque não será assim também o homem criado no Mundo? Tomando o reto caminho da sã doutrina, evitar-se-iam todos estes rodeios de não sei que falsos ciclos concebidos por falsos sábios enganosos.

Há os que invocam esta passagem de Salomão no livro chamado Eclesiastes:

*Que é que ele foi? O mesmo que há de ser. E que é que aconteceu? O mesmo que há de acontecer. Não há nada de novo sob o sol. Quem falará, quem dirá, aqui está uma coisa nova? Ela já existiu nos séculos que nos precederam*⁴⁷⁵.

Segundo aqueles, tratar-se-ia desses ciclos que reconduzem todos os seres aos mesmos estados. Isto, disse-o ele, ou das coisas que vem mencionada acima, isto é, das gerações que apareceram e desapareceram, dos cursos do Sol, da queda das torrentes, ou então, com certeza, de todas as espécies de seres que nascem e morrem.

Efetivamente, houve pessoas antes de nós, há-os conosco e pessoas haverá depois de nós. Da mesma forma quanto aos animais e plantas. Até os próprios monstros, que raramente nascem, embora difiram entre si e alguns, segundo se diz, sejam únicos. Todavia, esses seres estranhos e monstruosos, como tais sempre existiram e sempre existirão; um monstro sob o Sol não é, pois, coisa recente e nova que nasça. Outros interpretam estas palavras assim: o que aquele sábio quis dizer foi que tudo já aconteceu na predestinação de Deus e, portanto, nada de novo haveria sob o Sol.

Está, porém, longe da nossa reta fé acreditar que Salomão quis significar com tais palavras os famosos ciclos, de acordo com os

⁴⁷⁵ *Quid ergo quod fuit? Ipsum quod erit. Et quid est quod factum est? Ipsum quod fiet; et non est omne recens sob sole. Qui loquetur et dicet: Ecce hoc novum est: Jam fuit saeculis quae fuerunt ante nos.*
Ecles., I, 9-10.

quais o tempo e as coisas temporais se repetiriam como um eterno rodopio.

Assim, na escola da Academia de Atenas, o filósofo Platão ensinou no seu século discípulos; da mesma forma nos inumeráveis séculos do passado, com intervalos muito afastados, mas bem definidos, na mesma cidade, na mesma escola, o mesmo Platão teria tido os mesmos discípulos e voltaria a encontrá-los no decurso de inúmeros séculos futuros.

Longe de nós, eu vo-lo digo, acreditar em tais coisas. Cristo morreu uma só vez pelos nossos pecados *mas, tendo ressuscitado dos mortos, não morrerá mais e a morte não voltará a dominá-lo*⁴⁷⁶

E nós, depois da ressurreição, estaremos eternamente com o Senhor, a quem agora dirigimos as palavras que o Salmo Sagrado sugere: *Tu, Senhor, nos conservarás, tu nos guardarás desde esta geração até à eternidade*⁴⁷⁷.

Mas, parece-me que convém aos outros o que se segue: *os ímpios andarão às voltas*⁴⁷⁸.

Não é que a sua vida tenha de girar nos círculos da sua invenção, mas que tal é o caminho do seu erro, isto é, a sua falsa doutrina.

⁴⁷⁶ *Surgens autem a mortuis jam tunc moritur, et mors ei ultra non dominabitur.* Rom., VI, 9.

⁴⁷⁷ *Tu, Domine, servabis nos et custodies nos a generatione hac et in aeternum.* Salmo XI, 8.

⁴⁷⁸ *In circuitu impii ambulabunt.* Salmo XI, 9.

CAPÍTULO XIV

Condição temporal do gênero humano: Deus não a institui por uma decisão nova nem por uma vontade variável.

Que admira que, perdidos nos seus ciclos, não encontrem nem entrada nem saída. Ignoram quando começaram e quando devem acabar o gênero humano e a nossa condição mortal, incapazes que são de penetrar na sublimidade de Deus. Essa sublimidade de Deus — Ele próprio eterno e sem começo — fez surgir o tempo a partir de um começo e o ser humano, que ainda não tinha feito, fê-lo no tempo, em virtude, não de uma decisão nova e imprevista, mas imutável e eterna. Quem será capaz de sondar esta sublimidade insondável e de penetrar nessa sublimidade impenetrável, quando Deus, sem mudança de vontade, antes que algum ser humano fosse feito, institui no tempo o ser humano temporal e de um só ser humano multiplicou o gênero humano?

Com razão o Salmo, depois de ter dito: *Tu, Senhor, nos conservarás, tu nos guardarás desde esta geração até à eternidade*⁴⁷⁹, volta-se contra aqueles cuja ímpia e estulta doutrina não reserva à alma nenhuma libertação nem nenhuma beatitude eterna e acrescenta: *Os ímpios andarão às voltas*⁴⁸⁰, como se se dissesse: «Que crês tu então? Que pensas tu? Que comprehendes? Será de acreditar que aprou-

⁴⁷⁹ *Tu, Domine, servabis nos et custodies nos a generatione hac et in aeternum.* Salmo XI, 8.

⁴⁸⁰ *In circuitu impii ambulabunt.* Salmo XI, 9.

ve a Deus, a quem nada de novo pode acontecer, em quem nada é mutável, fazer de súbito este ser humano que, no passado, ao longo de uma eternidade sem fim, ainda não tinha feito?». Responde ele imediatamente, dirigindo-se ao próprio Deus: *Segundo a tua sublimidade multiplicaste os filhos dos homens*⁴⁸¹.

Pensem as pessoas o que quiserem, diz ele, julguem, disputem como lhes aprouver! *Segundo a tua sublimidade*⁴⁸², que nenhum dos seres humanos pode conhecer, *multiplicaste os filhos dos homens*⁴⁸³.

É, realmente, um profundo mistério ter sempre existido e ter querido fazer o primeiro ser humano a partir de determinado tempo, sem tê-lo feito antes, sem ter mudado de decisão e de vontade.

CAPÍTULO XV

Para que Deus tenha podido ser sempre Senhor, teremos de pensar que sempre existiu necessariamente uma criatura da qual fosse senhor? Em que sentido se chama sempre criado ao que não pode chamar-se coeterno?

Eu é que, na verdade, não me atrevo a dizer que o Senhor Deus durante algum tempo não foi senhor; mas também não posso pôr em dúvida que o ser humano nem sempre existiu e que o primeiro ser humano foi criado a partir de determinado momento. Mas, quando eu

⁴⁸¹ Secundum altitudinem tuam multiplicasti filios hominum. Salmo XI, 9.

⁴⁸² Secundum altitudinem tuam. Ib.

⁴⁸³ multiplicasti filios hominum. Ib.

pergunto de quem fora Deus sempre senhor, se as criaturas não existiram sempre, receio afirmar seja o que for porque, ao examinar-me a mim mesmo, recordo o que está escrito:

*Qual dentre os homens pode conhecer os desígnios de Deus? Quem poderá pensar o que quer o Senhor? Porque os pensamentos dos mortais são tímidos e incertas as nossas descobertas. O corpo corruptível sobrecarrega a alma e a morada terrena acabrunha o espírito de múltiplos pensamentos*⁴⁸⁴.

Destes pensamentos estou eu, nesta minha morada terrena, resolvendo tantos. Sim, tantos, porque entre eles ou fora deles há um, em que talvez não pense, que é o verdadeiro e que eu não posso descobrir. E poderia dizer que houve sempre uma criatura de que podia ser senhor Aquele que sempre foi Senhor e jamais deixou de o ser, contanto que uma criatura exista depois da outra em diferentes momentos do tempo, para que não digamos haver alguma coeterna ao Criador, o que a fé e a sã razão condenam.

É preciso evitar tanto a opinião absurda, alheia à luz da verdade, de que sempre existiram criaturas mortais através das vicissitudes dos tempos, desaparecendo umas, sucedendo-lhes outras, como a opinião de que criaturas mortais não começaram a existir senão com a chegada do nosso século, quando também os anjos foram criados,

⁴⁸⁴ *Quis hominum potest scire consilium Dei, aut quis potent cogitare quid vellit Dominus? Cogitationes enim mortalium timidae et incertae adinventiones nostrae. Corruptibile enim corpus adgravat animam, et deprimit terrena inhabitatio sensutu multa cogitantem.* Sab. de Salomão; IX, 13-15.

se é verdade que é a eles que se refere a criação da primeira luz, ou melhor, a criação do Céu do qual foi dito: *No princípio, fez Deus o céu e a terra*⁴⁸⁵.

Contudo, como estes anjos não existiram antes de terem sido feitos, se se diz que estes seres imortais sempre existiram, não se deve crer, todavia, que são coeternos a Deus.

Se eu, porém, disser que os anjos não foram criados no tempo mas existiram antes de todos os tempos, para que Deus fosse seu senhor, Ele que nunca deixou de ser Senhor, perguntar-me-ão ainda: se eles foram feitos antes de todos os tempos, poderiam eles, já que foram feitos, ter existido sempre?

Parece que se deve responder assim: E porque não? Não dizemos com toda a propriedade que o que existe em todo o tempo existe sempre? Existiram, sim, em todo o tempo e até foram feitos antes de todos os tempos, isto para o caso, pelo menos, de o tempo ter começado com o Céu e de eles existirem antes do Céu. Mas se o tempo existiu, não com o Céu, mas antes do Céu, não se tratava, nesse caso, de um tempo marcado pelas horas, os dias, os meses, os anos, porque estas medidas dos períodos temporais, chamados correntemente e com propriedade «tempos», é manifesto que começaram com os movimentos dos astros. Por isso, ao instituí-los, Deus disse: *E sirvam de*

⁴⁸⁵ *In principio fecit Deus caelum et terram.* Gcn., I, 1.

*sinais para marcarem os tempos, os dias, os anos*⁴⁸⁶, tratava-se de um tempo incluído em alguma mudança sucessiva, cujas partes passam umas após as outras porque não podem ser simultâneas. Se, portanto, antes do Céu, alguma coisa de semelhante se realizou nos movimentos angélicos, de modo que o tempo existiu desde então e os anjos desde o momento da sua criação se moveram no tempo, mesmo assim existiram desde todo o tempo pois que o tempo foi criado com eles. Quem poderá então dizer que o que existiu desde todos os tempos não existiu sempre?

Mas, se isto eu responder, alguém me dirá: Como é então que os anjos não são coeternos ao Criador, se, como Ele, sempre existiram? Como é que se podem mesmo chamar criados, se se consideram como tendo existido sempre? Que responder a isto? Será que se deve dizer: Existiram sempre porque existiram desde todos os tempos, tendo sido feitos com o tempo ou tendo os tempos sido feitos com eles e, contudo, foram criados? Porque não se pode negar que os próprios tempos foram criados e, todavia, ninguém duvida de que o tempo existiu desde todo o tempo.

Efetivamente, se em todo o tempo não houve tempo, havia então tempo em que tempo nenhum havia. Quem seria tão tolo para dizer uma coisa destas? Realmente, podemos dizer com correção:

⁴⁸⁶ *Et sint in signa et in tempora et in dies et in annos.* Gen., I, 14.

«houve tempo em que Roma não existia»; houve tempo em que não existia Jerusalém»; «houve tempo em que não existia Abraão»; «houve tempo em que não havia seres humanos» e por aí afora.

Enfim, se não foi com o princípio do tempo, mas após um certo tempo que o Mundo foi feito, poder-se-á dizer: «havia um tempo em que o Mundo não existia». Mas dizer «havia um tempo quando nenhum tempo havia» é tão absurdo como dizer «havia um homem quando nenhum homem havia» ou então «este Mundo existia quando este Mundo não existia». Se se trata de dois homens distintos poderemos dizer: «este existia quando esse outro não existia». Da mesma maneira poderemos dizer: «este tempo existia quando esse outro não existia»; mas será a mais rematada tolice dizer: «havia um tempo quando nenhum tempo havia».

Se, portanto, falamos de um tempo criado, posto que tenha existido sempre porque existiu desde todo o tempo, nem por isso podemos concluir que, se os anjos sempre existiram, não foram criados. Porque se eles existiram sempre é porque existiram desde todo o tempo e se existiram desde todo o tempo, é porque sem eles não poderia haver tempo algum.

Onde, na verdade, não houver criatura alguma, cujos movimentos sucessivos determinam o tempo, não poderá haver aí tempo. Assim, por mais que tenham existido, nem por isso são eternos como o Criador. Este sempre existiu numa imutável eternidade, ao passo que

eles foram feitos. Mas se se diz que eles existiram sempre é porque existiram «desde os tempos». Eles, sem os quais nenhum tempo é possível.

Mas o tempo, por que flui em razão da sua mutabilidade, não pode ser coeterno à imutável eternidade. Por isso, embora a imortalidade dos anjos não flua no tempo e não seja passada, como se já não existisse, nem futura, como se ainda não existisse, o seu movimento, pelo qual se origina o tempo, vai, todavia, passando do futuro para o passado.

E é por isso que os anjos não podem ser coeternos ao Criador, de quem não se pode afirmar que n'Ele há movimento, como se tivesse alguma coisa que foi, mas que já não é, ou alguma coisa que será, mas que ainda não é.

É por isso que, se Deus foi sempre Senhor, teve sempre alguma criatura submetida ao seu domínio. Esta criatura não foi por Ele gerada, foi por Ele feita a partir do nada. Ela não lhe é, portanto, coeterna. Por que Ele existia antes dela, embora nenhum tempo tenha existido sem ela, precedendo-a, não por uma duração fugitiva mas por uma permanente eternidade.

Mas se eu der esta resposta aos que perguntam: «como é possível que Deus seja sempre criador, sempre Senhor, se não houve sempre uma criatura que lhe esteve sempre submetida»; ou então: «como é possível que um ser tenha sido criado e não seja coeterno ao seu

criador se sempre existiu», receio dar a impressão mais de afirmar o que não sei do que de ensinar o que sei.

Por isso, volto de novo ao que o nosso Criador quis que soubessemos. Aquelas coisas que Ele permitiu que os mais sábios conhecessem nesta vida ou que reservou aos perfeitos para seu conhecimento na outra vida, confesso que estão acima das minhas forças.

Julguei, contudo, que devia tratar delas sem lhes dar uma solução segura, para mostrar, aos que as leem, que se devem abster de problemas perigosos, que, longe de se julgarem aptos para tudo aprender, compreendam antes a necessidade de se submeterem às prescrições salutares do Apóstolo quando diz: *Em virtude da graça que recebi, digo, pois, a todos os que estão entre vós que não procurem saber mais do que convém saber, mas saibam com moderação, conforme a medida da fé que Deus deu em partilha a cada um*⁴⁸⁷.

Se, na verdade, a uma criança se der alimento proporcional às suas forças, faz-se com que se torne capaz de tomar mais à medida que for crescendo; mas se exceder a sua capacidade, ela perecerá antes de crescer.

⁴⁸⁷ *Dico autem per gratiam Dei quae data est mihi omnibus qui sunt in vobis, non plus sapere quam oportet sapere, sed sapere ad temperantiam, unicuique sicut Deus partitus est mensuram fidei.* Rom., XII, 3.

CAPÍTULO XVI

Como compreender a promessa de vida eterna feita por Deus aos seres humano antes dos tempos eternos.

Que séculos decorreram antes de o gênero humano ter sido criado, confesso que o ignoro. Contudo, não tenho a menor dúvida de que nada de criado é coeterno ao Criador. O Apóstolo fala mesmo de tempos eternos, não dos que hão de vir mas, o que é mais de admirar, dos passados. Diz assim: *Na esperança de uma vida eterna, que Deus, que não mente, tinha prometido antes dos tempos eternos; mas ao chegar o momento manifestou a sua palavra*⁴⁸⁸.

Ei-lo, pois, afirmando no passado tempos eternos que, todavia, não são coeternos a Deus. Efetivamente, Deus existia antes dos tempos eternos e, além disso, prometeu a vida eterna dada a conhecer a seu tempo quando foi conveniente. E que era essa promessa senão o seu Verbo? Este é, na verdade, a vida eterna. E como prometeu Ele isso, tratando-se de uma promessa aos seres humanos que ainda não existiam antes dos tempos eternos, senão porque na sua eternidade e no seu Verbo, com Ele coeterno, já estava predestinado e fixado o que a seu tempo havia de acontecer?

⁴⁸⁸ *In spem vitae aetemae, quam promisit non mendax Deus ante tempora aetema; manifestavit autem temporibus suis verbum suum.* Tito, I, 2-3.

CAPÍTULO XVII

O que uma fé sadia ensina acerca da imutável decisão e vontade de Deus, contra os raciocínios dos que pretendem submeter as obras de Deus a retornos eternamente repetidos, através dos mesmos ciclos eternos de séculos.

Também não tenho a menor dúvida de que, antes de o primeiro ser humano ter sido criado, jamais houve ser humano algum, nem este primeiro ser humano voltou não sei quantas vezes nem sei em que ciclos, nem existiu outro qualquer com uma natureza semelhante.

Acerca deste ponto, a minha fé não foi abalada pelos argumentos dos filósofos. Destes argumentos, o que é considerado como mais útil é este: nenhuma ciência pode abarcar o infinito. Por conseguinte, dizem eles, todas as razões que Deus tem em si mesmo, para a criação dos seres finitos, são finitas.

Aliás, não se pode admitir que a sua bondade tenha estado alguma vez ociosa. A sua atividade não pode começar no tempo, após uma eterna abstenção, como se se arrependesse do seu repouso anterior sem princípio e que, em consequência disso, se decidisse a entregar-se à obra.

É, pois, necessário, prosseguem eles, que os mesmos seres voltem sempre e fluam, voltando sempre os mesmos, quer o Mundo se mantenha na sua mutabilidade, sem, todavia, nunca ter deixado de ser, mas criado sem princípio temporal, quer desapareça e renasça

incessantemente por revoluções repetidas e destinadas a repetirem-se sem fim.

Porque atribuir à obra de Deus um começo, equivale a crer que Deus de certo modo condenou a sua primitiva ociosidade eterna como inerte e preguiçosa e a si mesmo mui desagradável e que, por tal razão, mudou. Ao contrário, se se lhe atribui a criação sem fim das obras temporais, mas uma após outras, até chegar o dia da criação do ser humano que Ele nunca antes tinha feito, parecerá que agiu, não sob o efeito da ciência, incapaz, segundo eles, de abarcar o infinito, mas de improviso, como lhe vinha à mente, sob o impulso de uma inconstância fortuita.

Mas, insistem eles, se se admitem estes ciclos que fazem repetir as mesmas coisas temporais, quer num Mundo que permanece mutável, quer através de um incessante retorno cíclico de um Mundo que nasce e morre, deixa-se de atribuir a Deus o ócio, principalmente de uma duração tão prolongada que nem começo tem e a temerária improvisação nas suas obras. Se não se dão retornos, não haverá em Deus ciência ou presciênciia capaz de abarcar todas as mudanças do Mundo na sua infinita variedade.

Se a nossa razão não pudesse refutá-las, deveria zombar a nossa fé destas objeções com que os ímpios procuram desviar do reto caminho a nossa piedosa simplicidade para rodopiarmos com eles nos seus ciclos. Mas são muitas, graças ao patrocínio do Senhor nos-

so Deus, as razões manifestadas para se quebrarem esses ciclos giratórios que a imaginação inventou. E no que mais erraram eles ao preferirem girar nos falsos ciclos a comprometerem-se no verdadeiro e reto caminho, foi nisto: medem pela sua inteligência humana, mutável e limitada, a inteligência divina absolutamente imutável, capaz de abracer a infinitude e de enumerar os inúmeros seres sem mudar de pensamento.

Acontece o que diz o Apóstolo: *Realmente, ao compararem-se a si próprios, a si próprios não se compreendem*⁴⁸⁹. Para eles, de fato, todo novo projeto que lhes vem à cabeça constitui um novo designio que executam (por que o seu espírito é mutável). Assim, não é a Deus (pois não o podem pensar), mas é a eles próprios que põem em lugar d'Ele nos seus pensamentos e não é Deus, mas eles próprios, que eles comparam, não a Deus, mas a si.

A nós, não nos é lícito crer que seja afetado dum a forma quando repousa e de outra forma quando opera. Nem sequer se pode dizer que Ele seja afetado, como se surgisse na sua natureza algo de novo. Efetivamente, o que é afetado é passivo e tudo o que é passivo é mutável.

Nem se pense, pois, ao falar-se na inação de Deus em preguiça, em inércia ou indolência e nem, ao falar-se da sua atividade, se pense

⁴⁸⁹ *Comparantes enim semet ipsos sibimet ipsis non intellegunt.* II Corínt., X, 12.

em trabalho, esforço ou diligência. Deus sabe atuar repousando e repousar atuando. À sua obra nova pode aplicar um plano que não é novo mas eterno.

Não é arrependendo-se de uma abstenção anterior que Ele começou a fazer o que nunca tinha feito. Se Ele primeiro se absteve e depois atuou (não sei como poderá uma pessoa compreendê-lo), estas palavras primeiro e depois aplicam-se indubitavelmente aos seres que antes não existiam e existiram depois, mas n'Ele, nenhuma vontade subsequente modificou ou supriu uma vontade precedente, mas com uma e mesma eterna e imutável vontade fez com que na criação não existissem os seres que ainda não tinham existência e, depois, que existissem os que começaram a tê-la. Mostravam talvez assim, de uma maneira admirável, aos que são capazes de o compreender, que nenhuma necessidade tinha desses seres, mas criava-os por uma bondade gratuita, pois que, enquanto permaneceu sem eles durante toda uma eternidade, nem por isso tinha sido menos feliz.

CAPÍTULO XVIII

Contra os que afirmam que nem a ciência de Deus é capaz de abarcar o infinito.

Quanto aos que dizem que nem a ciência de Deus pode abarcar o infinito, só falta, para se afundarem na voragem da sua profunda

impiedade, que tenham a ousadia de afirmar que Deus não conhece todos os números.

Que eles são realmente infinitos, é absolutamente certo. Porque em qualquer número que julgues ter chegado ao fim, esse mesmo podes tu aumentá-lo, não digo acrescentando-lhe mais um, mas, por maior que seja e por enorme quantidade que expresse, pode, em razão da sua natureza e graças à ciência dos números, duplicar-se e até multiplicar-se. Aliás, cada número está limitado pelas suas propriedades, de forma que nenhum pode ser idêntico ao outro. São desiguais e diferentes entre si, cada um deles finito singularmente e todos infinitos como totalidade.

Assim, Deus não chegaria a conhecê-los todos devido à sua infinitade e a sua ciência apenas abarcaria uma certa quantidade de números ignorando o resto. Qual é o insensato capaz de sustentar uma afirmação destas? Eles não se atreverão a desprezar os números e a dizer que eles nada têm que ver com a ciência de Deus. Platão, que entre eles goza de grande autoridade, apresenta Deus a formar o mundo com números. E entre nós lê-se o que por Deus foi dito: *Tudo dispuseste com medida, número e peso*⁴⁹⁰.

E, a propósito, diz o profeta: *Produziu o século com número*⁴⁹¹.

⁴⁹⁰ *Omnia in mensura et numero et pondere disposuisti.* Sab. de Salomão, XI, 21.

⁴⁹¹ *Qui profert numerose saeculum.* Isaías, XL, 26 (Setenta).

E o Salvador declara no Evangelho: *Todos os nossos cabelos estão numerados*⁴⁹².

Longe de nós, portanto, duvidar de que nem todo número é conhecido daquele de quem canta o salmo: *Cuja inteligência não tem medida*⁴⁹³.

A infinidade do número, embora não exista número algum infinito de números, não é, todavia, incompreensível Àquele cuja inteligência não tem número. Pois bem, se tudo o que a ciência abarca está definido e limitado pela compreensão do sábio, certamente que a infinidade é, de certa maneira inefável, finita para Deus porque não é incompreensível para a sua própria ciência. Por isso, se a infinidade dos números não pode ser infinita para a ciência de Deus que a contém, a essa infinidade, quem, afinal, somos nós, fracos humanos, para ousarmos fixar limites à ciência divina, argumentando que, se as coisas temporais não se estão repetindo em ciclos periódicos, Deus, na criação dos seres, não é capaz de prever todos os que vai fazer, nem a todos conhecer depois de feitos? A sua sabedoria, múltipla na sua simplicidade e multiforme na sua uniformidade, comprehende todas as coisas incompreensíveis com uma compreensão tão incompreensível que, se sempre quisesse estar criando obras novas, todas diferentes das precedentes, não poderia fazê-lo de forma imprevista e

⁴⁹² *Capilli uestri omnes numerati sunt.* Mat., X, 30.

⁴⁹³ *cujus intelligentiae non est nutnerus.* Salmo CXLVI, 5.

desordenada, nem as planejaria de um momento para o outro, mas abarcá-las-ia a todas na sua eterna presciênciā.

CAPÍTULO XIX

Os séculos dos séculos.

Aquilo a que se chama «os séculos dos séculos», não me atrevo a definir se isto designa os séculos ligados em conjunto numa cadeia contínua, mas diferentes uns dos outros e fluindo numa diversidade bem ordenada, permanecendo sem fim na sua bem-aventurada imortalidade apenas aqueles que se vão libertando das suas misérias. Ou então se se deve entender por «séculos dos séculos» os séculos que se mantêm estáveis e inquebrantáveis na sabedoria de Deus e são como que os geradores dos séculos que fluem no tempo.

Talvez, de fato, se possa dizer «o século» por «os séculos», de maneira que «o século do século» tenha o mesmo sentido que «os séculos dos séculos», como «o Céu do Céu» quer dizer o mesmo que «os Céus dos Céus». Por que Deus chamou «Céu» ao firmamento sobre o qual estão as águas e, contudo, o salmo diz: *E que as águas que estão acima dos céus louvem o nome do Senhor*⁴⁹⁴.

É uma questão muito profunda saber se serve uma destas explicações da expressão «séculos dos séculos» ou se haverá outra para

⁴⁹⁴ *Et aquae quae super caelos laudent nomen Domini.* Salmo CXLVIII, 4.

compreender tal expressão⁴⁹⁵. O que tratamos agora permite-nos remeter o seu exame para mais tarde, quer para que possamos chegar a uma solução, quer para que um estudo atento nos torne mais prudentes e cautelosos e não se vá afirmar à toa alguma coisa acerca de tão obscuro problema.

Por agora, combatemos a opinião que sustenta os ciclos eternos e necessários, reconduzindo periodicamente os mesmos seres à existência. Qualquer que seja, porém, o verdadeiro sentido da expressão «séculos dos séculos», ela não tem relação alguma com esses ciclos, por que, quer com isso se entenda os séculos que, sem retorno dos mesmos fatos, fluem encadeados uns nos outros na maior ordem, de tal maneira que as almas libertadas perseveram na beatitude e nunca mais caem na desgraça, quer se entenda por «séculos dos séculos» as causas eternas que regem os seres temporais. Em ambos os casos ficam excluídos os tais ciclos que fazem voltar novamente as coisas.

A vida dos santos refuta-o redondamente.

⁴⁹⁵ Só o fato de Santo Agostinho ignorar o hebreu ou o aramaico o levou a ver na frase «os séculos dos séculos» uma questão profunda que anseia por solucionar. Trata-se apenas de um hebraísmo, com sentido superlativo, que não pressupõe qualquer pensamento filosófico.

CAPÍTULO XX

Impiedade dos que afirmam que as almas que já participaram da verdadeira e suma beatitude devem voltar ciclicamente aos mesmos trabalhos e às mesmas misérias.

Depois de toda uma vida cheia de tantas e tão grandes calamidades (se é que se lhe pode chamar vida em vez de morte e tanto mais perigosa quanto, por amor desta morte, chegamos a temer a morte que dela nos liberta), depois de tamanhos males, tão numerosos e tão horríveis, expiados e chegados a seu termo esses males mercê da religião e da sabedoria, chega-se finalmente à visão de Deus e entra-se na bem-aventurança pela contemplação da luz incorpórea, graças à participação na imutável imortalidade d'Aquele que ardente mente desejamos possuir.

Mas há que necessariamente abandonar um dia essa bem-aventurança e aqueles que se arrancam daquela imortalidade, daquela verdade, daquela felicidade atiram-se para a miséria infernal, para a torpe estupidez, para a execrável miséria onde se perde a Deus, onde se detesta a verdade, onde a felicidade se procura em imundas iniquidades e isto acontece e voltará a acontecer em intervalos fixos de séculos, da mesma maneira, sempre da mesma maneira, sem termo nem no passado nem no futuro e a razão destas eternas idas e voltas em círculos definidos, através das nossas falsas beatitudes e das nossas reais misérias, alternadas sim, mas intermináveis no seu incessan-

te retomo, a razão disto é permitir que Deus conheça as suas obras, porque Ele não pode cessar de atuar nem, pela sua ciência, explorar o infinito.

Quais serão, na verdade, os ouvidos piedosos que suportam uma coisa destas? Quem poderá ouvi-lo? Quem poderá crê-lo? Quem poderá suportá-lo? Se isso fosse verdade, seria mais prudente calá-lo; e até (para melhor dizer o que pretendo) seria mais sensato ignorá-lo. Por que, se lá, na outra vida, não conservamos mais a recordação de tudo isto, para assim sermos felizes, por que agravar cá na Terra a nossa miséria, conhecendo-a? Mas, se é preciso conhecê-lo lá, ignorremo-lo pelo menos cá, para que a expectativa do sumo bem nos torne mais felizes que a sua posse. Cá, tem-se pelo menos a esperança de conseguir uma vida eterna e lá, descobre-se que essa felicidade não é eterna, pois se fica a saber que um dia se perderá.

Se, porém, disserem que ninguém poderá alcançar aquela felicidade sem conhecer nesta vida aqueles ciclos em que alternam a felicidade e a desgraça, como é que afirmam que, quanto mais cada um amar a Deus, tanta maior facilidade terá em chegar à felicidade, ao mesmo tempo em que ensinam doutrinas que entorpecem esse amor?

E quem não sentirá que o seu amor a Deus se debilita e se apaga ao pensar que terá de abandoná-lo irremediavelmente, ao sentir-se em oposição à sua vontade e à sua sabedoria? E isto precisamente

quando tinha chegado ao pleno conhecimento de Deus (tanto quanto disso se é capaz) graças à própria perfeição que a bem-aventurança dá?

Pois, se ninguém é capaz sequer de amar facilmente um amigo quando sabe que ele há de se tornar seu inimigo! Oxalá não sejam verdadeiras estas doutrinas que nos ameaçam duma verdadeira desgraça que jamais acabará e não será interrompida vezes e vezes sem fim a não ser por falsas felicidades!

O que é que há de mais falso, de mais falaz que essa beatitude em que, em tamanha luz de verdade, ignoramos que nos havemos de tornar uns desgraça dos ou, no mais alto da suma felicidade, não deixaremos de ter receio? Se lá temos que ignorar as nossas futuras tribulações, então cá a nossa miséria tem mais luz, pois conhecemos a nossa futura felicidade.

Mas se lá não ignoramos a desgraça que nos ameaça, a alma encontrará cá mais felicidade numa miséria que se abre para a beatitude do que numa beatitude que desembocará na miséria. Desta forma, haverá uma esperança feliz no meio da infelicidade e no meio da felicidade uma esperança infeliz. Segue-se que, sofrendo cá dos males presentes, temendo lá os que nos ameaçam, temos mais possibilidades de sermos sempre infelizes do que de sermos felizes alguma vez.

Mas tudo isto é falso. Proclama-o a piedade, demonstra-o a Verdade. Esta, com efeito, promete-nos sinceramente a verdadeira felicidade, cuja segurança é garantida para sempre e não deve ser interrompida por desgraça alguma.

Sigamos, pois, o verdadeiro caminho que para nós é Cristo. Com Ele, como guia e Salvador, afastemos a nossa inteligência e o caminho da nossa fé do vão e inepto ciclo dos ímpios.

O platônico Porfírio não quis seguir a opinião dos seus, acerca desses ciclos de infinidas e alternantes idas e voltas das almas, impressionado pela vacuidade da hipótese ou respeitando já os tempos cristãos. Como já contei no livro décimo, preferiu sustentar que a alma é enviada para o Mundo para conhecer os males, para que, uma vez libertada e purificada, regresse ao Pai sem ter que voltar a sofrer tais provas. Quanto mais não devemos nós detestar e evitar estas falsidades inimigas da fé cristã!

Mas, uma vez suprimidos estes ciclos ilusórios, já nada nos obriga a crer que o gênero humano não teve começo no tempo sob o pretexto de que, graças a eles, nada de novo acontece no Universo que não tenha sido no passado e que não tenha de ser no futuro. Porque se a alma, livre de ter que voltar às desgraças, é libertada como nunca antes o fora, produz-se então nela algo que antes jamais tivera lugar e algo de muito importante, quero dizer, uma felicidade que jamais acabará, porque é eterna.

Mas, se numa natureza imortal se verifica uma tão grande novidade que não é repetida nem tem que ser repetida em ciclo nenhum, porque é que se pretende negar esta possibilidade nos seres mortais? Se disserem que a alma não é a sede de uma beatitude nova porque ela apenas volta de novo ao estado que sempre fora o seu, então a sua libertação torna-se nova, pois que é libertada duma desgraça em que jamais se tinha encontrado. A própria desgraça é nela uma novidade, não suportada antes.

Se esta novidade escapa ao governo da Divina Providência e mais não é que efeito do acaso, o que acontece a esses ciclos determinados e mensurados nos quais nada de novo se produz e nos quais tudo o que foi se repete?

Mas se esta novidade não é excluída da ordem providencial, quer a alma tenha sido dada ao corpo, quer neste tenha ela caído, em tal caso podem surgir novidades que antes não tinham surgido e, todavia, não derrogam a ordem do Universo. E se a imprudência da alma lhe pôde causar uma nova desgraça que a Divina Providência previu para a incluir também na ordem do Universo e, não sem previsão, dela libertar a alma, por que vã temeridade ousaremos negar à Divindade o poder de criar as coisas novas? Novas não para Deus, mas para o Mundo; jamais criadas antes e nunca excluídas da sua previsão.

Dir-se-á que as almas libertadas já não voltarão ao seu estado de desgraça, mas isso nada traz de novo ao mundo por que, primeiro umas e depois outras, sempre foram libertadas, são-no e sê-lo-ão. Têm pelo menos que concordar que há novas almas para quem a desgraça é nova e nova a libertação. Dirão talvez que as almas são antigas e, no seu passado, eternas. Delas provêm, todos os dias, novos seres humanos e, se viverem com sabedoria, serão libertadas do corpo desses seres humanos, para jamais voltarem ao estado de desgraça e, por consequência, dirão que são em número infinito.

Efetivamente, por muito grande que seja o número de almas, não seria suficiente para abastecer o infinito número de séculos precedentes para que deles provenham incessantemente pessoas cujas almas incessantemente seriam libertadas da mortalidade para jamais a esta regressarem.

Não saberão também explicar, como é que, nos seres criados, que, no seu entender, têm que ser finitos em número para que Deus os possa conhecer, é infinito o número de almas.

É por isso que são rejeitados esses ciclos em que, segundo se julgava, a alma terá necessariamente de voltar às mesmas desgraças. Que é que há de mais conforme com a religião do que crer que a Deus não é impossível fazer novos seres que nunca antes fizera e, numa presciênciainefável, não mudar de vontade?

Mas se o número das almas libertadas que já não voltarão ao seu estado de desgraça, poderá aumentar sempre, pergunte-se àqueles cujos sutis raciocínios mais não pretendem que excluir a infinidade das Coisas! Quanto a nós, concluímos a nossa demonstração por esta alternativa: ou esse número pode aumentar sempre e então, por que negar a possibilidade de que seja criado o que nunca ainda fora criado, já que o número das almas libertadas que antes não existiam, não somente não foi produzido uma vez por todas, mas também o número de almas não cessa de aumentar? Ou então é preciso que um certo número de almas libertadas e que já não regressarão à desgraça, seja fixado e que não aumente doravante; então, não há dúvida, também esse número, seja ele qual for, não existia no passado, por que não poderia, com certeza, crescer e chegar ao seu termo, se não tivesse tido um começo que antes não existia. Para que este existisse, foi, portanto, criado um ser humano antes que nenhum outro tenha existido.

CAPÍTULO XXI

Condição do único primeiro ser humano e, nele, de todo o gênero humano.

Explicada, o melhor que nos foi possível, essa difícil questão da eternidade de um Deus que cria novos seres sem alteração da sua vontade, mais fácil nos será compreender agora que era muito

mais preferível multiplicar a humanidade como Deus fez, isto é, fazendo-a provir de um só ser humano previamente criado, do que fazendo-a provir de vários ser humanos.

Quanto aos animais, uns solitários, digamos selvagens, isto é, que preferem viver sós, tais como as águias, os milhanos, os leões, os lobos e outros semelhantes; outros gregários, por que preferem viver congregados em grupo, tais como as pombas, os estorninhos, os corvos, as corças, etc.; nem para uns nem para outros determinou Deus a sua propagação a partir de um só: fez existir vários ao mesmo tempo.

Ao ser humano, pelo contrário, deu uma natureza intermédia entre o anjo e o animal. Se se mantivesse submetido ao seu criador como a seu Senhor, observando com piedosa obediência os seus mandamentos, juntar-se-ia à sociedade dos anjos e conseguiria para sempre a beatitude eterna sem passar pela morte. Mas se, abusando da sua livre vontade pelo orgulho e a desobediência, ofendesse o Senhor seu Deus, deveria, condenado à morte, viver à maneira dos animais, escravo das paixões e votado, após a morte, a eterno suplício.

Foi por isso que o criou único e só, não certamente para o deixar isolado de toda a sociedade humana, mas para pôr mais em relevo a seus olhos o vínculo de unidade e concórdia que esta sociedade deve manter, estando os seres humanos ligados entre si pela identidade de natureza e pelos vínculos afetivos de parentesco. Nem sequer a própria mulher, destinada a unir-se ao varão, a quis criar como o

criou a ele, mas formou-a a partir dele, para que todo o gênero humano se propagasse a partir de um só homem.

CAPÍTULO XXII

Deus previu o pecado do primeiro ser humano que criou e, simultaneamente, o numeroso povo de justos nascidos da sua raça, que agregaria, por sua graça, à sociedade dos anjos.

Deus não ignorava que o ser humano viria a pecar e que, votando à morte, viria a gerar filhos destinados à morte. E estes mortais iriam progredir de tal maneira na disposição ao crime, que os animais destituídos de razão, falhos de vontade, nascidos de várias estirpes, — umas das águas, outras das terras — viveriam entre si, nas suas espécies, com mais segurança e mais paz do que os humanos, cuja raça provinha de um só para assegurar a concórdia.

Efetivamente, nem os leões, nem os dragões alguma vez desencadearam entre si guerras semelhantes às dos seres humanos. Mas Deus previa também que um povo piedoso, chamado pela sua graça à adoção divina, desligado do pecado e justificado pelo Espírito Santo, seria associado aos santos anjos na paz eterna, quando a morte, sua última inimiga, fosse destruída. A este povo havia de ser útil a consideração de que Deus decidiu a criação do gênero humano a partir de um só ser humano, para mostrar aos humanos o quanto apreciava a unidade na sua pluralidade.

CAPÍTULO XXIII

Natureza da alma humana criada à imagem de Deus.

Deus fez, pois, o ser humano à sua imagem. Efetivamente, criou nele uma alma apta pela razão e pela inteligência a elevar-se acima de todos os animais da terra, das águas e do ar, desprovidos de um espírito deste gênero.

Tendo, pois, formado o ser humano do pó da terra, insuflou-lhe essa alma de que acabo de falar, quer a tenha já feita, quer fazendo-a pelo seu próprio sopro, querendo que o sopro que assim produzia (realmente, insuflar que mais é senão produzir um sopro?) fosse a própria alma humana. Depois, como Deus que é, fez-lhe, de um osso tirado do seu lado, uma esposa para o ajudar na geração.

Isto não deve ser, aliás, imaginado conforme os nossos hábitos carnais, como costumamos ver os artistas servirem-se dos membros do seu corpo para fabricarem a partir de uma qualquer matéria o produto próprio da sua arte. A mão de Deus é a potência de Deus, que produz invisivelmente seres visíveis. Mas isto mais parece uma fábula do que uma realidade, para os que utilizam as obras vulgares de todos os dias como medida da capacidade criadora e da sabedoria de Deus, que sabe e pode criar, suponhamos, até a própria semente da vida sem sementes.

Quanto às origens da criação, as pessoas que as ignoram fazem delas ideias falsas. Como se não lhes parecessem ainda mais incríveis

a concepção e o nascimento de um ser humano, se lhos tivessem contado antes de os conhecerem por experiência. Embora a maioria deles atribua estas maravilhas mais a diferentes forças materiais do que à obra da divina inteligência.

CAPÍTULO XXIV

Poder-se- á dizer que os anjos são criadores de alguma criatura, por insignificante que seja?

Estes livros não se dirigem àqueles que se recusam a crer que a inteligência divina tenha feito e cuide deste Mundo. Alguns, crentes no seu Platão, não acreditam que tenha sido o próprio Deus Supremo o criador do Mundo, mas sim que outros deuses menores, por Ele criados, é que formaram, com sua permissão ou sob ordem sua, todos os seres vivos mortais, entre os quais o ser humano, parente desses deuses, conserva o primeiro lugar. Se esses se libertassem da superstição que os impele a justificarem as cerimônias e os sacrifícios que oferecem aos deuses como seus autores, sem dificuldade se veriam livres também da sua errônea opinião.

Efetivamente, não é lícito acreditar nem afirmar, que o criador de toda a natureza, por mais insignificante e mortal que seja, possa ser outro que não Deus, mesmo antes de podermos compreender isto. Quanto aos anjos, a quem eles preferem chamar deuses, mesmo que lhes seja permitido ou ordenado que prestem a sua colaboração aos

seres que nascem neste mundo, não são mais criadores dos animais que os agricultores o são dos frutos da terra e das árvores, tão longe estão de se poderem chamar criadores dos animais como o está o agricultor a respeito dos frutos ou das árvores.

CAPÍTULO XXV

Toda a natureza e toda a forma no Universo criado é obra exclusiva de Deus.

Efetivamente, há a forma de que se reveste exteriormente a matéria corpórea, como fazem os oleiros, os artífices e os operários que pintam e esculpem figuras que reproduzem corpos animados. Mas há outra forma cuja eficiência causal é interior, provém da secreta e misteriosa vontade de uma natureza viva e inteligente que, sem ser feita, produz as formas naturais dos corpos e as próprias almas dos vivos.

A primeira forma — a exterior — está ao alcance de qualquer artífice. Mas a outra só se pode atribuir a um artífice, ao Deus Criador que fez o Mundo e os anjos sem ter necessidade nem de outros anjos nem de outro Mundo.

Foi, de fato, desta virtude divina e por assim dizer efetiva, que tudo fez sem ser feita, que o Céu e o Sol receberam a sua rotundidade quando foi criado o Mundo; foi a esta mesma virtude divina e efetiva, que tudo fez sem ser feita, que o olho, como o pomo, devem à sua forma redonda; dela provêm todas as outras formas naturais que ve-

mos formar-se em tudo quanto nasce, não sob uma ação exterior mas pelo poder íntimo do criador que disse: *Eu encho o céu e a terra*⁴⁹⁶ e cuja sabedoria é *a que atinge duma extremidade à outra com força e tudo dispõe com suavidade*⁴⁹⁷.

Na realidade, não sei que espécie de serviços prestaram os anjos — os primeiros a serem feitos — ao Criador, ao fazer os outros seres. Nem me atrevo a atribuir-lhes um poder que eles talvez não tenham. Nem devo negar-lhes o poder que têm. Reservo, porém, para Deus a formação de todas as naturezas e a obra da criação, pela qual obra elas se tornaram plenamente no que são, embora nela colaborem também os anjos conscientes e gratos por também a Ele deverem o ser.

De fato, não dizemos que os agricultores são os criadores dos frutos quando lemos: *Nem o que planta é coisa alguma, nem o que rega, mas sim o que faz crescer: Deus*⁴⁹⁸, mas nem da própria terra o dizemos, apesar de parecer a mãe universal e fecunda que promove a eclosão dos gérmenes e fixa as raízes ao solo; lemos ainda: *Deus dá-lhe o corpo que lhe apraz e a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio*⁴⁹⁹.

⁴⁹⁶ *Caelum et terram ego impleo.* Jeremias, XXIII, 24.

⁴⁹⁷ *Quae adtingit a fine usque ad finem fortiter et disponit omnia suauiter.* Sab. de Salomão, VIII, 1.

⁴⁹⁸ *Neque qui plantat est aliquid neque qui rigat, sed qui incrementum dat Deus.* I Corínt., III, 7.

⁴⁹⁹ *Deus illi dat corpus quo modo voluerit et unicuique seminum proprium corpus.* I Corínt., XV, 38.

Também não devemos chamar à mulher criadora da sua descendência. Criador é antes Aquele que disse a um dos seus servos: *Antes de te formar no útero, eu te conheci*⁵⁰⁰.

E, embora os diversos estados de alma de uma mulher grávida possam afetar o feto de certas disposições — como Jacob com varas estriadas obtinha dos seus gados crias de cores diferentes — todavia, dessa natureza gerada, a mãe é tão impropriamente criadora como de si própria.

Quaisquer que sejam as causas corpóreas ou seminais que atuam na geração, graças ao concurso dos anjos, dos homens, de quaisquer seres vivos, ou pela união de marido e mulher; qualquer que seja o poder exercido pelos desejos ou emoções da alma materna, para marcar com certos traços ou com certas cores o débil e tenro fruto da concepção, essas próprias naturezas, susceptíveis de serem impressionadas, conforme o seu gênero, desta ou daquela maneira, são obra exclusiva de Deus Supremo. O seu secreto poder penetra o Universo com a sua incorruptível presença, fazendo com que exista tudo o que de qualquer maneira é, na medida em que é. Por que sem a ação de Deus, este ser não seria este ou aquele, nem sequer poderia ser.

⁵⁰⁰ *Priusquam te formarem in utero, novi te.* Jeremias, I, 5.

É por isso, portanto, que não atribuímos a fundação de Roma ou de Alexandria nem aos pedreiros nem aos arquitetos (embora tenham sido os artífices que imprimiram às coisas corporais as suas formas exteriores), mas sim aos reis por cuja vontade, decisão e ordens elas foram construídas. Dizemos que uma foi fundada por Rômulo e a outra por Alexandre. Por maioria de razão devemos dizer que só Deus é o autor das naturezas; Ele que nada produz de uma matéria que Ele próprio não tenha produzido; Ele que não tem outros obreiros que não sejam os obreiros que criou; e, se retirasse das suas obras o seu poder, a que chamarei «fabricador», elas entrariam no nada onde estavam antes de terem sido feitas. Digo «antes», não na ordem do tempo, mas na da eternidade. Quem é, na realidade, o criador dos tempos senão Aquele que fez seres cujos movimentos faziam correr os tempos?

CAPÍTULO XXVI

Opinião dos platônicos: os anjos foram, na realidade, criados por Deus, mas são eles os criadores dos corpos humanos.

Platão atribui a criação dos outros seres animados aos deuses inferiores, feitos, por sua vez, pelo Deus Supremo. Todavia, d'Este recebem a parte imortal à qual aqueles acrescentam a parte mortal. Não quis fazê-los criadores das nossas almas, mas dos nossos corpos.

Pois bem, segundo Porfírio, a alma, para se purificar, deve evitá-lo todo o corpo. Pensa, como o seu Platão e os outros platônicos, que aqueles que viveram nos excessos e na luxúria devem, para expiar as suas faltas, voltar a corpos mortais, mesmo de animais, diz Platão, ou só de humanos, diz Porfírio.

Daí a consequência: estes deuses, que eles pretendem que adorremos como nossos pais e criadores, mais não são que autores dos nossos grilhões ou das nossas prisões. Longe de serem nossos criadores, são nossos carcereiros que nos carregam de pesadas cadeias e nos encerram em dolorosos cárceres. Deixem, pois, os platônicos, de apresentar os corpos como um castigo com que ameaçam as almas, ou então não exaltem o culto desses deuses que nos exortam a fugir e a evitar com todas as nossas forças o corpo que eles nos deram. Tanto uma coisa como a outra são totalmente falsas.

Efetivamente, nem as almas expiam as suas penas com o seu regresso a esta vida, nem há outro criador dos seres animados, no Céu e na Terra, que não seja o que fez o Céu e a Terra. Realmente, se a única razão de viver num corpo é a de sofrer um castigo, porque é que Platão diz que este Mundo não poderá atingir a sua plenitude sem que alguma coisa aconteça sem sentido, embora se nos oculte a

causa que o produz? Diz um dos salmos sagrados: *Vinde e vede as obras do Senhor que Ele pôs como prodígios sobre a terra*⁵⁰¹.

Mas, porque é que a mulher foi tirada do lado do homem e que sentido terá aquilo a que se pode chamar o primeiro prodígio, di-lo-ei noutro lugar, na medida em que Deus me ajudar.

Agora que este livro deve ser encerrado, admitamos, se não à luz da evidência, pelo menos em nome da divina presciêncie de Deus, que no primeiro ser humano criado tiveram origem, juntamente com o gênero humano, duas sociedades, como que duas cidades. Dele, efetivamente, haviam de proceder pessoas destinadas a partilhar, uns os suplícios dos anjos maus e outros a recompensa dos bons. E isto por um oculto (mas nem por isso menos justo) juízo de Deus. Por que de fato está escrito: *Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade*⁵⁰², nem a sua graça pode ser injusta, nem cruel a sua justiça.

⁵⁰¹ *Venite et videte opera Domini, quae posuit prodigia super terram.* Salmo XLV, 9.

⁵⁰² *Universae viae Domini misericordia et veritas.* Salmo XXV, 10.

Livro XIII – A morte.

Nele se demonstra que, entre os humanos, a morte constitui um castigo e procede do pecado de Adão.

CAPÍTULO I

A mortalidade é consequência da queda do primeiro ser humano.

Resolvidas questões tão difíceis como as da origem do nosso século e do começo do gênero humano, o plano da obra leva-nos a tratar da queda do primeiro, ou antes, dos primeiros seres humanos, bem como da origem e transmissão da morte na humanidade.

Deus não tinha criado os seres humanos da mesma maneira que os anjos, isto é, incapazes de morrer mesmo que pecassem, mas, depois de terem cumprido o dever de obediência, deviam, sem passar pela morte, obter a imortalidade dos anjos e a sua eternidade bem-aventurada.

Todavia, se desobedecessem, a morte seria o seu justo castigo, como, de resto, já dissemos no livro precedente.

CAPÍTULO II

Da morte que pode atingir a alma destinada, todavia, a, de algum modo, viver sempre e da morte a que está sujeito o corpo.

Mas vejo que é preciso examinar com um pouco mais de cuidado a natureza da morte. Embora a alma, de fato, seja realmente imortal, também ela tem, porém, a sua morte própria. Diz-se que é

imortal por que, sob qualquer forma, por pequena que seja, não deixa de viver e de sentir, ao passo que o corpo é mortal por que pode ser privado de toda a vida e de modo nenhum podendo viver por ele mesmo.

A alma morre quando Deus a abandona, assim como o corpo morre quando a alma o deixa. Por isso, a morte da alma e do corpo — isto é, do ser humano todo — surge quando a alma, abandonada por Deus, abandona por sua vez o corpo. É que então, Deus não é mais a vida da alma e nem ela a vida do corpo.

A esta morte do ser humano inteiro segue-se a morte que a Escritura sagrada chama, com toda a sua autoridade, de segunda morte. É a esta que se refere o Salvador quando diz: *Temei aquele que tem o poder de fazer perecer o corpo e a alma na Geena*⁵⁰³.

E, como isto não pode acontecer antes de a alma estar unida ao corpo, de tal forma que nada os possa separar mais, poderá parecer estranho afirmar que o corpo perece, já que a alma não o deixa e permanece sensível para ser eternamente atormentada.

Que se diga que a alma morre nesse último e eterno suplício — do qual falaremos mais amplamente em outro lugar⁵⁰⁴ — isso se entende muito bem, já que ela não recebe mais a vida de Deus, mas,

⁵⁰³ *Eum timete, qui habet potestatem et corpus et animam perdere in gehennam.* Mat., X, 28.

⁵⁰⁴ Livros XX, XXI e XXII.

como dizer isso do corpo quando ele está vivo? É preciso que ele o seja, para sentir os tormentos que sofrerá após a ressurreição.

Será que a vida, qualquer que seja ela, sendo um bem e a dor um mal, pode-se dizer que um corpo não vive, quando a alma só o anima para fazê-lo sofrer? A alma vive então de Deus, quando ela vive bem, pois ela só pode viver bem na medida em que Deus opera nela o que é o bem.

Quanto ao corpo, ele é vivo quando a alma o anima, viva ela de Deus ou não. Os maus não vivem a vida da alma, mas a do corpo, que a alma lhe comunica.

Mesmo por ocasião da morte, ou seja, do abandono de Deus, a alma conserva uma espécie de vida, que lhe é própria e que ela não perde jamais. Daí é que vem chamá-la de imortal.

Mas, na condenação final, mesmo que o ser humano não deixe de sentir, no entanto, como esse sentimento não será agradável, mas doloroso, não é sem razão que as Escrituras chamam isso mais de morte do que de vida. Ela o chama de segunda morte, por que ela acontecerá após a primeira morte, que separa a alma, seja de Deus, seja do corpo.

Pode-se dizer então que a primeira morte do corpo é boa para os bons e má para os maus. E a segunda, como ela não é boa para os bons, ela não pode ser boa para ninguém.

CAPÍTULO III

**Se a morte __ que, devido ao pecado dos primeiros humanos,
atinge todos os seres humanos __ constitui também para os
santos pena do pecado.**

Surge, porém, uma questão que não se deve escamotear: a morte, separação entre a alma e o corpo, é, na realidade, um bem para os bons? Se assim é, como se poderá sustentar que ela é também a pena do pecado?

Com certeza que, se os primeiros seres humanos não tivessem pecado, não a teriam suportado. Como poderá então ser um bem para os bons se não pode acontecer senão aos maus? Mas se ela não pode acontecer senão aos maus, não devia ser um bem para os bons mas simplesmente não ser. Realmente, por que uma pena para quem nada tem que deva ser punido?

Deve-se, pois, reconhecer que os primeiros seres humanos foram, na verdade, criados para não sofrerem qualquer gênero de morte se não tivessem pecado. Mas, tendo-se tornado os primeiros pecadores, foram punidos com a morte e, além disso, todos os que da sua estirpe viesssem deviam doravante sofrer esse castigo. É que deles nada podia nascer diferente.

Realmente, a magnitude da sua falta acarretou uma sanção que alterou para pior a sua natureza. O que não passava de uma pena para

os primeiros humanos pecadores, tornou-se natureza para todos os seus descendentes.

Um ser humano não nasce de outro ser humano como o primeiro ser humano nasceu do pó. O pó foi o princípio material para fazer o primeiro ser humano, mas o pai é, para seu filho, o princípio gerador.

Assim, a terra não é carne, embora de terra tenha sido feita a carne. Mas um filho não é de natureza diferente de seu pai. Portanto, todo o gênero humano, que devia propagar-se pela mulher, estava no primeiro homem, quando essa união dos cônjuges recebeu a sentença divina da sua condenação. E aquilo em que se tornou o ser humano, não quando foi criado, mas quando pecou e foi castigado, transmitiu-o ele aos seus descendentes, no que diz respeito à origem do pecado e da morte.

Ao se tornar pecador e mortal, o ser humano gerou um ser humano mortal e pecador como ele, com a diferença que o primeiro ser humano não foi reduzido à estupidez e à fraqueza de corpo e de espírito que vemos nas crianças, pois Deus quis que sua entrada na vida fosse semelhante a dos animais.

Como diz o profeta : *O homem, quando era levantado em dignidade, não comprehendeu; comparou-se aos animais carentes de entendimento e tornou-se a eles semelhante*⁵⁰⁵.

No exercício e movimento dos seus membros e no instinto das apetências e das defesas, vemos que as crianças são mais débeis que os mais tenros filhotes dos animais, tudo se passando como se a energia humana se elevasse tanto mais acima dos outros viventes quanto mais tempo conservou retido e contraído o seu ímpeto, como a flecha no arco bem retesado.

O primeiro ser humano não foi, portanto, precipitado ou lançado, por sua presunção culpável e por justa condenação, para estes começos infantis. Mas a natureza humana ficou nele de tal forma viciada e mudada que sofre nos seus membros a desobediência e a revolta da concupiscência e se sente necessariamente ligada à morte. Assim, aquilo em que se tomou pelo crime e pelo castigo, é isso mesmo que gera, isto é: seres sujeitos ao pecado e à morte.

As crianças, se do laço do pecado são libertadas pela graça de Cristo mediador, só podem sofrer essa morte que separa a alma do corpo, mas, libertadas da dívida do pecado, não passam pela segunda morte que é castigo sem fim.

⁵⁰⁵ *Homo in honore cum esset, non intellexit; comparatus est pecoribus non intelligentibus et similis factus est eis.* Salmo XLVIII, 13.

CAPÍTULO IV

Por que é que os que são absolvidos dos seus pecados pela graça da regeneração, não são libertados da morte, que é a pena do pecado?

Se porventura alguém perguntar por que é que essa primeira morte, se ela é a pena do pecado, há de ferir aqueles cujo pecado foi abolido pela graça, poderei responder como na minha obra **De baptismo parvulorum** (sobre o batismo das crianças) onde esta questão já foi tratada e resolvida.

Esta experiência da separação da alma e do corpo, diz-se aí, é mantida depois da supressão dos laços do pecado por que, se a imortalidade corporal se seguisse imediatamente ao sacramento da regeneração, a fé ficaria debilitada. É que só há fé quando se aguarda na esperança o que na realidade ainda se não vê.

Foi com o vigor e o esforço da fé que, pelo menos em épocas passadas, se teve de vencer o medo da própria morte e é o que se nota principalmente nos santos mártires. Para eles não teria havido nem vitória nem glória em combater (porque todo o combate lhes seria impossível) se, tornados santos pelo banho da regeneração, ficassem doravante incapazes de morrer. Quem não correria com as crianças para a graça do batismo de Cristo com a intenção sobretudo de escapar à morte? Assim a fé já não se sujeitaria à prova da expec-

tativa duma recompensa invisível. Já não haveria mesmo fé ao buscar-se e receber-se imediatamente a recompensa do ato.

Agora, porém, a pena do pecado converteu-se, por uma graça maior e mais maravilhosa do Salvador, em obra de justiça. Foi dito outrora ao ser humano: *Se pecares, morrerás*⁵⁰⁶. Agora se diz ao mártir: «morre para que não peques».

Outrora foi dito: *Se transgredirdes os meus mandamentos, morrereis*⁵⁰⁷. Agora se diz: «se recusardes a morte, transgredireis os meus mandamentos». O que então havia que temer para não pecar, deve agora aceitar-se por medo de pecar. E assim, graças à inefável misericórdia de Deus, a própria pena dos vícios se transforma em arma de virtude e o suplício do pecador se converte em recompensa do justo.

Outrora mereceu-se a morte, pecando; agora cumpre-se a justiça, morrendo. Isto verifica-se nos santos mártires, a quem o perseguidor propõe a alternativa: ou renegar a fé ou suportar a morte. Mas os justos preferem sofrer pela fé o que os primeiros pecadores sofreram por não terem acreditado. Estes não morreriam se não tivessem pecado; aqueles pecarão se não morrerem. Portanto, estes morrem porque pecaram; aqueles não pecam porque morrem. Por culpa destes se chegou à pena; por pena daqueles se evita a culpa.

⁵⁰⁶ *Morieris si peccaveris.* Gen., II, 17.

⁵⁰⁷ *Si mandatum transgressi fueritis, morte moriemini.* Gen., II, 17.

Não é que a morte se tenha convertido num bem que antes fora um mal, mas Deus concedeu à fé uma graça tamanha que, por ela, a morte, que é o contrário da vida, tornou-se num meio de passar à vida.

CAPÍTULO V

Assim como os iníquos fazem mau uso da lei que é boa, assim os justos fazem bom uso da morte que é má.

O Apóstolo, ao pretender mostrar quão nocivo é o pecado sem a ajuda da graça, não hesitou em apresentar a própria lei, pela qual o pecado é proibido, como a força do pecado. Diz ele: *O pecado é o aguilhão da morte; mas a força do pecado é a lei*⁵⁰⁸.

Pura verdade! De fato, a proibição aviva o desejo dum ato ilícito quando não se ama suficientemente a justiça para lhe encontrar um encanto que vença o desejo de pecar. Mas, para chegar a ser amada e a deleitar, a verdadeira justiça precisa da graça divina. E, para que não se tome a lei como um mal, por ter sido chamada «força do pecado», o Apóstolo, voltando à questão noutra passagem, diz:

Assim, a lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. Então o que é bom tornou-se morte para mim? De maneira nenhuma! Mas o pecado, para mostrar que era pecado, por meio do que era

⁵⁰⁸ *Aculeus mortis est peccatum, virtus autem peccati lex.* 1 Corínt., XV, 56

*bom produziu em mim a morte e assim o pecado tornou-se pecam-noso acima da medida por meio do mandamento*⁵⁰⁹.

Disse acima da medida (*super modum*) porque a prevaricação aumenta quando, acrescentando o desejo de pecar, se despreza a própria lei.

Por que é que julgamos que devíamos isto lembrar? Por que assim como a lei não é um mal quando aumenta o desejo dos que pecam, assim também a morte não é um bem quando aumenta a glória dos que sofrem. Assim como a lei, quando é posta de lado pela iniqüidade, faz prevaricadores, assim também a morte, quando se aceita pela verdade, faz mártires. Por isso é que a lei é efetivamente boa, por que é a proibição do pecado e a morte é má porque é o salário do pecado. Mas assim como a injustiça usa mal, não apenas dos males, mas também dos bens, da mesma forma a justiça usa bem, não só dos bens, mas também dos males. Daí resulta que os maus usam mal da lei, embora ela seja boa e que os bons morrem bem, embora a morte seja um mal.

⁵⁰⁹ *Itaque lex quidem saticta et mandatum sanctum et justum et bonum. Quod ergo honum est, mihi factum est mors? Absit. Sed peccatum, ut appareat peccatum, per bonum mihi operatum est mortem, ut fiat super modum peccator aut peccatum per mandatum.* Rom., VII, 12-13.

CAPÍTULO VI

Do mal geral da morte pelo qual se desfaz a união da alma e do corpo.

No que respeita à morte corporal, isto é, à separação entre a alma e o corpo, quando a sofrem aqueles a quem chamamos moribundos, para ninguém é boa. A própria força que separa o que estava unido e ligado no ser vivo, produz nele, enquanto a sua ação perdura, um sentimento de repulsa e contra a natureza até que se extinga a sensibilidade que resultava precisamente da união entre a carne e a alma. Por vezes um único choque do corpo ou um rapto da alma vem interromper todo este sofrimento, impedindo de o sentir a rapidez.

Mas, seja o que for que nos moribundos faz desaparecer a sensibilidade, se isso for piedosa e santamente suportado, aumentará o mérito da paciência, mas não perde o nome de pena. Se a morte, que desde o primeiro ser humano, sem interrupção, se propaga, é indubitablemente uma pena para aquele que nasce, desde que suportada em nome da piedade e da justiça torna-se glória para o que renasce. E essa morte, retribuição do pecado, obtém por vezes a remissão total da sua dívida.

CAPÍTULO VII

Da morte que alguns, ainda não regenerados pelo batismo, aceitam por confessarem a Cristo.

De fato, para aqueles que, mesmo sem terem recebido ainda o banho da regeneração, morrem por confessarem a Cristo, a sua morte tem tanto poder para lhes remir os pecados como se fossem lavados pela fonte sagrada do batismo.

Realmente, aquele que disse: *Ninguém entrará no reino dos céus se não renascer da água e do Espírito*⁵¹⁰, abre uma exceção por este preceito não menos genérico: *Aquele que me confessar perante os homens, confessá-lo-ei eu também perante meu Pai que está nos céus*⁵¹¹ e, em outra, passagem: *O que por mim perder a sua alma, encontrá-la-á*⁵¹².

É por isso que está escrito: *A morte dos santos é preciosa aos olhos do Senhor*⁵¹³.

Haverá, efetivamente, algo de mais precioso do que uma morte pela qual todos os pecados são perdoados e os méritos são elevados ao máximo? Na verdade, os que, por não poderem protelar a morte, recebem o batismo e partem desta vida com todos os seus pecados

⁵¹⁰ *Si quis non renatus fuerit ex aqua et spiritu non intrabit in regnum caelorum.* João, III, 5.

⁵¹¹ *Qui me confessus fuerit coram hominibus, confitebor (et ego) eum coram Patre meo qui in caelis est.*

Mat., X, 32.

⁵¹² *Qui perdidit animam suam propter me, inveniet eam.* Mat., XVI, 25.

⁵¹³ *Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus.* Salmo CXV, 15.

apagados, não têm mais méritos do que os que, podendo fazê-lo, não protelaram a morte porque preferiram acabar com a vida confessando a Cristo a chegarem ao batismo depois de O terem renegado. Se tivessem renegado a Cristo por medo da morte, teriam encontrado a remissão neste banho salutar no qual foram lavados de tão monstruoso crime os que entregaram Cristo à morte. Mas, sem a abundância da graça daquele Espírito que sopra onde quer, como poderiam amar a Cristo até ao ponto de não poderem reneg-lo em perigo tão iminente da sua vida e com uma tão grande esperança de perdão?

Por conseguinte, é preciosa a morte dos santos, a quem a morte de Cristo precedeu e enriqueceu com tal abundância de graça que eles não hesitaram em dar a sua vida para d'Ele desfrutarem. Essa morte demonstrou que, o que tinha sido anteriormente estabelecido como pena do pecado, se tornara fonte de um fruto mais abundante de justiça.

A morte não deve, portanto, ser encarada como um bem porque é o favor divino, e não a sua própria virtude, que lhe granjeou tão grande utilidade. Outrora apresentada como coisa que devia ser temida para nos desviar do pecado, deve agora ser aceite para não cometermos o pecado, para apagarmos o pecado que tenhamos cometido, para oferecermos à justiça a devida palma de tamanha vitória.

CAPÍTULO VIII

Nos santos a aceitação da primeira morte pela verdade constitui a abolição da segunda morte.

Se bem repararmos, até mesmo aquele que fiel e louvavelmente morre pela verdade toma as suas cautelas perante a morte. Com efeito, aceita uma parte dela para não ter que a sofrer por inteiro, sobre tudo a segunda, que jamais acabará. Aceita-se, na realidade, a separação entre a alma e o corpo, com receio de que Deus se separe da alma e de que o ser humano todo, após a primeira morte, caia na segunda, que é eterna.

A morte que, como disse, faz sofrer os moribundos e lhes tira a vida, para ninguém é boa, mas é louvável suportá-la para se conseguir ou adquirir um bem. Para aqueles que já estão mortos não é absurdo dizer que ela é má para os maus e boa para os bons. Realmente, separadas dos seus corpos, as almas dos justos ficam no repouso, mas as dos ímpios expiam as suas penas até que revivam os corpos de uns para a vida eterna e os dos outros para a eterna morte, também chamada segunda morte.

CAPÍTULO IX

Deve-se dizer que o momento da morte, em que desaparece o sentimento da vida, se verifica num moribundo ou num morto?

Que é que se deve dizer do momento em que as almas se separam dos corpos, tanto nos bons como nos maus? Verifica-se ele após a morte ou na morte?

Se se verifica após a morte, então, da morte, que já se verificou e já passou, não se pode dizer que é boa ou má, mas que será boa ou má a vida da alma depois da morte. A morte era um mal quando estava presente, isto é, quando os moribundos a suportavam, pois experimentavam então pesadas e dolorosas sensações e deste mal fazem bom uso os bons.

Mas, terminada ela, como pode a morte ser boa ou má se já não existe? Se prestarmos melhor atenção veremos que não é morte aquela pesada e dolorosa sensação que dissemos verificar-se nos moribundos. Efetivamente, enquanto sentem ainda vivem e, se ainda vivem, deve-se antes afirmar que estão perante a morte, em vez de se afirmar que estão na morte. Realmente, a sua presença apaga todas as sensações do corpo, as quais só são dolorosas quando a morte se aproxima. Por isso é que é difícil explicar como é que chamamos moribundos aos que ainda não estão mortos, mas apenas se debatem na suprema angústia da morte iminente, embora corretamente se lhes possa chamar moribundos porque, quando a morte próxima se torna

presente, na realidade, já não lhes chamamos moribundos, mas mortos.

Ninguém, portanto, está morrendo senão quem vive. Realmente, se se encontram em extremo tal da vida como aquele em que estão os que dissemos que entregam a alma, mas dela ainda não estão privados, é porque vivem.

E assim, a mesma pessoa está ao mesmo tempo a viver, a morrer, a aproximar-se da morte, a afastar-se da vida, mas sempre na vida, pois a alma ainda está presente no corpo e não na morte, porque a alma não abandonou o corpo.

Como, quando ela o tiver abandonado, já não se estará então na morte, mas depois da morte, quando será então que se estará na morte?

Quem o dirá? De fato, ninguém estará morrendo se não estiver ao, mesmo tempo, moribundo e vivo, por que, enquanto a alma estiver presente, não se pode negar que se vive. Ou então, se tem que se chamar moribundo àquele que já sente no seu corpo a ação da morte, não podendo ninguém ser, ao mesmo tempo, vivo e moribundo, não sei quando se pode dizer que alguém está vivo.

CAPÍTULO X

À vida dos mortais mais se lhe deve chamar morte do que vida.

Desde o momento em que cada um começa a viver neste corpo destinado a morrer, nenhum ato pratica que o não encaminhe para a morte.

Efetivamente, a sua mobilidade durante todo o tempo de vida (se é que se lhe pode chamar vida), mais não é que caminhar para a morte.

Ninguém existe que não esteja, após um ano, mais próximo dela do que o estava um ano antes, que não esteja amanhã mais perto do que está hoje, hoje mais do que ontem, daqui a pouco mais do que agora e agora mais do que há pouco. Por que o tempo que se vive é tirado da duração da vida e, como o que resta diminui de dia para dia, o tempo desta vida outra coisa não é senão uma corrida para a morte. Durante esta corrida, a ninguém é permitido parar um instante que seja nem retardar por pouco que seja a sua marcha, mas todos são impelidos pelo mesmo movimento e ninguém avança a passo desigual.

Realmente, nem aquele cuja vida foi mais curta passou o seu dia mais rapidamente do que aquele cuja vida foi mais longa. Mas, ao passo que tempos iguais eram tirados de forma igual a ambos, um tinha um fim mais próximo e o outro um mais afastado, sem que a sua corrida diferisse de velocidade. É que uma coisa é percorrer mais

caminho e outra caminhar mais devagar. Para o que leva mais tempo a chegar à morte, a marcha não é mais lenta; o caminho é que é mais comprido.

De resto, se cada um começa a morrer, isto é, a estar na morte, desde que a morte, ou seja, a supressão da vida, começa a realizar-se nele (por que uma vez suprimida a vida, já se estará depois da morte e não na morte), segue-se que está na morte desde que começa a estar neste corpo.

Que outra coisa se passa em cada dia, em cada hora, em cada momento, até que a morte, que se estava processando, seja dada por concluída e se inicie o «tempo depois da morte» o qual, enquanto a vida se ia esvaindo, pertencia ao âmbito da morte?

Nunca, portanto, o ser humano está na vida desde que está neste corpo — que mais morre do que vive — se não pode estar ao mesmo tempo na vida e na morte. Ou antes, não está ele ao mesmo tempo na vida e na morte. Na vida, por que goza dela até toda ela ser suprimida. Na morte, por que já se está morto quando a vida se esvai?

Se já não está na vida, que é que lhe é tirado, até que seja completa a sua supressão? Se não está na morte, que é então a supressão da vida? Quando a vida toda abandonar o corpo, não haverá, realmente, outra razão para dizer que este já está «depois da morte» se não esta: é que já a morte existe quando a vida abandona o corpo.

Com efeito, se depois da supressão da vida não se está «na morte», mas «depois da morte», quando é que se estará então «na morte», senão no momento da supressão?

CAPÍTULO XI

Poderá alguém estar ao mesmo tempo vivo e morto?

Se é absurdo dizer que o ser humano antes de chegar à morte já lá está (como é que dela se irá aproximando durante a vida se já lá estava?), sobretudo por que é muito estranho considerá-lo ao mesmo tempo vivo e morrendo, sendo certo que não se pode simultaneamente dormir e estar acordado, põe-se a questão: quando é que está morrendo?

É que, na verdade, antes de a morte chegar, não se está morrendo, mas vivendo. Depois de a morte ter chegado, o ser humano estará morto e não morrendo. Num caso está ainda «antes» da morte, no outro caso está «depois» da morte.

Então quando é que se está «na» morte? E quando se diz que se está morrendo, pois, a estes três momentos — «antes», «em» e «depois» — correspondem estes três estados: vivo, morrendo e morto.

Quando estará, pois, o ser humano morrendo ou na morte, de maneira que não esteja nem vivo, isto é, «antes da morte», nem morto, isto é, «depois da morte», mas morrendo, isto é, «na morte»?

Realmente, o ser humano, formado de corpo e de alma, está, sem a menor dúvida, vivo e está ainda «antes de morto» e não «na morte». Mas quando a alma se separar, retirando ao corpo toda a sensibilidade, o ser humano estará «depois da morte» e dir-se-á que está morto. Perece, pois, entre o momento em que está morrendo e o momento de «estar na morte», por que, se vive ainda, está «antes da morte»; se deixou de viver, está já «depois da morte»; nunca, portanto, se está morrendo, isto é, «na morte».

Da mesma forma, no decorrer do tempo procura-se o presente sem que seja possível encontrá-lo, por que a passagem do futuro ao passado é sem duração⁵¹⁴.

Não parece que, depois deste raciocínio, se tem de negar a morte corporal? Se há morte, onde é que ela está, já que em ninguém ela pode estar e ninguém nela pode estar? Se se vive, ela ainda lá não está; se se está antes da morte, não se está na morte; se se deixou de viver, já não está lá, por que se está «depois da morte» e não «na morte».

Mas, se não há morte nem «antes» nem «depois», a que propósito dizer «antes da morte» e «depois da morte»? Se não há morte, tudo o que se está dizendo é falho de sentido.

⁵¹⁴ *Confissões*, LXI, Cap. XVI, 18-20.

Oxalá tivéssemos vivido bem no Paraíso para que morte não existisse realmente! Mas, no presente não somente ela existe como ela é até tão penosa, que ninguém pode explicá-la com palavras, nem com raciocínio algum se pode evitar!

Temos, portanto, de falar como é costume se falar. Não podemos fazê-lo de outra maneira. Digamos «antes da morte», no sentido de «antes que a morte aconteça», como está escrito: *Não louves ninguém antes da sua morte*⁵¹⁵. Digamos também, quando ela aparecer: «Depois da morte deste ou daquele, aconteceu isto ou aquilo».

Falemos também do tempo presente como nos for possível. Por exemplo: «Este moribundo fez o seu testamento», «o moribundo deixou isto ou aquilo a este ou àquele». Se bem que não poderia fazê-lo sem estar vivo e o fez «antes» e não «na» morte.

Falemos ainda como fala a Sagrada Escritura, que não hesita em declarar que os mortos, também eles, não estão «depois», mas «na» morte. Daí o seguinte: *Porque não há ninguém na morte que se recorde de ti*⁵¹⁶.

De fato, até que revivam, com razão se diz que estão na morte, como se diz que se está no sono até que se acorde.

Embora chamemos adormecidos aos que estão no sono, não podemos, porém, chamar moribundos aos que já estão mortos. Não

⁵¹⁵ *Ante mortem ne laudes hominem quemquam.* Écles., XI, 30.

⁵¹⁶ *Quoniam non est in mone qui menor sit lui.* Salmo VI, 6

estão, claro está, morrendo (da morte corporal, que é da que estamos a tratar) os que já estão separados dos corpos. Mas é isso, como já se disse, que nenhuma linguagem pode explicar: como é que se pode dizer que os moribundos vivem ou os que estão já mortos e que, «depois» da morte, estão «na» morte? Efetivamente, como é que eles estão «depois» da morte, se estão «na» na morte? Sobretudo não podendo chamar-se-lhes moribundos, como chamamos adormecidos aos que estão no sono e enfermos aos que estão na enfermidade, doloridos aos que estão na dor, vivos aos que estão na vida. Mas dizemos que os mortos, antes da ressurreição, estão na morte, sem, todavia, lhes chamarmos moribundos.

Julgo que surgiu, com oportuna conveniência (e não devido a habilidade humana, mas a disposição divina), a impossibilidade em que se veem os gramáticos de conjugarem em latim o verbo *morior* (morro) conforme as regras por que se conjugam outros que tais. Assim, da palavra *oritur* (nasce) vem o pretérito *ortus est* (nasceu) e todos os verbos semelhantes se conjugam da mesma maneira, com participípios pretéritos. Mas a respeito de *moritur* (morre), se se perguntar pelo pretérito, é costume responder-se *mortuus* (morreu), dobrando o u. E diz-se *mortuus* (morto), como se diz *fatuus* (fátnuo), *arduus*, (árduo), *conspicuus* (conspícuo) e outras palavras semelhantes que não indicam tempo passado mas, como nomes que são, se declinam sem indicarem tempo. Mas, no caso presente, para conju-

gar, digamos assim, o que não se pode conjugar, usa-se de um nome como particípio pretérito. Bom é que não se possa conjugar este verbo tal como também não pode conjugar-se a ação que ele significa.

Todavia, ajudados pela graça do nosso Redentor, podemos, no que respeita à segunda morte, pelo menos decliná-la⁵¹⁷. Mais temível que a primeira, é ela o pior de todos os males porque não consiste na separação da alma e do corpo, mas antes, na união de ambos para a pena eterna. Aí, pelo contrário, os seres humanos não estarão nem «antes» nem «depois» da morte, mas sempre «na» morte e isto nunca «vivendo», nunca já mortos, mas sempre «morrendo».

Nunca, na verdade, haverá para o ser humano, pior desgraça na morte do que chegar onde a própria morte não será morte!

CAPÍTULO XII

De que morte ameaçou Deus os primeiros seres humanos, se transgredissem o seu mandamento.

Quando, portanto, se pergunta de que morte ameaçou Deus os primeiros seres humanos, se transgredissem a ordem recebida, recusando-se a obedecer — se a da alma, a do corpo, a do ser humano todo ou a chamada «segunda morte» — temos que responder: todas.

⁵¹⁷ Com certeza que o leitor já se apercebeu de que Santo Agostinho joga com o duplo sentido (que também em português se verifica) do verbo *declinare*: declinar no sentido de flexão nominal e declinar no sentido de evitar.

A «primeira» comprehende duas delas, a «segunda» comprehende-as todas. Assim como a Terra inteira se compõe de muitas terras e, a Igreja Universal, de múltiplas igrejas, assim também a morte total consta de todas. Por que a «primeira» consta de duas, a da alma e do corpo, tendo lugar esta primeira morte de todo ser humano quando a alma sem Deus e sem corpo padece as penas temporalmente. Porém, na «segunda», a alma, separada de Deus, mas unida ao corpo, sofre penas eternas.

Portanto, quando Deus disse ao primeiro ser humano que tinha colocado no Paraíso, sobre o fruto proibido: *No dia em que dele comerdes, é de morte que haveis de morrer*⁵¹⁸, esta ameaça abrangia não apenas a primeira parte da primeira morte, em que a alma é privada de Deus; nem apenas a segunda parte dessa morte, em que o corpo é separado da alma; nem a primeira morte, toda ela em que é punida a alma ao mesmo tempo separada de Deus e do corpo; mas todas as mortes até à última, a «segunda», a que mais nenhuma segue.

⁵¹⁸ *Quacumque die ederitis ex illo, morte moriemitii.* Gcn., II, 17.

CAPÍTULO XIII

Primeira punição dos primeiros seres humanos pela sua transgressão.

Logo após a transgressão do mandamento, a graça de Deus abandonou os nossos primeiros pais, que ficaram envergonhados da nudez dos seus corpos. Por isso cobriram com folhas de figueira — as primeiras, com certeza, que, na sua atrapalhação, encontraram — as regiões pudendas de que antes, embora fossem as mesmas, não se envergonhavam.

Experimentavam então um novo impulso de desobediência da sua carne, como pena recíproca da sua desobediência. Por que a alma, comprazendo-se no uso pervertido da sua própria liberdade e desdenhando de estar a serviço de Deus, ficou privada do antigo serviço do corpo e, por ter voluntariamente abandonado o seu Senhor, não pôde reter em seu poder o escravo de que ela era senhora e a carne deixou doravante de lhe estar submetida, como sempre deveria estar, se a própria alma continuasse submetida a Deus.

A carne começou então a conspirar contra o espírito e é nesta luta que nascemos, tirando da primeira falta um princípio de morte e transportando, nos nossos membros e na nossa natureza viciada, os assaltos ou a vitória da carne.

CAPÍTULO XIV

Em que estado foi o ser humano criado por Deus e até que ponto caiu por sua própria vontade.

Deus, autor das naturezas e não dos vícios, criou o ser humano reto, mas este, espontaneamente pervertido e justamente castigado, gerou pervertidos e castigados. É que todos estivemos naquele ser humano único, quando todos fomos aquele ser humano único que foi arrastado ao pecado pela mulher que dele fora feita antes do pecado.

Ainda não tinha sido criada nem distribuída a cada um de nós a forma na qual cada um de nós devia viver individualmente, mas já existia a natureza seminal de que havíamos de nascer. E estando esta corrompida pelo pecado, aprisionada nas cadeias da morte, justamente castigada, do ser humano não podia nascer um ser humano de condição diferente.

E por isso, do mau uso do livre arbítrio, saiu esta série de calamidades que, por um encadeamento de desgraças, conduziu o gênero humano, pervertido desde a origem e como que corrompido na raiz, até ao flagelo da segunda morte que não tem fim, à exceção apenas daqueles que pela graça de Deus se libertarem.

CAPÍTULO XV

Antes de ter sido abandonado por Deus, foi o próprio Adão quem, ao pecar, abandonou Deus. A primeira morte da alma foi ter-se afastado de Deus.

Por esta razão, apesar do que está escrito: *É de morte que haveis de morrer*⁵¹⁹, como não está escrito «mortes» (no plural), pensamos apenas na morte que atinge a alma quando perde sua própria vida, que para ela é Deus.

Na realidade não foi por ter sido abandonada por Deus que a alma abandonou Deus, mas por ter abandonado Deus é que Deus a abandonou. Para seu mal, é a sua vontade que se antecipa, porém, para seu bem, é a vontade de seu Criador que se antecipa, quer para fazê-la, quando nada era, quer para refazê-la, quando por sua queda perecerá.

Todavia, mesmo que entendamos que Deus designou esta morte ao dizer: *No dia em que dele comerdes, é de morte que haveis de morrer*⁵²⁰, como se tivesse dito «no dia em que me abandonardes por desobediência, eu vos abandonarei por justiça», certamente que nessa morte eram também designadas as outras que, sem dúvida, viriam a seguir-se.

⁵¹⁹ *Morte moriemini.* Gen., II, 17.

⁵²⁰ *Qua die ederitis ex illo, morte moriemini.* Gen., II, 17.

De fato, neste movimento de desobediência, que surgiu na carne de uma alma, ela própria em desobediência, por causa da qual eles tiveram de esconder as regiões pudendas, experimentaram (Adão e Eva) apenas uma das mortes: a morte em que Deus abandona a alma. É a esta morte que Deus se refere quando diz ao homem que se esconde no seu louco pavor: *Adão, onde estás*⁵²¹?

Claro que não o procurava por não saber dele, mas, censurando-o, advertia-o de que reparasse se era capaz de estar onde Deus não estivesse.

Mas, quando o corpo, acabrunhado pela idade e consumido pela velhice, é abandonado pela alma, surge a experiência de uma outra morte, a propósito da qual Deus, ao punir o pecado, disse aos seres humanos: *És terra e voltarás à terra*⁵²².

Com estas duas mortes se completava aquela primeira morte que é a do ser humano completo, à qual se seguirá, no final dos tempos, a segunda, se a pessoa não se libertar pela graça.

De fato, o corpo, que é de terra, não voltará à terra se não morrer, isto é, se não for abandonado pela alma, que é a sua vida. Segue-se daí que, para os cristãos sinceramente ligados à fé católica, a própria morte do corpo não é imposta por uma lei da natureza, pois Deus não sujeitou a humanidade a qualquer gênero de morte conforme

⁵²¹ *Adam, ubi es?* Gen., III, 9.

⁵²² *Terra es et in terram ibis.* Gen., III, 19.

essa lei, mas como justo castigo do pecado, quando, vingador do pecado, disse ao ser humano no qual então estávamos todos: *És terra e voltarás à terra.*

CAPÍTULO XVI

Filósofos há que não consideram como uma pena a separação entre a alma e o corpo, ao passo que Platão apresenta o Deus Supremo a prometer aos deuses inferiores que não sairão dos seus corpos.

Mas os filósofos, contra cujas calúnias defendemos a Cidade de Deus, isto é, a sua Igreja, julgam-se sábios quando mofam de nós por dizermos que se deve considerar a separação entre a alma e o corpo como um castigo.

No seu entender, a alma só atinge efetivamente a perfeição da beatitude, quando se despoja totalmente do corpo, para regressar simples, só e, por assim dizer, nua, a Deus.

Se não encontrasse nos seus livros com que refutar esta opinião, teria que dissertar com muito mais trabalho para mostrar que não é o corpo propriamente que constitui uma carga para a alma, mas sim o corpo corruptível. Daí esta frase das nossas Escrituras, lembrada no livro precedente: *O corpo corruptível entorpece a alma*⁵²³.

⁵²³ *Corpus enim corruptibile adgravat animam.* Sab. de Salomão, IX, 15.

Ao acrescentarem corruptível (*corruptibile*) assinalam que não é qualquer corpo que se tornou um fardo para a alma, mas o corpo que tal se torna, em castigo do pecado. Mesmo que não o tivessem acrescentado, não poderíamos entendê-lo de modo diferente.

Mas Platão declara abertamente que os Deuses feitos pelo Deus Supremo têm corpos imortais e a este mesmo Deus, por quem foram feitos, mostra-o ele a prometer-lhes, como um grande favor, a conservação eterna dos seus corpos, sem deles se separarem por qualquer tipo de morte.

Por que é então que eles, para perturbarem a fé cristã, fingem ignorar o que sabem ou, lutando entre eles, preferem falar contra eles próprios, contanto que não deixem de nos contradizer?

Eis as palavras que Platão, como Cícero as traduziu para o latim, põe na boca do Deus Supremo, dirigindo-se aos deuses que criou:

Vós que sois da raça dos deuses, reparai de que obras sou o autor e Pai! São indestrutíveis por que eu quero, apesar de ser perenável tudo o que é composto. Mas, é impróprio do bem dissolver o que a razão uniu. Mas, uma vez que nascestes, não podeis, na realidade, ser imortais nem indissolúveis. Todavia, jamais sereis destruídos, jamais a fatalidade da morte vos suprimirá, por que não há fatalidade que se sobreponha à minha vontade, que é para a vossa

*perpetuidade, um laço mais forte do que os destinos que desde o vosso nascimento vos formaram*⁵²⁴.

Aqui temos Platão afirmando que os deuses são mortais pela união da alma e do corpo, mas imortais por vontade e desígnio do Deus que os criou.

Se é, pois, um castigo para a alma estar aprisionada num corpo, seja ele qual for, por que é que Deus lhes fala como que a seres inquietos com uma possível morte, isto é, com uma separação dos seus corpos e os sossega assegurando-lhes a imortalidade. E isto, não por exigência da sua natureza composta e não simples, mas devido à sua invencível vontade, capaz de fazer com que morram os nascidos e com que não se separem os que estão unidos, mas antes, se mantêm incorruptíveis? Se, na realidade, Platão também aplica isto aos astros, é outra questão.

Não se deve, em todo o caso, admitir, sem mais nem menos, que esses globos luminosos, essas esferas que de dia e de noite espargem sobre a terra uma luz corporal, sejam seres vivos e que cada um pos-

⁵²⁴ *Vos, qui deorum satu orti estis, attendite: quorum operum ego parens effectorque sum, haec sunt indissolubilia me invito, quamquam omne conligat solvi potest; sed haudquam bonum est ratione vincut velle dissolvere. Sed quoniam estis orti, inmortales vos quidem esse et indissotubiles non potestis; ne utiquam tamen dissolvemini, neque vos ulla mortis fata periment, nec erunt valentiora quam consilium meum, quod majus est vinculum ad perpetuitatem vestram quam ilia quibus estis (tum, cum gignebamini) conligati(a).*

(a) Cit. do **Timeu** na trad. de Cícero: *Timeu XI, 40 (Marci T. Ciceronis opera omnia de recensione J. Augustini Ernesti VII: De Universo fragmenta. Londini 1819, p. 1037)*. Acerca do verdadeiro alcance que Platão pretendeu dar ao texto cit. e o que lhe dá Santo Agostinho, v. M. Testard: *Saint Augustin et Cicéron*, II, p. 58-59. Cfr. ainda L. Vives, v. c. II, p. 21, que reproduz o texto grego.

sua a sua alma intelectual e bem-aventurada. O que ele também afirma muitas vezes de todo o Universo, que seria como que um imenso ser vivo que contém todos os seres vivos.

Mas isso, como disse, é uma outra questão que, por ora, não pretendo discutir. Apenas achei por bem citar esta passagem contra os que se definem e vangloriam de serem platônicos e que, por orgulho, têm vergonha do nome cristão, por que receiam que um título partilhado com o vulgo desonre a elite, tanto mais inchado quanto mais raro, dos que usam o *pallium*⁵²⁵.

Procurando na doutrina cristã alguma coisa que possam criticar, atacam a eternidade dos corpos como se fosse contraditório entre si conseguir a beatitude da alma e pretender que esta esteja sempre no corpo, ligada como que por um laço de dor. Todavia, Platão, seu fundador e seu mestre, menciona este dom concedido pelo Deus Supremo aos deuses que criou: o de jamais morrerem, isto é, de jamais serem separados dos corpos a que ele os uniu.

CAPÍTULO XVII

Contra os que afirmam não ser possível que os corpos terrestres se tornem incorruptíveis e eternos.

Pretendem estes ainda que os corpos terrestres não podem ser eternos, embora não duvidem de que a Terra inteira é o membro cen-

⁵²⁵ *Pallium*: manto usado por pessoas categorizadas.

tral e eterno de um dos seus deuses; não o Deus Supremo, mas de um grande deus que mais não é que todo este Mundo.

Efetivamente, o Deus Supremo fez-lhes o que eles julgam ser um segundo deus, isto é, o Mundo, que lhes parece deve ser preferido aos demais deuses, seus inferiores. Mundo este que consideram como um ser animado com alma racional ou intelectual, como eles asseguram, encerrada na massa imensa do seu corpo e que pretendem seja composto dos quatro elementos dispostos e repartidos nos seus lugares próprios como membros do seu corpo. E, para evitarem que morra um deus tão grande, pretendem ainda que a união destes membros seja indissolúvel e eterna. Portanto, se a Terra, como membro central de um ser vivo maior, é eterna, porque é que os corpos dos outros seres terrestres não hão de ser eternos, se Deus assim quiser?

Mas é à Terra, respondem eles, que deve voltar a terra de onde os animais terrestres tiraram o seu corpo. É necessário, acrescentam eles, que esses corpos se dissolvam e morram para voltarem assim à Terra imutável e eterna e da qual foram formados.

Se alguém dissesse o mesmo do fogo, pretendendo que é preciso restituir ao fogo universal os corpos que dele saíram para se tornarem seres vivos, não ruiria, digamos, devido à violência desta discussão, a imortalidade prometida a tais deuses por Platão, no discurso que atribui ao Deus Supremo?

Se assim não acontece, será porque não quer o Deus, cuja vontade, como diz Platão, nenhuma força pode vencer? Mas então por que é que Deus não há de poder proceder da mesma forma a respeito dos corpos terrestres já que, segundo Platão, Ele pode fazer com que não morra o que nasceu, com que não se dissolva o que está unido, com que a eles não volte o que dos elementos foi tirado, com que as almas estabelecidas nos corpos jamais abandonem os corpos e gozem com os corpos da imortalidade e da beatitude eterna? Porque é que não há de poder fazer com que os próprios corpos terrestres não morram? Será que o poder de Deus não vai até onde creem os cristãos, mas apenas até onde o permitem os platônicos?

Não há dúvida, é bem certo, os filósofos foram capazes de conhecer os desígnios e o poder de Deus, mas os profetas, esses não! Bem ao contrário: os profetas de Deus é que foram instruídos pelo Espírito de Deus para anunciar a sua vontade quando lhe aprouve, ao passo que os filósofos, para o conhecerm, mais não têm que engonosas conjecturas humanas.

Não deviam deixar-se enganar, mais por teimosia do que por ignorância, a ponto de se contradizerem abertamente, ao sustentarem, com grande reforço de argumentos, por um lado, que a alma, para se tornar bem-aventurada, deve evitar o corpo terrestre e mesmo qualquer corpo; por outro lado, que os deuses têm almas felicíssimas, embora eternamente unidas a corpos: as dos deuses celestes, unidas a

corpos de fogo; a do próprio Júpiter, que, para eles, é o Mundo, unida a todos os elementos puramente corporais cuja massa, toda ela, se eleva da Terra ao Céu.

Julga Platão que esta alma irradia desde a mais íntima parte central da Terra, a que os Geômetras chamam *centron* e, seguindo os ritmos musicais, se estende em todas as direções até aos mais altos confins do Céu.

Assim, este Mundo seria um ser animado imenso, bem-aventurado, eterno; a sua alma possuiria a felicidade perfeita da sabedoria, sem abandonar o seu próprio corpo. Este, embora não simples, mas formado de corpos tão numerosos e tão grandes, viveria dela eternamente, sem poder debilitá-la ou entorpecê-la.

Mas então, se eles permitem tais conjecturas, por que é que se recusam a admitir que a vontade e o poder divinos podem tornar imortais os corpos terrestres onde as almas, sem deles se separarem pela morte nem entorpecerem pelo peso, vivam eterna e felizmente? E porque é que atribuem isso aos deuses, vivos em corpos ígneos, e ao próprio Júpiter, rei deles, vivo em todos os elementos corpóreos?

Se a alma, para ser feliz, tem que fugir de todo o corpo, então que os seus deuses fujam dos globos dos astros, que Júpiter fuja do Céu e da Terra. Ou, se eles, para isso não têm poderes, então que os considerem uns desgraçados!

Mas não querem nem uma coisa nem outra. Não se atrevem nem a conceder aos seus deuses a separação dos corpos, para que não pareça que adoram seres mortais, nem a privar esses deuses da sua beatitude, para não terem que confessar que tais deuses são infelizes.

Não é, portanto, necessário fugir de todos os corpos para se obter a beatitude, mas fugir apenas dos corpos corruptíveis, doentios, vergonhosos e mortais. Não é necessário fugir daqueles bons, como os que a bondade de Deus modelou para os primeiros seres humanos, mas apenas fugir daqueles corruptíveis, doentios, vergonhosos e mortais, como os que assim se tornaram por castigo ao pecado.

CAPÍTULO XVIII

Dizem os filósofos que os corpos terrestres não podem estar entre os celestes por que o seu peso natural os conduz à Terra.

Mas, dizem eles, pelo seu peso natural os corpos terrestres têm necessariamente de se manter na Terra ou a ela voltar; no Céu é que não podem estar.

Os primeiros seres humanos, é certo, viviam numa terra coberta de bosques e de árvores de fruto, que recebeu o nome de Paraíso. Mas, como também a isto é preciso responder, quer por causa do corpo com que Cristo subiu ao Céu, quer por causa do que os santos terão na ressurreição, examinemos com um pouco mais de atenção a natureza desses pesos terrestres.

Com efeito, se a arte humana, por certos processos, faz boiar vasos feitos de metais que, se fossem postos na água, logo se afundariam, não será muito mais crível e muito mais eficaz o processo secreto de agir de Deus, por cuja vontade onipotente, diz Platão, pode não morrer o que nasceu, pode não se dissociar o que está unido?

Todavia, não será a união do incorpóreo e do corpóreo muito mais admirável do que a união de qualquer corpo seja com que corpo for? Será que Deus não poderá conceder, às massas terrestres, que não caiam sob a pressão do seu peso e, às almas perfeitamente felizes, que coloquem onde quiserem e movam como quiserem, sem a menor dificuldade, o seu próprio corpo; terrestre, sem dúvida, mas doravante incorruptível?

Quando os anjos tomam, onde lhes apraz, quaisquer animais terrestres e os colocam onde lhes apraz, teremos que pensar que eles não o fazem sem esforço ou que lhes sentem o peso? Por que não havemos então de acreditar que os espíritos dos santos, tornados felizes e perfeitos, são capazes, mercê de um dom divino, de transportar os seus corpos para onde quiserem e de detê-los sem a menor dificuldade?

De fato, os corpos terrestres __ como normalmente sentimos quando transportamos fardos __ quanto mais volumosos, tanto mais pesados são e o peso de muitos deles oprime-nos mais que o peso de poucos.

Todavia, a alma transporta com mais facilidade os membros robustos da sua carne, quando gozam de boa saúde, do que os emagrecidos pela doença. Para o que transporta outro, é mais pesado o corpo são e vigoroso do que o fraco e enfermo e, para mover e transportar o seu próprio corpo, é-se mais ágil quando a boa saúde lhe dá mais volume do que quando se está extenuado pela peste ou pela fome. Não é o peso da quantidade, mas o equilíbrio do seu estado o que confere tal poder aos corpos terrestres, mesmo que sejam ainda corruptíveis e mortais.

E quem será capaz de explicar com palavras a distância que separa aquilo a que chamamos saúde presente da imortalidade futura?

Não venham os filósofos argumentar com o peso dos corpos contra a nossa fé. Eu nem quero indagar porque é que eles rejeitam a possibilidade de um corpo terrestre estar no Céu, quando toda a Terra está suspensa no nada.

Talvez se encontre um argumento mais ou menos verossímil recorrendo a esse centro do mundo para o qual convergem todos os corpos pesados. Mas, pergunto eu, se os deuses menores, a quem Platão encarregou de fazerem, além dos outros animais terrestres, também o ser humano, puderam, como ele diz, tirar do fogo a qualidade de queimar, deixando-lhe a de brilhar, que pode ser emitida

pelos olhos⁵²⁶; se Platão atribui à vontade e ao poder do Deus Supremo que os nascidos não morram e que coisas tão diversas e dessemelhantes como são as corpóreas e as incorpóreas, unidas entre elas, não possam se separar, por que havemos de ter dúvidas em reconhecer ao Deus Supremo o poder de subtrair à corrupção a carne do ser humano a quem confere a imortalidade, o poder de lhe conservar a sua natureza com a harmonia dos seus traços e dos seus membros e o poder de lhe tirar o estorvo do seu peso?

Mas, da fé na ressurreição dos mortos e dos seus corpos imortais, tratarei com mais cuidado, se Deus quiser, no fim desta obra.

CAPÍTULO XIX

Contra a doutrina dos que não creem que os primeiros seres humanos seriam imortais, caso não tivessem pecado e afirmam a eternidade das almas separadas dos corpos.

Tratemos agora, conforme planejamos, dos corpos dos primeiros seres humanos.

A morte, que não é boa senão para os bons, mas de todos é conhecida e não apenas de uns poucos inteligentes e crentes e que consiste na separação entre a alma e o corpo, em virtude da qual o corpo do ser animado que, como é evidente, vivia, como é também eviden-

⁵²⁶ A teoria de que o olho emitia um raio luminoso era admitida não só por Santo Agostinho, mas também por muitos contemporâneos seus. A este propósito v. R. Allers, *Illumination et vérités éternelles en Augustinus Magister*, I, p. 477 e seg.

te, morre, a morte podia ter sido poupada aos seres humanos, se eles, pelo pecado, não a tivessem merecido.

Não é lícito duvidar de que as almas dos defuntos justos e piedosos vivem em descanso. Seria, porém, preferível para eles viverem com seus corpos sãos. Até mesmo os que sustentam que a maior felicidade consiste em se viver sem corpo, são desta opinião, assim se contradizendo a eles mesmos.

De fato, nenhum deles se atreveria a pôr acima dos deuses imortais pessoas sábias mas já mortas ou a morrer, isto é, privadas dos seus corpos ou prestes a deixá-los. Todavia, foi a esses deuses que, segundo Platão, o Deus Supremo prometeu, como sendo o grande privilégio, uma vida indissolúvel, isto é, a eterna companhia dos seus corpos.

Conforme entende o mesmo Platão, é para os seres humanos um bem supremo (se tiverem passado esta vida piedosamente e como justos) o serem admitidos, após a separação, os seus corpos, no seio dos próprios deuses, que nunca deixarão os seus corpos, mas, de tal maneira que, como diz Virgílio, inspirando-se em Platão: *Olvidados do passado, podem contemplar de novo a abóbada celeste. E de novo começam a desejar o regresso aos corpos*⁵²⁷.

⁵²⁷ *Scilicet inmemores supera ut convexa revisant. Rursus et inciant in corpora velle reverti.* Virgílio, Eneida, VI, 750-751.

Efetivamente, Platão pensa que as almas dos mortais não podem ficar sempre nos seus corpos, mas são deles separadas necessariamente pela morte. Mas também não podem viver sempre sem os corpos. Sem cessar, os seres humanos passam alternadamente da vida à morte e da morte à vida.

Mas os sábios têm uma sorte diferente da dos outros seres humanos: são transportados ao Céu após a morte, para aí descansarem durante algum tempo, cada um no astro que lhe convém. Depois, esquecidos das suas misérias passadas e vencidos pelo desejo de terem um corpo, voltam aos trabalhos e aos sofrimentos dos mortais. Quanto aos que levaram uma vida insensata, esses voltam imediatamente a corpos de pessoas ou de animais, conforme os seus méritos.

A condição tão dura submeteu Platão até as almas boas e sábias, às quais não foram atribuídos corpos com que tivessem que viver sempre na imortalidade, de maneira que não podem permanecer nos corpos nem viver sem eles em eterna pureza.

Como mencionamos nos livros anteriores, Porfírio, já nos tempos cristãos, envergonhou-se desta doutrina platônica. Não só excluiu das almas humanas os corpos dos irracionais, mas também quis libertar dos vínculos corpóreos as almas dos sábios, de maneira que, «fugindo de todo corpo», sejam retidas junto do Pai numa felicidade sem fim.

Para que não parecesse que era vencido por Cristo, que promete aos santos uma vida perpétua, também ele colocou em eterna felicidade as almas purificadas, sem qualquer regresso às antigas misérias. Mas, para combater a Cristo, negou a ressurreição de corpos incorruptíveis e sustentou que as almas viveriam eternamente sem corpos terrestres, mesmo sem qualquer corpo.

Mas esta opinião, valha o que valer, não o levou a proibir pelo menos que se prestasse culto religioso aos deuses corporais. Por que procedeu assim, se não foi por que não considerou as almas, embora já desligadas do corpo, como superiores aos deuses?

Se, portanto, estes filósofos não ousam — julgo que jamais o ousarão — preferir as almas humanas aos deuses bem-aventurados, mas dotados de corpos eternos, porque considerarão eles absurda a nossa fé cristã, que ensina que, não só os primeiros seres humanos — criados para não serem separados dos seus corpos pela morte, se não pecassem — deveriam, em recompensa da sua obediência, ser dotados de imortalidade, de maneira a viverem eternamente nos seus corpos, mas também que os santos hão de ter na ressurreição os mesmos corpos com que aqui penaram, de modo que, à sua carne não pode sobrevir corrupção ou dificuldade alguma, nem dor ou desventura alguma pode acontecer à sua felicidade?

CAPÍTULO XX

A carne dos santos, que agora repousa na esperança, será restabelecida numa condição melhor do que foi a dos primeiros humanos antes do pecado.

Por isso as almas dos santos defuntos não têm agora como pesada a morte que os separou de seus corpos, por que a sua carne repousa na esperança, quaisquer que tenham sido os ultrajes recebidos quando já estavam sem sensibilidade. Não é devido ao esquecimento, como pareceu a Platão, que elas desejam os seus corpos, mas é antes porque se recordam da promessa feita por Aquele que a ninguém engana e que até a integridade dos cabelos lhes garantiu que eles esperam ardente e pacientemente a ressurreição dos corpos, nos quais sentiram tantas provas que não voltarão mais a sentir.

Se, de fato, elas não odiaram a sua carne ao refrearem-na em nome dos direitos do espírito, quando na sua fraqueza ela se opunha ao espírito, quanto mais a amam elas ao pensarem que até ela será espiritual!

Assim como o espírito que serve a carne é, de certo modo, considerado «carnal», assim também será considerada «espiritual» a carne, não por que ela se venha a transformar em espírito, como alguns concluem do que está escrito: *Semeia-se um corpo animal, res-*

*suscitará um corpo espiritual*⁵²⁸, mas porque ela obedecerá ao espírito com total e maravilhosa facilidade ao ponto de nisso encontrar a alegria definitiva de uma indissolúvel imortalidade e já não experimentará a doença, nem a corruptibilidade, nem o entorpecimento.

O corpo não será já o que é agora quando goza de saúde, nem será mesmo o que foi nos primeiros humanos antes do pecado. Estes, embora não viessem a morrer se não tivessem pecado, utilizavam-se, porém, de alimentos como humanos que eram em corpos não espirituais, mas ainda animais e terrestres. A vetustez não os envelheceria até os levar fatalmente à morte (este estado de vida era-lhes maravilhosamente concedido pela graça de Deus, mediante a árvore da vida que estava no meio do Paraíso junto com a árvore proibida). Tomava, porém, outros alimentos, com exceção daquela árvore que lhes tinha sido proibida, não porque isso fosse um mal, mas por que era preciso recomendar o bem da pura e simples obediência, que é a grande virtude da criatura racional submetida ao Criador, seu Senhor. De fato, quando em nada de mau se tocava, com certeza que se se tocasse no que era proibido, só a desobediência é que constituía pecado.

Alimentavam-se, portanto, dos outros frutos que comiam para evitarem aos seus «corpos animais» os sofrimentos da fome e da sede. Saboreavam os frutos das árvores da vida para evitarem que a

⁵²⁸ *Seminatur corpus animale, surget corpus spiritale.* 1 Cor., XV, 42.

morte surgisse sorrateiramente, mesmo no termo duma longa velhice. Era como se as outras servissem de alimento e esta de sacramento; como se a árvore da vida representasse no Paraíso terrestre o que é no espiritual, isto é, no paraíso inteligível da mente, a Sabedoria de Deus da qual está escrito: *Para quem a abraça é uma árvore da vida*⁵²⁹.

CAPÍTULO XXI

O Paraíso onde estiveram os primeiros humanos simboliza, sem dúvida, realidades espirituais, contanto que se salvaguarde a verdade histórica acerca do lugar corporal.

Alguns reduzem a um sentido espiritual tudo o que, com verdade, a Escritura Sagrada conta do próprio Paraíso onde viveram os primeiros humanos, pais do gênero humano. Para eles, essas árvores e plantas frutíferas convertem-se em virtudes e hábitos de vida, como se nada de visível ou de corpóreo aí houvesse e tudo tenha sido dito ou escrito para figurar realidades da mente. Como se o Paraíso não pudesse ter sido corporal só por que pode ser também entendido num sentido espiritual; como se não tivessem existido duas mulheres — Agar e Sara — com dois filhos de Abraão, um nascido da escrava e outro da mulher livre, só por que, segundo o Apóstolo, elas figuram os dois testamentos; ou então que, da pedra percutida por Moisés,

⁵²⁹ *Lignum vitae est amplectentibus eam.* Prov., III, 18.

nenhuma água teria jorrado, só por que se pode ver nisso a figura de Cristo, conforme o mesmo Apóstolo diz: *Mas a pedra era Cristo*⁵³⁰.

De fato, nada impede que se veja: no Paraíso, a vida dos bem-aventurados; nos seus quatro rios, as virtudes da prudência, da fortaleza, da temperança e da justiça; nas suas árvores, todas as ciências úteis; nos frutos dessas árvores, os costumes das pessoas piedosas; na árvore da vida, a própria sabedoria, mãe de todos os bens; na árvore da ciência do bem e do mal, a experiência do mandamento violado.

Realmente, a pena que Deus infligiu aos pecadores é, efetivamente, boa por ser justa, mas não é para seu bem que o ser humano a experimenta.

Tudo isto se pode entender ainda melhor na Igreja, como outros tantos sinais proféticos de acontecimentos futuros. Assim, o Paraíso seria a própria Igreja, como se lê no Cântico dos Cânticos; os quatro rios do Paraíso, seriam os quatro Evangelhos; as árvores frutíferas, os santos; os frutos, as suas boas obras; a árvore da vida, o Santo dos Santos, isto é, Cristo; a árvore da ciência do bem e do mal, o livre arbítrio.

É que, realmente, o ser humano, depois de ter desprezado a vontade divina, não pode fazer de si próprio mais do que um uso

⁵³⁰ *Petra autem erat Chnstus.* I Corínt., X, 4.

pernicioso e aprende assim o quão diferentes são o apego ao bem comum e a complacência no bem próprio.

Efetivamente, amando-se a si próprio, a si próprio se entrega e, por isso, cheio de terror e de tristeza, canta com o salmista, se está consciente dos seus males: *Voltando a si, a minha alma perturba-se*⁵³¹ e já arrependido exclama: *Em ti depositei a minha fortaleza*⁵³².

Nada há que impeça estas e outras semelhantes interpretações espirituais do Paraíso, se as houver, contanto que se creia fielmente na verdade histórica dos fatos apresentados pela narrativa.

CAPÍTULO XXII

Depois da ressurreição, os corpos dos santos serão espiritualizados, sem que a carne se transforme em espírito.

Depois da ressurreição, os corpos dos justos de mais nenhuma árvore terão necessidade para não morrerem de doença ou de extrema velhice, nem de qualquer alimento corporal com que satisfaçam a necessidade de comer ou de beber. Estarão revestidos de um seguro e inviolável privilégio de imortalidade, de forma que só comerão se quiserem, mas não serão a isso constrangidos.

Isso também os anjos o fizeram, aparecendo sob uma forma visível e palpável, não por que tivessem fome, mas por que o puderam

⁵³¹ *Ad me ipsum turbata est anima mea.* Salmo XLI, 7.

⁵³² *Fortitudinem meam ad te custodiam.* Salmo LVIII, 10.

e quiseram para se adaptarem aos seres humanos, humanizando o seu ministério (porque não é de crer que, quando os humanos lhes dispensavam hospitalidade, só na aparência é que comiam), embora tenha parecido àqueles que ignoravam a sua qualidade de anjos que eles comiam, como nós, por necessidade.

Daí o que disse o anjo no livro de Tobias: *Víeis-me comer, mas era com os vossos olhos que me víeis*⁵³³, isto é, «julgáveis que eu tomava o alimento por necessidade de refazer o corpo como vós fazéis».

Talvez para os anjos haja uma explicação mais aceitável. Mas a nossa fé cristã não duvida, acerca do Salvador, de que Ele, mesmo depois da ressurreição comeu e bebeu com os seus discípulos, em carne de certo espiritual, mas verdadeira carne. Na verdade, o que a tais corpos será tirado, não é a faculdade, mas a necessidade de beber e de comer. Segue-se disto que eles serão espirituais, não porque deixarão de ser corpos, mas porque subsistirão graças à vida do espírito.

⁵³³ *Videbatis me tmnducare, sed visu vestro videbatis.* Tobias, XII, 19.

CAPÍTULO XXIII

O que se deve entender por *corpo animal* e *corpo espiritual* e quais são os que morrem em Adão e os que são vivificados em Cristo.

Assim como se chama «corpos animais» aos corpos que ainda não têm o «espírito vivificante», mas têm uma «alma vivente» (sem, contudo, serem almas nos corpos), assim também, aos corpos ressuscitados se chama «corpos espirituais».

Longe de nós, porém, crermos que sejam espíritos! Serão corpos com uma substância de carne, mas que não sofrerão, graças ao espírito vivificante, a menor corrupção ou o entorpecimento da carne. O ser humano já não será então terrestre, mas celeste, não por que o seu corpo, feito da terra, deixe de ser o mesmo, mas por que um dom celeste o tornará apto a habitar mesmo no Céu, sem mudar de natureza, mas sim de qualidade. Mas o primeiro ser humano terrestre, porque tirado da terra, foi criado com «alma vivente» e não com «espírito vivificante», o que lhe estava reservado como prêmio da sua obediência.

O seu corpo tinha necessidade de comida e de bebida para não sofrer de fome e de sede. Estava garantido contra uma morte fatal, não por absoluta e indissolúvel imortalidade, mas pela árvore da vida que também o mantinha na flor da juventude. Mas não há dúvida de que não era um corpo espiritual, mas animal, sem, contudo, estar

destinado a morte se o ser humano, pecando, não tivesse incorrido na condenação de que Deus o tinha ameaçado. Sem que lhe fossem negados os alimentos fora do Paraíso, ficou, Porém, privado da árvore da vida e entregue ao tempo e à velhice, para acabar os dias de uma vida que, se não tivesse pecado, podia ser perpétua no Paraíso, embora com corpo animal, até que, graças ao prêmio da obediência, chegassem a ser espiritual.

É por isso que, mesmo considerando esta morte manifesta que separa a alma do corpo como referida também nestas palavras que Deus proferiu: *No dia em que dele comerdes, é de morte que haveis de morrer*⁵³⁴, não deve parecer absurdo que esta separação do corpo não tenha tido lugar no próprio dia em que comeram do alimento proibido e mortífero. É certo que, desde esse dia a sua natureza se deteriorou e ficou viciada e, pela justíssima privação da árvore da vida, surgiu neles a fatalidade da morte corporal com a qual nós nascemos. É por isso que o Apóstolo não diz «o corpo deve morrer por causa do pecado», mas diz: *Realmente, o corpo morreu por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça*⁵³⁵.

E acrescenta: *Se o Espírito daquele que ressuscitou Cristo dos mortos habita em vós, o que ressuscitou Cristo dos mortos vivificará*

⁵³⁴ *Qua die ederitis ex illo, morte morimini.* Gen. II, 17.

⁵³⁵ *Corpus quidem mortuum est propter peccatum, spiritus autem vita est propter justitiam.* Rom., VIII, 10.

*também os vossos corpos mortais pelo seu Espírito que habita em vós*⁵³⁶.

O corpo estará, portanto, então, com um «espírito vivificante», ao passo que agora está com uma «alma vivente» e, todavia, o Apóstolo chama-lhe já morto por que já está sujeito à fatalidade da morte. Mas, outrora estava com uma «alma vivente» sem estar com um «espírito vivificante» e, contudo, não seria correto chamar-lhe «morto», por que só o pecado poderia sujeitá-lo à fatalidade da morte.

Assim, ao dizer: *Adão, onde estás?*⁵³⁷ Deus referiu-se à morte da alma, a morte que surge quando ele a abandona. E, ao dizer: *És terra e voltarás à terra*⁵³⁸, referiu-se à morte do corpo; a morte que se verifica quando a alma o deixa.

Por isso é de crer que nada disse da «segunda morte», que quis que se mantivesse secreta para anunciar-a no Novo Testamento, no qual ela é abertamente anunciada. Era preciso, antes de tudo, que a «primeira morte», comum a todos, fosse revelada como proveniente do pecado que se tornou a todos comum por causa de um só. Mas a «segunda morte» não é comum a todos, pois dela se excetuam aqueles *que, segundo decisão sua, (Deus) chamou, previu e predestinou*

⁵³⁶ *Si autem spiritus ejus, qui suscitavit Christum a mortuis, habitat in vobis. qui suscitavit Christum a mortuis vivificabit et mortalia corpora vestra per inhabitantem spiritum ejus in vobis.* Rom., VIII, 11.

⁵³⁷ *Adam, ubi es?* Gen., III, 9.

⁵³⁸ *Terra es et in terram ibis.* Gen., III, 19.

a⁵³⁹ se tornarem conformes com a imagem de seu Filho, para que este Filho fosse o primogênito de muitos irmãos⁵⁴⁰, como diz o Apóstolo.

A todos estes preservou a graça de Deus, pelo Mediador, da segunda morte. Como diz o Apóstolo, foi num corpo animal que o primeiro ser humano foi feito. Querendo, de fato, distinguir o corpo animal, que temos agora, do corpo espiritual, que teremos na ressurreição, ele diz: *Foi semeado na corrupção, ressuscitará na incorruptibilidade; foi semeado na ignomínia, ressuscitará na glória; foi semeado na debilidade, ressuscitará na pujança; foi semeado corpo animal, ressuscitará corpo espiritual⁵⁴¹.*

Para o provar declara: *Se há um corpo animal, também haverá um corpo espiritual⁵⁴².*

E, para mostrar o que é um corpo animal, acrescenta: *Assim está escrito: o primeiro homem Adão foi feito numa alma vivente⁵⁴³.*

Quis, portanto, mostrar desta forma o que é o corpo animal, embora do primeiro homem, chamado Adão, quando pelo sopro de Deus uma alma lhe foi criada, a Escritura não tenha dito: «Ele foi

⁵³⁹ qui secundum propositum vocati sunt, quos ante praescivit et praedestinavit. Rom., VIII, 28-29.

⁵⁴⁰ Conformes imaginis filii sui ut sit ipse primogenitus in multis fratribus. Ib.

⁵⁴¹ Seminatur in corruptione, surget in incorruptione; seminatur in contumelia, surget in gloria; seminatur in infirmitate, surget in virtute; seminatur corpus animale, surget corpus spiritale. I Corínt., XV, 42-44.

⁵⁴² Si est corpus animale, est et spiritale. I Corínt., XV, 45.

⁵⁴³ Sic et scriptum est: Factus est primus homo in animam viventem. Ib.

feito num corpo animal» mas *O homem foi feito numa alma vivente*⁵⁴⁴.

Portanto, com o que está escrito: *O homem foi feito numa alma vivente*, quis o Apóstolo designar o corpo animal do ser humano.

Como se há de entender o «espiritual», declara-o, dizendo: *O novo Adão em espírito vivificante*⁵⁴⁵, designando, sem sombra de dúvida, Cristo, que, ressuscitado dos mortos, já não morrerá mais. Até que acaba por dizer: *O primeiro não é o espiritual mas o que é animal; depois é que vem o corpo espiritual*⁵⁴⁶.

Mostra aqui muito mais claramente que pretendeu designar o corpo animal ao falar do primeiro ser humano feito em alma vivente, e o corpo espiritual ao dizer: *O novo Adão em espírito vivificante*.

Em primeiro lugar há, efetivamente, o corpo animal — o do primeiro Adão — posto que não destinado a morrer, salvo se pecasse e é também o que nós temos agora, degradado e viciado na sua natureza ao ponto de ficar sujeito, após o pecado, à fatalidade da morte. Foi tal corpo que o próprio Cristo se dignou assumir primeiro por nós, não por imposição da fatalidade, mas por poder da vontade. Em seguida vem o corpo espiritual, como aconteceu já, primeiro em Cristo, nossa cabeça e como continuará a acontecer nos seus membros na ressurreição derradeira dos mortos.

⁵⁴⁴ *Factus est homo in animam viventem.* Ib.

⁵⁴⁵ *Novissimus Adam in Spiritum vivificantem.* Ib.

⁵⁴⁶ *Sed non primum quod spiritale est, se quod animale, postea spiritale.* I Corint., XV, 46.

Depois o Apóstolo estabelece a evidentíssima diferença entre estes dois homens ao dizer:

*O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; o segundo vem do céu. Tal o terrestre, tais também os terrestres; tal o celeste, tais também os celestes. E da mesma forma que nós revestimos a imagem do terrestre, revistamos também a imagem daquele que vem do céu*⁵⁴⁷.

O que o Apóstolo assim afirma é o que agora se opera em nós, conforme o sacramento da regeneração, como diz algures: *Todos vós que em Cristo fostes batizados, de Cristo vos revestistes*⁵⁴⁸; mas a realidade terá lugar quando o que em nós há de animal ao nascermos, se torne espiritual ao ressuscitarmos. Para usarmos das suas próprias palavras, *é na esperança que somos salvos*⁵⁴⁹.

Vestimo-nos da imagem do ser humano terrestre pela transmissão da prevaricação e da morte que a geração nos proporciona. Mas revestimos a imagem do ser humano celeste pela graça do perdão e da vida perpétua que nos subministra a regeneração através do único Mediador de Deus e dos humanos: o homem Jesus Cristo. É a Este que o Apóstolo quer designar por «homem celeste», porque veio do Céu para revestir um corpo de mortalidade terrena que revestiria de

⁵⁴⁷ *Primus homo de terra terrenus, secundus homo de caelo. Qualis terrenus, et terreni; qualis caelestis, tales et caelestes. Et quo modo induimus imaginem teneni, induamus et imaginem ejus, qui de caelo est.* I Corínt., XV, 4749.

⁵⁴⁸ *Quotquot in Christo baptizati estis, Christum induistis.* Gálatas, III, 27.

⁵⁴⁹ *Spe salvi facti sumus.* Rom., VIII, 24.

imortalidade celeste. Também chama «celestes» aos outros seres humanos, mas é porque eles se tornam seus membros pela graça, para formarem com Ele um só Cristo, como a cabeça e o corpo. É o que ele ainda mais claramente expõe na mesma epístola: *Por um homem veio a morte e por um homem veio a ressurreição dos mortos. Assim como todos morrem em Adão, assim todos serão vivificados em Cristo*⁵⁵⁰.

Sê-lo-ão doravante num corpo espiritual que estará «num espírito vivificante»; não porque todos os que morrem em Adão hão de ser membros de Cristo (realmente um grande número deles será ferido eternamente de segunda morte), mas porque a repetição da palavra «todos» (*omnes*) quer dizer que, assim como ninguém morre em seu corpo mortal senão em Adão, assim também ninguém é vivificado no corpo espiritual senão por Cristo.

Longe de nós, pois, o pensamento de que, na ressurreição, teremos um corpo idêntico ao do primeiro ser humano antes do pecado. Nem o dito: *Tal o terrestre, tais também os terrestres*⁵⁵¹ se deve entender do estado produzido pelo pecado. Realmente, não se deve pensar que, antes do pecado, o corpo do ser humano era espiritual e que, devido ao pecado, se transformou em corpo animal.

⁵⁵⁰ *Per hominem mors, et per hominem resurrectio mortuorum. Sicut enim in Adam omnes moriuntur, sic et in Christo omnes vivificabuntur.* I Corínt., XV, 21-22.

⁵⁵¹ *Qualis terrenus, tales et terreni.* I Corínt., XV, 47-49.

De fato, pensar assim seria prestar pouca atenção às palavras de tão grande mestre (*doctor*) que declara: *Se há um corpo animal, também haverá um corpo espiritual. Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito numa alma vivente.*

Porventura aconteceu isto depois do pecado, sendo para esta primeira condição do ser humano que o bem-aventurado Paulo apela, com o testemunho da lei, para explicar o corpo animal.

CAPÍTULO XXIV

Como se deve entender, quer o sopro de Deus pelo qual o primeiro ser humano foi feito em alma vivente, quer aquele que o Senhor emitiu ao dizer aos seus discípulos: *Recebei o Espírito Santo.*

Têm também procedido inconsideravelmente os que, na passagem em que se lê: *Deus soprou sobre a sua face um espírito de vida e foi feito o homem numa alma vivente*⁵⁵², são de parecer que não foi dada então ao primeiro ser humano a alma, mas que foi vivificada pelo Espírito Santo a que ele já tinha. Impressiona-os o fato de o Senhor Jesus, depois de ter ressuscitado dos mortos, ter soprado sobre os seus discípulos, dizendo: *Recebei o Espírito Santo*⁵⁵³.

Julgam ter acontecido agora algo semelhante ao que aconteceu então, como se o evangelista tivesse acrescentado: «E foram feitos

⁵⁵² *Inspiravit Deus in faciem ejus spiritum vitae, et factus est homo in animam viventem.* Gen., 11,7.

⁵⁵³ *Accipite Spiritum Sanctum.* João, XX, 22.

em almas viventes». Se ele tivesse dito isto, tal significaria, na nossa opinião, que o Espírito de Deus é, de certa maneira, a vida das almas e que, sem Ele, as almas racionais devem ser tidas por mortas, mesmo quando a sua presença parece vivificar os corpos. Mas não foi o que aconteceu quando o ser humano foi criado. Atestam-no suficientemente as palavras do livro deste teor: *E formou Deus o homem do pó da terra*⁵⁵⁴, o que alguns, para maior clareza, traduzem assim: «Deus formou o homem do barro da terra», porque, mais acima, fora dito: *Uma fonte jorrava da terra e regava-lhe toda a superfície*⁵⁵⁵, o que podia designar o barro feito dumha mistura de terra e de água. De fato, depois de ter sido dito isto, segue-se logo: *E formou Deus o homem do pó da terra*, como vem nos códices gregos dos quais foi a Escritura traduzida para a língua latina.

Não interessa para o caso que se traduza a palavra grega *eplasen* por criou (*formavit*) ou por modelou (*finxit*), embora «modelou» seja o termo mais apropriado. Mas, para evitar equívocos, houve quem preferisse «criou» (*formavit*) por que prevaleceu na língua latina o costume de utilizar *fingere* (modelar, fingir) na composição de ficções mentirosas. É, portanto, este ser humano, formado do pó da terra ou de barro (isto é, de pó molhado), este ser humano, digo eu, «pó tirado da terra», como expressamente relata a Escritura, é que foi

⁵⁵⁴ *Et formavit Deus hominem pulverem de terra.* Gen., II, 7.

⁵⁵⁵ *Fons autem ascendebat de terra et irrigabat omnem faciem terrae.* Gen., II, 7-6.

feito corpo animal, como o ensinou o Apóstolo, quando recebeu uma alma: *E foi feito este homem numa alma vivente*⁵⁵⁶, isto é, este pó, assim modelado, foi dotado de alma vivente.

Ele já tinha uma alma, dirão, sem o que não se chamaria ser humano, por que ser humano não é só corpo e nem só alma, mas o composto de corpo e alma. Realmente, a verdade é que a alma não é o ser humano todo, mas a sua parte melhor; nem o corpo é o ser humano todo, mas a sua parte inferior. É ao conjunto de ambos que se dá o nome de ser humano; mas as partes não perdem este nome mesmo quando se fala só de cada uma.

Quem é que, realmente, se coíbe de dizer, conforme certa regra da conversação de todos os dias: «Aquele homem morreu e agora está em repouso ou no sofrimento», embora isto só da alma se possa dizer? Ou então: «Este homem foi sepultado em tal ou tal lugar», embora isto só do corpo se possa entender? Quererão eles dizer que não é assim que a Sagrada Escritura costuma falar? Bem ao contrário, também ela nisto está de acordo conosco pois, mesmo quando as duas partes estão unidas e o ser humano vive ainda, dá ela a cada uma das partes o nome de ser humano. Chama à alma «ser humano interior» e ao corpo «ser humano exterior», como se fossem dois, embora o ser humano seja uma e outra parte ao mesmo tempo.

⁵⁵⁶ *Et factus est iste homo in animam viventem.* I Corínt., XV, 45.

Mas convém compreender em que sentido se diz que o ser humano é a «imagem de Deus» e que é «terra e à terra voltará». A primeira expressão refere-se à alma racional dada ao ser humano, isto é, ao corpo do ser humano pelo sopro de Deus ou, se se prefere expressão mais adequada, pela inspiração de Deus. A segunda refere-se ao corpo tal qual foi formado por Deus a partir do pó, ao qual se deu a alma para dele fazer um corpo animado, isto é, um ser humano dotado de alma vivente.

Por isso, quando o Senhor soprou dizendo: *Recebei o Espírito Santo*, quis assim dar a entender que o Espírito Santo não é apenas o Espírito do Pai, mas também o Espírito de seu Filho único. Realmente, o mesmo Espírito é Espírito do Pai e Espírito do Filho, formando-se com ele a Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — que não é uma criatura mas o Criador. Este sopro corporal saído de uma boca de carne, não é de fato nem a substância nem a natureza do Espírito Santo, mas antes, como já disse, um sinal destinado a fazer compreender que o Espírito Santo é comum ao Pai e ao Filho, por que não tem um cada um, mas ambos um só Espírito.

Mas este Espírito sempre foi denominado nas Sagradas Escrituras com a palavra grega *pneuma*. Foi assim que Jesus lhe chamou na passagem que o designou pelo sopro da sua boca humana, ao confessá-lo aos seus discípulos. E em nenhuma passagem das divinas palavras o vejo nomeado de outra maneira. Mas onde se lê: *E Deus mo-*

*delou o homem no pó tirado da terra e soprou ou « inspirou » na sua face um espírito de vida*⁵⁵⁷, o grego não diz *pneuma*, como costuma chamar-se ao Espírito Santo, mas *pnoè*, aplicado, na maioria das vezes, à criatura e não ao Criador. Daí preferirem chamar-lhe alguns latinos, para marcarem as diferenças de sentido, não *spiritus*, mas *flatus* (sopro). É mesmo esta a palavra grega que se encontra na passagem de Isaías em que Deus diz: *Eu fiz o sopro todo*⁵⁵⁸, para significar sem dúvida toda a alma.

Assim, a palavra grega *pnoè* foi traduzida para o latim ora por *flatus* (sopro) ou por *spiritus* (espírito), ora por *inspiratio* (inspiração) ou *aspiratio* (aspiração), mesmo quando se trata de Deus.

Mas a palavra *pneuma* traduz-se sempre por *spiritus*, quer se trate do ser humano, do qual diz o Apóstolo: *Qual dos homens sabe o que é o homem, a não ser o espírito do homem que nele está?*⁵⁵⁹; quer se trate de animal, como está escrito no livro de Salomão: *Quem sabe se o espírito do homem sobe alto até ao céu e se o espírito do animal desce baixo até à terra?*⁵⁶⁰; quer se trate desse espírito corpóreo que também se chama vento (*ventus*), por que é ao vento que o Salmo se aplica ao cantar: *O fogo, o granizo, a neve, o gelo, o vento*

⁵⁵⁷ *Et finxit Deus hominem pulverem de terra et insufflavit sive inspiravit in faciem ejus spiritum vitae.* Gen., II, 7.

⁵⁵⁸ *Omnem flatum ego feci.* Isaías, LVII, 16.

⁵⁵⁹ *Quis enim seit hominum quae sunt hominis, nisi spiritus hominis qui in ipso est?* I Corint., II, 11.

⁵⁶⁰ *Quis scit si spiritus hominis ascendet sursum in caelum et spiritus pecoris descendat deorsum in terram?* Eccl., III, 21.

*da tempestade*⁵⁶¹; quer, finalmente, se trate, não já da criatura, mas do Criador, como aquilo de que o Senhor falou no Evangelho: *Recebei o Espírito Santo*, ao designá-lo como o sopro da boca do seu corpo e quando diz: *Ide, batizai todos os povos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*⁵⁶², onde está assinalada, da forma mais perfeita e mais evidente, a própria Trindade e nestas palavras: *Deus é Espírito*⁵⁶³ e em muitas outras passagens das Sagradas Escrituras.

Em todos estes testemunhos das Escrituras lemos em grego, não *pnoè*, mas *pneuma* e, em latim, não *flatus* mas *spiritus*.

Também, quando está escrito *inspiravit* (inspirou) ou, para falar com mais propriedade, *insuflavit* (insuflou) na sua frente um espírito de vida», se o grego, em vez de *pnoè*, como lá se lê, tivesse empregado *pneuma*, nem mesmo assim seríamos obrigados a entender por tal palavra o Espírito Criador que na Trindade se chama propriamente Espírito Santo, já que a palavra *pneuma*, como disse, é manifesto que se costuma aplicar tanto à criatura como ao Criador.

Mas, ao dizer «espírito», replicam, a Escritura não acrescentaria «de vida» se não quisesse designar o Espírito Santo. E, ao dizer «o homem tornou-se alma», não teria acrescentado «vivente» se não quisesse significar esta vida da alma que lhe é divinamente comunicada pelo dom do Espírito Santo. Por que se a alma vive, continuam,

⁵⁶¹ *Ignis, grando, nix, glacies, spiritus tempestatis.* Salmo CXLVIII, 8.

⁵⁶² *Ite, baptizate (omnes) gentes in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.* Mat., XXVIII, 19.

⁵⁶³ *Deus Spiritus est.* João, IV, 24.

duma vida que lhe é própria, que necessidade há de acrescentar «*vivente*», se não é para designar a vida que lhe é dada pelo Espírito Santo?

Que mais é isto, se não é tratar de defender com demasiada diligência conjecturas humanas e examinar com negligência as Sagradas Escrituras?

Sem ir mais longe, custaria muito ler um pouco mais à frente, no mesmo livro: *Produza a terra a alma vivente*⁵⁶⁴, quando foram criados todos os animais terrestres? E, a seguir, passados alguns capítulos, custaria muito trabalho prestar atenção ao que está escrito nesse mesmo livro: *Tudo o que tinha espírito de vida e todo o ser que habitava na terra morreu*⁵⁶⁵, para dizer que todos os seres que viviam sobre a terra morreram no dilúvio?

Se, portanto, nós encontramos uma alma vivente e um espírito de vida mesmo nos animais, segundo a linguagem habitual da Sagrada escritura, se na dita passagem em que está escrito: *Tudo o que tinha espírito de vida*⁵⁶⁶, o grego não traz *pneuma*, mas *pnoè*, porque não diremos nós: que necessidade havia de acrescentar *vivente*, uma vez que a alma não pode viver se não vive? Ou que necessidade há de acrescentar *de vida* à palavra espírito?

⁵⁶⁴ *Producat terra animam viventem.* Gen., I, 24.

⁵⁶⁵ *Et omnia, quae habent spiritum vitae, et omnis, qui erat super aridam, mortuus est.* Gen., VII, 26.

⁵⁶⁶ *Omnia quae habent spiritum vitae.* Gen., VII, 26.

Mas, compreendemos que, pelas palavras *alma vivente* e *espírito de vida*, a Escritura falou à sua maneira para designar os animais, isto é, os viventes corporais dotados, graças à alma, de um princípio evidente de sensibilidade corporal. Mas, na formação do ser humano, esquecemo-nos de que a Escritura conserva a sua maneira habitual de falar. Ela quer-nos sugerir dessa forma que — tendo recebido uma alma racional, não produzida da terra e da água como as carnes, mas criada pelo sopro de Deus — o ser humano não deixou de ser feito para viver num corpo animal graças à alma que nele vive, à maneira dos outros animais dos quais disse: *Produza a terra a alma vivente*.

Deles disse também que eles possuem o espírito de vida, mas o grego traz aqui *pnoè* e não *pneuma*, exprimindo com tal palavra, evidentemente, não o Espírito Santo, mas a alma deles.

Mas, por sopro de Deus, dizem, entende-se o que sai da boca de Deus e, se o tomamos pela alma, segue-se que esta forma uma só e mesma substância com aquela sabedoria que diz: *Eu saí da boca do Altíssimo*.⁵⁶⁷

Na verdade, a sabedoria não diz que é um sopro de Deus, mas que saiu da sua boca. Assim como nós podemos, quando sopramos, expelir um sopro sem o formarmos da nossa natureza de humanos, mas recebendo pela inspiração e expelindo pela expiração o ar que

⁵⁶⁷ *Ego ex ore Altissimi prodi. Eccl., XXIV, 5.*

nos envolve, assim também, Deus omnipotente pode emitir um sopro, tirado, não da sua natureza nem de uma criatura existente, mas de nada e fazê-lo passar para o corpo do ser humano, inspirando-o nele ou, como muito bem foi dito pela Escritura, insuflando-o. Um sopro incorpóreo emitido pelo Incorpóreo, mas mutável vindo do Imutável, por que é criatura que vem do Criador.

Todavia, para que os que querem falar da Escritura sem levarem em conta a sua maneira de dizer, aprendam que ela não faz sair da boca de Deus apenas o que é uma mesma natureza com ele. Que leiam ou ouçam a palavra escrita de Deus: *Por que és morno, nem quente nem frio, vou lançar-te da minha boca*⁵⁶⁸.

Nenhum motivo há, portanto, para resistirmos ao Apóstolo, que tão claramente fala quando, ao distinguir o corpo espiritual do corpo animal — aquele que nós teremos mais tarde e o que hoje temos — , diz:

Semeia-se um corpo animal, ressuscita um corpo espiritual; se há um corpo animal, também há um corpo espiritual; está assim escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente. O último Adão, em espírito vivificante. Mas, o primeiro não foi o espiritual, mas o animal; depois é que vem o que é espiritual. O primeiro homem, saído da terra, é terrestre, o segundo é do céu. Tal como é o

⁵⁶⁸ *Quoniam tepidus es et neque calidus neque frigidus, incipiam te reicere ex ore meo.* Apoc., III, 16.

*terrestre, assim são também os terrestres e assim como é o celeste, assim também são os celestes. E assim como nos revestimos da imagem do terrestre, revistamo-nos também da imagem d'Aquele que é do céu*⁵⁶⁹.

Já falamos acima de todas estas palavras do Apóstolo.

Portanto, o corpo animal — em que diz o Apóstolo ter sido feito Adão, o primeiro homem — foi criado em tal estado que, não estando de todo isento da morte, de fato não viria a morrer se não pecasse, é que aquele que o espírito vivificante tornar espiritual e imortal e este ficará de todo livre da morte.

Da mesma forma, a alma foi criada imortal e, embora morta pelo pecado, que a priva de uma certa vida, isto é, da vida do Espírito de Deus, com a qual podia viver na sabedoria e na beatitude, conserva, todavia, a sua vida própria, miserável embora, por que foi criada imortal.

Da mesma forma ainda, também os anjos desertores, embora, sob certo aspecto, estejam mortos, por que, ao pecarem, abandonaram a fonte da vida que é Deus, se tivessem bebido dessa fonte teriam podido viver na sabedoria e na beatitude. Todavia, não puderam

⁵⁶⁹ *Seminatur corpus animale, surget corpus spirituale; si est corpus animale, est et spiritale; sic et scriptum est: foetus est primus homo Adam in antruim viventem, novissimus Adam in Spiritum vivificantem. Sed non primum quod spiritale est, sed quod animale, postea spiritale. Primus homo de terra terrettus, secundus homo de caelo. Qualis terrenus, tales et terreni, et qualis caelensis, tales et caelestes. Et quo modo induimus imaginem terreni, induamus et imanginetn ejus qui de caelo est.* I Corint., XV, 44-50.

morrer, no sentido de que não deixaram de viver e de sentir, por que foram criados imortais. E assim, depois do juízo final, serão precipitados na segunda morte, sem que nem lá cesse a vida, pois, quando estiverem nos tormentos, não deixarão também de sentir.

Mas os seres humanos que pertencem à graça de Deus, concidadãos dos santos anjos que se mantêm na vida bem-aventurada, de tal forma serão revestidos de corpos espirituais que não mais pecarão nem morrerão e a imortalidade de que serão revestidos, como a dos anjos, não poderá ser-lhes arrebatada pelo pecado. Permanece a natureza da carne, é certo, mas sem resquícios de corruptibilidade nem de entorpecimento carnal.

Segue-se, porém, uma questão que, com a ajuda do Senhor Deus da verdade, tem que ser tratada e resolvida. Se a paixão dos membros desobedientes nasceu, nos primeiros seres humanos, do pecado da desobediência, quando a graça divina os abandonou; se, em seguida, abriram os olhos para a sua nudez, isto é, repararam nela com mais curiosidade; se, por causa do impudico movimento que resistia à liberdade da vontade, taparam as regiões pudendas, como é que teriam gerado filhos, se se mantivessem sem pecado, tal como tinham sido criados?

Mas, por que é preciso fechar este livro e por que tamanha questão não pode ser tratada em poucas palavras, será mais conveniente deixar o seu exame para o livro que se segue.

Livro XIV – O pecado original.

Agostinho trata de novo do pecado do primeiro homem, origem da vida carnal e dos afetos viciosos. Mas procura demonstrar que a pena resultante da desobediência é principalmente a lascívia que nos envergonha e indaga como é que o ser humano, se não tivesse pecado, geraria filhos sem lascívia.

CAPÍTULO I

Pela desobediência do primeiro ser humano, se a graça de Deus a muitos não libertasse, todos seríamos arrastados para a perpetuidade da segunda morte.

Já nos livros precedentes dissemos como Deus, querendo não só unir os seres humanos numa única sociedade pela semelhança da natureza, mas também, mercê dos laços do parentesco, juntá-los numa harmoniosa unidade no vínculo da paz, institui a humanidade a partir de um só ser humano.

Esta humanidade, em cada um dos seus membros, não devia morrer se os dois primeiros seres humanos — um tirado do nada e a outra do primeiro — não o tivessem merecido pela sua desobediência. Tão grande foi o pecado por eles cometido que a natureza humana ficou deteriorada e com ela se transmitiu aos descendentes a sujeição do pecado e a necessidade da morte.

Todavia, o reino da morte dominou de tal forma os seres humanos que um merecido castigo precipitaria a todos na segunda morte, que não tem fim, se uma graça de Deus, não merecida, disso não

libertasse um certo número. E por isso aconteceu que, entre tantos e tão grandes povos espalhados por toda a Terra, apesar da diversidade dos usos e costumes, da imensa variedade de línguas, armas e vestuário, encontram-se somente dois tipos de sociedades humanas que nós podemos à vontade, segundo as nossas Escrituras, chamar de as duas Cidades: uma, a das pessoas que querem viver segundo a carne e a outra, a dos que pretendem seguir o espírito, conseguindo cada uma viver na paz do seu gênero, quando eles conseguem o que pretendem.

CAPÍTULO II

A vida carnal procede não só dos vícios do corpo, mas também dos da alma.

Vejamos, pois, em primeiro lugar, em que consiste viver segundo a carne e viver segundo o espírito. De fato, quem lançar um simples olhar sobre o que escrevemos, sem se lembrar nem prestar a devida atenção à linguagem da Sagrada Escritura, poderá julgar que os epicuristas vivem conforme a carne, pois colocam o bem supremo do ser humano na volúpia do corpo e como eles todos os demais filósofos que, de algum modo, consideram o bem do corpo como o bem supremo do ser humano, assim como toda essa multidão dos que, sem professarem nenhum sistema filosófico desse gênero, seguem as suas tendências para o prazer e não sabem experimentar outros prazeres que não sejam os dos seus sentidos corporais.

Quanto aos estoicos, que põem na alma o supremo bem do homem, esses viveriam segundo o espírito. De fato, que outra coisa é, senão espírito, a alma do ser humano?

Mas, na maneira de dizer da Sagrada Escritura, uns e outros mostram que vivem segundo a carne. Efetivamente, ela não chama carne apenas ao corpo de um vivente terrestre e mortal, como quando diz: *Nem toda a carne é a mesma carne: uma é a carne de homem, outra a de animal; uma a das aves, outra a dos peixes*⁵⁷⁰, mas emprega-se ainda este termo em sentidos bem diferentes. Entre outros ela chama muitas vezes de carne ao próprio ser humano, isto é, à natureza humana, tomando a parte pelo todo.

Assim, diz-se nela: *Nenhuma carne será justificada pelas obras da lei*⁵⁷¹. Que quis ela, na verdade, significar senão o ser humano? É o que ela, pouco depois, menciona mais claramente: *Ninguém se justifica na lei*⁵⁷² e na Epístola aos Gálatas: *Mas, cientes de que o homem não se justifica pelas obras da lei*⁵⁷³.

Neste sentido se deve entender: *E o Verbo fez-se carne*⁵⁷⁴, isto é, fez-se «ser humano». Alguns, não fazendo uma interpretação correta, julgam que a Cristo faltava a alma humana⁵⁷⁵.

⁵⁷⁰ *Non omnis caro eadem caro; alia quidem hominis, alia autem caro pecoris, alia volucrum, alia piscium.* I Corínt., XV, 39.

⁵⁷¹ *Ex operibus legis non justificabitur omnis caro.* Rom., III, 20.

⁵⁷² *In lege nemo justificatur.* Gál., III, 11.

⁵⁷³ *Scientes autem quia non justificatur homo ex operibus legis.* Gál., II, 16.

⁵⁷⁴ *Et verbum caro factum est.* João, I, 14.

Também, de fato, se toma a parte pelo todo nestas palavras de Maria Madalena mencionadas no Evangelho: *Levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram*⁵⁷⁶, quando falava apenas da carne de Cristo, que ela julgava tirada do sepulcro onde tinha sido sepultada. E assim, nos textos que acima citamos, a carne é tomada pelo ser humano todo.

A Sagrada Escritura emprega, portanto, «carne» em múltiplos sentidos que levaria tempo a coligir e a examinar. Para podermos indagar o que seja viver segundo a carne (o que, de certo, não é um mal, pois que a própria natureza da carne não é um mal), examinemos com cuidado aquela passagem da Epístola que o apóstolo Paulo escreveu aos Gálatas onde diz:

*Manifestas são as obras da carne que são: fornicações, impudicícia, luxúria, culto aos ídolos, envenenamentos, inimizades, dissensões, rivalidades, animosidades, intrigas, heresias, invejas, embriaguês, comilanças e outras que tais. Digo-vos, como já disse, os que tais obras praticam não possuirão o Reino de Deus*⁵⁷⁷.

⁵⁷⁵ Santo Agostinho refere-se a Apolinário e aos apolinaristas, segundo os quais, como já antes afirmaram os arianos, em Cristo a alma humana era substituída pelo Verbo.

⁵⁷⁶ *Tulerunt Dominum meum et nescio ubi posuerunt eum.* João, XX, 13.

⁵⁷⁷ *Manifesta autem sunt opera camis, quae sunt fornicationes, inmunditiae, Uxuna, idolorum servitus, veneficia, inimicitiae, contentiones, aemulationes, animositates, dissensiosities, haereses, invidiae, ebrietates, comisationes et his similia; quae praedico vobis sicut praedixi, quoniam qui talia agunt regnum Dei non possidebunt.* Gál., V, 19-22.

Toda esta passagem da epistola apostólica, considerada no que parece interessar à presente questão, poderia resolver o que se entende por «viver segundo a carne».

De fato, entre as obras da carne que o Apóstolo considera «manifestas» e que enumera para condená-las, há as que respeitam ao prazer carnal, tais como as fornicações, as impudicícias, a luxúria, a embriaguês, as comilanças; mas também as que denotam vícios da alma, estranhos ao prazer carnal. Quem é que não comprehende que são vícios mais da alma do que da carne o culto aos ídolos, o envenenamento, as inimizades, as dissensões, as animosidades, as intrigas, as heresias, as invejas?

Pode até acontecer que a idolatria ou a heresia constituam um motivo para nos abstermos dos prazeres do corpo. Mas, mesmo então, embora parecendo conter e refrear as suas paixões carnais, o ser humano é convencido por esta autoridade apostólica de que vive segundo a carne e na sua abstinência dos prazeres da carne ele mostra que se entrega às obras condenáveis da carne.

Quem há que sinta inimizade sem ser na alma? Quem diria a um seu inimigo, ou como tal considerado: «Tens má carne contra mim!», em vez de: «Tens mau ânimo contra mim»? Enfim, ninguém hesitaria em atribuir à carne as «carnalidades» (passe o termo), como ninguém hesitaria, se ouvisse falar em «animosidades» em atribuí-las ao ânimo (alma). Porque é que o «doutor das nações» chama então a

estes vícios e a outros que tais «obras da carne» senão porque quer, usando a figura que toma a parte pelo todo, dar a entender o ser humano todo pela palavra «carne»?

CAPÍTULO III

A causa do pecado está na alma e não na carne e a corrupção contraída pelo pecado não é um pecado, mas um castigo.

Se alguém disser que a carne é a causa de todos os vícios, porque a alma revestida de carne vive nos maus costumes, mostra claramente que não presta atenção a toda a natureza do ser humano. Certamente que, *na realidade, o corpo corruptível entorpece a alma*⁵⁷⁸.

É por isso que o mesmo Apóstolo, ao falar desse corpo corruptível de que, pouco antes, tinha dito: *Embora o nosso homem exterior se corrompa*⁵⁷⁹, acrescenta:

Sabemos que, se a nossa casa terrestre de habitação for destruída, Deus nos dará nos céus uma morada eterna que não é feita pelas mãos do homem. É certo que nesta gememos e desejamos taparmo-nos numa casa que vem do céu, na certeza de que ao abandarmos a presente, não ficaremos destapados mas abrigados. Enquanto nos mantivermos na presente habitação, gemeremos acabru-

⁵⁷⁸ *Corpus quidem corruptibile adgravat animam.* Sab. de Salomão, IX, 15.

⁵⁷⁹ *Etsi exterior homo noster corrumpitur.* II Corínt., IV, 16.

*nhados, por que não queremos dela ser espoliados, mas abrigados, para que o que é mortal seja absorvido pela vida*⁵⁸⁰.

Somos, pois, sobrecarregados pelo corpo corruptível e sabendo que a causa desta carga não é a natureza e a substância do corpo, mas a sua corrupção, nós não queremos ser despojados do corpo, mas revestidos da sua imortalidade. Ele permanecerá então, mas, porque já não é corruptível, não nos sobrecarregará.

Agora, pois, *o corpo corruptível entorpece a alma e a terrena casa de habitação acabrunha a mente ao peso de múltiplos pensamentos*⁵⁸¹.

Estão, por conseguinte, em erro, todos os que pensam que todos os males da alma provêm do corpo.

Embora, de fato, pareça que Virgílio exprimiu o pensamento platônico ao dizer nestes elegantes versos: *Têm um vigor de fogo e uma origem celeste Enquanto de nocivos corpos cativos não estão. E terrenas articulações e membros destinados a morrer não os embotam*⁵⁸² e, querendo dar a entender que todas estas perturbações tão

⁵⁸⁰ *Scimus quia, si terrena nostra domus habitationis resolvatur, aedificationem habemus ex Deo domum non manu factam aetemam in caelis. Etenim in hoc ingemscimus, habitaculum nostrum quod de caelo est superindui cupientes; si tamen et induit, non tiudi inveniamur. Etenim qui sumus in hac habitatione, ingemescimus gravati, in quo nolumus exspoliari, sed supervestiri ut absorbeatur mortale a vita.* II Corínt., V, 1-4.

⁵⁸¹ *Adgravat animam corpus corruptibile, et deprimit terrena inhabitatio sensum multa cogitantem.* Sab. de Salomão, IX, 15.

⁵⁸² *Igneus est ollis vigor caelestis origo Seminibus, quantum non noxia corpora tardant. Terrenique hebetant artus moribundaque membra.* Virgílio, Eneida VI, 730-732.

conhecidas da alma — o desejo, o temor, a alegria e a tristeza — a bem dizer, como fonte de todos os vícios e pecados, procedem do corpo, acrescente: *Por isso desejam, padecem e gozam. Por isso não veem a luz do Céu, encerradas nas trevas de negro cárcere*⁵⁸³, todavia, a nossa fé comporta-se de forma diferente. É que, a corrupção do corpo que entorpece a alma não é a causa, mas sim o castigo do primeiro pecado. E não foi a carne corruptível que tornou pecadora a alma, mas foi a alma pecadora que tornou o corpo corruptível.

Embora existam, procedentes da carne, certos impulsos para o vício e até desejos viciosos, não se devem, apesar disso, atribuir à carne todos os vícios de uma vida iníqua e não se deve limpar de todos eles o Diabo, que não tem carne. Não há dúvida de que, não se pode atribuir ao Diabo a fornicação, a embriaguês e outros males semelhantes que tenham relação com os prazeres da carne, mesmo quando é ele o conselheiro e o instigador oculto de tais pecados. Todavia, ele é, no mais alto grau, orgulhoso e invejoso. E, a tal ponto esta perversidade dele se assenhoreou que, por causa dela, foi destinado ao suplício eterno nas prisões do ar tenebroso.

Estes vícios que prevalecem no Diabo, atribui-os o Apóstolo à carne que o Diabo com certeza não tem. Diz, efetivamente, que as inimizades, as dissensões, as competições, as animosidades, as inve-

⁵⁸³ *Hinc metuunt cupiuntque, dolent gaudentque nec auras Suspiciunt, clausae tenebris et cárcere caeco.*
Virgílio, *Eneida*, VI, 733-734.

jas, são obras da carne. Mas a origem e a cabeça de todos estes males é a soberba que, sem a carne, impera no Diabo. Quem mais do que ele é inimigo dos santos? Quem contra eles é mais obstinado, mais animoso, mais hostil e mais invejoso? Sem ter carne possui todos os vícios.

Por que serão então obras da carne se não é por que são obras do ser humano, a quem, como disse, ele dá o nome de «carne»? Não é, pois, por ter uma carne (que o Diabo não tem), mas por ter querido viver em conformidade consigo próprio, isto é, conforme o ser humano, que o ser humano se tornou semelhante ao Diabo. Também este quis viver em conformidade consigo próprio, quando não se manteve na verdade, de forma que, ao mentir, não falou da parte de Deus mas de si, que não é apenas mentiroso mas também pai da mentira. Foi o primeiro a mentir e, sendo o primeiro a pecar, foi o primeiro a mentir.

CAPÍTULO IV

O que é viver em conformidade com o ser humano e o que é viver em conformidade com Deus?

Portanto, quando vive em conformidade com o ser humano e não em conformidade com Deus, o ser humano é semelhante ao Diabo.

O próprio anjo tem que viver, não em conformidade com o anjo, mas em conformidade com Deus, para se manter na verdade e falar da verdade que vem de Deus e não da mentira que vem de si mesmo.

Aliás, o mesmo Apóstolo diz do ser humano noutra passagem:
*Se é que a verdade de Deus se manifestou na minha mentira*⁵⁸⁴.

Diz que a mentira é nossa e que a verdade é de Deus. É porque, vivendo em conformidade com a verdade, o ser humano não vive em conformidade consigo mesmo, mas em conformidade com Deus. Na verdade, foi Deus quem disse: *Eu sou a verdade*⁵⁸⁵.

Quando o ser humano vive em conformidade consigo mesmo — isto é, com o ser humano e não com Deus — com certeza que vive em conformidade com a mentira. Não por que ele próprio seja a mentira, pois tem a Deus por autor e criador e Deus não faz a mentira. Mas, foi criado «reto» para viver em conformidade com o seu autor e não em conformidade consigo mesmo, isto é, para fazer antes a d'Ele do que a sua própria vontade.

Não viver o modo de vida para que foi feito, isso é mentira. Querer ser feliz, mesmo quando não vive de forma a poder sê-lo, que é que há de mais mentiroso do que esta vontade?

⁵⁸⁴ *Si autem ventas Dei itt meo mendacio abundavit.* Rom., III, 7.

⁵⁸⁵ *Ego sum ventas.* João, XIV, 6.

Daí que se possa dizer, não sem motivo, que todo o pecado é uma mentira. De fato, só se comete o pecado querendo que as coisas nos corram bem ou não querendo que as coisas nos corram mal. Há, pois, mentira, quando fazemos para nosso bem o que é para nós um mal ou quando fazemos para um bem melhor o que para nós é um mal maior. Donde resulta isto se não é do fato de o bem ao ser humano vir de Deus, a quem o ser humano, ao pecar, abandona? Não lhe vem de si próprio pois, se vive em conformidade consigo próprio, peca.

É por isso que dissemos que existem duas cidades diferentes e contrárias, por que uns vivem em conformidade com a carne e outros em conformidade com o espírito. Ou ainda, do mesmo modo, se pode dizer que uns vivem em conformidade com o ser humano e outros em conformidade com Deus.

Paulo diz com toda a clareza aos Coríntios: *Pois que entre vós há competições e disputas; não sois vós carnais e não caminhais em conformidade com o ser humano?*⁵⁸⁶

Caminhar em conformidade com o ser humano é, portanto, ser carnal, por que pela carne, isto é, por uma parte do ser humano, se entende o ser humano.

⁵⁸⁶ *Cum tñim sint inter vos aemulatio et contentio, nonne camales estis et secundum hominem ambulatis.*
I Corint., III, 3.

Aliás, àqueles a quem mais acima chama animais, chama ele carnais quando diz:

*Quem dentre os homens sabe o que está dentro do homem senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma ninguém sabe o que está em Deus senão o Espírito de Deus. Ora, nós não recebemos o espírito deste mundo, mas o espírito que vem de Deus, para conhecermos os dons que Deus nos concede. E falamos numa linguagem aprendida não da sabedoria dos homens, mas do Espírito, exprimindo em termos espirituais as coisas espirituais. Mas o homem animal não percebe o que vem do Espírito de Deus, por que é loucura para ele*⁵⁸⁷.

É a tais seres humanos «animais» que ele se dirige um pouco depois: *E eu, irmãos, não pude falar-vos como a espirituais, mas como a carnais*⁵⁸⁸ e, por isso, deve entender-se, conforme a mesma maneira de dizer, a parte pelo todo. De fato, quer pela alma quer pela carne, que são partes do ser humano, pode designar-se o todo que é o ser humano. Desta forma, o ser humano animal não é uma coisa e outra o ser humano carnal, mas um e outro designam o mesmo ser humano, aquele que vive em conformidade com o ser humano.

⁵⁸⁷ *Quis enim scit hominum, quae sutur hominis, nisi spiritus hominis qui in ipso est? Sic et quae Dei sunt, nemo scit Spiritus Dei. Nos autem non spiritum hujus mundi accepimus, sed Spiritum qui ex Deo est, ut sciamus quae a Deo donata sunt nobis; quae et loquimur, non in sapientiae humanae doctis verbis, sed doctis spiritu, spiritualibus spiritualia comparantes. Animalis autem homo non percipit <iuane sunt spiritus Dei; stultitia est enim illi.* I Corínt., II, 11-15.

⁵⁸⁸ *Et ego, fratres, non potui loqui vobis quasi spiritualibus sed quasi carnalibus.* I Corínt., III, 1.

E, quando se lê: *Nenhuma carne será justificada pelas obras da lei*⁵⁸⁹ e ainda o que está escrito: *Setenta e cinco almas desceram ao Egito com Jacó*⁵⁹⁰, não se pretende significar outra coisa que não seja o ser humano. Aí, na verdade, «nenhuma carne» significa «nem um ser humano» e «setenta e cinco almas» significa setenta e cinco seres humanos.

E quando diz: *Não falamos uma linguagem aprendida da sabedoria humana*⁵⁹¹, poderia dizer «não aprendida da sabedoria carnal». Da mesma forma quando diz: *Caminhais em conformidade com o homem*⁵⁹², poderia dizer «em conformidade com a carne». E ainda, é mais claro no que se segue: *Quando um de vós diz: «Eu sou de Paulo» e outro: «Eu, de Apolo», não sois homens?*⁵⁹³

As afirmações: *Sois animais*⁵⁹⁴ e *Sois carnais*, disse-as mais expressivamente assim: *Sois homens*, ou seja, «vós viveis em conformidade com o ser humano e não em conformidade com Deus. Se vivésseis em conformidade com Deus, deuses seríeis».

CAPÍTULO V

Tolera-se melhor a teoria dos platônicos do que a dos maniqueístas acerca da natureza do corpo e da alma. Mas

⁵⁸⁹ *Ex operibus legis non justificabitur omnis caro.*, Rom., III, 20.

⁵⁹⁰ *Septuaginta quinque animae descenderunt cum Jacob in Aegyptum.* Gen., XLVI, 27.

⁵⁹¹ *Non in sapientiae humanae doctis verbis.* I Corínt., III, 3. 4.

⁵⁹² *secundum hominem ambulatis.* Ib.

⁵⁹³ *cum enim quis dicat: Ego quidem sum Pauli, alias autem: Ego Apollo, nonne homines estis?* Ib.

⁵⁹⁴ *Animales estis.*

também se deve rejeitá-la por atribuir à natureza da carne a causa de todos os vícios.

Não há, portanto, necessidade de, com injúria para o Criador, acusar dos nossos vícios e pecados a natureza da carne que, no seu gênero e na sua ordem, é boa. O que não é bom é deixar o Criador — que é bom — e viver em conformidade com o criado — bom também — quer se opte por viver em conformidade com a carne, em conformidade com a alma ou em conformidade com o ser humano todo, formado de alma e de carne, tanto se pode designá-lo só com o nome de alma como com o nome de carne. Realmente, quem considera a natureza humana como o bem supremo e acusa a natureza da carne como um mal, não há dúvida de que aprecia isto com a vacuidade humana e não com a verdade divina.

É certo que os platônicos não são tão insensatos como os miqueus, que detestam os corpos terrenos como se fossem maus por natureza. Afirmam, de fato, que todos os elementos deste mundo visível e tangível e as suas qualidades tem Deus por autor, todavia, entendem que estes órgãos feitos de terra e estes membros, que têm que morrer, impressionam as almas ao ponto de nelas fazerem nascer as doenças, que são os desejos e os temores, quer do prazer quer da tristeza.

Estas quatro «perturbações» como lhes chama Cícero ou «paixões», segundo muitos traduzem do grego, compreendem todas as

más propensões dos costumes humanos. Mas, se assim é, por que é que, em Virgílio, Enéias, ao saber, nos infernos, de seu pai, que as almas voltarão aos seus corpos, exclama admirado desta opinião: *Ó pai, dever-se-á pensar que daqui as almas sobem ao Céu e de novo voltarão aos pesados corpos? De onde vem a esses infortunados um tão funesto desejo de luz*⁵⁹⁵?

Será então sob a influência destes órgãos de terra e destes membros que têm de morrer, que as almas, cuja pureza é tão vigorosamente proclamada, sentirão ainda um tão funesto desejo? Não diz que estão purificadas de todas as suas máculas corpóreas, quando começam a desejar o regresso aos corpos? De onde se conclui: mesmo que se verificasse — o que é totalmente infundado — que as almas indo e vindo em alternância incessante, passariam da purificação à contaminação, seria falso afirmar que todas as agitações culpáveis e viciosas da alma têm a sua origem nos corpos terrestres. Por que, segundo os próprios platônicos, este «desejo funesto», como diz o ilustre poeta, vem tão pouco do corpo que aparece na alma purificada de toda a mácula corporal, liberta de todo o corpo para obrigá-la a reentrar no corpo. Desta forma, segundo a sua própria confissão, não é só sob a influência da carne que a alma experimenta o desejo, o

⁵⁹⁵ *O pater, anne aliquas ad caelum hinc ire putandum est Sublimes animas iterumque ad tarda reverti Corpora? Quae lucis miseris tam dira cupido?* Virgílio, *Eneida*, VI, 799-721.

temor, o prazer, a dor, é também dela própria que pode proceder a agitação destes impulsos.

CAPÍTULO VI

Valor da vontade humana, por cujo juízo são tidos por bons ou maus os afetos da alma.

O que, porém, interessa, é saber como é a vontade do ser humano, por que, se ela é perversa, perversos serão os seus movimentos, mas, se é reta, não serão culpáveis, mas serão até louváveis. É que a vontade está em todos os movimentos, ou melhor, todos eles não são mais que vontades.

Realmente, o que é o desejo ou a alegria, se não é a vontade que consente no que queremos? O que é o temor ou a tristeza, se não é a vontade que nos desvia do que recusamos?

Chama-se desejo quando, no desejo, estamos de acordo com o que queremos. Também, quando a nossa recusa recai sobre o que não desejariam experimentar, esta forma de vontade chama-se medo e, quando recai sobre o que experimentamos a nosso pesar, esta forma de vontade é a tristeza.

Em suma: a vontade do ser humano é atraída ou repelida conforme a diversidade dos objetos que procura ou evita e, assim, se muda ou transforma nestes diferentes afetos. Por isso o ser humano que vive, não em conformidade com o ser humano, mas em confor-

midade com Deus, tem de amar a Deus. E, como ninguém é mau por natureza, mas por vício, o que vive em conformidade com Deus deve ter, para com os males, um perfeito ódio, sem, todavia, odiar o ser humano por causa do vício e nem amar o vício por causa do ser humano; deve apenas odiar o vício e amar o ser humano. Assim, uma vez curado o vício, tudo o que ele deve amar permanecerá e nada permanecerá do que deve odiar.

CAPÍTULO VII

Amor (*amor*) e afeição (*dilectio*) são indiferentemente tomados em bom e em mau sentido nas Sagradas Escrituras.

Daquele que tem o propósito de amar a Deus e também de amar o próximo como a si mesmo, não em conformidade com o ser humano, mas em conformidade com Deus, por causa desse amor se diz corretamente que ele é de boa vontade. Esta, nas Sagradas Escrituras, é geralmente denominada caridade (*caritas*). Mas, nas mesmas Sagradas Escrituras, também se lhe chama amor (*amor*).

O Apóstolo diz que deve ser «amante» do bem quem seja eleito para governar o povo. E o próprio Senhor, ao interrogar Pedro, dizia: *Tens-me mais afeição do que estes?*⁵⁹⁶ e ele respondeu: *Senhor, tu sabes que te amo*⁵⁹⁷.

⁵⁹⁶ *Diligis me plus his?* João, XXI, 15 e segs.

⁵⁹⁷ *Domine, tu scis quia amo te.* Ib.

De novo o Senhor lhe perguntou, não se lhe tinha «amor» (*amaret*), mas se Pedro lhe tinha «afeição» (*diligeret*) e este respondeu: *Senhor, tu sabes que te amo*. A terceira pergunta foi o próprio Jesus que, em vez de dizer «tens-me afeição?», diz antes: *Amas-me?*⁵⁹⁸

Prossegue o Evangelista: *Pedro entristeceu-se, por que lhe perguntou pela terceira vez: amas-me?*⁵⁹⁹ quando o Senhor tinha dito, não três vezes, mas uma só: *Amas-me?* e duas vezes: *Tens-me afeição?*

Dai concluímos que, mesmo quando o Senhor dizia «tens-me afeição?» nada mais quis dizer que «amas-me?». Pedro, porém, não mudou a palavra que exprimia esta única coisa: à terceira vez diz ainda: *Senhor, tu sabes tudo, sabes que te amo*⁶⁰⁰.

Julguei que devia recordar isto por que alguns pensam que há diferença entre a «afeição», a «caridade» e o «amor». Dizem eles que a afeição deve ser tomada no bom sentido e amor no mau sentido. Mas é absolutamente certo que nem os próprios autores das letras profanas falaram nesse sentido.

Vejam, porém, que os filósofos podem fazer essa distinção e com que fundamento. Os seus livros, de resto, são bastante claros ao proclamarem o amor entre as coisas boas, mesmo em relação a Deus.

⁵⁹⁸ *Amas me?*

⁵⁹⁹ *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio: Amas me?* Ib.

⁶⁰⁰ *Domine, tu omnia scis, tu scis quia amo te.* Ib.

E as Escrituras da nossa religião, cuja autoridade antepomos à de todos os outros escritos, é preciso notar que elas nenhuma distinção fazem entre amor, afeição e caridade.

Já mostramos que o amor pode ser tomado em bom sentido. Mas, para que ninguém julgue que «amor» pode ser tomado em bom ou mau sentido, ao passo que «afeição» só se pode tomar em bom sentido, atente-se ao que está escrito no Salmo: *Aquele que tem afeição à iniquidade odeia a sua alma*⁶⁰¹ e, no que diz o Apóstolo João: *Se alguém tiver afeição ao mundo, a afeição do Pai não está nele*⁶⁰². Eis, numa única frase, a palavra «afeição» (*dilectio*) tomada em bom e em mau sentido.

Quanto ao amor (já mostramos que se toma em bom sentido). Para que não se pergunte se se toma também em mau sentido, leia-se o que está escrito: *Haverá homens que se amam a si próprios, que amam o dinheiro*⁶⁰³. Por conseguinte, a vontade reta é um amor bom e a vontade perversa um amor mau.

O amor que aspira a possuir o que ama é desejo; quando o possoi e dele desfruta é alegria; quando foge do que lhe repugna é temor; se a seu pesar o experimenta é tristeza. Estes sentimentos são, portanto, maus, quando é mau o amor; bons, quando o amor é bom.

⁶⁰¹ *Quis autem diligit iniquitatem, odit animam suam.* Salmo X, 6.

⁶⁰² *Si quis dilexerit mundum, non est dilectio Patris in illo.* I João, II, 15.

⁶⁰³ *Erunt enim homines se ipsos amantes, amatores pecuniae.* II Timót., III, 2.

O que dizemos com as Escrituras o provamos. O Apóstolo deseja dissolver-se e estar com Cristo. Diz-se: *Ardentemente desejou a minha alma os teus juízos*⁶⁰⁴ ou, de forma mais apropriada: *A minha alma desejou ardente mente os teus juízos*⁶⁰⁵ e ainda: *O desejo de sabedoria conduz ao reino*⁶⁰⁶.

Estabeleceu-se, porém, o costume de tomar em mau sentido a «cupidez» ou a «concupiscência» se não se disser a que se refere. A alegria toma-se em bom sentido: *Alegrai-vos no Senhor e exultai ó justos*⁶⁰⁷ e: *Puseste alegria no meu coração*⁶⁰⁸ e: *Encheste-me de alegria diante da tua face*⁶⁰⁹.

O temor é tomado por bom pelo Apóstolo quando diz: *Operai a vossa salvação com temor e tremor*⁶¹⁰ e: *Não te envaideças, mas teme*⁶¹¹ e: *Assim como a serpente seduziu Eva pela astúcia, temo que os vossos pensamentos se corrompam e percam a fidelidade (castitas) em relação a Cristo*⁶¹².

Acerca da tristeza, porém, a que Cícero prefere chamar «doença» e Virgílio «dor», quando diz: ... *Estão na dor e na alegria...*⁶¹³ —

⁶⁰⁴ *Concupivit anima mea desiderare judicia tua.*

⁶⁰⁵ *Desideravit anima mea concupiscere judicia tua.* Salmo CXVIII, 20.

⁶⁰⁶ *Concupiscentia sapientiae perduci ad regnum.* Sab Salomão, VI, 21.

⁶⁰⁷ *Laetamini in Domino et exultate justi.* Salmo XXXI, 11.

⁶⁰⁸ *Dedisti laetitiam in cor meum.* Salmo IV, 7.

⁶⁰⁹ *Adimplebis me laetitia cum vultu tuo.* Salmo XV, 10.

⁶¹⁰ *Cum timore et tremore vestram ipsorum salutem operamini.* Filip., II, 12.

⁶¹¹ *Noli altum sapere sed time.* Rom., XI, 20.

⁶¹² *Timeo autem, ne, sicut serpens Evam seduxit astutia sua, sic et vestrae mentes corrumpantur a castitate, quae est in Christo.* II Corínt., XI, 3.

⁶¹³ ... *dolent graudentque ...* Virgílio, *Eneida*, VI, 734.

mas que eu prefiro chamar de «tristeza», por que «doença» (*aegritudo*) e «dor» empregam-se mais frequentemente a respeito do corpo — surge uma questão delicada: se se pode tomar também em bom sentido.

CAPÍTULO VIII

As três perturbações que os estoicos dizem haver na alma do sábio, com exclusão da dor ou da tristeza, que a fortaleza de alma deve considerar como uma virtude.

Aquilo que os gregos chamam *εὐπαθείας* (*eupatheias*) e a que Cícero chama em latim *constantia*, reduzem os estoicos a três as «perturbações» da alma do sábio, pondo a vontade em lugar do desejo, o gozo em lugar da alegria e a precaução em lugar do temor. Quanto à «doença» ou «dor» — a que temos preferido chamar «tristeza» para evitar a ambiguidade — eles negaram que possa existir na alma do sábio.

Dizem eles que a vontade aspira ao bem que o sábio pratica; que o gozo nasce da posse do bem que o sábio encontra em toda a parte; que a precaução evita o mal que o sábio deve evitar. Quanto à tristeza, ela diz respeito ao mal já sucedido e, como são de parecer que nenhum mal pode acontecer ao sábio, julgam impossível que alguma destas coisas subsista na sua alma.

É assim que eles falam: querer, gozar, precaver, apenas ao sábio pertencem; desejar, alegrar-se, temer, contristar-se, são próprios

apenas do insensato. Aqueles três afetos são as «permanências» (*constantiae*); os quatro seguintes são, na opinião de Cícero, «perturbações» (*perturbationes*) ou, como lhes chama a maioria, «paixões» (*passiones*). Mas, em grego, como disse, aquelas três chamam-se *eupatheias* e estas quatro *πάθη* (*pathē*).

Procurei saber, com a diligência que me foi possível, se esta maneira de falar tinha correspondente nas Sagradas Escrituras e o que nelas encontrei foi este dito do profeta: *Não há gozo para os ímpios, diz o Senhor*⁶¹⁴ como se os ímpios pudessem, no mal, experimentar mais gozo do que alegria, pois o gozo é propriamente dos bons e piedosos.

Por sua vez esta frase do Evangelho: *Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também a eles*⁶¹⁵, parece ter este significado: ninguém pode querer qualquer coisa de mau ou vergonhoso, mas apenas deseja-la. E, por causa da frequência desta expressão, acabaram alguns intérpretes por acrescentar à frase a palavra bens (*bona*), ficando assim: *Todos os bens que quiserdes que os homens vos façam*⁶¹⁶.

Pensaram esses intérpretes que, desta forma, evitavam que alguém pudesse desejar ser obsequiado com coisas desonestas tais como — para não falarmos de outras mais torpes — banquetes licen-

⁶¹⁴ *Non est gaudere impiis, dicit Dominus.* Isaías, LVII, 21.

⁶¹⁵ *Quaecumque vultis ut faciant vobis homines, haec et vos facite illis.* Mat., VII, 12.

⁶¹⁶ *Quaecumque vultis ut faciant vobis homines bona.* Mat., VII, 12.

ciosos e pudesse pensar que, correspondendo com coisas semelhantes, cumpria este preceito. Mas no Evangelho grego, donde se traduziu para latim, não se lê a palavra bens (*bona*), mas apenas: *Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também a eles.*

Creio que ao dizer «quiserdes» (*vultis*), o Evangelho quis com isto dizer «bens» (*bona*), pois não disse «desejardes» (*cupitis*).

Nem sempre é preciso refrear a nossa língua com esta propriedade de termos, mas, uma vez por outra, convém falar com propriedade. Quando lemos os autores cuja autoridade não nos é permitido afastar, tomemos as suas palavras no sentido próprio, sempre que uma correta interpretação não nos mostrar outra saída.

Tais são as passagens que, como exemplos, tiramos do Profeta ou do Evangelho. Quem é que na verdade ignora que os ímpios exultam de alegria? E, todavia, *não há gozo para os ímpios, diz o Senhor.* E por que , se não é por que «gozar» é algo de diferente ao tomar-se a palavra no sentido próprio e restrito?

Pela mesma razão, quem poderá negar que não é justo o mandamento dado aos seres humanos para que façam aos outros o que eles desejam que se lhes faça, para que não se deleitem mutuamente com a torpeza do prazer ilícito? E, todavia, é justíssimo e muito salutar este preceito: *Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também a eles.*

E por que é que é assim, se não é por que, nesta passagem, se usou no sentido próprio a palavra «vontade», que não pode ser tomada em mau sentido? Numa linguagem mais corrente — que é a mais frequente na conversação habitual — não se diria: *Evitai toda a mentira*⁶¹⁷, se não houvesse também uma vontade má, distinta, pela sua perversão, daquela que os anjos proclamaram ao dizer: *Paz na terra aos homens de boa vontade*⁶¹⁸.

Seria, de fato, uma redundância acrescentar *bonae* (de boa) se a vontade só pudesse ser boa. Teria o Apóstolo feito um grande elogio da caridade ao dizer que ela não se regozija com a iniquidade se a mentira não experimentasse esse prazer?

Os escritores profanos empregam indiferentemente estas palavras. Efetivamente, o tão brilhante orador que foi Cícero diz: *Desejo, padres conscritos, mostrar-me clemente*⁶¹⁹.

Uma vez que ele emprega a palavra *cupio* (desejo) no bom sentido, haverá alguém tão ignorante que entenda que ele não devia ter dito *cupio* (desejo), mas *volo* (quero)?

Em Terêncio, pelo contrário, um adolescente libertino, ardendo em insana lascívia, diz: *Nada mais quero que Filumena*⁶²⁰. Esta resposta, de um servo seu mais sensato, mostra bem que esta vontade é

⁶¹⁷ *Noli velle mentiri omne mendacium.* Ecles., VII, 14.

⁶¹⁸ *Pax in terra hominibus bonae voluntatis.* Lucas, II, 14

⁶¹⁹ *Cupio, patres conscripti, me esse clementem.* Cícero, *Catilina*, I, II, 4.

⁶²⁰ *Nihil volo aliud nisi Philumenam.* Terêncio, *Andria*, Act. II, sc. 1, v. 306.

um capricho sensual, ao dizer, realmente, ao seu senhor: *Quão melhor seria para ti, se te esforçasses por arrancar do teu coração esse amor, do que inutilmente assanhares a tua sensualidade com tais propósitos*⁶²¹.

E que estes escritores empregaram a palavra gozo também no mau sentido, testemunha-no-lo o verso Virgiliano que tão concisamente resume estas quatro «perturbações»: *Por isso temem e desejam, lamentam-se e gozam*⁶²². O mesmo escritor refere ainda *os prazeres perversos do espírito*⁶²³.

Assim querem, precaseem-se e gozam, ou, dizendo o mesmo com outras palavras, assim desejam, receiam e se alegram, tanto os bons como os maus; mas, os primeiros bem e os últimos mal, conforme têm uma reta ou perversa vontade.

A própria tristeza, em substituição da qual os estoicos nada admitem na alma do sábio, também ela é empregada no bom sentido, sobretudo nos nossos escritores. Assim, o Apóstolo louva os Coríntios por terem se entrustecido como a Deus apraz. Mas, talvez alguém venha dizer que o Apóstolo se congratulou com eles porque se entristeram por arrependimento e tal tristeza só nos que pecaram é que pode existir. Foi assim que ele disse:

⁶²¹ ... *quanto satius est, Te id dare operam qui istum amorem ex animo amoveas tuo, Quam id loqui, quo magis libido frustra accendatur tua?* Id. Ib. vv. 307-309.

⁶²² *Hirte metuunt cupiuntque, dolent gaudentque.* Virgilio, *Eneida*, VI, 733.

⁶²³ ... *mala mentis gaudi.* Id. Ib., 278.

*Vejo que aquela carta vos entristeceu, embora por pouco tempo. Mas agora alegro-me, não por terdes estado tristes, mas porque essa tristeza é para emenda. Entristecestes-vos realmente como a Deus apraz, sem da minha parte sofrerdes qualquer pena. Por que a tristeza como a Deus apraz produz um salutar arrependimento que não é de desprezar, ao passo que a tristeza do mundo produz a morte. Eis como essa tristeza como a Deus apraz produz em vós tão grande empenho!*⁶²⁴

A isto podem os estoicos responder, em defesa dos seus pontos de vista, que a tristeza parece que é útil para cada um se arrepender de ter pecado, mas que ela não pode existir na alma do sábio, pois que esta não cai em pecado cujo arrependimento o entristeceria, ou em qualquer outro mal cujo sentimento poderia entristecê-lo.

Conta-se também que Alcibiades (se não me falha a memória do nome da pessoa), que se considerava feliz, chorou quando Sócrates, numa discussão, o convenceu de que era infeliz por que era tolo. Esta tolice foi, portanto, para ele, a causa de uma tristeza útil e deseável que leva o ser humano a afligir-se por ser o que não deve ser. Mas os estoicos dizem que quem não pode nunca estar triste é o sábio e não o tolo.

⁶²⁴ *Video quod epistula illa, etsi ad horam, contristavit vos; nunc gaudeo, non quia contristati estis, sed quia contristati estis in paenitentiam. Contristati enim secundum Deum, ut in nullo detrimentum patiamini ex nobis. Quae tur secundum Deum est tristitia, paenitentiam in salutem inpaenitendam operatur, mundi autem tristitia mortem operatur. Ecce enim id ipsum secundum Deum contristari quantam perfecit in nobis industriaem.* II Corint., 8-11.

CAPÍTULO IX

Perturbações da alma cujos retos movimentos se encontram na alma dos justos.

No nono livro desta obra já respondemos a esses filósofos acerca desta questão das perturbações da alma, mostrando que eles, apegando-se mais às palavras do que aos fatos, preferem a discussão à verdade. Entre nós, porém, segundo as Sagradas Escrituras e a sã doutrina, os cidadãos da Cidade de Deus, que vivem como a Deus apraz na peregrinação desta vida, temem e desejam, entristecem-se e regozijam-se e, como é reto o seu amor, retos são também estes afetos. Temem o eterno castigo e desejam a vida eterna; entristecem-se com o presente por que gemem ainda em si próprios, esperando a adoção divina e a redenção de seus corpos; regozijam-se na esperança por que há de cumprir-se *a palavra que foi escrita: a morte foi absorvida pela vitória*⁶²⁵.

De igual modo, receiam pecar e desejam perseverar; entristecem-se com seus pecados e regozijam-se com suas boas obras. Receiam pecar porque ouvem: *Por que abundará a iniquidade, arrefecerá a caridade de muitos*⁶²⁶; desejam perseverar ao ouvirem o que está escrito: *O que perseverar até ao fim será salvo*⁶²⁷; entristecem-

⁶²⁵ *Sermo qui scriptus est: Absorta est mors in victoriam.* 1 Corínt., XV, 54.

⁶²⁶ *Quoniam abundant iniquitas, refriescet caritas multorum.* Mat., XXIV, 12.

⁶²⁷ *Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.* Mat., X, 22.

se com seus pecados ao ouvirem: *Se dissermos que estamos sem pecado, iludimo-nos a nós próprios e a verdade não está em nós*⁶²⁸; regozijam-se com suas obras quando ouvem: *Deus ama o que dá com alegria*⁶²⁹.

Da mesma maneira, conforme são débeis ou fortes, assim eles receiam ser tentados ou desejam ser provados, entristecem-se nas tentações ou nas tentações se regozijam. Receiam ser tentados ao ouvirem: *Se alguém for encontrado em falta, vós, que sois espirituais, instrua-o em espírito e doçura, mas acautela-te e não sejas tu tentado*⁶³⁰. Desejam ser tentados ao ouvirem aquele varão forte da Cidade de Deus dizer: *Prova-me, Senhor, tenta-me; queima os meus rins e o meu coração*⁶³¹. Entristecem-se nas tentações ao verem Pedro chorar e regozijam-se nas tentações ao ouvirem Tiago dizer: *Considerai tudo com alegria, meus irmãos, quando assediados pelas tentações*⁶³².

Mas eles não se comovem com estes sentimentos olhando apenas para si próprios, mas olhando também para aqueles cuja salvação desejam e cuja perdição receiam, entristecendo-se se eles perecem, regozijando-se se eles são libertados. Lembremos aquele varão, o

⁶²⁸ *Si dixerimus quia peccatum non habemus, nos ipsos seducimus, et veritas in nobis non est.* I João, I, 8.

⁶²⁹ *Hilaretn datorem diligit Deus.* II Corínt., IX, 7.

⁶³⁰ *Si quis praeoccupatus fuerit in aliquo delicto, vos, qui spiritales estis, instruite hujus modi in spiritu mansuetudinis, intendens te ipsum ne et tu tempteris Gálatas, VI, 4.*

⁶³¹ *Proba me, Domine, et tempta me; ure renes meos et cor meum.* Salmo XX V, 2.

⁶³² *Omne gaudium existimate, fratres mei, cum in temptationes varias incidentis.* Tiago, I, 2.

melhor e o mais forte, que se glorifica nas suas enfermidades; lembremos, principalmente nós que viemos dos gentios para a Igreja de Cristo, esse doutor das «gentes», mestre na fé e na verdade; ele trabalhou mais que todos os outros apóstolos por meio de múltiplas epístolas e instruiu os povos de Deus, tanto aqueles que via no seu tempo como também aqueles que previu que haviam de vir. Este varão, digo eu, atleta de Cristo, por Ele instruído, ungido por Ele, com Ele crucificado, n'Ele glorioso, foi, no teatro deste mundo, um espetáculo para os anjos e para os seres humanos, combatendo lealmente o grande combate, lançando-se para a meta para recolher a palma da vocação celeste.

Com os olhos da fé maravilhados veem-no regozijar-se com os que se regozijam, chorar com os que choram, com lutas por fora e temores por dentro, desejando dissolver-se para estar com Cristo, aspirando ver os Romanos para, junto deles, ter algum fruto como entre os outros povos; estimulando os Coríntios e receando esse estímulo, não vá acontecer que o seu espírito se afaste do desejo casto de Cristo; sentindo uma grande tristeza e uma dor contínua do coração, a propósito dos Israelitas, por que estes, ignorando a justiça de Deus e querendo estabelecer a sua, não se submetem à justiça de Deus; e não é só dor, mas também pranto que manifesta aos que antes tinham pecado e não fizeram penitência da sua impureza e das suas fornicações.

Se estes movimentos, estes afetos, que procedem do amor ao bem e à santa caridade, se devem chamar «vícios», teremos que admitir que os verdadeiros vícios se chamem virtudes. Mas, se esses afetos seguem a reta razão, quando tendem para o seu fim conveniente, quem se atreverá então a chamar-lhes enfermidades ou paixões viciosas?

Foi por isso que o Senhor, Ele próprio, que se dignou levar a vida humana na forma de escravo, mas sem ter absolutamente nenhum pecado, usou delas quando julgou que convinha fazê-lo. Realmente, não era falso o afeto humano de quem tinha verdadeiro corpo e verdadeiro espírito humano.

E quando o Evangelho conta a seu respeito que Ele sentiu tristeza e ira devido à dureza do coração dos Judeus; que Ele disse: *Por vossa causa estou alegre ao pensar que tendes fé*⁶³³; que Ele chorava antes de ressuscitar Lázaro; que desejou comer a Páscoa com os seus próprios discípulos; que a sua alma mergulhou na tristeza ao aproximar-se a paixão; com certeza, nada disto que se conta é falso.

Mas, em conformidade com um determinado desígnio, quis experimentar estas emoções na sua alma humana, da mesma forma como quis se tornar humano.

⁶³³ *Gaudeo propter vos, ut credatis.* João, XI, 15.

De resto, devemos confessar, os nossos afetos, mesmo quando são retos e como a Deus apraz, pertencem a esta vida, não à vida futura que esperamos e muitas vezes cedemos-lhe contra vontade. Às vezes uma emoção, apesar de não devida a um culpável desejo, mas à louvável caridade, faz-nos chorar, mesmo que não queiramos. Temos isso devido à debilidade da condição humana.

Mas não é assim o Senhor Jesus; a sua própria fraqueza resultou da sua potestade. Mas, enquanto somos portadores da debilidade desta vida, se não tivéssemos nenhum deles, seria caso para dizermos que a nossa vida era defeituosa. Por isso o Apóstolo vituperava e detestava certas pessoas que dizia serem desprovidas de afetos. Também o salmo sagrado incrimina aqueles de quem diz: *Esperei por alguém que partilhasse a minha tristeza e ninguém apareceu*⁶³⁴.

Não experimentar a dor enquanto estamos neste lugar de miséria, obtém-se, como sentiu e disse um escritor deste século: *Obtém-se muito caro, pelo preço da crueldade da alma e da insensibilidade do corpo*⁶³⁵.

Por isso, o que os gregos chamam *ἀπάθεια* (*apateia*) — (que, se pudesse ser, em latim se chamaria *impassibilitas* = impassibilidade), com a condição de termos de considerá-la (na alma e não no

⁶³⁴ *Sustinui qui simul contristaretur, et non fuit.* Salmo XLVIII. 21.

⁶³⁵ *Non sine magna mercede contingit immunitatis in animo stuporis in corpore* (a)

(a) A frase é de Crantor, filósofo acadêmico do séc. IV A.C. muito apreciado por Cícero, que muitas vezes o cita em algumas das suas obras. Santo Agostinho cita-o através das *Tusculanae Disputationes*. V. sobre o assunto: M. Testard, *Saint Augustin et Ciceron*.

corpo) como uma vida livre de todo sentimento oposto à razão e perturbador do espírito __ é, com certeza, uma coisa boa e desejável, mas não é desta vida. É a voz, não de quaisquer pessoas, mas dos mais eminentes em piedade, em justiça e em santidade que diz: *Se dissermos que estamos sem pecado, iludimo-nos a nós próprios e a verdade não está em nós.*

Essa *apateia* só deixará de existir, portanto, quando no ser humano deixar de haver pecado. Porém, agora já se vive bastante bem vivendo sem pecado e quem julgar que está sem pecado consegue, não viver sem pecado, mas viver sem perdão.

Mas, se é ao estado de alma sem afeto algum que se chama *apateia* quem não terá esta insensibilidade pelo pior dos vícios? Pode dizer-se com razão que a perfeita beatitude não conhecerá o aguilhão do temor nem o da tristeza. Mas quem ousaria afirmar, sem de todo se afastar da verdade, que o amor e a alegria serão dela banidos?

E se a *apateia* é o estado em que nenhum medo apavora e nenhuma dor nos oprime, com certeza que é preciso excluí-los desta vida se quisermos viver retamente, isto é como a Deus apraz; mas temos simplesmente que esperar pela vida eterna e bem-aventurada que nos foi prometida Esse temor de que fala o apóstolo João: *Não há temor na caridade, a caridade afasta o temor, por que o temor*

*supõe um castigo e o que teme não é perfeito na caridade*⁶³⁶, esse temor não é do gênero daquele que fazia com que o apóstolo Paulo temesse que os Coríntios se deixassem seduzir pela astúcia da serpente. Este temor é próprio da caridade; mais ainda: só a caridade é que o tem. Mas aquele é um temor que não existe na caridade, do qual é o próprio apóstolo Paulo a dizer: *Não recebeste um espírito de escravidão para estardes ainda no temor*⁶³⁷.

Mas aquele temor casto que permanece no «século do século», se permanece mesmo no século futuro (realmente, como é que se pode de outra maneira «permanecer no século do século?»), não é o que treme perante o mal que pode surgir, mas o que se firma (*tenens*) num bem que não se pode perder.

Quando o amor ao bem obtido é imutável, sem sombra de dúvida que o receio de evitar o mal exclui, se assim se pode dizer, toda a inquietação. Com o nome de «temor casto» designa-se a vontade de que temos necessidade para repudiarmos o pecado, de maneira que o evitaremos, não com a inquietação da fraqueza exposta ao pecado, mas com a tranquilidade da caridade. Ou então, se nenhum gênero de temor é possível na certíssima segurança das alegrias eternas e bem-aventuradas, o que se disse: *O casto temor do Senhor ficará para*

⁶³⁶ *Timor non est in caritate, sed perfecta caritas foras mittit timorem, quia timor poenam habet; qui autem timet non est perfectus in caritate.* I João, IV, 18.

⁶³⁷ *Non enim accepistis spiritum servitutis iterum in timore.* Rom., VIII, 15.

sempre (in saeculum saeculi)⁶³⁸, equivale a isto que também foi dito:
A paciência do pobre jamais (in aetemum) perecerá⁶³⁹.

Não é que a própria paciência tenha de ser eterna, ela que não é necessária a não ser onde há males a suportar, mas será eterna a meta aonde se chega pela paciência. Assim talvez se diga que o «amor casto» permanece no «século do século», por que permanecerá aquilo a que o próprio temor conduz.

Sendo assim, como há que se levar uma vida reta para se chegar à vida bem-aventurada, todos esses afetos são retos numa vida reta e perversos numa vida perversa. Mas a vida bem-aventurada é eterna possuirá um amor e uma alegria, não apenas retos, mas também certos; sem temor e sem dor.

Assim, já de certo modo, aparece o que devem ser, nesta peregrinação, os cidadãos da Cidade de Deus, vivendo como ao espírito apraz, não como apraz à carne, isto é, como apraz a Deus e não como apraz ao ser humano e o que serão um dia na imortalidade para que caminham.

Mas a cidade, isto é, a sociedade dos ímpios que vivem como aos humanos apraz e não como apraz a Deus, que professam doutrinas humanas e demoníacas no próprio culto das falsas divindades, com desprezo pela verdadeira divindade, essa cidade é atormentada

⁶³⁸ *Timor Domini castus permanens in saeculum saeculi.* Salmo XVIII, 10.

⁶³⁹ *Patientia pauperum non peribit in aetemum.* Salmo IX, 19.

por aqueles afetos como outras tantas doenças e paixões. E se alguns desses cidadãos parecem dominar e regrar, por assim dizer, tais afetos da alma, tornam-se tão soberbos e tão arrogantes na sua impiedade de que se incham tanto mais quanto menos sofrem. E se outros, na sua vaidade, tanto mais monstruosa quanto mais rara, se tomam de amores pela sua própria impassibilidade, o ponto de não se deixarem comover nem excitar nem inclinar pelo menor sentimento, perdem toda a humanidade sem atingirem a verdadeira tranquilidade.

Efetivamente, porque é duro, nem por isso é correto, nem, porque é insensível, é por isso sadio.

CAPÍTULO X

Deveremos julgar que os primeiros seres humanos, no Paraíso, antes de pecarem, não eram afetados por nenhuma perturbação?

Não será sem motivo que se pergunta se o primeiro ser humano, ou os primeiros seres humanos (pois que de dois era a união conjugal), experimentavam no seu corpo animal, antes do pecado, os sentimentos que já não experimentaremos no nosso corpo espiritual, quando se apagar e acabar todo o pecado. Se os experimentavam, como podiam eles ser felizes nesse memorável lugar de beatitude, que era o Paraíso? Quem é que poderá dizer-se absolutamente feliz se é afetado pelo temor ou pela dor?

Mas o que é que essas pessoas poderiam temer ou sofrer, numa tão grande afluência de tamanhos bens, onde nem a morte nem má disposição alguma do corpo tinham a recear, nem faltava o que quer que fosse que a boa vontade desejasse, nem coisa alguma poderia contrariar a carne ou o espírito da pessoa que vivia com tanta felicidade? Sereno era o seu amor para com Deus, bem como entre os cônjuges, que viviam em fiel e leal sociedade. E desse amor nascia uma grande alegria, por que tinham sempre presente, para desfrutarem, o objeto do seu amor. Evitava-se com tranquilidade o pecado e, ao evitá-lo, não surgia, em contrapartida, mal algum que pudesse entristecer-lós.

Desejariam eles talvez tocar no fruto proibido para o comerem, mas receavam morrer, de maneira que esse desejo e esse temor já os perturbava mesmo em tal lugar? Longe de nós pensar que assim tenha sido, onde absolutamente nenhum pecado havia.

Efetivamente, sem pecado ninguém pode nem desejar o que a Lei de Deus proíbe, nem abster-se por receio do castigo e não por amor à justiça. Longe de nós, repito, pensar que antes de todo o pecado já houvera pecado, admitindo a propósito da árvore o que o Senhor diz acerca da mulher: *Se alguém olhar para uma mulher com mau desejo, já cometeu adultério no seu coração*⁶⁴⁰.

⁶⁴⁰ *Si quis viderit mulierem ad cortcupiscendum eam, jam moechatus est eam in corde suo.* Mat., V, 28.

Tal qual como os primeiros seres humanos eram felizes, sem se sentirem agitados pelas perturbações da alma e nem molestados pelas doenças do corpo, assim também teria sido feliz toda a sociedade humana se aqueles não tivessem cometido o mal que transmitiram aos seus descendentes e se nenhum destes descendentes tivesse cometido também o mal do pecado que provoca o castigo. Esta felicidade manter-se-ia até que, por efeito da bênção: *Crescei e multiplai-vos*⁶⁴¹ o número dos santos predestinados fosse completo. Outra bênção maior seria dada: a que foi dada aos anjos bem-aventurados, graças à qual cada um recebeu desde então a garantia plena de que jamais pecariam ou morreriam.

E a vida dos santos, sem terem experimentado trabalho algum, dor ou morte alguma, seria tal qual será, depois de tudo isto, na incorrupção dos corpos, quando aos mortos for concedida a ressurreição.

CAPÍTULO XI

Queda do primeiro ser humano, cuja natureza, criada boa, foi viciada e só pelo seu Autor pode ser recuperada.

Mas Deus tudo previu e não pôde ignorar que o ser humano viria a pecar. Temos de conceber a Cidade Santa conforme o que Ele

⁶⁴¹ *Crescite et multiplicamini.* Gen., VI, 6.

previu e dispôs e não conforme o que pode chegar ao nosso conhecimento, pois não foi isso que esteve nos desígnios de Deus.

Claro que o ser humano, com o seu pecado, não pôde perturbar o plano divino e nem como que obrigar Deus a mudar o que tinha estabelecido. Deus, na sua presciênciia, previu uma e outra coisa, isto é, quão mau viria se tornar o ser humano que Ele criou bom e o bem que havia de tirar desse mal.

É certo que se diz que Deus altera os seus desígnios (em linguagem metafórica a Escritura chega mesmo a dizer que Deus se arrependeu). Mas isso se diz em atenção ao que o ser humano espera ou em atenção ao que comporta a ordem das coisas naturais e não em atenção ao que o Onipotente previu que havia de fazer.

Como está escrito, Deus fez o ser humano reto e, como tal, dotado de vontade boa. Não seria de fato reto se não tivesse vontade boa. A boa vontade é, portanto, obra de Deus, pois foi com ela que foi criado o ser humano. Mas, a Primeira vontade má, por que precedeu no ser humano todas as suas más obras, é menos uma obra que um defeito pelo qual o ser humano, abandonando a obra de Deus, decai para as suas próprias obras que, por tal fato, são más, por que são como ao ser humano apraz e não como apraz a Deus.

A vontade é, pois, como a árvore má: as obras que produz são como que os seus maus frutos. Ou então, é o próprio ser humano que é essa má árvore, na medida em que é dotado de vontade má.

Mas esta vontade, embora não seja má por natureza, mas contra a natureza, pois é um vício, é, todavia, da mesma natureza que o vício, que não pode existir sem uma natureza. Mas há de ser numa natureza que Deus criou do nada e não na que o Criador gerou em si próprio, como gerou o Verbo por quem foi feito. Deus formou o ser humano do pó da Terra, mas o certo é que esta terra, como toda a matéria terrestre, vem toda ela do nada. E é ainda uma alma feita a partir do nada que Deus deu ao corpo quando o ser humano foi feito.

A tal ponto os males são superados pelos bens que, embora se tolere a sua existência para demonstrar o quanto a providentíssima justiça do Criador pode deles fazer bom uso, podem os bens existir sem os males, tal como o próprio e verdadeiro Deus Supremo e todas as criaturas celestes visíveis e invisíveis que estão acima deste ar tenebroso. Pelo contrário, o mal não pode existir sem o bem, pois que as naturezas em que ele se encontra são boas como naturezas. Suprime-se, pois, o mal, não lhe tirando na totalidade ou em parte a natureza que lhe acrescera, mas curando e reparando a natureza viciada e corrompida pelo mal.

A vontade, portanto, não goza verdadeiramente de livre arbítrio senão quando não é escrava dos vícios e dos pecados. Tal é o dom de Deus. O ser humano perdeu-o por sua própria falta e só quem lho concedeu é que lho pode restituir. Por isso diz a Verdade: *Se o Filho*

*vos libertar, então é que sereis livres na verdade*⁶⁴², o que é o mesmo que dizer: «Só estareis verdadeiramente salvos, se o Filho vos salvar». Realmente, Ele é que é o nosso libertador, por que Ele é que é o nosso Salvador.

O ser humano vivia no agrado de Deus, num paraíso não só corporal, mas também espiritual. De fato, não havia um paraíso corporal para os bens do corpo sem haver um espiritual para os bens do espírito, da mesma maneira que não havia um paraíso espiritual para gozo dos sentidos interiores sem um paraíso para gozo dos exteriores.

Claro que, por causa de um e outro gozo, havia um e outro paraíso. Mas o anjo soberbo — e por isso invejoso —, que a soberba afasta de Deus para virá-lo para si próprio, preferindo, por uma espécie de ostentação própria dos «tiranos», ter súditos a ser ele mesmo súbdito, esse anjo fora afastado de um paraíso espiritual. Da sua queda e da dos seus aliados, que de anjos de Deus se tornaram seus próprios anjos, tratei já, o melhor que me foi possível, nos livros décimo primeiro e décimo segundo desta obra.

Com astúcia, má conselheira, procurou insinuar-se nos sentidos do ser humano, a quem invejava por se manter erguido, ao passo que ele tinha caído. Para isso, lá no Paraíso corporal, onde, com os dois

⁶⁴² *Si uos Filius liberaverit, tunc vere liberi estis.* João, VIII, 36.

humanos (varão e fêmea), viviam também os outros animais terrestres, dóceis e inofensivos, escolheu, para lhes falar, como ao seu designio convinha, a serpente, animal escorregadio, que se move em sinuosas curvas.

Submetendo-a com malícia espiritual, valendo-se da sua presença angélica e da superioridade da sua natureza, usou dela como de um instrumento para dirigir à mulher palavras falaciosas. Começou pela parte mais débil daquele par humano, para gradualmente chegar ao todo.

Pensou que o homem não acreditaria facilmente nem facilmente poderia ser enganado por erro, mas cederia a erro alheio. Assim aconteceu a Aarão; não foi seduzido que consentiu em fabricar um ídolo para o povo errante, mas cedeu constrangido. Também não é de crer que Salomão tenha caído no erro de admitir que se evitam adorar os ídolos, mas foi arrastado a esse culto sacrílego pelas carícias de suas mulheres.

Da mesma maneira, segundo parece, para chegar a transgredir a Lei de Deus, o primeiro homem não foi arrastado pela sedução, acreditando na verdade das palavras de sua mulher; cedeu sim, devindo à afeição que tinha à sua única companheira, à sua a si igual, à sua mulher.

Não foi em vão que o Apóstolo disse: *E Adão não foi seduzido, mas a mulher foi seduzida*⁶⁴³. Ela tomou por verdadeiro o que a serpente lhe disse, mas ele não quis separar-se da sua única mulher nem mesmo na comunhão do pecado. Não foi por isso menos culpável, pois pecou com ciência e consciência. Foi por isso que o Apóstolo não disse «ele não pecou», mas sim «não foi seduzido» (*non est seductus*). Confirma-o quando diz: *Por um só homem entrou o pecado no mundo*⁶⁴⁴ e, pouco depois, mais claramente ainda: *Por uma transgressão semelhante à de Adão*⁶⁴⁵.

Quis ainda dar a entender que «ser seduzido» é fazer o que não se considera pecado. Mas ele sabia que pecava. A não ser assim como é que seria verdade que Adão «não foi seduzido»? Mas, não tendo a experiência da severidade divina, pôde enganar-se ao julgar que a sua falta era venial. Ele não foi seduzido como o fora sua mulher, mas enganou-se quanto ao modo por que seria julgado o que ia dizer: *A mulher que me deste por companheira, essa mesma é que me deu e eu comi*⁶⁴⁶. Para que mais? Não foram ambos enganados por terem acreditado, mas ambos foram apanhados e envolvidos nas armadilhas do Diabo.

⁶⁴³ *Et Adam non est seductus, mulier autem seducta est.* I Timot., II, 14.

⁶⁴⁴ *Per unum hominem peccatum intravit in mundum.* Rom., V, 12.

⁶⁴⁵ *In similitudine praevaricationis Adae.* Rom., V, 14.

⁶⁴⁶ *Mulier quam dedisti mecum, ipsa mihi dedit et manducavi.* Gen., III, 12.

CAPÍTULO XII

Gravidade do pecado cometido pelos primeiros seres humanos⁶⁴⁷

Alguém poderá ficar impressionado por a natureza humana não sofrer pelos outros pecados uma alteração como a que sofreu com a prevaricação dos primeiros humanos, ao ponto de ficar sujeita à corrupção que verificamos e sentimos. Por essa prevaricação ficou ela sujeita à morte e submetida a tantas e tão grandes perturbações contraditórias.

Com certeza que não era assim no Paraíso antes do pecado, embora existisse em um corpo animal. Se alguém, repito, ficar com isso impressionado, nem por isso se deve considerar como leve e pequena a falta, só porque apenas foi cometida em questão de comida e que nem sequer era má e nociva, a não ser por ser proibida.

De fato, Deus não iria criar nem plantar em lugar de tão grande felicidade o que quer que fosse de mau. O que no preceito se recomendou foi a obediência, virtude que é como que a mãe e guardiã de todas as virtudes na criatura racional.

A criatura racional foi criada de tal feição que lhe é útil estar sujeita à obediência e lhe é prejudicial fazer a sua própria vontade e não a d'Aquele por quem foi criada. Assim, este preceito de não co-

⁶⁴⁷ O texto latino deste sumário é do seguinte teor: *De qualitate peccari a primis hominibus admissi*. Diferentemente, o texto latino em Migne é deste teor: *De qualitate primi peccati per hominem admissi* (gravidade do primeiro pecado cometido pelo homem).

mer certo gênero de comida, onde tão grande abundância de outros havia, era muito fácil de cumprir e muito breve para ser retido na memória, sobretudo quando a concupiscência ainda não resistia à vontade, o que aconteceu logo depois do castigo pelo pecado cometido.

CAPÍTULO XIII

Na prevaricação de Adão a vontade má foi anterior à má ação.

Foi no seu íntimo que começaram a ser maus para logo caírem em ostensiva desobediência. De fato, não se chega ao ato mau sem que a vontade má o tenha precedido. Ora qual pode ser o começo da vontade má se não é a soberba?

Efetivamente, *o orgulho é o começo de todo pecado*⁶⁴⁸.

Mas, o que é a soberba se não é o desejo de uma falsa grandeza? A grandeza perversa está, na verdade, em abandonar o princípio ao qual a alma se deve unir para se tornar, de certo modo, seu próprio princípio. Isso se realiza quando ela se compraz demasiadamente em si própria. E, de fato, compraz-se em si própria quando se afasta daquele imutável bem que devia agradar-lhe mais do que ela própria a si mesma.

⁶⁴⁸ *Initium omnis peccati superbia est.* Eccl., X, 15

Mas este defeito é espontâneo, por que se a vontade se mantivesse no amor ao bem superior e imutável que, para fazer ver, ilumina, e, para fazer amar, inflama, a mulher dele não se teria desviado para se comprazer em si própria, nem por sua causa se teria obscurecido e arrefecido.

A mulher não teria acreditado nas palavras da serpente, nem o homem teria preferido a vontade da esposa ao preceito de Deus. Ele não teria pensado que cometaria uma simples transgressão venial do preceito ao violá-lo para se conservar fiel à sua companheira na cumplicidade do pecado.

Portanto, o mal, a transgressão em comer do alimento proibido, não se realizou senão por comerem-no quando já eram maus. Realmente, aquele mau fruto não poderia provir senão de uma árvore má. Mas, o que tornou a árvore má foi o ato contrário à natureza, pois sem o vício da vontade oposto à natureza, ela em tal não teria se tornado. Todavia, só pode tornar-se depravada pelo vício uma natureza tirada do nada. E o ser natureza advém-lhe de ter sido feita por Deus, mas, decair do que é advém-lhe de ter sido tirada do nada.

O homem não decaiu ao ponto de se tornar mesmo nada, mas, inclinando-se para si próprio, tornou-se menos do que era quando estava unido ao que é plenamente.

Abandonar a Deus para ficar em si próprio, isto é, para em si próprio se comprazer, ainda não é o nada, mas já é aproximar-se do nada.

Daí que os soberbos, segundo as Sagradas Escrituras, sejam chamados por outro nome: «os que em si se comprazem»⁶⁴⁹.

De certo que é bom ter «o coração ao alto», mas não para si próprio, o que é soberba, mas «para o Senhor», o que é próprio de uma obediência que só dos humildes pode ser⁶⁵⁰.

Assim, é próprio da humildade levantar «o coração ao alto» de forma maravilhosa e é próprio da soberba baixá-lo. Parece haver nisto uma certa contradição: a altivez rebaixa e a humildade eleva. Mas uma piedosa humildade torna-nos submissos a quem está acima de nós e nada está mais acima de nós do que Deus; a humildade que nos torna submissos a Deus exalta-nos, portanto.

A altivez, porém, é um vício, precisamente por recusar a submissão, afastando-se d'Aquele acima do qual nada existe e, por isso mais se rebaixa, cumprindo-se o que está escrito: *Abateste-los quando se levantavam*⁶⁵¹. E não diz «quando tinham se levantado», como

⁶⁴⁹ *Sibi placentes*. II Pedro, II, 10.

⁶⁵⁰ Há aqui uma clara alusão ao diálogo que, na liturgia eucarística, entre celebrante e assembleia dos fiéis se travava momentos antes do «prefácio». Ao convite do Sacerdote para que se elevem os corações ao alto — *sursum corda* (ou *sursum cor* — coração ao alto — como se dizia, no singular, na liturgia africana) respondia a assembleia *habemus ad Dominum* (temo-los elevados para o Senhor). Ainda soam ao nosso ouvido estas expressões latinas que só foram substituídas pela linguagem comum depois do Vaticano II.

⁶⁵¹ *Dejecisti eos, cum extolterentur*. Salmo LXXII, 18.

se primeiro se levantassem e em seguida fossem rebaixados, mas diz «quando se levantavam» são então rebaixados, por que levantar-se desse modo já é rebaixar-se.

É por isso que agora, na Cidade de Deus e à Cidade de Deus, a peregrinar neste século, muito se recomenda a humildade, altamente exaltada no seu rei que é Cristo.

Nas Sagradas Escrituras ensina-se que o vício da soberba, contrário a essa virtude, domina sobretudo no seu adversário que é o Diabo. Sem dúvida que é grande a diferença que opõe as duas cidades: uma, a sociedade das pessoas piedosas; a outra, a dos ímpios. Cada uma tem os seus próprios anjos, em que prevalece o amor a Deus ou o amor a si mesmo.

O Diabo não teria, portanto, surpreendido o ser humano em evidente e manifesto pecado de fazer o que Deus tinha proibido, se ele não tivesse começado já a comprazer-se em si mesmo. Já se deleitava com o dito: *Sereis como deuses*⁶⁵².

Tê-lo-iam sido melhor se se conservassem unidos pela obediência ao verdadeiro e supremo princípio, em vez de se fazerem, por soberba, seu próprio princípio. Por que deuses criados não são, na verdade, deuses por eles mesmos, mas pela participação no verdadeiro Deus.

⁶⁵² *Eritis sicut dii.* Gen., III, 5.

Mas, encontra menos ser, ao procurar mais ser, aquele que, ao escolher bastar-se a si, se afasta d'Aquele que, na verdade, lhe basta. Portanto, esse mal, em que o ser humano, comprazendo-se em si mesmo como se fosse luz, se afasta dessa luz que o teria tornado luz se ele nela pusesse as suas complacências, esse mal, digo eu, prece-deu secretamente o da desobediência, de forma que se seguiu o mal cometido às claras.

É, de fato, verdade o que está escrito: *O coração exalta-se antes da queda e humilha-se antes da glória*⁶⁵³.

Essa ruína que se produz às ocultas precede a ruína que se produz às claras, embora a primeira não se seja tomada por ruína. Quem é que, de fato, tomaria a exaltação por ruína? Quando se abandona o Altíssimo não haverá já queda? Quem é que não verá a ruína na transgressão evidente e indubitável do mandamento?

Por isso é que Deus proibiu o que, uma vez cometido, não poderia encontrar pretexto algum que o justificasse. E eu até ouso dizer que é útil aos soberbos que caiam em pecado evidente e manifesto, para que sintam desgosto consigo mesmos; eles que, ao cair, já tinham sentido prazer.

Realmente, foi mais salutar para Pedro o seu desgosto quando chorou do que o seu prazer quando se gabou. É o que diz o salmo

⁶⁵³ *Ante ruinam exaltatur cor et ante gloriam humiliatur.* Prov., XVII, 13.

sagrado: *Enche-lhes, Senhor, a cara de ignomínia que eles procuraram o teu nome*⁶⁵⁴; isto é, para que se comprazam em procurar o teu nome os que se tinham comprazido em procurarem o seu.

CAPÍTULO XIV

A soberba do transgressor foi mais grave do que a transgressão.

Mas, pior e mais condenável é a soberba que até nos pecados manifestos procura a escapatória duma justificação. Foi assim que procederam os primeiros seres humanos, dos quais a mulher disse: *A serpente enganou-me e eu comi*⁶⁵⁵ e o homem disse: *A mulher que me deste por companheira deu-me do fruto da árvore e eu comi*⁶⁵⁶.

Em momento nenhum se ouve aqui um pedido de perdão, em momento nenhum se ouve uma solicitação de remédio.

Embora não neguem, como Caim, o que cometaram, todavia, a soberba procura lançar sobre o outro o mal que fez: sobre a serpente, a soberba da mulher e, sobre a mulher, a soberba do homem. Mas a justificação é antes uma acusação, quando é manifesta a violação do mandamento divino.

Não deixaram de cometê-la: a mulher, por que a cometeu enganada pela serpente e o homem, por a mulher lhe pedir, como se se

⁶⁵⁴ Salmo. LXXXII, 17.

⁶⁵⁵ *Serpentis seduxit me et manducavi.* Gen., III, 13.

⁶⁵⁶ *Mulier quam dedisti mecum, haec mihi dedit a ligno et edi.* Gen., III, 12.

devesse preferir fosse o que fosse a Deus, em quem se deve crer, a quem se deve obedecer.

CAPÍTULO XV

Justiça da sanção infligida aos primeiros seres humanos devido à sua desobediência.

O Deus legislador, que o tinha criado, que o tinha feito à sua imagem, que o tinha posto a presidir a todos os restantes seres animados, que o tinha colocado no Paraíso, que o tinha cumulado de saúde e de todos os bens, que não o tinha sobrecarregado com preceitos numerosos, pesados ou difíceis, mas apenas com um, tão simples e tão breve, para garantir uma salutar obediência (com o qual lembrava a esta criatura — de quem mais não esperava que um serviço livre — que Ele é que era o Senhor), este Deus foi desprezado pelo ser humano.

A consequência foi uma justa condenação. E essa condenação foi tal que o ser humano, que mesmo na sua carne seria espiritual caso guardasse o mandamento, tornou carnal o próprio espírito e ele, que, devido à sua soberba, em si mesmo tinha posto as suas complacências, a si mesmo foi entregue pela justiça de Deus. Em vez, porém, de se tornar senhor de si próprio e de adquirir a liberdade que desejava, entrou em discórdia consigo mesmo e sofreu uma dura e miserável servidão às ordens daquele a quem, ao pecar, obedecera.

De livre vontade morreu no seu espírito e contra vontade morreu no seu corpo. Desertou da vida eterna e foi condenado à morte eterna; a não ser que desta seja libertado pela graça.

Se alguém considera excessiva ou injusta esta condenação, com certeza que não sabe apreciar quão grande fora a iniquidade ao pecar, quando tão grande era a facilidade de não pecar. Assim como com justiça se proclama a grande obediência de Abraão, porque era tão difícil a ordem de matar o filho⁶⁵⁷, assim, a desobediência no Paraíso foi tanto maior quanto menor era a dificuldade em obedecer. E assim como a obediência do segundo Adão foi tanto mais admirável porque se fez obediente até à morte⁶⁵⁸, assim, a desobediência do primeiro Adão foi tanto mais detestável, por que se fez desobediente até à morte.

Quando a pena decretada para a desobediência era grande e fácil a ordem do Criador, quem poderá descrever suficientemente a gravidade do mal que houve, ao desobedecer numa coisa tão fácil, a uma ordem de uma tão grande potestade e sob a ameaça de tamanho castigo?

Enfim e para dizer em poucas palavras, que pena foi imposta, neste pecado, à desobediência, se não foi a desobediência? Realmente, o que mais é a miséria do ser humano, do que desobediência dele

⁶⁵⁷ Gen. XXII, 2.

⁶⁵⁸ Philipp. II, 8.

próprio a ele próprio? Porque ele não quis o que podia, já não pode o que quer⁶⁵⁹. Claro que, no Paraíso, nem tudo podia antes do pecado, mas, o que não podia não queria e podia, portanto, tudo o que queria.

Agora, porém, como vemos nos seus descendentes *O homem é semelhante ao sopro da brisa, seus dias são como a sombra que passa*⁶⁶⁰, como testemunha a Sagrada Escritura. Quem poderá, efetivamente, enumerar tudo o que ele quer e não pode, ao desobedecer a si próprio, à sua vontade, à sua própria alma e até à sua própria carne que lhe é inferior?

Na verdade, é contra a vontade que muitas vezes o espírito se perturba, a carne dói, envelhece e morre. Sofremos tantas coisas que não seríamos forçados a sofrer, se a nossa natureza obedecesse à nossa vontade de todas as formas e em todas as suas partes. Também a carne sofre de algo que não a deixa obedecer.

Que interessa saber por que é que a nossa carne (que nos fora submissa por mercê da justiça do Deus Soberano, a quem não quisiemos servir como súditos) se nos torna molesta quando não nos obedece, se nós, quando não obedecemos a Deus, é a nós e não a Deus que nos tornamos molestos? Deus não necessita do nosso serviço como nós necessitamos do serviço do corpo. Por isso, é castigo nosso o que recebemos e não castigo d'Ele pelo que fazemos.

⁶⁵⁹ Vivès pensa que há aqui uma referência às palavras de Andrienne: “Não podendo fazer o que quer, trate de querer o que pode”. Ato II, cena I, versos 5 e 6. (Nota da edição em francês).

⁶⁶⁰ *Homo vanitati similis factus est*. Salmo CXLIII, 4.

Quanto às dores que se dizem da carne, elas são da alma, que as sente na carne e procedem da carne. Na verdade, o que é que pode sofrer ou desejar a carne por ela mesma, sem a alma? O que se diz desejar ou sofrer a carne, é a própria pessoa, como já expusemos, ou algo da alma que recebe da carne uma impressão penosa (dela lhe provindo o sofrimento), ou agradável (dela nascendo o prazer). Mas a dor da carne mais não é que uma repugnância da alma proveniente da carne; uma espécie de discordância com a paixão corporal, como a dor da alma chamada tristeza é uma discordância com o que nos acontece contra vontade.

Mas a tristeza é, na maior parte das vezes, precedida pelo medo que, também ele, está na alma e não na carne, ao passo que a dor da carne jamais é precedida por medo algum da carne, que o corpo experimentaria antes da dor.

Com relação à volúpia, porém, ela é precedida por uma certa apetência sentida na carne como desejo seu, tais como a fome, a sede e isso a que, nos órgãos genitais, geralmente se chama de libido, embora este seja o nome genérico de todo o desejo.

Na verdade, conforme os antigos a definiram, a cólera mais não é que um desejo (*libido*) de vingança⁶⁶¹, embora, por vezes, sem se experimentar o menor sentimento de vingança, a pessoa se irrite con-

⁶⁶¹ Cícero. *Tusc. quaest.* Livro III, cap. 6 e livro IV, cap. 9.

tra objetos inanimados e, por exemplo, irritada atira com o estilete ou quebra a pena porque escreveu mal. Esta cólera tão disparatada é uma espécie de desejo (*libido*) de vingança e, nem sei como hei de dizer, como que uma sombra de retribuição: que sofra o mal quem o mal pratica. Há, portanto, um desejo (*libido*) de vingança a que se chama ira, um desejo de ter dinheiro que se chama avareza, um desejo de vencer de qualquer maneira que se chama obstinação, um desejo de glória a que se chama jactância.

São muitos e variados os desejos (*libidines*), alguns deles têm nome próprio, outros não. Quem é que, na verdade, poderá facilmente dizer que nome tem o desejo de dominar, que as guerras civis testemunham ter tamanho valor na alma dos tiranos?

CAPÍTULO XVI

Do mal da libido, cujo nome, embora convenha a muitos vícios, está, todavia, reservado, em sentido próprio, aos movimentos da paixão obscena.

Embora haja desejos (*libido*, pl. *libidines*) de muitas coisas, todavia, quando se fala de libido, sem se acrescentar de que coisa é, pensa-se quase sempre na excitação das regiões pudendas do corpo. Este desejo apodera-se não só do corpo todo, exterior e interiormente, mas agita também a pessoa inteira, unindo e misturando as paixões da alma e as apetências carnais para esta volúpia, sendo a maior de todas entre os prazeres do corpo. E isto de tal forma que, no mo-

mento de chegar à sua plenitude, como que se aniquila a agudeza e a consciência do pensamento.

Qual é o amigo da sabedoria e das santas alegrias que, praticando a vida conjugal, mas em conformidade com o conselho do Apóstolo: *Sabendo possuir o seu corpo na santidade e no respeito, não na paixão do desejo, como entre os gentios que não conhecem a Deus*⁶⁶², qual é este amigo da sabedoria que não preferiria, se pudesse, gerar filhos sem esta «libido», de modo que, mesmo na função de os gerar, os órgãos, criados para essa função, permanecessem submetidos ao espírito, como submetidos ao espírito estão os outros órgãos nas suas respectivas funções e movidos por um sinal da vontade e não pelo ardor da volúpia? Mas, nem mesmo os que se entregam a esta volúpia se sentem excitados quando querem, quer na união conjugal, quer nas impurezas da devassidão.

Às vezes esta emoção é inoportuna, surge sem ser solicitada. Outras vezes abandona o que arde em desejo: a alma arde em desejo e o corpo fica gelado. Assim __ coisa estranha! — não é só à vontade de gerar que a paixão se recusa a obedecer, mas à própria paixão de gozar. E embora, na maior parte das vezes, se oponha ao espírito que a refreia, vezes há em que se divide contra si própria agitando a alma sem agitar o corpo.

⁶⁶² *sciens suum vas possidere in sanctificatiotte et honore, non in morbo desideri, sicut et gentes, quae ignorant Deum.* I Tessalon., IV, 4-5.

CAPÍTULO XVII

Da nudez que os primeiros humanos, após o pecado, consideraram torpe e vergonhosa.

É com razão que se sente vergonha principalmente desta paixão. É também com razão que se consideram «vergonhosas» as regiões ou órgãos que esta paixão excita ou não, por assim dizer, segundo as suas leis e não precisamente como nós quereríamos. Não era assim antes do pecado: *Estavam nus e não se sentiam embaraçados*⁶⁶³.

Não é que a nudez lhes passasse despercebida; é que a nudez não era ainda vergonhosa; é que a paixão ainda não agitava os seus membros sem seu consentimento e a desobediência da carne, de certo modo, ainda não prestava testemunho contra a desobediência do ser humano para rebatê-la.

Mas não eram criados cegos como julga o vulgo ignorante⁶⁶⁴. Adão via os animais e lhes pôs nomes. E se lê acerca da mulher: *A mulher viu que o fruto era bom para comer e agradava aos olhos para ver*⁶⁶⁵.

⁶⁶³ *Nudi erant, et non confundebantur.* Gen., II, 25.

⁶⁶⁴ Este erro bizarro se originou de uma passagem do Gênesis entendida literalmente: “Então os seus olhos abriram-se” (Gênesis III, 7). Ver os tratados de Santo Agostinho *De locutionibus*, Livro I e *De Genesi ad litt.*, Livro II, n. 40. (Nota da edição em francês).

⁶⁶⁵ *Vidit mulier quia bonum lignum in escam et quia placebat oculis ad videndum.* Gen., III, 6.

Os seus olhos estavam, portanto, abertos. Mas não estavam abertos para isso, isto é, não estavam atentos para conhecerem o que neles cobria a veste da graça, quando ignoravam a resistência dos seus membros à vontade. Uma vez perdida esta graça, para castigar esta desobediência com pena correspondente, surgiu nos movimentos do corpo certa impudente novidade que tornou indecente a nudez, os tornou a ela atentos e os encheu de confusão.

Foi por isso que, após a evidente transgressão do mandamento de Deus, foi a este respeito escrito: *Abriram-se os olhos de ambos, apercebendo-se de que estavam nus e coseram folhas de figueira e fizeram para si umas tangas (**campestria**)⁶⁶⁶.*

«Abriram-se os olhos de ambos», diz-se, não para verem, pois já viam antes, mas para discernirem entre o bem que tinham perdido e o mal em que tinham caído. Por isso é que a própria árvore destinada a comunicar-lhes esse discernimento, se, apesar da proibição, conseguisse do seu fruto, tomou daí o seu nome: chamou-se a árvore da ciência do bem e do mal. Realmente, a dolorosa experiência da doença torna mais sensível o encanto da saúde.

«Aperceberam-se de que estavam nus», isto é, despidos dessa graça que os impedia de terem vergonha da sua nudez quando neles nenhuma lei de pecado se opunha ao espírito. Desta forma, aprende-

⁶⁶⁶ *Et aperti sunt oculi amborum et agnoverunt quia nudi erant et consuerunt folia fiei et fecerunt sibi campestria.* Gen., III, 7.

ram o que felizmente ignorariam se, crendo em Deus e obedecendo-lhe, não cometesssem o que os coagiua a experimentar os efeitos nocivos da infidelidade e da desobediência.

Por isso, confundidos ao verem a desobediência da carne como testemunho do castigo da sua desobediência, coseram folhas de figueira e para si fizeram umas *campestria*, isto é, *succintoria*⁶⁶⁷ (fai-xas) como escrevem certos tradutores. (*Campestria* é uma palavra latina cuja origem procede do fato de os jovens cobrirem as regiões pudendas quando se exercitavam no Campo de Marte. Por isso o povo chamava *campestrati* — cobertos com tanga — aos que assim se tapavam). E assim, o que a paixão (*libido*) excitava contra vontade, em punição pela sua própria desobediência, tapava-o envergonhado o pudor.

Daí que todos os povos, desta estirpe originários, têm tão arraigada tendência para cobrirem as suas vergonhas, que alguns bárbaros nem nos banhos desnudam essas artes do corpo e lavam-se com vestuário próprio. Nas sombrias solidões da índia, alguns homens que filosofam nus (daí o nome de *gimnosofistas*), trazem, no entanto, nessas regiões, uma cobertura que não usam nas outras partes.

⁶⁶⁷ A Septuaginta traz *peridzomata*. (Nota da edição em francês).

CAPÍTULO XVIII

Do pudor na cópula, não só em geral, mas mesmo no casamento.

No próprio ato levado a cabo sob o impulso da referida paixão (*libido*), não só em certas desonestidades em que se procuram lugares escondidos para se evitar a justiça humana, mas também no trato com meretrizes (torpeza que a cidade terrena tornou lícita), embora se faça o que nenhuma lei desta cidade pune, todavia, mesmo a paixão (*libido*) permitida e impune evita os olhares públicos e, por vergonha natural, os próprios lupanares estão providos de lugares secretos. Pôde assim a impudicícia desfazer-se mais facilmente das peias proibitórias do que o impudor suprimir os covis desta vergonha.

Os próprios libertinos chamam isto de torpeza e, embora se entreguem a ela, não se atrevem a fazê-lo ostensivamente.

Ora, a própria união conjugal, que se realiza em conformidade com os preceitos das leis matrimoniais (*matrimonialium praescripta tabularum*)⁶⁶⁸ para gerar filhos, não procura, embora seja lícita e honesta, um quarto afastado e sem testemunhas? Um cônjuge, antes de começar as carícias ao outro cônjuge, não despede todos os seus familiares e até os próprios paraninfos e todos os que qualquer parentesco autorizava estarem presentes?

⁶⁶⁸ A frase *matrimonialium praescripta tabularum* (preceitos das «tábuas» matrimoniais), bem como a referência à procriação de filhos, constituem uma clara alusão à Lei das doze tábuas que impunha ao marido a ação perante o censor de que contraia casamento *liberum quaeendum causa* (para ter filhos). V. Aulo-Gélio, *Noctes atticae*, IV, 3, 2.

É certo que, como diz o maior orador romano (*Romani maximus auctor eloquii*), como alguém lhe chamou⁶⁶⁹, todos os atos legítimos pretendem realizar-se em plena luz, isto é, pretendem ser conhecidos; mas este ato, tão legitimamente realizado, embora aspire a ser conhecido, envergonha-se, todavia, se for contemplado. Quem é que, de fato, ignora o que entre si fazem os cônjuges para gerarem filhos? Para isso é que, com tanta solenidade, se realiza o casamento.

Contudo, quando se trata de gerar os filhos, aos próprios filhos, se algum já existe, não se lhes permite que a isso assistam.

Desta forma, este ato legítimo pretende chegar à luz dos espíritos, mas recusa-se a chegar à luz dos olhos. Porque é isto, se não é por que o que se realiza decentemente, em conformidade com a natureza, é acompanhado da vergonha que procede do castigo?

CAPÍTULO XIX

Das partes do ser humano em que a ira e a paixão carnal (*libido*) têm movimentos tão desordenados que é necessário contê-los com o freio da sabedoria, mas que antes do pecado não existiam na saúde da natureza.

É por isso que até os filósofos que mais perto estiveram da verdade reconheceram que a ira e a voluptuosidade (*libido*) são as partes viciosas da alma, pois se lançam em agitada desordem mesmo para

⁶⁶⁹ Trata-se de uma citação truncada de dois versos em que Lucano, na **Farsália**, se refere a Cícero (Marcos Túlio Cícero): ... *Romani maximus auctor Tullius eloquii ... Pharsália*, VII, 62-63.

atos que a sabedoria não permite que se realizem e, por isso, precisam ser dirigidas pela mente e pela razão. Apresentam-nos eles a razão, como terceira parte da alma, colocada como que numa cidadela para moderá-las, de forma que, com a razão comandando e a libido e a ira obedecendo, se possa conservar a justiça no ser humano, em todas as partes da alma.

Essas duas partes, que eles reconhecem que são viciosas mesmo na pessoa sábia e moderada, têm que ser dominadas e contidas pelo freio da razão, para serem conduzidas e dirigidas, dos objetos para os quais indevidamente tendem, para os que a lei da sabedoria autoriza: a ira, para o exercício duma justa repressão e a volúpia (*libido*), para a propagação da prole.

Mas, eu digo, estas partes não eram viciosas no Paraíso antes do pecado, por que a nada conduziam de contrário à reta vontade e nem a razão tinha, a bem dizer, um freio, para desviá-las. Se agora se movem desta maneira, se com repressões e com freios são dominadas com mais ou menos facilidade pelos que vivem na temperança, na justiça e na piedade, não constitui isso saúde que provenha da natureza, mas enfermidade que provém da culpa.

Mas se, na realidade, a vergonha não tapa as obras da ira e de outras paixões em palavras e atos, como procura tapar os efeitos da paixão libidinosa que aparecem nos órgãos genitais, por que será, se não é por que, nestas paixões, a ação dos membros não depende de-

las, mas da vontade, quando esta lhes dá o seu consentimento, por que ela comanda totalmente a sua atividade?

Efetivamente, aquele que, irado, grita ou fere, não poderia fazê-lo se a língua ou a mão não se movesse sob o impulso da vontade que, de certo modo, comanda. Esses órgãos, mesmo fora da ira, são movidos pela vontade. Pelo contrário a volúpia (*libido*) mantém tão submetidas ao seu império as partes genitais do corpo, que estas só sob a sua ação é que podem se mover, quer a excitem, quer ela surja espontaneamente.

É isto o que causa vergonha. É isto que, corando perante os olhares dos espectadores, se procura evitar. O ser humano suporta mais facilmente uma multidão de espectadores, quando injustificadamente se irrita contra outro ser humano, do que o olhar de um só, quando, mesmo licitamente se une à sua mulher.

CAPÍTULO XX

Acerca da absurda torpeza dos cínicos.

Não terão compreendido isto os filósofos «caninos», isto é, os cínicos⁶⁷⁰ quando divulgaram, contra o pudor humano, uma doutrina realmente canina, isto é, imunda e impudente?

⁶⁷⁰ A escola cínica teve por fundador Antístenes, discípulo de Sócrates. O seu principal Corifeu foi, porém, Diógenes. Seguiam e ensinavam um ideal de simplicidade, carência de necessidades, liberdade interior e regresso à natureza e professavam o mais puro monoteísmo devido, porém, a certas extravagâncias.

Dizem eles: já que é lícito o que se faz com a esposa, não haja vergonha de fazê-lo às claras, nem há que evitá-lo na rua ou na praça. O pudor natural levou, porém, de vencida esta errônea opinião. Embora se diga que Diógenes por jactância o fez, julgando que assim a sua seita se tornaria mais célebre se fixasse na memória das pessoas a sua mais notável impudicácia, posteriormente os cínicos deixaram-se disso.

Teve mais força o pudor para envergonhar as pessoas diante das pessoas do que o erro para convencer as pessoas a pretenderem ser semelhantes aos cães. Sou mesmo de opinião de que ele ou os seus discípulos, a quem se atribui esta ignomínia, imitaram antes, aos olhos das pessoas que ignoravam o que se passava debaixo do manto, os movimentos dos que estão mantendo relações sexuais, mas não foram capazes de realizar essa ignomínia sob os olhares reprovadores das pessoas.

Não se envergonhavam, pois, os filósofos de aparentar o desejo de realizarem o ato sexual precisamente quando o próprio desejo sexual (*libido*) se envergonhava de se manifestar.

gâncias em que caíram e à mordacidade da sua linguagem, começaram a ser conhecidos por cínicos (caninos), pois que «ladravam» como cães (*xuiov*).

Sabemos que ainda agora há filósofos cínicos e uns envolvem-se num manto, outros trazem também uma clava⁶⁷¹. Todavia, nenhum deles se atreve a fazer o que acima disse. Se se atrevessem seriam cobertos, não digo das pedras que lhes atirariam, mas com certeza da saliva dos que sobre eles cuspiriam. É que, sem sombra de dúvida, a natureza humana envergonha-se desta paixão. Pois a desobediência, que submete apenas aos seus movimentos os órgãos genitais do corpo e os subtrai do poder da vontade mostra, bem qual foi a retribuição daquela primeira desobediência do ser humano. E isto devia manifestar-se principalmente naquela parte por onde se propaga a própria natureza, que se mudou para pior com o dito primeiro e grande pecado. Da sua vinculação ninguém escapa, a não ser que, com a graça de Deus, se expie em cada um o que foi cometido para perdição comum, quando em um só éramos, mas que a justiça de Deus já vingou.

⁶⁷¹ Os cínicos carregavam uma clava, em homenagem a Hércules, que era a divindade de sua predileção, como símbolo de coragem e de força. (Ver Santo Agostinho, *Contra os Acadêmicos*, Livro III, Cap. 17). (Nota da edição em francês)

CAPÍTULO XXI

Bênção da fecunda multiplicação humana, concedida antes do pecado. O pecado não a aboliu, mas acresceu-lhe a doença da paixão.

Está muito longe de nós o pensamento de que aqueles esposos colocados no Paraíso teriam de realizar, mediante esta paixão libidinosa (*libido*), de que viriam a envergonhar-se tapando as regiões pudendas, aquilo que Deus prometeu na sua bênção: *Crescei, multiplicai-vos e enchei a terra*⁶⁷².

É que, de fato, foi depois do pecado que esta paixão nasceu. Foi depois do pecado que a natureza, sem perder o pudor, mas perdendo o poder a que o corpo obedecia em todas as suas partes, a sentiu, lhe prestou atenção, dela se envergonhou e se tapou. Mas a bênção das núpcias para que os casados crescessem, se multiplicassem e enchessem a Terra foi mantida mesmo nos delinquentes. Todavia, foi concedida antes de delinquirem, para que se ficasse a saber que a procriação dos filhos pertencia à glória do casamento e não ao castigo do pecado. Mas agora, os seres humanos, ignorando certamente a felicidade que existiu no Paraíso, julgam que só puderam gerar filhos mediante aquilo que agora experimentam, isto é, mediante a concupiscência (*libido*), de que, como notamos, a própria honestidade do casamento se envergonha.

⁶⁷² *Crescite et multiplicamini et replete terram.* Gcn., I, 28.

Outros há que não aceitam e com deslealdade mofam das Sagradas Escrituras⁶⁷³, onde se lê que, depois do pecado, se enverganharam da sua nudez e taparam as regiões pudendas. Outros ainda, embora as aceitem e respeitem, têm dito: *Crescei e multiplicai-vos*⁶⁷⁴, como não significativo da fecundidade carnal, por que também da alma se diz algo semelhante: *Multiplicar-me-ás na minha alma na virtude*⁶⁷⁵ e, no que se segue no Gênesis: *Enchei a terra e dominai-a*⁶⁷⁶, entendem eles por terra a carne que a alma enche da sua presença e domina, principalmente quando é fecunda em virtudes.

Mas os frutos carnais não poderiam nascer, como agora também não podem, sem a volúpia (*libido*) que apareceu depois do pecado, se fez notar, se sentiu confundida e se ocultou. Esses frutos não poderiam ter existido no Paraíso, mas fora dele, como aconteceu.

Efetivamente, foi depois de terem sido expulsos de lá que os primeiros seres humanos se uniram para gerarem filhos e os criarem.

⁶⁷³ Alusão aos maniqueístas que rejeitavam o Antigo Testamento, como nos assegura positivamente Santo Agostinho em seu tratado *A Utilidade da Fé*, cap. 4 e outros. (Nota da edição em francês).

⁶⁷⁴ *Crescite et multiplicamini*. Ib.

⁶⁷⁵ *Multiplicabis me in anima mea in virtute*. Salmo CXXXVII, 4.

⁶⁷⁶ *Et implete Terram et dominamini ejus*. Gen., I, 28.

CAPÍTULO XXII

Acerca da união conjugal desde as origens instituída e abençoada por Deus.

Nós é que não temos a menor dúvida de que, conforme a bênção de Deus, «crescer, multiplicar-se e encher a Terra» é um dom das núpcias que Deus instituiu desde o princípio, antes do pecado humano, quando os criou homem e mulher; diferença de sexo que ficou bem patente na carne.

Efetivamente, foi logo após esta obra de Deus que se seguiu a sua bênção. Na verdade, quando a Escritura disse: *Fê-los homem e mulher*⁶⁷⁷, acrescentou imediatamente: *E Deus abençoou-os dizendo: Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e dominai-a.*⁶⁷⁸.

Tudo isto se poderia reportar sem inconveniente a um sentido espiritual, mas as palavras «homem» (*masculus*) e «mulher» (*femina*) não se podem entender como qualquer coisa de semelhante a um só homem, como se nele uma fosse a parte que comanda e a outra a que é comandada.

Mostra-se com toda a evidência que foram criados «homem» e «mulher», com corpos de sexo diferente para que, gerando filhos,

⁶⁷⁷ *Masculum et feminam fecit eos.* Gen., I, 27.

⁶⁷⁸ *Et benedixit eos Deus dicetis: Crescite et multiplicamini et implete tenam dominammi ejus, et cetera.* Gen., I, 27-28.

«crescessem, se multiplicassem e enchessem a Terra»; negá-lo seria um grande absurdo.

Não é de um espírito que comanda nem de uma carne que obedece que se trata; nem de uma alma racional que governa e de um desejo irracional que é governado; nem de uma virtude contemplativa que domina e de uma virtude ativa que se submete; nem do intelecto da mente e do sentido do corpo; trata-se sim e bem claramente, do vínculo conjugal pelo qual os dois sexos se unem um ao outro e a propósito do qual o Senhor foi interrogado se era permitido repudiar a mulher por qualquer causa, pois que Moisés, por causa da dureza de coração dos Israelitas, permitiu que se passasse um bilhete (*libellus*) de repúdio.

Mas ele respondeu:

*Não lestes que, quem no princípio os fez, homem e mulher os fez e disse: Por causa disso deixará o homem pai e mãe e unir-se-á à sua esposa e serão dois numa só carne? É que já não são dois, mas uma só carne. Pois então não separe o homem o que Deus uniu*⁶⁷⁹.

É, portanto, certo que eles foram instituídos «homem e mulher» desde o princípio, como vemos e reconhecemos agora os seres humanos em dois sexos diferenciados. E quando se diz que são um só, isso se diz por causa da sua união ou então por causa da origem

⁶⁷⁹ *Non legistis quia, qui fecit ab initio, masculum et feminam, fecit eos et dixit: Propter hoc dimittet homo patrem et matrem et adhaerebit uxori suae, et erunt duo in carne una? Itaque jam non sunt duo sed una caro. Quod ergo Dens conjunxit, homo non separet.* Mat., XIX, 4-6.

da mulher criada do «lado» do «homem» (*masculus*). Por isto o Apóstolo, devido a este primeiro exemplo que o próprio Deus propôs, exorta cada um em particular a que os varões amem as suas esposas.

CAPÍTULO XXIII

Teria havido procriação no Paraíso mesmo se ninguém tivesse pecado? Teria lá a ordem da castidade lutado contra o ardor libidinoso?

Quem disser que não se poderiam unir nem procriar se não tivessem pecado, que mais diz se não é que o pecado foi necessário para aumentar o número dos santos?

Com efeito, se tivessem ficado sós por não terem pecado (pois que, como julgam, sem o pecado não podiam procriar), com certeza que, para haver, não apenas dois juntos, mas uma multidão, o pecado foi necessário. Se isto é um absurdo, deve-se antes pensar que o número dos santos necessário para encher a cidade bem-aventurada teria sido tão grande, se ninguém tivesse pecado, como o é agora que a graça de Deus o colhe na multidão dos pecadores, enquanto os filhos deste século vão procriando e sendo procriados.

Por isso, as núpcias dignas da felicidade do Paraíso, se não tivesse havido o pecado, teriam gerado filhos dignos de amor e não teriam vergonha da volúpia (*libido*). Mas, como poderia isso acontecer, não é possível mostrá-lo agora com um exemplo. Não deve, to-

davia, parecer incrível que só este órgão teria podia obedecer sem a volúpia à vontade, à qual tantos órgãos obedecem agora.

Nós não movemos as mãos e os pés quando queremos, para os atos que se devem realizar com estes membros, Sem qualquer resistência, com tão grande facilidade como que nós admiramos tanto em nós como nos outros, principalmente nos artifícies de qualquer trabalho corporal em que a mais ágil perícia auxilia a natureza mais tarda e mais débil? E não poderemos crer que, para a obra da geração dos filhos, se não houvesse volúpia (que é o preço do pecado da desobediência), estes órgãos, tais como os outros, poderiam obedecer à pessoa a um sinal da vontade?

Ao tratar da diferença de governos no seu livro **De republica** (Da República) e ao utilizar uma imagem da natureza humana, não disse Cícero que se dão ordens aos membros do corpo como, devido à sua facilidade em obedecer, se dão ordens às crianças, mas que as partes viciosas da alma, essas devem ser constrangidas como escravos a uma sujeição mais dura?

Na ordem natural a alma sobrepõe-se ao corpo; todavia, a alma tem mais fácil domínio sobre o corpo do que sobre si própria. Todavia, esta paixão libidinosa, de que agora estamos a tratar, excita a vergonha tanto mais quanto mais o espírito nem se mostra capaz de a si próprio dominar eficazmente para não se deixar deleitar inteiramente nessa paixão, nem sobre o corpo tem pleno domínio para que

seja precisamente a vontade (e não a paixão) a excitar as regiões vergonhosas; se assim fosse já não seriam vergonhosas.

O que agora é vergonhoso para a alma é a resistência que lhe opõe o corpo que, por sua natureza inferior, lhe está submetido. Quando, nas outras paixões, ele a si próprio resiste, fica menos sujeito à vergonha porque, quando é por si vencido, a si próprio vence. É certo que desordenada e viciosamente, já que a vitória vem das partes que devem estar submetidas à razão. Mas no fim de contas são partes suas e por isso, como disse, é por si próprio vencido.

Quando o espírito se vence ordenadamente, submetendo os movimentos irracionais à mente e a razão, contanto que, também esta, esteja submetida a Deus, então tudo é louvável e virtuoso. Mas o espírito envergonha-se menos quando a si não obedecem as suas partes viciosas do que quando o corpo — dele distinto e a ele inferior e que, por natureza, sem ele não era capaz de viver — não cede à sua vontade e aos seus comandos.

Mas quando o comando da vontade retém os outros membros, sem os quais os excitados contra essa vontade pela paixão libidinosa não podem alcançar o que desejam, guarda-se a castidade e não desaparece, embora não permitido, o prazer do pecado. No Paraíso, as núpcias não teriam esta oposição, esta repugnância, esta luta entre a vontade e a libido ou, pelo menos, esta deficiência da libido ao apelo da vontade, se a desobediência culpável não provocasse o castigo

duma desobediência; esses membros obedeceriam, como todos os outros, à vontade. E, desta forma, o órgão para isso criado semearia o campo da geração como agora a mão humana semeia a terra.

O pudor impede-nos, mesmo que o quiséssemos, de tratar desta questão com mais cuidado e obriga-nos, por respeito aos ouvidos castos, a pedir escusa. Mas então nenhum motivo havia para tal e poder-se-ia falar livremente de tudo o que diz respeito a estes órgãos sem qualquer receio de obscenidade. Não haveria mesmo palavras que pudessem qualificar-se de obscenas, mas tudo o que a este respeito se dissesse seria tão decente como se se tratasse de outras partes do corpo.

Quem quer que seja, portanto, que acolher estas palavras com impudica disposição, acuse-se a si próprio e não à natureza; condene a indecência dos seus atos e não as palavras de que temos necessidade. Um leitor ou ouvinte pudico e religioso me perdoa tais palavras facilmente quando refuto a infidelidade baseando a minha argumentação, não em crenças sem fundamento, mas na experiência dos sentidos. Lerá isto sem se escandalizar aquele que não receia ouvir o Apóstolo condenar o crime abominável das mulheres que *trocaram um uso natural por outro que é contra a natureza*⁶⁸⁰, tanto mais que, por agora, não mencionamos nem condenamos, como ele, uma obs-

⁶⁸⁰ *inmutaverunt naturalem usum in eum usum, qui est contra naturam.* Rom., I, 26.

cenidade condenável, mas ao explicarmos, o melhor que nos foi possível, os efeitos da procriação humana, evitamos, como ele, as frases obscenas.

CAPÍTULO XXIV

Se os humanos se tivessem conservado inocentes no Paraíso e com o mérito da obediência, teriam utilizado os órgãos genitais na procriação dos filhos como os demais órgãos, ao arbítrio da vontade.

Por conseguinte, o varão semearia e a mulher receberia a prole, sendo os órgãos genitais movidos, quando e como fosse necessário, sob o impulso da vontade e não pela excitação libidinosa.

Efetivamente, nós movemos à vontade não somente os membros constituídos por ossos compactos — como os pés, as mãos, os dedos — mas também os que são flácidos, constituídos por carnes e nervos.

Quando queremos, movemo-los, agitando-os; alongamo-los, estendendo-os; encolhemo-los, dobrando-os; endurecemo-los, contraindo-os; tal qual como a vontade move, na medida em que lhe é possível, os que estão na boca e na face. Por fim, os próprios pulmões, de todas as vísceras as mais moles a não ser a medula, encerrados por isso na cavidade do peito, obedecem como os foles das forjas ou dos órgãos, para aspirarem ou expirarem o ar, emitirem ou

modelarem a voz à vontade do que sopra ou respira, fala, grita ou canta.

Não refiro a faculdade natural que alguns animais têm de mexer a pele de que está revestido todo o seu corpo só no lugar em que sentem alguma coisa que têm que repelir e pelo tremor da pele afugentam as moscas que nela pousam e até os espinhos que nela se espetam. Só porque o ser humano não tem este poder, será que o Criador não o poderia conceder aos animais como lhe aprouvesse?

Da mesma maneira pôde, portanto, também o ser humano manter nos seus membros inferiores a obediência que tinha perdido pela sua desobediência. Nem, na verdade, era difícil para Deus criá-lo de tal forma que, o que agora na sua carne é movido pela paixão libidinosa fosse então movido pela sua vontade.

Conhecemos, de fato, certas pessoas que têm uma constituição muito diferente da dos outros e admirável pela sua raridade. Fazem à vontade, com o seu corpo, atos que os outros não podem fazer, sendo difícil, àqueles que deles ouvem falar neles, acreditarem. Há os que mexem as orelhas, quer uma de cada vez quer as duas ao mesmo tempo. Outros, sem mexerem a cabeça, puxam toda a cabeleira para a frente ou levam-na para trás quando lhes apetece. Alguns, depois de terem engolido, da mais incrível forma, as coisas mais variadas, com uma ligeira contração do estômago retiram-nas intactas a seu bel-prazer como se fosse dum saco. Há outros que imitam e reprodu-

zem tão bem as vozes das aves, dos animais e de várias pessoas que, se não fossem vistos, deles se não distinguiriam. Alguns emitem por baixo, sem a menor ponta de fedor, sons tão cadenciados que até parece que cantam por essa parte. Eu próprio vi um homem que suava quando lhe apetecia. E sabe-se que alguns choram, chegando a derramar abundantes lágrimas, quando querem.

Ainda muito mais incrível é o fato a que recentemente assistiram alguns irmãos: houve, numa paróquia da Igreja de Calama, um certo presbítero chamado Restituto que, quando queria, (e a pedido dos que desejavam presenciar essa maravilha) perante os fingidos prantos de qualquer pessoa, perdia os sentidos e ficava de tal maneira semelhante a um morto, que, se o picassem, nada sentiria e, às vezes, só sentia as dores de uma queimadura depois, na ferida. O seu corpo ficava imóvel, não devido à resistência que opunha, mas devido à insensibilidade, como se verificava num morto, pela falta de respiração. Mas, contava ele depois, se falassem com clareza, ouvia, como que ao longe, as vozes humanas.

Pois, se ainda agora, levando uma vida tão cheia de misérias na carne corruptível, tão maravilhosamente o corpo obedece à vontade em alguns e muitos movimentos e impulsos fora do comum, por que motivo não havemos de crer que, antes do pecado da desobediência e do castigo da corruptibilidade, podiam os membros humanos estar

submetidos à vontade humana para, sem resquícios da libido, propagar a prole?

O ser humano foi a si mesmo abandonado porque abandonou Deus e em si mesmo pôs as suas complacências. Recusa-se a obedecer a Deus e, por isso, não pode a si próprio obedecer. Daí a sua mais evidente desgraça: o ser humano já não vive como quer. Julgar-se-ia feliz se vivesse como quer. Mas nem isso seria, se vivesse vergonhosamente.

CAPÍTULO XXV

A verdadeira felicidade não é alcançada na vida temporal.

Mas, se pensarmos bem, ninguém, a não ser a pessoa feliz, vive como quer. E ninguém é feliz a não ser o justo.

Mas, mesmo o justo não vive como quer, enquanto não chegar aonde não se possa morrer, nem errar, nem sofrer e lhe esteja assegurado que sempre assim será. É isto o que a natureza deseja e ela só será plena e perfeitamente feliz, se obtiver o que deseja.

Mas, presentemente, qual é a pessoa que pode viver como quer, quando o próprio viver não está no seu poder? Quer, realmente, viver e é coagido a morrer. Como vive então como quer quem não vive enquanto quer? E, se quiser morrer, como pode viver como quer quem viver não quer? E, se quiser morrer, não porque não queira viver, mas para viver melhor depois da morte, então ainda não vive

como quer, mas viverá como quer quando, pela morte, chegar ao que quer.

Mas vá! Que viva como quer, por que se violentou e a si mesmo impôs não querer o que não pode e querer o que pode, seguindo o preceito de Terêncio, que diz: *Pois, se não podes fazer o que queres, procura querer o que possas*⁶⁸¹. Acaso será feliz porque pacientemente é infeliz?

Vida feliz, se não se ama, não se tem. Mas se se ama e se tem a vida feliz, necessariamente que se ama, acima de tudo o mais, a vida feliz, por que é por causa dela que se tem de amar tudo o que se ama. Mas se se ama a vida tanto quanto ela é digna de ser amada (pois não é feliz quem não ama a vida feliz como ela é digna de ser amada), é impossível que quem assim a ama a não deseje eterna.

Portanto, a vida, quando for eterna, então é que será feliz.

CAPÍTULO XXVI

Devemos crer que a felicidade dos que viviam no Paraíso podia realizar o dever de procriar sem a vergonha do desejo.

O ser humano vivia, portanto, no Paraíso, como queria, enquanto queria o que Deus ordenara. Vivia desfrutando de Deus, de cujo bem era feita a sua bondade. Vivia sem qualquer privação, estando em seu poder viver sempre assim. Havia alimento para que não

⁶⁸¹ *Quoniam non potest id fieri quod vis id velis quod possis.* Terêncio, *Andria*, II, 1, 305.

passasse fome, havia bebida para que não passasse sede, havia a árvore da vida para que a velhice não o dissolvesse. Nenhuma corrupção no corpo ou do corpo procedente produzia doença alguma aos seus sentidos. Nenhuma doença interna, nenhum acidente exterior havia a temer. Na carne, a saúde plena; na alma, a total tranquilidade.

No Paraíso, assim como não havia calor nem frio, assim também, quem lá morava estava livre de qualquer atentado que o desejo ou o medo causassem à sua boa vontade.

Nenhuma tristeza, nenhuma vã alegria havia lá. Perpetuava-se, vinda de Deus, uma alegria verdadeira em que ardia *uma caridade nascida de um coração puro, de uma consciência reta e de uma fé sincera*⁶⁸².

Havia também uma sociedade sincera dos cônjuges entre si garantida pelo amor honesto, a alma e o corpo levavam uma vida de mútua concórdia e o mandamento era observado sem esforço. O tédio não molestava o ocioso e nem contra a vontade se era molestado pelo sono.

Estamos muito longe de pensar que, em tão grande abundância de bens e em tal felicidade humana, a prole não podia ser gerada sem a morbidez libidinosa. Pelo contrário, os membros genitais obedeciam ao arbítrio da vontade tal como os demais e o marido ter-se-ia

⁶⁸² *Caritas de corde puro et conscientia bom et fide non ficta.* I Timót., I, 5.

introduzido nas entranhas da esposa sem o aguilhão arrebatador da paixão libidinosa, na tranquilidade da alma e sem corrupção alguma da integridade do corpo.

Embora isto não se possa demonstrar pela experiência, não é caso para não se crer, pois estas partes do corpo não seriam excitadas por um sobressaltado ardor, mas utilizadas conforme as necessidades, por um poder que a si mesmo se domina (*spontanea potestas*). E então poderia assim o sêmen viril penetrar no útero da esposa mantendo-se a integridade do órgão genital feminino, tal como presentemente o fluxo do sangue menstrual pode sair do útero de uma virgem sem prejuízo para a sua integridade. De fato, é pela mesma via que um se introduz e o outro sai.

No parto as entranhas da mulher dilatar-se-iam, não com os gemidos da dor, mas com o impulso da maturidade. Do mesmo modo, para fecundar e para conceber não seria o apetite libidinoso, mas o uso voluntário que uniria as duas naturezas.

Falamos de assuntos que agora causam vergonha e, por isso, embora procuremos conceber o que poderiam ter sido antes de causarem vergonha, todavia, é mais conveniente que esta nossa exposição se refreie pelo pudor que nos retrai, do que seja ajudada pela nossa débil eloquência.

Nem mesmo os que poderiam experimentá-lo, experimentaram o que estou a dizer (por que, tendo-se antecipado o pecado, merece-

ram o exílio do Paraíso antes de se unirem em tranquilo arbítrio na obra da propagação).

Como é que, então, um tal assunto poderia sugerir aos nossos sentidos humanos outra coisa que não seja o exercício duma turbulenta paixão, em vez do exercício de uma tranquila vontade? Daí que o pudor impeça quem fala, embora não faltem argumentos a quem pensa.

Porém, a Deus onipotente — Criador supremo e supremamente bom de todas as naturezas, que ajuda a recompensar as boas vontades, que abandona e condena as más vontades, que ordena umas e outras — não faltou plano para tirar eleitos mesmo do gênero humano condenado, para preencher o número, fixado na sua sabedoria, dos cidadãos da sua cidade. Distingue-os dos outros pela sua graça e não pelos seus méritos — já que toda a massa estava condenada na sua raiz corrompida — mostrando não só aos libertados de si próprios, mas também aos não libertados, que graças lhes dispensava.

Bem sabe cada um que não é por seus méritos, mas por gratuita bondade que se é arrancado do mal, quando se vê desembaraçado da sociedade humana, de cujo justo castigo deveria partilhar.

Porque é que não haveria Deus de criar aqueles que previu viriam a pecar, se, na verdade, neles e por eles podia mostrar não só o que é que merecia a sua culpa, mas também o que é que lhes concederia a sua graça e, ainda que, sob tal criador e ordenador, a perversa

desordem dos delinquentes não seria capaz de perturbar a reta ordem das coisas?

CAPÍTULO XXVII

Dos anjos e dos pecadores, cuja perversidade não pode perturbar a ordem providencial.

Por conseguinte, os pecadores, sejam eles anjos sejam humanos, nada podem fazer que impeça *as grandes obras do Senhor, procuradas em todas as suas vontades*⁶⁸³, por que Aquele que providente e onipotentemente distribui para cada um o que a cada um convém, sabe muito bem utilizar-se dos bons e dos maus.

E por isso, depois de, em castigo pela sua primeira vontade má, o anjo mau ter sido condenado e de tal forma endurecido a ponto de, para o futuro, já não poder ter vontade boa, por que é que Deus não havia de ter dele feito bom uso permitindo que o primeiro ser humano, criado reto, isto é, com vontade boa, fosse por ele tentado?

Este homem tinha sido, efetivamente, criado de tal modo que, se confiasse na ajuda de Deus, mantendo-se bom, venceria o mau anjo, mas, abandonando Deus, seu criador e a sua ajuda, devido a uma orgulhosa complacência em si mesmo, seria vencido. Seria digno de recompensa, se conservasse reta a sua boa vontade, com a ajuda de Deus e de castigo, se abandonasse Deus com vontade perversa.

⁶⁸³ *Magna opera Domini, exquisita in omnes voluntates ejus.* Salmo CX, 2.

Embora não pudesse confiar na ajuda de Deus, sem essa mesma ajuda, nem por isso perdia a faculdade de renunciar aos benefícios da graça divina, pondo em si mesmo as suas complacências.

De fato, assim como não está no nosso poder viver nesta carne sem o apoio dos alimentos, mas está no nosso poder nela não viver, já que é o que fazem os que a si próprios se matam, assim também não estava no poder do ser humano viver bem, mesmo no Paraíso, sem a ajuda de Deus. Mas estava em seu poder viver mal, perdendo a felicidade e incorrendo no mais justo dos castigos.

Mas, conquanto Deus não desconhecesse a futura queda do ser humano, por que teria de impedir que o ser humano fosse tentado pela malícia do anjo mau? É que, realmente, sem de modo algum duvidar de que o ser humano seria vencido, previu também que a posteridade do ser humano, sustentada pela sua graça, triunfaría do próprio Diabo, para maior glória dos santos.

E assim aconteceu. Nenhum futuro está oculto a Deus, nem Este força, com a sua presciênciа, ninguém a pecar e mostra, pela experiência posterior, às criaturas racionais (angélicas e humanas) quanto difere, a presunção própria de cada um, da proteção de Deus.

Quem se atreve a pensar ou a afirmar que não estava no poder de Deus impedir a queda do anjo e do ser humano? Ele preferiu, todavia, não lhes retirar esse poder e demonstrar assim de quanto mal era capaz a soberba deles e de quanto bem era capaz a sua graça.

CAPÍTULO XXVIII

Propriedades das duas Cidades, a Terrestre e a Celeste.

Dois amores fizeram as duas cidades: o amor a si, até ao desprezo de Deus, a terrestre; o amor a Deus, até ao desprezo de si, a celeste.

Aquela glorifica-se em si própria, esta no Senhor; aquela solicta dos humanos a glória e a maior glória desta consiste em ter Deus como testemunha da sua consciência; aquela, na sua glória levanta a cabeça e esta diz ao seu Deus: *Tu és a minha glória, tu levantas a minha cabeça*⁶⁸⁴; aquela, nos seus príncipes ou nas nações que subjuga, é dominada pela paixão de dominar e nesta servem mutuamente na caridade: os chefes dirigindo, os súditos obedecendo; aquela ama a sua própria força nos seus potentados e esta diz ao seu Deus: *Amar-te-ei, Senhor, minha fortaleza*⁶⁸⁵.

Por isso, naquela, os sábios vivem como ao ser humano apraz ao procurarem os bens do corpo, ou da alma, ou dos dois e os que puderam conhecer a Deus *não o glorificaram como Deus, nem lhe prestaram graças, mas perderam-se nos seus vãos pensamentos e obscureceram o seu coração insensato. Gabaram-se de serem sá-*

⁶⁸⁴ *Gloriam meam et exaltans caput meum.* Salmo III, 4.

⁶⁸⁵ *Diligam te, Domine, virtus mea.* Salmo XVII, 2.

*bios*⁶⁸⁶ (isto é, exaltando-se na sua sabedoria sob o império do orgulho) *tomaram-se loucos e substituíram a glória de Deus incorruptível por imagens representando o homem corruptível, aves, quadrúpedes e serpentes*⁶⁸⁷, (por que à adoração de tais ídolos conduziram os povos ou nisso os seguiram) *e veneraram e prestaram culto a criaturas em vez de ao Criador, que é bendito para sempre*⁶⁸⁸.

Mas nesta, só há uma sabedoria no ser humano: a piedade que presta ao verdadeiro Deus o culto que lhe é devido e que espera, como recompensa, na sociedade dos santos (tanto dos homens como dos anjos), *que Deus seja tudo em todos*⁶⁸⁹.

⁶⁸⁶ *Non ut Deum honoraverunt aut gratias egerunt, sed evanuerunt itt cogitationibus suis, et obscuratum est insipiens cor eorum; dicentes se esse sapientes.* Rom., I, 21-22.

⁶⁸⁷ *stulti facti sunt et immutaverunt gloriam incorruptibilis Dei, itt similitudi nem imaginis corruptibilis hominis et volucrum et quadrupedum et serpentium.* Rom., I, 23-24.

⁶⁸⁸ *et coluerunt atque servierunt creaturae potius quam Creatori, qui est benedictus in saecula.* Rom., I, 25.

⁶⁸⁹ *ut sit Deus omnia in omnibus.* I Corint., XV, 28.

Livro XV – Antes do dilúvio.

Depois de, nos quatro livros precedentes, ter tratado dos primórdios das duas cidades — Terrestre e Celeste — Agostinho acrescenta mais quatro acerca do seu desenvolvimento. Encaminha-se o seu propósito para o estudo dos principais capítulos da História Sagrada pertinentes ao mesmo assunto, comentando primeiramente, neste décimo quinto livro, o que no Gênesis se lê desde Abel e Caim até o Dilúvio.

CAPÍTULO I

Acerca das duas séries de gerações humanas que, desde a origem, tomam destinos diversos.

Acerca da felicidade do Paraíso, acerca do próprio paraíso, acerca da vida que aí viveram os primeiros seres humanos, acerca do seu pecado e do seu castigo, muitas coisas se pensaram, muitas coisas se disseram, muitas coisas se escreveram. Também nós, nos livros precedentes, tratamos, em conformidade com as Sagradas Escrituras, desses assuntos e, de acordo com a sua autoridade, expusemos o que tínhamos lido ou podido compreender.

Mas, se se examinarem mais profundamente estas questões, elas geram múltiplas e multímodas discussões que teriam de constar de mais livros do que os que permitem esta obra e o tempo de que dispomos, muito curto para nos demorarmos em todas as questões que as pessoas ociosas e meticulosas, mais dispostas a interrogar do que capazes de compreender, podem pôr. Acho, porém, que já me alonguei bastante acerca dos grandes e dificílimos problemas das

origens do Mundo, da alma e do próprio gênero humano, que separamos em dois grupos: o dos que vivem como ao ser humano apraz e o dos que vivem como apraz a Deus.

Em linguagem figurada chamamos-lhes também duas cidades, isto é, duas sociedades de pessoas, das quais uma está predestinada a reinar eternamente com Deus e a outra a sofrer um suplício eterno com o Diabo. Mas este é o fim delas; dele trataremos mais tarde. Mas por agora — pois que já disse o suficiente acerca dos seus começos, quer dos anjos, cujo número ignoramos, quer dos dois primeiros seres humanos — parece-me conveniente tratar do seu desenvolvimento, desde o dia em que os dois começaram a procriar até ao dia em que os seres humanos hão de deixar de procriar.

Efetivamente, todo esse tempo ou século durante o qual uns desaparecem, morrendo e outros aparecem, nascendo, é que constitui o desenvolvimento das duas cidades de que estamos falando.

Caim, o primeiro a nascer dos dois pais do gênero humano, pertence à cidade dos humanos e Abel, o segundo, pertence à cidade de Deus.

Assim como, num só ser humano, constatamos o que diz o Apóstolo: *O espiritual não é o que nasceu primeiro; primeiro nasceu o animal, depois o espiritual*⁶⁹⁰ (cada um saindo dum tronco condena-

⁶⁹⁰ *quia non primum quod spiritale est, sed quod animale postea spiritale.* I Corínt., XV, 46.

do, deve primeiro nascer de Adão, mau e carnal e se, renascendo em Cristo, progredir, tornar-se-á bom e espiritual), assim também é em todo o gênero humano: quando por nascimentos e mortes as duas cidades começaram a desenvolver-se, primeiro nasceu o cidadão deste século, em segundo lugar nasceu o estrangeiro neste século e membro da cidade de Deus, predestinado e eleito pela graça, peregrino cá em baixo pela graça e pela graça cidadão do Alto. Pelo que lhe respeita, ele nasce da mesma massa, toda ela condenada desde a origem; mas Deus, como um oleiro (esta comparação introduziu-a o Apóstolo, não com falta de respeito, mas bem a propósito), fez da mesma massa um vaso de honra e outro de ignomínia.

O vaso de ignomínia foi o primeiro a ser feito e depois o outro, o de honra, por que num só e mesmo ser humano, como já disse, está primeiro o que é reprovável, pelo qual devemos necessariamente começar, sem sermos obrigados a lá permanecer e em seguida está o que é louvável, aonde, avançando, chegaremos e, uma vez chegados, permaneceremos.

Consequentemente, nem todo ser humano mau será bom; mas ninguém será bom sem antes ter sido mau e quanto mais depressa se mudar para melhor, tanto mais depressa também se tornará notado o que adquiriu e substituirá o seu antigo nome pelo novo.

Está escrito que Caim fundou uma cidade; como peregrino que era, não a fundou, porém, Abel. É que a cidade dos santos é a do Al-

to, embora procrie cá cidadãos entre os quais ela vai peregrinando até que chegue o tempo do seu reino. Então ela reunirá a todos, ressuscitados nos seus corpos, dando-lhes o reino prometido onde reinarão para sempre com o seu Chefe, o Rei dos séculos.

CAPÍTULO II

Os filhos da carne e os filhos da promessa.

Uma sombra certamente, uma certa imagem profética desta cidade, mais sinal do que representação, viveu como escrava na Terra, no tempo em que era preciso que se manifestasse. E também ela se chamou Cidade Santa, pelo fato de ser imagem significativa e não por ser a expressão verdadeira da futura cidade.

Desta imagem da escrava e da cidade livre de que é a imagem, fala o Apóstolo nestes termos na epístola aos Gálatas:

Dizei-me: vós que vos quereis submeter à lei, não ouvistes a lei? Está, de fato, escrito que Abraão teve dois filhos — um da escrava e outro da mulher livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne e o da mulher livre segundo a promessa. Isto é uma alegoria. Representam elas as duas alianças: uma, vindia do Monte Sinai, gera para a servidão; é Agar, pois o Sinai é uma montanha da Arábia. Corresponde à Jerusalém atual que é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém do Alto é livre e é a nossa mãe. Está, na verdade, escrito « Alegra-te, estéril, tu que não tens filhos. Clama em gritos de alegria,

*tu que não conheces as dores do parto, por que os filhos da abandona-
nada são muito mais do que os da que tem marido». Mas nós, ir-
mãos, somos, como Isaac, filhos da promessa. Mas, assim como en-
tão o que nasceu segundo as leis da carne perseguiu o que nasceu
segundo o espírito, assim é também agora. Mas, que diz a Escritura?
«Expulsa a escrava e o filho, pois o filho da escrava não herdará
com o filho da mulher livre». Mas nós, irmãos, nós não somos filhos
da escrava, mas da mulher livre. Para que sejamos livres nos liber-
tou Cristo⁶⁹¹.*

Esta maneira de interpretar, fundada na autoridade apostólica, abre-nos o caminho da autêntica compreensão dos dois Testamentos de que fala a Escritura: o Antigo e o Novo Testamento.

Na verdade, uma parte da cidade terrestre tornou-se a imagem da cidade celeste, sem ser sinal de si própria mas da outra e por isso é que ela é escrava.

⁶⁹¹ Dicite mihi sub lege volentes esse, legem non audistis? Scriptum est enim, quod Abraham duos filios habuit, unum de ancilla et unum de libera. Sed ille quidem, qui de ancilla, secundum camem natus est; qui autem de libera, per repremissionem; quae sunt in allegoria. Haec enim sunt duo testamenta, unum quidem a monte Sina in servitutem generans, quod est Agar; Sina autem mons est in Arabia, quae conjuncta est huic quae nunc est Hierusalem; seruit enim cum filiis suis. Quae autem sursum est Hierusalem, libera est, quae est mater nostra. Scriptum est enim: Laetare sterilis, quae non paris, erumpere et exclama quae non parturis; quoniam multi filii desertae magis quam ejus quae habet virum. Nos autem, fratres, secundum Isaac promissionis filii sumus. Sed sicut tunc, qui secundum camem natus fuerat, persequebatur eum, qui secundum spiritum: ita et nunc. Sed quid dicit Scriptura? Eice ancillam et filium ejus; non enim heres erit filius ancillae cum filio liberae. Nos autem, fratres, non suntus ancillae filii, sed liberae, qua libertate Christus nos liberavit. Gál., IV, 21-31.

Pois não foi esta a razão da sua fundação, mas sim a de significar a outra, embora também a mesma cidade que prefigura tenha sido prefigurada por uma imagem anterior.

Agar, a escrava de Sara e seu filho são, com efeito, uma espécie de imagem desta imagem. E como as sombras se deviam dissipar ao surgir a luz, Sara, a livre — que significava a cidade livre e de quem Agar, essa sombra, era a escrava para significá-la de uma outra maneira — disse: *Expulsa a escrava e seu filho, por que o filho da escrava não herdará com meu filho Isaac*⁶⁹² ou, como diz o Apóstolo, *Com o filho da mulher livre*⁶⁹³.

Encontramos, portanto, duas partes na cidade terrestre: uma parte mostra-nos a sua própria presença e a outra presta o seu serviço de escrava para significar, com a sua presença, a cidade celeste.

A natureza viciada pelo pecado gera cidadãos da cidade terrestre, mas a graça, que liberta a natureza do pecado, gera cidadãos da cidade celeste. Donde se conclui que os primeiros se chamam «vasos de cólera» e os últimos «vasos de misericórdia».

É ainda o que está significado nos dois filhos de Abraão: um, o da escrava chamada Agar, nascido de modo natural (*secundum carnem natus*), é Ismael; o outro, o de Sara, mulher livre, nascido devido a uma promessa (*secundum repromotionem natus*), é Isaac.

⁶⁹² *Eice ancillam et filium ejus; non enim heres erit filius ancillae cum filio meo Isaac.* Gen., XXI, 10.

⁶⁹³ *cum filio liberae.* Gal., IV, 30.

Ambos são, sem dúvida, da semente de Abraão, mas a um gerou-o ele segundo o modo habitual da natureza e o outro resultou da promessa que significa a graça. Naquele mostra-se a maneira humana e neste evidencia-se o benefício divino.

CAPÍTULO III

Esterilidade de Sara que, pela graça de Deus, se tomou fecunda.

Sara era estéril e já sem esperança de descendência; mas desejava ter, pelo menos da sua escrava, o que via não poder ter de si mesma, pelo que a entregou a seu marido, de quem queria gerar, mas não pudera. Por isso exigiu dele o dever conjugal (*debitum*) usando do seu direito em ventre alheio. Nasceu, pois, Ismael, como nascem os seres humanos, da união de dois sexos, conforme a lei geral da natureza. Por isso se disse: *segundo a carne*⁶⁹⁴.

Não é que estes benefícios não sejam benefícios de Deus ou que não seja Deus, cuja Sabedoria é ativa, quem os realiza, como está escrito: *Alcança com vigor de um extremo ao outro e governa o Universo com suavidade*⁶⁹⁵, mas, para significar o dom gratuito de Deus e de modo nenhum devido aos humanos, foi preciso conceder um filho fora do curso ordinário da natureza.

⁶⁹⁴ secundum carnem. Gen., XVI, I-3.

⁶⁹⁵ adtingit a fine usque ad finem fortiter, et disponit ornna suaviter. Sabed. de Salomão, VIII, 1.

A natureza, de fato, nega filhos à união do homem e da mulher como a que podia haver entre Abraão e Sara já naquela idade, mas também quando a mulher é estéril e não pode gerar quando lhe falta, não idade para a fecundidade, mas fecundidade para a idade. O fato de se não dever à natureza, em tais circunstâncias, o fruto da posteridade, simboliza a natureza humana viciada pelo pecado, por ele justamente condenada a não merecer, para o futuro, felicidade alguma.

É, pois, justificadamente que Isaac, filho da promessa, representa os filhos da graça, cidadãos da cidade livre, participantes da paz eterna em que reina, não o amor da vontade própria e, de certo modo, privada, mas o amor que goza de um mesmo bem comum e imutável e que, de um grande número faz um só coração, isto é, em que reinam em perfeito acordo a obediência e a caridade.

CAPÍTULO IV

Das lutas ou da paz na Cidade Terrestre.

A cidade terrestre, que não será eterna (pois, uma vez condenada ao suplício final, já não será cidade), é cá na Terra que tem o seu bem, tomando parte na alegria que estas coisas podem proporcionar. E como não há bem que não cause apreensão aos que o amam, esta cidade acha-se, a maior parte das vezes, dividida contra si própria em litígios, guerras, lutas, em busca de vitórias mortíferas ou mesmo mortais.

A verdade é que, qualquer parte dela que provoque a guerra contra a outra, o que procura é ser senhora dos povos, quando afinal é ela que fica cativa dos vícios e se, quando sai vencedora, se exalta na sua soberba, a sua vitória é-lhe mortífera.

Mas se, refletindo sobre a sua condição e as vicissitudes comuns, se sente mais atormentada pela adversidade que lhe pode surgiç do que envaidecida pela prosperidade, a sua vitória é então apenas mortal, porque lhe será impossível manter o seu domínio sobre os que pôde subjugar com tal vitória.

Mas, não se pode dizer corretamente que as coisas que esta cidade ambiciona não são verdadeiramente boas, sendo certo que mesmo ela, dentro do seu gênero humano, ainda é melhor. Procura certa paz terrena em vez destas coisas ínfimas e é para obtê-la que ela faz guerra. Se vencer e não houver quem lhe resista, será a Paz que as partes adversas não tinham quando se batiam por bens que na sua desgraçada indigência não podiam possuir em conjunto. Esta é a paz procurada por guerras laboriosas; a paz que uma vitória, que se julga gloriosa, consegue!

Quando são vencedores os que lutam por uma causa mais justa, quem duvidará de que seja louvável uma tal vitória e desejável a paz que dela resulta? São bens e, não há dúvida, dons de Deus. Mas se, com desprezo dos bens melhores que pertencem à Cidade do Alto, em que a vitória se firmará numa paz eterna, soberana e segura, se

desejam esses bens até o ponto de considerá-los como os únicos bens verdadeiros e se os preferem aos bens considerados melhores, necessariamente que se seguirá a miséria agravando a que já havia.

CAPÍTULO V

Do primeiro fundador da Cidade Terrestre, o fraticida, a que corresponde na impiedade o fundador de Roma, assassino de seu irmão.

O primeiro fundador da cidade terrestre foi um fraticida; vencido pela inveja, matou seu irmão, cidadão da cidade eterna e peregrino nesta Terra.

Não é, pois, de admirar que, muito mais tarde, quando da fundação da cidade que viria a ser a cabeça desta cidade terrestre de que falamos e a reinar sobre tantos povos, se tenha produzido uma imagem deste primeiro exemplo, deste arquétipo (*ἀρχέτυπον*), como dizem os Gregos. Por que também lá, por um crime que um dos seus poetas recorda, *os primeiros muros encharcaram-se com o sangue fraternal*⁶⁹⁶.

Roma foi, na verdade, fundada no dia em que Remo foi morto por seu irmão Rômulo, como o atesta a história romana. Mas, neste caso, ambos eram cidadãos da cidade terrestre e ambos procuravam a glória fundando o Estado Romano, mas não podiam ambos ter tanta

⁶⁹⁶ *Fratemo primi maduerunt sanguine muri.* Lucano, *Farsália I*, 95.

glória como teriam se fosse um só. O que a queria encontrar no poder, menos poder teria, se o partilhasse com seu irmão vivo.

Para, portanto, deter todo o poder sozinho, suprimiu o seu companheiro e cresceu, com o crime, para pior, o que, com a inocência, teria sido um bem melhor, embora menor.

Os irmãos Caim e Abel não tinham ambos, pelos bens terrenos, uma paixão idêntica. Nem um teve do outro inveja, com receio de ver diminuído o seu poder se ambos dominassem (por que Abel não procurava dominar na cidade fundada pelo irmão), mas foi dominado por aquela diabólica inveja que leva os maus a invejarem os bons por nenhuma outra causa senão porque estes são bons e eles são maus.

A posse da bondade de maneira nenhuma se reduz com a chegada ou a permanência de um companheiro. Pelo contrário, a posse da bondade dilata-se tanto mais, quanto mais, em união de corações, a domina o amor de cada um que a possui. Enfim, ninguém terá esta posse se se recusar a possuí-la em comum. Encontrar-se-á uma posse tanto maior quanto mais se amar aquele que dela partilha.

O que surgiu entre Remo e Rômulo mostra pois, até que ponto a cidade da Terra se divide contra si mesma. Mas o que surgiu entre Caim e Abel demonstra as inimizades entre as duas cidades: a de Deus e a dos humanos. Lutam entre si os maus com os maus; da mesma forma lutam entre si os maus e os bons; mas os bons, se são, na verdade, perfeitos, não podem lutar entre si. Os que progridem,

mas sem serem ainda perfeitos, podem fazê-lo, mas da maneira como toda pessoa boa está em luta consigo mesma, por que em cada pessoa *a carne luta, com as suas apetências, contra o espírito e o espírito contra a carne*⁶⁹⁷.

Pode, portanto, o desejo espiritual de alguém travar combate contra os desejos carnais de outrem, os desejos carnais de alguém podem travar combate contra os desejos espirituais de outrem, como podem travar combate entre si os bons e os maus. Podem até os próprios desejos carnais de dois bons, mas ainda não perfeitos, travar combate entre si como entre si travam combate os bons e os maus, até que a saúde dos que estão em recuperação chegue à vitória final.

CAPÍTULO VI

Doenças de que, como pena pelo pecado, sofrem mesmo os cidadãos da Cidade de Deus durante a peregrinação nesta vida e das quais Deus os cura.

Com efeito, esta doença, ou esta desobediência de que falamos no livro décimo quarto, é o castigo pela primeira desobediência e, portanto, não é uma natureza, mas um vício dela. Por isso é que se diz aos bons que avançam e vivem da fé nesta peregrinação: *Transportai mutuamente os vossos fardos e cumprireis assim a lei de Cristo*.

⁶⁹⁷ *Caro concupiscit adversus spiritum et spiritus adversus carnem.* Gál., V , 17.

to⁶⁹⁸ e, da mesma forma, noutro lugar: Corrija os espíritos inquietos, consolai os pusilânimes, sustentai os débeis, sede pacientes para com todos, olhai que ninguém pague o mal com o mal⁶⁹⁹.

De igual modo, noutro ponto: *Se algum homem for surpreendido em falta, vós, que sois espirituais, recuperai-o com espírito de docura. Mas acautela-te e não sejas tu tentado⁷⁰⁰.*

E, noutro lugar: *Que o Sol não se esconda sobre a vossa cólera⁷⁰¹.*

E, no Evangelho: *Se o teu irmão contra ti pecar, repreenda-o a sós, tu e ele⁷⁰².*

E, da mesma maneira, a propósito dos pecados em que é de se recear o escândalo de muitos, diz o Apóstolo: *Reprenda os que pecam na presença de todos, para que todos tenham receio⁷⁰³.*

Por isso é que, acerca do perdão mútuo, existem muitas prescrições e se exige cuidado especial para se manter a paz sem a qual ninguém poderá ver a Deus. Daí esse terror que inspira a condenação do servo a pagar os dez mil talentos que já lhe tinham sido perdoados, porque ele mesmo não quis perdoar uma dívida de cem dinhei-

⁶⁹⁸ *In vicem onera vestra poríate, et sic adimplebitis legem Christi.* Gál., VI, 2.

⁶⁹⁹ *Corripite inquietos, consolamini pusillanimes, suscipite injirmos, patientes estote ad omnes; videte ne quis malum pro maio alicui reddit.* I Tessal., V, 14-15.

⁷⁰⁰ *Si praeoccupatus fuerit homo in aliquo delicto, vos, qui spirituales estis, instruite hujus modi in spiritu mansuetudinis, intendens te ipsum, ne et tu tempteris.* Gál., VI, 1.

⁷⁰¹ *Sol non occidat super iracundiam vestram.* Ef., IV, 26.

⁷⁰² *Si peccaverit in te frater tuus, corripe eum inter te et ipsum.* Mat., XVIII, 15.

⁷⁰³ *Peccantes coram omnibus argue, ut ceteri timorem habeant.* I Tim., V, 20.

ros a um seu companheiro. Depois de ter contado esta parábola, Jesus acrescentou: *Assim fará vosso Pai celeste para convosco, se cada um de vós não perdoar o seu irmão com todo o coração*⁷⁰⁴.

Deste modo são curados os cidadãos da Cidade de Deus que peregrinam nesta Terra e suspiram pela paz da pátria do Alto. É, porém, o Espírito Santo que opera por dentro para tornar eficaz o remédio aplicado de fora.

Ademais, embora o próprio Deus, valendo-se da criatura que lhe está sujeita, se dirija sob uma aparência humana aos sentidos humanos, quer aos do corpo, quer aos que temos semelhantes, nos sonhos, se não reger a inteligência e não atuar sobre ela por uma graça interior, de nada servirá à pessoa toda a pregação da verdade. É o que Ele faz separando os «Vasos da Cólica» dos «Vasos da Misericórdia», por uma distribuição muito oculta, mas justíssima, que só Ele conhece.

Sem dúvida que Deus nos ajuda de modos admiráveis e escondidos. Quando o pecado que habita nos nossos membros (ou antes a pena pelo pecado) já não reina no nosso corpo mortal para sujeitá-lo aos seus desejos, nem nós apresentamos os nossos membros como armas de iniquidade, conforme o preceito do Apóstolo, a pessoa, sob a direção de Deus, volta-se para o seu espírito, que, por sua vez, dei-

⁷⁰⁴ *Sic et vobis faciet Pater vester caelestis, si non dimiseritis unusquisque fratri suo de cordibus vestris.*
Mat., XVIII, 35.

xa de se comprazer em si para o mal, se manterá no sereno domínio de si mesmo e reinará sem pecado algum, na paz eterna, na saúde e na imortalidade perfeitas.

CAPÍTULO VII

Motivo do crime e obstinação de Caim que nem a palavra de Deus desviou do seu premeditado crime.

Mas que é que aproveitou a Caim o que, na medida em que nos foi possível, já expusemos? Deus falou-lhe como costumava falar aos primeiros seres humanos, por intermédio de uma criatura submissa, de uma forma conveniente, como companheiro. Não realizou ele o crime concebido de matar o irmão, mesmo depois da palavra de admoestação divina? Deus tinha distinguido os sacrifícios de ambos, olhando com agrado para os de um e com displicênciia para os do outro, o que, sem dúvida alguma, se pôde reconhecer por um sinal visível e atestador. E Deus procedeu assim por que as suas obras eram más e boas as do irmão.

Caim ficou muito triste e de aspecto abatido. Está, de fato, assim escrito: *E disse Deus a Caim: por que é que te entristeceste? Porque ficaste de rosto abatido? Se a tua oferenda é justa, mas não*

*a partilhaste justamente, será que pecaste? Sossega, ele voltará para ti e tu dominá-lo-ás*⁷⁰⁵.

Nesta admoestação, ou conselho que Deus deu a Caim, nas palavras *Se a tua oferta é justa, mas não a partilhaste justamente, será que pecaste?*⁷⁰⁶, por que não se vê o porquê nem a que propósito foram pronunciadas, a sua obscuridade tem provocado muitas interpretações, quando os comentadores das Sagradas Escrituras se esforçam por expô-las em conformidade com a regra da fé.

Um sacrifício é justo quando é oferecido ao verdadeiro Deus e único a quem é devido. Mas não se «divide justamente» se não se leva bem em conta os lugares, os tempos, as coisas que se oferecem, quem as oferece, a quem se oferecem, por quem se distribui como alimento o que se ofereceu. Por «divisão» temos que entender aqui: o que se oferece onde não convém ou o que não convém aqui, mas noutra parte; o que se oferece quando não convém ou o que não convém então, mas noutro tempo; o que se oferece e que nunca nem em parte alguma se devia oferecer; ou quando a pessoa reserva para si coisas melhores do que as que oferece a Deus; ou quando da oblação se faz participante um profano ou alguém que a ela não tem direito.

⁷⁰⁵ *Et dixit dominus ad Caim: Quare tristis factus es et quare concidit fácies tua? Nonne si recte offeras, recte autem non dividas, peccasti? Quiesce; ad te enim conversio ejus, et tu domimberis illius.* Gcn. IV, 6-7.

⁷⁰⁶ *nonne si recte offeras, recte autem non dividas, peccasti?* Ib.

Não é fácil descobrir em qual destes pontos desagradou Caim a Deus. Mas, por que o apóstolo João diz, quando fala dos seus irmãos: *Não como Caim, que estava do lado do maligno e matou seu irmão. E por causa de quê o matou? Por que eram más as suas obras e justas as de seu irmão*⁷⁰⁷, com isto se nos dá a entender que, se Deus se desvia das suas oferendas, é por que ele as partilhava mal, dando a Deus algo de seu, mas reservando-se para si a sua própria pessoa.

É o que fazem todos os que não procuram a vontade de Deus, mas a sua, isto é, vivendo, não com um coração reto, mas perverso e que, todavia, oferecem a Deus as suas oferendas, julgando que, por esta forma, compram os seus favores, não para curarem as suas depravadas paixões, mas para as satisfazerem.

Isto é próprio da cidade terrestre: venerar a Deus ou aos deuses para, com a sua ajuda, reinar nas vitórias e na paz terrestre, não pela caridade que se devota, mas pela paixão que domina. Por que os bons utilizam-se do mundo para desfrutarem de Deus; mas os maus, pelo contrário, para desfrutarem do mundo, querem utilizar-se de Deus.

Todavia, estes pelo menos já creem que Deus existe e que cuida das coisas humanas. Há os que são muito piores, os que nem mesmo nisto creem.

⁷⁰⁷ *Non sicut Caim ex maligno erat et occidit fratrem suum; et cuius rei gratia occidit? Quia opera illius maligna fuerunt, fratrius autem ejus justa.* João, III, 12.

Sabendo Caim que Deus tinha olhado com agrado para o sacrifício de seu irmão e não para o seu, devia arrepender-se e imitar seu bom irmão, em vez de, orgulhoso, invejá-lo. Mas entristeceu-se e ficou de rosto abatido. Este é o pecado que, sobremaneira, Deus repudia: a tristeza pela bondade de outrem, principalmente de um irmão. É isto o que lhe reprova ao perguntar-lhe: *Por que é que te entristeceste? Porque ficaste de rosto abatido?*⁷⁰⁸.

Deus via a inveja para com seu irmão e a reprovava. Para os humanos, para quem está escondido o coração dos outros, pode ser ambíguo e totalmente incerto se aquela tristeza era fruto da malícia com que conscientemente tinha desagradado a Deus ou da bondade de seu irmão, na qual Deus se comprazeu ao olhar para o seu sacrifício.

Mas, ao explicar por que tinha rejeitado a sua oferta, Deus mostrou-lhe que devia desgostar-se precisamente de si, em vez de se entristecer injustamente contra seu irmão, já que era injusto numa partilha injusta, isto é, por não viver retamente (o que o tornou indigno de ver que a sua oferta agradava); mais injusto ainda por que odiava sem motivo seu irmão, que era justo.

Contudo, não o deixa sem uma recomendação santa, justa e boa, dizendo: *Sossega; ele voltará para ti e tu o dominarás*⁷⁰⁹.

⁷⁰⁸ *Quare contristatus es, et quare concidit jacies tua?* Gen., IV, 6-7.

⁷⁰⁹ *Quiesce; ad te enim conversio ejus, et tu dominaberis illius.* Ib.

Trata-se do irmão? Nada disso. De quê, pois, senão do pecado? Efetivamente, foi depois de ter dito pecaste que Deus acrescenta *Sossega; ele voltará para ti e tu o dominarás*. Pode, realmente, ser assim entendido: esta conversão (volta) para o ser humano deve ser a conversão (volta) do pecado, de maneira que a pessoa saiba que a mais ninguém senão a si próprio deve atribuir o pecado. Este é que é o remédio salutar da penitência, este é que é o pedido oportuno do perdão — que nas palavras para ti a sua volta (*ad te enim conversio e-jus*) — não se subentende «será», mas «seja» à maneira de um preceito e não de uma predição. Por que cada um domina o seu pecado quando não se põe à sua frente, defendendo-o, mas a si o submete fazendo penitência. De outra forma, será escravo do seu domínio se lhe presta proteção quando o comete.

Mas o pecado também pode significar a própria concupiscência carnal de que fala o Apóstolo: *A carne tem desejos contrários ao espírito*⁷¹⁰ e entre os frutos da carne enumera a inveja que espicaçava Caim e o incitava à morte de seu irmão. Convém que se subentenda «será», ficando assim: «para ti será o seu regresso (*conversio*) e tu o dominarás».

Realmente, quando se perturba essa parte carnal a que o Apóstolo chama pecado ao dizer: *Não sou eu que o faço, mas o pecado*

⁷¹⁰ *Caro concupiscit adversus spiritum.* Gál., V, 17.

*que habita em mim*⁷¹¹ (parte da alma a que os filósofos chamam viciosa, porque não devia arrastar o espírito, mas submeter-se ao seu império e ser afastada, pela razão, das obras ilícitas) e quando perturbada, impele a alma ao cometimento de uma ação má, se se acalmar e obedecer à palavra do Apóstolo: *Não ofereçais os vossos membros ao pecado como instrumentos de iniquidade*⁷¹², ela volta, domada e vencida, para o espírito e submete-se à autoridade da razão.

Foi isto que Deus prescreveu ao que ardia nas chamas da inveja contra seu irmão e queria suprimir aquele que devia imitar. «Sossega», diz-lhe; retém a tua mão fora do crime; não reine o pecado no teu corpo mortal para te tornar dócil aos seus desejos; não ofereças ao pecado teus membros como instrumentos de iniquidade, por que «para ti será o seu regresso» se, em vez de largares as rédeas ao pecado, o refreares com a tua calma. E «então tu o dominarás», isto é, quando do exterior não se lhe permita agir, ele se acostuma, sob o poder do espírito que o dirige com benevolência, a já não se agitar interiormente.

No mesmo livro sagrado diz-se algo de semelhante da mulher quando, após o pecado, Deus, perguntando e julgando, proferiu as sentenças de condenação contra o demônio representado pela serpente, contra a mulher e contra o seu marido em suas próprias pessoas.

⁷¹¹ *Non ego operor diud, sed quod habitat in me peccatum.* Rom., VII, 17.

⁷¹² *Nec exhibueritis membra vestra arma iniquitatis peccato.* Rom., VI, 13.

Efetivamente, disse-lhe: *Multiplicarei as tuas tristezas e o teu gemitudo. Darás à luz com dores os teus filhos*⁷¹³ e a seguir acrescentou: *Voltarás para teu marido e ele te dominará*⁷¹⁴.

O que se disse a Caim acerca do pecado, ou acerca da concupiscência viciosa da carne, diz-se nesta passagem acerca da mulher que pecou; donde se deve entender que o varão para comandar sua mulher deve assemelhar-se ao espírito que comanda a carne. É por isso que o Apóstolo diz: *O que ama sua mulher a si próprio se ama, pois nunca ninguém à sua própria carne tem ódio*⁷¹⁵.

Devemos, pois, sanar estes males como sendo nossos e não os condenar como se alheios fossem. Mas Caim recebeu aquele preceito de Deus como prevaricador e, subjugado pela inveja, armou uma cilada e matou o irmão.

Tal foi o fundador da cidade terrestre. Deste modo figurou também os Judeus, por quem foi morto Cristo, pastor das ovelhas que são os seres humanos, que Abel, o pastor de ovelhas, que eram os animais, prefigurou. É uma alegoria profética de que me abstendo agora de falar. Recordo-me de dela ter falado contra o maniqueísta Fausto.

⁷¹³ *Multiplicans multiplicabo tristitias tuas et gemitum tuum et in tristitiis Pones filios.* Gen., III, 16.

⁷¹⁴ *Et ad virum tuum conversio tua, et ipse tui dominabitur.* Ib.

⁷¹⁵ *Qui diligit uxorem suam, se ipsum diligit; item enim umquam carnem suam odio habuit.* Efés., V, 28-29.

CAPÍTULO VIII

Qual seria a razão de por que, nos primórdios do gênero humano, Caim ter fundado uma cidade.

Parece-me que agora deve ser defendida a história. Não se vá julgar indigna de fé a Escritura que relata ter sido construída uma cidade por um só homem, no tempo em que, parece, não havia na terra mais que umas quatro pessoas, ou melhor, três, depois que o irmão matou o irmão, ou seja: o primeiro homem, pai de todos, o próprio Caim e seu Filho Henoc, do qual a cidade tomou o nome.

Mas aqueles a quem isto espanta mal reparam que o escritor desta história sagrada não tinha necessidade de enumerar todas as pessoas que então podia haver, mas apenas as que o plano do seu trabalho postulava. A intenção desse escritor, por intermédio do qual operava o Espírito Santo, foi chegar, por uma série determinada de gerações provenientes de um só homem, até Abraão e depois, por sua descendência, até ao povo de Deus. Neste, segregado dos demais povos, estariam prefiguradas e anunciadas todas as coisas futuras previstas pelo Espírito Santo acerca da cidade cujo reino será eterno, bem como acerca de Cristo seu fundador e seu rei. Mas não convinha deixar de falar da outra sociedade humana, a que nós chamamos «Cidade Terrestre»; pelo menos na medida em que era preciso evocá-la para que brilhe, por comparação com a sua adversária, a Cidade de Deus.

Quando a Sagrada Escritura menciona o número de anos que aquelas pessoas viveram, a propósito de cada uma conclui assim: «gerou filhos e filhas e o total dos dias vividos» por este ou por aquele «foi de» tantos anos e «depois morreu». Só por que não enumera os filhos e filhas temos nós que entender que, através de tantos anos corno os que se viviam naquela primeira fase deste século, não puderam nascer muitíssimas pessoas que, reunidas, fundariam inúmeras cidades?

Mas pertence a Deus, inspirador dessas narrativas, repartir e distinguir desde a origem as duas sociedades com as suas próprias gerações. De uma parte as dos humanos, isto é, dos que vivem como aos humanos apraz; doutra parte, as dos filhos de Deus, isto é, das pessoas que vivem como a Deus apraz.

Estas gerações a Escritura menciona até ao Dilúvio. E menciona então a separação e a confusão entre as duas cidades: a separação, ao mencionar à parte as suas gerações, provenientes umas de Caim, o fraticida e as outras de seu irmão Set, também nascido de Adão, em vez do que foi morto pelo irmão; a confusão, quando os bons se inclinaram para pior e se tornaram todos tais que foram destruídos pelo Dilúvio, à exceção de um justo chamado Noé, com sua esposa, seus três filhos e suas três noras. Oito pessoas que foram dignas de escapar na arca ao extermínio dos mortais.

Pelo fato de estar escrito: *Caim conheceu a sua mulher que concebeu e deu à luz Henoc e ele fundou uma cidade a que pôs o nome de seu filho Henoc*⁷¹⁶, não se segue que se deva julgar que foi este o seu primeiro filho. Nem também se deve pensar, só por que se diz que conheceu sua mulher, que foi então a primeira vez que com ela se uniu. O mesmo se disse de Adão, o pai de todos, não somente quando foi concebido Caim, que parece ter sido o primogênito, mas também, mais tarde, pela mesma Escritura foi dito: *Adão conheceu Eva, sua mulher, que concebeu e deu à luz um filho a quem pôs o nome de Set*⁷¹⁷.

Por aqui se vê que a Escritura costuma exprimir-se desta maneira, embora nem sempre, quando faz alusão à concepção de pessoas e não apenas quando os sexos se conjugam pela primeira vez. Nem ainda é argumento convincente, para termos Henoc como primogênito de seu pai, o fato de a cidade ter recebido o seu nome. Não é despropositado que seu pai, tendo embora outros filhos, possa ter tido algum motivo para amá-lo mais do que aos outros.

Também Judá não foi o primogênito e dele receberam o nome a Judeia e os Judeus. Mas, mesmo que esse tenha sido o primeiro filho que nasceu do fundador da dita cidade, nem por isso se deve

⁷¹⁶ *Et cognovit Caim uxorem suam, et concipiens peperit Ėnoch; et erat aedificans ciuitatem iti nomine filii sui Enoch.* Gen., IV, 17.

⁷¹⁷ *Cognovit Adam uxorem suam, et concepit et peperit filium, et nominavit nomen illius Seth.* Gen., IV, 25

pensar que o pai pôs o nome dele à cidade então fundada quando ele nasceu, por que com uma só pessoa não se podia fundar uma cidade, que outra coisa não é que uma multidão de pessoas reunidas por um vínculo de sociedade. Mas, quando a família daquele homem se tornou tão numerosa que adquiriu a importância de um povo, tornou-se então possível fundar uma cidade e dar-lhe o nome do seu primogênito.

Tão longa foi, de fato, a vida dessas pessoas que, daquelas de quem se fala e se menciona o número de anos, o que, antes do Dilúvio, menos tempo viveu, chegou à idade de setecentos e cinquenta e três anos. Muitos ultrapassaram mesmo os novecentos anos, embora nenhum tenha chegado aos mil.

Quem poderá então duvidar de que, durante a vida de uma só pessoa tenha podido o gênero humano multiplicar-se de tal forma a haver com que constituir não só uma, mas muitas cidades? Isto pode, com toda a facilidade, conjecturar-se do fato do crescimento do povo hebreu que, proveniente apenas de Abraão, em pouco mais de quatrocentos anos, se multiplicou de tal forma que, à saída do Egito, já contava seiscentos mil jovens capazes de combater. Sem falar do povo dos Idumeus, que não pertence ao povo de Israel, mas descendente de seu irmão Esaú, neto de Abraão. Nem de outros povos, também da estirpe de Abraão, mas não provenientes de sua mulher Sara.

CAPÍTULO IX

Acerca da longevidade das pessoas antes do Dilúvio e da sua maior corpulência.

Em face do exposto, ninguém de bom senso poderá duvidar de que Caim poderia fundar não só uma cidade, mas mesmo uma grande cidade quando a vida dos mortais se estendia por tão longo tempo. A não ser que algum infiel levante a questão do número de anos vividos pelas pessoas, segundo foi escrito pelas nossas autoridades, recusando-se a acreditar nisso.

Também não acreditam que as dimensões dos corpos tenham sido então muito maiores do que agora são. Todavia, Virgílio, o mais ilustre dos seus poetas, a propósito de uma descomunal pedra que delimitava um campo e que um homem forte daqueles tempos, enquanto combatia, arrancou, transportou correndo, deu o balanço e arremessou, menciona: *Apenas doze homens escolhidos, tais como a terra os produz agora, a poderiam levar às costas*⁷¹⁸ para dar a entender que outrora a terra costumava produzir corpos mais avantajados, quanto mais ainda em tempos mais próximos das origens, antes do tão famoso e célebre Dilúvio!

Mas, muitas vezes sepulcros postos a descoberto pela vetustez, pela violência das torrentes ou por outros acidentes convencem os

⁷¹⁸ *Vix illum lecti bis sex cervice subirent. Qualia nuiu hominutn producit corpora tellus.* Virgílio, Eneida, XII, 899-900.

incrédulos da grandeza dos corpos, por que lá aparecem ou de lá caem ossos de incrível tamanho. Eu mesmo vi __ e não só eu, mas outros comigo __ na praia de Útica, um molar humano tão grande que, se o partissem em pequenos pedaços do tamanho dos nossos dentes, parece que poderia fazer-se um cento deles. Creio que pertenceu a algum gigante. E que, além de serem então muito maiores que os nossos os corpos de todos, os dos gigantes em muito se avantajavam aos demais. Como depois e até nos nossos tempos não faltaram, embora raros, pessoas que excederam as medidas da maior parte.

Plínio Segundo, homem doutíssimo, atesta que, à medida que o mundo avança em idade, vai a natureza produzindo corpos cada vez menores. Recorda ele que também Homero, em seus versos, se lamentou disso muitas vezes.

Não zomba destas coisas como de ficções poéticas mas recolhe-as como fatos históricos, como um narrador das maravilhas da natureza. Na verdade, como disse, as ossadas que muitas vezes se descobrem, pois que duram de há muito, revelam, há séculos delas muito distantes, a grande corpulência dos antigos.

Agora, porém, não se pode demonstrar com documentos deste gênero a longevidade das pessoas que viveram naqueles tempos. Nem por isso se deve recusar a fé nesta história sagrada. Não acreditar nessas narrativas seria tanto mais insensato quanto é certo vermos que se cumprem as previsões.

Mas, afirma também o mesmo Plínio, que ainda existe um país onde as pessoas vivem duzentos anos. Se, portanto, ainda hoje se constata, em lugares desconhecidos de nós, esta duração das vidas humanas de que não temos a experiência, por que não havia de ser assim em tempos também de nós desconhecidos? Se é de acreditar que o que aqui não está, em outro lugar existe, por que é que não se há de acreditar que o que agora não é, outrora foi?

CAPÍTULO X

Das diferenças entre os textos hebreus e os nossos, que parece não estarem de acordo quanto ao número de anos dos patriarcas.

Embora pareça haver a este propósito alguma diferença entre os textos hebreus e os nossos acerca do número de anos (ignoro por que razão tal aconteceu), não é, porém, tão grande que não concordem em que tais pessoas alcançavam avançada idade. O próprio primeiro homem, Adão, tinha, antes de gerar seu filho Set, duzentos e trinta anos, segundo os nossos textos⁷¹⁹ ou, segundo o hebreu, cento e trinta. Mas, depois de tê-lo gerado, lê-se nos nossos que viveu setecentos e nos deles oitocentos anos. E assim concorda a soma nuns e noutrous.

⁷¹⁹ Os nossos textos a que Santo Agostinho se refere são os da *Vetus latina*, tradução da versão bíblica dos Setenta, então usados na Igreja Latina. Só pouco depois se começou a usar o texto da Vulgata, tradução latina a partir dos textos originais realizada por S. Jerônimo, contemporâneo de Santo Agostinho, levada a efeito a pedido do papa S. Damaso.

Da mesma maneira para as gerações seguintes, antes de ser gerado aquele que se menciona como gerado, encontra-se no hebreu que seu pai viveu cem anos a menos, mas, depois do nascimento o nosso texto dá-lhe cem anos a menos que no hebreu. De uma parte e de outra está, pois, de acordo a totalidade. Mas na sexta geração já em nada diferem ambos os códices. Na sétima, porém, (quando se relata que o que nasceu, Enoc, não morreu mas foi arrebatado porque aprouve a Deus), há a mesma diferença de cem que nas cinco gerações precedentes antes de gerar aquele que lá é mencionado como seu filho, mas na soma há concordância, pois nos dois textos, antes de ser arrebatado, viveu trezentos e sessenta e cinco anos.

A oitava geração apresenta, é certo, uma divergência, mas menor e diferente das outras. Matusalém, filho de Enoc, viveu, segundo os códices hebreus, não cem anos a menos, mas vinte anos a mais, antes de gerar aquele que na ordem se lhe segue. Mas nos nossos códices vê-se que se acrescentam estes vinte anos depois de tê-lo gerado e nos dois códices a soma é novamente igual.

Só na nona geração, isto é, nos anos de Lamech, filho de Matusalém e pai de Noé, é que a soma do total difere, mas não muito. Mencionam os códices hebreus que ele viveu vinte e quatro anos mais do que mencionam os nossos, pois antes de gerar seu filho Noé, nos hebreus tem seis menos que nos nossos e, depois de tê-lo gerado,

contam-se nos deles mais trinta anos que nos nossos. Daí que, se tirarmos aqueles seis, ficam-nos os vinte e quatro, como se disse.

CAPÍTULO XI

Dos anos de Matusalém, cuja idade parece ter ultrapassado o Dilúvio em quatorze anos.

Esta discrepância entre os códices hebreus e os nossos levanta uma famosa questão: contam-se quatorze anos de vida a Matusalém após o Dilúvio, ao passo que a Escritura, de todos os habitantes da terra, só menciona oito pessoas — entre as quais não está Matusalém — que na arca escaparam ao desastre do Dilúvio.

Segundo os nossos códices, com efeito, Matusalém viveu cento e sessenta e sete anos antes de gerar aquele a quem chamou Lamech, e Lamech cento e oitenta e oito anos antes de nascer Noé — o que faz ao todo trezentos e cinquenta e cinco. Juntem-se-lhes os seiscentos de Noé — tantos anos quantos ele tinha quando aconteceu o Dilúvio — farão novecentos e cinquenta e cinco anos desde o nascimento de Matusalém até o ano do Dilúvio.

Mas os anos de vida de Matusalém computam-se em novecentos e sessenta e nove, pois tinha vivido cento e sessenta e sete anos quando gerou o filho chamado Lamech e, depois de este ter nascido, viveu oitocentos e dois. Estes todos, como dissemos, perfazem novecentos e sessenta e nove. Se lhes subtrairmos os novecentos e cin-

quenta e cinco anos decorridos desde o nascimento de Matusalém até o Dilúvio, restam os quatorze que ele terá vivido, julga-se, depois do Dilúvio.

Em vista disto, alguns pensam que ele teria vivido durante algum tempo, não sobre a terra (onde é regra que toda a carne, à qual a sua natureza não permite viver na água, morre), mas junto de seu pai que tinha sido arrebatado. Aí teria vivido até ao fim do Dilúvio. Interpretam-no assim por que querem manter a sua fé nos códices que a Igreja tem por mais autorizados. Julgam que os dos Judeus não contêm, como os nossos, a verdade. Não admitem que possa haver aqui erro dos intérpretes, mas que o erro está antes na língua, pois que foi através da grega que se traduziu para a nossa a Escritura. Não é de crer, dizem eles, que os Setenta Intérpretes, que deram todos ao mesmo tempo a mesma tradução, se tenham podido enganar ou mesmo que eles tenham querido mentir sem qualquer interesse. Mas os Judeus, por inveja de terem passado para nós a Lei e os Profetas naquela tradução, é que alteraram alguns pontos nos seus códices para diminuírem a autoridade dos nossos.

Cada um aceite como julgar esta opinião ou hipótese. Todavia, o que é certo é que Matusalém não viveu depois do Dilúvio, mas morreu no mesmo ano, se é exato o que se encontra nos códices hebreus acerca do número de anos.

No seu lugar direi o que me parece acerca dos Setenta Intérpretes, quando chegarmos, com a ajuda de Deus, a essas épocas que devemos mencionar conforme o exige o plano desta obra⁷²⁰. Para a presente questão basta saber que, segundo os dois textos, as pessoas daqueles tempos tinham tão longas vidas que durante a vida de um só dos dois, que sozinho tinha a Terra então, poderia, o primeiro dos pais que nasceu multiplicar o gênero humano a ponto de fundar uma cidade.

CAPÍTULO XII

Opinião dos que não creem que as pessoas dos primeiros tempos tinham vivido tanto como está escrito.

Não podemos de modo algum dar ouvidos aos que pensam que os anos daqueles tempos se contavam de outra maneira, isto é, eram tão breves que um ano dos nossos valeria dez dos deles. Por isso, dizem eles, quando se ouve ou se lê que alguém viveu novecentos anos, deve-se compreender noventa, pois dez dos seus anos valem um dos nossos e dez dos nossos, cem dos deles.

Pelo que, como julgam, Adão teria vinte e três anos quando gerou Set e Set, quando dele nasceu Enós, vinte anos e seis meses a que a Escritura chama duzentos e cinco anos. Por que, como conjecturam

⁷²⁰ Livro XVIII, cap. 42-44.

aqueles cuja opinião expomos, cada um dos nossos atuais anos era dividido em dez partes a que chamavam anos.

Cada uma das partes tem um quadrado de seis (6^2), por que Deus acabou em seis dias a obra da criação para repousar no sétimo (disto tratei eu o melhor que pude no livro décimo primeiro). Ora seis vezes seis, número que faz o quadrado de seis, são trinta e seis dias e trinta e seis multiplicado por dez dá trezentos e sessenta, isto é, doze meses lunares. Como restam cinco dias com que se completa o ano solar e uma quarta parte do dia pela qual em cada quatro anos se acrescenta um dia, dando origem ao bissexto, os antigos acrescentaram mais tarde, para arredondar o número de anos, os chamados pelos Romanos de dias intercalares. Da mesma forma, também Enós, filho de Set, quando dele nasceu seu filho Cainão, que tinha dezenove anos, a Escritura diz serem cento e noventa. E daí em diante, através de todas as gerações em que se referem os anos das pessoas antes do Dilúvio, não se encontra em nenhum dos nossos códices que quase ninguém tenha gerado um filho aos cem anos ou menos, nem mesmo aos cento e vinte anos ou pouco mais.

Antes, a mínima idade de ter filhos, diz-se, foram cento e sessenta anos ou mais. Por que, dizem eles, nenhuma pessoa pode gerar filhos aos dez anos, número a que aquelas pessoas chamavam cem. E aos dezesseis anos, quando está madura a puberdade e já se capaz de

gerar prole, isto acontece, segundo os antigos, aos cento e sessenta anos.

Mas, para que não se considere incrível que um ano fosse então calculado de forma diferente, acrescentam que em muitos historiadores se refere que os Egípcios tinham um ano de quatro meses; os Arcadianos de seis meses; os Lavínios de treze meses. Plínio Segundo conta, segundo alguns escritos, que um homem teria vivido cento e cinquenta e dois anos, um outro mais dez anos e outros duzentos, trezentos, quinhentos, seiscentos e até oitocentos anos, mas atribui estes cálculos à ignorância daqueles tempos.

Diz ele: *Alguns acabam o ano no Verão, outros no Inverno e outros ainda em cada uma das quatro estações, como entre os Arcádios, entre os quais o ano não tinha mais de três meses*⁷²¹.

Acrescenta mesmo que, outrora, os Egípcios, dos quais já mencionamos os curtos anos de quatro meses, terminavam o ano no fim de cada lua. Afirma ele: *Assim se encontra entre eles quem tenha vivido mil anos*⁷²².

Com estes argumentos que parecem prováveis, alguns — procurando não destruir, mas antes confirmar a fé na história sagrada, para que pareça possível que os antigos tenham vivido tanto tempo — a si próprios se persuadiram (e julgam que não é vã a sua persua-

⁷²¹ *Alii quippe aestate determinabant annum et alterum hieme; alii quadripartitis temporibus, sicut Arcades quorum anni trimenstres fuerunt.* Plínio, *Hist. nat.* VII, XLIX.

⁷²² *Itaque apud eos et singula milia annorum vixisse produntur.* Id. Ib.

são) de que era tão pequeno o espaço de tempo denominado de um ano, que dez são para eles como um para nós e dez dos nossos equivalem a cem dos deles. Demonstra-se com um documento evidentíssimo que isto é totalmente falso. Mas antes de fazê-lo, não me parece que se deva esconder uma conjectura que pode ser mais aceitável. Poderíamos com segurança refutar e rechaçar tal afirmação com os códices hebreus onde se refere que Adão tinha cento e trinta anos e não duzentos e trinta, quando gerou o seu terceiro filho.

Se esses anos valem treze dos nossos, está fora de dúvida de que ele teria onze anos ou não muito mais quando gerou o seu primogênito. Quem pode, segundo a ordinária e tão conhecida lei da natureza, gerar nessa idade? Mas deixemos isso, pois talvez Adão fosse capaz desde quando foi criado; não é de crer que tenha sido criado tão pequeno como o são as nossas crianças. Set, seu filho, como lemos, não tinha duzentos e cinco, mas cento e cinco quando gerou Enós. Por isso não teria ainda, segundo eles, onze anos de idade. Que direi de Cainan, seu filho, que para nós teria cento e setenta anos e para os hebreus setenta quando gerou Maleleel? Qual é o homem que aos setenta anos pode gerar, já que os setenta anos de então só valem sete?

CAPÍTULO XIII

Se no cálculo dos anos é de seguir a autoridade dos Hebreus, de preferência à dos Setenta Intérpretes.

Mas, quando isto afirmo, logo me replicarão que se trata de uma mentira dos Judeus, como acima já foi suficientemente relatado, pois os Setenta Intérpretes, varões celebrados com tantos louvores, não podiam ter mentido.

Se eu perguntar o que será mais de acreditar: que o povo dos Judeus, por toda a parte espalhado, tenha podido conspirar de comum acordo para consignar esta mentira e, por inveja aos outros, privar-se ele próprio da verdade, ou que setenta homens, eles próprios judeus também, reunidos no mesmo lugar, porque Ptolomeu, rei do Egito, os convocara para esse trabalho, tenham sentido ciúmes de comunicarem aos povos estrangeiros a própria verdade e tenham procedido assim de comum acordo, quem não verá o que se é levado a crer com mais facilidade?

Longe de nós o pensamento de que uma pessoa sensata admita que os Judeus tenham podido ter tal perversidade e tal malícia nos seus livros tão numerosos e tão difundidos por toda a parte, ou que os setenta memoráveis varões tenham tido o mesmo desígnio de privar, por ciúme, os povos, da verdade.

Portanto, o que se poderá dizer com bastante credibilidade é que, quando se começaram a copiar os Setenta na biblioteca de Pto-

lomeu, se pôde cometer um erro deste gênero num único código, mas transcrito em primeiro lugar e, a partir daí, largamente espalhado; podia, de fato, ter havido um erro de copista. E não é absurdo que isto se suspeite em relação à questão da vida de Matusalém. E o mesmo se diga naquele outro caso (de Lamech), em que, pela diferença de vinte e quatro anos, não concorda a soma.

Mas nos outros casos, em que se repete o que parece um erro, tais como, antes do nascimento do filho que é intercalado na ordem, numa parte sobram cem anos e na outra faltam; mas depois de nascer, onde faltavam, sobram e onde sobravam, faltam, de maneira que as somas são iguais (e isto acontece na primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sétima geração), como que parece que o erro seguiu uma constante, o que, mais do que casualidade, parece mostrar uma certa premeditação.

Portanto, estas divergências de números que se verificam nos códices hebreus por um lado e nos códices gregos e latinos por outro lado, respeitantes aos cem anos acrescentados e depois tirados através de tantas gerações, não podem ser atribuídas nem à malícia dos Judeus nem à prudência e cálculo dos Setenta, mas a erro do primeiro copista que transcreveu o código da biblioteca real.

Mesmo agora, quando os números não reclamam uma atenção especial para algo que possa facilmente ser compreendido ou que se apresente como de útil aprendizagem, pouco cuidado se põe na sua

transcrição e menos ainda na sua correção. Quem, de fato, se pode julgar obrigado a saber quantos milhares de pessoas poderia ter cada tribo de Israel? Julgará alguém que isso não tem interesse, mas quantos haverá capazes de lhes ver a profunda utilidade?

Aqui, porém, onde, através de tantas e emaranhadas gerações, ora se juntam ora se tiram cem anos e depois do nascimento do cidadão filho faltam onde estavam e estão onde faltavam, de modo que a soma concorde, quem isto escreveu parece querer persuadir-nos de que os antigos viveram tantos anos por que eles eram muito curtos. E tenta prová-lo pela maturidade da puberdade já capaz de gerar filhos. E naqueles cento e dez anos julgou insinuar aos incrédulos os nossos anos com receio de que não aceitassem que as pessoas tinham vivido tanto tempo. Acrescentou cem quando não encontrou idade apta para a geração e, para que a soma concordasse, tirou-os depois do nascimento dos filhos.

Desta maneira quis tornar aceitável a referência das idades apontas para a geração da prole, mas de forma que no número não falsificasse a idade total de cada um dos que existiam.

Mas o fato de não ter feito isto na sexta geração mostra bem que, quando o fez, foi pela razão indicada, não se verificando essa razão onde nada alterou.

Efetivamente, encontrou nessa geração, segundo os Hebreus, que Jared, antes de gerar Henoc, viveu cento e sessenta e dois anos

que, segundo o cômputo dos anos curtos, se reduzem a dezesseis anos e um pouco menos de dois meses. Esta idade já é apta para gerar e por isso é inútil acrescentar cem anos curtos para se perfazerem vinte e seis dos nossos, nem tirar, depois de nascido Henoc, os que não tinha acrescentado antes dele nascer. Assim, acontece que nenhuma divergência se encontra aqui entre os dois códices.

Mas surge de novo a questão: por que é que na oitava geração, antes de Lamech nascer de Matusalém, ao passo que nos Hebreus se leem cento e oitenta e dois anos, se encontram menos vinte e dois nos nossos códices, onde habitualmente há cem a mais e depois de nascido Lamech se restituem para completarem a soma que nos códices de uns e de outros não discorda? Se se tinha querido designar por cento e setenta anos os dezessete por causa da maturidade da puberdade, nada era preciso tirar nem acrescentar, pois se encontrara a idade apta para a geração de filhos: para obtê-la onde faltava é que se aumentavam cem anos.

Poder-se-ia ver nisto dos vinte anos um erro accidental se aquele que antes os tinha tirado não tivesse tido o cuidado de aumentá-los de novo a seguir para encontrar uma soma perfeita. Teremos acaso de pensar que foi com astúcia que assim se procedeu para encobrir a costumada habilidade de primeiro se juntarem cem e depois se retirarem, quando se fazia algo de semelhante onde não era preciso, não

certamente com cem anos, mas com qualquer número tirado primeiro e acrescentado depois?

Entenda-se isto como se quiser, acredite-se ou não que assim aconteceu, quer seja assim definitivamente quer não seja, quanto a mim, quando se encontra nos dois códices alguma divergência e não podem, um e outro, conformar-se com a verdade dos fatos, não tenho a menor dúvida de que se procede retamente se se der a preferência à língua donde a versão foi realizada por tradutores para outra língua. Mesmo em alguns códices — três gregos, um latino e um sírio, todos concordantes — verifica-se que Matusalém morreu seis anos antes do Dilúvio.

CAPÍTULO XIV

Igualdade dos anos que, nos primeiros séculos, tiveram a mesma duração que agora.

Vejamos agora como se pode demonstrar de maneira evidente que os anos de vidas tão prolongadas daquelas pessoas não eram tão curtos que dez deles valeriam um dos nossos, mas que eram tão longos como os que hoje temos determinados pelo curso do sol.

Está escrito que o Dilúvio teve lugar aos seiscentos anos de vida de Noé. Por que é então que aí se lê: *E a água do Dilúvio espalhou-se sobre a terra no segundo mês e vigésimo sétimo dia do seis-*

*centésimo ano da vida de Noé*⁷²³, se aquele ano, tão pequeno que dez faziam um dos nossos, tinha trinta e seis dias? Um ano tão pequeno, — se é que o uso antigo lhe dá este nome — ou não tem meses, ou o mês não pode ter mais de três dias para poder ter doze meses. Como é que então se diz aí: *No seiscentésimo ano, no vigésimo sétimo dia do segundo mês*⁷²⁴, se não é por que aqueles meses eram como os de agora? Se assim não fosse, como é que se poderia dizer que o Dilúvio começou no dia vinte e sete do segundo mês?

Em seguida, no fim do Dilúvio, lê-se: *E, no vigésimo sétimo dia do sétimo mês, a arca parou em cima do monte Ararat e até ao décimo primeiro dia a água foi baixando e ao primeiro dia do décimo primeiro mês apareceram os primeiros cumes dos montes*⁷²⁵.

Se tais eram os meses, não há dúvida de que os anos eram também como os temos agora. Aqueles meses de três dias é que não poderiam ter vinte e sete. Ou então, se se chamava dia à trigésima parte destes três, tudo se diminui, na proporção e então esse tão grande Dilúvio, que se diz ter durado quarenta dias e quarenta noites, ter-se-ia realizado em menos de quatro dias dos nossos.

⁷²³ *Et aqua diluvii jacta est super terram sescentesitno amo in uita Noe, secundi mensis, septima et vicensima mensis.* Gen., VII, 11.

⁷²⁴ *Et aqua diluvii jacta est super terram sescentesitno amo in uita Noe, secundi mensis, septima et vicensima mensis.* Gen., VII, 11.

⁷²⁵ *Et sedit area in mense septimo septima et vicensima mensis super montes Ararat. Aqua autem minuebatur usque ad undecimum mensem; in undecinto autem mense prima die mensis parruerunt capita montium.* Gen., VIII, 5.

Quem pode suportar este absurdo, este disparate? Afasta-se, portanto, esse erro que, baseado em falsa conjectura, procura tornar mais firme a fé das nossas Escrituras para, por outro lado, a destruir. Com certeza que o dia de então era tão longo como o de agora, formado pelo curso noturno e diurno de vinte e quatro horas; o mês era também tão longo como o de agora, determinado pelo começo e pelo fim da lua; e o ano era tão longo como o de agora, formado por doze meses lunares acrescidos de cinco dias e um quarto por causa do curso solar. Desta duração era o ano seiscentos da vida de Noé e o segundo mês e, deste mês, o vigésimo sétimo dia em que começou o Dilúvio, no decurso do qual, como se relata, caíram chuvas abundantes durante quarenta dias, dias não de duas horas e pouco mais, mas de vinte e quatro diurnas e noturnas.

Por consequência, aqueles antigos viveram novecentos anos e até mais, tão longos como os cento e setenta que, mais tarde, viveu Abraão, tão longos como os cento e oitenta que, depois dele, viveu seu filho Isaac, tão longos como os quase cento e cinquenta de Jacob, seu filho, tão longos como os cento e vinte, passada certa época, de Moisés e tão longos como os setenta, os oitenta, ou pouco mais que vivem as pessoas de agora e das quais se disse: *Afora isso, para eles só houve trabalhos e dores*⁷²⁶.

⁷²⁶ *Et amplius eis labor et dolor.* Salmo LXXXIX (XL), 10.

Com certeza aquela diferença de números que se encontra nos códices hebreus e nos nossos não é discordante em relação à longevidade dos antigos e se alguma divergência há, ao ponto de não se poderem conciliar ambas as afirmações, convém procurar a verdade dos acontecimentos na língua donde foi traduzido o que nós temos. Embora esteja isto ao alcance de quem quiser, é estranho que ninguém se tenha atrevido a corrigir, segundo os códices hebreus, os Setenta Intérpretes em tantas coisas em que parecem divergir. Porque essas divergências não são tomadas como faltas (e eu também não julgo que, como tais, devam ser tomadas) mas, quando não há erro de copista, é de crer (quando o sentido é conforme com a verdade e a proclama) que eles, conduzidos pelo Divino Espírito, procuraram exprimir-se de forma diferente, não conforme o papel de tradutores, mas com a liberdade de profetas.

É precisamente por isso que a autoridade apostólica, quando apela para o testemunho das Escrituras, se serve não só do código hebreu mas também do deles. Prometi que disto falaria, se Deus me ajudar, mais detidamente em momento oportuno. Por agora exporei o que mais urge. Não há razão para duvidar de que quem nasceu do primeiro ser humano pôde, quando se vivia durante tanto tempo, fundar uma cidade e, sem dúvida, a terrestre e não a que se chama «Cidade de Deus». Para escrevermos acerca desta é que tomamos em mão um trabalho de tamanha envergadura.

CAPÍTULO XV

Será de crer que as pessoas dos primeiros tempos se tenham abstido do coito até à idade em que se refere que geraram filhos?

Mas, perguntará alguém: será de crer que um homem, capaz de gerar filhos e não tendo o propósito da continência, se abstinha de relações sexuais durante cem anos e mais ou, segundo os códices hebreus, não muito menos, ou seja, durante oitenta, setenta, sessenta anos ou, se não se absteve, não tenha podido gerar filhos?

Esta questão resolve-se de duas maneiras: ou a puberdade foi proporcionalmente tanto mais tardia quanto maior era a duração da vida, ou — o que me parece mais de crer — não se mencionam aqui os primogênitos, mas os que reclamava a ordem de sucessão até se chegar a Noé, a partir de quem vemos novamente como se chegou até Abraão e, depois, até uma certa época, conforme era preciso designar, pelas gerações citadas, o curso da gloriosíssima cidade exilada neste mundo e peregrinando para a pátria do Alto.

O que, na verdade, não se pode negar é que o primeiro de todos, Caim, nasceu da união entre o homem e a mulher. Se este homem, ao nascer, não tivesse sido o primeiro a juntar-se aos outros dois, Adão não teria dito o que, a seu respeito, se lê ter dito: *Adquiri um homem pela graça de Deus*⁷²⁷.

⁷²⁷ *Adquisivi hominem per Deum.* Gen., IV, 1.

A este seguiu-se Abel, que seu irmão mais velho matou. É ele uma prefiguração da Cidade de Deus peregrinando. Foi ele o primeiro a mostrar que ela tinha de suportar injustas perseguições por parte dos ímpios, de certo modo terrestres, isto é, que amam a sua origem terrestre e se comprazem na felicidade terrestre de uma cidade terrestre.

Mas não consta de quantos anos era Adão quando os gerou. Seguem-se então umas genealogias de Caim e outras do filho que Adão teve como sucessor daquele que o irmão matara e a quem chamou Set dizendo, como está escrito: *Deus deu-me outro descendente para o lugar de Abel que Caim matou*⁷²⁸.

Estas duas séries de genealogias, uma de Set e outra de Caim, sugerem, pela sua própria distinção, as duas cidades de que tratamos; uma, a celeste, peregrinando na Terra e outra, a terrestre, ansiosa e apegada aos gozos terrestres, como se outros não houvesse. Ao enumerar-se a descendência de Caim desde Adão até à oitava geração, de nenhum se cita os anos que tinha quando gerou o que se lhe segue na enumeração.

Na verdade, o Espírito de Deus não quis marcar as épocas anteriores ao Dilúvio pelas gerações da Cidade Terrestre, mas sim pelas da Cidade Celeste, como se elas fossem mais dignas de memória.

⁷²⁸ *Suscitavit etiū mihi Deus semen aliud pro Abel, quem occidit Cain.* Gen., IV, 25.

Entretanto, quando Set nasceu, não se omitiram os anos de seu pai, mas este já tinha gerado outros filhos. E quem se atreveria a afirmar que Caim e Abel foram os únicos? Com efeito, se se citaram apenas estes, por causa das genealogias que convinha recordar, não se segue que se deva considerá-los como sendo então os únicos filhos de Adão. Por que, tendo-se encoberto com silêncio os nomes de todos os demais, ao ler-se que gerou filhos e filhas, quem ousará determinar o número da sua descendência, se quiser evitar a censura de temeridade?

Certamente que Adão, divinamente inspirado, pôde dizer, depois de Set ter nascido: *Deus deu-me outro descendente para o lugar de Abel*⁷²⁹, por que estava destinado a repetir a santidade daquele e não por que, na ordem do tempo, tenha sido o primeiro a nascer depois dele.

Do que está escrito a seguir: *Viveu Set duzentos e cinco anos*⁷³⁰. (ou, segundo os Hebreus, cento e cinco anos) e gerou Enós⁷³¹, quem poderá, senão de ânimo leve, asseverar que ele foi o seu primogênito?

Justificadamente perguntaríamos admirados como é que durante tantos anos se tinha abstido do conúbio sem propósito de continência, ou, casado, não tinha tido filhos, já que, do mesmo, se lê: *Gerou*

⁷²⁹ *Suscitavit enim mihi Deus semen aliud pro Abel.* Ib.

⁷³⁰ *Vixit autem Seth quinque et ducentos annos.* Gen., V, 6.

⁷³¹ *Et genuit Enos.* Ib.

*filhos e filhas e foram de novecentos e doze anos os dias todos de Set que, a seguir, morreu*⁷³².

Assim aconteceu depois com todos aqueles cujos anos se citam: não se omite que geraram filhos e filhas. Por isso, de modo nenhum se evidencia que o filho nomeado seja o primogênito, mas, pelo contrário, como não é de crer que esses antepassados tenham permanecido impúberes durante tanto tempo, sem mulher e sem posteridade, é mais de crer que os citados filhos não foram os seus primogênitos.

Mas o escritor da História Sagrada, propondo-se, por uma série de gerações cuja duração anota, chegar ao nascimento e à vida de Noé (época em que surgiu o Dilúvio), assinalou, não as que foram as primeiras para os seus pais, mas as que convinham à ordem da propagação.

Vou propor, a título de exemplo com o qual isto se torne mais claro, um caso a partir do qual ninguém duvidará de que pode ter acontecido o que digo.

O evangelista Mateus, querendo transmitir à posteridade a genealogia carnal do Senhor pela linha dos seus antepassados, começando no pai Abraão e procurando chegar primeiramente a David,

⁷³² *Et genuit filios et filias, et fuerunt omnes dies Seth duodecim et nongenti anni et mortuus est.* Gen., I, 7.

diz: *Abraão gerou Isaac*⁷³³. Por que não diz Ismael, que foi o que primeiro gerou?

E continua: *Isaac gerou Jacó*⁷³⁴. Por que não diz Esaú, que foi o seu primogênito? É por que por eles não podia chegar a David.

Prossegue depois: *Jacó gerou Judá e seus irmãos*⁷³⁵. Será porque Judá foi o primogênito?

Continua: *Judá gerou Farés e Zarat*⁷³⁶. Nenhum destes gêmeos foi o primogênito de Judá, que antes deles já tivera três.

Ele reteve, porém, na ordem das gerações, os que lhe permitiram chegar a David e atingir assim o seu desígnio. Pelo que se pode concluir que, antes do Dilúvio, não se citaram os primogênitos, mas os que tinham que conduzir por sucessivas gerações ao patriarca Noé, para que não nos atormente a questão obscura e desnecessária da sua puberdade tardia.

CAPÍTULO XVI

O direito conjugal dos primeiros matrimônios foi diferente do dos matrimônios posteriores.

Depois da primeira união entre o homem feito de pó e a mulher tirada do lado do varão, teve o gênero humano necessidade, para se

⁷³³ *Abraham genuit Isaac.* Mat., I, 2.

⁷³⁴ *Isaac autem genuit Jacob.* Ib.

⁷³⁵ *Jacob autem genuit Judam et fratres ejus.* Ib.

⁷³⁶ *Judas genuit Phares et Zarat (a).* Mat. I, 3.

(a) Migne traz Zaram.

multiplicar por gerações, da conjunção de homens e de mulheres. E, como não existiam senão os homens nascidos desses dois, os varões tomaram suas irmãs por esposas. Quanto mais este fato era recomendável sob a pressão da necessidade, tanto mais se tornou condenável pela proibição da religião.

Uma justíssima razão de caridade levou as pessoas, para quem a concórdia é útil e digna de louvor, a multiplicar os seus laços de parentesco. Um só não devia concentrar muitos em si, mas devia reparti-los por vários.

Desta forma, o seu grande número contribuiria para apertar com mais eficácia os laços da vida social. «Pai» e «Sogro» são, efectivamente, os nomes de dois laços de parentesco. Se cada um tiver um pai e um sogro, a caridade estender-se-á a um maior número. Adão sozinho foi obrigado a ser um e outro para os seus filhos e as suas filhas, quando irmãos e irmãs se uniam em casamento.

E assim também Eva, sua esposa, foi mãe e sogra dos filhos de ambos os sexos. Se houvesse duas mulheres, mãe uma e sogra a outra, o amor social teria multiplicado os seus laços. Finalmente, a irmã tornada esposa, só por si ficava com duas parentelas. Se tais laços fossem repartidos por Pessoas distintas, sendo uma irmã e outra esposa, o número de parentes aumentaria na sociedade. Mas isto não era possível quando não havia senão irmãos e irmãs nascidos daqueles dois primeiros.

Mas isso tornou-se obrigatório desde que o seu número permitiu aos homens casarem-se com mulheres que já não eram suas irmãs. E não havendo já necessidade desta prática, tornou-se um crime conservá-la. E se os netos dos primeiros homens podendo já casar com primas, casassem com irmãs, já não haveria num só homem dois mas três parentescos que deveriam, para difundir o amor por um maior número, repartir-se por várias pessoas. É que um só homem seria para os seus filhos — irmãos e irmãs casados entre si — pai, sogro e tio e a sua mulher, para os mesmos filhos, seria mãe, tia e sogra e, por sua vez, esses filhos entre si não seriam apenas irmãos e cônjuges mas também primos, por que filhos de irmãos.

Mas todos estes laços de parentesco que ligavam três pessoas a uma só, se fossem repartidos por famílias diferentes, teriam ligado nove, de maneira que uma só pessoa teria uma como irmã, outra como prima, um como pai, outro como tio, outro como sogro, uma como mãe, outra como tia e outra como sogra e, assim, o vínculo social não se veria encerrado num pequeno número, mas mais difundido por numerosos parentescos.

É o que, depois do crescimento e multiplicação do gênero humano, notamos ser observado mesmo entre os ímpios, adoradores dos numerosos e falsos deuses. Embora em leis perversas sejam permitidos os casamentos entre irmãos, um melhor costume faz-lhes detestar tal desmando e embora tenha sido permitido nos primeiros

tempos do gênero humano desposar irmãs, evita-se isso como se nunca tivesse sido permitido.

O costume tem de fato um grande poder para atrair ou repelir o sentimento humano. E como ele refreia os excessos da concupiscência, com razão se considera como crime violá-lo ou corrompê-lo. Se, realmente, é injusto ultrapassar os extremos dum campo por avidez de posse, quanto mais injusto não será derrubar os marcos dos costumes pela ânsia do prazer sexual!

Constatamos que, mesmo nos nossos tempos, nos casamentos entre primos, devido ao grau de parentesco próximo do de irmãos, que influência tem o costume para fazer raras vezes o que a lei autoriza, pois nem a divina o proibiu nem o proibiu ainda a lei humana.

Todavia, um ato, embora lícito, inspira horror devido à sua proximidade de um ato ilícito e o que se fazia com uma prima quase parecia que se fazia com uma irmã, pois os primos, por causa da sua proximidade sanguínea, se chamam irmãos e quase que o são.

Os antigos pais tiveram um cuidado religioso em que o parentesco, diluindo-se a pouco e pouco pelos graus das gerações, não se fosse desvirtuando e chegasse a desaparecer. Por isso, antes que se fosse afastando, reforçaram-no de novo com o vínculo do matrimônio, detendo-o, a bem dizer, na sua fuga. É por isso que, uma vez povoada a terra inteira, os homens gostavam de desposar não as suas

irmãs por parte do pai ou da mãe ou de ambos os seus pais, mas mulheres da sua estirpe.

Mas quem honestamente pode duvidar de que nesse tempo já eram proibidos os casamentos entre primos? E isto não só, como referimos, para multiplicar as afinidades, evitar que uma só pessoa acumule dois graus de parentesco quando duas pessoas os poderão ter e aumentar o número de parentes, mas também porque não sei que nobre e natural sentimento de pudor humano nos leva a reter, em relação àqueles que os laços de sangue nos fazem respeitar, a paixão embora geradora, de que vemos envergonhar-se a própria pudicícia conjugal.

A cópula do homem e da mulher, no que respeita ao gênero humano, é como que o viveiro da cidade. Mas a cidade terrestre apenas precisa da geração para se libertar; a celeste necessita ainda da regeneração para se libertar do castigo da geração.

A história sagrada não diz se houve antes do Dilúvio um sinal corporal e visível da regeneração nem, se houve, qual teria sido, como mais tarde foi imposta a Abraão a circuncisão. Todavia, não deixa de referir que aquelas antiquíssimas pessoas ofereceram sacrifícios a Deus, como se evidencia nos dois primeiros irmãos e lê-se que, depois do Dilúvio, Noé, ao sair da arca, ofereceu vítimas a Deus. E se os demônios, como já dissemos nos livros precedentes, arrogando-se a divindade e querendo fazer-se passar por deuses, exi-

gem sacrifícios e se comprazem em honras deste gênero, é apenas porque o verdadeiro sacrifício (eles bem o sabem) só ao verdadeiro Deus é devido.

CAPÍTULO XVII

Dois patriarcas e príncipes nascidos de um só pai.

Foi, pois, Adão, o pai de duas linhagens: uma das quais pertence à cidade da terra e a outra à cidade celeste. Mas, após a morte de Abel, envolta em grande mistério, houve um pai para cada uma das linhagens: Caim e Set.

Em seus filhos — era preciso recordá-los — começaram a aparecer com mais evidência os caracteres das duas cidades. Com efeito, Caim gerou Henoc, em cujo nome fundou uma cidade; cidade terrestre claro está, que não peregrina neste Mundo, mas que nele se instala na paz e na felicidade temporal. Caim significa *posse*; por isso, quando ele nasceu, foi dito por seu pai ou por sua mãe: *Adquiri um homem pela graça de Deus*⁷³⁷.

Mas Henoc significa *dedicação*, por que é aqui, onde ela está estabelecida, que se dedica a cidade terrestre e por que é aqui que se encontra o fim para que tende ou apetece.

⁷³⁷ *Adquisivi hominem per Deum.* Gcn., IV, 1.

Ora, Set significa *ressurreição* e seu filho Enós significa *homem*, mas não como Adão. Na verdade, também este nome significa homem, mas apresenta-se naquela língua, isto é, na hebraica, como nome comum para o homem e a mulher. Assim se escreveu a propósito dele: *Fê-lhos homem e mulher, abençoou-os e deu-lhes o nome de Adão*⁷³⁸.

Não há dúvida de que a mulher foi chamada pelo seu nome próprio de Eva, mantendo-se, porém, Adão, que significa homem, como nome de ambos. Enós também significa homem, mas num sentido que, segundo os versados naquela língua, não pode designar a mulher, como sendo filha da ressurreição, em que nem os homens nem as mulheres se casam. Na verdade, não haverá geração onde haja regeneração.

Por isso, julgo que não será demais notar que nas gerações que procedem do que recebeu o nome de Set, quando se diz que tiveram filhos e filhas, não se cita expressamente o nome de nenhuma mulher; ao passo que nos descendentes de Caim, mesmo no fim, é uma mulher a última que cita como nascida.

Com efeito, lê-se assim: *Matusalém gerou Lamec. Lamec tomou duas esposas: uma chamada Ada e outra Sella. Ada deu à luz Jobel, pai dos pastores que vivem em tendas e Jobal é o nome de seu*

⁷³⁸ *Masculum et feminam fecit illos et benedixit illos et cognominavit nomen eorum Adam.* Gcn. V, 2.

*irmão. Foi este quem inventou o saltério e a cítara. Sella deu à luz Tobel, que era ferreiro e trabalhava o ferro e o bronze. A irmã de Tobel é Noema*⁷³⁹.

Até aqui se prolongaram as gerações de Caim. Ao todo, oito, desde Adão, incluindo o próprio Adão, isto é, sete até Lamech, que foi marido de duas mulheres; a oitava é a geração de seus filhos, entre os quais se menciona também uma mulher. É uma forma elegante de referir que a cidade da Terra terá até ao seu final gerações carnais provenientes da união de homens com mulheres. Daí que também sejam citadas com os seus nomes as mulheres daquele homem que é o último antepassado que aqui se cita e o que nunca tinha acontecido antes do Dilúvio, à exceção de Eva. Mas, assim como Caim (que significa *posse*), fundador da cidade terrestre e seu filho, em cujo nome foi fundada, Henoc (que significa *dedicação*), indicam que essa cidade tem um princípio e um fim terreno, onde não é de esperar nada mais do que neste século se pode ver, assim temos de ver o que diz esta história sagrada acerca do filho Set (que significa *ressurreição*), visto ser o pai das gerações mencionadas à parte.

⁷³⁹ *Mathusael genuit Lamech; et sumpsit sihi Lamech duas uxores, nomen uni Ada et nomen secundae Sella, et peperit Ada Jobel; hic erat pater habitantium in tabernaculis pecuariorum. Et nomen fratris ejus Jobal; hic fuit qui ostendit psalterium er citharam. Sella autem peperit et ipsa Thobel; et erat malleator aérarius aeramenti et ferri. Soror autem Thobel Noemma.* Gen., IV, 18-22.

CAPÍTULO XVIII

O que significam Abel, Set e Enós, que parece que se referem a Cristo e ao seu Corpo que é a Igreja.

A Set nasceu um filho a quem pôs o nome de Enós. Este pôs a sua esperança em invocar o nome do Senhor Deus⁷⁴⁰. Eis como clama o testemunho da verdade.

É, pois, na esperança que vive o ser humano, filho da ressurreição. É na esperança que vive a Cidade de Deus, enquanto por aqui peregrina, gerada que é da fé na ressurreição de Cristo.

Por que estes dois homens — Abel, que significa *luto* e Set, seu irmão, que significa *ressurreição* — são a figura da morte de Cristo e da sua vida ao sair de entre os mortos. Desta fé nasce aqui a Cidade de Deus, isto é, a pessoa que pôs a sua esperança em invocar o nome do Senhor Deus.

Diz o Apóstolo: *Pela esperança seremos salvos. Mas, esperança do que já se vê não é esperança. Quem é que, realmente, espera o que já se vê? Mas, se esperamos o que não vemos, precisamos de paciência para aguardar*⁷⁴¹.

Quem não pensará que há aqui um profundo mistério? Não pôs Abel a sua esperança em invocar o nome do Senhor Deus, ele, cujo

⁷⁴⁰ *Et Seth natus est filius et nominavit nomen ejus Hnos; hie speravit inuocare nometi Domini Dei.* Gen., IV, 26.

⁷⁴¹ *Spe enim salvi facti sumus. Spes autem quae videtur, non est spes. Quod enim videt quis, quid sperat? Si autem quod non videmus speramus, per patientiam expectamus.* Rom., VIII, 24-25.

sacrifício a Escritura relata que foi tão agradável a Deus? Não pôs Set a sua esperança em invocar o nome do Senhor Deus, ele, de quem se disse: *Deus deu-me outro descendente para o lugar de Abel*⁷⁴²?

Por que atribuir então a Enós como próprio o que se vê ser comum a todos as pessoas piedosas, se não é por que aquele que se dá como primeiro descendente do pai das gerações reservadas para uma melhor parte (isto é, pai da Cidade do Alto) devia prefigurar a pessoa ou a sociedade das pessoas que vivem, não como ao ser humano apraz, na realidade da felicidade terrestre, mas como apraz a Deus, na esperança da felicidade eterna?

Não se disse «ele pôs a sua esperança no Senhor Deus», nem «ele invocou o nome do Senhor Deus», mas sim: *Pôs a sua esperança em invocar o nome do Senhor Deus*⁷⁴³.

Que quer dizer: *Pôs a sua esperança*⁷⁴⁴, se não é a profecia de que viria a nascer um povo que, por eleição da graça, invocaria o nome do Senhor Deus?

Isto é o que foi dito por outro profeta e aplicou o Apóstolo a este povo que pertencia à graça de Deus: *Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*⁷⁴⁵.

⁷⁴² *Suscitavit enim mihi Deus semen aliud pro Abel?* Gen., IV, 25.

⁷⁴³ *Speravit invocare nomen Domini Dei.* Gen., IV, 26.

⁷⁴⁴ *Speravit invocare.* Ib.

⁷⁴⁵ *Et erit, omnis qui invocaverit nomen Domini salvus erit.* Rom., X, 13.

Isto mesmo que foi dito: *E pôs-lhe o nome de Enós, que quer dizer homem*⁷⁴⁶ e o que se segue: *Pôs a sua esperança em invocar o nome do Senhor*⁷⁴⁷, mostram bem que o ser humano não deve pôr a esperança em si mesmo.

Assim, se lê noutra passagem: *Maldito quem coloca sua esperança no ser humano*⁷⁴⁸. Ninguém, portanto, deve pôr a esperança em si mesmo, para ser cidadão da outra cidade, aquela que não se radica neste tempo, na pegada do filho de Caim, isto é, no decurso efêmero deste mundo perecível, mas na imortalidade da eterna beatitude.

CAPÍTULO XIX

Simbolismo do arrebatamento de Henoc.

Esta descendência, cujo pai é Set, também tem o nome de dedicação na sétima geração desde Adão, incluindo este. Henoc, que significa *dedicação*, é, de fato, o sétimo descendente.

Foi ele que foi arrebatado por que aprouve a Deus e com um número notável na ordem das gerações, isto é, o sétimo depois de Adão, número que foi santificado pelo sábado.

⁷⁴⁶ *Et nominavit nomen ejus Enos, quod interpretatur homo.* Gen., IV, 26.

⁷⁴⁷ *Hic speravit invocare nomen Domini Dei.* Ib.

⁷⁴⁸ *Maledictus qui spem suam ponit in homine.* Jerem., XVII, 5.

Mas se se partir de Set, pai das gerações distintas das de Caim, ele é o sexto e foi no sexto dia que o ser humano foi feito e que Deus consumou todos os seus trabalhos.

Mas o arrebatamento de Henoc prefigurou um retardar da nossa dedicação. Foi já cumprida, na verdade, em Cristo, nossa cabeça, que ressuscitou para não voltar a morrer e que também foi ele mesmo arrebatado.

Resta, porém, uma outra dedicação — a da casa toda de que Cristo é o fundamento — a qual se vai protelando até ao fim, quando tiver lugar a ressurreição de todos os que já não morrerão mais. Mas, quer se diga «casa de Deus», quer se diga «templo de Deus» ou «Cidade de deus», é tudo o mesmo e não contradiz as regras da língua latina.

Realmente, Virgílio chama «Casa de Assáraco» a uma cidade de grande poderio, para dar a entender que os Romanos descendem de Assáraco pelos Troianos e, aos mesmos, «Casa de Eneias», porque, depois da sua vinda para Itália, com Eneias como chefe, os Troianos fundaram Roma. De fato, o poeta imitou as Sagradas Escrituras, que chamaram «Casa de Jacó» ao povo já tão aumentado dos Hebreus.

CAPÍTULO XX

A série de gerações que, desde Adão até Caim, para na oitava é que, desde o mesmo pai Adão até Noé, perfaz dez.

Alguém dirá: se quem escreveu esta história pretendia, na enumeração das gerações desde Adão, através de seu filho Set, chegar por elas até Noé, em cujo tempo houve o Dilúvio, para em seguida retomar a ordem dos nascimentos até chegar a Abraão, pelo qual o evangelista Mateus começa a genealogia de Cristo, rei eterno da Cidade de Deus, qual era a sua intenção ao voltar às gerações de Caim e até onde pretendia ele levá-las? Pois responder-se-á: *Até ao Dilúvio*, pelo qual foi devorada aquela raça toda da cidade terrestre, que se reconstitui com os filhos de Noé.

Não pode desaparecer esta cidade terrestre e esta sociedade dos humanos que vivem como aos humanos apraz até ao fim deste século de que fala o Senhor: *Os filhos deste século procriam e são procriados*⁷⁴⁹.

Mas a regeneração conduz à Cidade de Deus, que peregrina neste século até ao outro século, cujos filhos não geram nem são gerados. Aqui é, pois, comum a uma e outra cidade, gerar e ser gerada, embora a Cidade de Deus conte mesmo neste mundo com milhares e milhares de cidadãos que se abstêm de gerar e a outra cidade também

⁷⁴⁹ *Fili saeculi hujus generant et generantur.* Luc., XX, 34.

os tem, por uma espécie de imitação, embora estejam no erro. É a ela que, na verdade, pertencem aqueles que, desviando-se da fé da Cidade Celeste, fundaram diversas heresias e vivem como apraz aos seres humano e não como apraz a Deus.

E também os Gimnosofistas dos Indus que, diz-se, filosofam nus nas solidões da Índia, são seus cidadãos e se abstêm de gerar. Mas isso não é bom se não se pratica em conformidade com a fé no Bem Supremo que é Deus.

Todavia, não se sabe de ninguém que o tenha praticado antes do Dilúvio. O próprio Henoc, o sétimo descendente de Adão, de quem se conta que não morreu, mas que foi arrebatado, gerou antes filhos e filhas, entre eles Matusalém, através do qual prosseguiu a ordem das mencionadas gerações.

Por que se mencionam então tão poucos descendentes nas gerações provenientes de Caim, se era preciso alongá-las até se chegar ao Dilúvio e se não havia, antes da puberdade, uma prolongada idade de cem ou mais anos que seria sem filhos? Pois se o autor desse livro ninguém tinha em vista para quem devesse conduzir necessariamente a série de gerações, como ele queria, através das provenientes de Set, chegar a Noé, a partir do qual seguiria de novo o curso necessário, que necessidade tinha ele, se toda a descendência de Caim ficou destruída com o Dilúvio, de omitir os primogênitos para atingir Lamech, em cujos filhos acaba a dita série, isto é, a oitava desde Adão, a séti-

ma desde Caim? É como se quisesse ligar logo outra série para se chegar, quer ao Povo de Israel, no qual a Jerusalém terrestre oferece uma figura profética da Cidade Celeste, quer a Cristo, *segundo a carne, Deus bendito acima de tudo para sempre*⁷⁵⁰, fundador e soberano da Jerusalém superna. Donde poderia parecer que a ordem das gerações é a dos primogênitos. Nesse caso, por que são tão poucos? Realmente, até ao Dilúvio não podiam constituir esse número, se não tinham que esperar cem anos para terem filhos, não sendo a tardia puberdade proporcional à longevidade.

Mesmo que fossem já de trinta anos quando começavam a gerar, multiplicando oito por trinta (oito são as gerações contando com a de Adão e com a de Lamech), ficamos com duzentos e quarenta anos, então não tiveram filhos durante todo o tempo que se seguiu até o Dilúvio?

Por que razão é que, quem estes fatos descreveu, não quis mencionar as gerações que se seguem? Por que de Adão até o Dilúvio contam-se, segundo os nossos códices, dois mil duzentos e setenta e dois anos e, segundo os Hebreus, mil seiscentos e cinquenta e seis anos. Para admitirmos que o número menor é o verdadeiro, temos que tirar duzentos e quarenta e seis a estes mil seiscentos e cinquenta e seis anos. Será de crer que, durante os mil quatrocentos e

⁷⁵⁰ secundum carnem qui est super omnia Deus benedictus in saecula. Rom., IX, 5.

mais anos que restam até ao Dilúvio, a posteridade de Caim não te-
nhia tido filhos?

Se alguém com isto se sentir embaraçado, lembre-se de que, quando perguntávamos se é de crer que os antigos se tenham abstido de gerar filhos durante tantos anos, demos uma dupla solução a esta questão: ou o atraso da puberdade era proporcional à longevidade ou então os filhos referidos nas gerações não eram os primogênitos, mas sim os que conduziam ao descendente que o autor do livro tinha em vista, a Noé, por exemplo, nas gerações de Set.

Por consequência, nas gerações de Caim, a menos que se apresente alguém que se deva tomar como termo e no qual, omitindo os primogênitos, seja preciso terminar passando pelos mencionados, só nos resta invocar a tardeza da puberdade.

Efetivamente, tinham que se tornar púberes e capazes de gerar muito depois dos cem anos, para que a ordem das gerações passe pelos primogênitos e, até ao Dilúvio, chegue ao número duma tal soma de anos.

Também pode acontecer que, por alguma razão oculta que não lobriga, o autor do livro, não conduzindo as gerações senão até La-
mech e seus filhos, queira pôr em destaque a cidade a que nós cha-
mamos terrestre, deixando de mencionar em seguida outros descen-
dentes que podem ter existido até ao Dilúvio.

Pode também ser outra a causa por que não se seguiu a ordem das gerações por meio dos primogênitos, sem necessidade de se recorrer à puberdade tardia dessas pessoas, a saber: a cidade fundada por Caim em nome de seu filho pôde estender ao longe e ao largo o seu domínio e ter reis, não todos ao mesmo tempo, mas cada um a seu tempo, os quais tinham como sucessores os que tinham gerado.

O primeiro destes reis pode ter sido o próprio Caim; o segundo, seu filho Henoc, em cujo nome foi fundada a cidade, sede do reino; o terceiro, Gaidad, filho de Henoc; o quarto Mévia, filho de Gaidad; o quinto, Matusael, filho de Mévia; o sexto, Lamech, filho de Matusael, que é o sétimo a partir de Adão por Caim.

Mas não é de concluir que tenham sido os primogênitos destes reis que tenham sucedido aos seus pais no reinado, mas sim aqueles que o mérito resultante de uma virtude útil à cidade terrestre ou a sorte designava para reinar. Ou então, por um certo direito hereditário ao reino, sucedia a seu pai, de preferência àquele que ele, de entre todos, mais tinha amado.

O Dilúvio pode ter surgido sendo ainda vivo e reinando Lamech, tê-lo surpreendido e feito perecer com todas as outras pessoas, à exceção das que se encontravam na arca. Por que não é de admirar, dada a grande quantidade de anos passados durante o tão longo período de Adão até ao Dilúvio, que as duas genealogias não contenham o mesmo número de descendentes: a de Caim tem sete e a de Set tem

dez. Como já disse, Lamech é o sétimo depois de Adão e Noé é o décimo. E é por isso que, em vez de um só, como nas gerações precedentes, se mencionam vários filhos de Lamech, por que não se podia saber quem, após a sua morte, lhe sucederia, se ficasse um intervalo de tempo para reinar entre ele e o Dilúvio.

Mas, qualquer que seja a ordem das gerações desde Caim, (por primogênitos ou por reis), parece-me que, o que de maneira nenhuma se deve passar em silêncio, é que, quando se chegou a Lamech, sétimo descendente de Adão, se lhe contam tantos filhos quantos os precisos para se perfazer o número onze, que significa pecado. Juntam-se-lhe, com efeito, três filhos e uma filha.

Mas as esposas podem ter uma significação diferente da que agora propomos. Falamos agora de gerações, mas nada se disse acerca da ascendência delas.

Promulgou-se a lei com o número dez, donde vem o memorável Decálogo. Com certeza, o número onze, que ultrapassa o número dez, significa a transgressão da lei e, portanto, o pecado.

Daí procede que, a propósito do Tabernáculo do testemunho, que era como que um templo portátil na marcha do povo de Deus, se mandaram fazer onze panos de pêlo de cabra (*vela cilicina*). O «cilício»⁷⁵¹ é, de fato, uma recordação dos pecados, por causa dos *cabri*-

⁷⁵¹ O «cilício» (*cilicium*) era um pano grosso de pêlo de cabra feito na Cilicia, região da atual Turquia.

*tos que hão de ficar à esquerda*⁷⁵², por isso, reconhecendo os nossos pecados, nos prostramos sobre o «cilício» como se disséssemos o que está escrito no Salmo: *O meu pecado está sempre na minha frente*⁷⁵³.

Portanto, a descendência de Adão, através do malvado Caim, acaba no número onze (que significa pecado) e esse mesmo número se acaba numa mulher cujo sexo é a origem do pecado por que todos nós morremos. E cometeu-se de tal maneira que se lhe seguiu o prazer da carne que resistira ao espírito.

Efetivamente, Noema, filha de Lamech, significa «voluptuosidade». Pelo contrário, desde Adão, passando por Set, até Noé, o que se nos insinua é o número dez, que é conforme a lei (*legitimus*). Juntam-se-lhe os três filhos de Noé, dos quais um caiu e os outros dois foram abençoados pelo pai. Subtraindo o reprovado e juntando os aprovados, obtém-se o número doze que é celebrado no número dos patriarcas e dos apóstolos, digno de se ter em consideração, por ser formado pelas partes do número sete, multiplicadas uma pela outra, pois que três vezes quatro ou quatro vezes três dão o mesmo.

Estabelecidos, pois, estes fatos, creio que convém considerar e recordar como é que as duas posteridades que, pelas duas séries distintas de gerações, insinuam as duas cidades — a dos da terra e a dos regenerados — se misturaram mais tarde e se confundiram, de tal

⁷⁵² Ao referir-se aos «cabritos que hão de ficar à esquerda». Santo Agostinho estava a pensar no Juízo Final descrito em S. Mateus XXV, 33.

⁷⁵³ *Et peccatum meum ante me est semper*. Salmo L, 5.

forma que o gênero humano, todo ele, à exceção de oito pessoas, mereceu morrer no Dilúvio.

CAPÍTULO XXI

Por que razão, depois da menção de Henoc filho de Caim, a narrativa de toda a sua descendência continua até ao Dilúvio, ao passo que, depois da menção de Enós, filho de Set, se volta ao princípio da raça humana?

Mas, antes de tudo, deve-se reparar como, na enumeração das gerações provenientes de Caim, é citado, antes dos outros descendentes, Henoc, em nome de quem foi fundada uma cidade. Em seguida são enumerados todos os outros, até ao final de que falei: até à destruição total daquela raça e de seus descendentes pelo Dilúvio.

Mas, depois de ser feita menção apenas de Enós, filho de Set, antes de se referirem aos outros descendentes até ao Dilúvio, intercalase uma frase que diz: *Este é o livro dos nascimentos dos homens, no dia em que Deus fez Adão; fê-lo à imagem de Deus. Fê-los homem e mulher, abençoou-os e, desde o dia em que os fez, deu-lhes o nome de Adão*⁷⁵⁴.

Parece-me que isto foi intercalado para permitir que se recomeçasse pelo próprio Adão a enumeração das épocas; o que, quem

⁷⁵⁴ *Hic liber natuitatis homimm, qua die Jecit Deus Adam, ad imaginem Dei jecit illutu. Masculum et jettiinam jecit illos, et benedixit illos et cognominavit nonten eorum Adam, qua die fecit illos. Gen., V, 1-2.*

isto escreveu, não quis fazer na Cidade Terrestre, como se Deus a tivesse mencionado sem a fazer entrar no seu cálculo.

Mas, por que é que, nesta altura, volta ele a essa recapitulação, depois de ter mencionado o filho de Set, «o homem que pôs a sua esperança em invocar o nome do Senhor Deus», se não é por que era preciso pôr em destaque estas duas cidades: uma que começa e acaba por um homicídio (de fato, Lamech confessou, às suas duas mulheres, que tinha cometido um homicídio) e a outra que começa por aquele que «pôs a sua esperança em invocar o nome do Senhor Deus»?

É esta a realidade, a única e suprema ocupação, nesta vida mortal, da Cidade de Deus que peregrina neste mundo; ocupação que devia ser encarecida por um homem realmente gerado da «ressurreição» daquele que tinha sido morto.

Na realidade, esse homem único é que é a unidade da Cidade do Alto toda inteira. Unidade ainda não perfeita, com certeza, mas destinada a sê-lo um dia, como assegura esta peregrinação profética.

Mantenha, pois, o filho de Caim, isto é, o filho da «posse» (de quê senão da Terra?) o seu nome na Cidade Terrestre, pois que foi em seu nome que ela foi fundada! Destes é que, na verdade, se canta no Salmo: *Invocarão os seus nomes nas suas terras*⁷⁵⁵.

⁷⁵⁵ *Invocabunt nomina eorum in terris ipsorum.* Salmo XLVIII (XLIX).

Por isso lhes respeita a eles o que noutro salmo está escrito:
*Senhor, na tua cidade, a nada reduzirás a imagem deles*⁷⁵⁶.

Mas, que o filho de Set, isto é, o filho da «ressurreição», ponha a sua esperança em invocar o nome do Senhor Deus, pois ela prefigura a sociedade das pessoas das quais se diz: *Mas eu, como oliveira cheia de frutos na casa do Senhor, pus a minha esperança na misericórdia de Deus*⁷⁵⁷. Não aspire, porém, as vãs glórias de um nome famoso na terra, por que, *feliz o homem cuja esperança está no nome do Senhor e não olhou para as vaidades e loucas mentiras*⁷⁵⁸.

Apresentadas, pois, as duas cidades — uma nas realidades deste século, a outra na esperança de Deus, como saídas ambas da porta comum da mortalidade aberta com Adão, para se lançarem para a frente e correrem para os seus fins próprios, a cada uma assinalados — é então que começa o cômputo dos tempos. Nesta enumeração acrescentam-se outras gerações, cuja recapitulação se faz a partir de Adão. Da sua posteridade condenada, como de uma massa única voltada a um justo castigo, fez Deus a uns «Vasos de Cólera» para a desonra e a outros «Vasos de Misericórdia» para a honra, dando a uns o que lhes é devido como castigo e dando aos outros, de graça, o que não se lhes deve, para que, da própria comparação dos «Vasos de

⁷⁵⁶ *Domine, in civitate tua imaginem eorum ad nihilum rediges.* Salmo LXXII (LXXII), 20.

⁷⁵⁷ *Ego autem sicut oliva fructifera in domo Dei speravi in misericordia Dei.* Salmo LI (LII), 10.

⁷⁵⁸ *beatus est vir, cuius est nomen Domini spes ejus, et non respexit in sanitates et insanias mendaces.* Salmo XXXIX (XL) 5.

Cólera», a Cidade do Alto, que peregrina na Terra, aprenda a não se fiar no seu livre arbítrio, mas a pôr a sua esperança na invocação do nome do Senhor Deus. Por que a vontade, que foi criada naturalmente boa por Deus bom, mas feita mutável pelo Imutável, por que tirada do nada, tanto pode afastar-se do bem, para fazer o mal — o que faz por seu livre arbítrio — como pode afastar-se do mal, para fazer o bem — o que não acontece sem a ajuda divina.

CAPÍTULO XXII

Queda dos filhos de Deus, seduzidos pelo amor de mulheres estrangeiras, pelo que, todos, à exceção de oito pessoas, mereceram morrer no Dilúvio.

Quando o gênero humano foi progredindo e aumentando, com esse livre arbítrio da vontade se fez uma mistura e como que uma certa confusão das duas cidades na participação da iniquidade. Disso de novo foi o sexo feminino a causa. Não, verdade seja, da mesma maneira que no começo, por que desta vez não foram essas mulheres seduzidas pelos artifícios de alguém, que levaram os homens ao pecado, mas, desde o começo, as que tiveram hábitos depravados na cidade terrestre, isto é, nesta sociedade das gentes da terra, foram amadas por causa da beleza dos seus corpos, pelos filhos de Deus, ou seja, os cidadãos da outra cidade que peregrina neste século.

Isso é, na realidade, um dom de Deus, mas Ele concede-o também aos maus e não vá parecer aos bons como um grande bem. As-

sim, abandonado o grande bem, próprio dos bons, o homem resvalou para o bem mínimo, não próprio dos bons, mas comum a bons e maus. E foi assim que os filhos de Deus foram apanhados pelo amor das filhas humanas e para gozarem delas como esposas, deixaram-se arrastar para os costumes da sociedade filha da terra, abandonando a piedade que observavam na sociedade santa.

Assim como a beleza do corpo — obra de Deus sem dúvida, mas bem ínfimo, carnal e temporal — é mal amada, quando Deus, bem eterno, interior e sempiterno é posto em segundo plano e, tal como, abandonada a justiça, o ouro é amado pelo avarento, não por falta do ouro mas da pessoa, assim é também em relação a toda a criatura. Por muito boa que seja, ela pode ser amada com um amor bom ou mau. Bom, se a ordem é salvaguardada; mau se é violada.

Isto mesmo expressei, em breves versos, no elogio do Círio (*Laus Cerei*): *Estas coisas são tuas e são boas, por que tu, que és bom, é que as criastes. A não ser o nosso pecado, nelas, nada está de nós que atuamos com desprezo da ordem, em vez de ti, o que tu criaste*⁷⁵⁹.

⁷⁵⁹ *Haec tua sunt, bona sunt, quia tu bonus ista creasti. Nil nostrum est in eis, nisi quod peccamus amantes Ordine neglecto pro te, quod conditur abs te* (a).

(a) Estes versos figuram como introdução do poema de Santo Agostinho *De anima* (Acerca da alma) e figuram na Antologia Latina. Do poema, dedicado ao Círio Pascal, já só restam 53 hexâmetros. A Antologia Latina a que se reporta esta nota, é uma coletânea de textos latinos da baixa latinidade descoberta na Biblioteca Palatina de Heidelberg (pelo que também se lhe chama Antologia Palatina), em 1607, pelo humanista Claude Saumaise e publicada em Amsterdam por Burmann, em 1759, com o título de *Anthologia Veterum Latinorum Epigrammatum et poematum*. Esta obra encontra-se atualmente na Biblioteca Vaticana. Consta a Antologia de 15 livros com 5.300 composições e com 22.500 versos,

Mas o Criador, se é verdadeiramente amado, isto é, se é Ele próprio amado e nenhuma outra coisa por Ele que não seja Ele, não pode ser mal amado. Por que o próprio amor, que nos faz amar bem o que deve ser amado, deve ser amado também ordenadamente, para que esteja em nós a virtude pela qual se vive bem. Por isso, me parece que é verdadeira esta breve definição da virtude: *ordo amoris* «a ordem do amor». É por isso que a esposa de Cristo, a Cidade de Deus, canta no santo Cântico dos Cânticos: *Ordenai em mim a caridade*⁷⁶⁰.

Foi, portanto, depois de ter sido perturbada a ordem da caridade, isto é, da estima e do amor, que os filhos de Deus deixaram a Ele e amaram as filhas humanas. Com estes dois nomes ficam bem diferenciadas as duas cidades. Na realidade, aqueles não deixaram de ser, por natureza, filhos dos homens, mas, pela graça, tinham começado a ter outro nome.

Na mesma Escritura, onde se diz que os filhos de Deus amaram as filhas dos homens, aqueles são também chamados *anjos de Deus*. Daí julgaram muitos que não se trata de homens, mas de anjos.

quase na totalidade as mesmas que a *Anthologia Planudeana*, assim chamada por causa do nome do seu organizador, o monge bizantino Mâximo Planúdio (1301) que, por sua vez, fez a recolha à maneira das de Meleagro de Gadara (Sec. I antes de Cristo), Filipe de Tessalônica (Sec. I antes de Cristo), Estrabão de Sardes (Séc. II depois de Cristo), Agatias (Sec. VI depois de Cristo) e Constantino Céfalas (Séc. VII depois de Cristo), todas perdidas. Como se vê pelo nome, a Antologia é constituída pelos mais belos textos (belos como flores — *ávθος*), em verso ou prosa, formando toda a recolha (*λογία* — coleção, recolha, colheita) como que um ramo de flores.

⁷⁶⁰ *Ordinate in me caritatem.* Cânt., II,4.

CAPÍTULO XXIII

Será de crer que os anjos, de substância espiritual, seduzidos pelo amor de mulheres formosas, se tenham casado com elas e deles tenham nascido os gigantes?

De passagem, sem a resolvemos, mencionamos esta questão no terceiro livro desta obra: se os anjos, sendo espíritos, podem se unir corporalmente com mulheres. De fato, está escrito: *Ele que dos espíritos faz anjos seus*⁷⁶¹, isto é, aos que, por natureza, são espíritos, fê-los Ele seus enviados (*angeli*) encarregando-os do ofício de «anunciar».

De fato, o que em grego se chama *άγγελος*, que, na flexão latina, é *angelus* (anjo), traduz-se na língua latina para mensageiro (*nuntius*).

Mas é ambíguo — quer se trate da caridade como de um fogo espiritual que deve queimar os seus ministros, quer se trate do seu corpo — o acréscimo, a seguir, das palavras: *E, nos seus ministros, um fogo ardente*⁷⁶².

Todavia, testemunha-o a Escritura, sempre verdadeira, apareceram anjos aos humanos em corpos que podiam ser vistos e até tocados.

⁷⁶¹ *Qui facit angelos suos spiritus.* Salmo CIII, 5.

⁷⁶² *et ministros suos ignem ardentem.* Ib.

É voz corrente — e há muitos que dizem tê-lo constatado ou tê-lo ouvido de testemunhos dignos de fé que o constataram — que os silvanos e os faunos, vulgarmente chamados «íncubos»⁷⁶³, se têm apresentado impudicamente a mulheres, as têm desejado e com elas têm consumado a união carnal.

Também muitos __ pessoas de tal modo qualificadas que pareceria petulância negar-lhes fé __ afirmam que certos demônios, chamados «Dúsios» pelos Gauleses, tentam e praticam com assiduidade atos impudicos. De tudo isto, não ouso declarar se alguns espíritos, tomando um corpo aéreo (de fato, este elemento torna-se sensível, corporalmente tocável, ao ser agitado por um abano), podem experimentar esta paixão, de modo a unir-se, à sua maneira, a mulheres que lhes sentiriam os efeitos.

Não posso, porém, admitir que os santos anjos assim tenham podido cair, naqueles tempos, nem que seja a seu respeito que o apóstolo Pedro disse: *Deus não poupou os anjos que pecaram, mas atirando-os para as prisões das trevas inferiores, guarda-os para serem punidos em juízo*⁷⁶⁴.

⁷⁶³ Chamam-se «íncubos» os demônios a que se atribuem pesadelos e maus sonhos.

⁷⁶⁴ *Si enim Deus angelis peccantibus non pepercit, sed carceribus caliginis injeri retrudens tradidit in iudicio puniendos reservari.* II Pedro, II, 4.

Trata-se antes daqueles que foram os primeiros a separar-se de Deus e caíram com o seu chefe, o Diabo⁷⁶⁵, que, por inveja, com astúcia viperina, fez cair o primeiro ser humano.

Que as pessoas de Deus tenham sido chamadas também «anjos», testemunha-o abundantemente a Escritura Sagrada. Efetivamente, acerca de João está escrito: *Eis que envio o meu anjo diante da tua face, que preparará o teu caminho*⁷⁶⁶ e o profeta Malaquias⁷⁶⁷, por uma graça própria, isto é, concedida a ele em especial, foi chamado «anjo».

Mas alguns estranham que de homens, a que chamavam anjos de Deus e de mulheres tenham nascido gigantes, segundo lemos, e não humanos da nossa raça, como se, mesmo nos nossos tempos (lebramo-lo mais acima) não houvesse pessoas que em muito ultrapassam a nossa estatura.

Não houve em Roma, há alguns anos, pouco antes do saque da cidade pelos Godos, uma mulher que vivia com seu pai e sua irmã, cuja estatura, pelas suas proporções gigantescas, em muito ultrapassava a dos outros? Para vê-la, vinha de toda a parte muita gente. E o mais surpreendente é que ambos os pais não atingiam a estatura das pessoas mais altas que estamos habituados a ver.

⁷⁶⁵ «Zabalo» é como vem no texto que utilizamos; Migne, porém, traz «diabolo».

⁷⁶⁶ *Ecce mitto angelum meum ante faciem tuam, qui praeparabil viam tuam.* Marcos, I, 2.

⁷⁶⁷ Malachil no texto que utilizamos; Migne, porém, traz Malachias.

Puderam, pois, nascer gigantes mesmo antes de os filhos de Deus, também chamados anjos de Deus, se terem unido às filhas dos humanos, isto é, que viviam como ao ser humano apraz, antes, portanto, de os filhos de Set se unirem às filhas de Caim. Com efeito, é assim que se diz na Escritura Canônica, no livro em que isto vem relatado.

São estes os seus dizeres:

*E aconteceu que, depois de os homens terem começado a multiplicar-se sobre a terra, nasceram-lhes filhas. Mas os anjos de Deus, reparando que as filhas dos homens eram belas, tomaram por esposas as que dentre todas escolheram. E disse o Senhor Deus: o meu espírito não permanecerá para sempre nesses homens por que são carne. Os seus dias serão de cento e vinte anos. Havia, porém, naqueles tempos, sobre a terra, gigantes. E depois disso, quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens, delas procriaram filhos para si. E estes eram gigantes, homens famosos em todos os tempos*⁷⁶⁸.

Estas palavras do livro sagrado mostram bem que naqueles dias já havia gigantes na Terra quando os filhos de Deus tomaram por

⁷⁶⁸ *Et factum est, postquam cooperunt homines multi jieri super terrai'H, et filiae natae sunt illis; videntes autem angeli Dei filias hominum quia borne sunt, sumpserunt sibi uxores ex omnibus quas elegerunt. Et dixit Dominus Deus: Non permanebit spiritus meus in hominibus his in aeternum, propter quod caro sunt. Erunt autem dies eorum centum viginti anni. Gigantes autem erant super tenant in diebus illis et post illud, cum intrarent filii Dei ad filias hominum et generabant sibi; illi erant gigantes a saeculo homines nominati. Gen., VI, 1-5.*

esposas as filhas dos humanos e quando as amaram por que eram boas, isto é, belas. É que a Escritura costuma chamar de bons aos que são corporalmente belos. Mas, mesmo depois, nasceram gigantes.

Efetivamente, diz assim: *Havia, porém, naqueles tempos sobre a terra gigantes e, depois disso, quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens*⁷⁶⁹.

Houve-os, portanto, não só antes, mas também depois daqueles dias. Mas, quanto ao que se diz: *Geraram para si*⁷⁷⁰, fica bem patente que, anteriormente, antes de terem assim caído, os filhos de Deus geraram para Deus e não para si próprios, isto é, o desejo carnal, em vez de dominar, submetia-se ao dever de procriação. Não geravam uma família que fosse a sua glória, mas cidadãos para a Cidade de Deus, ensinando-lhes, como «anjos de Deus», a pôr em Deus a sua esperança, a exemplo do filho de Set, o filho da ressurreição, que pôs a sua esperança em invocar o nome de Deus; esperança que os tornaria, com os seus descendentes, coerdeiros dos bens eternos e, sob um mesmo Deus, seu Pai, irmãos de seus filhos.

Que eram anjos de Deus não significa que não fossem humanos, como alguns julgam. Que o eram, a própria Escritura o declara, sem sombra de dúvida. De fato, depois de ter dito antes: *Os anjos de Deus, reparando que as filhas dos homens eram belas, tomaram pa-*

⁷⁶⁹ *Gigantes autem erant super terram in diebus illis et post illud cum intrarent filii Dei ad filias hominum.* Ib.

⁷⁷⁰ *Et generabant sibi.* Ib.

*ra esposas as que dentre todas escolheram*⁷⁷¹, logo a seguir acrescenta: *E disse o Senhor Deus: o meu espírito não permanecerá para sempre nesses homens, por que são carne*⁷⁷².

Eles, na verdade, pelo Espírito de Deus, tornaram-se anjos de Deus e filhos de Deus, mas, voltando-se para as coisas inferiores, chamam-se, pelo seu nome da natureza e não pelo nome da graça, «homens» e, como desertores do espírito e abandonados, também se chamam «carne».

Os Setenta chamaram-lhes precisamente «anjos de Deus» e «filhos de Deus», o que não vem em todos os códices. Nalguns vem apenas «filhos de Deus». Mas Áquila, o tradutor que os judeus a todos preferem, não traduziu nem por «anjos de Deus» nem por «filhos de Deus», mas por «filhos dos deuses». Ambas as versões são verdadeiras. De fato, eram filhos de Deus e, com tal pai, eram também irmãos de seus pais e também «filhos dos deuses», pois tinham sido gerados por deuses com os quais eram, eles próprios, deuses também, conforme o dito do salmo: *Fui eu quem o disse: todos vós sois deuses e filhos do Altíssimo*⁷⁷³.

É justificadamente que se crê que os Setenta receberam o espírito profético, de forma que, se por sua autoridade, algumas modifi-

⁷⁷¹ *videntes angeli Dei filias hominum, quia bonas sunt, sumpserunt sibi uxores ex omnibus quae elegerunt.* Ib.

⁷⁷² *Et dixit Dominus Deus: Non permanebit spiritus meus in hominibus his in aeternum, propter quod caro sunt.* Ib.

⁷⁷³ *Ego dixi: Dii estis et filii Excelsi omnes.* Salmo LXXXI, 6.

cações fizeram e, se disseram de forma diferente do que estava no que traduziam, não se pode duvidar de que também isso fora dito com autoridade divina, embora no Hebreu se tenha isto por ambíguo, de maneira que se pode traduzir por «filhos de Deus» e por «filhos dos deuses».

Ponhamos de parte as fábulas dos escritos chamados apócrifos, pois a sua origem obscura pareceu suspeita aos «padres» através dos quais nos chega a autoridade das verdadeiras Escrituras por uma sucessão bem segura e conhecida. Embora nesses apócrifos se encontre alguma verdade, os seus numerosos erros retiram-lhe toda a autoridade canônica.

Não podemos negar que Enoque, sétimo descendente de Adão, tenha escrito certas coisas sob a inspiração divina, pois o apóstolo Judas o declara numa epístola canônica. Não é, todavia, sem razão, que estes escritos não figuram no cânon das Escrituras conservado no templo do Povo Hebreu pelo zelo dos sacerdotes que se iam sucedendo. Foram julgados de crédito suspeito por sua antiguidade e não se podia demonstrar que fossem os que ele tinha escrito. Os que os apresentaram não eram de categoria que provassem tê-los conservado legitimamente na série de sucessões, segundo os ritos. Por isso se julgou prudentemente que não deviam ser-lhe atribuídos os escritos que trazem o seu nome e onde se encontram essas fábulas de gigantes cujos pais não teriam sido homens. Da mesma forma, muitos es-

critos foram apresentados pelos heréticos sob o nome de outros profetas e outros, mais recentes, sob o nome dos apóstolos. Depois de um exame cuidadoso, foram todos postos de parte como apócrifos pela autoridade canônica.

Não há dúvida, portanto, de que, segundo as Escrituras canônicas hebraicas e cristãs, antes do Dilúvio houve muitos gigantes, de que estes foram cidadãos da sociedade terrígena dos homens e de que os filhos de Deus, que segundo a carne provinham de Set, abandonaram a justiça e se passaram para essa sociedade. Não é de admirar que deles também tenham podido nascer gigantes. Nem todos os humanos de então foram gigantes, mas houve mais então do que nos outros tempos depois do Dilúvio.

Aprouve ao Criador criá-los para assim mostrar que a beleza e até a corpulência e o vigor dos corpos não devem ser tidos por grande coisa pelos sábios, para quem a felicidade reside nos bens espirituais e imortais, muito melhores e mais firmes, especialmente próprios dos bons e não comuns aos bons e aos maus.

É o que recomenda um profeta ao dizer:

Lá viveram esses gigantes, famosos que foram, desde os primórdios, muito corpulentos e peritos na guerra. Mas não foi a eles que o Senhor escolheu nem lhes abriu o caminho da ciência e, por

*que não estavam em posse da sabedoria, morreram. Foi por causa da sua imprudência que pereceram*⁷⁷⁴.

CAPÍTULO XXIV

Como deve ser entendido o que o Senhor diz dos que iam morrer no Dilúvio: *Os seus dias serão de cento e vinte anos?*

O que o Senhor disse: *Os seus dias serão de cento e vinte anos*⁷⁷⁵ não deve ser entendido como se se anunciasse que para o futuro a vida das pessoas não podia ultrapassar os cento e vinte anos, pois, mesmo depois do Dilúvio, encontramos alguns a excederem até quinhentos.

Atentamos que, quando Deus o disse, já Noé tinha cerca de quinhentos anos, isto é, quatrocentos e oitenta. A Escritura diz quinhentos, conforme o seu costume de tomar o todo pela parte.

Na verdade, foi no segundo mês do ano seiscentos da vida de Noé que surgiu o Dilúvio. Desta forma, os referidos cento e vinte anos são os que faltavam às pessoas que iam morrer. Não é sem motivo que se crê que no momento em que surgiu o Dilúvio já não havia sobre a Terra senão quem merecesse sofrer a morte destinada a castigar os ímpios. Não é que tal gênero de morte infligido aos justos —

⁷⁷⁴ *Ibi fuerunt gigantes illi nominati, qui ab initio fuerunt statuosi, scientes proelium. Non hos elegit Dominus, nec viam scientiae de dit illis; sed interierunt, quia non habuerunt sapientiam, perierunt propter inconsiderantiam.* Baruch., III, 26-28.

⁷⁷⁵ *Erunt dies eorum centum viginti anni.* Gen., VI, 3.

que também hão de morrer — lhes cause mal algum que os possa prejudicar depois da morte.

Todavia, no Dilúvio não morreu nenhum dos que a Sagrada Escritura menciona como descendentes da geração de Set.

É assim que, por inspiração divina, se refere à causa do Dilúvio:

*O Senhor Deus, ao notar que a malícia dos homens crescia sobre a terra e que cada um de todos eles, no seu coração só no mal pensava todos os dias, pensou Deus que tinha feito o homem sobre a terra, mas, voltando a pensar, disse: vou destruir da face da terra o homem que criei; tudo, desde o homem até aos animais, desde répteis até às aves do Céu, por que estou zangado por tê-los criado*⁷⁷⁶.

CAPÍTULO XXV

Da cólera de Deus, cuja paz imutável nenhum ardor perturba.

A cólera de Deus não consiste na perturbação da sua alma, mas no juízo que inflige uma pena ao pecado. O seu pensamento e a sua reflexão é a razão imutável das coisas mutáveis. Deus nunca se arrepende de qualquer ato seu como acontece ao ser humano. Tem, abso-

⁷⁷⁶ *Videns Dominus Deus, quid multiplicatae sunt malitia hominum super terram, et omnis quisque cogitat in corde suo diligenter super maligna omnes dies, et cogitauit Deus, quia fecit hominem super terram, et recognoscit, et dixit Deus: Deleam (a) hominem, quem feci, a facie terrae, ab homine usque ad pecus et a repentebus (b) usque ad volatilia caeli, quia iratus sum, quoniam feci eos.* Gen. VI, 5-7.

(a) Em Migne vem *delebo*.

(b) No texto utilizado vem *repenteibus*, abl. pl. do part. pres. do v. *repo* — arrastar-se. Em Migne vem *reptilibus*.

lutamente, de todas as coisas, uma determinação tão firme quão certa é a sua presciênciā.

Mas, se a Escritura não se servisse de tais palavras, não se tornaria de certo modo familiar a todo o gênero de pessoas para lhes ser útil, aterrando os soberbos, excitando os preguiçosos, estimulando os que procuram, iluminando os inteligentes. Ela não o conseguiria se não começasse por se debruçar e de certo modo descer até aos que jazem prostrados. Ao anunciar a morte de todos os animais da terra e das aves, mais não faz que declarar a extensão da futura catástrofe, mas não ameaça com a destruição os animais privados de razão como se eles também tivessem pecado.

CAPÍTULO XXVI

A arca que Noé mandou construir simboliza, em todos os seus pormenores, Cristo e a Igreja.

A Noé — que era um homem justo e, como dele diz a verídica Escritura, perfeito entre os da sua geração (não, certamente, com a perfeição que os cidadãos da Cidade de Deus hão de conseguir na imortalidade que os igualará aos anjos de Deus, mas com a que nesta peregrinação podem ser perfeitos) — ordenou Deus que construísse uma arca, na qual escaparia da devastação do Dilúvio com os seus, isto é, com a esposa, os filhos e as noras e ainda com os animais que, por ordem de Deus, entraram na arca. Isto é, sem dúvida, uma figura

da Cidade de Deus vivendo como peregrina neste século, isto é, da Igreja salva pela madeiro em que foi suspenso *o mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo*⁷⁷⁷.

As medidas do seu comprimento, da sua altura e da sua largura significam o corpo humano, em cuja realidade foi anunciado que Ele viria, como, de fato, veio, para junto dos humanos. Comprimento do corpo humano desde a cabeça até aos pés, vale, efetivamente, seis vezes a sua largura que vai de um ao outro lado e dez vezes a sua altura medida das costas ao ventre. Assim se mede uma pessoa deitada sobre o dorso ou sobre o ventre; o seu comprimento, da cabeça aos pés, é seis vezes a sua largura, da direita à esquerda, ou da esquerda à direita e dez vezes a sua altura acima do solo. Foi por isso que se deram à arca trezentos côvados de comprimento, cinquenta de largura e trinta de altura. E a porta que a arca recebeu no lado é seguramente a ferida que a lança abriu no lado do Crucificado. É por aí com certeza que entram os que vêm a Ele, porque daí dimanaram os sacramentos pelos quais os crentes são iniciados. As tábuas quadradas com que foi mandada construir, significam a perfeita estabilidade da vida dos santos, pois, para qualquer parte que se volte o quadrado, fica sempre ele em equilíbrio. E tudo o mais que se descreve na construção desta arca é um sinal das realidades da Igreja.

⁷⁷⁷ *mediator Dei et hominum, homo Christus Jesus.* I Timót., II, 5.

Seria muito longo pormenorizar essas coisas agora; já o fiz na obra que escrevi contra o maniqueu Fausto que nega se tenha profetizado acerca de Cristo nos livros dos Hebreus.

Pode bem acontecer que haja quem exponha estas coisas com mais acerto do que eu e cada um melhor do que o outro, contanto que, quem expuser isto, se não quiser se afastar muito do sentido de quem escreveu estas coisas, procure que tudo o que diga vá referido a esta Cidade de Deus de que tratamos, peregrina neste século maligno, como no meio de um Dilúvio.

Por exemplo, alguém não quer que o texto que aqui se encontra: *Farás uns «baixos» (inferiora), um segundo pavimento (bicamerata) e um terceiro pavimento (tricamerata)*⁷⁷⁸ significa o que eu disse na minha referida obra, por que a Igreja se forma de todas as nações reunidas, diz-se que ela é «formada de dois pavimentos» (*bicamerata*) por causa das duas categorias de pessoas (os circuncisos e os incircuncisos, a que o Apóstolo chama ainda de os Judeus e os Gregos) e «formada de três pavimentos», por que todos os povos foram reconstituídos após o Dilúvio pelos três filhos de Noé.

Cada um diga o que lhe parece, contanto que não se afaste da regra da fé. Não quis que a arca tivesse mansões apenas na parte inferior, mas também na superior (e por tal razão a classifica de

⁷⁷⁸ *inferiora bicamerata et tricamerata facies eam.* Gen., VI, 16.

bicamerata — «de dois pavimentos») e ainda na outra, que fica por cima da última (chamando-lhe *tricamerata* — «de três pavimentos»), de modo que, desde o fundo até ao cimo, havia três pavimentos. Estes podem significar as três virtudes que o Apóstolo recomenda: a fé, a esperança e a caridade. Ou então, de forma ainda mais apropriada, os três graus da fecundidade de que fala o Evangelho: trinta, sessenta, cem por um, de maneira que, no primeiro grau se encontra a continência conjugal; no segundo, a das viúvas e, no mais elevado, a virginal.

Mas se há alguma coisa melhor, em concordância com a doutrina desta cidade, pois podem concebê-lo e dizê-lo. Direi o mesmo de tudo o que há ainda a expor. Podem dar-se várias explicações, mas todas devem concordar com a unidade da fé católica.

CAPÍTULO XXVII

A arca e o Dilúvio; não se pode estar de acordo com aqueles que aceitam apenas a história e não reconhecem o sentido alegórico, nem com os que só aceitam figuras e rejeitam a verdade histórica.

Ninguém deve pensar que foi em vão que estas coisas foram escritas, ou que se deve buscar apenas a verdade dos fatos, sem qualquer sentido alegórico. Ou, pelo contrário, que elas não se realizaram, mas são apenas figuras de palavras. Ou que, finalmente, tenham

o sentido que tiverem, de maneira nenhuma se relacionam com a profecia sobre a Igreja.

Quem pode pretender, a não ser um espírito pervertido, que estes livros conservados durante milhares de anos, com tanta devoção e com um tão grande zelo em manter a tradição, foram escritos em vão ou que neles só se consignam os fatos reais?

Pondo de lado outros fatos, se o número dos animais obrigava a que se construísse uma arca de tais proporções, o que é que obrigava a introduzir lá um par de animais impuros e sete animais puros, se as duas espécies se podiam conservar com um número igual? Ou será que Deus, que ordenou a sua conservação para refazer as espécies, não podia restabelecê-las do mesmo modo que as criara?

Os que pretendem que não se trata de fatos, mas apenas de figuras que significariam realidades, julgam, antes de mais nada, que o Dilúvio não pôde ser tão grande que, com a subida das suas águas ultrapassasse em quinze côvados as mais altas montanhas. É que, no cume do Monte Olimpo não se podem juntar as nuvens, por que o céu é já tão alto que o ar não pode ser aí bastante denso para produzir ventos, nuvens e chuvas. Não reparam que a terra, o mais denso dos elementos, pode lá estar. Acaso negaram eles que o cume de uma montanha é de terra?

Por que sustentam então que as terras podem se elevar até esses espaços do céu e não o podem as águas, afirmando, tais pesadores e

medidores dos elementos, que as águas são mais elevadas e mais leves do que a terra? Que razão apresentam para demonstrar que a terra, mais pesada e mais baixa, pôde ocupar, no decurso de tantos anos, o lugar do céu mais tranquilo e para recusar à água, mais leve e mais elevada, que não possa fazê-lo, pelo menos por pouco tempo?

Dizem também que as dimensões da arca não podiam conter tantas espécies de animais dos dois sexos, um casal de impuros e sete de puros. Não contam, segundo me parece, senão trezentos côvados de comprimento por cinquenta de largura, mas não pensam que há outro tanto no piso superior e ainda outro tanto no piso acima deste; o que, em côvados, multiplicado por três, faz novecentos por cento e cinquenta.

Se pensarmos na engenhosa observação de Orígenes, de que Moisés, homem de Deus, instruído, como está escrito, em todas as ciências dos egípcios, apaixonado pela geometria, bem podia querer falar do côvado geométrico que, diz-se, vale seis vezes o nosso, quem não vê então a quantidade de coisas que tal volume pode conter?

Os que alegam a impossibilidade de se construir uma arca de tal tamanho, fazem a mais inepta das críticas, pois sabem que foram construídas cidades imensas e não prestam atenção aos cem anos durante os quais foi construída a arca. A não ser talvez que uma pedra possa unir-se só com cal até formar uma muralha que é de muitas

milhas e não possa unir-se a madeira à madeira por meio de cavigas, tirantes, pregos, cola de betume, até fabricar uma arca de grandes dimensões de comprimento, altura e largura e de linhas retas e curvas, tanto mais que não era o esforço humano que tinha que a lançar ao mar, mas seriam as ondas a levantá-la ao chegarem lá pela lei natural da gravidade e, mais que a perícia humana, seria a providência divina a governá-la na navegação, para não ser vítima de qualquer naufrágio.

Quanto às meticulosas questões que se costumam pôr acerca de minúsculos animais, tais como ratos e lagartos e ainda gafanhotos, escaravelhos, moscas e até pulgas, estiveram na arca em maior número do que o que foi determinado por ordem de Deus? Aos que se preocupam com isto, deve ser-lhes lembrado, antes de mais, o sentido do que está dito: *Que rastejam sobre a terra*⁷⁷⁹.

Não havia necessidade de conservar na arca os animais capazes de viverem não só imersos na água, como os peixes, mas também à sua superfície, como muitas aves.

Depois, quando se diz: *Serão macho e fêmea*⁷⁸⁰, com certeza que, com isto, se pretendeu referir à reconstituição das espécies. Por isso não era necessário que lá estivessem os animais que nascem sem acasalamento, por surgirem de algumas substâncias ou da corrupção

⁷⁷⁹ *quae repunt super terram.* Gen., VI, 20.

⁷⁸⁰ *Masculus et femina erunt.* Gen., VII, 2(3, 9 — VI, 19).

das substâncias e, se lá estiveram, como costumam estar nas casas, foi sem número determinado.

Enfim, se o sacratíssimo mistério que se operava e a figura de tamanha realidade não se podia cumprir de outra forma senão pela realização material do fato de todos os animais naturalmente incapazes de viverem na água estarem na arca em determinado número, não é isso assunto deste homem ou desses homens, mas da providência divina. Na verdade, Noé não tinha de os capturar e de os introduzir na arca; apenas tinha que deixar entrar os que vinham chegando.

É, de fato, este o sentido do que foi dito: *Virão a ti*⁷⁸¹, não pela ação do ser humano, mas a um sinal de Deus. Também não tem que se pensar que estiveram lá animais carecidos de sexo, pois foi claramente prescrito e precisado: *Serão macho e fêmea*.

É certo que há animais nascidos não sei de quê, sem acasalamento e que, depois, se acasalam para se reproduzirem, como é o caso das moscas e outros há, tais como as abelhas, que não são nem machos nem fêmeas. Quanto aos que têm sexo mas não se reproduzem — como as mulas e os machos — seria de estranhar que lá tivessem estado; bastaria que lá tivessem estado os pais, isto é, o gênero dos cavalos e dos burros. E o mesmo se diga de outros que, pelo acasalamento de espécies diferentes, produzem uma outra raça. To-

⁷⁸¹ *Intrabunt ad te*. Gen., VI, 19-20.

davia, se o simbolismo o exige, estiveram lá, pois também eles são macho e fêmea.

Alguns outros se preocupam ainda com o gênero de alimentos que lá poderiam ter os animais que se alimentam de carne. Haveria lá, sem transgressão da ordem dada, outros animais, que a necessidade de alimentar os primeiros tivesse obrigado a encerrar na arca, ou então, o que parece mais provável, prescindindo de carne, haveria nela alimentos que a todos convinham?

De fato, conhecemos muitos animais carnívoros que também comem cereais e frutas, principalmente figos e castanhas. Que é que tem de surpreendente que aquele varão justo e sábio, avisado, aliás, por inspiração divina, do que convinha a cada espécie, tenha preparado e reservado, sem carnes, um alimento apropriado a cada espécie? De resto, que há que a fome não obrigue a comer? Ou que alimento não poderá Deus tornar agradável e salutar, Ele que com uma facilidade divina podia manter-lhes a vida sem comida se não fosse conveniente que se alimentassem para darem cumprimento ao significado de um alto mistério? Não se pode negar, sem teimosia, que tantos fatos simbólicos são destinados a prefigurar a Igreja.

De fato, já os povos a encheram de forma parecida. Puros e impuros até que chegue o fim certo, se encontram tão intimamente misturados dentro da sua compleição que, à vista só deste manifesto fato, não será permitido duvidar mesmo dos restantes que, muitas

vezes, são contados com mais obscuridade e com mais dificuldade podem ser interpretados.

Sendo isto assim, nem o espírito mais rebelde ousará pensar que estes pormenores foram escritos inutilmente; que nada significam, mesmo que se tenham verificado; que só as palavras são significativas e não os fatos e que, provavelmente, o seu significado pode ser alheio à Igreja. Pelo contrário, tem que se admitir que foi com sabedoria que eles foram escritos para a posteridade, que eles se verificaram, que têm um significado e que é a Igreja que eles prefiguram.

Chegado a este ponto, deve este livro ser encerrado, para se estudar o desenvolvimento, depois do Dilúvio e sucessos posteriores, das duas cidades: a terrestre, que vive como apraz aos humanos e a celeste, que vive como a Deus apraz.

Livro XVI – De Noé a Davi.

Na primeira parte deste livro, do primeiro ao décimo capítulo, Santo Agostinho expõe o desenvolvimento das duas cidades, de acordo com a história santa, desde Noé até Abraão. Na última parte, ele se dedica somente à cidade celeste, desde Abraão até os reis hebreus.

Capítulo I

Se desde Noé até Abraão houve pessoas que serviram ao verdadeiro Deus.

É difícil saber, através das Escrituras, se, após o dilúvio, restou alguns traços da santa cidade ou se eles foram inteiramente apagados por algum tempo, de sorte que não houve mais ninguém que adorasse o verdadeiro Deus.

Desde Noé, que mereceu com sua família ser salvo da ruína geral do mundo, até Abraão, não encontramos nos livros canônicos ninguém cuja piedade proclame o testemunho divino.

Ali só se menciona que Noé, tomado por um espírito profético e capaz de ler o futuro, abençoou dois de seus filhos: Sem e Jafet. É também como profeta que ele não amaldiçoa seu filho culpado Cam em sua própria pessoa, mas na de Canaã. Eis suas palavras: “*Maldito seja Canaã, disse ele; que ele seja o último dos escravos de seus irmãos!*”⁷⁸²

⁷⁸² Gênesis 9: 25.

Ora, Canaã era filho de Cam, que, em vez de cobrir a nudez de seu pai adormecido, deixou-o descoberto. Daí veio a bênção dos seus outros dois filhos, o mais velho e o mais novo: “*Bendito seja o Senhor Deus de Sem e Canaã seja seu escravo! Que Deus dilate a Jafet e este habite nas tendas de Sem e Canaã seja seu escravo!*”⁷⁸³

Essa bênção __ eu digo __ e a vinha que Noé plantou, sua embriaguez, sua nudez e a sequência dessa narrativa, tudo isso está repleto de mistérios e coberto de significados⁷⁸⁴.

Capítulo II

O que foi figurado profeticamente nos filhos de Noé.

Mas os acontecimentos colocaram a descoberto o que esses mistérios escondiam. Quem não reconhece, considerando as coisas com um pouco de cuidado e alguma luz, que as profecias são realizadas em Jesus Cristo?

Sem, de quem o Salvador é descendente segundo a carne, significa *renomado*. Ora, quem é mais renomado do que Jesus Cristo, cujo nome espalha um odor agradável por todas as partes e é comparado, no Cântico dos Cânticos, a um perfume derramado⁷⁸⁵?

⁷⁸³ Gênesis 9: 26 e 27.

⁷⁸⁴ Cf. *Contra Faustum Manichaeum*. Livro XII, cap. 22 e seg.

⁷⁸⁵ Cf. Cânticos 1: 3. *O teu nome é como um perfume derramado.*

Não é também nas casas de Jesus Cristo, ou seja, em suas igrejas, que mora essa multidão numerosa de nações representadas por Jafé, que significa *extensão*?

Mas Cam, que significa *quente*, que era o segundo filho de Noé, entre Sem e Jafet, como se distinguia de um e de outro e não fazia parte nem das primícias de Israel e nem da plenitude dos gentios, o que representa, se não são os heréticos; pessoas ardentes e animadas não pela sabedoria, mas por uma impaciência que os transporta e os faz perturbar o repouso dos fiéis?

Esse ardor cego se volta, no fim, em proveito daqueles que avançam na virtude, segundo estas palavras do Apóstolo: *É necessário que entre vós haja partidos para que possam manifestar-se os que são realmente virtuosos*⁷⁸⁶. Também é por isso que está escrito em outro lugar: *O que perturba sua casa herda o vento e o néscio será escravo do sábio*⁷⁸⁷.

Ao mesmo tempo em que o calor inquieta os heréticos e agita várias questões concernentes à fé, sua contradição nos obriga a examiná-las com mais cuidado, para poder melhor defendê-las contra eles, de sorte que as dificuldades que eles propõem servem para a instrução dos fiéis.

⁷⁸⁶ 1 Coríntios 11: 19.

⁷⁸⁷ Provérbios 11: 29.

Pode-se dizer que, não apenas aqueles que estão publicamente separados da Igreja, mas também todos aqueles que, glorificando-se de serem cristãos, vivem mal, são representados pelo segundo filho de Noé, pois eles anunciam, através de sua fé, a paixão do Salvador, representada pela nudez desse patriarca e, ao mesmo tempo, eles a desonram com suas ações. É deles que se fala, quando é dito: *Pelos seus frutos os conhecereis*⁷⁸⁸.

Daí vem que Cam foi amaldiçoado em seu filho, como seu fruto, ou seja, sua obra e que Canaã significa seus movimentos, ou seja, suas obras.

Quanto a Sem e Jafet, ou seja, a circuncisão e a incircuncisão (ou, para falar de outra maneira, como o Apóstolo, os judeus e os gentios, mas chamados e justificados), tendo conhecido, de alguma maneira que eu ignoro, a nudez de seu pai, que representa a paixão do Redentor, eles colocaram seu casaco em seus ombros e, caminhando de volta, cobriram Noé e não quiseram ver o que o respeito lhes mandava esconder⁷⁸⁹.

Assim, honramos o que foi feito por nós na paixão de Jesus Cristo e não deixamos, no entanto, de ter horror pelo crime dos judeus.

⁷⁸⁸ Mateus 7: 20.

⁷⁸⁹ Cf. Gênesis 9: 22 e 23. *Cam, o pai de Canaã, vendo a nudez de seu pai, saiu e foi contá-lo aos seus irmãos. Mas, Sem e Jafet, tomando uma capa, puseram-na sobre os seus ombros e foram cobrir a nudez de seu pai, andando de costas e não viram a nudez de seu pai, pois que tinham os seus rostos voltados.*

O manto que pegaram aqueles dois filhos de Noé, para cobrir a nudez de seu pai, significa o divino sacramento e seus ombros, a memória das coisas passadas, por que a Igreja celebra a paixão do Salvador como já acontecida e não vê como uma coisa a acontecer, agora que Jafet vive na casa de Sem e que seu irmão mau mora no meio deles.

Mas esse mau irmão é escravo de seus bons irmãos, em seu filho, ou seja, em sua obra, quando as pessoas de bem se servem dos maus, ou para exercitar sua paciência ou para o fortalecimento de sua virtude.

De fato, o Apóstolo testemunha que há pessoas que não pregam Jesus Cristo com uma intenção pura. *É verdade que alguns pregam Cristo por inveja a mim e por discórdia, mas outros o fazem com a melhor boa vontade. Estes, por caridade, sabendo que tenho por missão a defesa do Evangelho; aqueles, ao contrário, pregam Cristo por espírito de intriga e não com reta intenção, no intuito de agravar meu sofrimento nesta prisão. Mas não faz mal! Contanto que de todas as maneiras, por pretexto ou por verdade, Cristo seja anunciado, nisto não só me alegro, mas sempre me alegrarei*⁷⁹⁰, ele diz.

⁷⁹⁰ Filipenses 1: 15-18.

Foi Jesus Cristo que plantou a vinha, da qual fala o profeta: *A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel*⁷⁹¹. E ele bebeu o vinho dessa vinha, seja por que por esse vinho se entende o cálice do qual é dito aos filhos de Zebedeu: *Podeis vós beber o cálice que eu devo beber?*⁷⁹² e ainda: *Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice!*⁷⁹³, onde ele marcou, sem dúvida, sua paixão, seja por que, como o vinho é fruto da vinha, quer se dar a entender que ele tomou da própria vinha, ou seja, do povo de Israel, sua carne e seu sangue, para poder sofrer por nós, embriagou-se e *ficou nu*⁷⁹⁴, por que foi assim que apareceu sua fraqueza, mencionada pelo Apóstolo: *Ele foi crucificado por sua fraqueza*⁷⁹⁵. Mas, também declara o mesmo Apóstolo: *A loucura de Deus é mais sábia do que os homens e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens*⁷⁹⁶.

Quanto à Escritura, após dizer que Noé *ficou nu*, acrescenta: *em sua casa*. Isto mostra engenhosamente que se tratava de pessoas da mesma origem de Jesus Cristo, a saber, os judeus, que deveriam lhe fazer sofrer o suplício da morte na cruz.

Os réprobos anunciam essa paixão de Jesus Cristo somente da boca para fora, por que eles não compreendem o que anunciam. Mas

⁷⁹¹ Isaías 5: 7.

⁷⁹² Mateus 20: 22

⁷⁹³ Mateus 26: 39.

⁷⁹⁴ Cf. Gênesis 9: 20 e 21. *Noé, que era agricultor, plantou uma vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se e apareceu nu no meio de sua tenda.*

⁷⁹⁵ 2 Coríntios 13: 4.

⁷⁹⁶ 1 Coríntios 1: 25.

as pessoas de bem trazem, gravadas no interior delas mesmas, um grande mistério e adoram em seus corações essa fraqueza e essa loucura de Deus, por que elas ultrapassam tudo o que há de mais forte e de mais sábio dentre os humanos.

Isto é o que está muito bem representado, por um lado, por Cam, que sai para espalhar a nudez de seu pai e, do outro, por Sem e Jafet, que, cheios de respeito, entraram para cobri-la. Esta é uma imagem fiel daqueles que honram interiormente esse mistério.

Nós sondamos esses segredos da Escritura como podemos. Outros talvez o façam com mais ou menos sucesso. Mas, de qualquer maneira que se faça, é preciso sempre ter em mente que essas coisas não foram feitas e nem escritas sem mistério e que eles sempre devem ser reportados a Jesus Cristo e à sua Igreja, que é a Cidade de Deus anunciada desde o começo do mundo, através de imagens que não vemos todos os dias na realidade.

A Escritura então, após ter falado da bênção dos dois filhos de Noé e da maldição do segundo, não faz menção, até Abraão, de nenhum servidor do verdadeiro Deus. Isto não quer dizer, em minha opinião, que eles não existiram nesse intervalo de tempo que é de mais de mil anos⁷⁹⁷, mas é que seria muito longo relacioná-los todos

⁷⁹⁷ Este número é o da versão da Septuaginta. Ele é muito menor no texto hebreu e na Vulgata.

e isso estaria mais relacionado à precisão de um historiador do que à presciênciа de um profeta.

Assim então, o objetivo do autor dos santos textos __ ou melhor, do espírito de Deus, do qual ele era o órgão __ não foi somente contar o passado, mas anunciar o futuro, no que ele se relaciona à Cidade de Deus. Tudo o que é dito daqueles que não são seus cidadãos é somente para servir de instrução ou para ressaltar sua glória.

Não se pode imaginar, no entanto, que tudo o que ali é relatado tem um significado místico, mas o que ali não significa nada é colocado em relação com o que tem um significado. Vemos que só a grelha do arado remove a terra, mas, para isso, são necessárias suas outras partes. Nos instrumentos musicais, só se tocam as cordas, já que só elas produzem o som; no entanto, acrescentamos a elas outros recursos que servem para prender e tencionar essas cordas sonantes. Assim, na história profética, observam-se alguns acontecimentos que não possuem nenhum alcance figurativo, mas que servem para ligar, por assim dizer, aqueles que simbolizam alguma coisa.

Capítulo III

Genealogia dos três filhos de Noé.

É preciso agora considerar a genealogia dos filhos de Noé e dizer o que for necessário para marcar o progresso de uma e da outra cidade.

A Escritura começa por Jafet, o mais jovem dos filhos de Noé, que teve oito filhos⁷⁹⁸; um dos quais teve três e o outro, quatro, o que fazem quinze ao todo. Cam, o segundo filho de Noé teve quatro, mais cinco netos, sendo que um deles lhe deu dois bisnetos, o que faz um total de onze.

Após isso, a Escritura retorna a Cam e diz: *Cus gerou Nemrod, que foi o primeiro homem poderoso da terra. Ele foi um grande caçador diante do Senhor. Donde a expressão: “Como Nemrod, grande caçador diante do Eterno”. Ele estabeleceu o seu reino primeiramente em Babilônia, Arac, Acad e em Calane, na terra de Senaar. Daí foi para Assur e construiu Nínive, Recobot-Ir, Cale e Resem, a grande cidade entre Nínive e Cale*⁷⁹⁹.

Ora, esse Cus, pai do gigante Nebrot é chamado de o primeiro entre os filhos de Cam e a Escritura já tinha feito menção de cinco de seus filhos e de dois de seu netos. É necessário então que ele tenha gerado esse gigante após o nascimento de seus netos ou, o que é mais provável, que a Escritura o tenha citado à parte por que ele era muito poderoso, pois, ao mesmo tempo, ela fala do seu reino, que surgiu com a famosa Babilônia e as outras cidades ou regiões mencionadas com ela.

⁷⁹⁸ Santo Agostinho segue aqui, segundo Léonard Coquée, uma versão grega da Escritura, que dá a Jafet um oitavo filho, chamado Elisa. Mas essa Elisa não é encontrada nem no texto hebreu, nem na paráfrase caldeia, nem nos manuscritos gregos que São Jerônimo possuía. Ver *Quæst. hebr. in Genesim*.

⁷⁹⁹ Gênesis 10: 8-12.

Quanto ao que ela diz de Assur, que saiu dessa região de Senaar, que dependia do reino de Nebrot e que construiu Nínive e as outras cidades mencionadas, isso só aconteceu muito tempo depois. Mas ela a menciona aqui, de passagem, por causa do famoso império dos Assírios, que Ninus, filho de Bélus e fundador dessa grande cidade de Nínive, que recebeu seu nome, estendeu maravilhosamente.

Quanto a Assur, de onde saíram os assírios, ele não era filho de Cam, mas de Sem, filho mais velho de Noé. Daí parece que, na sequência, descendentes de Sem possuíram o reino de Nebrot e, indo mais longe, fundaram outras cidades, sendo que Nínive foi a primeira.

As Escrituras mencionam outro filho de Cam, chamado Mesraím e seus sete filhos. Ela não os menciona como pessoas, mas como nações, dizendo que da sexta saiu a dos Filisteus, o que perfaz oito.

Depois, ela retorna à Canaã, em que Cam foi amaldiçoado e menciona onze de seus filhos e algumas regiões que eles ocupavam. Assim, toda a posteridade de Cã chega a trinta e uma pessoas.

Resta falar dos filhos de Sem, primogênito de Noé, pois é ele que termina essa genealogia. Mas há aqui uma obscuridade no Gênesis, em que não é fácil descobrir qual foi o primeiro filho de Sem.

Eis o que é dito: *Nasceram também filhos a Sem, pai de todos os filhos de Heber e irmão mais velho de Jafet*⁸⁰⁰. Isto faz parecer que Héber foi filho imediato de Sem e, no entanto, ele é o quinto de seus descendentes. Sem, entre outros filhos, gera Arfaxad, Arfaxad gera Cainã⁸⁰¹, Cainã gera Salé e Salé gera Héber.

As Escrituras quiseram mostrar com isso que Sem é o pai de todos os seus descendentes, tanto filho quanto netos e outros de sua descendência. E não é sem razão que ele fala de Héber antes de falar dos filhos de Sem, embora ele não passe, como disse há pouco, do vigésimo de sua linhagem, por que foi dele que os hebreus tiraram seu nome; se bem que outros digam que foi de Abraão, mas com menos adeptos⁸⁰².

Assim, as Escrituras falam primeiro em seis filhos de Sem, sendo que um deles teve quatro. Depois, elas mencionam outro filho de Sem, que lhe dá um neto e este, um bisneto, de onde saiu Héber.

Héber teve dois filhos, sendo que um foi chamado Faleg, ou seja, *divisor*, por que, diz o texto, *no seu tempo a terra foi dividida*⁸⁰³. O outro teve doze filhos, de sorte que, toda a posteridade de Sem é de vinte pessoas.

⁸⁰⁰ Gênesis 10: 21.

⁸⁰¹ Esse Caínan, que aparece em todas as versões da Septuaginta e em São Lucas (3: 6), não é encontrado no texto hebreu e nem na Vulgata.

⁸⁰² Compare com *Retratações*, livro II, cap. 16.

⁸⁰³ Gênesis 10: 25.

Desta maneira, todos os descendentes dos três filhos de Noé, ou seja, quinze de Jafet, trinta e um de Cam e vinte e sete de Sem, fazem setenta e três. Depois as Escrituras acrescentam: *Estes são os filhos de Sem, segundo suas famílias, segundo suas línguas, em seus diversos países e suas nações*⁸⁰⁴. E, falando de todos em conjunto: *Tais são as famílias dos filhos de Noé, segundo suas gerações e suas nações. É dele que descendem as nações que se espalharam sobre a terra depois do dilúvio*⁸⁰⁵.

Vemos então que é de nações e não de pessoas em particular que falam as Escrituras, quando elas mencionam esses setenta e três, ou melhor, setenta e duas pessoas, como mostraremos em seguida e que é por isso que ela omite vários da posteridade de Noé. Não que eles não tiveram filhos como os outros, mas por que eles não formaram uma linhagem, como eles e não foram pais de um povo.

Capítulo IV

A Babilônia e a confusão das línguas.

Mas, embora as Escrituras relatatem que essas nações foram divididas, cada uma com sua língua, elas não deixam, em seguida, de retornar ao tempo em que elas todas tinham uma só língua e declarar como aconteceu a diferença que sobreveio a elas.

⁸⁰⁴ Gênesis 10: 31.

⁸⁰⁵ Gênesis 10: 32.

Dizem elas: *Toda a terra tinha uma só língua e servia-se das mesmas palavras. Alguns homens, partindo para o oriente, encontraram na terra de Senaar uma planície onde se estabeleceram. E disseram uns aos outros: “Vamos, façamos tijolos e cozamo-los no fogo”. Serviram-se de tijolos, em vez de pedras e de betume, em lugar de argamassa. Depois disseram: “Vamos, façamos para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus. Tornemos assim célebre o nosso nome, para que não sejamos dispersos pela face de toda a terra”. Mas o senhor desceu para ver a cidade e a torre que construíram os filhos dos homens. “Eis que são um só povo — disse ele — e falam uma só língua. Se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos. Vamos: desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que já não se compreendam um ao outro”. Foi dali que o Senhor os dispersou daquele lugar pela face de toda a terra e cessaram a construção da cidade. Por isso deram-lhe o nome de Babel, porque ali o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e dali os dispersou sobre a face de toda a terra*⁸⁰⁶.

Essa cidade que foi chamada de “Confusão” é a Babilônia, que a própria história profana celebra sua construção maravilhosa.

⁸⁰⁶ Gênesis 11: 1-9.

De fato, Babilônia significa *confusão* e vemos com isso que o gigante Nebrot foi seu fundador, como as Escrituras já haviam indicado antes, ao dizerem que Babilônia era a capital de seu reino, embora ela não tenha chegado ao ponto de grandeza em que o orgulho e a impiedade humanos se vangloriam de possuí-la.

Eles pretendiam fazê-la extraordinariamente alta e erguê-la até o céu, como falaram as Escrituras, seja por que eles tinham esse desejo só para uma torre da cidade, seja por que eles o estendiam à todas. As Escrituras só falam de uma, mas talvez seja da mesma maneira como ela fala de um soldado querendo dizer o exército todo. Ou do sapo e do gafanhoto, para expressar o grande número de sapos e gafanhotos que foram duas das pragas que afligiram o Egito⁸⁰⁷.

Mas, o que esperavam realizar contra Deus essas pessoas imprudentes e presunçosas, com esse monte de pedras, quando eles o tivessem erguido acima de todas as montanhas e da mais alta região do ar? Em que pode prejudicar a Deus qualquer elevação que seja de corpos ou de espíritos? O seguro e verdadeiro caminho para subir ao céu é a humildade. Ela ergue o coração ao alto, mas ao Senhor e não contra o Senhor, como as Escrituras dizem do gigante que era *foi um grande caçador contra o Senhor*⁸⁰⁸. É assim, de fato, que se deve traduzir e não *diante do Senhor*, como fizeram alguns, enganados

⁸⁰⁷ Cf.Êxodo 10: 9.

⁸⁰⁸ Gênesis 10: 9.

pelo equívoco da palavra grega *enation* (*évatíov*), que pode significar uma coisa e a outra⁸⁰⁹. A verdade é que ela é empregada com este último sentido no verso do Salmo: *Vinde, inclinemo-nos em adoração, de joelhos diante do Senhor que nos criou*⁸¹⁰. E no primeiro, no Livro de Jó, quando é dito: *É contra Deus que ousas encolerizar-te e que tua boca profere tais discursos!*⁸¹¹

E o que quer dizer um caçador, se não é um enganador, um assassino e um assassino dos animais da terra? Ele ergueu então uma torre contra Deus, junto com seu povo, o que significa um orgulho ímpio e Deus puniu com justiça sua má intenção, embora ela não tenha vencido.

Mas, de que maneira Deus a puniu? Como a língua é o instrumento da dominação, foi nela que o orgulho foi punido. Da mesma forma como o ser humano não quis entender os mandamentos de Deus, ele não foi, por sua vez, entendido pelos outros seres humanos, quando quis governá-los.

Assim foi dissipada aquela conspiração, com cada um se separando daquele que não entendia, para se juntar àquele que entendia. Assim, os povos foram divididos segundo as línguas e dispersos por todas as regiões da terra, segundo a vontade de Deus, que se serviu para isso de meios que nos são todos ocultos e incomprensíveis.

⁸⁰⁹ A palavra grega *enation*, como observa Santo Agostinho, significa igualmente *diante* e *contra*.

⁸¹⁰ Salmo 94: 6.

⁸¹¹ Jó 15: 13.

Capítulo V

A descida de Deus para confundir as línguas

Dizem as Escrituras: *O senhor desceu para ver a cidade e a torre que construíram os filhos dos homens*⁸¹². Ou seja, não os filhos de Deus, mas a sociedade humana que vive segundo os humanos e que chamamos de Cidade da Terra.

Essa descida de Deus não deve ser entendida materialmente, como se ele mudasse de lugar; ele que está inteiro em toda parte. Mas, fala-se que ele desceu, quando ele faz sobre a terra alguma coisa de extraordinário que marca sua presença. Da mesma forma quando se diz que ele viu alguma coisa, isso não significa que ele não via antes, ele que não pode ignorar nada, mas é que ele fez os seres humanos verem. Aquela cidade não era vista antes como passou a ser vista depois, quando Deus mostrou o quanto ela o desagrava.

No entanto, pode-se muito bem entender que Deus desceu sobre aquela cidade, por que seus anjos, nos quais ele habitava, ali desceram. De sorte que, estas palavras: *Eis que são um só povo, disse ele e falam uma só língua* e estas: *Vamos, desçamos para lhes confundir a linguagem*, não passariam de uma recapitulação, para explicar o que as Escrituras já haviam dito: que *o senhor desceu*.

⁸¹² Gênesis 11: 5.

De fato, se ele já havia descido, o que quer dizer isto: *Vamos, desçamos para lhes confundir a linguagem?* Isto parece se dirigir aos anjos e significar que aquele que estava nos anjos descia para seu ministério.

É preciso ainda observar, com relação a isto, que o texto hebraico não diz: *Vamos, desçamos para lhes confundir a linguagem*, mas sim, *Confundamos ali sua língua*⁸¹³, para mostrar que Deus age igualmente através de seus ministros e que seus ministros agem com ele, segundo estas palavras do Apóstolo: *Nós somos operários com Deus*⁸¹⁴.

Capítulo VI

Como se deve entender que Deus fala aos anjos.

Poder-se-ia acreditar que as palavras do Gênesis *Façamos o homem*, foram dirigidas aos anjos, se Deus não tivesse acrescentado: *à nossa imagem*. Este último detalhe é decisivo e não nos permite acreditar que o ser humano foi feito à imagem dos anjos ou que Deus e os anjos tenham uma única e mesma imagem.

Temos razão, portanto, para entender o plural *façamos* como se referindo às pessoas da Trindade. No entanto, como essa Trindade é somente um Deus, depois de Deus ter dito *Façamos*, o texto acres-

⁸¹³ *Confundamus ibi linguam eorum.*

⁸¹⁴ 1 Coríntios 3: 9.

centa: *Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus*⁸¹⁵. Ele não diz “Os deuses fizeram” ou “À imagem dos deuses”.

Ora, na passagem discutida há pouco, poder-se-ia encontrar igualmente um traço da Trindade, como se o Pai, dirigindo-se ao Filho e ao Espírito Santo, lhes tivesse dito: *Vamos, desçamos para lhes confundir a linguagem*. Mas, o que chama a atenção é que aqui nada impede de aplicar o plural aos anjos.

Estas palavras, de fato, convém melhor a eles, por que é sobre-tudo para que eles se aproximem de Deus, com santos movimentos, ou seja, com pensamentos pios e que consultem os oráculos da verdade imutável que lhes serve de lei eterna em sua bem-aventurada morada. Eles não são propriamente a verdade, mas participam dessa verdade criadora de todas as coisas. Eles se aproximam dela como da fonte de vida, para receberem dela o que não encontram neles. É por isso que o movimento que os leva rumo a ela é estável, de alguma maneira, por que eles não se afastam jamais dela.

Ora, Deus não fala com os anjos como nós falamos uns com os outros ou como falamos com Deus ou com os anjos ou como os anjos falam conosco ou como Deus fala conosco através dos anjos. Ele fala

⁸¹⁵ Gênesis 1: 26 e 27.

com eles de maneira inefável e essas palavras nos são transmitidas de uma maneira proporcional a nós.

A palavra de Deus, superior a todas as suas obras, é a própria razão; a razão imutável de suas obras. Ela não tem um som fugidio, mas uma virtude permanente na eternidade e que age no tempo.

É dessa palavra eterna que ele se serve para falar com os anjos e, quando ele quer nos falar no fundo de nossos corações, nós nos tornamos semelhantes a eles, de alguma maneira.

Comumente ele nos fala de outra maneira. Para não ser sempre obrigado nesta obra a explicar as palavras de Deus, direi aqui, de uma vez por todas, que a verdade imutável fala por ela mesma à criatura racional, de uma maneira que não se pode explicar, seja por que ela se dirige à criatura por intermédio de outra criatura, seja por que ela impressiona nosso espírito com imagens espirituais ou nossos ouvidos com sons audíveis.

Expliquemos estas palavras: *Se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos*⁸¹⁶. Quando Deus fala desta maneira, não é uma afirmação, é mais uma interrogação ameaçadora, como esta de Virgílio: “Não pegarão em armas? Toda a cidade não se colocará a persegui-los?”⁸¹⁷.

⁸¹⁶ Gênesis 11: 6.

⁸¹⁷ Eneida, livro IV, verso 592.

As palavras de Deus devem ser entendidas assim: “Por acaso não deixarão de fazer tudo o que se propuseram fazer?” Mas, claro, a frase dita assim não expressa uma ameaça. Assim, visando os que são um pouco lentos para compreender, acrescentamos a partícula *ne* (acaso), para dizer *nonne* (acaso não), já que não pode descrever a entonação daquele que fala⁸¹⁸.

Mas, voltando à narrativa do Gênesis, dissemos que, dos três filhos de Noé saíram setenta e três, ou melhor, setenta e duas nações com línguas diferentes, que começaram a se espalhar por toda terra e depois a povoar as ilhas.

Mas os povos são em número muito maior do que as línguas, pois sabemos que na África, várias nações bárbaras falam uma mesma língua.

Com relação às ilhas, quem pode duvidar que, com o número de pessoas crescendo, elas não puderam chegar a elas com a ajuda de barcos?

⁸¹⁸ Há aqui uma diferença entre *ne* e *nonne*, no latim, que é difícil de traduzir. *Nonne omnia deficient ex illis, quae conati fuerint facere?*

Capítulo VII

Como, depois do dilúvio, todo tipo de animais pôde povoar as ilhas mais distantes.

Que os seres humanos, ao multiplicarem-se, puderam se espalhar pelas ilhas através de barcos, não se pode colocar em dúvida. Mas, pergunta-se, como os animais que não nascem da terra, como as rãs⁸¹⁹, mas por acasalamento, como os lobos e outros animais, puderam ser encontrados nas ilhas após o dilúvio, se não foram provenientes daqueles que foram salvos na arca.

Com relação às ilhas próximas, pode-se acreditar que eles chegaram a elas a nado, mas, com relação às que são afastadas do continente, não é provável que nenhum animal tenha podido chegar a elas desta maneira.

Pode-se responder a isso dizendo que os seres humanos os transportaram para lá para servirem de caça e, enfim, que Deus mesmo pôde transportá-las para lá, por intermédio de seus anjos.

Se eles nasceram da terra, por ocasião da criação do mundo, quando Deus disse: *Produza a terra seres vivos segundo a sua espécie; animais domésticos, répteis e animais selvagens, segundo a sua espécie*⁸²⁰, isso mostra claramente que todo gênero de animais foi

⁸¹⁹ Aqui, como antes, Santo Agostinho parece adepto da geração espontânea. Veja Livro XV, cap. 8, desta obra.

⁸²⁰ Gênesis 1: 24.

colocado na arca; menos para reparar a espécie do que para ser um símbolo da Igreja, que devia ser composta por todos os tipos de nações.

Capítulo VIII

Se os seres humanos monstruosos mencionados pela história vieram de Adão ou dos filhos de Noé.

Pergunta-se ainda se é crível que tenham saído de Adão ou de Noé alguns tipos de seres humanos monstruosos mencionados pela história⁸²¹.

Assegura-se, de fato, que alguns só possuem um olho no meio da testa, outros têm o pé virado para trás, outros possuem os dois sexos, que usam alternadamente e que possuem o mamilo direito de um homem e o esquerdo de uma mulher. Outros não possuem boca e só vivem com o ar que inspiram pelo nariz. Outros só possuem meio metro de altura, donde vem que os gregos os chamam de *pigméus*⁸²². Diz-se também que em alguns lugares as mulheres se tornam mães aos cinco anos e só vivem até os oito.

Outros afirmam que há povos maravilhosamente rápidos, que só possuem uma perna sobre dois pés, que não dobram o joelho e são

⁸²¹ Ver Plínio (*Hist. Nat.*, livro VII, cap. 2), Solinus (*Polyhist.*, cap. 28 e 55), Aulu-Gelle (*Noct. Att.*, livro IX, cap. 4), Isidoro (*Origin.*, livro XI, cap. 3) e outros.

⁸²² De *pugmē*, côvado (cerca de meio metro).

chamados *esquiópodos*⁸²³, por que no verão se protegem do sol com a planta dos pés, pondo-se de cabeça para baixo. Outros não possuem cabeça e têm os olhos nos ombros.

Há uma infinidade de outros monstros do tipo, descritos em mosaico no porto de Cartago e que se afirmam terem sido tirados de uma história muito curiosa.

Que direi dos cinocéfalos⁸²⁴, cuja cabeça de cão e uivos mostram que são mais animais do que humanos?

Mas, não somos obrigados a acreditar em tudo isso. Qualquer que seja o tipo ou figura que nasça o ser humano, ou seja, um animal racional e mortal, por mais estranha que possa parecer aos nossos sentidos a forma de seu corpo, sua cor, seu movimento, voz, força, natureza, nenhum fiel pode duvidar que teve sua origem no primeiro ser humano. Claro está que é diante do que a natureza faz em sua maioria, que o extraordinário provoca admiração.

A razão que se dá para os nascimentos monstruosos que acontecem entre nós pode servir para nações inteiras. Deus, que é o criador de todas as coisas, sabe em que tempo e em que lugar uma coisa deve ser criada, por que ele sabe quais são, entre as partes do universo, as relações de analogia e de contraste que contribuem para sua beleza.

⁸²³ De *skia*, sombra e *pous*, pés.

⁸²⁴ De *kuon*, cão e *kephale*, cabeça.

Mas nós, que não conseguimos ver o todo, algumas vezes ficamos chocados com alguns de seus detalhes, por que ignoramos qual é a importância deles para o todo.

Conhecemos pessoas que têm mais de cinco dedos nas mãos e nos pés, mas que é uma diferença de menor importância que as outras e, mesmo que não conheçamos a razão disso, longe de nós a ideia de que o Criador tenha cometido um erro no número de dedos da pessoa.

Há em Hipona-Diarrite⁸²⁵ um homem que tem a planta dos pés em forma de lua crescente, com dois dedos somente nas extremidades e as mãos do mesmo jeito. Se houvesse uma nação inteira assim, consideraríamos essa história curiosa e surpreendente. Dirão que este homem não deve sua origem a Adão?

Os andróginos, que também são chamados de hermafroditas, são raros e, no entanto, surge de tempos em tempos alguém em que os dois gêneros são tão bem distintos que é difícil decidir de qual deles deve sair seu nome; se bem que o costume tenha privilegiado o mais nobre deles, que é o masculino. Assim, ninguém fala de uma androgina ou uma hermafrodita.

Há alguns anos nasceu no oriente um homem duplo da cintura para cima. Ele tinha duas cabeças, dois peitos e quatro mãos. Mas

⁸²⁵ Havia duas Hiponas na África: Hipona Real (de onde a Bône atual tira seu nome) e Hipona-Diarrite, em árabe Ben Zert, donde veio o nome Biserte. Foi a Hipona Real que teve Santo Agostinho como bispo.

tinha somente um ventre e dois pés, como uma pessoa comum. Ele viveu por muito tempo e era visto por muitas pessoas interessadas por esse espetáculo. E quem não pode mencionar os inumeráveis nascimentos de pessoas tão diferentes de seus próprios pais?

Da mesma forma como não se pode negar que esses indivíduos tiveram sua origem em Adão, deve-se dizer o mesmo de povos inteiros que se afastam de seu curso comum e que, no entanto, são criaturas racionais e mortais. Considerando-se que o que se conta não seja fábula, pois, suponhamos que ignorássemos que os macacos, os micos, as esfinges não são humanos, mas animais, talvez esses historiadores nos fizessem acreditar que eles são humanos⁸²⁶.

Mas, admitindo que o que se lê sobre os povos em questão seja verdadeiro, quem sabe se Deus não quis criá-los assim para que não acreditemos que os monstros que nascem entre nós sejam falhas de sua sabedoria, com a qual modela a natureza humana, como a obra de um artesão de pouca perícia? Os monstros em cada espécie seriam então o que são as raças monstruosas no gênero humano.

⁸²⁶ É interessante comparar aqui a Cidade de Deus com o *Discours sur les révolutions du globe*. O bom senso de Santo Agostinho parece ir algumas vezes além da ciência de Cuvier. O ilustre naturalista desconfia dessas espécies monstruosas que se supõe desaparecidas hoje em dia. Ele diz: “Isto é um erro que vem de uma crítica imperfeita. Considera-se pinturas de animais fantásticos como a descrição de animais reais... Foi em um recanto de um desses monumentos (os monumentos do Egito, ornados com pinturas) que Agatur viu seu touro carnívoro, cuja goela, aberta até às orelhas, não poupava nenhum outro animal, mas que, seguramente, os naturalistas não confirmaram, pois a natureza não combina pés e cornos com dentes afiados”. Outras vezes, segundo Cuvier, nos enganamos por algumas semelhanças: “Os grandes macacos pareceriam verdadeiros cinocéfalos, verdadeiras esfinges, verdadeiros humanos com caudas e foi assim que Santo Agostinho acreditou ter visto um sátiro”. (*Discours sur les révolutions du globe*, pag. 87).

Assim, para concluir com prudência e cautela: ou o que se conta sobre essas nações é falso ou não se trata de humanos ou, se são humanos, eles procedem de Adão.

Capítulo IX

Se há antípodas na parte inferior da terra, que é contrária à que habitamos.

Quanto à fabulosa crença de que há antípodas, ou seja, pessoas com pés opostos aos nossos e que habitam a parte da terra em que o sol se levanta quando se põe para nós, não há nenhuma razão para acreditar nisso.

Essa crença não se apoia em nenhum testemunho histórico, mas sobre especulações e argumentações, por que, dizem, a terra sendo redonda, está suspensa entre os dois lados da abóbada celeste e a parte que está sob nossos pés, colocada nas mesmas condições de temperatura, não pode estar sem habitantes⁸²⁷.

Mas, mesmo que seja demonstrado que a terra é redonda, não se segue daí que a parte que é oposta a nós não seja coberta de água. Além disso, se ela não o fosse, não é preciso que ela seja habitada, já que, por um lado, as Escrituras não mentem e, por outro, há muito de

⁸²⁷ Ver sobre a noção dos antípodas entre os geógrafos antigos a nota de Louis Vivès em seu comentário da Cidade de Deus, tomo II, pag. 118.

absurdo em dizer que os seres humanos tenham atravessado uma tão vasta extensão de mar para ir povoar essa outra parte do mundo⁸²⁸.

Vejamos então se poderemos encontrar a Cidade de Deus nessas pessoas que, segundo o Gênesis, foram divididas em setenta e duas nações e o mesmo tanto de línguas. É evidente que ela perseverou nos filhos de Noé, sobretudo no mais velho, que é Sem, já que a bênção de Jafet inclui, de alguma maneira, a de Sem e que ele deve residir nas casas de seus irmãos.

Capítulo X

A genealogia de Sem, na descendência de quem o progresso da Cidade de Deus se dirige rumo a Abraão.

É preciso então tomar a sequência das gerações desde Sem, para mostrar a Cidade de Deus a partir do dilúvio, como a sequência das gerações de Set mostrou antes.

É por isso que as Escrituras, após terem mostrado a cidade da terra na Babilônia, ou seja, na confusão, retorna ao patriarca Sem e começa por ele a ordem das gerações até Abraão, registrando o quan-

⁸²⁸ Observe-se que Santo Agostinho, sem negar de uma maneira absoluta a possibilidade física dos antípodas, se limita a levantar uma dificuldade muito séria nela mesma e particularmente delicada para a cristandade, que é a de conciliar os dados da geografia com a unidade dos povos humanos. Lactâncio se mostrou muito menos reservado, quando chamou de inepta a concepção de uma terra redonda e de pessoas com a cabeça abaixo dos pés (*Inst. Lib.*, III, cap. 24). Foi por essas poderosas razões que o Papa Zacarias acusou a teoria dos antípodas de perversidade e de iniquidade (*Epist. X ad Bonif.*). Eu não sei, mas a posteridade disse com Pascal: “Não imagine que as cartas do Papa Zacarias para a excomunhão de São Virgílio, por causa da ideia dos antípodas, tenham aniquilado o novo mundo e ainda que ele tenha declarado que essa opinião era um erro bem perigoso, o rei da Espanha acreditou, por ocasião da volta de Cristóvão Colombo, que esse julgamento não tinha existido”. (*Provinciales*, carta 13)

to cada um viveu, antes de gerar aquele que continua essa genealogia e o quanto ele viveu depois.

Mas é preciso, além disso, que eu cumpra minha promessa e explique o que diz a Escritura, quando fala que um dos filhos de Heber foi chamado de Faleg, *porque no seu tempo a terra foi dividida*⁸²⁹. O que se deve entender por divisão, se não é a diversidade de línguas?

As Escrituras, deixando de lado os outros filhos de Sem, que não contribuíram em nada para a sequência das gerações, fala somente daqueles que a conduzem até Abraão, o que elas já haviam feito antes do dilúvio, na genealogia de Set.

Eis como ela começa a genealogia de Sem: *Sem, com a idade de cem anos, gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio. Depois do Nascimento de Arfaxad, Sem viveu ainda quinhentos anos e gerou filhos e filhas*⁸³⁰.

Elas prosseguem da mesma forma com as outras, tendo o cuidado de indicar a idade em que cada um gerou aquele que serve para essa genealogia e a duração total de sua vida e acrescentam sempre que ele teve outros filhos, para que não perguntemos tolamente como a posteridade de Sem pôde povoar tantas regiões e fundar o poderoso império dos Assírios, que Nino estendeu para tão longe.

⁸²⁹ Gênesis 10: 25.

⁸³⁰ Gênesis 11: 10 e 11.

Mas, para não nos retermos mais do que convém, só observaremos a idade em que cada um dos descendentes de Sem teve o filho que continua a sequência dessa genealogia, para estimar quanto anos se passaram desde o dilúvio até Abraão.

Dois anos então após o dilúvio, Sem, na idade de cem anos, gerou Arfaxad. Arfaxad gerou Cainã com idade de cento e trinta e cinco anos. Cainã tinha cento e trinta anos quando gerou Salé. Salé tinha o mesmo quando gerou Heber. Heber, cento e trinta e quatro, quando gerou Ragau. Ragau, cento e trinta e dois, quando gerou Sarug. Sarug, cento e trinta, quanto teve Nacor. Nacor, setenta e nove, por ocasião do nascimento de seu filho Taré. Taré, aos setenta anos, gerou Abrão⁸³¹, que Deus depois passou a chamar Abraão⁸³².

Assim, desde o dilúvio até Abraão, há mil e setenta e dois anos, segundo a Septuaginta⁸³³, pois dizem que há muito menos segundo os hebreus, sem que se dê nenhuma razão suficientemente clara para isso.

Quando então procuramos a Cidade de Deus naqueles setenta e dois povos mencionados pelas Escrituras, não podemos afirmar positivamente se desde esse tempo em que as pessoas falavam uma só língua, eles abandonaram o culto ao verdadeiro Deus, de uma maneira

⁸³¹ Gênesis 11: 10-26.

⁸³² Cf. Gênesis 17: 5. *De agora em diante não te chamarás mais Abrão e sim Abraão, porque farei de ti o pai de uma multidão de povos.*

⁸³³ Este número é também o de Sulpício Severo (*Hist. Sac.*, livro I, cap. 5).

ra tal que a verdadeira piedade só tenha se conservado nos descendentes de Sem por Arfaxad até Abraão. Ou mesmo se a cidade da terra só começou com a construção da Torre de Babel. Ou se as duas cidades subsistiram, a de Deus nos dois filhos de Noé que foram abençoados em suas pessoas e em sua descendência e a da terra nos filhos que foram amaldiçoados, bem como sua posteridade.

Talvez seja mais verossímil que antes da fundação da Babilônia tenha havido idólatras na posteridade de Sem e de Jafet e adoradores do verdadeiro Deus na de Cam. No mínimo devemos acreditar que sempre houve sobre a terra pessoas de um e de outro tipo.

Nos dois salmos onde é dito: *Todos eles se extraviaram e se perverteram. Não há mais ninguém que faça o bem, nem um, nem mesmo um só*⁸³⁴. E, em seguida, *Eles que devoram meu povo como quem come pão, não invocarão o Senhor?*⁸³⁵

Havia então o povo de Deus e assim as palavras *não há mais ninguém que faça o bem, nem um, nem mesmo um só* devem se referir aos filhos dos homens e não aos de Deus.

O Profeta havia dito antes: *O Senhor, do alto do céu, observa os filhos dos homens, para ver se, acaso, existe alguém sensato que busque a Deus*⁸³⁶, após o que, acrescenta: *não há mais ninguém que faça o bem, nem um, nem mesmo um só*, para mostrar que ele fala dos

⁸³⁴ Salmo 13: 3 e Salmo 52: 4.

⁸³⁵ Salmo 52: 5.

⁸³⁶ Salmo 13: 2 e Salmo 52: 3.

filhos dos homens, ou seja, daqueles que pertencem à cidade que vive segundo os seres humanos e não segundo Deus.

Capítulo XI

A língua hebraica, que era a utilizada inicialmente por todas as pessoas, se conserva na posteridade de Heber, após a confusão das línguas.

Da mesma forma como a existência de uma só língua antes do dilúvio não impediu que houvesse ímpios e que todos os humanos sofressem a pena do extermínio pelas águas, com exceção da casa de Noé, assim também, quando as nações foram punidas com a diversidade das línguas — por causa de seu orgulho ímpio — e espalhadas por toda a terra e a cidade dos ímpios chamada de Confusão ou Babilônia, a língua que todas as pessoas usavam antes sobreviveu na casa de Heber.

Daí vem, como eu já observei antes, que a Escritura, na enumeração dos filhos de Sem, coloca Heber em primeiro, embora ele seja apenas o quinto de seus descendentes. Como essa língua sobreviveu em sua família⁸³⁷, enquanto que as outras nações foram divididas no decorrer do tempo, ela foi chamada depois de hebraico. Foi preciso mesmo, de fato, dar-lhe um nome para distingui-la de todas as outras,

⁸³⁷ Ver livro XVIII, cap. 39, desta obra.

que tinham também cada uma o seu, enquanto que, quando ela era uma só, ela não tinha um nome particular.

Talvez se questione: se a terra foi dividida em várias línguas no tempo de Faleg, filho de Heber, a língua que era antes comum a todos as pessoas devia receber seu nome de Faleg. Mas é preciso responder que Heber não chamou seu filho de Faleg, ou seja, *divisão*, por que ele veio ao mundo quando a terra foi dividida por línguas, como se entende pelas Escrituras, que dizem: *A terra foi dividida em seu tempo*⁸³⁸. Se Heber não estivesse vivo por ocasião dessa divisão, ele não teria dado seu nome à língua que permaneceu em sua família⁸³⁹.

O que nos leva a acreditar que essa era a língua comum a todas as pessoas é que a mudança e a multiplicação das línguas foram um castigo pelo pecado e o povo de Deus ficou isento dessa penalidade.

Também não é sem razão que essa língua foi a de Abraão e ele não pôde transmiti-la a todos os seus filhos, mas somente àqueles que, saídos de Jacó, formaram o povo de Deus, receberam sua alian-

⁸³⁸ Gênesis 10: 25.

⁸³⁹ Esta opinião, diz um hábil comentador da *Cidade de Deus*, Léonard Coquée, possui partidários. Em sua crônica, chamada *Seder-Holam*, ou seja, A Ordem do Tempo, os judeus colocam a época da divisão das línguas nos últimos anos da vida de Faleg, trezentos e quarenta anos após o dilúvio, dez anos antes da morte de Noé. Agora, por que Heber deu a seu filho o nome de Faleg, que significa divisão? Foi por que ele possuía o dom da profecia e lia a próxima divisão das línguas no futuro. Esta parece ser a opinião de Santo Agostinho em seu livro sobre as tradições hebraicas e São Crisóstomo aponta no mesmo sentido (*Hom. XXX in Genes.*).

ça e deram ao mundo o Cristo. O próprio Heber não transmitiu essa língua a toda sua posteridade, mas somente ao ramo de Abraão.

Assim, mesmo que as Escrituras não registrem precisamente que havia gente de bem quando os ímpios construíram Babilônia, essa obscuridade não é tanto para nos privar da verdade, mas para exercitar nossa atenção.

Quando se vê, por um lado, que existiu inicialmente uma língua comum a todas as pessoas, que é mencionado Heber antes de todos os filhos de Sem, embora ele fosse somente o quinto de seus descendentes e que a língua dos patriarcas, dos profetas e até mesmo das Escrituras é chamada de hebraico e quando se questiona, por outro lado, onde essa língua, que era comum antes da divisão das línguas, pôde se conservar, como não há dúvidas, aliás, de aqueles nos quais ela se conservou não ficaram isentos da penalidade da mudança das línguas, o que se apresenta ao espírito, se não é que ela permaneceu na família daquele do qual ela tomou seu nome e que não é uma prova pequena da virtude dessa família ter ficado isenta dessa punição geral?

Mas, apresenta-se também outra dificuldade: como Heber e Faleg — seu filho — puderam cada um formar uma nação? É certo, no fundo, que o povo hebreu descende de Heber por Abraão. Como então todos os filhos dos três filhos de Noé, mencionados pelas Escritu-

ras, estabeleceram cada um uma nação, se Heber e Faleg formaram uma só?

É muito provável que Nebrot tenha fundado também sua nação e que as Escrituras tenham mencionado a parte este personagem por causa de sua extraordinária estatura e da vasta extensão de seu império, de sorte que o número de setenta e duas línguas sempre permanece.

Quanto a Faleg, elas não o mencionam só por que ele deu origem a uma nação, mas por causa do evento memorável da divisão das línguas que aconteceu em seu tempo.

Não é de surpreender que Nebrot tenha vivido até à fundação de Babilônia e à confusão das línguas, pois, se Heber é o sexto desde Noé e Nebrot somente o quarto, não se segue que Nebrot não tenha podido viver até o tempo de Heber. Quando havia menos gerações, as pessoas viviam mais ou vinham ao mundo mais tarde. Também, é preciso entender que, quando a terra foi dividida em várias nações, não somente os descendentes de Noé, que eram seus pais e fundadores, haviam nascido, mas eles já tinham famílias numerosas e capazes de formar cada uma uma nação.

Por isso, não se pode imaginar que eles nasceram na mesma ordem em que as Escrituras os enumeram. Caso contrário, como os doze filhos de Jetan — outro filho de Heber e irmão de Faleg — teri-

am podido formar nações, se Jetan só veio ao mundo após Faleg, já que a terra foi dividida no nascimento de Faleg?

Portanto, é verdade que Faleg foi mencionado primeiro, mas Jetan não deixou de vir ao mundo bem antes dele, de sorte que, os doze filhos de Jetan já tinham grandes famílias, a ponto de poderem ser divididas cada uma em sua língua.

É errado achar estranho que as Escrituras tenham usado deste expediente, já que, na genealogia dos três filhos de Noé, ela começa por Jafet, que era o caçula.

Ora, os nomes desses povos ainda permanecem em parte os mesmos hoje em dia, como eram antigamente, como os Assírios, que vieram de Asur e os Hebreus, que vieram de Heber. Mas, em parte, eles mudaram ao longo do tempo; tanto que os mais versados em história têm dificuldades para descobrir sua origem.

De fato, dizem que os egípcios vieram de Mezraím e os etíopes de Cus, dois dos filhos de Cam e, no entanto, não se vê nenhuma relação entre seus nomes atuais e sua origem. Considerando todos, encontraremos nesses nomes um número maior daqueles que mudaram do que daqueles que permaneceram os mesmos até nós.

Capítulo XII

O progresso da Cidade de Deus, a partir de Abraão.

Vejamos agora o progresso da Cidade de Deus desde os tempos de Abraão, quando ela começou a aparecer com mais brilho e quando as promessas que vemos realizadas hoje em Jesus Cristo ficam mais claras e mais precisas.

Abraão, como relatam as Escrituras⁸⁴⁰, nasceu na Caldeia, que dependia do império dos Assírios.

Ora, a superstição e a impiedade já reinavam nesses povos, como em outras nações. Somente a casa de Taré, pai de Abraão, conservava o culto ao verdadeiro Deus e, presumivelmente, também a língua hebraica, embora Josué⁸⁴¹ diga que até mesmo Abraão era inicialmente um idólatra.

Da mesma forma como somente a casa de Noé permaneceu durante o dilúvio, para reparar o gênero humano, assim também, nesse dilúvio de superstições que inundava o mundo, somente a casa de Taré funcionou como um asilo da Cidade de Deus.

Assim como, após a enumeração das genealogias até Noé, as Escrituras dizem: *Esta é a história de Noé*⁸⁴², da mesma forma, após

⁸⁴⁰ Cf. Gênesis 11: 27 e 28. *Eis a descendência de Taré: Taré gerou Abrão, Nacor e Arão. Arão gerou Lot. Arão morreu em presença de Taré, seu pai, em Ur da Caldeia, sua terra natal.*

⁸⁴¹ Cf. Josué 24: 2. *Vossos ancestrais, Taré, pai de Abraão e de Nacor, habitavam além do rio e serviam a deuses estrangeiros.*

⁸⁴² Gênesis 6: 9.

a enumeração das gerações de Sem, filho de Noé, até Abraão, elas dizem: *Eis a descendência de Taré: Taré gerou Abrão, Nacor e Arão. Arão gerou Lot. Arão morreu em presença de Taré, seu pai, em Ur da Caldeia, sua terra natal. Abrão e Nacor casaram-se: a mulher de Abrão chamava-se Sarai e a de Nacor, Melca, filha de Arão, pai de Melca e de Jesca*⁸⁴³. Jesca parece ser a mesma Sara, esposa de Abraão.

Capítulo XIII

Por que as Escrituras não falam de Nacor, quando seu pai Taré vai da Caldeia para a Mesopotâmia.

As Escrituras contam em seguida como Taré, com os seus, deixa a Caldeia e vai para a Mesopotâmia, estabelecendo-se em Harã. Mas não é mencionado seu filho Nacor, como se ele não tivesse sido levado com ele.

Eis como é feita essa narrativa: *Taré tomou seu filho Abrão, seu neto Lot, filho de Arão e Sarai, sua nora, mulher de Abrão, seu filho e partiu com eles de Ur da Caldeia, indo para a terra de Canaã. Chegados a Harã, estabeleceram-se ali*⁸⁴⁴. Não são mencionados aqui Nacor e sua mulher Melca.

⁸⁴³ Gênesis 11: 27-29.

⁸⁴⁴ Gênesis 11: 31.

Quando, mais tarde, Abraão mandou seu servo procurar uma mulher para seu filho Isaac, encontramos isto: *Tendo tomado dez camelos do rebanho de seu senhor, partiu, levando as mãos cheias das riquezas de Abraão. E pôs-se a caminho, andando para a Mesopotâmia, para a cidade de Nacor*⁸⁴⁵. Com este registro e vários outros da história sagrada, parece que Nacor sai da Caldeia como seu irmão Abraão e vai morar com ele na Mesopotâmia.

Por que então as Escrituras não falam dele quando Taré vai com sua família para a Mesopotâmia e menciona somente que ele levou seu filho Abraão, sua nora Sara e seu neto Lot? Talvez seja por que ele tenha abandonado a religião de seu pai e de seu irmão, para adotar a superstição dos caldeus, que ele abandonou depois, ou por que tenha se arrependido de seu erro ou por que tenha se tornado suspeito aos olhos dos habitantes da região e foi obrigado a sair dali, para evitar sua perseguição.

De fato, no Livro de Judite, quando Holofernes, inimigo dos israelitas, pergunta que nação é essa e se é preciso lhe fazer guerra, eis o que lhe diz Aquior, general dos amonitas:

Aquior, chefe dos amonitas, respondeu-lhe: Meu senhor, se te dignas ouvir-me, dir-te-ei a verdade acerca desse povo que habita nos montes e nenhuma mentira sairá de minha boca. Esse povo é da

⁸⁴⁵ Gênesis 24: 10.

*raça dos caldeus. Habitaram primeiramente na Mesopotâmia, porque recusavam seguir os deuses de seus pais que estavam na Caldeia. Abandonaram os ritos de seus ancestrais, que honravam múltiplas divindades e passaram a adorar o Deus único do céu, o qual lhes ordenou que saíssem daquele país e fossem estabelecer-se na terra de Canaã. Depois disso, sobreveio a toda a terra uma grande fome e desceram ao Egito onde, durante quatrocentos anos, multiplicaram-se de tal forma, que se tornaram uma multidão inumerável*⁸⁴⁶.

Vemos claramente com isto que a casa de Taré foi perseguida pelos caldeus, por causa da religião e o culto ao verdadeiro Deus.

Capítulo XIV

Os anos de Taré, que morreu em Harã.

Após a morte de Taré, que viveu, dizem, duzentos e cinco anos, na Mesopotâmia, a Escritura começa a falar das promessas que Deus fez a Abraão. Ela diz o seguinte: *Todo o tempo da vida de Taré foi de duzentos e cinco anos e ele morreu em Harã*⁸⁴⁷.

Não se deve entender esta passagem como se Taré tivesse passado todo seu tempo em Harã. A Escritura diz somente que ele terminou sua vida ali e que ela perfez um total de duzentos e cinco anos.

⁸⁴⁶ Judite 5: 5-9.

⁸⁴⁷ Gênesis 11: 32.

Não fosse assim, não se saberia o quanto ele viveu, já que não é dito que idade ele tinha quando foi morar nessa cidade e seria um absurdo imaginar que, em uma genealogia que descreve tão escrupulosamente o tempo que cada um viveu, ele fosse o único esquecido. Esta omissão, é verdade, aconteceu com alguns, mas é por que eles não entram na ordem daqueles que compõem a série de gerações desde Adão até Noé e desde Noé até Abraão. Não há nenhum destes últimos que as Escrituras não registrem a idade.

Capítulo XV

Os tempos da promessa, em que Abraão sai de Harã, seguindo a ordem de Deus.

As Escrituras, após terem falado da morte de Taré, pai de Abraão, acrescenta: *O Senhor disse a Abrão: “Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar”*⁸⁴⁸. Não se deve pensar que isto aconteceu na ordem em que é contada. Esta ideia criaria uma dificuldade insolúvel.

De fato, após esta ordem dada por Deus a Abraão, lemos no Gênesis: *Abrão partiu como o Senhor lhe tinha dito e Lot foi com ele. Abrão tinha setenta e cinco anos, quando partiu de Harã*⁸⁴⁹.

Como pode ser isso, se o fato aconteceu após a morte de Taré?

⁸⁴⁸ Gênesis 12: 1.

⁸⁴⁹ Gênesis 12: 4.

tinha setenta anos quando gerou Abraão. Se somarmos os setenta e cinco que tinha Abraão quando partiu de Harã, temos cento e quarenta e cinco anos. Taré tinha então esta idade, na época em que seu filho deixou essa cidade da Mesopotâmia. Ele então não partiu após a morte de seu pai, que viveu duzentos e cinco anos.

É preciso entender então que há aqui uma recapitulação muito comum nas Escrituras⁸⁵⁰ que, ao falar antes dos filhos de Noé⁸⁵¹, após ter dito que eles foram divididos em várias línguas e nações, acrescenta: *Toda a terra tinha uma só língua*⁸⁵². Como eles eram divididos em várias línguas, se toda terra falava uma mesma língua, se não é por que o Gênesis retoma o que ele já havia mencionado?

Ele procede aqui da mesma forma como fez acima com relação à morte de Taré⁸⁵³, mas volta ao chamado de Abraão, que aconteceu durante a vida de seu pai e que ele havia omitido para não interromper o fio de seu discurso.

Assim, quando Abraão saiu de Harã, ele tinha setenta e cinco anos e seu pai cento e quarenta e cinco⁸⁵⁴.

Outros resolveram de forma diferente esta questão. Segundo eles, os setenta e cinco anos de vida de Abraão devem ser contados

⁸⁵⁰ Santo Agostinho cita vários exemplos disso em seu livro *De doctrina christiana*, livro III, cap. 52-54.

⁸⁵¹ Cf. Gênesis 10: 31.

⁸⁵² Genesis 11: 1.

⁸⁵³ Genesis 11: 32.

⁸⁵⁴ Compare com *Quæst. in Gen.*, questão 28.

do dia em que ele foi livrado do fogo em que foi jogado pelos caldeus, por não querer adorar este elemento e não do dia de seu nascimento, como se só então ele tivesse nascido⁸⁵⁵.

Mas, Santo Estevão, falando do chamado de Abraão, nos Atos dos Apóstolos, diz: *O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando estava na Mesopotâmia, antes de ir morar em Harã. E disse-lhe: Sai de teu país e de tua parentela e vai para a terra que eu te mostrar*⁸⁵⁶. Estas palavras de Santo Estevão mostram que Deus não falou a Abraão após a morte de seu pai, que morreu em Harã, onde Abraão permaneceu com ele, mas antes que ele morasse nesta cidade, mesmo que já fosse na Mesopotâmia.

Portanto, já havia saído da Caldeia e, assim, o que Santo Estevão acrescenta — *Ele saiu da terra dos caldeus e foi habitar em Harã*⁸⁵⁷ — não mostra o que aconteceu após Deus lhe ter falado (pois ele não saiu da Caldeia após esse aviso do céu, já que Santo Estevão diz que ele o recebeu na Mesopotâmia), mas narra todo tempo o que se passou desde que ele saiu de lá e fixou sua residência em Harã.

O que se segue também prova isso. Diz o primeiro mártir: *Dali, depois que lhe faleceu o pai, Deus o fez passar para esta terra, em que vós agora habitais*⁸⁵⁸. Ele não diz que ele saiu de Harã após a

⁸⁵⁵ Esta solução do problema é a de São Jerônimo.

⁸⁵⁶ Atos 7: 2 e 3.

⁸⁵⁷ Atos 7: 4.

⁸⁵⁸ Atos 7: 4.

morte de seu pai, mas que Deus o estabeleceu na terra de Canaã após seu pai ter morrido.

É preciso então entender que Deus falou a Abraão quando ele estava na Mesopotâmia, antes de residir em Harã, para onde ele veio com seu pai, conservando sempre em seu coração o mandato de Deus e que ele saiu de lá no septuagésimo quinto ano de sua idade e o centésimo quadragésimo quinto da de seu pai.

Santo Estevão coloca seu estabelecimento na terra de Canaã e não sua saída de Harã, após a morte de seu pai, por que seu pai já estava morto, quando ele comprou essa terra e começou a explorá-la.

O que Deus lhe disse __ *Sai de teu país e de tua parentela e vai para a terra que eu te mostrar* __ mesmo que ele já tivesse saído da Caldeia e permanecesse na Mesopotâmia, isso não era uma ordem para sair fisicamente, pois ele já havia saído, mas para desistir de sua volta.

É muito verossímil que Abraão saiu de Harã com sua mulher Sara e Lot, seu sobrinho, para obedecer a ordem de Deus, após Nacor ter seguido seu pai.

Capítulo XVI

As promessas que Deus fez a Abraão.

É preciso falar agora das promessas que Deus fez a Abraão, onde aparecem claramente os oráculos de nosso Deus, ou seja, do verdadeiro Deus, em favor do povo fiel anunciado pelos profetas.

A primeira é feita nestes termos:

*O Senhor disse a Abrão: “Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar. Farei de ti uma grande nação. Eu te abençoarei e exaltarei o teu nome e tu serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. Todas as famílias da terra serão benditas em ti”.*⁸⁵⁹

É de se observar aqui que duas coisas são prometidas a Abraão. Uma é que sua posteridade possuirá a terra de Canaã, o que é dito pelas palavras *vai para a terra que eu te mostrar. Farei de ti uma grande nação*. A outra, muito melhor e que não deve ser entendida como uma posteridade física, mas espiritual, que não o torna somente o pai do povo de Israel, mas de todas as nações que seguem as pegadas de sua fé. Esta está dita nas palavras *Todas as famílias da terra serão benditas em ti*.

⁸⁵⁹ Gênesis 12; 1-3.

Eusébio pensa que esta promessa foi feita a Abraão no seu septuagésimo quinto ano de vida, como se ele tivesse saído de Harã logo que ele a recebeu. Esta opinião tem por objetivo não contrariar a declaração formal da Escritura que diz que Abraão tinha setenta e cinco anos quando saiu de Harã⁸⁶⁰. Mas, se a promessa foi feita nesse ano, Abraão já morava com seu pai em Harã e não poderia sair dali, se não tivesse morado ali antes. Isto parece contrariar o que disse Santo Estevão: *O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando estava na Mesopotâmia, antes de ir morar em Harã.* Mas, trata-se apenas de reportar ao mesmo ano a promessa de Deus a Abraão, que precede sua partida para Harã, seu estabelecimento neste lugar e sua partida do mesmo lugar.

Devemos entender assim, não somente por que Eusébio, em sua **Crônica**, começa a contar desde o ano dessa promessa e mostra que decorreram quatrocentos e trinta anos até a saída do Egito, época em que a lei foi dada, mas também por que o apóstolo São Paulo⁸⁶¹ supunha a mesma coisa.

⁸⁶⁰ Gênesis 12: 4.

⁸⁶¹ Cf. Gálatas 3: 17. *A lei, que veio quatrocentos e trinta anos mais tarde.*

Capítulo XVII

Os três monarcas que reinavam no tempo de Abraão e, particularmente, o dos assírios.

Naquele tempo havia três poderosos impérios onde florescia maravilhosamente a Cidade da Terra, ou seja, a assembleia das pessoas que vivem segundo a humanidade, sob o domínio dos anjos prevaricadores. A saber: o dos siciônios, dos egípcios e dos assírios⁸⁶². Este último era o maior e mais poderoso de todos, pois Nino, filho de Belo, tinha subjugado toda a Ásia, com exceção das Índias.

Por Ásia, eu não quero dizer esta⁸⁶³ que agora não passa de uma província da segunda parte da terra (ou, segundo outros, da terceira), mas desta terceira parte propriamente, sendo o mundo comumente dividido em três grandes partes — a Ásia, a Europa e a África — que não formam, no entanto, três porções iguais.

A Ásia se estende do sul para o oriente e para o norte. A Europa se estende do norte para o ocidente. A África, do ocidente para o sul, de sorte que parece que a Europa e a África só ocupam juntas uma parte da terra e que a Ásia toda ocupa sozinha a outra. Mas, dividiu-se a Europa da África por que elas estão separadas pelo mar Mediterrâneo.

⁸⁶² Nestes desenvolvimentos históricos, Santo Agostinho segue a crônica de Eusébio.

⁸⁶³ A Ásia Menor, que, algumas vezes, era chamada simplesmente de Ásia.

De fato, se dividíssemos todo o mundo em duas partes — o oriente e o ocidente — a Ásia seria uma delas e a Europa junto com a África seriam a outra.

Assim, das três monarquias que existiam então, a dos siciônios não estava sob os assírios, por que ela estava na Europa. Mas, como o Egito não estava submetido a ela, já que eles eram os senhores de toda a Ásia, quase até às Índias, é então principalmente na Assíria que florescia então a Cidade da Terra. Cidade ímpia cuja capital era Babilônia, ou seja, Confusão; nome que lhe convinha perfeitamente.

Nino era seu rei e havia sucedido seu pai, Belo, que manteve o cetro por sessenta e cinco anos. Ele mesmo reinou cinquenta e dois anos e já reinava há quarenta e três quando Abraão veio ao mundo, ou seja, cerca de duzentos anos antes da fundação de Roma, que foi como que a Babilônia do ocidente.

Capítulo XVIII

A segunda aparição de Deus para Abraão, a quem prometeu a terra de Canaã, para ele e sua posteridade.

Abraão saiu então de Harã no septuagésimo quinto ano de sua vida e no centésimo quadragésimo quinto de seu pai e foi, com Lot, seu sobrinho e sua mulher Sarai, para a terra de Canaã, até Siquém, onde recebeu também um aviso do céu, que as Escrituras narram

assim: *O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe: “Darei esta terra à tua posteridade”*⁸⁶⁴.

Nada lhe é dito aqui sobre a posteridade que deveria torná-lo pai de todas as nações, mas somente da que o tornaria pai do povo hebreu. Foi, de fato, este povo que possuiu a terra de Canaã.

Capítulo XIX

O pudor de Sarai, que Deus protegeu no Egito, onde Abraão a apresentou, não como sua mulher, mas como sua irmã.

Em seguida, depois de ter erguido um altar nesse lugar e invocado Deus, ele foi morar no deserto, de onde, pressionado pela fome, foi para o Egito.

Lá, ele disse que Sarai era sua irmã, o que era verdade, por que ela era sua prima em primeiro grau⁸⁶⁵, da mesma forma como Lot, que lhe era próximo em primeiro grau, também era chamado de seu irmão.

Ele escondeu, então, que ela era sua mulher, mas não o negou, deixando com Deus o cuidado de sua honra e se protegendo dos insultos das pessoas. Se ele não tivesse tomado nesse lugar todas as precauções possíveis, ele teria mais tentado Deus do que confiado

⁸⁶⁴ Gênesis 12: 7.

⁸⁶⁵ Ver Livro X, cap. 16, desta obra.

nele. Sobre isso nós já dissemos muitas coisas ao responder a Fausto, o maniqueu⁸⁶⁶.

Assim, aconteceu o que Abraão esperava de Deus, já que o Faraó, rei do Egito, que tinha tomado Sarai como esposa, atingido por várias pragas, a devolveu ao seu marido⁸⁶⁷.

Longe de nós pensarmos que sua castidade recebeu algum ultraje desse príncipe. Tudo leva a crer que ele foi evitado pelos flagelos do céu.

Capítulo XX

A separação entre Abraão e Lot, que aconteceu sem o rompimento de sua união.

Quando Abraão retornou do Egito, para o lugar de onde havia partido, Lot, seu sobrinho, se separou dele, sem romper a boa ligação que havia entre eles e se retirou para Sodoma.

As riquezas que ambos haviam adquirido e os frequentes conflitos entre seus pastores os levaram a tomar essa decisão, para impedir que as disputas entre os servos não viesssem provocar a desunião entre os senhores.

Abraão, querendo prevenir essa infelicidade, disse a Lot: “*Ro-
go-te que não haja discórdia entre mim e ti, nem entre nossos pasto-*

⁸⁶⁶ *Contra Faustum Manichaeum*, livro 22, cap. 6.

⁸⁶⁷ Gênesis 12: 19. *Por que disseste que ela era tua irmã, levando-me e a tomá-la por esposa? Mas agora, eis tua mulher. Toma-a e vai-te!*”

res, pois somos irmãos. Eis aí toda a terra diante de ti; separemos. Se fores para a esquerda, eu irei para a direita; se fores para a direita, eu irei para esquerda”⁸⁶⁸.

Talvez tenha vindo daí o costume de, nas pastagens, o mais velho dividir os lotes e o mais novo escolher.

Capítulo XXI

A terceira aparição de Deus para Abraão, em que ele lhe reitera a promessa da terra de Canaã, para ele e sua descendência, para sempre.

Depois que Abraão e Lot se separaram, com um se fixando em Canaã e o outro em Sodoma, Deus apareceu para Abraão pela terceira vez e lhe disse:

*“Levanta os olhos do lugar onde estás e olha para o norte e para o sul, para o oriente e para o ocidente. Toda a terra que vês, eu a darei a ti e aos teus descendentes para sempre. Tornarei tua posteridade tão numerosa como o pó da terra. Se alguém puder contar os grãos do pó da terra, então poderá contar a tua posteridade. Levanta-te, percorre a terra em toda a sua extensão, porque eu hei de te dar”*⁸⁶⁹.

Não se vê bem aqui, nesta promessa, se está incluída nela aquela que tornou Abraão pai de todas as nações. No entanto, podemos

⁸⁶⁸ Gênesis 13: 8 e 9.

⁸⁶⁹ Gênesis 12: 14-17.

especular, baseados nestas palavras: *Tornarei tua posteridade tão numerosa como o pó da terra*. Esta é uma figura de linguagem que os gregos chamam de hipérbole e que acontece quando o que se diz de uma coisa a ultrapassa em muito. Quem não sabe o quanto o número de grãos de pó ultrapassa o número de pessoas, seja ele qual for, desde Adão até o fim do mundo e, com muito mais razão, a posteridade de Abraão, seja ela carnal ou espiritual?

De fato, esta última posteridade é pouca coisa, em comparação com o grande número de ímpios e, no entanto, apesar de sua pequenez, ela ainda assim forma um número enorme e assim as Escrituras a compararam com o pó da terra.

Mas ela só é incontável para os seres humanos e não para Deus, que sabe a conta de todos os grãos de pó. Assim, como a hipérbole das Escrituras é melhor compreendida pelas duas posteridades de Abraão, pode-se acreditar que essa promessa se aplica a uma e a à outra⁸⁷⁰.

Se eu disse que isto não é muito claro, é por que o povo judeu se multiplicou tanto e se espalhou por quase todas as regiões do mundo que só isso já basta para justificar a hipérbole. Além do que, não se pode negar que a terra mencionada é só aquela chamada Canaã.

⁸⁷⁰ Comparar com *Contra Faustum Manichaeum*, livro XXII, cap. 89.

No entanto, as palavras *Toda a terra que vês, eu a darei a ti e aos teus descendentes para sempre* podem provocar dúvidas. Não sabe se a expressão *para sempre* deve ser entendida *eternamente*. No entanto, se *para sempre* for tomado aqui como nos ensina a fé, como o início do tempo futuro, que começa com o fim do tempo presente, não há dificuldade.

Mesmo que os judeus tenham sido expulsos de Jerusalém, eles permanecem nas outras cidades da terra de Canaã e ali permanecerão até o fim do mundo. Acrescente-se a isso que, quando essa terra é habitada por cristãos, é a posteridade de Abraão que a habita.

Capítulo XXII

Abraão salva Lot das mãos dos inimigos e é abençoado por Melquisedeque.

Abraão, depois de ter recebido essa promessa, foi morar em outro lugar dessa região, perto dos carvalhos de Mambré, que ficava em Hebron⁸⁷¹.

Depois, tendo os inimigos devastado a região de Sodoma e derrotado seus moradores em batalha, Abraão, acompanhado de trezentos e dezoito dos seus, foi em socorro de Lot, que os vencedores tinham aprisionado e o libertou de suas mãos, após tê-lo derrotado,

⁸⁷¹ Cf. Gênesis 13: 18. *Abraão levantou as suas tendas e veio fixar-se no vale dos carvalhos de Mambré, que estão em Hebron e ali edificou um altar ao Senhor.*

sem querer receber nada dos despojos que o rei de Sodoma lhe ofereceu. Foi nessa ocasião que ele foi abençoado por Melquisedeque⁸⁷², sacerdote do Deus soberano e que é muito mencionado na Epístola aos Hebreus⁸⁷³, que muitos dizem ser de São Paulo, mas que outros não concordam⁸⁷⁴.

Ali aparece pela primeira vez o sacrifício que os cristãos oferecem hoje a Deus por toda a terra, para cumprir estas palavras do Profeta a Jesus Cristo, que não havia ainda encarnado: *Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque*⁸⁷⁵.

Não é dito segundo a ordem de Aarão, cuja sombra devia ser apagada pelo alvorecer da verdade que viria.

Capítulo XXIII

Deus promete a Abraão que sua posteridade será tão numerosa quanto as estrelas e a fé de Abraão nas palavras de Deus o justifica, embora sem a circuncisão.

Deus falou ainda a Abraão em uma visão⁸⁷⁶ e assegurou a ele sua proteção e uma ampla recompensa. Como ele se queixava de que já era velho, que morreria sem uma descendência e que Eliezer, um de seus escravos seria seu herdeiro, Deus lhe prometeu que ele teria

⁸⁷² Cf. Gênesis 14: 1-20.

⁸⁷³ Hebreus 7.

⁸⁷⁴ Marcião, Basílides e vários outros hereges negam a autenticidade da Epístola aos Hebreus.

⁸⁷⁵ Salmo 109: 4.

⁸⁷⁶ Cf. Gênesis 15: 1. “Nada temas, Abrão! Eu sou o teu protetor. Tua recompensa será muito grande”.

um filho e que sua posteridade seria tão numerosa quanto as estrelas no céu. Com isso, me parece, Deus quis especialmente designar a posteridade espiritual de Abraão.

O que são, de fato, as estrelas, com relação ao número, em comparação com o pó da terra? A menos que se queira dizer aqui que a semelhança está em que também não se pode contar as estrelas e que nem mesmo se poderiavê-las todas. Elas são descobertas, na verdade, na medida em que se tem melhores olhos. Mas, resulta daí que elas sempre escapam a alguns, mesmo aos mais argutos, sem falar daquelas que se levantam e se deitam no outro hemisfério.

É, portanto, uma fantasia, imaginar que há quem tenha conhecido e descrito o número das estrelas, como se diz de Arato⁸⁷⁷ e de Euxodo⁸⁷⁸. As santas Escrituras bastam para refutar essa opinião.

Por fim, é neste capítulo do Gênesis que se encontram as palavras que o Apóstolo lembra para ressaltar a graça de Deus: *Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado em conta de justiça*⁸⁷⁹.

Isso prova que os judeus não devem se vangloriar de sua circuncisão e nem impedir que os incircuncisos sejam admitidos à fé de

⁸⁷⁷ Sabe-se que Arato é o autor de um poema astronômico, geralmente traduzido do grego para o latim, particularmente por Cícero. Ele viveu por volta do ano 280 A. C..

⁸⁷⁸ Euxodo, de Cnide, contemporâneo de Platão e seu companheiro de viagem até o Egito, como conta a tradição. Ele é citado por Aristóteles (*Metafísica*, livro XIII, cap. 7) e por Cícero (*De divinatione*, Livro II, cap. 42), como um astrônomo de primeira ordem.

⁸⁷⁹ Romanos 4: 3; Gálatas 3: 6 e Gênesis 15: 6.

Jesus Cristo, já que, quando a fé de Abraão lhe foi imputada em conta de justiça, ele não era ainda circuncidado.

Capítulo XXIV

O que significa o sacrifício que Deus ordenou que Abraão lhe oferecesse, quando este patriarca lhe pediu que desse algum sinal do cumprimento de sua promessa.

Nessa mesma visão, Deus lhe diz também: “*Eu sou o Senhor que te fiz sair de Ur da Caldeia para dar-te esta terra*”⁸⁸⁰.

Como Abraão lhe perguntou como ele saberia se realmente a possuiria, Deus lhe respondeu: “*Toma uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um cordeiro de três anos, uma rola e um pombinho*”⁸⁸¹.

Abraão pegou esses animais e, após tê-los dividido ao meio, com exceção dos pássaros, colocou as metades de frente uma para a outra. Então, como está escrito, as aves de rapina desceram sobre esses corpos que estavam divididos e Abraão as expulsou.

Ao por do sol, ele foi tomado por um grande pavor e um profundo sono que o cobriram com uma espessa escuridão.

O Senhor então lhe disse:

“*Saiba que teus descendentes habitarão como peregrinos uma terra que não é sua e que nessa terra eles serão escravizados e o-*

⁸⁸⁰ Gênesis 15: 7.

⁸⁸¹ Gênesis 15: 9.

*primidos durante quatrocentos anos. Mas eu julgarei também o povo ao qual estiverem sujeitos e sairão em seguida dessa terra com grandes riquezas. Quanto a ti, irás em paz juntar-se aos teus pais e serás sepultado numa ditosa velhice. Somente à quarta geração os teus descendentes voltarão para aqui, porque a iniquidade dos amorreus não chegou ainda ao seu címulo". Quando o sol se pôs, formou-se uma densa escuridão e eis que um braseiro fumegante e uma tocha ardente passaram pelo meio das carnes divididas. Naquele dia, o Senhor fez aliança com Abraão: "Eu dou, disse ele, esta terra aos teus descendentes, desde a torrente do Egito até o grande rio Eufrates: a terra dos cineus, dos ceneseus, dos cadmoneus, dos heteus, dos ferezeus, dos amorreus, dos cananeus, dos gergeseus e dos jebuseus"*⁸⁸².

Isto foi o que se passou nessa visão, mas explicá-la em detalhes nos levaria muito longe e ultrapassaria todos os limites desta obra. Bastará dizer aqui que Abraão não perdeu a fé, da qual as Escrituras o louvam, por ter perguntado a Deus: "Senhor, como saberei se ei de possuir esta terra?" Ele não perguntou "Como poderá ser de eu possuir esta terra?", como se duvidasse da promessa de Deus, mas sim, "Como saberei se ei de possuí-la?", para ter algum sinal que o fizesse saber como isso aconteceria.

⁸⁸² Gênesis 15: 13-21.

Isso aconteceu do mesmo modo com a Virgem Maria, que não esboçou nenhuma desconfiança do que o anjo lhe anunciou. Ela só disse: *Como se fará isso, pois não conheço homem?*⁸⁸³, querendo se informar da maneira como isso aconteceria⁸⁸⁴. Por isso, o anjo lhe respondeu: *O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra*⁸⁸⁵.

Da mesma forma, Deus deu a Abraão o sinal dos animais imolados, como uma representação do que iria acontecer e para que ele não duvidasse. A novilha simbolizava o povo judeu submetido ao jugo da lei. A cabra representava o mesmo povo enquanto pecador. O cordeiro, o mesmo povo, ainda reinante e dominante. Estes animais têm três anos por causa das três épocas bem marcadas: de Adão a Noé, de Noé até Abraão e de Abraão até Davi, que, sendo o primeiro dos israelitas, subiu ao trono pela vontade de Deus, após a reprovação de Saul; última época e durante a qual o povo teve os maiores crescimentos.

Que isso tenha simbolizado o que eu disse ou qualquer outra coisa, pelo menos eu não duvido de que as pessoas espirituais sejam simbolizadas pela rolinha e pela pomba. Por isso é dito que Abraão não dividiu esses pássaros.

⁸⁸³ Lucas 1: 34.

⁸⁸⁴ Compare com Santo Ambrósio. *De Abrah. patr.*, livro II, cap. 8.

⁸⁸⁵ Lucas 1: 35.

De fato, os carnais são divididos entre eles, mas não os espirituais, seja por que eles se afastam dos relacionamentos com as pessoas, como a rolinha, seja por que eles vivem com elas, como a pomba.

Seja como for, tanto um como o outro destes pássaros são inocentes e foram sinais de que, mesmo no povo judeu, a quem essa terra devia ser dada, havia filhos da promessa e herdeiros do reino e da felicidade eternos.

Quanto aos pássaros de rapina que desceram sobre os corpos dos animais divididos, ele figuram os espíritos malignos, habitantes do ar e que sempre se apressam em se alimentar com a divisão das pessoas carnais.

Abraão espantando as aves de rapina significa que, mesmo no meio dessas divisões entre as pessoas carnais, haverá sempre alguns verdadeiros fieis até o fim do mundo.

O medo que tomou conta de Abraão quando o sol se pôs significa que, no fim do mundo se levantará uma cruel perseguição aos fieis, de acordo com estas palavras de Nosso Senhor, no Evangelho: *Então a tribulação será tão grande como nunca foi vista, desde o começo do mundo até o presente, nem jamais será*⁸⁸⁶.

⁸⁸⁶ Mateus 24: 21.

Quanto às palavras de Deus a Abraão: “*Saiba que teus descendentes habitarão como peregrinos uma terra que não é sua e que nessa terra eles serão escravizados e oprimidos durante quatrocentos anos*”, não há dificuldade para entender que o povo judeu seria cativo no Egito. Não quer dizer que o cativeiro deveria durar quatrocentos anos, mas ele aconteceria nesse intervalo de tempo, da mesma forma como as Escrituras dizem sobre Taré, pai de Abraão, que o tempo de sua vida foi de duzentos e cinco anos e que ele morreu em Harã⁸⁸⁷, não querendo dizer que toda sua vida se passou nesse lugar, mas que ele passou ali o resto de seus dias.

Por fim, as Escrituras dizem quatrocentos anos para dar um número redondo, pois foi um pouco mais, se tomarmos desde o tempo da promessa feita a Abraão ou se tomarmos do tempo do nascimento de Isaac. Assim, como já dissemos, desde o septuagésimo quinto ano da vida de Abraão, quando a promessa lhe foi feita, até à saída do Egito, contam-se quatrocentos e trinta anos, dos quais o Apóstolo diz: *A lei, que veio quatrocentos e trinta anos mais tarde, não pode anular o testamento feito por Deus em boa e devida forma e não pode tornar sem efeito a promessa*⁸⁸⁸. A Escritura pôde, então, chamar aqui de quatrocentos anos esses quatrocentos e trinta anos;

⁸⁸⁷ Gênesis 11: 32. *Todo o tempo da vida de Taré foi de duzentos e cinco anos e morreu em Harã.*

⁸⁸⁸ Gálatas 3: 17.

além do que, desde a promessa feita a Abraão até esta, transcorreram cinco anos e vinte e cinco desde o nascimento de Isaac⁸⁸⁹.

A sequência, em que ela acrescenta que, com o sol já posto, uma chama se ergueu subitamente e se viu que *um braseiro fumegante e uma tocha ardente passaram pelo meio das carnes divididas*, isto significa que, no fim do mundo, os carnais serão julgados pelo fogo.

Da mesma forma, de fato, a perseguição da Cidade de Deus, que será a maior de todas sob o Anticristo, será marcada pelo pavor extraordinário que tomou conta de Abraão ao por do sol. Isso marcará o dia do julgamento que separará as pessoas carnais, que o fogo deve poupar, daquelas que são destinadas a serem condenadas por esse fogo.

Por fim, a aliança de Deus com Abraão significa propriamente a terra de Canaã, onde onze nações são enumeradas⁸⁹⁰, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates. Ora, pelo rio do Egito não se deve entender o Nilo, mas um rizinho que o separa da Palestina e passa por Rinocorure.

⁸⁸⁹ Compare com Santo Agostinho, *Quæst. in Exod.*, questão 47.

⁸⁹⁰ Onze segundo a Septuaginta, pois a Vulgata e o texto hebraico enumeram somente dez.

Capítulo XXV

Sobre Agar, serva de Sarai, que a deu como concubina para Abraão.

Em seguida vem os filhos de Abraão: um com a serva Agar e o outro de Sarai, a mulher livre, que já mencionamos no livro precedente⁸⁹¹.

No que diz respeito às relações de Abraão com Agar, não se deve imputar-lhe como crimes⁸⁹², já que ele só se utilizou dessa concubina para ter filhos e não para contentar sua paixão e mais para obedecer à sua mulher do que com a intenção de ultrajá-la. Ela mesma acreditou que, de alguma maneira, se consolaria de sua esterilidade, se utilizando da fertilidade de sua serva e se servindo do direito que tinha, neste tema, sobre seu marido, segundo estas palavras do Apóstolo: *O marido não pode dispor do seu corpo; ele pertence à sua esposa*⁸⁹³.

Não há aqui nenhuma intemperança, nenhuma depravação. A mulher deu sua serva ao seu marido para ter filhos e o marido a recebeu com a mesma intenção. Nem um nem outro buscou o desregimento da volúpia e só pensaram no fruto da natureza.

⁸⁹¹ No cap. 3.

⁸⁹² Como fez Fausto, o maniqueu. Ver *Contra Faustum Manichaeum*, livro II, cap. 30.

⁸⁹³ 1 Coríntios 7: 4.

Assim, quando a serva engravidou, começou a se tornar orgulhosa e a desprezar sua senhora. Como Sarai, em uma desconfiança feminina, imputou a soberba de Agar ao seu marido, Abraão lhe mostrou que não era o escravo, mas o senhor de seu amor; que ele tinha guardado, na pessoa de Agar, a fidelidade que ele devia a Sarai; que ele só tinha se relacionado com a serva para obedecer a esposa; que ele tinha recebido Agar, mas que ele não a tinha pedido; que ele tinha se aproximado dela, mas que não tinha se apegado a ela; que ele tinha procriado, mas que ele não a tinha amado.

Ele disse, de fato, a Sarai: “*Tua escrava está em teu poder, faz de dela o que quiseres*”⁸⁹⁴.

Homem admirável, que se relaciona com as mulheres como um homem deve fazer: com a sua, com temperança; com a serva, com complacência; com ambas, equilíbrio!

Capítulo XXVI

Deus promete a Abraão, já idoso, um filho com sua mulher Sarai, que era estéril. Ele lhe anuncia que será o pai das nações e confirma sua promessa através da circuncisão.

Quando, em seguida, Ismael nasceu de Agar, Abraão podia acreditar que esse nascimento cumpria o que lhe havia sido prometido no tempo em que, para fazê-lo desistir de sua intenção de adotar seu

⁸⁹⁴ Gênesis 16: 6.

servo, Deus lhe disse: “*Não é ele que será o teu herdeiro, mas aquele que vai sair de tuas entranhas*”⁸⁹⁵.

Para que ele não acreditasse que essa promessa estava sendo cumprida com o filho de sua serva e como

Abrão tinha noventa e nove anos. O Senhor apareceu-lhe e disse-lhe: “Eu sou o Deus Todo-poderoso. Anda em minha presença e sê íntegro. Quero fazer aliança contigo e multiplicarei ao infinito a tua descendência”.

Abrão prostrou-se com o rosto por terra.

Deus disse-lhe: “Este é o pacto que faço contigo: serás o pai de uma multidão de povos. De agora em diante não te chamarás mais Abrão e sim Abraão, porque farei de ti o pai de uma multidão de povos. Tornar-te-ei extremamente fecundo, farei nascer de ti nações e terás reis por descendentes. Faço aliança contigo e com tua posteridade; uma aliança eterna, de geração em geração, para que eu seja o teu Deus e o Deus de tua posteridade. Darei a ti e a teus descendentes depois de ti a terra em que moras como peregrino, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua e serei o teu Deus”.

Deus disse ainda a Abraão: “Tu, porém, guardarás a minha aliança. Tu e tua posteridade nas gerações futuras. Eis o pacto que faço entre mim e vós e teus descendentes e que tereis de guardar:

⁸⁹⁵ Gênesis 15: 4.

todo homem, entre vós, será circuncidado. Cortareis a carne de vosso prepúcio e isso será o sinal da aliança entre mim e vós. Todo homem, no oitavo dia do seu nascimento, será circuncidado entre vós nas gerações futuras; tanto o que nascer em casa, como o que comprardes a preço de dinheiro de um estrangeiro qualquer e que não for de tua raça. Circuncidar-se-á tanto o homem nascido na casa como aquele que for comprado a preço de dinheiro. Assim será marcado em vossa carne o sinal de minha aliança perpétua. O varão incircunciso, do qual não se tenha cortado a carne do prepúcio, será exterminado de seu povo por ter violado minha aliança.”

Disse Deus a Abraão: “Não chamarás mais tua mulher Sarai e sim Sara. Eu a abençoarei e dela te darei um filho. Eu a abençoarei, e ela será a mãe de nações e dela sairão reis”.

Abraão prostrou-se com o rosto por terra e começou a rir, dizendo consigo mesmo: “Poderia nascer um filho a um homem de cem anos? Seria possível a Sara conceber ainda na idade de noventa anos?” E disse a Deus: “Oxalá que Ismael viva diante de vossa face!”

Mas Deus respondeu-lhe: “Não, é Sara, tua mulher que dará à luz um filho, ao qual chamarás Isaac. Farei aliança com ele, uma aliança que será perpétua para sua posteridade depois dele. Eu te ouvirei também acerca de Ismael. Eu o abençoarei, torná-lo-ei fértil e multiplicarei extraordinariamente sua descendência. Ele

será o pai de doze príncipes e farei sair dele uma grande nação. Mas minha aliança eu a farei com Isaac, que Sara te dará à luz dentro de um ano, nesta mesma época".⁸⁹⁶

Vemos aqui promessas mais explícitas do chamado dos gentios em Isaac; esse filho da promessa que é fruto da graça e não da natureza⁸⁹⁷, já que ele foi prometido a uma mulher idosa e estéril.

Mesmo que Deus intervenha também nos frutos que acontecem segundo as leis da natureza, no entanto, quando sua mão poderosa conserta as deficiências, sua graça aparece com muito mais brilho.

E, para que esse chamado aos gentios não acontecesse tanto pela geração quanto pela regeneração, Deus ordenou a circuncisão, quando ele prometeu o filho a Sarai.

Se ele quer que todos sejam circuncidados, tanto os livres quanto os escravos, é para significar que essa graça é para todos.

O que simboliza, de fato, a circuncisão, se não é a natureza renovada e despojada de sua decrepitude?⁸⁹⁸

⁸⁹⁶ Gênesis 17: 1-21.

⁸⁹⁷ Cf. Gálatas 4: 22-31. A Escritura diz que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O da escrava, filho da natureza; e o da livre, filho da promessa. Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera para a escravidão, é Agar. (O monte Sinai está na Arábia.) Corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos. 26. Mas a Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe, porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não davas à luz; re jubila e canta, tu que não tinhas dores de parto, pois são mais numerosos os filhos da abandonada do que daquela que tem marido (Is 54:1). Como Isaac, irmãos, vós sois filhos da promessa. Como naquele tempo o filho da natureza perseguia o filho da promessa, o mesmo se dá hoje. Que diz, porém, a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque o filho da escrava não será herdeiro com o filho da livre (Gn 21:10). Pelo que, irmãos, não somos filhos da escrava, mas sim da que é livre.

⁸⁹⁸ Compare com Santo Agostinho, *Contra Faustum Manichaeum*, livro XVI, cap. 29.

O oitavo dia representa outra coisa que não seja Jesus Cristo, que ressuscitou no fim da semana, ou seja, após o sabá?⁸⁹⁹

Os nomes do pai e da mãe foram mudados. Tudo respira a novidade e o Antigo Testamento faz pressentir o Novo. O que é, afinal, o Novo Testamento, se não é a manifestação do Antigo e o que é este, se não é a figura do outro?

O riso de Abraão é uma manifestação de alegria e não de desconfiança. As palavras que ele diz em seu coração — “Terei um filho aos cem anos e Sarai conceberá aos noventa e nove” — não são de um homem que duvida, mas de um homem que admira.

Quanto às palavras de Deus: *Darei a ti e a teus descendentes depois de ti a terra em que moras como peregrino, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua;* se nos perguntarmos como isso se realizou ou se realizará, entendido que a posse de uma coisa, por mais durável que seja, não pode durar para sempre, é preciso dizer que perpétuo pode ser tomado de duas maneiras: ou como uma duração infinita, ou como aquela que é limitada pelo fim do mundo.

⁸⁹⁹ Ver o tratado de Santo Agostinho, *O Pecado Original*, cap. 36.

Capítulo XXVII

A reprovação lançada contra toda criança masculina que não foi circuncidada no oitavo dia, como tendo violado a aliança com Deus.

Pode-se questionar como se deve interpretar esta passagem: *O varão incircunciso, do qual não se tenha cortado a carne do prepúcio, será exterminado de seu povo por ter violado minha aliança.*

Não é a criança que é culpada, já que não foi ela quem violou a aliança de Deus, mas seus pais, que não tiveram o cuidado de circuncidá-la. Deve-se responder a isso dizendo que as próprias crianças violaram a aliança de Deus, não pessoalmente, mas na pessoa daquele por quem todas os seres humanos pecaram⁹⁰⁰.

Há também outras alianças além desta, no Antigo e no Novo Testamento. A primeira delas é a que Deus fez com o primeiro ser humano: “*Não comes do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, por que no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente*”⁹⁰¹. Isto deu motivo para estas palavras que se atribui a Jesus de Siraque: “Todo ser humano envelhecerá como uma vestimenta. Esta é a sentença emitida desde a origem do mundo: morrerás de morte”.

De fato, como estas palavras do Profeta: “Vi todos os pecadores do mundo como prevaricadores”, poderia estar de acordo com

⁹⁰⁰ Cf. Romanos 5: 12. *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim a morte passou a todo o gênero humano, porque todos pecaram.*

⁹⁰¹ Gênesis 2: 17.

estas de São Paulo: *A lei produz a ira e onde não existe lei, não há transgressão*⁹⁰², se todos aqueles que pecam não forem culpados da violação de alguma lei?

É por isso que, se até mesmo as crianças, como nos ensina a fé, nascem pecadoras, não por elas mesmas, mas por causa de sua origem, daí a necessidade do batismo para a remissão de seus pecados, é preciso acreditar que elas são prevaricadoras com relação àquela lei que foi dada no paraíso terrestre, de sorte que é igualmente verdadeiro dizer que, onde não há lei, não há prevaricação e que todos os pecadores do mundo são prevaricadores.

Assim, como a circuncisão era o sinal da regeneração, é com justiça que o pecado original, que violou a primeira aliança com Deus, provocaria a perdição dessas crianças, se a regeneração não as salvasse.

É preciso então entender estas palavras da Escritura: *O varão incircunciso, do qual não se tenha cortado a carne do prepúcio, será extermínado de seu povo por ter violado minha aliança*, como se fosse: “Quem não se regenerar, perecerá, por que violou minha aliança, quando pecou em Adão, com todos os seres humanos”.

Se ela tivesse dito: “Por que ele violou esta aliança que faço com você”, só se poderia entender a circuncisão. Mas, como ela não

⁹⁰² Romanos 4: 15.

explicitou qual aliança a criança violou, é permitido entender a violação que se pode relacionar a ela por via da solidariedade.

Se, no entanto, se quiser sustentar que isso deve se aplicar exclusivamente à circuncisão e que a criança que não foi circuncidada violou com isso a aliança, é preciso que se busque uma maneira razável de dizer que uma pessoa violou uma aliança, embora não seja ela que a violou, mas outras que a violaram nela. Além disso, é injusto que uma criança que permanece incircuncisa, sem que seja sua culpa, seja condenada, a menos que se remonte a um pecado original.

Capítulo XXVIII

A mudança de nome de Abraão e Sarai, os quais não estavam em condições de ter filhos, quando tiveram Isaac.

Quando então Abraão recebeu de Deus esta promessa: *Farei de ti o pai de uma multidão de povos. Tornar-te-ei extremamente fecundo, farei nascer de ti nações e terás reis por descendentes*⁹⁰³ — magnífica promessa que vemos realizada agora em Jesus Cristo — Abraão e sua mulher mudaram de nome e as Escrituras não os chamam mais de Abrão e Sarai e passam a chamá-los de Abraão e Sara.

Elas explicam a razão dessa mudança de nome com relação a Abraão: *Porque farei de ti o pai de uma multidão de povos*, diz o

⁹⁰³ Gênesis 17: 5 e 6.

Senhor. Este é o sentido da palavra Abraão e Abrão, que era seu nome inicialmente, significa *ilustre pai*.

As Escrituras não explicam a razão da mudança do nome de Sara, mas os tradutores hebreus dizem que Sarai significa *minha princesa* e Sara, *virtude*. Daí vem estas palavras da Epístola aos Hebreus: *Foi pela fé que a própria Sara recebeu a virtude de conceber, apesar de sua idade avançada*⁹⁰⁴.

Ora, ambos eram muito idosos — como dizem as Escrituras — e Sara, que além disso era estéril, não tinha mais menstruação. Então, mesmo que não fosse estéril, não poderia conceber. Uma mulher, mesmo idosa, se tem menstruação, pode ter filhos. Mas de um homem jovem e não de um idoso. Da mesma forma, um idoso pode ter filho com uma mulher jovem, como Abraão teve de Cetura, após a morte de sua mulher, por ter encontrado nela a flor de sua juventude.

É por isso que o Apóstolo vê como um grande milagre⁹⁰⁵ o fato do corpo de Abraão, estando “morto”, ter podido gerar. Entende-se com isso que seu corpo era impotente para toda mulher com a idade de Sara. Pois ele só estava morto com relação a isso, caso contrário, ele seria um cadáver.

⁹⁰⁴ Hebreus 11: 11. *Fide et ipsa Sara sterilis virtutem in conceptionem seminis accepit, etiam præter tempus ætatis.*

⁹⁰⁵ Cf. Romanos 6: 19. *Et non infirmatus est fide, nec consideravit corpus suum emortuum, cum jam fere centum esset annorum, et emortuam vulvam Saræ.*

Há outra solução para esta dificuldade. Dizem que Abraão teve filhos com Cetura, por que Deus lhe conservou, após a morte de Sara, o dom da fecundidade que ele havia lhe dado. Mas, a explicação que eu segui me parece melhor, pois, se é verdade que numa certa hora um idoso de cem anos fica sem condições de gerar, isso não acontecia da mesma forma quando as pessoas viviam por muito mais tempo.

Capítulo XXIX

Os três anjos que apareceram para Abraão nos carvalhos de Mambré.

Deus apareceu também para Abraão nos carvalhos de Mambré, na pessoa de três homens que, indubitavelmente, eram anjos⁹⁰⁶, embora muitos avaliem que um deles era Jesus Cristo, que estava visível, como acreditam, antes de ter se feito em carne⁹⁰⁷.

Eu sou da opinião de que Deus, que é invisível, incorpóreo e imutável por sua natureza, é poderoso o suficiente para se tornar visível aos olhos humanos, sem nenhuma mudança em sua essência, não por ele mesmo, para o ministério de alguma de suas criaturas.

⁹⁰⁶ Cf. Gênesis 18: 1 e 2.

⁹⁰⁷ Esta é a opinião de Tertuliano (*De carne Christi*, cap. 7; *Cont. Jud.*, cap. 9; et alibi), de Santo Irineu (livro III, cap. 6 e livro IV, cap. 26) e de alguns outros Pais da Igreja. Santo Ambrósio, pelo contrário (*De Abrah.*, livro I, cap. 5), sustentou a mesma opinião que Santo Agostinho defende aqui e em outros escritos (*De Trin.* livro II, cap. 21; *Cont. Maxim.*, cap. 26, 5 e 6).

Mas, se acham que um desses três homens era Jesus Cristo, por que Abraão se dirigia aos três como se fossem um só homem, como conta a Escritura: *Abraão levantou os olhos e viu três homens de pé diante dele. Levantou-se no mesmo instante da entrada de sua tenda, veio-lhes ao encontro e prostrou-se por terra. “Meus senhores, disse ele, se encontrei graça diante de vossos olhos, não passeis avante sem vos deterdes em casa de vosso servo”*⁹⁰⁸, essa suposição não tem nada de conclusiva, pois a mesma Escritura afirma que dois desses anjos já haviam partido para destruir Sodoma, quando Abraão se dirigiu ao terceiro e o chamou de Senhor, apelando a ele para que não confundisse o inocente com o culpado e que perdoasse Sodoma.

Além disso, quando Lot fala aos dois primeiros anjos, ele o faz como se falasse a um só. Após ele haver lhe dito: “*Meu Senhor, disse-lhe ele, vinde, peço-vos, para a casa de vosso servo e passai nela a noite*”⁹⁰⁹, o texto acrescenta: *Aqueles homens tomaram pela mão a ele, a sua mulher e as suas duas filhas, porque o Senhor queria salvá-los e os levaram para fora da cidade. Quando já estavam fora, um dos anjos disse-lhe: “Salva-te, se queres conservar tua vida. Não olhes para trás e não te detenhas em parte alguma da planície, mas foge para a montanha senão perecerás”*. Lot disse-lhes: “*Oh, não, Senhor! Já que vosso servo encontrou graça diante de vós e usastes*

⁹⁰⁸ Gênesis 18: 2 e 3.

⁹⁰⁹ Gênesis 19: 2. *Obsecro, domini, declinate in domum pueri vestri et manete ibi.*

comigo de grande bondade, conservando-me a vida, vede, eu não me posso salvar na montanha, porque o flagelo me atingiria antes e eu morreria”⁹¹⁰.

Em seguida, o Senhor lhe responde também no singular, pela boca desses dois anjos __ onde ele estava __ e lhe disse: “Eis que olho para seu rosto”⁹¹¹.

É muito mais crível que Abraão e Lot reconheceram o Senhor nas pessoas desses dois anjos e seja por isso que eles lhes dirigem a palavra. Além disso, eles tomaram esses anjos como pessoas, o que os fez os receberem como tais e os tratarem como se precisassem de alimento.

Mas, por outro lado, havia neles alguma coisa de tão extraordinário, que aqueles que exerciam o dever de hospitalidade para com eles, não podiam duvidar de que Deus estava presente neles, como costuma acontecer com seus profetas. Daí vem que eles os chama- vam algumas vezes de Senhores, no plural, vendo-os como os ministros de Deus e outras vezes de Senhor, no singular, considerando que Deus mesmo estava neles.

⁹¹⁰ Gênesis 19: 16-19. *Dissimulante illo, apprehenderunt manum ejus, et manum uxoris, ac duarum filiarum ejus, eo quod parceret Dominus illi. Eduxeruntque eum, et posuerunt extra civitatem : ibique locuti sunt ad eum, dicentes : Salva animam tuam : noli respicere post tergum, nec stes in omni circa regione : sed in monte salvum te fac, ne et tu simul pereas. Dixitque Lot ad eos : Quæso, domine mi, quia invenit servus tuus gratiam coram te, et magnificasti misericordiam tuam quam fecisti mecum, ut salvares animam meam, nec possum in monte salvari, ne forte apprehendat me malum, et moriar.*

⁹¹¹ *Ecce miratus sum faciem tuam*

Ora, as Escrituras afirmam que eram anjos e não somente no Gênesis, onde esta história é contada, mas também na Epístola aos Hebreus, onde, fazendo o elogio da hospitalidade, é dito: *Não vos esqueçais da hospitalidade, pela qual alguns, sem o saberem, hospedaram anjos*⁹¹².

Foi então, através desses três anjos, que Deus, reiterando a promessa de um filho chamado Isaac, que ele deveria ter com Sara, lhe diz: *Abraão deve tornar-se uma nação grande e poderosa e todos os povos da terra serão benditos nele*⁹¹³. Palavras que contém uma promessa plena e curta sobre o povo de Israel, segundo a carne e sobre todas as nações, segundo a fé.

Capítulo XXX

A destruição de Sodoma. A libertação de Lot. A cobiça infrutífera de Abimelec por Sara.

Tendo Lot saído de Sodoma, após essa promessa, uma chuva de fogo caiu do céu⁹¹⁴ e reduziu a cinzas essas cidades infames, onde o desregramento era tão grande que o amor contra a natureza ali era tão comum quanto as outras ações autorizadas pelas leis⁹¹⁵.

⁹¹² Hebreus 13: 2.

⁹¹³ Gênesis 18: 18.

⁹¹⁴ Cf. Gênesis 19: 24. *O Senhor fez então cair sobre Sodoma e Gomorra uma chuva de enxofre e de fogo, vinda do Senhor, do céu.*

⁹¹⁵ Ver Livro XIV, cap. 18, desta obra.

Esse castigo terrível foi uma imagem do julgamento final⁹¹⁶. Por que, afinal, aqueles que escaparam dessa ruína receberam dos anjos a ordem de não olhar para trás, se não foi por que, se queremos evitar o rigor do julgamento futuro, não devemos retornar, com nossos desejos, aos hábitos da pessoa velha, dos quais nos livramos pela graça do batismo?

Desta forma, a mulher de Lot, contrariando esse mandamento, foi punida imediatamente e sua transformação em estátua é uma advertência muito impressionante dada aos fiéis, para que eles se prevenham de um mal assim⁹¹⁷.

Na sequência, Abraão, em Gerara, empregou, para preservar sua mulher, o mesmo artifício que utilizou no Egito⁹¹⁸, de sorte que Abimelec, rei deste país, arrebatou Sara, sem tê-la tocado. Como ele censurou Abraão por causa desse estratagema, este, confessando que fora o medo que o obrigara a fazer isso, acrescentou: *Ela é realmente minha irmã, filha de meu pai, mas não de minha mãe*⁹¹⁹.

⁹¹⁶ Ver Epístola de São Judas, versículo 7 (*Da mesma forma, Sodoma, Gomorra e as cidades circunvizinhas, que praticaram as mesmas impurezas e se entregaram a vícios contra a natureza, jazem lá como exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno*) e compare com 2 Pedro 2: 6 (*Se condenou à destruição e reduziu à cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, para servir de exemplo para os ímpios do porvir*).

⁹¹⁷ Cf. Lucas 17: 32 e 33. *Lembrai-vos da mulher de Lot. Todo o que procurar salvar a sua vida, perde-la-á, mas todo o que a perder, encontrá-la-á.*

⁹¹⁸ Cf. Gênesis 20: 2. *Ele dizia de Sara, sua mulher, que ela era sua irmã.*

⁹¹⁹ Gênesis 20: 12.

De fato, Sara, do lado de seu pai, era irmã de Abraão e uma de suas parentes mais próximas. Ela era tão bela que, mesmo naquela idade, podia inspirar o amor.

Capítulo XXXI

O nascimento de Isaac, cujo nome expressa a alegria experimentada por seus pais.

Após isso, um filho nasceu de Abraão⁹²⁰ e sua mulher Sara, segundo a promessa de Deus e ele foi chamado Isaac, nome que significa riso, pois o pai riu quando um filho lhe foi prometido, demonstrando com isso sua alegria e seu contentamento e a mãe também tinha rido quando a promessa lhe foi reiterada pelos três anjos, embora esse riso estivesse mesclado com dúvida, como o anjo lhe censurou⁹²¹. Mas essa dúvida foi em seguida dissipada pelo anjo.

Foi daí que veio o nome de Isaac. Sara mostrou bem que esse riso não era de deboche, mas de alegria, quando ela disse, por ocasião do nascimento de Isaac: “*Deus deu-me algo de que rir e todos aqueles que o souberem se rirão de mim*”⁹²².

⁹²⁰ Cf. Gênesis 21: 2. *Sara concebeu e, apesar de sua velhice, deu à luz um filho a Abraão, no tempo fixado por Deus.*

⁹²¹ Cf. Gênesis 18: 11 e 12. *Sara tinha já passado da idade. Ela pôs-se a rir secretamente: “Velha como sou, disse ela consigo mesma, conhecerei ainda o amor?”*

⁹²² Gênesis 21: 6.

Pouco tempo depois, a serva foi expulsa da casa com seu filho e o Apóstolo vê aqui uma representação dos dois Testamentos, em que Sara representa a Jerusalém celeste, ou seja, a Cidade de Deus⁹²³.

Capítulo XXXII

A obediência e a fé de Abraão, testadas através do sacrifício de seu filho. A morte de Sara.

No entanto, Deus tentou Abraão⁹²⁴, ao lhe ordenar que sacrificasse seu querido filho Isaac, para testar sua obediência e para mostrará-la para toda a posteridade. Pois, não se pode repudiar toda tentação, mas, pelo contrário, deve-se rejubilar com aquela que serve para testar a virtude⁹²⁵.

De fato, o ser humano geralmente não se conhece sem essas provas. Mas, se ele reconhece nelas a mão poderosa de Deus que o assiste, então ele é verdadeiramente pio e, invés de se inflar com uma glória vã, ele se firma solidamente na virtude, pela graça.

⁹²³ Cf. Gálatas 4: 22-28. A Escritura diz que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O da escrava, filho da natureza e o da livre, filho da promessa. Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera para a escravidão, é Agar. (O monte Sinai está na Arábia.) Corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe, por que está escrito: "Alegra-te, ô estéril, que não davas à luz! Rejubila e canta, tu que não tinhas dores de parto, pois são mais numerosos os filhos da abandonada do que daquela que tem marido". Como Isaac, irmãos, vós sois filhos da promessa.

⁹²⁴ Cf. Gênesis 22: 1.

⁹²⁵ Compare com Santo Agostinho, *Quæst. in Gen.*, questão 37 e em *Exod.*, questão 18. Santo Ambrósio disse, na mesma ocasião e no mesmo sentido: *Uma coisa são as tentações de Deus, que o faz para nos salvar. Outra coisa são as do diabo, que nos tenta para que nos percamos.*

Abraão sabia muito bem que Deus não se compraz com vítimas humanas, mas, quando ele dá uma ordem, é questão de obedecer e não de questionar.

Abraão acreditava então que Deus era suficientemente poderoso para ressuscitar seu filho e devemos louvá-lo por essa fé.

De fato, quando ele hesitou em afastar de sua casa sua serva e seu filho, diante das vivas solicitações de Sara, Deus lhe disse: “*Não te preocipes com o menino e com a tua escrava. Faça tudo o que Sara te pedir, pois é de Isaac que nascerá a posteridade que terá o teu nome*”⁹²⁶. No entanto, ele acrescentou logo em seguida: “*Mas do filho da escrava também farei um grande povo, por ser de tua raça*”⁹²⁷.

Como Deus pôde assegurar que seria de Isaac que sairia a posteridade de Abraão, quando ele parece dizer o mesmo de Ismael? O Apóstolo resolveu esta dificuldade quando, ao explicar as palavras *é de Isaac que nascerá a posteridade que terá o teu nome*, ele diz: *Não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que serão considerados como descendentes*⁹²⁸.

Assim, para que os filhos da promessa sejam a posteridade de Abraão, é preciso que eles saiam de Isaac, ou seja, que eles sejam reunidos em Jesus Cristo pela graça que os chama.

⁹²⁶ Gênesis 21: 12.

⁹²⁷ Gênesis 21: 13.

⁹²⁸ Romanos 9: 8.

Esse santo patriarca, fortificado pela fé nessa promessa e convencido de que ela deveria ser cumprida por aquele que Deus lhe ordenou degolar, não duvidou de que Deus poderia devolver aquele que lhe tinha dado contra sua esperança.

Assim entende e explica o autor da Epístola aos Hebreus: *Foi pela sua fé que Abraão, submetido à prova, ofereceu Isaac, seu único filho, depois de ter recebido a promessa e ouvido as palavras: “Uma posteridade com o teu nome te será dada em Isaac”. Estava ciente de que Deus é poderoso até para ressuscitar alguém dentre os mortos. Assim, ele conseguiu que seu filho lhe fosse devolvido.*⁹²⁹

E o Apóstolo acrescenta: *E isso é um símbolo para nós!*⁹³⁰ Ora, que símbolo é este, se não é o da vítima santa mencionada pelo mesmo Apóstolo, quando disse: *Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou*⁹³¹. Também Isaac carregou ele mesmo a madeira para o sacrifício do qual seria a vítima, como Nosso Senhor carregou sua cruz.

Por fim, já que Deus impediu Abraão de colocar a mão em Isaac, que não estava destinado a morrer, o que representa o cordeiro, cujo sangue simbólico realizou o sacrifício e que estava preso pelos chifres em um arbusto? O que ele representa, se não é Jesus Cristo coroado com espinhos pelos judeus, antes de ser imolado?

⁹²⁹ Hebreus 11: 17-19.

⁹³⁰ Unde eum et in parabolam accepit.

⁹³¹ Romanos 8: 32.

Mas, escutemos mais uma vez a voz de Deus, através da boca do anjo: *Depois, estendendo a mão, tomou a faca para imolar o seu filho. O anjo do Senhor, porém, gritou-lhe do céu: “Abraão! Abraão!” “Eis-me aqui!” “Não estendas a tua mão contra o menino e não lhe faças nada. Agora eu sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu próprio filho, teu filho único”*.⁹³²

Agora eu sei, diz Deus; ou seja, eu mostro, pois Deus não o ignorava.

Quando, em seguida, Abraão imolou o cordeiro no lugar de seu filho Isaac, o texto diz: *Abraão chamou a este lugar Javé-yiré*⁹³³, ou seja, *o Senhor viu* e é por isso que dizemos hoje em dia: “O Senhor foi visto na montanha”.

Da mesma forma como Deus disse: *Agora eu sei*, para dizer “Agora eu mostro”, assim também Abraão diz: “O Senhor viu”, para dizer: “O Senhor apareceu” ou se mostrou.

Pela segunda vez chamou o anjo do Senhor a Abraão, do céu e disse-lhe: “Juro por mim mesmo, diz o Senhor, pois que fizeste isto e não me recusaste teu filho, teu filho único, eu te abençoarei. Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu e como a areia na praia do mar. Ela possuirá a porta dos teus inimigos e todas as na-

⁹³² Gênesis 22: 10-12.

⁹³³ Gênesis 22: 14.

ções da terra desejarão ser benditas como ela, porque obedeceste à minha voz”⁹³⁴.

Foi assim que Deus confirmou por juramento a promessa do chamado aos gentios, após Abraão lhe ter oferecido em holocausto o cordeiro, que era a representação de Jesus Cristo. Deus várias vezes lhe havia feito promessas, mas nunca sob juramento e o que é o juramento do Deus verdadeiro, do Deus que é a própria verdade, se não é uma confirmação de sua promessa e uma censura que ele dirige aos incrédulos?

Depois disso, Sara morreu com a idade de cento e vinte e sete anos⁹³⁵, quando Abraão tinha cento e trinta e sete. Ele era, de fato, dez anos mais velho do que ela, como ele própria disse, quando Deus prometeu que lhe daria um filho. Ele disse: “*Poderia nascer um filho a um homem de cem anos? Seria possível a Sara conceber ainda na idade de noventa anos?*”⁹³⁶

Abraão comprou um terreno onde sepultou o corpo de sua mulher. Como conta Santo Estevão⁹³⁷, ele se estabeleceu nessa região, por que começou a formar ali um patrimônio, o que aconteceu após a morte de seu pai, que tinha acontecido cerca de dez anos antes.

⁹³⁴ Gênesis 22: 15-18.

⁹³⁵ Cf. Gênesis 23: 1.

⁹³⁶ Gênesis 17: 17.

⁹³⁷ Cf. Atos 7: 4.

Capítulo XXXIII

Isaac se casa com Rebeca, neta de Nacor.

Em seguida, Isaac, com a idade de quarenta anos, na época em que seu pai tinha cento e quarenta, três anos após a morte de sua mãe, se casou com Rebeca, neta de seu tio Nacor⁹³⁸.

Ora, quando Abraão lhe enviou seu servo à Mesopotâmia, ele lhe disse: “*Mete tua mão debaixo de minha coxa. Quero que jures pelo Senhor, Deus do céu e da terra, que não escolherás para mulher de meu filho nenhuma das filhas dos cananeus*”⁹³⁹.

O que isso significa, se não é que o Senhor Deus do céu e da terra devia assumir uma carne tirada dos flancos desse patriarca? Estes são indicativos fracos da verdade que vemos agora se realizar em Jesus Cristo?

Capítulo XXXIV

Como se deve entender o casamento de Abraão com Cetura, após a morte de Sara.

O que significa o casamento de Abraão com Cetura⁹⁴⁰, após a morte de Sara?⁹⁴¹

⁹³⁸ Cf. Gênesis 24: 2 e 3.

⁹³⁹ Gênesis 24: 2 e 3.

⁹⁴⁰ Segundo São Jerônimo, a tradição hebraica identificava Cetura com Agar.

⁹⁴¹ Gênesis 25: 1.

Estamos longe de pensar que esse homem tão santo não foi detido pela continência, sobretudo numa idade tão avançada. Ele ainda precisava de filhos? Ele que acreditara firmemente que Deus os daria de Isaac, tantas quantas eram as estrelas do céu e os grãos de areia do mar?

Mas, se Agar e Ismael, segundo a doutrina do Apóstolo⁹⁴², são representações das pessoas carnais do Antigo Testamento, por que Cetura e seus filhos não seriam também a representação das pessoas carnais que pensam pertencer ao Novo?

Ambas são chamadas de mulheres e concubinas de Abraão, enquanto que Sara sempre foi chamada somente de esposa. Quando Agar foi dada a Abraão, a Escritura diz: *Sarai tomou, pois, sua escrava, Agar, a egípcia, passado dez anos que Abrão habitava a terra de Canaã e deu-a por mulher a Abrão, seu marido*⁹⁴³.

Quanto a Cetura, que ele desposou após a morte de Sara, eis como a Escritura fala dela: *Abraão tomou outra mulher, chamada Cetura*⁹⁴⁴. Vê-se que a Escritura trata ambos por *mujeres*, mas, em seguida, ela as chama de *concubinas*. Ela diz: *Abraão deu todos os seus bens a Isaac. Quanto aos filhos de suas concubinas, só lhes deu*

⁹⁴² Cf. Gálatas 4: 24. *Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças.*

⁹⁴³ Gênesis 16: 3.

⁹⁴⁴ Gênesis 25: 1.

*presentes e despediu-os, ainda vivo, mandando-os para longe de seu filho Isaac, para a terra do oriente*⁹⁴⁵.

Os filhos das concubinas, ou seja, os judeus e os heréticos, recebem então alguns presentes, mas não compartilham do reino prometido, por que não há outro herdeiro além de Isaac e *não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que serão considerados como descendentes*⁹⁴⁶. Deus constitui então essa posteridade, quando disse: *É de Isaac que nascerá a posteridade que terá o teu nome*⁹⁴⁷.

Eu não vejo por que a Escritura chamaria Cetura de concubina, se não houvesse algum mistério nisso. Seja como for, não se pode censurar de forma justa esse casamento do patriarca. Como sabermos se Deus não permitiu isso para confundir, com o exemplo de um homem tão santo, o erro de alguns heréticos⁹⁴⁸ que consideram os segundos casamentos como ímpios?

Abraão morreu com a idade de cento e setenta e cinco anos⁹⁴⁹. Seu filho tinha setenta e cinco, tendo vindo ao mundo no centésimo ano da vida de seu pai.

⁹⁴⁵ Gênesis 25: 5 e 6.

⁹⁴⁶ Romanos 9: 8.

⁹⁴⁷ Gênesis 21: 12.

⁹⁴⁸ Esses heréticos são os catafrígios, ou catafrigianos; ramo da grande seita dos gnósticos. Ver Santo Agostinho, *De haeres. ad Quodvultdeum*, heresia 26.

⁹⁴⁹ Cf. Gênesis 25: 7.

Capítulo XXXV

Os dois gêmeos que brigam na barriga de Rebeca.

Vejamos agora o progresso da Cidade de Deus nos descendentes de Abraão.

Como Isaac ainda não tinha filhos, com a idade de sessenta anos, por que sua mulher era estéril, ele os pediu a Deus, que o atendeu. Mas, no período em que sua mulher estava grávida, os dois filhos que ela carregava brigavam em seu ventre. As grandes dores que ela sentia a fizeram consultar Deus, que lhe respondeu: “*Tens duas nações no teu ventre. Dois povos se dividirão ao sair de tuas entranhas. Um povo vencerá o outro e o mais velho servirá ao mais novo*”⁹⁵⁰.

O apóstolo São Paulo tira daí um grande argumento em favor da graça e diz: *Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum (para que fosse confirmada a liberdade da escolha de Deus, que depende não das obras, mas daquele que chama), foi dito a Rebeca: “O mais velho servirá o mais moço”*⁹⁵¹.

É certo que, com relação ao pecado original, ambos eram igualmente culpados e nem um nem outro havia cometido pessoalmente qualquer pecado. Mas o objetivo a que me propus nesta obra

⁹⁵⁰ Gênesis 25: 23

⁹⁵¹ Romanos 9: 11

não me permite me estender mais sobre este ponto. Além do que, eu já o fiz amplamente em outros lugares⁹⁵².

Com relação às palavras “*O mais velho servirá o mais moço*”, quase todos os nossos intérpretes explicam dizendo que é o povo judeu que deve se submeter ao povo cristão. Mesmo que pareça que estas palavras dizem respeito aos idumeus, saídos do mais velho, já que ele tinha dois nomes, Esaú e Edom, por que eles foram dominados pelos israelitas, saídos do mais novo, o mais crível é que a profecia “*Um povo vencerá o outro e o mais velho servirá ao mais novo*” visava algo maior. E o que seria então, se não é o que vemos acontecendo com os judeus e os cristãos?

Capítulo XXXVI

Deus abençou Isaac em consideração ao seu pai Abraão.

Isaac recebeu também a mesma promessa que Deus havia feito tantas vezes ao seu pai e as Escrituras falam assim:

Sobreveio uma fome à região (além da primeira fome que houve no tempo de Abraão) e Isaac foi ter com Abimelec, rei dos filisteus em Gerara. O Senhor apareceu-lhe e disse-lhe: “Não desças ao Egito; fica na terra que eu te indico. Habita nela; eu estou contigo e te abençoarei, porque é a ti e à tua posteridade que darei toda esta

⁹⁵² Ver, de Santo Agostinho: *O pecado original*, *O livre arbítrio e o pecado original*, *A correção e a graça*, *A predestinação dos santos*, etc.

terra e cumprirei o juramento que fiz ao teu pai Abraão. Multiplicarei tua posteridade como as estrelas do céu, dar-lhe-ei todas estas regiões e nela serão benditas todas as nações da terra, porque Abraão obedeceu à minha voz e observou os meus preceitos, meus mandamentos e minhas leis”⁹⁵³.

Esse patriarca não teve outra mulher além de Rebeca e nem concubina, mas se contentou com seus dois filhos gêmeos.

Ele esteve apreensivo também por causa da beleza de sua mulher, já que habitava terras estrangeiras e, seguindo o exemplo de seu pai, a apresentava como sua irmã, pois ela era sua parenta próxima, do lado de seu pai e de sua mãe. Esses estrangeiros, no entanto, sabendo que ela era sua mulher, não lhe causaram nenhum aborrecimento.

Devemos considerá-lo melhor do que seu pai, por só ter tido uma mulher? De forma alguma, pois a fé e a obediência de Abraão eram tão incomparáveis, que foi em consideração a ele que Deus prometeu ao filho todo o bem que ele deveria lhe fazer.

Ele diz: “*Dar-lhe-ei todas estas regiões e nela serão benditas todas as nações da terra, porque Abraão obedeceu à minha voz e observou os meus preceitos, meus mandamentos e minhas leis*”.

⁹⁵³ Gênesis 26: 1-5.

E em outra visão: “*Eu sou o Deus de Abraão, teu pai. Nada temas, estou contigo. Eu te abençoarei e multiplicarei tua descendência por causa de Abraão, meu servo*”⁹⁵⁴.

Estas palavras mostram que Abraão foi casto em suas ações, mesmo que algumas pessoas, ávidas por procurar exemplos nas Escrituras para justificar suas desordens, queiram dizer que ele era dado a volúpias.

Isso nos ensina também a não julgar as pessoas em seu conjunto, por algumas ações particulares, mas por toda a sequência de sua vida. Pode muito bem acontecer de uma pessoa ser superior a outra em algum ponto e lhe ser muito inferior em todo o resto.

Assim, embora a continência seja preferível ao casamento, no entanto, um cristão casado vale mais do que um pagão continente e mesmo este é tão mais digno de censura quanto mais infiel ele permanece ao mesmo tempo em que é continente.

Suponhamos duas pessoas de bem. Sem dúvida que aquela que é mais fiel e mais obediente a Deus vale mais, embora casada, do que aquela que é menos fiel e menos submissa, ainda que guarde o celibato. Mas, com todas as coisas iguais, é indubitável que se deve preferir a pessoa continente àquela que é casada.

⁹⁵⁴ Gênesis 26: 24.

Capítulo XXXVII

O que simbolizavam Esaú e Jacó.

Os dois filhos de Isaac — Esaú e Jacó — cresceram igualmente em idade e o mais velho, vencido pela intemperança, cedeu voluntariamente ao mais jovem seu direito de primogenitura, em troca de um pão e um prato de lentilhas⁹⁵⁵.

Aprendemos aqui que não é a qualidade da carne, mas a gula é que é censurável.

Isaac ficou velho e perdeu a visão, por causa de sua grande idade⁹⁵⁶. Ele quis abençoar seu primogênito e, sem o saber, abençoou seu caçula no lugar do outro, que se aproximou e o substituiu, tendo tido o cuidado de cobrir o pescoço com uma pele de cabra, símbolo dos pecados do outro.

Para que não se pensasse que esse artifício de Jacó foi repreensível e contém algum mistério, a Escritura teve o cuidado antecipado de nos advertir que: *Esaú tornou-se um hábil caçador, um homem do campo, enquanto Jacó era um homem pacífico, que morava na tenda*⁹⁵⁷.

Alguns intérpretes, em lugar de *pacífico*, traduzem por *sem astúcia*. Mas, que se entenda *sem astúcia* ou *pacífico* ou ainda *sem arti-*

⁹⁵⁵ Cf. Gênesis 25: 29-34.

⁹⁵⁶ Cf. Gênesis 27: 1.

⁹⁵⁷ Cf. Gênesis 25: 27.

fício __ em grego *aplastos* (*ἀπλαστος*) __ seja como for, ao receber essa bênção, a astúcia desse homem sem astúcia, o artifício desse homem simples, a enganação desse homem incapaz de mentir, não é verdadeiramente um mistério muito profundo?

Isso não aparece na própria bênção?

*“O odor de meu filho é como o odor de um campo que o Senhor abençoou. Deus te dê o orvalho do céu e a gordura da terra, uma abundância de trigo e de vinho! Sirvam-te os povos e prostrem-se as nações diante de ti! Sê o senhor dos teus irmãos e curvem-se diante de ti os filhos de tua mãe! Maldito seja quem te amaldiçoar e bendito quem te abençoar!”*⁹⁵⁸

A bênção de Jacó é a pregação do nome de Jesus Cristo por todas as nações. Ela acontece, ela se realiza neste mesmo momento. Isaac é a figura da lei e dos profetas. Essa lei, essas profecias, pela boca dos judeus, abençoam Jesus Cristo sem conhecê-lo, elas mesmas não sendo conhecidas pelos judeus.

O mundo, como um campo, é perfumado com o nome desse Salvador. A palavra de Deus é a chuva e o orvalho do céu, que tornam esse campo fértil. Sua fecundidade é o chamado dos gentios. O trigo e o vinho que abundam é a multidão dos fieis que o trigo e o vinho unem no sacramento de seu corpo e de seu sangue.

⁹⁵⁸ Gênesis 27: 27 e 28.

As nações lhe obedecem e os príncipes o adoram. Ele é o senhor de seu irmão, por que seu povo comanda os judeus. Os filhos de seu pai o adoram, ou seja, os filhos de Abraão segundo a fé, por que ele mesmo é filho de Abraão segundo a carne.

Aquele que o amaldiçoar será amaldiçoado e aquele que o abençoar será abençoado. Esse Cristo, que é nosso salvador, é abençoado, eu repito, pela boca dos judeus, depositários da lei e dos profetas, mesmo que eles não os compreendam e que esperem outro salvador.

Quando o primogênito pede ao seu pai a bênção que lhe havia sido prometida, Isaac se espanta e, após ter visto que tinha abençoado um pelo outro, ele se admira com esse acontecimento, mas, no entanto, não se queixa por ter se enganado. Pelo contrário, esclarecido esse grande mistério por uma luz interior, invés de se aborrecer com Jacó, ele confirma a bênção que lhe foi dada. Ele diz: “*Quem é, pois, aquele que foi à caça e me trouxe o prato que eu comi antes que tu voltasses? Eu o abençoei e ele será bendito*”⁹⁵⁹.

Quem não esperaria aqui a maldição de um homem em cólera, se tudo isso não fosse mais uma inspiração do alto do que a conduta comum dos seres humanos?

⁹⁵⁹ Gênesis 27: 33.

Maravilhas realmente acontecidas, mas profeticamente. Acontecidas na terra, mas inspiradas pelo céu. Acontecidas por intermédio de pessoas, mas conduzidas pela providência de Deus!

Examinando todas essas coisas em detalhes, vemos que elas são tão fecundas em mistérios, que seriam precisos volumes inteiros para explicá-las. Mas os limites que eu me prescrevi nesta obra me obrigam a passar para outras considerações.

Capítulo XXXVIII

A viagem de Jacó para a Mesopotâmia para se casar. A visão que ele teve no caminho. As quatro mulheres que ele desposou, mesmo que ele só pedisse uma.

Jacó é enviado por seu pais para a Mesopotâmia para se casar.

Eis o que seu pai lhe diz em sua partida: “*Não desposarás uma filha de Canaã, mas vai a Padã-Arã, à casa de Batuel, pai de tua mãe e escolhe lá uma mulher entre as filhas de Labão, irmão de tua mãe. Deus todo-poderoso te abençoe, te faça crescer e multiplicar, de sorte que te tornes uma multidão de povos. Dê-te ele, como também à tua posteridade, a bênção de Abraão, a fim de que possuas a terra onde moras e que Deus deu a Abraão*”⁹⁶⁰.

Aqui aparece claramente a divisão dos dois ramos da posteridade de Isaac; o de Jacó e o de Esaú. Quando Deus diz a Abraão: “É

⁹⁶⁰ Gênesis 28: 1-4.

de Isaac que nascerá a posteridade que terá o teu nome”⁹⁶¹, ele queria falar necessariamente daquela que devia compor a Cidade de Deus e essa posteridade de Abraão foi, desde esse instante, separada daquela que sairia dele pelos filhos de Agar e de Cetura. Mas ainda era duvidoso se essa bênção de Isaac era para seus dois filhos ou somente para um deles. Ora, a dúvida desaparece agora com essa bênção profética que Isaac deu a Jacó, quando lhe diz: *Deus todo-poderoso te abençoe, te faça crescer e multiplicar, de sorte que te tornes uma multidão de povos. Dê-te ele, como também à tua posteridade, a bênção de Abraão”.*

Enquanto se encaminhava para a Mesopotâmia, ele recebeu em sonho o oráculo do céu que as Escrituras relatam nestes termos:

Jacó, partindo de Bersabéia, tomou o caminho de Harã. Chegou a um lugar e ali passou a noite, porque o sol já tinha se posto. Serviu-se como travesseiro de uma das pedras que ali se encontravam e dormiu naquele mesmo lugar. E teve um sonho: via uma escada, que, apoiando-se na terra, tocava com o cimo o céu e anjos de Deus subiam e desciam pela escada. No alto estava o Senhor, que lhe dizia: “Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai e o Deus de Isaac. Darei a ti e à tua descendência a terra em que estás deitado. Tua posteridade será tão numerosa como os grãos de poeira no solo.

⁹⁶¹ Gênesis 21; 12.

Tu te estenderás, para o ocidente e para o oriente, para o norte e para o meio-dia e todas as famílias da terra serão benditas em ti e em tua posteridade. Estou contigo, para te guardar onde quer que fores e te reconduzirei a esta terra e não te abandonarei sem ter cumprido o que te prometi”. Jacó, despertando de seu sono, exclamou: “*Em verdade, o Senhor está neste lugar e eu não o sabia!*” E, cheio de pavor, ajuntou: “*Quão terrível é este lugar! É nada menos que a casa de Deus. É aqui, a porta do céu*”. No dia seguinte, pela manhã, tomou Jacó a pedra sobre a qual repousara a cabeça e a erigiu em estela, derramando óleo sobre ela. Deu o nome de Betel⁹⁶² a este lugar, que antes se chamava Luz⁹⁶³.

Aqui há uma profecia e não se deve imaginar que Jacó derramou óleo sobre essa pedra como fazem os idólatras, como se ela fosse uma divindade, pois ele não a adorou e nem lhe ofereceu sacrifícios, mas da mesma forma como o nome Cristo vem de uma palavra grega que significa unção⁹⁶⁴. Isto, sem dúvida, simboliza algum grande mistério.

Nosso próprio Salvador parece explicar, no Evangelho, o sentido simbólico dessa escada, quando, após ter dito sobre Natanael: “*Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade*”⁹⁶⁵ e, pen-

⁹⁶² *Betel*, Casa de Deus.

⁹⁶³ Gênesis 28: 10-19.

⁹⁶⁴ *Xrisma*.

⁹⁶⁵ João 1: 47.

sando na visão que tivera Israel, que é o mesmo nome de Jacó, ele acrescenta: *Em verdade, em verdade vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem*⁹⁶⁶.

Jacó continua então seu caminho para a Mesopotâmia, para ali escolher uma mulher. A Escritura nos diz por que ali ele desposou quatro, com as quais teve doze filhos e uma filha. Ele que não havia desposado nenhuma através de um desejo ilegítimo. Ele tinha ido até lá para se casar com uma só esposa, mas, como lhe ofereceram outra, em lugar daquela que lhe estava prometida⁹⁶⁷, ele não quis deixá-la, para que ela não ficasse desonrada e, como naquele tempo era permitido ter várias esposas, para aumentar sua posteridade, ele desposou também aquela a quem havia dado sua palavra. No entanto, esta, sendo estéril, lhe deu sua serva, para que tivesse filhos com ela; o que também fez sua irmã mais velha, embora ela mesma já tivesse filhos. Jacó só havia pedido uma e só recebeu várias para ter filhos com elas e a pedido de suas mulheres, que com isso se utilizavam do poder que as leis do casamento lhes davam sobre ele.

⁹⁶⁶ João 1: 51.

⁹⁶⁷ Gênesis 29: 23.

Capítulo XXXIX

Por que Jacó foi chamado de Israel.

Jacó teve doze filhos e uma filha, com quatro mulheres. Em seguida ele foi para o Egito, por causa de seu filho José, que para ali havia sido levado e se tornado poderoso, após ter sido vendido por ciúmes por seus irmãos.

Jacó, como eu já disse, também se chamava Israel, donde vem o nome do povo que descende dele. Este nome lhe foi dado pelo anjo que lutou contra ele em sua volta da Mesopotâmia⁹⁶⁸ e que era a representação de Jesus Cristo.

A vitória que ele quis que Jacó tivesse significa o poder que Jesus Cristo deu aos judeus por ocasião de sua paixão. No entanto, ele pediu a bênção daquele que havia vencido e essa bênção foi a imposição desse nome. Israel significa *aquele que vê Deus*; o que marca a recompensa de todos os santos no fim do mundo.

O anjo o tocou na parte mais larga de sua coxa e o tornou coxo. Assim, Jacó ficou abençoado e coxo: abençoado nos membros do povo judeu que acreditaram em Jesus Cristo e coxo naqueles que não acreditaram nele, pois a parte mais larga da coxa marca uma posteridade numerosa.

⁹⁶⁸ Cf. Gênesis 32: 28. “Teu nome não será mais Jacó, tornou ele, mas Israel, por que lutaste com Deus e com os homens e venceste”.

De fato, há muito mais dos seus descendentes nos quais esta profecia se realizou: “Eles se afastaram do caminho correto e coxearam”⁹⁶⁹.

Capítulo XL

Como se deve entender a ida de Jacó, com setenta e cinco pessoas, ao Egito.

As Escrituras⁹⁷⁰ dizem que setenta e cinco pessoas foram ao Egito com Jacó, inclusive com seus filhos. Neste número elas só incluem duas mulheres; uma filha e uma neta deste patriarca.

Mas, considerando a coisa exatamente, as Escrituras não querem dizer que a casa de Jacó fosse tão grande no dia e no ano em que ele chegou ao Egito, já que elas contam, dentre aqueles que ali chegaram, bisnetos de José, que não podiam ainda estar vivos.

Jacó tinha então cento e trinta anos e, seu filho José, trinta e nove. Ora, é certo que José só tinha trinta anos ou um pouco mais, quando se casou. Como então, no intervalo de nove anos, ele pôde ter bisnetos? Quando Jacó chegou ao Egito, Efraim e Manassés, filhos de José, não tinham ainda nove anos.

Ora, na enumeração que o texto faz daqueles que ali chegaram com ele, são mencionados Maquir, filho de Manassés e neto de José

⁹⁶⁹ Salmo 17: 46. *Et claudicaverunt a semitis suis.*

⁹⁷⁰ Cf. Gênesis 46: 26.

e Galaad, filho de Maquir, ou seja, bisneto de José. Ele fala também de Utalaam, filho de Efraim e de Edem, filho de Utalaam, ou seja, outro neto e bisneto desse Patriarca⁹⁷¹.

A Escritura então, por chegada de Jacó ao Egito, não quer dizer o dia e nem o ano em que ele chegou lá, mas de todo o tempo em que ali viveu José, que foi a causa dessa viagem.

Eis como ela fala de José: *José habitou no Egito e também a família de seu pai. Viveu cento e dez anos. Viu os descendentes de Efraim até a terceira geração*⁹⁷², ou seja, Edem, seu bisneto, do lado de Efraim. Isto é o que a Escritura chama de terceira geração.

Depois, ela acrescenta: Os filhos de Maquir, filho de Manassés, vieram à luz sobre os joelhos de José, ou seja, Galaad, seu bisneto, do lado de Manassés, que a Escritura, seguindo seu costume, que também é o da língua latina⁹⁷³, fala como se houvesse vários, da mesma forma como ela fala da filha única de Jacó e a chama de *as filhas de Jacó*.

Não se pode então imaginar que esses filhos de José estavam nascidos quando Jacó chegou ao Egito, já que as Escrituras, para ressaltarem a felicidade de José, diz que ele os viu nascer antes de morrer.

⁹⁷¹ Cf. Gênesis 50: 22 e Números 26: 29.

⁹⁷² Gênesis 50: 22 e 23.

⁹⁷³ Ver Aulu-Gelle, *Noct. att.*, livro II, cap. 13 e *Digeste*, livro I, tit. 16, *De verborum significatione*, § 148.

Mas, o que engana aqueles que não examinam com cuidado é que a Escritura diz: *Eis os nomes dos filhos de Israel que foram para o Egito: Jacó e seus filhos*⁹⁷⁴. Isto é dito no sentido de que, contando ele, somam setenta e cinco. Não por que já existiam todos, quando ele chegou ao Egito, mas, por que, como eu já disse, ela fala de todo o tempo da estada naquele país, que é o da vida de José, a quem se deve tal estada, segundo parece.

Capítulo XLI

A bênção de Judá.

Se então, por causa do povo cristão, no qual a Cidade de Deus é estrangeira aqui embaixo, nós procuramos Jesus Cristo segundo a carne, na posteridade de Abraão, deixando os filhos das concubinas, Isaac se apresenta a nós; na de Isaac, deixando Esaú ou Edom, se apresenta Jacó ou Israel; na de Israel, os outros a parte, se apresenta Judá, por que Jesus Cristo é nascido da tribo de Judá. Vemos por esta razão a bênção profética que Jacó lhe deu, quando, perto de morrer, ele abençoou seus filhos. Ele disse:

Judá, teus irmãos te louvarão. Pegarás pela nuca os inimigos. Os filhos de teu pai se prostrarão em tua presença. Filhote de leão, Judá. Voltas trazendo a caça, meu filho. Dobra-se, deita-se como um

⁹⁷⁴ Gênesis 46: 8.

*leão. Como uma leoa, quem o despertará? Não se apartará o cetro de Judá, nem o bastão de comando dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence por direito e a quem devem obediência os povos. Amarra à videira o jumentinho, à cepa o filho da jumenta. Lava com o vinho suas vestes, com o sangue das uvas o seu manto. O vinho aumenta o brilho de seus olhos, seus dentes são brancos como o leite*⁹⁷⁵.

Eu expliquei tudo isso contra Fausto, o maniqueu⁹⁷⁶ e considero ter dito o suficiente para mostrar a verdade desta profecia. A morte de Jesus Cristo aí está prevista pelo *sono*. Pelo *leão*, o poder que ele tinha de morrer ou não morrer. É este poder que ele mesmo ressalta no Evangelho, quando diz: *Dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de dá-la, como tenho o poder de reassumi-la*⁹⁷⁷. Foi assim que o leão rugiu e que ele cumpriu o que disse. A esse mesmo poder se relaciona ainda o que foi dito sobre sua ressurreição: *quem o despertará?* Ou seja, ninguém pode fazê-lo, a não ser ele mesmo, que disse também sobre seu corpo: *Destruí vós este templo e eu o reerguerei em três dias*⁹⁷⁸.

⁹⁷⁵ Gênesis 49: 8-12.

⁹⁷⁶ *Contra Faustum Manichaeum*, livro XII, cap. 42.

⁹⁷⁷ João 10: 17 e 18.

⁹⁷⁸ João 2: 19.

O gênero de sua morte __ ou seja, sua elevação na cruz __ está compreendido nestas únicas palavras: “Você se ergueu”⁹⁷⁹.

O que Jacó acrescenta em seguida: “Deitastes para dormir como um leão”⁹⁸⁰, o evangelista explica, quando diz: *Inclinou a cabeça e rendeu o espírito*⁹⁸¹. Pode-se entender isso como de seu túmulo, onde ele se recostou e dormiu e de onde ninguém o ressuscitou, como os profetas e ele mesmo ressuscitaram alguns, mas de onde ele saiu sozinho, como que de um doce sono.

Quanto à roupa que ele lava no vinho, ou seja, que ele purifica de todo pecado em seu sangue, é outra coisa além da Igreja? Os batizados sabem qual é o sacramento desse sangue. Daí vem o que a Escritura acrescenta: *Com o sangue das uvas o seu manto. O vinho aumenta o brilho de seus olhos.* O que isso significa, se não são as pessoas espirituais embriagadas com essa bebida da qual o salmista diz: “Vossa bebida que embriaga é excelente!”⁹⁸²

Seus dentes são brancos como o leite. Este é o leite que as crianças bebem, como diz o Apóstolo⁹⁸³, ou seja, as palavras que alimentam aqueles que ainda não são capazes de um alimento sólido.

⁹⁷⁹ Gênesis 49: 9. *Ad prædam, fili mi, ascendisti.*

⁹⁸⁰ Gênesis 49: *Recumbens dormisti ut leo.*

⁹⁸¹ João 19: 30.

⁹⁸² Salmo 22: 5. *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos qui tribulant me ; impinguasti in oleo caput meum : et calix meus inebrians, quam præclarus est !*

⁹⁸³ 1 Coríntios 3: 2. *Eu vos dei leite a beber e não alimento sólido que ainda não podeis suportar. Nem ainda agora o podeis, porque ainda sois carnais.*

É nele, portanto, que residem as promessas feitas a Judá, antes da realização das quais, os príncipes, ou seja, os reis de Israel, não faltaram nessa descendência e o que vemos agora é mais claro do que tudo o que podemos dizer.

Capítulo XLII

A bênção de Jacó aos dois filhos de José.

Como os dois filhos de Isaac, Esaú e Jacó, foram a representação de dois povos, os judeus e os cristão, embora, segundo a carne, os judeus não tenham saído de Esaú, mas dos idumeus, também os cristão não são de Jacó, mas os judeus e todo o sentido do simbolismo se resume nisto: *O mais velho servirá ao mais novo*⁹⁸⁴.

Aconteceu o mesmo com os dois filhos de José. O primogênito era a representação dos judeus e o caçula era a representação dos cristãos.

Assim, Jacó, ao abençoá-los, colocou sua mão direita sobre o caçula, que estava à sua esquerda e sua esquerda sobre o primogênito, que estava à sua direita e, como José, seu pai, zangado com este desprezo, quis fazê-lo mudar, mostrou-lhe o primogênito. Seu pai porém recusou e disse: “*Eu sei, meu filho, eu sei. Ele também se tornará um povo e será grande, mas seu irmão mais novo crescerá mais*

⁹⁸⁴ Gênesis 25: 23.

*do que ele e sua posteridade tornar-se-á uma multidão de nações”*⁹⁸⁵.

Estas são duas promessas claramente distintas. Um, diz a Escritura, será pai de um povo e o outro de várias nações. Não é da mais alta evidência que estas duas promessas abrangem o povo judeu e todos os outros povos da terra que sairiam igualmente de Abraão? O primeiro segundo a carne e o resto segundo a fé.

Capítulo XLIII

Os tempos de Moisés; de Josué, filho de Nun; dos juízes e dos reis, até Davi.

Após a morte de Jacó e de José, o povo judeu se multiplicou prodigiosamente nos cento e quarenta e quatro anos que restaram até a saída do Egito, embora os egípcios, assustados com seu número, lhes fizessem sofrer perseguições tão cruéis que, mesmo no fim, eles matavam todas as crianças masculinas que vinham ao mundo⁹⁸⁶.

Então, Moisés, escolhido por Deus para executar grandes coisas⁹⁸⁷, escapou da fúria de seus assassinos e foi levado para a casa real, onde foi alimentado e adotado pela filha do faraó, título comum a todos os reis do Egito.

⁹⁸⁵ Gênesis 48: 19.

⁹⁸⁶ Cf. Éxodo 1: 15-22.

⁹⁸⁷ Cf. Éxodo 2: 5-10.

Lá ele se tornou suficientemente poderoso para libertar esse povo do cativeiro, em que ele sofria há muito tempo. Ou, melhor dizendo, Deus, conforme a promessa que havia feito a Abraão, se serviu do ministério de Moisés para libertar os hebreus.

Obrigado inicialmente a se refugiar em Madiã⁹⁸⁸, por ter matado um egípcio que ultrajava um judeu, retornou em seguida por uma ordem expressa do céu e derrotou os magos do faraó, pelo poder do espírito de Deus.

Após esses prodígios e como os egípcios se recusavam ainda a deixar o povo de Deus sair, ele os golpeou com as famosas dez pragas: a água transformada em sangue, os sapos, os mosquitos, as moscas, a morte dos animais, as chagas, o granizo, os gafanhotos, as trevas e a morte dos primogênitos.

Por fim, os egípcios, vencidos por tantas misérias, foram, por último infortúnio, engolidos pelas ondas enquanto perseguiam os judeus, depois de tê-los permitido ir embora. O mar, que tinha se aberto para dar passagem aos hebreus, submergiu seus inimigos com o retorno das ondas.

Depois, esse povo passa quarenta anos no deserto sob a condução de Moisés e é lá que foi feito o tabernáculo do testemunho, no

⁹⁸⁸ Cf. Exodo 2: 15.

qual Deus era adorado através de sacrifícios; símbolos das coisas que viriam.

Ali também foi dada a Lei, no alto da montanha e no meio de relâmpagos, de tempestades e de vozes retumbantes que atestavam a presença da divindade. Isso aconteceu logo depois da saída do Egito e da entrada no deserto, cinquenta dias após a páscoa e a imolação do cordeiro, que era verdadeiramente a representação de Jesus Cristo imolado na cruz e *passando* deste mundo para seu pai (pois Páscoa em hebraico significa *passagem*⁹⁸⁹), ocasião em que foi estabelecido o Novo Testamento, através do sacrifício de Jesus Cristo e que é a nossa Páscoa. Cinquenta dias após, o Espírito Santo, chamado no Evangelho de *dedo de Deus*⁹⁹⁰, desceu do céu para nos lembrar da antiga imagem, por que a lei, como contam as Escrituras, foi também escrita nas tábuas pelo dedo de Deus.

Após a morte de Moisés, Josué, filho de Nun, assumiu a liderança do povo e o levou à terra prometida que ele dividiu.

Estes dois grandes e admiráveis líderes executaram vitoriosamente grandes guerras, em que Deus mostrou que as vitórias que ele deu ao povo hebreu sobre seus inimigos eram mais para castigar os crimes destes do que por mérito dos outros.

⁹⁸⁹ Cf.Êxodo 12: 11. *Sic autem comedetis illum : renes vestros accingetis, et calceamenta habebitis in pedibus, tenentes baculos in manibus, et comedetis festinanter : est enim Phase (id est, transitus) Domini.*

⁹⁹⁰ Cf. Lucas 11: 20. *Mas, se expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado a vós o Reino de Deus.*

A estes dois líderes sucederam os Juízes, com o povo já estabelecido na terra prometida, para que a primeira promessa feita a Abraão, no tocante a um só povo e à terra de Canaã, começasse a se realizar, esperando que o advento de Jesus Cristo realizasse aquela de todas as nações e de toda a terra.

Foi, de fato, a fé do Evangelho que cumpriu essa promessa e não as práticas legais e essa verdade é representada profeticamente no fato de que não foi Moisés — que havia recebido na montanha a lei para o povo — mas Josué, a quem o próprio Deus deu este nome⁹⁹¹, que conduziu os hebreus à terra prometida.

Sob os Juízes, houve uma alternância entre prosperidade e infortúnios, de acordo com a misericórdia de Deus ou os pecados do povo.

Daí passou-se ao governo dos Reis, sendo que o primeiro foi Saul, que, tendo sido reprovado com toda sua casa e morto em batalha, foi sucedido por Davi. É principalmente por causa deste rei que Jesus Cristo é chamado de filho pela Escritura. Foi por ele que começou, numa certa forma, a juventude do povo de Deus, cuja adolescência foi de Abraão até ele.

⁹⁹¹ Cf. Números 13: 16. *Moisés deu a Oséias, filho de Nun, o nome de Josué.*

O evangelista São Mateus não registrou sem intenção misteriosa, na genealogia de Jesus Cristo, quatorze gerações desde Abraão até Davi.⁹⁹².

De fato, é desde a adolescência que o ser humano começa a ser capaz de gerar. Daí vem que São Mateus começa essa genealogia em Abraão, que foi pai de várias nações, quando seu nome foi mudado.

Antes de Abraão aconteceu o que podemos chamar de a infância do povo de Deus, desde Noé até este patriarca. Foi por esta razão que se começou a falar a primeira língua, ou seja, o hebraico. A verdade é que, ao sair da infância (que tira seu nome⁹⁹³ da impossibilidade dos recém-nascidos de falar), que o ser humano começa a usar a palavra e, da mesma forma como essa primeira idade fica sepultada pelo esquecimento, a primeira era do gênero humano foi apagada pelas águas do dilúvio.

Assim, na progressão da Cidade de Deus, como o livro precedente tem a primeira era do mundo, este contém a segunda e a terceira.

Na terceira era foi imposto o jugo da Lei, que é simbolizado pela novilha, a cabra e o carneiro, todos com três anos.⁹⁹⁴ Nela vemos surgir uma imensidão de espantosos crimes e os fundamentos do

⁹⁹² Cf. Mateus 1: 17.

⁹⁹³ *Infantia, de fari*, falar e o prefixo negativo *in*.

⁹⁹⁴ Gênesis 15: 9.

Santo Agostinho – A cidade de Deus (Livro 22 – A felicidade dos santos)

reino terreno, no qual não faltaram, no entanto, pessoas espirituais, simbolizadas pela rolinha e pela pomba.

Livro XVII – De Davi a Jesus Cristo.

Santo Agostinho segue o desenvolvimento da Cidade de Deus no tempo dos Reis e dos Profetas, desde Samuel e Davi até Jesus Cristo e indica nas santas Escrituras, particularmente nos livros dos Reis, dos Salmos e de Salomão, as passagens onde Jesus Cristo e a Igreja são anunciados.

Capítulo I

O tempo dos Profetas.

Como se cumpriram e se cumprem ainda as promessas de Deus a Abraão com relação à sua dupla posteridade — o povo judeus, segundo a carne e todas as nações da terra, segundo a fé — é o progresso da Cidade de Deus, segundo a ordem dos tempos, que vamos descobrir agora.

Terminamos o livro anterior no reino de Davi. Vejamos agora o que se passou desde este reino, na medida em que possa nos permitir o desígnio que nos propusemos nesta obra.

Todo o tempo decorrido desde que Samuel começou a profetizar até o cativeiro da Babilônia e o restabelecimento do Templo, que aconteceu setenta anos após, como Jeremias previu⁹⁹⁵, todo este tempo, eu dizia, é o tempo dos Profetas.

Mesmo que possamos chamar de profetas Noé e alguns outros patriarcas que o precederam ou sucederam até os Reis, por causa de

⁹⁹⁵ Cf. Jeremias 20: 11.

certas coisas que eles fizeram ou disseram a título de profecia, no tocante à Cidade de Deus e por que as Escrituras dão este título a alguns deles, como Abraão⁹⁹⁶ e Moisés⁹⁹⁷, no entanto, propriamente falando, o tempo dos Profetas só começa em Samuel, que, por ordem de Deus, sagrou rei primeiramente Saul e depois Davi, após a reprovação de Saul.

Mas não esgotaremos o relato de tudo o que esses Profetas predisseram de Jesus Cristo enquanto a Cidade de Deus continuava no curso dos séculos. Se quiséssemos sobretudo considerar atentamente as Escrituras santas, nas próprias coisas que ela parece só relatar historicamente sobre os Reis, veríamos que ela não é menos atenta — se não for mais — em predizer o futuro, do que contar o passado.

Ora, quem não vê, com um pouco de reflexão, o trabalho que seria empreender esse tipo de pesquisa e quantos volumes seriam necessários para realizá-lo como se deve? Além disso, as próprias coisas que têm indubitavelmente um caráter profético são em tão grande número no tocante a Jesus Cristo e o reino dos céus, que é a Cidade de Deus, que essa explicação ultrapassaria em muito os limites desta obra.

Tratarei então, com a ajuda de Deus, de me conter, de maneira que, sem omitir o necessário, eu não diga nada de supérfluo.

⁹⁹⁶ Cf. Gênesis 20: 7.

⁹⁹⁷ Deuteronômio 34: 10.

Capítulo II

Não foi propriamente sob os Reis que a promessa de Deus no tocante à terra de Canaã foi cumprida.

Dissemos no livro precedente que Deus prometeu duas coisas a Abraão. Uma, que sua posteridade possuiria a terra de Canaã e que está explícito nestas palavras: “*Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar. Farei de ti uma grande nação*”⁹⁹⁸. A outra, muito melhor e que visa uma posteridade, não carnal, mas espiritual, o torna pai, não somente do povo judeu, mas de todos os povos que caminham sobre as pegadas de sua fé. Esta está expressa nestes termos: “*Abençoarei aqueles que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. Todas as famílias da terra serão benditas em ti*”⁹⁹⁹. Estas duas promessas lhe foram repetidas muitas outras vezes, como nós mostramos.

A posteridade carnal de Abraão — ou seja, o povo judeu — já estava estabelecida na terra prometida e, senhora das cidades inimigas, vivia sob o domínio de seus reis. Assim, as promessas de Deus começavam então a já serem cumpridas em grande parte, não somente aquelas que ele havia feito aos três patriarcas — Abraão, Isaac e Jacó —, mas também aquelas que ele fez a Moisés, através de quem o povo judeu foi libertado do cativeiro do Egito e a quem todas

⁹⁹⁸ Gênesis 12: 1 e 2.

⁹⁹⁹ Gênesis 12: 3.

as coisas passadas foram reveladas, quando ele conduzia esse povo no deserto.

No entanto, não foi sob Josué de Nun¹⁰⁰⁰ __ esse famoso comandante que fez os hebreus entrarem na terra prometida e que a dividiu, segundo a ordem de Deus, entre as doze tribos __ e nem sob os Juízes que se cumpriu a promessa que Deus havia feito de dar aos israelitas toda a terra de Canaã, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates¹⁰⁰¹. Ela só o foi sob Davi e sob seu filho Salomão, cujo reino alcançou toda a extensão prometida. Eles subjugaram, de fato, todos esses povos e os fizeram seus tributários.

Foi então sob estes princípios que a posteridade de Abraão se estabeleceu na terra de Canaã, de sorte que já não faltava mais nada a ser cumprido das promessas de Deus sob este tema, a não ser no ponto em que os judeus a possuiriam até o fim dos séculos. Mas, para isso seria preciso que eles permanecessem fiéis ao seu Deus. Ora, como Deus sabia que eles não o seriam, ele se utilizou dos castigos temporais, que os empregou para exercitar o pequeno número de fiéis que estavam no meio deles, para que eles instruíssem, no futuro, os fiéis das outras nações em quem ele queira cumprir a outra promessa, através da encarnação de Jesus Cristo e a publicação do Novo Testamento.

¹⁰⁰⁰ Compare com Santo Agostinho, *Quæst. in Jesum Nase*, questão 21 e São Jerônimo, Epist. CXXIX, ad Dardanun.

¹⁰⁰¹ Gênesis 15: 18.

Capítulo III

Os três tipos de profecias do Antigo Testamento se relacionam, uma hora com a Jerusalém terrestre, outra hora com a Jerusalém celeste e outra hora, tanto a uma quanto à outra.

Assim, todas as profecias, tanto aquelas que precederam a época dos Reis, quanto aquelas que os sucederam, visam em parte a posteridade carnal de Abraão e, em parte, a outra posteridade, em que são abençoados todos os povos coerdeiros de Jesus Cristo, pelo Novo Testamento e que são chamados a possuir a vida eterna e o reino dos céus.

Elas se relacionam, em parte, com a serva que gera escravos, ou seja, a Jerusalém terrestre, que é escrava com seus filhos e, em parte, com a cidade livre, que é a verdadeira Jerusalém, estrangeira aqui embaixo, em alguns de seus filhos e eterna nos céus. Mas, há algumas que se reportam a uma e outra; propriamente, à serva e, figurativamente, à mulher livre. Há, então, três tipos de profecias. Um as, relativas à Jerusalém terrestre; outras, à celeste e ainda outras, a ambas.

Apresentemos exemplos. O profeta Natã foi enviado a Davi para censurá-lo por seu crime e anunciar-lhe o castigo¹⁰⁰². Quem duvida de que essas advertências do céu e outras semelhantes, que dizem

¹⁰⁰² Cf. 2 Samuel 12: 1-7.

respeito ao interesse de todos ou de alguns particulares, dizem respeito à Cidade da Terra?

Mas, quando se lê em Jeremias: *Dias hão de vir - oráculo do Senhor - em que firmarei nova aliança com as casas de Israel e de Judá. Será diferente da que concluí com seus pais no dia em que pela mão os tomei para tirá-los do Egito; aliança que violaram, embora eu fosse o esposo deles. Eis a aliança que, então, farei com a casa de Israel - oráculo do Senhor: Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em seu coração. Serei o seu Deus e Israel será o meu povo*¹⁰⁰³; certamente que esta é uma profecia sobre a Jerusalém celeste, onde Deus mesmo é a recompensa dos justos e onde o único e soberano bem é possuí-lo e estar nele.

Mas, quando a Escritura chama Jerusalém de a Cidade de Deus e anuncia que a casa de Deus se erguerá em seu seio, isso se relaciona a uma e outra das cidades; à Jerusalém terrestre, por que isso foi realizado, segundo a verdade da história, no famoso templo de Salomão e à celeste, por que esse templo era uma simbolização dela.

Este tipo de profecia mista, nos livros históricos do Antigo Testamento é muito considerável. Ele provocou e provoca ainda muitos comentários da Escritura que procuram a representação do que

¹⁰⁰³Jeremias 31: 31-33.

deve se realizar na posteridade espiritual de Abraão, no que foi predito e realizado para sua posteridade carnal.

Alguns¹⁰⁰⁴ levam esse exercício tão longe que afirmam que não há nada nesse livros que tenha acontecido após ter sido predito ou mesmo sem tê-lo sido, que não deva se reportar alegoricamente à Cidade de Deus e aos seus filhos, que são estrangeiros nesta vida.

Se for assim, só haverá dois tipos de profecias em todos os livros do Antigo Testamento. Umas relativas à Jerusalém celeste e outras às duas Jerusalens, sem que nenhuma se reporte somente à terrestre.

Por mim, como me parece que se enganam muito aqueles que excluem toda alegoria dos livros históricos das Escrituras, entendo também que é um exagero querer encontrá-las em toda parte. Foi por isso que eu disse que é melhor distinguir três tipos de profecias; sem censurar, no entanto, aqueles que, conservando a verdade da história, buscam encontrar em toda parte algum sentido alegórico.

Quanto às coisas que não podem ser ligadas nem à ação humana e nem à ação divina, é evidente que as Escrituras não falam delas sem um propósito e é preciso, consequentemente, tratar de atribuir-lhes um sentido espiritual.

¹⁰⁰⁴ Ver Santo Agostinho, *Contra Faustum Manichaeum*, livros XII e XVI.

Capítulo IV

O símbolo do império e do sacerdócio de Israel. As profecias de Ana, mãe de Samuel e que simbolizava a Igreja.

O decorrer do tempo leva a Cidade de Deus até a época dos Reis, quando Saul foi reprovado, Davi subiu ao trono e seus descendentes reinaram por muito tempo depois dele na Jerusalém terrestre.

Essa mudança, que aconteceu nas pessoas de Saul e Davi, representou a substituição do Antigo Testamento pelo Novo, em que o sacerdócio e a realeza foram substituídos pelo novo sacerdote e rei imortal, que é Jesus Cristo.

O grão-sacerdote Heli foi reprovado e Samuel posto em seu lugar, exercendo concomitantemente as funções de sacerdote e juiz. Por outro lado, Davi foi sagrado rei no lugar de Saul, figurando essa revolução espiritual.

A mãe de Samuel, Ana, estéril inicialmente e que teve tanta alegria com sua fecundidade, parece profetizar outra coisa, quando, arrebatada com sua felicidade, dá graças a Deus e lhe consagra seu filho, com a mesma piedade que ela havia lhe devotado.

Eis o que ela diz:

*Exulta o meu coração no Senhor. Nele se eleva a minha força.
A minha boca desafia os meus adversários, por que me alegro na
vossa salvação.*

Ninguém é santo como o Senhor. Não existe outro Deus, além de vós, nem rochedo semelhante ao nosso Deus.

Não multipliqueis palavras orgulhosas, não saia da vossa boca linguagem arrogante, por que o Senhor é um Deus que tudo sabe e por ele são pesadas as ações.

Quebra-se o arco dos fortes, enquanto os fracos se revestem de vigor.

Os abastados se assalariam para ganharem o que comer, enquanto os famintos são saciados.

Sete vezes dá à luz a estéril, enquanto a mãe de numerosos filhos enlanguesce.

O Senhor dá a morte e a vida; faz descer à habitação dos mortos e de lá voltar.

O Senhor empobrece e enriquece; humilha e exalta. Levanta do pó o mendigo, do esterco retira o indigente, para fazê-los sentar-se entre os nobres e outorgar-lhes um trono de honra, por que do Senhor são as colunas da terra. Sobre elas estabeleceu o mundo. Dirige os passos dos seus fiéis, enquanto os ímpios perecem nas trevas, por que homem algum vence pela força.

Ó Senhor, sejam esmagados os vossos adversários! Dos céus troveje o Altíssimo contra eles, o Senhor julgue os últimos confins da

*terra! Dará força ao seu rei e engrandecerá o poder do seu unido*¹⁰⁰⁵.

É de se acreditar que este é o discurso de uma simples mulher que se regozija com o nascimento de seu filho e é possível ser tão cego para não ver que isto está muito além de seu alcance?

Em poucas palavras, todo aquele que prestar atenção ao que já se realizou deste discurso, não reconhecerá claramente que o Espírito Santo, pelo ministério dessa mulher (cujo próprio nome em grego significa *graça*), previu a religião cristã, a Cidade de Deus, em que Jesus Cristo é o rei e fundador e, enfim, a própria graça de Deus, da qual os soberbos se afastam para cair por terra e com a qual os humildes são cobertos para se elevarem?

Só faltava dizer que essa mulher não previu nada e tudo isso não passa de ações de graça que ela dá a Deus por lhe ter dado um filho.

Mas, o que significa, neste caso, o que ela disse: *Quebra-se o arco dos fortes, enquanto os fracos se revestem de vigor. Os abastados se assalariam para ganharem o que comer, enquanto os famintos são saciados. Sete vezes dá à luz a estéril, enquanto a mãe de numerosos filhos enlanguesce.* Foi por que Ana teve sete filhos? Ela só

¹⁰⁰⁵ 1 Samuel 2: 1-10.

tinha um quando disse isso e só teve um total de cinco filhos; três meninos e duas meninas¹⁰⁰⁶.

Além disso, como não havia ainda reis entre os judeus, o que a levou a dizer: *Dará força ao seu rei e engrandecerá o poder do seu ungido*, se não foi uma profecia?

Que a Igreja de Jesus Cristo, a cidade do grande rei, cheia de graças, fecunda em filhos, repita então o que ela reconheceu ter sido profetizado sobre ela há muito tempo pela boca dessa pia mãe! Que ela repita: *Exulta o meu coração no Senhor. Nele se eleva a minha força.*

Seu coração realmente se exultou e sua força foi realmente aumentada, por que ela não a colocou nela mesma, mas no Senhor seu Deus: *A minha boca desafia os meus adversários.* De fato, a palavra de Deus não está cativa no meio das correntes e no cativeiro, *por que me alegro na vossa salvação.*

Essa salvação é o próprio Jesus Cristo, que o velho Simeão, segundo o testemunho do Evangelho, abraça bem pequenininho, mas em quem ele reconhece a grandeza, quando clama: *Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a vossa salvação*¹⁰⁰⁷.

¹⁰⁰⁶ 1 Samuel 2: 21.

¹⁰⁰⁷ Lucas 2: 29 e 30.

Que a Igreja repita então: Eu *me alegro na vossa salvação*. *Ninguém é santo como o Senhor*. Ninguém é justo como nosso Deus. Deus, de fato, não é somente santo e justo, mas a fonte da santidade e da justiça. *Ninguém é santo como o Senhor*, pois ninguém é santo se não for por ele.

Não multipliqueis palavras orgulhosas, não saia da vossa boca linguagem arrogante, por que o Senhor é um Deus que tudo sabe e por ele são pesadas as ações. Entenda que, *Quem pensa ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo*¹⁰⁰⁸. Isto é dirigido aos inimigos da Cidade de Deus, que pertencem à Babilônia; àqueles que supõem muito de suas forças e se vangloriam de si mesmo, invés de se glorificar em Deus.

Dentre estes estão também os israelitas carnais; cidadãos da Jerusalém terrestre, que, como diz o Apóstolo: *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*¹⁰⁰⁹. Ou seja, a justiça que Deus deu à humanidade; ele, que é o único justo e o único que torna justo. *Procurando estabelecer a sua própria justiça*, ou seja, afirmando que a adquiriram por suas próprias forças e não dele. *Não se sujeitaram à justiça de Deus* por que são soberbos e acreditam poder agradar a Deus com seus próprios méritos e não pela graça daquele que é o

¹⁰⁰⁸ Gálatas 6: 3.

¹⁰⁰⁹ Romanos 10: 3.

Deus das ciências e, por consequência, o árbitro das consciências, onde ele vê que todos os pensamentos humanos não passam de vaidade, a menos que ele próprio os inspire.

“Ele forma e conduz seus desígnios”. Que desígnios são esses, se não são aqueles que esmagam os soberbos e elevam os humildes?

São esses desígnios que ele executa, quando diz: *Quebra-se o arco dos fortes, enquanto os fracos se revestem de vigor*. Quebra-se o arco, ou seja, são confundidos por Deus aqueles que se acreditavam suficientemente fortes, propriamente, para cumprir os mandamentos de Deus, sem precisar de sua ajuda. São revestidos de força aqueles que clamam a Deus do fundo de seus corações: *Tende piedade de mim, Senhor, por que desfaleço*¹⁰¹⁰.

Os abastados se assalariam para ganharem o que comer, enquanto os famintos são saciados. Quem são os abastados, se não são aqueles que se acreditam muito poderosos, ou seja, os judeus, a quem os oráculos da palavra de Deus foram confiados?¹⁰¹¹

Mas, nesse povo, os filhos da serva enlanguescem, por que nesses pães, ou seja, na palavra de Deus que somente a nação judia recebeu, eles se comprazem com o que há de terrestre, enquanto que os gentios, a quem esses pães não foram dados, pressionados pela

¹⁰¹⁰ Salmo 6: 3.

¹⁰¹¹ Cf. Romanos 3: 2.

fome, se ergueram acima das coisas terrenas e saborearam tudo o que há de celeste e espiritual.

Como se houvessem lhe perguntado a causa de um evento tão estranho, ela diz: *Sete vezes dá à luz a estéril, enquanto a mãe de numerosos filhos enlanguesce*. Palavras que mostram bem que tudo isso é uma profecia, para aqueles que sabem que a perfeição de toda a Igreja é marcada nas Escrituras pelo número sete. É por isso que o apóstolo São João escreve às sete igrejas¹⁰¹², ou seja, a toda a Igreja e Salomão diz, nos Provérbios, que *A Sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas*¹⁰¹³.

A Cidade de Deus era, realmente, estéril em todas as nações, antes do nascimento de seus filhos, que a tornaram fecunda. Vemos, pelo contrário, que a Jerusalém terrestre, que tinha um grande número de filhos, se tornou sem vigor, por que os filhos da mulher livre, que estavam em seu seio, faziam toda sua força e agora ela só tem a letra, sem o espírito.

O Senhor dá a morte e a vida; faz descer à habitação dos mortos e de lá voltar. Ele deu a morte àquela que tinha muitos filhos e fez voltar à vida aquela que era estéril e que gerou sete filhos. Pode-se entender isso também e melhor ainda, dizendo que ele restabelece a vida àqueles mesmos a quem havia dado a morte, como as palavras

¹⁰¹² Cf. Apocalipse 1: 4.

¹⁰¹³ Provérbios 9: 1.

seguintes parecem confirmar: *faz descer à habitação dos mortos e de lá voltar.*

Aqueles a quem o Apóstolo diz: *Se em Cristo estais mortos aos princípios deste mundo*¹⁰¹⁴, *buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus*¹⁰¹⁵; estes, eu digo, morreram pelo Senhor, para sua salvação e é para eles que o Apóstolo acrescenta: *Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra*¹⁰¹⁶, para que sejam aqueles que, pressionados pela fome, se ergueram acima das coisas da terra.

São Paulo diz também: *Por que estais mortos* e, desta forma, Deus faz morrer seu fiéis para sua salvação. E ele continua: *Vossa vida está escondida com Cristo em Deus*¹⁰¹⁷. Assim, ele devolve sua vida.

Mas, são os mesmos que ele conduz ao inferno e os retira de lá? As duas coisas são indubitavelmente realizadas naquele que é nosso líder e com quem o Apóstolo diz que nossa vida está escondida em Deus. Pois, *Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou*¹⁰¹⁸, certamente o fez morrer desta maneira e, por outro lado, como ele o ressuscitou, lhe devolveu a vida. Ele também o conduziu ao inferno e o retirou de lá, pois é ele mesmo que

¹⁰¹⁴ Colossenses 2: 20.

¹⁰¹⁵ Colossenses 3: 1.

¹⁰¹⁶ Colossenses 3: 2.

¹⁰¹⁷ Colossenses 3: 3.

¹⁰¹⁸ Romanos 8: 32.

diz, através do Profeta: *Vós não abandonareis minha alma na habitação dos mortos*¹⁰¹⁹.

Foi a pobreza do Salvador que nos enriqueceu. De fato, *O Senhor empobrece e enriquece*. Na sequência, ele explica o que isso significa, dizendo: ele *humilha e exalta*. Ele rebaixa os soberbos e exalta os humildes. A ele foi outorgado *um trono de honra, por que do Senhor são as colunas da terra*, nas palavras de nossa santa profetisa.

Todo o discurso dessa santa mulher, cujo nome significa graça, não respira outra coisa além do que é dito em outro lugar das Escrituras: *Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes*¹⁰²⁰.

A sequência diz que ele *Levanta do pó o mendigo, do esterco retira o indigente, para fazê-los sentar-se entre os nobres e outorgar-lhes um trono de honra*. Estas palavras só podem estar falando daquele que, *Sendo rico, se fez pobre por nós, a fim de nos enriquecer com sua pobreza*¹⁰²¹.

Deus só o levantou rapidamente da terra para preservar seu corpo da corrupção¹⁰²².

Entendo que se pode ainda lhe atribuir o que é dito: *do esterco retira o indigente*. De fato, por esse esterco podemos entender muito

¹⁰¹⁹ Salmo 10: 15.

¹⁰²⁰ Tiago 4: 6.

¹⁰²¹ 2 Coríntios 8: 9.

¹⁰²² Cf. Salmo 15: 10. *Vós não abandonareis minha alma na habitação dos mortos, nem permitireis que vosso Santo conheça a corrupção.*

bem os judeus, que perseguiram Jesus Cristo e dentre os quais estava até mesmo São Paulo, na época em que ele perseguia a Igreja. *Tudo isso, que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele*¹⁰²³, ele diz.

Esse pobre, então, foi erguido da terra e colocado acima de todos os ricos e esse miserável foi tirado do esterco e colocado acima dos mais opulentos, a fim de ser colocado no meio dos poderosos do povo e sobre ele é dito: *Estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel*¹⁰²⁴.

Esses poderosos haviam dito: *Eis que deixamos tudo para te seguir.*¹⁰²⁵ Seria preciso que eles fossem muito poderosos, para fazerm uma confissão dessas. Mas, de quem eles receberam essa força, se não foi daquele sobre quem é dito: “Ele dá o que confessar àquele que faz uma confissão”? Não fosse assim, eles seriam um desses poderosos cujo arco foi quebrado. “Ele dá o que confessar àquele que faz uma confissão”, por que ninguém poderia confessar a Deus como é preciso, se não recebeu dele o que lhe confessar.

¹⁰²³ Filipenses 3: 7-9.

¹⁰²⁴ Mateus 19: 28.

¹⁰²⁵ Mateus 19: 27.

Ele abençoou os anos dos justos, para que, sem dúvida, ele viva eternamente com aquele de quem é dito: *Vós permaneceis o mesmo e vossos anos não têm fim*¹⁰²⁶. Lá os anos permanecem fixos, enquanto que aqui eles passam, ou melhor, eles perecem. Eles não existem antes que cheguem e, quando chegam, não existem mais, pois eles chegam perecendo.

Das duas coisas expressas nestas parábolas: “Ele dá o que confessar àquele que faz uma confissão e abençoa os anos dos justos”, nós fazemos uma e recebemos a outra. Mas, só recebemos esta de sua bondade, se fazemos a outra por sua graça, *porque homem algum vence pela força*.

Ó Senhor, sejam esmagados os vossos adversários! Dos céus troveje o Altíssimo contra ele! Ou seja, o invejoso que quer impedir uma pessoa de realizar sua confissão. Como a expressão é ambígua, pode-se entender como *vosso adversário* o adversário de Deus. Verdadeiramente, quando Deus começa a nos possuir, nosso adversário se torna o adversário dele e nós o vencemos não com nossas próprias forças, pois *homem algum vence pela força* e é o Senhor que esmagará seus adversários. Esse adversário será vencido pelos santos que o Senhor, que é o santo dos santos, fez santos.

¹⁰²⁶ Salmo 101: 28.

*Diz o Senhor: não se envaideça o sábio do saber, nem o forte de sua força e da riqueza não se orgulhe o rico! Aquele, porém, que quiser se vangloriar, vanglorie-se de possuir inteligência e de saber que eu, seu Senhor, exerço a bondade, o direito e a justiça sobre a terra, pois nisso encontro o meu agrado*¹⁰²⁷. Não é pouca coisa conhecer Deus e saber que o conhecimento que se tem é um dom de sua graça. Assim então, *Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se não o tivesses recebido?*¹⁰²⁸, ou seja, como se tudo o que você tem tivesse vindo de você mesmo.

Pratica a justiça quem vive bem e vive bem quem observa os mandamentos de Deus que tem por fim a caridade que nasce de *um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera*¹⁰²⁹. Essa caridade vem de Deus, como testemunha o apóstolo São João¹⁰³⁰ e, por consequência, o poder de praticar a justiça vem também dele.

Mas, o que quer dizer *os últimos confins da terra*? Aqueles que habitam o meio da terra não devem praticar a justiça? Entendo que com as palavras *os últimos confins da terra* a Escritura quer dizer “enquanto vivemos neste corpo”, para que ninguém imagine que após esta vida ainda há tempo para cumprir a justiça que não se prati-

¹⁰²⁷ Jeremias 9: 22 e 23.

¹⁰²⁸ I Coríntios 4: 7.

¹⁰²⁹ 1 Timóteo 1: 5.

¹⁰³⁰ 1 João 4: 7. *A caridade vem de Deus e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. (Caritas ex Deo est. Et omnis qui diligit, ex Deo natus est, et cognoscit Deum)*

cou aqui embaixo, para evitar o julgamento de Deus. Todos nesta vida carregam sua terra consigo e a terra comum recebe esta terra particular por ocasião da morte de cada pessoa, para devolvê-la no dia da ressurreição. É preciso então praticar a virtude e a justiça nos confins da terra, ou seja, enquanto nossa alma esta encerrada neste corpo de terra, para que isso nos sirva no futuro, quando *cada um receberá o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito enquanto estava no corpo*¹⁰³¹.

Enquanto estava no corpo, diz o Apóstolo, ou seja, no tempo em que se viveu no corpo, pois os pensamentos de blasfêmia não são produzidos por nenhum membro do corpo e, mesmo assim, não se deixa de ser culpado por eles.

Podemos muito bem entender da mesma maneira estas palavras do Salmo: *Deus é meu rei desde os tempos antigos. Ele que opera a salvação por toda a terra*¹⁰³². Entendido que o Senhor Jesus é nosso Deus e ele existiu antes dos séculos, pois os séculos foram feitos por ele. Ele realizou a obra de nossa salvação no meio da terra, quando *o Verbo se fez carne*¹⁰³³ e habitou em um corpo de terra.

Dos céus troveje o Altíssimo contra eles e que ele julgue os últimos confins da terra! Essa santa mulher observa nestas palavras a ordem da profissão de fé dos fiéis. Cristo subiu ao céu e virá de lá

¹⁰³¹ 2 Coríntios 5: 10.

¹⁰³² Salmo 73: 12.

¹⁰³³ João 1: 14, *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.*

para julgar os vivos e os mortos. De fato, como diz o Apóstolo: *Ora, que quer dizer ele subiu, senão que antes havia descido a esta terra? Aquele que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas*¹⁰³⁴. Ele trovejou então através das nuvens que ele encheu com o Espírito Santo quando subiu aos céus. E é destas mesmas nuvens que fala o profeta Isaías¹⁰³⁵, quando ele ameaça a Jerusalém escrava, ou seja, a vinha ingrata, de impedir que elas derramem chuva sobre ela.

Ele julgará *os últimos confins da terra!* Ou seja, até mesmo os extremos da terra. Não julgará também as outras partes da terra, aquele que indubitavelmente deve julgar todas as pessoas? Mas, talvez seja melhor entender como os extremos da terra o extremo da vida humana. O ser humano não será julgado, de fato, sobre o estado em que estava no começo ou no meio de sua vida, mas naquele em que se encontrava por ocasião de sua morte. Daí vem estas palavras do Evangelho: *Aquele que perseverar até o fim será salvo*¹⁰³⁶. Aquele então que perseverar até o fim na prática da justiça no meio da terra não será condenado, quando Deus julgar *os últimos confins da terra*.

Ele *dará força ao seu rei*, para não condená-lo em seu julgamento. Ele dá a força para governar o corpo como reis e para vencer o mundo pela graça daquele que derramou seu sangue por ele.

¹⁰³⁴ Efésios 4: 9 e 10.

¹⁰³⁵ Cf. Isaías 5: 6. *Vedarei às nuvens derramar chuva sobre ela.*

¹⁰³⁶ Mateus 10: 22.

Ele *engrandecerá o poder do seu ungido*. Como Cristo engrandecerá o poder de seu ungido? Pois aquele do qual agora há pouco foi dito que dos céus trovejará é o mesmo do qual é dito aqui que *engrandecerá o poder do seu ungido*. Qual é então o ungido de Cristo? É aquele que engrandece o poder e a glória de cada fiel, como nossa santa profetisa mesma disse no começo desta oração: *nele se eleva a minha força?* De fato, podemos muito bem chamar de ungidos todos aqueles que receberam o santo sacramento da crisma, em que todos, juntos com seu líder, somos um só Cristo.

Esta foi então a profecia de Ana, mãe do grande e ilustre Samuel. Nela está prefigurada a mudança do antigo sacerdócio, que se realiza hoje, pois aquela que tinha muitos filhos se tornou sem vigor, para que a que era estéril e que se tornou mãe de sete filhos criasse um novo sacerdócio em Jesus Cristo¹⁰³⁷.

Capítulo V

A abolição do sacerdócio de Aarão é dita a Heli.

O homem de Deus que foi enviado ao grão-sacerdote Heli e que a Escritura não dá o nome, mas que seu ministério indica tratar-se indubitavelmente de um profeta, fala disto mais claramente;

Eis o que traz o texto sagrado:

¹⁰³⁷ Cf. 1 Samuel 2: 5. *Quebra-se o arco dos fortes, enquanto os fracos se revestem de vigor.*

*Certo dia, um homem de Deus veio ter com Heli e disse-lhe da parte do Senhor: “Não me revelei eu claramente à casa de teu pai, quando eles estavam no Egito ao serviço do Faraó? Escolhi os teus dentre todas as tribos de Israel para serem sacerdotes, subirem ao meu altar, queimarem o incenso e vestirem o **efod** diante de mim. Dei à casa de teu pai todos os sacrifícios oferecidos pelos israelitas. Por que desprezais os meus sacrifícios e as minhas oblações que estabeleci em minha morada? Fazes mais caso dos teus filhos que de mim, engordando-vos com o melhor de todas as ofertas de meu povo de Israel”.*

Por isso, eis o que diz o Senhor, Deus de Israel: “Eu tinha dito que a tua casa e a casa de teu pai serviriam para sempre diante de mim. Mas agora, diz o Senhor, não será mais assim. Eu honro aqueles que me honram e desprezo os que me desprezam. Virão dias em que abaterei o teu vigor e o vigor da casa de teu pai, de tal modo que já não haverá ancião em tua casa. Israel estará cumulado da alegria e tu verás a angústia em tua casa. Não haverá jamais ancião em tua família! Entretanto, não cortarei todos os teus do meu altar, para que se consumam de inveja os teus olhos e se desfaleça a tua alma; mas todos os outros morrerão na flor da idade. O que vai acontecer aos teus dois filhos Ofni e Finéias, será para ti um sinal: morrerão ambos no mesmo dia. Suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o meu coração e minha alma. Edificar-lhe-ei

uma casa durável e ela andará sempre diante do meu ungido. Os que sobreviverem de tua família irão prostrar-se diante dele por uma moeda de prata ou por um pedaço de pão, dizendo-lhe: Admita-me para alguma função sacerdotal, a fim de que eu tenha um bocado de pão para comer"¹⁰³⁸.

Não se pode dizer que esta profecia, que prediz tão claramente a mudança do antigo sacerdócio, tenha sido realizada na pessoa de Samuel. Embora ele fosse da tribo que Deus havia destinado a servir o altar, ele não era, no entanto, da família de Aarão, cuja posteridade fôra destinada a perpetuá-lo¹⁰³⁹. Consequentemente, tudo isso foi a representação da mudança que deveria acontecer através de Jesus Cristo e pertenceu propriamente ao Antigo Testamento e figurativamente ao Novo. Eu me refiro ao acontecimento e não às palavras.

Ainda houve sacerdotes da família de Aarão, como Sadoque e Abiatar, sob o reino de Davi e vários outros, muito tempo antes da época em que essa mudança deveria se realizar na pessoa de Jesus Cristo. Mas, no presente, quem é aquele que, ao contemplar essas coisas com os olhos da fé, não concorda que elas se realizaram?

De fato, não resta mais aos judeus nem tabernáculo, nem templo, nem altar, nem sacrifício e nem, por consequência, nenhum dos sacerdotes que, segundo a lei de Deus, deveriam ser da família de

¹⁰³⁸ 1 Samuel 2: 27-36.

¹⁰³⁹ Ver, sobre este ponto, as *Retratações*, livro II, cap. 43, n. 2.

Aarão, como lembra aqui o Profeta: “*Eu tinha dito que a tua casa e a casa de teu pai serviria para sempre diante de mim. Mas agora, diz o Senhor, não será mais assim. Eu honro aqueles que me honram e despezo os que me desprezam*”.

Por *casa de teu pai* ele não quer dizer aquela em que Heli havia nascido, mas a de Aarão, o primeiro grão-sacerdote, de quem todos os outros descendem. O que foi dito antes mostra isso claramente: “*Não me revelei eu claramente à casa de teu pai, quando eles estavam no Egito ao serviço do Faraó? Escolhi os teus dentre todas as tribos de Israel para serem sacerdotes*”.

Quem foi esse pai de Heli, cuja família, após o cativeiro do Egito, foi escolhida para o sacerdócio, se não foi Aarão? É, portanto, dessa descendência que Deus fala aqui que não haverá mais sacerdotes no futuro e é o que vemos agora acontecer.

Que nossa fé preste atenção a isso; as coisas estão presentes. Nós as vemos, as tocamos e elas saltam aos olhos, contanto que os tenhamos.

Virão dias em que abaterei o teu vigor e o vigor da casa de teu pai, de tal modo que já não haverá ancião em tua casa. Banirei todos do meu altar, para que aqueles que restarem de sua casa se consumam de inveja os teus olhos e se desfaleça a tua alma, ao verem essa mudança. Esse tempo previsto chegou. Já não há mais sacerdotes da casa de Aarão e, embora ainda reste essa família, quando se

considera o sacrifício dos cristãos estabelecidos por toda a terra, essa família se vê despojada de tão grande honra e seca de arrependimento e inveja.

A sequência pertence propriamente à casa de Heli. “*Não cortarei todos os teus do meu altar, para que se consumam de inveja os teus olhos e se desfaleça a tua alma; mas todos os outros morrerão na flor da idade. O que vai acontecer aos teus dois filhos Ofni e Fíneias, será para ti um sinal: morrerão ambos no mesmo dia*”. O mesmo sinal então que marcou a entrega do sacerdócio à sua casa marcou também a abolição dele da casa de Aarão. A morte dos filhos de Heli não simbolizou a morte de nenhuma pessoa, mas a do próprio sacerdócio na família de Aarão.

O que se segue refere-se ao grão-sacerdote que Samuel se tornou ao suceder Heli e, por consequência, deve-se entender Jesus Cristo, o verdadeiro grão-sacerdote do Novo Testamento: *Suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o meu coração e minha vontade. Edificar-lhe-ei uma casa durável*. Essa casa é a celeste e eterna Jerusalém.

E ela andará sempre diante do meu ungido. Ou seja, ela será diante dele, como ele disse antes da casa de Aarão: *Eu tinha dito que a tua casa e a casa de teu pai serviriam para sempre diante de mim*. Pode-se entender também que ela passará da morte à vida no tempo de nossa mortalidade, até o fim dos séculos.

Quando Deus diz: *que procederá segundo o meu coração e minha alma*¹⁰⁴⁰, não pensemos que Deus tenha uma alma, ele que é o criador da alma. Isto é uma dessas expressões simbólicas das Escrituras, como quando elas dão a Deus mãos, pés e os outros membros do corpo. E também, para que não se imagine que é segundo o corpo que elas dizem que o ser humano foi feito à imagem de Deus, ela deu também a Deus asas, órgão do qual o ser humano é privado e diz: *Escondei-me à sombra de vossas asas*¹⁰⁴¹, para que todos reconheçam que tudo isso só é dito como metáfora de sua natureza inefável.

Os que sobreviverem de tua família irão prostrar-se diante dele. Isto não deve ser entendido como se referindo propriamente à casa de Heli, mas a de Aarão, que durou até o advento de Jesus Cristo e da qual ainda restam hoje em dia alguns cacos. Com relação à casa de Heli, Deus já havia dito que todos aqueles que restasse dessa casa pereceriam pela espada. Como então o que ele diz aqui pode ser verdadeiro: *Os que sobreviverem de tua família irão prostrar-se diante dele*, a menos que não se entenda tratar-se de toda a família sacerdotal de Aarão?

Se existem então alguns restos predestinados, dos quais outro profeta diz: *Ainda que teu povo fosse inumerável como a areia do mar, dele só voltará um resto. A destruição está resolvida, a justiça*

¹⁰⁴⁰ *Qui juxta cor meum et animam meam faciet.*

¹⁰⁴¹ Salmo 16: 8.

vai tirar a desforra¹⁰⁴². E o Apóstolo diz: *É o que continua a acontecer no tempo presente: subsiste um resto, segundo a eleição da graça*¹⁰⁴³. Se, eu digo, restar algum da casa de Aarão, indubitavelmente ele acreditará em Jesus Cristo, como no tempo dos apóstolos vários dessa casa acreditaram nele e também hoje em dia vemos alguns, embora em pequeno número, que abraçam a fé e nos quais se realizam o que esse homem de Deus acrescenta: *irão prostrar-se diante dele por uma moeda de prata*. Prostrar-se diante de quem, se não é desse soberano sacerdote que é Deus também? Pois, no tempo do sacerdócio estabelecido segundo a ordem de Aarão, não se ia ao templo para adorar o grão-sacerdote.

O que quer dizer essa moeda de prata, se não é a palavra curta e abreviada da fé, mencionada pelo Apóstolo após o Profeta, quando ele diz: “O senhor dirá uma palavra curta e abreviada sobre a terra”¹⁰⁴⁴? Tomar a prata como a palavra de Deus é testemunhada pelo Salmista, quando ele diz: *As palavras do Senhor são palavras sinceras, puras como a prata acrisolada, isenta de ganga, sete vezes depurada*¹⁰⁴⁵.

O que diz então aquele que vem adorar o sacerdote de Deus e o sacerdote-Deus? *Admita-me para alguma função sacerdotal, a fim de*

¹⁰⁴² Isaías 10: 22.

¹⁰⁴³ Romanos 11: 5.

¹⁰⁴⁴ Romanos 9: 28 (*Verbum enim consummans et abbrevians in aequitate : quia verbum breviatum faciet Dominus super terram*).

¹⁰⁴⁵ Salmo 11: 7.

que eu tenha um bocado de pão para comer. Isto significa: “Não pretendo nada das honrarias de meus pais, pois isto está abolido. Faça com que eu seja somente parte de seu sacerdócio”. Pois, *um dia em vossos átrios vale mais que milhares fora deles. Prefiro deter-me no limiar da casa de meu Deus a morar nas tendas dos pecadores*¹⁰⁴⁶.

Ou seja, contanto que eu seja membro de seu sacerdócio, qualquer que ele seja. Ele chama aqui de sacerdócio o próprio povo, do qual é soberano sacerdote mediador entre Deus e a humanidade, Jesus Cristo humano. É a esse povo que o apóstolo São Pedro diz: *Vós, porém, sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus, a fim de que publiqueis as virtudes daquele que das trevas vos chamou à sua luz maravilhosa*¹⁰⁴⁷.

É verdade que alguns, invés de *vosso sacerdócio*, traduzem *vosso sacrifício*, mas isso significa sempre o mesmo povo cristão. Daí vem estas palavras do Apóstolo: *Há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão*¹⁰⁴⁸. E também estas: *Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual*¹⁰⁴⁹.

¹⁰⁴⁶ Salmo 83: 11.

¹⁰⁴⁷ 1 Pedro 2: 9.

¹⁰⁴⁸ 1 Coríntios 10: 17.

¹⁰⁴⁹ Romanos 12: 1.

Assim, quando esse homem de Deus acrescenta: *A fim de que eu tenha um bocado de pão para comer*, ele expressa de forma feliz o próprio gênero de sacrifício do qual o próprio sacerdote diz: *E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo*¹⁰⁵⁰.

Este é o sacrifício que não é segundo a ordem de Aarão, mas segundo a ordem de Melquisedec. Que aquele que ler isto entenda.

Esta confissão é ao mesmo tempo curta, humilde e salutar: *Admita-me para alguma função sacerdotal, a fim de que eu tenha um bocado de pão para comer*. Esta é a moeda de prata, por que a palavra do Senhor, que habita o coração daquele que acredita, é curta e abreviada.

Da mesma forma como ele havia dito antes que dava como alimento à casa de Aarão as vítimas do Antigo Testamento, ele fala aqui de comer o pão, por que este é o sacrifício dos cristãos no Novo Testamento.

Capítulo VI

O sacerdócio de Aarão simbolizou o futuro.

Mesmo que essas coisas pareçam agora tão claras quanto eram obscuras quando foram preditas, no entanto, parece que se poderia

¹⁰⁵⁰ João 6: 51.

fazer esta objeção com alguma pertinência: que certeza podemos ter de que todas as previsões dos Profetas se cumprem, já que o oráculo do céu *tua casa e a casa de teu pai servirão para sempre diante de mim*, não pôde se cumprir? Pois vemos que esse sacerdócio foi mudado, sem que essa casa possa esperar algum dia retornar a ele, já que ele foi abolido e que essa promessa é mais para o outro sacerdócio que sucedeu a esse.

Quem fala assim não comprehende ou não se recorda de que o sacerdócio, mesmo da ordem de Aarão, era como que a sombra do sacerdócio eterno que viria e que assim, quando a eternidade lhe foi prometida, essa promessa não lhe pertencia, mas àquele do qual ele era a sombra e a representação. Para que não se imaginasse que a própria sombra deveria permanecer, a mudança também devia ser previda.

Também o reino de Saul, que foi reprovado e rejeitado, era a sombra do reino que viria e que deve subsistir eternamente, pois é preciso considerar como um grande mistério esse óleo com que ele foi consagrado e esse crisma que lhe deu o título de ungido.

Até mesmo Davi¹⁰⁵¹ respeitava tanto este título de Saul, que tremeu de medo e seu peito bateu forte, no momento em que este príncipe, tendo entrado em uma caverna por necessidade, teve seu

¹⁰⁵¹ Cf. 1 Samuel 24: 1-8.

manto cortado por ele, para lhe mostrar que havia sido poupado, quando podia ter sido eliminado e dissipadas assim suas suspeitas e sua furiosa animosidade.

Ele temia, portanto, ser culpado de profanação de um grande mistério, somente por ter tocado a roupa de Saul. Eis como a Escritura fala: *Davi, arrastando-se de mansinho, cortou furtivamente a ponta do manto de Saul. E logo depois o seu coração bateu-lhe, por que tinha ousado fazer aquilo*¹⁰⁵².

Aqueles que o acompanhavam tinham lhe aconselhado matar Saul, já que Deus o tinha colocado em suas mãos. *Deus me guarde de jamais cometer este crime, estendendo a mão contra o ungido do Senhor, meu senhor, pois ele é consagrado ao Senhor!*¹⁰⁵³, ele disse. Não era propriamente a figura que ele respeitava, mas a coisa figurada.

Assim, quando Samuel disse a Saul: *Procedeste insensatamente, não observando o mandamento que te deu o Senhor, teu Deus, que estava pronto a confirmar para sempre o teu trono sobre Israel. Agora o teu reino não subsistirá. O Senhor escolheu para si um homem segundo o seu coração e o fará chefe de seu povo, por que não observaste as suas ordens*¹⁰⁵⁴, estas palavras, eu digo, não devem ser entendidas como se Deus, após ter prometido um reino eterno a Saul,

¹⁰⁵² 1 Samuel 24: 5 e 6.

¹⁰⁵³ 1 Samuel 24: 7.

¹⁰⁵⁴ 1 Samuel 13: 13 e 14.

não quisesse mais manter sua promessa, quando ele pecou, pois Deus não ignorava que ele iria pecar, mas ele tinha preparado seu reino para ser a representação de um reino eterno. Foi por isso que Samuel acrescentou: *Agora o teu reino não subsistirá*, por você¹⁰⁵⁵. Aquele que ele representava subsistiu e subsistirá para sempre, mas não por Saul e nem por seus descendentes.

O Senhor escolheu para si um homem segundo o seu coração e o fará chefe de seu povo, porque não observaste as suas ordens, Samuel acrescentou. Era Davi, ou melhor, foi o próprio Mediador do Novo Testamento, que era assim figurado pelo crisma com que Davi e sua posteridade foram consagrados.

Ora, Deus não escolhe uma pessoa como se não soubesse onde ela está, mas ele se adapta à linguagem humana e nos escolhe quando fala assim. Somos desde sempre conhecidos, não somente por Deus Pai, mas também por seu Filho único, que veio buscar o que estava perdido¹⁰⁵⁶ e que ele elegeu antes da criação do mundo¹⁰⁵⁷. Quando então a Escritura diz que *ele escolheu*, é como se ela dissesse que ele mostrará aos outros aquele que ele sabe que já lhe pertence.

¹⁰⁵⁵ *Et nunc regnum tuum non stabit tibi.*

¹⁰⁵⁶ Cf. Lucas 19: 10. *Pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.*

¹⁰⁵⁷ Cf. Efésios 1: 3 e 4. *Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do céu nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo e nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos.*

Capítulo VII

A divisão do reino de Israel, predita por Samuel a Saul e o que ela representou.

Saul peca novamente desobedecendo a Deus e Samuel lhe traz novamente estas palavras em nome do Senhor: “*Pois que rejeitaste a palavra do Senhor, também ele te rejeita e te despoja da realeza!*”¹⁰⁵⁸

Como Saul, confessando seu crime, rogou a Samuel que voltasse com ele para obter o perdão de Deus, “*Não voltarei contigo!*”, exclamou Samuel. “*Rejeitaste a palavra do Senhor, por isso o Senhor te rejeita e não quer mais que sejas rei de Israel*”¹⁰⁵⁹.

Dito isto, Samuel lhe vira as costas e começa a se retirar. Saul tenta retê-lo segurando-o pelo manto, que se rasga. Então, Samuel lhe diz: *Assim o Senhor arranca hoje de ti a realeza sobre Israel, a fim de dá-la a outro melhor do que tu. Aquele que é a verdade de Israel não mente, nem se arrepende, pois não é um homem para se arrepender*¹⁰⁶⁰.

Aquele a quem foi dito “*O Senhor te rejeita e não quer mais que sejas rei de Israel*” e também “*O Senhor arranca hoje de ti a realeza sobre Israel*”, este, eu digo, reinou ainda por mais quarenta

¹⁰⁵⁸ 1 Samuel 15: 23.

¹⁰⁵⁹ 1 Samuel 15: 26.

¹⁰⁶⁰ 1 Samuel 15: 29.

anos, pois isto lhe foi dito no início de seu reinado. Deus entendeu com isso que ninguém de sua família devia sucedê-lo e quis atrair nossos olhares para a posteridade de Davi, de onde saiu, segundo a carne, o mediador entre Deus e a humanidade: Jesus Cristo homem.

O texto da Escritura não traz, como muitas traduções latinas, “*O Senhor arranca de tua mão o reino de Israel*”¹⁰⁶¹, mas, como lemos no grego, “*O Senhor arranca de Israel e de tua mão o reino*”¹⁰⁶², querendo dizer que *de tua mão* é igual *de Israel*. Com isso, a Escritura quer mostrar que Saul representava o povo de Israel, que estava destinado a perder o reino, devendo Nosso Senhor Jesus Cristo reinar espiritualmente através do Novo Testamento.

Assim, quanto é dito: *A fim de dá-la a outro de seus próximos*¹⁰⁶³, isto se refere ao parentesco carnal, pois, de fato, Jesus Cristo descende de Israel, bem como de Saul.

O que se segue: *a outro melhor do que tu*, foi traduzido assim, mas eu prefiro este outro sentido: “É bom que ele esteja acima de você”, pois está mais de acordo com estas outras palavras proféticas: *Assenta-te à minha direita, até que eu faça de teus inimigos o escabelo de teus pés*¹⁰⁶⁴.

¹⁰⁶¹ *Disrupt Dominus regnum Israel de manu tua.*

¹⁰⁶² *Disrupt Dominus regnum ab Israel de manu tua.*

¹⁰⁶³ *Et tradidit illud proximo tuo.*

¹⁰⁶⁴ Salmo 109: 1.

Dentre os inimigos está Israel, de quem Cristo retirou a realeza, por causa de sua perseguição. No entanto, havia também outro Israel, que não tinha nenhuma falsidade¹⁰⁶⁵; um verdadeiro trigo escondido sob a palha. Foi dele que saíram os Apóstolos e tantos mártires, dos quais, Santo Estevão foi o primeiro. Dele nasceram todas as Igrejas mencionadas pelo apóstolo São Paulo e que louvam o Deus de sua conversão¹⁰⁶⁶.

Não duvido de que, com as palavras “E Israel será dividido em dois” é preciso distinguir o Israel inimigo de Jesus Cristo e o Israel de Jesus Cristo; o Israel pertencente à serva e o Israel pertencente à mulher livre. Ambos estavam inicialmente unidos, como Abraão estava unido à serva, até que aquela que era estéril, tendo se tornado fecunda pela graça de graça, clamou: “*Expulsa esta escrava com o seu filho, por que o filho desta escrava não será herdeiro com meu filho Isaac*”¹⁰⁶⁷.

É verdade que Israel foi partido em dois por causa do pecado de Salomão, no reinado de seu filho Roboão e que permaneceu neste estado, com cada parte tendo seus reis, até que toda a nação foi vencida pelos caldeus e conduzida cativa à Babilônia. Mas, o que isso fez a Saul? Se essa ameaça era necessária, não devia ser dirigida a

¹⁰⁶⁵ Cf. João 1: 47. *Jesus vê Natanael, que lhe vem ao encontro e diz: Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade.*

¹⁰⁶⁶ Cf. Gálatas 1: 23.

¹⁰⁶⁷ Gênesis 21: 10.

Davi, pai de Salomão? Neste momento mesmo, os judeus não estão divididos entre eles, mas dispersos por toda terra, associados a um mesmo erro.

Ora, essa divisão, que Deus ameaça aqui esse povo e esse reino na pessoa de Saul que o representava, deve ser eterna e imutável, segundo estas palavras: *Aquele que é a verdade de Israel não mente, nem se arrepende, pois não é um homem para se arrepender*. Quando as Escrituras dizem que Deus se arrependeu, isso só marca uma mudança nas coisas, as quais são conhecidas por Deus através de uma presciênciia imutável. Quando então é dito que ele não se arrepende, é preciso entender que ele não muda.

Assim, a sentença dessa divisão de Israel é uma sentença perpétua e irrevogável. Todos aqueles que, em todos os tempos, passam da sinagoga dos judeus para a Igreja de Jesus Cristo, não faziam parte dessa sinagoga na presciênciia de Deus. Assim, todos os israelitas que se unem a Jesus Cristo e perseveram nessa união, não estavam nunca com os israelitas que teimam ser em toda sua vida seus inimigos e a divisão que é predita aqui persistirá para sempre.

O Antigo Testamento, dado sobre a montanha do Sinai e que só gera escravos¹⁰⁶⁸ só tem utilidade para prestar homenagem ao Novo Testamento e todos os judeus, *até o dia de hoje, quando leem Moi-*

¹⁰⁶⁸ Cf. Gálatas 4: 24.

sés, um véu cobre-lhes o coração¹⁰⁶⁹ e lhes obscurece a inteligência.

Mas, quando algum deles passa para Jesus Cristo, esse véu é rasgado.

De fato, aqueles que mudam de lado mudam também a intenção e os desejos e não aspiram mais a felicidade da carne, mas a do espírito.

Por isso, na famosa jornada dos judeus contra os filisteus¹⁰⁷⁰, em que o céu se declarou abertamente em favor dos primeiros, a pedido de Samuel, esse profeta, pegando uma pedra, a colocou entre as duas Masfas, a nova e a antiga¹⁰⁷¹ e a chamou Eben-Ezer, ou seja, *pedra de socorro*, por que, ele diz: “*Até aqui nos socorreu o Senhor*”¹⁰⁷². Ora, Masfa significa *intenção* e essa *pedra de socorro* é a mediação do Salvador, por quem é preciso passar da velha Masfa para a nova, ou seja, da intenção que visava uma atitude falsa e carnal em um reino carnal, para aquela que se propõe ser verdadeira e espiritual no reino dos céus, por meio do Novo Testamento. Como não há nada de melhor do que essa felicidade, é para ela que Deus nos presta socorro.

¹⁰⁶⁹ Cf. 2 Coríntios 3; 15.

¹⁰⁷⁰ Cf. 1 Samuel 7: 7-12.

¹⁰⁷¹ São Jerônimo coloca a antiga Masfa na tribo de Gad e a nova na tribo de Judá, nos confins de Eleuterópolis. (*De locis Hebraicis*)

¹⁰⁷² 1 Samuel 7: 12.

Capítulo VIII

As promessas de Deus a Davi no tocante a Salomão só podem ser entendidas como se referindo a Jesus Cristo.

É preciso ver agora, na medida em que isso pode servir aos nossos propósitos, as promessas que Deus fez ao próprio Davi, que assumiu o lugar de Saul; mudança que foi a prefiguração da mudança suprema à qual se reportam todas as Escrituras santas.

Com todas as coisas prosperando com Davi, ele resolve construir uma casa para Deus, que foi o famoso templo edificado por Salomão, seu filho. Como ele estava com isso no pensamento, Deus falou ao profeta Natã, para que ele depois transmitisse ao rei e, após lhe ter declarado que Davi não lhe construiria uma casa, disse que em todo o tempo que andara com os israelitas não tinha pedido a ninguém que lhe construísse um templo de cedro.

Depois disse:

Dirás, pois, ao meu servo Davi: eis o que diz o Senhor dos exércitos: eu te tirei das pastagens onde guardavas tuas ovelhas para fazer de ti o chefe de meu povo de Israel. Estive contigo em toda parte por onde andaste, exterminei diante de ti todos os teus inimigos e fiz o teu nome comparável ao dos grandes da terra. Designei um lugar para o meu povo de Israel, plantei-o nele e ali ele mora, sem ser inquietado e os maus não o oprimirão mais como outrora, no

tempo em que eu estabelecia juízes sobre o meu povo. Concedo-te uma vida tranquila, livrando-te de todos os teus inimigos.

*O Senhor anuncia-te que quer fazer-te uma casa. Quando chegar o fim de teus dias e repousares com os teus pais, então suscitarrei, depois de ti a tua posteridade; aquele que sairá de tuas entradas e firmarei o seu reino. Ele me construirá um templo e firmarei para sempre o seu trono real. Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho. Se ele cometer alguma falta, castigá-lo-ei com vara de homens e com açoites de homens, mas não lhe tirarei a minha graça, como a retirei de Saul, a quem afastei de ti. Tua casa e teu reino estão estabelecidos para sempre diante de mim e o teu trono está firme para sempre*¹⁰⁷³.

Quem pensa que esta promessa se cumpriu em Salomão se engana enormemente e seu erro vem do fato de se prender somente a estas palavras: *Ele me construirá um templo*. De fato, Salomão construiu um templo soberbo, mas é preciso prestar atenção ao que se segue: *Tua casa e teu reino estão estabelecidos para sempre diante de mim e o teu trono está firme para sempre*.

Olhe agora o palácio de Salomão, completamente cheio de mulheres estrangeiras e idólatras que levam todos a adorar os falsos deuses com elas. Evite ser tão imprudente a ponto de pensar que as

¹⁰⁷³ 2 Samuel 7: 8-16.

promessas de Deus foram vãs ou que ele não pôde prever que esse príncipe e sua casa cairiam em tais desregramentos.

Mesmo que não víssemos as palavras divinas realizadas na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nasceu de Davi segundo a carne, não deveríamos duvidar que elas não se relacionam a ele; a menos que se queira esperar inutilmente um novo messias, como fazem os judeus. É verdade que pelo filho aqui prometido a Davi, nem mesmo os judeus entendem como sendo Salomão. Por uma impressionante cegueira, eles ainda esperam um Cristo. Um Cristo diferente daquele que se fez reconhecer como tal por sinais tão claros e tão evidentes.

Na verdade, vemos também em Salomão alguns aspectos das coisas que viriam. Ele construiu o templo, ele manteve a paz com todos os seus vizinhos, como seu próprio nome diz, pois Salomão significa *pacífico* e o início de seu reino foi admirável. Mas é preciso concordar que ele não era Jesus Cristo mesmo e sim apenas sua figura.

Daí vem que as Escrituras dizem muitas coisas sobre ele e não somente nos livros históricos. No Salmo setenta e um, que leva seu nome, muitas coisas são ditas e que de nenhum modo podem convir a ele, mas são muito convenientes a Jesus Cristo e mostram que um era a figura e o outro a verdade.

Só para citar um exemplo, ignoram-se quais eram os limites do reino de Salomão e, no entanto, lemos neste Salmo: *Ele dominará de um ao outro mar, desde o grande rio até os confins da terra*¹⁰⁷⁴. Estas palavras nós vemos realizadas na pessoa do Salvador, que começou seu reino no rio onde foi batizado por São João e reconhecido pelos discípulos, que não o chamavam somente de Mestre, mas também de Senhor.

Por que Salomão começou a reinar enquanto seu pai Davi ainda estava vivo, o que não aconteceu com nenhum outro dos reis de Israel? Para nos mostrar que não é dele que Deus fala aqui, quando diz a Davi: *Quando chegar o fim de teus dias e repousares com os teus pais, então suscitarei, depois de ti, a tua posteridade; aquele que sairá de tuas entradas e firmarei o seu reino.*

Seja qual for o intervalo entre Jesus Cristo e Davi, é certeza que o primeiro veio depois do segundo e foi ele quem construiu uma casa para Deus; não de madeira ou de pedra, mas de pessoas. É a esta casa, ou, em outros termos, aos fiéis, que o apóstolo São Paulo se refere, quando diz: *O templo de Deus é sagrado e isto sois vós*¹⁰⁷⁵.

¹⁰⁷⁴ Salmo 71: 8.

¹⁰⁷⁵ 1 Coríntios 3: 17.

Capítulo IX

A profecia do Salmo oitenta e oito, que é semelhante à de Natã no segundo livro de Samuel.

É por isso que o Salmo 88 __ que tem por título *InSTRUÇÃO para Etā, ezraíta*¹⁰⁷⁶ __ faz menção às promessas de Deus a Davi e nele se vê alguma coisa de semelhante ao que vemos relatado no Segundo Livro de Samuel.

*Liguei-me por juramento a Davi, meu servo. Conservarei tua linhagem para sempre, manterei teu trono em todas as gerações*¹⁰⁷⁷.

Depois:

Outrora, em visão, falastes aos vossos santos e dissetes-lhes: Impus a coroa a um herói, escolhi meu eleito dentre o povo. Encontrei Davi, meu servidor e o sagrei com a minha santa unção. Assistir-lhe-á sempre a minha mão e meu braço o fortalecerá. Não o há de surpreender o inimigo, nem ousará oprimi-lo o malvado. Sob seus olhos esmagarei os seus contrários, serão feridos aqueles que o odiaram. Com ele ficarão minha fidelidade e bondade. Pelo meu nome crescerá o seu poder. Estenderei a sua mão por sobre o mar e a sua destra acima dos rios. Ele me invocará: “Vós sois meu Pai, vós sois meu Deus e meu rochedo protetor”. Por isso eu o constituirei meu primogênito, o mais excelso dentre todos os reis da terra. Assegura-

¹⁰⁷⁶ *Intellectus Ethan Ezrahitæ.*

¹⁰⁷⁷ Salmo 88: 4 e 5.

*do lhe estará o favor eterno e indissolúvel será meu pacto com ele. Dar-lhe-ei uma perpétua descendência, seu trono terá a duração dos céus*¹⁰⁷⁸.

Tudo isto, sob o nome de Davi, deve ser entendido como Jesus Cristo, por causa da forma de escravo que ele tomou, como mediador, no seio da Virgem.

Algumas linhas depois, ele falou dos pecados de nossos filhos, quase nos mesmos termos em que, no Livro de Samuel, ele falou dos de Salomão. Fala Deus neste livro: *Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho. Se ele cometer alguma falta, castigá-lo-ei com vara de homens e com açoites de homens, mas não lhe tirarei a minha graça, como a retirei de Saul, a quem afastei de ti*¹⁰⁷⁹.

Esses açoites são as marcas do castigo e daí vem estas palavras: *Não ouseis tocar nos que me são consagrados*¹⁰⁸⁰. O que isso quer dizer, se não é: “Não os fira”?

Ora, no Salmo que aparentemente trata de Davi, o Senhor tem quase a mesma linguagem. Ele diz: *Se, porém, seus filhos abandonarem minha lei, se não observarem os meus preceitos, se violarem as minhas prescrições e não obedecerem às minhas ordens, eu punirei com vara a sua transgressão e a sua falta castigarei com açoite. Mas não lhe retirarei o meu favor e não trairei minha promessa, não vio-*

¹⁰⁷⁸ Salmo 88: 20-30.

¹⁰⁷⁹ 2 Samuel 7: 14 e 15.

¹⁰⁸⁰ Salmo 104: 15.

*larei minha aliança, não mudarei minha palavra dada*¹⁰⁸¹. Ele não diz “Não *lhes* retirarei”, embora ele fale de seus filhos, mas *lhe*; o que, no entanto, a bem dizer, é a mesma coisa.

Mesmo que não se possa encontrar em Jesus Cristo propriamente, que é o chefe da Igreja, nenhum pecado que necessite indulgência ou punição, eles podem ser encontrados em seu povo, que constitui seus membros e seu corpo místico. É por isso que no Livro de Samuel são mencionadas *suas faltas*¹⁰⁸², enquanto que aqui é mencionada a de seus filhos. Isto é para nos mostrar que o que é dito de seu corpo é dito, de alguma forma, dele mesmo.

Pela mesma razão, quando Saulo perseguia seu corpo, ou seja, seus fiéis, ele lhe clama do céu: *Saulo, Saulo, por que me persegues?*¹⁰⁸³

O Salmo acrescenta:

*Mas não lhe retirarei o meu favor e não trairei minha promessa, não violarei minha aliança, não mudarei minha palavra dada. Jurei uma vez por todas pela minha santidade. A Davi não faltarei jamais. Sua posteridade permanecerá eternamente e seu trono, como o sol, subsistirá diante de mim, como a lua que existirá sem fim e o arco-íris, fiel testemunha nos céus*¹⁰⁸⁴.

¹⁰⁸¹ Salmo 88: 31-35.

¹⁰⁸² 1 Samuel 7: 14.

¹⁰⁸³ Atos 9: 4.

¹⁰⁸⁴ Salmo 88: 34-38.

Capítulo X

As promessas visavam outro reino e um rei maior.

Após as garantias tão certas de uma promessa tão grande, para que não se acreditasse que ela estava realizada em Salomão e que não fosse procurada inutilmente, o salmista clama: *Vós o repelistes e rejeitastes*¹⁰⁸⁵. Isso aconteceu com relação ao reino de Salomão em seus descendentes, até a ruína da Jerusalém terrestre, que era a sede de seu império e à destruição do templo que ele havia construído.

Mas, para que não concluíssemos que Deus violou sua palavra, Davi logo acrescenta: *Adiastes teu ungido*¹⁰⁸⁶. Este ungido não era então nem Davi e nem Salomão, já que ele foi adiado.

Embora todos os reis dos judeus fossem chamados de ungidos, por causa da unção que recebiam por ocasião de sua sagração e o próprio Davi assim chamava Saul, só houve um único Ungido de verdade, do qual todos os outros eram somente a representação. E esse Ungido foi adiado por muito tempo, na opinião daqueles que acreditavam que ele devia ser Davi ou Salomão. Mas ele devia vir em seu tempo, segundo a ordem da providência de Deus.

¹⁰⁸⁵ Salmo 88: 39.

¹⁰⁸⁶ Salmo 88: 39. *Distulisti christum tuum.*

No entanto, o salmo nos informa em seguida o que aconteceu durante esse adiamento na Jerusalém terrestre, onde se esperava que ele reinasse. Ele diz:

Rompestes a aliança feita com o vosso servidor, lançastes por terra sua coroa, derrubastes todos os seus muros, arruinastes as suas fortalezas. Saquearam-no todos os transeuntes e o escarneceram os seus vizinhos. A mão de seus inimigos exaltastes, de gozo encheistes todos os seus contrários. Embotastes o fio de sua espada, não o sustentastes na batalha. Fizestes terminar seu esplendor e por terra derrubastes o seu trono. Abreviastes a sua adolescência e de ignomínia o cobristes. ¹⁰⁸⁷

Todos estes infortúnios recaíram sobre a Jerusalém escrava, onde até mesmo alguns filhos da liberdade reinaram, embora tendo na verdadeira fé o reino da Jerusalém celeste, de quem eram filhos e onde esperavam reinar um dia, por meio do verdadeiro Ungido. Mas, se queremos saber como todos esses males aconteceram, precisamos consultar a história.

¹⁰⁸⁷ Salmo 88: 40-46.

Capítulo XI

A substância do povo de Deus, que é encontrada em Jesus Cristo feito homem, o único capaz de livrar sua alma do inferno.

O Profeta dirige então uma prece a Deus, mas até mesmo sua prece é uma profecia: “Até quando desvias, Senhor, até o fim?” Entende-se aqui seus olhares, como é dito em outro lugar: *Por quanto tempo ainda desviareis de mim os vossos olhares?*¹⁰⁸⁸

Alguns manuscritos não dizem *desvias*, mas *desviarás*, mesmo que se possa entender: “Desvias a misericórdia que prometeste a Davi”. A palavra *fim* deve ser interpretada como se referindo ao fim dos tempos, quando até mesmo essa nação acreditará em Jesus Cristo. Mas, antes que esse fim chegue, deverão acontecer todas as calamidades deploradas pelo Profeta.

Por isso, ele acrescenta: *Vossa cólera se acenderá como um fogo. Lembre-se do que é minha substância*¹⁰⁸⁹. Por esta substância, não se pode entender melhor do que se referindo ao próprio Jesus Cristo, que tirou desse povo sua substância e sua natureza humana.

Ele diz: *Não foi em vão que criastes todos os filhos dos homens*¹⁰⁹⁰. De fato, sem esse filho do homem, sem essa substância de Israel, por quem são salvos muitos filhos dos homens, teria sido em

¹⁰⁸⁸ Salmo 12: 2.

¹⁰⁸⁹ Salmo 88: 47 e 48. *Ex arde scet sicut ignis ira tua. Memorare quæ mea substantia.*

¹⁰⁹⁰ Salmo 88: 48. *Numquid enim vane constituisti omnes filios hominum.*

vão que os filhos dos homens foram criados, enquanto que agora é verdade que toda a natureza humana caiu da verdade para a vaidade, através do pecado do primeiro homem.

Daí vem estas palavras de outro salmo: *O homem é semelhante ao sopro da brisa, seus dias são como a sombra que passa*¹⁰⁹¹.

No entanto, não foi em vão que Deus criou todos os filhos dos homens, já que ele liberta muitos através do mediador Jesus e os outros, que ele previu que não libertaria, ele os criou em virtude de um propósito muito belo e muito justo: para servir ao bem dos eleitos e para destacar, pela oposição das duas cidades, o brilho e a glória da celeste.

O Salmista continua: *Qual é o vivo que se livra da morte, ou pode subtrair a sua alma ao poder da morada dos mortos?*¹⁰⁹² Quem é, de fato, se não é a substância de Israel tirada de Davi, ou seja, Jesus Cristo, sobre o qual, diz o Apóstolo: *Cristo, tendo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele*¹⁰⁹³.

Mesmo que ele viva agora e não seja mais sujeito à morte, ele não deixou de morrer, mas ele livrou sua alma da morada dos mortos, aonde desceu para romper os laços do pecado que mantinham ali alguns cativos.

¹⁰⁹¹ Salmo 143: 4.

¹⁰⁹² Salmo 88: 49.

¹⁰⁹³ Romanos 6: 9.

Ora, ele libertou sua alma através do poder que é mencionado no Evangelho: *Dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de dá-la, como tenho o poder de reassumi-la*¹⁰⁹⁴.

Capítulo XII

Como se deve entender as palavras: “Vossas misericórdias de outrora, ó Senhor, onde estão?”

Examinemos agora o final deste salmo, que é assim concebido: *Vossas misericórdias de outrora, ó Senhor, onde estão? E os juramentos que a Davi fizestes de fidelidade? Considerai, Senhor, a vergonha imposta aos vossos servidores. Levo em meu seio ultrajes das nações pagãs, insultos de vossos inimigos, Senhor; injúrias que lançam até na mudança de seu ungido*¹⁰⁹⁵.

Meditando nestas palavras, é natural se questionar se elas se aplicam aos israelitas, que queriam que Deus cumprisse a promessa que tinha feito a Davi, ou se aplicam aos cristãos, que são israelitas segundo o espírito e não segundo a carne.

É certo que elas foram ditas ou escritas durante o tempo de vida de Etã __ cujo nome aparece no início deste salmo e sob o reinado

¹⁰⁹⁴ João 10: 17 e 18.

¹⁰⁹⁵ Salmo 88: 50-52. *Ubi sunt misericordiae tuæ antiquæ, Domine, sicut jurasti David in veritate tua ? Memor esto, Domine, opprobrii servorum tuorum, quod continui in sinu meo, multarum gentium : quod exprobraverunt inimici tui, Domine ; quod exprobraverunt commutationem christi tui.*

de Davi __ e, por consequência, não parece que se possa dizer então: *Vossas misericórdias de outrora, ó Senhor, onde estão?*, a menos que o Profeta se coloque no lugar daqueles que deveriam chegar muito tempo após e, com relação aos quais, essas promessas feitas a Davi seriam antigas.

Pode-se então entender que, quando os gentios perseguiam os cristãos, eles lhes reprovavam a Paixão de Jesus Cristo, que as Escrituras chamam de mudança, por que, ao morrer, ele se tornou imortal.

Pode-se entender também que a mudança de Cristo foi reprovada pelos judeus por que, como eles o esperavam como seu salvador, ele se tornou o salvador dos gentios. Isto é o que várias nações que acreditaram nele através do Novo Testamento, lhe reprovam ainda hoje em dia, de sorte que é em sua pessoa que é dito: *Considerai, Senhor, a vergonha imposta aos vossos servidores*, por que Deus, não os esquecendo, mas tendo compaixão de sua miséria, deve também atraí-los um dia, pela graça do Evangelho. Mas me parece que o primeiro sentido é o melhor.

De fato, não parece adequado chamar de servidores de Deus os inimigos de Jesus Cristo que reprovam o fato de Cristo tê-los abandonado para passar para o lado dos gentios e essa qualidade convém mais àqueles que, expostos às rudes perseguições por causa do nome de Jesus Cristo, se lembram do reino prometido à descendência de Davi e, tomados por um ardente desejo de possuí-lo, disseram a

Deus: *Vossas misericórdias de outrora, ó Senhor, onde estão? E os juramentos que a Davi fizestes de fidelidade? Considerai, Senhor, a vergonha imposta aos vossos servidores. Levo em meu seio ultrajes das nações pagãs, insultos de vossos inimigos, Senhor; injúrias que lançam até na mudança de seu ungido.* Sendo essa mudança considerada por eles como um aniquilamento.

O que quer dizer *Considerai, Senhor*, se não é, tenha piedade de mim e, pelas humilhações que eu sofri com tanta paciência, dai-me a glória que prometeste a Davi sob juramento.

Se atribuirmos estas palavras aos judeus — seguramente servidores de Deus, que foram levados cativos à Babilônia após a tomada da Jerusalém terrestre e antes do nascimento de Jesus Cristo — podemos também lhes dizer, com relação à *mudança do ungido*, que eles não deveriam esperar dele uma felicidade temporal semelhante a que eles tinham desfrutado alguns anos antes, sob o reinado de Salomão, mas uma felicidade celeste e espiritual. E foi essa mudança que as nações idólatras reprovaram, inconscientemente, no povo de Deus, quando elas o insultaram em seu cativeiro.

É isto também que é encontrado em seguida neste mesmo salmo e que o conclui: *Que a bênção do Senhor permaneça eternamente! Amém! Amém!*¹⁰⁹⁶ Aspiração muito adequada a todo o povo de

¹⁰⁹⁶ Salmo 88: 53. *Benedictio Domini in aeternum: fiat, fiat.*

Deus que pertence à Jerusalém celeste; seja por aqueles que estavam escondidos no Antigo Testamento, antes que o Novo fosse descoberto, seja por aqueles que, no Novo, estão manifestamente com Jesus Cristo.

A bênção do Senhor prometida à descendência de Davi não se circunscreve ao pequeno intervalo de tempo do reinado de Salomão, mas ela só deve ser limitada pela eternidade. A certeza da esperança que temos disto é marcada pela repetição destas palavras: *Amém!* *Amém!*

Foi o que Davi comprehendeu bem, quando disse, no segundo Livro de Samuel e que nos levou a esta dissertação sobre o Salmo: *Senhor Javé, fizestes promessas à casa de vosso servo, para tempos futuros!*¹⁰⁹⁷ e, um pouco depois: *Senhor Deus, cumpra para sempre a promessa que fizestes a respeito do vosso servo e da sua casa e fazei como dissesseis*¹⁰⁹⁸. Pois ele estava prestes a gerar um filho, cuja descendência estava destinada a dar nascimento a Jesus Cristo, que tornaria eterna sua casa e, ao mesmo tempo, a casa de Deus. Ela é a casa de Davi por causa de sua descendência e a casa de Deus por causa de seu templo; mas um templo que é feito de pessoas e não de pedras e onde o povo deve permanecer eternamente com seu Deus e em seu Deus e Deus com seu povo e em seu povo, de sorte que Deus preen-

¹⁰⁹⁷ 2 Samuel 7: 19.

¹⁰⁹⁸ 2 Samuel 7: 25.

cha seu povo e seu povo seja pleno de seu Deus, quando Deus será tudo em todos¹⁰⁹⁹. Deus, nossa recompensa na paz e nossa força no combate.

Como Natã havia dito a Davi: *O Senhor anuncia-te que quer fazer-te uma casa*¹¹⁰⁰, Davi diz em seguida: *Vós mesmo, ó Senhor dos exércitos, fizestes ao vosso servo esta revelação: eu te construirei uma casa*¹¹⁰¹.

De fato, nós construímos essa casa quando vivemos bem e Deus a constrói também, nos ajudando a viver bem, pois, *Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem*¹¹⁰².

Quando o tempo da última consagração dessa casa chegar, então se cumprirá o que Deus disse para Natã: *Designei um lugar para o meu povo de Israel. Plantei-o nele e ali ele mora, sem ser inquietado e os maus não o oprimirão mais como outrora, no tempo em que eu estabelecia juízes sobre o meu povo*¹¹⁰³.

¹⁰⁹⁹ Cf. 1 Coríntios 15: 28. *E, quando tudo lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho renderá homenagem àquele que lhe sujeitou todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos.*

¹¹⁰⁰ 2 Samuel 7: 11

¹¹⁰¹ 2 Samuel 7: 27.

¹¹⁰² Salmo 126: 1.

¹¹⁰³ 2 Samuel 7: 10 e 11.

Capítulo XIII

A paz prometida a Davi através de Natã não é aquela do reino de Salomão.

É uma tolice esperar aqui embaixo um bem tão grande ou imaginar que este foi realizado sob o reinado de Salomão, por causa da paz que se desfrutou ali. As Escrituras só destacam essa paz por que ela foi a figuração da outra e elas mesmas tiveram a preocupação de prevenir esta interpretação, ao dizer: *os maus não o oprimirão mais como outrora, no tempo em que eu estabelecia juízes sobre o meu povo.*

Esse povo, antes de ser governado por reis, foi governado por juízes e os *maus*, ou seja, seus inimigos, eventualmente o oprimiam. Mas, com tudo isso, houve sob os juízes períodos de paz mais longos do que o reinado de Salomão, que durou somente quarenta anos. Houve um desses períodos de paz que durou oitenta anos, sob Aod¹¹⁰⁴.

Longe de nós, portanto, a ideia de que essa promessa visa o reinado de Salomão e muito menos o de outro rei, já que nenhum deles desfrutou da paz por tanto tempo quanto ele e essa nação não deixou de estar apreensiva com o jugo dos reis seus vizinhos.

¹¹⁰⁴ Cf. Juízes 3: 30.

E não faz parte do conjunto de inconstâncias necessárias das coisas do mundo, que nenhum povo possua um império tão firme que não precise temer a invasão estrangeira?

Portanto, esse lugar de morada tão pacífica e tão segura, que é aqui prometido, é um lugar eterno e que é devido a moradores eternos, na Jerusalém livre, onde reinará verdadeiramente o povo de Israel, pois Israel significa *aquele que vê Deus*.

E nós, tomados pelo desejo de merecer uma tão alta recompensa, que a fé nos faça viver uma vida santa e inocente através dessa dolorosa peregrinação!

Capítulo XIV

Os salmos de Davi.

Com a Cidade de Deus prosseguindo seu curso ao longo do tempo, Davi reinou primeiro sobre a Jerusalém terrestre, que era uma sombra e uma figuração da Jerusalém que viria.

Este príncipe era sábio na música e amava a harmonia; não pelo prazer dos ouvidos, mas com uma intenção mais elevada, para consagrar ao seu Deus cânticos repletos de grandes mistérios.

A reunião e a concordância de vários tons diferentes são, de fato, uma imagem fiel da união que encadeia as diferentes partes de uma cidade bem ordenada.

Sabe-se que todas as profecias de Davi estão contidas nos cento e cinquenta salmos que chamamos de Saltério. Algumas pessoas sustentam que, nesses salmos, somente aqueles que levam seu nome são dele.

Outros só atribuem a ele aqueles que possuem no título a expressão *de Davi* e dizem que aqueles onde se lê *a Davi*, foram compostos por outros e apropriados por ele. Mas, esta opinião é refutada pelo próprio Salvador, quando ele diz, no Evangelho, que o próprio Davi chamou Cristo de seu Senhor, no Salmo cento e nove e nestes termos: *Eis o oráculo do Senhor que se dirige a meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu faça de teus inimigos o escabelo de teus pés*¹¹⁰⁵. Ora, este salmo não tem no título *de Davi*, mas *a Davi*.

Parece, no entanto, que a opinião mais verossímil é que todos os salmos são de Davi e que, se há alguns com nomes diferentes do seu, é por que esses nomes possuem um sentido figurativo. Com relação àqueles que ele deixou sem colocar seu nome, isso foi por inspiração de Deus, cujo motivo oculto encerra, sem dúvida, profundos mistérios.

Não devemos nos prender ao fato de que alguns salmos trazem no título os nomes de alguns profetas que só viriam muito tempo depois de Davi e que parecem, no entanto, falar através dele, pois o

¹¹⁰⁵ Salmo 109: 1.

espírito profético que inspirou esse princípio pode muito bem ter-lhe revelado os nomes desses profetas e lhe sugerido cânticos que lhes eram apropriados, como vemos que um certo profeta falou de Josias e de suas ações mais de trezentos anos antes do nascimento deste rei¹¹⁰⁶.

Capítulo XV

Se é conveniente tratar aqui das explicações das profecias contidas nos Salmos referentes a Jesus Cristo e sua Igreja.

Entendo bem que se espera de mim que eu explique aqui as profecias sobre Jesus Cristo e sua Igreja que estão nos Salmos. Mas o que me impede __ embora eu já tenha dado a explicação de um desses divinos cânticos __ é mais a abundância do que a falta de material.

Seria muito longo, de fato, explicar essas profecias e se eu resstringisse minha escolha, eu correria o risco de ver as pessoas versadas nesses problemas me acusarem de ter omitido os mais essenciais.

Um testemunho retirado de um salmo deve ser confirmado por toda a sequência do salmo, para que, se nem tudo serve para apoiá-lo, nada ou o mínimo lhe seja contrário. Proceder de outra forma, seria como recolher retalhos que se aplicariam ao tema, mas num sentido bem diferente daquele que tinha em seu lugar de origem.

¹¹⁰⁶ 1 Reis 13: 1-3.

Para mostrar a relação entre todas as partes do salmo com o testemunho que se quer extrair dele, seria preciso explicá-lo por inteiro. Ora, este método exigiria um trabalho imenso, que é fácil imaginar, pelo pouco que se sabe da tentativa deste tipo que outros realizaram e o que nós mesmos tentamos em outros lugares.

Aquele que ler estes comentários e tiver a vontade e o tempo para isso, verá que grandes coisas Davi profetizou sobre Jesus Cristo e sua Igreja, ou seja, da Cidade de Deus que ele fundou e de seu rei.

Capítulo XVI

O Salmo quarenta e quatro é uma profecia, tanto expressa quanto figurada, de Jesus Cristo e de sua Igreja.

Quaisquer que sejam, em todas as coisas, a propriedade e a clareza das expressões proféticas, é preciso também que hajam nelas símbolos e são estes que dão trabalho aos estudiosos, quando eles querem explicá-los às mentes menos abertas. São eles, no entanto, que designam, à primeira vista, o Salvador e sua Igreja, embora sempre fique algo de obscuro que necessita ser explicado com calma.

Por exemplo, esta passagem do Salmo quarenta e quatro:

Transbordam palavras sublimes do meu coração. Ao rei dedico o meu canto. Minha língua é como o estilo de um ágil escriba. Sois belo, o mais belo dos filhos dos homens. Expande-se a graça em vossos lábios, pelo que Deus vos cumulou de bênçãos eternas. Cingi-

*vos com vossa espada, ó herói; ela é vosso ornamento e esplendor. Erguei-vos vitorioso em defesa da verdade e da justiça. Que vossa mão se assinale por feitos gloriosos. Aguçadas são as vossas flechas. A vós se submetem os povos. Os inimigos do rei perdem o ânimo. Vosso trono, ó Deus, é eterno; de equidade é vosso cetro real. Amais a justiça e detestais o mal, pelo que o Senhor, vosso Deus, vos ungiu com óleo de alegria, preferindo-vos aos vossos iguais. Exalam vossas vestes perfume de mirra, aloés e incenso. Do palácio de marfim os sons das liras vos deleitam*¹¹⁰⁷.

Qual é o espírito tão grosseiro para não reconhecer nestas palavras o Cristo que pregamos e em quem acreditamos? Quem não o vê designado por esse Deus cujo trono é eterno e que o sagra Deus, ou seja, com um crisma espiritual e invisível? É uma pessoa muito estranha à nossa religião e bastante surda ao som que ela faz por toda parte, se ignora que o Cristo tem este nome por causa de sua sagradação e sua unção.

Uma vez reconhecido esse rei, o que significam os outros detalhes dessa pintura simbólica? Por exemplo, quem é o mais belo dos filhos dos homens, de uma beleza, sem dúvida, tão digna de amor e de admiração quanto menos é corporal? O que quer dizer essa espada? O que são essas flechas? Estas questões devem ser examinadas

¹¹⁰⁷ Salmo 44: 2-9.

com calma por quem serve esse Deus que reina pela verdade, pela doçura e pela justiça.

Volte seus olhos em seguida para sua Igreja, para essa companheira unida a um esposo tão grande, através de um casamento espiritual e laços de um amor divino.

Ela, de quem é dito pouco depois:

*Posta-se à vossa direita a rainha, ornada de ouro de Ofir. Ouve, filha, vê e presta atenção: esqueça o teu povo e a casa de teu pai. De tua beleza se encantará o rei; ele é teu senhor, rende-lhe homenagens. Habitantes de Tiro virão com seus presentes, próceres do povo implorarão teu favor. Toda formosa, entra a filha do rei, com vestes bordadas de ouro. Em roupagens multicores apresenta-se ao rei, após ela vos são apresentadas as virgens, suas companheiras. Levadas entre alegrias e júbilos, ingressam no palácio real. Tomarão os vossos filhos o lugar de vossos pais, vós os estabelecereis príncipes sobre toda a terra. Celebrarei vosso nome através das gerações. E os povos vos louvarão eternamente*¹¹⁰⁸.

Não penso que haja alguém tão tolo para imaginar que aqui se está falando de uma simples mulher, já que essa mulher é a esposa daquele de quem se disse: *Vosso trono, ó Deus, é eterno; de equidade é vosso cetro real. Amais a justiça e detestais o mal, pelo que o*

¹¹⁰⁸ Salmo 44: 10-18.

Senhor, vosso Deus, vos ungiu com óleo de alegria, preferindo-vos aos vossos iguais.

Foi Jesus Cristo que foi sagrado com uma unção mais plena que todo o resto dos cristãos e estes são seus iguais em sua glória, cuja união e concórdia por todo o universo são simbolizados por esse reino chamado em outro salmo de *cidade de nosso Deus*¹¹⁰⁹.

Eis a espiritual Sião, cujo nome significa *contemplação*, por que ela contempla os grandes bens da outra vida e para eles volta todos os seus pensamentos.

Eis a Jerusalém celeste, sobre quem já dissemos tantas coisas e que tem por inimigo a cidade do diabo: Babilônia, ou seja, *confusão*.

É pela regeneração que esse reino é libertado da dominação de Babilônia e passa da dominação de um príncipe muito mau para um rei muito bom e, por esta razão, lhe é dito: *Esqueça o teu povo e a casa de teu pai*.

Os israelitas, que só são assim segundo a carne e não segundo a fé, fazem parte dessa cidade ímpia e são inimigos do *grande rei* e da rainha, sua esposa. Pois, já que eles levaram à morte aquele que tinha vindo para eles, o Cristo foi mais o salvador daqueles que ele não viu, quando ele estava sobre a terra revestido com uma carne mortal.

¹¹⁰⁹ Salmo 47: 2.

Assim é dito ao nosso rei em um Salmo: *Vós me livrais das revoltas do povo e me colocais à frente das nações. Povos que eu desconhecia se tornaram meus servos. Gente estranha me serve abnegadamente e me obedece assim que ouve falar de mim* ¹¹¹⁰.

Os povos gentios o Cristo não conheceu quando estava no mundo e, no entanto, acreditam nele que souberam dele, de sorte que é justamente deles que é dito: *Gente estranha me serve abnegadamente e me obedece assim que ouve falar de mim*, pois, a fé provém da pregação ¹¹¹¹.

Esse povo, eu digo, se junta aos verdadeiros israelitas segundo a carne e segundo a fé e formam a Cidade de Deus, que também gerou o Cristo segundo a carne, quando ela só era constituída pelos israelitas. Daí era a Virgem Maria, no seio da qual o Cristo adquiriu carne para tornar-se humano.

É dessa cidade que outro Salmo diz: *Dir-se-á de Sião: Um por um, todos esses homens nela nasceram. Foi o próprio Altíssimo quem a fundou. O Senhor inscreverá então no registro dos povos: Aquele também nasceu em Sião* ¹¹¹². Quem é este Altíssimo, se não é Deus? Por consequência, o próprio Cristo __ que é Deus e que estava

¹¹¹⁰ Salmo 17: 44 e 45. *Eripies me de contradictionibus populi; constitues me in caput gentium. Populus quem non cognovi servivit mihi; in auditu auris obedivit mihi.*

¹¹¹¹ Romanos 10: 17.

¹¹¹² Salmo 86: 5 e 6.

nessa cidade antes de se tornar humano por intermédio de Maria __ a fundou, nos Patriarcas e nos Profetas.

Se então, o Salvador foi predito tanto tempo antes nessa Cidade de Deus, nessa rainha, segundo as palavras que vemos agora realizadas: *Tomarão os vossos filhos o lugar de vossos pais, vós os estabelecereis príncipes sobre toda a terra. Celebrarei vosso nome através das gerações. E os povos vos louvarão eternamente*¹¹¹³, qualquer obscuridade que haja aqui nas outras expressões simbólicas, de qualquer maneira que sejam explicadas, elas devem estar de acordo com as coisas que são bem claras.

Capítulo XVII

O sacerdócio e a Paixão de Jesus Cristo profetizados nos Salmos 109 e 21.

É o que acontece em outro Salmo, onde o sacerdócio de Jesus Cristo é declarado abertamente, como aqui sua realeza e estas palavras poderiam parecer obscuras: *Assenta-te à minha direita, até que eu faça de teus inimigos o escabelo de teus pés*¹¹¹⁴.

De fato, não vemos Jesus Cristo sentado à direita de Deus Pai; nós acreditamos. E nem seus inimigos abatidos sob seus pés; isto só se verá no fim dos tempos.

¹¹¹³ Salmo 44: 17 e 18.

¹¹¹⁴ Salmo 109: 1.

Mas, quando o Salmista canta: *O Senhor estenderá desde Sião teu cetro poderoso: “Dominarás”, disse ele, “até no meio de teus inimigos”*¹¹¹⁵, isto está tão claro que seria preciso ser tão arrogante quanto ímpio para negá-lo.

Até nossos adversários reconhecem que a lei de Jesus Cristo, que chamamos de Evangelho e que reconhecemos como o cetro de seu império, saiu de Sião. Quanto ao reino que ele exerce no meio de seus inimigos, aqueles mesmos sobre quem ele é exercido o testemunham, com sua raiva e seu ciúme.

Lemos um pouco depois: *O Senhor jurou e não se arrepende-rá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquise-dec*¹¹¹⁶. Como não há mais em nenhum lugar sacerdócio e sacrifício segundo a ordem de Aarão e se oferece em toda parte, sob o soberano pontífice, Jesus Cristo, o que oferece Melquisedec, quando ele abençoa Abraão¹¹¹⁷, que não pode ser visto no que é dito aqui?

É preciso então reportar a essas coisas claras e evidentes aquelas que, no mesmo Salmo, são um pouco obscuras e que nós já explicamos nos sermões que fizemos ao povo.

Desta forma, o que Jesus Cristo diz em outro Salmo, onde ele fala de sua Paixão — *Traspassaram minhas mãos e meus pés; pode-*

¹¹¹⁵ Salmo 109: 2.

¹¹¹⁶ Salmo 109: 4.

¹¹¹⁷ Cf. Gênesis 14: 18-20. *Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, mandou trazer pão e vinho e abençoou Abrão, dizendo: “Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que criou o céu e terra! Bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos em tuas mãos!”*

*ria contar todos os meus ossos*¹¹¹⁸ — está claro e se vê bem que ele fala de seu corpo suspenso na cruz, com seus pés e mãos pregados e servindo, nesta situação, de espetáculo aos seus inimigos. Ainda mais que ele acrescenta: *Eles me olham e me observam com alegria. Repartem entre eles as minhas vestes e lançam sorte sobre a minha túnica*¹¹¹⁹. Esta foi uma profecia cuja realização está narrada nos Evangelhos.

Os detalhes totalmente claros que estão neste Salmo devem servir de luz para os outros, pois, dentre os fatos que ali são evidentemente preditos, há alguns que se realizam ainda todos os dias diante de nossos olhos. Como o que se segue: *Hão de se lembrar do Senhor e a ele se converter todos os povos da terra e diante dele se prostrarão todas as famílias das nações, por que a realeza pertence ao Senhor e ele impera sobre as nações*¹¹²⁰.

Capítulo XVIII

A morte e a ressurreição do Salvador profetizadas nos Salmos 3, 40, 15 e 67.

Os oráculos dos Salmos também não guardaram silêncio sobre a ressurreição de Cristo.

¹¹¹⁸ Salmo 21: 17 e 18.

¹¹¹⁹ Salmo 21: 18 e 19.

¹¹²⁰ Salmo 21: 28 e 29.

O que significam, de fato, estas palavras do terceiro Salmo: *Eu, que tinha me deitado e adormecido, levanto-me, por que o Senhor me sustenta*¹¹²¹?

Há alguém tão pouco sensato para acreditar que o Profeta quis nos falar como sendo algo muito considerável o fato dele ter deserto depois de ter adormecido, se esse sono não fosse a morte e esse despertar a ressurreição de Jesus Cristo, cuja sorte ele devia predizer?

O Salmo quarenta fala mais claramente ainda, quando, na pessoa do mediador, o Profeta, segundo seu costume, conta como passadas as coisas que ele profetiza para o futuro, por que, na presciênciade Deus, as coisas futuras estão, de alguma forma, acontecidas, por causa da certeza de sua realização.

Ele diz: *Meus inimigos falam de mim maldizendo: Quando há de morrer e se extinguir o seu nome? Se alguém vem me visitar, fala hipocritamente. Seu coração recolhe calúnias e, saindo fora, se apressa em divulgá-las. Todos os que me odeiam murmuram contra mim e só procuram fazer-me mal. Um mal mortal, dizem eles, o atingiu. Ei-lo deitado, para não mais se levantar*¹¹²². É como se ele dissesse: “Aquele que morre não ressuscitará?”

O que foi dito antes mostrou que seus inimigos tinham conspirado sua morte e toda essa trama foi conduzida por alguém que en-

¹¹²¹ Salmo 3: 6.

¹¹²² Salmo 40: 6-9.

trava e saía para traí-lo. Ora, quem não se lembra aqui do traidor Judas, que, de discípulo de Jesus, se transformou em seu mais cruel inimigo?

Para mostrar que eles o imolariam em vão, já que ele ressuscitaria, é dito: “Aquele que dorme não despertará?” Que se resume a isto: “O que fazem, pobres insensatos? O que é um crime para vocês não passa de um sono para mim. Aquele que dorme não despertará?”

No entanto, para provar que um crime tão grande não ficaria impune, ele acrescenta: *Até o próprio amigo em que eu confiava, que partilhava do meu pão, levantou contra mim o calcanhar. Ao menos vós, Senhor, tende piedade de mim; erguei-me, para eu lhes dar a paga que merecem*¹¹²³. Não vemos esta vingança, quando consideramos os judeus expulsos de seu país, após sangrentas derrotas, depois da morte e da paixão de Jesus Cristo?

Após ele ter sido levado à morte, ele ressuscitou e os castigou com punições temporais, aguardando aquelas que lhes estão reservadas por não terem se convertido, quando então ele julgará os vivos e os mortos.

O próprio Salvador, mostrando o traidor aos seus Apóstolos, ao lhe apresentar um pedaço de pão¹¹²⁴, menciona este verso do Salmo e

¹¹²³ Salmo 40: 10 e 11.

¹¹²⁴ Cf. João 13: 26. *Jesus respondeu: É aquele a quem eu der o pão embebido. Em seguida, molhou o pão e deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.*

diz que ele se cumpriria nele: *Até o próprio amigo em que eu confiava, que partilhava do meu pão, levantou contra mim o calcanhar.*

Quanto ao que ele diz: *o próprio amigo em que eu confiava*, isto não convém ao cérebro, mas ao corpo, pois o Salvador conhecia bem aquele de quem já havia dito: *Um de vós é um demônio!*¹¹²⁵ Mas ele tem o costume de atribuir à sua pessoa o que pertence aos seus membros, por que a cabeça e o corpo fazem um só Cristo. Daí vem estas palavras do Evangelho: *Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era peregrino e me acolhestes, nu e me vestistes, enfermo e me visitastes, estava na prisão e viestes a mim*¹¹²⁶. Isto, ele próprio explica assim: *Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*¹¹²⁷. Se ele disse que tinha confiado em Judas, foi por que seus discípulos tinham confiado neste, quando ele foi admitido como um dos Apóstolos.

Quanto aos judeus, eles não acreditam que o Cristo que eles esperam deva morrer. Também não pensam que aquele que a Lei e os Profetas anunciaram seja por nós. Mas entendem que ele deva lhes pertencer unicamente e que ele deva ser isento da morte. Eles defendem, portanto, por uma tolice e uma cegueira impressionantes, que as

¹¹²⁵ João 6: 70.

¹¹²⁶ Mateus 25: 35.

¹¹²⁷ Mateus 25: 40.

palavras que acabamos de examinar não devem ser entendidas como morte e ressurreição, mas sono e despertar.

Mas o Salmo quinze lhes clama: *Meu coração se alegra e minha alma exulta. Até meu corpo descansará seguro, por que vós não abandonareis minha alma na habitação dos mortos, nem permitireis que vosso Santo conheça a corrupção*¹¹²⁸. Que outro falaria com tanta confiança assim, se não é aquele que ressuscitou no terceiro dia? Pode ser entendido como sendo Davi?

O Salmo sessenta e sete também clama, por seu lado: *Nosso Deus é um Deus que salva e o Senhor mesmo sairá pela morte*¹¹²⁹. O que pode ser dito de mais claro? O Senhor Jesus não é um Deus que salva? Ele, cujo próprio nome significa Salvador?

De fato, esta foi a razão alegada, quando o anjo disse à Virgem: *Eis que conceberás e darás à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus*¹¹³⁰, *por que ele salvará o seu povo de seus pecados*¹¹³¹. Como ele derramou seu sangue para obter a remissão desses pecados, ele só poderia sair desta vida pela morte.

Foi por esta razão que o Profeta, após ter dito: *Nosso Deus é um Deus que salva*, ele logo acrescenta: *o Senhor mesmo sairá pela morte*, para mostrar que era morrendo que ele deveria salvar. Ora, ele

¹¹²⁸ Salmo 15: 9 e 10.

¹¹²⁹ Salmo 67: 21. *Deus noster, Deus salvos faciendi et Domini, Domini exitus mortis.*

¹¹³⁰ Lucas 1: 31.

¹¹³¹ Mateus 1: 21.

fala com admiração: “O Senhor mesmo!”, como se dissesse: “Esta é a vida dos mortais, da qual até mesmo o Senhor só pode sair através da morte”.

Capítulo XIX

O Salmo 68 mostra a obstinação dos judeus em sua infidelidade.

Certamente que os judeus não resistiriam a testemunhos tão claramente confirmados pelos acontecimentos, se a profecia do Salmo sessenta e oito não se cumprisse neles.

Após Davi ter apresentado Jesus Cristo, que diz, ao falar de sua Paixão, o que vemos realizado no Evangelho: *Puseram fel no meu alimento, na minha sede deram-me vinagre para beber*¹¹³², ele acrescenta: *Torne-se a sua mesa um laço para eles e uma armadilha para os seus amigos. Que seus olhos se escureçam para não mais ver. Que suas costas estejam sempre curvadas*¹¹³³ e outros infortúnios, que ele não lhes deseja, mas que prediz, como se os desejasse.

Qual é o espanto então que eles não vejam coisas tão evidentes, já que seus olhos foram obscurecidos para que eles não vejam? Qual é o espanto se eles não comprehendem as coisas do céu; eles que estão sempre esmagados por pesados fardos que os curvam para a terra?

¹¹³² Salmo 68: 22 e Mateus 27: 34-48.

¹¹³³ Salmo 68: 23 e 24. *Fiat mensa eorum coram ipsis in laqueum et in retributiones et in scandalum. Obscurerunt oculi eorum, ne videant et dorsum eorum semper incurva.*

Estas metáforas corpóreas registram, na verdade, os vícios do espírito. Mas, é suficiente falar dos salmos, ou seja, das profecias de Davi e é preciso colocar alguns limites a este discurso. Que aqueles que sabem todas estas coisas me desculpem e não se zanguem comigo se, por acaso, eu omiti outros testemunhos que eles consideram mais fortes.

Capítulo XX

O reinado e as virtudes de Davi. As profecias sobre Jesus Cristo encontradas nos livros de Salomão.

Davi reinou então na Jerusalém terrestre; ele que era filho da celeste e a quem as Escrituras prestam um testemunho de glória, por que ele apagou tanto seus crimes, através de humilhações de uma santa paciência, que ele mesmo está, sem dúvida, incluído na lista dos pecadores dos quais ele mesmo diz: *Feliz aquele cuja iniqüidade foi perdoada, cujo pecado foi absolvido*¹¹³⁴.

A Davi sucedeu seu filho Salomão, que, como já dissemos, foi coroado com seu pai ainda vivo. O fim de seu reinado não correspondeu às esperanças que o início fez esperar, pois a prosperidade — que corrompe comumente até mesmo os mais sábios — levou vantagem sobre a alta sabedoria, cuja voz se espalha por todos os séculos.

¹¹³⁴ Salmo 31: 1.

Reconhece-se que este príncipe também profetizou em seus três livros, que a Igreja classifica como canônicos e que são os Provérbios, o Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. Dois outros __ intitulados Sabedoria e o Livro do Eclesiástico __ tem-se o costume de atribuir a ele, por causa de alguma semelhança no estilo, mas os estudiosos concordam que não são dele. No entanto, há muito tempo que eles têm autoridade na Igreja, sobretudo na do Ocidente.

A Paixão do Salvador é claramente profetizada naquele que se chama Sabedoria. Os infames assassinos de Jesus Cristo ali falam desta maneira:

Cerquemos o justo, por que ele nos incomoda. É contrário às nossas ações. Ele nos censura por violar a lei e nos acusa de contrariar a nossa educação. Ele se gaba de conhecer a Deus e chama a si mesmo filho do Senhor! Sua existência é uma censura às nossas ideias; basta sua vista para nos importunar. Sua vida, com efeito, não se parece com as outras e os seus caminhos são muito diferentes. Ele nos tem por uma moeda de mau quilate e afasta-se de nosso caminho como de manchas. Julga feliz a morte do justo e gloria-se de ter Deus por pai. Vejamos, pois, se suas palavras são verdadeiras e experimentemos o que acontecerá quando da sua morte, por que, se o justo é filho de Deus, Deus o defenderá e o tirará das mãos dos seus adversários. Provemo-lo por ultrajes e torturas, a fim de conhecer a sua doçura e estarmos cientes de sua paciência. Condenemo-lo a

*uma morte infame. Por que, conforme ele, Deus deve intervir. Eis o que pensam, mas enganam-se. Sua malícia os cega*¹¹³⁵.

Quanto ao Eclesiástico, a fé dos gentios é predita assim: *Es-pargi o vosso terror sobre as nações que não vos procuram, para que saibam que não há outro Deus senão vós e publiquem as vossas maravilhas! Estendei vossa mão contra os povos estranhos, para que vejam o vosso poder. Como diante dos seus olhos mostrastes vossa santidade em nós, assim também, à nossa vista, sereis glorificado neles, para que reconheçam, como também nós reconhecemos, que não há outro Deus fora de vós, Senhor!*¹¹³⁶ Esta profecia, concebida em forma de desejo, nós a vemos realizada por Jesus Cristo, mas, como estas Escrituras não são consideradas canônicas pelos judeus, elas têm menos força contra os teimosos.

Com relação aos outros três livros que certamente são de Salomão e que os judeus reconhecem como canônicos, seria muito longo e muito penoso mostrar como tudo o que ali se encontra se reporta a Jesus Cristo e à sua Igreja.

No entanto, este discurso dos ímpios, encontrado nos Provérbios: *Faremos emboscadas, para (derramar) sangue, armaremos ciladas ao inocente, sem motivo. Como a região dos mortos, devoramo-lo vivo, inteiro, como aquele que desce à cova. Nós acharemos*

¹¹³⁵ Sabedoria 2: 12-21.

¹¹³⁶ Livro do Eclesiástico 36: 2-5.

*toda a sorte de coisas preciosas, nós encheremos nossas casas de despojos. Tu desfrutarás tua parte conosco, uma só será a bolsa comum de todos nós!*¹¹³⁷; este discurso, eu digo, não é tão obscuro que não se possa facilmente entendê-lo como se referindo a Jesus Cristo e sua Igreja, que é seu bem mais precioso.

Nosso Senhor mesmo, na parábola dos maus vinhateiros, atribui a eles um discurso semelhante, quando, percebendo o pai de família, dizem: *Eis o herdeiro! Matemo-lo e teremos a sua herança!*¹¹³⁸

Todos aqueles que sabem que Jesus Cristo é a Sabedoria de Deus entendem também que é sobre ele e sua Igreja este outro trecho dos Provérbios que mencionamos antes, quando falamos da mulher estéril que gerou sete filhos: *A Sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas. Matou seus animais, preparou seu vinho e dispôs a mesa. Enviou servas, para que anunciassem nos pontos mais elevados da cidade: “Quem for simples apresente-se!” Aos insensatos ela disse: “Vinde comer o meu pão e beber o vinho que preparei”*.¹¹³⁹.

Estas palavras nos mostram claramente que a Sabedoria de Deus, ou seja, o Verbo coeterno ao Pai, construiu uma casa no seio de uma virgem e ali tomou um corpo que uniu à Igreja, como os membros unidos a uma cabeça. Ele imolou mártires como vítimas e

¹¹³⁷ Provérbios 1: 11-14.

¹¹³⁸ Mateus 21: 38.

¹¹³⁹ Provérbios 9: 1-5.

cobriu uma mesa com pão e vinho, onde é visto o sacerdote segundo a ordem de Melquisedec. Por fim, ele convidou os tolos e os insensatos, por que, como diz o Apóstolo: *O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios*¹¹⁴⁰. No entanto, é a estes fracos que a Sabedoria diz em seguida: *Deixai a insensatez e vivereis; andai direito no caminho da inteligência!*¹¹⁴¹

Ter lugar à mesa é começar a ter vida. O que podem significar estas outras palavras do Eclesiastes: *Não há nada de melhor para o homem, debaixo do sol, do que comer e beber*¹¹⁴². O que podem significar estas palavras, repito, se não é a participação nessa mesa, onde o soberano sacerdote e mediador do Novo Testamento nos dá seu corpo e seu sangue, segundo a ordem de Melquisedec? Sacrifício este que substituiu todos os outros do Antigo Testamento, que eram apenas sombras e representações deste.

Também reconheçamos a voz desse Mediador na profecia do Salmo trinta e nove: *Não vos comprazeis em nenhum sacrifício, em nenhuma oferenda, mas me abristes os ouvidos: não desejais holocausto nem vítima de expiação*¹¹⁴³, por que em todo sacrifício e oblação, seu corpo é ofertado e servido àqueles que dele participam.

¹¹⁴⁰ 1 Coríntios 1: 27.

¹¹⁴¹ Provérbios 9: 6.

¹¹⁴² Eclesiastes 8: 15.

¹¹⁴³ Salmo 39: 7.

Que o Eclesiastes não fala de carnes corpóreas em seu convite perpétuo para beber e comer, estas palavras o provam claramente: *Melhor é ir para a casa onde há luto que para a casa onde há banquete*¹¹⁴⁴ e, um pouco depois, *O coração dos sábios está na casa do luto, o coração dos insensatos na casa da alegria*¹¹⁴⁵.

Mas, é melhor retirar deste livro o que diz respeito às duas cidades — a do diabo e a de Jesus Cristo — e os reis de uma e outra: *Ai de ti, país, cujo rei é um menino e cujos príncipes comem desde a manhã. Feliz de ti, país, cujo rei é de família nobre e cujos príncipes comem à hora conveniente, não por devassidão, mas para sua própria refeição*¹¹⁴⁶.

Este menino é o diabo, que Salomão chama assim por causa de sua tolice, de seu orgulho, de sua imprudência, de sua insolênciа e outros defeitos aos quais os meninos estão sujeitos. Jesus Cristo, pelo contrário, é de família nobre, ou seja, dos santos patriarcas que pertencem à cidade livre, donde ele saiu segundo a carne. Os príncipes que comem desde a manhã, ou seja, antes do tempo, designam aqueles que se vangloriam de desfrutar da falsa felicidade deste mundo, sem querer esperar a do outro mundo, que é a única verdadeira. Enquanto que os príncipes da cidade de Jesus Cristo esperam com paciência o tempo de uma felicidade que não engana. Isto é o que ele

¹¹⁴⁴ Eclesiastes 7: 2.

¹¹⁴⁵ Eclesiastes 7: 5.

¹¹⁴⁶ Eclesiastes 10: 16 e 17.

quer dizer com *hora conveniente*, *não por devassidão, mas para sua própria refeição*, pois eles não se alimentam com uma vã esperança, segundo estas palavras do Apóstolo: *A esperança não engana*¹¹⁴⁷ e este outro Salmo: *Nenhum daqueles que esperam em vós será confundido*¹¹⁴⁸.

Quanto ao Cântico dos Cânticos, ele é um júbilo espiritual das santas almas nas núpcias do rei e da rainha da Cidade Celeste, ou seja, de Jesus Cristo e da Igreja. Mas esta alegria está escondida sob o véu da alegoria, para que tenhamos mais desejo de conhecê-la, mais prazer em descobri-la e nela ver esse esposo, de quem se diz no mesmo cântico: *Os justos te amam*¹¹⁴⁹ e essa esposa, de quem é dito: “A caridade faz suas delícias”.

Passamos em silêncio por várias outras coisas para não exceder os limites desta obra.

Capítulo XXI

Os reis de Judá e de Israel depois de Salomão.

Poucas palavras ou ações dos outros reis que aparecem depois de Salomão — seja de Judá, seja de Israel — podem se reportar a Jesus Cristo e à sua Igreja.

¹¹⁴⁷ Romanos 5: 5.

¹¹⁴⁸ Salmo 24: 3.

¹¹⁴⁹ Cântico 1: 3. *Recti diligunt te.*

Eu digo de Judá e de Israel por que foram estes os nomes que receberam as duas partes do povo, depois que Deus os dividiu, por causa do crime de Salomão, sob Roboão, que o sucedeu.

As dez tribos que recebeu Jeroboão, servo de Salomão, foram governadas a partir de Samaria e mantiveram o nome Israel, que era o de todo o povo. As duas outras tribos — Judá e Benjamim — que permaneceram com Roboão, em consideração a Davi, que Deus não quis destruir completamente o reino e que tinha Jerusalém como capital, passaram a se chamar reino de Judá, por que Judá era a tribo de Davi.

A tribo de Benjamim — de onde saiu Saul, predecessor de Davi — também fazia parte do reino de Judá, que passou a se chamar assim para se diferenciar do reino de Israel, que compreendia dez tribos.

A tribo de Levi, como sacerdote consagrado ao serviço de Deus, não fazia parte nem de um e nem de outro reino e era considerada como a décima terceira tribo. Este número ímpar de tribos vinha do fato de que, dos doze filhos de Jacó, que criaram cada um uma delas, José criou duas: Efraim e Manassé. No entanto, pode-se dizer que a tribo de Levi pertencia mais ao reino de Judá, por causa do templo de Jerusalém, onde ele exercia seu ministério.

Após essa divisão do povo, Roboão, filho de Salomão, foi o primeiro rei de Judá e estabeleceu a sede de seu império em Jerusa-

lém. Jeroboão, seu servo, foi o primeiro rei de Israel e fixou sua residência em Samaria.

Como Roboão quis fazer guerra a Israel, sob o pretexto de unir ao seu império esta parte que a violência de um usurpador tinha desmembrado, Deus o impediu e lhe disse, através de seu profeta, que tinha sido ele mesmo que tinha conduzido tudo isso¹¹⁵⁰, mostrando que nem Israel e nem Jeroboão eram culpados dessa divisão, mas que ela tinha acontecido unicamente pela vontade de Deus, que tinha assim vingado o crime de Salomão. Quando então as duas partes reconheceram que tinha sido uma ação do céu, elas permaneceram em paz; principalmente por que era uma divisão de reino e não de religião.

Capítulo XII

A idolatria de Jeroboão.

Mas Jeroboão, rei de Israel, ímpio o suficiente para desconfiar da bondade de Deus, mesmo que ele tenha provado sua fidelidade ao lhe conceder a coroa que havia lhe prometido, ficou preocupado que Roboão seduzisse seus súditos, quando eles fossem a Jerusalém — aonde todo o povo judeu era obrigado por lei a ir para os sacrifícios — e eles retornassem à linhagem real de Davi.

¹¹⁵⁰ Cf. 1 Reis 12: 24.

Para impedir isso, ele introduziu a idolatria em seu reino e foi a causa de seu povo sacrificar aos ídolos com ele.

No entanto, Deus não deixou de repreender, através de seus profetas, não apenas este princípio, mas seus sucessores herdeiros de sua impiedade e todo o povo.

Dentre esses profetas estavam Elias e Eliseu, que fizeram muitos milagres. Como Elias disse a Deus: *Estou devorado de zelo pelo Senhor, o Deus dos exércitos. Por que os israelitas abandonaram a vossa aliança, derrubaram os vosso altares e passaram os vossos profetas ao fio da espada. Só eu fiquei e querem tirar-me a vida*¹¹⁵¹, Deus lhe respondeu que ainda havia sete mil pessoas que não tinham se curvado diante de Baal¹¹⁵².

Capítulo XXIII

O cativeiro da Babilônia e o retorno dos judeus.

Ao reino de Judá, que tinha Jerusalém como capital, não faltaram também profetas, que surgiam de tempos em tempos, quando Deus queria enviá-los para anunciar o que era necessário ou para repreender algum crime e recomendar a justiça.

Houve também lá reis, embora em bem menor número do que em Israel, que cometiam enormes pecados contra Deus e que atraí-

¹¹⁵¹ 1 Reis 19: 10.

¹¹⁵² Cf. 1 Reis 19: 18.

ram a ira do céu contra eles e contra seu povo que os imitavam. Em compensação, houve outros de uma virtude memorável, enquanto que todos os reis de Israel foram ímpios; uns mais, outros menos.

Uma e outra parte experimentou então, diversamente, a boa ou a má sorte, como a divina Providência ordenava ou permitia. Eles foram afligidos não somente por guerras estrangeiras, mas também discórdias civis, onde se via brilhar tanto a justiça quanto a misericórdia de Deus, até que sua cólera, crescendo cada vez mais, acabou fazendo com que toda essa nação fosse inteiramente derrotada pelos caldeus e levada cativa para a Assíria. Primeiramente o povo de Israel e, em seguida, o de Judá, após a ruína de Jerusalém e de seu famoso templo.

Eles permaneceram nesse cativeiro durante setenta anos e depois retornaram ao seu país, onde reconstruíram o templo. Mesmo que muitos deles tenham permanecido em terras estrangeiras e afastadas, eles não ficaram mais divididos em duas partes e tiveram um só rei, que residia em Jerusalém.

Todos os judeus, por mais distantes que estivessem, iam até o templo depois de um certo tempo.

Não faltaram também a eles inimigos que lhes fizeram guerras e, quando o Messias veio ao mundo, ele já os encontrou tributários dos romanos.

Capítulo XXIV

Os últimos profetas dos judeus.

Todo o tempo decorrido desde seu retorno até o advento do Salvador, ou seja, desde Malaquias, Ageu, Zacarias e Esdras, não houve profetas entre eles.

Zacarias, pai de São João Batista e Isabel, sua mulher, profetizaram na época do nascimento do Messias, juntos com Simeão e Ana. Pode-se acrescentar a eles São João Batista, que foi o último dos Profetas e que mostrou Jesus Cristo, se não o previu. Isto foi o que fez Nosso Senhor dizer que *os profetas e a lei tiveram a palavra até João*¹¹⁵³.

O Evangelho nos mostra que até mesmo a Virgem profetizou com São João, mas os judeus infieis não recebem essas profecias, embora recebidas por todos aqueles dentre eles que abraçaram nossa religião.

Foi verdadeiramente nessa época que Israel foi dividido em dois com a divisão imutável profetizada por Samuel e Saul.

Quanto a Malaquias, Ageu, Zacarias e Esdras, todos os judeus os colocam na coletânea de livros canônicos e não será fora de propósito reportar neles alguns testemunhos concernentes a Jesus Cristo

¹¹⁵³ Mateus 11: 13.

Santo Agostinho – A cidade de Deus (Livro 22 – A felicidade dos santos)

e sua Igreja. Mas isso será feito mais adequadamente no livro seguinte e é tempo de colocar um fim neste.

Livro XVIII – A história das duas cidades.

Santo Agostinho expõe o desenvolvimento das duas cidades desde a época de Abraão até o fim do mundo. Ele assinala ao mesmo tempo os oráculos que anunciaram Jesus Cristo; seja entre as sibilas, seja principalmente entre os profetas que escreveram desde o nascimento do império romano, tais como Oséias, Amós, Isaías, Miquéias e os seguintes.

Capítulo I

Recapitulação do que foi tratado nos livros precedentes.

Eu prometi falar do nascimento, do progresso e do fim das duas cidades, após ter refutado, nos dez primeiros livros desta obra, os inimigos da Cidade de Deus, que preferem seus deuses a Jesus Cristo e cujas almas, devoradas por uma perniciosa inveja, conceberam contra os cristãos a mais implacável inimizade.

Eu mostrei em quatro livros, desde o décimo primeiro até o décimo quarto, o nascimento das duas cidades. O décimo quinto mostrou seu progresso, desde o primeiro ser humano até o Dilúvio e desde o Dilúvio até Abraão.

Mas, desde Abraão até os Reis dos judeus, período exposto no décimo sexto livro e desde os Reis até o nascimento do Salvador, para onde nos levou o décimo sétimo, parece que somente a Cidade de Deus foi mostrada em nossa narrativa, embora a do mundo não tenha deixado de continuar seu curso.

Eu procedi assim para que o progresso da Cidade de Deus aparescesse mais distintamente, desde que as promessas do advento do Messias começaram a ficar mais claras. No entanto, é verdade que, até a publicação do Novo Testamento, essa cidade só se mostrou pelas sombras. E necessário então retomar agora o curso da cidade do mundo, desde Abraão, para que se possa comparar o desenvolvimento das duas cidades.

Capítulo II

Quais foram os reis da Cidade da Terra, enquanto se desenvolvia a sequência dos santos desde Abraão.

A sociedade humana espalhada por toda a terra, nos lugares e climas os mais diversos, só buscando satisfazer suas necessidades e suas cobiças e não sendo o objeto de seus desejos capaz de bastar nem a todos e nem a ninguém, por que não é o bem verdadeiro, comumente acontece de ela se dividir contra ela mesma e de o mais fraco ser oprimido pelo mais forte.

Esmagado pelo vencedor, o vencido compra a paz com a soberania e até mesmo a liberdade e é um espetáculo raro ver alguém que prefira perecer a se submeter. De fato, a natureza clama, de alguma forma, ao ser humano que mais vale sofrer o jugo do vencedor do que se expor às últimas fúrias da guerra.

Foi assim que, na sucessão dos tempos, não sem um conselho da Providência de Deus, que rege a sorte das batalhas, alguns povos foram os senhores de outros.

Dentre todos os impérios que os diversos interesses da Cidade da Terra estabeleceram, houve dois singularmente poderosos: o dos Assírios e o dos Romanos, distintos um do outro tanto no espaço quanto no tempo. O dos Assírios, situado no Oriente, floresceu primeiro e o dos Romanos, que veio depois dele, se estendeu pelo Ocidente. O fim de um foi o começo do outro. Pode-se dizer que os outros reinos foram apenas brotações destes.

Nino, segundo rei dos Assírios, que havia sucedido a seu pai Belo¹¹⁵⁴, detinha o império quando Abraão nasceu na Caldeia. Nessa época floresceu também o pequeno reino dos Siciônios, pelo qual o estudioso Varrão começa sua história romana¹¹⁵⁵. Dos reis dos Siciônios ele vai até os Atenienses, destes aos Latinos e dos Latinos aos Romanos.

Mas, como eu já disse, todos esses impérios que precederam a fundação de Roma eram pouca coisa, em comparação com o dos Assírios.

¹¹⁵⁴ Sobre Belo, ver Heródoto, livro I, cap. 181 e seg. A maior parte dos historiadores fazem o império da Assíria começar por Nino. Belo foi acrescentado por historiadores posteriores, particularmente Eusébio em sua *Crônica*.

¹¹⁵⁵ Ver no Livro VI, cap. 2, desta obra, o testemunho impressionante prestado por Santo Agostinho à ciência de Marco Terêncio Varrão. A história romana tratada aqui e que está inteiramente perdida, é mencionada pelos gramáticos Carísio e Sérvio e por Arnobe (*Adv. Gent.* livro V, pag. 143, da edição de Stewech).

Salústio, mesmo reconhecendo que os Atenienses foram célebres na Grécia, acredita, no entanto, que a fama exagerou seu poderioso. Ele diz: *Os feitos d'armas de Atenas foram grandes e gloriosos, não discordo, mas, no entanto, creio que um pouco inferiores ao que se diz. A eloquência dos historiadores contribuiu muito para seu brilho e a virtude de seus heróis foi amplificada pela grandeza de seus belos gênios*¹¹⁵⁶.

Acrescente-se a isso que Atenas foi a escola das letras e da filosofia, o que não contribuiu pouco para sua glória.

Mas, considerando-se apenas a potência material, não houve naqueles tempos império mais forte do que da Assíria. De fato, dizem que Nino subjugou toda a Ásia, ou seja, metade do mundo e levou suas conquistas até os confins da Líbia. Os indianos foram os únicos de todos os povos do Oriente que permaneceram livres de sua dominação, mas, após sua morte, eles foram submetidos por sua mulher Semíramis¹¹⁵⁷.

Foi então sob o reinado de Nino¹¹⁵⁸ que Abraão nasceu entre os Caldeus. Mas, como a história dos Gregos nos é muito mais conhecida do que a dos Assírios, tendo chegado até nós pelos Latinos e, depois destes, pelos Romanos, que são seus descendentes, considero

¹¹⁵⁶ *Catil.*, cap. 8.

¹¹⁵⁷ Veja Diodoro da Sicília, segundo Ctésias (Livro 11, cap. 15 e seg.)

¹¹⁵⁸ Santo Agostinho segue a Crônica de Eusébio. Outros dizem que Abraão nasceu no vigésimo ano do reinado de Semíramis.

que não será fora de propósito relembrar aqui os reis dos Assírios, para que se veja como Babilônia, assim como a antiga Roma, avança no curso dos séculos com a Cidade de Deus, estrangeira aqui embaixo.

Quanto aos fatos que devem nos servir para fazer um paralelo entre as duas cidades, é melhor tirá-los dos Gregos e dos Latinos, dentre os quais eu comprehendo Roma como uma segunda Babilônia.

No nascimento de Abraão, Nino era o segundo rei dos Assírios e Europs o segundo rei dos Siciônios; um havia sucedido Belo e o outro a Egialeu¹¹⁵⁹.

Quando Deus prometeu a Abraão uma posteridade numerosa, depois que ele saiu de Babilônia, os Assírios estavam com seu quarto rei e os Siciônios com seu quinto. O filho de Nino reinava os Assírios, após sua mãe Semíramis, que ele matou, dizem, por que ela queria formar com ele uma união incestuosa¹¹⁶⁰. Alguns acreditam que ela fundou Babilônia, talvez por que ela a tenha reconstruído¹¹⁶¹, pois nós mostramos no livro dezesseis quando e como Babilônia foi fundada.

¹¹⁵⁹ Estas sequências são estabelecidas segundo Eusébio.

¹¹⁶⁰ Esta é a narrativa de Justino, breviador de Trono-Pompeo, que escreveu provavelmente segundo Ctésias. Comparar com Agathias, Hist., livro II, cap. 24.

¹¹⁶¹ Diodoro da Sicília e Justino — segundo Ctésias (pag. 396 e seg. da edição de Baehr) — afirmam que Babilônia foi construída por Semíramis. Segundo Josefos e Eusébio, Belo seria o fundador de Babilônia e Semíramis só a restaurou e fortificou.

Quanto ao filho de Semíramis, uns o chamam de Nino, como seu pai e outros o chamam de Nínias.

Télxion tinha então o cetro dos Siciônios e seu reinado foi tão tranquilo que seus súditos, após sua morte, fizeram dele um deus e lhe dedicaram jogos e sacrifícios.

Capítulo III

Os impérios pagãos, de Abraão a Jacó.

Foi sob o reinado de Telxion que nasceu Isaac, de acordo com a promessa que Deus havia feito a seu pai Abraão, de que ele teria um filho, na idade de cem anos, com sua mulher Sara, de quem a esterilidade e a grande idade haviam tirado a esperança de ter filhos.

Arrio¹¹⁶², quinto rei dos Assírios, reinava então.

Isaac, na idade de sessenta anos, teve com sua mulher Rebeca dois filhos gêmeos: Esaú e Jacó, estando Abraão ainda vivo, com a idade de cento e sessenta anos. Mas ele morreu quinze anos depois, sob o reinado de Xerxes I, rei dos Assírios, que também se chamava Baleo e o reinado de Turíaco ou Turímaco, reis dos Siciônios. Ambos eram os sétimos soberanos de seus povos.

O reino de Argos nasceu no tempo dos netos de Abraão e Inaco foi seu primeiro rei.

¹¹⁶² A edição beneditina dizia que era Arabius, mas a nova edição de 1838 o substitui por Arrio. Ver nota do editor no Tomo VII, pág. 776.

Não se pode esquecer que, segundo relato de Varrão, os Siciônios tinham o costume de oferecer sacrifícios sobre o sepulcro de Turímaco¹¹⁶³.

Sob os reinados de Armamitre e Leucípo, oitavos reis dos Assírios e dos Siciônios e sob o de Inaco, primeiro rei dos Arguianos, Deus falou a Isaac¹¹⁶⁴ e lhe prometeu, como havia feito a seu pai, que ele daria a terra de Canaã à sua posteridade e que nela todas as nações seriam abençoadas.

Ele prometeu a mesma coisa ao seu filho Jacó, chamado depois de Israel, sob o reinado de Béloco, nono rei dos Assírios e de Foroneo, filho de Inaco, segundo rei dos Arguianos, pois Leucipo, oitavo rei dos Siciônios ainda vivia. Foi sob Foroneo¹¹⁶⁵, rei de Argos, que a Grécia começou a se tornar célebre, com suas leis e suas instituições.

Fego, irmão mais novo de Foroneo foi honrado como uma divindade após sua morte e construíram um templo sobre seu túmulo. Entendo que foi conferida a ele essa honra por que, na parte do reino que havia sido deixada para ele por seu pai, ele tinha erguido capelas aos deuses e dividido o tempo por meses e anos. Surpresos com estas novidades, as pessoas, ainda grosserias, acreditaram que ele havia se tornado uma divindade após sua morte; ou quiseram acreditar nisso.

¹¹⁶³ Marco Terêncio Varrão, *De gente populi Romani*, Liv. 11.

¹¹⁶⁴ Gênesis 26: 3-5.

¹¹⁶⁵ Pausânias atribui a Foroneo a iniciação de seu povo no uso do fogo (Livro II, cap. 15). O que Santo Agostinho diz deste personagem e de seu irmão Fego é, muito provavelmente, retirado de Vairon. Compare Platão, *Timeu*, no início.

Dizem que Io, filha de Inaco, chamada depois de Ísis, foi honrada no Egito como uma grande deusa. Outros, no entanto, dizem que ela foi da Etiópia para o Egito, onde governou com tanta sabedoria e justiça que os egípcios — que deviam a ela também a invenção das letras e muitas outras coisas úteis — passaram a reverenciá-la como uma divindade e proibiram, sob pena de morte, que se dissesse que ela havia sido uma simples mortal.

Capítulo IV

Os tempos de Jacó e seu filho José.

Quando Baleo, décimo rei dos Assírios, ocupava o trono; Mesapo (ou Cefiso, como também era chamado, se é que não são dois nomes diferentes), o nono dos Siciônios e Ápis, o terceiro dos Arguijanos, Isaac morreu com a idade de cento e oitenta anos e deixou seus dois filhos gêmeos, que tinham vinte anos.

O mais jovem dos dois, Jacó, que pertencia à Cidade de Deus, excluído o mais velho, tinha doze filhos. José, um deles, tendo sido vendido por seus irmãos a mercadores que traficavam no Egito, quando Isaac, seu ancestral, ainda estava vivo, foi tirado da prisão aonde o tinha levado sua castidade, corajosamente defendida contra a paixão de uma mulher adúltera e apresentado ao faraó, rei do Egito, aos trinta anos.

Este príncipe o cumulou de honrarias e bens, por que ele havia lhe explicado seus sonhos e predito os sete anos de abundância que deveriam ser seguidos por sete anos de esterilidade.

Foi no segundo desses anos de escassez que Jacó foi ao Egito com toda sua família, na idade de cento e trinta anos, como ele mesmo disse ao faraó¹¹⁶⁶. José tinha então trinta e nove anos, já que os sete anos de abundância tinham se passado e mais dois de escassez, desde que ele havia sido apresentado ao faraó.

Capítulo V

Ápis, terceiro rei de Argos, que os Egípcios transformaram em seu deus Serápis.

Naquele tempo, Ápis, rei de Argos, que havia chegado ao Egito por mar e ali morrido, se tornou o famoso Serápis, o maior de todos os deuses dos egípcios.

Por que ele não foi chamado de Ápis após sua morte e sim Serápis? Varrão dá uma razão muito clara para isso, que é o fato de os gregos chamarem um caixão de defuntos de *soros*¹¹⁶⁷ (*σορός*) e o de Ápis foi venerado antes que lhe tivessem construído um templo, que se chamou inicialmente Sorosápis ou Sorápis. Posteriormente, mu-

¹¹⁶⁶ Gênesis 47: 9.

¹¹⁶⁷ Zorós, caixão de defuntos, urna funerária, sarcófago.

dou-se uma letra, como acontece frequentemente e ele passou a ser chamado Serápis.

Foi ordenado que quem o chamassem de ser humano seria punido com o maior dos suplícios e Varrão diz que, para representar essa proibição, todas as estátuas de Ísis e de Serápis tinham um dedo sobre os lábios.

Quanto ao boi que o Egito, com uma espantosa superstição, alimentava tão delicadamente¹¹⁶⁸ em honra a esta divindade, como ele era adorado vivo e não no sarcófago, eles o chamavam de Ápis e não Serápis.

Quando esse boi morria, eles colocavam outro em seu lugar, igualmente marcado com manchas brancas, que o povo via como um dom maravilhoso da divindade.

Na verdade, não era difícil para os demônios que quisessem enganar esse povo, apresentar uma vaca grávida a um touro parecido com Ápis, como fez Jacó¹¹⁶⁹, que obteve cabras e ovelhas da mesma cor dos bastões coloridos que ele coloca diante dos olhos das mães. O que os seres humanos fazem com cores verdadeiras, os demônios podem fazer muito facilmente com cores falsas e fantásticas.

¹¹⁶⁸ Sobre a comida do boi Ápis, veja Stabon, livro XVII, cap. 1, § 31.

¹¹⁶⁹ Gênesis 30; 39.

Capítulo VI

Sob quais reis arguianos e assírios Jacó morreu no Egito.

Ápis __ rei dos arguianos e não dos egípcios __ morreu então no Egito e seu filho Argos o sucedeu. Foi dele que os arguianos tiraram seu nome, pois eles não se chamavam assim antes.

Sob seu reinado, com Eratos governando os siciônios e Baleo __ que ainda vivia __ os assírios, morreu Jacó no Egito, com a idade de cento e quarenta e sete anos, após te abençoado seus filhos e os filhos de seu filho José e anunciado claramente o Messias, quando, ao abençoar Judá, disse: *Não se apartará o cetro de Judá, nem o bastão de comando dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence por direito e a quem devem obediência os povos*¹¹⁷⁰.

Sob o reinado de Argos, a Grécia começou a cultivar seu solo e a semear o trigo. Argos, após sua morte, foi adorado como uma divindade e agraciado com templos e sacrifícios. Esta honra já havia sido prestada antes dele, sob seu próprio reinado, a um homem chamado Homógiro, que foi morto por um relâmpago e foi o primeiro a atrelar bois a um arado.

¹¹⁷⁰ Gênesis 49: 10.

Capítulo VII

Sob quais reis morreu José, do Egito.

Sob o reinado de Mamito, décimo segundo rei dos Assírios e de Plemeu, o décimo primeiro dos Siciônios, época em que Argo ainda era rei dos Argianos, José morreu no Egito, com a idade de cento e dez anos.

Após sua morte, o povo de Deus, que crescia de uma maneira prodigiosa, permaneceu no Egito por cento e quarenta e cinco anos, muito tranquilamente no início, enquanto viveram aqueles que tinham convivido com José. Mas depois, o grande número de hebreus se tornou muito suspeito aos egípcios e eles perseguiiram cruelmente esse povo, fazendo-o sofrer uma infinidade de males e que acabaram por diminuir-lhe a fecundidade.

Nesse período não houve nenhuma mudança na Assíria e nem na Grécia.

Capítulo VIII

Os reis sob os quais nasceu Moisés e os deuses cujo culto começou a ser introduzido nessa época.

Assim, no tempo de Safro¹¹⁷¹, décimo quarto rei dos Assírios e Ortópolis, o décimo segundo dos Siciônios, quando os Arguianos tinham Críaso como seu quinto rei, nasceu no Egito Moisés¹¹⁷², que libertaria o povo de Deus do cativeiro sob o qual ele sofria e onde Deus o deixou enfraquecer para que ele desejasse a assistência de seu Criador.

Alguns acreditam que Prometeu vivia então e, como passava como sábio, dizem que ele formou pessoas com argila. No entanto, não se sabe quais eram os sábios daquele tempo. Seu irmão Atlas foi, dizem, um grande astrólogo, o que deu motivo para se dizer que ele trazia o céu nos ombros, embora haja uma alta montanha chamada Atlas, donde esta história pode ter vindo.

Naquele tempo muitas fábulas começaram a surgir na Grécia e sob o reinado de Cécrope, rei de Atenas, em cujo reinado a cidade recebeu este nome, a superstição dos Gregos colocou vários mortos no panteão dos deuses: Melantômice, mulher de Críaso e Forbas, seu filho, sexto rei dos Arguianos, estavam dentre eles, bem como Iaso e

¹¹⁷¹ Os manuscritos e as edições dizem Saphus. Provavelmente é um erro. Júlio Africano, Eusébio e Sincelo, concordam que é Sphaerus, Sphairos.

¹¹⁷² Cf.Êxodo 2.

Estênela, Estênelos ou Estênelo (pois os historiadores não entram em um acordo sob este ponto), um filho de Tríopa, sétimo rei e outro de Iaso, nono rei dos Arguianos.

Vivia então Mercúrio, neto de Atlas por Maia, segundo o testemunho de quase todos os historiadores. Ele ensinou às pessoas muitas artes úteis à vida, o que foi o motivo para que elas o transformassem em uma divindade após sua morte.

Na mesma época, mas após ele, veio Hércules, que alguns, no entanto, colocam antes dele, no que eu penso que se enganam. Mas, seja como for a época destes dois personagens, os historiadores mais sérios concordam que ambos foram homens que receberam honras divinas por terem desenvolvido coisas próprias ao alívio da condição humana.

Quanto à Minerva, ela é muito mais antiga do que eles, já que era vista, dizem, menina no tempo de Ogigés, junto ao lago Triton, donde seu sobrenome Tritoniana. Atribui-se a ela muitas invenções importantes e úteis e inclina-se a acreditar que é uma deusa tanto quanto sua origem é pouco conhecida. O que se conta sobre ela, que nasceu da cabeça de Júpiter, é mais uma ficção de poeta que uma verdade histórica. No entanto, os historiadores concordam sobre a época em que viveu Ogigés, que deu seu nome a um grande dilúvio; não aquele que submergiu toda a humanidade, com exceção de um pequeno nú-

mero salvo na arca, pois a história grega e nem a história latina conheciam este¹¹⁷³, mas outro, maior do que aquele de Deucalião¹¹⁷⁴.

Varrão não encontrou nada mais antigo na história do que o dilúvio de Ovídes e é com esta época que ele começa seu livro sobre as antiguidades romanas. Mas nossos cronologistas — Eusébio e Jerônimo, depois dele — que, sem dúvida aqui, se apoiam no testemunho de historiadores anteriores, recuam o dilúvio de Ovídes em mais de trezentos anos, até Foroneo, segundo rei de Argos.

Seja como for, Minerva já era adorada como uma divindade no tempo de Cécrope, rei de Atenas, sob o reino de quem esta cidade foi fundada ou reconstruída.

Capítulo IX

Origem do nome da cidade de Atenas, fundada ou reconstruída sob Cécrope.

Segundo Varrão, a razão pela qual essa cidade foi chamada Atenas é por que os gregos chamam Minerva de *Atenas* (*Aθηνα*).

Tendo uma oliveira subitamente saído da terra, ao mesmo tempo em que jorrou uma fonte d'água em outro lugar, esses prodígios espantaram o rei, que mandou emissários até Apolo de Delfos, para

¹¹⁷³ Platão, no *Timeu*, mostra um sacerdote egípcio dizendo a Sólon que não houve só um dilúvio, mas vários.

¹¹⁷⁴ Eusébio (*Chron.* pag. 273, *Proep. Evang.*, livro X, cap. 10, pag. 488 e seg.) e Orósio (Hist., livro I, cap. 7) colocam entre o dilúvio de Ovídes e o de Deucalião um intervalo de dois séculos.

saber o que isso significava e o que era preciso fazer. O oráculo respondeu que a oliveira significava Minerva e a água Netuno e que era para os habitantes decidirem de qual destas divindades eles retirariam o nome para dá-lo à sua cidade. Diante disso, Cécrope reuniu todos os cidadãos, tanto homens quanto mulheres, pois as mulheres lá tinham voz, por ocasião das deliberações. Quando ele recolheu os votos, viu que todos os homens estavam com Netuno e todas as mulheres com Minerva. Mas, como havia uma mulher a mais, Minerva foi a vencedora.

Então Netuno, irritado, devastou com sua ondas as terras dos atenienses e, de fato, não é difícil para os demônios espalharem tais massas d'água como eles quiserem.

Para apaziguar essa divindade, as mulheres, como informa o mesmo autor, receberam três tipos de penalidades. A primeira, que dali por diante, ela não teriam mais voz nas assembleias; a segunda, que nenhum de seus filhos receberia seu nome; a terceira, por fim, que elas não seriam chamadas de *atenianas*.

Assim, essa cidade, mãe e nutriz das artes liberais e tantos filósofos ilustres, a quem a Grécia jamais teve algo comparável, foi chamada de Atenas por causa de um estratagema de demônios que se divertiram com sua credulidade e foi obrigada a punir o vencedor para acalmar o vencido e temeu mais as águas de Netuno do que as lágrimas de Minerva.

No entanto, Minerva, que continuava vitoriosa, foi vencida nessas mulheres assim castigadas e ela não foi capaz de ajudar aquelas que votaram nela, de sorte que, perdido para sempre o direito ao voto e tendo seus filhos perdido o direito ao nome materno, ao menos se consentisse que elas fossem chamadas *atenianas* e merecessem o nome da deusa que ajudaram a triunfar, com seu voto, sobre o deus dos homens.

É possível ver o tanto que se poderia dizer sobre isto, se a urgência não nos obrigasse a passar para outros temas.

Capítulo X

A origem do nome Areópago, segundo Varrão e o dilúvio de Deucalião, no tempo de Cécrope.

No entanto, Marco Varrão se recusa a dar fé às fábulas que são desvantajosas para os deuses, por medo de adotar alguma opinião indigna de suas majestades.

Por isso ele não quer que o Areópago, onde o apóstolo São Paulo discutiu com os atenienses¹¹⁷⁵ e cujos juízes são chamados de *areopagitas*, tenha sido chamado assim por causa de Marte __ que os gregos chamam Ares (*Aρης*) __ que foi acusado de homicídio diante de doze deuses que o julgaram no lugar onde o célebre tribunal está

¹¹⁷⁵ Atos 17: 19 e seg.

situado hoje em dia e foi absolvido com seus votos a seu favor, sendo o empate, a partir de então, sempre considerado a favor do acusado.

Ele rejeita então a opinião comum e tenta estabelecer outra origem, desenterrando velhas histórias ultrapassadas, sob o pretexto de que é injurioso às divindades lhes atribuir querelas ou processos e sustenta que essa história de Marte não é menos fabulosa do que a das três deusas — Juno, Minerva e Vênus — que disputaram perante Páris o prêmio por sua beleza, bem como todas as outras semelhantes representadas em cena em detrimento da majestade dos deuses.

Mas, esse mesmo Varrão, que se mostra tão escrupuloso com relação a este tema, tendo que fornecer uma razão histórica e não fabulosa para o nome de Atenas, nos conta que houve uma desavença muito grande entre Netuno e Minerva, com relação a este nome e Apolo não ousou agir como árbitro, remetendo a decisão aos humanos, a exemplo de Júpiter, que enviou essas três deusas para o julgamento de Páris! E Varão acrescenta que Minerva teve mais votos, mas foi vencida nas pessoas daquelas que a fizeram vencedora e ela não teve o poder de fazer com que elas levassem seu nome!

Naquele tempo, sob o reinado de Cranaús, sucessor de Cécrope, segundo Varrão — ou, segundo Eusébio e Jerônimo, sob o de Cécrope mesmo — aconteceu o dilúvio de Deucalião; chamado assim por que foi principalmente a região governada por Deucalião que

foi inundada. Esse dilúvio não se estendeu até o Egito e nem às regiões circunvizinhas.

Capítulo XI

Sob quais reis aconteceram a saída do Egito, comandada por Moisés e a morte de Josué de Nun, seu sucessor.

Moisés tirou do Egito o povo de Deus no final do reinado de Cécrope, rei de Atenas, sendo Ascatades rei dos Assírios; Maratos, dos Siciônios e Tríopas, dos Arguianos.

Ele deu em seguida, aos israelitas, a Lei que tinha recebido de Deus no Monte Sinai e que se chama Antigo Testamento, por que ele só contém promessas temporais, enquanto que Jesus Cristo promete o reino dos céus no Novo Testamento.

Era necessário manter esta ordem que, segundo o Apóstolo, é observada em toda pessoa que avança na virtude e que consiste no fato de que a parte corporal precede a espiritual. Diz ele: *Não é o espiritual que vem primeiro e sim o animal; o espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terreno; o segundo veio do céu. Qual o homem terreno, tais os homens terrenos e qual o homem celestial, tais os homens celestiais*¹¹⁷⁶.

Moisés governou o povo no deserto por quarenta anos e morreu com a idade de cento e vinte anos, após ter profetizado o Messias,

¹¹⁷⁶ 1 Coríntios 15: 46-48.

representado pelas observações legais, o tabernáculo, o sacerdócio, os sacrifícios e outras cerimônias misteriosas.

A Moisés sucedeu Josué, filho de Nun, que estabeleceu o povo na terra prometida, após ter exterminado, por ordem de Deus, os povos que habitavam essa região. Ele morreu após vinte e sete anos de liderança, sob os reinados de Amminta, décimo oitavo rei dos Assírios, de Córax, o décimo sexto dos Siciônios, de Danaús, o décimo dos Arguianos e de Erícton, o quarto dos Atenienses.

Capítulo XII

O culto aos falsos deuses estabelecido pelos reis da Grécia, desde a época da saída do Egito até a morte de Josué de Nun.

Em todo aquele tempo, ou seja, desde que o povo judeu saiu do Egito até a morte de Josué de Nun, os reis da Grécia instituíram em honra aos falsos deuses várias solenidades, que celebravam a memória do dilúvio e dos tempos miseráveis em que as pessoas, uma a uma, escalavam o cume das montanhas e desciam às planícies. Esta é a explicação que se dá para as famosas corridas dos sacerdotes Lupercos¹¹⁷⁷, que subiam e desciam sucessivamente a Via Sacra¹¹⁷⁸, no monte Palatino.

¹¹⁷⁷ Sobre as Lupercais os Lupercos, ver Ovídio, *Fastes*, livro II, verso 267 e seg.

¹¹⁷⁸ A Via Sacra conduzia do arco de Fábio ao Capitólio, passando pelo Fórum.

Foi nesse tempo que Dionísio, também chamado de Líbero, estando na África, ensinou, dizem, ao seu anfitrião, a técnica de cultivar a vinha e foi honrado como uma divindade após sua morte.

Nessa época também os jogos de música foram dedicados a Apolo de Delfos, segundo sua ordem, para apaziguá-lo, por que se atribuía a esterilidade da Grécia ao fato de que não protegeram seu templo do fogo, quando Danaús provocou um incêndio naquela região, depois de invadi-las. Erícton foi o primeiro a instituir na Ática jogos em sua honra e em honra de Minerva. O prêmio era um ramo de oliveira, por que Minerva havia ensinado seu cultivo, como Baco (Líbero) o da vinha.

Xanto, rei de Creta, que outros chamam de forma diferente¹¹⁷⁹, raptou naquele tempo Europa, que teve com ele os filhos Radamanto, Sarpédon e Mínos, que também são tidos como filhos de Júpiter e Europa.

Mas, os adoradores dessas divindades consideram como verdadeiros os fatos históricos que relatamos do rei de Creta. Em compensação, o que se diz sobre Júpiter e o que se representa nos teatros, eles consideram com mito, de sorte que, só se pode ver nessas aventuras ficções para apaziguar os deuses, que se comprazem com as representações de seus falsos crimes.

¹¹⁷⁹ Ele é chamado de Astério por Apolodoro (Livro III, cap. I, seção 2), Diodoro da Sicília (Livro IV, cap. 60) e Eusébio (Pag. 286).

Naquele tempo também floresceu Hércules na Tirinto¹¹⁸⁰, mas um Hércules diferente daquele que já mencionamos. Os melhores estudiosos da história descrevem, de fato, vários Bacos e vários Hércules. Este Hércules que mencionamos agora é aquele a quem se atribuem os famosos doze trabalhos e não aquele que matou Anteo, o africano. É aquele que se queimou no monte Etna, quando a virtude que o fez domar tantos monstros não foi o suficiente para fazê-lo suportar uma leve dor.

Foi nessa época que o rei, ou melhor, o tirano Busíris imolou seus anfitriões aos deuses. Ele era filho de Netuno, que o havia tido com Líbia, filha de Epafo. Mas considero que isto seja uma fábula inventada para apaziguar os deuses e que Netuno não tenha esta sedução para ser censurada.

Dizem que Erícton, rei de Atenas, era filho de Vulcano e de Minerva. No entanto, como, dizem, Minerva era virgem e Vulcano quis possuí-la sem seu consentimento, ele espalhou seu sêmen sobre a terra, donde nasceu uma criança que, por causa disso, foi chamada de Erícton. Em grego, de fato, *eris* (ἔρις) significa luta e *xton* (χθόν), terra.

É verdade que os estudiosos rejeitam esta história e explicam de forma diferente o nascimento de Erícton. Eles dizem que no tem-

¹¹⁸⁰ Cidade do Peloponeso, perto de Argos.

plo de Vulcano e de Minerva (pois havia somente um para ambos em Atenas), encontrou-se uma criança rodeada por uma serpente e que, não se sabendo de quem ela era, ela foi atribuída a Vulcano e Minerva.

Com isso eu considero que a razão do nome explica melhor a coisa do que a história. Mas, que nos importa? A história é para a instrução das pessoas religiosas e a fábula para o prazer dos demônios impuros que, no entanto, aquelas pessoas religiosas adoravam como divindades.

Ainda que queiram apresentar essas divindades como inocentes, eles não as justificam totalmente, já que é por ordem delas que são celebrados os jogos onde se representam seus crimes e essas divindades, dizem, se apaziguam com tais infâmias. Ainda que os crimes sejam falsos, os deuses pagãos não são menos culpados, já que se comprazer com crimes falsos é um crime verdadeiro.

Capítulo XIII

As superstições difundidas pelos gentios no tempo dos Juízes.

Após a morte de Josué de Nun, o povo de Deus foi governado pelos Juízes e experimentou tanto a boa quanto a má sorte, quando eram dignos de graças ou de castigos.

É preciso observar nessa época a criação de um grande número de fábulas célebres: Triptolemo, transportado por serpentes aladas e

que distribuía trigo por ordem de Ceres nas regiões afligidas pela fome; o Minotauro e o labirinto inextrincável de onde era impossível sair; os Centauros, metade homens e metade cavalos; Cérbero, cão com três cabeças que guardava a entrada dos infernos; Frixo e Helê, sua irmã, voando em um carneiro; a Górgona, com cabeleira de serpentes e que transformava em pedras aqueles que a miravam; Belerofonte, transportado por um cavalo alado chamado Pégaso; Ânfion, que atraía as árvores e as pedras com o som de sua lira; Dédalo e seu filho, que fizeram asas para eles, para voarem pelos ares; Édipo, que resolveu o enigma da Esfinge, um monstro de quatro pés e rosto humano e o forçou a se jogar em seu próprio abismo; Antéa, por fim, que Hércules sufocou levantando-o da terra, pois esse filho da Terra ficava cada vez mais forte, toda vez que a tocava.

Estas fábulas e outras semelhantes, até a guerra de Tróia, onde Varrão termina seu segundo livro sobre as antiguidades romanas, foram inventadas por ocasião de alguns eventos verdadeiros e não são vergonhosas aos deuses. Mas, quanto àqueles que inventaram que Júpiter raptou Ganímedes (crime cometido, de fato, pelo rei Tântalo) e que abusou de Danae, transformando-se em chuva de ouro, o que se quis foi representar a sedução pelo ouro de uma mulher interessada. Seria preciso que se tivesse uma muito má opinião sobre as pessoas, para dar fé a esses devaneios.

No entanto, aqueles que mais honram Júpiter são os primeiros a defendê-los e, mesmo longe de se indignar com essas invenções, eles acreditam que atrairiam a cólera dos deuses, se não os representasse nos teatros.

Nessa mesma época, Latona deu à luz Apolo; não aquele cujos oráculos eram consultados, mas outro, que foi pastor de Admeto, junto com Hércules e que, no entanto, passou como um deus que quase todo mundo confunde com o outro¹¹⁸¹.

Foi nesse tempo também que Baco fez guerra aos Indianos, acompanhado de um tropa de mulheres chamadas Bacantes, mais célebres por sua fúria do que por sua coragem. Alguns dizem que ele foi derrotado e feito prisioneiro. Outros dizem que foi morto em combate por Perseu, sem se esquecerem do lugar onde foi sepultado. No entanto, os demônios fizeram com que fossem instituídas festas em sua honra, chamadas Bacanais, que provocaram tanta vergonha no Senado, que ele as baniu de Roma¹¹⁸², depois de séculos.

Perseu e sua mulher Andrômeda viviam nessa mesma época e, após suas mortes, eles foram tão constantemente chamados de deuses que não tiveram pejo de batizar algumas estrelas com seus nomes.

¹¹⁸¹ Sobre os diversos Apolos, ver Cícero, *De Nat. Deor.*, Livro III, Cap. 23.

¹¹⁸² Tito Lívio relata, de fato, que Líbero e seus mistérios foram banidos, não apenas de Roma, mas de toda a Itália (Livro XXXIX, Cap. 18). Compare com Tertuliano, *Apolog.*, cap. 6).

Capítulo XIV

Os poetas teólogos.

Na mesma época houve poetas que também eram chamados de teólogos, por que faziam versos em honra aos deuses. Quais deuses? Os deuses que, por mais que eles fossem grandes homens, nem por isso eram menos homens ou que mesmo não sendo outra coisa além de elementos do mundo, obra de um único verdadeiro Deus ou, enfim, se eram anjos, deviam esta tão elevada posição menos aos seus méritos do que à vontade do Criador.

Mesmo que entre tantas fábulas, esses poetas disseram alguma coisa do verdadeiro Deus, como eles adoraram outros com ele, eles não lhe prestaram o culto que é devido somente a ele. Além do que, eles não puderam evitar desonrar esses próprios deuses, através de contos ridículos, como fizeram Orfeu, Museu e Lino.

Ao menos, se esses teólogos adoraram os deuses, eles não foram adorados como deuses, embora a Cidade dos Ímpios faça Orfeu presidir os sacrifícios infernais.

Esse foi o tempo em que Ino, mulher do rei Atamante, se jogou no mar com seu filho Melicerte e ambos foram incluídos no panteão dos deuses, como muitas outras pessoas daquela época, como Cástor

e Pólux. Os gregos dão à mãe de Melicerte o nome de Leucotéa e os Latinos de Matuta. Ambos os povos a consideraram uma deusa ¹¹⁸³.

Capítulo XV

Fim do reino dos Arguianos e nascimento do dos Laurentinos.

Naquele período, o reino dos Arguianos chegou ao fim e foi transferido para Micenas, cujo rei era Agamenon e o reino dos Laurentinos começou a se estabelecer.

Débora era então juíza dos Hebreus. Essa mulher foi elevada a esta honra por ordem expressa de Deus, pois ela era uma profetiza. Mas, como suas profecias são obscuras, seria preciso muito tempo para mostrar relação que elas têm com Jesus Cristo.

Os Laurentinos já reinavam então na Itália e esse povo é, após os Gregos, a origem mais certa de Roma ¹¹⁸⁴. No entanto, a monarquia dos Assírios subsistia ainda e eles contavam com Lampares como seu vigésimo terceiro rei, quando Picos foi o primeiro dos Laurentinos. Os adoradores desses deuses dizem que Saturno foi o pai deste Picos, pois eles dizem que este não era humano. Outros escreveram que Saturno tinha reinado na Itália antes de Picos e Virgílio o celebrou nestes versos bem conhecidos: *Foi ele que reuniu essas*

¹¹⁸³ Compare Ovídio, *Metamorfose*, Livro IV, Versos 416-540 e *Fastos*, Livro VI, Versos 475-550.

¹¹⁸⁴ A cidade de Laurento, que Santo Agostinho considera, seguindo Eusébio, que os Romanos tiraram em parte sua origem, estava situada entre Ardea e a foz do Tíber.

pessoas indóceis, errantes das altas montanhas. Ele lhes deu leis e quis que essa região se chamasse Latium¹¹⁸⁵, por que ele havia se escondido ali, para fugir da fúria de seu filho. Foi sob seu reinado que aconteceu a era de ouro¹¹⁸⁶.

Que isto tudo seja tratado como ficção poética. Diga o que quiserem, o pai de Picos se chamava Estércio e foi assim chamado por que, sendo muito bom trabalhador, ensinou às pessoas a fertilizar a terra com esterco, donde alguns autores o chamarem de Estercúcio. Seja como for, eles o fizeram, por causa disso, a divindade da agricultura. Eles colocaram também Picos no panteão dos deuses, na qualidade de excelente áugure e grande capitão. Picos gerou Fauno, segundo rei dos Laurentinos, que eles também deificaram. Antes da guerra de Tróia, essas apoteoses eram frequentes.

Capítulo XVI

Diomedes e seus companheiros, transformados em pássaros após a ruína de Tróia.

Após a ruína de Tróia — esse grande desastre ilustrado pelos poetas e conhecido até mesmo pelas criancinhas, que aconteceu sob o reinado de Latino, filho de Fauno (foi esse Latino, que deu aos Laurentinos seu novo nome de Latinos, que eles trazem desde esse mo-

¹¹⁸⁵ *Latium, de latere, se esconder.*

¹¹⁸⁶ *Eneida, Livro VIII, Versos 521-525.*

mento) — os Gregos vitoriosos retornaram ao seu país e sofreram nesse retorno uma infinidade de males.

Não obstante, eles acharam por bem aumentar o número de suas divindades. De fato, eles fizeram de Diomedes um deus, o que não os impediu de contar, não como uma fábula, mas como uma verdade histórica, que os deuses se opuseram ao retorno deste personagem, para castigá-lo por seus crimes e que seus companheiros foram transformados em pássaros¹¹⁸⁷, sem que Diomedes, transformado em deus, lhes pudesse devolver sua antiga forma e nem obter a graça de Júpiter para seu bom retorno.

Eles até mesmo asseguram que Diomedes tem um templo na ilha Diomedea, não muito distante do monte Gargano em Apuleio¹¹⁸⁸ e que, ao redor do lugar sagrado, voam esses pássaros, outrora companheiros do herói divinizado, que enchem seus bicos com água e regam seu templo para honrá-lo. Eles dizem também que, quando os Gregos vão até essa ilha, não apenas os pássaros não se espantam como chegam a acariciar os visitantes, enquanto que, quando veem estrangeiros, eles voam contra eles em fúria e frequentemente chegam a matá-los com seu bico, que é de um comprimento e uma força extraordinários.

¹¹⁸⁷ Veja Sérvio, *Ad Aeneid.* Livro XI, Verso 247.

¹¹⁸⁸ Veja Estrabão, Livro VI, Cap. 3, § 9.

Capítulo XVII

A opinião de Varrão sobre certas metamorfoses.

Varrão, em apoio a essas tradições, relata outras que não são menos incríveis.

Como a de Circe, por exemplo, famosa feiticeira que transformou em animais os companheiros de Ulisses¹¹⁸⁹. Também a dos Arcadianos, designados pela sorte a atravessar a nado um certo lago, onde se transformavam em lobos e passavam a viver em seguida nas florestas com os animais de sua espécie. Varrão acrescenta que se esses lobos se abstivessem do consumo de carne humano, atravessariam novamente o lago ao fim de nove anos e retomariam sua forma primitiva.

Ele fala de um certo Demeneto que, tendo degustado um menininho sacrificado ao seu deus Liqueus, foi transformado em lobo. Dez anos depois ele retomou a forma humana, se exercitou no pugilato e ganhou o prêmio nos jogos olímpicos.

O mesmo autor estima que na Arcádia dava-se o nome de Liqueus a Pã e a Júpiter, por causa dessas transformações de pessoas em lobos, atribuídas pelo povo a um milagre da vontade divina, pois os gregos chamavam os lobos de *lycos* (*λύκος*), daí o nome Liqueus.

¹¹⁸⁹ Cf. Homero, *Odisseia*, 10, 230-243.

Por fim, segundo Varrão, foi daí que os Lupercos de Roma tiraram sua origem¹¹⁹⁰.

Capítulo XVIII

O que se deve acreditar das metamorfoses.

Os que lerem estas páginas talvez esperem que eu dê minha opinião, mas, o que eu poderia dizer, se não é que é preciso fugir do meio da Babilônia, ou seja, sair da cidade do mundo, que é a sociedade dos anjos e das pessoas ímpias e nos retirar para o Deus vivo, nos passos da fé que se torna fecunda pela caridade?

Quanto mais vemos que o poder dos demônios aqui embaixo é grande, mais devemos nos apegar ao Mediador, que nos retira das coisas baixas para nos elevar aos objetos sublimes.

De fato, se dissemos que não se pode dar fé a esse tipo de fenômeno, não faltará, mesmo hoje em dia, pessoas que assegurarão ter tomado conhecimento ou experimentado tais coisas. Como estamos na Itália, nos asseguram que alguns hoteleiros de nossa vizinhança, iniciados nas artes sacrílegas, se vangloriam de dar aos passantes um certo queijo que os transforma imediatamente em animais, que eles utilizam para transportar suas bagagens, após o que eles retornam às suas antigas formas. Durante a metamorfose, eles sempre conservam

¹¹⁹⁰ Marco Terêncio Varrão, *De gente populi Romani*, cap. 17.

sua razão, como Apuleio conta dele mesmo em uma história de seu romance **O Asno de Ouro**.

Considero tudo isso falso, ou, no mínimo, são fenômenos tão raros que se tem razão em não dar fé a eles. No que se deve acreditar firmemente é que Deus, o ser onipotente, pode fazer tudo o que ele quer, seja para distribuir graças, seja para punir e que os demônios, que são anjos corrompidos, não podem nada além do que lhes permite Aquele cujos julgamentos são algumas vezes secretos, mas jamais injustos. Quando então eles operam tais fenômenos, eles não criam novas naturezas, mas se limitam a transformar aquelas que o verdadeiro Deus criou e fazer com que elas pareçam outras que não são.

Assim, não somente não acredito que os demônios possam transformar a alma de uma pessoa na alma de um animal, como, em minha opinião, eles não podem nem mesmo produzir em seus corpos essa metamorfose.

O que eles podem é influenciar a imaginação que, por mais incorpórea que ela seja, é suscetível de mil representações corpóreas. Com a ajuda da sonolência ou da letargia, eles conseguem, não sei como, imprimir nas almas uma forma totalmente fantástica, forte o suficiente para que se pareça real aos nossos olhos. Pode acontecer de aquele com o qual eles brincam desta maneira acredite no que vê, como parece a alguém que dorme que ele é um cavalo verdadeiro e que transporta fardos. Se esses fardos são de verdade, são os demô-

nios que os transportam, para surpreender as pessoas com essa ilusão e fazê-las acreditar que o animal que elas veem é tão real quanto o fardo que ele carrega.

Um certo Prestâncio conta que, seu pai, tendo comido por acaso esse queijo singular que mencionamos há pouco, ficou como que adormecido em seu leito, sem poder se levantar. Alguns dias depois, ele recobrou os sentidos, como que despertando de um profundo sono e dizendo que havia se transformado em um cavalo e transportado para o exército esses víveres chamados *retica*¹¹⁹¹, por causa das redes que os envolvem. Dizem que o fato se passou como ele descreveu, mesmo que ele considere tudo isso como um sonho.

Um outro conta que uma noite, antes que ele dormisse, veio até ele um filósofo platônico seu conhecido, que lhe tinha explicado algumas ideias de Platão que ele tinha recusado antes de ser esclarecido. Como se perguntou a esse filósofo por que ele tinha concordado fora da casa dele, com aquilo que na casa dele ele havia rejeitado, ele respondeu: *Eu não fiz isso, mas sonhei que fazia.* Assim, um viu, desperto, através de uma imagem fantástica, o que o outro viu em sonho.

Estes fatos nos foram relatados não por pessoas quaisquer, mas por pessoas dignas de fé. Se então, o que se diz dos Arcadianos e dos

¹¹⁹¹ *Retia*, rede.

companheiros de Ulisses, dos quais fala Virgílio¹¹⁹²: *Transformados pelos encantamentos de Circe*; se tudo isso é verdade, entendo que as coisas se passaram como acabo de explicar.

Quanto aos pássaros de Diomedes, como se diz que a espécie vive até hoje, penso que os companheiros do herói grego não foram transformados em pássaros, mas que esses pássaros foram colocados em seu lugares, como a corsa no lugar de Efigênia. Era fácil para os demônios, com a permissão de Deus, operarem tais prodígios, mas, como Efigênia foi encontrada viva após o sacrifício, pensou-se facilmente que a corsa havia sido colocada em seu lugar. Quanto aos companheiros de Diomedes, como não foram encontrados mais tarde, por que os maus anjos os extermínaram por ordem de Deus, acreditou-se que eles tinham sido transformados nos pássaros que os demônios tiveram a arte de substituir.

Agora, que esses pássaros irrigam com água o templo de Diomedes, que eles acariciam os gregos e dilaceram os estrangeiros, é um estratagema dos mesmos demônios, para enganar os simples e para obter para as pessoas mortas, que nem mesmo tiveram uma vida verdadeira, esses templos, esses altares, esses sacrifícios, esses sacerdotes, todo esse culto enfim, que não é devido ao Deus da vida e da verdade.

¹¹⁹² Éclogas, VIII, verso 70.

Capítulo XIX

Enéas foi à Itália no tempo em que Labdão era juiz dos Hebreus.

Após a ruína de Troia, Enéas aportou na Itália com vinte navios que levavam os restos dos Troianos. Latino era o rei dessa região, como Mnesteu o era dos Atenienses, Polípedes dos Siciônios, Tantanés dos Assírios. Labdão era juiz dos Hebreus.

Após a morte de Latino, Enéas reinou por três anos na Itália e todos os outros reis que mencionamos estavam vivos, com a exceção de Polípedes, rei dos Siciônios, a quem Pelasgos sucedeu. Sansão era juiz dos Hebreus, no lugar de Labdão e, como ele era extraordinariamente forte, era considerado um Hércules.

Como Enéas desapareceu após sua morte, os Latinos o consideraram um deus.

Os Sabinos consideraram também um deus Sanco ou Santo, seu primeiro rei.

Naquela mesma época, Codro, rei dos Atenienses, se fez matar voluntariamente pelos Peloponesianos e esse devotamento salvou seu país. Os Peloponesianos tinham recebido de seu oráculo a resposta de que venceriam os Atenienses se não matassem seu rei. Codro os enganou, trocando de roupa e lhes dizendo injúrias para que eles o ma-

tassem. Esta é a *Os insultos de Codro*, que Virgílio menciona em algum lugar¹¹⁹³. Os Atenienses honram este rei como uma divindade.

Sob o reinado de Sílvio, quarto rei dos Latinos e filho de Enéas (não de Creusa, da qual nasceu Ascânio, terceiro rei desses povos, mas de Lavínia, filha de Latino, que deu à luz Sílvio, após a morte de Enéas), sendo Oneo o vigésimo nono rei dos Assírios, Melanto o décimo sexto de Atenas e o grão-sacerdote Heli julgava o povo hebreu, estando a monarquia dos Siciônios extinta, após ter durado novecentos e cinquenta e nove anos.

Capítulo XX

Sucessão dos reis e dos juízes, após o tempo dos Juízes.

Foi por volta daquela época que, tendo terminado o governo dos judeus pelos Juízes, eles elegeram Saul seu primeiro rei, sob o qual viveu o profeta Samuel.

Os reis Latinos começaram a se chamar Silvianos, de Sílvio, filho de Enéas, como depois se chamaram Césares todos os imperadores romanos que sucederam Augusto.

Após a morte de Saul, que reinou quarenta anos, Davi foi o segundo rei dos judeus.

¹¹⁹³ Éclogas, Livro V, verso 11.

Depois da morte de Codro, os atenienses não tiveram mais reis e confiaram a magistrados o encargo de governar sua república.

A Davi, cujo reinado durou também quarenta anos, sucedeu seu filho Salomão, que construiu o famoso templo de Jerusalém. Em seu tempo, os Latinos fundaram Alba, que deu seu nome a seus reis.

Salomão deixou seu reino para seu filho Roboão, sob quem a Judéia foi dividida em dois reinos.

Capítulo XXI

Os reis do Lácio, sendo que o primeiro e o décimo segundo foram incluídos no panteão dos deuses.

Os Latinos tiveram, após Enéas, onze reis que eles não consideraram, como ele, deuses. Mas Aventino, que foi o décimo segundo, tendo morrido em um combate e sepultado no monte que leva seu nome ainda hoje, foi incluído no panteão dessas estranhas divindades.

Segundo outros historiadores, ele não teria morrido na batalha, mas não teria aparecido depois dela e não é dele que vem o nome do monte Aventino, mas dos pássaros que iam lá repousar¹¹⁹⁴.

Depois de Aventino, os Latinos só transformaram em deus Rômulo, fundador de Roma. Mas, entre estes dois reis, há outros,

¹¹⁹⁴ Pássaros, em latim *aves*, daí Aventino. Veja as diversas etimologias que fornece Varrão, *De lingua latina*, livro V, § 43.

sendo que o primeiro foi, nas palavras de Virgílio: *Procas, a glória da nação troiana*¹¹⁹⁵.

Foi sob o reinado deste, enquanto se dava nascimento a Roma, que a grande monarquia dos Assírios terminou sua longa carreira. Ela passou para os Medas, após ter durado mais de mil e trezentos anos, depois de ter sido iniciada por Belo, pai de Nino.

Amúlio sucedeu Procas. Dizem que Réa ou Ília, filha de seu irmão Númitor e mãe de Rômulo, que Amúlio tinha feito vestal, concebeu dois gêmeos do deus Marte. A prova que ele deu dessa paternidade divina, imaginada para a glória ou a desculpa da vestal, foi que, tendo sido as duas crianças abandonadas por ordem de Amúlio, uma loba as aleitou. A loba é consagrada ao deus Marte e alega-se que ela reconheceu os filhos de seu senhor. Mas não falta gente para sustentar que as duas crianças foram recolhidas por uma mulher pública (chamava-se essas mulheres de *mulheres lobas, lupae*, donde vem o termo luponar), que as aleitou e as colocou em seguida nas mãos de Fáustulo, um dos pastores do rei, que as colocou aos cuidados de sua mulher Acca.

Mas, quando é que Deus permitiria que animais selvagens alimentassem crianças que deveriam fundar um império tão grande,

¹¹⁹⁵ Eneida, livro VI, verso 767.

para fazer vergonha a um rei cruel que as tinha mandado jogar no rio? O que há de tão maravilho nisso?

Númitor, avô de Rômulo, sucedeu ao seu irmão Amúlio e Roma foi construída no primeiro ano de seu reinado. Assim, ele reinou conjuntamente com seu neto Rômulo.

Capítulo XXII

A fundação de Roma na época em que o império Assírio chegou ao fim e Ezequias era rei de Judá.

Para abreviar o máximo possível, direi que Roma foi construída como outra Babilônia ou como a filha da primeira e que Deus quis se servir dela para domar o mundo e reduzir todas as nações à unidade da mesma república e das mesmas leis.

Havia então povos poderosos e aguerridos, que não se submetiam facilmente e não podiam ser vencidos sem que isso custasse muito esforço e sangue aos vencedores.

De fato, quando os Assírios conquistaram quase toda a Ásia, os povos não eram nem tão numerosos e nem muito exercitados nas armas, de sorte que eles tiveram uma tarefa bem mais fácil.

Depois do grande dilúvio, do qual só se salvaram oito pessoas, até Nino, que se tornou senhor de toda a Ásia, só haviam se passado uns mil anos.

Mas Roma não venceu tão facilmente o extremo do Oriente até o Ocidente e tantas nações que vemos hoje em dia submetidas ao seu império, por que ela encontrou por todo lado inimigos poderosos e belicosos.

Quando então ela foi fundado, já faziam setecentos anos que os judeus dominavam a terra prometida, tendo Josué de Nun governado esse povo por vinte e sete anos, os Juízes por trezentos e vinte e nove anos e os Reis por outros trezentos e setenta anos. Achaz reinava então em Judá ou, segundo outros, seu sucessor Ezequias, príncipe excelente, em virtude e piedade, que viveu no tempo de Rômulo. Oséias detinha o cetro de Israel.

Capítulo XXIII

A sibila de Eritréia, a mais conhecida dentre todas as outras, por ter feito as profecias mais claras no tocante a Jesus Cristo.

Vários historiadores estimam que foi nessa época que apareceu a sibila de Eritréia. Sabe-se que houve várias sibilas, de acordo com Varrão. Esta fez, sobre Jesus Cristo, as previsões mais claras, que nós lemos inicialmente em versos de uma má latinidade e que mal se mantinha em seus próprios pés; obra de não sei qual tradutor canhestro, como soubemos depois.

Pois o pró-consul Flaciano¹¹⁹⁶, homem eminente pela extensão de seu saber e a facilidade de sua eloquência, nos mostrou, num dia em que conversávamos sobre Jesus Cristo, o exemplar grego que serviu para essa má tradução. Ele nos mostrou ao mesmo tempo uma passagem em que, reunindo as primeiras letras de cada verso, formam-se estas palavras: *Iesous Kreistos Theou Uios Soter (Ιησοῦς Χρειστὸς Θεοῦ υἱὸς Σωτήρ)*, ou seja, Jesus Cristo, filho de Deus, Salvador¹¹⁹⁷.

Eis o sentido desses versos, segundo outra tradução latina, melhor e mais precisa:

Às vésperas do julgamento, a terra se cobrirá com um suor gelado. O rei imortal virá do céu e aparecerá revestido de carne para julgar o mundo e então os bons e os maus verão o Deus onipotente acompanhado de seus santos. Ele julgará as almas assim revestidas com seus corpos e a terra não terá mais beleza e nem verdura. As pessoas assustadas deixarão ao abandono seus tesouros e o que ela tinham de mais precioso. O fogo queimaré a terra, o mar e o céu e abrirá as portas do inferno. Os bem-aventurados desfrutarão de uma luz pura e brilhante e os culpados serão presas das chamas eternas. Os crimes mais escondidos serão descobertos e as consciências pos-

¹¹⁹⁶ Santo Agostinho menciona esse Flaciano em seu livro *Contra os Acadêmicos*, livro II, cap. 18-21.

¹¹⁹⁷ Já se atribuía às sibilas esse versos em acrósticos no tempo de Cícero, que mostrou com uma precisão perfeita o quanto essa forma regular e trabalhada tem pouco caráter de inspiração. São os jogos mentais de uma pessoa de letras e não os acentos de uma alma em delírio. Ver *De divinatione*, livro II, cap. 54.

*tas a nu. Então haverá choros e ranger de dentes. A luz escurecerá, os céus serão sacudidos em seus pilares e as mais altas montanhas abatidas e igualadas aos vales. Não haverá mais nada de sublime e grande nas coisas humanas. Toda a máquina do universo será destruída e o fogo consumirá a água dos rios e das fontes. Então se ouvirá a trombeta e tudo como gritos e choros. A terra se abrirá até seus abismos. Os reis comparecerão todos diante do tribunal do soberano Juiz e os céus verterão um rio de fogo e de enxofre*¹¹⁹⁸.

Esta passagem comprehende, em grego, vinte e sete versos; número que é o cubo de três.

Acrescente-se a isto que, se juntarmos as primeiras letras das cinco palavras que nos disseram significar Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador, encontraremos *Ichtus*, que quer dizer, em grego, peixe, o nome místico do Salvador, por que só ele pôde permanecer vivo, ou seja, isento de pecado, no meio dos abismos de nossa mortalidade, semelhantes às profundezas do mar.

Que este poema, que eu transcrevi alguns versos, seja da sibila de Eritréa ou da de Cumes, pois não há acordo sobre isto, sempre é certo que ele não contém nada que favoreça o culto aos falsos deuses. Pelo contrário, ele fala em certos trechos muito fortemente contra

¹¹⁹⁸ O texto grego destes versos podem ser encontrados na última edição de Santo Agostinho, tomo VII, pag. 807.

eles e contra seus adoradores. Tanto que me parece que se pode colocar essa sibila incluída entre os membros da Cidade de Deus.

Lactâncio também incluiu em suas obras algumas previsões de uma sibila (sem dizer qual) no tocante a Jesus Cristo e esses testemunhos, que estão dispersos em diversos lugares de seu livro, me pareceram bons para serem incluídos aqui. Diz a sibila:

*Ele cairá nas mãos dos ímpios, que lhe darão bofetadas e cuspirão em seu rosto. Ele apresentará sem resistência suas costas para os golpes de chicote e se deixará apanhar sem dizer nada, para que ninguém saiba o Verbo que ele é e nem de onde ele vem, para falar aos infernos e ser coroado de espinhos. Os bárbaros, com toda hospitalidade, lhe darão fel para comer e vinagre para beber. Você não reconheceu seu Deus, nação insensata! Seu Deus, que se apresenta disfarçado à consciência humana. Você o corou com espinhos e alimentou com fel. O véu do templo se romperá e haverá grandes trevas em pleno dia, durante três horas. Ele morrerá e dormirá durante três dias. Depois, retornando à luz, ele mostrará aos eleitos as primícias da ressurreição*¹¹⁹⁹.

Estes são os textos sibilinos que Lactâncio relata em vários lugares de suas obras e que reunimos.

¹¹⁹⁹ Veja Lactâncio, *De Divinis Institutionibus*, livro IV, cap. 18 e 19.

Alguns autores asseguram que a sibila de Eritréia não viveu na época de Rômulo, mas durante a guerra de Tróia.

Capítulo XXIV

Os sete sábios floresceram sob o reinado de Rômulo, no tempo em que as dez tribos de Israel foram levadas cativas para a Caldeia.

Sob o reinado desse mesmo Rômulo viveu Tales de Mileto¹²⁰⁰, um dos sete sábios que sucederam os poetas teólogos e dentre os quais Orfeu ocupava o primeiro lugar. Eles foram chamados de *sofoi* (*σοφοί*), que significa *sábios*.

Por volta da mesma época, as dez tribos de Israel foram derrotadas pelos Caldeus e levadas cativas¹²⁰¹, enquanto que as duas outras que eram chamadas de Judá permaneceram pacificamente em Jerusalém, sua capital.

Tendo Rômulo desaparecido misteriosamente, os Romanos o incluíram no panteão dos deuses, o que não se fazia há muito tempo e só se fez posteriormente no tempo dos césares, como forma de bajulação.

¹²⁰⁰ Segundo Eusébio, Tales de Mileto é menos antigo em um século do que diz Santo Agostinho. Ele floresceu por volta de 600 anos antes de Cristo. Cf. *Chronic.*: PL 27, 355. 365 (1270-1377 de Abraão).

¹²⁰¹ Cf. 2 Reis 17: 6. *No ano nono do reinado de Oséias, o rei da Assíria apoderou-se de Samaria e deportou os israelitas para a Assíria, estabelecendo-os em Hala, às margens do Habor, rio de Gozan e nas cidades da Média.*

Cícero encontra motivos para traçar grandes louvores a Rômulo, por ter merecido esta honra não em tempos rudes e de ignorância, quando era fácil enganar as pessoas, mas numa época civilizada, já cheia de luzes, mesmo que a engenhosa e sutil loquacidade dos filósofos ainda não estivesse espalhada por todas as partes.

Mas, se as épocas seguintes não transformaram pessoas mortas em divindades, nem por isso se deixou de adorar as antigas divindades e até mesmo aumentar a superstição fabricando ídolos; um costume desconhecido na antiguidade.

Os demônios levaram os povos a representar nos teatros os supostos crimes dos deuses e a dedicar jogos em sua honra, para renovar assim as velhas fábulas, estando o mundo bastante civilizado para introduzir novas.

Numa sucedeu Rômulo e mesmo que ele tenha povoado Roma com uma infinidade de deuses, ele não teve a felicidade de ser incluído dentre eles após sua morte. Talvez por que se achasse que o céu já estava tão cheio que não havia lugar para ele. Dizem que a sibila de Samos viveu em seu tempo e no início do reinado de Manassés, rei dos judeus e que mandou matar cruelmente o profeta Isaías.

Capítulo XXV

Os filósofos que floresceram sob o reinado de Tarquínio Prisco entre os Romanos e Sedecias entre os Hebreus, quando Jerusalém foi conquistada e seu templo destruído.

Sob o reinado de Sedecias, rei dos judeus e de Tarquínio Prisco, rei dos Romanos, que sucedeu Anco Márcio, o povo judeu foi levado cativo para a Babilônia, após a ruína de Jerusalém e do templo de Salomão. Essa infelicidade havia sido prevista pelos Profetas e, particularmente, por Jeremias, que chegou até mesmo a dizer seu ano.

Pítaco de Mitilene, um dos sete sábios, vivia naquele tempo e Eusébio o acrescenta aos cinco outros, pois Tales já foi mencionado. São eles: Sólon de Atenas, Quílon da Lacedemônia, Periandro de Corinto, Cleóbulo de Lindos e Bias de Priene. Eles foram chamados de Sábios por que seu estilo de vida os colocava acima das pessoas comuns e por terem estabelecido alguns preceitos curtos e úteis para os costumes.

Fora isso, eles não deixaram outros escritos para a posteridade, exceto algumas leis que dizem que Sólon deu aos Atenienses.

Tales compôs alguns livros de física que contém sua doutrina.

Outros físicos¹²⁰² também surgiram naquele tempo, como Anaximandro, Anaxímenes e Xenofonte¹²⁰³.

Pitágoras floresceu também naquela época é foi ele o primeiro a ser chamado de filósofo¹²⁰⁴.

Capítulo XXVI

O fim do cativeiro na Babilônia e do reinado dos reis de Roma.

Naquele tempo, Ciro, rei da Pérsia, que governava também os Caldeus e os Assírios, relaxou um pouco a prisão dos judeus e enviou cinquenta mil deles para reconstruírem o templo.

Mas eles se limitaram a lançar as bases e erguerem um altar, por causa dos ataques contínuos dos inimigos; de sorte que a obra foi adiada até o reinado de Dario.

Foi então que aconteceu o que é relatado no Livro de Judite, que os judeus não consideram como um texto canônico.

Sob o reinado de Dario, rei dos Persas, tendo se passado os setenta anos previstos por Jeremias, a liberdade foi restabelecida aos judeus, enquanto os Romanos afastavam Tarquínio o Soberbo e se livravam da dominação de seus reis.

¹²⁰² Naquelas primeiras eras da ciência, físico e filósofo eram uma coisa só. A física tinha por objeto a *physis* toda, ou seja, o conjunto das coisas.

¹²⁰³ Xenofonte de Círo, líder da Escola Eleática, floresceu por volta de 550 AC.

¹²⁰⁴ Sobre estes filósofos, ver Livro VIII, cap. 2 e as notas, desta obra.

Até então, os judeus sempre tiveram profetas, mas, por causa de seu grande número, há poucos cujos escritos sejam considerados canônicos, tanto pelos judeus, como por nós. No fim do livro precedente eu prometi dizer alguma coisa sobre isso e é tempo de cumprir minha promessa.

Capítulo XXVII

Os profetas que surgiram entre os judeus no começo do império romano.

Para que possamos ver bem em que tempo eles viveram, retornemos um pouco.

O Livro de Oséias, que é o primeiro dos doze pequenos profetas, traz no início: *Palavra do Senhor dirigida a Oséias, filho de Beeri, no tempo de Ozias, de Joatã, (de Acaz e de Ezequias), reis de Judá, e no tempo de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel*¹²⁰⁵.

Amós¹²⁰⁶, da mesma forma, diz que ele profetizou sob Ozias e ele acrescenta sob Jeroboão, rei de Israel, que vivia por volta daquela época.

Isaías, filho de Amós, seja do profeta, seja de outro Amós, indica no começo de sua obra¹²⁰⁷ os quatro reis mencionados por Oséias.

¹²⁰⁵ Oséias 1: 1.

¹²⁰⁶ Cf. Amós 1: 1. *Oráculos de Amós, que foi um dos pastores de Técua. Revelações que recebeu acerca de Israel no tempo de Ozias, rei de Judá e de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do tremor de terra.*

as no começo da sua e declara, como ele, que profetizou sob seu reinado.

Miquéias registra também o tempo de sua profecia, após Ozias¹²⁰⁸, sob Joatão, Acaz e Ezequias. É preciso acrescentar a estes profetas Jonas e Joel, sendo que um profetizou sob Ozias e o outro sob Joatão, pelos menos na opinião dos cronologistas, pois eles mesmos não dizem nada.

Todo esse intervalo de tempo vai desde Proca, rei dos Latinos ou Aventino, seu predecessor, até Rômulo, rei dos Romanos ou mesmo te o começo do reinado de seu sucessor Numa Pompílio, pois a época de Ezequias se prolonga até lá. Foi então nesse intervalo de tempo que jorraram as fontes das profecias sobre o fim do império Assírio e o começo do Romano.

Como, de fato, foi no nascimento da monarquia dos Assírios que as promessas do Messias foram feitas a Abraão, elas deveriam ser renovadas a esses profetas no começo da monarquia romana, a Babilônia do Ocidente, sob o reinado da qual elas deveriam se realizar, com o advento de Jesus Cristo. Estas últimas profecias são mais claras do que as outras, já que não deviam servir somente para os judeus, mas também para os pagãos.

¹²⁰⁷ Cf. Isaías 1: 1. *Profecia de Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e Jerusalém, no tempo de Ozias, de Joatão, de Acaz e de Ezequias, rei de Judá.*

¹²⁰⁸ Cf. Miquéias 1: 1. *Oráculos do Senhor dirigidos a Miquéias de Moreset, no tempo de Joatão, de Acaz e de Ezequias, reis de Judá.*

Capítulo XXVIII

O chamado aos gentios, profetizado por Oséias e por Amós.

É verdade que Oséias é, algumas vezes, difícil de compreender em sua profundidade. Mas é preciso observar aqui alguma coisa para cumprir minha promessa.

O Apóstolo diz: *E no lugar mesmo em que lhes foi dito “Vós não sois meu povo”, ali serão chamados “Filhos do Deus vivo”*¹²⁰⁹. Até mesmo os apóstolos entenderam esta profecia como sendo o chamado aos gentios e, como os gentios também são espiritualmente filhos de Abraão e que, sob esta condição se tem razão em chamá-los de povo de Israel, o Profeta acrescenta: *Os filhos de Judá e de Israel se reunirão, constituirão para si um único chefe e transbordarão de seu território, porque será grande o dia de Jezrael*¹²¹⁰. Seria querer tirar força desta profecia, explicá-la mais.

Que se lembre somente da pedra angular e dos dois edifícios; um composto pelos judeus e o outro pelos gentios ¹²¹¹; este sob o no-

¹²⁰⁹ Romanos 9: 26, Oséias 1: 9 (*O Senhor disse: “Chama-o ‘Lo-Ami’ (a), por que já não sois meu povo e eu não sou vosso Deus”*) e Oséias 2: 1 (*Os filhos de Israel serão tão numerosos como a areia do mar, que não se pode medir nem contar. Em lugar de se lhes dizer “Lo-Ami”(a), serão chamados “Filhos do Deus vivo”*).

(a) *Lo-amí*, não são meu povo.

¹²¹⁰ Oséias 2: 2. Jezrael, Deus semeará.

¹²¹¹ Cf. Efésios 2: 14-16 (*Porque é ele a nossa paz, ele que de dois povos fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava, abolindo na própria carne a lei, os preceitos e as prescrições. Desse modo, ele queria fazer em si mesmo dos dois povos uma única humanidade nova pelo restabelecimento da paz e reconciliá-los ambos com Deus, reunidos num só corpo pela virtude da cruz, aniquilando nela a inimizade*) e Efésios 2: 19-22 (*Sois concidadões dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus. É nele*

me de Judá e aquele sob o nome de Israel; ambos se apoiando em um mesmo chefe e ambos se erguendo sobre a terra.

Com relação aos israelitas carnais, que não querem acreditar em Jesus Cristo, o mesmo profeta afirma que eles acreditarão um dia nele (entenda-se, não eles, mas seus filhos), quando diz: *Por muitos dias, os filhos de Israel ficarão sem rei e sem chefe, sem sacrifício nem monumento, sem “efod”¹²¹² e “terafim”^{1213 1214}.* Quem não vê que este é o estado em que estão agora os judeus?

Mas, escutemos o que ele acrescente em seguida: *Depois disso os filhos de Israel voltarão a buscar o Senhor, seu Deus e Davi, seu rei. Recorrerão comovidos ao Senhor à sua bondade no final dos tempos*¹²¹⁵. Não há nada de mais claro do que esta profecia, em que Jesus Cristo é representado por Davi, por que, como diz o Apóstolo: *Jesus Cristo, nosso Senhor, descendente de Davi quanto à carne*¹²¹⁶.

Este mesmo profeta predisse a ressurreição do Salvador no terceiro dia, mas de uma maneira misteriosa e profética, quando disse: *Vinde, voltemos ao Senhor, ele feriu-nos, ele nos curará; ele causou*

que todo edifício, harmonicamente disposto, se levanta até formar um templo santo no Senhor. É nele que também vós outros entrás conjuntamente, pelo Espírito, na estrutura do edifício que se torna a habitação de Deus).

¹²¹² *Efod:* espécie de casula de linho usada pelos sacerdotes, como símbolo de seu ofício sagrado.

¹²¹³ *Terafim:* ídolos usados em cultos domésticos.

¹²¹⁴ Oséias 3: 4.

¹²¹⁵ Oséias 3: 5.

¹²¹⁶ Romanos 1: 3.

*a ferida, ele a pensará. Dar-nos-á de novo a vida em dois dias; ao terceiro dia levantar-nos-á e viveremos em sua presença*¹²¹⁷.

Foi no mesmo sentido que o Apóstolo disse: *Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus*¹²¹⁸.

Eis também uma profecia de Amós sobre este tema. Ele diz: *Prepara-te, Israel, para sair ao encontro de teu Deus! Por que aquele que formou os montes e criou o vento, aquele que revela ao homem seus próprios pensamentos e que muda as trevas em aurora e que anda por cima das alturas da terra, o seu nome é o Senhor, o Deus dos exércitos!*¹²¹⁹ E, em outra passagem: *Naquele dia, levantarei a cabana arruinada de Davi, repararei as suas brechas, levantarei as suas ruínas e a reconstruirei como nos dias antigos, para que herdem o que resta de Edom e de todas as nações sobre as quais o meu nome foi invocado; oráculo do Senhor, que executará estas coisas*¹²²⁰.

¹²¹⁷ Oséias 6: 1 e 2.

¹²¹⁸ Colossenses 3: 1.

¹²¹⁹ Amós 4: 12 e 13.

¹²²⁰ Amós 9: 11 e 12.

Capítulo XXIX

Profecias de Isaías sobre Jesus Cristo e sua Igreja.

Isaías não está incluído entre os doze profetas menores, que assim são chamados por terem escrito pouca coisa, em comparação com os outros que são chamados de profetas maiores. Dentre estes está Isaías, que junto a Oséias e Amós, por terem vivido na mesma época.

Este profeta então, entre as instruções que deu ao povo e as ameaças que ele lhe faz por parte de Deus, previu muito mais coisas do que todos os outros, sobre Jesus Cristo e sua Igreja, ou seja, sobre o rei da glória e a cidade que ele construiu. Há quem diga que ele foi mais um evangelista do que um profeta.

Mas, para abreviar, só comentarei aqui algumas citações suas.

Uma é aquela em que ele diz, na pessoa do Deus Pai:

*Eis que meu Servo prosperará, crescerá, elevar-se-á, será exaltado. Assim como, à sua vista, muitos ficaram embaraçados tão desfigurado estava que havia perdido a aparência humana __ assim o admirarão muitos povos: os reis permanecerão mudos diante dele, por que verão o que nunca lhes tinha sido contado e observarão um prodígio inaudito*¹²²¹.

Eis o que diz este profeta sobre Jesus Cristo:

¹²²¹ Isaías 52: 13-15.

Quem poderia acreditar nisso que ouvimos? A quem foi revelado o braço do Senhor? Cresceu diante dele como um pobre rebenho enraizado numa terra árida; não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares e seu aspecto não podia seduzir-nos. Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele. Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades e carregou os nossos sofrimentos e nós o reputávamos como um castigado, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi castigado por nossos crimes e esmagado por nossas iniquidades. O castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, seguíamos cada qual nosso caminho. O Senhor fazia recair sobre ele o castigo das faltas de todos nós. Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador. (Ele não abriu a boca). Por um iníquo julgamento foi arrebatado. Quem pensou em defender sua causa, quando foi suprimido da terra dos vivos, morto pelo pecado de meu povo? Foi-lhe dada sepultura ao lado de facínoras e ao morrer achava-se entre malfeiteiros, se bem que não haja cometido injustiça alguma e em sua boca nunca tenha havido mentira. Mas aprouve ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento. Se ele oferecer sua vida em sacrifício expiatório, terá uma posteridade du-

*radoura, prolongará seus dias e a vontade do Senhor será por ele realizada. Após suportar em sua pessoa os tormentos, alegrar-se-á de conhecê-lo até o enlevo. O Justo, meu Servo, justificará muitos homens e tomará sobre si suas iniquidades. Eis por que lhe darei parte com os grandes e ele dividirá a presa com os poderosos, porque ele próprio deu sua vida e deixou-se colocar entre os criminosos, tomando sobre si os pecados de muitos homens e intercedendo pelos culpados*¹²²².

Citemos o que ele diz sobre a Igreja:

*Dê gritos de alegria, estéril, tu que não tens filhos! Entoe cânticos de júbilo, tu que não dás à luz, por que os filhos da desamparada serão mais numerosos do que os da mulher casada, declara o Senhor. Amplia o espaço da tua tenda, desdobra sem constrangimento as telas que te abrigam, alonga tuas cordas, consolida tuas estacas, pois deverás estender-te à direita e à esquerda. Teus descendentes vão invadir as nações, povoar as cidades desertas. Nada temas, não serás desapontada. Não te sintas perturbada, não terás do que te envergonhar, por que vais esquecer-te da vileza de tua mocidade. Já não te lembrarás do opróbrio de tua viuvez, pois teu esposo é o teu Criador: chama-se o Senhor dos exércitos. Teu Redentor é o Santo de Israel: chama- se o Deus de toda a terra*¹²²³.

¹²²² Isaías 53 1-12.

¹²²³ Isaías 54: 1-5.

Estas citações bastam e mesmo que haja algumas coisas nestas passagens que necessitam explicação, há outras que são tão claras que até nossos inimigos entendem, apesar de que eles não tentam.

Capítulo XXX

Profecias de Miquéias, Jonas e Joel sobre Jesus Cristo.

O profeta Miquéias, falando de Jesus Cristo na figura de uma alta montanha, diz isto:

*Acontecerá, no fim dos tempos, que a montanha da casa do Senhor será estabelecida no ápice das montanhas e será mais elevada que todos os outeiros. Os povos afluirão para ela, numerosas nações ali virão, dizendo: “Vinde, subamos à montanha do Senhor, à casa do Deus de Jacó. Ele nos ensinará os seus caminhos e andaremos por suas veredas”. Porque de Sião sairá a doutrina e de Jerusalém a palavra do Senhor. Ele será árbitro de numerosas nações e juiz de povos longínquos e poderosos*¹²²⁴.

O mesmo profeta diz sobre o lugar de nascimento do Salvador:

Mas tu, Belém-Efrata, tão pequena entre os clãs de Judá, é de ti que sairá para mim aquele que é chamado a governar Israel. Suas origens remontam aos tempos antigos, aos dias do longínquo passado. Por isso, (Deus) os deixará, até o tempo em que der à luz aquela

¹²²⁴ Miquéias 4: 1-3.

*que há de dar à luz. Então o resto de seus irmãos voltará para junto dos filhos de Israel. Ele se levantará para (os) apascentar, com o poder do Senhor, com a majestade do nome do Senhor, seu Deus. Os seus viverão em segurança, porque ele será exaltado até os confins da terra*¹²²⁵.

O profeta Jonas não anunciou seu Salvador com seus discursos, mas por uma espécie de paixão que o arrebatou. Por que ele teria sido engolido por uma baleia e expelido no terceiro dia, se não foi para significar a ressurreição de Jesus Cristo?¹²²⁶

Com relação a Joel, seria preciso iniciar um longo discurso para explicar todas as profecias que ele fez sobre Jesus Cristo e a Igreja. No entanto, citarei apenas uma passagem que os próprios Apóstolos apresentaram, quando o Espírito Santo desceu sobre eles, segundo a promessa de Jesus Cristo.

Ela diz:

Mas cumpre-se o que foi dito pelo profeta Joel: Acontecerá nos últimos dias - é Deus quem fala -, que derramarei do meu Espírito sobre todo ser vivo e profetizarão os vossos filhos e as vossas filhas. Os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos sonharão. Sobre

¹²²⁵ Miqueias 5: 1-3.

¹²²⁶ Cf. Mateus 12: 39-41. Esta geração adúltera e perversa pede um sinal, mas não lhe será dado outro sinal do que aquele do profeta Jonas: do mesmo modo que Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe, assim o Filho do Homem ficará três dias e três noites no seio da terra. No dia do juízo, os ninivitas se levantarão com esta raça e a condenarão, porque fizeram penitência à voz de Jonas. Ora, aqui está quem é mais do que Jonas.

*os meus servos e sobre as minhas servas derramarei naqueles dias do meu Espírito e profetizarão.*¹²²⁷

Capítulo XXXI

A salvação do mundo por Jesus Cristo, profetizada por Abdias, Naum e Habacuc.

Três dos profetas menores — Abdias, Naum e Habacuc — não revelam nada sobre o tempo em que profetizaram e não se encontra nada nas cronologias de Eusébio e Jerônimo.

É verdade que eles ligam Abdias a Miquéias, mas penso que isso é um erro de copista, pois eles colocam Abdias sob Josafá e é certo que Miquéias surgiu muito tempo depois.

Com relação aos outros dois, não os encontramos mencionados em nenhuma cronologia. No entanto, como eles são considerados canônicos, não podemos omiti-los.

Abdias, o mais curto de todos os Profetas, fala contra os Idumeus, ou seja, contra Esaú, o primogênito dos filhos de Isaac, que foi reprovado. Se tomarmos Idumeus como se referindo a todas as nações, tomando a parte pelo todo, como é muito comum na linguagem, podemos muito bem aplicar a Jesus Cristo o que ele diz, entre outras coisas: *Sobre o monte Sião estarão os sobreviventes*¹²²⁸. E, um

¹²²⁷ Atos 2: 16-18.

¹²²⁸ Abdias 1: 17.

pouco depois: *Subirão, vitoriosos, o monte Sião para julgarem a montanha de Esaú e ao Senhor pertencerá a realeza*¹²²⁹.

É evidente que isto se realizou, quando os vitoriosos da montanha de Sião, ou seja, os fiéis da Judéia e sobretudo os Apóstolos, se ergueram para defender de Esaú a montanha. Como eles a defendaram, se não foi pela pregação do Evangelho, salvando aqueles que acreditaram e os tirando do poder das trevas, para passá-los para o reino de Deus? Isto é o que dizem as palavras finais da profecia: *e ao Senhor pertencerá a realeza.*

De fato, a montanha de Sião significa a Judéia onde começaria a salvação e apareceria a santidade, que é Jesus Cristo e a montanha de Esaú é a Idumeia, figura da igreja dos gentios, que aqueles resgatados da montanha de Sião defenderam, como acabo de dizer, para fazer reinar o Senhor. Isto estava obscuro antes de se realizar, mas quem não o comprehende depois do evento?

Com relação ao profeta Naum, eis como ele fala, ou melhor, como Deus fala através dele:

Quanto a ti, eis o que ordenou o Senhor: *Farei desaparecer do templo de teus deuses as imagens esculpidas e as imagens fundidas. Vou preparar teu sepulcro, por que és pouca coisa*¹²³⁰. E, em seguida: *Eis que vem sobre as montanhas um mensageiro de boa nova,*

¹²²⁹ Abdias 1: 21.

¹²³⁰ Naum 1: 14.

*alguém que anuncia a felicidade. Celebra as tuas festas, ó Judá,
cumpra teus votos!*¹²³¹

Quem subiu dos infernos e soprou o Espírito Santo na face de Judá, ou seja, dos judeus seus discípulos? Eu pergunto a todo aquele que leu o Evangelho. Aqueles cujas festas se renovam, de tal sorte que não podem mais envelhecer, pertencem ao Novo Testamento. Por fim, não vemos os ídolos dos falsos deuses destruídos pelo Evangelho e como que sepultados no esquecimento? Não reconhecemos também esta profecia realizada sobre este ponto?

Quanto a Habacuc, de que outro evento poderia ele estar falando, quando diz: *E o Senhor respondeu-me assim: “Escreva esta visão, grave-a em tabuinhas, para que ela possa ser lida facilmente; por que há ainda uma visão para um termo fixado, ela se aproxima rapidamente de seu termo e não falhará. Mas, se tardar, espera-a, por que ela se realizará com toda a certeza e não falhará”*¹²³².

Capítulo XXXII

Profecias do Cântico de Habacuc.

E, em sua prece, ou seu cântico, a quem mais se não é ao Salvador que ele diz: *Senhor, eu ouvi a vossa mensagem e enchi-me de*

¹²³¹ Naum 2: 1.

¹²³² Habacuc 2: 2 e 3.

*temor diante de vossa obra*¹²³³? O que é isto, se não é uma surpresa extraordinária diante da visão da salvação humana que Deus lhe mostrou.

“Serás reconhecido no meio de dois animais”. O que significam estes dois animais? São os dois testamentos ou os dois ladrões ou ainda Moisés e Elias, que falaram com Jesus na montanha onde ele se transfigurou.

“Serás conhecido na sucessão do tempo”. Isto está muito claro para precisar uma explicação.

*Em vossa ira, lembrai-vos da misericórdia!*¹²³⁴ Ele diz aqui na pessoa dos judeus, por que, no tempo em que eles o crucificaram, tomados pela fúria, Jesus, lembrando-se de sua misericórdia, disse: *Pai, perdoa-lhes, por que não sabem o que fazem*¹²³⁵.

Deus vem de Temã, o Santo vem do monte “coberto por uma sombra espessa”¹²³⁶. Alguns, em lugar de Temã, traduzem por *do sul*, no sentido do vento que vem do sul e que traz o calor. Isto reflete o ardor da caridade e o brilho da verdade.

A montanha coberta por uma sombra espessa pode ser explicada de diferentes maneiras, mas me parece melhor entendê-la como se referindo à profundidade das Escrituras que contém as profecias de

¹²³³ Habacuc 3: 2.

¹²³⁴ Habacuc 3: 2.

¹²³⁵ Lucas 23: 34.

¹²³⁶ Habacuc 3: 3. *Deus a Theman veniet et Sanctus de monte Pharan.*

Jesus Cristo. Encontra-se ali, de fato, muitas coisas obscuras e ocultas que estimulam aqueles que querem penetrá-las. Jesus Cristo sai dessas trevas, quando aquele que o procura sabe encontrá-lo.

*Seu esplendor é deslumbrante como a luz. Das suas mãos brotam raios. Ali está o véu de seu poder*¹²³⁷. Foi o que o Salmista disse em outro lugar: *Elevai-vos, ó Deus, no mais alto dos céus e sobre toda a terra brilhe a vossa glória*¹²³⁸. Ou seja, o ruído de seu nome fará abrir os olhos dos fiéis.

“Ele terá cornos em suas mãos”. É o troféu da cruz.

“Ele pôs sua força na caridade”. Isto não precisa de explicação.

“A palavra caminhará diante dele e o seguirá”. Ou seja, ele foi profetizado antes que viesse e anunciado depois que se foi.

“Ele parou e a terra tremeu”. Ele parou para nos socorrer e a terra foi levada a acreditar nele.

“Ele voltou seus olhos para as nações e elas secaram”. Entendendo-se que ele teve piedade delas e elas foram tocadas pelo arrependimento.

“As montanhas foram reduzidas a pó com um grande esforço”. Ou seja, o orgulho dos soberbos cedeu à força dos milagres.

“As colinas eternas se abaixaram”. Elas foram humilhadas por um tempo, para serem erguidas para a eternidade.

¹²³⁷ Habacuc 3: 4.

¹²³⁸ Salmo 56: 6.

“Eu vi essas entradas eternas e triunfantes; prêmio de seus trabalhos”. Ou seja, “Eu reconheci que os trabalhos da caridade recebem uma recompensa eterna”.

“Os Etíopes e os Madianitas ficarão cheios de espanto”. Os povos surpresos com tantas maravilhas são aqueles mesmos que, não estando sob o império romano, ficarão sob o império de Jesus Cristo.

“Vós se colocais em cólera, Senhor, contra os rios e descarregais vossa fúria sobre o mar?” É que ele não vem agora para julgar o mundo, mas para salvá-lo.

“Vós montais sobre vossos cavalos e vossas corridas produzirão a salvação”. Ou seja, “Vossos evangelistas levam a vós e vós os conduzis e vosso Evangelho propicia a salvação daqueles que acreditam em vós”.

“Vós apontareis vosso arco contra os cetros, diz o Senhor”. Entenda-se que ele ameaçará com seu julgamento os próprios reis da terra.

“A terra se abrirá para receber os rios em seu seio”. Isto significa que os corações humanos, para os quais se diz: *Rasgai vossos corações e não vossas vestes*¹²³⁹, se abrirão para receber as palavras das pregações e confessar o nome de Jesus Cristo.

¹²³⁹Joel 2: 13.

“Os povos verão a vós e se afligirão”. Ou seja, eles chorarão para serem bem-aventurados¹²⁴⁰.

“Ao caminhar, vós fareis jorrar água em todas as partes”. Quer dizer: “Vós espalhais por todos os lados torrentes de doutrina, ao caminhar com seus pregadores”.

“Uma voz saiu do fundo do abismo”. Ou seja, “o coração humano, que é um abismo, não pôde reter o que pensava de vós e expressou toda sua glória por toda parte”.

“A profundezade de sua imaginação”. Isto é uma explicação do que foi dito antes, pois essa profundezade é um abismo. Quando ele acrescenta *de sua imaginação*, é preciso subentender *fez ressoar sua voz*, ou seja, tornou público o que ela via. De fato, a imaginação é uma visão que o coração não pôde esconder e nem reter, mas que proclamou a glória de Deus.

“O sol se ergueu e a luz manteve-se em seu lugar”. Jesus Cristo subiu ao céu e a Igreja foi ordenada sob seu reinado.

“Vós lançareis vossas flechas em pleno dia”, por que vossas palavras serão pregadas publicamente. “E elas brilharão com o reflexo de vossas armas”. Ele havia dito aos seus discípulos: *O que vos digo na escuridão, dizei-o às claras*¹²⁴¹.

¹²⁴⁰ Cf. Mateus 5: 5. *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!*

¹²⁴¹ Mateus 10: 27.

“Vossas ameaças abaixarão a terra”. Ou seja, humilharão as pessoas.

“Vós abatereis as nações com vossa fúria”. Por que “Vós dominareis os soberbos e fareis cair vossa vingança sobre suas cabeças”.

“Vós saístes com a intenção de salvar vosso povo, para salvar vossos ungidos e vós haveis dado os ímpios como presas à morte”. Isto é claro.

“Vós os colocastes em correntes”. Por estas correntes, podemos também entender os felizes laços da sabedoria.

“Vós colocastes entraves aos seus pés e uma coleira em seus pescoços. Vós as haveis rompido com espanto”. É preciso subentender *as correntes*. A mesma forma como ele prendeu aqueles que são bons, ele quebrou os maus. Daí vem estas palavras do Salmo: *Quebrastes os meus grilhões*¹²⁴². “Com espanto”, ou seja, com admiração de todos aqueles que foram testemunhas dessa maravilha.

“Os maiores serão tocados. Eles ficarão esfomeados como um pobre que come em segredo”. Alguns dos principais entre os judeus, tocados pelas palavras e os milagres do Salvador, vinham encontrá-lo e, pressionados pela fome, comiam o pão de sua doutrina, mas em segredo, por que temiam o povo, como observa o Evangelho¹²⁴³.

¹²⁴² Salmo 115: 7.

¹²⁴³ Cf. João 19: 38. *José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, mas ocultamente, por medo dos judeus, rogou a Pilatos a autorização para tirar o corpo de Jesus.*

“Colocastes vossos cavalos no mar e perturbastes suas águas”.

Ou seja, os povos. Uns não se converteriam por medo e os outros não perseguiam com fúria, se todos não fossem perturbados.

“Contemplei essas coisas e minhas entradas ficaram comovidas. O pavor penetrou até meus ossos e todo meu ser interior ficou perturbado com isso”. Refletindo sobre o que ele disse, ele mesmo ficou apavorado. Ele previu esse tumulto dos povos, seguido de grandes perseguições contra a Igreja e logo, reconhecendo-se membro dela, disse: “Repousarei no tempo da aflição”, como sendo um daqueles que, segundo as palavras do Apóstolo¹²⁴⁴, se regozijam na esperança e sofrem constantemente na aflição.

“Para encontrar o povo que foi estrangeiro aqui embaixo, como eu”. Afastando-se do povo mau que estava unido a ele pela carne, mas que, não sendo estrangeiro neste mundo, não buscava a pátria celeste.

“Pois a figueira não se carregará com frutos e nem a vinha com cachos. As oliveiras frustrarão a espera do trabalhador e o campo não produzirá nada. As ovelhas morrerão por falta de pastagem e não haverá mais gado nos estabulos”. Ele via que essa nação, que levaria à morte Jesus Cristo, perderia os bens espirituais que ele profeticamente figurou pelos temporais e, por que a cólera do céu caiu sobre

¹²⁴⁴ Cf. Romanos 12: 12. *Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração.*

esse povo, por causa da ignorância da justiça de Deus¹²⁴⁵, ele quis estabelecer a sua no lugar e logo acrescentou: “Mas eu, eu me rejubilarei, Senhor. Eu me rejubilaria em meu Senhor e meu Deus. O Senhor meu Deus é minha força. Ele firmará meus passos até o fim. Ele me erguerá nas alturas, para que eu triunfe com seu cântico”. Ou seja, pelo Cântico em que o Salmista diz alguma coisa de parecido, nestes termos: *Tirou-me de uma fossa mortal, de um charco de lodo. Assentou-me os pés numa rocha, firmou os meus passos. Pôs-me nos lábios um novo cântico, um hino à glória de nosso Deus*¹²⁴⁶.

Este então triunfa através do cântico do Senhor e se compraz em ouvir os louvores de Deus e não os seus, *para que, como está escrito: quem se gloria, glorie-se no Senhor*¹²⁴⁷.

Por fim, alguns exemplares trazem: “Eu me regozijarei em Deus meu Jesus”, o que me parece melhor do que “em Deus meu Salvador”, por que Jesus é um nome cheio de docura e de confiança.

¹²⁴⁵ Romanos 10: 3.

¹²⁴⁶ Salmo 39: 3 e 4.

¹²⁴⁷ 1 Coríntios 1: 31 e Jeremias 9: 23 (*Aquele, porém, que se quiser vangloriar, glorie-se de possuir inteligência e de saber que eu, seu Senhor, exerço a bondade, o direito e a justiça sobre a terra, pois nisso encontro o meu agrado*).

Capítulo XXXIII

Profecias de Jeremias e de Sofonias, referentes a Jesus Cristo e o chamado aos gentios.

Jeremias é um dos profetas maiores, como Isaías. Ele profetizou no tempo de Josias, rei de Jerusalém e no tempo de Anco Márcio, rei dos romanos. Estando próximo o cativeiro dos judeus, sua profecia foi até o quinto mês dele, como ele mesmo diz¹²⁴⁸.

Junta-se a ele Sofonias, um dos profetas menores, por que profetizou também no tempo de Josias, como ele mesmo informa, mas sem dizer por quanto tempo¹²⁴⁹.

Jeremias profetizou não apenas no tempo de Anco Márcio, mas também no tempo de Tarquínio o Velho, quinto rei de Roma, que já o era quando os judeus foram levados cativos.

Jeremias diz então sobre Jesus Cristo: *O sopro de nossa vida o ungido do Senhor, caiu em suas ciladas*¹²⁵⁰, marcando assim, em poucas palavras, que Jesus Cristo é nosso Senhor e que sofreu por nós.

E, em outro lugar: *É ele o nosso Deus, com ele nenhum outro se compara. Conhece a fundo os caminhos que conduzem à sabedoria*.

¹²⁴⁸ Cf. Jeremias 1: 2 e 3 (*A palavra do Senhor foi-lhe dirigida no tempo de Josias, filho de Amon, rei de Judá, no décimo terceiro ano de seu reinado. Foi-lhe ainda dirigida no tempo de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, até o fim do décimo primeiro ano do reinado de Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, até a deportação dos habitantes de Jerusalém, no quinto mês*) e Eusébio, *Chronic.*, Cap. 27, 367.

¹²⁴⁹ Cf. Sofonias 1: 1. *Oráculos do Senhor dirigidos a Sofonias, filho de Cusi, filho de Godolias, filho de Amarias, filho de Ezequias, no tempo de Josias, filho de Amon, rei de Judá.*

¹²⁵⁰ Lamentações 4: 20.

*ria, galardoando com ela Jacó, seu servo e Israel, seu favorecido. Foi então que ela apareceu sobre a terra, onde permanece entre os homens*¹²⁵¹. Alguns não atribuem este testemunho a Jeremias, mas a Baruc, seu escriba, embora, costumeiramente, seja atribuído ao primeiro.

O mesmo profeta, falando ainda do Messias, diz: *Dias virão __ oráculo do Senhor __ em que farei brotar de Davi um rebento justo que será rei e governará com sabedoria e exercerá na terra o direito e a equidade. Sob seu reinado será salvo Judá e viverá Israel em segurança. E eis o nome com que será chamado: Javé-nossa-justiça!*¹²⁵²

Eis como ele fala do chamado aos gentios, que deveria acontecia e que vemos agora realizado: *Senhor, minha força e amparo, refúgio no dia da desgraça, virão nações dos confins do mundo, exclamando: o que nossos pais receberam em partilha não passa de um nada; vaidades que para nada poderão servir*¹²⁵³.

E, como os judeus não o reconheceriam e o matariam, o mesmo profeta fala dele assim: *Nada mais ardiloso e irremediavelmente mau que o coração. Quem o poderá compreender?*¹²⁵⁴

¹²⁵¹ Baruc 3: 36-38.

¹²⁵² Jeremias 23: 5 e 6.

¹²⁵³ Jeremias 16: 19.

¹²⁵⁴ Jeremias 17: 9.

Eis, por fim, uma última passagem de Jeremias, que eu citei no décimo sétimo livro, me referindo ao Novo Testamento, em que Jesus Cristo é o Mediador: *Dias hão de vir __ oráculo do Senhor __ em que firmarei nova aliança com as casas de Israel e de Judá. Eis a aliança que, então, farei com a casa de Israel __ oráculo do Senhor: Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em seu coração. Serei o seu Deus e Israel será o meu povo*¹²⁵⁵.

De Sofonias, que profetizou ao mesmo tempo que Jeremias, quero citar pelo menos alguns testemunhos sobre Jesus Cristo. Eis então como ele fala: *Por isso, esperai-me __ oráculo do Senhor __ até o dia em que me levantarei como testemunha, porque resolvi congregar as nações e reunir os reinos*¹²⁵⁶. E também: *O Senhor lhes será um objeto de terror, porque aniquilará todos os deuses da terra e virão prostrar-se diante dele __ cada um na sua terra __ todos os habitantes das ilhas das nações*¹²⁵⁷. E, um pouco depois: *Então darei aos povos lábios puros, para que invoquem todos o nome do Senhor e o sirvam num mesmo espírito de zelo. De além dos rios da Etiópia virão os meus adoradores, meus filhos dispersos, trazer-me a sua oferta. Naquele dia, não serás mais confundida por causa de todos os pecados que cometeste contra mim, porque então tirarei do meio de ti teus fanfarrões arrogantes. Não te orgulharás mais no meu san-*

¹²⁵⁵ Jeremias 31: 31 e 33.

¹²⁵⁶ Sofonias 3: 8.

¹²⁵⁷ Sofonias 2: 11.

*to monte. Deixarei subsistir no meio de ti um povo humilde e modesto, que porá sua confiança no nome do Senhor. Os que restarem de Israel se absterão do mal e não proferirão a mentira. Não se achará mais em sua boca língua enganosa, por que serão apascentados e repousarão, sem haver quem os inquiete*¹²⁵⁸.

É desse resto que o Apóstolo fala, citando outro Profeta¹²⁵⁹: *Ainda que o número de filhos de Israel fosse como a areia do mar, só um resto será salvo*¹²⁶⁰, pois a outra parte acreditou no Messias.

Capítulo XXXIV

Profecias de Daniel e de Ezequiel sobre o mesmo tema.

Daniel e Ezequiel, dois dos profetas maiores, profetizaram durante o cativeiro na Babilônia e o primeiro chegou até a dizer quanto tempo se passaria até o advento e a paixão do Salvador. Esta especulação seria longa e outros já a fizeram antes de nós. Mas, eis como ele fala do poder e da glória do Messias: *Olhando sempre a visão noturna, vi um ser, semelhante ao filho do homem, vir sobre as nuvens do céu. Dirigi-se para o lado do ancião, diante de quem foi conduzido. A ele foram dados império, glória e realeza e todos os povos, todas as nações e os povos de todas as línguas serviram-no.*

¹²⁵⁸ Sofonias 3: 9-13.

¹²⁵⁹ Cf. Isaías 10: 22. *Ainda que teu povo fosse inumerável como a areia do mar, dele só voltará um resto.*

¹²⁶⁰ Romanos 9: 27 e 28.

*Seu domínio será eterno; nunca cessará e o seu reino jamais será destruído*¹²⁶¹.

Ezequiel, da mesma forma, representando Jesus Cristo por Davi, por que foi por causa de Davi que Jesus Cristo tomou a natureza carnal, a forma de escravo que ele assumiu ao viu a este mundo, donde vem que, mesmo sendo Filho de Deus, ele é chamado de escravo de Deus; Ezequiel, eu dizia, fala dele assim, em nome de Deus Pai: *Para pastoreá-las suscitarei um só pastor, meu servo Davi. Será ele quem as conduzirá à pastagem e lhes servirá de pastor. Eu, o Senhor, serei seu Deus, enquanto o meu servo Davi será um príncipe no meio delas. Sou eu, o Senhor, que o declaro*¹²⁶².

E, em outra passagem: *Farei com que, em sua terra, sobre as montanhas de Israel, não formem mais do que uma só nação, que não possuam mais do que um rei. Não mais existirá a divisão em dois povos e em dois reinos. Não mais se mancharão com seus ídolos nem cometeterão infames abominações. Libertá-los-ei de todas as transgressões de que se tornaram culpados e purificá-los-ei. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus. Meu servo Davi será o seu rei. Não terão todos senão um só pastor. Obedecerão aos meus mandamentos, observarão as minhas leis e as porão em prática*¹²⁶³.

¹²⁶¹ Daniel 7: 13 e 14.

¹²⁶² Ezequiel 34: 23 e 24.

¹²⁶³ Ezequiel 37: 22-24.

Capítulo XXXV

Profecias de Ageu, de Zacarias e de Malaquias, sobre Jesus Cristo.

Restam três profetas menores que profetizaram sobre o fim do cativeiro na Babilônia: Ageu, Zacarias e Malaquias.

Ageu previu, em poucas palavras, Jesus Cristo e a Igreja, nestes termos: *Ainda um pouco de tempo e abalarei céu e terra, mares e continentes. Sacudirei todas as nações*¹²⁶⁴ “e aquele que é desejado por todos os povos virá”. Esta profecia já se realizou em parte e o resto acontecerá no fim do mundo. Deus abalou o céu, quando Jesus Cristo se encarnou, pelo testemunho que os astros e os anjos prestam à sua encarnação. Ele abalou a terra, com o grande milagre de uma virgem dando a luz. Ele abalou os mares e o continente, quando o Salvador foi anunciado nas ilhas e por todo o mundo. Assim, vemos que todas as nações foram abaladas e levadas a abraçar a fé. O que se segue: “e aquele que é desejado por todos os povos virá”, deve ser entendido como o último advento, pois, antes que se deseje que ele venha, é preciso amá-lo e acreditar nele.

Zacarias fala assim de Jesus Cristo e da Igreja: *Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém. Eis que vem a ti o teu rei, justo e vitorioso. Ele é simples e vem montado num*

¹²⁶⁴ Ageu 2: 6 e 7.

*jumento; no potro de uma jumenta*¹²⁶⁵. *Seu império estender-se-á de um mar ao outro, desde o rio até as extremidades da terra*¹²⁶⁶.

O Evangelho nos mostra, de fato, em que ocasião Nossa Senhor se serviu dessa montaria¹²⁶⁷ e até mesmo menciona esta profecia. Um pouco depois, falando da remissão dos pecados que Jesus Cristo faria com seu sangue, ele diz: *Quanto a ti, por causa de tua aliança de sangue, libertarei os teus cativos da fossa sem água*¹²⁶⁸.

Pode-se explicar de diversas maneiras essa fossa sem água. Mas, eu penso que se deve entendê-la como sendo a miséria humana, que é como uma cisterna seca e estéril, onde as águas da justiça não correm jamais e que está cheia da lama e do lodo do pecado. É dessa cisterna que o Salmista fala, quando diz: *Esperei no Senhor com toda a confiança. Ele se inclinou para mim e ouviu meus brados. Tirou-me de uma fossa mortal, de um charco de lodo, assentou-me os pés numa rocha e firmou os meus passos*¹²⁶⁹.

Malaquias, anunciando a Igreja que vemos florescer através de Jesus Cristo, diz claramente aos judeus, na pessoa de Deus: *Não acendereis mais inutilmente o fogo no meu altar. Não tenho nenhuma complacência convosco — diz o Senhor dos exércitos — e nenhuma*

¹²⁶⁵ Zacarias 9: 9.

¹²⁶⁶ Zacarias 9: 10.

¹²⁶⁷ João 12: 14 e 15. *Tendo Jesus encontrado um jumentinho, montou nele, segundo o que está escrito: “Não temas, filha de Sião, eis que vem o teu rei montado num filho de jumento”.*

¹²⁶⁸ Zacarias 9: 11.

¹²⁶⁹ Salmo 39: 2 e 3.

*oferta de vossas mãos me é agradável. Porque, do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações e em todo lugar se oferecem ao meu nome o incenso, sacrifícios e oblações puras. Sim, grande é o meu nome entre as nações, diz o Senhor dos exércitos*¹²⁷⁰.

Este sacrifício é aquele do sacerdócio de Jesus Cristo segundo a ordem de Melquisedec, que vemos ser oferecido desde o sol nascente até o poente, enquanto que não se pode negar que, quanto ao sacrifício dos judeus, Deus diz: *Não tenho nenhuma complacência convosco. Nenhuma oferta de vossas mãos me é agradável;* ou seja, foi abolido.

Por que então eles ainda esperam outro Cristo, já que esta profecia, que eles veem realizada, só pôde se realizar através dele?

Um pouco depois, este mesmo profeta, falando ainda na pessoa de Deus, diz do Salvador: *A minha aliança com Levi foi um pacto de vida e prosperidade e também de temor, a fim de que ele temesse o meu nome e ele teve reverência por meu nome. Sua boca ensinou a verdade e não se encontrou perversidade nos seus lábios. Andou comigo na paz e na retidão e afastou do mal grande número de homens. Porque os lábios do sacerdote guardam a ciência e é de sua boca que se espera a doutrina, pois ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos*¹²⁷¹.

¹²⁷⁰ Malaquias 1: 10 e 11

¹²⁷¹ Malaquias 2: 5-7.

Não é de se espantar que Jesus seja chamado de mensageiro de Deus. Da mesma forma como ele é escravo, por causa da forma de escravo que ele assumiu ao vir até a humanidade, ele é também mensageiro, por causa do Evangelho que ele anunciou. Evangelho em grego significa *boa nova* e anjo, *mensageiro*.

O mesmo profeta ainda diz dele: *Vou mandar o meu mensageiro para preparar o meu caminho. E imediatamente virá ao seu templo o Senhor que buscais, o anjo da aliança que desejais. Ei-lo que vem - diz o Senhor dos exércitos. Quem estará seguro no dia de sua vinda? Quem poderá resistir quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do fundidor, como a lixívia dos lavadeiros*¹²⁷².

Encontra-se previsto nesta citação o primeiro e o segundo adventos de Jesus Cristo. Seu primeiro advento quando diz: *imediatamente virá ao seu templo o Senhor que buscais*, ou seja, em sua carne, como é dito no Evangelho: *Destruí vós este templo e eu o reerguerei em três dias*¹²⁷³. O segundo é dito nestes termos: *Ei-lo que vem - diz o Senhor dos exércitos. Quem estará seguro no dia de sua vinda? Quem poderá resistir quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do fundidor, como a lixívia dos lavadeiros.*

As palavras: *o Senhor que buscais, o anjo da aliança que desejaais*, significam que os próprios judeus buscam o Cristo nas Escritu-

¹²⁷² Malaquias 3: 1 e 2.

¹²⁷³ João 3: 19.

ras e desejam encontrá-lo nela. Mas, muitos deles, cegos por seus pecados, não veem que aquele que eles procuram e desejam já veio.

Com relação à aliança, entende-se a nova, que contém promessas eternas e não a antiga, que só tem as temporais. Mas essas promessas temporais não deixam de perturbar muito as pessoas fracas, que se prendem a elas e que, vendo os ímpios cumulados desses bens, só servem a Deus para obtê-los.

Foi por isso que o mesmo profeta, para distinguir a beatitude eterna do Novo Testamento, que só será concedida aos bons, da felicidade temporal do Antigo, que geralmente é comum aos bons e aos maus, diz o seguinte: *Tendes proferido palavras violentas contra mim, diz o Senhor. E perguntais: “O que é que dissemos contra vós?” Dissestes: “É trabalho perdido servir a Deus. Que ganhamos com a obediência às suas ordens e com as procissões de luto diante do Senhor dos exércitos? Agora, temos por ditosos os arrogantes e prosperam os que cometem a iniquidade. Ousam até tentar a Deus e escapam ao castigo”. Assim falavam os que temem o Senhor. Mas o Senhor ouviu atento. Diante dele foi escrito o livro que conserva a memória daqueles que temem o Senhor e respeitam o seu nome*¹²⁷⁴.

Este livro é o Novo Testamento. Mas, escutemos o que se segue: *Eles serão para mim um bem particular* __ diz o Senhor dos

¹²⁷⁴ Malaquias 3: 13-16.

exércitos __ no dia em que eu agir; tratá-los-ei benignamente como um pai trata com indulgência o filho que o serve. E vereis de novo que há uma diferença entre justo e ímpio, entre quem serve a Deus e quem não o serve. Porque eis que vem o dia, ardente como uma fornalha. E todos os soberbos, todos os que cometem o mal serão como a palha; este dia que vai vir os queimarão __ diz o Senhor dos exércitos __ e nada ficará: nem raiz, nem ramos. Mas, sobre vós que temeis o meu nome, levantar-se-á o sol de justiça que traz a salvação em seus raios. Saireis e saltareis, livres como os bezerros ao saírem do estábulo. Pisareis aos pés os ímpios, os quais serão pó, sob a planta de vossos pés, no dia em que eu agir, diz o Senhor dos exércitos

¹²⁷⁵.

Esse dia é o dia do julgamento, que falaremos mais amplamente em seu lugar¹²⁷⁶, se Deus nos conceder esta graça.

Capítulo XXXVI

Esdras e os livros dos Macabeus.

Após estes três profetas __ Ageu, Zacarias e Malaquias __ escreveu Esdras, quando o povo foi libertado do cativeiro na Babilônia. Mas ele foi mais considerado um historiador do que um profeta, bem

¹²⁷⁵ Malaquias 3: 17-21.

¹²⁷⁶ Nos quatro últimos livros desta obra.

como o autor do Livro de Ester, onde são narradas as ações gloriosas dessa mulher ilustre, que aconteceram por aquele tempo.

Pode-se dizer, no entanto, que Esdras profetizou Jesus Cristo na disputa que houve entre alguns jovens, para saber qual era a coisa mais importante do mundo¹²⁷⁷. Um disse que eram os reis, outro que era o vinho e o terceiro disse que eram as mulheres, que geralmente mandam nos reis. Este último acabou por mostrar que era a verdade que importava acima de tudo. Ora, o Evangelho nos ensina que Jesus Cristo é a verdade.

Desde o tempo em que o templo foi reconstruído até Aristóbu-
lo, os judeus não foram mas governados por reis, mas por príncipes.
As especulações sobre esse tempo não são encontradas nas Escritu-
ras, mas em outros lugares, como nos Macabeus, que os judeus rejei-
taram como apócrifos. Mas a Igreja tem outra opinião, por causa dos
sofrimentos admiráveis dos mártires que, antes da encarnação de
Jesus Cristo, combateram pela lei de Deus até o último suspiro e su-
portaram males terríveis¹²⁷⁸.

¹²⁷⁷ 3 Esdras 9 e seg. Livro apócrifo, mas considerado canônico por Santo Agostinho e outros Padres.

¹²⁷⁸ Cf. 2 Macabeus 7.

Capítulo XXXVII

Nossos profetas são mais antigos do que os filósofos.

No tempo dos nossos profetas, cujos escritos estão agora espalhadas pelo mundo inteiro, já havia filósofos entre os gentios. Mas eles não eram conhecidos por este nome, pois foi Pitágoras o primeiro que foi chamado assim e ele só começou a florescer por volta do fim do cativeiro na Babilônia¹²⁷⁹. Os outros filósofos então são posteriores aos profetas.

De fato, o próprio Sócrates, o mestre daqueles que eram então os mais honrados e o primeiro de todos pela moral, só surgiu após Esdras, na ordem do tempo¹²⁸⁰. Pouco depois apareceu Platão, que ultrapassou em muito todos os outros discípulos de Sócrates.

Até mesmo os sete sábios, que ainda não se chamavam filósofos e os físicos que sucederam Tales na pesquisa das coisas naturais — Anaximandro, Anaxímenes e Anaxágoras¹²⁸¹ — e alguns outros que floresceram antes de Pitágoras, não são anteriores a todos os profetas.

¹²⁷⁹ O período de Pitágoras não está fixado de uma maneira exata. Eusébio o faz florescer durante a 62ª olimpíada, no tempo do príncipe Zorobabel, sob o pontificado de Josabad, filho de Josué (*Præp. Evang.*, liv. X, cap. 4). Quanto aos modernos, Lloyd coloca o nascimento de Pitágoras no 3º ano da 48ª olimpíada (585 A. C.) e Dodwell no 4º ano da 52ª olimpíada (586 A. C.)

¹²⁸⁰ Sócrates nasceu no 6º dia do mês Targelion, do ano 470 A. C. (Olimpíada 77, 4)

¹²⁸¹ Há aqui um erro de cronologia. Anaxágoras, contemporâneo de Péricles, é muito posterior a Pitágoras.

Tales, o mais antigo dos físicos, só apareceu no reinado de Rômulo, quando as torrentes de profecias que deveriam inundar toda a terra saíram das fontes de Israel. Só os poetas teólogos — Orfeu, Lino e Museu — foram mais antigos do que nossos profetas. Mesmo assim, não foram mais antigos do que Moisés, o grande teólogo que anunciou o Deus único e verdadeiro e cujos escritos ocupam o primeiro lugar dentre os livros canônicos.

Assim, os Gregos, cuja língua deu tanto brilho às letras humanas, eles não tem motivos para glorificarem sua sabedoria como sendo mais antiga do que nossa religião; o único lugar onde está a sabedoria verdadeira.

É verdade que dentre os bárbaros — como no Egito — havia algumas sementes de doutrina antes de Moisés. Não fosse assim, as Escrituras não diriam que ele tinha se instruído em todas as ciências dos Egípcios, na corte do faraó. Mas a própria ciência dos Egípcios não precedeu a de todos os nossos profetas, pois Abraão tem também esta qualidade. Que ciência poderia haver no Egito, antes que Ísis — que eles passaram a adorar como uma deusa depois que morreu — lhes tivesse ensinado as letras e os caracteres? Ora, Ísis era filha de Inaco, que foi o primeiro rei dos Arguianos, no tempo dos descendentes de Abraão.

Capítulo XXXVIII

Por que a Igreja rejeita os escritos de alguns profetas.

Se retornarmos até antes do dilúvio universal, encontraremos o patriarca Noé, que eu também posso chamar de profeta, já que a própria arca que ele construiu era uma profecia do cristianismo.

Que direi de Enoc, o sétimo descendente de Adão? O apóstolo São Judas não diz, em sua epístola canônica que ele tinha profetizado?¹²⁸² Se os escritos destes personagens não são recebidos como canônicos pelos judeus, tanto quanto por nós, isso vem do fato de que sua antiguidade muito grande os tornou suspeitos.

Eu sei bem que se produzem algumas obras cuja autenticidade não parece duvidosa àqueles que acreditam verdadeiro tudo aquilo que os agrada. Mas a Igreja não as acolhe. Não que ela rejeite a autoridade dessas grandes pessoas, que foram tão agradáveis a Deus, mas por que ela não acredita que essas obras tenham saído de suas mãos.

Não se deve achar estranho que escritos tão antigos sejam suspeitos, já que, na história dos reis de Judá e de Israel, faz-se menção a várias circunstâncias que se procuraria em vão nas Escrituras canônicas e que são encontradas em outros profetas, cujos nomes não são

¹²⁸² Cf. Judas 1: 14 e 15. Também Henoc, que foi o oitavo patriarca depois de Adão, profetizou a respeito deles, dizendo: “Eis que veio o Senhor entre milhares de seus santos para julgar a todos e confundir a todos os ímpios por causa das obras de impiedade que praticaram e por causa de todas as palavras injuriosas que eles, ímpios, têm proferido contra Deus”.

desconhecidos, mas que, no entanto, não tiveram suas obras acolhidas na lista dos livros canônicos.

Confesso que ignoro a razão disso. A menos que se diga esses profetas puderam escrever certas coisas como homens e sem a inspiração do Espírito Santo e que é por isso que a Igreja não as recebe em seu cânon, para comporem a religião, mesmo que elas possam ser úteis e verdadeiras.

Quanto às obras atribuídas aos profetas e que contém alguma coisa de contrário às Escrituras canônicas, só isso basta para convencer de sua falsidade.

Capítulo XXXIX

A língua hebraica sempre teve caracteres.

Não se deve imaginar __ como fazem alguns __ que a língua hebraica só foi conservada por Heber, que deu seu nome aos Hebreus e que ela foi passada dele para Abraão, enquanto que os caracteres hebraicos só começaram com a Lei que foi dada a Moisés. É bem mais crível que essa língua tenha sido conservada, com seus caracteres, desde os tempos primitivos.

De fato, vemos Moisés escolher algumas pessoas para lhes ensinar as letras, antes que a Lei tenha sido revelada e as Escrituras os

chamam de introdutores às letras¹²⁸³, por que eles as introduziam nas mentes de seus discípulos, ou melhor, por que eles introduziam seus discípulos a elas.

Nenhuma nação tem, portanto, o direito de vangloriar de sua ciência como sendo mais antiga do que nossos patriarcas e nosso profetas, já que até mesmo o Egito, que tem o costume de se vangloriar da antiguidade de suas luzes, não pode pretender esta vantagem. Ninguém ousaria dizer que os Egípcios eram sábios antes da invenção dos caracteres, ou seja, antes de Ísis.

Aliás, a ciência da qual se faz tanto barulho e que eles chamam de sabedoria, era apenas a astronomia e talvez algumas ciências análogas, mais apropriadas para exercitar as mentes do que para tornar uma pessoa verdadeiramente sábia.

Quanto à filosofia, que se vangloria de ensinar às pessoas o meio de se tornar feliz, ela só floresceu nesse país na época de Hermes Trimegisto¹²⁸⁴. Muito tempo, é verdade, antes dos sábios e dos filósofos da Grécia, mas, no entanto, após Abraão, Isaac, Jacó, José e até mesmo Moisés, pois Atlas — o grande astrólogo, irmão de Pro-

¹²⁸³ Em grego: *grammatoeisagogēis* (*γραμματοεισαγωγοί*) . Em latim: *litterarum inductores vel introductores*.

¹²⁸⁴ Sobre Hermes Trimegisto, ver Livro VIII, cap. 23 e as notas, desta obra.

meteu e ancestral materno do grande Hermes, de quem Hermes Trimegisto era neto __ ainda vivia, quando Moisés nasceu¹²⁸⁵.

Capítulo XL

Tolice e vaidade dos Egípcios, que dizem que sua ciência é antiga de cem mil anos.

É, portanto, em vão, que alguns faladores, inflado por uma tola presunção, dizem que há mais de quatrocentos mil anos a astrologia era conhecida no Egito. De que livro eles tiraram esta antiguidade imensa? Eles, que aprenderam a ler com Ísis, há cerca de dois mil anos? Pelo menos é isto que assegura Varrão, cuja autoridade não é desprezível e que está bem de acordo com as Santas Escrituras.

No momento então, que mal se contam seis mil anos desde a criação do primeiro ser humano, aqueles que emitem opiniões tão contrárias a uma verdade reconhecida, não merecem mais zombarias do que refutações?

Por outro lado, a quem podemos melhor reportar, com relação às coisas passadas, do que àquele que predisse as coisas que viriam e que vemos realizadas?

¹²⁸⁵ Eusébio diz que este controverso personagem viveu no ano 1638 A. C., ou seja, vinte e nove anos antes do nascimento de Moisés. Cf. Eusébio, *Chronic.*: PL 27, 279. 284 (379 e 431 de Abraão).

A própria divergência encontrada entre os historiadores sobre este tema não nos faz acreditar mais naqueles que não são contrários à nossa história sacra?

Quando os cidadãos da Cidade do Mundo, que estão espalhados por toda a terra, veem pessoas muito sábias e com uma autoridade quase igual, discordarem de coisas muito afastadas de nosso tempo, eles não sabem a quem dar crença.

Mas para nós, que estamos apoiados em uma autoridade divina, no que diz respeito à história de nossa religião, não duvidamos de que tudo o que contradiz as palavras de Deus seja falso, seja qual for sua postura no tocante à história profana. Esta é uma questão que nos traz pouca dificuldade, por que, verdadeiras ou falsas, elas não nos servem para nada, para nos tornar melhores ou mais felizes.

Capítulo XLI

Os escritores canônicos estão tão de acordo entre eles quanto os filósofos não.

Deixemos de lado os historiadores para perguntar aos filósofos, que parecem não ter outro objetivo em seus estudos que não seja encontrar o meio de chegar à felicidade, por que eles tiveram tantas opiniões diferentes, se não foi por que eles procederam nessa busca como humanos e por razões humanas?

Creio que a glória vã os tenha determinado a se afastar da opinião alheia, para fazer brilhar a superioridade de sua sabedoria e de sua genialidade e ter uma doutrina própria. Admito que alguns __ e até mesmo um grande número deles __ tinham, como única motivação, o amor à verdade, mas, o que pode a miserável prudência humana para atingir a beatitude, se ela não for guiada por uma autoridade divina?

Veja nossos autores, aos quais se atribui justamente uma autoridade canônica; não há entre eles a menor diferença de opinião. Por isso, não é de se espantar que se acredite que eles foram inspirados por Deus e que essa crença, invés de se fechar com um pequeno número de pessoas disputando em uma escola, tenha se espalhado por todos os povos, tanto nos campos quanto nas cidades, entre os estudiosos e entre os ignorantes.

Por fim, não foi preciso que houvesse muitos profetas, para que seu grande número não aviltasse o que a religião deveria consagrar e, por outro lado, eles deveriam ser em um número suficientemente grande para que sua perfeita conformidade fosse objeto de admiração.

Leia esse grande número de filósofos, cujas obras possuímos. Não creio que se possa encontrar dois que estejam de acordo em todas as coisas. Mas não quero insistir muito nisso, para evitar longos desenvolvimentos.

Eu perguntaria, no entanto, se algum dia essa Cidade Terrestre, abandonada ao culto aos demônios, tenha abraçado as doutrinas de um líder de escola e tenha condenado todas as outras?

Não vimos em voga, na mesma cidade de Atenas, os epicuristas, que sustentam que os deuses não se preocupam em nada com as coisas aqui debaixo e os estoicos, que afirmam, pelo contrário, que o mundo é governado e mantido por divindades protetoras?

Diante disto, me espanta que Anaxágoras tenha sido condenado por dito que o sol era uma pedra flamejante e não uma divindade¹²⁸⁶, enquanto que Epicuro viveu com toda honra e toda segurança na mesma cidade, embora ele negasse, não somente a divindade do sol e dos outros astros, mas tenha sustentado que não havia nem Júpiter e nem nenhuma outra potência no mundo a quem os humanos devesssem dirigir suas preces¹²⁸⁷.

Não foi em Atenas que Aristipo¹²⁸⁸ colocou o soberano bem nos prazeres corporais, enquanto que Antistene¹²⁸⁹ o colocou na força da alma? Ambos eram filósofos célebres e discípulos de Sócrates, mas que, no entanto, colocavam a soberana felicidade em princípios opostos. Além disso, o primeiro disse que o filósofo deve fugir do

¹²⁸⁶ Cleon, o demagogo, se fez de acusador de Anaxágoras, que foi defendido por Péricles, seu discípulo e seu amigo. Veja Diógenes Laércio, livro II, § 12 e 13.

¹²⁸⁷ Santo Agostinho parece esquecer que entre Anaxágoras e Epicuro dois séculos se passaram.

¹²⁸⁸ Aristipo de Cirene foi à Atenas para ouvir Sócrates. Ele se separou de seu mestre para fundar a escola dita cirenáica, berço da escola epicurista.

¹²⁸⁹ Antistene é o líder da escola cínica, bastante e tão justamente desacreditada pelas tolices de seus adeptos, mas que conserva a honra de ter legado ao estoicismo alguns de seus principais preceitos.

governo da república e o segundo, que ele deve pretender isso e ambos tinham seus seguidores. Cada um deles defendia, com seus sectários, sua opinião, pois se discutia às claras, sob o vasto e célebre Pórtico¹²⁹⁰, nos ginásios, nos jardins, nos lugares públicos e nas casas particulares.

Uns afirmavam que há um só mundo¹²⁹¹; outros que há vários¹²⁹². Uns, que o mundo teve um começo; outros que não. Uns, que ele deve acabar; outros, que ele deve durar para sempre. Estes, que ele é governado por uma providência; aqueles, que ele não tem outro guia, além da sorte e o acaso.

Alguns dizem que a alma humana é imortal; outros, que ela é mortal. Dentre aqueles que dizem que a alma humana é imortal, há aqueles que dizem que ela passa nos corpos animais por algumas revoluções; outros rejeitam esta opinião. Dentre aquelas que julgam a alma humana mortal, uns afirmam que ela morre com o corpo; outros, que ela sobrevive a ele, mais ou menos tempo, mas que, no fim, ela também morre¹²⁹³.

Estes colocaram o soberano bem no corpo; aqueles, na mente; um terceiro, em ambos, acrescentando os bens da sorte¹²⁹⁴.

¹²⁹⁰ Esse pórtico é aquele em que Zenão de Cílio, fundador da escola estoica, reunia seus adeptos.,

¹²⁹¹ Esta é a opinião dos Estoicos.

¹²⁹² Esta é a opinião dos Epicuristas.

¹²⁹³ Sobre estes diversos sistemas, veja Cícero, *Tusculanae*, livro I.

¹²⁹⁴ Os Estoicos colocavam o soberano bem na alma; os Epicuristas, no corpo; os Peripatéticos, em ambos.

Alguns diziam que se devia acreditar sempre nas informações dos sentidos; outros, nem sempre; aqueloutros, nunca¹²⁹⁵.

Que povo, que senado, que autoridade pública da cidade da terra algum dia se deu ao trabalho de decidir entre tantas opiniões diferentes, para aprovar umas e condenar as outras? Não foram todas recebidas indiferentemente, embora se tratasse em tudo isso, não de algum pedaço de chão ou de alguma soma em dinheiro, mas das coisas mais importantes; daquelas que decidem sofre a desgraça ou a felicidade humanas?

Mesmo que fossem ensinadas nas escolas dos filósofos algumas verdades, o erro também ali era ensinado com toda liberdade, de sorte que, não é sem razão que essa cidade se chama Babilônia, ou seja, confusão. Pouco importa ao diabo __ que é seu rei __ que os humanos estejam em erros contrários, pois sua impiedade os torna igualmente seus escravos.

Mas foi totalmente diferente com esse povo, com essa cidade, com os israelitas a quem a palavra de Deus foi confiada. Eles jamais confundiram os falsos profetas com os verdadeiros, reconhecendo nos autores das Escrituras, aqueles que estavam perfeitamente de acordo com elas. Eles foram seus filósofos, seus sábios, seus teólogos, seus profetas, seus doutores. Que viveu segundos suas máximas,

¹²⁹⁵ Sempre acreditar nos sentidos é a opinião de Epicuro. Acreditar neles algumas vezes é a opinião dos Peripatéticos e dos Estoicos. Não acreditar nunca e de uma maneira absoluta é a opinião comum da escola pirroniana e da nova academia.

não viveu segundo os humanos, mas segundo Deus, que falava através deles.

Se eles proibiram a impiedade¹²⁹⁶, foi Deus que a proibiu. Se eles ordenaram honrar seu pai e sua mãe¹²⁹⁷, foi Deus que o ordenou. Se eles dizem: *Não matarás. Não cometerás adultério. Não furtarás*¹²⁹⁸, isto são também oráculos do céu.

Todas as verdades que certo número de filósofos percebeu entre tantos erros e que trataram de convencer com tanta dificuldade; como, por exemplo, que foi Deus quem criou o mundo e o governa com sua providência; tudo o que eles escreveram sobre a beleza da virtude, do amor à pátria, da amizade, das boas obras e de todas as coisas relacionadas aos costumes, ignorando, além disso, o fim a que devem tender e o meio de chegar a ele; tudo isso, eu digo, foi pregado aos membros da Cidade do Céu pela boca dos profetas, sem questionamentos e sem disputas, para que toda pessoa iniciada nessas verdades não as considerasse como criações da mente humana, mas como palavras do próprio Deus.

¹²⁹⁶ Cf.Êxodo 20: 3. *Não terás outros deuses diante de minha face.*

¹²⁹⁷ Êxodo 20: 12.

¹²⁹⁸ Êxodo 20: 13-15.

Capítulo XLII

Por qual conselho da divina providência o Antigo Testamento foi traduzido do hebraico para o grego, para ser conhecido pelos gentios.

Um dos Ptolomeus, rei do Egito, desejou conhecer nossas santas Escrituras.

Após a morte de Alexandre Magno, que tinha subjugado toda a Ásia e quase toda a terra e conquistado até mesmo a Judeia, seus comandantes desmembraram seu império e o Egito começou a ter os Ptolomeus como reis.

O primeiro deles foi o filho de Lago, que conduziu cativos ao Egito muitos judeus. Mas, Ptolomeu Filadelfo, seu sucessor, mandou todos de volta ao seu país, com presentes para o templo e pediu ao grão-sacerdote Eleazar que lhe desse a Escritura santa, para colocá-la em sua famosa biblioteca.

Tendo Eleazar a enviado, Ptolomeu lhe pediu intérpretes para traduzi-la par o grego. Este lhe deu setenta e duas pessoas, seis de cada tribo, que entendiam perfeitamente uma e outra língua, ou seja, o grego e o hebraico. Mas a tradição quis que se chamassem esta versão de a versão dos Setenta (Septuaginta).

Dizem que eles concordaram tanto nessa tradução que, fazendo-a cada um separadamente, segundo ordem de Ptolomeu, que queria assim testar sua fidelidade, eles concordaram em tudo, tanto no

sentido quanto no arranjo das palavras, que parecia que a tradução tinha sido feito por um só tradutor.

Isto não é de se estranhar, já que, de fato, eram todos inspirados por um mesmo Espírito. Deus quis, com este grande milagre, tornar a autoridade dessas Escrituras venerável pelos gentios que deveriam um dia acreditar, como, de fato, aconteceu.

Capítulo XLIII

Preeminência da versão dos Setenta sobre todas as outras versões.

Mesmo que outros tenham traduzido do grego as Escrituras santas, como Áquila, Símaco, Teodósio¹²⁹⁹ e um autor desconhecido, cuja tradução, por causa disso, é chamada de a Quinta, a Igreja recebeu a versão dos Setenta como se fosse única, de sorte que a maior parte dos gregos cristãos nem mesmo sabem que há outras.

Foi sobre esta versão que foi feita aquelas que as Igrejas latinas utilizam, embora em nosso tempo o padre estudioso Jerônimo, muito versado nas três línguas, tenha feito uma tradução para o latim, partindo do hebraico. Os judeus tiveram que reconhecer que ela é muito fiel e reconhecer, pelo contrário, que os Setenta se enganaram em

¹²⁹⁹ Áquila, já mencionado nesta obra, publicou sua tradução sob Adriano, por volta do ano 130. A versão de Símaco é do ano 200, mais ou menos, sob Aurélio ou sob Severo. Teodósio produziu a sua antes de Símaco, sob Cômodo, por volta do ano 180. Além das cinco versões mencionadas por Santo Agostinho, há uma sexta, que foi publicada em Nicópolis, por volta do ano 230. Ver na edição beneditina de Orígenes as observações sobre as *Hexaples*.

muitos pontos, o que não impede as Igrejas de preferirem esta, porque, na suposição de que ela foi realizada de uma maneira miraculosa, a autoridade de tantas pessoas sábias trabalhando em conjunto seria sempre preferível a de uma só.

Mas, a maneira tão extraordinária com que ela foi composta, trazendo marcas visíveis de uma assistência divina, faz com que, qualquer outra versão que se faça partindo do hebraico, deve esta conformar-se com a Septuaginta. Se ela parece diferente em algumas coisas, é preciso acreditar que nestes trechos há algum grande mistério escondido.

O mesmo espírito que animou os Profetas, quando eles compuseram as Escrituras, animou também os Setenta, quando eles os interpretaram. Assim, pode muito bem ter acontecido de uma hora ele tê-los feito dizer algo diferente dos Profetas, pois essa diferença não impede a unidade da inspiração divina e outra hora fazê-los dizer, pelo contrário, a mesma coisa, de sorte que, aqueles que sabem bem entender, ali encontram sempre o mesmo sentido.

Eles podem mesmo ter ido além e acrescentado alguma coisa, para mostrar que tudo isso se fez por uma autoridade divina, mostrando que esses intérpretes acharam melhor seguir o Espírito interior que os guiava, do que seguir literalmente o que tinham diante dos olhos.

Alguns acharam que se devia corrigir a versão grega dos Setenta sobre os exemplares hebraicos¹³⁰⁰. Mas eles não ousaram cortar o que os Setenta acrescentaram com relação aos hebreus. Eles somente acrescentaram o que não havia na Septuaginta e os marcaram com sinais em forma de estrelas chamados asteriscos, no início dos versículos. Eles marcaram, da mesma forma, com tracinhos horizontais, semelhantes ao sinal de onça, o que não está no hebraico mas se encontra na Septuaginta e ainda hoje se vê muitos desses exemplares, tanto em grego quanto em latim, marcados assim.

Com relação às coisas que não são nem omitidas e nem acrescentadas na versão dos Setenta, mas que são somente ditas de maneira diferentes dos hebreus, seja por que elas possuam um sentido manifestamente idênticos, seja por que o sentido difere na aparência, embora concordando na realidade, elas só podem ser encontradas confrontando o grego com o hebraico.

Se então consideramos as pessoas que trabalharam nessas Escrituras como somente órgãos do Espírito de Deus, diremos, com relação às coisas que estão no hebraico e não se encontram na Septuaginta, que o Espírito Santo não quis dizê-las através dos Profetas, mas pelos outros. E quanto àquelas que, pelo contrário, estão na Septuaginta e não estão no hebraico, que o mesmo Espírito Santo achou

¹³⁰⁰ Esta foi a opinião de Orígenes, de Luciano Mártil, de Heséquio e de São Jerônimo.

melhor dizê-las pelos Profetas do que pelos Setenta, mas nós consideramos todos profetas.

Foi assim que uma coisa foi dita por Isaías e outra por Jeremias ou a mesma coisa de forma diferente por este e por aquele.

Quando, enfim, as mesmas coisas são encontradas igualmente no hebraico e na Septuaginta, foi por que o Espírito Santo quis se servir de uns e outros para dizê-las, pois, como ele assistiu os primeiros para estabelecer entre suas previsões uma concordância perfeita, ela conduziu a pena dos segundos para tornar suas interpretações idênticas.

Capítulo XLIV

Conformidade da versão dos Setenta com o hebraico.

Alguém pode fazer esta objeção: “Como se pode saber o que Jonas disse, de fato, aos Ninivitas e se ele disse: ‘Daqui a três dias’ ou em então *Daqui a quarenta dias Nínive será destruída*¹³⁰¹?”

Está claro, de fato, que este profeta, enviado para ameaçar Nínive de uma ruína não pôde utilizar duas expressões diferentes e que excluem uma à outra. Se me perguntarem qual das duas foi usada, eu creio que é mais quarenta dias, como trazem as cópias em hebraico.

¹³⁰¹ Jonas 3: 4.

Os Setenta, que vieram muito tempo depois, puderam muito bem atribuir a Jonas outras palavras que, no entanto, se relacionam perfeitamente com o tema e expressam, embora em outros termos, um único e mesmo sentido, para convidar o leitor a se erguer acima da história e procurar o que ela significa, sem desprezar em nada, aliás, a autoridade dos Setenta e nem a dos hebreus.

Os acontecimentos profetizados por Jonas efetivamente aconteceram em Nínive, mas eles figuravam outros, que não diziam respeito a esta cidade. Mesmo sendo verdade que esse profeta ficou efetivamente três dias no ventre da baleia, no entanto, isso figurava outro personagem, que deveria permanecer no inferno este tempo e que foi o Senhor de todos os profetas.

Por isso, se por Nínive estava representada a Igreja dos Gentios, que foi destruída, de alguma maneira, pela penitência, no que ela não é mais o que era, como foi Jesus Cristo que operou nela esta mudança, é ele mesmo que está representado, tanto pelos três dias, quando pelos quarenta. Pelos quarenta, por que ele permaneceu este intervalo de tempo com seus discípulos após a ressurreição, antes de subir ao céu. Pelos três dias, por que ressuscitou no terceiro dia.

Assim, os Setenta quiseram despertar a mente do leitor, que permaneceria na narrativa histórica, para levá-lo a se aprofundar na profecia que a contém, como que lhe dizendo: “Procure nos quarenta dias aquele que você poderá também encontrar nos três dias e você

verá que uma das expressões utilizadas se realizou em sua ascensão e a outra em sua ressurreição”. Ele pôde então muito bem ser assinalado tanto por um como pelo outro número, na profecia de Jonas de uma maneira e na profecia dos Setenta de outra, mas sempre com um único e mesmo espírito.

Não quero me alongar relatando muitas outras passagens onde se poderia acreditar que os Setenta se afastaram da verdade hebraica, embora, bem entendido, eles estejam perfeitamente conformes a ela.

Também os Apóstolos se serviram indiferentemente do hebraico e da versão dos Setenta, no que, eu creio, dever imitá-los, por que se trata de uma mesma autoridade divina.

Mas, prossigamos, segundo nossas forças, a obra que desejamos terminar.

Capítulo XLV

Decadência dos judeus desde o cativeiro na Babilônia.

No momento em que os judeus deixaram de ter profetas, eles se tornaram piores do que eram, mesmo que esse fosse o tempo em que o cativeiro na Babilônia havia terminado, o templo tinha sido restaurado e eles se vangloriassem de terem se tornado melhores.

Foi assim que esse povo carnal entendeu esta profecia de Argeu: *O esplendor desta casa sobrepujará o da primeira*¹³⁰². Mas o que precede isso mostra bem que o profeta fala aqui do Novo Testamento, quando, prometendo claramente o Cristo, ele diz: *Sacudirei todas as nações*¹³⁰³ “e aquele que todos os povos desejam virá”.

Os Setenta, com sua autoridade de profetas, apresentaram estas palavras em outro sentido, que convém melhor ao corpo do que à cabeça, ou seja, à Igreja do que a Jesus Cristo. Eles dizem: “Aqueles que o Senhor elegeu dentre todas as nações virão”, de acordo com estas palavras do Evangelho: *Muitos são os chamados e poucos os escolhidos*¹³⁰⁴.

De fato, foi com estes eleitos das nações, como pedras vivas, que a casa de Deus foi construída pelo Novo Testamento; casa bem mais ilustre do o templo construído por Salomão e reconstruído após o cativeiro da Babilônia.

Os judeus não viram, então, mais profetas desde esse tempo e tiveram mesmo que sofrer muito com os reis estrangeiros e romanos, para que deixassem de acreditar que essa profecia tinha se realizado com a reconstrução do templo.

Pouco tempo depois, eles foram sujeitados ao império de Alexandre e, embora este príncipe não tenha devastado seu país, por que

¹³⁰² Argeu 2: 9.

¹³⁰³ Argeu 2: 7.

¹³⁰⁴ Mateus 22: 14.

eles não ousaram resistir-lhe, no entanto, o *esplendor desta casa*, para falar como o Profeta, não era mais tão grande quanto sob a livre dominação de seus reis. É verdade que Alexandre imolou vítimas no templo de Deus, mas ele o fez menos por uma verdadeira piedade do que por uma vã superstição, acreditando que devia também adorar o Deus dos judeus como ele adorava os outros deuses¹³⁰⁵.

Após a morte de Alexandre, Ptolomeu, filho de Lago, conduziu cativos os judeus até o Egito e eles só retornaram à Judeia sob Ptolomeu Filadelfo, seu sucessor; o que mandou os Setenta traduzirem as Escrituras. Em seguida, eles estiveram às voltas com as guerras relatadas nos Livros dos Macabeus. Foram vencidos por Ptolomeu Epífano, rei de Alexandria e obrigados, pelas crueldades terríveis de Antíoco, rei da Síria, a adorar ídolos¹³⁰⁶. Seu templo foi manchado com todo tipo de abominações, até que foi purificado de toda idolatria pelo valoroso Judas Macabeu; grande comandante, que desafiou os líderes do exército de Antíoco¹³⁰⁷.

Pouco tempo depois, um certo Alcimo usurpou o soberano pontificado, embora não fosse da linhagem sacerdotal; o que foi um atentado¹³⁰⁸.

¹³⁰⁵ Cf. Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 11, 8, 5.

¹³⁰⁶ Cf. 2 Macabeus 5: 11-21; Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 12, 3, 3 e 12, 5, 4 e Eusébio de Cesareia, *Crônicas*, 27, 411, 415.

¹³⁰⁷ Cf. 2 Macabeus 10: 1-9.

¹³⁰⁸ Cf. 1 Macabeus 7: 5-25.

Cinquenta anos se passaram, durante os quais, apesar de alguns sucessos felizes, os judeus não viveram em paz.

Aristóbulo toma a coroa e se faz rei e grão-sacerdote ao mesmo tempo. Foi o primeiro rei que os judeus tiveram desde o cativeiro na Babilônia. Até então eles só tiveram líderes ou príncipes.

Alexandre sucedeu Aristóbulo no sacerdócio e na realeza e dizem que ele maltratou muito seus súditos. Sua mulher, Alexandra, foi rainha dos judeus depois dele e, desde então, seus males aumentaram sempre. Como seus dois filhos — Aristóbulo e Hircan — disputaram o império, eles atraíram as forças romanas contra os judeus, por que Hircan lhes pediu ajuda contra seu irmão.

Roma já tinha dominado a África e a Grécia e levado suas armas vitoriosas para muitas outras partes do mundo, de sorte que ela estava como que curvada sob o peso de sua própria grandeza ¹³⁰⁹. Ela tinha sido atormentada por furiosas sedições, que foram seguidas por revoltas dos aliados e depois por guerras civis e as forças da república estavam tão abatidas que ela não podia sobreviver por muito tempo mais.

Pompeu, um dos maiores comandantes de Roma, tendo entrado na Judeia, tomou a cidade de Jerusalém, abriu o templo como vencedor e entrou no Santo dos Santos, o que só era permitido ao grão-

¹³⁰⁹ Estas expressões são de Tito Lívio e estão no preâmbulo de sua *História*.

sacerdote. Após ter confirmado o pontificado de Hircan e estabelecido Antipáter como governador da Judeia, ele levou com ele, como prisioneiro, Aristóbulo. Depois disso, os judeus se tornaram tributários dos Romanos. Depois, Cássio pilhou o templo e, alguns anos depois, os judeus até mesmo tiveram como rei um estrangeiro, que foi Herodes, sob o reinado do qual nasceu o Messias.

Cumpriu-se então o tempo profetizado pelo patriarca Jacó, nestes termos: *Não se apartará o cetro de Judá, nem o bastão de comando dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence por direito e a quem devem obediência os povos*¹³¹⁰.

Aos judeus, portanto, não faltaram reis de sua nação, até esse Herodes e assim, chegou o momento em que veio aquele em quem repousam as promessas do Novo Testamento e que era a expectativa das nações que deveria aparecer no mundo.

As nações não poderiam esperar, como fazem, esse evento supremo, em que todos serão julgados por Jesus Cristo, no brilho de seu poder, se elas não acreditassesem nesse outro evento em que ele condescendeu, na humildade de sua paciência, sofrer o julgamento humano.

¹³¹⁰ Gênesis 49: 10.

Capítulo XLVI

O nascimento do Salvador e a dispersão dos judeus por toda a terra.

Herodes reinava na Judéia e o imperador Augusto tinha dado paz ao mundo, depois que toda a constituição da república foi mudada, quando o Messias, segundo as palavras do profeta citado há pouco¹³¹¹, nasceu em Belém, cidade da Judéia. Homem visível, nascido humanamente de uma virgem. Como homem, Deus escondido, divinamente gerado por Deus Pai.

Outro profeta o havia profetizado nestes termos: *O próprio Senhor vos dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamará Deus Conosco*¹³¹². Ele fez vários milagres, para tornar sua divindade manifesta e o Evangelho relata alguns deles, julgados suficientes para prová-lo. O primeiro foi o de seu nascimento. O último foi o de sua ressurreição e sua ascensão ao céu.

Pouco depois, os judeus, que o haviam matado e que não quiseram acreditar nele, por que foi preciso que ele morresse e ressuscitasse, foram expulsos de seu país pelos Romanos e espalhados por toda a terra.

Assim, através de suas próprias Escrituras, eles nos prestam o testemunho de que nós não inventamos as profecias que falam de

¹³¹¹ Miqueias 5: 2.

¹³¹² Isaías 7: 14.

Jesus Cristo. Vários deles, tendo-as considerado antes da Paixão e, sobretudo, depois da ressurreição, acreditaram nele e é deles que se fala: *Ainda que teu povo fosse inumerável como a areia do mar, dele só voltará um resto*¹³¹³.

Os outros ficaram cegos, segundo esta profecia: *Torne-se a sua mesa um laço para eles e uma armadilha para os seus amigos. Que seus olhos se escureçam para não mais ver, que seus passos sejam sempre vacilantes*¹³¹⁴.

Assim, da mesma forma como eles não dão fé em nossas Escrituras, as deles se realizam neles mesmos, ainda que sejam bastante cegos para não ver.

Talvez se diga que os cristãos supuseram as profecias das sibilas no tocante a Jesus Cristo, assim como outras que não são de origem judia. Mas, sem nos prendermos a elas, nos contentamos com aquelas que nossos inimigos nos fornecem, apesar deles e das quais eles mesmos são os depositários. Ainda mais que nós ali encontramos essa própria dispersão, cujo testemunho claro os judeus nos fornecem.

Eles sempre podem ler nos Salmos esta profecia: *Com a mão alçada, ele jurou que havia de prostrá-los no deserto e dispersar sua*

¹³¹³ Isaías 10: 22.

¹³¹⁴ Salmo 68: 23 e 24 e Romanos 11: 9 e 10 (*A mesa se lhes torne em laço, em armadilha, em ocasião de tropeço, em justo castigo! A vista se lhes obscureça para não verem! Dobra-lhes o espinhaço sem cessar*)

*descendência entre as nações pagãs, disseminando-os por toda a terra*¹³¹⁵.

Deus então mostrou sua misericórdia à Igreja nos judeus seus inimigos, por que, como diz o Apóstolo: *Sua queda, tornando a salvação acessível aos pagãos, incitou-os à emulação*¹³¹⁶. E ele não os destruiu, ou seja, ele não destruiu inteiramente o judaísmo, para que, não esquecendo a lei de Deus, eles não nos deixem de prestar o testemunho que mencionamos.

Assim, não contente em dizer: “Não os mate, para que não esqueçam vossa Lei”, ele acrescenta: “Disperse-os”. Se, com este testemunho das Escrituras, eles permanecessem em seu país, sem serem espalhados por toda parte, a Igreja, que está espalhada pelo mundo inteiro, não os poderia ter por todos os lados como testemunhas das profecias que visavam Jesus Cristo.

Capítulo XLVII

Se antes da encarnação de Jesus Cristo, outros além dos judeus pertenceram à Jerusalém celeste.

Se outros além dos judeus profetizaram o Messias, isso seria um testemunho adicional, mas não precisamos de seu testemunho.

¹³¹⁵ Salmo 105: 26 e 27.

¹³¹⁶ Romanos 11: 11.

De fato, só mencionamos isso para mostrar que houve, provavelmente, em outros povos, pessoas a quem esse mistério foi revelado e que foram levados a profetizá-lo, seja por que elas tenham participado da mesma graça que os profetas hebreus, seja por que elas tenham sido instruídas pelos demônios, que nós sabemos que reconheceram Jesus Cristo presente, enquanto que os judeus não o reconheceram.

Também não creio que os próprios judeus ousem sustentar que ninguém, fora de sua descendência, serviu o verdadeiro Deus, desde a eleição de Jacó e a reprevação de Esaú.

Na verdade, não houve outro povo além do povo israelita que tenha sido propriamente chamado de povo de Deus, mas eles não podem negar que houve em outras nações pessoas dignas de serem chamadas de verdadeiros israelitas, enquanto cidadãos da pátria celeste.

Se eles o negam, é fácil convencê-los através do exemplo de Jó; este homem santo e admirável, que não era nem judeu e nem profeta, mas um estrangeiro originário da Idumeia, a quem as Escrituras, no entanto, concedem o glorioso testemunho de que nenhum homem de seu tempo se comparava a ele em piedade¹³¹⁷. Mesmo que a história não diga em que tempo ele viveu, conjecturamos pelo seu livro,

¹³¹⁷ Cf. Jó 1.

colocado pelos judeus entre os canônicos, por causa de sua excelência, como ele tendo vindo ao mundo umas três gerações após o patriarca Jacó.

Não duvido que tenha sido um efeito da providência de Deus termos sabido, através do exemplo de Jó, que pode ter havido, em outros povos, membros da Jerusalém espiritual. Mas é preciso crer que essa graça só foi concedida aqueles a quem o único mediador entre Deus e a humanidade, Jesus Cristo humano, foi revelado e que sua encarnação lhe foi profetizada antes que ela acontecesse, como ela nos foi anunciada desde que ela aconteceu, de sorte que uma única e mesma fé foi conduziu por ele a Deus todos aqueles que estão predestinados para ser sua cidade, sua casa e seu templo.

Quanto às outras profecias sobre Jesus Cristo, produzidas em outras lugares, pode-se pensar que elas foram inventadas pelos cristãos. É por isso que nada é mais forte contra todos aqueles que gostariam de colocar nossa fé em dúvida e de mais apropriado para nos firmar nela, se tomamos as coisas como se deve, do que as profecias sobre Jesus Cristo tiradas dos livros dos judeus, que, tendo sido arrancados de seu país e espalhados por todo mundo, para servirem de testemunhos à fé da Igreja, contribuíram para fazê-la florescer em toda parte.

Capítulo XLVIII

A profecia de Ageu sobre a segunda casa de Deus, que deve ser mais ilustre do que a primeira, não deve ser entendida como o templo de Jerusalém, mas a Igreja.

Essa casa de Deus, que é a Igreja, é muito mais augusta do que a primeira, construída com madeiras preciosas e toda coberta de ouro. A profecia de Ageu não foi, portanto, realizada com o restabelecimento desse templo, já que, desde o tempo em que foi reconstruído, ele foi menos famoso do que no tempo de Salomão.

Pode-se dizer mesmo que ele perdeu muito de sua glória. Primeiramente pelas profecias que cessaram e, em seguida, pelas diversas calamidades que afligiram os judeus, até sua inteira desolação.

Foi bem o contrário com essa nova casa pertencente ao Novo Testamento. Ela é tão mais ilustre, quanto é composta por pedras melhores; pedras vivas, ou seja, fiéis renovados pelo batismo.

Mas ela foi prefigurada pelo restabelecimento do templo de Salomão, por que, em linguagem profética, esse restabelecimento significa o Novo Testamento.

Assim, quando Deus disse, através do profeta que mencionamos: *Farei reinar a paz neste lugar*¹³¹⁸, como esse lugar designava a Igreja, que deveria ser construída por Jesus Cristo, isso deve ser entendido assim: “Estabelecerei a paz no lugar que este prefigura”. De

¹³¹⁸ Ageu 2: 10.

fato, todas as coisas figurativas parecem, de alguma forma, tomar o lugar das coisas figuradas.

Foi por isso que o Apóstolo disse: *Todos bebiam da pedra espiritual que os seguia e essa pedra era Cristo*¹³¹⁹, por que a pedra que ele fala era uma figuração dele.

A glória dessa casa do Novo Testamento é, portanto, muito maior do que aquela do Antigo e aparecerá como tal no dia de sua dedicação. Aí então, “virá aquele que todos os povos desejam”, como traz o texto hebraico, por que seu primeiro advento não podia ser desejado por todos os povos, já que não conheciam aquele que deviam desejar e, por consequência, acreditar nele.

Também aí então, segundo a versão dos Setenta, cujo sentido é igualmente profético, “os eleitos do Senhor virão de todos os lugares do mundo”. A partir desse momento, só virão os que foram eleitos e dos quais o Apóstolo diz: Ele *nos escolheu nele antes da criação do mundo*¹³²⁰.

O grande Arquiteto que disse: *Muitos são os chamados e poucos os escolhidos*¹³²¹, não quis dizer que aqueles que, tendo sido chamados para o festim, mereceram ser expulsos dele, deveriam entrar no edifício dessa casa cuja duração será eterna, mas somente os eleitos.

¹³¹⁹ 1 Coríntios 10: 4.

¹³²⁰ Efésios 1: 4.

¹³²¹ Mateus 22: 14.

Agora que aqueles que devem ser separados no pátio, com a ajuda do vento, enchem a Igreja, a glória dessa casa não parece tão grande quanto parecerá, quando cada um estará para sempre onde sempre esteve.

Capítulo XLIX

Os eleitos e os reprovados estão misturados aqui embaixo.

Neste século perverso, nestes tristes dias em que a Igreja, através de humilhações passageiras, adquire uma grandeza imortal futura e é testada por uma infinidade de medos, de dores, de trabalhos e de tentações, sem ter outra alegria além da esperança, se ela se regozija como deve, muitos reprovados são misturados com os eleitos e uns e outros são presos, de alguma maneira, na rede do Evangelho¹³²² e nadam sem discriminação através do oceano do mundo, até que todos cheguem à praia, onde os maus serão separados dos bons¹³²³ e Deus então habitará nos bons, como em seu templo, para aí ser *tudo em todos*¹³²⁴.

Assim, vemos se cumprirem estas palavras daquele que disse no Salmo: *Eu quisera anunciar-los e divulgá-los, mas são mais do*

¹³²² Cf. Mateus 13: 47 e 48. *O Reino dos céus é semelhante ainda a uma rede que, jogada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. Quando está repleta, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e separam nos cestos o que é bom e jogam fora o que não presta.*

¹³²³ Cf. Mateus 13: 49 e 50. *Assim será no fim do mundo: os anjos virão separar os maus do meio dos justos e os arrojarão na fornalha, onde haverá choro e ranger de dentes.*

¹³²⁴ Cf. 1 Coríntios 15: 28. *Quando tudo lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho renderá homenagem àquele que lhe sujeitou todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos.*

*que se pode contar*¹³²⁵. É o que acontece agora, desde que ele anunciou e divulgou. Primeiro pela boca de João Batista, seu precursor¹³²⁶ e, depois, pela sua própria: *Fazei penitência, pois o Reino dos céus está próximo*¹³²⁷.

O Senhor então escolheu alguns discípulos, que ele chamou de apóstolos¹³²⁸ — de nascimento humilde, desconhecidos, sem letras — para ser e fazer neles tudo o que eles fossem e fizessem de grande. Dentre eles estava um mau. Mas o Salvador, usando bem uma criatura má, se serviu dela para cumprir o que estava ordenado com relação à sua paixão e para ensinar, com seu exemplo, sua Igreja a suportar os maus.

Em seguida, após ter jogado as sementes do Evangelho, ele sofreu, morreu e ressuscitou, mostrando com sua paixão o que devemos suportar pela eternidade, sem falar do profundo mistério de seu sangue derramado para a remissão dos pecados.

Ele esteve quarenta dias sobre a terra com seus discípulos e subiu ao céu diante de seus olhos. Dez dias após, ele lhes enviou, segundo sua promessa, o Espírito Santo de seu Pai, cuja descida sobre os fiéis é marcada pelo sinal supremo e necessário deles falarem todo

¹³²⁵ Salmo 39: 6.

¹³²⁶ Mateus 2: 2.

¹³²⁷ Mateus 4: 17.

¹³²⁸ Cf. Lucas 6: 12 e 13. *Naqueles dias, Jesus retirou-se a uma montanha para rezar e passou aí toda a noite orando a Deus. Ao amanhecer, chamou os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, que chamou de apóstolos.*

tipo de línguas¹³²⁹; uma representação da unidade da Igreja católica, que deveria se espalhar por todo o mundo e falar as línguas de todos os povos.

Capítulo L

A pregação do Evangelho, que se tornou mais brilhante e eficaz com a paixão daqueles que o anunciaram.

Depois, segundo esta profecia: *De Sião deve sair a lei e de Jerusalém, a palavra do Senhor*¹³³⁰ e segundo a profecia do próprio Salvador, quando, após sua ressurreição, ele abriu a mente de seus discípulos espantados, para fazê-los entender as Escrituras e lhes disse: *Assim, era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia. E que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém*¹³³¹ e ainda, quando respondeu aos seus discípulos, que o questionaram sobre seu último advento: *Não pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder, mas descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo*¹³³²; segundo todas estas palavras, eu digo, a Igreja se espa-

¹³²⁹ Cf. Atos 2: 6.

¹³³⁰ Isaías 2: 3.

¹³³¹ Lucas 24: 46 e 47.

¹³³² Atos 1: 7 e 8.

lhou primeiro por Jerusalém e, de lá, para a Judéia e a Samaria e o Evangelho foi em seguida levado aos gentios pelo ministério daqueles que Jesus Cristo mesmo tinha acendido como chamas, para clarear toda a terra e abrasar com o Espírito Santo.

Ele lhes disse: *Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei antes aquele que pode precipitar a alma e o corpo na Geena*¹³³³ e o fogo da caridade que queimava em seus corações sufocou neles todo medo.

Ele não se serviu somente da pregação do Evangelho daqueles que o tinham visto e ouvido antes e após sua paixão e sua ressurreição, mas ele suscitou, depois de seus primeiros discípulos, sucessores que também levaram sua palavra para todo mundo, através de sangurentas perseguições, com Deus se declarando em seu favor através de muitos prodígios e diversos dons do Espírito Santo, para que os gentios, convertidos àquele que foi crucificado para resgatá-los, tomassem em veneração, com um amor digno dos cristãos, o sangue dos mártires que eles tinham derramado com uma fúria digna dos demônios e que os próprios reis, cujos editos devastaram a Igreja, se submetessem humildemente ao nome que sua残酷de se esforçou por exterminar e voltassem suas perseguições contra os falsos deu-

¹³³³ Mateus 10: 28.

ses, por amor aos quais eles tinham antes perseguido os adoradores do Deus verdadeiro.

Capítulo LI

Os heréticos são úteis à Igreja.

Mas o diabo, vendo que os templos dos demônios eram abandonados e o gênero humano corria para o nome do Salvador e Mediador, suscitou heréticos para combater a doutrina cristã sob o nome de cristãos.

Como se fosse possível haver na Cidade de Deus pessoas com opiniões contrárias, a exemplo dos filósofos que se contradizem uns aos outros na *cidade da confusão*!

Quando então, aqueles que na Igreja de Jesus Cristo têm opiniões más e perigosas, após terem sido repreendidos e persistindo teimosamente na recusa a se retratar de seus dogmas perniciosos, eles se tornam heréticos e, uma vez saídos da Igreja, elas os vê como inimigos que servem para exercitar sua virtude.

Mesmo sendo heréticos, eles não deixam de ser úteis aos verdadeiros católicos que são membros de Jesus Cristo, com Deus se servindo bem dos próprios maus e com todas as coisas contribuindo para vantagem daqueles que o amam¹³³⁴.

¹³³⁴ Cf. Romanos 8: 28. Aliás, sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são os eleitos, segundo os seus desígnios.

De fato, todos os inimigos da Igreja, seja qual for o erro que os cegue ou paixão que os anime, lhe propiciam, perseguindo-a fisicamente, a vantagem de exercitar sua paciência ou, se eles a combatem somente com más opiniões, eles exercitam pelo menos sua sabedoria. Mas, seja como for, eles sempre lhe dão motivo para praticar a benevolência ou a generosidade com relação aos seus inimigos. Seja por que ela age com eles através de conversas pacíficas; seja por que ela os golpeia com castigos temíveis.

Por isso, o diabo, que é o príncipe da cidade dos ímpios, achou por bem insuflar seus escravos contra a Cidade de Deus, estrangeira neste mundo, mas ele não conseguiu arruiná-la. Deus não a deixa sem consolação na adversidade, para que ela não se abata; nem sem prova, na prosperidade, para que ela não se exalte e esta justa temprança é marcada nestas palavras do Salmo: *Quando em meu coração se multiplicam as angústias, vossas consolações alegram a minha alma*¹³³⁵ e também nestas palavras do Apóstolo: *Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração*¹³³⁶.

O Doutor das nações também diz que *todos os que quiserem viver piedosamente, em Jesus Cristo, terão de sofrer a perseguição*¹³³⁷. Portanto, não se pode imaginar que isso deixará de acontecer alguma vez, pois então, mesmo que a Igreja esteja protegida contra a

¹³³⁵ Salmo 93: 19.

¹³³⁶ Romanos 12: 12.

¹³³⁷ 2 Timóteo 3: 12.

violência dos inimigos externos, o que não é uma consolação pequena para os fracos, há sempre muitos internamente que afligem cruelmente o coração das pessoas de bem com sua má conduta, no que são causa de blasfêmia contra a religião cristã e católica e essa injúria que eles lhe fazem é tão mais sensível às almas pias quanto mais elas a amam e veem que eles a amam menos.

Outro motivo de dor é pensar que os heréticos que também se dizem cristãos e têm os mesmos sacramentos que nós e as mesmas Escrituras, jogam na dúvida muitas mentes dispostas a abraçar o cristianismo e dão pretexto para se caluniar nossa religião. São esses desregramentos das pessoas que fazem sofrer um tipo de perseguição aqueles que querem viver santamente em Jesus Cristo, mesmo que ninguém os atormente em seus corpos.

Também o Salmista explica que essa perseguição é interior, quando diz: *Quando em meu coração se multiplicam as angústias*. Mas, além disso, como se sabe que as promessas de Deus são irrevergáveis e que o Apóstolo diz: *O Senhor conhece os que são seus*¹³³⁸, de sorte que não pode perecer *Os que ele distinguiu de antemão e também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho*¹³³⁹, o Salmista acrescenta: *Vossas consolações alegram a minha alma*.

¹³³⁸ 2 Timóteo 2: 19.

¹³³⁹ Romanos 8: 29.

Essa dor que aflige o coração das pessoas de bem, por causa dos costumes dos ímpios ou dos falsos cristãos, é útil àqueles que a sentem, por que ela nasce da caridade, que se compadece por todos esses miseráveis e por todos aqueles que eles impedem a salvação.

Os fiéis recebem assim muitas consolações, quando veem os maus se emendarem e sua conversão lhes dá tanta alegria quanto sua perda lhes causa dor.

É por isso que, neste século, nestes dias infelizes, não somente desde Jesus Cristo e os Apóstolos, mas desde Abel, o primeiro justo degolado por seu irmão, até o fim dos séculos, a Igreja viaja por entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus.

Capítulo LII

Se haverá perseguição à Igreja até o anticristo.

É por isso que eu não creio que se deva pensar minimamente no que alguns afirmam, que a Igreja não sofrerá mais nenhuma outra perseguição, após as dez que ela sofreu e que é o anticristo que occasionará a décima primeira.

Eles colocam a primeira sob Nero, a segunda sob Domiciano, a terceira sob Trajano, a quarta sob Antonino, a quinta sob Severo, a sexta sob Máximo, a sétima sob Décio, a oitava sob Valeriano, a nona sob Aureliano e a décima sob Diocleciano e Maximiano.

Eles dizem que as dez pragas do Egito, que precederam a saída do povo de Deus, são prefigurações dessas dez perseguições e que a última, a do anticristo, foi prefigurada pela décima primeira praga do Egito, que aconteceu quando os Egípcios, perseguindo os Hebreus, que passaram com os pés secos pelo mar Vermelho, foram engolidos pelo retorno das vagas.

Quanto a mim, não posso ver nesses antigos acontecimentos uma prefiguração das perseguições sofridas pela Igreja, embora a aqueles que possuem esta opinião¹³⁴⁰ encontram aí relações muito engenhosas, mas que são fundamentadas apenas em conjecturas da mente humana, muito sujeita a tomar o erro como verdade.

O que dirão eles, de fato, da perseguição em que o próprio Salvador foi crucificado? Em que lugar eles a colocarão? Se eles consideram que se deve contar somente as perseguições que atingiram o corpo da Igreja e não aquela que atingiu sua própria cabeça, o que dirão daquela que surgiu em Jerusalém, depois que Jesus Cristo subiu ao céu e na qual Santo Estevão foi lapidado; São Tiago, irmão de São João, teve a cabeça cortada; o apóstolo São Pedro foi posto na prisão e libertado por um anjo; os fiéis foram expulsos de Jerusalém; Saul, que se viraria o apóstolo Paulo, devastou a Igreja e sofreu em seguida

¹³⁴⁰ Santo Agostinho parece estar aqui se referindo a Paulo Orósio. Veja *Historiae Adversus Paganos*, livro VII, cap. 27 e compare com Sulpício Severo, *História Sacra*, livro II, cap. 33.

por ela o que ele a tinha feito sofrer, percorrendo a Judeia e todas as outras nações, onde seu zelo o fez pregar Jesus Cristo?

Por que eles querem fazer começar em Nero as perseguições da Igreja, já que foi através de horríveis sofrimentos — que seria muito longo contar aqui — que ela chegou até o reinado deste príncipe?

Se eles acreditam que se deve incluir nas perseguições à Igreja todas aquelas que lhe fizeram os reis, Herodes era rei e ele a fez sofrer uma das mais cruéis delas, após a ascensão do Salvador.

Aliás, por que eles não consideram entre as dez, aquela provocada por Juliano? Talvez digam que ele não perseguiu a Igreja. Mas ele proibiu os cristãos de aprenderem e ensinarem as letras humanas¹³⁴¹. Valentiano Maior, que foi imperador depois dele, foi por ele privado do cargo que tinha no exército, por ter confessado a fé cristã¹³⁴². Não digo nada do que ele começou a fazer na Antioquia, quando ele ficou admirado pela constância de um rapaz que cantava todos os dias os Salmos, no meio das mais cruéis torturas, dentre as quais as unhas de ferro e os cavaletes¹³⁴³.

Por fim, o irmão de Valentiano, o ariano Valente, não praticou em nosso tempo, no Oriente, uma sangrenta perseguição contra a Igreja? Como nossa religião se espalhou por todo o mundo, ela talvez

¹³⁴¹ Veja Amiano Marcelino, *Os Feitos*, livro XXII, cap. 10.

¹³⁴² Cf. Sócrates Escolástico, *História Eclesiástica*, livro III, cap. 13.

¹³⁴³ Cf. Sócrates Escolástico, *História Eclesiástica*, livro III, cap. 19.

seja perseguida em um lugar e não em outro. Essa perseguição não deve ser contada?

Não se poderia então incluir como perseguição aquela que o rei dos Godos dirigi em seu país contra os católicos¹³⁴⁴, durante a qual vários sofreram o martírio, como soubemos através de alguns de nossos irmãos, que se lembravam de tê-lo visto, quando eram ainda crianças.

O que eu diria daquela que surgiu na Pérsia¹³⁴⁵ e que não está totalmente terminada? Ela não foi tão intensa que alguns cristãos foram forçados a se retirar para algumas cidades romanas?

Quanto mais eu reflito sobre tudo isso, mais me parece que não se deve determinar o número de perseguições à Igreja. Mas também não seria menos imprudente assegurar que ela deverá sofrer outras antes daquela do anticristo, que nenhum cristão duvida. Deixemos inconclusivo então este ponto, sendo mais sábio e seguro não afirmar nada positivamente.

¹³⁴⁴ Trata-se da perseguição de Atanarico, que aconteceu no ano 370. Veja Paulo Orósio, livro VII, cap. 38.

¹³⁴⁵ É a perseguição do rei dos Persas, Isdigardo e de seu sucessor, Vararano, por volta do ano 420. Veja Teodoro de Cirro, *História Eclesiástica*, livro V, cap. 38 e Sócrates Escolástico, *História Eclesiástica*, livro VII, cap. 18.

Capítulo LIII

Não se sabe quando a última perseguição do mundo acontecerá.

Com relação a essa última perseguição do anticristo, o próprio Salvador a encerrará com sua presença. Está escrito: *O Senhor Jesus o destruirá com o sopro de sua boca e o aniquilará com o resplendor da sua vinda*¹³⁴⁶.

Comumente se pergunta __ e muito mal, a propósito __ quando isso acontecerá. Mas, se nos fosse útil saber isso, quem melhor do que Jesus Cristo, nosso Deus e nosso mestre, para nos informar, no dia em que seus discípulos o perguntaram sobre isso? Longe de se calarem diante dele, eles lhe colocaram esta questão, quando ele ainda estava aqui embaixo: *Senhor, é porventura agora que ides instaurar o reino de Israel?*¹³⁴⁷ Ele lhes respondeu: *Não pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder*¹³⁴⁸. Eles não perguntaram a hora, nem o dia e nem o ano, mas o tempo e, no entanto, Jesus Cristo lhes deu esta resposta. É, portanto, em vão que tentamos determinar os anos que restam até o fim do mundo, já que soubemos pela própria Verdade, que não nos pertence sabê-lo.

No entanto, uns contam quatrocentos, outros quinhentos e outros mil, desde a ascensão do Salvador até seu último advento. Dizer

¹³⁴⁶ 2 Tessalonicenses 2: 8.

¹³⁴⁷ Atos 1: 6.

¹³⁴⁸ Atos 1: 7.

neste momento sobre o que cada um deles apoia sua opinião seria muito longo e mesmo inútil. Eles só se baseiam em conjecturas humanas, sem alegar nada de preciso das Escrituras canônicas. Mas, aquele que disse: *Não pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder*, cortou rente todas essas suposições e nos ordenou nos mantermos afastados disso.

Como, no entanto, estas palavras são do Evangelho, não é de se surpreender que ela não tenha impedido os idólatras de falsificarem respostas dos demônios sobre a duração da religião cristã. Vendo que tantas perseguições cruéis só serviram para fazê-la crescer, invés de destruí-la, eles inventaram não sei quais versículos gregos, que eles dão como resposta ao oráculo e onde Jesus Cristo, na verdade, é absolvido do crime de sacrilégio, mas, em troca, São Pedro neles é acusado de ter se servido de malefícios para fazer o nome de Jesus Cristo ser adorado durante trezentos e sessenta e cinco anos, após o que, seu culto será abolido¹³⁴⁹.

Ó que bela imaginação de gente que se diz de ciência! É digno dessas grandes mentes, que não querem acreditar em Jesus Cristo, acreditar nesses devaneios sobre ele! Dizem que Pedro não aprendeu magia com ele, mas, no entanto, foi um mágico que preferiu fazer o nome de seu mestre ser adorado do que o seu, expondo-se a uma in-

¹³⁴⁹ Sobre esta acusação de magia erguida contra os cristãos, ver Eusébio de Cesareia, *Praeparatio evangelica*, livro III, cap. 8.

finidade de perigos e até mesmo à morte. Se o mágico Pedro fez o mundo amar tanto Jesus, o que fez Jesus inocente para ser tão amado por Pedro? Que eles respondam isso a eles mesmos e que compreendam, se puderem, que a mesma graça de Deus que fez o mundo amar Jesus Cristo para a vida eterna, fez São Pedro amá-lo para a mesma vida eterna e até a sofrer a morte temporal pelo seu nome.

Quais são esses deuses, aliás, que podem prever tantas coisas e que não podem impedir-las? Esses deuses, obrigados a ceder aos encantamentos de um mágico e de um celerado que matou, dizem¹³⁵⁰, uma criança de um ano, despedaçou-a e a sepultou com cerimônias sacrílegas. Esses deuses, enfim, que sofrem por que uma seita que lhes é contrária tenha sobrevivido por tanto tempo, superado tantas perseguições horríveis, não resistindo a elas, mas sofrendo-as e destrói seus ídolos, seus templos, seus sacrifícios e seus oráculos.

Que deus é este, afinal __ seu deus, com certeza e não o nosso __ que foi impulsionado ou atraído por um crime tão grande a realizar tais coisas? Não é a um demônio, mas a um deus que se dirigem aqueles versículos em que Pedro é acusado de ter imposto a lei cristã através de sua arte mágica.

¹³⁵⁰ Sabemos, por Tertuliano, que a suspeita de infanticídio era muito difundida contra os cristãos. Talvez o pretexto para isso fossem algumas práticas secretas e sangrentas de alguns heréticos da família do gnosticismo. Veja a *Apologética*, de Tertuliano e compare com Santo Agostinho, *As heresias*, heresias 26 e 27 e Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, livro III, cap. 8.

Certo, merecem um deus assim, aqueles que não querem reconhecer Jesus Cristo como Deus.

Capítulo LIV

A mentira dos pagãos que dizia que o cristianismo só devia durar trezentos e sessenta e cinco anos.

Eis uma parte do que eu argumentaria contra eles, se esses anos falsamente prometidos e ingenuamente acreditados ainda não tivessem se passado. Mas, como já há algum tempo esses trezentos e sessenta e cinco anos desde o estabelecimento do culto à Jesus Cristo por sua encarnação e pela pregação dos Apóstolos já se passaram, o que é preciso mais para refutar essa falsidade?

Que eles não sejam contados, se quiserem, desde o nascimento do Salvador, por que não havia então discípulos; pelo menos não se pode negar que a religião cristã só começou a aparecer quando ela começou a tê-los, ou seja, após ele ter sido batizado por São João no rio Jordão.

De fato, é o que registra esta profecia: *Ele dominará de um ao outro mar, desde o grande rio até os confins da terra*¹³⁵¹. Mas, como a fé não havia ainda sido anunciada a todos antes de sua paixão e sua ressurreição, como o Apóstolo São Paulo disse aos Atenienses, nestes termos: *Deus, porém, não levando em conta os tempos da igno-*

¹³⁵¹ Salmo 71: 8.

*rância, convida agora a todos os homens de todos os lugares a se arrependerem. Porquanto fixou o dia em que há de julgar o mundo com justiça, pelo ministério de um homem que para isso destinou. Para todos deu como garantia disso o fato de tê-lo ressuscitado dentre os mortos*¹³⁵². É melhor, para resolver a questão, começar nesse momento a era cristã, sobretudo por que foi então que o Espírito Santo foi dado, nessa cidade onde deveria começar a segunda Lei, ou seja, o Novo Testamento.

A primeira Lei, que é o Antigo Testamento, foi promulgada por Moisés no monte Sinai. Mas, com relação àquela que deveria ser trazida pelo Messias, eis o que foi profetizado: *De Sião deve sair a lei e de Jerusalém, a palavra do Senhor*¹³⁵³. Daí vem que ele mesmo disse que é preciso pregar em seu nome a penitência a todos as nações, mas começando por Jerusalém.

Foi aí então que o culto ao seu nome começou e que se teve, primeira vez, a crença em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Foi aí que pela primeira vez a fé foi tão ardente que as pessoas, milagrosamente convertidas, venderam todos os seus bens e os distribuíram aos pobres, para abraçar a santa pobreza e estarem mais prontos para combater até à morte pela defesa da verdade, no meio da agitação e sede de sangue dos judeus. Se isso não foi feito por magia, por que

¹³⁵² Atos 17: 30 e 31.

¹³⁵³ Isaías 2: 3.

eles têm tanta dificuldade para acreditar que a mesma virtude divina que operou uma maravilha tão grande nesse lugar, pôde estendê-la para todo o mundo?

E se foram os sortilégios de Pedro que realizaram essa prodigiosa mudança em Jerusalém e fizeram uma multidão tão grande de pessoas que tinham crucificado o Salvador ou que o tinham insultado na cruz, foram subitamente levados a adorá-lo, é preciso ver, pelo tempo que isso aconteceu, quando os trezentos e sessenta e cinco anos se passaram.

Jesus Cristo morreu sob o consulado dos dois gêmeos, em vinte e cinco de março¹³⁵⁴. Ele ressuscitou três dias depois, segundo o testemunho dos Apóstolos, que foram testemunhas oculares deste evento. Quarenta dias após ele subiu ao céu e enviou o Espírito Santo dez dias depois.

Foi então que mil pessoas acreditaram nele depois da pregação dos Apóstolos. Aí então começou o culto ao seu nome, pela virtude do Espírito Santo, segundo nossa fé e segundo a verdade, ou, como a impiedade finge ou pensa tolamente, pelos encantamentos de Pedro.

Pouco tempo depois, cinco mil pessoas se converteram, diante da cura de um coxo de nascença, que era tão deficiente que era levado todos os dias à entrada do templo para pedir esmola e que se le-

¹³⁵⁴ Os estudiosos não estão perfeitamente de acordo sobre esta data. Santo Agostinho utiliza a data de Tertuliano e de Lactâncio. O Padre Petau (*Ration. temp.*, part. I, livro V), fixa a morte de Cristo em 23 de março, sob o consulado de Tibério e de Sejano.

vantou e caminhou sob as ordens de Pedro e em nome de Jesus Cristo.

Foi assim que a Igreja cresceu cada vez mais e fez rapidamente novas conquistas. É, portanto, fácil calcular o dia em que começou o ano que estamos procurando. Foi quando o Espírito Santo foi enviado, ou seja, nos idos de maio. Contanto os cônsules, achamos esses trezentos e sessenta e cinco anos na mesma época no consulado de Honório e Eutiquiano.

No entanto, no ano seguinte, sob o consulado de Mânlio Teodoro, quanto então, segundo o oráculo dos demônios ou a ficção humana, não deveria mais haver cristianismo, vemos em Cartago, a maior e mais célebre cidade da África, sem falar do que se passa em outros lugares, Gaudêncio e Jóvio, condes do imperador Honório, dar, no dia dezenove de março, ordem para a destruição dos templos dos falsos deuses e a quebra de seus ídolos.

Desde essa época até o presente momento¹³⁵⁵, ou seja, por volta de trezentos anos, quem não vê o quanto o culto ao nome de Jesus Cristo aumentou. Sobretudo depois que vários daqueles que estavam detidos por essa vã profecia, se fizeram cristãos, vendo esse tempo quimérico se passar.

¹³⁵⁵ Santo Agostinho nos dá aqui, sem querer, a data da composição do Livro XVIII da Cidade de Deus. Barônio a fixa no ano 426. Vivés, no ano 429.

Nós então, que somos cristãos e levamos seu nome, não acreditamos em Pedro, mas naquele em que Pedro acreditou. Não estamos encantados por seus sortilégios, mas edificados por suas pregações. Jesus Cristo, que é o mestre de Pedro, é também nosso mestre e ele nos ensina a doutrina que conduz à vida eterna.

Mas, é tempo de terminar este livro, onde mostramos suficientemente, me parece, o progresso das duas cidades que estão misturadas aqui embaixo, desde o começo até o fim. A da terra fez deuses para si, que lhe pediram sacrifícios. A do céu, estrangeira aqui na terra, não fez deuses para si, mas ela mesma foi feita pelo verdadeiro Deus, para ser seu verdadeiro sacrifício.

As duas, no entanto, dividem em partes iguais os bens e os males desta vida. Mas sua fé, sua esperança e sua caridade são diferentes, até que o último julgamento as separe e que cada uma delas chegue ao seu fim, que não terá fim. É do fim de uma e de outra que nos resta falar.

Livro XIX – O soberano bem.

Este livro trata do fim de cada uma das duas cidades. Examinam-se nele as teorias dos filósofos sobre o soberano bem e seus inúteis esforços para se propiciarem nesta vida uma felicidade perfeita. Mesmo refutando essas doutrinas, Santo Agostinho mostra no que consiste a felicidade do cristão, como ela pode ser na vida presente e o como se tem o direito de esperar que ela seja na vida futura.

Capítulo I

Podem existir, segundo Varrão, duzentos e oitenta e oito sistemas filosóficos no tocante ao soberano bem.

Já que resta tratar do fim de cada uma das duas cidades, devo primeiro relatar, em poucas palavras, aonde chegaram os humanos para se propiciar uma beatitude no meio das misérias desta vida. Devo, ao mesmo tempo, mostrar, não somente através da autoridade divina, mas também pela razão, o quanto há de diferente entre as quimeras dos filósofos e a esperança que Deus nos dá aqui embaixo e que deve ser seguida da verdadeira felicidade.

Os filósofos agitaram muito fortemente a questão do fim dos bens e dos males¹³⁵⁶ e tiveram muito trabalho para encontrar o que pode tornar o ser humano feliz. Pois, o fim supremo, quanto ao nosso bem, é o objetivo pelo qual se deve procurar todo o resto e que não deve ser procurado por ele mesmo.

¹³⁵⁶ Aqui, bem como ao longo de todo o livro XIX, está claro que Santo Agostinho fala do tratado bem conhecido de Cícero que tem por título *De finibus honorum et malorum, ou seja, O fim último para onde tendem os bens e os maus.*

Assim, por fim do bem, não entendemos um fim onde ele se esgota até não existir mais, mas aonde ele chega para atingir sua plenitude e, da mesma forma, por fim do mal, não queremos falar do que destrói o mal, mas do que o leva ao seu ápice.

Estes dois fins são, portanto, o soberano bem e o soberano mal e é para encontrá-los que se atormentam tanto, como eu disse, aqueles que, no meio das vaidades do século, transformaram em profissão o amor pela sabedoria. Mas, embora eles tenham errado de muitas maneiras, a luz natural não lhes permitiu se afastarem muito da verdade, ao colocarem o soberano bem e o soberano mal, uns na alma, outros no corpo e outros nos dois.

Desta tripla divisão, Varrão, em seu livro **De la Philosophie**¹³⁵⁷, tira uma tão grande diversidade de sentimentos, que, acrescentando algumas pequenas diferenças, ele conta até duzentos e oitenta e oito seitas, senão reais, pelo menos possíveis.

Eis como ele procede. Diz ele que há quatro coisas que as pessoas procuram naturalmente, sem precisar de mestre nem de arte e que são, por consequência, anteriores à virtude (a qual é, certamente, fruto da ciência)¹³⁵⁸: primeiramente, o prazer, que é uma manifestação agradável dos sentidos; em segundo lugar, a serenidade, que exclui tudo o que poderia incomodar o corpo; em terceiro lugar, estas

¹³⁵⁷ Obra perdida.

¹³⁵⁸ Sobre a questão, muito controvertida para os antigos, se a virtude pode ou não ser ensinada, veja Platão (Protágoras e Ménon) e Plutarco, em seu tratado *Se a virtude é coisa que se ensina*.

duas coisas reunidas, que o próprio Epicuro confundiu sob o nome de prazer¹³⁵⁹; por fim, os bens primordiais da natureza, que compreendem tudo o que acabamos de dizer e outras coisas mais, como a saúde e a integridade dos órgãos, ou seja, para o corpo e os dons variados do espírito, ou seja, para a alma.

Ora, estas quatro coisas — prazer, serenidade, serenidade e prazer, bens primordiais da natureza — estão em nós de uma maneira tal que é preciso, de três coisas, pelo menos uma: ou procurar a virtude nelas, ou procurá-las para a virtude, ou só procurá-las por elas mesmas. Daí nascem doze seitas.

Nessa conta, de fato, cada uma é triplicada, como vou mostrar através de uma delas e, após o que, não será difícil reproduzir para as outras. Que o prazer do corpo seja submetido, preferido ou associado à virtude, isso perfaz três seitas. Ora, ele é submetido à virtude, quando é tomado como instrumento da virtude.

Assim, é dever da virtude viver para a pátria e gerar-lhe filhos; duas coisas que não podem ser feitas sem prazer. Mas, quando se prefere o prazer à virtude, só se busca o prazer por ele mesmo e então a virtude não passa de um meio para adquirir ou para conservar o prazer e essa virtude escrava não merece mais seu nome. Esse siste-

¹³⁵⁹ A palavra de Epicuro é *edone*. Epicuro, *Ep. ad Men.* 129.

ma infame encontrou, no entanto, defensores e apologistas dentre os filósofos.

Por fim, o prazer está associado à virtude quando não se procura um pelo outro, mas cada um por ele mesmo. Agora, da mesma forma que o prazer, uma por uma, submetido, preferido ou associado à virtude, fez três seitas; da mesma forma, a serenidade, o prazer com a serenidade e os bens primordiais da natureza, fazem também um número igual, na medida em que eles estão submetidos, preferidos ou associados à virtude e, desta forma, doze seitas.

Mas este número dobra, ao se acrescentar a ele uma diferença, que é a vida social. De fato, quem adere a qualquer uma dessas seitas, ou faz somente por si mesmo, ou o faz também por alguém mais ao qual ele se associa e a quem ele deve desejar o mesmo benefício.

Haverá, portanto, doze seitas filosóficas que só professarão suas doutrinas por elas mesmas e doze que a estenderão aos seus semelhantes, cujo bem não os tocará menos do que ao seu próprio.

Ora, essas vinte e quatro seitas dobram novamente e chegam a quarenta e oito, ao se acrescentar a elas uma diferença tomada das opiniões da Nova Academia¹³⁶⁰. Dessas vinte e quatro opiniões, de fato, cada uma pode ser defendida como certa e foi assim que os estoicos pretenderam que é certo que o soberano bem do ser humano só

¹³⁶⁰ Sobre a Nova Academia, ver abaixo.

consiste na virtude ou como incerto e somente verossímil, como fiziram os novos acadêmicos.

Eis então vinte e quatro seitas filosóficas que defendem sua opinião como segura e vinte e quatro outras que a defendem como duvidosa. Além disso, como cada uma dessas quarenta e oito seitas podem ser reunidas, ou segundo a maneira de viver dos outros filósofos ou segundo a dos cínicos, essa diferença os dobra mais uma vez e perfazem oitenta e seis.

Acrescentemos, por fim, a isso, que, como se pode reunir cada uma delas, ou, por levar uma vida tranquila, a exemplo daqueles que, por gosto ou por necessidade, dedicaram todos seus momentos ao estudo, ou mesmo uma vida ativa, a maneira daqueles que juntam, ao estudo da filosofia, o governo do Estado, ou uma vida mesclada das duas outras, tais como aqueles que dedicaram uma parte de seu tempo livre à contemplação e outra à ação, essas diferenças podem triplicar o número das seitas e chegar até a duzentos e oitenta e oito.

Eis o que eu recolhi do livro de Varrão, o mais sucinta e claramente que me foi possível, me prendendo ao seu pensamento, sem citar suas expressões.

Ora, dizer agora, como esse autor, após ter refutado as outras seitas, escolhendo uma que ele pretende ser aquela dos antigos acadêmicos e, como ele distingue essa escola segundo sua dogmática, da qual Platão é o líder e Polêmon o quarto e último representante, da

dos novos acadêmicos, que colocam tudo em dúvida e que, começando por Arcésilas, sucessor de Polêmon¹³⁶¹, relacionar tudo isso, eu digo, em detalhes, bem como as provas que ele alega para mostrar que os antigos acadêmicos foram isentos de erros e de dúvidas, seria infinitamente longo e, no entanto, é necessário dizê-lo em poucas palavras.

Varrão rejeita, portanto, desde o início, as diferença que multiplicaram tanto essas seitas e ele as rejeita por que elas não se relacionam com o soberano bem. Segundo ele, de fato, uma seita filosófica só existe e se distingue de outras com a condição de ter uma opinião própria sobre o soberano bem. Pois o ser humano não tem outro objetivo ao filosofar que não seja ser feliz. Ora, o que torna feliz é o soberano bem e, por consequência, toda seita que não tem, para atingir o soberano bem, seu próprio caminho, não é realmente uma seita filosófica.

Assim, quando se pergunta se o sábio deve levar uma vida civil e social e propiciar ao seu amigo todo bem que ele propicia a si mesmo ou se ele só deve procurar a beatitude para si mesmo, é ques-

¹³⁶¹ A escola acadêmica, que deve seu nome a um ginásio situado nos jardins de Academus, perto do qual morava Platão, abrange um período de quatro séculos, desde Platão até Antíoco. Uns admitem três academias: a antiga, de Platão, a média, de Arcésilas e a nova, de Carnéade. Outros admitem quatro; a saber: com as três precedentes, a de Filon. Outro, por fim, acrescentam uma quinta academia: a de Antíoco, mestre de Varrão, de Lúculos e de Cícero. Dentre essas distinções, uma somente é importante: é a que separa Platão e seus verdadeiros discípulos — Speusipo e Xenócrates — da família dos falsos platônicos semi-céticos, da qual Arcésilas é o pai e Antíoco o último membro considerável.

tão, não do soberano bem, mas de saber se ele deve associar alguém mais consigo.

Da mesma forma, quando se pergunta se é preciso revogar todas as coisas duvidosas, como os novos acadêmicos, ou se se deve considerá-las como certas, como outros filósofos, não se pergunta qual é o bem que se deve buscar, mas se é preciso duvidar ou não da verdade do bem que se busca.

A maneira de viver dos cínicos, diferente da dos outros filósofos, não diz respeito à questão do soberano bem, mas, supondo-a resolvida, pergunta-se somente se é preciso viver como os cínicos. Ora, houve pessoas que, mesmo colocando o soberano bem em diferentes objetos — uns, na virtude e outros, no prazer — não deixaram de levar o gênero de vida que valeu aos cínicos seu nome¹³⁶². Assim, o que faz a diferença entre os cínicos e os outros filósofos é estranho à questão da natureza do soberano bem. Não fosse assim, a mesma maneira de viver implicaria no mesmo fim buscado e reciprocamente, o que não é o caso.

¹³⁶² Alusão a certos epicuristas e mesmo a certos estoicos que se aproximavam muito dos cínicos em sua maneira de viver.

Capítulo II

Como Varrão reduz todas essas seitas a três, dentre as quais é preciso escolher a boa.

Mesmo quando se pergunta se se deve adotar a vida ativa ou a vida contemplativa ou uma mistura das duas, não se trata do soberano bem, mas do gênero de vida mais adequado a adquiri-lo e a conservá-lo.

De fato, no momento em que a pessoa supostamente atingiu o soberano bem, ela é feliz. Enquanto que a paz do estudo ou a agitação dos assuntos públicos ou a mistura dessa agitação e dessa paz, não propiciam imediatamente a felicidade. Muitos podem adotar um dos três tipos de vida e se enganar sobre a natureza do soberano bem.

São, portanto, questões inteiramente diferentes: a do soberano bem, que constitui cada seita filosófica, a da vida civil, da incerteza dos acadêmicos, do gênero de vida e da roupa dos cínicos, enfim, dos três tipos de vida: a ativa, a contemplativa e a mistura de uma e outra.

Foi por isso que Varrão, rejeitando estas quatro diferenças, que faziam o número de seitas chegar a duzentos e oitenta e oito, as reduz a doze, que tratam unicamente de saber qual é o soberano bem do ser humano, para estabelecer que uma só dentre elas contém a verdade, estando todo o resto no erro.

Afaste, de fato, os três tipos de vida e dois terços do total são cortados, restando oitenta e seis seitas. Retire a diferença que separa os cínicos e elas se reduzem à metade: quarenta e oito. Retire também a diferença relativa à Nova Academia e elas diminuem novamente pela metade, caindo para vinte e quatro. Retire, por fim, a diferença entre a vida solitária e a vida social e só restarão doze seitas, número que, sem essa diferença, chegaria a vinte e quatro.

Quanto a essas doze seitas, não se pode contestar sua qualidade, já que elas não se propõem outra busca que não seja a do soberano bem. Ora, para formar essas doze seitas, é preciso triplicar quatro coisas: o prazer, a serenidade, a serenidade e o prazer, os bens primordiais da natureza; considerando que cada uma destas coisas está submetida, preferida ou associada à virtude, isso dá um total de doze.

Agora, dessas quatro coisas, Varrão retira três: o prazer, a serenidade, a serenidade associada ao prazer. Não que ele as desaprove, mas por que elas estão compreendidas entre os bens primordiais da natureza.

De sorte que não há mais do que três seitas para examinar, pois aqui, como em qualquer outra matéria, não pode haver mais do que uma que seja verdadeira e essas três seitas consistem na busca, seja dos bens primordiais da natureza para a virtude, seja a virtude para os bens primordiais da natureza, seja cada uma destas duas coisas por elas mesmas.

Capítulo III

Qual é, entre os três sistemas sobre o soberano bem, aquele que é preciso preferir, segundo Varrão, que se declara discípulo de Antíoco e da Antiga Academia.

Eis como Varrão procede: ele considera que o soberano bem buscado pela filosofia não é o bem da planta, do animal, nem de Deus, mas do ser humano. Daí ele conclui que se deve saber primeiro o que é o ser humano.

Ora, ele acredita que há duas partes na natureza humana: o corpo e a alma. Ele não duvida que a alma seja muito melhor do que o corpo. Mas, saber se somente a alma é o ser humano, de sorte que o corpo seja para ela o que o cavalo é para o cavaleiro, é o que ele acha que se deva examinar.

O cavaleiro, de fato, não é todo o conjunto ser humano e cavalo, mas somente o ser humano, que, no entanto, se chama cavaleiro por causa de sua relação com o cavalo. Por outro lado, o corpo somente é o ser humano, com alguma relação com a alma, como o recipiente com relação à bebida? Pois recipiente não é o conjunto todo, mas somente o copo é chamado de vasilha, com a condição, no entanto, de que ele seja feito de maneira a conter a bebida.

Enfim, se o ser humano não é somente a alma, nem o corpo somente, ele é um composto dos dois, como uma atrelagem de dois cavalos não é nenhum dos dois em particular, mas os dois juntos.

Varrão é partidário desta opinião, o que o leva a concluir que o soberano bem do ser humano consiste na reunião dos bens da alma com os bens do corpo. Ele acredita então que os bens primordiais da natureza são desejáveis por eles mesmos, assim como a virtude, essa arte de viver que ensina a ciência e que é, dentre os bens da alma, o bem supremo.

Quando então a virtude recebeu da natureza esses bens primordiais, que são anteriores a toda ciência, ela os procura para si, ao mesmo tempo em que ela busca a si mesma e ela os usa como ela usa a si mesma, de maneiras a encontrar ali suas delícias e sua alegria, se servindo de todos, mais ou menos, segundo eles sejam maiores ou menores e sabendo desprezar os menores, quando isso é necessário para adquirir ou para conservar os outros.

Ora, de todos esses bens da alma e do corpo, não há nenhum que a virtude prefira, por que ela sabe usar como se deve, tanto a si como a tudo o que torna o ser humano feliz. Pelo contrário, onde ela não está, os outros bens, por mais abundantes que eles sejam, não são benéficos para aquele que os possui, por que ele os usa mal.

A vida do ser humano é, portanto, feliz, quando ele desfruta da virtude e, dentre os outros bens da alma e do corpo, de todos aqueles sem os quais a virtude não pode subsistir. Ela é ainda mais feliz quando possui outros bens que a virtude absolutamente não necessi-

ta. Por fim, ela é muito feliz quando não lhe falta nenhum bem, seja da alma, seja do corpo.

A vida, de fato, não é a mesma coisa que a virtude, já que nem todo tipo de vida é virtuosa, mas somente aquela que é sábia e ordenada. No entanto, uma vida, qualquer que seja ela, pode existir sem a virtude, enquanto que a virtude não pode existir sem a vida.

O mesmo se pode dizer da memória e da razão. Elas estão no ser humano antes da ciência e a ciência não poderia existir sem elas nem, por consequência, a virtude, já que ela é fruto da ciência.

Quanto às qualidades do corpo, como a velocidade, a beleza, a força e outras semelhantes, mesmo que a virtude possa existir sem elas, como elas sem ela, no entanto, elas são bens e, segundo esses filósofos, a virtude os ama por amor a ela mesma e se serve deles ou desfruta deles convenientemente.

Eles dizem que essa vida feliz é também uma vida social, que ama o bem de seus amigos como o seu próprio e lhes deseja os mesmos benefícios que a ela mesma, seja que eles vivam na mesma casa, como uma mulher, filhos, domésticos, ou na mesma cidade, como os cidadãos, ou no mundo, o que comprehende o céu e a terra, como os deuses, que eles dizem que são amigos dos sábios e que nós estamos acostumados a chamar de anjos.

Além disso, eles afirmam que, sobre a questão do soberano bem e do soberano mal, não há espaço para dúvidas e, com isso, eles

pretendem se diferenciar dos novos acadêmicos. Pouco lhes importa, aliás, o tipo de vida que se escolheu para atingir o soberano bem; seja a dos cínicos, seja qualquer outra.

Por fim, quanto aos três gêneros de vida que mencionamos __ a vida ativa, a vida contemplativa e uma mistura das duas __ é esta última a que mais lhes agrada.

Esta é então a doutrina da Antiga Academia, tal como Varrão a recebeu de Antíoco¹³⁶³, que foi o mestre de Cícero, embora este o ligue mais à escola estoica do que à Academia. Mas isso pouco nos importa, pois buscamos menos distinguir as diversas opiniões das pessoas do que descobrir a verdade sobre o fundamento das coisas.

Capítulo IV

O que pensam os cristãos sobre o soberano bem, contra os filósofos que acreditaram encontrá-lo neles mesmos.

Se nos perguntarem qual é a opinião da Cidade de Deus sobre todos esses pontos e, principalmente, no tocante ao fim dos bens e dos males, ela responderá que a vida eterna é o soberano bem e a morte eterna o soberano mal e que, desta forma, devemos tratar de viver bem, para adquirir uma e evitar a outra.

¹³⁶³ Dissemos acima que Antíoco foi o líder de uma quinta academia. Ele era de Ascalon e floresceu no primeiro século antes de Cristo. Seu traço distintivo foi ter tentado uma aliança entre as três maiores escolas da antiguidade: a Academia, o Liceu e o Pórtico. Veja sobre Antíoco a monografia do Sr. Châpuis, editada em Paris em 1854.

Está escrito: *O justo viverá pela fé*¹³⁶⁴. De fato, nesta vida, não vemos ainda nosso bem, de sorte que devemos procurá-lo pela fé, não estando em nós mesmos o poder de viver, se aquele que nos deu a fé em sua assistência não nos ajudar a acreditar e a rezar.

Para aqueles que acreditaram que o soberano bem está nesta vida, tenham eles o colocado no corpo ou na alma ou nos dois ao mesmo tempo ou, para resumir todos os sistemas, que eles tenham feito com que ele consistisse no prazer ou na virtude ou em um e outro; na serenidade ou na virtude ou em um e outro; no prazer e na serenidade ou na virtude ou em tudo isso junto; enfim, nos bens primordiais da natureza ou na virtude ou nessas coisas reunidas; seja como for, é uma estranha vaidade colocar sua beatitude aqui embaixo e, sobretudo, fazê-la depender deles mesmos.

A Verdade ri desse orgulho, quando ela diz para o profeta: *O Senhor conhece os pensamentos dos homens e sabe que são vãos*¹³⁶⁵. Ou, como fala o apóstolo São Paulo: *O Senhor conhece os pensamentos dos sábios e ele sabe que são vãos*¹³⁶⁶.

¹³⁶⁴ Habacuc 2: 4; Gálatas 3: 11.

¹³⁶⁵ Salmo 93: 11

¹³⁶⁶ 1 Coríntios 3: 20.

Que rio de eloquência seria suficiente para escoar todos os mistérios desta vida? Cícero tentou isso como ele pôde na **Consolação** sobre a morte de sua filha¹³⁶⁷, mas o que ele pôde é pouca coisa!

De fato, os bens primordiais da natureza, podemos possuí-los nesta vida sem que eles estejam sujeitos a uma infinidade de perturbações? Há alguma dor ou alguma preocupação (duas afecções diametralmente opostas ao prazer e à serenidade) às quais o corpo do filósofo não esteja exposto? A amputação ou a fraqueza dos membros são contrárias à integridade das partes do corpo, a feiura à sua beleza, a doença à sua destreza; no entanto, de qual destes males o filósofo está isento?

O equilíbrio do corpo e seus movimentos, quando estão na justa medida, estão incluídos nos bens primordiais da natureza. Mas, o que será se alguma indisposição faz tremer os membros? O que será se a espinha dorsal se curva, de sorte que a pessoa seja obrigada a caminhar de quatro, como um animal? Isso não destruirá a postura firme e ereta do corpo, a beleza e a medida de seus movimentos?

Que direi dos bens primordiais naturais da alma, o sentido e o intelecto, sendo que um é dado para perceber a verdade e o outro para compreendê-la? Onde estará o primeiro, se uma pessoa fica cega e surda; e o segundo, se ela se torna louca? Quantos loucos não co-

¹³⁶⁷ Esta obra está perdida, exceto por um pequeno número de curtos fragmentos, que Lactâncio conservou. O pedaço que se encontra nas obras de Cícero sob o nome de **Consolação** é um pastiche esforçado de algum ciceronista da Renascença.

metem extravagâncias a ponto de nos produzir lágrimas, quando os consideramos seriamente?

Falarei daqueles que são possuídos pelo demônio? Onde está enterrada sua razão, quando o maligno abusa de sua alma e de seu corpo como bem quer? E quem pode assegurar que uma coisa assim não acontecerá ao filósofo nesta vida?

Há mais: quão defeituoso é o conhecimento da verdade aqui embaixo! Ou, nas palavras da Sabedoria: *O corpo corruptível torna pesada a alma e a morada terrestre opri me o espírito carregado de cuidados*¹³⁶⁸.

A atividade instintiva que os gregos chamam de *orme* (*όρμην*) e que igualmente conta como um bem primordial da natureza¹³⁶⁹, não é ela, nos loucos, a causa daqueles movimentos e ações que nos provocam horror?

Enfim, a virtude, que não está dentre os bens da natureza, já que ela é fruto tardio da ciência, mas, no entanto, reclama o primeiro lugar dentre os bens humanos, o que ela faz sobre a terra, se não é uma guerra contínua contra os vícios? Eu não falo dos vícios que estão fora de nós, mas daqueles que estão em nós, que não nos são estranhos e que pertencem a nós mesmos.

¹³⁶⁸ Sabedoria 9: 15.

¹³⁶⁹ Veja Cícero, *De finibus*, livro V, cap. 6 e *De Nat. Deor.*, livro II, cap. 22.

Que guerra deve sobretudo sustentar essa virtude que os gregos chamam de *σωφροσύνη* (*sophrosune*) e o latinos *temperantia* (temperança), quando é preciso reprimir os apetites descontrolados da carne, para que eles não façam o espírito consentir com ações criminosas?

E não imaginemos que não haja vícios em nós, pois, como diz o Apóstolo: *Os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*¹³⁷⁰.

Ora, o que queremos fazer, quando queremos que o soberano bem se realize em nós, se não é que a carne concorde com o espírito e que não haja mais um divórcio entre eles? Mas, já que não conseguíramos realizar este desejo nesta vida, por mais que tentemos, tratemos pelo menos, com a ajuda de Deus, de não consentir com as cobiças descontroladas da carne. Deus nos livre então de acreditar, dilacerados que somos por essa guerra intestina, que já possuímos a beatitude que deve ser o fruto de nossa vitória e que, no entanto, só é atingida com o ápice da sabedoria, quando não se tem mais que lutar contra as paixões.

Que direi da virtude chamada prudência? Toda sua atenção não está ocupada em discernir o bem do mal, para buscar um e fugir do outro? Ora, isso não prova que estamos no mal e o mal está em nós?

¹³⁷⁰ Gálatas 5: 17.

Não aprendemos com ela que é um mal concordar com nossas más inclinações e que é um bem resistir a elas. No entanto, esse mal, que a prudência nos ensina a não concordar com ele e que a temperança nos faz combater, nem a temperança e nem a prudência fazem com ele desapareça.

E a justiça, cuja função é conceder a cada um o que lhe é devido¹³⁷¹ e que, portanto, mantém no ser humano a ordem justa da natureza, onde a alma se submete a Deus, o corpo à alma e ambos a Deus? Ela não mostra bem, através do esforço que ela faz para executar sua função, que ela ainda não chegou ao fim de seu trabalho?

A alma está, de fato, tão menos submissa a Deus quanto menos ela pensa nele e a carne está tão menos submissa ao espírito quanto mais ela tem desejos que lhe são contrários.

Assim, enquanto estamos sujeitos a essas fraquezas e a esses ataques, como ousamos dizer que já estamos salvos? E se não estamos ainda salvos, com que cara podemos achar que somos bem-aventurados?

Quanto à força, seja qual for a sabedoria que a acompanha, ela não é um testemunho irreproável dos males que atacam os seres humanos e que a paciência força a suportar?

¹³⁷¹ Esta é a definição consagrada pelo Direito Romano. A justiça é uma vontade perpétua e constante de conceder a cada um o que lhe é devido.

Na verdade, me espanta que os estoicos tenham a ousadia de negar que essas coisas sejam males, ao mesmo tempo em que eles prescrevem ao filósofo, se esses males chegam a um ponto em que ele não possa ou não deva mais suportá-los, que se dê a morte, que saia desta vida¹³⁷². No entanto, é tal a estupidez e o orgulho que derubam esses filósofos, que querem encontrar nesta vida e neles mesmos o princípio de suas felicidades, que eles não têm vergonha de dizer que seu sábio, aquele cujo fantástico ideal eles traçam, é sempre feliz, seja ele cego, surdo, mudo, impotente, atacado pelas mais cruéis dores; os mesmos males que os obrigam a se dar a morte.

Ó vida feliz, que, para deixar de ser, procura a ajuda da morte!

Se ela é feliz, que se permaneça nela e se se foge dela, por causa dos males que a afligem, como ela é feliz?

É possível não chamar de mal o que triunfa da própria coragem e a leva, não somente a se render, mas ao delírio de ver como feliz uma vida da qual se deve fugir? Quem é tão cego a ponto de não ver que, se se deve fugir dela, ela não é uma vida feliz? E se eles confessam que se deve fugir dela por causa das fraquezas que a atormentam, por que eles também não abandonam sua soberba e confessam também que ela é miserável?

¹³⁷² A escola estoica permitia e, em alguns casos, ordenava o suicídio. Catão, Brutus e muitos outros praticaram até o fim o que eles acreditavam ser seu direito ou seu dever.

Não foi mais por impaciência do que por coragem, que o famoso Catão se deu a morte e para não ter que sofrer com César vitorioso? Onde estava a força desse homem tão aclamado? Ela cedeu, ela sucumbiu, ela foi tão superada que ele fugiu e abandonou uma vida bem-aventurada.

Ela não o era, você diz? Confesse então que ela era infeliz. Então, como o que torna uma vida infeliz e detestável não seria um mal?

Desta forma, os peripatéticos e os filósofos da Velha Academia — da qual Varrão se diz defensor — tiveram a sagacidade de ceder sobre este ponto. Mas seu erro é ainda estranho, ao sustentarem que, apesar de todos os males, o sábio não deixa de ser feliz. “As torturas e as dores do corpo são males e elas o são tanto piores quanto maiores podem ser. É por isso que é preciso se livrar delas, saindo da vida”, diz Varrão. De que vida, eu pergunto? Daquela que está coberta por tantos males, responde Varrão.

Pois então, é desta vida sempre feliz, mesmo no meio de tantos males, que devemos sair? Você só a chama de feliz por que lhe é permitido se livrar dela?

O que seria então se algum julgamento secreto de Deus mantivesse você retido no meio desses males, sem permitir que a morte o libertasse jamais? Então, pelo menos assim você seria obrigado a confessar que uma vida desse tipo é miserável. Não é, portanto, por

ser deixada prontamente que ela deixa de ser miserável; a menos que queira chamar de felicidade uma miséria curta.

Certo! É preciso que os males sejam muito violentos para obrigar uma pessoa __ e uma pessoa sábia __ a deixar de existir para se livrar deles. Eles dizem de fato e com razão que é o primeiro grito da natureza que o ser humano ame a si mesmo e, portanto, que ele tenha uma aversão instintiva à morte e busque tudo o que pode manter a união entre o corpo e a alma¹³⁷³.

É preciso então que os males sejam muito violentos para sufocar esse sentimento da natureza e extinguí-lo até o ponto de desejarmos a morte e voltarmos nossas próprias mãos contra nós mesmos, se ninguém se dispõe em nos estendê-las.

É preciso que os males sejam bem violentos para se tornarem uma força homicida. Se é que a força ainda merece este nome, quando sucumbiu ao mal e, não somente não pode conservar, através da paciência, uma pessoa da qual ela tinha assumido o governo e a proteção, como se vê reduzida a matá-lo.

Sim, eu concordo, o sábio deve sofrer a morte com paciência, mas quando ela vem através de uma mão estrangeira. Se então, segundo eles, o sábio se vê obrigado a se conceder isso, é preciso que

¹³⁷³ Estas são quase as mesmas expressões de Cícero em *De finibus*, livro V, cap. 5. Compare Ibid. livro V, cap. 9 e *De officiis*, livro I, cap. 4.

eles confessem que os acidentes que o obrigam a isso, não são somente males, mas males insuportáveis.

Seguramente, uma vida sujeita a tantas misérias não pode jamais ser chamada de feliz, se aqueles que lhe dão esse nome cedem à verdade como eles cedem à dor, em vez de pretender usufruir do soberano bem em um lugar onde as próprias virtudes, que são o que o ser humano tem de melhor aqui embaixo, são testemunhas tão fiéis de nossas misérias quanto mais elas trabalham para nos garantir.

Se são, portanto, virtudes verdadeiras e elas só podem ser assim naqueles que possuem uma verdadeira piedade, elas não prometem livrar ninguém de todos os males. Não, elas não fazem esta promessa, por que elas não sabem mentir. Tudo o que elas podem fazer é nos assegurar que, se esperamos no século que há de vir, esta vida humana, necessariamente miserável por causa das inumeráveis provas do presente, se tornará um dia bem-aventurada, ao ganhar, no mesmo ato, a salvação e a felicidade.

Mas como ela possuirá a felicidade, se não possui ainda a salvação? O apóstolo São Paulo, falando, não desses filósofos verdadeiramente desprovidos de sabedoria, de paciência, de temperança e de justiça, mas daqueles que possuem uma verdadeira piedade e, por consequência, virtudes verdadeiras, diz: *Pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança, por que o*

*que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é em paciência que o aguardamos*¹³⁷⁴.

A nossa felicidade, bem como nossa salvação, nós só possuímos na esperança. Isto não está no presente, mas no futuro, por que estamos no meio de males que precisamos suportar pacientemente, até que consigamos o usufruto dos bens inefáveis que não serão perturbados por nenhum desprazer.

A salvação da outra vida será então a beatitude final; aquela na qual nossos filósofos se recusam a acreditar, por que não a veem e colocam em seu lugar a fantasia de uma felicidade terrestre calcada em uma enganosa virtude, tão soberba quanto mais falsa é.

Capítulo V

A vida social e os males que a perturbam.

Estamos muito mais de acordo com os filósofos quando eles querem que a vida do sábio seja uma vida em sociedade. Como a Cidade de Deus (objeto desta obra que escrevemos presentemente o livro dezenove) poderia ter nascido, como ela poderia ter se desenvolvido ao longo do tempo e como atingiria seu fim, se a vida dos santos não fosse uma vida social?

¹³⁷⁴ Romanos 8: 24 e 25.

Mas, em nossa miserável condição mortal, quem poderá dizer todos os males aos quais esta vida está sujeita? Quem poderá contá-los?

Escute seus poetas cômicos e eis o que diz um de seus personagens, com a aprovação de todo o auditório: “*Sou casado, que miséria! Tenho filhos, que trabalhos!*”¹³⁷⁵

E o que se dirá das dores do amor, descritas pelo mesmo poeta: “*Injúrias, suspeitas, inimizades. A guerra hoje, a paz amanhã!*”,¹³⁷⁶

O mundo não está cheio dessas desordens, que perturbam até mesmo as mais honestas relações? Não vemos nós, por toda parte, injúrias, suspeitas, inimizades e guerra? Estes são males certos e perceptíveis, mas a paz é um bem incerto, por que, naqueles com os quais gostaríamos de mantê-la, o fundo de seus corações nos permanece desconhecido e, se o conhecemos hoje, quem sabe se amanhã não terá mudado?

De fato, onde seria mais comum e onde deveria haver mais amizade do que entre os moradores de um mesmo lar? No entanto, como encontrar aí uma plena segurança, quando vemos todos os dias parentes que se traem uns aos outros e cujo ódio, há muito tempo dissimulado, se torna tão amargo quanto a paz de sua relação parecia ter de doçura?

¹³⁷⁵ Terêncio. *Adelphes*, ato V, cena 4.

¹³⁷⁶ Terêncio. *L'Eunuque*, ato, I, cena 1.

Isso foi o que fez Cícero dizer estas palavras, que vão tão ao fundo do coração que arrancam um suspiro involuntário: *Não há traições mais perigosas do que aquelas que se cobrem com a máscara da afeição ou sob o nome de parentesco. Pois é fácil se colocar de sobreaviso contra um inimigo declarado, mas qual é o meio de romper uma trama secreta, interior, doméstica, que nos envolve antes que possamos reconhecê-la ou nos prevenir?*¹³⁷⁷

Daí vem também estas palavras da Escritura, que se pode ouvir sem um dilaceramento do coração: *Os inimigos do homem serão as pessoas de sua própria casa*¹³⁷⁸.

E mesmo quando se tem suficiente força para suportar pacientemente uma traição, suficiente destreza para se desviar de seus efeitos, não se pode, no entanto, fazer com que uma pessoa de bem não se aflija muito por encontrar em seus inimigos uma perversidade assim, tenham eles a dissimulado por muito tempo sob uma bondade enganosa ou, de bons que eram, acabaram caindo no abismo da corrupção.

Se então, o lar doméstico não é um asilo seguro contra tantos males, o que será então de uma cidade? Quanto maior ela for, mais repleta de discórdias privadas e crimes e, se ela escapa das revoltas

¹³⁷⁷ Cícero. *In Verrem*, livro 2, cena 1, ato 15.

¹³⁷⁸ Mateus 10: 36.

sangrentas e das guerras civis, não há sempre nela algo para se temer?

Capítulo VI

Os erros dos julgamentos humanos, quando a verdade está oculta.

O que diremos sobre os julgamentos que as pessoas pronunciaram sobre as outras e que são necessários à ordem social nas cidades, mesmo nas mais pacíficas?

Triste e miserável justiça, já que, aqueles que julgam não podem ler na consciência daqueles que são julgados. Daí vem a necessidade deplorável de colocar em questão testemunhas inocentes, para tirar delas a verdade em uma causa que lhes é estranha.

O que direi da tortura que se faz o acusado sofrer por causa de seu próprio feito? Querendo saber se ele é culpado, começa-se por torturá-lo. Para um crime incerto, impõe-se __ e frequentemente a um inocente __ uma pena certa. Não por que se saiba que o paciente cometeu o crime, mas por que se ignora se ele o cometeu de fato. Assim, a ignorância de um juiz é quase sempre a causa da desgraça de um inocente.

Mas, o que é mais odioso ainda e que demandaria um rio de lágrimas, é que o juiz, ordenando a questão para não matar um inocen-

te por ignorância, acaba matando esse inocente com os próprios meios que ele emprega para não matá-lo¹³⁷⁹.

Se, de fato, de acordo com a doutrina dos filósofos que acabamos de mencionar, o paciente prefira sair da vida a sofrer por mais tempo a tortura, ele dirá que cometeu o crime que não cometeu. Ei-lo condenado, levado à morte e, no entanto, o juiz ignora se atingiu um culpado ou um inocente, tendo sido inútil o método utilizado para descobrir sua inocência e que só serviu para fazê-lo passar por culpado.

Nessas trevas da vida civil, um juiz que é sábio assumirá ou não o tribunal? Ele o assumirá, sem dúvida, pois a sociedade civil, que ele acredita não poder passar sem crime, lhe atribuiu um dever e ele não pensa que seja um crime torturar pessoas inocentes por causa de outras, ou frequentemente constranger um acusado, pela violência das torturas, a se declarar falsamente culpado e a perecer como tal, ou, se escapar da condenação, a morrer, como acontece muitas vezes, na própria tortura ou por suas consequências!¹³⁸⁰

¹³⁷⁹ Parece evidente que Montaigne tinha a **Cidade de Deus** em vista, ao escrever sua bela passagem contra as torturas, onde encontramos particularmente este traço enérgico e agudo de Santo Agostinho: *Daí acontece de, aquele que o juiz torturou para não deixá-lo morrer inocente, acabe morrendo inocente e torturado. Essais*, livro II, cap. 5.

¹³⁸⁰ Este protesto contra a tortura, em que Santo Agostinho se mostra tão tocado e tão intenso em sua moderação superior de cristão e bispo, é como o prelúdio do grito eloquente *De l'Esprit des Lois: Tanta gente hábil e tantos belos gênios escreveram contra essa prática que eu não ouso falar depois deles. Direi que ela poderia convir aos governos despóticos, onde tudo o que inspira medo entra cada vez mais nas engrenagens do governo. Direi que os escravos, entre os gregos e os romanos.... Mas, ouço a voz da natureza, que grita contra mim*. Montesquieu. *De l'Esprit des Lois*, livro VI, cap. XVII.

Ele não pensa também que seja um crime, um acusador, que só denunciou um culpado pelo bem público e para que a desordem não permaneça impune, seja ele próprio enviado ao suplício por falta de provas, por que o acusado corrompeu as testemunhas e a tortura não lhe arrancou nenhuma confissão.

Um juiz não acredita estar fazendo um mal ao produzir um número tão grande de males, por que não os produz por vontade própria, mas por uma ignorância insuperável e por uma obrigação indispensável da sociedade civil. Mas, se não se pode acusá-lo de malícia, é sempre uma grande miséria uma obrigação assim. E, se a necessidade o isenta de crime, quando ele condena inocentes e salva culpados, ele ousará se considerar um bem-aventurado?

Ah! Ele seria muito mais sábio se reconhecesse e odiasse a miséria produzida por essa necessidade e se possui algum sentimento de piedade, clamasse a Deus: *Aliviai as angústias do meu coração e livrai-me das aflições*¹³⁸¹.

Capítulo VII

A diversidade das línguas que divide a sociedade humana e a miséria das guerras, mesmo as mais justas.

Após a cidade, o mundo, terceiro grau da sociedade civil, pois o primeiro é a casa.

¹³⁸¹ Salmo 24: 17.

Ora, na medida em que o círculo cresce, os perigos se acumulam. Primeiramente, a diversidade das línguas não torna o ser humano, de alguma maneira, estranho ao ser humano?

Se duas pessoas, ignorantes cada uma da língua da outra, vierem a se encontrar e a necessidade as obrigando a permanecerem juntas, teremos dois animais mudos e até mesmo de espécies diferentes se associando, muito mais do que duas criaturas humanas. Uma pessoa preferirá muito mais estar com seu cão do que com um estranho.

Mas, pode-se dizer, eis uma cidade construída pelo império, que impõe suas leis às nações vencidas e lhes dá sua língua, de sorte que os intérpretes, longe de faltarem, abundam. Isso é verdade, mas o quanto de guerras gigantescas, carnificinas e sangue humano foram necessários para se chegar a isso? E mais, só estamos no início de nossos males. Sem falar dos inimigos exteriores, que nunca faltaram ao Império Romano e que a cada dia ainda o ameaçam, a vasta extensão de seu território não produziu guerras mil vezes mais perigosas, guerras civis, guerras sociais, flagelos do gênero humano em que só o medo já é um mal?

Se eu começasse a pintar essas horríveis calamidades, com as cores que um assunto assim poderia receber, mas que minha incapacidade não poderia lhe dar, quando veríamos o fim desse discurso?

Mas, pode-se dizer, o sábio só empreenderá guerras justas. Mas, não é essa própria necessidade de pegar em armas pela justiça que deve cobrir o sábio de aflição, se pelo menos ele se lembrar de que é um ser humano? Pois, enfim, ele só pode fazer uma guerra justa para punir a injustiça de seus adversários e a injustiça humana, mesmo sem o recurso da guerra, é o que o ser humano não pode deixar de deplorar.

Certamente que, aquele que considerar males tão grandes e tão cruéis concordará que há aqui uma estranha miséria. E se ele encontrar uma pessoa que sofra essas calamidades ou somente as testemunhe sem dor, ele é muito mais miserável por se acreditar feliz, pois ele só tem essa crença por ter perdido qualquer sentimento humano.

Capítulo VIII

Não é possível haver segurança plena, mesmo na amizade entre pessoas honestas, por causa dos perigos que sempre ameaçam a vida humana.

Certamente que, se há um consolo nas agitações e nas dores da sociedade humana, estes são a fé sincera e a afeição recíproca de bons e verdadeiros amigos.

Mas, além de um tipo de cegueira, próxima da demência e, no entanto, muito frequente, que nos faz considerar um inimigo como amigo ou um amigo como um inimigo, não é verdade que, quanto mais amigos excelentes e sinceros temos, mais nos preocupamos

com eles, por causa dos acidentes que a condição humana está repleta?

Não tememos somente que eles sejam atingidos pela fome, as guerras, as doenças, o cativeiro e todos os infortúnios que ele arrasta atrás de si. Tememos muito mais ainda que eles se tornem pérfidos e maléficos. E quando isso acontece, quem pode imaginar o tamanho de nossa dor, se não passou pela mesma experiência? Preferiríamos ver nossos amigos mortos e, no entanto, o que pode provocar em nós um desprazer maior? Pois, como é possível não ficar aflito com a morte daqueles cuja vida nos era tão agradável?

Que aquele que proíbe essa dor, proíba também o encanto das conversas afetuosas, que impeça a própria amizade, que rompa os laços mais doces da sociedade humana; enfim, que torne o ser humano estúpido. E se isso é impossível, como não ficarmos tocados com a morte das pessoas queridas?

Daí vem os lutos interiores e as feridas da alma, que só podem ser curadas pela doçura das consolações. Dizer que essas feridas se fecham tão mais rápido quanto maior e mais forte for a alma só prova que não há na alma uma chaga para curar.

Assim, mesmo que a morte das pessoas mais caras, daquelas sobretudo que fazem os laços da vida, seja uma prova sempre mais ou menos cruel, preferiríamos, no entanto, vê-las morrer do que decair da fé ou da virtude, o que é a morte da alma.

A terra é, portanto, plena de uma imensa quantidade de males e é por isso que está escrito: *Ai do mundo por causa dos escândalos!*¹³⁸² e também: *Ante o progresso crescente da iniquidade, a caridade de muitos esfriará*¹³⁸³.

É assim que acabamos por nos felicitar pela morte de nossos melhores amigos. Nosso coração, abatido pela tristeza, se põe a pensar que a morte livrou nossos irmãos de todos os males que acometem os virtuosos, muitas vezes os corrompendo e sempre os colocando em perigo.

Capítulo IX

Nesta vida não podemos estar seguros da amizade dos santos anjos, por causa das trapaças dos demônios, que souberam prender em suas armadilhas os adoradores dos falsos deuses.

Quanto aos santos anjos — ou seja, à quarta sociedade que estabelecem os filósofos que querem que tenhamos os deuses como amigos — não tememos que eles morram e nem que se tornem maus. Mas, como não conversamos com eles tão familiarmente como fazemos com as pessoas e, como também frequentemente acontece, como ficamos sabendo através das Escrituras¹³⁸⁴, que Satã se transforma em anjo de luz para tentar aqueles que precisam ser testados

¹³⁸² Mateus 18: 7.

¹³⁸³ Mateus 24: 12.

¹³⁸⁴ Cf. 2 Coríntios 11: 14.

pela sorte ou que merecem ser enganados, a misericórdia de Deus nos é bem necessária, para nos impedir de tomar como amigos os demônios, em vez dos santos anjos. Não é também uma das grandes misérias da vida, ser sujeitos a esse desprezo?

É certo que os filósofos que acreditaram ter os deuses como amigos caíram na armadilha e isso parece suficiente pelos sacrifícios ímpios que se oferecia a esses supostos deuses e pelos jogos infames que se representava em sua honra e por sua solicitação¹³⁸⁵.

Capítulo X

A recompensa preparada para os santos que superaram as tentações desta vida.

Os próprios santos e os fiéis adoradores do único Deus verdadeiro não estão livres das enganações dos demônios e de suas tentações sempre recorrentes. Mas essa provação não lhes é inútil, já que estimulam sua vigilância e os faz desejar com mais ardor a morada onde se desfruta de uma paz e de uma felicidade completas.

É lá, de fato, que o corpo e a alma receberão do Criador universal das naturezas todas as perfeições que lhes for capaz, sendo a alma curada através da sabedoria e o corpo renovado através da resurreição.

¹³⁸⁵ Ver os livros VIII e IX, desta obra.

É lá que as virtudes não terão mais vícios para combater, nem males para suportar, mas possuirão, como prêmios por sua vitória, uma paz eterna que nenhum poder inimigo virá perturbar.

Eis a beatitude final, eis o termo supremo e definitivo da perfeição.

O mundo diz que somos felizes quando desfrutamos da paz, tal como ela pode existir neste mundo, ou seja, tal como uma boa vida pode propiciá-la. Ora, essa paz imperfeita, quando nós a possuímos, comparada com essa beatitude, o prêmio do qual falamos, é uma verdadeira miséria.

Qual é o dever da virtude, se não é de fazer bom uso dos bens que ela nos propicia? E, quando ela vem a nos faltar, a virtude pode ainda usar bem dos próprios males de nossa condição mortal. A verdadeira virtude consiste então em fazer um bom uso dos bens e dos males desta vida, com a condição essencial de reportar tudo o que ela faz e reportar ela mesma ao fim último que deve nos colocar de posse de uma perfeita e incomparável paz.

Capítulo XI

A felicidade da paz eterna, fim supremo e verdadeira perfeição dos santos.

Podemos dizer sobre a paz o que dissemos sobre a vida eterna: que ela é o fim de nossos bens. Tanto que o Profeta, falando da Ci-

dade de Deus, tema de nossa laboriosa obra, diz o seguinte: *Louva, ó Jerusalém, ao Senhor. Louva o teu Deus, ó Sião, por que ele reforçou os ferrolhos de tuas portas e abençoou teus filhos em teu seio. Estabeleceu a paz em tuas fronteiras e te nutre com a flor do trigo*¹³⁸⁶.

De fato, quando forem consolidados os ferrolhos das portas de Sião, ninguém mais entrará lá e nem sairá. Assim, a paz nas fronteiras mencionada pelo Salmo é preciso entender como a paz final que procuramos definir aqui.

O próprio nome da cidade santa, ou seja, Jerusalém, é um nome misterioso que significa *visão de paz*. Mas, como também se usa a palavra paz nas coisas desta vida perecível, achamos melhor chamar de vida eterna o fim onde a Cidade de Deus deve encontrar seu soberano bem.

É desse fim que o Apóstolo diz: *Mas agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes por fruto a santidade e o termo é a vida eterna*¹³⁸⁷.

Por outro lado, aqueles que não são versados nas Santas Escrituras, podem também entender por vida eterna aquela dos maus, seja por que a alma humana é imortal, como reconhecem alguns filósofos, seja por que os maus não poderiam sofrer os tormentos eternos que a

¹³⁸⁶ Salmo 147: 1-3.

¹³⁸⁷ Romanos 6: 22.

fé nos ensina, se eles não viverem eternamente. É melhor então chamar de fim último onde a Cidade de Deus desfrutará de seu soberano bem, a paz na vida eterna ou a vida eterna na paz.

Também, o que há de melhor do que a paz, mesmo nas coisas mortais e passageiras? O que há de mais agradável de se ouvir, de mais desejável a se desejar, de mais precioso a se conquistar?

Não será então, me parece, fora de propósito dizer aqui alguma coisa com relação à paz soberana e definitiva. É um bem tão doce a paz e tão cara a todo mundo, que o que eu direi não será desagradável a ninguém.

Capítulo XII

As agitações humanas e a própria guerra tendem para a paz, fim necessário aspirado por todos os seres.

Todo aquele que observar atentamente os assuntos humanos e a natureza das coisas reconhecerá que, se não há ninguém que não queira experimentar a alegria, também não há ninguém que não queira desfrutar da paz.

De fato, até mesmo aqueles que fazem a guerra só a fazem para vencer e, por consequência, para obter gloriosamente a paz.

O que é a vitória? É a submissão dos rebeldes, ou seja, a paz. As guerras sempre são, portanto, feitas com vistas à paz, mesmo por aqueles que sentem prazer em exercer suas virtudes guerreiras nos

combates. Disto é preciso concluir que o verdadeiro objetivo da guerra é a paz. O ser humano que faz a guerra busca a paz e não faz a paz para ter a guerra.

Até mesmo aqueles que rompem a paz não agem assim por ódio à paz, mas para obterem uma melhor. Seu objetivo não é que não haja paz, mas que haja uma paz segundo sua vontade. E se eles vêm a se separar dos outros através de uma revolta, eles só conseguiriam atingir os objetivos de seus desígnios com a condição de manter com seus cúmplices uma espécie de paz. Daí vem que os próprios ladrões conservam a paz entre eles, para poderem perturbar mais impunemente a paz dos outros.

Se houver algum malfeitor tão poderoso e tão inimigo de toda sociedade que ele não se una a ninguém e execute sozinho seus assassinatos e suas bandidagens, pelo menos ele conservará alguma sombra de paz com aqueles que ele não pode matar e de quem ele quer esconder seus feitos. Em sua casa ele tem o cuidado viver em paz com sua esposa, com seus filhos e com seus domésticos, por que deseja ser obedecido por eles. Se ele encontrar alguma resistência, ele age, ele reprime, ele castiga e, se for preciso, ele recorre à残酷, para manter a paz em sua casa, sabendo bem que ela só é possível com um líder a quem todos os membros da sociedade doméstica estejam sujeitos. Se então uma cidade ou todo um povo quiser se submeter a ele da mesma maneira que ele deseja que aqueles de sua

casa lhe estejam submetidos, ele não se esconderá mais em uma caverna como um bandido e subirá ao trono como um rei.

Todos desejam ter paz com aquele que quer governar segundo sua vontade. Quando uma pessoa faz guerra a outras pessoas é para, de alguma forma, torná-las suas e lhes ditar suas condições de paz.

Suponhamos uma pessoa como aquela das fábulas e dos poetas¹³⁸⁸, feroz e selvagem, a ponto de não ter nenhuma relação com ninguém. Por reino, ele só tem um antro desértico e horrível. Ele era tão mau que o chamavam de Caco, nome que expressa a maldade¹³⁸⁹. Perto dele, nenhuma mulher para trocar palavras afetuosas; nenhuma criança com quem pudesse compartilhar as brincadeiras em sua tenra idade e guiar mais tarde na adolescência; nenhum amigo, enfim, com quem conversar, pois ele não tinha como amigo nem mesmo Vulcano, seu pai. Ele era mais feliz, ao menos, do que esta divindade, já que não gerou um monstro como ele próprio. Longe de dar algo a alguém, ele retirava dos outros tudo o que podia.

No entanto, no fundo dessa caverna, sempre úmida __ como diz o poeta¹³⁹⁰ __ de algum massacre recente, o que ele queria? Posuir a paz, desfrutar de uma serenidade que nenhum medo e nenhuma violência pudesse perturbar. Ele queria, enfim, ter paz com seu corpo

¹³⁸⁸ A sequência desta passagem mostra que se trata da fábula de Cacos, contada por Virgílio, de quem Santo Agostinho retira muitas expressões.

¹³⁸⁹ Do grego *kakos*, mau.

¹³⁹⁰ Virgílio. *Eneida*, livro VIII, versos 195 e 196.

e não seria feliz enquanto não desfrutasse dessa paz. Ele comandava seus membros e eles o obedeciam, mas, para apazigar a guerra intestina que lhe fazia a fome e impedir que ela expulsasse sua alma de seu corpo, ele devastava, matava, devorava, só empregando a残酷 bárbara para manter a paz entre as duas partes de que era composto. De sorte que, se ele quisesse manter com os outros a paz que ele procurava propiciar a ele mesmo em sua caverna, não o chamaríamos de mau e nem de monstro.

Se a estranha figura de seu corpo e as chamas que ele vomitava pela boca o impediam de se relacionar com as pessoas, talvez ele fosse feroz a esse ponto muito menos pelo desejo de fazer mal do que pela necessidade de viver.

Mas, digamos que uma pessoa assim só existiu na imaginação dos poetas, que só a pintaram assim para relevar às suas custas a glória de Hércules.

De fato, até mesmo os animais mais selvagens se acasalam, tem filhotes que alimentam e criam. Não falo aqui das ovelhas, dos cervos, das pombas, dos estorninhos, das abelhas, mas dos leões, das raposas, dos abutres, das corujas. Um tigre se torna manso com seus filhotes e os acaricia. O gavião, por mais solitário e carniceiro que seja, procura uma fêmea, faz seu ninho, choca seus ovos, alimenta seus filhotes e se mantém em paz em sua casa, com sua companheira agindo como uma espécie de mãe de família.

O quanto então o ser humano é levado ainda mais, por suas leis naturais, a entrar em sociedade com outros seres humanos e viver em paz com eles! Isso acontece até o ponto de os próprios malvados combaterem para manter a paz das pessoas que lhes pertencem e desejarem, se isso fosse possível, que todas as pessoas lhes fossem submissas, para que, sendo obedientes a um só, ficassem em paz com ele, seja por medo, seja por amor.

É assim que o orgulho, em sua perversidade, procura imitar Deus. Ele não quer ter companheiros sob Ele, mas quer ser senhor no lugar Dele. Ele odeia então a justa paz de Deus e ama a sua, que é injusta, pois é preciso que ele ame uma, qualquer que seja ela, não existindo um vício tão contrário à natureza que não deixe subsistir algum vestígio.

Aquele então, que sabe preferir a correção à perversidade e o que está de acordo com a ordem em vez do está contra a ordem, reconhece que a paz dos maus pouco merece este nome, em comparação com a paz das pessoas de bem.

No entanto, é preciso, necessariamente, que o que está contra a ordem mantenha a paz de alguma maneira com aquelas partes que o compõem, caso contrário, ele deixaria de existir. Suponhamos uma pessoa suspensa pelos pés. Eis a ordem e a localização de seus membros invertida, estando em baixo o que deve necessariamente estar em cima. Esta desordem perturba então a paz do corpo e é isso que é

penoso. No entanto, a alma não deixa de estar em paz com seu corpo e de trabalhar para sua conservação, sem o que não poderia existir dor e nem paciente que a sentisse.

Se a alma, sucumbindo aos males que o corpo suporta, vem a se separar dele, enquanto a união dos membros existir, há sempre algum tipo de paz entre eles e é o que faz com que se possa ainda dizer: “Eis uma pessoa pendurada”.

Por que o corpo da pessoa tende para o chão e se debate contra o laço que o prende? É por que ele quer desfrutar da paz que lhe é própria. Seu peso é como a voz através da qual ele pede que o coloquem em um lugar de repouso e, embora privado da alma e da sensação, ele não se afasta, no entanto, da paz adequada à sua natureza; seja a que ele possui, seja a para a qual ele tende.

Se ele for embalsamado, para impedir a dissolução, há ainda um tipo de paz entre suas partes que as mantém unidas umas às outras e que faz com que o corpo inteiro permaneça em um estado adequado, ou seja, em um estado pacífico. Se ele não for embalsamado, estabelece-se um combate entre os vapores contrários que estão nele e que agridem nossos sentidos e produzem a putrefação, até que ele entre em acordo com os elementos que o rodeiam e retorne, peça por peça, a cada um deles.

No meio dessas transformações dominam sempre as leis do soberano Criador, que mantém a ordem e a paz do universo, pois,

mesmo que vários pequenos animais sejam gerados pelo cadáver de um animal maior, cada um deles, através da lei do mesmo Criador, trata de manter consigo mesmo a paz necessária à sua conservação. E quando o corpo morto de um animal é devorado por outros, ele sempre encontrará em toda parte essas mesmas leis espalhadas, que sabem unir cada coisa ao que lhe é conveniente, seja qual for a desunião ou a mudança que ela tenha sofrido.

Capítulo XIII

A paz universal fundamentada nas leis da natureza não pode ser destruída pelas mais violentas paixões, intervindo o juiz justo e soberano para dar a cada um a condição que ele merece.

Assim, a paz do corpo reside na justa temperança de suas partes e a da alma sensível na calma regular de seus apetites satisfeitos.

A paz da alma racional é nela o perfeito acordo entre conhecimento e ação. A do corpo e da alma é a vida bem ordenada e a saúde física.

A paz entre o ser humano mortal e Deus é uma obediência regrada pela fé e submissa à lei eterna. A dos seres humanos entre eles é uma concórdia racional.

A paz de uma casa é uma justa correspondência entre aqueles que a dirigem e aqueles que obedecem.

A paz de uma cidade é a mesma correspondência entre seus membros. A paz da cidade celeste consiste em uma união muito regrada e muito perfeita para desfrutar de Deus e do próximo em Deus.

A paz de todas as coisas é uma ordem tranquila. A ordem é o que assinala às coisas diferentes o lugar que lhe convém. Assim, mesmo que os infelizes, enquanto tais, não estejam em paz, não estando nessa ordem tranquila que nada perturba, no entanto, como são justamente infelizes, eles não podem estar totalmente fora da ordem. Na verdade, eles não estão com os bem-aventurados e, mais ou menos, é a lei da ordem que os separa. Eles são perturbados e inquietos e, no entanto, eles não deixam de ter alguma conveniência com seu estado e possuem então alguma sombra de tranquilidade em sua ordem e também alguma paz. Mas eles são infelizes, por que, ainda que estejam no lugar onde devem estar, eles não estão no lugar onde não teriam nada para sofrer. São menos infelizes ainda, no entanto, do que se não tivessem adequação com o lugar onde estão. Ora, quando eles sofrem, a paz é perturbada com relação a isso, mas ela sobrevive em sua natureza, que a dor não pode consumir e nem destruir e, sob este ponto de vista, eles estão em paz.

Da mesma forma como existe vida sem dor e não pode existir dor sem alguma vida, assim também há paz sem guerra, mas não pode haver guerra sem alguma paz, já que a guerra supõe sempre

alguma natureza que a mantém e uma natureza não pode existir sem algum tipo de paz.

Assim, existem naturezas onde não se encontra o mal e ele nem mesmo pode ser encontrado ali, mas não pode existir uma natureza onde não se encontre algum bem.

Eis por que a própria natureza do diabo não é má enquanto natureza; só a malícia a torna assim. Foi por isso que ele não permaneceu na verdade, mas ele não pôde se livrar do julgamento da verdade¹³⁹¹. Ele não permaneceu na ordem tranquila, mas também não evitou o poder soberano do ordenador. A bondade de Deus, que fez sua natureza, não o coloca livre da justiça de Deus, que conserva a ordem ao puni-lo e Deus não pune nele o que ele criou, mas o mal que sua criatura cometeu. Deus não retirou tudo o que deu à sua natureza, mas somente alguma coisa, lhe deixando o resto, para que ele sobreviva para sempre para sofrer pelo que perdeu.

A própria dor que ele sente é um testemunho do bem que ele perdeu e daquele que lhe foi deixado, já que, se não lhe tivesse restado nenhum bem, ele não poderia se afligir por aquele que ele perdeu. Pois o pecador é ainda pior se ele se regozija com a perda da justiça. Mas o condenado, se ele não retira algum bem de seus tormentos, ao menos se aflige com a perda de sua salvação. Como a justiça e a sal-

¹³⁹¹ Cf. João 8: 44.

vação são dois bens e é melhor se afligir do que se regozijar com a perda de um bem, a menos que essa perda seja compensada em outro lugar, os maus têm, sem dúvida, mais razão para se afligirem com seus suplícios do que têm de regozijar com seus crimes.

Da mesma forma como se regozijar quando se peca é uma prova de que a vontade é má, se afligir quando se sofre é também uma prova de que a natureza é boa.

Da mesma forma, aquele que se aflige por ter perdido a paz de sua natureza, só se aflige por causa de alguns restos de paz que fazem com que ele ame sua natureza.

Ora, é muito justamente que no último suplício os maus deporem, no meio de suas torturas, a perda que eles tiveram dos bens naturais e que eles sintam que aquele que os tirou foi o Deus muito justo, com relação ao qual eles foram muito ingratos.

Deus, portanto, que criou todas as naturezas com uma sabedoria admirável, que as ordena com uma soberana justiça e que colocou o ser humano sobre a terra para ser nela o mais belo ornamento, nos deu alguns bens necessários a esta vida, ou seja, a paz temporal, na medida em que se pode tê-la aqui embaixo, tanto consigo mesmo, quanto com os outros e todas as coisas necessárias para conservá-la ou para recuperá-la, como a luz, o ar, a água e tudo o que serve para alimentar, para agasalhar, para curar ou ornamentar o corpo; mas tudo sob a condição muito justa de que, aqueles que fizerem bom uso

desses bens os receberão maiores e melhores, ou seja, uma paz imortal acompanhada de uma glória sem fim e o desfrute de Deus e do próximo em Deus, enquanto que, aqueles que fizerem mau uso deles, perderão até mesmo esses bens inferiores e não terão os outros.

Capítulo XIV

A ordem ao mesmo tempo divina e terrestre que faz com que os senhores da sociedade humana sejam também seus servidores.

Todo uso das coisas temporais se relaciona, na cidade terrestre à paz terrestre e, na cidade celeste, à paz eterna.

É por isso que, se fôssemos animais sem razão, não desejaria-mos nada mais do que a justa temperança das partes do corpo e a satisfação de nossos apetites. E a paz do corpo serviria para a paz da alma, pois esta não pode sobreviver sem a outra, mas elas se ajudam mutuamente para o bem do todo.

Da mesma forma, de fato, que os animais demonstram amar a paz do corpo, fugindo da dor e a da alma, quando procuram o prazer para contentar seus apetites, eles mostram também, ao fugir da morte, o quanto eles amam a paz que faz a união entre o corpo e a alma.

Mas o ser humano, dotado de uma alma racional, faz servir à paz dessa alma tudo o que ele tem de comum com os animais, para contemplar e agir, ou seja, para manter uma justa harmonia entre o conhecimento e a ação, que consiste na paz da alma racional.

Ele deve, por esta razão, desejar que nenhuma dor o atormente, que nenhum desejo o inquiete e que a morte não separe as duas partes que o compõem, para se dedicar ao conhecimento das coisas úteis e regrar sua vida e seus costumes de acordo com esses conhecimentos.

No entanto, como seu espírito é fraco, se ele quer que o próprio desejo não o induza em algum erro, ele precisa do ensinamento de Deus, para conhecer com certeza e de seu socorro, para agir com liberdade.

Ora, enquanto ele habitar seu corpo mortal, ele está, de alguma forma, estranho com relação a Deus e caminha pela fé, como diz o Apóstolo¹³⁹² e não pela clara visão. É preciso então que ele reporte a paz do corpo, a da alma e, enfim, as duas juntas, à paz superior que há entre o ser humano mortal e Deus imortal, para que sua obediência seja regrada pela fé e submissa à lei eterna.

E, já que o divino mestre ensina duas coisas principais — primeiro o amor a Deus e depois o amor ao próximo, onde está incluído o amor a si mesmo, que não pode jamais se afastar daquele que ama Deus — segue-se que todos devem levar seu próximo a amar a Deus, para obedecer ao preceito que lhe ordena amar como se ama a si mesmo.

¹³⁹² Cf. 2 Coríntios 5: 7.

Ele deve então praticar esse ofício de caridade com sua mulher, seus filhos, seus domésticos e com todas as pessoas, na medida do possível, como ele deve querer que os outros pratiquem com relação a ele, se ele precisar. Assim, ele terá a paz com todos, na medida em que isso depender dele. Eu quero dizer a paz humana, ou seja, a concórdia bem regada, cuja primeira lei é não fazer o mal a ninguém e a segunda é fazer o bem a quem se pode.

Por consequência, o ser humano começará por cuidar dos seus, pois a natureza e a sociedade lhe dão junto a eles um acesso mais fácil e meios de ajuda mais oportunos. Isso foi o que fez o Apóstolo dizer que: *Quem se descuida dos seus e, principalmente, dos de sua própria família, é um renegado, pior que um infiel*¹³⁹³.

Eis então onde nasce a paz doméstica, ou seja, a boa inteligência entre aqueles que mandam e aqueles que obedecem em uma casa. Os que mandam cuidam dos outros, como o marido à sua mulher, o pai e a mãe aos filhos, os senhores a seus servos. Os outros obedecem, como as mulheres aos seus maridos, os filhos aos seus pais e às suas mães e os servos aos seus senhores.

Mas, na casa de uma pessoa de bem, que vive de acordo com a lei e que é um estranho aqui embaixo, aqueles que mandam servem àqueles aos quais ele parece mandar, pois eles mandam não com um

¹³⁹³ 1 Timóteo 5: 8.

espírito de dominação, mas com um espírito de caridade e não querem dar ordens com orgulho, mas com a bondade dos socorros.

Capítulo XV

A primeira causa da servidão é o pecado e o ser humano naturalmente livre se torna, por causa de sua má vontade, escravo de suas paixões, mesmo quando ele não é escravo de outro.

Eis o que demanda a ordem natural e eis também a condição em que Deus criou o ser humano: *Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra*¹³⁹⁴.

Após ter criado o ser humano racional e tê-lo feito à sua imagem, Deus não quis que ele dominasse os seres humanos, mas os animais. Foi por isso que os primeiros seres humanos foram mais pastores do que reis, querendo Deus nos ensinar através da ordem da natureza, que foi substituída pela ordem do pecado. Foi com justiça que o jugo da servidão foi imposto ao pecador.

Também não ouvimos as Santas Escrituras falarem de escravos antes que o patriarca Noé¹³⁹⁵ tenha punido o pecado de seu filho com

¹³⁹⁴ Gênesis 1: 26.

¹³⁹⁵ Gênesis 9: 25.

este título vergonhoso¹³⁹⁶. Só o pecado mereceu este título e não a natureza.

Se avaliarmos através da etimologia latina, os escravos eram prisioneiros de guerra a quem os vencedores *conservavam*¹³⁹⁷ a vida, já que eles podiam matá-los por direito de guerra. Ora, isso também mostra a escravidão como uma pena pelo pecado. Pois, só se pode fazer uma guerra justa se os inimigos fizerem uma injusta e toda vitória, mesmo aquela dos maus, é um efeito dos julgamentos de Deus, que humilha desta forma os vencidos, seja por que quer consertá-los, seja por que quer puni-los.

Testemunha o grande servidor de Deus Daniel, que, em seu cativeiro, confessa seus pecados¹³⁹⁸ e os de seu povo e reconhece assim, com uma justa dor, a única razão de todos os seus infortúnios.

A principal causa da servidão é, portanto, o pecado, que sujeita um ser humano a outro ser humano, o que só acontece por julgamento de Deus, que não é capaz de injustiça e que sabe impor penas dife-

¹³⁹⁶ Compare com São João Crisóstomo em *Homelia in Ge.*, 6 e 7.

¹³⁹⁷ *Servus*, escravo, vem de *serbare*, conservar. Esta é a etimologia dada pelo jurista Florentinus, ao comentar a *Digesta*, livro I, título V, § 5. Os escravos são assim chamados por que comandantes de exércitos tinham o costume de vender os prisioneiros de guerra, conservando-os em vez de matá-los. Donatus, em suas observações sobre os *Adelphes*, de Terêncio (Ato II, cena I, verso 28), aponta no mesmo sentido. Ver em *L'Esprit des Lois* o admirável capítulo em que Montesquieu refuta a doutrina dos juristas romanos e prova que a escravidão, igualmente nociva ao senhor e ao escravo, é também contrária ao direito das pessoas, bem como ao direito natural. *L'Esprit des Lois*, livro XV, cap. 2.

¹³⁹⁸ Cf. Daniel 9: 16.

rentes segundo a diferença dos culpados. Nosso Senhor diz: *Todo homem que se entrega ao pecado é seu escravo*¹³⁹⁹.

Há muitos maus senhores que têm pessoas piedosas como escravas e que nem por isso são mais livres. Pois está escrito: *O homem é feito escravo daquilo que o venceu*¹⁴⁰⁰.

Certamente que mais vale ser escravo de uma pessoa do que de uma paixão, pois é uma paixão, por exemplo, que exerce o domínio mais cruel sobre os corações humanos: a paixão de dominar.

Da mesma forma, na ordem de coisas que submete algumas pessoas a outras pessoas, a humildade é tão vantajosa para os escravos quanto o orgulho é funesto ao senhor.

Mas, na ordem natural em que Deus criou o ser humano, ninguém é escravo do ser humano e nem do pecado. A escravidão é, portanto, uma pena e ela é imposta pela lei que manda observar a ordem natural e que proíbe perturbá-la, já que, se não se tivesse feito nada contra essa lei, a escravidão não teria nada que punir.

Foi por isso que o Apóstolo aconselhou¹⁴⁰¹ os escravos a serem submissos aos seus senhores e servi-los de bom coração e de boa vontade, para que, se não podendo ser libertados de sua servidão, saibam encontrar nela a liberdade, não servindo por medo, mas por

¹³⁹⁹ João 8: 34.

¹⁴⁰⁰ 2 Pedro 2: 19.

¹⁴⁰¹ Cf. Efésios 6: 5.

amor, até que a iniquidade passe e toda dominação humana seja aniquilada, no dia em que Deus será tudo em todos.

Capítulo XVI

A justa condenação.

Também vemos que os patriarcas só faziam diferença entre seus filhos e seus escravos relativamente aos bens temporais. No que dizia respeito ao culto a Deus, de quem esperamos os bens eternos, eles dedicavam uma afeição igual para todos os membros de sua casa. Isso está tão conforme com a ordem natural que a expressão *pai de família* tira daí sua origem e está tão bem estabelecido no mundo que os próprios ímpios gostam de ser chamados assim.

Mas aqueles que são verdadeiros pais de família cuidam com igual solicitude para que todos os membros de sua casa — que são todos, de alguma forma, seus filhos — sirvam e honrem Deus e desejem chegar à casa celeste onde não será mais necessário comandar as pessoas, por que não haverá mais necessidades a serem providas. Até lá, os bons senhores suportam com mais sacrifícios o peso do comando do que os servidores o da servidão.

Ora, se alguém vem a perturbar a paz doméstica, é preciso ser castigado para seu bem, na medida em que isso pode ser feito justamente, para trazê-lo de volta à paz da qual se afastou. Da mesma forma como não é benéfico ajudar uma pessoa a perder um bem mai-

or do que o que ela já tinha, também não é inocente quem deixa alguém cair em um mal maior sob o pretexto de poupar-lo de um menor.

A inocência pressupõe que, não somente não se prejudique ninguém, mas também que se impeça o próximo de fazer o mal ou que se lhe castigue, quando ele fez o mal, seja para corrigi-lo, seja ao menos para desestimular os outros com esse exemplo.

No momento em que a casa é o germe e o elemento da cidade e todo germe, todo começo devendo se reportar a seu fim e todo elemento, a seu todo, é visível que a paz da casa deve se reportar à paz da cidade, ou seja, o acordo sobre o governo; e a obediência entre os membros da mesma família, a esse mesmo acordo entre os membros da mesma cidade. Daí se segue que o pai de família deve regular sob a lei da cidade a conduta de sua casa, para que haja acordo entre a parte e o todo.

Capítulo XVII

De onde vem a paz e a discórdia entre a cidade do céu e a da terra.

Mas aqueles que não vivem pela fé procuram a paz de sua casa nos bens e nas comodidades desta vida, enquanto que aqueles que vivem pela fé esperam os bens eternos da outra vida que lhes foi prometido e se servem das felicidades temporais como viajantes e

estrangeiros, não para colocar aí seu coração e se afastar de Deus, mas para aí encontrar algum alívio e tornar, de alguma maneira, mais suportável o peso deste corpo corruptível que pesa sobre a alma¹⁴⁰².

Assim, é verdade que o uso das coisas necessárias à vida é comum tanto a uns quanto aos outros no governo de sua casa, mas o fim ao qual eles reportam esse uso é bem diferente.

O mesmo acontece com a cidade da terra, que não vive pela fé. Ela busca a paz temporal e o único objetivo a que ela se propõe na concórdia que trata de estabelecer entre seus membros é desfrutar mais facilmente da serenidade e dos prazeres.

Mas a cidade celeste, ou melhor, a parte dessa cidade que atravessa esta vida mortal e que vive pela fé, só se serve dessa paz por necessidade, esperando que passe tudo o que é mortal nela.

É por isso que, enquanto ela está como que cativa na cidade da terra, onde, no entanto, ela já recebeu a promessa de sua redenção e o dom espiritual como um símbolo dessa promessa, ela não tem dificuldade para obedecer às leis que servem para regular as coisas necessárias à vida mortal, pois esta vida, sendo comum às duas cidades, é bom que haja entre elas, com tudo o que está relacionado a elas, uma concórdia recíproca.

¹⁴⁰² Cf. Sabedoria 9: 15. *O corpo corruptível torna pesada a alma e a morada terrestre opri-me o espírito carregado de cuidados.*

Mas a cidade da terra, tendo certos sábios, cuja falsa sabedoria foi condenada pelas Escrituras e que, na fé de suas conjecturas ou nos conselhos enganadores dos demônios, acreditaram que era preciso conquistar os favores de uma multidão de deuses, como se cada um deles tivesse autoridade sobre diversas coisas; um sobre o corpo, outro sobre a alma e no próprio corpo, este sobre a cabeça, aquele sobre o pescoço e assim sobre os outros membros; na própria alma, um sobre o espírito, outro sobre a ciência, ou sobre a cólera, ou sobre o amor e, enfim, nas coisas que servem à vida, este sobre os animais, aquele sobre o trigo ou sobre a vigília e assim por diante¹⁴⁰³.

Como, por outro lado, a Cidade Celeste só reconheceu um único Deus e acreditou que somente a ele era devido o culto da latria¹⁴⁰⁴, ela não pôde ter, por estas razões, uma religião comum com a cidade da terra e ela se viu obrigada a divergir dela sobre este assunto. De sorte que ela correu o risco de estar sempre exposta ao ódio e às perseguições de seus inimigos, se eles não tivessem ficado, enfim, assustados com o número daqueles que se convertiam a ela e ela não tivesse recebido a proteção visível do céu.

Eis então como essa Cidade Celeste, viajando sobre a terra, atrai para ela cidadãos de todas as nações e reúne em todos os lugares do mundo uma sociedade viajante como ela, sem levar em conta a

¹⁴⁰³ Ver livros IV, VI e VII, desta obra e compare com Arnobe, *Contra Gent.*, livro III, pag. 106 e seg.

¹⁴⁰⁴ Ver livro V, cap. 15 e livro VI, prefácio, desta obra.

diversidade dos costumes, da linguagem e dos hábitos daqueles que a compõem, contanto que isso não os impeça de servir ao mesmo Deus.

Ela usa, aliás, em sua peregrinação, a paz temporal e as coisas que são necessariamente ligadas à nossa mortal condição. Ela dirige e protege o bom acordo das vontades, na medida em que a piedade e a religião podem permiti-lo e reporta a paz terrestre à paz celeste, que é a paz verdadeira, aquela que somente a criatura racional pode chamar por este nome e que consiste em uma união muito ajustada e muito perfeita, para desfrutar de Deus e do próximo em Deus.

Lá, nossa vida não será mais mortal, nem nosso corpo animal. Possuiremos uma vida imortal e um corpo espiritual que não sofrerá com nenhuma necessidade e será completamente submisso à vontade.

A cidade celeste possui esta paz aqui de baixo pela fé e ela vive dessa fé quando ela reporta à aquisição da paz verdadeira tudo o que ela faz de boas obras neste mundo, seja com relação a Deus, seja com relação ao próximo, pois a vida da cidade é uma vida social.

Capítulo XVIII

O quanto a fé inabalável do cristão difere das incertezas da Nova Academia.

Nada de mais contrário à Cidade de Deus do que essa incerteza que Varrão diz ser o traço distintivo da Nova Academia¹⁴⁰⁵. Uma dúvida assim, aos olhos de um cristão, é uma loucura.

Sobre as coisas que são apreendidas pelo espírito e a razão, ele afirma com certeza, mesmo que esse conhecimento seja muito limitado, por causa do corpo corruptível que pesa sobre a alma, pois, como diz o Apóstolo: *A nossa ciência é parcial*¹⁴⁰⁶.

Ele acredita também, com relação aos sentidos, nas coisas que se manifestam com evidência, pela razão de que, se algumas vezes se engana ao acreditar, engana-se muito mais não acreditando jamais.

Por fim, ele dá fé nas Santas Escrituras, nas antigas e nas novas, que chamamos canônicas e elas são para ele como a fonte da fé pela qual o justo vive e que nos faz caminhar com segurança através desta terra de peregrinação.

Essa fé, permanecendo certa e inviolável, podemos duvidar sem medo de certas coisas que não nos são conhecidas nem pelos sentidos e nem pela razão e sobre as quais as Escrituras não explicam

¹⁴⁰⁵ Ver cap. I, deste livro.

¹⁴⁰⁶ 1 Coríntios 13: 9.

ou que não nos foram confirmadas por testemunhos incontestáveis¹⁴⁰⁷.

Capítulo XIX

A vida e os costumes do povo cristão.

Pouco importa à Cidade de Deus que aquele que abraça a fé que conduz a Deus adote este ou aquele estilo de vida, contanto que ele não seja contrário aos seus mandamentos.

É por isso que, quando os próprios filósofos se tornam cristãos, ela não os obriga a deixar sua maneira de viver — a menos que ela se choque com a religião — mas somente a abandonar suas falsas doutrinas. Desta forma, ela releva a outra diferença que Varrão observou na maneira de viver dos Cínicos, com a condição, no entanto, que nada seja feito contra a temperança e a honestidade.

Quanto aos três gêneros de vida — a ativa, a contemplativa e a mescla das duas — embora acreditando que se possa escolher a que lhe agradar, sem nada perder de seu direito às promessas eternas, importa, no entanto, considerar o que o amor à verdade nos faz abraçar e o que o dever da caridade nos faz sofrer. Não se deve igualmente se dar à serenidade da contemplação sem pensar também em ser

¹⁴⁰⁷ Cf. Tertuliano. *De anima*, cap. 17.

útil ao próximo e nem se entregar à ação de uma maneira tal que se esqueça da contemplação.

Na contemplação, não se deve amar a ociosidade, mas se ocupar com a busca do verdadeiro, para beneficiar a si mesmo com esse conhecimento e não invejar os outros. Na ação, não se deve amar a honra e nem o poder — por que tudo isso não passa de vaidade — mas o trabalho que a acompanha, quando contribui para a salvação daqueles que nos são submetidos.

Isto foi o que fez o Apóstolo dizer que *Quem aspira ao episcopado, saiba que está desejando uma função sublime*¹⁴⁰⁸. E episcopado é, com efeito, um título de encargo e não de dignidade, como mostra sua etimologia¹⁴⁰⁹. Ele consiste em supervisionar seus subordinados e cuidar deles, de sorte que, não é bispo quem gosta de governar mas não de tratar de ser útil àqueles que governa.

Qualquer um pode se aplicar à busca da verdade, que é no que consiste a serenidade louvável da vida contemplativa. Mas, para as funções da Igreja, quando se for capaz de preenchê-la, é sempre vergonhoso desejá-la. Basta amar a verdade para abraçar a serenidade da contemplação, mas deve ser a caridade e a necessidade que nos provoca à ação, de sorte que, se ninguém nos impõe esse fardo, é preciso ir em busca e à contemplação da verdade e, se isso nos for imposto, é

¹⁴⁰⁸ 1 Timóteo 3: 1.

¹⁴⁰⁹ Episcopado vem do grego *episkopos*, que é derivado de *episkoein*, cuidar de.

preciso se submeter a isso por caridade e por necessidade¹⁴¹⁰. Mesmo assim, não se pode abandonar totalmente as doçuras da contemplação, para que, privados deste apoio, não sucumbamos sob o fardo do governo.

Capítulo XX

Os membros da Cidade de Deus só são felizes aqui em baixo na esperança.

Pois então, se o soberano bem da Cidade de Deus consiste na paz — não nesta paz que cruza os mortais entre o nascimento e a morte, mas aquela onde eles permanecem, ao se tornarem imortais e ao abrigo de todo mal — quem pode negar que essa vida futura não seja muito feliz e a que levamos aqui em baixo, quaisquer que sejam os bens temporais que a acompanham, não seja, em comparação, muito miserável?

No entanto, quem se conduz de tal sorte que reporte sua vivência àquela que ele ama com ardor e que espera com firmeza, pode-se com razão considerá-lo feliz, mesmo neste mundo. Mais, na verdade, por que ele espera a outra vida do que por que possui esta.

A posse do que há de melhor nesta vida, sem a esperança da outra, é, no fundo, uma falsa beatitude e uma grande miséria. De fato, não desfrutamos dos verdadeiros bens da alma, já que não é ver-

¹⁴¹⁰ Compare com Santo Agostinho, *Carta XLVIII*, n. 2.

dadeira a sabedoria que, até mesmo nas coisas que discerne com prudência, que realiza com força, que reprime com temperança e que ordena com justiça, não se propõe ao fim supremo em que Deus será tudo em todos, por uma eternidade certa e por uma perfeita paz.

Capítulo XXI

De acordo com as definições admitidas na *República* de Cícero, nunca houve república entre os romanos.

Trata-se agora de cumprir um pouco as promessas que fiz no segundo livro desta obra¹⁴¹¹ e mostrar que, segundo as definições usadas por Cípião na **República** de Cícero, nunca houve república entre os Romanos.

Ele define em duas palavras a república: *coisa pública*. Se esta definição é verdadeira, jamais houve república romana, pois jamais o governo de Roma foi *coisa do povo*.

Como então Cípião define povo? “É uma sociedade fundamentada em direitos comuns e na comunidade de interesses”, ele diz. Em seguida ele explica o que entende por esses direitos, quando diz que uma república não pode ser governada sem justiça. Onde não há justiça, então, não há direito. Como se age de forma justa quando se tem o direito de agir, é impossível não ser injusto quando se age sem direito.

¹⁴¹¹ Cap. 21.

De fato, não se pode chamar de direitos as imposições injustas das pessoas, já que elas mesmas só chamam de direito o que vem da fonte da justiça e rejeitam como falsa a máxima de alguns que diz que o direito do mais forte consiste no que lhe é útil¹⁴¹².

Assim, onde não há verdadeira justiça, não pode haver sociedade fundamentada em direitos reconhecidos e sobre a comunidade de interesses e, por consequência, não pode haver povo. Se não há povo, não há também *coisa do povo*. O que resta no lugar do povo é apenas uma multidão que não merece este nome.

Pois então, se a república é a coisa do povo; se não há povo onde não há uma associação governada pelo direito, já que, não há direito onde não há justiça; não existe, portanto, república.

Consideremos agora a definição de justiça: é uma virtude que concede a cada um o que lhe pertence. Ora, que justiça é essa que retira o ser humano de Deus e o submete a infames demônios? Isso é conceder a cada um o que lhe pertence? Uma pessoa que retira um pedaço de terra daquele que o comprou, para dá-lo a outro que não tem direito a ele, é injusta. Uma pessoa que retira a si mesma de Deus, seu soberano Senhor e Criador, para servir aos malignos espíritos, seria justa?

¹⁴¹² Doutrina e expressões do sofista Trasímaco, no primeiro livro da **República**, de Platão.

Nessa mesma República, apoia-se fortemente a justiça contra a injustiça e como, ao falar inicialmente sobre a injustiça, dissemos que sem ela uma república não podia crescer e nem se estabelecer, já que é injusto que pessoas sejam sujeitas a outras pessoas, responde-se, em nome da justiça, que isso é justo por que a servidão é vantajosa àqueles que a sofrem (quando os outros não abusam dela) já que ela lhes tira o poder de fazer o mal.

Para apoiar esta ideia, acrescenta-se que a própria natureza nos fornece um belo exemplo. Dizem: “Por que então Deus governa o ser humano, a alma ao corpo e a razão às paixões?” Este exemplo mostra bem que a servidão é útil a alguns, mas servir Deus é útil a todos.

Ora, quando a alma está submetida a Deus, é com justiça que ela governa o corpo e que, na própria alma, a razão governa às paixões. Quando então, o ser humano não serve a Deus, que justiça pode haver nessa pessoa, já que somente o serviço que lhe presta dá à alma o direito de governar o corpo e à razão de governar as paixões?

Se não há justiça em uma pessoa estranha ao culto a Deus, certamente ela não existirá também em uma sociedade composta por pessoas assim. Portanto, não haverá também o direito convencionado por elas e que lhe dá o nome de povo e, por consequência, nada de república.

Que direi do interesse, que Cipião introduz na definição de povo? É certo que, olhando de perto, nada interessa aos ímpios, como

são todos aqueles que, em vez de servir Deus, servem aos demônios, que são eles mesmos, na medida em que são ímpios e de espíritos imundos e querem que lhes sejam oferecidos sacrifícios como se fossem deuses. Mas, deixando isso de lado, o que dissemos sobre o direito basta, em minha opinião, para mostrar que, segundo esta definição, não pode haver povo e nem, por consequência, república, onde não há justiça.

Pretender que os romanos não serviram em sua república a espíritos imundos e sim a deuses e santos é o que não se pode sustentar sem estupidez ou sem impudênciа, após tudo o que dissemos sobre este tema. Mas, para não ser repetitivo, aqui direi somente que está escrito na lei do verdadeiro Deus, que aquele que sacrificar a outros deuses e não a ele somente, será exterminado¹⁴¹³. Ele quer, portanto, em geral e de uma maneira absoluta, que não se sacrifique aos deus, bons ou maus.

Capítulo XXII

O Deus dos cristãos é o verdadeiro Deus e o único a quem se deve sacrificar.

Mas, dirão, qual é esse Deus, ou como se prova que só ele merecia o culto dos Romanos?

¹⁴¹³Êxodo 22: 20.

É preciso ser muito cego para perguntar ainda qual é esse Deus. É o Deus que os profetas previram tudo o que vemos se realizar diante de nossos olhos. É aquele que disse a Abraão: *Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu e todas as nações da terra desejarão ser benditas como ela*¹⁴¹⁴. Palavras que se realizaram em Jesus Cristo, nascido de sua descendência segundo a carne, como até mesmo seus inimigos reconhecem. Foi ele que inspirou todas as previsões que eu relatei no tocante à Igreja que vemos espalhada por toda a terra. Foi ele que Varrão, o mais douto dos Romanos, acreditou ser Júpiter, embora ele não saiba o que diz. Ao menos com isso ele mostrou que uma pessoa tão sábia não julgou o que foi esse Deus ou que fosse desprezável, já que acreditou mesmo que ele fosse o soberano de todos os deuses. Por fim, é aquele que Porfírio, o mais sábio dos filósofos, se bem que ardente inimigo dos cristãos, confessa ser um grande Deus, mesmo segundo oráculos daqueles que ele acredita deuses.

Capítulo XXIII

Oráculos que Porfírio relaciona a Jesus Cristo.

Porfírio¹⁴¹⁵, em sua obra intitulada **A Filosofia dos Oráculos** (eu me sirvo das expressões tais como foram traduzidas do grego

¹⁴¹⁴ Gênesis 22: 17 e 18.

¹⁴¹⁵ Sobre Porfírio, ver o Livro X, desta obra, cap. 9 e as notas.

para o latim¹⁴¹⁶), uma coleção de supostas respostas divinas sobre questões relativas à filosofia, diz o seguinte: *Alguém, perguntando a Apolo a qual Deus devia se dirigir para retirar sua mulher do cristianismo, obteve a seguinte resposta desta divindade: “Seria mais fácil escrever sobre a água ou voar pelos ares do que curar o espírito ferido de sua mulher. Deixe-a então, em seu ridículo erro, cantar com uma voz de falsete e lúgubre para um Deus morto, condenado por juízes justos e entregue publicamente para um suplício sangrento e ignominioso”.*

Após estes versos de Apolo, que traduzimos livremente em prosa latina, Porfírio continua assim: *Este oráculo mostra bem o quanto a seita cristã é corrompida, já que ele diz que os judeus sabem honrar melhor a Deus do que os cristãos.* É assim que este filósofo — levado por seu ódio contra Jesus Cristo e que preferiu os judeus aos cristãos — explica as palavras do oráculo de Apolo que dizem que Jesus Cristo foi levado à morte por judeus justos, como se eles o tivessem matado justamente!

Eu deixo a responsabilidade deste oráculo ao intérprete mentiroso de Apolo ou ao próprio Porfírio, que talvez o tenha inventado. Veremos mais tarde como este filósofo concorda com ele mesmo ou concorda conjuntamente com os oráculos.

¹⁴¹⁶ O título grego é *Peri tes ek logion philosophias*. Esta obra de Porfírio está perdida. Ela é mencionada por Théodoret e por Eusebio. Veja a *Praepar. Evang.*, livro IV, cap. 6 e 8.

Agora ele nos diz que os judeus, como verdadeiros adoradores de Deus, condenaram justamente Jesus Cristo a uma morte ignominiosa. Mas esse Deus dos judeus, ao qual Porfírio presta testemunho, por que não escutá-lo, quando ele nos diz: *Aquele que oferecer sacrifícios a outros deuses fora do Senhor, será votado ao interdito*¹⁴¹⁷.

Além destas, há outras afirmações de Porfírio mais manifestas ainda. Escutemo-lo glorificar o rei dos judeus. Ele diz: *Apolo, perguntado sobre o que é que é melhor sobre o Verbo, ou seja, a razão ou a lei, respondeu nestes termos* (aqui Porfírio cita versos de Apolo, dentre os quais eu escolhi os seguintes): “*Deus é o princípio gerador, o rei supremo, diante do quem o céu, a terra, o mar e os misteriosos abismos do inferno tremem e até mesmo os deuses experimentam pavor. Ele é o pai que os santos hebreus honram muito piamente*”.

Aí está um oráculo de Apolo que, segundo Porfírio, reconhece que o Deus dos judeus é tão grande que apavora os próprios deuses. Ora, já que esse Deus disse que aquele que sacrifica aos deuses será exterminado, me espanta que Porfírio não tenha experimentado também algum tipo de pavor e, em seus sacrifícios aos deuses, não tenha temido ser exterminado.

¹⁴¹⁷Êxodo 22: 20.

Este filósofo também fala bem de Jesus Cristo, como se tivesse se esquecido das palavras ultrajantes que acabo de relatar ou como se os deuses só tivessem falado mal do Salvador enquanto dormiam e, conhecendo-o melhor quando despertaram, tivessem lhe prestado os louvores que ele merece.

Ele clama, como se fosse revelar uma coisa maravilhosa e incrível: *Alguns ficarão, sem dúvida, surpreendidos com o que vou dizer. É que os deuses declararam que Cristo era um homem muito pio, que se tornou imortal e ele lhes deixou uma muito boa lembrança. Quanto aos cristãos, eles os declararam impuros, carregados de sujeiras, mergulhados no erro e os cobriram de mil outras blasfêmias.*

Porfírio relata essas blasfêmias, como tantos oráculos dos deuses. Depois, continua assim: *Hécate, perguntada sobre se Cristo é um deus, respondeu: “Qual é o estado de uma alma separada do corpo? Vocês sabem. Se ela se afastou da sabedoria, vocês não ignoram que ela está condenada a errar para sempre. Esta que vocês me falam é a alma de um homem excelente na piedade. Mas, aqueles que a honram estão no erro”.*

Prosegue Porfírio, em suas próprias palavras: *Então, àqueles que procuram associar seus próprios pensamentos àqueles que são imputados aos deuses, eis o oráculo que declara Cristo um homem*

eminente em piedade e que assegura que sua alma recebeu a imortalidade, como a de outros justos, mas que é um erro adorá-lo.

Ele acrescenta: *Como alguns perguntaram a Hécate por que ele foi condenado, a deusa respondeu: “O corpo está sempre exposto aos tormentos, mas a alma dos justos tem o céu como morada. Esse que vocês me falam foi uma oportunidade fatal de erro para todas as almas que não foram chamados pelos destinos para receberem os favores dos deuses e nem para conhecer Júpiter imortal. Os deuses também não amam essas almas deserdadas. Mas ele é um justo, admitido no céu na companhia dos justos. Evitem então de blasfemar contra ele e tenham piedade da loucura humana, pois, de Cristo aos cristãos, a descida é rápida”*¹⁴¹⁸.

Quem é tão estúpido para não ver que estes oráculos, ou foram criados por esse homem ardiloso, inimigo mortal dos cristãos, ou que foram gerados por demônios com intenção igual, ou seja, para autorizar, através dos louvores a Jesus Cristo, a reprovação que eles levantam contra os cristãos, afastando assim as pessoas do caminho da salvação, onde só se entra através do cristianismo?

Como eles são infinitamente ardilosos, pouco lhes importa que se dê fé aos seus elogios a Jesus Cristo, contanto que se acredite também em suas calúnias contra seus discípulos e eles suportam que

¹⁴¹⁸ Esta passagem de Porfírio está quase toda reproduzida em Eusébio, *Demonstr. Evang.*, livro III, cap. 6.

se louve Jesus Cristo, com a condição de que não se seja cristão e, por consequência, que não se seja libertado por Cristo de seu domínio.

Acrescente-se que eles o louvam de uma maneira tal que, quem acreditar neles com relação a isso, não será realmente um cristão, mas um herético *fotiniano*¹⁴¹⁹ e só verá em Cristo o homem e não Deus. Isto é o que o impedirá de ser salvo através da mediação e de se livrar das garras desses demônios impostores.

Quanto a nós, fechamos igualmente os ouvidos à censura de Apolo e aos louvores de Hécate. Um sustenta que Jesus Cristo foi justamente condenado à morte por seus juízes e a outra fala dele como sendo um homem muito pio, mas sempre um homem. Ora, ambos têm um mesmo objetivo, que é impedir as pessoas de se tornarem cristãs; único meio, no entanto, de se libertar de sua tirania.

Além disso, que esse filósofo __ ou melhor, aqueles que dão fé aos seus oráculos __ concorde, se puder, com Apolo e Hécate e coloque o elogio ou a condenação na boca dos dois, mas quando ele o fizer, nem por isso teremos, para com esses demônios, seja louvando Cristo, seja blasfemando-o, uma repulsa menor. Como os pagãos, que veem um deus e uma deusa se contradizerem sobre Jesus Cristo, com Apolo blasfemando o que Hécate aprova, como eles podem, por

¹⁴¹⁹ Sobre a heresia de Fotino, muito semelhante à de Paulo de Samosata, veja o livro de Santo Agostinho *De haeresibus*, heresias 44 e 45.

pouco que sejam racionais, dar fé às calúnias desses demônios contra os cristãos?

Por fim, quando Porfírio ou Hécate dizem que Jesus Cristo foi uma fonte fatal de erro para os cristãos, eu lhe perguntaria se isso aconteceu voluntariamente ou sem sua intenção. Se foi voluntariamente, como ele é justo? Se foi sem sua intenção, como ele é um bem-aventurado?

Mas, escutemos Porfírio explicar as causas desse suposto erro. Ele diz:

Há, em certos lugares, espíritos terrestres e imperceptíveis, submetidos ao poder de maus demônios. Os sábios dos hebreus, entre os quais estava Jesus, segundo os oráculos de Apolo que acabo de mencionar, desviavam as pessoas religiosas do culto a esses maus demônios e espíritos inferiores e os levavam a adorar principalmente os deuses celestes e sobretudo o Deus pai. Era isso o que os próprios Deuses ordenavam e mostravam acima como eles ensinam a reconhecer Deus e como querem que ele seja adorado por toda parte. Mas os ignorantes e os ímpios, que não estão destinados a receber os favores dos deuses e nem a conhecer Júpiter imortal, rejeitaram todo tipo de deuses, para adotar o culto aos maus demônios. É verdade que eles fingem servir a Deus, mas eles não fazem nada do que é preciso para isso. Deus, como o pai de todas as coisas, não precisa de nada e nós atraímos suas graças para nós quando o honramos

*pela justiça, pela castidade e por outras virtudes e nossa vida é uma contínua prece para a imitação de suas perfeições e a busca da verdade. Essa busca, nos purifica e a imitação nos aproxima dele*¹⁴²⁰.

Aqui eu concordo que Porfírio fala dignamente de Deus pai e da inocência dos costumes, constituídos principalmente pelo culto prestado a ele. Também os livros dos profetas hebreus estão plenos desses tipos de preceitos, seja quando eles retomam os vícios, seja quando eles louvam a virtude. Mas Porfírio, quando fala dos cristãos, ou se engana ou os calunia, na medida em que ele agrada os demônios que ele toma como deuses. É como se ele estivesse bem incomodado com as lembranças das infâmias cometidas nos templos ou nos teatros em honra aos deuses e ao comparar com o que é dito nas igrejas ou o que é oferecido ao verdadeiro Deus, para avaliar de que lado está a edificação e a ruína dos costumes.

E quem mais foi que lhe ditou ou inspirou a mentira ridícula e palpável de que os cristãos preferem mais não odiar os demônios que os hebreus proíbem de adorar, se não foi o espírito maligno? Mas, o Deus que os sábios hebreus adoraram proíbe também que se sacrifique aos espíritos celestes, aos anjos e às virtudes que nós amamos e honramos na peregrinação desta vida mortal, como nossos concidadãos já bem-aventurados. Na fé que ele deu ao seu povo, ele fez ou-

¹⁴²⁰ Cf. Porfírio, *Ep. ad Marc.* 17, 19, 24.

vir como um trovão esta terrível ameaça: *Aquele que oferecer sacrifícios a outros deuses fora do Senhor, será votado ao interdito*¹⁴²¹.

E, para que não se imagine que essa proibição só visa os maus demônios e os espíritos terrestres que Porfírio chama de espíritos inferiores¹⁴²² e as Santas Escrituras chamam de deuses dos gentios, como nesta passagem dos Salmos: *Os deuses dos pagãos, sejam quais forem, não passam de ídolos*¹⁴²³; para que não se acredite que a proibição de sacrificar aos demônios não diz respeito aos espíritos celestes ou, pelo menos a alguns deles, a Escritura acrescenta estas palavras: *fora do Senhor (nisi Domino soli)*. E, para aqueles que, enganados pela palavra *soli*, imaginam que Deus está aqui confundido com o sol, basta examinar o texto grego para dissipar seu erro¹⁴²⁴.

Assim, esse Deus, a quem um tão excelente filósofo presta um tão excelente testemunho, deu ao seu povo, ao povo hebreu, uma lei escrita em língua hebraica e essa lei, que é conhecida por toda a terra, diz expressamente que aquele que fizer sacrifícios aos deuses e a outros que não seja o Senhor será exterminado.

Há necessidade de buscar outras passagens nessa lei ou nos profetas para mostrar que o Deus verdadeiro e soberano não quer que se sacrifique a outros além dele? Este é um oráculo curto, mas terrí-

¹⁴²¹ Éxodo 22: 20.

¹⁴²² Cf. Porfírio, *De antro nymph.* 6-7.

¹⁴²³ Salmo 95: 5.

¹⁴²⁴ De fato, a Septuaginta traz *Ei me to Kurio mono.*

vel, saído da boca desse Deus que os homens mais sábios do paganismismo exaltam tanto. Que ele seja escutado, que ele seja temido, que ele seja obedecido, para que não se incorra na pena que ele ameaça: *Aquele que oferecer sacrifícios a outros deuses fora do Senhor, será votado ao interdito.*

Não é que Deus precise de nada que seja nosso, mas é que nos é vantajoso ser dele. Está escrito nas santas letras dos hebreus: *Digo a Deus: Sois o meu Senhor, por que vós não tendes necessidade dos meus bens*¹⁴²⁵.

Ora, nós mesmos, ou seja, sua cidade, somos o mais nobre e mais excelente sacrifício que pode ser oferecido a ele e este é o mistério que celebramos em nossas oblações bem conhecidas dos fiéis, como dissemos nos livros precedentes¹⁴²⁶.

Os oráculos do céu declararam em alto e bom som, pela boca dos profetas hebreus, que os sacrifícios de animais que os judeus ofereciam como símbolos do futuro cessariam e que as nações, do oriente ao ocidente, só ofereceriam um único sacrifício. Isto é o que vemos agora ser realizado.

Relatamos nesta obra alguns desses testemunhos, na medida em que consideramos conveniente. Concluamos que, onde não houver essa justiça, que faz com que se obedeça somente ao Deus sobre-

¹⁴²⁵ Salmo 15: 2. *Dixi Domino : Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.*

¹⁴²⁶ Ver Livro X, cap. 6 e outros.

rano e que se só se sacrifique a ele, certamente aí não haverá também uma sociedade fundamentada em direitos reconhecidos e interesses comuns. Por consequência, não haverá também um povo, se a definição que demos for verdadeira. Por fim, não haverá também república, já que a *coisa do povo* não pode existir onde não há povo.

Capítulo XXIV

Segundo qual definição o Império Romano, bem como outros estados, podem se atribuir justamente os títulos de povo e de república.

Mas, deixemos de lado esta definição de povo e suponhamos uma outra. Por exemplo, esta: povo é uma reunião de pessoas racionais que se unem para desfrutar pacificamente juntos daquilo que amam.

Para saber o que é cada povo, seria preciso saber o que ele ama. No entanto, seja o que for que ame, num dado momento, uma reunião, não de animais, mas de criaturas racionais, unidas pela comunidade dos mesmos interesses, pode-se muito bem chamar isso de povo, que será tanto melhor quanto os interesses que os ligam forem mais nobres e tanto pior quanto menos eles forem.

Segundo esta definição, o povo romano é um povo e seu governo é, sem dúvida, uma república. Ora, a história nos mostra o que amou este povo no tempo de sua origem e nas épocas seguintes e como ele foi arrastado a cruéis revoltas pela depravação de seus cos-

tumes e daí levado a guerra civis e sociais, onde ele solapou em sua base a concórdia que é, de alguma maneira, a salvação de um povo.

Eu não gostaria, no entanto, de dizer que nesses momentos o império romano não foi um povo e nem seu governo uma república, na medida em que ele permaneceu uma reunião de pessoas ligadas por um interesse comum. O que concordo, com relação a este povo, eu concordo igualmente para os atenienses, os egípcios, os assírios e para qualquer outro império, grande ou pequeno, pois, em geral, a cidade dos ímpios, rebelde às ordens do verdadeiro Deus, que proíbe sacrificar a outros deuses que não seja ele e, portanto, incapaz de fazer prevalecer a alma sobre o corpo e a razão sobre os vícios, não conhece a justiça verdadeira.

Capítulo XXV

Não há verdadeiras virtudes onde não há verdadeira religião.

Qualquer que seja o feliz império que a alma pareça ter sobre o corpo e a razão sobre as paixões, se a alma e a razão não são submissas a Deus e não lhe prestam o culto ordenado por ele, esse império não existe, na verdade.

Como uma alma que ignora o verdadeiro Deus e que, em vez de lhe estar sujeita, se prostitui para demônios infames, pode ser senhora de seu corpo e de suas más inclinações? É por isso que as virtudes que ela pensa ter, se ela não as reporta a Deus, são mais vícios

do que virtudes. Mesmo que muitos imaginem que elas são virtudes reais, quando elas são reportadas a elas mesmas e só tem a elas mesmas como fim, eu digo que, mesmo então, elas estão plenas de vícios¹⁴²⁷.

De fato, da mesma forma como o que faz o corpo viver não é um corpo, mas algo que está acima do corpo, assim também, o que torna o ser humano bem-aventurado não vem do ser humano, mas está acima dele e o que eu digo do ser humano é verdadeiro para todos os espíritos celestes.

Capítulo XXVI

O povo de Deus, em sua peregrinação aqui embaixo, faz a paz do povo separado de Deus servir aos interesses da piedade.

Assim, da mesma forma como a alma é a vida do corpo, Deus é a vida bem-aventurada do ser humano. Daí vem estas palavras das santas letras dos hebreus: *Feliz o povo cujo Deus é o Senhor*¹⁴²⁸.

Infeliz, portanto, o povo que não reconhece esse Deus. Ele não deixa, no entanto, de desfrutar de uma certa paz, que não tem nada de censurável propriamente, mas ele não desfrutará dela até o fim, porque ele não a usa bem até este fim.

¹⁴²⁷ Compare com os livros XIII e XIV de seu tratado *De la Trinité* (XII, n. 25, 26 ; XIV, n.3).

¹⁴²⁸ Salmo 143: 15.

Ora, para nós cristãos, é de nosso interesse que ele desfrute da paz durante esta vida, pois, na medida em que as duas cidades estão misturadas, nós nos servimos também da paz da Babilônia, mesmo estando livres de seu jugo pela fé e só fazendo passar por ela como viajantes.

Foi por isso que o Apóstolo advertiu a Igreja para rezar pelos reis e os poderosos do século, *para que possamos viver uma vida calma e tranquila, com toda a piedade e honestidade*¹⁴²⁹, ele disse.

Quando Jeremias predisse ao antigo povo de Israel seu cativeiro e lhe recomendou que fosse à Babilônia sem murmurar, para dar ao Senhor prova de paciência, ele o advertiu também para rezar por aquela cidade, *por que a paz dela será a sua*¹⁴³⁰, ele disse. Ou seja, a paz temporal, aquela que é comum aos bons e aos maus.

Capítulo XXVII

A paz dos servidores de Deus não pode ser perfeita nesta vida mortal.

Mas, há outra paz, que é própria da Cidade Santa e esta nós a desfrutaremos com Deus, através da fé¹⁴³¹ e nós a teremos um dia eternamente com ele, através da visão clara.

¹⁴²⁹ 1 Timóteo 2: 2.

¹⁴³⁰ Jeremias 29: 7. *Quia in pace illius erit pax vobis.*

¹⁴³¹ Cf. 2 Coríntios 5: 7.

Aqui embaixo, pelo contrário, a paz que desfrutamos, pública ou particular, é de uma maneira tal, que mais serve para aliviar nossa miséria do que para nos propiciar a felicidade.

Até mesmo nossa justiça, embora verdadeira, na medida em que a reportamos ao verdadeiro bem, é tão deficiente nesta vida que ela consiste mais na remissão dos pecados do que em alguma virtude perfeita.

Testemunha disso é a prece de toda a Cidade de Deus, que é estrangeira neste mundo e que clama a Deus, pela boca de todos os seus membros: *Perdoe nossas ofensas, como nós perdoamos aqueles que nos têm ofendido*¹⁴³². E esta prece não serve de nada para aqueles cuja fé sem obras é uma fé morta¹⁴³³, mas somente àqueles cuja fé opera pela caridade¹⁴³⁴.

Até mesmo os justos precisam desta prece, pois mesmo que sua alma esteja submetida a Deus, a razão nunca governa perfeitamente os vícios nesta vida mortal e neste corpo corruptível que torna pesada a alma¹⁴³⁵, pois ela não o governa sem combate e sem resistência.

É por isso que, com qualquer atenção que se combatá neste lugar de enfermidade e qualquer vitória que se tenha sobre o inimigo,

¹⁴³² Mateus 6: 12.

¹⁴³³ Cf. Tiago 2: 17.

¹⁴³⁴ Gálatas 5: 6.

¹⁴³⁵ Sabedoria 9: 15.

dá-se alguma tomada de controle sobre si. Se não pelas ações, pelo menos pelas palavras e pelos pensamentos.

Enquanto não se domina os vícios, não se desfruta de uma paz plena, por que o que resiste jamais é domado sem perigo e nunca se descansa diante do triunfo sobre aqueles que são domados, pois é preciso cuidar para que eles não se recuperem.

Dentre as tentações mencionadas pela Escritura com tanta concisão, ao dizer que *A vida do homem sobre a terra é uma luta*¹⁴³⁶, quem presumirá não ter necessidade de pedir a Deus: *Perdoai nossas ofensas*, se não for uma pessoa soberba, que não tem grandeza, mas inchaço e a quem Aquele que dá sua graça aos humildes resiste com justiça?

Aqui então, a justiça consiste: com relação ao ser humano, em obedecer a Deus; com relação ao corpo, em ser submisso à alma; com relação aos vícios, em vencê-los ou resistir a eles através da razão e em pedir a Deus sua graça e o perdão por suas faltas, bem como em agradecê-lo pelos bens que recebeu.

Mas, na paz final, que deve ser o objetivo de toda justiça que tentamos adquirir aqui embaixo, como a natureza será curada, sem o retorno de nenhuma das más inclinações e não sentiremos nenhuma resistência em nós mesmos e nem por parte dos outros, não será mais

¹⁴³⁶ Jó 7: 1.

necessário que a razão governe as paixões que não existirão mais, mas Deus governará o ser humano e a alma governará o corpo, com uma facilidade e uma docura que corresponderá a um estado tão glorioso e tão afortunado. Esse estado será eterno e nós estaremos seguros de sua eternidade. É nisto que consistirá nosso soberano bem.

Capítulo XXVIII

O fim dos ímpios.

Mas, pelo contrário, todos aqueles que não pertencem a essa Cidade de Deus, sua miséria será eterna.

É por isso que as Escrituras chamam esse estado de *segunda morte*¹⁴³⁷, por que nem a alma e nem o corpo viverão. A alma, por que estará separada de Deus, que é a vida e o corpo, por que sofrerá eternas torturas. Assim, essa segunda morte será a mais cruel, por que não poderá terminar através da morte.

Ora, sendo a guerra contrária à paz, como a desgraça o é da beatitude e a morte da vida, pode-se perguntar se a paz que se desfrutará no soberano bem corresponderá a uma guerra no soberano mal. Que aquele que faz esta pergunta preste atenção ao que há de mal na guerra e verá que isso só consiste na oposição e na contraposição das coisas entre elas.

¹⁴³⁷ Atos 2: 11; 20: 6; 20: 14; 21: 8

Qual é a guerra então, que se pode imaginar que seja maior e mais cruel do que aquela onde a vontade é tão contrária à paixão e a paixão à vontade, que sua inimizade não cessa jamais com a vitória de uma ou de outra e onde a dor combate tanto o corpo que nenhum dos dois adversários jamais triunfa?

Quando acontece neste mundo um combate assim, ou bem a dor tem a vantagem e a morte afasta o sentimento ou a natureza é vitoriosa e a saúde afasta a dor. Mas, na vida futura, a dor permanecerá para atormentar e a natureza sobreviverá para sentir a dor, pois nem uma nem outra será destruída, para que o suplício dura para sempre.

Ora, como é através do Julgamento Final que os bons e os maus obterão, uns, o soberano bem e os outros, o soberano mal, iremos tratar deste tema no livro seguinte, se Deus quiser.

Livro XX - O julgamento final.

O julgamento final e os testemunhos que o anunciam no Antigo Testamento e no Novo.

Capítulo I

Este livro tratará propriamente do julgamento final, mesmo que Deus julgue o tempo todo.

Tendo nos proposto presentemente, com a graça de Deus, falar do dia do julgamento final e estabelecer a certeza contra os ímpios e os incrédulos, devemos inicialmente colocar como fundamento de nosso edifício os testemunhos das Escrituras.

Aqueles que não querem acreditar nele só lhe opõem argumentações humanas, plenas de erros e de mentiras. Uma hora sustentando que as Escrituras devem ser entendidas em outro sentido e outra hora que ela não tem a autoridade da palavra divina.

Para aqueles que a entendem em seu verdadeiro sentido e que acreditam que ela encerra a palavra de Deus, não duvido que eles lhe dão sua aprovação, seja por que eles assim o declaram abertamente, seja por que eles se envergonham ou temem, sob tolos escrúpulos, confessar sua fé, seja até mesmo por que, por uma teimosia que beira à tolice, eles se obstinam em negar a verdade das coisas que eles sabem que são verdadeiras e a falsidade das coisas que eles sabem que são falsas.

Assim, o que a Igreja inteira do verdadeiro Deus confessa e professa, a saber, que Jesus Cristo deve vir do céu para julgar os vivos e os mortos, isto é o que chamamos de o último dia do julgamento de Deus, ou seja, o fim dos tempos.

Mas, quantos dias durará o julgamento supremo? Isto é incerto, mas ninguém ignora, por pouco que seja versado nas Escrituras santas, que seu costume é empregar a palavra *dia* para dizer *tempo*. Quando então falamos do dia do julgamento, nós acrescentamos *último* ou *supremo*, por que Deus julga sem cessar e ele julgou desde o começo do gênero humano, quando expulsou do paraíso e separou da árvore da vida os primeiros humanos culpados.

Além disso, podemos dizer que ele julgou, quando recusou seu perdão¹⁴³⁸ aos anjos prevaricadores, cujo príncipe, vencido pela inveja, enganou os humanos, após ele próprio ser enganado.

Também não foi sem um justo e profundo julgamento de Deus que os demônios e as pessoas levam uma vida tão miserável e sujeita a tantos erros e sofrimentos. Uns, no ar e os outros, sobre a terra.

Mesmo se ninguém tivesse pecado, seria ainda através de um julgamento justo de Deus que todas as criaturas racionais permaneciam unidas eternamente ao seu Senhor.

¹⁴³⁸ Cf. 2 Pedro 2: 4. *Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os precipitou nos abismos tenebrosos do inferno onde os reserva para o julgamento.*

Ele não se contenta em estabelecer sobre todos os demônios e sobre todas as pessoas um julgamento geral, ordenando que eles sejam miseráveis por causa do pecado do primeiro anjo e do primeiro humano; ele também julga particularmente as obras que cada um deles realizou, em virtude de seu livre arbítrio.

De fato, os demônios o pedem que não os atormente e é com justiça que ele os poupa ou os pune, de acordo com seu merecimento¹⁴³⁹.

Os humanos também são punidos por suas faltas. Geralmente de uma maneira manifesta, mas sempre, pelo menos, em segredo; seja nesta vida, seja após a morte, mesmo que ninguém possa fazer o bem se não for ajudado pelo céu e nem fazer o mal, se Deus não o permitir através de um julgamento muito justo. Como disse o Apóstolo: *Haverá injustiça em Deus? De modo algum!*¹⁴⁴⁰ E, em outro lugar: *Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!*¹⁴⁴¹

Mas, não falaremos neste livro dos julgamentos que Deus realizou desde o princípio e nem daqueles que ele realiza no presente, mas somente o último julgamento, quando então Jesus Cristo virá do céu para julgar os vivos e os mortos.

¹⁴³⁹ Cf. Mateus 8: 30 e 31. Os demônios imploraram a Jesus: “Se nos expulsas, envia-nos para aquela manada de porcos”. Ide, disse-lhes. Eles saíram e entraram nos porcos. Nesse instante toda a manada se precipitou pelo declive escarpado para o lago e morreu nas águas.

¹⁴⁴⁰ Romanos 9: 14.

¹⁴⁴¹ Romanos 11: 33.

É bem este o dia supremo do julgamento, pois então não haverá mais lugar para queixas inúteis sobre a felicidade dos ímpios ou sobre a infelicidade do justo. Então, de fato, a felicidade verdadeira e eterna somente dos justos e a infelicidade irrevogável e merecida somente dos ímpios serão igualmente manifestas.

Capítulo II

O espetáculo das coisas humanas, onde não se pode negar que os julgamentos de Deus não se fazem sentir, mesmo que eles não apareçam aos nossos olhares.

Aprendemos aqui embaixo a sofrer pacientemente os males, por que até mesmo os bons os sofrem e a não dar muito valor aos bens, por que até mesmo os maus têm parte deles. Desta forma, encontramos um ensinamento salutar até nas coisas onde as razões da ação de Deus nos são ocultas.

Ignoramos, de fato, por qual julgamento de Deus esta pessoa de bem é pobre e aquele ímpio é opulento; por que este vive na alegria, quando deveria ser afligido em punição de seus crimes, enquanto que aquele lá, que deveria viver na alegria, por causa de sua conduta exemplar, está sempre em sofrimentos.

Não sabemos por que o inocente não obtém justiça e, pelo contrário, condenado e oprimido por um juiz iníquo ou que é enganado por falsos testemunhos, enquanto que o culpado fica, não apenas impune, mas ainda insulta o inocente com seu triunfo.

Por que a pessoa religiosa é consumida pela fraqueza, enquanto o ímpio é pleno de saúde. Vemos pessoas jovens e vigorosas viverem de rapina e outras, incapazes de causar o mal, mesmo com uma simples palavra, são acometidos por doenças e dores. Aqueles cuja vida poderia ser útil à sociedade são levados por uma morte prematura e outros, que não mereceriam ver a luz do dia, vivem mais tempo do que qualquer outro. Infames, culpados de todos os crimes, conseguem o auge da grandeza e a pessoa irrepreensível vive escondida na mais humilde obscuridade!

Mesmo que essas contradições sejam comuns à vida ou, como diz o Salmista: *O homem é semelhante ao sopro da brisa; seus dias são como a sombra que passa*¹⁴⁴², se somente os maus possuíssem os bens temporais e terrestres, enquanto que somente os bons sofressem todos os males, poderíamos atribuir essa ordem de coisas a um justo julgamento de Deus e mesmo a um julgamento benevolente. Poderíamos acreditar que ele quer que as pessoas que não obtém os bens eternos sejam enganados ou consolados pelos bens temporais, que os deixam felizes e que aqueles aos quais não são reservadas as penas eternas, suportam algumas aflições passageiras em punição por faltas leves ou por para se exercitarem na virtude. Mas, na maior parte do tempo, os maus também têm seus males e os bons suas alegrias, o

¹⁴⁴² Salmo 143: 4.

que torna os julgamentos de Deus mais impenetráveis e seus caminhos mais inexploráveis.

No entanto, mesmo que ignoremos por qual julgamento Deus faz ou permite tais coisas — ele que é a virtude, a sabedoria e a justiça supremas; ele que não tem fraqueza, temeridade e nem injustiça — nos é mais vantajoso, em definitivo, aprender a não valorizar muito os bens e os males comuns aos bons e aos maus, para só procurar os bens que só pertencem aos bons e para fugir dos maus que só são próprios aos maus.

Quando chegarmos ao julgamento supremo de Deus, cujo tempo é chamado propriamente de o dia do julgamento e, algumas vezes, de o dia do Senhor, então reconheceremos a justiça dos julgamentos de Deus; não somente daqueles que ele faz agora, mas também os julgamentos que ele fez desde o princípio e daqueles que ele fará até aquele momento. Então veremos claramente a justiça de Deus, que a fraqueza de nossa razão nos impede de ver na maior parte das vezes e na quase totalidade de seus julgamentos, embora as almas pias tenham toda confiança em sua justiça misteriosa.

Capítulo III

A opinião de Salomão, no Livro do Eclesiastes, sobre as coisas que são comuns aos bons e aos maus.

Salomão, o mais sábio rei de Israel que reinou em Jerusalém, começa assim o Eclesiastes, que os judeus, como nós, reconhecem como canônicos: *Vaidade das vaidades, diz o Eclesiastes, vaidade das vaidades! Tudo é vaidade. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?*¹⁴⁴³

Depois, ligando a este pensamento ao quadro das misérias humanas, ele lembra os erros e as tribulações desta vida e demonstra que não há nada de estável e nem de sólido aqui embaixo.

No meio dessa vaidade das coisas da terra, ele deplora sobretudo que a sabedoria, tendo tanta vantagem sobre a tolice quanto a luz sobre as trevas e o sábio, sendo tão esclarecido quanto o tolo é cego, todos, no entanto, têm uma mesma sorte neste mundo¹⁴⁴⁴. Com isso ele quer dizer, sem dúvida, que os males são comuns aos bons e aos maus.

Ele acrescenta que os bons sofrem como se fossem maus e que os maus desfrutam dos bens como se fossem bons e fala assim: *Há justos aos quais acontece o que conviria ao proceder de celerados e*

¹⁴⁴³ Livro do Eclesiastes 1: 2 e 3.

¹⁴⁴⁴ Livro do Eclesiastes 2: 13 e 14. *Cheguei à conclusão de que a sabedoria leva vantagem sobre a loucura, como a luz leva vantagem sobre as trevas. Os olhos do sábio estão na cabeça, mas o insensato anda nas trevas. Mas eu notei que um mesmo destino espera a ambos.*

*há ímpios aos quais acontece o que conviria ao proceder de justos. Digo que isso é também vaidade*¹⁴⁴⁵. O que dizer de mais curto, de mais verdadeiro e de mais salutar?

Ele diz: *Tema a Deus e observa seus preceitos; é este o dever de todo homem*¹⁴⁴⁶. De fato, toda pessoa não passa de um guardião fiel dos mandamentos de Deus. Aquele que não é isso, não é nada, pois não está formado à imagem de Deus, na medida em que permanece semelhante à vaidade.

Salomão acrescenta: *Deus fará prestar contas de tudo o que está oculto; todo ato, seja ele bom ou mau*¹⁴⁴⁷. Entenda-se de todo ato, até daquele que parece o mais insignificante e ao qual as pessoas não prestam nenhuma atenção. Deus vê cada ação humana e não negligencia nenhuma e quando ele julga, nada é esquecido.

Capítulo IV

Convém, para tratar do julgamento final, reproduzir primeiro as passagens do Novo Testamento e depois as do Antigo.

As provas do julgamento final de Deus que queremos tirar das Escrituras santas, serão procuradas primeiro no Novo Testamento e, em seguida, no Antigo. Mesmo que o antigo seja o primeiro na or-

¹⁴⁴⁵ Livro do Eclesiastes 8: 14.

¹⁴⁴⁶ Livro do Eclesiastes 12: 13.

¹⁴⁴⁷ Livro do Eclesiastes 12: 14.

dem do tempo, o Novo, no entanto, tem mais autoridade, por que o primeiro só serviu para anunciar o outro.

Começaremos então pelos testemunhos tirados do Novo Testamento e, para lhes dar mais peso, os confirmaremos pelos do Antigo. O Antigo comprehende a Lei e os Profetas; o Novo, os Evangelhos e as Epístolas dos Apóstolos.

O Apóstolo diz: *A Lei se limita a dar o conhecimento do pecado. Mas, agora, sem o concurso da Lei, manifestou-se a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos Profetas. Esta é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos os fiéis, pois não há distinção*¹⁴⁴⁸. Essa justiça de Deus pertence ao Novo Testamento e é confirmada pelo Antigo, ou seja, *pela Lei e pelos Profetas*.

Devo então expor primeiro a causa, para apresentar em seguida os testemunhos. Foi Jesus Cristo mesmo que nos ensinou a observar esta ordem, quando disse: *Todo escriba instruído nas coisas do Reino dos céus é comparado a um pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas*¹⁴⁴⁹. Ele não disse velhas e novas coisas, o que ele certamente não deixaria de fazer, se ele não visasse mais o valor das coisas do que o tempo.

¹⁴⁴⁸ Romanos 3: 20-22.

¹⁴⁴⁹ Mateus 12: 52.

Capítulo V

As palavras do divino Salvador que anunciam que haverá um julgamento de Deus no fim dos tempos.

O próprio Salvador, censurando a incredulidade de algumas cidades onde ele havia feito grandes milagres e mostrando preferência por outras que ele não havia visitado, disse: *No dia do juízo, haverá menor rigor para Tiro e para Sidônia do que para vós!*¹⁴⁵⁰ Algum tempo depois, dirigindo-se a outra cidade, ele diz: *No dia do juízo, haverá menor rigor para Sodoma do que para ti!*¹⁴⁵¹ Ele mostra claramente com isso que o dia do julgamento deve acontecer.

Ele diz também em outro lugar: *No dia do juízo, os ninivitas se levantarão com esta raça e a condenarão, por que fizeram penitência à voz de Jonas. Ora, aqui está quem é mais do que Jonas. No dia do juízo, a rainha do Sul se levantará com esta raça e a condenará, por que veio das extremidades da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. Ora, aqui está quem é mais do que Salomão*¹⁴⁵².

Esta passagem nos ensina duas verdades: a primeira é que o dia do julgamento acontecerá; a segunda é que os mortos ressuscitarão nesse dia. Pois, ao falar dos ninivitas e da rainha do sul, Jesus falou certamente de pessoas que não estavam mais lá e ele disse, no entan-

¹⁴⁵⁰ Mateus 11: 22.

¹⁴⁵¹ Mateus 11: 24.

¹⁴⁵² Mateus 12: 41 e 42.

to, que elas reviverão no dia do julgamento. E, quando ele disse que eles condenarão, não é que eles devem julgar eles mesmos, mas é que, em comparação com eles, os outros merecerão ser condenados.

Em outro lugar, a propósito da mistura entre bons e maus neste mundo e de sua separação no dia do julgamento, ele se serve da parábola de um campo semeado com boa semente, onde está espalhado o joio e a explica aos seus discípulos, dizendo:

*O que semeia a boa semente é o Filho do Homem. O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do Reino. O joio são os filhos do Maligno. O inimigo, que o semeia, é o demônio. A colheita é o fim do mundo. Os ceifadores são os anjos. E assim como se recolhe o joio para jogá-lo no fogo, assim será no fim do mundo. O Filho do Homem enviará seus anjos, que retirarão de seu Reino todos os escândalos e todos os que fazem o mal e os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. Então, no Reino de seu Pai, os justos resplandecerão como o sol. Aquele que tem ouvidos, ouça*¹⁴⁵³.

É verdade que ele não fala aqui de dia do julgamento, mas ele deixa isso bem claro pelas próprias coisas e profetiza que isso acontecerá no fim do mundo.

¹⁴⁵³ Mateus 13: 37-43.

Ele fala mesmo aos seus discípulos: *Em verdade vos declaro: no dia da renovação do mundo, quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da glória, vós, que me haveis seguido, estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel*¹⁴⁵⁴.

Isto nos ensina que Jesus julgará com seus discípulos e daí vem que, em outro lugar, ele diz aos judeus: *E se eu expulso os demônios por Beelzebul, por quem é que vossos filhos os expulsam? Por isso, eles mesmos serão vossos juízes*¹⁴⁵⁵.

Não se deve acreditar, por que Jesus falou de doze tronos, que ele julgará somente com os doze discípulos. O número doze deve ser entendido como a multidão daqueles que julgarão com ele, por causa do número sete, que significa costumeiramente uma grande multidão, já que suas duas partes, três e quatro, multiplicadas uma pela outra, fazem doze. De fato, quatro vezes três e três vezes quatro fazem doze. Sem falar das outras razões que explicam a escolha deste número.

Não fosse assim, como o apóstolo Matias foi colocado no lugar do traidor Judas¹⁴⁵⁶, seguir-se-ia que o apóstolo São Paulo, que trabalhou mais do que todos eles¹⁴⁵⁷, não estaria no trono para julgar. Ora, ele mesmo afirma que estará entre os juízes, quando diz: *Não sabeis*

¹⁴⁵⁴ Mateus 19: 28.

¹⁴⁵⁵ Mateus 12: 27.

¹⁴⁵⁶ Cf. Atos 1: 26. *Deitaram sorte e caiu a sorte em Matias, que foi incorporado aos onze apóstolos.*

¹⁴⁵⁷ Cf. 1 Coríntios 15: 10. *Mas, pela graça de Deus, sou o que sou e a graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo.*

*que julgaremos os anjos? Quanto mais as pequenas questões desta vida!*¹⁴⁵⁸

É preciso entender no mesmo sentido o número doze aplicado àqueles que serão julgados, pois, mesmo que sejam somente as doze tribos de Israel, não se segue que Deus não julgará a tribo de Levi, que é a décima terceira e nem que só julgará o povo de Israel e não as outras nações.

Quanto *dia da renovação do mundo* mencionado, não há dúvida que deve ser entendido como a ressurreição dos mortos. Assim, de fato, nossa carne será regenerada pela incorruptibilidade, assim como nossa alma é regenerada pela fé.

Deixo de lado muitas outras passagens que parecem fazer alusão ao julgamento final mas que, examinadas mais de perto, são ambíguas ou relativas a outro assunto. Por exemplo, o advento do Senhor, que acontece todos os dias em sua Igreja, ou seja, em seus membros, onde ele se manifesta parcialmente e pouco a pouco, porque a Igreja inteira é seu corpo. Ou então, à destruição da Jerusalém terrestre, que é falada como se tratasse do fim do mundo e o dia desse grande e último julgamento.

Assim, não se poderia entender claramente essas passagens sem compará-las com o que dizem os três evangelistas: São Mateus,

¹⁴⁵⁸ 1 Coríntios 6: 3.

São Marcos e São Lucas¹⁴⁵⁹. Os três, de fato, se esclarecem uns aos outros; tanto mais quanto ao que se refere a um mesmo objeto. Foi isso o que eu me propus em uma carta que escrevi a Heséquio, de feliz memória, bispo de Salônia. Carta que intitulei **O fim do mundo**¹⁴⁶⁰.

Chego agora à passagem do Evangelho segundo São Mateus, onde é mencionada a separação dos bons e dos maus, por um julgamento final e manifesto de Jesus Cristo:

Quando o Filho do Homem voltar na sua glória e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão diante dele e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estão à direita: - Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, por que tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim. Perguntar-lhe-ão os justos: - Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visi-

¹⁴⁵⁹ Cf. Mateus 24: 1-25; Marcos 13: 1-37 e Lucas 21: 5-38.

¹⁴⁶⁰ Veja as *Cartas de Santo Agostinho. Carta CXCIX.*

tar? Responderá o Rei: - Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes. Voltar-se-á em seguida para os da sua esquerda e lhes dirá: - Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos.

Ele censura também aqueles que não fizeram por ele as mesmas coisas que ele louvou naqueles que estavam à sua direita. Como eles lhe perguntam, quando foi que eles o viram necessitando ajuda, ele lhes responde: *Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que deixastes de fazer isso a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer.*

E ele conclui assim: *E estes irão para o castigo eterno e os justos, para a vida eterna*¹⁴⁶¹.

São João evangelista diz claramente que Jesus fixou a época do julgamento como sendo a hora em que os mortos ressuscitarão. Após dizer que o Pai não julga ninguém, mas que ele deu ao Filho todo o poder de julgar, para que todos honrem o Filho como honram o Pai, por que aquele que não honra o Filho não honra o Pai que o enviou, ele logo acrescenta: *Quem ouve a minha palavra e crê naquele que*

¹⁴⁶¹ Mateus 25: 31-46.

*me enviou tem a vida eterna e não incorre em julgamento, mas passou da morte para a vida*¹⁴⁶².

Ele nos assegura, com estas palavras, que os fiéis não irão a julgamento. Como então serão separados dos maus pelo julgamento e postos à sua direita, se não se tomar aqui julgamento como condenação? O certo é, de fato, que aqueles que ouvem estas palavras e que creem naquele que a enviou, não serão condenados?

Capítulo VI

A primeira ressurreição e a segunda.

Ele prossegue nestes termos: *Em verdade, em verdade vos digo: vem a hora e já está aí, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão. Pois, como o Pai tem a vida em nele mesmo, assim também deu ao Filho o ter a vida nele mesmo*¹⁴⁶³.

Ele não fala da segunda ressurreição, ou seja, aquela dos corpos que deverá acontecer no fim do mundo, mas da primeira, que acontece agora. Foi para distinguir uma da outra que ele disse: *vem a hora e já está aí.*

Essa ressurreição não visa os corpos, mas as almas. As almas também têm sua morte, que consiste na impiedade e no crime e é

¹⁴⁶² João 5: 24. *Quia qui verbum meum audit et credit ei qui misit me, habet vitam aeternam et in iudicium non venit, sed transiit a morte in vitam.*

¹⁴⁶³ João 5: 25 e 26.

desta que morrem aqueles dos quais o Senhor disse: *Deixa que os mortos enterrem seus mortos*¹⁴⁶⁴, ou seja, deixe que aqueles que estão mortos com a morte da alma enterrem aqueles que estão mortos com a morte do corpo.

Ele diz então daqueles que a impiedade e crime mataram na alma: *Vem a hora e já está aí, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão.* Aqueles que o ouvirem, ele diz, ou seja, que o obedecerem, que acreditarem nele e que perseverarem até o fim.

Ele não faz aqui nenhuma distinção entre os bons e os maus, por que é vantajoso a todos ouvir sua voz e viver, passando da morte da impiedade para a vida da graça. É dessa morte que São Paulo fala, quando diz: *Se um só morreu por todos, logo todos morreram. Sim, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu*¹⁴⁶⁵.

Assim, todos são mortos pelo pecado, seja pelo pecado original, seja pelos pecados atuais que a ele são acrescentados, por ignorância ou por malícia e um só vivo, ou seja, isento de qualquer pecado, morreu por todos esses mortos, para que aqueles que vivem porque seus pecados foram redimidos, não vivam mais por eles mesmos, mas por aquele que morreu por todos, por causa de nossos pecados e

¹⁴⁶⁴ Mateus 8: 22.

¹⁴⁶⁵ 2 Coríntios 14 e 15.

que ressuscitou para nossa justificação, para que, acreditando naquele que justifica o ímpio e estando justificados de nossa impiedade, como mortos que ressuscitam, possamos pertencer à primeira ressurreição que se faz agora.

A esta só pertence aqueles que serão eternamente felizes, enquanto que o Apóstolo nos ensina que os bons e os maus pertencerão à segunda, que ele vai mencionar em seguida. Esta é de misericórdia e aquela de justiça. Foi o que fez o Salmista dizer: *Cantarei a bondade e a justiça. A vós, Senhor, salmodiarei*¹⁴⁶⁶.

É desse julgamento que São João fala em seguida, quando diz: *E lhe conferiu o poder de julgar, por que é o Filho do Homem*¹⁴⁶⁷.

Ele mostra, com isso, que ele virá para julgar encarnado da mesma maneira como estava ao ser julgado e diz, por esta razão: *por que é o Filho do Homem*.

Depois, falando do que tratamos: *Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz. Os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados*¹⁴⁶⁸.

Eis o julgamento falado antes para designar a condenação nestes termos: *Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou*

¹⁴⁶⁶ Salmo 100: 1.

¹⁴⁶⁷ João 5: 27.

¹⁴⁶⁸ João 5: 28 e 29.

tem a vida eterna e não incorre em julgamento, mas passou da morte para a vida. O que significa que pertence à primeira ressurreição, pela qual se passa agora da morte para a vida e não cairá na danação, que ele identifica com o julgamento, quando diz: *aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados*, ou seja, para serem julgados.

Aquele então, que não quer ser condenado na segunda ressurreição, que ressuscite na primeira, pois *Vem a hora e já está aí, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão*. Em outros termos, não cairão na danação que a Escritura chama de segunda morte e onde serão precipitados, após a segunda ressurreição, que é a do corpo, aqueles que não tiverem ressuscitado na primeira, que é a das almas.

Ele prossegue assim: *vem a hora e não acrescenta e já está aí*, por que ele só virá no fim do mundo, no grande e último julgamento de Deus.

Ele diz: *Vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz.* Ele não diz, como quando falou da primeira ressurreição, que *aqueles que o ouvirem viverão*. De fato, nem todos aqueles que o ouvirem viverão; pelo menos a única vida que merece este nome, por que é bem-aventurada. Se eles não tivessem algum tipo de vida, eles não poderiam ouvi-lo e nem sair de seus túmulos, quando seus corpos ressuscitassem.

Ele nos diz em seguida por que nem todos viverão. Ele diz: *Os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida; eis os que viverão. Aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados; eis os que não viverão, por que morrerão a segunda morte.*

Se eles praticaram o mal, eles não ressuscitaram a primeira ressurreição, que acontece agora, ou seja, a das alma ou então não perseveraram até o fim.

Assim como há duas gerações, como já mencionamos — uma segundo a fé, que é feita agora pelo batismo; outra segundo a carne, que acontecerá no julgamento final, quando a carne se tornará imortal e incorruptível — assim também há duas ressurreições. A primeira, que é a das almas, acontece presentemente. Ela impede a caída na segunda morte. A outra só acontecerá no fim do mundo. Ela não visa as almas, mas os corpos, que ela enviará, depois do julgamento final, para a morte ou para a vida que não tem morte.

Capítulo VII

O que se deve entender racionalmente pelas duas ressurreições e pelo reino de mil anos mencionado por São João em seu Apocalipse.

O mesmo evangelista fala dessas duas ressurreições em seu Apocalipse, mas de uma maneira que alguns de nós, não tendo compreendido a primeira, se deram a visões ridículas.

Eis o que diz o apóstolo São João:

*Vi, então, descer do céu um anjo que tinha na mão a chave do abismo e uma grande algema. Ele apanhou o Dragão, a primitiva Serpente, que é o Demônio e Satanás e o acorrentou por mil anos. Atirou-o no abismo, que fechou e selou por cima, para que já não seduzisse as nações, até que se completassem mil anos. Depois disso, ele deve ser solto por um pouco de tempo. Vi também tronos, sobre os quais se assentaram aqueles que receberam o poder de julgar: eram as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus e todos aqueles que não tinham adorado a Fera ou sua imagem, que não tinham recebido o seu sinal na frente nem nas mãos. Eles viveram uma vida nova e reinaram com Cristo por mil anos. Os outros mortos não tornaram à vida até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Feliz e santo é aquele que toma parte na primeira ressurreição! Sobre eles a segunda morte não tem poder, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo: reinarão com ele durante os mil anos*¹⁴⁶⁹.

Aqueles aos quais estas palavras levaram a acreditar que a primeira ressurreição será corpórea, adotaram sobretudo esta opinião por causa dos mil anos, pensando que todo esse tempo deve ser como o sabá dos santos, onde eles repousarão após os trabalhos de seis mil

¹⁴⁶⁹ Apocalipse 20: 1-6.

anos que terão decorrido desde que o ser humano foi criado e precipitado da felicidade do paraíso para as misérias da vida mortal, para que, segundo estas palavras: *Há uma coisa, caríssimos, de que não vos deveis esquecer: um dia diante do Senhor é como mil anos e mil anos como um dia*¹⁴⁷⁰. Seis mil anos então decorridos seriam seis dias. O sétimo, ou seja, os últimos mil anos, seria o sabá dos santos que ressuscitarão para solenizá-lo.

Tudo isso seria, até certo ponto, admissível, se acreditássemos que durante esse sabá os santos desfrutarão de algumas delícias espirituais, por causa da presença do Salvador e eu mesmo já fui partidário desta opinião¹⁴⁷¹. Mas, como aqueles que a adotam dizem que os santos estarão em festins contínuos, só há almas carnais que possam ser desta opinião.

Assim, os espirituais lhes deram o nome de *quiliastas*¹⁴⁷², de uma palavra grega que pode ser traduzida literalmente como *milenaristas*¹⁴⁷³. Seria muito longo refutá-los em detalhes. Acho melhor mostrar como se deve entender estas palavras do Apocalipse.

Nosso Senhor Jesus Cristo diz ele mesmo: *Ninguém pode entrar na casa do homem forte e roubar-lhe os bens, se antes não o*

¹⁴⁷⁰ 2 Pedro 3: 8.

¹⁴⁷¹ Veja, nos *Sermões* de Santo Agostinho, o *Sermão CCLIX*.

¹⁴⁷² *Kiliastas*.

¹⁴⁷³ Este também é o nome que lhes dá São Jerônimo.

prender¹⁴⁷⁴. Por *homem forte*, ele quer dizer o diabo, por que ele sujeitou o gênero humano e por seus *bens*, os fiéis que ele tinha induzido à impiedade e ao crime.

Foi então para prender esse *homem forte* que São João, segundo o Apocalipse, viu um anjo descer do céu e que tinha a chave do abismo e a corrente. E ele pegou, ele diz, o dragão, a antiga serpente, que é chamada de diabo ou satã e ele a prendeu por mil anos, ou seja, ele a impediu de seduzir e sujeitar aqueles que deveriam ser libertados.

Os mil anos podemos entender de duas maneiras: ou é por que essas coisas se passam nos últimos mil anos, ou seja, no sexto milênio, dos quais os últimos anos decorrem presentemente, para serem seguidos do sabá que não tem noite, ou seja, o repouso dos santos que não terminará jamais, de sorte que a Escritura chama aqui os mil anos de a última parte desse tempo, tomado a parte pelo todo; ou então ela se serve desse número para toda a duração do mundo, empregando assim um número perfeito para marcar a plenitude do tempo.

O número mil é o cubo de dez, com dez vezes dez fazendo cem. Mas isto é uma figura plana e, para torná-la um sólido, é preciso multiplicar cem por dez e isso faz mil.

¹⁴⁷⁴ Marcos 3: 27.

Se as Escrituras se servem do número cem para se referir a uma quantidade indefinida, como quando Nosso Senhor promete àquele que deixar tudo para segui-lo que ele *receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna*¹⁴⁷⁵, o que o Apóstolo expressa ao dizer que o cristão possui todas as coisas, mesmo que pareça não ter nada¹⁴⁷⁶ e também segundo estas palavras: “O mundo é o tesouro do fiel”, tanto mais o número mil deve significar a universalidade. Este também é o melhor sentido que se pode dar às palavras do Salmo: *Ele se lembra eternamente de sua aliança, da palavra que empenhou a mil gerações*¹⁴⁷⁷, ou seja, a todas as gerações.

São João prossegue: *Atirou-o no abismo*. Com esse abismo é representada a multidão inumerável dos ímpios, cujos corações são um abismo de malignidade contra a Igreja de Deus. Não que o diabo já não estivesse lá antes, mas por que, estando excluído da sociedade dos fiéis, ele começou a possuir ainda mais os outros. É mais possuído pelo diabo aquele que, não somente está afastado de Deus, mas que até mesmo odeia os servidores de Deus sem razão.

Ele diz: *fechou e selou por cima, para que já não seduzisse as nações, até que se completassem mil anos*. Ele sela por cima, ou seja, o proíbe de sair de lá. Este selo, acrescentado por São João, significa

¹⁴⁷⁵ Mateus 19: 29 e Marcos 10: 30.

¹⁴⁷⁶ 2 Coríntios 6: 10. *Somos julgados tristes, nós que estamos sempre contentes; indigentes, porém enriquecendo a muitos; sem posses, nós que tudo possuímos!*

¹⁴⁷⁷ Salmo 104: 8.

para mim que Deus não quer que se saiba quais são aqueles que pertencem ao demônio e aqueles que não pertencem. Isto é uma coisa totalmente incerta nesta vida, por que não se tem certeza se aquele que está de pé não cairá e se aquele que parece caído não se levantará.

O diabo é amarrado e preso assim para ficar incapaz de seduzir as nações que pertencem a Jesus Cristo e que ele seduzia antes. Como diz o Apóstolo, Deus *nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos*¹⁴⁷⁸ e *nos arrancou do poder das trevas e nos introduziu no Reino de seu Filho muito amado*¹⁴⁷⁹. Os fiéis ignoram que, neste momento, o demônio seduz as nações e as arrasta com ele para o suplício eterno? Mas não aquelas que estão predestinadas à vida bem-aventurada.

Não devemos nos prender ao fato de que o diabo freqüentemente seduz até mesmo aqueles que, regenerados em Jesus Cristo, caminham nas vias de Deus, pois *O Senhor conhece os que são seus*¹⁴⁸⁰ e estes, Satã não seduz nenhum e nem faz cair na danação eterna.

O Senhor os conhece como Deus, ou seja, como aquele a quem nada do que deve acontecer está oculto e não como humano, que só vê outro humano quando este está presente. Se é que se pode dizer

¹⁴⁷⁸ Efésios 1: 4.

¹⁴⁷⁹ Colossenses 1: 13.

¹⁴⁸⁰ 2 Timóteo 2: 19.

que ele o vê, já que não vê o que se passa em seu coração e nem no que ele se tornará em seguida, tanto quanto a si mesmo.

O diabo é então amarrado e preso no abismo, para que ele não mais seduza as nações que compõem a Igreja e que ele seduzia antes, quando ela ainda não existia. Não foi dito, de fato, “para que ele não seduza mais ninguém”, mas, “para que ele não seduza mais as nações”, pelas quais o Apóstolo quis dizer, sem dúvida, a Igreja. *Até que se completassem mil anos*, ou seja, o que resta do sexto dia que é de mil anos, ou então, do que resta da duração do mundo.

As palavras *para que já não seduzisse as nações, até que se completassem mil anos* não devem ser entendidas como se ele devesse seduzir mais tarde as nações que compõem a Igreja dos predestinados. Ou bem esta expressão é semelhante a esta: *Nossos olhos estão voltados para o Senhor, nosso Deus, esperando que ele tenha piedade de nós*¹⁴⁸¹, em que está claro que, quando Deus tiver piedade de seus servos, eles não deixarão de focar seus olhos nele; ou bem devemos entendê-las nesta ordem: *Atirou-o no abismo, que fechou e selou por cima, até que se completassem mil anos*. De sorte que, o que ele acrescenta depois: *para que já não seduzisse as nações*, deve ser entendido, independentemente do resto, como se toda a frase fosse concebida assim: *Atirou-o no abismo, que fechou e selou por ci-*

¹⁴⁸¹ Salmo 122: 2.

ma, até que se completassem mil anos, para que já não seduzisse as nações. Em outros termos, é para que ele deixe de seduzir as nações que o abismo é fechado, até transcorrerem mil anos.

Capítulo VIII

O diabo acorrentado e solto de suas correntes.

Depois disso, ele deve ser solto por um pouco de tempo, diz São João.

Se o diabo é acorrentado e preso, para que ele não possa seduzir a Igreja, sua libertação consistirá uma permissão? Deus nos livre! Ele não seduzirá jamais a Igreja predestinada e eleita antes da criação do mundo e da qual é dito que *O Senhor conhece os que são seus.*

No entanto, haverá aqui embaixo uma Igreja, no tempo em que o diabo estiver solto, como sempre houve uma desde Jesus Cristo.

São João diz, um pouco depois, que o diabo, uma vez solto, levará as nações que ele tiver seduzido no mundo inteiro a fazer guerra à Igreja e que o número de seus inimigos igualará os grãos de areia do mar:

Depois de se completarem mil anos, Satanás será solto da prisão. Sairá dela para seduzir as nações dos quatro cantos da terra (Gog e Magog) e reuni-las para o combate. Serão numerosas como a areia do mar. Subiram à superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos e a cidade querida. Mas desceu um fogo dos céus e

*as devorou. O Demônio, sedutor delas, foi lançado num lago de fogo e de enxofre, onde já estavam a Fera e o falso profeta e onde serão atormentados, dia e noite, pelos séculos dos séculos*¹⁴⁸².

Esta passagem se refere ao julgamento final. No entanto, achei melhor citá-la para que não se imagine que, no pouco tempo em que o diabo estiver solto, não haverá Igreja neste mundo; seja por que ele não a encontra mais, seja por que ele a destrói com suas perseguições.

O diabo, portanto, não ficou preso todo o tempo que comprehende o Apocalipse, ou seja, desde o primeiro advento de Jesus Cristo até o fim do mundo, quando se dará o segundo. Isto é o que São João chama de mil anos, de sorte que a Escritura quer dizer com isso que o diabo não seduzirá a Igreja nesse período, já que ele não a seduzirá também quando for libertado.

De fato, é indubitável que, se estar preso é, para ele, não poder seduzir a Igreja, ele poderá fazê-lo quando estiver solto. Estar preso é para o diabo não ter permissão de tentar os humanos quando ele quiser, pela astúcia ou pela violência, para fazê-los passar para o seu lado. Se isso lhe fosse permitido por um período muito grande, a fraqueza humana é tal que faria cair um grande número de fiéis e

¹⁴⁸² Apocalipse 20: 7-10.

levaria muitas pessoas a se tornarem o que Deus não quer. Assim, é para impedir isso que ele será preso.

Mas ele será solto depois de pouco tempo. A Escritura nos informa que o demônio e seus cúmplices voltarão toda sua raiva contra a Igreja durante três anos e meio¹⁴⁸³. Mas aqueles com quem ele terá que lidar serão de uma valentia tal que ele não poderá superá-los, nem pela força e nem pela artimanha.

Ora, se ele não fosse libertado, não se conheceria tão bem sua força e sua malignidade, nem a paciência da cidade santa, bem como a sabedoria admirável com a qual o Todo Poderoso soube utilizar a malícia do diabo; seja ao não impedi-lo de seduzir os santos, para exercitar sua virtude; seja ao não permiti-lo usar toda sua fúria, para que ele não triunfasse sobre uma infinidade de pessoas fracas que deveriam fazer crescer as fileiras da Igreja.

Ele será solto então no fim dos tempos, para que a Cidade de Deus reconheça, para a glória de seu Redentor e seu Libertador, qual adversário ela terá superado.

Quem somos nós então, em comparação com os cristãos daquele momento, já que eles superarão um inimigo desacorrentado, que nós mal combatemos, mesmo preso como está?

¹⁴⁸³ Cf. Apocalipse 11: 2. São os quarenta e dois meses do reinado do anticeristo, anunciados por São João.

Não há dúvida, no entanto, que mesmo nesta época, Deus não deixa de ter soldados tão bravos e tão experimentados que, estivessem eles vivos quando o diabo for solto, eles não temeriam seus esforços e suas armadilhas.

Ora, o diabo não somente foi preso quando a Igreja começou a se espalhar da Judeia para as nações, mas ele o está também agora e estará até o fim dos séculos, quando deve ser solto.

Vemos também todos os dias pessoas deixarem a infidelidade na qual o demônio as mantinha e abraçarem a fé e sem dúvida sempre haverá quem se converta até o fim dos séculos.

O *homem forte* é preso também com relação a cada um dos fiéis, quando eles lhe são retirados de suas garras. Por outro lado, o abismo em que ele foi encerrado não foi destruído com a morte dos primeiros perseguidores da Igreja, já que estes foram sucedidos por outros e haverá outros sucessores, até o fim dos séculos, para que ele fique sempre preso nos corações cheios de paixão e de cegueira, como que em um abismo profundo.

É uma questão saber se nesses últimos três anos e meio que o demônio exercerá toda sua fúria, haverá ainda algumas pessoas no meio dos fiéis que abraçarão a fé. Como estas palavras se justificariam, *Ninguém pode entrar na casa do homem forte e roubar-lhe os bens, se antes não o prender*, se esses bens lhes forem levados mesmo quando ele estiver solto? Parece então que somos obrigados a

acreditar que, nesse curto período, a Igreja não fará nenhuma nova conquista e que o diabo combaterá somente contra aqueles que já forem cristãos e se alguns desses forem vencidos, é preciso dizer que eles não estavam incluídos no grupo dos predestinados.

Não foi em vão que o mesmo São João, que escreveu o Apocalipse, disse sobre alguns, em uma de suas Epístolas: *Eles saíram dentro nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, ficariam certamente conosco. Mas isto se dá para que se conheça que nem todos são dos nossos*¹⁴⁸⁴.

Mas, o que diremos sobre as criancinhas? Não é crível que nessa última perseguição não haja entre os cristãos quem não seja batizado e que ninguém nasça nesse período e fique sem ser batizado por seus pais. Como então retirar esses bens de Satã, já que ele estará solto e que, nas palavras do Senhor, *Ninguém pode entrar na casa do homem forte e roubar-lhe os bens, se antes não o prender?*

Acreditamos então que, mesmo nesse tempo as apostasias não faltarão, tanto quanto as conversões e que os pais terão suficiente coragem para batizar seus filhos e os novos convertidos e vencer o *homem forte*, solto que estará, embora ele empregue contra eles armadilhas e artimanhas que ele não tinha ainda colocado em uso e ainda haja aqueles que sejam levados, com ele não estando preso.

¹⁴⁸⁴ 1 João 2: 19.

No entanto, as palavras do Evangelho persistirão sempre, pois,
Ninguém pode entrar na casa do homem forte e roubar-lhe os bens, se antes não o prender.

Esta ordem foi, de fato, observada. Primeiro prendeu-se o *homem forte* e em seguida seus bens foram levados em todas as nações, para comporem a Igreja, que depois cresceu e se fortaleceu, a ponto de se tornar capaz de espoliar o demônio, mesmo quando ele for solto.

Mesmo sendo preciso reconhecer que a caridade de muitos arrefecerá, por que o crime será triunfante e vários que não estiverem escritos no livro da vida sucumbirão, sob as perseguições terríveis do diabo solto, é preciso acreditar que não somente os verdadeiros cristãos, mas que alguns daqueles que estarão fora da Igreja, ajudados pela graça de Deus e a autoridade das Escrituras, que profetizaram o fim do mundo que eles verão acontecer, estarão mais dispostos a acreditar no que eles não acreditavam e mais fortes para vencer o diabo, desacorrentado que estará.

Digamos, nesse estado de coisas, que ele foi preso para que se possa lhe retirar seus bens, mesmo quando ele estiver solto, segundo estas palavras do Salvador: *Ninguém pode entrar na casa do homem forte e roubar-lhe os bens, se antes não o prender.*

Capítulo IX

No que consiste o reinado dos santos com Jesus Cristo durante mil anos e no que ele difere do reinado eterno.

Nos mil anos que o diabo estará preso, ou seja, em todo o tempo que decorre desde o primeiro advento do Salvador até o segundo, os santos reinam com ele.

E, de fato, se, além do reino do qual será dito no fim dos séculos: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*¹⁴⁸⁵, seus santos, aos quais é dito: *Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo*¹⁴⁸⁶, não tivessem desde já outro em que reinam com ele, certamente a Igreja não seria chamada de seu reino ou o reino dos céus. Pois, é neste momento que o *escriba instruído nas coisas do Reino dos céus*, mencionado pelo Evangelho, *tira de seu tesouro coisas novas e velhas*¹⁴⁸⁷. E é da Igreja que os coletores devem arrancar o joio que o pai de família deixou crescer no meio da semente boa até a colheita.

Nosso Senhor explica assim esta palavra: *O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do Reino. O joio são os filhos do Malígo. O inimigo, que o semeia, é o demônio. A colheita é o fim do mundo. Os ceifadores são os anjos. E assim como se recolhe o joio*

¹⁴⁸⁵ Mateus 25: 34.

¹⁴⁸⁶ Mateus 28: 20.

¹⁴⁸⁷ Mateus 13: 52.

*para jogá-lo no fogo, assim será no fim do mundo. O Filho do Homem enviará seus anjos, que retirarão de seu Reino todos os escândalos e todos os que fazem o mal e os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes*¹⁴⁸⁸.

Será um reino onde não haverá escândalos? Não, sem dúvida. Será este aqui debaixo, que é sua Igreja.

Ele havia dito um pouco antes: *Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja e ensinar assim aos homens, será declarado o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os guardar e os ensinar será declarado grande no Reino dos céus*¹⁴⁸⁹. Ele coloca ambos no reino dos céus; tanto o que não faz o que ele ensina, quanto o que faz. Mas lá, um é pequenino e o outro grande.

Ele acrescenta logo em seguida: *Se vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos céus*¹⁴⁹⁰. Ou seja, a justiça daqueles que não fazem o que ensinam, pois ele falou deles em outra ocasião: *Não façais como eles, pois dizem e não fazem*¹⁴⁹¹.

É preciso então entender de uma maneira o reino dos céus onde estão aqueles que praticam o que ensinam e os que não praticam o que ensinam e de outra maneira o reino onde só entram os que prati-

¹⁴⁸⁸ Mateus 13: 38-42.

¹⁴⁸⁹ Mateus 5: 19.

¹⁴⁹⁰ Mateus 5: 20.

¹⁴⁹¹ Mateus 23: 3.

cam o que ensinam. O primeiro é a Igreja aqui de baixo e o segundo é a Igreja tal como será, quando os maus não existirão mais.

A Igreja, portanto, é agora o reino de Jesus Cristo e o reino dos céus, de sorte que, desde já, os santos de Deus reinam com ele, mas, diferentemente de como reinarão mais tarde.

No entanto, o joio não reina com ele, embora cresça junto com a boa semente. Somente estas reinam com ele, o que fez o Apóstolo dizer: *Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra*¹⁴⁹². Desses, ele disse também que toda sua cidadania está no céu¹⁴⁹³.

Enfim, esses reinam com ele e estão tanto em seu reino que elles mesmos são seu reino. Ora, como esses são o reino de Jesus Cristo, mas que, mesmo que estejam lá até o fim do mundo e dos escândalos, lá buscam seus interesses e não os de Jesus Cristo?

Eis como o Apocalipse fala desse reino, onde ainda há inimigos a combater ou a manter no dever, até que chegue o reino pacífico, onde se reinará sem perturbação e sem tropeços. Eis como ele explica esta primeira ressurreição que acontece agora. Após ter dito que o diabo permanecerá preso durante mil anos e que em seguida ele deve ser solto por um pouco de tempo, logo ele retoma o que a

¹⁴⁹² Colossenses 3: 1 e 2.

¹⁴⁹³ Filipenses 3: 20. *Nós, porém, somos cidadãos dos céus. É de lá que ansiosamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo.*

Igreja fez nesses mil anos ou o que se passa na Igreja. Ele diz: *Vi também tronos, sobre os quais se assentaram aqueles que receberam o poder de julgar*¹⁴⁹⁴. Não se pode imaginar que se trate do último julgamento, mas dos tronos dos chefes e os chefes que dirigem agora a Igreja. Quanto ao poder de julgar que lhes é dado, parece que não se pode entendê-lo melhor do que esta promessa: *Tudo o que ligardes sobre a terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes sobre a terra será também desligado no céu*¹⁴⁹⁵. Isto fez o Apóstolo dizer: *Pois que tenho eu de julgar os que estão fora? Não são os de dentro que deveis julgar?*¹⁴⁹⁶

Continua João: *Eram as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus*¹⁴⁹⁷. É preciso entender isto com o que é dito em seguida: *Eles viveram uma vida nova e reinaram com Cristo por mil anos*¹⁴⁹⁸. Ou seja, as almas dos mortos ainda separadas de seus corpos.

De fato, as almas dos justos mortos não são separadas da Igreja, que neste momento é o reino de Jesus Cristo. Não fosse assim, eles não seriam lembrados no altar, na comunhão de Jesus Cristo e não serviria de nada, diante de um perigo, correr em busca do batismo, para não sair deste mundo sem tê-lo recebido, ou à reconcilia-

¹⁴⁹⁴ Apocalipse 20: 4.

¹⁴⁹⁵ Mateus 18: 19.

¹⁴⁹⁶ 1 Coríntios 5: 12.

¹⁴⁹⁷ Apocalipse 20: 4.

¹⁴⁹⁸ Apocalipse 20: 4.

ção, quando, por uma penitência imposta ou por má consciência, se possa estar separado de seu corpo. Qual o motivo dessas práticas santas, se não é por que os fiéis, mesmo mortos, não deixam de ser membros da Igreja? Desde já, suas almas, embora separadas de seus corpos, já reinam com Jesus Cristo nesses mil anos.

Daí vem que se lê no mesmo livro do Apocalipse: *Felizes os mortos que doravante morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, descansem dos seus trabalhos, pois as suas obras os seguem*¹⁴⁹⁹.

A Igreja começa a reinar então, com Jesus Cristo, aqui, nos vivos e nos mortos, pois, como diz o Apóstolo: *Morreu Cristo e retomou a vida, para ser o Senhor tanto dos mortos como dos vivos*¹⁵⁰⁰.

Mas São João só faz menção às almas dos mártires, por que são principalmente estes que reinam com Jesus Cristo após sua morte, já que combateram até à morte pela verdade. O que não impede que, tomando a parte pelo todo, devemos entender que os outros mortos pertencem também à Igreja, que é o reino de Jesus Cristo.

As palavras seguintes: *Todos aqueles que não tinham adorado a Fera ou sua imagem, que não tinham recebido o seu sinal na fronte nem nas mãos*¹⁵⁰¹, devem ser entendidas como se referindo aos vivos e aos mortos. Essa Fera, embora demande um exame mais prolongado, pode muito bem ser explicada como se referindo à cidade

¹⁴⁹⁹ Apocalipse 14: 13.

¹⁵⁰⁰ Romanos 14: 9.

¹⁵⁰¹ Apocalipse 20: 4.

ímpia e ao povo infiel, contrário ao povo fiel e à Cidade de Deus. Entendo, com essa imagem, a falsidade daqueles que, fazendo profissão de fé, vivem como infiéis. Eles fingem ser o que não são e só são cristãos no nome.

De fato, não somente os inimigos declarados de Jesus Cristo e de sua cidade pertencem à besta, mas também o joio que deve ser separado, no fim do mundo, de seu reino, que é a Igreja.

E quem são aqueles que não adoram nem a besta e nem sua imagem, se não são aqueles que fazem o que diz o Apóstolo e que não estão presos a um mesmo jugo aos infiéis¹⁵⁰²? Eles não adoram, ou seja, eles não consentem, não se submetem e não recebem o sinal, ou seja, o selo do crime, nem em suas frontes, com sua profissão e nem em suas mãos, com suas ações. Esses que estão isentos dessa profanação, seja ainda vivendo em suas carnes ou já mortos, reinam desde já com Jesus Cristo, em todo o tempo assinalado pelos mil anos.

Prossegue São João: *Os outros mortos não tornaram à vida*¹⁵⁰³.

De fato, é nesse momento *em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão*¹⁵⁰⁴. Mas os outros, não tornarão à vida.

¹⁵⁰² 1 Coríntios 6: 14. *Não vos prendais ao mesmo jugo com os infiéis. Que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunidade entre a luz e as trevas?*

¹⁵⁰³ Apocalipse 20: 5.

¹⁵⁰⁴ João 5: 25.

Quanto ao que ele acrescenta: *até que se completassem os mil anos*¹⁵⁰⁵, é preciso entender com isso que eles não viveram a vida que deveriam ter vivido, passando da morte à vida. Assim, quando o tempo da ressurreição dos corpos chegar, eles não sairão de seus túmulos para viver, mas para serem julgados e condenados, que é o que constitui a segunda morte. Todo aquele então, que não tenha vida antes de terminar os mil anos, ou seja, durante todo o tempo em que acontece a primeira ressurreição eles não ouviram a voz do Filho de Deus e nem passaram da morte à vida, na segunda ressurreição passarão indubitavelmente, com sua mesma carne, para a segunda morte.

São João acrescenta: *Esta é a primeira ressurreição. Feliz e santo é aquele que toma parte na primeira ressurreição!*¹⁵⁰⁶ Ora, participa dela quem sai do pecado e persevera nesse estado de ressurreição. *Sobre eles, a segunda morte não tem poder*, ele acrescenta. Mas ela tem sobre os outros, sobre os quais ele dissera antes: *Os outros mortos não tornaram à vida, até que se completassem os mil anos.*

Ainda que nesse período, que ele chama de mil anos, eles tivessem vivido a vida do corpo, eles não viveram a vida da alma, ressuscitando e saindo, portanto, da morte do pecado, para tomarem

¹⁵⁰⁵ Apocalipse 20: 5.

¹⁵⁰⁶ Apocalipse 20: 5 e 6.

parte da segunda ressurreição e evitar cair sob o império da segunda morte.

Capítulo X

O que se deve responder àqueles que pensam que a ressurreição visa somente os corpos e não as almas.

Há aqueles que acreditam que só se pode falar de ressurreição com relação aos corpos e afirmam que essa primeira ressurreição mencionada por São João deve ser entendida como a ressurreição dos corpos. Só se pode falar de levantar (*resurgere*), dizem eles, com relação àquilo que cai. Os corpos caem ao morrer, daí serem chamados de cadáveres¹⁵⁰⁷. Portanto, não são as almas que ressuscitam, mas os corpos.

Mas, o que responderão eles ao Apóstolo, que admite também uma ressurreição da alma? Ele se refere aos ressuscitados segundo o homem interior e não segundo o homem exterior, aos quais ele diz: *Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus*¹⁵⁰⁸.

O mesmo pensamento ele expressa em outro lugar, em outros termos, dizendo: *Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo*

¹⁵⁰⁷ Santo Agostinho diz que “cadáver” vem do latim *cadere*, cair. Isidoro, no seu *Origens* (Livro II, cap. 2, § 35) afirma que esta etimologia é muito arriscada. Comparar com Santo Agostinho, *Sermão CXLII*, n. 2. É possível ver também Joseph de Maistre, *Les Soirées de Saint-Pétersbourg*, onde cadáver é engenhosamente derivado de *caro data veribus* (carne para os vermes).

¹⁵⁰⁸ Colossenses 3: 1.

*batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova*¹⁵⁰⁹.

Daí também estas palavras: *Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará!*¹⁵¹⁰

Quando esses intérpretes dizem que só os corpos podem cair, ele não entendem estas palavras: *Vós, que temeis o Senhor, esperai em sua misericórdia e não vos afasteis dele, para que não caiais*¹⁵¹¹. Nem estas: *Que esteja firme, ou caia, isto é lá com o seu senhor*¹⁵¹². E estas também: *Quem pensa estar de pé veja que não caia*¹⁵¹³.

Seguramente, estas quedas se referem à alma e não ao corpo. Logo, se o que cai pode levantar-se e as almas caem como os corpos, é preciso convir que elas também ressuscitam.

O que São João acrescenta, após ter dito que a segunda morte não tem poder sobre aqueles, a saber, que eles serão sacerdotes de Deus e de Jesus Cristo e que reinarão com ele no intervalo de mil anos, isso não deve ser entendido como dizendo respeito somente aos bispos e aos sacerdotes, mas a todos os fiéis que ele chama de sacerdotes, por que eles são todos membros de um único grão-sacerdote, da mesma forma como os chama todos de cristãos, por causa do crisma místico ao qual todos fazem parte.

¹⁵⁰⁹ Romanos 6: 4.

¹⁵¹⁰ Efésios 5: 14.

¹⁵¹¹ Eclesiástico 2: 7.

¹⁵¹² Romanos 14: 4.

¹⁵¹³ 1 Coríntios 10: 12.

Também é deles que o Apóstolo fala, quando diz: *Vós, porém, sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus*¹⁵¹⁴.

É de se observar, em outro lugar, que São João declara, mesmo que em poucas palavras e de passagem, que Jesus Cristo é Deus, quando ele chama os cristãos de *sacerdotes de Deus e de Cristo*¹⁵¹⁵, ou seja, do Pai e do Filho.

Além disso, mesmo que Jesus Cristo seja o filho do homem, por causa da forma de escravo que tomou, ele foi também feito sacerdote eterno da ordem de Melquisedec¹⁵¹⁶, como já dissemos várias vezes.

Capítulo XI

Gog e Magog, que o diabo, solto próximo ao fim dos séculos, insuflará contra a Igreja.

*Depois de se completarem mil anos, Satanás será solto da prisão. Sairá dela para seduzir as nações dos quatro cantos da terra (Gog e Magog) e reuni-las para o combate. Serão numerosas como os grãos de areia do mar*¹⁵¹⁷.

¹⁵¹⁴ 1 Pedro 2: 9.

¹⁵¹⁵ Apocalipse 20: 6.

¹⁵¹⁶ Salmo 109: 4. *Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec.*

¹⁵¹⁷ Apocalipse 20: 7 e 8.

Ele as seduzirá então, para levá-las à guerra, pois antes ele as seduzia o tanto quanto podia, através de uma infinidade de artifícios, para induzi-las aos mais diversos males.

Então ele sairá, ou seja, ele fará explodir seu ódio e perseguirá abertamente. Essa perseguição será a última que a Igreja sofrerá, mas em toda a terra, ou seja, toda a Cidade de Deus será perseguida através de toda a Cidade dos Ímpios.

Gog e Magog não devem ser entendidos como se referindo a povos bárbaros de uma determinada região do mundo, como fazem aqueles que pensam que são os Guetos e os Massaguetos, por causa das primeiras letras desses nomes. De fato, a Escritura diz claramente que eles estarão espalhados por todo o mundo, quando ela diz: *as nações dos quatro cantos da terra* e acrescenta que são Gog e Magog.

Nós desenvolvemos a certeza de que Gog significa *teto* e Magog *do teto*. Como quando se diz “a casa e aquele que sai da casa”¹⁵¹⁸.

Essas nações são, então, como dissemos um pouco acima, o abismo em que o diabo está trancado e é ele mesmo que sai dele, de sorte que são “a casa” e a “aquele que sai da casa”.

¹⁵¹⁸ Santo Agostinho retira esta interpretação de São Jerônimo (*In Ezech*, cap. XXXVIII). Além disso, nada diverge mais do que as opiniões dos estudiosos sobre Gog e Magog. Eusébio vê em Gog um imperador romano e em Magog o império romano em geral (*Demonstr. Evang.*, livro IX, cap. 3). Santo Ambrósio (*De fide*, livro II, cap. últ.) acredita que Gog e Magog designam os Godos. Há, assim, um grande número de conjecturas igualmente arbitrárias.

Ou então, se queremos entender estas palavras como sendo as nações, “elas são a casa”, por que o diabo está preso nela agora e, com a abertura, “elas sairão da casa”, quando farão explodir o ódio que elas incubam.

Quanto às palavras: *Subiram à superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos e a cidade querida*¹⁵¹⁹, não se deve entender que os inimigos chegarão a um lugar particular e determinado, pois o acampamento dos santos e a Cidade Querida são a Igreja, que estará espalhada por toda a terra. É por toda a terra que ela será sitiada e pressionada por seus inimigos, que praticarão contra ela uma cruel perseguição e usarão tudo o que tiverem de ódio e de malícia, sem conseguir vencer sua coragem e nem fazê-la abandonar seu campo e seus estandartes, como observa o texto.

Capítulo XII

Se o fogo que São João viu descer do céu e devorar os ímpios deve ser entendido como o último suplício.

São João acrescenta: *Desceu um fogo dos céus e os devorou*¹⁵²⁰. Não se pode entender isso como o último suplício que os atingirá, pois lhes é dito: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o*

¹⁵¹⁹ Apocalipse 20: 9.

¹⁵²⁰ Apocalipse 20: 4.

*fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*¹⁵²¹. Então eles serão enviados ao fogo e o fogo não cairá dos céus sobre eles.

Por céu, podemos muito bem entender a firmeza dos santos, que os impedirá de sucumbir sob a violência de suas perseguições. O firmamento é o céu e é essa firmeza¹⁵²² celeste que acende nos corações dos maus um zelo ardente, um zelo que os desespera, quando eles se veem na impotência de atrair os santos de Jesus Cristo para o lado do Anticristo.

Esse será o fogo que os devorará e que vem de Deus, pois é sua graça que torna os santos invencíveis diante dos eternos tormentos que os sujeitam seus inimigos.

Da mesma forma como há um bom zelo, como aquele mencionado pelo Salmista, quando ele diz: *O zelo de vossa casa me consumiu*¹⁵²³, há também um que é mau, como quando é dito: “O zelo se apoderou da plebe rude e agora é o fogo que consome os ímpios”¹⁵²⁴. É dito agora para distinguir do fogo do julgamento final.

Se São João quis dizer com esse fogo a praga que atingirá os perseguidores da Igreja, por ocasião da vinda de Jesus Cristo, quando o Anticristo será morto com o fogo de sua boca¹⁵²⁵, este não será

¹⁵²¹ Mateus 25: 41.

¹⁵²² Reproduzimos, na medida do possível, o jogo de palavras entre *firmamentum* e *firmitate*.

¹⁵²³ Salmo 68: 10.

¹⁵²⁴ Cf. Isaías 26: 11. *Domine, exaltetur manus tua et non videant ; videant et confundantur zelantes populi ; et ignis hostes tuos devoret.*

¹⁵²⁵ 2 TessalonICENSES 2: 8.

também o último suplício dos ímpios, mas aquele que eles devem sofrer após a ressurreição dos corpos.

Capítulo XIII

Se o tempo da perseguição do Anticristo deve estar compreendido nos mil anos.

Essa última perseguição do Anticristo deve durar três anos e meio, segundo o Apocalipse¹⁵²⁶ e o profeta Daniel¹⁵²⁷. Mesmo que esse tempo seja curto, há razões para se perguntar se ele estará compreendido ou não nos mil anos de cativeiro do diabo e reinado dos santos.

Se ele estiver compreendido nele, o reinado dos santos se estenderá além do cativeiro do diabo e eles reinarão com seu rei, quando então o diabo será solto e os perseguirá com todo seu poder.

Como então a Escritura determina o reinado dos santos e o cativeiro do diabo pelo mesmo período de mil anos, se o diabo deve estar solto três anos e meio antes que os santos deixem de reinar aqui embaixo com Jesus Cristo?

Por outro lado, se dissermos que os três anos e meio não estão incluídos nos mil anos, para que o reinado dos santos cesse com o cativeiro do diabo, o que parece ser o sentido mais natural das pala-

¹⁵²⁶ Apocalipse X e XI.

¹⁵²⁷ Daniel XII.

vras do Apocalipse, seremos obrigados a admitir que os santos não reinarão com Jesus Cristo durante essa perseguição.

Mas, quem ousaria dizer que os membros do Salvador não reinarão com ele, quando eles mais estreitamente estarão unidos e a glória dos combatentes será tão grande e sua coroa tão brilhante quanto o combate será mais rude e mais encarniçado?

Ou então, se sustentarmos que não é conveniente dizer que eles reinarão então, por causa dos males que sofrerão, será preciso dizer também que nos mesmos mil anos, todos os santos que sofrerem não reinam com Jesus Cristo durante seu sofrimento e que também, aqueles que foram degolados por terem prestado testemunho a Jesus Cristo e à palavra de Deus, esses mártires cujas almas o autor do Apocalipse diz que viu, não reinam com o Salvador, quando eles suportam a perseguição e que eles não eram seu reino, quando ele os possuía de uma maneira tão excelente.

Ora, não há nada de mais falso e mais absurdo do que isso!

Não se pode negar que as almas dos mártires reinarão nos mil anos com Jesus Cristo e que elas reinarão com ele até mesmo após, quando o diabo for solto. É preciso acreditar também, por consequência, que, após os mil anos, os santos reinarão ainda com o Salvador e assim, seu reino se estenderá por esses três anos e meio além do cativeiro do diabo.

Quando então São João diz que os *sacerdotes de Deus e de Cristo reinarão com ele durante os mil anos*. Depois de se completarem mil anos, Satanás será solto da prisão¹⁵²⁸, é preciso entender que os mil anos não encerrarão o reinado dos santos, mas somente o cativeiro do diabo.

Ou, pelo menos, como três anos e meio são pouco consideráveis, em comparação com todo o tempo marcado pelos mil anos, a Escritura não se dá ao trabalho de incluí-los. Nós já vimos a mesma coisa no décimo sexto livro desta obra¹⁵²⁹, com relação aos quatrocentos anos, mesmo que eles fossem um pouco mais do que isso. É um costume muito frequente nas Santas Escrituras, se prestarmos atenção a isso.

Capítulo XIV

A condenação do diabo e os seus e a recapitulação do que foi dito sobre a ressurreição dos corpos e o julgamento final.

Após ter falado da última perseguição, São João resume em poucas palavras o que o diabo deve sofrer no julgamento, juntamente com a cidade da qual ele é o príncipe. Ele diz: *O Demônio, sedutor delas, foi lançado num lago de fogo e de enxofre, onde já estavam a*

¹⁵²⁸ Apocalipse 20: 6 e 7.

¹⁵²⁹ No capítulo XXIV.

*Besta e o falso profeta e onde serão atormentados, dia e noite, pelos séculos dos séculos*¹⁵³⁰.

Dissemos antes que, por Besta, podemos muito bem entender como a cidade ímpia. Quanto ao falso profeta, trata-se do Anticristo ou aquela imagem que mencionamos no mesmo lugar, ou seja, a falsidade daqueles que, fazendo profissão de fé, vivem como infiéis. Aqueles que fingem ser o que não são e só são cristãos no nome.

O Apóstolo retorna em seguida ao julgamento final que acontecerá por ocasião da ressurreição dos mortos, ou seja, a ressurreição dos corpos e declara como ela lhe foi revelada. Ele diz: *Vi, então, um grande trono branco e aquele que nele se assentava. Os céus e a terra fugiram de sua face e já não se achou lugar para eles*¹⁵³¹.

Ele não diz “Vi, então, um grande trono branco e aquele que nele se assentava e em sua presença, os céus e a terra fugiram”, pois isto não aconteceu nesse momento, ou seja, antes dele julgar os vivos e os mortos. Mas ele diz que viu sentado no trono aquele diante do qual o céu e a terra fugiram.

Quando o julgamento acontecer, este céu e esta terra deixarão de existir e haverá um céu novo e uma terra nova. Este mundo passará; não pela destruição, mas pela mudança. Foi isto que fez o Apóstolo dizer: *A figura deste mundo passa. Quisera ver-vos livres de toda*

¹⁵³⁰ Apocalipse 20: 10.

¹⁵³¹ Apocalipse 20: 11.

*preocupação*¹⁵³². Portanto, é a figura deste mundo que passa e não sua natureza.

São João, após ter dito que viu aquele que estava sentado no trono e diante de quem o céu e a terra fugiram — o que só acontece depois — ele acrescenta: *Vi os mortos, grandes e pequenos, de pé, diante do trono. Abriram-se livros e ainda outro livro, que é o livro da vida de cada um*¹⁵³³. *E os mortos foram julgados conforme o que estava escrito nesse livro, segundo as suas obras*¹⁵³⁴.

Ele diz que livros foram abertos e ainda outro, *que é o livro da vida* de cada um. Ora, esses primeiros livros são o Antigo Testamento e o Novo Testamento, para mostrar as coisas que Deus ordenou que se fizesse. O outro livro, que é particular à vida de cada um, está lá para mostrar o que cada um fez ou não fez.

Se fôssemos considerar este livro materialmente, quão grande e grosso ele não seria? Ou quanto tempo não demandaria para ler um livro que contivesse a vida de cada pessoa?

Haverá tantos anjos quanto pessoas e cada um ouvirá a narrativa de sua vida da boca do anjo que lhe será designado? Se for assim, não haverá um livro para todos, mas um para cada um. No entanto, a

¹⁵³² 1 Coríntios 7: 31 e 32.

¹⁵³³ Esta expressão, *de cada um*, parece ter sido acrescentada por Santo Agostinho. Ela não aparece na Vulgata e nem na Septuaginta.

¹⁵³⁴ Apocalipse 20: 12.

Escritura só fala de um para todos, quando diz: *e ainda outro livro, que é o livro da vida.*

É preciso então entender este livro como se referindo a uma virtude divina, pela qual cada um se recordará de todas as suas obras, tanto boas quanto más e elas lhes serão apresentadas em um instante, para que sua consciência o condene ou justifique e assim, todas as pessoas sejam pagas em um só momento.

Se esta virtude divina é chamada de livro, é por que se lê nela, de alguma forma, tudo o que se recorda ter feito.

Para mostrar que os mortos devem ser julgados, ou seja, os grandes e os pequenos, ele acrescenta, como forma de recapitulação e retomando o que havia omitido, ou melhor, o que tinha diferenciado:

*O mar restituuiu os mortos que nele estavam. Do mesmo modo, a morte e a morada subterrânea*¹⁵³⁵. Isto aconteceu, sem dúvida, antes que os mortos fossem julgados e, no entanto, ele relata como acontecendo depois. Assim, tenho razão em dizer que ele retoma o que havia omitido. Mas agora ele mantém a ordem e acredita ter que repetir o que já havia dito sobre o julgamento.

Após as palavras: *O mar restituuiu os mortos que nele estavam. Do mesmo modo, a morte e a morada subterrânea*, ele acrescenta: *Cada um foi julgado segundo as suas obras.* Isto foi o que ele havia

¹⁵³⁵ Apocalipse 20: 13.

dito antes: *Os mortos foram julgados conforme o que estava escrito nesse livro, segundo as suas obras.*

Capítulo XV

Os mortos que o mar restitui para o julgamento e aqueles que a morte e o inferno devolvem.

Mas, quais eram esses mortos que o mar continha e que ele colocou para fora? Aqueles que morrem no mar escapam do inferno? Ou então o mar conserva seus corpos? Ou então, o que seria mais absurdo, o mar conteria os bons e o inferno os maus? Que acredita nisso? Parece-me que é com alguma razão que se entende o mar aqui como sendo o século.

São João, querendo dizer que aqueles que Jesus Cristo encontrar ainda vivos serão julgados com aqueles que devem ressuscitar, também os chama de mortos; tanto os bons, quanto os maus.

Aos bons, fora dito: *Estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*¹⁵³⁶ e aos maus: *Deixa que os mortos enterrem seus mortos*¹⁵³⁷.

Pode-se chamar de mortos os que eles têm corpos mortais. Foi o que deu motivo para esta parábola do Apóstolo: *Ora, se Cristo está em vós, o corpo, em verdade, está morto pelo pecado, mas o Espírito*

¹⁵³⁶ Colossenses 3: 3.

¹⁵³⁷ Mateus 8: 22.

vive pela justificação¹⁵³⁸. Ele mostra com isso que tanto um como outro estão em uma pessoa viva: um corpo morto e um espírito que vive. Ele não fala, no entanto, em corpo mortal, mas *em corpo morto*, mesmo que ele o diga em seguida¹⁵³⁹, como tem costume de chamá-lo comumente.

São esses mortos que o mar restitui, ou seja, este mundo apresentou as pessoas que continha, por que elas ainda não estavam mortas. *Do mesmo modo, a morte e a morada subterrânea*, ele diz. O mar *os apresenta*, segunda a tradução literal, por que eles compareceram no estado em que foram encontrados, enquanto que a morte e a morada subterrânea os restituíram, por que eles retornaram à vida que já tinham deixado.

Talvez não seja sem razão que ele não disse somente *a morte*, mas também *a morada subterrânea*. A morte foi para registrar os justos que somente a sofreram, sem ir para o inferno e o inferno por causa dos maus que ali sofrem suplícios.

Se no fundo é muito verossímil que os santos do Antigo Testamento, que acreditaram na encarnação de Jesus Cristo, foram, após a morte, para lugares, na verdade, bem afastados daqueles onde os maus são atormentados, mas também no inferno, até que fossem tira-

¹⁵³⁸ Romanos 8: 10.

¹⁵³⁹ Romanos 8: 11. *Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, ele, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, também dará a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós.*

dos de lá pelo sangue do Salvador e pela descida que ele certamente fez até lá, os verdadeiros cristãos, após a efusão desse sangue divino, não vão para o inferno, na espera da retomada de seus corpos e da recompensa que eles merecem.

Após haver dito: *Cada um foi julgado segundo as suas obras*¹⁵⁴⁰, ele acrescenta em poucas palavras qual foi esse julgamento: *A morte e a morada subterrânea foram lançadas no tanque de fogo*¹⁵⁴¹. Representando com isso o diabo e todos os seus demônios; bem entendido que o diabo é o autor da morte e das penas do inferno.

É a mesma coisa que ele havia dito antes, por antecipação: *O demônio foi lançado num lago de fogo e de enxofre*¹⁵⁴². O que ele havia dito lá de uma maneira mais obscura: *onde já estavam a Fera e o falso profeta e onde serão atormentados, dia e noite, pelos séculos dos séculos*, ele esclarece aqui, nestes termos: *Todo o que não foi encontrado inscrito no livro da vida foi lançado ao fogo*¹⁵⁴³.

Esse livro não é para informar Deus, como se ele pudesse se esquecer, mas ele significa a predestinação daqueles aos quais a vida eterna será dada. Deus não os lê nesse livro, como se ele não os conhecesse. É sua presciênciia infalível que é o livro da vida no qual eles estão inscritos, ou seja, conhecidos desde a eternidade.

¹⁵⁴⁰ Apocalipse 20: 13.

¹⁵⁴¹ Apocalipse 20: 14.

¹⁵⁴² Apocalipse 20: 10.

¹⁵⁴³ Apocalipse 20: 15.

Capítulo XVI

O novo céu e a nova terra.

Após ter falado do julgamento dos maus, São João tinha que nos dizer também alguma coisa sobre o julgamento dos bons. Ele já tinha explicado o que Nosso Senhor expressara em poucas palavras: *Estes irão para o castigo eterno*. Restou a ele explicar o que se segue logo após: *e os justos, para a vida eterna*¹⁵⁴⁴.

Ele diz: *Vi, então, um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existia*¹⁵⁴⁵. Isso aconteceu na ordem que observei acima, com relação à passagem em que ele diz ter visto quem estava sentado no trono, diante de quem o céu e a terra fugiram.

Assim que aqueles que não estão inscritos no livro da vida forem julgados e enviados ao fogo eterno, cujo lugar e natureza são, em minha opinião desconhecidos a todas as pessoas, a menos que Deus o revele, então a aparência deste mundo passará por um abrasamento de todas as coisas, como ela passou outrora por ocasião do dilúvio. Esse abrasamento destruirá as qualidades dos elementos corruptíveis que eram conformes com o temperamento de nossos corpos corruptíveis, para lhes dar outros, mais convenientes a corpos imor-

¹⁵⁴⁴ Mateus 25: 46.

¹⁵⁴⁵ Apocalipse 21: 1.

tais, para que o mundo renovado esteja em harmonia com os corpos humanos que serão renovados igualmente.

Quanto a estas palavras: *e o mar já não existia*, não é fácil dizer se o mar ser seco pelo abrasamento universal ou se ele será transformado. Lemos que haverá um céu novo e uma terra nova, mas, quanto ao mar novo, não me lembro de ter alguma vez lido.

É verdade que, neste mesmo livro¹⁵⁴⁶, ele falou de um tipo de mar semelhante ao cristal, mas não se tratava do fim do mundo e o texto não diz que isso era propriamente um mar, mas um tipo de mar.

Portanto, à imitação dos Profetas, que se comprazem em empregar metáforas para ocultar seus pensamentos, São João, ao dizer: *o mar já não existia*, talvez tivesse querido falar do mesmo mar que ele havia dito antes, quando disse que *O mar restituui os mortos que nele estavam*¹⁵⁴⁷.

De fato, então não haverá mais um mundo cheio de tempestades e borrascas, tal como o nosso, que ele apresentou sob a imagem de um mar.

¹⁵⁴⁶ Apocalipse 4: 6 (*Havia ainda diante do trono um mar límpido como cristal*) e 15: 2 (*Vi também como que um mar transparente*).

¹⁵⁴⁷ Apocalipse 20: 13.

Capítulo XVII

A glorificação eterna da Igreja, no fim do mundo.

Eu vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, a nova Jerusalém, como uma esposa ornada para o esposo. Ao mesmo tempo, ouvi do trono uma grande voz que dizia: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens. Habitará com eles e serão o seu povo e Deus mesmo estará com eles. Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque passou a primeira condição”. Então o que está assentado no trono disse: “Eis que eu renovo todas as coisas”¹⁵⁴⁸, disse o Apóstolo.

A Escritura diz que essa Cidade descerá do céu, por que a graça de Deus, que a formou, vem de lá. Pela mesma razão é dito em Isaías: *Sou eu, o Senhor, a causa de tudo isso*¹⁵⁴⁹.

Essa Cidade desceu do céu, de fato, desde que ela começou, desde que seus concidadãos aumentaram, pela graça de Deus e que lhe foi comunicada a vinda do Espírito Santo.

Mas ela receberá um esplendor tão grande com a vinda de Jesus Cristo que não lhe restará nenhuma marca de velhice, já que os próprios corpos passarão da corrupção e da mortalidade para um estado de incorruptibilidade e de imortalidade.

¹⁵⁴⁸ Apocalipse 20: 2-5.

¹⁵⁴⁹ Isaías 45: 8.

Parece-me que seria muita imprudência sustentar que as palavras de São João devem se referir aos mil anos em que os santos reinarão com seu rei, já que é dito muito claramente que Deus *Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor.*

Quem seria tão irracional para afirmar que, dentre as misérias desta vida mortal, não apenas todo o povo de Deus, mas até mesmo todo santo, seja isento de lágrimas e aborrecimentos? Enquanto que é o contrário que acontece: quanto mais santo se é, mais motivos para lágrimas se tem nas orações!

Não é a própria Jerusalém celeste que diz: *Minhas lágrimas se converteram em alimento dia e noite*¹⁵⁵⁰ e também: *Eu me esgoto gemendo. Todas as noites banho de pranto minha cama. Com lágrimas inundo o meu leito*¹⁵⁵¹ e ainda: *Meu gemido não vos é oculto*¹⁵⁵² e, enfim: *Minha dor recrudesceu*¹⁵⁵³?

Não são os filhos da divina Jerusalém que gemem, por que eles bem que gostariam que, seus corpos não fossem aniquilados, mas que fossem revestidos de imortalidade, de sorte que o que há de mor-

¹⁵⁵⁰ Salmo 41: 4.

¹⁵⁵¹ Salmo 6: 7.

¹⁵⁵² Salmo 37: 10.

¹⁵⁵³ Salmo 38: 3.

tal neles seja absorvido pela vida¹⁵⁵⁴? Não são eles que, possuindo as primícias do Espírito, suspiram neles mesmos, esperando a adoção divina, ou seja, a redenção de seus corpos¹⁵⁵⁵?

Não era São Paulo um cidadão dessa Jerusalém celeste, quando estava tomado por uma profunda tristeza e perfurado até o âmago por uma dor pungente e contínua, por causa dos israelitas, que eram seus irmãos segundo a carne¹⁵⁵⁶?

Quando então a morte não estará mais nessa Cidade, se não é quando se dirá: *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei*¹⁵⁵⁷, que não haverá mais então. Mas agora, não é um habitante obscuro dessa Cidade, o próprio São João, que clama em sua epístola: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*¹⁵⁵⁸.

Concordo que no Apocalipse há muitas coisas obscuras, próprias para exercitar a mente do leitor e um pequeno número de coisas claras, próprias para esclarecer as outras; não sem um grande esforço. A razão dessa obscuridade é sobretudo o costume do autor de

¹⁵⁵⁴ Cf. 2 Coríntios 5: 4. *Pois, enquanto permanecemos nesta tenda, gememos oprimidos: desejamos ser não despojados, mas revestidos com uma veste nova por cima da outra, de modo que o que há de mortal em nós seja absorvido pela vida.*

¹⁵⁵⁵ Cf. Romanos 8: 23. *Também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo.*

¹⁵⁵⁶ Cf. Romanos 9: 2. *Sinto grande pesar, incessante amargura no coração.*

¹⁵⁵⁷ 1 Coríntios 15: 55 e 56.

¹⁵⁵⁸ 1 João 1: 8.

dizer as mesmas coisas de maneiras diversas, parecendo que ele quer falar de coisas diferentes, quando é sempre o mesmo, mas expresso diferentemente.

Mas, quanto às palavras: *Deus mesmo estará com eles. Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor*, elas visam tão evidentemente o mundo futuro, a imortalidade e a eternidade dos santos, os únicos que serão libertados dessas misérias, que não é preciso procurar nada de mais claro nas Escrituras santas, se estas palavras forem consideradas obscuras.

Capítulo XVIII

O que diz São Pedro sobre o julgamento final.

Vejamos agora o que o apóstolo São Pedro escreveu sobre esse julgamento:

Nos últimos tempos virão escarnecedores cheios de zombaria, que viverão segundo as suas próprias concupiscências. Eles dirão: “Onde está a promessa de sua vinda? Desde que nossos pais morreram, tudo continua como desde o princípio do mundo”. Esquecem-se propositadamente que desde o princípio existiam os céus e igualmente uma terra que a palavra de Deus fizera surgir do seio das águas, no meio da água e deste modo o mundo de então perecia afogado na água. Mas os céus e a terra que agora existem são guardados pela mesma palavra divina e reservados para o fogo no dia do juízo e da

*perdição dos ímpios. Mas há uma coisa, caríssimos, de que não vos deveis esquecer: um dia diante do Senhor é como mil anos e mil anos como um dia. O Senhor não retarda o cumprimento de sua promessa, como alguns pensam, mas usa da paciência para convosco. Não quer que alguém pereça; ao contrário, quer que todos se arrependam. Entretanto, virá o dia do Senhor como ladrão. Naquele dia os céus passarão com ruído, os elementos abrasados se dissolverão e será consumida a terra com todas as obras que ela contém. Uma vez que todas estas coisas se hão de desagregar, considerai qual deve ser a santidade de vossa vida e de vossa piedade, enquanto esperais e apressais o dia de Deus, esse dia em que se hão de dissolver os céus inflamados e se hão de fundir os elementos abrasados! Nós, porém, segundo sua promessa, esperamos novos céus e uma nova terra, nos quais habitará a justiça*¹⁵⁵⁹.

O Apóstolo não diz nada aqui sobre a ressurreição dos mortos, mas ele se estende muito sobre a ruína do mundo e, por que fala do dilúvio, parece nos advertir sobre a maneira como o mundo deve perecer um dia.

Ele diz, de fato, que o mundo que havia então, perece, não sómente o globo da terra, mas também os céus, ou seja, os espaços aéreos que foram invadidos pela inundação das águas. Ele quer dizer,

¹⁵⁵⁹ 2 Pedro 3: 3-13.

de fato, por céus, a região do ar onde sopra o vento e somente esse lugar, mas não os céus superiores, onde estão colocados o sol, a lua e as estrelas.

Assim, toda essa região do ar foi mudada pela invasão da água e ela perece assim, como a terra pereceu antes pelo dilúvio. Mas, ele diz, *os céus e a terra que agora existem são guardados pela mesma palavra divina e reservados para o fogo no dia do juízo e da perdição dos ímpios*. Então, o mundo que foi reestabelecido, ou seja, esses céus e essa terra, colocados no lugar do mundo que tinha sido destruído pelo dilúvio, foram destinados a perecer pelo fogo, no dia do julgamento, quando os ímpios perecerão.

Ele declara, sem hesitar, que os ímpios perecerão por causa da grande mudança que lhes acontecerá, mesmo que sua natureza deva sempre permanecer no meio dos suplícios eternos.

Talvez se possa perguntar: se o mundo vai ser abrasado após o julgamento, onde estarão os santos por ocasião desse abrásamento supremo, antes que Deus tenha substituído o mundo destruído por um céu novo e uma terra nova? Se eles terão corpos, é preciso que eles estejam em algum lugar.

Podemos responder que eles estarão nas altas regiões, aonde o fogo do abrásamento não chegará, assim como aconteceu outrora, com as águas do dilúvio. Seus corpos serão de uma maneira tal, que eles poderão ficar onde quiserem. Eles nem mesmo temerão o fogo

desse abrasamento, sendo imortais e incorruptíveis, da mesma forma como os corpos mortais e corruptíveis dos três rapazes puderam sobreviver na fornalha ardente¹⁵⁶⁰, sem serem atingidos pelo fogo.

Capítulo XIX

O Anticristo na Epístola de Paulo aos Tessalonicenses.

Eu me vejo na necessidade de ignorar um grande número de testemunhos dos evangelistas e dos apóstolos sobre o julgamento final, temendo dar uma extensão muito grande a este livro. Mas não posso deixar passar em silêncio o que disse São Paulo em uma epístola escrita aos moradores de Tessalônica:

No que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e nossa reunião com ele, rogamos-vos, irmãos, não vos deixeis facilmente perturbar o espírito e alarmar-vos, nem por alguma pretensa revelação nem por palavra ou carta tidas como procedentes de nós e que vos afirmassem estar iminente o dia do Senhor. Ninguém de modo algum vos engane. Por que primeiro deve vir a apostasia e deve manifestar-se o homem da iniquidade, o filho da perdição, o adversário, aquele que se levanta contra tudo o que é divino e sagrado, a ponto de tomar lugar no templo de Deus e apresentar-se como se fosse Deus. Não vos lembrais de que vos dizia estas coisas, quando

¹⁵⁶⁰ Cf. Daniel 3: 20-24.

*estava ainda convosco? Agora, sabeis perfeitamente que algo o detém, de modo que ele só se manifestará a seu tempo. Por que o mistério da iniquidade já está em ação, apenas esperando o desaparecimento daquele que o detém. Então o tal ímpio se manifestará. Mas o Senhor Jesus o destruirá com o sopro de sua boca e o aniquilará com o resplendor da sua vinda. A manifestação do ímpio será acompanhada, graças ao poder de Satanás, de toda a sorte de portentos, sinais e prodígios enganadores. Ele usará de todas as seduções do mal com aqueles que se perdem, por não terem cultivado o amor à verdade que os teria podido salvar. Por isso, Deus lhes enviará um poder que os enganará e os induzirá a acreditar no erro. Desse modo, serão julgados e condenados todos os que não deram crédito à verdade, mas consentiram no mal*¹⁵⁶¹.

Não há dúvidas de que São Paulo falou isso sobre o Anticristo e o dia do julgamento, que ele chama de Dia do Senhor, para explicar que o Senhor não virá antes que aquele que ele chama de apóstata tenha vindo. Se, com razão, podemos chamar todos os ímpios de apóstatas, com mais razão ainda podemos chamar assim o Anticristo.

Mas, qual é o templo de Deus onde ele deve se sentar? Não se pode saber se é nas ruínas do templo de Salomão ou na Igreja. Se

¹⁵⁶¹ 2 Tessalonicenses 2: 1-12.

fosse o templo de um ídolo ou de um demônio, seguramente o Apóstolo não o chamaria de templo de Deus.

Assim, quis-se que esta passagem, que tem relação com o Anticristo, fosse entendida não apenas como relativa ao princípio dos ímpios, mas que ela clama alguma coisa como tudo o que faz corpo com ele, ou seja, a multidão de pessoas que lhe pertence e acreditou-se que melhor seria seguir o texto grego e dizer não “no templo de Deus” (*in templo Dei*), mas “sentado como templo de Deus” (*in templum Dei sedeat*), como se o Anticristo fosse ele mesmo o templo de Deus, que não é outra coisa além da Igreja. Como quando dizemos “ele se sentou na qualidade de amigo”, ou seja, como amigo e outras frases do mesmo gênero.

Quanto às palavras: *sabeis perfeitamente que algo o detém*, ou seja, sabeis a causa do adiamento de sua vinda. É por que *ele só se manifestará a seu tempo*. Como ele disse que *sabeis perfeitamente*, ele não foi mais claro. Mas nós o ignoramos e sabemos bem da dificuldade para compreender o que ele quis dizer; ainda mais quando o que ele acrescenta torna ainda mais obscuro ainda o sentido desta passagem.

De fato, o que significam estas palavras: *o mistério da iniqüidade já está em ação, apenas esperando o desaparecimento daquele que o detém. Então o tal ímpio se manifestará?* Confesso francamen-

te não compreender o que isto quer dizer. Mas não ignorarei as conjecturas daqueles que pude ler ou ouvir.

Há os que pensam que São Paulo fala aqui do império romano e que esta é a causa dele ser tão obscuro, por temer que o acusassem de imprecações contra um império considerado então como eterno. De sorte que, pelas palavras: *o mistério da iniquidade já está em ação*, ele tinha em vista Nero, cujas ações eram consideradas como obras do Anticristo¹⁵⁶².

Outros pensam que Nero não morreu¹⁵⁶³, mas somente subiu, para que se acreditasse que ele havia morrido e, escondido em algum lugar, vivo e no vigor da idade que ele tinha quando se acreditou que ele havia morrido, ele reapareceria em seu tempo e seria restabelecido em seu reinado¹⁵⁶⁴. Mas esta opinião me parece, no mínimo, singular.

No entanto, somente as palavras do Apóstolo: *apenas esperando o desaparecimento daquele que o detém*, poderiam ser aplicadas ao império romano, como se dissessem: “Até que aquele que manda, mande até que saia”, ou seja, até que seja eliminado.

Então o tal ímpio se manifestará, ou seja, o Anticristo, como todo mundo concorda.

¹⁵⁶² Esta é a opinião de São João Crisóstomo, de São Cirilo, de Tertuliano e vários outros Padres. Veja os testemunhos citados por Léonard Coquéé, em seu comentário sobre a Cidade de Deus.

¹⁵⁶³ Veja Sulpício Severo, *Hist. Sacr.*, livro II, cap. 29.

¹⁵⁶⁴ Esta lenda popular sobre Nero é contada por Suetônio, *Vit. Ner.*, cap. 57; Tácito, *Hist.* livro II, cap. 8 e Lactâncio, *De mot. pers.* cap. 2, § 8.

Mas outros pensam que as palavras *Agora, sabeis perfeitamente que algo o detém, de modo que ele só se manifestará a seu tempo.* Por que o mistério da iniquidade já está em ação só devem se aplicar aos ímpios e aos hipócritas que estão na Igreja, até que eles sejam em número suficiente para fornecer um grande povo ao Anticristo e que isto é o que ele chama de “mistério da iniquidade”, por que é uma coisa escondida.

As palavras do Apóstolo seriam então uma exortação aos fiéis para que permaneçam firmes em sua fé, quando ele diz: *apenas esperando o desaparecimento daquele que o detém*, ou seja, até que o mistério da iniquidade saia da Igreja, onde agora ele está escondido.

Os que defendem esta ideia entendem que esse *mistério de iniquidade* é aquele mencionado por São João em sua epístola: *Filhos, esta é a última hora. Vós ouvistes dizer que o Anticristo vem. Eis que já há muitos anticristos, por isto conhecemos que é a última hora. Eles saíram dentre nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, ficariam certamente conosco. Mas isto se dá para que se conheça que nem todos são dos nossos*¹⁵⁶⁵.

Da mesma forma, dizem, vários heréticos, que São João chama de anticristos, já saíram da Igreja, nessa hora que ele diz ser a última.

¹⁵⁶⁵ 1 João 2: 18 e 19.

Assim, todos aqueles que não pertencerem a Jesus Cristo, mas ao Anticristo, sairão dela então e é aí que ele se manifestará.

Assim, uns explicam de uma maneira e outros de outra, estas palavras obscuras de São Paulo. Mas, pelo menos não se pode duvidar que ele tenha dito que Jesus Cristo não virá julgar os vivos e os mortos antes que o Anticristo tenha vindo seduzir aqueles que já estarão mortos na alma, ainda que esta própria sedução pertença ao mistério dos julgamentos de Deus.

Como diz o Apóstolo: *A manifestação do ímpio será acompanhada, graças ao poder de Satanás, de toda a sorte de portentos, sinais e prodígios enganadores.* Então, de fato, Satã será solto e ele agirá com todo seu poder, através do Anticristo, fazendo vários milagres enganadores.

Tem-se o costume de perguntar se o Apóstolo chama de falsos milagres por que não passarão de ilusões e alucinações ou por que eles arrastarão ao erro aqueles que acreditarão que esses poderes estarão acima do poder do diabo, por não saberem o que ele pode e, sobretudo, o que ele poderá fazer, quando receber um poder maior do que ele jamais possuiu.

De fato, quando o fogo caiu do céu e consumiu a numerosa família de Jó com seu rebanho e um turbilhão de vento derrubou a

casa onde estavam seu filhos e os esmagou sob suas ruínas¹⁵⁶⁶, isso tudo não era ilusão. Era obra de Satã, a quem Deus havia concedido esse poder.

Seja como for, pois nós saberemos um dia por que o Apóstolo fala em falsos milagres, é certo que eles seduzirão aqueles que merecerem ser seduzidos, *por não terem cultivado o amor à verdade que os teria podido salvar.*

O Apóstolo não esconde que *Deus lhes enviará um poder que os enganará e os induzirá a acreditar no erro.* Ele lhes enviará por que permitirá ao diabo fazer os prodígios e ele o permitirá através de um julgamento muito justo, mesmo que o propósito do diabo nisso seja injusto e criminoso.

Desse modo, serão julgados e condenados todos os que não deram crédito à verdade, mas consentiram no mal. Assim, eles serão seduzidos por esses julgamentos de Deus, igualmente justos e ocullos, que ele jamais deixou de realizar sobre a humanidade, desde o pecado do primeiro ser humano.

Após serem seduzidos, eles serão condenados no último e públlico julgamento por Jesus Cristo, que, condenado injustamente pela humanidade, a condenará justamente.

¹⁵⁶⁶ Cf. Jó 1: 15-19.

Capítulo XX

O que São Paulo ensinou sobre a ressurreição dos mortos em sua primeira epístola aos moradores de Tessalônica.

O Apóstolo não fala aqui da ressurreição dos mortos, mas, em sua primeira Epístola aos mesmos moradores de Tessalônica, ele diz:

Irmãos, não queremos que ignoreis coisa alguma a respeito dos mortos, para que não vos entristeçais, como os outros homens que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, cremos também que Deus levará com Jesus os que nele morreram. Eis o que vos declaramos, conforme a palavra do Senhor: por ocasião da vinda do Senhor, nós que ficamos ainda vivos não precederemos os mortos. Quando for dado o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o mesmo Senhor descerá do céu e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro. Depois nós, os vivos, os que estamos ainda na terra, seremos arrebatados juntamente com eles, sobre nuvens, ao encontro do Senhor nos ares e assim estaremos para sempre com o Senhor¹⁵⁶⁷.

Estas palavras do Apóstolo descrevem claramente a ressurreição futura, quando Nosso Senhor Jesus Cristo virá julgar os vivos e os mortos.

¹⁵⁶⁷ 1 TessalonICENSES 4: 13-17.

Mas, tem-se o costume de perguntar se aqueles que o Senhor encontrar vivos __ e que São Paulo representa aqui por ele mesmo e aqueles que viviam então __ não morrerão. Ou então se, no momento em que eles forem arrebatados pelos ares diante do Senhor, eles passarão pela morte e daí à imortalidade¹⁵⁶⁸.

Erraríamos se acreditássemos que, quando forem arrebatados pelos ares, eles não poderão morrer e ressuscitar. Também não se pode entender estas palavras: *e assim estaremos para sempre com o Senhor*, como se São Paulo quisesse dizer com isso que ficaremos para sempre com ele nos ares, já que nem ele ficará ali para sempre e só passará por ali. Estaremos para sempre com o Senhor, no sentido de que teremos corpos imortais, seja qual for o lugar em que estejamos com ele.

O próprio Apóstolo nos obriga a acreditar, de alguma forma, que aqueles que Nosso Senhor encontrar vivos sofrerão a morte e receberão a imortalidade imediatamente, já que ele diz: *Em Cristo todos reviverão*¹⁵⁶⁹ e também: *O que semeias não recobra vida, sem antes morrer*¹⁵⁷⁰.

Como então aqueles que Jesus Cristo encontrar vivos reviverão nele para a imortalidade, se não morrerem? Verdadeiramente não se

¹⁵⁶⁸ Compare com Santo Agostinho, Carta CXLIII, para Mercatorem e *De octo dulcitii quaestionibus*, questão 3.

¹⁵⁶⁹ 1 Coríntios 15: 22.

¹⁵⁷⁰ 1 Coríntios 15: 36.

pode dizer que o corpo de uma pessoa é semeado se ele não retornar à terra, de acordo com a sentença de Deus contra o primeiro pecador: *Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado, por que és pó e pó te hás de tornar*¹⁵⁷¹.

É preciso admitir que aqueles que Nossa Senhor encontrar com vida, por ocasião de seu advento, não estão incluídos nestas palavras do Apóstolo e nem nas do Gênesis. Está claro que, sendo arrebatados pelos ares através das nuvens, eles não serão semeados na terra e nem retornarão a ela, seja por que eles não devem morrer, seja por que morrem instantaneamente nos ares.

Mas, por outro lado, o mesmo Apóstolo, escrevendo aos Coríntios, disse: *Eis que vos revelo um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta (porque a trombeta soará). Os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados*¹⁵⁷².

Ou, segundo outras versões: “Nós todos dormiremos”¹⁵⁷³.

Se então, não se pode ressuscitar sem ter passado pela morte, como todos seremos transformados ou dormiremos, se as pessoas que Jesus Cristo encontrar vivas não devessem morrer e nem ressuscitar?

¹⁵⁷¹ Gênesis 3: 19.

¹⁵⁷² 1 Coríntios 15: 51 e 52.

¹⁵⁷³ Tertuliano adota a primeira versão (*De Res. carn.*, cap. 42) e São Jerônimo prefere a segunda (*Epist. CLII ad Minerium ; Comm. In Isaiae*, cap. LI).

Entendo que precisamos nos ater ao que nos é dito: que aqueles que Jesus Cristo encontrar com vida serão arrebatados pelos ares, morrendo nesse momento, para retornarem em seguida aos seus corpos já imortalizados.

Por que não acreditariam que essa multidão de corpos possa ser semeada de alguma forma nos ares e em seguida retomarem uma vida imortal e incorruptível, quando acreditamos no que nos disse este mesmo Apóstolo, que a ressurreição acontecerá *num momento, num abrir e fechar de olhos* e que o pó dos corpos, espalhados por cem lugares, será recolhido com tanta facilidade quanto presteza?

Quanto às palavras do Gênesis: *És pó e pó te hás de tornar*, não se pode imaginar que elas não se realizam nos santos que morrem nos ares, sob o pretexto de que seus corpos não cairão sobre a terra, considerando que as palavras *pó te hás de tornar* significam: “Você irá, após ter perdido a vida, para onde estava antes de recebê-la”, ou seja, “Você será, quando tiver perdido sua alma, como você era, antes de tê-la”.

O ser humano, de fato, não passava de terra, quando Deus soureu em sua face para lhe dar a vida. Foi então como se ele dissesse: “Você é uma terra animada, o que você não era. Você será uma terra sem alma, como você era”.

O que são todos os corpos mortos antes que apodreçam, eles o serão, seja em que lugar eles morram. Eles retornarão à terra, da

mesma forma como se torna cinza volta às cinzas, o que se torna velho volta à velhice, a lama que endurece volta ao estado de pedra.

Mas todas as nossas reflexões sobre este assunto não passam de especulações e não compreendemos bem o que se passará realmente no dia supremo. Se quisermos ser cristãos, devemos acreditar na resurreição dos corpos, quando Jesus Cristo vier julgar os vivos e os mortos. Sobre este ponto nossa fé não é vã, mesmo que não compreendamos perfeitamente como será isso, contanto que acreditemos.

Resta-nos examinar, como prometemos, o que os livros proféticos do Antigo Testamento dizem sobre este julgamento final de Deus. Mas não precisaremos nos estender muito para sermos compreendidos, se o leitor se lembrar bem do que acabamos de dizer.

Capítulo XXI

Provas da ressurreição dos mortos e do julgamento último tiradas do profeta Isaías.

O profeta Isaías disse: “Os mortos ressuscitarão e aqueles que estão nos túmulos dele sairão e todos aqueles que estão sobre a terra se rejubilarão, pois o orvalho que vem de vós é sua saúde, mas a terra dos ímpios cairá”¹⁵⁷⁴.

¹⁵⁷⁴ Isaías 26: 19, segundo a Septuaginta. *Resurgent, mortui et resurgent qui erant in sepulcris, et laetabuntur omnes qui sunt in terra; ros enim, qui abs te est, sanitas illis est; terra vero impiorum cadet.*

Todo o começo do versículo visa a ressurreição dos bem-aventurados, mas, quando ele diz: “A terra dos ímpios cairá”, é preciso entender os maus que cairão na danação.

Quanto à ressurreição dos bons, se olharmos com cuidado, veremos que é preciso reportá-la primeiramente às palavras “Os mortos ressuscitarão” e, depois, a estas, que vem depois: “aqueles que estão nos túmulos dele sairão”.

As palavras “todos aqueles que estão sobre a terra se rejubilão, pois o orvalho que vem de vós é sua saúde” se aplicam aos santos que Jesus Cristo encontrará vivos, por ocasião de seu advento. Por saúde não podemos entender razoavelmente outra coisa que não seja a imortalidade, pois se pode dizer que não há saúde mais perfeita do que aquela que não precisa, para se manter, tomar todos os dias o remédio dos alimentos.

O mesmo Profeta fala ainda do dia do julgamento, após ter dado esperança aos bons e o medo aos maus:

Pois eis o que diz o Senhor: vou fazer a paz correr para ela como um rio e como uma torrente transbordante a opulência das nações. Seus filhinhos serão carregados ao colo e acariciados no regaço. Como uma criança que a mãe consola, sereis consolados em Jerusalém. Com essa visão vossos corações pulsarão de alegria e vossos membros se fortalecerão como plantas. O Senhor manifestará a seus servos seu poder e aos seus inimigos sua cólera. Pois o Se-

*nhor virá no meio do fogo, com seus carros semelhantes ao furacão, para satisfazer sua cólera num braseiro e cumprir suas ameaças em chamas ardentes; por que o Senhor fará a justiça de toda a terra pelo fogo e de todo o ser vivente pela espada e muitos cairão sob os golpes do Senhor*¹⁵⁷⁵.

O Profeta diz que o Senhor cairá sobre os bons como um rio de paz, o que, sem dúvida, é uma promessa de paz mais abundante do que se possa imaginar. É dessa paz que desfrutaremos no fim e da qual falamos amplamente no livro precedente. Este é o rio que o Senhor fará correr sobre os bons, aos quais ele promete uma felicidade muito grande, para nos mostrar que nessa região feliz, que é o céu, todos os desejos serão atendidos por ele.

Como essa paz será uma fonte de incorruptibilidade e imortalidade que se espalhará sobre os corpos mortais, ele diz que se derramará como um rio sobre eles, para se espalhar do alto sobre as coisas mais humildes e igualar os humanos aos anjos

Quanto à Jerusalém mencionada pelo Profeta, não podemos entender aquela que é escrava, bem como seus filhos, mas, pelo contrário, como diz o Apóstolo, aquela que é livre, nossa mãe e que é eterna nos céus¹⁵⁷⁶, onde seremos consolados, após os aborrecimentos e trabalhos desta vida mortal e carregados sobre os ombros e sobre os

¹⁵⁷⁵ Isaías 66: 12-16.

¹⁵⁷⁶ Gálatas 4: 25 e 26. Corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe.

joelhos, como filhinhos. Seremos, de alguma forma, totalmente renovados por uma felicidade muito grande e pelas inefáveis doçuras que degustaremos em seu seio. Lá veremos e nosso coração se rejuvenescerá.

Ele não diz o que veremos, mas, o que será, se não é Deus? Pois então se cumprirá a promessa do Evangelho: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*¹⁵⁷⁷ O que será, se não são todas essas coisas que não vemos agora, mas que acreditamos e cuja ideia nós formamos, de acordo com o curto alcance de nossas mentes, que está infinitamente abaixo do que elas são realmente. *Com essa visão vosso corações pulsarão de alegria e vosso membros se fortalecerão como plantas.* Aqui vocês acreditam, lá vocês verão.

Quando ele diz: *vossos corações pulsarão de alegria*, para que não pensemos que esses bens da Jerusalém celeste visam somente o espírito, ele acrescenta: *e vosso membros se fortalecerão como plantas*, para nos lembrarmos da ressurreição dos corpos, como se retomasse o que havia deixado de dizer.

Essa ressurreição não acontecerá, de fato, quando tivermos a visão, mas, pelo contrário, é quando ela tiver se realizado que teremos a visão.

¹⁵⁷⁷ Mateus 5: 8.

De fato, o Profeta já tinha falado antes de um céu novo e uma terra nova, bem como das promessas feitas aos santos:

*Pois eu vou criar novos céus e uma nova terra. O passado já não será lembrado, já não volverá ao espírito, mas será experimentada a alegria e a felicidade eterna daquilo que vou criar. Pois vou criar uma Jerusalém destinada à alegria e seu povo ao júbilo. Jerusalém me alegrará e meu povo me rejubilará. Doravante já não se ouvirá aí o ruído de soluços nem de gritos*¹⁵⁷⁸.

Depois vem o resto, que alguns querem reportar ao reinado carnal dos mil anos.

O Profeta mistura aqui expressões simbólicas com outras, para que nossa mente se exercente salutarmente em procurar nelas um sentido espiritual. Mas a preguiça e a ignorância se atém ao literal e não vão mais longe.

Retornando às palavras do Profeta que começamos a explicar, após haver dito: *e vossos membros se fortalecerão como plantas*, para mostrar que ele só fala da ressurreição dos bons, ele acrescenta: *O Senhor manifestará a seus servos seu poder*. Que manifestação é essa, se não é a distinção entre as pessoas que servem Deus daquelas que o desprezam?

Em seguida ele fala destes últimos nestes termos:

¹⁵⁷⁸ Isaías 65: 17-19.

Pois o Senhor virá no meio do fogo, com seus carros semelhantes ao furacão, para satisfazer sua cólera num braseiro e cumprir suas ameaças em chamas ardentes; por que o Senhor fará a justiça de toda a terra pelo fogo e de todo o ser vivente pela espada e muitos cairão sob os golpes do Senhor.

Pelas palavras *fogo*, *furacão* e *espada*, ele quer dizer o suplício do inferno. Os carros designam o ministério dos anjos. Quando ele diz que *o Senhor fará a justiça de toda a terra pelo fogo e de todo o ser vivente pela espada*, é preciso excetuar os santos e os espirituais e só incluir aí as pessoas terrestres e carnais, dos quais é dito que eles só gostam das coisas da terra¹⁵⁷⁹ e que *a aspiração da carne é a morte*¹⁵⁸⁰ e, por fim, aqueles que Deus chama de carne, quando diz: *Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque todo ele é carne*¹⁵⁸¹.

Quando ele diz que *muitos cairão sob os golpes do Senhor*, esses golpes devem ser entendidos como a segunda morte.

É verdade que se pode tomar o fogo, a espada e os golpes, em um bom sentido. Nosso Senhor mesmo disse que ele veio trazer o

¹⁵⁷⁹ Filipenses 3: 19. *Há muitos por aí, de quem repetidas vezes vos tenho falado e agora o digo chorando, que se portam como inimigos da cruz de Cristo, cujo destino é a perdição, cujo deus é o ventre, para quem a própria ignomínia é causa de envaidecimento e só têm prazer no que é terreno.*

¹⁵⁸⁰ Romanos 8: 6. *Ora, a aspiração da carne é a morte, enquanto a aspiração do espírito é a vida e a paz.*

¹⁵⁸¹ Gênesis 6: 3.

fogo sobre a terra¹⁵⁸². Os discípulos viram como que línguas de fogo que se dividiram, quando o Espírito Santo desceu sobre eles¹⁵⁸³. Nosso Senhor também disse que não veio à terra trazer a paz, mas a espada¹⁵⁸⁴. A Escritura chama a palavra de Deus de espada de dois gumes, por causa dos dois Testamentos¹⁵⁸⁵. No Cântico dos Cânticos, a Igreja clama que foi ferida pelo amor como que por uma seta. Mas aqui, onde é claro que Deus vem para executar suas vinganças, vemos de que maneira todas estas expressões devem ser explicadas.

Após ter indicado brevemente aqueles que serão consumidos por esse julgamento, o Profeta __ simbolizando os pecadores e os ímpios com a imagem das carnes proibidas pela antiga Lei, das quais eles não se abstiveram __ retorna à graça do Novo Testamento, desde o primeiro advento do Salvador até o julgamento final, pelo qual ele termina sua profecia. Ele conta que o Senhor declara que virá reunir todas as nações e que elas serão testemunhas de sua glória¹⁵⁸⁶, pois, diz o Apóstolo: *Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados gratuitamente por sua graça*¹⁵⁸⁷.

¹⁵⁸² Lucas 13: 39. *Eu vim lançar fogo à terra.*

¹⁵⁸³ Cf. Atos 2: 3.

¹⁵⁸⁴ Mateus 10: 31.

¹⁵⁸⁵ Hebreus 4: 12. *Porque a palavra de Deus é viva, eficaz, mais penetrante do que uma espada de dois gumes e atinge até a divisão da alma e do corpo, das juntas e medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração.*

¹⁵⁸⁶ Isaías 66: 17 e 18.

¹⁵⁸⁷ Romanos 3: 23.

Isaías acrescenta que ele fará tantos milagres que eles acreditam nele, que ele enviará alguns deles para diferentes países e para as ilhas mais distantes, onde jamais se ouviu falar dele e nem viu sua glória; que eles conduzirão à fé os irmãos daqueles aos quais o Profeta falou, ou seja, os israelitas eleitos, anunciando o Evangelho para todas as nações; que eles levarão um presente a Deus de todos os lugares do mundo, sobre cavalos e sobre carruagens (que são os so-corros do céu e que se transmitem pelo ministério dos anjos e das pessoas). Enfim, que eles os conduzirão à cidade de Jerusalém, que agora está espalhada por toda a terra, na santidade dos fiéis.

De fato, quando se sentem ajudadas por um socorro divino, as pessoas acreditam e, quando elas acreditam, elas vêm.

Ora, o Senhor os compara aos filhos de Israel, que lhe oferecem vítimas em seu templo, com cânticos de louvor, como a Igreja já pratica por toda a parte.

Em nossos dias, não se escolhem os sacerdotes e os levitas olhando a linhagem e o sangue, como se praticava antigamente no sacerdócio segundo a ordem de Aarão, mas como convém ao espírito do Novo Testamento, onde Jesus Cristo é o soberano sacerdote segundo a ordem de Melquisedec¹⁵⁸⁸, considerando o mérito que a graça divina dá a cada um ? Não se escolhem, repito, sacerdotes e levi-

¹⁵⁸⁸ Salmo 109: 4. *O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec.*

tas que não se pode julgar pela função na qual eles são freqüentemente indignos, mas pela santidade, que não pode ser comum aos bons e aos maus?

Após ter falado dessa misericórdia de Deus por sua Igreja, cujos efeitos nos são tão sensíveis e tão conhecidos, Isaías promete, da parte de Deus, os fins aonde cada um chegará, quando o julgamento final tiver separado os bons dos maus:

*Pois, assim como os novos céus e a nova terra que vou criar devem subsistir diante de mim, declara o Senhor, assim devem subsistir vossa raça e vosso nome. E assim, cada mês, à lua nova e cada semana, aos sábados, todos virão prostrar-se diante de mim, diz o Senhor. E quando se virarem, poderão ver os cadáveres daqueles que se revoltaram contra mim, porque o verme deles não morrerá e seu fogo não se extinguirá e para todos serão um espetáculo horripilante*¹⁵⁸⁹.

É assim que o profeta Isaías termina seu livro, como é assim que o mundo deve terminar. Algumas versões, invés de “cadáveres”¹⁵⁹⁰, trazem “membros”, querendo dizer com isso, evidentemente, a pena dos corpos condenados, embora, comumente, só se chame de cadáveres aos corpos sem almas, enquanto que os corpos menciona-

¹⁵⁸⁹ Isaías 66: 22-24.

¹⁵⁹⁰ Esta é a versão da Vulgata. *Et egredientur, et videbunt cadavera virorum qui prævaricati sunt in me ; vermis eorum non morietur, et ignis eorum non extinguetur : et erunt usque ad satietatem visionis omni carni.*

dos sejam dotados de almas, caso contrário, não poderiam sentir tormento algum. No entanto, é possível que se quisesse falar dos corpos daqueles que passarão pela segunda morte. Daí vem estas palavras do Profeta: “A terra dos ímpios cairá”. Quem não sabe, afinal, que cadáver vem de uma palavra latina que quer dizer cair¹⁵⁹¹?

Da mesma forma, é suficientemente claro que pela palavra homem o Profeta quer se referir a todas as criaturas humanas em geral¹⁵⁹², pois ninguém ousaria sustentar que as mulheres pecadoras não passarão também por seu suplício. Sobretudo, levando em conta o princípio de que a mulher *foi tomada do homem*¹⁵⁹³

Mas, o que importa particularmente ao nosso objetivo é que o Profeta, ao falar dos bons, diz: *todos virão*, por que o povo cristão será composto por todas as nações e, ao falar dos maus, ele os chama de “membros” ou “cadáveres”. Isto demonstra que o julgamento final que enviará ao seu fim os bons e os maus acontecerá após a ressurreição da carne, mencionada aqui bem claramente.

¹⁵⁹¹ Ver acima cap. 10.

¹⁵⁹² A Vulgata usa *virorum*. A Septuaginta, *anthropon*.

¹⁵⁹³ Gênesis 2: 23.

Capítulo XXII

Como se deve entender que os bons sairão para ver o suplício dos maus.

Mas como os bons sairão para ver o suplício dos maus? Dirão que eles deixarão realmente as moradas bem-aventuradas, para irem aos lugares de suplícios e testemunharem os tormentos dos condenados?

Deus os livre! É em espírito, é pelo conhecimento que eles sairão.

A palavra *sair* dá a entender que os atormentados estarão *de fora*, pois Nosso Senhor também chama de *trevas exteriores*¹⁵⁹⁴ esses lugares opostos à entrada que ele anuncia ao bom servo, quando ele lhe diz: *Muito bem, servo bom e fiel. Já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Entre na alegria de teu senhor*¹⁵⁹⁵. Longe de os maus ali entrarem, para serem conhecidos, são mais os santos que saem, de alguma maneira e vão até eles, através do conhecimento que eles possuem de sua infelicidade.

Aqueles que estiverem nos tormentos não saberão do que se passa no lado de dentro, *na alegria do Senhor*, mas aqueles que possuírem essa alegria saberão de tudo o que se passará no lado de fora,

¹⁵⁹⁴ Cf. Mateus 25: 30. *E a esse servo inútil, jogai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes.*

¹⁵⁹⁵ Mateus 25: 21. *Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.*

nas trevas exteriores. É por isso que é dito que eles sairão, por que conhecerão o que se fará com relação àqueles que estarão do lado de fora.

Se, com efeito, os Profetas puderam saber essas coisas, quando elas ainda não tinham acontecido, pelo pouco que Deus as revelou a mortais, como os santos imortais as ignorariam quando elas tivessem se realizado e quando *Deus será tudo em todos*¹⁵⁹⁶?

A semente e o nome dos santos permanecerão, portanto, estáveis na plenitude de Deus. Eu falo daquela semente mencionada por São João, quando ele diz: *Todo o que é nascido de Deus não peca, por que a semente divina reside nele e não pode pecar, por que nasceu de Deus*¹⁵⁹⁷. E o nome é aquele mencionado por Isaías: *Dar-lhes-ei um nome que jamais perecerá*¹⁵⁹⁸. *E assim, cada mês, à lua nova e cada semana, aos sábados, todos virão prostrar-se diante de mim, diz o Senhor*¹⁵⁹⁹. Pois os santos serão tudo isso, quando, das sombras antigas e passageiras, eles entrarem nas claridades novas e eternas.

Quanto ao fogo que não se apaga e ao verme imortal que provocarão o suplício dos reprovados, eles são explicados de diversas maneiras. Uns relacionam tanto um como o outro ao corpo. Outros, à alma. Há os que dizem que o fogo atormentará o corpo e o verme a

¹⁵⁹⁶ 1 Coríntios 15: 28.

¹⁵⁹⁷ 1 João 3: 9. *Quoniam semen ipsius in eo manet.*

¹⁵⁹⁸ Isaías 56: 5.

¹⁵⁹⁹ Isaías 66: 23.

alma e, assim, se deve tomar o primeiro literalmente e o segundo simbolicamente, o que não parece verossímil. Mas, aqui não é o lugar para falar dessa diferença, já que destinados este livro ao julgamento final que fará a separação entre os bons e os maus. Falaremos em outro lugar de suas penas e suas recompensas¹⁶⁰⁰.

Capítulo XXIII

Profecias de Daniel sobre a perseguição do Anticristo, o juízo de Deus e o reinado dos santos.

Daniel profetizou também esse julgamento, após tê-lo feito ser precedido pelo advento do Anticristo e ele leva sua profecia até o reinado dos santos.

Tendo visto em um êxtase profético quatro animais, que simbolizavam quatro reinos, sendo que o quarto é conquistado por um rei, que é o Anticristo e, após isso, o reinado do Filho do Homem, que é o de Jesus Cristo, ele clama:

Quanto a mim, Daniel, senti minha alma desfalecer dentro de mim e fiquei perturbado por essas visões de meu espírito. Aproximando-me de um dos assistentes, perguntei-lhe sobre a realidade de tudo isso. Respondeu-me dando a explicação seguinte: esses grandes animais, (disse), em número de quatro, são quatro reis que se levantaram no mundo.

¹⁶⁰⁰ Nos livros XXI e XX.

tarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão a realeza e a conservarão por toda a eternidade.

Quis então saber exatamente o que representava o quarto animal, diferente dos demais, pavoroso em extremo, cujos dentes eram de ferro e as garras de bronze, que devorava, depois triturava e calcava aos pés o que sobrava. Quis ser informado sobre os dez chifres que tinha na cabeça, bem como a respeito desse outro chifre que havia surgido e diante do qual três chifres haviam caído, esse chifre que tinha olhos e uma boca que proferia palavras arrogantes e parecia maior do que os outros. Tinha visto esse chifre fazer guerra aos santos e levar-lhes vantagem, até o momento em que veio o ancião, quando foi feita justiça aos santos do Altíssimo e quando lhes chegou a hora de obterem a realeza.

Ele me respondeu: o quarto animal é um quarto reino terrestre, diferente de todos os demais, que devorará, calcará e aniquilará o mundo. Os dez chifres indicam dez reis levantando-se nesse reino. Mas depois deles surgirá outro, diferente, que destronará três. Proferirá insultos contra o Altíssimo e formará o projeto de mudar os tempos e a lei e os santos serão entregues ao seu poder durante um tempo, tempos e metade de um tempo. Mas realizar-se-á o julgamento e lhe será arrancado seu domínio, para destruí-lo e suprimi-lo definitivamente. A realeza, o império e a suserania de todos os reinos situados sob os céus serão devolvidos ao povo dos santos do

Altíssimo, cujo reino é eterno e a quem todas as soberanias renderão seu tributo de obediência.

*Aqui terminou o discurso (a mim dirigido). Quanto a mim, Daniel, meus pensamentos transtornaram-me a ponto de me mudar de cor. Mas conservei tudo isso em meu coração*¹⁶⁰¹.

Alguns entenderam esses quatro reinos como sendo o dos Assírios, dos Persas, dos Macedônios e dos Romanos e, se quisermos ver a razão disso, temos que ler os comentários do Padre Jerônimo sobre Daniel, que são escritos com todo cuidado e toda erudição desejáveis. Mas, pelo menos não se pode duvidar que Daniel disse aqui muito claramente que a tirania do Anticristo contra os fiéis, embora curta, precederá o julgamento final e o reinado eterno dos santos.

A sequência da passagem mostra que o tempo, os tempos e a metade de um tempo significam um ano, dois anos e a metade de um ano, ou seja, três anos e meio. É verdade que esses tempos parecem marcar um tempo indefinido, mas o hebraico só designa dois tempos, pois, dizem que os Hebreus, da mesma forma que os Gregos, possuem o número dual, que os Latinos não possuem.

Quanto aos dez reis, eu não sei se eles significam dez reis que existirão realmente no império romano, quando o Anticristo chegar e temo que este número nos engane. Será que eles não foram coloca-

¹⁶⁰¹ Daniel 8: 15-28.

dos lá para representar a universalidade de todos os reis que devem preceder seu advento, como as Escrituras utilizam frequentemente os números mil, cem, sete e tantos outros que é inútil relacionar, para marcar a universalidade?

O mesmo Daniel se expressa assim, em outra passagem:

*Naquele tempo, surgirá Miguel, o grande chefe, o protetor dos filhos do seu povo. Será uma época de tal desolação, como jamais houve igual desde que as nações existem até aquele momento. Então, entre os filhos de teu povo, serão salvos todos aqueles que se acharrem inscritos no livro. Muitos daqueles que dormem no pó da terra despertarão; uns para uma vida eterna, outros para a ignomínia, a infâmia eterna. Os que tiverem sido inteligentes fulgirão como o brilho do firmamento e os que tiverem introduzido muitos (nos caminhos) da justiça luzirão como as estrelas, com um perpétuo resplendor*¹⁶⁰².

Esta passagem de Daniel está bem conforme a outra dos Evangelhos, onde também é mencionada a ressurreição dos corpos. Aquelas que o Evangelista diz estar “nos sepulcros”, Daniel diz que estão “no pó da terra”, ou, como outros traduzem, “num monte de terra”. Da mesma forma como é dito lá que eles “sairão”, aqui é dito que eles “despertarão”.

¹⁶⁰² Daniel 12: 1-3.

No Evangelho: *Vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz: os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados*¹⁶⁰³.

No Profeta: *Muitos daqueles que dormem no pó da terra despertarão; uns para uma vida eterna, outros para a ignomínia, a infâmia eterna.*

Que não se pense que o Evangelista e o Profeta diferem um do outro, sob o pretexto que aquele diz: *todos os que se acham nos sepulcros* e este: *aqueles que dormem no pó da terra*, pois, algumas vezes as Escrituras dizem “vários” para dizerem “todos”.

É o caso de quando é dito a Abraão: *Serás o pai de uma multidão de povos*¹⁶⁰⁴, mesmo que, em outro lugar, lhe seja dito: *Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu e como a areia na praia do mar*¹⁶⁰⁵.

Também é dito a Daniel, um pouco depois, com relação à mesma ressurreição: *Quanto a ti, vá até o fim. Tu repousarás e te levantarás para (receber) tua parte da herança, no fim dos tempos*¹⁶⁰⁶.

¹⁶⁰³ João 5: 28 e 29.

¹⁶⁰⁴ Gênesis 17: 4.

¹⁶⁰⁵ Gênesis 22: 17.

¹⁶⁰⁶ Daniel 12: 13.

Capítulo XXIV

Profecias tiradas dos Salmos de Davi sobre o fim do mundo e sobre o julgamento final de Deus.

Existem nos Salmos muitas passagens referentes ao julgamento final, mas, elas são mencionadas de maneira concisa e rápida. Não se pode, no entanto, deixar passar em silêncio o que ali é dito, em termos bem claros, sobre o fim do mundo. Diz o Salmista:

*No começo criastes a terra, e o céu é obra de vossas mãos. Um e outro passarão, enquanto vós ficareis. Tudo se acaba pelo uso como um traje. Como uma veste, vós os substituíis e eles hão de sumir. Mas vós permaneceis o mesmo e vossos anos não têm fim*¹⁶⁰⁷.

Donde vem então que Porfírio, que louva a piedade dos Hebreus e os felicita por adorar o grande e verdadeiro Deus, terrível aos próprios deuses, acuse os cristãos de uma extrema tolice com relação aos oráculos de seus deuses, por que dizem que o mundo perecerá?¹⁶⁰⁸

Eis, no entanto, o que as santas letras dos Hebreus dizem ao Deus diante de quem todas as outras divindades tremem, segundo a própria afirmação de um grande filósofo: “Os deuses são obra de suas mãos e eles perecerão”¹⁶⁰⁹.

¹⁶⁰⁷ Salmo 101: 26-28.

¹⁶⁰⁸ Veja no Livro XIX, cap. 23, desta obra.

¹⁶⁰⁹ Porfírio e, em geral, a Escola de Alexandria, sustentavam firmemente a eternidade do universo.

Então, quando os céus perecerem, o mundo, do qual eles são a parte mais alta e segura, não perecerá? Se Júpiter não gosta dessa opinião, se ele censura os cristãos, pela voz de um oráculo imponente, de serem muito crédulos, como assegura nosso filósofo, por que ele não chama também de tolice a sabedoria dos Hebreus, que inscreveram essa mesma opinião em seus livros sagrados?

No momento então em que essa sabedoria __ que agrada tanto a Porfírio que ele a fez ser louvada pela boca de seus deuses __ nos informa que os céus devem perecer, que aberração é fazer do dogma do fim do mundo um motivo de reclamação à religião cristã e, o que é mais sério ainda, sob o pretexto de que os céus não podem perecer, da mesma forma como o mundo inteiro perece!

É verdade que nas Escrituras que são propriamente nossas e não nos são comuns com os Hebreus, ou seja, nos Evangelhos e nos Livros dos Apóstolos, lemos que: *A figura deste mundo passa*¹⁶¹⁰; que: *O mundo passa*¹⁶¹¹; que: *O céu e a terra passarão*¹⁶¹². São expressões mais suaves, é preciso convir, do que a dos Hebreus, que dizem que o mundo *perecerá*.

Da mesma forma, na epístola de São Pedro, onde é dito que o mundo que existia então perecerá pelo dilúvio, é fácil ver qual é a

¹⁶¹⁰ 1 Coríntios 7: 31.

¹⁶¹¹ 1 João 2: 17.

¹⁶¹² Mateus 24: 35.

parte do mundo que este apóstolo quis dizer¹⁶¹³ e como ele entende que ela pereceu e quais são os céus então renovados que foram postos em reserva, para serem queimados pelo fogo no dia do julgamento final e da ruína dos maus.

Um pouco depois, ele diz o seguinte: *Virá o dia do Senhor como ladrão. Naquele dia, os céus passarão com ruído, os elementos abrasados se dissolverão e será consumida a terra com todas as obras que ela contém*¹⁶¹⁴. E ele acrescenta: *Uma vez que todas estas coisas se hão de desagregar, considerai qual deve ser a santidade de vossa vida e de vossa piedade, enquanto esperais e apressais o dia de Deus, esse dia em que se hão de dissolver os céus inflamados e se hão de fundir os elementos abrasados!*¹⁶¹⁵

Pode-se muito bem entender aqui, que os céus que perecerão são aqueles que ele diz que foram colocados na reserva, para serem queimados pelo fogo e os elementos que devem se dissolver pelo ardor do fogo são aqueles que ocupam esta parte baixa do mundo, exposta às perturbações e às tempestades, mas que os globos celestes, onde estão suspensos os astros, permanecerão intactos.

¹⁶¹³ Cf. 2 Pedro 3: 5-7. *Esquecem-se propositadamente que desde o princípio existiam os céus e igualmente uma terra que a palavra de Deus fizera surgir do seio das águas, no meio da água e, deste modo, o mundo de então perecia afogado na água. Mas os céus e a terra que agora existem são guardados pela mesma palavra divina e reservados para o fogo, no dia do juízo e da perdição dos ímpios.*

¹⁶¹⁴ 2 Pedro 3: 10.

¹⁶¹⁵ 2 Pedro 3: 11 e 12.

Quanto à passagem que diz que *cairão do céu as estrelas*¹⁶¹⁶, além de se poder dar a elas um sentido literal, elas provam também a permanência dos céus, se as estrelas devem cair dele. Esta é, então, uma maneira simbólica de falar, o que é verossímil, ou então isso deve ser entendido como meteoros que se formarão na região média do ar, como aquele mencionado por Virgílio: “Uma estrela, seguida por uma longa cauda de luz atravessou o céu e foi se perder na floresta de Ida”,¹⁶¹⁷.

Mas, retornando à passagem do Salmista, parece que ele não isenta nenhum dos céus e todos devem perecer, já que ele diz que os céus são obra das mãos de Deus e que eles perecerão. Como não há um só que não seja obra das mãos de Deus, parece também que não um só que não deva perecer.

Não penso, de fato, que nossos filósofos queiram explicar estas palavras do Salmo por aquelas de São Pedro, que eles odeiam tanto¹⁶¹⁸ e pretender que, como este apóstolo tomou as partes pelo todo, quando disse que o mundo tinha perecido pelo dilúvio, quando, na verdade, só pereceu a região inferior do mundo, o Salmista, da mesma forma, quis dizer a parte mais baixa dos céus, quando disse que os céus perecerão.

¹⁶¹⁶ Mateus 24: 29.

¹⁶¹⁷ *Eneida*, livro XIX, versos 694-696.

¹⁶¹⁸ Ler no Livro XVIII, cap. 53 e 54, o oráculo em que São Pedro é acusado de ser um mágico.

Pois então, que eles não aparentem usá-la, com o risco de aprová-la opinião do apóstolo São Pedro e serem obrigados a dar ao último abrasamento tanto poder quanto ao dado ao dilúvio. Eles que sustentam que é impossível que todo o gênero humano pereça pelas águas ou pelo fogo. Não lhes resta outra coisa a dizer que não seja que seus deuses louvaram a sabedoria dos Hebreus por que não leram este Salmo.

O Salmo quarenta e nove fala também do julgamento final, nestes termos: *Nosso Deus vem vindo e não se calará. Um fogo abrasador o precede. Ao seu redor, furiosa tempestade. Do alto ele convoca os céus e a terra, para julgar seu povo: “Reúna os meus fiéis, que selaram comigo aliança pelo sacrifício”*¹⁶¹⁹.

Entendemos isso como sendo Nosso Senhor Jesus Cristo, que virá do céu, como esperamos, julgar os vivos e os mortos. Ele virá visivelmente para julgar justamente os bons e os maus. Ele que já veio escondido para ser julgado pelos maus. Ele virá visivelmente — repito — e não se calará, ou seja, ele falará julgando. Ele que se calou diante do juiz, quando foi conduzido à morte, como um carneiro que é levado ao matadouro e que permaneceu mudo como uma ove-

¹⁶¹⁹ Salmo 49: 3-5.

lha que se deixa tosquiar, como o vemos anunciado por Isaías¹⁶²⁰ e narrado pelo Evangelho¹⁶²¹.

Quanto ao *fogo* e à *tempestade* que acompanham o Senhor, já dissemos como estes termos devem ser entendidos, ao explicarmos¹⁶²² termos semelhantes do profeta Isaías.

Pelas palavras: *Do alto ele convoca os céus*, como os santos são justamente chamados de *céus*, o Salmista quer dizer, sem dúvida, o que disse o Apóstolo: que seremos levados até às nuvens, para diante do Senhor, no meio dos ares, pois, se tomarmos esta expressão literalmente, como o céu seria chamado *do alto*, se ele não pode estar em outro lugar?

Com relação ao que se segue: *e a terra, para julgar seu povo*, se subentendermos somente ele convocará, ou seja, *ele convocará a terra*, sem subentender *do alto*, podemos muito bem pensar que *o céu* simboliza aqueles que devem julgar com ele e a terra aqueles que devem ser julgados. Então, as palavras: *Do alto ele convoca os céus* não significam que ele erguerá os santos pelos ares, mas que ele os fará se sentarem em tronos para julgar.

As palavras: *Do alto ele convoca os céus*, também podem significar que ele convocará os anjos no mais alto dos céus, para desce-

¹⁶²⁰ Cf. Isaías 53: 7. *Foi maltratado e resignou-se. Não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador.* (*Ele não abriu a boca*).

¹⁶²¹ Cf. Mateus 26: 63. *Jesus, no entanto, permanecia calado.*

¹⁶²² No cap. XXI.

rem em sua companhia, a fim de julgar o mundo. E ele convocará também a terra, ou seja, os humanos que devem ser julgados sobre a terra.

Mas se, quando o Salmista diz: *e a terra, para julgar seu povo*, subentendermos um e outro, ou seja, que *ele chamará* e que ele chamará *do alto*, não penso que se possa entender melhor do que se referindo a pessoas que serão levadas aos ares, para diante de Jesus Cristo e que ele as chama de *céus* por causa de suas almas e *terra* por causa de seus corpos.

O que é *julgar seu povo*, se não é separar pelo julgamento os bons dos maus, como as ovelhas dos bodes?

Ele se dirige em seguida aos anjos e lhes diz: *Reúna os meus fiéis*, por que, sem dúvida, um ato tão importante acontecerá pelo ministério dos anjos. E, como se lhe perguntassem que fiéis são esses, ele diz: Aqueles *que selaram comigo aliança pelo sacrifício*. Eis então toda a vida dos justos: selar aliança pelo sacrifício. De fato, ou as obras de misericórdia são preferíveis aos sacrifícios, segundo este oráculo do céu: *Eu quero o amor mais que os sacrifícios*¹⁶²³, ou, no mínimo, dando outro sentido às palavras do Salmista, as obras de misericórdia são os sacrifícios que servem para apaziguar Deus, como eu me lembro de já ter dito no segundo livro desta obra¹⁶²⁴.

¹⁶²³ Oséias 6: 6.

¹⁶²⁴ No cap. VI.

Os justos cumprem sua aliança com Deus através dessas obras, por que eles as fazem por causa das promessas que estão contidas em sua Nova Aliança. Daí vem que, no julgamento final, quando Jesus Cristo tiver reunido seus santos e os colocado à sua direita, ele lhes dirá: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, por que tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e vistes a mim*¹⁶²⁵. Estas são as obras dos justos e a recompensa eterna que eles receberão através da sentença final.

Capítulo XXV

A profecia de Malaquias que anuncia o julgamento final de Deus e a purificação de alguns pelas penas do purgatório.

O profeta Malaquias __ ou Malaquil __ também chamado de Anjo e que, segundo alguns, é o mesmo que Esdras, do qual há outros escritos recebidos no cânon dos livros santos (na opinião dos Hebreus, segundo Jeremias¹⁶²⁶); Malaquias, eu dizia, falou assim do julgamento final:

Vou mandar o meu mensageiro para preparar o meu caminho.

E imediatamente virá ao seu templo o Senhor que buscais, o anjo da

¹⁶²⁵ Mateus 25: 34-36.

¹⁶²⁶ Veja o preâmbulo de São Jerônimo ao seu comentário sobre Malaquias.

*aliança que desejas. Ei-lo que vem, diz o Senhor dos exércitos. Quem estará seguro no dia de sua vinda? Quem poderá resistir quando ele aparecer? Por que ele é como o fogo do fundidor, como a lixívia dos lavadeiros. Sentar-se-á para fundir e purificar a prata; purificará os filhos de Levi e os refinará, como se refinam o ouro e a prata; então eles serão para o Senhor aqueles que apresentarão as ofertas como convêm. E a oblação de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos, como nos anos de outrora. Virei ter convosco para julgar vossas questões e serei uma testemunha pronta contra os mágicos, os adulteros, os perjuros, contra os que retêm o salário do operário, que oprimem a viúva e o órfão, que maltratam o estrangeiro e não me temem, diz o Senhor. Por que eu sou o Senhor e não mudo e vós, ó filhos de Jacó, não sois ainda um povo extinto*¹⁶²⁷.

Estas palavras mostram claramente, em minha opinião, que no julgamento final haverá, para alguns, penas purificadoras, pois não se pode entender de outra forma estas palavras: *Quem estará seguro no dia de sua vinda? Quem poderá resistir quando ele aparecer? Por que ele é como o fogo do fundidor, como a lixívia dos lavadeiros. Sentar-se-á para fundir e purificar a prata; purificará os filhos de Levi e os refinará, como se refinam o ouro e a prata.*

¹⁶²⁷ Malaquias 3: 1-6.

Isaías diz algum semelhante: *Quando o Senhor tiver lavado a imundície das filhas de Sião e apagado de Jerusalém as manchas de sangue pelo sopro do direito e pelo vento devastador*¹⁶²⁸. A menos que não se queira dizer que eles serão purificados e como que refinados, quando os maus forem separados deles pelo julgamento final e que a separação de uns será a purificação dos outros, já que, dali por diante, eles não mais viverão juntos.

Mas, por outro lado, quando o Profeta acrescenta: *purificará os filhos de Levi e os refinará, como se refinam o ouro e a prata; então eles serão para o Senhor aqueles que apresentarão as ofertas como convêm. E a oblação de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor,* ele mostra bem que aqueles que forem purificados agradarão ao Senhor com sacrifícios de justiça e que assim eles serão purificados da injustiça que era a causa deles lhe desagradarem antes.

Ora, eles mesmos serão as vítimas de uma plena e perfeita justiça, quando forem purificados. O que eles poderiam, nesse estado, oferecer a Deus de mais agradável do que eles mesmos? Mas falaremos em outro lugar dessas penas purificadoras, para falar com mais profundidade.

Por fim, por filhos de Levi, de Judá e de Jerusalém, é preciso entender a Igreja de Deus, composta não apenas pelos judeus, mas

¹⁶²⁸ Isaías 4: 4.

por outras nações; não como ela era no tempo da peregrinação, no tempo em que: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*¹⁶²⁹, mas sim como ela será então, purificada pelo julgamento final, como um terreiro limpo por um rastelo.

Aqueles mesmos que precisaram dessa purificação, tendo sido purificados pelo fogo, não terão mais que oferecer sacrifícios a Deus por seus pecados. Sem dúvida que aqueles que sacrificam assim são culpados de alguns pecados e é para obter sua remissão que eles sacrificam. Mas, quando eles tiverem feito seu sacrifício, Deus os considerará purificados.

Capítulo XXVI

Os sacrifícios que os santos oferecerão a Deus e que lhe serão agradáveis, como antigamente, nos primeiros tempos do mundo.

Deus, querendo mostrar que sua Cidade não estará então em estado de pecado, diz que os filhos de Levi oferecerão sacrifícios em justiça. Isto não acontecerá então em pecado e nem pelo pecado. Daí se pode concluir que, o que se segue: *E a oblação de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos, como nos anos de outrora*, não pode servir de fundamento racional aos judeus, para pretenderem que há uma promessa de restauração dos sacrifícios

¹⁶²⁹ 1 João 1: 8.

do Antigo Testamento. Eles não ofereciam então sacrifícios em justiça, mas em pecado, pois os ofereciam, sobretudo no início, especialmente por causa de seus pecados.

Isto é tão verdadeiro, que o grão-sacerdote __ que era supostamente mais justo do que os outros __ tinha o costume, segundo o mandamento de Deus, de oferecer o sacrifício primeiro para seus pecados e depois para os do povo¹⁶³⁰.

É preciso então explicar o sentido destas palavras: *como nos dias antigos, como nos anos de outrora.*

Talvez elas se refiram ao tempo em que os primeiros humanos estavam no paraíso e, de fato, foi então que, em estado de pureza e integridade, isentos de toda mácula e de todo pecado, eles se ofereciam a Deus como vítimas muito puras. Mas, depois que foram expulsos por causa de sua desobediência e toda a natureza humana foi condenada neles, ninguém, com a exceção do Mediador (e de algumas criancinhas, que foram batizadas), diz a Escritura “está isento do pecado; nem mesmo a criança que só tem um dia de vida sobre a terra”.

Argumentarão que podem ser considerados como oferecendo sacrifícios em justiça, aqueles que os oferecem com fé, já que o A-

¹⁶³⁰ Levítico 16: 6 (*Aarão oferecerá por si mesmo o touro em sacrifício pelo pecado e fará a expiação por si mesmo e pela sua casa*) e Hebreus 7: 26 e 27 (*O Pontífice que nos convinha ... não tem necessidade, como os outros sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro pelos pecados próprios, depois pelos do povo*).

póstolo disse que *O justo viverá pela fé*¹⁶³¹. Mas isto é esquecer que o mesmo Apóstolo disse que o justo seduz a si mesmo, quando diz que está isento de pecado. Evitará, portanto, dizer e acreditar nisso, aquele que vive pela fé.

Será que podemos comparar o tempo da fé com os últimos tempos, quando aqueles que oferecerem sacrifícios em justiça serão purificados pelo fogo do julgamento final, pois, é preciso acreditar que, após essa purificação, os justos não terão nenhum pecado? Esse tempo só pode seguramente ser comparado com aquele em que os primeiros humanos, antes de sua infidelidade, levavam no paraíso uma vida mais inocente e mais feliz. Podemos, portanto, muito bem dar este sentido às palavras da Escritura sobre “os dias antigos e os anos de outrora”.

Em Isaías, após a promessa de um céu novo e de uma terra nova, entre outras imagens e palavras enigmáticas sobre a felicidade dos santos, que nós não explicamos para não nos estendermos demais, lemos: *Segundo, de fato, os dias da árvore da vida, serão os dias do meu povo*¹⁶³². Ora, quem é tão pouco versado nas Escrituras para ignorar onde Deus plantou a árvore da vida, que foi interditada aos primeiros humanos, que sua desobediência os afastou do paraíso

¹⁶³¹ Romanos 1: 17.

¹⁶³² Isaías 65: 22. *Secundum, enim, dies ligni, erunt dies populi mei.*

e que Deus colocou junto a essa árvore um anjo terrível com uma espada flamejante?

Se argumentam que esses “dias da árvore da vida”, lembrados por Isaías, são aqueles da Igreja, que transcorrem neste momento e que é Jesus Cristo que o Profeta chama de árvore da vida, por que ele é a Sabedoria de Deus, sobre a qual Salomão diz: *É uma árvore de vida para aqueles que lançarem mãos dela*¹⁶³³; se argumentam que os primeiros humanos não passaram anos no paraíso e não tiveram tempo para gerar filhos ali, de maneira que não se pode reportar a esses tempos as palavras: *como nos dias antigos, como nos anos de outrora*, eu acho melhor deixar esta questão, para não ser obrigado a entrar em uma discussão muito longa.

Eu vejo também outro sentido que me impede de acreditar que o Profeta nos promete aqui, como um grande presente, o retorno aos sacrifícios carnais dos judeus, aos dias antigos dos primeiros anos. De fato, as vítimas da antiga lei, que deviam ser escolhidas dentre aquelas sem mancha e sem defeito de cada rebanho, representavam as pessoas justas, isentas de mácula, tal como somente Jesus Cristo foi. Ora, como após o julgamento, aqueles que foram dignos de purificação terão sido purificados pelo fogo, eles próprios se oferecerão em justiça, como vítimas puras de qualquer mácula e de qualquer

¹⁶³³ Provérbios 3: 18.

sujeira. Eles serão certamente semelhantes às vítimas dos dias antigos e dos anos de outrora, que eram oferecidas como representações dessas vítimas futuras. De fato, a pureza representada pelos corpos desses animais imolados estará então realmente na carne e na alma imortais dos santos.

Em seguida, o Profeta, se dirigindo àqueles que serão dignos, não da purificação, mas da condenação, lhes diz: *Virei ter convosco para julgar vossas questões e serei uma testemunha pronta contra os mágicos, os adúlteros, os perjuros, contra os que retêm o salário do operário, que oprimem a viúva e o órfão, que maltratam o estrangeiro e não me temem, diz o Senhor* e depois acrescenta: *Por que eu sou o Senhor e não mudo*, como se lhes dissesse: “Enquanto que vocês mudam __ com seus crimes, para pior e, com minha graça, para melhor __ eu não mudo”. Ele diz que atuará como testemunha por que ele não precisa, para julgar, de outras testemunhas além dele mesmo e que será uma testemunha pronta, ou por que ele virá subitamente, de improviso, quando se acreditar que ele ainda está longe ou então por que ele convencerá as consciências, sem precisar de muitas palavras, como está escrito: *Os próprios desígnios do ímpio serão cuidadosamente examinados¹⁶³⁴* e, segundo o Apóstolo: *Os pagãos, que não têm a lei, fazendo naturalmente as coisas que são*

¹⁶³⁴ Sabedoria 1: 9.

da lei, embora não tenham a lei, a si mesmos servem de lei. Eles mostram que o objeto da lei está gravado nos seus corações, dando-lhes testemunho a sua consciência, bem como os seus raciocínios, com os quais se acusam ou se escusam mutuamente. Isso aparecerá claramente no dia em que, segundo o meu Evangelho, Deus julgar as ações secretas dos homens, por Jesus Cristo¹⁶³⁵. É desta forma que Deus será uma testemunha pronta, por que, em um instante ele recordará do que convencer e punir uma consciência.

Capítulo XXVII

A separação dos bons e dos maus no dia do julgamento final.

O que eu relatei sumariamente do mesmo Profeta, no décimo oitavo livro¹⁶³⁶, visa também o julgamento final.

Eis a passagem:

Eles serão para mim um bem particular — diz o Senhor dos exércitos — no dia em que eu agir; tratá-los-ei benignamente como um pai trata com indulgência o filho que o serve. E vereis de novo que há uma diferença entre justo e ímpio, entre quem serve a Deus e quem não o serve. Porque eis que vem o dia, ardente como uma fornalha. E todos os soberbos, todos os que cometem o mal serão como a palha; este dia que vai vir os queimarão — diz o Senhor dos exéci-

¹⁶³⁵ Romanos 2: 14-16.

¹⁶³⁶ No final do cap. XXXV.

*tos __ e nada ficará: nem raiz, nem ramos. Mas, sobre vós que temeis o meu nome, levantar-se-á o sol de justiça que traz a salvação em seus raios. Saireis e saltareis, livres como os bezerros ao saírem do estábulo. Pisareis aos pés os ímpios, os quais serão pó, sob a planta de vossos pés, no dia em que eu agir, diz o Senhor dos exercitos*¹⁶³⁷.

Quando essa diferença das penas e das recompensas que separa os maus dos bons e que não se vê na vaidade desta vida¹⁶³⁸, aparecer sob o sol da justiça que iluminará a vida futura, então será o julgamento final.

Capítulo XXVIII

A verdadeira felicidade é somente dos justos.

O mesmo Profeta acrescenta: *Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a quem prescrevi ordenações e mandamentos para todo o Israel no monte Horeb*¹⁶³⁹. É bem a propósito que ele lembra os mandamentos de Deus, após ter salientado a grande diferença que há entre aqueles que observam a Lei e aqueles que a desprezam. Ele faz isso também para ensinar os judeus a conceber espiritualmente a Lei

¹⁶³⁷ Malaquias 3: 17-21.

¹⁶³⁸ Cf. Sabedoria 1.

¹⁶³⁹ Malaquias 3: 22.

e a ver nela Jesus Cristo, o juiz que deve fazer a separação entre os bons e os maus.

Não foi em vão que o mesmo Senhor disse aos judeus: *Pois se crêsseis em Moisés, certamente creríeis em mim, por que ele escreveu a meu respeito*¹⁶⁴⁰.

De fato, foi por que eles compreendiam a Lei carnalmente e não sabiam que suas promessas temporais eram apenas símbolos das recompensas eternas, que eles caíram em murmurações e disseram: “*É trabalho perdido servir a Deus. Que ganhamos com a obediência às suas ordens e com as procissões de luto diante do Senhor dos exércitos? Agora, temos por ditosos os arrogantes e prosperam os que cometem a iniquidade. Ousam até tentar a Deus e escapam ao castigo*

¹⁶⁴¹.

Para parar com essas lamentações, o Profeta foi obrigado, de alguma forma, a declarar o julgamento final, onde os maus não possuirão nem mesmo uma falsa felicidade, mas aparecerão evidentemente infelizes e os bons não serão sujeitos a nenhuma miséria, mas desfrutarão com esplendor de uma eterna beatitude. Ele até mesmo havia relatado antes outras queixas dos judeus: *Vós sois pesados ao Senhor com vossos discursos. Por que dizeis: “Aquele que faz o mal*

¹⁶⁴⁰ João 5: 46.

¹⁶⁴¹ Malaquias 3: 14 e 15.

é bem visto aos olhos do Senhor, que nele se compraz; ou: “*Onde está Deus, para julgar?*”¹⁶⁴²

Foi então por entenderem carnalmente a Lei de Moisés que eles se dedicaram a essas lamentações. Daí veio, no Salmo setenta e dois, o grito daquele que cambaleou e sentiu seus pés desfalecerem, ao considerar a prosperidade dos ímpios, de sorte que invejou sua condição e proferiu estas palavras: *Porventura Deus o sabe? Tem o Altíssimo conhecimento disto?*¹⁶⁴³ E ainda: *Então foi em vão que conservei o coração puro e na inocência lavei as minhas mãos?*¹⁶⁴⁴ O Salmista confessa que se esforçou inutilmente para compreender por que os bons parecem miseráveis nesta vida e os ímpios felizes: *Refli-to para compreender este problema. Mui penosa me pareceu esta tarefa, até o momento em que entrei no vosso santuário e em que me dei conta da sorte que os espera*¹⁶⁴⁵.

De fato, no fim do mundo, no julgamento final, não será assim e as coisas parecerão bem diferentes, quando explodirem em pleno dia a felicidade dos bons e a miséria dos ímpios.

¹⁶⁴² Malaquias 2: 17.

¹⁶⁴³ Salmo 72: 11.

¹⁶⁴⁴ Salmo 72: 13.

¹⁶⁴⁵ Salmo 72: 16 e 17.

Capítulo XXIX

A vinda de Elias antes do julgamento, para revelar o sentido oculto das Escrituras e converter os judeus a Jesus Cristo.

Após ter advertido os judeus para se lembrem da Lei de Moisés, prevendo bem que eles ficariam ainda por muito tempo sem compreendê-la espiritualmente, a Escritura logo acrescenta: *Vou mandar-vos o profeta Elias, antes que venha o grande e temível dia do Senhor e ele converterá o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, de sorte que não ferirei mais de interdito a terra*¹⁶⁴⁶.

É uma crença muito generalizada entre os fiéis que, no fim do mundo, antes do julgamento, os judeus devem acreditar no verdadeiro Messias, ou seja, em nosso Cristo, por meio desse grande e admirável profeta Elias, que lhes explicará a Lei. Assim, não é sem motivo que se espera que ele seja um precursor do advento de Jesus Cristo, já que neste momento mesmo se acredita que ele esteja vivo¹⁶⁴⁷.

É certo, de fato, de acordo com o próprio testemunho das Escrituras, que ele foi arrebatado em um carro de fogo¹⁶⁴⁸. Quando ele vier, ele explicará espiritualmente a Lei que os judeus ainda enten-

¹⁶⁴⁶ Malaquias 3: 23 e 24.

¹⁶⁴⁷ Esta era a opinião de um grande número de Padres da Igreja, como se pode ver pelas palavras citadas por Léonard Coquée, em seu comentário à *Cidade de Deus*.

¹⁶⁴⁸ Cf. 2 Reis 2: 11. *Um carro de fogo com cavalos de fogo os separou um do outro e Elias subiu ao céu num turbilhão.*

dem carnalmente e *ele converterá o coração dos pais para os filhos.* Os Setenta colocaram aqui o singular querendo falar do plural: *ele converterá o coração do pai para o filho.* O sentido é que os judeus, que são os filhos dos Profetas, dentre os quais estava Moisés, entenderão a Lei como seus pais e assim, o coração dos pais se voltará para os filhos e o coração dos filhos para os pais, quando então eles terão os mesmos sentimentos.

Os Setenta acrescentam que “o coração do homem se voltará para seu próximo”, por que não há nada de mais próximo do que os pais e seus filhos.

Podemos dar um outro sentido mais elevado às palavras dos Setenta — que interpretaram a Escritura como profecia — e dizer que Elias voltará o coração de Deus Pai para o Filho. Não fazendo com que ele o ame, mas instruindo os judeus sobre esse amor e os levando a amar nosso Cristo, que antes eles odiavam.

De fato, em nosso tempo, na opinião dos judeus, Deus tem seu coração desviado de nosso Cristo, por que eles não acreditam que ele seja Deus e nem Filho de Deus. Mas então Deus terá para eles o coração voltado para seu Filho, quando seus corações, mudados, verão o amor do Pai para com o Filho.

Quanto ao que se segue: “o coração do homem se voltará para seu próximo”, como podemos interpretar melhor estas palavras do que dizendo que Elias voltará o coração humano para Jesus Cristo

homem? Pois Jesus Cristo, sendo nosso Deus, sob a forma de Deus, tomou a forma de escravo¹⁶⁴⁹ e condescendeu se tornar nosso próximo.

É isto então o que fará Elias: *de sorte que não ferirei mais de interdito a terra*. É que são terra aqueles que só gostam das coisas da terra, como os judeus carnais e daí vem estas murmurações contra Deus: “*Aquele que faz o mal é bem visto aos olhos do Senhor, que nele se compraz*” e também: “*É trabalho perdido servir a Deus*”.

Capítulo XXX

Também nos Profetas, o Deus que virá é Cristo.

Há muitos outros testemunhos das Escrituras sobre o julgamento final, mas seria muito longo relatá-los todos e nos basta ter provado que ele foi anunciado pelo Antigo e pelo Novo Testamentos. Mas o Antigo não declara tão formalmente quanto o Novo que é Jesus Cristo que dever presidir esse julgamento.

Do que ali é dito, que o Senhor Deus virá, não se segue que esse deve ser Jesus Cristo, pois essa qualificação convém muito bem ao Pai, quanto ao Espírito Santo e ao Filho. Não devemos, no entanto, deixar passar este ponto sem provas. É necessário, para isso, mostrar primeiramente, como Jesus Cristo fala nesses Profetas, sob o nome

¹⁶⁴⁹ Cf. Filipenses 2: 6 e 7. *Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens.*

de Senhor Deus, para que, nos outros lugares, onde isto não é manifesto, mas que, no entanto, é dito que o Senhor Deus deve vir para julgar, possamos entendê-lo como Jesus Cristo.

Há uma passagem no profeta Isaías que mostra claramente do que se trata. É assim, de fato, como Deus fala por este Profeta:

*Ouça-me, Jacó __ e tu, Israel __ que eu chamei! Sou sempre o mesmo, o primeiro e sou também o último. Foi minha mão que fundou a terra e minha destra que estendeu os céus. Quando os convoço, todos se apresentam. Reuni-vos todos e escutai: quem dentre vós predisse esses acontecimentos? Aquele que o Senhor ama fará sua vontade contra Babilônia e a raça dos caldeus. Eu mesmo falei e o chamei; eu o fiz vir e lhe dei feliz êxito. Aproximai-vos de mim para ouvir isto: desde o início, nunca falei às escondidas, desde que a coisa existe, estou eu aí. E agora, o Senhor Deus com seu Espírito me envia*¹⁶⁵⁰.

Foi ele mesmo quem falou há pouco como o Senhor Deus e, no entanto, não se poderia dizer que se trata de Jesus Cristo, se ele não tivesse acrescentado: *E agora, o Senhor Deus com seu Espírito me envia.* Ele diz, de fato, na forma de escravo e fala de uma coisa que virá como se isso fosse passado. Da mesma forma como, nesta outra passagem do mesmo profeta: *Foi maltratado e resignou-se; não a-*

¹⁶⁵⁰ Isaías 48: 12-16.

*briu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro*¹⁶⁵¹, ele não diz: “Ele será conduzido”, mas ele usa o passado no lugar do futuro, obedecendo a linguagem comum aos Profetas.

Há outra passagem em Zacarias, onde é dito claramente que o Senhor dos exércitos enviou o Senhor dos exércitos. Ora, de quem pode se tratar, se não é Deus Pai que enviou Deus Filho?

Eis a passagem: *Declara o Senhor dos Exércitos, que me enviou, depois da provação, contra as nações que vos despojaram: “Quem vos toca, toca as meninas dos meus olhos. Eis que vou levantar a minha mão contra essas nações e elas serão a presa de seus escravos. Assim sabereis que fui enviado pelo Senhor dos Exércitos”*¹⁶⁵².

Eis o Senhor dos Exércitos que diz ter sido enviado pelo Senhor dos Exércitos. Quem poderia entender estas palavras diferentemente de Jesus Cristo, que fala às ovelhas desgarradas da casa de Israel?

Da mesma forma ele diz no Evangelho: *Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel*¹⁶⁵³, que ele compara aqui às meninas dos olhos de Deus, para mostrar o quanto ele as ama.

Dentre essas ovelhas, é preciso incluir os próprios Apóstolos, mas “após a glória”, ou seja, após sua ressurreição gloriosa, pois an-

¹⁶⁵¹ Isaías 53: 7.

¹⁶⁵² Zacarias 2: 12 e 13.

¹⁶⁵³ Mateus 15: 24.

tes, como diz São João Evangelista: *Jesus ainda não tinha sido glorificado*¹⁶⁵⁴.

Ele foi também enviado às nações, na pessoa de seus Apóstolos e assim foi realizado o que se lê no Salmo: *Vós me livrais das revoltas do povo e me colocais à frente das nações. Povos que eu descobrinhacia se tornaram meus servos*¹⁶⁵⁵, para que aqueles que tinham pilhado os Israelitas e dos quais os Israelitas tinham sido escravos, se tornassem eles mesmos os pilhados dos Israelitas. Isto foi o que ele prometeu aos Apóstolos, ao lhes dizer: *Vinde após mim e vos farei pescadores de homens*¹⁶⁵⁶. *E a um deles: Não temas. Doravante serás pescador de homens*¹⁶⁵⁷.

Eles se tornarão então despojos, mas em um bom sentido, como são aqueles tirados do homem forte mencionado no Evangelho¹⁶⁵⁸, após tê-lo aprisionado com correntes mais fortes ainda do que ele.

O Senhor, falando ainda pelos Profetas:

Naquele dia, procurarei exterminar todo o povo que vier contra Jerusalém. Suscitarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de boa vontade e de prece e eles voltarão os seus olhos para mim. Farão lamentações sobre aquele que tras-

¹⁶⁵⁴ João 7: 39.

¹⁶⁵⁵ Salmo 17: 44.

¹⁶⁵⁶ Mateus 4: 19.

¹⁶⁵⁷ Lucas 5: 10.

¹⁶⁵⁸ Cf. Mateus 12: 29.

*passaram, como se fosse um filho único. Chorá-lo-ão amargamente, como se chora um primogênito!*¹⁶⁵⁹

A quem pertence, se não é ao Deus único, exterminar todas as nações inimigas da cidade de Jerusalém “que vierem contra ela”, ou seja, que lhe são contrárias, ou, segundo outras versões, que “vierem sobre ela”, ou seja, que querem submetê-la?

E a quem pertence espalhar o espírito de graça e de misericórdia sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém? Sem dúvida que isso só pertence a Deus e foi a Deus que o Profeta atribuiu estas palavras.

No entanto, Jesus Cristo mostrou que é ele esse Deus que fez todas essas maravilhas, quando acrescentou: *eles voltarão os seus olhos para mim. Farão lamentações sobre aquele que traspassaram, como se fosse um filho único. Chorá-lo-ão amargamente, como se chora um primogênito!*

Pois nesse dia, os próprios judeus, que devem receber o espírito de graça e de misericórdia, voltando os olhos para Jesus Cristo, que virá em sua majestade e vendo que foi ele quem eles desprezaram com seu rebaixamento, na pessoa de seus pais, se arrependerão por tê-lo insultado em sua paixão.

¹⁶⁵⁹ Zacarias 12: 9 e 10.

Quanto aos seus pais, que foram os autores dessa impiedade tão grande, eles também o verão, quando eles ressuscitarem, mas isso acontecerá para que sejam punidos por esse atentado e não para que se convertam.

Portanto, não é sobre eles que devemos entender estas palavras: *Suscitarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de boa vontade e de prece e eles voltarão os seus olhos para mim.* No entanto, aqueles que acreditarem na pregação de Elias, devem descender de seu povo.

Da mesma forma que dizemos aos judeus: “Vocês mataram Jesus Cristo”, embora este crime tenha sido obra de seus ancestrais, assim também, aqueles mencionados pelo Profeta se afligirão por serem, de alguma forma, os autores do mal que outros realizaram.

Assim, mesmo que após terem recebido o *espírito de boa vontade e de prece*, eles não sejam envolvidos em uma mesma condenação, eles não deixarão de lamentar o crime de seus pais, como se eles fossem os culpados.

Por fim, enquanto que os Setenta traduziram *eles voltarão os seus olhos para aquele que insultaram*, a versão hebraica traz: *eles voltarão os seus olhos para aquele que trespassaram*. Esta é uma expressão que lembra melhor Jesus Cristo crucificado¹⁶⁶⁰. No entan-

¹⁶⁶⁰ Esta é a versão da Vulgata.

to, o “insulto”, segundo a expressão adotada pelos Setenta, abrange, de alguma forma, o conjunto da paixão. De fato, Jesus foi insultado pelos judeus, quando foi preso, amarrado, julgado, coberto pelo manto da ignomínia, coroado com espinhos, golpeado na cabeça com um bastão, adorado debochadamente de joelhos, obrigado a carregar sua própria cruz e, por fim, preso na cruz. Assim, reunindo uma e outra versão e entendendo que eles o insultaram e trespassaram, reconheceremos melhor a verdade da paixão do Salvador.

Quando então, lemos nos Profetas que Deus deve vir julga, devemos entender Jesus Cristo, pois, mesmo que seja o Pai que deve julgar, ele só julgará por ocasião do advento do Filho do Homem. Ele não julgará ninguém visivelmente, pois ele deu todo poder de julgar ao Filho, que virá para fazer o julgamento, como ele veio para sofrê-lo.

De quem mais se poderia estar falando, quando Deus disse, através de Isaías, sob os nomes de Jacó e Israel, de onde Cristo saiu segundo a carne:

“Jacó é meu servo; eu o protegerei. Israel é meu eleito; por isso minha alma o escolheu. Eu lhe dei meu espírito; ele pronunciará o julgamento das nações. Ele não gritará, ele não se calará e sua voz não será ouvida do lado de fora. Ele não quebrará o caniço partido. Ele não apagará a lamparina que ainda fumega, mas ele julgará na

verdade. Ele será resplandecente e não poderá ser oprimido até que estabeleça o julgamento sobre a terra e as nações esperarão nele”¹⁶⁶¹.

O texto hebraico não menciona Jacó e nem Israel, mas os Setenta, querendo nos mostrar como se deve entender a palavra servo — que demonstra a servidão, ou seja, o profundo rebaixamento a que se condescendeu o Onipotente — colocaram o nome daquele na posteridade do qual foi tomada esta forma de escravo.

O Espírito Santo lhe foi dado e nós o vemos descer sobre ele no Evangelho, sob a forma de uma pomba¹⁶⁶².

Ele pronunciou o julgamento das nações, por que ele previu a realização futura do que estava escondido.

Sua mansidão o impediu de gritar, mas, no entanto, ele não deixou de pregar a verdade.

Mas sua voz não foi ouvida do lado de fora e ainda não é, por que aqueles que estão desgarrados de seu corpo não lhe obedecem.

Ele não quebrou e nem extinguiu os judeus, seus perseguidores, que são comparados aqui, por sua vez, a um caniço partido, por que ele perderam sua firmeza e a uma lamparina fumegante, por que eles não têm mais luz. Ele os poupou por que não tinha vindo ainda para julgar, mas para ser julgado por eles¹⁶⁶³.

¹⁶⁶¹ Isaías 42: 1-4 (Septuaginta).

¹⁶⁶² Cf. Mateus 3: 16. *Depois que Jesus foi batizado, saiu logo da água. Eis que os céus se abriram e se viu descer sobre ele, em forma de pomba, o Espírito de Deus.*

¹⁶⁶³ Compare com São Jerônimo comentando Isaías na *Epístola CLI ad Algasiam*.

Ele pronunciou um julgamento verdadeiro, lhes prevendo que seriam punidos, se persistissem em sua malícia.

Sua face ficou resplandecente sobre a montanha¹⁶⁶⁴ e seu nome, célebre no mundo todo e ele não pôde ser oprimido por seus perseguidores; nem em sua pessoa e nem em sua Igreja.

Assim, é em vão que seus inimigos dizem: *Quando há de morrer e se extinguir o seu nome?*¹⁶⁶⁵

Era isso o que nós procurávamos e que estava oculto, pois é o julgamento final que ele estabelecerá sobre a terra, quando ele descerá do céu.

Nós já vemos realizado o que o Profeta acrescenta: “e as nações esperarão nele”. Que este fato, que não pode ser negado, seja então uma razão para crer no que se nega impudentemente. Pois quem ousou esperar essa maravilha que testemunham aqueles mesmos que se recusam a acreditar em Jesus Cristo e que rangem os dentes e secam de despeito, por que não podem negá-lo?

Quem ousou esperar que as nações esperariam o nome de Jesus Cristo, quando o prenderam, quando o amarraram e o esbofetearam, quando o insultaram e o crucificaram e, por fim, quando até mesmo

¹⁶⁶⁴ Cf. Mateus 17: 1 e 2. *Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão e conduziu-os à parte a uma alta montanha. Lá se transfigurou na presença deles: seu rosto brilhou como o sol, suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura.*

¹⁶⁶⁵ Salmo 40: 6.

seus discípulos tinham perdido a esperança que eles começavam a ter nele?

Se mal e apenas um único ladrão acreditou nele, quando estava na cruz, todas as nações acreditam agora e, com medo de morrer para sempre, elas são marcadas com o sinal dessa cruz sobre a qual Jesus Cristo morreu.

Não há, portanto, ninguém que duvida desse julgamento final, anunciado nas Santas Escrituras; a não ser aqueles que, por uma incredulidade cega e teimosa, não acreditam nessas próprias Escrituras, mesmo que elas já tenham justificado perante toda a terra uma parte das verdades que elas anunciam.

Estas são então as coisas que acontecerão nesse julgamento ou por volta dessa época: o advento de Elias, a conversão dos judeus, a perseguição do Anticristo, a vinda de Jesus Cristo para julgar, a resurreição dos mortos, a separação entre os bons e os maus, o abrimento do mundo e sua renovação.

É preciso acreditar que todas essas coisas acontecerão; mas como e em que ordem? A experiência nos ensinará melhor então do que todas as nossas conjecturas podem fazê-lo agora. Entendo, no entanto, que elas acontecerão na mesma ordem que acaba de expor.

Só me restam mais dois livros para escrever e terminar esta obra, cumprindo assim minhas promessas, com a ajuda de Deus.

No primeiro dos dois, tratarei do suplício dos ímpios. No outro, da felicidade dos bons e refutarei as argumentações vãs das pessoas que se acham sábias ao zombarem das promessas de Deus e que desprezam como falsos e ridículos os dogmas que alimentam nossa fé.

Mas, para aqueles que são sábios na visão de Deus, sua onipotência é o grande argumento que lhes mostra todas as verdades que parecem incríveis às pessoas e que, no entanto, estão contidas nas Santas Escrituras, cuja veracidade já foi justificada de tantas maneiras. Eles têm como certo que é impossível que Deus tenha querido nos enganar e que ele pode fazer o que parece impossível aos infiéis.

Livro XXI – A reprovação dos maus.

Santo Agostinho trata neste livro do fim justamente reservado à cidade do diabo ou, em outros termos, do suplício eterno dos condenados e refuta, sobre este ponto, os argumentos dos incrédulos.

Capítulo I

Primeiro a punição, depois a recompensa.

Eu me proponho, com a ajuda de Deus, tratar neste livro do suplício que deve sofrer o diabo com todos os seus cúmplices, quando as duas cidades chegarem aos seus fins, através de Nosso Senhor Jesus Cristo, juiz dos vivos e dos mortos.

O que me levou a observar esta ordem e a só falar no livro seguinte da felicidade dos santos foi que, tanto em um como no outro estado, a alma estará unida a um corpo e parece menos crível que corpos possam sobreviver nos tormentos eternos, do que na felicidade eterna, isentos de toda dor. Assim, quando eu tiver estabelecido o primeiro ponto, provarei mais facilmente o outro.

As Santas Escrituras não se afastam desta ordem, pois, mesmo que ela comece algumas vezes pela felicidade dos bons, como nesta passagem: *Os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados*¹⁶⁶⁶, há também outras passagens em que ela só a menciona

¹⁶⁶⁶ João 5: 29.

em segundo lugar, como nesta: *O Filho do Homem enviará seus anjos, que retirarão de seu Reino todos os escândalos e todos os que fazem o mal e os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. Então, no Reino de seu Pai, os justos resplandece-rão como o sol*¹⁶⁶⁷. E ainda: Estes irão para o castigo eterno, e os justos, para a vida eterna¹⁶⁶⁸.

Se formos examinar, veremos que os Profetas também seguiram tanto uma ordem como a outra. Mas seria muito longo provar isto aqui. É suficiente ter explicado a ordem que eu escolhi.

Capítulo II

Se corpos podem viver eternamente no fogo.

Que direi para provar aos incrédulos que corpos humanos vivos e animados podem, não somente nunca morrer, como também sobreviver eternamente no meio de chamas e tormentos? Pois eles não querem que nossa argumentação se baseie na onipotência de Deus, mas em exemplos.

Nós lhes responderemos que há animais que certamente são corruptíveis, já que são mortais e que não deixam de viver no meio

¹⁶⁶⁷ Mateus 13: 41-43.

¹⁶⁶⁸ Mateus 25: 46.

do fogo¹⁶⁶⁹ e, além disso, nas fontes de água quente, onde não se poderia colocar as mãos sem se queimar, há um tipo de verme que não apenas vive lá, mas que também não pode viver em outro lugar.

Mas nossos adversários se recusam a acreditar neste fato, a menos que o vejam. Ou, se isso é mostrado a eles, a menos que isso seja feito através de testemunhos dignos de fé, eles afirmam que isso não basta ainda, sob o pretexto de que os animais em questão, por um lado, não vivem para sempre e, por outro, vivendo no fogo sem dor, isto está conforme sua natureza e ali se fortificam, bem longe de serem atormentados. Como se o contrário é que não fosse mais verossímil!

Certamente que é uma coisa fantástica ser atormentado pelo fogo e, no entanto, ali viver, mas é bem mais surpreendente viver no fogo e ali nada sofrer. Pois então, se se acredita na primeira dessas coisas, por que não se acreditaria na outra?

Capítulo III

O sofrimento físico não leva necessariamente à dissolução dos corpos.

Mas, eles dizem, não há corpos que possam sofrer sem poder morrer¹⁶⁷⁰.

¹⁶⁶⁹ Santo Agostinho retorna um pouco depois (no cap. IV) ao tema dos animais que vivem no meio do fogo e ele cita a salamandra, invocando a autoridade dos naturalistas. Mas, a verdade é que os mais célebres naturalistas da antiguidade não afirmam nada disso e se limitam a relatar uma crença popular.

O que eles sabem disso? Quem pode assegurar que os demônios não sofrem em seus corpos, quando eles mesmos confessam que são extremamente atormentados?

Que eles respondam que não há corpo sólido ou palpável, enfim, não há carne que possa sofrer sem poder morrer, é verdade também que é a experiência que favorece esta afirmação, pois não conhecemos carne que não seja mortal.

Mas, ao que se reduz a argumentação de nossos adversários? A sustentar que o que eles não experimentaram é impossível.

No entanto, se tomarmos as coisas por elas mesmas, como a dor seria uma suposição de morte, já que ela é mais um sinal de vida? Pode-se perguntar se o que sofre pode viver para sempre, mas é certo que tudo o que sofre está vivo e a dor só pode ser encontrada no que tem vida. É, portanto, necessário que aquele que sofre viva e não é necessário que a dor leve à morte, já que nem toda dor mata nossos corpos, que são mortais e devem morrer.

O que faz com que a dor mate neste mundo é que a alma está unida ao corpo de maneira a não resistir às grandes dores. Ela se retira então por que a ligação dos membros é tão delicada que a alma não pode sustentar o esforço das dores agudas.

¹⁶⁷⁰ Os adversários do cristianismo retiram esta tese das escolas de filosofia. Veja Cícero, *De natura deorum*, livro III, cap. 13.

Mas, no outro mundo, a alma estará tão unida ao corpo e o corpo será de uma maneira tal, que essa união não poderá ser dissolvida por nenhum decorrer do tempo e nem por qualquer dor que seja.

É, portanto, verdadeiro que não há agora nenhuma carne que possa sofrer sem morrer, mas a carne não será então tal como é, bem como a morte será bem diferente desta que conhecemos. Haverá sempre uma morte, mas ela será eterna, por que a alma não poderá viver estando separada de Deus e nem ser libertada, pela morte, das dores do corpo.

A primeira morte afasta a alma do corpo, apesar dela e a segunda morte a retém nele, apesar dela. Uma e outra, no entanto, têm em comum o fato de que o corpo faz a alma sofrer o que ela não quer.

Nossos adversários têm o cuidado de observar que não há agora carne que possa sofrer sem poder morrer, mas eles não prestam atenção ao fato de que acontece algo bem diferente com uma natureza bem mais nobre do que a carne. O espírito, que, com sua presença, faz viver e governa o corpo, pode sofrer e não morrer. Eis um ser que tem a sensação da dor e que é imortal. O que vemos agora acontecer na alma de todas as pessoas acontecerá então no corpo de todos os condenados.

Aliás, se observarmos isso de mais perto, veremos que a dor chamada corpórea pertence menos ao corpo do que à alma, pois é a

alma que sofre e não o corpo, mesmo que a dor venha do corpo, como, por exemplo, quando a alma sofre no lugar onde o corpo foi ferido.

Mesmo que digamos que os corpos sentem e vivem, embora a sensação e a vida do corpo venham da alma, da mesma forma dizemos que os corpos sofrem, embora a dor do corpo seja originária da alma.

A alma sofre então com o corpo no lugar onde acontece algo que a faz sofrer. Mas ela sofre sozinha também, mesmo que ela esteja no corpo. Quando, por exemplo, há uma causa invisível que a aflige e o corpo está sãº.

A alma sofre até mesmo, algumas vezes, fora do corpo. O rico mau sofria no inferno, quando disse: *Sou cruelmente atormentado nestas chamas*¹⁶⁷¹.

O corpo, pelo contrário, não sofre sem estar animado e, no momento em que é animado, ele não sofre sem ter uma alma.

Se então a dor fosse um argumento válido em favor da morte, de maneira que, onde é possível a dor, é possível também a morte, o morrer seria mais adequado à alma, já que é ela principalmente que sofre. Ora, mesmo sofrendo mais que o corpo, ela não pode morrer.

¹⁶⁷¹ Lucas 16: 24.

Como então concluir que os corpos condenados morrerão por que eles estarão em sofrimento?

Os platônicos acreditavam que é nos corpos terrestres e nos membros moribundos que as paixões se originam. “Daí nossos medos, nossos desejos, nossas dores e nossas alegrias”, diz Virgílio¹⁶⁷².

Mas nós vimos no Livro 14 desta obra¹⁶⁷³, que, segundo os próprios platônicos, as almas, mesmo purificadas de toda sujeira, mantém um desejo estranho de retornar aos seus corpos. Ora, o que é capaz de desejar é capaz também de sofrer dor, já que o desejo se transforma em dor, quando é frustrado em seu objetivo ou quando perde o bem que adquiriu.

Se então a alma não deixa de ser imortal, embora seja somente ela que sofre no ser humano — ou, no mínimo, é ela quem mais sofre — não se segue daí que os corpos dos condenados sofrerão e que eles possam morrer.

Por fim, se os corpos são a causa do sofrimento das almas, por que eles não causam também a morte, tanto quanto a dor, se não é por que é falso concluir que o que faz sofrer deve fazer morrer?

Não há, portanto, nada de inacreditável em que o fogo possa causar a dor nos corpos dos condenados sem lhes causar a morte, já que vimos que os corpos também fazem as almas sofrerem sem ma-

¹⁶⁷² Eneida, livro VI, verso 733.

¹⁶⁷³ Nos capítulos III, V e VI.

tá-las. Evidentemente, a dor não é uma presunção necessária da morte.

Capítulo IV

Exemplos tirados da natureza.

Se então a salamandra vive no fogo, como afirmaram os naturalistas¹⁶⁷⁴ e se certas montanhas célebre da Sicília, que sobrevivem há séculos¹⁶⁷⁵ no meio das chamas que vomitam, são uma prova suficiente de que nem tudo o que queima se consome; como a alma mostra bem que, nem tudo o que é passível de sofrer o é de morrer; por que nos pedem ainda exemplos que provem que os corpos dos condenados ao suplício eterno poderão conservar suas almas no meio das chamas, queimar sem serem consumidos e sofrerem eternamente sem morrer?

Devemos acreditar que a substância da carne receberá essa propriedade nova daquele que a deu a todos os outros corpos maravilhosos e que somente seu grande número nos impede de admirar. Pois, quem mais foi, se não foi o Deus criador de todas as coisas, que deu à carne do pavão a propriedade de não se corromper após a morte? Isto me pareceu incrível, inicialmente, mas me serviram em Car-

¹⁶⁷⁴ Aristóteles não afirmou isso como um fato constatado por ele, mas como uma tradição popular (*Hist. anim.*, livro V, cap. 19). Plínio não é menos reservado (*Hist. nat.*, livro XXIX, cap. 23). Diocódio declara a coisa impossível (Livro II, cap. 68).

¹⁶⁷⁵ Veja Plínio, o Velho, livro II, cap. 110.

tago um pássaro dessa espécie. Eu mandei guardar uns pedaços tirados do peito e, quando me trouxeram de volta, após o tempo suficiente para estragar toda a carne, eu a encontrei perfeitamente sã. Um mês após eu a vi no mesmo estado. Ao fim de um ano, ela estava apenas um pouco seca e mais reduzida¹⁶⁷⁶.

Eu pergunto também quem deu à palha uma qualidade fria que conserva a neve e uma quente que faz amadurecer os frutos verdes.

Mas, quem pode explicar as maravilhas do próprio fogo¹⁶⁷⁷, que escurece tudo o que queima, embora ele mesmo seja do mais puro brilho e que, com a mais bela cor do mundo, descolora a maior parte dos objetos que ele toca e transforma em carvão negro uma brasa cintilante?

Este efeito também não é regular, pois as pedras cozidas no fogo embranquecem e, mesmo que o fogo seja vermelho, ele as torna brancas, enquanto que o branco concorda naturalmente com a luz, como o negro com as trevas.

Mas, do fato de que o fogo queima a madeira e calcina a pedra não se pode concluir que esses efeitos contrários se exerçam sobre elementos contrários, pois a madeira e a pedra são elementos diferentes, é verdade, mas não contrários, como o branco e o negro. No en-

¹⁶⁷⁶ A carne cozida pode se conservar por muito tempo, particularmente em regiões quentes. Tudo depende do meio escolhido e das circunstâncias atmosféricas. Várias múmias do Egito são cadáveres humanos enterrados na areia e que escaparam, segundo, da putrefação.

¹⁶⁷⁷ Compare com Plínio, *Hist. Nat.*, livro II, cap. 111 e livro XXXVI, cap. 68.

tanto, o branco é produzido na pedra e o negro na madeira pela mesma causa, a saber, o fogo, que torna a madeira brilhante e a pedra sombria e que não poderia agir sobre a pedra, se não fosse ele mesmo alimentado pela madeira.

O que direi do próprio carvão? Não é uma coisa maravilhosa que ele seja tão frágil que o menor choque basta para esmagá-lo e tão forte que a umidade não pode corrompê-lo e nem o tempo destruí-lo? É por isso que aqueles que instalam cercas colocam, costumeiramente, carvão embaixo, para usá-lo, em caso de necessidade, para provar na justiça um queixoso de má fé, mesmo após uma longa sequência de anos de permanência da cerca no local conveniente. Quem pôde preservar esse carvão da corrupção, em uma terra onde a madeira apodrece, se não foi o próprio fogo, que, no entanto, corrompe qualquer coisa?

Consideremos agora os efeitos prodigiosos da cal. Sem repetir o que eu já disse, que o fogo a embranquece, ele que escurece tudo, ela não tem a virtude de alimentar interiormente o fogo? Mesmo que ela nos pareça apenas uma massa fria, não vemos que o fogo está escondido e como que adormecido nela? Este é o motivo pelo qual a chamamos de cal viva: é como se o fogo que ela contém fosse a alma invisível desse corpo.

O que é mais admirável é que ela se acende quando se extingue, pois, para liberar o fogo latente¹⁶⁷⁸, ela é coberta com água e então ela se aquece pelo mesmo meio que faz esfriar tudo o que é quente. É como se ela liberasse o calor expirante e o fogo escondido nela parece que se vai. Ela se torna em seguida tão fria como por uma espécie de morte, deixando a água de acender e então, invés de chamá-la de cal viva, nós a chamamos de cal extinta.

Podemos imaginar uma coisa mais estranha? No entanto, há uma mais espantosa ainda. Invés de água, derrame óleo sobre a cal. Ela não se acenderá, mesmo que o óleo seja alimento do fogo.

Certamente que se nos contassesem tais efeitos de alguma pedra da Índia, sem que pudéssemos fazer a experiência, nós não acreditáramos em nada ou ficaríamos estranhamente surpreendidos.

Nós não admiramos os prodígios que acontecem diariamente sob nossos olhos. Não que eles sejam menos admiráveis, mas por que o hábito lhes tira seu brilho, como acontece com certas raridades das Índias, que, vindas do fim do mundo, deixam de provocar admiração assim que se pode admirá-las facilmente.

Muitas pessoas entre nós possuem diamantes e eles podem ser vistos nos ourives e nos lapidários. Asseguram-nos que essa pedra

¹⁶⁷⁸ Os físicos modernos chamam esse fogo, como Santo Agostinho, de *calor latente* e eles ainda não explicaram sua origem. Ao menos eles reconhecem, nesse fato que provoca admiração em Santo Agostinho, um caso particular de uma lei geral da natureza.

não pode ser atacada pelo ferro e nem pelo fogo¹⁶⁷⁹, mas somente pelo sangue de bode¹⁶⁸⁰.

Aqueles que possuem e conhecem essa pedra a admiram como as pessoas a quem são mostradas suas virtudes pela primeira vez? E aquelas que não viram a experiência, estão convencidas do fato? Se elas acreditam nele, elas a admiram como uma coisa que jamais viram. Se elas chegam a fazer a experiência, o hábito as faz perder insensivelmente sua admiração.

Sabemos que o imá atrai o ferro e a primeira vez que testemunhei esse fenômeno, eu fiquei realmente estupefato. Eu vi um anel de ferro ser suspenso por um pedaço de imá e depois, como se ele tivesse comunicado sua virtude ao ferro, esse anel suspendeu outro e este, um terceiro, de sorte que havia uma cadeia de anéis suspensos no ar, sem estarem interiormente entrelaçados.

Quem não ficaria espantado com a virtude dessa pedra; virtude que não estava somente nela, mas que passava de anel em anel e os prendia um ao outro através de um laço invisível?

Mas o que eu soube através de meu irmão e colega de episcopado, Severo¹⁶⁸¹, bispo de Milévi, é muito espantoso. Ele me contou

¹⁶⁷⁹ O diamante é, com efeito, mais duro do que o ferro, no sentido de que pode riscar, mas não pode ser riscado. Ele é tão pouco combustível que é quimicamente idêntico ao carvão. Além disso, Santo Agostinho não é químico e só recentemente aconteceram as descobertas de Lavoisier.

¹⁶⁸⁰ Tradição popular que Santo Agostinho relata sem ter, certamente, verificado e que não tem nenhum fundamento.

que, almoçando um dia na casa de Batanário, ex-conde da África, ele o viu pegar um pedaço de imá e, após tê-lo colocado sob uma placa de prata onde estava um pedaço de ferro, comunicar ao ferro todos os movimentos que sua mão imprimiu ao imá e fazê-lo ir e vir ao seu bem querer, sem que a placa de prata recebesse nenhum efeito.

Euuento o que eu vi ou que ouvi de uma testemunha que é para mim como se visse com meus próprios olhos. Eu li também outros efeitos da mesma pedra. Quando se coloca um diamante perto dela, ela não suspende mais o ferro e se ela já o tinha levantado, com a aproximação do diamante, ela o deixa cair¹⁶⁸².

O imá nos chega das Índias. Ora, se ele já não nos causa admiração, por que já o conhecemos, o que será dos povos que os enviam; eles que os têm tão facilmente? Talvez ele seja entre eles tão comum como nos é aqui a cal, que vemos se acender sem espanto, sob a ação da água, que extingue o fogo e não se inflamar sob a ação do óleo que excita a chama. Todos esses efeitos se tornaram familiares para nós pelo hábito!

¹⁶⁸¹ Severo, amigo e discípulo de Santo Agostinho. Milévi, onde ele era bispo, é uma cidadezinha da África que deu seu nome a um concílio contra os pelagianos (*Concilium Melevitanum*). Ver as cartas de Santo Agostinho (Cartas LXII, LXIII, CIX, CX, CLVI).

¹⁶⁸² Nada de menos verdadeiro do que esse suposto fenômeno contado por Plínio em sua *História Natural*, livro XXXVII, cap. 15.

Capítulo V

Há muitas coisas para as quais não podemos encontrar uma explicação racional e que, nem por isso, são menos certas.

No entanto, quando falamos aos infiéis dos milagres de Deus, passados ou futuros, que nós não podemos provar a verdade através de exemplos, eles nos pedem uma explicação racional deles e, como não saberíamos dá-la, estando os milagres acima do alcance da mente humana, eles os tratam como fábulas. Que eles então nos deem uma explicação racional de tantas maravilhas que testemunhamos ou que podemos testemunhar! Se eles admitem que isso é impossível, eles devem convir também que não se pode concluir que uma coisa não existiu ou que não poderia existir, só por que não podemos explicá-la racionalmente.

Sem me envolver em um grande número de coisas passadas às quais a história deu fé, quero somente relatar aqui alguns fatos que podem ser assegurados no próprios lugares.

Dizem que o sal de Agrigento, na Sicília, se dissolve no fogo como se fosse na água e que crepita na água como se fosse no fogo.¹⁶⁸³.

¹⁶⁸³ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 31, cap. 41.

Entre os Garamantes¹⁶⁸⁴ há uma fonte tão fria de dia que não se poderia beber dela e tão quente de noite que não se pode tocar ne-la¹⁶⁸⁵.

Há outra fonte também em Epiro em que as tochas acesas se apagam, como nas demais fontes, mas em que as tochas apagadas se acendem, coisa que não acontece com as demais fontes¹⁶⁸⁶.

Na Arcádia, há um pedra que, uma vez aquecida, permanece para sempre quente, sem que se possa resfriá-la e que são chamadas, por isto, de *asbesto*¹⁶⁸⁷.

No Egito, a madeira de uma certa figueira não flutua como as outras madeiras, mas afunda e, o que é mais estranho, após ter permanecido algum tempo no fundo da água, ela volta à superfície, mesmo que, penetrada pela água, ela deve estar mais pesada¹⁶⁸⁸.

Nos arredores de Sodoma, a terra produz frutos em que sua aparente maturidade convida à colheita e que se transformam em cinzas ao toque das mãos ou dos dentes¹⁶⁸⁹.

¹⁶⁸⁴ Povo da África.

¹⁶⁸⁵ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 05, cap. 5.

¹⁶⁸⁶ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 02, cap. 106.

¹⁶⁸⁷ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 37, cap. 54. *Asbestos*, inextinguível. A verdade é que o amianto, mineral filamentoso, com o qual se pode fazer uma espécie de tecido, resiste a um fogo muito intenso, como acontece, aliás, com todo os outros silicatos.

¹⁶⁸⁸ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 13, cap. 14.

¹⁶⁸⁹ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 36, 19. Ver François René Auguste de Chateaubriand, *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, 1811, tomo II, pág. 176 e seg. Compare com a narrativa mais recente do viajante Louis Félicien de Saulcy, *Voyage autour de la Mer Morte*, 1853.

Na Pérsia há uma pedra chamada *pirita*, assim chamada por que se inflama se for apertada fortemente¹⁶⁹⁰ e outra chamada *selenita*, cuja brancura interior cresce e diminui com a lua¹⁶⁹¹.

As éguas da Capadócia são fecundadas pelo vento e seus potros não vivem mais do que três anos¹⁶⁹².

Na Índia, o solo da ilha de Tilo é preferido a todos os outros, por que as árvores dali jamais perdem sua folhagem¹⁶⁹³.

Que os incrédulos que não querem dar fé às Escrituras Santas, sob o pretexto de que ela contém coisas inacreditáveis, expliquem, se puderem, todas essas maravilhas. Não há nenhuma explicação racional, eles dizem, que explique a carne queimar sem ser consumida e que ela sofra sem morrer. Grandes racionalistas, que podem explicar tudo o que há de maravilhoso no mundo! Que eles expliquem o pouco que eu acabo de relatar.

Não duvido que, se os fatos citados acima lhes permanecessem desconhecidos e que viessem a lhes dizer que eles aconteceriam um dia, acreditariam menos ainda do que quando agora lhes falamos sobre as penas futuras.

De fato, quem dentre eles gostaria de acreditar em nós, se, invés de afirmar que os corpos dos condenados viverão e sofrerão eter-

¹⁶⁹⁰ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 36, cap. 30. Seria mais correto dizer: *se for esfregada fortemente*.

¹⁶⁹¹ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 37, cap. 67. É inútil alertar que essa crença popular não se apoia em nenhuma observação séria.

¹⁶⁹² Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 8, cap. 67.

¹⁶⁹³ Cf. Plínio. *História Natural*, Livro 12, cap. 21. Tilo é uma ilha do Golfo Pérsico e não da Índia.

namente nas chamas, nós lhes disséssemos que haverá um sal que se dissolve no fogo e que crepita em contato com a água, uma fonte tão quente no frescor da noite que não se pode tocar e tão fria no calor do dia que ninguém pode beber dela, uma pedra que se queima ao ser pressionada e outra que, uma vez inflamada, nunca se apaga?

Se anunciassemos todas essas maravilhas para o século futuro, os incrédulos responderiam: “Quer que acreditemos nisso? Dê-nos uma explicação racional”. Não bastaria então admitir que isto não está em nosso poder e que a inteligência humana é muito limitada para penetrar as causas dessas maravilhosas obras de Deus?

Mas nem por isso estamos menos seguros de que Deus não faz nada sem uma razão, de que nada do que ele quer lhe é impossível e que acreditamos em tudo o que ele anuncia, por que não podemos acreditar que ele seja um mentiroso ou um incapaz.

O que respondem, no entanto, esses detratores de nossa fé, esses grandes buscadores de explicações racionais, quando lhes pedimos as explicações racionais das maravilhas que existem sob nossos olhos e dos prodígios que a razão natural não pode compreender, já que parecem contrários à própria natureza das coisas?

Se nós lhes anunciamos como devendo acontecer, eles não nos desafiam a lhes dar uma explicação racional, como acontece com todos os milagres que anunciamos para o futuro?

Então, se a razão falha e a palavra falta diante dessas obras de Deus, que nossos adversários deixem de dizer que uma coisa não existe ou não pode existir por que a razão humana não pode explicá-la. Isso não impede os fatos que acabamos de citar de acontecerem. Isso não impedirá os prodígios anunciados pela fé de se realizarem um dia.

Capítulo VI

Nem todos os milagres são fatos naturais. A maior parte é imaginação humana ou artifício dos demônios.

Mas eu os ouço clamarem: “Tudo isso não existe. Não acreditamos em nada”. E, acrescentando racionalizações, dizem: “O que se diz, o que se escreve, também são falsidades. Se temos que acreditar nisso, acreditem também que houve, ou que há, um certo templo de Vênus, onde se vê um candelabro que tem uma lamparina que queima em pleno ar e que os ventos e nem a chuva podem apagar, o que lhe valeu o nome, como a pedra famosa, o nome de *λύχνος ἄσβεστος* (*luxuos asbestos*), ou seja, luz inextinguível”.

Eu não ficaria surpreso se nossos adversários acreditassesem que, com este discurso, eles nos calariam a boca. Se declararmos que não se deve dar crédito à lamparina de Vênus, nós desqualificamos as outras maravilhas que relatamos e se admitimos esta história como verdadeira, nós damos autoridade às divindades pagãs.

Mas, assim como eu disse no décimo oitavo livro desta obra¹⁶⁹⁴, não somos obrigados a acreditar em tudo o que diz a história profana. Seus próprios autores não estão sempre de acordo e, como diz Varrão, parecem conspirar para se contradizerem. Nós não acreditamos então no que está em desacordo com os livros que não duvidamos em fazer objeto de nossa fé.

Quanto às maravilhas da natureza que utilizamos para convencer os incrédulos da verdade das maravilhas futuras que a fé nos anuncia, nós nos contentamos em acreditar naqueles que podemos nós mesmos experimentar ou não são difíceis de justificar através de testemunhos.

Esse templo de Vênus, essa lamparina que não pode se extinguir, longe de nos perturbar, nos daria um bom argumento contra nossos adversários, pois nós os incluímos na lista dos milagres da magia; tanto aqueles realizados pelos próprios demônios, quanto os que eles realizam por intermédio dos humanos.

Não poderíamos negar esses milagres sem ir contra os testemunhos das Escrituras. Ora, de três coisas, uma: ou a esperteza humana utilizou a pedra asbestos para acender essa lamparina; ou ela é obra da magia; ou algum demônio, sob o nome de Vênus, produziu essa maravilha.

¹⁶⁹⁴ No cap. 18.

Ora, os espíritos malignos são atraídos para certos lugares, não por causa das carnes, como os animais, mas por certos sinais apropriados ao seu gosto, como diversos tipos de pedras, de ervas, de madeiras, de encantamentos e cerimônias. Para serem assim atraídos pelos humanos, eles primeiro os seduzem, seja insuflando-lhes um veneno secreto no coração, seja formando com eles falsas amizades. Assim, eles fazem alguns discípulos que eles estabelecem como senhores de vários outros.

O justo nunca poderia saber, se não lhe tivessem ensinado, quais são as coisas que os demônios amam, quais são as que os aborrecem, o que os atrai, o que os obriga a vir, enfim, tudo o que faz a ciência da magia. Mas eles trabalham sobretudo para se tornarem os senhores dos corações e disso que eles mais se vangloriam, quando tentam se transformar em anjos de luz¹⁶⁹⁵.

Eles realizam, portanto, muitas coisas, concordo. E coisas das quais devemos desconfiar, quanto mais maravilhosas elas são. Além disso, elas mesmas nos servem para provar nossa fé, pois, se os demônios impuros são tão poderosos, o quanto mais poderosos são os santos anjos! O quanto também é Deus __ que deu aos anjos o poder de realizar tantos milagres __ mais poderoso do que eles!

¹⁶⁹⁵ Cf. 2 Coríntios 11: 14.

Que se admita então que as criaturas de Deus produzem, por meio das artes mecânicas, todos esse prodígios chamados *μεχανήματα* (*mequanemata*), tão surpreendentes para aqueles que não conhecem seus segredos e que os acreditam divinos. Como aquela estátua de ferro em um templo, suspensa no ar por imas; ou como essa lamparina de Vênus citada há pouco e que todo milagre talvez consista apenas em asbestos adaptado engenhosamente.

Se tudo isso for admitido como verdadeiro e se as obras dos mágicos, que as Escrituras chamam de feiticeiros e encantadores, puderam dar um renome tal aos demônios que um grande poeta não hesitou em dizer de uma feiticeira: “Ela assegura que seus encantamentos podem, segundo sua vontade, libertar as almas ou enviar-lhes cruéis feitiços, interromper o curso dos rios e fazer os astros retrocederem. Ela invoca, à noite, pelo nome, as almas dos mortos, você vê a terra mugir sob seus pés e os freixos descerem a montanha”¹⁶⁹⁶.

O quão mais fácil é para Deus fazer maravilhas que parecem incríveis aos fiéis! Ele que deu sua virtude às pedras, como a todo o resto. Ele que distribui aos humanos a genialidade que lhes serve para modificar a natureza de mil maneiras maravilhosas. Ele que fez os anjos; criaturas tão mais poderosas do que todas as forças da terra! Seu poder é uma maravilha que ultrapassa todas as outras e sua sabe-

¹⁶⁹⁶ Virgílio, *Eneida*, livro IV, versos 487-491.

doria, que age, que ordena e permite, não brilha menos no uso que ele faz de todas as coisas do que na criação do universo.

Capítulo VII

A onipotência de Deus é a razão suprema que deve fazer acreditar nos milagres.

Por que então Deus não poderia fazer com que os corpos dos mortos ressuscitem e o dos condenados sejam eternamente atormentados. Ele que criou o céu, a terra, o ar, as águas e todas as maravilhas inumeráveis que preenchem o universo?

Mas nossos debatedores, que acreditam em um Deus criador do universo e que o governa pelo ministério dos deuses inferiores, igualmente criados por suas mãos, nossos adversários, eu digo, mesmo gostando de exaltar, mesmo longe de conhecer, as potências que operam diversos efeitos surpreendentes (seja por que elas agem por sua própria vontade, seja por que elas são impedidas de agir, por meio de certos ritos ou mesmo invocações mágicas), quando lhes falamos da virtude maravilhosa de vários objetos naturais, que não são animais racionais e nem espíritos, como os que, por exemplo, acabamos de enumerar, eles nos respondem: é sua natureza, a natureza lhes deu essa propriedade, são apenas as virtudes naturais das coisas.

Assim, a única razão pela qual o sal de Agrigento dissolve no fogo e crepita na água, é que esta é sua natureza. Ora, isso parece mais um efeito contra a natureza, já que a natureza deu ao fogo e não à água, a propriedade de fazer o sal crepitá e à água e não ao fogo, a de dissolver. Mas, eles dizem, a natureza desse sal é ser contrário ao sal comum.

Esta deve ser também, aparentemente, a bela explicação que eles nos reservam da fonte dos Garamantes, gelada de dia e borbulhante à noite e da fonte extraordinária que, fria à mão e extintora, como todas as outras, das chamas acesas, acende as chamas apagadas. Será o mesmo da pedra asbesto, que, sem ter um calor próprio, uma vez acesa, não pode mais se apagar e, enfim, tantos outros fenômenos que seria cansativo lembrar aqui. Eles são contra a natureza, nos explicarão sempre, dizendo que esta é a natureza das coisas. Explicação muito curta, concordo e resposta bem satisfatória!

Mas, já que Deus é o autor de todas as naturezas, donde vem que nossos debatedores, quando se recusam a acreditar em uma coisa que afirmamos, sob o pretexto de que ela é impossível, não querem concordar que nós damos uma explicação melhor do que a sua, dizendo que esta é a vontade do Onipotente? Pois, enfim, Deus só é chamado assim por que ele pode fazer tudo o que quer.

Não foi ele que criou tantas maravilhas surpreendentes que eu relatei e que se acreditaria, sem dúvida, impossíveis, se não fossem

vistas pelos próprios olhos, ou, pelo menos, se não houvesse provas e testemunhos dignos de fé? Pois, por causa daquelas que não possuem outro testemunho além daquele que a relata e que, não sendo inspirado pelas luzes divinas, pôde, como todas as pessoas, ser induzido ao erro, é permitido a cada um acreditar no que quiser.

Quanto a mim, não quero que se acredite irrefletidamente nos prodígios que relatei, por que eu mesmo não posso assegurar sua existência, exceto aqueles que eu mesmo experimentei e que cada um pode facilmente experimentar, como a cal que ferve na água e permanece fria no óleo; o imã, que não conseguia mover uma palha, mas ergue o ferro; a carne do pavão, inacessível à corrupção que não poupou o corpo de Platão; a palha, tão fria que conserva a neve e tão quente que faz amadurecer as frutas; enfim, o fogo que embranquece as pedras e enegrece todos os outros objetos. Há também o óleo, que produz manchas negras, embora seja claro e brilhante e a prata, que enegrece o que toca, embora seja branca. Certa também é a transformação da madeira em carvão; brilhante, ela se torna negra; dura, ela se torna frágil; sujeita à corrupção, ela se torna incorruptível. Eu vi todos estes efeitos e um grande número de outros que é inútil lembrar.

Quanto àqueles que eu não vi e que encontrei nos livros, confesso, que não pude comprová-los por testemunhos certos, exceto, no entanto, a fonte onde as chamas acesas se apagam e as chamas apa-

gadas se acendem. Também os frutos de Sodoma; belos por fora, mas internamente são cinza e fumaça.

A fonte de Epiro, no entanto, eu não encontrei niguém que me tenha dito que a viu, mas outros viajantes me asseguraram terem visto na Gália outra bem semelhante, perto de Grenoble.

Quanto aos frutos de Sodoma, não apenas os historiadores dignos de fé, mas um grande número de viajantes o asseguraram tão firmemente que eu não posso duvidar.

Deixo os outros prodígios pelo que eles são. Eu os relatei dando fé nos historiadores de nossos debatedores, para mostrar com que facilidade nos reportamos às suas palavras, na ausência de uma boa razão, enquanto que eles não se dignam acreditar em nós mesmos, quando anunciamos as maravilhas que Deus deve realizar, sob o pretexto de que elas estão além de suas experiências.

Nós, no entanto, damos razão à nossa fé, pois que razão melhor se pode dar a essas maravilhas, do que dizer: o Onipotente as profetizou nos mesmos livros onde ele profetizou muitas outras que nós vimos acontecer? Ele saberá fazer, segundo o que prometeu, as coisas que são julgadas impossíveis já prometidas e que fez as nações incrédulas acreditarem nas coisas impossíveis.

Capítulo VIII

Duas perspectivas diferentes da credibilidade.

Mas, dizem nossos contraditores, o que nos impede de acreditar que corpos humanos possam queimar para sempre sem jamais morrer é que nós sabemos que esta não é a natureza dos corpos humanos, enquanto que todos os fatos maravilhosos relatados há pouco são uma sequência de coisas que possuem essas naturezas.

Eu respondo que, segundo nossas Santas Escrituras, a natureza do corpo humano, antes do pecado, era não morrer e que, por ocasião da ressurreição dos mortos, ele será restabelecido ao seu primeiro estado.

Mas, como os incrédulos não querem essa autoridade, já que, se eles a recebessem nós não teríamos mais dificuldade em lhes provar os tormentos eternos dos condenados, é preciso reproduzir aqui alguns testemunhos de seus escritores mais sábios, que mostrem que uma coisa pode se tornar — na sequência do tempo — outra bem diferente do que havia sido antes.

Eis o que eu encontro textualmente no livro de Varrão intitulado **A Origem do Povo Romano**: “Aconteceu no céu um estranho prodígio. Cástor afirma que a brilhante estrela de Vênus, que Plauto chama de *Vesperugo* e Homero *Hesperos*, mudou de cor, de tamanho, de figura e de movimento; fenômeno que jamais tinha sido visto

antes. Adraste de Cizique e Díon de Nápoles, ambos matemáticos célebres, dizem que isso aconteceu sob o reinado de Ogigés”¹⁶⁹⁷.

Varrão, que é um escritor notável, não chamaria esse acidente de prodígio, se ele não lhe tivesse parecido antinatural. Pois nós dizemos que todos os prodígios são contra a natureza, mas isto não é verdadeiro.

De fato, como classificar de contrários à natureza, efeitos que acontecem pela vontade de Deus, já que só a vontade do Criador faz a natureza de cada coisa? Os prodígios não são, portanto, contrários à natureza, mas somente a uma certa noção que tínhamos antes da natureza dos objetos.

Quem poderia contar o número imenso de prodígios que são relatados nos escritores profanos? Mas, fiquemos somente no que diz respeito ao nosso tema.

O que há de mais regular para o autor da natureza do que o curso dos astros? O que há no mundo que seja estabelecido sobre leis mais fixas e mais imutáveis? No entanto, quando aquele que governa suas criaturas com um império absoluto julgou conveniente, uma estrela, que é memorável entre todas as outras por sua grandeza e pelo seu brilho, mudou de cor, de grandeza, de forma e, o que é mais espantoso ainda, a regra e a lei de seu curso.

¹⁶⁹⁷ Cf. Fréret, *Mémoires de l'Académie des Belles-Lettres*, tomo X, pp. 357-376.

Certamente que esse é um evento que coloca em dúvida todas as tábuas astronômicas __ se elas já existissem __ e todos os cálculos dos estudiosos. Cálculos tão precisos na opinião deles que ousaram dizer que essa metamorfose de Vênus não havia acontecido antes e não está prevista para acontecer novamente.

Quanto a nós, lemos nas Escrituras que o próprio sol interrompeu seu curso sob as ordens de Josué de Nun¹⁶⁹⁸, para lhe dar tempo de conseguir sua vitória e que ele voltou atrás, para assegurar ao rei Ezequias os quinze anos que Deu lhe havia prometido¹⁶⁹⁹. Mas, quando os infiéis acreditam nesses milagres concedidos por virtude dos santos, eles os atribuem à magia, como eu mencionei há pouco, quando falei da feiticeira de Virgílio, “que parava o curso dos rios e fazia os astros voltarem atrás”¹⁷⁰⁰.

Lemos também nas Escrituras que o Jordão interrompeu seu curso e voltou para trás, para deixar passar o povo de Deus, sob a liderança de Josué de Nun¹⁷⁰¹ e que a mesma coisa aconteceu ao profeta Elias e em seu discípulo Eliseu¹⁷⁰² também lemos o milagre da

¹⁶⁹⁸ Cf. Josué 10: 13. *E o sol parou e a lua não se moveu até que o povo se vingou de seus inimigos. Isto acha-se escrito no Livro do Justo. O sol parou no meio do céu e não se apressou a pôr-se pelo intervalo de quase um dia inteiro.*

¹⁶⁹⁹ Isaías 38: 8. *Farei a sombra recuar os dez graus que o sol já lhe fez descer no relógio solar de Acaz. E o sol voltou dez graus para trás.*

¹⁷⁰⁰ Eneida, livro IV, verso 489.

¹⁷⁰¹ Cf. Josué 3: 16. *As águas que vinham de cima detiveram-se e amontoaram-se em uma grande extensão, até perto de Adom, localidade situada nas proximidades de Sartã e as águas que desciam para o mar da planície, o mar Salgado, foram completamente separadas.*

¹⁷⁰² Cf. 2 Reis 2: 8-14.

retrogradação do sol em favor do rei Ezequias. Mas o prodígio da estrela de Vênus, relatado por Varrão, não lemos que ele tenha acontecido sob as preces de nenhuma pessoa.

Que os infiéis não se deixem cegar por esse suposto conhecimento da natureza das coisas. Como se Deus não pudesse realizar mudanças que eles não conhecem!

A bem dizer, as coisas mais ordinárias não nos pareceriam menos maravilhosas que as outras, se não estivéssemos tão acostumados a admirar somente aquelas que são raras. Refletindo um pouco, quem não admirará que, na multidão infinita de pessoas, todos sejam tão semelhantes uns aos outros que sua natureza os distingue de todos os outros animais e tão diferentes que se distinguem facilmente entre eles? E essa diferença é mesmo ainda mais admirável que sua semelhança, pois parece bem natural que animais de uma mesma espécie se pareçam. No entanto, como para nós só é maravilhoso o que é raro, nós só nos espantamos quando vemos duas pessoas tão parecidas uma à outra que tomaríamos uma pela outra e nos enganaríamos sempre.

Mas, talvez nossos adversários não acreditem no fenômeno que acabo de relatar e que foi descrito por Varrão, mesmo que Varrão seja um dos seus historiadores e um homem muito sábio. Ou talvez eles fiquem ligeiramente impressionados, por que esse prodígio não durou muito tempo e a estrela retomou seu curso ordinário.

Eis então outro prodígio que existe até hoje e que, em minha opinião, deve bastar para convencê-los de que, se claramente eles se gabam de conhecer a natureza das coisas, isto não é motivo para proibir Deus de transformá-las como ele achar melhor e mudá-las em outras que eles não conhecem.

A terra de Sodoma não sempre foi como ela é hoje em dia. Sua superfície era semelhante a das outras terras e mesmo mais fértil, pois as Escrituras a compararam ao paraíso terrestre¹⁷⁰³. No entanto, depois que o fogo do céu a tocou, o aspecto ficou horrível, segundo a opinião até mesmo dos historiadores profanos, confirmada pelas histórias dos viajantes e seus frutos, com uma bela aparência, só possuem cinzas e fumaça. Ela não era assim antes, e é assim agora. O autor de todas as naturezas fez na sua uma mudança tão prodigiosa que ela permanece assim até hoje, após uma longa sequência de séculos.

Da mesma forma como não foi impossível para Deus criar as naturezas como ele quis, não lhe é impossível também mudá-las como ele quiser. Daí vem esse número infinito de coisas extraordinárias chamadas monstros, *ostenta*, portentos, prodígios e que seria infinitamente longo relatar.

¹⁷⁰³ Cf. Gênesis 12: 10. *Lot, levantando os olhos, viu que a toda a planície de Jordão era regada de água (o Senhor não tinha ainda destruído Sodoma e Gomorra) como o jardim do Senhor, como a terra do Egito ao lado de Tsoar.*

Dizem que monstro vem de *monstrare* (mostrar), por que eles mostram, de alguma maneira, algo com um significado; *ostentum*¹⁷⁰⁴, de *ostendere* (revelar); portento, de *portendere* (prever, pressagiar); prodígio, de *porro dicere* (preanunciar o futuro).

Mas, que os adivinhos predigam o que eles quiserem, seja por que ele se enganam, seja por que Deus permite, de fato, que os demônios os inspirem para puni-los por sua curiosidade e cegá-los ainda mais, seja, enfim, por que os demônios encontrem o justo por acaso, quanto a nós, pensamos que o que é chamado de fenômeno contra a natureza, segundo uma locução empregada pelo próprio São Paulo, quando ele fala que a oliveira selvagem enxertada, contra a natureza, na oliveira boa, participa de seu suco e de sua seiva¹⁷⁰⁵, pensamos que esses fenômenos, no fundo, são tudo, menos contra a natureza e servem para provar claramente que nenhum obstáculo, nenhuma lei da natureza, impedirá Deus de fazer dos corpos condenados o que ele previu.

Ora, como ele o previu? Isto eu penso ter demonstrado suficientemente no livro precedente, através de testemunhos tirados do Antigo e do Novo Testamento.

¹⁷⁰⁴ *ostentum*, maravilha, prodígio, portento.

¹⁷⁰⁵ Cf. Romanos 11: 17-24.

Capítulo IX

A Geena de fogo e a natureza das penas eternas.

Não se pode então duvidar de que a sentença que Deus pronunciou através de se Profeta, no tocante ao suplício dos condenados, não se realize exatamente como ele disse: *O verme deles não morrerá e seu fogo não se extinguirá*¹⁷⁰⁶.

E foi para que nós melhor comprehendêssemos esta verdade que Jesus Cristo, quando prescreveu cortar os membros que escandalizam as pessoas, designando com isso as pessoas que amamos como se fossem nossos membros, disse o seguinte: *Se a tua mão for para ti ocasião de queda, corta-a. Melhor te é entrares na vida aleijado do que, tendo duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível, onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga*¹⁷⁰⁷.

E disse a mesma coisa sobre os pés: *Se o teu pé for para ti ocasião de queda, corta-o fora. Melhor te é entrares coxo na vida eterna do que, tendo dois pés, seres lançado à geena do fogo inextinguível onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga*¹⁷⁰⁸.

Por fim, ele fala do olho nos mesmos termos: *Se o teu olho for para ti ocasião de queda, arranca-o. Melhor te é entrares com um olho de menos no Reino de Deus do que, tendo dois olhos, seres lan-*

¹⁷⁰⁶ Isaías 66: 24.

¹⁷⁰⁷ Marcos 9: 43 e 44.

¹⁷⁰⁸ Marcos 9: 45 e 46.

çado à geena do fogo, onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga¹⁷⁰⁹.

Ele não deixou então de repetir a mesma coisa no mesmo lugar. Quem não ficaria impressionado com essa repetição e essa ameaça saída com tanta força de uma boca divina?

No entanto, aqueles que afirmam que esse verme e esse fogo não são penas para o corpo, mas para a alma, dizem que as pessoas separadas do reino de Deus serão queimadas na alma por uma dor e um arrependimento tardios e inúteis e que assim a Escritura pôde utilizar a palavra fogo para marcar essa dor que queima. Daí, eles acrescentam, estas palavras do Apóstolo: Quem sofre escândalo, que eu não me consuma de dor?¹⁷¹⁰ Eles acreditam também que o verme simboliza a mesma dor, pois está escrito, eles dizem, que: *Como uma traça em uma vestimenta e um verme na madeira, da mesma forma, o sofrimento de um homem machuca o seu coração*¹⁷¹¹.

Mas aqueles que não duvidam de que o corpo seja atormentado no inferno, bem como a alma, sustentam que o corpo ali será queimado pelo fogo e a alma roída, de alguma forma, por um verme de dor.

Mesmo que esta opinião seja provável, pois é absurdo supor que, seja o corpo seja a alma, não sofram juntos no inferno, eu acre-

¹⁷⁰⁹ Marcos 9: 47 e 48.

¹⁷¹⁰ 2 Coríntios 11: 29.

¹⁷¹¹ Provérbios 25: 20 (Septuaginta).

ditaria mais que o verme e o fogo se aplicam aqui ao corpo e não à alma. Eu diria então que as Escrituras não fazem menção à pena da alma por que ela está, necessariamente, implícita na do corpo.

De fato, lemos no Antigo Testamento: *O fogo e o verme são o castigo da carne do ímpio*¹⁷¹². Ele poderia ter dito simplesmente: *são o castigo do ímpio*. Por que ele disse: *são o castigo da carne do ímpio*, se não foi por que o verme e fogo serão ambos o castigo do corpo?

Ou então se ele falou da carne foi por que as pessoas serão punidas por terem vivido segundo a carne e cairão na segunda morte, que o Apóstolo alertou desta forma: *Se viverdes segundo a carne, haveis de morrer*¹⁷¹³.

Que cada um escolha, entre os dois sentidos, aquele que preferir: reportar o fogo ao corpo e o verme à alma ou reportar ambos ao corpo.

Eu já mostrei que os animais podem viver e sofrer no fogo sem morrer e sem se consumir, por um milagre da vontade de Deus, a quem não se pode contestar este poder sem ignorar que ele é o autor de tudo o que se admira na natureza.

De fato, foi ele que produziu, no mundo, as maravilhas que eu enumerei e todas aquelas em número infinito que deixei passar em

¹⁷¹² Eclesiástico 7: 19.

¹⁷¹³ Romanos 8: 13.

silêncio e este mundo, enfim, cujo conjunto é mais maravilhoso ainda do que tudo o que ele contém.

Assim, é livre a cada um escolher, entre os dois sentidos, aquele que preferir e reportar o verme ao corpo, tomando o termo literalmente, ou à alma, tomando-o em sentido figurado.

Quanto a saber qual é a melhor escolha, isto é o que saberemos um dia, quando a ciência dos santos estiver tão perfeita que eles não precisarão experimentar essas penas para conhecê-las. Pois agora, *A nossa ciência é parcial, a nossa profecia é imperfeita*¹⁷¹⁴. Mas, *Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá*¹⁷¹⁵. Neste momento, basta rejeitar a opinião de que os corpos dos condenados não serão atormentados pelo fogo.

Capítulo X

Como o fogo físico do inferno pode queimar os demônios que não tem corpos.

Aqui se apresenta uma questão: se o fogo do inferno não é um fogo imaterial, análogo à dor da alma, mas um fogo material, que queima ao contato e é capaz de atormentar os corpos, como ele poderá ser utilizado no suplício aos demônios, que são espíritos?

¹⁷¹⁴ 1 Coríntios 13: 9.

¹⁷¹⁵ 1 Coríntios 13: 10.

Sabemos que o mesmo fogo servirá ao suplício dos demônios e aos humanos, por causa destas palavras de Jesus Cristo: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*¹⁷¹⁶. É necessário então que os demônios também tenham, como pensaram estudosos, corpos compostos desse ar grosseiro e úmido que sentimos, quando ele é agitado pelo vento¹⁷¹⁷.

De fato, se esse elemento não pudesse receber nenhuma sensação do fogo, ele não deveria queimar, quando é aquecido em um banho. Para queimar, é preciso que ele mesmo seja queimado e cause a sensação que experimenta. Além disso, se afirmarmos que os demônios não têm corpo, é inútil se dar ao trabalho de provar o contrário.

Quem nos impedirá de dizer que os espíritos, mesmo incorpóreos, podem ser atormentados por um fogo corpóreo de uma maneira bem real, embora maravilhosa, no momento em que os espíritos humanos, que certamente são também incorpóreos, podem estar atualmente encerrados em corpos e aí estão unidos então por laços indissolúveis?

Se os demônios não possuem corpos, eles serão presos a fogos materiais para serem atormentados. Não que eles deem vida a esses fogos, de maneira a formar seres compostos por corpo e alma, mas,

¹⁷¹⁶ Mateus 25: 41.

¹⁷¹⁷ Esta é a opinião de Orígenes, que se sustenta, em seu tratado *Principes* (livro II) que somente Deus é incorpóreo. Tertuliano, diferenciando sutilmente o corpo da carne, quer que os anjos sejam corpóreos sem ter carne (*De carne Christi*). Enfim, São Basílio sustenta que os anjos possuem cada um seu corpo e um corpo visível (*De spir. sanct. cap. 16*).

como eu já disse, isso acontecerá de maneira maravilhosa e eles estarão tão unidos a esses fogos que receberão deles a dor, sem lhes comunicar a vida. Da mesma forma, a própria união que liga atualmente os espíritos aos corpos, para formarem seres, ela não é maravilhosa e incompreensível aos seres humanos? No entanto, isto é o próprio ser humano.

Eu diria que esses espíritos queimarão sem corpos, como aquele rico mau que queimava no inferno, quando gritou: *Sou cruelmente atormentado nestas chamas*¹⁷¹⁸.

Entendo que argumentarão que essas chamas eram da mesma natureza dos olhos que o rico mau ergueu para Lázaro, que a língua que ele queria refrescar com uma gota de água e que o dedo de Lázaro, que ele queria utilizar para esse fim, mesmo que tudo isso acontecesse em um lugar onde as almas não possuem corpo. Essas chamas que o queimavam e essa gota de água que ele pedia eram, portanto, incorpóreas, como são as coisas que se vê ao dormir ou no êxtase, as quais, mesmo que incorpóreas, aparecem, no entanto, como corpos. A pessoa que está nesse estado, embora só esteja ali em espírito, não deixa de se ver semelhante ao seu corpo, que ela não pode encontrar diferença.

¹⁷¹⁸ Lucas 16: 24.

Mas essa Geena, que as Escrituras chamam também de lago de fogo e de enxofre¹⁷¹⁹, será um fogo corpóreo e atormentará os corpos das pessoas e dos demônios. Ou então, se estes não possuem corpos, eles serão unidos a esse fogo, para sofrerem aí sem lhes dar vida, pois só haverá um fogo, tanto para um quanto para o outro, como disse a Verdade¹⁷²⁰.

Capítulo XI

Se haveria justiça na duração da pena mais longa do que a vida dos pecadores.

Mas, alguns debatedores, diante dos quais estamos defendendo a Cidade de Deus, afirmam que é injusto punir os pecados desta vida, por maiores que eles sejam, com um suplício eterno. Como se algum dia, alguma lei tivesse adequado a duração da pena à do crime!

As leis, segundo Cícero, estabelecem oito tipos de penas: a multa, a prisão, o chicote, o talião, a infâmia, o desterro, a morte e a escravidão. Há alguma destas penas cuja duração seja proporcional à do crime, a não ser, talvez, a de talião¹⁷²¹, que ordena que o criminoso sofra o mesmo mal que ele causou; daí vindo estas palavras da Lei: *Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé*¹⁷²².

¹⁷¹⁹ Cf. Apocalipse 20:9.

¹⁷²⁰ Cf. Mateus 25: 4.

¹⁷²¹ Sobre apena de talião, imposta pela Lei das Doze Tábuas (*Si membrum rupit, nicum eo pacit, talio esto*), ver Aulus Gálio, *Nuits antiques*, livro XX, cap. 1.

¹⁷²² Éxodo 21: 24.

É materialmente possível, de fato, que a justiça arranque o olho do criminoso em tão pouco tempo quanto ele arrancou o olho de sua vítima. Mas, se a razão quer que aquele que deu um beijo na mulher alheia seja punido com o chicote, quanto tempo ele sofreria por uma falta que durou um instante? A mansidão de uma curta volúpia não é punida, neste caso, com uma dor muito longa?

O que direi da prisão? Deve-se passar ali o tempo que durou o delito que levou até ela? Mas, não vemos um escravo permanecer nela vários anos nos ferros, por ter ofendido seu senhor com uma só palavra ou por tê-lo ferido com um golpe cuja marca passou em instantes?

Quanto à multa, a infâmia, o desterro e a servidão, como estas penas são comumente irrevogáveis, elas não são, de alguma forma, semelhantes às penas eternas, com relação à brevidade desta vida? Elas não podem ser realmente eternas, por que a vida mesma, onde elas são sofridas, não o é. No entanto, as faltas que são punidas com suplícios tão longos são cometidas em muito pouco tempo, sem que jamais ninguém pensasse que fosse preciso adequar a duração dos tormentos à duração ou à dimensão dos crimes.

Pode-se imaginar que as leis façam consistir o suplício dos condenados à morte no curto momento que dura a execução? Elas o fazem consistir em suprimi-los para sempre da sociedade dos vivos.

Ora, o que se faz nesta cidade mortal pelo suplício da primeira morte, se fará igualmente na cidade imortal pela segunda morte. Da mesma forma como as leis humanas não trazem jamais à sociedade a pessoa atingida pela pena capital, assim também as leis divinas não trazem jamais à vida eterna aquele que é atingido pela segunda morte.

Como então, argumentarão, estas palavras de Jesus Cristo podem ser verdadeiras: *Com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos vós também*¹⁷²³, se um pecado temporal é punido com uma pena eterna? Mas, não se observa que a medida mencionada aqui não diz respeito ao tempo, mas ao mal e que isto é o mesmo que dizer que aquele que tiver feito o mal o sofrerá. Além disso, pode-se muito bem entender também estas palavras de Jesus Cristo em seu sentido próprio, ou seja, no sentido dos julgamentos e das condenações tratadas neste capítulo. Assim, se aquele que julga e condena injustamente seu próximo é, ele mesmo, julgado e condenado justamente, isto é a medida na mesma medida, mesmo que ele não receba o que provocou. Ele é julgado como julgou os outros, mas a punição que ele sofre é justa, enquanto que aquela que ele infligiu ao outro era injusta.

¹⁷²³ Lucas 6: 38.

Capítulo XII

A grandeza do primeiro pecado, que exigi uma pena eterna para todos, exceto à graça do Salvador.

Mas, uma pena eterna parece dura e injusta às pessoas por que, nas misérias da vida terrestre, elas não possuem a elevada e pura sabedoria que poderia lhes mostrar a dimensão da prevaricação primitiva. Quanto mais o ser humano desfrutava de Deus, mais seu crime foi grande por tê-lo abandonado e mereceu sofrer um mal eterno por ter destruído nele o bem que poderia também ser eterno. Daí a condenação de todo o conjunto do gênero humano, pois o primeiro culpado foi punido com toda sua posteridade, que estava nele como que em sua raiz.

Assim, ninguém está isento do suplício que merece, se não for libertado por uma graça que não merece. Desta forma, os seres humanos foram divididos assim: em alguns podemos ver a misericórdia gratuita e, em todo o resto, o que pode uma vingança justa. Ambas não poderiam aparecer em todos, já que, se todos permanecêssemos sob a pena de uma justa condenação, não se veria em ninguém a misericórdia de Deus e, por outro lado, se todos fôssemos transportados das trevas para a luz, não se veria em ninguém sua severidade.

Se há mais punidos do que salvos, é para mostrar o que era devido a todos. Pois então, mesmo que todos fôssemos envolvidos na vingança, ninguém poderia reclamar justamente da justiça do Deus

vingador. Se então, um grande número é libertado, que ações de graças não são devidas por esse benefício gratuito ao divino libertador!

Capítulo XIII

Contra aqueles que acreditam que os maus, após a morte, só serão punidos por penas purificadoras.

Os platônicos, é verdade, não desejam que uma só falta permaneça impune¹⁷²⁴, mas eles só reconhecem como penas que servem para a correção do culpado¹⁷²⁵, aquelas que sejam infligidas por leis humanas ou por leis divinas sofridas desde esta vida ou que se tenha que sofrer na outra por não tê-las sofrido aqui embaixo ou por não ter tornado melhor.

Daí vem que Virgílio, após ter falado dos corpos celestes e dos membros moribundos, fala da alma: “Daí vem seus medos, desejos, dores e suas alegrias, encerrada que está em uma prisão tenebrosa, de onde não pode contemplar o céu”. E ele acrescenta: “Quando, no último dia, a vida abandona as almas, suas misérias não terminaram e elas não são purificadas imediatamente de suas máculas físicas. Por uma lei necessária, mil vícios inveterados ainda estão presos a elas e aí germinam de mil maneiras. Elas são então submetidas a penas e

¹⁷²⁴ Ver, particularmente, em Platão, o Górgias, onde é exposta a teoria sublime da expiação. A mesma doutrina está em Plotino, no seu *Enéades III*, livro II, cap. 5 e em outros lugares.

¹⁷²⁵ Isto não se poderia aplicar justamente a Platão, cujas ideias sobre a penalidade são muito mais sólidas e mais extensas do que as de alguns de seus discípulos. Ver o mito de *Górgias* e o da *República*.

expiam nos suplícios seus crimes passados. Umas são suspensas no vazio e lançadas ao sopro do vento; outras são mergulhadas em um abismo imenso, para aí lavarem suas sujeiras ou para serem purificadas pelo fogo”¹⁷²⁶.

Aqueles que adotam esta opinião, só reconhecem após a morte as penas purificadoras e, como o ar, a água e o fogo são elementos superiores à terra, eles os utilizam como meios de expiação, para purificar as almas que a vida na terra manchou.

Desta forma, Virgílio empregou este três elementos: o ar, quando disse que elas são soltas ao sopro do vento; a água, quando ele as mergulhou no abismo imenso; o fogo, quando ele encarregou o fogo de purificá-las.

Quanto a nós, reconhecemos que há nesta vida mortal algumas penas purificadoras, mas elas só possuem este caráter naqueles que as aproveitam para se corrigir e não nos outros, que não se tornam melhores ou que até mesmo se tornam piores. Todas as outras penas, temporais ou eternas, que a providência de Deus inflige a todos pelo ministério humano ou dos anjos bons ou maus, têm por objetivo punir os pecados passados ou presentes ou para exercer e manifestar a virtude.

¹⁷²⁶ Eneida, livro VI, versos 733-742.

Quando suportamos algum mal, por malícia ou por erro de outro, peca quem nos causa esse mal. Mas Deus, que permite isto por um justo e secreto julgamento, não peca.

Uns então sofrem penas temporais nesta vida somente; outros, após a morte; outros ainda, nesta vida e após a morte; mas sempre antes do julgamento final.

Mas todos aqueles que sofrem penas temporais após a morte não caem nas eternas. Nós já dissemos que há aqueles em quem as penas não são remidas neste século e que são remidas no outro¹⁷²⁷, para que eles não sejam punidos com o suplício que não termina.

Capítulo XIV

As penas temporais desta vida que são uma consequência da condição humana.

São bem raros aqueles que, nesta vida, não tem nada que sofrer por expiação de seus pecados e que só os expiam após a morte. Conhecemos, no entanto, algumas pessoas que chegaram a um extrema velhice sem terem sofrido a menor febre e que passaram suas vidas em uma tranquilidade perfeita. Isto não nos impede de reconhecer

¹⁷²⁷ Cf. Mateus 12: 32. *Todo o que tiver falado contra o Filho do Homem será perdoado. Se, porém, falar contra o Espírito Santo, não alcançará perdão nem neste século nem no século vindouro.*

que a vida humana não passa de uma longa pena, de acordo com as palavras da Escritura: *A vida do homem sobre a terra é uma luta*¹⁷²⁸.

Só a ignorância já é uma grande pena, já que, para escapar dela, obrigamos as crianças, através de castigos, a aprender as artes e as ciências. O estudo a que são obrigadas pela punição é algo de tão penoso que, ao sofrimento do estudo, elas preferem, algumas vezes, o sofrimento do castigo. Aliás, quem não teria horror de recomeçar sua infância e não preferiria morrer? Ela começa com lágrimas, presagiando assim, sem saber, os males que vão começar.

Dizem, no entanto, que Zoroastro¹⁷²⁹, rei dos Bácrios, riu ao nascer. Mas esse prodígio não lhe anunciou nada de bom, pois ele passou por ter inventado a magia, que, aliás, não lhe foi de nenhuma ajuda contra seus inimigos, já que ele foi derrotado por Nino, rei dos Assírios¹⁷³⁰.

Também lemos nas Escrituras: *Um pesado jugo acabrunha os filhos de Adão, desde o dia em que saem do seio materno, até o dia em que são sepultados no seio da mãe comum*¹⁷³¹.

Essa sentença é tão inevitável, que até mesmo as crianças, libertadas pelo batismo do pecado original, o único que as torna culpadas, são sujeitas a uma infinidade de males. Até mesmo a serem

¹⁷²⁸ Jó 7: 1.

¹⁷²⁹ Cf. Plínio, *Nat. hist.* 7, 15.

¹⁷³⁰ Ver Justino, livro I, cap. 1, § 1 e Eusébio, *Chronic.* 1, 20.

¹⁷³¹ Eclesiástico 40: 1.

atormentadas algumas vezes por espíritos malignos. Mas, longe de nós o pensamento de que esses sofrimentos lhes sejam fatais, quando, pelo agravamento de uma doença, elas chegam a ter suas almas separadas de seus corpos.

Capítulo XV

A graça de Deus, que nos retira das profundezas de nossa antiga miséria, é um encaminhamento para o século futuro.

Mesmo que e esse jugo pesado que foi imposto aos filhos de Adão, desde sua saída do seio de sua mãe até o dia de seu sepultamento no seio da mãe comum, seja par nós, em nossa miséria, um ensinamento admirável, ele nos exorta a usar sobriamente todas as coisas e nos mostra que esta vida de castigo é apenas uma consequência do pecado terrível cometido no Paraíso e que tudo o que nos é prometido pelo Novo Testamento só visa a parte que teremos na vida futura.

É preciso então aceitar essa promessa como uma caução e viver na esperança, fazendo diariamente novos progressos e mortificando com o espírito as más inclinações da carne¹⁷³², pois *O Senhor conhece os que são seus*¹⁷³³ e todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Filhos pela graça e não pela natureza, ha-

¹⁷³² Cf. Romanos 8: 13 e 14. *De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer, mas, se pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis.*

¹⁷³³ 2 Timóteo 2: 19.

vendo somente um Filho de Deus por natureza, que, com sua bondade, se fez filho do homem, para que nós, filhos do homem por natureza, nos tornássemos, pela graça, filhos de Deus.

Sempre imutável, ele assumiu nossa natureza para nos salvar e, sem perder sua divindade, ele se fez participante de nossa natureza, para que, nos tornando melhores, nós perdêssemos o que temos de vicioso e de mortal, pela comunicação de sua justiça e de sua imortalidade e conservássemos o que ele colocou de bom em nós, na plenitude de sua bondade.

Da mesma forma como caímos, pelo pecado de uma só pessoa, em uma miséria deplorável¹⁷³⁴, assim também nós conseguimos, pela graça de uma só pessoa, mas de uma pessoa divina, a posse de uma grande felicidade.

Mas ninguém deve estar seguro de ter passado do primeiro estado para o segundo, até que tenha chegado ao lugar onde não haverá mais tentações e tenha tomado posse dessa paz buscada através dos combates que a carne empreende contra o espírito e o espírito contra a carne¹⁷³⁵.

Ora, uma guerra assim não aconteceria se o ser humano, usando seu livre arbítrio, tivesse conservado sua retidão natural. Mas,

¹⁷³⁴ Cf. Romanos 5: 12. *Por isso, como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que todos pecaram.*

¹⁷³⁵ Cf. Gálatas 5: 17: *Porque os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis.*

com sua recusa em manter com Deus uma paz que lhe trazia felicidade, ele agora é obrigado a manter miseravelmente combate contra ele mesmo.

No entanto, esse estado ainda é melhor do que aquele em que ele se encontrava antes de ter se convertido a Deus. É melhor combater o vício do que deixá-lo reinar sem combate e a guerra, acompanhada da esperança de uma paz eterna, é preferível ao cativeiro de onde não se espera sair.

É verdade que nós gostaríamos de não ter mais que empreender essa guerra e que, inflamados por um divino amor, desejamos ardenteamente essa paz e essa ordem estabelecidas, onde as coisas de valor inferior estarão para sempre subordinadas às coisas superiores. Mas, mesmo que, Deus nos livre, não tivéssemos fé nesse bem tão grande, deveríamos sempre amar mais esse combate, por mais penoso que ele seja, do que uma falsa paz, conseguida através do abandono de nossa alma à tirania das paixões.

Capítulo XVI

As leis da graça que se estendem sobre todas as épocas da vida das pessoas regeneradas.

A misericórdia de Deus com relação aos vasos de misericórdia ¹⁷³⁶ que ele destinou à glória é tal que, mesmo que a primeira e a segunda infâncias do ser humano — uma dedicada sem defesa à dominação da carne e a outra em que a razão é ainda fraca e, embora ajudada pela palavra, não pode combater as más inclinações — ambas não deixam, no entanto, de passar do poder das trevas para o reino de Jesus Cristo, sem mesmo atravessar o purgatório, quando uma criatura humana vem a morrer na idade em que ela não é ainda capaz de cumprir os mandamentos de Deus, contanto que ela tenha recebido os sacramentos do Mediador ¹⁷³⁷. A regeneração espiritual basta para arruinar, após a morte, a aliança que a geração carnal tinha contraído com a morte.

Mas, quando se chegou a uma idade capaz de disciplina, é preciso começar a guerra contra os vícios e se portar nela com coragem, para não cair em pecados que merecem a condenação.

Nossas más inclinações são mais fáceis de superar quando elas não estão ainda fortificados pelo hábito. Se nós as deixamos tomar império sobre nós e nos controlar, a vitória é mais difícil e só as su-

¹⁷³⁶ Cf. Romanos 9: 23.

¹⁷³⁷ Compare com Santo Agostinho, Carta XCVII, a Bonifácio.

peramos realmente quando o fazemos por amor à justiça verdadeira, que só é encontrada na fé de Jesus Cristo.

Se a Lei comanda sem que o espírito venha em seu socorro, a proibição que ela faz do pecado só serve para aumentar o desejo por ele; se bem que ele também aumenta pela violação da Lei.

Algumas vezes também se supera vícios manifestos através de outros que estão escondidos e que são tomados como virtudes, embora o orgulho e uma vaidade perigosa sejam seus verdadeiros princípios.

Os vícios só são realmente vencidos pelo amor de Deus. O amor que só Deus dá e que ele só dá através do Mediador entre Deus e os humanos: Jesus Cristo humano, que quis participar de nossa mortalidade miserável para nos fazer participar de sua divindade.

Ora, são em um número muito pequeno aqueles que atingem a adolescência sem cometer nenhum pecado mortal, sem cair em algum excesso, em alguma impiedade, suficientemente feliz e suficientemente fortes para terem sufocado, através da graça abundante do espírito, todos os movimentos desregrados da cobiça. A maior parte, após ter recebido o mandamento da Lei, a violaram e, deixando-se levar pela torrente de vícios, recorreram em seguida à penitência. De sorte que, assistidos pela graça de Deus, ele recobram a coragem e seu espírito, submetido a Deus, consegue submeter a carne.

Aquele então que quer se livrar das penas eternas, não seja somente batizado, mas justificado em Jesus Cristo, para passar verdadeiramente do império do diabo ao poder do Salvador. E que só se conte com penas expiatórias antes do último e temível julgamento!

Não se poderia negar, no entanto, que o fogo, mesmo eterno, faça sofrer, mais ou menos, os condenados, segundo a diversidade de seus crimes e que ele deva ser menos ardente para uns e mais para outros. Seja que seu ardor varie segundo o tamanho da pena, seja que ele permaneça igual, o certo é que ninguém o sente de maneira igual.

Capítulo XVII

Sobre aqueles que pensam que ninguém sofrerá penas eternas.

Parece-me agora oportuno combater com mansidão a opinião daqueles de nós que, por espírito de misericórdia, não querem acreditar no suplício eterno dos condenados e, defendem que eles serão libertados após um intervalo mais ou menos longo, de acordo com a dimensão de seus pecados.

Uns entendem que essa graça será concedida a todos os condenados, mas outros somente a alguns. Orígenes é ainda mais indulgente¹⁷³⁸. Ele acredita que o próprio diabo e seus anjos, após sofrerem

¹⁷³⁸ Cf. Orígenes, *De princ.* 1, 6.

por algum tempo, serão libertados de seus tormentos para serem reintegrados aos santos anjos.

Mas a Igreja o condenou justamente por este erro e por outros também, entre os quais eu citarei sobretudo os eternos períodos de felicidade e miséria a que ele submete as almas, num ir e vir sem fim de um a outro período, ciclicamente, em períodos fixos. Isso surge de uma compaixão que ele parece ter para com os infelizes condenados, já que ele faz os santos sofrerem verdadeiras misérias, atribuindo-lhes uma beatitude em que eles não estão seguros de possuir eternamente o bem que os torna felizes¹⁷³⁹.

O erro daqueles que restringem aos condenados essas vicissitudes e querem que seus suplícios deem lugar a uma eterna felicidade está bem longe do de Orígenes. No entanto, se sua opinião é tida como boa e verdadeira por que ela é indulgente, ela será tão melhor quanto mais indulgente ela for. Que essa fonte de bondade se espalhe então até os anjos reprovados, pelo menos depois de vários séculos de torturas. Por que ela recairia sobre toda a natureza humana mas se calaria com relação aos anjos? Mas não, essa piedade não ousa ir tão longe e se estender até o diabo. No entanto, se um desses misericor-

¹⁷³⁹ Sobre os sistemas de Orígenes, ver Epifânio (*Lettre à Jean de Jérusalem*), São Jerônimo (Epist. LXI a Pamácio e LXXV a Vigilâncio) e Santo Agostinho, *Tratado das Heresias*, heresia XLIII. São Jerônimo nos informa também que as ideias de Orígenes foram condenadas pelo Papa Anastácio. Foi somente após a morte de Santo Agostinho que Orígenes foi condenado sob o Papa Virgílio e o imperador Justiniano, no quinto concílio ecumênico. Veja as atas desse concílio (Ata IV, cap. 11) e Nicéforo Calisto, Livro XVII, cap. 27 e 28.

diosos se arriscasse a ir até lá, sua bondade não seria muito maior? Mas também seu erro seria mais pernicioso e mais oposto às palavras de Deus.

Capítulo XVIII

Sobre aqueles que acreditam que ninguém será condenado no julgamento final, por causa da intercessão dos santos.

Outros ainda, como pude constatar em conversas pessoais, sob o pretexto de respeitar as Escrituras — mas, de fato, em interesse próprio — fazem Deus ainda mais indulgente com relação à humanidade.

Eles admitem mesmo que os maus e os infieis merecem ser punidos, como as Escrituras ameaçam, mas defendem que, quando o dia do julgamento vier, a clemência predominará e que Deus, que é bom, indultará todos os culpados, em virtude das preces e da intercessão dos santos. Pois, se os santos rezaram por eles quando eram perseguidos, o que não farão, quando os virem abatidos, humilhados e suplicantes?

Como acreditar que os santos perdem sua misericórdia visceral, sobretudo no estado de virtude consumada que os coloca ao abrigo de todas as paixões? Como duvidar que Deus os ouvirá, quando suas preces forem perfeitamente puras?

A opinião segundo a qual os maus, no final, serão libertados de seus tormentos alega em seu favor esta passagem do Salmo: *Deus se terá esquecido de ter piedade? Ou sua cólera anulou sua clemência?*¹⁷⁴⁰

Nossos novos adversários sustentam que esta passagem favorece bem mais sua opinião. A cólera de Deus, eles dizem, quer que todos aqueles que são indignos da beatitude eterna sofram um suplício eterno, mas, para permitir que eles sofram um suplício qualquer que seja, por mais curto que ele seja, não é preciso que sua cólera interrompa o curso de sua misericórdia? No entanto, é isso que nega o Salmista. Ele não diz que sua cólera interromperá por muito tempo o curso de sua misericórdia. Ele diz que ela não o interromperá de forma alguma.

Se argumentamos que assim as ameaças de Deus são falsas, já que ele não condenará ninguém, eles replicam que elas não são mais falsas do que aquela que ele fez de destruir Nínive¹⁷⁴¹ e que não cumpriu, mesmo que ele a tenha ameaçado sem condição.

De fato, o Profeta não diz: “Nínive será destruída se ela não se corrigir e não fizer penitência”, mas ele diz: “*Daqui a quarenta dias Nínive será destruída*”. Essa ameaça era, portanto, verdadeira, eles

¹⁷⁴⁰ Salmo 76: 10.

¹⁷⁴¹ Cf. Jonas 3: 4 e 10. Jonas foi pela cidade durante todo um dia, pregando: “*Daqui a quarenta dias Nínive será destruída*”. Vendo como renunciavam aos seus maus caminhos, Deus arrependeu-se do mal que resolvera fazer-lhes e não o executou.

acrescentam, pois os ninivitas mereciam esse castigo. Mas Deus não o executou, por que sua cólera não interrompeu o curso de sua misericórdia e ele se deixou curvar por seus choros e suas lágrimas. Se portanto, eles dizem, ele perdoou então, contrariando seu Profeta, quão mais favorável ainda ele será, quando todos os seus santos intercederem pelos suplicantes?

Se lhes argumentam que a Escritura não falou desse perdão, elas respondem que isso aconteceu para assustar um grande número de pecadores pelo medo dos suplícios, para obrigá-los a se converterem e também para que houvesse aqueles que possam rezar por aqueles que não se converteram.

Eles não aceitam, no entanto, que as Escrituras se calaram com relação a isso, pois, ao que se aplicam, elas argumentam, estas palavras do Salmo: *Quão grande é, Senhor, vossa bondade, que reservastes para os que vos temem e com que tratais aos que se refugiam em vós, aos olhos de todos*¹⁷⁴². Ela não quer nos mostrar que essa bondade da misericórdia de Deus está escondida da humanidade para mantê-la no medo?

Eles acrescentam que foi por isso que o Apóstolo disse: *Deus encerrou a todos esses homens na desobediência para usar com to-*

¹⁷⁴² Salmo 30: 20.

*dos de misericórdia*¹⁷⁴³, mostrando assim que ele não condenará ninguém.

Todavia, aqueles que defendem esta ideia não a estendem até Satã e seus anjos, pois eles só são tocados pela compaixão para com seus semelhantes e nisso eles visam principalmente sua causa, porque, como eles vivem na desordem e na impiedade, eles se vangloriam de se aproveitarem dessa impunidade geral que eles chamam de misericórdia. Mas aqueles que a estendem até o príncipe dos demônios e aos seus satélites levam ainda mais longe que eles a misericórdia de Deus.

Capítulo XIX

Aqueles que prometem a impunidade de todos os pecados, mesmo aos heréticos, por causa de sua participação no corpo de Jesus Cristo.

Há outros que não prometem a todos essa libertação dos suplícios eternos, mas somente àqueles que, tendo recebido o batismo, participam do corpo de Jesus Cristo, seja qual for a maneira como viveram, qual heresia ou impiedade eles tenham caído.

Eles se fundamentam no que disse o Salvador: *Este é o pão que desceu do céu, para que não morra todo aquele que dele comer. Eu*

¹⁷⁴³ Romanos 11: 32.

*sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente*¹⁷⁴⁴.

Portanto, eles dizem, diante disso, é necessário que os heréticos sejam libertados da morte eterna e que passem, algum dia, para a felicidade eterna.

Capítulo XX

Aqueles que prometem a indulgência de Deus, não a todos os pecadores, mas àqueles que se fazem católicos, sejam quais forem os crimes e erros que eles tenham caído.

Alguns não fazem essa promessa a todos aqueles que receberam o batismo de Jesus Cristo e participaram do sacramento de seu corpo, mas somente aos católicos, mesmo que eles vivam mal. Estes, eles dizem, estão estabelecidos corporalmente em Jesus Cristo, tendo comido seu corpo, não somente no sacramento, mas na realidade, pois, como diz o Apóstolo: *Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, por que todos nós comungamos do mesmo pão*¹⁷⁴⁵.

Mesmo que os católicos caiam em seguida na heresia ou mesmo na idolatria, somente pelo fato de terem recebido o batismo de Jesus Cristo, estando em seu corpo, ou seja, na Igreja Católica e tendo comido o corpo do Salvador, ele não morrerão eternamente, mas

¹⁷⁴⁴ João 6: 50 e 51.

¹⁷⁴⁵ 1 Coríntios 10: 17.

desfrutarão, algum dia, da eterna felicidade. A grandeza de sua impiade tornará, sem dúvida, suas penas mais longas, mas ela não as farão eternas.

Capítulo XXI

Aqueles que acreditam na salvação dos católicos que tiverem perseverado em sua fé, mesmo que eles tenham vivido muito mal e merecido com isso o fogo do inferno.

Mas outros, considerando estas palavras das Escrituras: *Aquele que perseverar até o fim será salvo*¹⁷⁴⁶, só prometem a salvação àqueles que tiverem perseverado na Igreja Católica, embora tenham vivido mal.

Eles dizem que eles serão salvos através da prova do fogo, em virtude do que disse o Apóstolo:

Segundo a graça que Deus me deu, como sábio arquiteto lancei o fundamento, mas outro edifica sobre ele. Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo. Agora, se alguém edifica sobre este fundamento, com ouro, ou com prata, ou com pedras preciosas, com madeira, ou com feno, ou com palha, a obra de cada um aparecerá. O dia (do julgamento) demonstrá-lo-á. Será descoberto pelo fogo; o fogo provará o que vale o trabalho de cada um. Se a construção resistir, o construtor

¹⁷⁴⁶ Mateus 24: 13.

*receberá a recompensa. Se pegar fogo, arcará com os danos. Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo*¹⁷⁴⁷.

Eles dizem, portanto, que o cristão católico, seja qual for a vida que ele leva, tem Jesus Cristo como fundamento, o qual falta a todo herético afastado da unidade do corpo e assim, seja em qual desordem ele tenha vivido, com ele construiu sobre o fundamento de Jesus Cristo, madeira, feno ou palha, pouco importa, ele será salvo através da prova do fogo, ou seja, após uma pena passageira, ele será libertado do fogo eterno que atormentará os maus no julgamento final.

Capítulo XXII

Aqueles que pensam que as faltas resgatadas com obras de caridade não contarão no dia do julgamento.

Encontrei também várias pessoas que estão convencidas de que as chamas eternas só serão para aqueles que negligenciam o resgate de seus pecados pelas obras de caridade convenientes, segundo estas palavras do apóstolo São Tiago: *Haverá juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o julgamento*¹⁷⁴⁸.

Aquele então, eles dizem, que tiver feito caridade, mesmo levando uma vida desregrada, será julgado com misericórdia e não será

¹⁷⁴⁷ 1 Coríntios 3: 10-15.

¹⁷⁴⁸ Tiago 2: 13.

punido ou, depois de um certo tempo, maior ou menor, será libertado. É por isso, segundo eles, que o Juiz dos vivos e dos mortos só menciona as obras de caridade, quando se dirige àqueles que estão à sua direita e à sua esquerda, por ocasião do juízo final¹⁷⁴⁹.

Eles afirmam também que o pedido que fazemos todos os dias na Oração do Senhor: *Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido*¹⁷⁵⁰, deve ser entendido no mesmo sentido. De fato, perdoar ou esquecer um pecado de alguém que o ofendeu é fazer uma obra de caridade.

O Senhor mesmo atribuiu um alto valor ao perdão das injúrias, quando disse: *Se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará*¹⁷⁵¹. Este tipo de obra de caridade se relaciona também com o que foi citado de São Tiago, que aquele que não for misericordioso será julgado sem misericórdia.

Nosso Senhor não distinguiu os grandes dos pequenos pecados e disse de forma geral: *Vosso Pai celeste vos perdoará, se perdoardes as suas ofensas.*

¹⁷⁴⁹ Cf. Mateus 25: 31-36. *Quando o Filho do Homem voltar na sua glória e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão diante dele e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estão à direita: "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, por que tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim".*

¹⁷⁵⁰ Mateus 6: 12.

¹⁷⁵¹ Mateus 6: 14 e 15.

Desta forma, seja qual for a desordem em que viva o pecador até sua morte, eles consideram que seus crimes lhes são perdoados todos os dias, em virtude da oração que ele recita todos os dias, contanto que ele se lembre de perdoar de bom coração as ofensas de quem lhe pede perdão.

Quanto a mim, refutarei, com a ajuda de Deus, todos estes erros e porei fim a este vigésimo primeiro livro.

Capítulo XXIII

Contra aqueles que afirmam que nem os suplícios do diabo e nem os dos humanos perversos serão eternos.

Primeiramente, é preciso se perguntar e saber por que a Igreja não pôde aceitar a opinião daqueles que prometem perdão ao diabo, mesmo após muito grandes e longos suplícios. Não se trata de que a multidão de santos e estudiosos do Novo e do Antigo Testamento tenha visto com maus olhos a purificação e a obtenção da felicidade do reino dos céus para os anjos, seja de que classe eles forem, depois de passar por seja qual for suplício, mas é que eles viram que não podiam anular e nem afrouxar esta sentença que o Salvador declara que pronunciará no dia do julgamento: *Retirai-vos de mim, malditos!*

*Id para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*¹⁷⁵².

¹⁷⁵² Mateus 25: 41.

Estas palavras mostram claramente que o diabo e seus anjos queimarão no fogo eterno e isto também é o que resulta destas palavras do Apocalipse: *O Demônio, sedutor delas, foi lançado num lago de fogo e de enxofre, onde já estavam a Fera e o falso profeta e onde serão atormentados, dia e noite, pelos séculos dos séculos*¹⁷⁵³.

A Escritura disse há pouco: *o fogo eterno*. Agora ela diz: *pelos séculos dos séculos*. Estas são expressões sinônimas para expressar uma duração sem fim.

Portanto, a fé autêntica deve manter como firme e imutável que não haverá retorno à justiça e à vida dos santos para o diabo e para seus anjos. Não é possível encontrar outras razões mais justas e mais evidentes do que esta: as Escrituras não enganam ninguém e elas asseguram que Deus não os perdoou¹⁷⁵⁴. Eles estão, portanto, debaixo de uma primeira condenação, recolhidos, neste momento, nas escuras masmorras infernais, reservados para o castigo do juízo definitivo, quando serão lançados ao *fogo eterno* e ali atormentados *pelos séculos dos séculos*.

Dante disso, como pretender que todas as pessoas ou mesmo algumas serão libertadas dessa eternidade de penas, após longos sofrimentos que seja, sem levar em conta a fé que nos mostra que o suplício dos demônios será eterno?

¹⁷⁵³ Apocalipse 20: 10.

¹⁷⁵⁴ Cf. 2 Pedro 2: 4. *Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os precipitou nos abismos tenebrosos do inferno onde os reserva para o julgamento.*

De fato, se dentre aqueles a quem se dirá: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*, há quem não deva permanecer para sempre nesse fogo, que razão há para acreditar que o diabo e seus anjos ali permanecerão eternamente? É por que a sentença de Deus, ditada contra os maus __ anjos e humanos __ é verdadeira para os primeiros e falsa para os segundos? Seria assim se as especulações humanas tivessem mais valor do que a palavra de Deus. Mas, como isto é um absurdo, aqueles que querem evitar o suplício eterno não devem perder tempo em discutir com Deus, mas em cumprir seus mandamentos, enquanto é tempo.

Por outro lado, como entender *suplício eterno* como sendo um fogo que deve durar *muito tempo* e *vida eterna* uma vida que deve durar *para sempre*, se Jesus Cristo, no mesmo lugar, sem distinção e nem intervalo, disse: *estes irão para o castigo eterno e os justos, para a vida eterna*¹⁷⁵⁵. Se os dois destinos são eternos, devemos entender que ambos durarão por muito tempo, mas acabarão um dia ou que ambos durarão para sempre, não terminando jamais. Pois as duas coisas são correlatas: por um lado, o suplício eterno; do outro, a vida eterna. Assim, não se pode pretender, sem cair no absurdo, que uma

¹⁷⁵⁵ Mateus 25: 46.

única e mesma expressão caracterize uma vida eterna e que não terá, portanto, fim e um suplício eterno, mas que terá um fim.

Pois então, se a vida eterna dos santos não terminará, acontecerá o mesmo com o suplício eterno dos demônios.

Capítulo XXIV

Contra aqueles que pensam que, no dia do julgamento, Deus perdoará todos os maus, pela intercessão dos santos.

É muito conclusivo o argumento contra aqueles que, em seu próprio interesse, tentam refutar as palavras de Deus, sob o pretexto de uma misericórdia maior e afirmam que as palavras das Escrituras são verdadeiras não por que as pessoas devem sofrer as penas das quais são ameaçadas, mas por que elas merecem sofrê-las. Deus se deixará curvar, eles dizem, pela intercessão dos santos, que, clamando então por seu inimigos, com a mesma intensidade de sua santidade, obterão dele mais facilmente seu perdão.

Mas, por que então, se suas preces são tão eficazes, eles também não as empregarão para os anjos aos quais o fogo eterno está preparado?

Alguém será tão ousado para chegar a dizer que os santos anjos se juntarão aos santos humanos tornados iguais aos anjos de Deus, para intercederem pelos anjos e pelos humanos condenados e obte-

rem da misericórdia de Deus o livramento das vinganças de sua justiça?

Isto é o que nenhum católico disse e dirá. Caso contrário, não haverá mais razão para que a Igreja não reze, desde já, pelo diabo e seus anjos, já que Deus, que é seu senhor, lhe ordenou rezar por seus inimigos.

A mesma razão, portanto, que impede agora a Igreja de rezar pelos anjos maus, que ela sabe que são seus inimigos, a impedirá então de rezar pelos humanos destinados às chamas eternas. Agora ela reza pelos humanos que são seus inimigos por que ainda é tempo de uma penitência útil. De fato, o que é que ela pede a Deus para eles, se não é, como diz o Apóstolo: *Que Deus lhes conceda o arrependimento e o conhecimento da verdade e voltem a si, uma vez livres dos laços do demônio, que os mantém cativos e submetidos aos seus caprichos*¹⁷⁵⁶.

Se a Igreja soubesse desde já quais são aqueles predestinados a ir com o diabo para o fogo eterno, ela tampouco pediria por eles, como não faz por ele. Mas, como ela não tem certeza, ela reza por todos os seus inimigos que estão aqui embaixo, embora ela não seja atendida por todos. Ela só é atendida por aqueles que, mesmo sendo

¹⁷⁵⁶ 2 Timóteo 2: 25 e 26.

seus inimigos, estão predestinados a se tornarem seus filhos, por intermédio de suas preces.

Mas ela reza pelas almas daqueles que morrem na obstinação e que não entram para seu seio? Não. E por que é assim, se não é porque ela já conta como cúmplices dos diabo aqueles que nesta vida não são amigos de Jesus Cristo?

É portanto, repito, a mesma razão que impede agora a Igreja de rezar pelos anjos maus e que a impedirá então de rezar pelos humanos destinados ao fogo eterno. Também é pela mesma razão que, mesmo rezando agora pelos mortos em geral, ela não reza pelos ímpios e os infiéis que estão mortos. Pois, dentre as pessoas que morrem, há aquelas por quem as preces da Igreja ou de algumas pessoas pias são ouvidas; mas são aquelas que foram regeneradas em Jesus Cristo, não viveram tão mal a ponto de serem consideradas indignas dessa assistência e nem tão bem para que esse cuidado não lhes seem necessários.

Haverá também, após a ressurreição dos mortos, aqueles a quem Deus fará misericórdia e que não enviará para o fogo eterno, desde que eles tenham sofrido as penas que sofrem as almas dos mortos. Não seria verdadeiro dizer de alguns que eles não serão per-

doados nem nesta vida e nem na outra, se não houvesse outros a quem Deus não perdoa nesta vida, mas que perdoará na outra¹⁷⁵⁷.

Então, já que o Juiz dos vivos e dos mortos disse: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*¹⁷⁵⁸; e, aos outros, pelo contrário: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*¹⁷⁵⁹ e também: *Estes irão para o castigo eterno e os justos, para a vida eterna*¹⁷⁶⁰, é muita presunção afirmar que o castigo não será eterno para nenhum daqueles que Deus envia ao suplício eterno. Isso daria lugar para o desespero e à dúvida sobre a vida eterna.

Que ninguém explique então as palavras do Salmo: *Deus se terá esquecido de ter piedade? Ou sua cólera anulou sua clemência?*¹⁷⁶¹ como se a sentença de Deus fosse verdadeira para os bons e falsa para os maus. Ou verdadeira para as pessoas de bem e os anjos maus e falsa para as pessoas más.

O que é dito pelo Salmo se refere aos vasos de misericórdia e aos filhos da promessa, dentre os quais estava o próprio Profeta, que, após ter dito: *Deus se terá esquecido de ter piedade? Ou sua cólera anulou sua clemência?*?, acrescentou em seguida: *E concluo então: O*

¹⁷⁵⁷ Cf. Mateus 12: 32. *Todo o que tiver falado contra o Filho do Homem será perdoado. Se, porém, falar contra o Espírito Santo, não alcançará perdão nem neste século nem no século vindouro.*

¹⁷⁵⁸ Mateus 25: 34.

¹⁷⁵⁹ Mateus 25: 41.

¹⁷⁶⁰ Mateus 25: 46.

¹⁷⁶¹ Salmo 76: 10.

*que me faz sofrer é que a destra do Altíssimo não é mais a mesma*¹⁷⁶². Com isso ele explica o que acaba de dizer: *sua cólera anulou sua clemência?*, pois esta vida mortal, em que o ser humano se tornou semelhante à vaidade e seus dias passam como uma sombra¹⁷⁶³, é um efeito da cólera de Deus.

No entanto, apesar dessa cólera, ele não esquece de mostrar sua misericórdia, fazendo o sol se levantar sobre os bons e sobre os maus e chover sobre os justos e sobre os injustos¹⁷⁶⁴. Assim, sua cólera não anula sua clemência, sobretudo em suas mudanças, como fala a sequência do Salmo: *a destra do Altíssimo não é mais a mesma*.

Por mais miserável que seja, de fato, esta vida, Deus não deixa de mudar nela, para melhor, os vasos de misericórdia. Não que sua cólera não subsista sempre nessa infeliz corrupção, mas ela não interrompe o curso de sua bondade.

Já que a verdade do divino cântico está assim esclarecida, não é preciso estender seu sentido para o castigo daqueles que não pertencem à Cidade de Deus. Se, no entanto, se insistir em interpretá-lo assim, que se faça pelo menos a misericórdia de Deus consistir, não em livrar os condenados das penas às quais devem ser entregues, mas

¹⁷⁶² Salmo 76: 11.

¹⁷⁶³ Cf. Salmo 143: 4. *O homem é semelhante ao sopro da brisa. Seus dias são como a sombra que passa.*

¹⁷⁶⁴ Cf. Mateus 5: 45. *Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons e faz chover sobre os justos e sobre os injustos.*

em torná-las mais leves do que eles merecem¹⁷⁶⁵. Esta opinião eu não pretendo estabelecer, aliás. Eu me limito a não rejeitá-la.

Quanto àqueles que só veem uma ameaça e não uma sentença definitiva nas palavras: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*¹⁷⁶⁶; nestas outras: *Estes irão para o castigo eterno*¹⁷⁶⁷; também nestas: *serão atormentados, dia e noite, pelos séculos dos séculos*¹⁷⁶⁸; e, por fim, nestas: *o verme deles não morrerá e seu fogo não se extinguirá*¹⁷⁶⁹; não sou eu que os combate e os refuta, mas as Escrituras santas.

De fato, os ninivitas fizeram penitência nesta vida¹⁷⁷⁰ e isso lhes foi útil, por que eles semearam com lágrimas o campo onde Deus quis que eles semeassem, para ali colherem mais tarde com alegria¹⁷⁷¹.

Quem pode negar, no entanto, que a profecia de Deus foi cumprida neles? A não ser que se considere que Deus destrói os pecadores somente quando está em cólera e não quando ele faz misericórdia. De fato, ele os destrói de duas maneiras. Primeiro, como os habi-

¹⁷⁶⁵ Esta é também a opinião várias vezes expressa por São João Crisóstomo. Particularmente em sua Homilia XXXVII, n. 3, sobre o Gênesis.

¹⁷⁶⁶ Mateus 25: 41.

¹⁷⁶⁷ Mateus 25: 46.

¹⁷⁶⁸ Apocalipse 20: 10.

¹⁷⁶⁹ Isaías 66: 24.

¹⁷⁷⁰ Cf. Jonas 3: 7. *Fica proibido aos homens e aos animais, tanto do gado maior como do menor, comer o que quer que seja, assim como pastar ou beber.*

¹⁷⁷¹ Cf. Salmo 125: 6. *Na ida, caminham chorando, os que levam a semente a espargir. Na volta, virão com alegria, quando trouxerem os seus feixes.*

tantes de Sodoma: destruindo as próprias pessoas, por causa de seus pecados. Segundo, como os habitantes de Nínive: destruindo os pecados das pessoas, através da penitência.

O que Deus anunciou, portanto, ele cumpriu: a má Nínive foi destruída, tornando-se boa, o que ela não era. Mesmo que seus muros e suas casas tivessem permanecido de pé, ela foi arruinada em seus maus costumes¹⁷⁷².

Assim, embora o Profeta tenha ficado triste por não ver os nínititas sentirem as consequências de suas ameaças e previsões¹⁷⁷³, no entanto, o que Deus previu aconteceu, por que ele sabia bem que essa profecia se realizaria em um sentido mais favorável.

Mas, para que aqueles que a misericórdia extravia compreendam qual é o alcance das palavras da Escritura: *Quão grande é, Senhor, vossa bondade, que reservastes para os que vos temem!*, que eles leiam o que se segue: *e com que tratais aos que se refugiam em vós, aos olhos de todos*¹⁷⁷⁴.

O que quer dizer isto, se não é que a justiça de Deus não é suave para aqueles que o servem somente por medo do castigo, como fazem aqueles que querem estabelecer sua própria justiça, fundamento-a na Lei? Não conhecendo, de fato, a justiça de Deus, eles não

¹⁷⁷² Compare com Santo Agostinho, *Comentário ao Salmo 50*, n. 11.

¹⁷⁷³ Cf. Jonas 4: 1-3.

¹⁷⁷⁴ Salmo 30: 20.

podem gostar dela¹⁷⁷⁵. Eles colocam suas esperanças neles mesmos, invés de colocá-la nele. Desta forma, a grandeza da bondade de Deus lhes fica escondida, pois, mesmo que eles temam a Deus, este é um medo servil, que não é acompanhado do amor, pois o amor perfeito afugenta o medo¹⁷⁷⁶.

Deus, portanto, reservou sua bondade para aqueles que se refugiam nele. Ele a reservou inspirando-lhes seu amor, para que, plenos de um temor casto que o amor não afugenta, mas que permanece eternamente¹⁷⁷⁷, eles só se glorifiquem no Senhor.

De fato, a justiça de Deus é Jesus Cristo, que *se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, para que, como está escrito, quem se glorifique, glorifique-se no Senhor*¹⁷⁷⁸. Esta justiça, que é um dom da graça e não efeito de nossos méritos, não é conhecida por aqueles que, *procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*¹⁷⁷⁹, que é Jesus Cristo.

É nessa justiça que se encontra a grandeza da bondade de Deus. Daí vem estas palavras do Salmo: *Provai e vede como o Senhor é bom. Feliz o homem que se refugia junto dele*¹⁷⁸⁰. Nesta peregrina-

¹⁷⁷⁵ Cf. Romanos 10: 3. *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus.*

¹⁷⁷⁶ Cf. 1 João 4: 18. *No amor não há temor. Antes, o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor envolve castigo e quem teme não é perfeito no amor.*

¹⁷⁷⁷ Cf. Salmo 18: 10. *O temor do Senhor é puro, subsiste eternamente.*

¹⁷⁷⁸ 1 Coríntios 1: 30 e 31.

¹⁷⁷⁹ Romanos 10: 3.

¹⁷⁸⁰ Salmo 33: 9.

ção, nós o provamos, mas não conseguimos nos saciar. Isto provoca ainda mais fortemente a fome e a sede que tínhamos, até o dia em que o veremos tal como ele é e estas palavras do Salmista se realização: *Ao despertar, saciar-me-ei com a visão de vosso ser*¹⁷⁸¹. É desta forma que Jesus Cristo consuma a grandeza de sua bondade naqueles que esperam nele.

Ora se Deus esconde daqueles que o temem a grandeza de sua bondade — no sentido em que entendem nossos adversários, ou seja, para que o medo de serem condenados os leve a viver bem, de sorte que ele possa ter fiéis que rezam por seus irmãos que vivem mal — como Deus então consumou sua bondade naqueles que esperam nele, já que, segundo esses devaneios, é por causa dessa própria bondade que ele não deve condenar aqueles que esperam nele?

Que o cristão procure então essa bondade que Deus consuma naqueles que esperam nele e não aquela que se imagina que ele consumará naqueles que o desprezam e o blasfemam, pois é em vão que se procura na outra vida o que se negligenciou adquirir nesta.

As palavras do Apóstolo: *Deus encerrou a todos esses homens na desobediência para usar com todos de misericórdia*¹⁷⁸², não querem dizer que Deus não condenará ninguém e, segundo o que foi dito antes, seu sentido é bem claro.

¹⁷⁸¹ Salmo 16: 15.

¹⁷⁸² Romanos 11: 32.

Quando São Paulo escreve aos pagãos convertidos, ele lhes diz, a propósito dos judeus que deveriam se converter em seguida: *Assim como vós antes fostes desobedientes a Deus e agora obtivestes misericórdia com a desobediência deles, assim eles são incrédulos agora, em consequência da misericórdia feita a vós, para que eles também mais tarde alcancem, por sua vez, a misericórdia*¹⁷⁸³. Em seguida é que vem as palavras com as quais eles se equivocam: *Deus encerrou a todos esses homens na desobediência para usar com todos de misericórdia.*

Quem são esses *todos*, se não são aqueles dos quais ele falava: *vós e eles?*

Deus então deixou cair na infidelidade todos os gentios e todos os judeus que ele conheceu e predestinou para estarem conformes à imagem de seu Filho¹⁷⁸⁴, para que, ao se arrependerem de sua infidelidade e recorrerem à misericórdia de Deus, eles possam clamar como o Salmista: *Quão grande é, Senhor, vossa bondade, que reservastes para os que vos temem e com que tratais aos que se refugiam em vós, aos olhos de todos*¹⁷⁸⁵. Não para aqueles que se refugiam em si mesmos, mas *em vós*.

¹⁷⁸³ Romanos 11: 30 e 31.

¹⁷⁸⁴ Cf. Romanos 8: 29. *Os que ele distinguiu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre uma multidão de irmãos.*

¹⁷⁸⁵ Salmo 30: 20.

Ele faz, portanto, misericórdia para todos os vasos de misericórdia. O que quer dizer *todos*? Evidentemente são aqueles que ele predestinou, chamou e glorificou dentre os gentios e dentre os judeus. São todas *essas* pessoas e não *todas* as pessoas que não serão condenadas.

Capítulo XXV

A salvação não é para todos os batizados e nem para todos os católicos.

Respondamos agora àqueles que prometem a remissão do fogo eterno não ao diabo e seus anjos, não todas as pessoas, mas somente àqueles que, tendo recebido o batismo de Jesus Cristo, participaram de seu corpo e seu sangue, seja qual for a maneira como eles viveram e em que heresia ou impiedade eles tenham caído¹⁷⁸⁶.

O Apóstolo os refuta, quando diz: *As obras da carne são estas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, superstição, inimizades, brigas, ciúmes, ódio, ambição, discórdias, partidos, invejas, bebedeiras, orgias e outras coisas semelhantes. Desses coisas vos previno, como já vos preveni: os que as praticarem não herdarão o Reino de Deus!*¹⁷⁸⁷ Esta ameaça de São Paulo é vã, se as pessoas que cometem estes crimes possuem o reino de Deus, sejam quais forem

¹⁷⁸⁶ Compare com o tratado de Santo Agostinho, *A fé e as obras*.

¹⁷⁸⁷ Gálatas 5: 19-21.

os sofrimentos que eles suportaram antes. Mas, como esta ameaça tem por fundamento a verdade, segue-se que eles não o possuirão. Ora, se eles jamais possuirão o reino de Deus, eles serão condenados ao suplício eterno, pois não há meio termo entre o reino de Deus e o inferno.

É preciso então ver como devemos entender o que diz Nosso Senhor: *Este é o pão que desceu do céu, para que não morra todo aquele que dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente*¹⁷⁸⁸.

Aqueles aos quais respondemos há pouco e que não prometem o perdão a todos os que receberam o batismo e o corpo de Jesus Cristo, mas somente aos católicos, mesmo que tenham vivido mal, refutam os outros aos quais respondemos agora. Não basta, eles dizem, para ser salvo, ter comido o corpo de Jesus Cristo sob a forma do sacramento, é preciso tê-lo comido de fato, é preciso ter feito parte verdadeiramente de seu corpo, do qual o Apóstolo fala: *Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, por que todos nós comungamos do mesmo pão*¹⁷⁸⁹.

Só há um que está na unidade do corpo de Jesus Cristo; o corpo que os fiéis têm o costume de receber no altar. Este é o membro da

¹⁷⁸⁸ João 6: 50 e 51.

¹⁷⁸⁹ 1 Coríntios 10: 17.

Igreja. Só ele pode dizer que come verdadeiramente o corpo de Jesus Cristo e que bebe seu sangue.

Assim, os heréticos e os cismáticos, que estão separados da unidade desse corpo, podem muito bem receber o mesmo sacramento, mas sem resultado e até mesmo com prejuízo, por serem condenados mais severamente e não por serem libertados um dia, pois não estão mais ligados pelo laço de paz representado por esse sacramento.

Mas, por outro lado, estes últimos intérpretes, que têm razão em sustentar que aquele que não come o corpo de Jesus Cristo não está no corpo de Jesus Cristo, erram ao prometer a libertação das penas eternas àqueles que saem da unidade desse corpo para se jogarem na heresia ou na idolatria. Primeiro, não é sustentável que aqueles que, saindo da Igreja católica e formaram heresias detestáveis, estejam em uma condição melhor do que aqueles que, não tendo jamais sido católicos, caíram nas armadilhas heréticas. Um desertor é um inimigo da fé pior do que aquele que jamais a abandonou por não tê-la jamais recebido. Em segundo lugar, o Apóstolo refuta esta opinião: *Dessas coisas vos previno, como já vos preveni: os que as praticarem não herdarão o Reino de Deus!*

É por isso que aqueles que vivem na desordem e que, no entanto, perseveram na comunhão da Igreja, não devem se acreditar em segurança, sob o pretexto que está escrito: *Aquele que perseverar até*

*o fim será salvo*¹⁷⁹⁰. Com sua má vida, de fato, eles abandonam a justiça que dá a vida e que não é outro além de Jesus Cristo; seja praticando a fornicação, seja desonrando seu corpo com outras impurezas que o Apóstolo quis enumerar, seja, enfim, cometendo alguma outra obra, da qual ele diz: *os que as praticarem não herdarão o Reino de Deus!*

Ora, não devendo estar no reino de Deus, eles estarão, inevitavelmente no fogo eterno. Não se pode dizer que, por terem perseverado na desordem até o fim de suas vidas, eles perseveraram em Jesus Cristo até o fim, pois, perseverar em Jesus Cristo é perseverar na fé. Essa fé, na definição do próprio Apóstolo, opera pela caridade¹⁷⁹¹ e a caridade, como ele também diz em outro lugar, não faz o mal¹⁷⁹².

Não se pode, portanto, dizer que, só por que se come o corpo de Cristo se é membro do corpo de Cristo. Fora outras razões, não se pode ser membro de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, membro de uma prostituta¹⁷⁹³.

Por fim, quando o próprio Jesus Cristo diz: *Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*¹⁷⁹⁴, é preciso admitir que é comer seu corpo e beber seu sangue de verdade

¹⁷⁹⁰ Mateus 10: 22.

¹⁷⁹¹ Gálatas 5: 6. *Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé que opera pela caridade.*

¹⁷⁹² Romanos 13: 10. *A caridade não pratica o mal contra o próximo.*

¹⁷⁹³ Cf. 1 Coríntios 6: 15. *Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta? De modo algum!*

¹⁷⁹⁴ João 6: 56.

e não somente sob a forma do sacramento, que é permanecer em Jesus Cristo, para que Jesus Cristo permaneça também em nós. É como se ele dissesse: “Aquele que não permanece em mim e em quem eu não permaneço, não pode dizer que come meu corpo e bebe meu sangue”.

Aqueles, portanto, que não permanecem em Jesus Cristo, não são seus membros e não são seus membros quem se faz membro de uma prostituta, a menos que renunciem ao mal através da penitência e retornem ao bem através da reconciliação.

Capítulo XXVI

Como se deve entender as palavras “ser salvo como que passando pelo fogo” e “ter Jesus Cristo como fundamento”.

Mas os cristãos católicos, eles dizem, têm por fundamento Jesus Cristo, da unidade do qual eles não são separados, por pior que seja a vida que tenham levado, ou seja, mesmo que eles tenham construído sobre este fundamento uma vida muito ruim, comparada pelo Apóstolo à madeira, ao feno e à palha¹⁷⁹⁵. A verdadeira fé, que fez com que eles tivessem Jesus Cristo como fundamento, poderá livrá-los finalmente do inferno. Não que não haja para eles nenhuma puni-

¹⁷⁹⁵ Cf. 1 Coríntios 3: 11-13. *Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo. Agora, se alguém edifica sobre este fundamento, com ouro, ou com prata, ou com pedras preciosas, com madeira, ou com feno, ou com palha, a obra de cada um aparecerá.*

ção, no entanto, já que está escrito que o que eles construíram passará pelo fogo.

Se for apresentado a eles o questionamento que São Tiago faz em poucas palavras: *De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? Acaso esta fé poderá salvá-lo?*¹⁷⁹⁶, eles insistem e perguntam de quem fala então São Paulo, quando diz: *Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo*¹⁷⁹⁷.

Vejamos então quem é este, mas, com certeza não é aquele de quem fala São Tiago. Caso contrário, isso seria colocar os dois apóstolos em oposição, já que um diria que, embora a pessoa tenha más obras, a fé o salvará do fogo e o outro que a fé não poderá salvar aquele que não tiver boas obras.

Saberemos quem é esse que pode ser salvo pelo fogo, se soubermos antes o que é ter Jesus Cristo por fundamento.

Ora, esta própria imagem nos mostra, pois basta considerar que em um edifício nada precede o fundamento.

Aquele então que tem Jesus Cristo no coração de uma maneira tal que ele o valoriza mais do que as coisas terrestres e temporais, mesmo aquelas de uso permitido, esse tem Jesus Cristo como fundamento. Mas aquele que prefere essas coisas, mesmo que pareça ter fé em Jesus Cristo, esse não tem Jesus Cristo como fundamento.

¹⁷⁹⁶ Tiago 2: 14.

¹⁷⁹⁷ 1 Coríntios 3: 14.

O que diremos então daquele que, desprezando seus mandamentos salutares, só pensa em satisfazer suas paixões?

Assim, quando um cristão ama uma mulher de má vida e, se unindo a ela, se torna um mesmo corpo com ela¹⁷⁹⁸, ele não tem Jesus Cristo como fundamento. Mas, quando ele ama sua mulher legítima segundo Jesus Cristo¹⁷⁹⁹, quem duvida de que ele possa ter Jesus Cristo como fundamento? Se ele a ama segundo o mundo, carnalmente, como os gentios que não conhecem Deus¹⁸⁰⁰, o Apóstolo ainda o permite isso por condescendência; ou melhor, é Jesus Cristo que o permite. Mesmo assim ele pode ainda ter Jesus Cristo como fundamento, se ele o prefere ao seu amor e ao seu prazer. Mesmo se ele constrói sobre esse fundamento de madeira, de feno e de palha, ele não deixará de ser salvo pelo fogo.

As aflições, como um fogo, queimarão suas delícias e seus amores, que não são criminosos por causa do casamento. Esse fogo representa então a viuvez, as perdas de filhos e todas as outras calamidades que arrastam ou atravessam os prazeres terrestres.

¹⁷⁹⁸ Cf. 1 Coríntios 6: 16. *Ou não sabeis que o que se ajunta a uma prostituta se torna um só corpo com ela? Está escrito: "Os dois serão uma só carne".*

¹⁷⁹⁹ Cf. Efésios 5: 25. *Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela.*

¹⁸⁰⁰ Cf. 1 Tessalonicenses 4: 4 e 5. *Que cada um de vós saiba possuir o seu corpo santa e honestamente, sem se deixar levar pelas paixões desregradas, como os pagãos que não conhecem a Deus.*

Assim, esse edifício fará mal àquele que o construiu, por que ele só terá o que edificou e ficará afligido pela perda das coisas cujo desfrute o encantava.

Mas, ele será salvo pelo fogo por causa do fundamento, já que, se um tirano lhe propusesse a escolha, ele não preferiria essas coisas a Jesus Cristo.

Veja, nos escritos do Apóstolo, um homem que edifica sobre esse fundamento de ouro, de prata e de pedras preciosas: *O solteiro cuida das coisas que são do Senhor, de como agradar ao Senhor*¹⁸⁰¹.

Veja agora outro que edifica sobre a madeira, o feno e a palha: *O casado preocupa-se com as coisas do mundo, procurando agradar à sua esposa*¹⁸⁰².

A obra de cada um aparecerá. O dia do julgamento demonstrá-lo-á. Entenda-se aqui o dia da aflição. Pois, acrescenta o Apóstolo, ele *Será descoberto pelo fogo*¹⁸⁰³.

Ele dá aqui à aflição o nome de fogo, no mesmo sentido que lhe é dado em outro lugar das Escrituras: *A formalha experimenta as jarras do oleiro; a prova do infortúnio, os homens justos*¹⁸⁰⁴.

E também: *O fogo provará o que vale o trabalho de cada um.* Se a construção resistir, o construtor receberá a recompensa¹⁸⁰⁵.

¹⁸⁰¹ 1 Coríntios 7: 32.

¹⁸⁰² 1 Coríntios 7: 33.

¹⁸⁰³ 1 Coríntios 3: 13.

¹⁸⁰⁴ Eclesiástico 27: 6.

Como os pensamentos de Deus e o cuidado de agradá-lo permanecem, isto quer dizer que ele receberá o fruto de seus pensamentos e de suas aflições.

*Se pegar fogo, arcará com os danos*¹⁸⁰⁶, ou seja, sofrerá por que a amava.

*Ele será salvo, por que nenhuma aflição o afastou de seu fundamento, porém passando de alguma maneira através do fogo*¹⁸⁰⁷, pois ele não perderá sem dor aquilo que possuiu com afeição.

Encontramos, me parece, um fogo que não condena nenhuma das duas pessoas que mencionamos, mas que enriquece uma, arruína a outra e testa ambas.

Mas, se quisermos entender no mesmo sentido o fogo mencionado por Nosso Senhor, quando ele diz para os que estão à sua esquerda: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*¹⁸⁰⁸, para incluirmos nessa sentença aqueles que constroem sobre o fundamento da madeira, do feno e da palha e que afirmamos que sairão desse fogo em virtude desse fundamento, após terem sido atormentados por algum tempo por seus pecados, o que devemos pensar daqueles que estão à direita de Jesus Cristo e para os quais ele diz: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai pos-*

¹⁸⁰⁵ 1 Coríntios 3: 13 e 14.

¹⁸⁰⁶ 1 Coríntios 3: 15.

¹⁸⁰⁷ 1 Coríntios 3: 15.

¹⁸⁰⁸ Mateus 25: 41.

*se do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*¹⁸⁰⁹, se não são aqueles que construíram sobre o fundamento de ouro, de prata e de pedras preciosas?

Se então, pelo fogo mencionado pelo Apóstolo, quando ele diz: *porém passando de alguma maneira através do fogo*, entendemos o fogo do inferno, será preciso dizer que uns e outros, ou seja, aqueles que estão à direita e aqueles que estão à esquerda, para ali serão enviados igualmente.

O fogo mencionado, quando é dito que *A obra de cada um aparecerá. O dia do julgamento demonstrá-lo-á. Será descoberto pelo fogo. O fogo provará o que vale o trabalho de cada um*¹⁸¹⁰; esse fogo testará um e outro e, por consequência, não se trata do fogo eterno, já que aquele cuja obra permanecerá, ou seja, que não será consumida pelo fogo, receberá a recompensa pelo que edificou e aquele cuja obra for queimada encontrará seu castigo em seu arrependimento.

Somente aqueles que estiverem à esquerda serão enviados ao fogo eterno por uma suprema e eterna condenação, enquanto que o fogo mencionado por São Paulo na passagem citada testará aqueles que estão à direita. Mas ele os testa de uma maneira que não queima o edifício de uns e queima o de outros, sem que isso impeça estes

¹⁸⁰⁹ Mateus 25: 34.

¹⁸¹⁰ 1 Coríntios 3: 13.

últimos de serem salvos, por que eles estabeleceram Jesus Cristo como fundamento e o amaram mais do que todo o resto.

Ora, se eles são salvos, eles estão certamente sentados à direita e ouvirão com os outros estas palavras: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*¹⁸¹¹, invés de estarem sentados à esquerda com os reprovados, aos quais se dirá: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*¹⁸¹².

Nenhum desses malditos será libertado do fogo. *Estes irão para o castigo eterno*¹⁸¹³, onde *o verme deles não morrerá e seu fogo não se extinguirá*¹⁸¹⁴ e *onde serão atormentados, dia e noite, pelos séculos dos séculos*¹⁸¹⁵.

Agora, se for dito que no intervalo de tempo que se passará entre a morte de todos e o dia que será, após a ressurreição dos corpos, o julgamento final da recompensa e da condenação, as almas estarão expostas ao ardor de um fogo que não sentirão aqueles que não tiveram nesta vida costumes e afeições carnais, de tal sorte que não construíram um edifício de madeira, de feno e de palha que o fogo possa consumir, mas que sentirão aqueles que construíram um edifício assim, ou seja, que cometem pecados veniais e que deverão por isso

¹⁸¹¹ Mateus 25: 34.

¹⁸¹² Mateus 25: 41.

¹⁸¹³ Mateus 25: 46.

¹⁸¹⁴ Isaías 66: 24.

¹⁸¹⁵ Apocalipse 20: 10.

ser submetidos a um suplício transitório, eu não me oponho, pois isso pode ser verdade.

A própria morte do corpo, que é uma punição pelo primeiro pecado e que todos sofrem em seu tempo, pode ser uma parte desse fogo.

As perseguições à Igreja, que coroaram tantos mártires e que suportam todos aqueles que são cristãos, são também como que um fogo que testa esses diferentes edifícios, consumindo alguns juntamente com seus construtores que não possuem Jesus Cristo como fundamento, que queima outros sem tocar em seus construtores que serão salvos após a punição e que poupa absolutamente os outros, por que foram construídos para durar para sempre.

Haverá também, por volta do fim do mundo, no tempo do Anticristo, uma perseguição tão horrível como jamais houve antes. Quantos edifícios haverá então, seja de ouro ou de feno, erguidos sobre a boa fundação, que é Jesus Cristo, que esse fogo testará, com danos para uns, com alegria para os outros, mas sem destruir nem um e nem outro, por causa dessa boa fundação?

Mas, todo aquele que, a Jesus Cristo, prefere, eu não digo sua mulher, que é utilizada para a volúpia carnal, mas até mesmo às outras pessoas que não são amadas desta forma, como é o caso dos parentes, este não tem por fundamento Jesus Cristo e, assim, não será salvo pelo fogo.

Ele não será salvo de forma alguma, por que não poderá permanecer com o Salvador, que, falando disso bem claramente, disse:
Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim, não é digno de mim.
*Quem ama seu filho mais que a mim, não é digno de mim*¹⁸¹⁶.

Aquele que ama humanamente seus parentes, de sorte, no entanto, que não os prefere a Jesus Cristo e que preferiria perdê-los a ele, se for submetido a essa prova, será salvo pelo fogo, por que é preciso que a perda das coisas humanas cause tanta dor quanto o prazer que proporcionava.

Por fim, aquele que ama seus parentes em Jesus Cristo e que os ajuda a se unir a ele e a adquirir seu reino ou que os ama só por que são membros de Jesus Cristo, Deus não queira que este edifício não seja de madeira, de feno ou de palha, que o fogo consumirá! Este é um edifício de ouro, de prata e de pedras preciosas. E como ele poderia amar mais do que a Jesus Cristo, aqueles que ele só ama por Jesus Cristo?

¹⁸¹⁶ Mateus 10: 37.

Capítulo XXVII

Contra aqueles que acreditam que não serão condenados, embora tendo perseverado no pecado, só por que fizeram obras de caridade.

Só nos falta refutar um último sistema, a saber, que o fogo eterno só será para aqueles que deixam de resgatar seus pecados através de convenientes obras de caridade, segundo estas palavras do apóstolo São Tiago: *Haverá juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o julgamento*¹⁸¹⁷.

Aquele então __ eles dizem __ que praticou a misericórdia, mesmo que não tenha renunciado à sua má vida, será julgado com misericórdia, de sorte que não será condenado, mas libertado finalmente de seu suplício. Eles asseguram que a diferenciação que Jesus Cristo fará entre os de sua direita e os de sua esquerda, para enviar uns ao reino de Deus e os outros ao suplício eterno, se baseará somente no cuidado que se teve ou não em fazer obras de caridade. Eles tentam ainda provar, através da Oração do Senhor, que os pecados que eles cometem todos os dias, por maiores que sejam, podem lhes ser perdoados, em recompensa por suas obras de caridade.

Da mesma forma __ eles dizem __ que não há um só dia em que os cristãos não recitam essa oração, assim também não há um só

¹⁸¹⁷ Tiago 2: 13.

crime cometido todos os dias que ela não apague, contanto que, ao dizer: *Perdoai nossas ofensas*, também se diga: *Como nós perdoamos quem nos tem ofendido*¹⁸¹⁸.

Nosso Senhor __ eles acrescentam __ não diz: “Se você perdoar as faltas que as pessoas cometem contra você, seu Pai lhe perdoará os pecados leves que você cometer todos os dias”. Mas ele diz: *Se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará*¹⁸¹⁹.

Eles entendem então que, seja qual for o número e a espécie das faltas, mesmo que sejam cometidas todos os dias e que, ao morrer, não se tenha renunciado a elas antes, as obras de caridade obtêm seu perdão.

Certamente que eles têm razão em esclarecer que devem ser obras de caridade dignas, pois, se dissessem que todos os crimes, na quantidade que forem, serão perdoados por qualquer tipo de obra de caridade, eles mesmo ficariam chocados com o absurdo da proposição.

De fato, seria dizer que uma pessoa rica, ao dar todos os dias algumas moedas aos pobres, poderia se resgatar dos homicídios, dos adultérios e outros crimes maiores ainda.

¹⁸¹⁸ Mateus 6: 12.

¹⁸¹⁹ Mateus 6: 14.

Se não se pode sustentar um absurdo desses, resta saber quais são essas obras de caridade dignas, capazes de apagar os pecados e que até mesmo o precursor de Jesus Cristo já mencionava e recomendava: *Dai, pois, frutos de verdadeira penitência*¹⁸²⁰.

Não se pode achar, sem dúvida, que essa verdadeira penitência seja aquela feita por pessoas que cometem crimes todos os dias. De fato, suas rapinagens são muito superiores ao pouco que dão a Jesus Cristo, na pessoa dos pobres, para resgatá-las todos os dias de suas ações condenáveis. Aliás, mesmo que eles dessem todos os seus bens aos membros de Jesus Cristo por um só de seus pecados, se eles não renunciam às suas desordens, tocados pela caridade da qual se diz que não faz o mal¹⁸²¹, essa liberalidade lhes seria inútil.

Que aquele então que faz obras de caridade dignas de seus pecados, comece a fazê-las com relação a ele mesmo. Não é racional praticar junto ao próximo uma caridade que não é praticada com relação a si mesmo, pois está escrito: *Amarás teu próximo como a ti mesmo*¹⁸²² e também: *Tem compaixão de tua alma, torna-te agradável a Deus*¹⁸²³. Aquele então que não faz à sua alma essa obra de caridade para agradar a Deus, como pode dizer que faz obras de carida-

¹⁸²⁰ Mateus 3: 8.

¹⁸²¹ Romanos 13: 10.

¹⁸²² Mateus 22: 39.

¹⁸²³ Eclesiástico 30: 24.

de dignas por seus pecados? Por isso está escrito: *Para quem será bom aquele que é mau para si mesmo?*¹⁸²⁴

As obras de caridade ajudam as preces é por isso também que é preciso prestar atenção a estas palavras: *Filho, pecaste? Não o faças mais. Mas ora pelas tuas faltas passadas, para que te sejam perdoadas*¹⁸²⁵. Devemos então fazer obras de caridade para sermos ouvidos quando rezamos por nossos pecados passados e não para obter licença para praticar o mal.

Nosso Senhor avisou que ele imputará àqueles que estiverem à sua direita, as obras de caridade que eles tiverem feito e àqueles que estiverem à sua esquerda aquelas que eles deixaram de fazer, querendo mostrar o que podem as obras de caridade para apagar os pecados cometidos e não para cometê-los sem cessar impunemente.

Não se pode acreditar que aqueles que não querem mudar façam verdadeiras obras de caridade, pois o que Jesus Cristo mesmo lhes disse: *Todas as vezes que deixastes de fazer isso a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer*¹⁸²⁶, mostra bem o que eles deixam de fazer por ele, mesmo quando acreditam fazê-lo.

De fato, quando eles dão pão a um cristão que tem fome, se eles o deram por que ele é cristão, certamente que eles não recusariam

¹⁸²⁴ Eclesiástico 14: 5.

¹⁸²⁵ Eclesiástico 21: 1.

¹⁸²⁶ Mateus 25: 45.

a eles mesmos o pão da justiça, que é Jesus Cristo, pois Deus não olha a quem se dá, mas com que espírito se dá.

Assim, aquele que ama Jesus Cristo em um cristão lhe faz obra de caridade no mesmo espírito com que ele se aproxima desse Salvador, enquanto que os outros só procuram se afastar dele, já que eles só aspiram desfrutar da impunidade. Ora, nos afastamos de Jesus Cristo na mesma medida com que amamos o que ele condena.

De fato, do que serve ser batizado, se não se é justificado? Aquele que disse: *Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*¹⁸²⁷, não disse também: *Se vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos céus*¹⁸²⁸? Por que tantos correm para o batismo, para evitar a primeira sentença e tão poucos se dão ao trabalho de serem justificados, para evitar a segunda?

Da mesma forma como aquele que diz ao seu irmão: “Tolo!”, lhe diz esta injúria não por cólera contra seu irmão, mas contra suas faltas, pois, não fosse assim, ele mereceria o inferno, assim também, aquele que faz obras de caridade a um cristão, mas que não ama nele Jesus Cristo, não fez obra de caridade a um cristão.

Ora, não ama Jesus Cristo quem se recusa a ser justificado em Jesus Cristo. Da mesma forma como de pouco serviria a alguém que

¹⁸²⁷ João 3: 5.

¹⁸²⁸ Mateus 5: 20.

chamasse seu irmão de tolo por cólera e sem a intenção de corrigi-lo, fazer obras de caridade para obter o perdão dessa falta, a menos que se reconciliasse com ele, segundo o mandamentos que nos foi dado no mesmo lugar: *Se estás, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; só então vem fazer a tua oferta*¹⁸²⁹, assim também, de pouco serve fazer grandes obras de caridade por seus pecados, quando se permanece no hábito do pecado.

Quanto à oração de cada dia que o próprio Senhor nos ensinou — daí ser chamada de dominical, *do senhor* — ela apaga, é verdade, os pecados de cada dia, quando cada dia dizemos: “Perdoai nossas ofensas”. Mas não quando a dizemos somente, mas sim quando também fazemos o que se segue: “Como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Nós recitamos esta prece quando cometemos pecados e não para cometê-los.

Nosso Senhor quis nos mostrar com isso que, por melhor que seja a vida que levamos, nas trevas e na estagnação que estamos, nós cometemos todos os dias faltas pelas quais precisamos rezar e perdoar aqueles que nos offendem, se queremos que Deus nos perdoe.

¹⁸²⁹ Mateus 5: 23 e 24.

Quanto então Nosso Senhor diz: *Se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará*¹⁸³⁰, ele não quis nos dar uma falsa confiança nessa oração, para cometer todos os dias crimes, seja em virtude da autoridade que se exerce, colocando-se acima das leis, seja pela astúcia, enganando as pessoas. Mas ele quis com isso nos ensinar a não nos acreditarmos isentos de pecados, embora sejamos isentos de crimes.

Esta advertência Deus deu também outrora aos sacerdotes da antiga Lei, ordenando-lhes que primeiro oferecessem sacrifícios por seus pecados e só depois para os pecados do povo¹⁸³¹.

¹⁸³⁰ Mateus 5: 14.

¹⁸³¹ Cf. Levítico 16: 6. *Aarão oferecerá por si mesmo o touro em sacrifício pelo pecado e fará a expiação por si mesmo e pela sua casa.*

Livro XXII – A felicidade dos santos.

O tema deste livro¹⁸³² é o fim reservado à Cidade de Deus, ou seja, a eterna felicidade dos santos. Nele se estabelece a ressurreição futura dos corpos e se explica no que ela consiste. A obra termina com a descrição da vida dos bem-aventurados em seus corpos imortais e espirituais.

Capítulo I

A condição dos anjos e dos seres humanos.

Este último livro, como eu prometi no livro precedente, será inteiro dedicado à questão da felicidade da Cidade de Deus. Uma felicidade eterna¹⁸³³, não por que deva durar por muito tempo, mas por que não deve terminar nunca, de acordo com o que está escrito no Evangelho: *O seu reino não terá fim*¹⁸³⁴.

A sucessão das gerações humanas, em que umas morrem para serem substituídas por outras, não passa de uma representação da eternidade, da mesma forma como se diz que uma árvore está sempre verde, quando novas folhas substituem aquela que caem, conservando-lhe sempre sua cobertura.

¹⁸³² Escrito no começo do ano 427.

¹⁸³³ Sobre o sentido preciso da palavra *eterna*, veja Santo Agostinho em *Quaest. in Gen.*, questão 31 e *Quaest in Exod.*, questão 43.

¹⁸³⁴ Lucas 1: 33.

Mas a Cidade de Deus será verdadeiramente eterna, pois todos os seus membros imortais e as pessoas justas ali adquirirão o que os anjos jamais perderam. Deus todo poderoso fará essa maravilha, pois ele a prometeu e ele não pode mentir. Nós temos como prova disso as tantas outras promessas já realizadas, sem falar das maravilhas realizadas sem terem sido prometidas.

Foi ele que, desde o começo, criou este mundo e o povoou com seres visíveis e inteligíveis. Todos excelentes, mas dentre eles não vemos nada de melhor do que os espíritos que ele criou inteligentes e capazes de conhecê-lo e possuí-lo, unindo-os pelos laços de uma sociedade que nós chamamos de Cidade Santa e Celeste, onde o suporte de sua existência e o princípio de sua felicidade é o próprio Deus, que lhes serve de alimento e vida.

Foi ele que deu o livre arbítrio a essa natureza inteligente, com a condição de que, se ela viesse a abandonar Deus, fonte de sua beatitude, ela cairia logo na mais profunda miséria.

Foi ele que, prevendo que, dentre os anjos, alguns inflados pelo orgulho, colocariam sua felicidade neles mesmos e perderiam assim o verdadeiro bem, não quis lhe tirar esse poder, julgando que era mais digno de seu próprio poder e de sua bondade, se servir do mal do que não permiti-lo¹⁸³⁵.

¹⁸³⁵ Compare com Santo Agostinho, *De Gen. ad litt.*, XI, no. 12 e seg.

De fato, o mal jamais teria existido se a natureza mutável, embora boa e criada pelo Deus supremo e imutavelmente bom que fez boas todas as suas obras, não tivesse ela mesma se tornado má através do pecado. Assim então, seu próprio pecado atesta sua excelência primitiva, pois, se ela mesma não fosse um bem muito grande, embora inferior ao seu divino princípio, a perda que ela teve de Deus como sua luz não poderia ser um mal para ela. Da mesma forma como a cegueira é um vício do olho e que esse vício não apenas testemunha que o olho foi feito para ver a luz, mas também faz ressaltar a excelência do mais nobre dos sentidos, assim também a natureza que gozava de Deus nos ensina, através de sua própria desordem, que ela foi criada boa, já que o que a torna miserável é não mais desfrutar de Deus.

Foi ele que, muito justamente, puniu com uma miséria eterna a queda voluntária dos maus anjos e que deu ao outros, fielmente ligados ao seu soberano bem, a segurança de jamais perdê-lo, como prêmio por sua fidelidade.

Foi ele que criou o ser humano com a mesma correção que os anjos e com o mesmo livre arbítrio. Um animal terrestre, na verdade, mas digno do céu, se ele permanece ligado ao seu criador. E ele o condenou também à miséria, se vier a se afastar dele.

Foi ele que, prevendo que o ser humano pecaria, por sua vez, através da transgressão da lei divina e do abandono de seu Deus, não

quis também lhe retirar o poder do livre arbítrio, por que ele previu também o bem que ele poderia tirar desse mal e, de fato, sua graça reuniu, dentre essa espécie mortal justamente condenada, um número muito grande de pessoas que pode preencher o lugar desertado pelos anjos prevaricadores.

Assim, essa Cidade suprema e bem amada, longe de estar enganada como sendo contada como seus eleitos, talvez se rejubile em recolher nela uma mais abundante colheita.

Capítulo II

A eterna e imutável vontade de Deus.

Os ímpios, é verdade, fazem muitas coisas que são contra a vontade de Deus. Mas, ele é tão poderoso e sábio que faz encaminhar o que parece contradizer sua vontade aos fins determinados por sua presciênciа.

É por isso que, quando se diz que ele muda de vontade, que ele entra em cólera, por exemplo, contra aqueles que ele olhava com um olho favorável, são as pessoas que mudam e não ele. Suas disposições cambiantes fazem com que elas achem Deus mutável.

Assim, o sol muda para os doentes. Ele era suave e agradável e se torna importuno e penoso. No entanto, ele permaneceu o mesmo, propriamente.

Chama-se também vontade de Deus aquela que ele forma nos corações dóceis aos seus mandamentos e é este o sentido destas palavras do Apóstolo: *É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em nós o querer e o executar*¹⁸³⁶.

Da mesma forma como a justiça de Deus não é somente aquela que o faz justo propriamente, mas também aquela que ele produz nos ser humano justificado, assim também a lei de Deus é mais a lei dos seres humanos, mas foi Deus quem a deu.

De fato, foi dos seres humanos que Jesus Cristo disse: *Na vossa lei está escrito*¹⁸³⁷ e lemos também em outro lugar: *Em seu coração está gravada a lei de Deus*¹⁸³⁸.

Fala-se da vontade que Deus forma nas pessoas, quando se diz que ele quer o que, de fato, ele não quer propriamente, mas o que ele faz os seus quererem, como se diz também que ele conhece o que ele faz a ignorância humana conhecer. Por exemplo, quando o Apóstolo fala assim: *Agora, porém, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus*¹⁸³⁹, não se pode acreditar que Deus começou a conhecê-los, ele que ele conhecia antes da criação do mundo, mas é dito que ele os conhecia então, por que ele lhe deu então o dom de conhecer.

¹⁸³⁶ Filipenses 2: 13.

¹⁸³⁷ João 8: 17.

¹⁸³⁸ Salmo 36: 31.

¹⁸³⁹ Gálatas 4: 9.

Eu já toquei nas palavras dessas locuções nos livros precedentes. Assim então, segundo a vontade pela qual dizemos que Deus quer o que ele faz querer aos que não conhecem o futuro, ele quer várias coisas que ele não faz.

De fato, seus santos frequentemente querem __ com uma vontade santa que ele mesmo inspira __ muitas coisas que não acontecem. Eles rezam a Deus, por exemplo, em favor de alguém e eles não são ouvidos, mesmo que tenha sido ele mesmo que os tenha levado a rezar, através de uma ação do Espírito Santo.

Assim, quando os santos, inspirados por Deus, querem e rezam para que todos sejam salvos, nós podemos dizer: Deus quer e não faz. Mas, se falamos dessa vontade que é tão eterna quanto sua presciência, ele certamente fez tudo o que ele quis, no céu e na terra e não apenas as coisas passadas ou presentes, mas até mesmo as coisas que virão¹⁸⁴⁰.

Ora, antes que chegue o tempo que ele fixou para a realização das coisas que ele conheceu e ordenou antes de todos os tempos, nós dizemos: isso acontecerá quando Deus quiser.

Mas, quando ignoramos não apenas em que época uma coisa deve acontecer, mas até mesmo se ela deve acontecer de fato, nós dizemos: isso acontecerá se Deus quiser.

¹⁸⁴⁰ Cf. Salmo 113: 3, bis. *Ele faz tudo o que lhe apraz.*

Não é que deva surgir em Deus uma vontade que ele não tinha, mas é que então acontecerá o que ele previu da eternidade e em sua vontade eterna.

Capítulo III

A promessa de uma beatitude eterna para os santos e um suplício eterno para os ímpios.

Então, para não levantar mil outras questões, da mesma forma como vemos agora se realizar em Jesus Cristo o que Deus prometeu a Abraão, ao lhe dizer: *Todas as nações da terra desejarão ser benditas como tua posteridade*¹⁸⁴¹, assim se cumprirá o que ele prometeu a essa mesma descendência, quando disse, através de seu Profeta: *Que os vossos mortos revivam! Que seus cadáveres ressuscitem! Que despertem e cantem aqueles que jazem sepultos*¹⁸⁴² e também *Eu vou criar novos céus e uma nova terra. O passado já não será lembrado, já não volverá ao espírito, mas será experimentada a alegria e a felicidade eterna daquilo que vou criar. Pois vou criar uma Jerusalém destinada à alegria e seu povo, ao júbilo. Jerusalém me alegrará e meu povo me rejubilará. Doravante, já não se ouvirá aí o ruído de soluços nem de gritos*¹⁸⁴³.

¹⁸⁴¹ Gênesis 22: 17 e 18.

¹⁸⁴² Isaías 26: 19.

¹⁸⁴³ Isaías 65: 17-19.

As mesmas previsões através da boca de outro profeta: *Naquele tempo, surgirá Miguel, o grande chefe, o protetor dos filhos do seu povo. Será uma época de tal desolação, como jamais houve igual desde que as nações existem até aquele momento. Então, entre os filhos de teu povo, serão salvos todos aqueles que se acharem inscritos no livro. Muitos daqueles que dormem no pó da terra* (ou, segundo outros intérpretes, “sob um monte de terra”) *despertarão, uns para uma vida eterna, outros para a ignomínia, a infâmia eterna*¹⁸⁴⁴.

E, em outro lugar, pelo mesmo profeta: *Os santos do Altíssimo receberão a realeza e a conservarão por toda a eternidade*¹⁸⁴⁵. E, um pouco depois: *A realeza, o império e a suserania de todos os reinos situados sob os céus serão devolvidos ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é eterno e a quem todas as soberanias renderão seu tributo de obediência*¹⁸⁴⁶.

Acrescente-se a isso muitas outras promessas que eu relatei no vigésimo livro¹⁸⁴⁷ ou que eu omiti, mas que são, no entanto, encontradas nas Escrituras.

Tudo isso acontecerá como as maravilhas cuja realização já foi motivo de espanto para os incrédulos. Foi o mesmo Deus que prome-

¹⁸⁴⁴ Daniel 12: 1 e 2.

¹⁸⁴⁵ Daniel 8: 18.

¹⁸⁴⁶ Daniel 8: 27.

¹⁸⁴⁷ Capítulo XXI e seguintes.

teu. Aquele diante do qual tremem as divindades dos pagãos, como afirma um eminentíssimo filósofo pagão¹⁸⁴⁸.

Capítulo IV

Contra os sábios do mundo que pensam que os corpos terrestres humanos não poderão ser transportados para o céu.

Mas esses personagens tão cheios de ciência e de sabedoria e, ao mesmo tempo, tão rebeldes a uma autoridade que submeteu — como havia anunciado com muitos séculos de antecedência — tantas gerações humanas, esses filósofos, eu digo, imaginam ter encontrado um argumento muito decisivo contra a ressurreição dos corpos, quando alegam uma certa passagem de Cícero, no terceiro livro de sua obra **A República**.

Após ter dito que Hércules e Rômulo se tornaram deuses, humanos que eram antes, Cícero acrescenta: *Mas seus corpos não foram levados ao céu, já que a natureza não suporta que o que é formado de terra sobreviva em outro lugar que não seja a terra*¹⁸⁴⁹.

Eis o argumento desses sábios que o Senhor conhece os pensamentos e os conhece por serem vãos¹⁸⁵⁰. Pois, suponha que sejam esses espíritos puros, ou seja, espíritos sem corpo, que habitam os céus sem saber da existência dos animais terrestres. Se viessem

¹⁸⁴⁸ Porfírio. Veja no Livro XIX, cap. 23, desta obra.

¹⁸⁴⁹ Cícero, *De rep.* 3, fr. 40.

¹⁸⁵⁰ Cf. Salmo 93: 11. *O Senhor conhece os pensamentos dos homens e sabe que são vãos.*

nos dizer que um dia seríamos unidos por um laço maravilhoso aos corpos terrestres para animá-los, não teríamos muitos motivos para não acreditar e dizer que a natureza não pode tolerar que uma substância incorpórea seja aprisionada em um corpo?

No entanto, a terra está cheia de espíritos a quem corpos terrestres estão unidos através de um laço misterioso. Por que então, se Deus quiser, Aquele que fez tudo isso, por que um corpo terrestre não poderia ser levado até os corpos celestes, já que um espírito, muito superior a qualquer corpo e, por consequência, aos corpos celestes, pôde ser unido a um corpo terrestre?

Pois então, se uma pequena partícula de terra pôde reter um ser muito superior a um corpo celeste, para receber nela a vida e o sentimento, por que o céu desdenharia de receber ou não poderia reter essa terra viva e animada que tira a vida e o sentimento de uma substância muito superior a qualquer corpo celeste?

Se isso não acontece agora é por que o tempo ainda não chegou. O tempo, eu digo, determinado por Aquele mesmo que fez uma coisa muito mais maravilhosa, mas que o hábito tornou vulgar.

Pois, enfim, se espíritos incorpóreos muito superiores a qualquer corpo celeste estão unidos a corpos terrestres, isso não é um fenômeno que deve nos espantar muito mais do que ver corpos, embora terrestres, serem elevados a moradas celestes, é verdade, mas corpóreas?

Mas, estamos acostumados a ver a primeira dessas maravilhas, que somos nós mesmos, enquanto que jamais vimos a outra, que ainda não se tornou nossa própria natureza.

Certamente que, se consultarmos a razão, acharemos que é muito mais maravilhoso juntar corpos a espíritos do que unir corpos a corpos, mesmo que esses corpos sejam diferentes, uns sendo celestes e outros terrestres.

Capítulo V

A ressurreição dos corpos, mesmo que certas mentes não queiram admitir, mesmo que proclamada pelo mundo inteiro.

Entendo que isso tenha sido incrível outrora, mas agora o mundo acredita que o corpo de Jesus Cristo, totalmente terrestre, foi transportado ao céu. Agora os doutos e os ignorantes acreditam que a carne ressuscitará e que ela subirá ao céu, havendo somente uns poucos que permanecem incrédulos.

Ora, das duas, uma: se eles acreditam que seja crível aquilo que os que não acreditam acusam a si mesmos de estúpidos e se eles acreditam que uma coisa é incrível, não é menos incrível que se seja levado a acreditar em uma coisa dessa espécie.

O mesmo Deus previu, portanto, estas duas coisas incríveis: que os corpos ressuscitarão e que o mundo acreditaria nisto. E ele

previu as duas coisas muito tempo antes que uma das duas acontecesse.

Dessas duas coisas incríveis, nós já vimos uma acontecer, que é o mundo acreditar numa coisa incrível. Por que nos desesperaríamos para ver a outra, já que esta que aconteceu não é menos difícil de acreditar? Se pensarmos nisto, a própria maneira como o mundo acreditou é uma coisa ainda mais incrível.

Jesus Cristo enviou um pequeno número de pessoas, sem instrução e sem refinamento, estranhos aos belos conhecimentos, ignorantes dos recursos da gramática, das armas da dialética, dos artifícios pomposos da retórica; enfim, pobres pescadores. Ele os enviou ao oceano do século com somente as redes da fé e eles pescaram uma infinidade de peixes de todas as espécies; até mesmo da espécie mais rara e mais maravilhosa, digo, os filósofos. Acrescente, se quiser, este terceiro milagre aos dois outros.

Eis então, três coisas incríveis e que, no entanto, aconteceram. É incrível que Jesus Cristo tenha ressuscitado em sua carne e com esta mesma carne tenha subido ao céu. É incrível que o mundo tenha acreditado em uma coisa tão incrível. É incrível, por fim, que um pequeno número de pessoas de baixa condição, desconhecidos, ignorantes, tenha podido convencer o mundo e os sábios do mundo de uma coisa tão incrível. Destas três coisas incríveis, nossos adversários não querem acreditar na primeira. Eles são forçados a ver a se-

gunda e não conseguiram compreendê-la se não acreditassem na terceira.

De fato, a ressurreição de Jesus Cristo e sua ascensão ao céu na carne em que ele ressuscitou, são coisas já pregadas e acreditadas no mundo todo. Se elas não são críveis, como é que o mundo todo acredita nelas? Admita que um grande número de pessoas ilustres, doutras, poderosas, declararam ter visto isso e se encarregaram de divulgar por toda parte. Não é estranho então que o mundo tenha acreditado e, neste caso, é muita teimosia não acreditar.

Mas se, como é verdade, o mundo acreditou em um pequeno número de pessoas desconhecidas e ignorantes sobre a palavra, como pode ser que um punhado de incrédulos cabeças duras não queira acreditar no que o mundo acredita? Se o mundo acreditou nesses poucos testemunhos obscuros, ínfimos, ignorantes, desprezíveis, foi por que viu neles surgir, com o máximo de brilho, a majestade de Deus. Sua eloquência foi toda através de milagres e não de palavras e aqueles que não viram Jesus Cristo ressuscitar e subir ao céu com seu corpo, não tiveram dificuldade em acreditar, dando fé em testemunhos confirmados por uma infinidade de prodígios.

De fato, pessoas que não podiam saber mais do que duas línguas, eram ouvidos falando em todas as línguas do mundo¹⁸⁵¹. Um

¹⁸⁵¹ Cf. Atos 2: 2-4. *De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se reparti-*

coxo de nascença, após quarenta anos de enfermidade era visto caminhar normalmente diante de suas palavras e em nome de Jesus Cristo. As roupas de cama que eles tocavam curavam os doentes e enquanto milhares de pessoas enfermas se espremiam em seu caminho, bastava que sua sombra os cobrisse para sua saúde ser restabelecida.

Quantos prodígios mais não se poderia citar, sem falar dos mortos que eles ressuscitaram em nome do Salvador! Se nossos adversários concordam com a realidade desses milagres, são muito mais coisas incríveis que vem se juntar às três primeiras.

É preciso ser singularmente teimoso para não acreditar numa coisa incrível, como a ressurreição do corpo de Jesus Cristo e sua ascensão ao céu, quando ela é confirmada por tantas outras coisas não menos incríveis e, no entanto, reais.

Se, pelo contrário, eles não acreditam que os apóstolos tenham feito esses milagres, para estabelecer a crença na ressurreição e na ascensão de Jesus Cristo, só este único grande milagre nos basta: que toda a terra tenha acreditado sem milagres.

ram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

Capítulo VI

Roma transformou Rômulo em deus por que ela amava nele seu fundador, enquanto que a Igreja amou Jesus Cristo por que ela acreditou que ele é Deus.

Lembremos aqui a passagem em que Cícero demonstra espanto por se ter acreditado na divindade de Rômulo. Eis suas próprias palavras: *O que há de mais admirável na apoteose de Rômulo é que as outras pessoas que foram divinizadas viviam em épocas rudes, onde era fácil convencer as pessoas de tudo o que se queria. Mas não fazem nem seiscentos anos que viveu Rômulo e já as letras e as ciências já existiam há muito tempo no mundo e tinham dissipado a barbarie*¹⁸⁵².

E, um pouco mais adiante, referindo-se a isto ainda, disse sobre o mesmo Rômulo: *Donde se pode entender que Homero viveu muitos anos antes que Rômulo. Tendo avançado as pessoas e o tempo, já havia pouco espaço para a ficção. Pois, a antiguidade admitiu as fábulas, às vezes muito cruentamente concebidas e, pelo contrário, essa época já cultivada rejeita com galhofa o que não cabe nos moldes do factível.*¹⁸⁵³

¹⁸⁵² Cícero, *De rep.* 2, 10, 18. Não é Cícero em pessoa que fornece o número de seiscentos anos. E como ele o faria, já que escreveu **A República** ao redor de setecentos anos após a fundação de Roma? É preciso colocar as palavras citadas por Santo Agostinho na boca de um dos interlocutores do diálogo: o segundo africano ou Lélio.

¹⁸⁵³ Cícero, *De rep.* 2, 10, 19.

Assim, eis um dos homens mais sábios e mais eloquentes do mundo — Cícero — que se espanta que se tenha acreditado na divindade de Rômulo, por que o século onde ele viveu já era suficientemente esclarecido para repudiar ficções.

No entanto, quem acreditou que Rômulo era um deus, se não foi Roma e uma Roma fraca e nascente? As gerações seguintes foram obrigadas a manter a tradição dos ancestrais e, após terem sugado essa superstição com o leite, elas a espalharam por entre os povos que Roma subjugou. Assim, todas as nações subjugadas, sem acrescentar fé à divindade de Rômulo, não deixam de proclamá-la para não ofender a senhora do mundo, ela própria enganada, senão por amor ao erro, pelo menos pelo erro de seu amor.

Como é diferente nossa fé na divindade de Jesus Cristo! Ele é, sem dúvida, o fundador da Cidade Eterna, mas ele não foi aceito por ela como Deus em razão de tê-la fundado, foi por ela ter acreditado nele que mereceu ser fundada.

Roma, já construída e dedicada, ergueu para seu fundador um templo, onde o adorou como a um deus. A Nova Jerusalém, para ser construída e dedicada, tomou, por base de sua fé, seu fundador, Jesus Cristo. A primeira, por amor a Rômulo, acreditou que ele era um deus. A segunda, convencida de que Jesus Cristo era Deus, o amou. Alguma coisa então precedeu o amor daquela e a levou a acreditar complacentemente em uma perfeição, mesmo imaginária, daquele

que ela amava e, da mesma forma, alguma coisa precedeu a fé desta, para fazê-la amar sem temeridade um privilégio muito verdadeiro naquele que ela acreditou.

Sem falar, de fato, em tantos milagres que estabeleceram a divindade de Jesus Cristo, tivemos sobre ele, antes que ele aparecesse na terra, profecias divinas perfeitamente dignas de fé e que nós não esperamos a realização, como nossos pais, mas que já se realizaram.

Não é o caso de Rômulo. Sabemos, pelos historiadores, que ele construiu Roma e a governou, sem que nenhuma profecia anterior tivesse anunciado nada sobre isso. Agora, seu transporte para o mundo dos deuses, a história conta como uma crença e não fornece nenhuma prova. Fala-se de uma loba que alimentou os dois irmãos, como se fosse uma grande maravilha. Mas, o que é isso para provar que um homem é um deus? Mesmo que essa loba tenha sido uma loba de verdade e não uma cortesã¹⁸⁵⁴, o prodígio teria sido comum aos dois irmãos e, no entanto, somente um é considerado um deus.

Aliás, a quem se proibiu de acreditar e dizer que Rômulo, Hércules e outros personagens semelhantes eram deuses? E quem preferiu morrer do que esconder sua fé? Ou teria sido melhor que jamais tivesse havido uma única nação que tivesse adorado Rômulo sem o medo do nome romano? No entanto, quem poderia contar todos a-

¹⁸⁵⁴ Veja o que é dito sobre isso no livro XVIII, cap. 21, desta obra.

queles que preferiram perder sua vida nos mais cruéis tormentos do que negar a divindade de Jesus Cristo?

Assim, o medo, fundamentado ou não, de provocar uma leve indignação nos romanos forçou alguns povos derrotados a adorar Rômulo como um deus e a temer os mais horríveis suplícios e até mesmo a morte, não pôde impedir sobre toda a terra um número imenso de mártires, não somente de adorar Jesus Cristo como um deus, mas confessá-lo publicamente.

A Cidade de Deus, estrangeira aqui embaixo, mas que já tinha recrutado todo um exército de povos, não combateu então contra seus perseguidores para conservar uma vida temporal, mas, pelo contrário, ela não resistiu a eles, para adquirir a vida eterna. Os cristãos eram cobertos com correntes, colocados na prisão, chicoteados, atormentados, queimados, degolados, despedaçados e seu número aumentava¹⁸⁵⁵. Eles não acreditariam combater por sua salvação eterna, se eles não desprezassem sua salvação eterna por amor ao Salvador.

Sei que Cícero, em sua **República**, no oitavo livro, se não me engano, diz que um Estado bem organizado só empreende a guerra

¹⁸⁵⁵ Estas palavras lembram a eloquente passagem de Tertuliano: *Não foi mais do que ontem e nós enchemos suas cidades, suas ilhas, seus castelos, seus municípios, seus conselhos, seus campos, suas tribos, suas decúrias, o palácio, o senado, o fórum e só deixamos seus templos. Seria fácil para nós retribuir guerra com guerra, mesmo em desigualdade de números — nós, que nos deixamos massacrar sem nenhum arrependimento — não fosse uma de nossas máximas que diz que é melhor sofrer a morte do que provocá-la.* (*Apolog.* cap. 37).

para salvar sua fé ou para cuidar de sua salvação. E ele explica em outro lugar o que entende por salvação de um Estado, quando diz:

Os particulares frequentemente se livram, com a morte súbita, da pobreza, do exílio, da prisão, do chicote e de outras penas às quais não são insensíveis as pessoas mais grosseiras. Mas a própria morte, que parece livrar de qualquer castigo, é um castigo para o Estado, que deve ser constituído para ser eterno. Assim, a morte não é natural para uma república, como ela o é para o indivíduo, que deve não apenas sofrê-la, apesar dele, mas, frequentemente, até mesmo desejar-la. Quando então um Estado sucumbe, desaparece, se aniquila, isso nos é (se podemos comparar as pequenas coisas com as grandes), isso nos é a imagem da ruína e da destruição do mundo inteiro.

Cícero fala assim por que ele pensa, como os platônicos, que o mundo não deve perecer jamais¹⁸⁵⁶. É, portanto, reconhecido que, segundo Cícero, um Estado deve empreender a guerra para sua salvação, ou seja, para sobreviver eternamente aqui embaixo, enquanto que, aqueles que o compõem nascem e morrem, em uma contínua evolução. Como uma oliveira, um loureiro ou qualquer outra árvore semelhante, que conserva sempre a mesma cobertura, apesar da queda e da renovação de suas folhas.

¹⁸⁵⁶ Cícero parece dizer o contrário no capítulo 24 do livro VI da **República**. Mas, neste lugar, ele não fala em seu nome. Ele é o intérprete das crenças populares. Veja, em apoio à interpretação de Santo Agostinho, *De Somnium Scipionis*, livro II, capítulo 12 e seguintes.

A morte, segundo ele, não é uma pena para os particulares, já que ela frequentemente os livra de qualquer outra pena. Mas ela é uma pena para um Estado. Assim, podemos nos perguntar com razão se os saguntinos fizeram bem em achar melhor que sua cidade perecesse do que faltar aos romanos, pois os cidadãos da cidade da terra os louvam por essa ação.

Mas, eu não vejo como eles poderiam seguir a máxima de Cícero que diz que só se pode empreender a guerra por sua fé ou para sua salvação. Ele não disse o que se deve fazer preferencialmente no caso em que não se poderia conservar um destes bens sem perder o outro.

Na verdade, os saguntinos não poderiam se salvar sem trair sua fé com relação aos romanos e nem manter essa fé sem perecer, como eles preferiram de fato. Não é o que acontece com a salvação na Cidade de Deus. Ela é conservada, ou melhor, adquirida, com a fé e pela fé. Sendo que a perda da fé arrasta com ela a salvação. Foi este pensamento, de um coração firme e generoso, que fez um número tão grande de mártires, enquanto que Rômulo não teve um só que tenha derramado seu sangue por confessar sua divindade.

Capítulo VII

Se o mundo acreditou em Jesus Cristo, isso foi obra de uma virtude divina e não de uma persuasão humana.

Mas é perfeitamente ridículo nos opor à falsa divindade de Rômulo, quando falamos de Jesus Cristo. Se, desde os tempos de Rômulo, ou seja, seiscentos anos antes de Cícero¹⁸⁵⁷, o mundo já era tão esclarecido que rejeitava como falso tudo o que não o era verdadeiramente, quanto mais nos próprios tempos de Cícero e, sobretudo, mais tarde, sob os reinos de Augusto e Tibério, épocas cada vez mais avançadas, teriam rejeitado para bem longe a ressurreição de Jesus Cristo em sua carne e sua ascensão ao céu, como coisas absolutamente impossíveis!

Foi preciso, para abrir os ouvidos e o coração das pessoas a essa crença, que a verdade divina ou a divindade verdadeira e uma infinidade de milagres tivessem já demonstrado que tais milagres podiam acontecer e efetivamente acontecessem.

Eis o porquê de, apesar de tantas perseguições cruéis, ter-se acreditado e pregado claramente a ressurreição e a imortalidade da carne, que primeiro surgiram com Jesus Cristo, para depois se realizar em todas as pessoas. Eis o porquê dessa crença ter sido semeada

¹⁸⁵⁷ Invés de ler *antes de Cícero*, Vivès propõe *antes de Cipião* e, de fato, como observamos acima, a exatidão histórica se acomodaria muito bem a esta correção que os editores de Louvain adotaram. Mas, é preciso ceder, como fazem os Beneditinos, à autoridade unânime dos manuscritos.

por toda a terra, para crescer e se desenvolver cada vez mais, através do sangue fecundo dos mártires, pois a autoridade dos milagres vindo confirmar a autoridade dos profetas, a verdade penetrou enfim nas mentes e se viu que ela era mais contrária ao costume do que à razão, até o dia em que o mundo inteiro abraçou pela fé o que ele perseguia com sua fúria.

Capítulo VIII

Milagres que foram feitos para que o mundo acreditasse em Jesus Cristo e que não cessaram depois que ele acreditou.

Por que, nos perguntam, esses milagres que, segundo vocês, aconteceram outrora, não acontecem mais hoje em dia? Eu poderia responder que os milagres eram necessários antes que o mundo acreditasse, para levá-lo a acreditar, enquanto que, hoje em dia, aquele que pede ainda milagre para acreditar, é, ele mesmo, um grande milagre, por não acreditar no que toda a terra acredita. Mas eles só fazem assim para duvidar da realidade dos milagres.

Ora, de onde vem que se espalhe por toda parte que Jesus Cristo subiu ao céu com seu corpo? De onde vem que, em séculos esclavados, onde se rejeitava tudo o que parecia impossível, o mundo acreditou sem milagres em coisas totalmente incríveis? Eles preferiam dizer que elas eram incríveis e que é por isso que foram acreditadas? Que eles mesmos não acreditariam?

Eis então ao que se reduz todo nosso raciocínio: ou bem as coisas incríveis que todo mundo via convenceram de uma coisa incrível que todo mundo não via ou então essa coisa era tão crível que ela não precisava de milagres para ser acreditada e, neste último caso, onde encontrar uma teimosia mais extrema do que a de nossos adversários?

Eis o que se pode responder aos mais obstinados. Que vários milagres foram realizados para assegurar esse grande e salutar milagre pelo qual Jesus Cristo ressuscitou e subiu ao céu com seu corpo; isto é o que não se pode negar.

De fato, eles estão consignados nos livros sagrados que colaram tudo junto: a realidade desses milagres e a fé que eles deveriam fundamentar. A fama desses milagres se espalhou para gerar a fé e a fé que eles geraram acrescenta à sua fama um novo brilho. Eles são lidos para os povos para que eles acreditem e, no entanto, não seriam lidos se já não fossem acreditados.

Ainda acontecem milagres em nome de Jesus Cristo, seja através dos sacramentos, seja através das preces e das relíquias dos santos, mas eles não são tão célebres quanto os primeiros. O cânon das santas letras, que devia ser fixado pela Igreja, mostra esses primeiros milagres em todos os lugares e os confia à memória dos povos. Pelo contrário, estes só são conhecidos nos lugares onde eles acontecem e, geralmente, mal e apenas por uma cidade inteira, sobretudo quando

ela é grande ou com uma vizinhança restrita. Acrescente-se, por fim, que a autoridade daqueles que a relatam, fiéis que são e se dirigindo a fiéis, não é suficientemente considerável para não deixar nenhuma dúvida nos bons espíritos.

1 - O cego de Milão

O milagre que aconteceu em Milão (eu estava lá então), quando um cegou recobrou a visão, pôde ser conhecido por todos. De fato, a cidade é grande, o imperador estava presente e esse milagre aconteceu diante de um povo imenso, que acorreu de todos os lados para ver os corpos dos santos mártires Gervásio e Protásio, que tinham sido revelados em sonho ao Bispo Ambrósio. Ora, pela virtude dessas relíquias, o cego sentiu se dissipar as trevas de seus olhos e recuperou a visão¹⁸⁵⁸.

2 - A hemorroida de Inocêncio

Mas quem, com exceção de um pequeno número, ouviu falar em Cartago da cura milagrosa de Inocêncio, outrora um advogado da prefeitura; cura que eu vi com meus próprios olhos? Ele era um homem muito piedoso, como toda sua casa e ele nos havia recebido em

¹⁸⁵⁸ Santo Agostinho relata este mesmo milagre, com mais detalhes, no primeiro livro das *Confissões* (cap. 13, n. 7). Ele o relembra no Sermão CCCXVIII, n. 1 e em suas *Retratações* (Livro I, cap. 13, n. 7). Compare com Santo Ambrósio (Epístola LXXXV e Sermão XCI) e Sidônio Apolinário (Livro VII e Epístola I).

sua casa — meu irmão Alípio¹⁸⁵⁹ e eu — no retorno de nossa viagem d’além-mar, quando não éramos ainda clérigos, mas dedicados, no entanto, ao serviço de Deus. Ficamos então com ele. Os médicos o tratavam por causa de certas fístulas hemorroidais que ele tinha em grande quantidade e que o faziam sofrer muito. Eles já tinham lhe aplicado o ferro e usado todos os medicamentos que lhes indicava sua arte. A operação tinha sido muito dolorosa e muito longa, mas os médicos, por descuido, tinham deixado intacta uma fístula, que eles não tinham visto no meio de tantas outras. Assim, enquanto eles cuidavam e curavam todas as fístulas abertas, esta tornava seus cuidados inúteis. O doente, preocupado com sua dimensão e temendo extremamente uma nova cirurgia, como o havia feito temer um seu médico particular, que os outros tinham afastado no momento da operação, não o querendo como simples testemunha e que seu senhor, após tê-lo afastado num acesso de cólera, só tinha consentido em recebê-lo com muita dificuldade, o doente, eu digo, gritou um dia, fora de si: “Vocês vão me operar mais uma vez? Será preciso que eu sofra o que me previu aquele que vocês afastaram?”

Então, eles começaram a zombar da ignorância de seu colega e a tranquilizar o doente com belas promessas. No entanto, vários dias se passam e tudo o que se tentava era inútil.

¹⁸⁵⁹ Alípio era um compatriota de Santo Agostinho, um de seus mais fiéis discípulos e de seus mais ternos amigos. Ele foi bispo em sua cidade natal, Tagaste. Ver as *Cartas* de Santo Agostinho e suas *Confissões* (Livro VI, cap. 10 e 12 e Livro VIII, cap. 12) e em outros lugares.

Os médicos insistiam em dizer que curariam essa hemorroide através de seus medicamentos, sem empregar o ferro. Eles chamaram um velho prático chamado Amônio, famoso por esse tipo de cura e que, após ter examinado o problema, fez o mesmo diagnóstico.

O doente, se acreditando já curado, zombou do médico particular que havia previsto a necessidade de uma nova operação. O que direi mais? Após alguns dias inutilmente afastados, eles voltaram e confessaram, cansados e confusos, que só o ferro podia realizar a cura. O doente, apavorado, pálido, logo que seu extremo pavor o permitiu falar, lhes ordenou que se retirassem e nunca mais voltassem.

No entanto, após ter chorado por muito tempo, não teve outro recurso que não fosse chamar um certo Alexandrino, cirurgião célebre, para fazer o que ele não quis que os outros fizessem. Este veio então e, após ter reconhecido, pelas cicatrizes, a habilidade daqueles que o haviam tratado, lhe aconselhou, um homem de bem, que os chamasse de volta e não os privasse do fruto de seus esforços. Ele acrescentou que Inocêncio só podia se curar, de fato, se sofresse uma nova cirurgia, mas que ele não queria ter a honra de uma cura tão grande e na qual ele admirava a destreza daqueles que o tinham precedido.

O doente se reconciliou então com seus médicos. Ficou resolvido que eles fariam a operação em presença de Alexandrino e ela foi realizada no dia seguinte.

No entanto, assim que os médicos se retiraram, o doente caiu em uma tristeza tão profunda que toda sua casa se cobriu de luto, como se ele já estivesse morto. Ele era visitado todos os dias por um grande número de pessoas pias e, entre outras, por Saturnino, de feliz memória, bispo de Uzali e por Gelósio, sacerdote, assim como por alguns diáconos da Igreja de Cartago. Dentre essas pessoas estava também o Bispo Aurélio, o único de todos que sobreviveu e que era uma pessoa eminentemente respeitável, com o qual muitas vezes conversamos sobre esse milagre de Deus e do qual se lembrava perfeitamente.

Como eles vinham à noite ver o doente, seguindo seu costume, ele os pediu, da maneira muito tocante, que assistissem no dia seguinte seus funerais, muito mais do que seus sofrimentos, pois as cirurgias anteriores lhe tinham causado tanta dor que ele acreditava firmemente que fosse morrer nas mãos dos médicos. Estes o consolaram da melhor forma que puderam e o exortaram a confiar em Deus e a se submeter à sua vontade.

Em seguida nos colocamos a rezar e, estando ajoelhados e prostrados em terra, segundo nosso costume, ele próprio se jogou com tanta impetuosidade que parecia que alguém o tinha derrubado

rudemente e começou a rezar. Mas, quem poderia expressar com que maneira, com que ardor, que transportes, que torrentes de lágrimas, que gemidos e que soluços! De uma maneira tal, enfim, que todos os seus membros tremiam e ele parecia como que sufocado!

Eu não sei se os outros rezavam e se tudo isso não os distraia. Por mim, eu não podia fazê-lo e disse somente estas poucas palavras: “Senhor, que as preces de vossos servos cheguem até vós, se estas não chegarem!” Parecia a mim que não se podia acrescentar mais nada, a não ser suspirar rogando.

Nós nos levantamos e, após ter recebido a bênção do bispo, nos retiramos. O doente implorou que nos encontrássemos com ele no dia seguinte e nós o exortamos a ter força e coragem.

Chegou o dia, o dia tão temido. Os servos de Deus chegaram, como tinham prometido. Os médicos entram, preparam tudo o que era necessário para a cirurgia, tiram os temidos instrumentos e todos permanecem parados e em suspense.

Aqueles que tinham mais autoridade encorajam o doente, enquanto ele é colocado no leito, na posição mais adequada para a cirurgia. A parte doente é descoberta, o médico procura com os olhos e a mão a hemorroide que ele tinha que abrir. Por fim, após ter explorado de todas as maneiras a parte doente, acaba por encontrar uma cicatriz bem firme.

Não há palavras capazes de expressar a alegria, o arrebatamento e as ações de graças de todos aqueles que estavam presentes. Foram lágrimas e exclamações que se pode imaginar, mas que são impossíveis de descrever.

3 - O tumor de Inocência

Na mesma cidade de Cartago, Inocência, mulher muito pia e do nível mais elevado, tinha um câncer no seio; um mal incurável, pelo que dizem os médicos.

Tem-se o costume de cortar e separar do corpo a parte onde está o mal ou, se se deseja prolongar um pouco mais a vida do doente, não fazer nada e esta, dizem, é a opinião de Hipócrates.

Essa senhora soube, através de um sábio médico seu amigo, que não havia mais recurso, a não ser Deus. Estando próxima a festa da Páscoa, ela foi orientada em sonho a se aproximar da primeira mulher que aparecesse a ela ao sair do batistério¹⁸⁶⁰ e lhe pedisse que fizesse o sinal da cruz sobre seu mal. Essa mulher o fez e Inocência foi curada na hora.

O médico que lhe tinha aconselhado a não tomar nenhum remédio, se ela queria viver por mais tempo, vendo-a curada, lhe perguntou vivamente o que ela tinha feito, querendo, sem dúvida, a-

¹⁸⁶⁰ Desde a antiguidade, na Igreja primitiva, o dia da Páscoa e o de Pentecostes eram prescritos para o batismo, exceto em caso de necessidade. Ver Tertuliano (*De Baptismo*, cap. 19 e *De Cor. Mil.* cap. 3) e os *Sermões* de Santo Agostinho.

prender um remédio que Hipócrates ignorava. Ela lhe disse o que havia acontecido; não sem temer, diante de seu rosto desconfiado, ouvir dele alguma palavra injuriosa a Cristo. Ele exclamou: “Realmente, pensei que você fosse me dizer alguma coisa de muito maravilhoso!” E, como ela já demonstrava uma revolta, ele acrescentou: “Que maravilha! Jesus Cristo curar um câncer no seio! Ele que ressuscitou um morto de quatro dias”¹⁸⁶¹.

Quando eu soube o que havia acontecido, não pude evitar o pensamento de que, se um milagre tão grande, acontecido em uma tão grande cidade, a uma pessoa de tão alta condição, pôde permanecer oculto, eu mesmo tinha que repreender essa senhora sobre isso. Mas, quando ela me assegurou que isso não havia passado em silêncio, eu perguntei a algumas senhoras suas amigas íntimas, que estavam então com ela, se elas sabiam. Elas me disseram que não. “Esta foi então a maneira como a senhora divulgou o fato! Nem suas melhores amigas sabiam de nada!”, eu exclamei. Como ela havia me contado o fato muito brevemente, eu lhe fiz repetir a história toda, diante dessas senhoras, que ficaram singularmente espantadas e renderam glórias a Deus.

¹⁸⁶¹ Cf. João 11: 17. À chegada de Jesus, já havia quatro dias que Lázaro estava no sepulcro.

4 - A gota de um recém-batizado

Um médico gotoso da mesma cidade, tendo dado seu nome para ser batizado, viu em sonho, na noite anterior ao seu batismo, crincinhas com cachos negros, que ele tomou por demônios e que lhe proibirem de se batizar naquele ano. Diante de sua recusa, eles lhe pisaram os pés, de sorte que ele sentiu dores mais cruéis do que nunca.

Isso não o impediu de se batizar no dia seguinte, como ele havia prometido a Deus e saiu do batistério não apenas curado de suas dores extraordinárias, como também de sua gota, sem que nunca mais tenha sentido mais nada, embora tendo vivido ainda muito tempo.

Quem ouviu falar desse milagre? No entanto, nós o conhecemos. Nós e um certo número de irmãos, a quem o boato pôde chegar.

5 - A hérnia do ator

Um antigo mímico de Coruba¹⁸⁶² foi curado ao mesmo tempo de uma paralisia e de uma hérnia e saiu do batismo como se nunca tivesse tido nada. Quem conheceu esse milagre, a não ser as pessoas de Coruba e talvez um pequeno número de pessoas? Quanto a nós, quando soubermos dele, fomos até esse homem, por ordem do Bispo

¹⁸⁶² Coruba ou Corubis é o nome de uma cidade outrora situada perto de Cartago. Veja Plínio, *Hist. Nat.* livro V, cap. 3.

Aurélio, mesmo que tenhamos sabido dele por meio de pessoas dignas, de quem não podíamos duvidar.

6 - A cura da obsessão do tribuno Espério

Espério, de uma família de tribunalistas, possui em nossa vizinhança uma propriedade nas terras de Fussales¹⁸⁶³, chamada Zubedi. Tendo reconhecido que o espírito maligno atormentava seus escravos e seu rebanho, ele pediu aos nossos sacerdotes, em minha ausência, que fossem até lá, para afastar os demônios.

Um deles foi e ofereceu o sacrifício do corpo de Jesus Cristo, com preces fervorosas, para fazer cessar essa possessão. Imediatamente ela cessou, pela misericórdia de Deus.

7 - O jovem camponês paralítico

Ora, Espério tinha recebido de um de seus amigos, um pouco da terra santa de Jerusalém, onde Jesus Cristo foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia. Ele havia pendurado essa terra em seu quarto de dormir, para se colocar a salvo das obsessões do demônio. Quando sua casa foi libertada dela, ele se perguntou o que faria com essa terra, já que não queria mais, por respeito, mantê-la em sua casa.

Por acaso aconteceu de meu colega Maximiano, bispo de Sinite e eu, estarmos então nos arredores. Espério nos pediu que fôssemos

¹⁸⁶³ Cidade situada perto de Hipona.

ir vê-lo e nós fomos. Ele nos contou tudo o que havia acontecido e nos pediu que enterrássemos essa terra em um lugar onde os cristãos pudessem se reunir para realizar o serviço de Deus. Nós concordamos com isso.

Havia perto dali um jovem camponês paralítico, que, diante dessa notícia, pediu aos seus pais que o levassem sem demora até esse santo lugar e, mal chegado lá e rezado, ele pôde caminhar sobre seus próprios pés, perfeitamente curado.

8 - O rapaz possuído vizinho de Hipona

Em uma casa de campo chamada Vitoriana, a uns cinquenta quilômetros de Hipona, há um monumento em honra aos dois mártires de Milão, Gervásio e Protásio. Levaram até ali um rapaz que, tendo ido, por volta do meio-dia, até o rio, dar água ao seu cavalo, foi possuído pelo demônio.

Como ele ficou estendido, moribundo, parecendo morto, a dona da propriedade veio à noite, segundo seu costume, até o monumento, com seus servos e alguns religiosos, para cantar hinos e fazer algumas orações. Então o demônio, incomodado e como que desperado por essas vozes, agarrou o altar com uma emoção terrível e sem ousar ou sem poder movê-lo, manteve-se preso a ele e, por assim dizer, ligado a ele. Depois, pedindo com uma voz trêmula, suplicou que lhe perdoassem e até mesmo confessou como e em que lugar ele havia entrado no corpo desse jovem. Por fim, prometendo sair dele,

ele relacionou todas as suas partes, ameaçando cortá-las, quando ele saísse dali e, ao dizer isso, ele se retirou desse rapaz.

Mas o olho do infeliz caiu sobre seu rosto, preso somente por uma pequena veia, como que uma raiz e a pupila ficou toda branca. Aqueles que estavam presente e que tinham se colocado a rezar, junto com as pessoas atraídas pelo barulho, tocadas com esse espetáculo e contentes em ver que o rapaz tinha recuperado o sentido, se afligiram, no entanto, com a perda de seu olho e diziam que era preciso chamar um médico.

Então, o cunhado daquele que o havia transportado, tomando a palavra, disse: “Deus, que afastou o demônio a pedido destes santos, pode muito bem devolver a visão a este rapaz”. Então, ele colocou como pôde o olho em seu lugar e o cobriu com seu lenço. Sete dias depois, ele achou que podia removê-lo e o encontrou perfeitamente curado.

Outros doentes também encontraram a cura nesse lugar, mas essa história nos levaria muito longe.

9 - A moça possuída vizinha de Hipona

Eu conheci uma moça de Hipona, que tendo sido esfregada com um óleo em que o sacerdote que rezava por ela havia misturado suas lágrimas, logo foi libertada do espírito maligno. Eu sei que a mesma coisa aconteceu a um rapaz na primeira vez que um bispo, que não o tinha visto, rezou por ele.

10 - A fé recompensada de Florêncio

Havia em Hipona um idoso chamado Florêncio, um homem pobre e muito pio, que vivia de seu ofício de alfaiate. Tendo perdido o casaco que o cobria e não tendo como comprar outro, ele foi até o túmulo dos Vinte Mártires¹⁸⁶⁴, que é muito célebre entre nós e pediu que eles o vestissem.

Alguns rapazes que estavam por acaso por ali e que ficaram com vontade de rir ao ouvi-lo, o seguiram quando ele saiu e começaram a debochar dele, como se ele tivesse pedido cinquenta óbolos aos mártires para comprar um casaco.

Mas ele, continuando sempre seu caminho, sem nada dizer, viu um grande peixe que se debatia na praia. Ele o pegou com a ajuda desses rapazes e o vendeu por trezentos óbolos a um cozinheiro chamado Catoso, cristão zeloso, a quem ele contou tudo o que tinha acontecido.

Ele estava disposto a comprar lá, para que sua mulher lhe fizesse o casaco que precisava, mas o cozinheiro, tendo aberto o peixe, encontrou dentro dele um anel de ouro. Tocado ao mesmo tempo de compaixão e pio medo, ele o levou àquele homem, lhe dizendo: “Eis como os Vinte Mártires trataram de vesti-lo”.

¹⁸⁶⁴ Veja o Sermão CCCXXV de Santo Agostinho, pronunciado em honra desses Vinte Mártires.

11 - A cura da cega por intercessão de Santo Estevão

O Bispo Projeto, tendo levado a Triblise as relíquias do muito glorioso mártir Santo Estevão, provocou ao redor do relicário um grande ajuntamento de pessoas. Uma mulher cega dos arredores pediu que a levassem ao bispo, que trazia esse sagrado recipiente e deu flores para que tocassem as relíquias. Quando isso foi feito, ela as levou aos olhos e recuperou prontamente a visão. Todos aqueles que estavam presentes ficaram surpresos com esse milagre, mas ela, com um semblante alegre, se pôs a caminhar diante deles e não mais precisou de guia.

12 - A fistula do Bispo Lucílio

Lucílio, bispo de Sinite, cidade vizinha a Hipona, levava em procissão as relíquias do mesmo mártir, muito venerado nesse lugar. Uma fistula, que o fazia sofrer muito e que seu médico estava a ponto de abrir, foi subitamente curada pelo efeito desse pio fardo e ele não sofreu mais desse mal dali por diante.

13 - A cura e a ressurreição do Padre Eucário

Eucário, padre espanhol que morava em Calame¹⁸⁶⁵, foi curado de uma pedra que o atormentava há muito tempo, pelas relíquias do mesmo mártir, que o Bispo Possídio¹⁸⁶⁶ transportava.

¹⁸⁶⁵ Sobre Calame, ver Livro XIV, cap. 24, desta obra.

O mesmo padre, tomado por outra doença, que o deixou tão mal que o acreditaram já morto e inclusive com as mãos atadas, retornou à vida com a ajuda do mesmo mártir. Colocaram sobre suas relíquias a batina do padre e depois sobre ele. Imediatamente ele voltou à vida.

14 - A conversão do nobre Marcial

Havia lá um homem chamado Marcial; o mais considerável da cidade e que tinha uma grande aversão pela religião cristã. Sua filha era cristã e seu genro tinha sido batizado naquele ano. Estes, vendo-o doente, o imploraram em lágrimas para que se fizesse cristão. Mas ele recusou e os afastou, com raiva, de perto dele.

Seu genro então resolveu ir ao túmulo de Santo Estevão, para pedir a Deus a conversão de seu sogro. Ele rezou com muito fervor e, pegando algumas flores do altar, as colocou sobre a cabeça do doente. Como já era noite, o idoso dormia, mas nem bem amanheceu o dia e ele gritou que fossem buscar o bispo, que estava então comigo em Hipona.

Em sua ausência, foram enviados sacerdotes, aos quais ele disse que era cristão e que o batizassem, para grande espanto de todo mundo.

¹⁸⁶⁶ Possídio, bispo de Calame, foi discípulo e amigo de Santo Agostinho, que escreveu sua biografia.

Pelo tempo que viveu, ele teve sobre os lábios estas palavras: “Senhor Jesus, receba meu espírito”, sem saber que estas palavras, as últimas que pronunciou, tinham sido as últimas palavras do Santo Estevão, quando foi lapidado pelos judeus¹⁸⁶⁷.

15 - A cura dos gotoços

Dois gotoços — um cidadão e outro estrangeiro — foram curados também pelo mesmo santo. O primeiro foi curado instantaneamente e o segundo teve uma revelação do que devia fazer, quando a dor se fizesse sentir. Ele o fez e foi curado.

16 - Santo Estevão e a ressurreição de um menino

Auduro é uma terra onde há uma igreja e, nessa igreja, uma capela dedicada a Santo Estevão. Por acaso aconteceu de, quando um menino brincava em seu pátio, bois que puxavam uma carroça, saindo de seu caminho, fizeram com que a roda passasse sobre ele e o matasse. Sua mãe o levou e o colocou junto ao lugar consagrado ao santo. Ora, não apenas ele recuperou a vida como também nem parecia ter sido ferido.

17 - A ressurreição de uma religiosa morta por um tumor

Uma religiosa que morava em Caspálio, uma região dos arredores, estando muito doente e desenganada pelos médicos, teve seu

¹⁸⁶⁷ Cf. Atos 7: 59. *E apedrejavam Estevão, que orava e dizia: “Senhor Jesus, receba o meu espírito”.*

vestido levado à mesma capela. Mas ela morreu antes que se tivesse tempo de levá-lo de volta para ela. No entanto, seus pais cobriram com ele seu corpo inanimado e imediatamente ela ressuscitou e ficou curada.

18 - A ressurreição de uma menininha

Em Hipona, um sujeito chamado Basso, da Síria, rezou diante das relíquias do santo mártir por sua filha, perigosamente doente. Ele tinha levado com ele o vestido de sua filha.

Subitamente seus parentes acorreram para lhe anunciar que ela havia morrido. Mas alguns de seus amigos, que eles encontraram no caminho, os impediram de lhe dar essa notícia, com medo que ele chorasse diante de todo mundo.

De volta para casa, quando já ecoava por todo lado os prantos dos domésticos, ele jogou sobre sua filha o vestido que ele levara à igreja e ela voltou imediatamente à vida.

19 - A ressurreição de um menininho

O filho de um certo Irineu, coletor de impostos, estava morto nessa mesma cidade. Quando já se preparava seu funeral, um dos amigos do pai lhe aconselhou esfregar o corpo de seu filho com o óleo do mesmo mártir. Fez-se isso e o menino ressuscitou.

20 - A ressurreição de outro menino

O antigo tribuno Eleusino, que colocou seu filho, morto por uma doença, sobre o túmulo do mesmo mártir, que ficava próximo do subúrbio onde ele morava, devolveu-lhe a vida, após ter rezado e derramado lágrimas por ele.

Eu poderia ainda relatar um grande número de outros milagres que eu conheci. Mas, como fazê-lo? É preciso, como eu prometi, chegar ao fim desta obra.

Eu não duvido que muitos dos nossos que me lerem fiquem chateados por eu ter omitido muitos milagres que eles também conhecem como eu. Mas eu lhes peço que me desculpem e considerem o quanto seria longo fazer o que sou obrigado a declinar.

Se eu quisesse relatar somente todas as curas que aconteceram em Calame e em Hipona, por intercessão do glorioso mártir Santo Estevão, eles preencheriam vários volumes. Ainda assim seriam somente aqueles que relacionei para serem lidos para o povo. Foi por minhas ordens que foram coletados esses relatos, quando vi acontecer em nosso tempo vários milagres como aqueles de antigamente e cuja memória não se podia deixar perder.

Ora, não fazem ainda dois anos que as relíquias desse mártir estão em Hipona¹⁸⁶⁸ e mesmo que ainda não se tenha feito a relação completa de todos os milagres que aconteceram ali, eles já são por volta de setenta, até o presente momento. Mas em Calame, onde as relíquias desse santo mártir estão há muito mais tempo e se tem muito mais cuidado de fazer esses registros, o número deles é muito maior.

Sabemos também que vários milagres aconteceram em Uzales, colônia vizinha da Útica, graças às relíquias do mesmo mártir, que o Bispo Evódio¹⁸⁶⁹ levou para lá, bem antes de tê-la trazido para Hipona. Mas nessa região não se tem o costume de fazer esses registros ou, pelo menos não se tinha essa prática antigamente. Talvez eles o façam agora.

Como estivemos lá não faz muito tempo, uma senhora da alta sociedade, chamada Petrônia, tendo sido curada milagrosamente de um langor que tinha esgotado todos os remédios dos médicos, nós a exortamos, com a concordância do bispo, a fazer um registro que pudesse ser lido ao povo. Ela concordou conosco muito amavelmente e inseriu nele uma circunstância que não posso negligenciar aqui, embora pressionado a passar ao que me resta a dizer. Ela disse que um judeu a convenceu a levar junto à sua pele um cinto de cabelos

¹⁸⁶⁸ Esta passagem forneceu o meio de fixar a composição do último livro da *Cidade de Deus*, por volta do ano 426.

¹⁸⁶⁹ Evódio foi bispo de Uzales, discípulo e amigo de Santo Agostinho. Veja as *Confissões* e as *Cartas*.

onde estaria um anel com uma pedra encastelada encontrada nos rins de um boi.

Essa senhora, trazendo esse cinto junto a ela, vinha à igreja do santo mártir. Mas um dia, partiu de Cartago e, como havia parado em uma de suas terras, nas margens do rio Bagrada, se levantou para continuar o caminho, mas ficou espantada por ver seu anel em seus pés. Ela apalpou seu cinto para ver se ele não havia se soltado e o encontrando bem preso, acreditou que o anel havia se rompido. Mas ela o examinou, o encontrou perfeitamente inteiro e tomou esse prodígio como uma certeza de sua cura. Ela soltou então seu cinto e o jogou com o anel no rio.

Não acreditarão neste milagre aqueles que não acreditam que o Senhor Jesus Cristo tenha saído do seio de sua mãe sem alterar sua virgindade e que tenha entrado, com todas as portas fechadas, no lugar onde estavam reunidos seus discípulos. Mas, que eles se informem pelo menos do fato que acabo de relatar e, se o acharem verdadeiro, que acreditem também no resto. É uma senhora ilustre, bem nascida e muito bem casada. Ela mora em Cartago. A cidade é grande e a pessoa conhecida. É impossível que aqueles que perguntarem sobre este milagre não acabem obtendo a informação.

Esse mesmo mártir, por intermédio do qual ela foi curada, acreditou no filho de uma virgem, aquele que entrou com as portas fechadas no lugar onde estavam reunidos seus discípulos. Enfim,

tudo o que dissemos foi para chegar a este ponto: ele acreditou naquele que subiu ao céu com o mesmo corpo no qual ele ressuscitou e se tantas maravilhas se operam pela intercessão do santo mártir, foi por que ele deu sua vida para manter sua fé.

Acontecem então ainda hoje muitos milagres. O mesmo Deus que fez os prodígios que lemos, faz ainda estes, para as pessoas que lhe agrada escolher e como ele quer. Mas estes últimos não são tão conhecidos, por que uma frequente leitura não os imprime na memória tão fortemente quanto os outros.

Nos próprios lugares onde se tem o cuidado de escrever esses relatos, aqueles que estão presentes, quando eles são lidos, só os ouvem uma vez e há muitos ausentes. As próprias pessoas que os ouvem não os memorizam e dificilmente se encontre uma só delas que os relate para outras.

Eis um milagre que aconteceu entre nós e que não é menor do que aqueles que eu mencionei. Mas ele é tão impressionante que não creio que haja em Hipona uma pessoa que não o tenha visto ou que não tenha ouvido falar dele e que possa esquecê-lo um dia.

Dez crianças, sendo sete meninos e três meninas, nativos de Cesaréa na Capadócia e de muito boa condição, tendo sido amaldiçoados por sua mãe, por algum ultraje que cometaram após a morte de seu marido, foram milagrosamente atingidos por um tremor em seus membros. Não podendo suportar em sua terra a confusão que os a-

cometera, eles se foram, cada um por seu lado, errar pelo Império Romano.

Dois deles, um irmão eu uma irmã, Paulo e Paládia, vieram para Hipona, já famosos em muitos lugares por sua desgraça. Eles chegaram quinze dias antes da festa da Páscoa e visitavam todos os dias a igreja onde estavam as relíquias do glorioso Santo Estevão, rezando a Deus para que lhes perdoasse e lhes restituísse a saúde.

Por toda parte por onde iam, atraíam os olhares e aqueles que os tinham visto em outros lugares diziam aos outros a causa de seus tremores.

Chegado o dia da Páscoa e como já uma grande multidão enchia a igreja, o rapaz, segurando os balaústres do lugar onde estavam as relíquias do mártir, caiu subitamente e ficou por terra como que adormecido, sem, no entanto, tremer, como fazia comumente, mesmo dormindo.

Esse acidente espantou todo mundo e muitos ficaram tocados por ele. Houve quem quisesse levantá-lo, mas outros impediram, dizendo que era melhor esperar o fim de seu sono. Subitamente o rapaz se pôs de pé sem tremer, pois estava curado, examinando todos aqueles que o observavam. Quem pode evitar então de dar graças a Deus?

Toda a igreja retinu em gritos de alegria e correram prontamente para mim, para me contar o acontecido, no lugar onde eu esta-

va, pronto para me dirigir ao povo. Eles vinham um após o outro, com o último me contando como se eu não tivesse sabido do caso pelo primeiro.

Enquanto eu me regozijava e dava graças a Deus, o rapaz curado entrou com os outros e se jogou aos meus pés. Eu o abracei e o levantei. Nós nos dirigimos rumo ao povo, estando a igreja lotada e só se ouvia por todos os lados: “ Bendito seja Deus! Bendito seja Deus!” Eu saldei o povo e ele recomeçou ainda mais forte as mesmas aclamações.

Por fim, quando todos fizeram silêncio, lemos alguns trechos das Escrituras. Quando chegou o momento em que eu devia falar, fiz um pequeno sermão, de acordo com a exigência do tempo e a grandeza dessa alegria, achando melhor que eles desfrutassem da eloquência de Deus em uma obra tão maravilhosa, do que do meu próprio discurso.

O rapaz almoçou conosco e nos contou em detalhes a história de seu infortúnio, de seus irmãos, de suas irmãs e de sua mãe. No dia seguinte, após o sermão, eu prometi ao povo que leria essa história no dia seguinte¹⁸⁷⁰.

No terceiro dia então, após o domingo de Páscoa, como se fazia a leitura que havia prometido, eu pedi que colocassem o irmão e a

¹⁸⁷⁰ Veja o Sermão CCXXI de Santo Agostinho.

irmã nos degraus por onde eu subia para falar, para que se pudessevê-los. Todo o povo os olhava atentamente; uns com atitude tranquila e outros tremendo com todos os seus membros. Aqueles que não os tinham visto, desta forma ficavam sabendo, através do infortúnio de sua irmã, da misericórdia de Deus para com o irmão. Eles viam assim que era preciso se regozijar com ele e que era preciso pedir por ela.

Quando se terminou de ler esse relato, eu pedi que se retirassem. Eu comecei a fazer algumas observações sobre esta história, quando se ouviu novas aclamações que vinham do túmulo do mártir. Toda a assembleia se voltou para esse lado e foi para ali em massa. A moça, nem bem desceu dos degraus onde eu pedi que ficasse e correu para se colocar em preces junto ao túmulo. Ela mal havia tocado os balaústres e caiu como seu irmão, levantando-se perfeitamente curada.

Como perguntamos o que tinha acontecido e de onde vinham esses gritos de alegria, os fiéis entraram com ela na basílica onde estávamos, conduzindo-a curada do túmulo do mártir. Então se ergueu um tão grande grito de alegria das bocas dos homens e mulheres, que se podia acreditar que as lágrimas e as aclamações não terminariam¹⁸⁷¹.

¹⁸⁷¹ Ver o Sermão CCCXXIII.

Paládia foi conduzida ao mesmo lugar onde a tinham visto antes tremer com todos os seus membros. Da mesma forma como se afligiu por vê-la menos favorecida do que seu irmão, agora se alegrava por vê-la tão bem curada quanto ele. Glorificou-se a bondade de Deus, que tinha ouvido e atendido as preces que mal se teve tempo de fazer por ela.

Assim, ergueu-se por toda parte tão grandes gritos de alegria que mal nossos ouvidos podiam suportar. O que havia no coração desse povo tão feliz, se não era a fé do Cristo, pela qual Santo Estevão derramou seu sangue?

Capítulo IX

Todos os milagres realizados pelos mártires em nome de Jesus Cristo são testemunhos da fé que eles tiveram em Jesus Cristo.

A que esses milagres prestam testemunho, se não é àquela fé que prega Jesus Cristo ressuscitado e subido ao céu em corpo e alma? Os próprios mártires foram *mártires*, ou seja, testemunhas dessa fé. Foi por ela que eles atraíram o ódio e a perseguição do mundo e que eles venceram, não resistindo a ele, mas morrendo nele. Foi por ela que eles morreram; eles, que podem obter essas graças do Senhor, em nome do qual eles morreram. Foi por ela que eles sofreram, para que sua admirável paciência fosse seguida desses milagres de poder.

Se não fosse verdade que a ressurreição da carne se manifestou primeiro em Jesus Cristo e que ela deve se realizar em todas as pessoas, tal como foi anunciada por este Salvador e predita pelos Profetas, por que os mártires, degolados por essa fé que prega a ressurreição, teriam, embora mortos, um tão grande poder?

De fato, seja que Deus faça ele mesmo esses milagres, segundo o maravilhoso modo de ação que provoca efeitos temporais de dentro da eternidade; seja que ele age através de seus ministros e, neste último caso, seja que ele empregue o ministério dos espíritos dos mártires, como eles eram ainda neste mundo, ou o dos anjos, com os mártires interpondo aí somente suas preces; seja, enfim, que ele ajude de alguma outra maneira incompreensível aos humanos, é preciso sempre concordar que os mártires prestam testemunho a essa fé que prega a ressurreição eterna dos corpos.

Capítulo X

O quanto são mais dignos de serem honrados os mártires que operam tais milagres, para que se adore Deus, do que os demônios, que só fazem certos prodígios para fazer com que eles mesmos sejam adorados.

Os pagãos talvez digam que seus deuses também fizeram milagres. Maravilha! Contanto que eles não venham comparar seus deuses com as pessoas que morrem entre nós.

Eles dirão que também possuem deuses que vieram dos mortos, como Hércules, Rômulo e muitos outros, que eles acreditam terem sido elevados ao nível de deuses? Mas nós não acreditamos que nossos mártires sejam deuses, por que sabemos que nosso Deus é o deles e, no entanto, os milagres que os pagãos dizem terem sido feitos nos templos de seus deuses não são, de forma alguma, comparáveis àqueles que acontecem nos túmulos dos mártires. Ou, se há alguns que parecem ser de mesma ordem, nossos mártires não deixam de superar seus deuses, como Moisés venceu os magos do faraó¹⁸⁷².

De fato, os prodígios realizados pelos demônios são inspirados pelo mesmo orgulho que os levou a querer ser deuses. Enquanto que nossos mártires os fazem __ ou melhor, Deus os faz através deles, atendendo suas preces __ para estabelecer cada vez mais essa fé que nos faz acreditar, não que os mártires sejam deuses, mas que eles possuem conosco o mesmo Deus. Por fim, os pagãos construíram templos às divindades de sua escolha, lhes providenciaram altares, forneceram sacerdotes, lhes fazem sacrifícios, enquanto que nós não erguermos templos para nossos mártires como se fossem deuses, mas túmulos, como a mortos cujos espíritos estão vivos diante de Deus. Nós não fazemos altares para lhes fazer sacrifícios, mas imolamos a hóstia para Deus somente, que é o nosso Deus e o deles. Durante o

¹⁸⁷² Cf.Êxodo 8.

sacrifício, eles são chamados pelo nome, em seu lugar e em sua ordem, como pessoas de Deus que, ao confessar seu nome, venceram o mundo, mas o sacerdote que sacrifica não os invoca; é a Deus que ele sacrifica e não a eles, embora ele sacrificue em memória deles, pois ele é o sacerdote de Deus e não dos mártires. E no que consiste o próprio sacrifício? É o corpo de Jesus Cristo, que não é oferecido aos mártires, por que eles mesmos também são corpos.

Em quais milagres se deve acreditar? Nos milagres daqueles que querem se passar por deuses ou nos milagres daqueles que só os fazem para estabelecer a fé na divindade de Jesus Cristo? Em quem confiar? Naqueles que querem que se consagre seus crimes ou naqueles que não querem que se consagre seus feitos e sim que sejam reportados à glória daquele em quem eles são feitos.

É em Deus, de fato, que suas almas são glorificadas¹⁸⁷³. Creiamos então na verdade de seus discursos e no poder de seus milagres, pois foi por terem dito a verdade que eles sofreram a morte e foi a morte livremente sofrida que lhes valeu o dom dos milagres.

Uma das principais verdades que eles afirmaram foi que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos e que ele mostrou, em sua carne, a imortalidade da ressurreição que ele nos prometeu no começo do novo século ou no fim deste.

¹⁸⁷³ Cf. Salmo 33: 3. *Glorie-se a minha alma no Senhor. Ouçam-me os humildes e se alegrem.*

Capítulo XI

Contra os platônicos que pretendem provar, pelo peso dos elementos, que um corpo terrestre não pode morar no céu.

A essa graça assinalada de Deus, o que opõem esses raciocínios em que Deus sabe que os pensamentos são vãos?¹⁸⁷⁴ Eles argumentam com o peso dos elementos.

Platão, seu mestre, lhes ensinou, de fato, que dois dos grandes elementos do mundo e os mais distanciados um do outro, o fogo e a terra, são juntados e unidos por dois elementos intermediários, ou seja, pelo ar e pela água¹⁸⁷⁵.

Assim, eles dizem, já que a terra é o primeiro corpo, ao remontar a série, a água o segundo, o ar o terceiro e o céu o quarto, um corpo terrestre não pode estar no céu. Cada elemento, para ter seu lugar, é mantido em equilíbrio por seu próprio peso¹⁸⁷⁶.

Eis os argumentos que a fraqueza presunçosa humana utiliza para combater a onipotência de Deus. O que fazem então tantos corpos terrestres no ar, que é o terceiro elemento acima da terra? A menos que não se queira dizer que aquele que deu aos corpos terrestres dos pássaros a faculdade de se erguer nos ares, pela leveza de suas

¹⁸⁷⁴ Cf. Salmo 93: 11. *O Senhor conhece os pensamentos dos homens e sabe que são vãos.*

¹⁸⁷⁵ Platão, *Timeu*, tomo XI.

¹⁸⁷⁶ Ver Plínio, *Hist. Nat.* livro II, cap. 4.

plumas, não poderá dar aos seres humanos, que se tornam imortais, a virtude de residir mesmo no mais alto dos céus!

Por conta disso, os animais terrestres, que não podem voar, como os seres humanos, deveriam viver sob a terra, como os peixes, que são animais aquáticos e vivem sob a água. Por que um animal terrestre não tira pelo menos sua vida do segundo elemento, que é a água e não pode permanecer ali sem ser sufocado e por que é preciso que ele viva no terceiro?

Há, portanto, um erro aqui, na ordem dos elementos. Ou melhor, não é seu raciocínio e não a natureza que está errada? Eu não retornarei aqui ao que eu já disse no décimo terceiro livro¹⁸⁷⁷. Como, por exemplo, há muitos corpos pesados, como o chumbo, aos quais a arte pode dar uma certa figura que lhes permite flutuar sobre a água. E se recusará ao soberano artesão o poder de dar ao corpo humano uma qualidade que o ergue e o retém no céu?

Há mais e esses filósofos não podem nem mesmo se servir, para me combater, da suposta ordem dos elementos. Pois, se a terra ocupa, com seu peso, a primeira região, se a água vem em seguida, depois o ar, depois o céu, a alma está acima de tudo isso. Aristóteles,

¹⁸⁷⁷ Cap. 18.

de fato, faz dela um quinto corpo¹⁸⁷⁸ e Platão nega que ela seja um corpo.

Ora, se ela é um quinto corpo, seguramente esse corpo está acima de todos os outros e se ela não é um corpo, ela ultrapassa todos em um nível ainda mais elevado. O que faz ela então em um corpo terrestre? O que faz a coisa mais sutil, mais leve, mais ativa de todas, em uma massa tão grosseira, tão pesada e tão inerte? Uma natureza tão excelente assim não poderia erguer seu corpo até o céu? E se agora corpos terrestres possuem a virtude de reter as almas aqui embaixo, as almas não poderão um dia erguer ao alto os corpos terrestres?

Passemos aos milagres de seus deuses, que eles contrapõem aos dos nosso mártires e veremos que eles nos justificam.

Certo, se algum dia os deuses pagãos fizeram alguma coisa de extraordinário, é o que conta Varrão de uma vestal que, acusada de ter violado seu voto de castidade, retirou água do Tibre em uma peneira e a levou até seus juízes sem derramar uma só gota¹⁸⁷⁹.

Quem sustentava sobre a peneira o peso da água? Quem a impedia de escorrer por todas as aberturas? Eles responderão que foi

¹⁸⁷⁸ É, de fato, confiando em Cícero (*Acad.* 1, 7, 26) que Santo Agostinho atribui a Aristóteles esta estranha doutrina. Encontramos, de fato, nas *Tusculanes*, uma passagem donde é natural concluir que a alma não passava, para Aristóteles, de um elemento mais puro do que os outros (*Tusc. Qu.*, livro 1, cap. 10, 22). A verdade é que Aristóteles (*De caelo* 4, 6) admitia, de fato, abaixo dos quatro elementos, reconhecidos por toda a física antiga, uma quinta substância, com a qual os astros eram formados. Mas jamais essa grande mente fez da alma uma substância corpórea. Segundo sua definição bem precisa e toda sua doutrina, tão amplamente desenvolvida no belo tratado *De anima*, a alma é para ele a forma ou a energia do corpo, ou seja, sua essência e sua vida.

¹⁸⁷⁹ Ver Livro X, cap. 16, desta obra.

algum deus ou algum demônio. Se foi um deus, ele é mais poderoso do que aquele que criou o mundo? Se foi um demônio, ele é mais poderoso do que um anjo submisso ao Deus criador do mundo?

Se então, um deus inferior, anjo ou demônio pôde manter suspenso um elemento pesado e líquido, de sorte que se diz que a água mudou sua natureza, o Deus onipotente, que criou todos os elementos, não poderá retirar de um corpo terrestre seu peso, para que habite, renascido e vivificado, onde desejar o espírito que o vivifica?

Aliás, já que esses filósofos querem que o ar esteja entre o fogo e a água, abaixo de um e acima do outro, por que é que nós o encontramos frequentemente entre a água e a água, ou entre a água e a terra?

O que são as nuvens, segundo eles? Água, sem dúvida e, no entanto, não existe ar entre elas e os mares? Por que peso e que ordem de elementos, torrentes de água, muito impetuosas e muito abundantes, estão suspensas nas nuvens, acima do ar, antes de escorrer para baixo, do ar para a terra?

Além disso, se a ordem dos elementos quer, como diz Platão, que os dois extremos, ou seja, o fogo e a terra, sejam unidos pelos dois outros que estão no meio, ou seja, a água e o fogo e que o fogo ocupe o mais alto do céu e a terra a parte mais baixa do mundo, como um tipo de fundamento, de tal sorte que a terra não possa estar no céu, por que o fogo está sobre a terra? Pois, enfim, em seu sistema,

estes dois elementos, a terra e o fogo, o mais baixo e o mais alto, devem se manter tão bem, cada um em seu lugar, que nem aquele que deve estar embaixo pode subir e nem aquele que está no alto deve descer.

Assim, já que em seu sistema não pode haver a menor parcela de fogo no céu, não deveríamos ver também a menor parcela de fogo sobre a terra. No entanto, o fogo está tão realmente sobre a terra a até mesmo sob a terra, que os cumes das montanhas o vomitam. Além disso, ele serve sobre a terra aos diferentes usos humanos e ele até mesmo nasce na terra, pois nós o vemos jorrar da madeira e do carvão, que são, sem dúvida, corpos terrestres.

Mas o fogo de ligação, eles dizem, é um fogo tranquilo, puro, inofensivo e eterno, enquanto que este é violento, carregado de vapor, corruptível e corruptor¹⁸⁸⁰. Ele não corrompe, no entanto, as montanhas e as cavernas, onde ele queima continuamente.

Mas eu quero supor que ele seja diferente do outro, para nossos propósitos. Por que então eles não querem que a natureza dos corpos terrestres, tornada incorruptível, possa se colocar em harmonia com a do céu, como hoje o fogo corruptível se une com a terra? Eles não poderiam tirar então nenhuma vantagem do peso e nem da ordem dos elementos, para mostrar que é impossível ao Deus onipotente modi-

¹⁸⁸⁰ Veja Plotino, *Enéadas II*, livro I, cap. 7 e 8 e livro II, cap. 11.

ficar nossos corpos de tal maneira que eles possam permanecer no céu.

Capítulo XII

Contra as calúnias e as zombarias dos infiéis com relação à ressurreição dos corpos.

Mas nossos adversários nos pressionam com questões minuciosas e irônicas sobre a ressurreição da carne. Eles nos perguntam se as criaturas abortadas ressuscitarão e, como Nosso Senhor disse: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça*¹⁸⁸¹, eles nos perguntam também se a altura e a força serão iguais em todos ou se os corpos serão de diferentes dimensões.

No primeiro caso, donde os seres abortados, supondo que ressuscitem, retirarão o lhes faltou ao nascer? E se lhes for dito que não ressuscitarão, já que não nasceram realmente, a mesma dificuldade se ergue com relação às criancinhas completas, mas mortas no berço. De fato, não podemos dizer que aqueles que, não somente não foram gerados, mas regenerados pelo batismo, ressuscitarão.

Além disso, eles perguntam de que estatura serão os corpos nessa igualdade de todos. Se eles todos terão o comprimento e a largura daqueles que foram aqui os maiores ou se muitos obterão o que lhes faltou aqui na terra, para atingir essa altura?

¹⁸⁸¹ Lucas 21: 18.

Outra questão. Se, como diz o Apóstolo, devemos todos atingir *a estatura da maturidade de Cristo*¹⁸⁸²; se, segundo o mesmo Apóstolo, Deus nos predestinou para sermos *conformes à imagem de seu Filho*¹⁸⁸³; se, em outros termos, o corpo de Jesus Cristo deve ser a medida de todos aqueles que estarão em seu reino, será preciso, como eles dizem, diminuir a estatura de várias pessoas. Então, como se cumprirão estas palavras: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça.*

Com relação aos cabelos, eles nos perguntam também se teremos também todos aqueles que o barbeiro cortou. Mas, neste caso, de que horrível deformidade não estaríamos ameaçados! Pois, o que acontecer com os cabelos não deixaria de acontecer com as unhas.

Onde estaria então a decência, que deve ter seus direitos nesse estado de bem-aventurança, muito mais ainda do que nesta miserável vida?

Diremos que tudo isso não acontecerá aos ressuscitados? Tudo isso perecerá da mesma forma. Por que achar que algum fio de cabelo de nossa cabeça não perecerá?

São iguais as dificuldades sobre a magreza e a obesidade, pois, se todos os ressuscitados são iguais, não existirão uns mais magros e

¹⁸⁸² Efésios 4: 13.

¹⁸⁸³ Romanos 8: 29.

outros mais gordos. De uns serão tirados e a outros acrescentados. Uns ganharão o que não tinham e outros perderão o que tinham.

Não se deixa de levantar objeções com relação à corrupção e à dissolução dos corpos mortos, em que uma parte se transforma em pó e outra evapora no ar. Além disso, alguns são comidos por animais, outros consumidos pelo fogo, outros caem na água depois de um naufrágio ou por qualquer outro motivo, se corrompendo e se liquefazendo. Como acreditar que tudo isso possa se reunir para reconstituir um corpo?

Eles se valem também dos defeitos de nascença ou por acidente. Eles alegam os nascimentos monstruosos e perguntam, com um ar de deboche, se os corpos malfeitos ressuscitarão com sua mesma deformidade. Se respondemos que a ressurreição fará desaparecer todos esses defeitos, eles nos acusam de contradição, por causa das cicatrizes do Salvador, que acreditamos ter ressuscitado com ele.

Mas, eis a questão mais difícil: a quem deve retornar a carne de uma pessoa, quando outra faminta fez dela seu alimento? Essa carne foi assimilada pela substância daquele que a devorou e preencheu os vazios provocados pela sua magreza. Pergunta-se então se ela será devolvida à primeira pessoa que a possuiu ou se àquela que se alimentou dela.

É desta forma que nossos adversários pretendem devotar ao ridículo a fé na ressurreição, salvo prometer à alma, como Platão, uma

vicissitude eterna de verdadeira miséria e falsa felicidade¹⁸⁸⁴ ou sustentar, como Porfírio, que, após diversas revoluções através de corpos, ele verá o fim de suas misérias, não tomando um corpo imortal, mas, se libertando de toda espécie de corpo.

Capítulo XIII

Se as crianças abortadas, estando incluídas na lista dos mortos, estarão incluídas na lista dos ressuscitados.

Vou responder, com a ajuda de Deus, às objeções que coloquei na boca dos nossos adversários.

Não ousarei negar e nem assegurar que as crianças abortadas, que viveram no seio de sua mãe e aí morreram, devem ressuscitar. No entanto, não vejo por que, estando incluídas na lista dos mortos, elas sejam excluídas da ressurreição.

De fato, ou bem todos os mortos não ressuscitarão e haverá almas que permanecerão eternamente sem corpos, como aquelas que não os tiveram no seio materno, ou bem, se todas as almas humanas retomam os corpos que tiveram, seja qual for o lugar onde o deixaram, não vejo razão para excluir da ressurreição as crianças que morrerão no seio de sua mãe.

¹⁸⁸⁴ Observamos acima que Platão só admite com reserva a doutrina pitagórica da metempsicose e que, no *Fedro*, no *Timeu*, na *República* e no *Fédon*, ele anuncia expressamente às almas justas uma imortalidade de felicidade no seio da divindade.

Mas, seja qual for a opinião que se adote, pelo menos é preciso lhes aplicar, se ressuscitam, o que iremos dizer sobre as crianças já nascidas.

Capítulo XIV

Se as crianças ressuscitarão com o mesmo corpo que tinham na idade em que morreram.

Que diremos então das crianças, se não é que elas não ressuscitarão no estado de pequenez em que estavam ao morrer? Elas receberão, em um instante, pela onipotência de Deus, o crescimento que deveriam atingir com o tempo.

Quando Nosso Senhor disse: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça*, ele quis dizer que não perderíamos nada do que tínhamos, mas não que não ganharíamos nada do que nos faltou.

Ora, o que falta a uma criança que morre é o desenvolvimento completo de seu corpo. Para ela ser perfeita como criança, a perfeição da grandeza corporal lhe falta e ela só a atingirá no término de seu crescimento. Pode-se dizer, em um certo sentido, que ela possui, desde que foi concebida, tudo o que ela deve adquirir. Ela o possui idealmente, em potência, mas não de fato, da mesma forma como todas as partes do corpo humano estão contidas em sua semente, embora muitas delas faltem às crianças já nascidas; como os dentes, por exemplo e outras partes semelhantes.

É nesta razão seminal da matéria que está reunido tudo o que ainda não se vê, tudo o que deve aparecer um dia. É nela que a criança, que será um dia pequena ou grande, já é grande ou pequena. É por causa dela, enfim, que, na ressurreição dos corpos, não perdemos nada do que temos aqui embaixo e todas as pessoas devem ressuscitar iguais e com altura de gigantes. Aquelas que já a tinham não perderão nada, já que Jesus Cristo disse: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça*. Quanto às outras, o admirável Trabalhador que tirou todas as coisas do nada não terá dificuldade em suprir o que lhes faltar¹⁸⁸⁵.

Capítulo XV

Se a estatura de Jesus Cristo será o modelo da estatura de todas as pessoas na ressurreição.

É certo que Jesus Cristo ressuscitou com a mesma estatura que ele tinha por ocasião de sua morte e seria um engano acreditar que no dia da ressurreição geral, ele assumirá, para igualar as mais altas estaturas, uma grandeza carnal que ele não tinha quando apareceu aos seus discípulos sob a forma que lhes era conhecida.

Agora, vamos dizer que os mais altos devem ser reduzidos à medida do Salvador? Mas então, ter-se-ia que cortar os corpos de

¹⁸⁸⁵ Compare com Santo Agostinho, *Manual de Fé, Esperança e Caridade*, cap. 23 e *O Gênesis Literalmente*, livro III, cap. 23.

muitos, o que contraria estas palavras divinas: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça.*

Resta então dizer que cada um tomará a estatura que tinha em sua juventude, mesmo que tenha morrido idoso ou aquela que teria um dia, se a morte não tivesse se antecipado.

Quanto à *estatura da maturidade de Cristo*, mencionada pelo Apóstolo, ou bem não se deve entendê-la literalmente e dizer que a maturidade desse líder místico encontrará sua plenitude na perfeição de seus membros ou, se nós a entendermos na ressurreição dos corpos, é preciso acreditar que os corpos não ressuscitarão nem acima e nem abaixo da juventude, mas na idade e na força que sabemos que Jesus Cristo tinha atingido.

Os mais sábios dos pagãos fixaram mesmo a plenitude da juventude por volta dos trinta anos¹⁸⁸⁶, após o que, o ser humano começa o retorno e se encaminha rumo à velhice.

O Apóstolo também não disse “a estatura do corpo”, mas *a estatura da maturidade de Cristo.*

¹⁸⁸⁶ Esta é, de fato, a opinião de Hipócrates e a de Varrão, segundo Cenorino, *De die natali*, cap. 14. Compare com Aulus Gálio, *Noct. att.*, livro X, cap. 28.

Capítulo XVI

Como se deve entender que os santos ficarão conformes à imagem do Filho de Deus.

Quando o Apóstolo fala dos predestinados que ficarão *conformes à imagem de seu Filho*¹⁸⁸⁷, podemos muito bem entender que se trata do ser humano interior.

É desta forma que é dito em outro lugar: *Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito*¹⁸⁸⁸. É pela mesma parte de nosso ser que devemos nos reformar, não para ficarmos conformes ao mundo, mas para nos tornarmos conformes ao Filho de Deus.

Também podemos entender estas palavras no sentido de que, da mesma forma como Deus se tornou conforme a nós, quando assumiu a condição mortal, assim também ficaremos conformes a ele através da imortalidade e isso tem também relação com a ressurreição dos corpos.

Se quisermos explicar estas palavras através da forma sob a qual os corpos ressuscitarão, essa conformidade, bem como a estatura mencionada pelo Apóstolo, visará apenas a idade e não a altura. Cada um ressuscitará tão grande quanto era ou que seria em sua juventude. Quanto à forma, pouco importará que seja a de um velho ou

¹⁸⁸⁷ Romanos 8: 29.

¹⁸⁸⁸ Romanos 12: 2.

de uma criança, já que nem o espírito e nem o corpo estarão sujeitos a qualquer fraqueza.

Se então, quem quiser defender que cada um ressuscitará na mesma conformação dos membros que tinha por ocasião de sua morte, não há motivo para se envolver em uma cansativa discussão.

Capítulo XVII

Se as mulheres, ao ressuscitar, manterão seu gênero.

Das palavras: *Até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo*¹⁸⁸⁹ e estas: *Conformes à imagem de seu Filho*¹⁸⁹⁰, alguns concluíram¹⁸⁹¹ que as mulheres não ressuscitarão em seu gênero, mas no do homem, por que Deus formou somente o homem do barro da terra e tirou a mulher do homem.

Quanto a mim, acho mais razoável acreditar na ressurreição de um e de outro gênero, pois não haverá mais esse desejo que nos causa hoje tanta confusão. Da mesma forma, antes do pecado, o homem e a mulher estavam nus e não se incomodavam com isso. O vício será então cortado de nossos corpos, mas sua natureza permanecerá. Ora, o gênero da mulher não é nela um vício, é sua natureza.

¹⁸⁸⁹ Efésios 4: 13.

¹⁸⁹⁰ Romanos 8: 29.

¹⁸⁹¹ Esta era a opinião de Orígenes, como nos informa São Jerônimo em sua carta a Pamáquio.

Aliás, não haverá mais relações carnais e nem maternidade e a mulher será ornada com uma beleza nova, que não acenderá a volúpia, doravante desaparecida, mas que glorificará a sabedoria e a bondade de Deus, que fez o que não existia e livrou da corrupção o que fez.

Foi preciso, no começo do gênero humano, que um lado do homem fosse tirado para fazer uma mulher, pois este é um símbolo profético de Jesus Cristo e de sua Igreja.

O sono de Adão¹⁸⁹² foi a morte do Salvador¹⁸⁹³, cujo lado foi perfurado por uma lança na cruz depois de morto e donde saíram sangue e água¹⁸⁹⁴, que representam os sacramentos, sobre os quais a Igreja foi “edificada”. Esta é a palavra utilizada pela Escritura, pois ela não diz que Deus formou ou confeccionou com a costela do primeiro homem, mas que *ele edificou uma mulher*¹⁸⁹⁵, donde vem que o Apóstolo chama a Igreja de *a edificação do corpo de Cristo*¹⁸⁹⁶.

A mulher é, portanto, uma criatura de Deus tanto quanto o homem, mas ela foi feita do homem para consagrar a unidade e ela foi

¹⁸⁹² Cf. Gênesis 2: 21. *Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar.*

¹⁸⁹³ Compare com Santo Agostinho, *De Gen. contra Man.*, cap. 37.

¹⁸⁹⁴ Cf. João 19: 34. *Mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água.*

¹⁸⁹⁵ Gênesis 2: 22. *Et ædificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem : et adduxit eam ad Adam.*

¹⁸⁹⁶ Efésios 4: 12. *Ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in ædificationem corporis Christi.*

feita desta maneira para representar Jesus Cristo e a Igreja. Aquele que criou um e outra restabelecerá ambos.

Assim, o próprio Jesus Cristo, quando os Saduceus, que negavam a ressurreição, lhe perguntaram a qual dos sete irmãos pertencia a mulher que tinha se casado com todos eles — um após o outro; cada um deles querendo, segundo o preceito da lei, perpetuar a posteridade de seu irmão — respondeu: *Errais, não comprehendendo as Escrituras nem o poder de Deus*¹⁸⁹⁷. E, longe de dizer como era naquela época, acrescentou: *Na ressurreição, os homens não terão mulheres nem as mulheres, maridos, mas serão como os anjos de Deus no céu*¹⁸⁹⁸.

Eles serão, de fato, iguais aos anjos pela imortalidade e a beatitude, mas não quanto ao corpo nem quanto à ressurreição, que os anjos não precisaram, por que eles não morreram.

Nosso Senhor disse então que não haverá casamentos na ressurreição, mas não disse que não haverá mulheres. Ele não o disse numa oportunidade em que a resposta natural seria: “Não haverá mulheres”, se ele tivesse previsto que elas não deveriam existir.

Além disso, ele declarou que a diferença dos gêneros continuaria, ao dizer que *as mulheres não terão marido e os homens não terão mulheres*.

¹⁸⁹⁷ Mateus 22: 29.

¹⁸⁹⁸ Mateus 22: 30.

Assim, aquelas que se casam aqui embaixo, bem como aqueles que se casam com elas, existirão na ressurreição, mas lá não farão tais alianças.

Capítulo XVIII

O ser humano perfeito, ou seja, Jesus Cristo e seu corpo, ou seja, a Igreja, que é sua plenitude.

Para compreender o que diz o Apóstolo — que todos nós atingiremos o estado de ser humano perfeito — é preciso examinar com atenção toda a sequência de seu pensamento.

Ele diz o seguinte:

Aquele que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas. A uns ele constituiu apóstolos; a outros, profetas; a outros, evangelistas, pastores, doutores, para o aperfeiçoamento dos cristãos, para o desempenho da tarefa que visa à construção do corpo de Cristo, até que todos tenhamos chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo. Para que não continuemos crianças ao sabor das ondas, agitados por qualquer sopro de doutrina, ao capricho da malignidade dos homens e de seus artifícios enganadores. Mas, pela prática sincera da caridade, cresçamos em todos os sentidos, naquele que é a cabeça, Cristo. É por ele que todo o corpo — coordenado e unido por conexões que

estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria — efetua esse crescimento, visando a sua plena edificação na caridade¹⁸⁹⁹.

Eis então o ser humano perfeito: primeiro a cabeça e depois o corpo, que é composto por todos os membros e que receberão a última perfeição em seu tempo.

A cada dia, no entanto, novos elementos se juntam a esse corpo, enquanto se edifica a Igreja, de quem é dito: *Vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros*¹⁹⁰⁰ e, em outro lugar: *Por seu corpo que é a Igreja*¹⁹⁰¹ e ainda: *Há um único pão, nós. Embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão*¹⁹⁰².

É da edificação desse corpo que é dito aqui: *para o aperfeiçoamento dos cristãos, para o desempenho da tarefa que visa à construção do corpo de Cristo.* Depois o Apóstolo acrescenta esta passagem, da qual tratamos: *até que todos tenhamos chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo* e o resto, mostrando, enfim, de qual corpo se deve entender a medida mencionada por estas palavras: *cresçamos em todos os sentidos, naquele que é a*

¹⁸⁹⁹ Efésios 4: 10-16.

¹⁹⁰⁰ 1 Coríntios 12: 27.

¹⁹⁰¹ Colossenses 1: 24.

¹⁹⁰² 1 Coríntios 10: 17.

cabeça, Cristo. É por ele que todo o corpo — coordenado e unido por conexões que estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria — efetua esse crescimento, visando a sua plena edificação.

Assim como há uma medida para cada parte, há também uma medida para todo o corpo, que é composto por todas essas partes e é sobre a medida da plenitude que se diz: *a estatura da maturidade de Cristo.*

O Apóstolo menciona novamente essa plenitude quando, ao falar de Jesus Cristo, diz: *Sujeitou a seus pés todas as coisas e constituiu chefe supremo da Igreja — que é o seu corpo e sua plenitude — aquele que plenifica tudo em todos*¹⁹⁰³.

Além disso, mesmo que fosse preciso entender esta passagem como se referindo à ressurreição, quem nos impediria de aplicar também à mulher o que é dito sobre o homem, tomando a palavra *homem* como se referindo aos dois, como neste versículo do Salmo: *Feliz o homem que teme o Senhor*¹⁹⁰⁴, pois, seguramente, as mulheres que temem ao Senhor estão incluídas no pensamento do salmista.

¹⁹⁰³ Efésios 1: 22 e 23. *Et omnia subjecit sub pedibus ejus : et ipsum dedit caput supra omnem ecclesiam, que est corpus ipsius, et plenitudo ejus, qui omnia in omnibus adimpletur.*

¹⁹⁰⁴ Salmo 111: 1.

Capítulo XIX

Todos os defeitos corporais que, nesta vida, são contrários à beleza do ser humano desaparecerão na ressurreição, já que somente a substância natural do corpo terrestre deve sobreviver, mas com outras proporções de justa precisão.

É preciso agora responder as objeções tiradas das unhas e dos cabelos? Se estiver bem compreendido que não perecerá nada de nosso corpo, para que não haja nada de disforme, compreender-se-á também facilmente que o que constituir uma monstruosa enormidade será distribuído por toda a massa do corpo e não ficará acumulado em um lugar onde a proporção dos membros ficaria alterada.

Se, após ter feito um vaso de argila, se quiser desfazer para compor um vaso novo, não seria necessário que a porção de barro que formava a alça ou o fundo no primeiro vaso, os formasse também no segundo; bastaria que toda a argila fosse empregada nele. Se então as unhas e os cabelos, uma vez cortados, não podem retornar ao seu lugar sem produzir uma enormidade, eles não retornarão.

No entanto, eles não serão aniquilados, por que serão transformados na mesma carne a qual pertenciam, para ali ocupar um lugar onde não perturbem o equilíbrio geral das partes.

Não esconde, no entanto, que as palavras do Senhor: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça* parecem se aplicar mais ao número dos fios de cabelo do que ao seu comprimento. É neste senti-

do que ele disse também: *Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados*¹⁹⁰⁵.

Não creio então que nada de nosso corpo deva perecer, em tudo que lhe é natural. Quero somente mostrar que tudo nele que era defeituoso e servia para mostrar a miséria de nossa condição, terá sua natureza transfigurada, ficando intacta toda a base do ser e perecendo toda deformidade.

Se um artesão comum, que confeccionou mal uma estátua, pode refazê-la totalmente, conservando todas as suas partes, sem deixar nela o que havia de disforme, o que não se pode esperar, eu pergunto, do Supremo Artesão? Não poderá ele cortar e retirar todas as deformidades dos seres humanos, que são uma condição desta vida miserável, mas que não podem convir à felicidade futura dos santos, como os crescimentos, naturais, sem dúvida, mas, no entanto, desgraçados, de nosso corpo, sem nada subtrair, com isso, de sua substância?

Não é preciso, então, que aqueles que estão abaixo ou acima do peso, temam estar na morada celeste, como eles não gostariam de estar aqui embaixo. Toda beleza do corpo consiste, de fato, em uma certa proporção entre suas partes, cobertas com um colorido agradável.

¹⁹⁰⁵ Lucas 12: 7.

Ora, quando essa proporção falta, o que impressiona a visão é que há alguma coisa que faz falta ou alguma coisa de excessivo. Assim então, a deformidade que resulta da desproporção das partes do corpo desaparecerá, quando o Criador, por meios conhecidos por ele, suprirá o que falta e retirará o supérfluo.

E, quanto à cor das carnes, o quanto não será ela viva e brilhante nessa morada, onde *os justos resplandecerão como o sol*¹⁹⁰⁶? É de se acreditar que Jesus Cristo inibiu esse brilho diante de seus discípulos, quando ele apareceu diante deles após sua ressurreição, pois eles não poderiam suportá-lo, mas, no entanto, eles precisavam ver seu mestre para reconhecê-lo.

É por esta razão que ele fez com que tocassem suas cicatrizes, quando bebeu e comeu com eles, não por necessidade, mas por que podia.

Quando não se vê um objeto presente, mesmo vendo outros objetos igualmente presentes — como aconteceu aos discípulos que não viram então o brilho do rosto de Jesus Cristo, embora presente e, no entanto, viram outras coisas — os gregos chamam esse estado de *aorasia*, palavra que os latinos traduziram no Gênesis por *caecitas* (cegueira), por falta de outra equivalente. Foi a *cegueira* que atingiu os Sodomitas, quando procuravam as porta de Lot, sem conseguir

¹⁹⁰⁶ Mateus 13: 43.

encontrá-la¹⁹⁰⁷. De fato, se tivesse havido uma verdadeira *cegueira*, como aquela que impede que se veja qualquer coisa, eles não poderiam procurar a porta sem guias para conduzi-los¹⁹⁰⁸.

Ora, não sei como, a afeição que temos pelos bem-aventurados mártires nos faz desejar ver no céu as cicatrizes das chagas que eles receberam pelo nome de Jesus Cristo e talvez as vejamos. Isso não será uma deformidade em seus corpos, mas uma marca de honra que dará um brilho, não aos seus corpos, mas à glória deles.

Não se pode acreditar, no entanto, que os membros que foram cortados faltarão na ressurreição àqueles de quem se disse: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça*. Mas, se é a propósito que sevê, no mundo novo, essas marcas gloriosas de seu martírio gravadas em suas carnes imortais, deve-se pensar que os lugares onde eles foram feridos ou mutilados conservarão somente uma cicatriz, de sorte que eles não deixarão de recuperar os membros que perderam.

A fé nos assegura, é verdade, que na outra vida nenhum dos defeitos de nosso corpo aparecerá mais, mas as marcas da virtude não podem ser consideradas defeitos¹⁹⁰⁹.

¹⁹⁰⁷ Cf. Gênesis 19: 11. *E feriram de cegueira os homens que estavam fora, jovens e velhos, que se esforçavam em vão por reencontrar a porta.*

¹⁹⁰⁸ Compare com Santo Agostinho em *Quaest. in Gen.*, questão 42.

¹⁹⁰⁹ Compare com São João Crisóstomo em *Hom. I in SS. Machab.*, n. 1 e Santo Ambrósio, em *Lucam*, livro 10.

Capítulo XX

No dia da ressurreição, a substância de nosso corpo, seja qual for a maneira como foi dissipada, será reunida integralmente.

Longe de nós o medo de que a onipotência de Deus não possa se lembrar, para ressuscitar os corpos, de todas as partes que foram devoradas pelos animais ou consumidas pelo fogo ou transformadas em poeira ou dissipadas no ar! Longe de nós o medo de que algo esteja tão escondido no meio da natureza que possa fugir ao conhecimento ou ao poder do Criador!

Cícero, cuja autoridade é tão grande para nossos adversários, querendo definir Deus, na medida em que ele era capaz, disse: “É um espírito livre e independente, desprovido de qualquer composição mortal, que conhece e move todas as coisas e que tem um movimento eterno”¹⁹¹⁰. Cícero se inspira aqui nos maiores filósofos¹⁹¹¹.

Pois bem! Para falar de acordo com seu pensamento, pode haver uma coisa que permaneça desconhecida àquele que conhece tudo ou que se esconda para sempre daquele que move tudo?

Isto me leva a responder à questão que me parece a mais difícil de todas: a quem pertencerá a carne de uma pessoa morta que se tor-

¹⁹¹⁰ *Tusculanae*, livro I, cap. 27.

¹⁹¹¹ A definição de Cícero pode, de fato, se aplicar maravilhosamente ao deus de Anaxágoras, de Platão e até mesmo ao deus de Aristóteles, contanto que se entenda pelo movimento eterno que ele atribui ao motor supremo, não um movimento sensível e material, mas o invisível movimento do pensamento eterno, que se volta eternamente sobre ele mesmo, para contemplar sua própria essência.

nou a carne de uma pessoa viva? Suponhamos, de fato, que um infeliz, pressionado pela fome, coma a carne de uma pessoa morta. Este é um extremo que encontramos algumas vezes na história e que nossos miseráveis tempos¹⁹¹² também fornecem vários exemplos. Podemos afirmar, com alguma razão, que toda a substância desapareceu através das secreções e que não foi assimilada nenhuma parte à carne daquele que se alimentou dela, quando o excesso de peso que ele adquiriu mostra bem que ruínas ele reparou com esse triste socorro?

Mas eu já indiquei acima o meio de resolver esta dificuldade, pois todas as carnes que a fome consumiu se evaporaram no ar e reconhecemos que a onipotência de Deus pode se lembrar de tudo o que desapareceu. Essa carne comida será então devolvida àquele em que ela primeiro começou a ser uma carne humana, já que a outra só a pegou emprestada e foi como um dinheiro que se pega emprestado e se deve devolver. A sua, a que a fome tinha subtraído, lhe será devolvida àquele que pode se lembrar quando quiser de tudo o que desapareceu. Então, mesmo que ela tenha sido toda aniquilada e que não tenha restado mais nada nos mais secretos vãos da natureza, Deus onipotente poderá muito bem supri-la por qualquer meio. A Verdade declarou: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça.* Seria um

¹⁹¹² Alusão à fome que desolou Roma, quando ela foi sitiada em 409 por Alarico. Veja os apavorantes detalhes relatados por Sozomène (*Hist. eccles.*, livro IX, cap. 8) e por São Jerônimo (*Epist. XVI ad Principiam*).

absurdo pensar que nem um fio de cabelo pode se perder e que tanta carne devorada e consumida pela fome possa perecer.

De todas estas questões que tratamos e examinamos segundo nosso fraco poder, resulta que os corpos terão, por ocasião da ressurreição, o mesmo tamanho que tinham em sua juventude, com a beleza e a proporção de todos os seus membros. É bastante verossímil que, para manter essa proporção, Deus distribuirá por toda a massa do corpo o que, colocado em um só lugar, seria desgracioso e que, desta forma, ele poderá até mesmo acrescentar alguma coisa em nossa estatura.

Que se queira que cada um ressuscitará com a mesma estatura que tinha ao morrer, na boa hora, contanto que se afaste toda deformidade, toda fraqueza, toda obesidade, toda corrupção e, enfim, qualquer outro defeito contrário à beleza desse reino, onde os filhos da ressurreição e da promessa serão iguais aos anjos de Deus, se não for pelo corpo e pela idade, pelo menos na felicidade.

Capítulo XXI

O corpo espiritual em que será renovada e transformada a carne dos bem-aventurados.

Tudo o que se perdeu dos corpos vivos ou dos cadáveres após a morte será então restabelecido com o que permaneceu nos túmulos e

ressuscitará em um corpo novo e espiritual, dotado de incorruptibilidade e de imortalidade.

Mesmo que, por um infeliz acidente ou pela crueldade de mãos inimigas, um corpo humano for inteiramente reduzido a pó e que, dissipado no ar e na água, ele não seja encontrado, por assim dizer, em nenhum lugar, ele não poderá, no entanto, ser subtraído da onipotência do Criador e *Não se perderá um só cabelo da sua cabeça*.

A carne tornada espiritual será então submetida ao espírito, mas será uma carne, no entanto e não um espírito, da mesma forma como o espírito, ao se tornar carnal, ficou submetido à carne, mas permaneceu sendo um espírito e não uma carne.

Temos aqui embaixo uma experiência que é um efeito da pena do pecado. De fato, são aqueles que não são carnais segundo a carne, mas segundo o espírito, como diz o Apóstolo: *Não vos pude falar como a homens espirituais, mas como a carnais*¹⁹¹³. E a pessoa espiritual, nesta vida mortal, não deixa de ser ainda carnal segundo seu corpo e de ver em seus membros uma lei que resiste à lei de seu espírito¹⁹¹⁴. Mas ela será espiritual, mesmo em seu corpo, quando a carne tiver ressuscitado e estas palavras de São Paulo se cumprirem: *Sementeado na corrupção, o corpo ressuscita incorruptível*¹⁹¹⁵

¹⁹¹³ 1 Coríntios 3: 1.

¹⁹¹⁴ Cf. Romanos 7: 23. *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros.*

¹⁹¹⁵ 1 Coríntios 15: 42.

Ora, quais serão as perfeições desse corpo espiritual? Como nós ainda não tivemos essa experiência, temo ser uma imprudência falar dela. No entanto, como é parte da glória de Deus não esconder a alegria que acende em nós a esperança e o salmista, em um dos mais violentos transportes de um santo e com um ardente amor, clama: *Senhor, amei a beleza de vossa casa!*¹⁹¹⁶, tentemos, com sua ajuda, conjecturar — pela graça que ele concede aos bons e aos maus nesta vida de miséria — o quanto deve ser grande aquela da qual não podemos falar dignamente, por não tê-la experimentado.

Eu deixo de lado o tempo em que Deus criou o ser humano correto e deixo de lado a vida bem-aventurada daquele casal de afortunados nas delícias do paraíso terrestre, já que ela foi tão curta que seus filhos não tiveram a felicidade de desfrutá-la. Eu só falo desta condição miserável que conhecemos, na qual estamos, que está exposta a uma infinidade de tentações ou, melhor dizendo, que não passa de uma tentação contínua, sejam quais forem os progressos que façamos na virtude.

Pois bem! Quem poderá também contar todos os testemunhos de sua bondade, que Deus deu às pessoas de boa vontade?

¹⁹¹⁶ Salmo 25: 8. *Domine, dilexi decorem domus tuae.*

Capítulo XXII

As misérias e os males desta vida, que são penas pelo pecado do primeiro ser humano e dos quais só se pode libertar pela graça de Jesus Cristo.

Que todo o gênero humano foi condenado em sua primeira origem, esta própria vida, se é que se pode chamar isto de uma vida, o prova suficientemente, através dos males inumeráveis e crueis com que ela está cheia.

De fato, o que quer dizer essa profunda ignorância em que nascem os filhos de Adão, princípio de todos os seus erros e da qual não podem se libertar sem trabalho, dor e medo? O que significam tantas afeições fúteis e nocivas que provocam tantas preocupações amargas, inquietudes, tristezas, temores, falsas alegrias, discussões, processos, guerras, traições, cóleras, inimizades, enganações, fraudes, bajulações, furtos, rapinagens, perfídias, orgulhos, ambições, invejas, homicídios, parricídios, crueldade, desumanidade, maldades, deboches, insolências, impudores, indecências, fornicações, adultérios, insolências, os pecados contra um ou outro dos gêneros e tantas outras impurezas que nem mesmo se ousaria nomear: sacrilégios, heresias, blasfêmias, perjúrios, opressões aos inocentes, calúnias, surpresas, prevaricações, falsos testemunhos, julgamentos injustos, violências, latrocínios e todo tipo de males semelhantes que não se poderia abranger com o pensamento, mas que enchem e assediam esta vida?

É verdade que esses crimes são obra dos ímpios, mas nem por isso eles deixam de vir todos dessa ignorância e desse amor desprezado, como que de uma raiz que todos os filhos de Adão trazem consigo ao nascer. Quem, de fato, ignora em que ignorância já manifesta nas crianças e em que paixões desenvolvida já na infância, o ser humano vem ao mundo! Certamente que se ele fosse deixado viver como quisesse e fazer o que lhe agradasse, não haveria um só dos crimes que enumerei, sem falar dos que não pude enumerar, em que ele não se precipitasse.

Mas, por um conselho da divina Providência, que não abandona totalmente aqueles que ela condenou e que, apesar de sua cólera, não interrompe o curso de suas misericórdias¹⁹¹⁷, a lei e a instrução velam contra essas trevas e essas cobiças nas quais nascemos. Benefício inestimável, mas que não age sem dificuldades e sem dores.

Por que, eu pergunto, todas essas ameaças que se faz às crianças, para mantê-las no bom caminho? Por que esses mestres, esses tutores, essas palmatórias, esses chicotes, essas varas, que as Escrituras frequentemente dizem ser preciso utilizar com relação a uma criança que se ama, para que ela não se torne incorrigível e indomável?¹⁹¹⁸ Por que todas essas dores, se não é para vencer a ignorância e reprimir a luxúria, dois males que com todos entram no mundo?

¹⁹¹⁷ Cf. Salmo 76: 10. *Deus terá se esquecido de ter piedade? Ou sua cólera anulou sua clemência?*

¹⁹¹⁸ Cf. Eclesiástico 30: 12. *Castiga-o com varas enquanto ainda é menino, para que não suceda enduzir-se.*

Donde vem que temos dificuldades para nos lembrar de uma coisa, mas que nos esquecemos com facilidade; que é preciso tanto trabalho para aprender e nenhum para não saber nada; que custe tanto ser diligente e tão pouco ser preguiçoso? Isso não denota claramente ao que a natureza corrompida se volta, pelo peso de suas inclinações e de que ajuda ela precisa para livrar-se? A preguiça, a negligência, a covardia, a indolência são vícios que fogem do trabalho, enquanto que o próprio trabalho, por mais bem feito que possa ser, é uma pena.

Mas, além dos castigos da infância, sem os quais não se pode aprender o que querem os pais, que raramente querem alguma coisa de útil, onde está a palavra capaz de expressar, onde está o pensamento capaz de compreender todos aqueles aos quais os seres humanos estão sujeitos e que são inseparáveis de sua triste condição?

Que apreensão e que dor nos causam a morte das pessoas que nos são caras, a perda dos bens, as condenações, as decepções humanas, as falsas suspeitas e todas as violências que se pode sofrer, como os roubos, os cativeiros, os ferros, a prisão, o exílio, as torturas, as mutilações, as infâmias, as brutalidades e mil outros sofrimentos horríveis que nos afligem incessantemente!

A esses males acrescente-se uma imensidão de acidentes que os seres humanos não provocam: o calor, o frio, as tempestades, as inundações, os relâmpagos, o granizo, os tremores de terra, os desmoronamentos de casas; os venenos das ervas, das águas, do ar ou

dos animais; as mordidas de animais, mortais ou incômodas; a raiva de um cão, esse animal naturalmente amigo do ser humano e que se torna então mais perigoso que os leões e os dragões e que transforma uma pessoa que ele mordeu mais perigosa para os seus do que os animais mais selvagens.

O que não sofrem aqueles que viajam por mar ou por terra! Quem pode se deslocar sem se expor a algum acidente imprevisto? Uma pessoa que ia muito bem, ao voltar para casa, cai, quebra a perna e morre¹⁹¹⁹. A maneira mais segura de estar em segurança, aparentemente, é ficar sentado em sua cadeira. Eis que Heli cai da sua e morre!¹⁹²⁰

Que acidentes os trabalhadores, ou melhor, todas as pessoas, não temem para os bens do campo, tanto do lado do céu e da terra quanto dos animais? Eles só estão seguros com a colheita quando ela está no celeiro e, no entanto, não sabemos se ela não será perdida pelas tempestades e pelas inundações.

Quem pode se assegurar que sua inocência estará protegida dos insultos dos demônios? Pois os vemos algumas vezes atormentar de uma maneira muito cruel as crianças recém-batizadas, que Deus, que permite isso, nos ensina com isso a deporlar a miséria desta vida e a desejar a felicidade da outra.

¹⁹¹⁹ Cf. Plínio. *Hist. nat.*, livro VII, cap. 54.

¹⁹²⁰ Cf. 1 Samuel 4: 18. *Ao ouvi-lo mencionar a arca de Deus, Heli caiu de sua cadeira para trás, do lado da porta (do templo), fraturou o crânio e morreu, pois era um homem velho e pesado.*

Que direi das doenças, que são em tão grande número que até mesmo os livros dos médicos não as contém todas? A maior parte dos tratamentos que se emprega para curá-las são passam de instrumentos de tortura, tanto que uma pessoa não pode se livrar de uma dor sem sofrer outra.

A sede não forçou alguns infelizes a beber urina? A fome não levou pessoas, não apenas a comer cadáveres humanos, mas a matar seus semelhantes para devorá-los? Não se viu mães, levadas por uma fome execrável, mergulhar a faca no corpo de seus filhos?

O próprio sono, que se chama propriamente de repouso¹⁹²¹, como ele é frequentemente inquieto, acompanhado de sonhos terríveis e apavorantes, que assustam a alma e cujas imagens são tão vivas que não se poderia distingui-las das realidades da vigília! Em certas doenças, essas visões fantásticas atormentam até mesmo aqueles que estão despertos. Sem falar das ilusões que os demônios usam para abusar das pessoas com boa saúde, para perturbar os sentidos de suas vítimas, quando eles não podem atraí-las para seu lado.

Só há a graça do Salvador Jesus Cristo, nosso Senhor e nosso Deus, para nos livrar do inferno desta miserável vida. É o que seu próprio nome significa, pois Jesus quer dizer Salvador. Nós devemos lhe pedir principalmente que, após esta vida atual, ele nos livre de

¹⁹²¹ Repouso, em latim *quies*, dá motivo para Santo Agostinho estabelecer entre a quietude natural do sono e sua inquietude muito frequente uma antítese difícil de traduzir.

outra ainda mais miserável, que não é tanto uma vida, mas uma morte.

Aqui embaixo, mesmo que encontremos grandes alívios para nossos males, nas coisas santas e na intercessão dos santos, aqueles que pedem essas graças nem sempre as obtém e a Providência quer assim, para que um motivo temporal não nos leve a seguir uma religião que é preciso abraçar mais com vistas à outra vida, onde não haverá mais males. É por isso que a graça ajuda os bons no meio dos males, para que eles os suportem, tão constantemente quanto mais eles têm fé.

Os doutos do século afirmam que a filosofia aqui também é de grande ajuda. Essa filosofia que os deuses, segundo Cícero, concederam, em sua pureza, a um pequeno número de pessoas¹⁹²². Ele diz: *Eles jamais deram e podem dar um presente maior aos seres humanos*¹⁹²³.

Isso prova que até mesmo aqueles que combatemos foram obrigados a reconhecer, à sua maneira, que a graça de Deus é necessária para adquirir a verdadeira filosofia. E se a verdadeira filosofia,

¹⁹²² Onde estão estas palavras de Cícero, eu não pude descobrir. Mas há no *De finibus* (livro V, cap. 21), um pensamento semelhante.

¹⁹²³ Cícero diz o seguinte, no *Academica* (livro I, cap. 2), repetindo um pensamento de Platão encontrado no *Timeu*: *A visão é para nós, em minha opinião, a causa do maior dos bens, pois ninguém poderia discorrer, como fazemos, sobre o universo, sem ter contemplado os astros, o sol e o céu. Foi a observação do dia e da noite, foram as revoluções dos meses e dos anos, que produziram o número, forneceram a noção do tempo e tornaram possível o estudo do universo. Assim, devemos à visão a própria filosofia, o mais nobre presente que o gênero humano jamais recebeu e jamais receberá da benevolência das deuses.*

que é o único socorro contra as misérias da condição mortal, foi dada a um tão pequeno número de pessoas, isso é mais uma prova de que essas misérias são penas às quais os seres humanos foram condenados. Ora, como nossos filósofos estão de acordo que o céu não nos deu dom mais precioso, é preciso acreditar também que ele só pôde vir do verdadeiro Deus, do Deus que é reconhecido como o maior de todos, por aqueles mesmos que adoram vários.

Capítulo XXIII

As misérias desta vida que são próprias aos bons, independentemente daquelas que lhes são comuns com os ímpios.

Além dos males desta vida que são comuns aos bons e aos maus, os bons têm reveses particulares a experimentar na guerra contínua que eles fazem às suas paixões. As revoltas da carne contra o espírito são às vezes mais fortes e às vezes mais fracas, mas não cessam jamais, de sorte que, nunca fazendo o que gostaríamos¹⁹²⁴, só nos resta lutar contra toda concupiscência má, na medida em que Deus nos deu o poder de fazê-lo e cuidar continuamente de nós mesmos, para que uma falsa aparência não nos engane, que um discurso ardiloso não nos surpreenda, que algum erro não se apodere de nossa mente, que tomemos um bem por um mal ou um mal por um

¹⁹²⁴ Cf. Gálatas 5: 17. *Porque os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne; pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis.*

bem, que o medo não nos impeça de fazer o que é preciso, que a paixão não nos leve a fazer o que não se deve, que o sol não se deite sobre nossa cólera¹⁹²⁵, que a dor não nos leve a retribuir o mal com o mal, que uma tristeza excessiva ou irracional não nos aflija, que não sejamos ingratos com relação a um bem que recebemos, que as maledicências não nos perturbem, que não façamos julgamentos imprudentes, que não fiquemos aflitos por aqueles que fazem contra nós, que o pecado não reine em nosso corpo mortal seguindo nossos desejos, que não façamos nossos membros de instrumentos de iniquidade para o pecado¹⁹²⁶, que nosso olho não siga nossos apetites desregrados, que um desejo de vingança não nos arraste, que não detenhamos nossos olhares e nossos pensamentos sobre objetos ilegítimos, que não tenhamos prazer em ouvir palavras ultrajantes ou desonestas, que não façamos o que não é permitido, embora sejamos tentados a isso, que, nessa guerra penosa e cheia de perigos, não nos prometamos vitória com nossas próprias forças ou cedamos ao orgulho de nos atribuí-la em vez de fazê-lo em honra Daquele do qual o Apóstolo diz: *Graças, porém, sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por*

¹⁹²⁵ Cf. Efésios 4: 26. *Mesmo em cólera, não pequeis. Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento.*

¹⁹²⁶ Cf. Romanos 6: 12 e 13. *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedecais aos seus apetites. Nem ofereçais os vossos membros ao pecado, como instrumentos do mal.*

*nosso Senhor Jesus Cristo!*¹⁹²⁷ e, em outro lugar: *Somos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou*¹⁹²⁸.

Saibamos contudo, que, por maior que seja nosso empenho na luta contra os vícios e mesmo que os tenhamos superado e submetido, tenhamos claro que, enquanto estivermos neste corpo, não nos faltarão motivos para dizer a Deus: *Perdoai-nos as nossas ofensas*¹⁹²⁹.

Mas, no reino onde permaneceremos eternamente, providos de corpos imortais, não teremos mais guerras e nem dívidas, como nunca teríamos tido, se nossa natureza tivesse permanecido em sua pureza primordial.

Assim, esta própria guerra, onde estamos tão expostos e da qual desejamos ser libertados por uma última vitória, faz parte dos males desta vida, que, como estabelecemos através da enumeração de tantas misérias, fomos condenados por um decreto divino.

Capítulo XXIV

O bens providos pelo Criador a este mundo, por mais exposto que ele esteja à condenação.

Agora é hora de examinar a qualidade e a quantidade de bens com que a bondade daquele que administra tudo o que criou preen-

¹⁹²⁷ 1 Coríntios 15: 57.

¹⁹²⁸ Romanos 8: 37.

¹⁹²⁹ Mateus 6: 12.

cheu essa mesma miséria do gênero humano, na qual há louvor à justiça daquele que pune.

1 - A propagação

Primeiro que tudo, ele não quis interromper, mesmo após o pecado, o efeito dessa bênção que ele espalhou sobre os seres humanos, ao lhes dizer: *Crescei, multiplicai e enchei a terra*¹⁹³⁰. A fecundidade permaneceu em criaturas condenadas e mesmo que o pecado tenha nos imposto a necessidade de morrer, ele não conseguiu nos retirar essa admirável virtude das sementes; ou melhor, essa virtude ainda mais admirável que as produz e que está profundamente enraizada e como que entranhada na substância do corpo.

Mas nesse rio ou nessa torrente que arrasta as gerações humanas, o mal e o bem se misturam sempre. O mal que devemos ao nosso primeiro pai e o bem que devemos à bondade do Criador. No mal original há duas coisas: o pecado e o suplício. Há também duas outras no bem original: a propagação e a conformação.

Eu já falei suficientemente desse duplo mal. Eu quero dizer o pecado que veio de nossa audácia e do suplício que é o efeito do julgamento de Deus. Eu pretendo agora falar dos bens que Deus comunicou ou comunica ainda à nossa natureza, toda corrompida e condenada que é.

¹⁹³⁰ Gênesis 1: 28.

Ao condená-la, ele não lhe retirou tudo que havia lhe dado, caso contrário, ela não existiria, de forma alguma. Ao sujeitá-la ao demônio, para puni-la, ele não se privou do poder que tinha sobre ela, já que sempre conservou seu império sobre o próprio demônio que, aliás, não sobreviveria um só instante sem aquele que é o ser soberano e o princípio de todos os seres.

2 - A conformação

Desses dois bens que jorram de sua bondade, como que de uma fonte fecunda, sobre a natureza humana, mesmo corrompida e condenada, o primeiro, a propagação, foi o primeiro dom que Deus concedeu ao gênero humano ao abençoá-lo, quando fez as primeiras obras do mundo e das quais ele repousou no sétimo dia. Com relação à conformação, ele a concede sem cessar, através de sua contínua ação criadora¹⁹³¹.

Se ele viesse a retirar sua potência eficaz, suas criaturas não poderiam seguir em frente, cumprir a duração assinalada para seus movimentos medidos e nem mesmo conservar o ser que receberam.

Deus criou então o ser humano de uma maneira tal que lhe deu o poder de se reproduzir, sem, no entanto, obrigá-lo a isso e se ele retirou esse poder de alguns, tornando-os estéreis, ele não o retirou do gênero humano. No entanto, mesmo que essa faculdade tenha

¹⁹³¹ Cf. João 6: 17. *Meu Pai continua agindo até agora e eu ajo também.*

permanecido no ser humano, apesar de seu pecado, ele não é como teria sido, se ele não tivesse pecado, pois, desde que o ser humano caiu, com sua desobediência, do estado de glória onde foi criado, ele se tornou semelhante aos animais¹⁹³² e gera como eles, mantendo sempre com ele, no entanto, essa centelha de razão que faz com que ele seja ainda criado à imagem de Deus. Mas se a conformação não tivesse se juntado à propagação, esta permaneceria ociosa e não poderia realizar sua obra. Deus, de fato, precisava, para povoar a terra, que o homem e a mulher tivessem relações? Bastava a ele criar vários seres humanos como ele criou o primeiro.

Neste momento mesmo, o macho e a fêmea poderiam se acasalar sem gerar nada, sem a ação criadora de Deus. Da mesma forma como o Apóstolo disse sobre a instituição espiritual que conforma o ser humano à piedade e à justiça — *Nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*¹⁹³³ — assim também podemos dizer que não é o ser humano, na união conjugal, que é alguma coisa, mas é Deus que gera o ser; que não é a mãe — mesmo que ela traga seu fruto em seu ventre e o alimente — que é alguma coisa, mas é Deus que provoca o crescimento. É somente ele, pela ação que ainda exerce, que faz com que as sementes se desenvolvam, tirando-as das dobras secretas e invisíveis que as mantinham escon-

¹⁹³² Cf. Salmo 48: 13. *Ele é semelhante ao gado que se abate.*

¹⁹³³ 1 Coríntios 3: 7.

didas, para expor as belezas visíveis que nós admiramos. É somente ele que, ligando com nós admiráveis a natureza espiritual e a natureza corpórea, uma para comandar e a outra para obedecer, compõe o ser animado; obra tão grande e maravilhosa que, não somente o ser humano, que é um animal racional e, por consequência, mais nobre e melhor do que todos os animais da terra, mas a menor das moscas não pode ser atentamente considerada sem provocar espantos à inteligência e fazer louvar o Criador.

3 - A mente

Foi ele também que deu à alma humana a mente, onde a razão e a inteligência estão como que adormecidas nas crianças, para se revelar e se exercitar com a idade, para que elas sejam capazes de conhecer a verdade e amar o bem e adquirir as virtudes da prudência, da força, da temperança e da justiça, necessárias para combater os erros e os outros vícios e para superá-los pelo único desejo do Bem imutável e soberano. Se essa capacidade não produzisse sempre seus efeitos na criatura racional, quem poderia expressar ou somente conceber a grandeza do bem que compõe a maravilhosa obra do Onipotente?

Além da arte de viver bem e atingir a felicidade imortal __ arte sublime que se chama virtude e que somente a graça de Deus em Jesus Cristo dá aos filhos da promessa e do reino __ o espírito humano não inventou uma infinidade de artes que mostram bem que uma

mente tão ativa, tão forte e tão extensa, mesmo nas coisas supérfluas ou nocivas, deve ter um grande fundo de bens em sua natureza, para poder encontrar aí tudo isso?

Até onde não foi a indústria humana na arte de criar tecidos, erguer edifícios, da agricultura e da navegação? Que imaginação e perfeição nos vasos de todas as formas, na variedade de pinturas e estátuas! Que maravilhas não se fazem no teatro, que parecem incríveis a quem não assistiu! Que recursos e armadilhas para capturar, matar ou domar animais selvagens! Quantos tipos de venenos, armas e máquinas, os seres humanos não inventaram contra os próprios seres humanos! Quantos tratamentos e remédios para conservar a saúde! Quantos temperos e comidas para o prazer da boca e para despertar o apetite! Que diversidade de sinais para expressar e divulgar seus pensamentos e, em primeiro lugar, a palavra e a escrita! Que riqueza de ornamentos na eloquência e na poesia, para agradar o espírito e para encantar os ouvidos, sem falar de tantos instrumentos musicais, tantas melodias e tantos cânticos! Que conhecimento admirável das medidas e dos números! Que sagacidade de espírito na descoberta das harmonias e das revoluções dos globos celestes!

Enfim, quem poderia dizer todos os conhecimentos com que o espírito humano se enriqueceu no tocante às coisas naturais, sobretudo se quisermos insistir em cada um em particular, em vez de relatá-los em geral?

Até mesmo para defender erros e falsidades, o quanto os filósofos e os heréticos não se fizeram parecer espirituais? Pois falamos agora apenas da natureza da mente que serve de ornamento a esta vida mortal e não da fé e da verdade, através das quais se adquire a vida imortal.

Certamente que uma natureza excelente, que teve como autor um Deus igualmente justo e poderoso, que governa pessoalmente todas as suas obras, jamais teria caído nessas misérias e dessas misérias (com exceção somente dos justos) não iriam para os tormentos eternos, se ela não tivesse sido corrompida originariamente no primeiro ser humano, donde saíram todos os outros, por um tão grande pecado.

4 - O corpo humano

Se considerarmos nosso próprio corpo, mesmo que ele morra como o dos animais, que geralmente são mais robustos que o nosso, que bondade e que providência de Deus não brilham nele em todas as partes! Os órgãos dos sentidos e os outros membros não estão ali tão bem dispostos, sua forma e sua estatura tão bem ordenadas, que ele parece ter sido claramente feito para o serviço e o ministério de uma alma racional?

O ser humano não foi criado curvado rumo à terra, como os animais sem razão, mas sua postura ereta e erguida o adverte para voltar seus pensamentos e seus desejos rumo ao céu¹⁹³⁴.

Aliás, a maravilhosa velocidade dada à língua e à mão para falar, para escrever e para executar tantas coisas, não mostra o quanto é excelente a alma que recebeu um corpo tão bem feito como servidor?

Que dizer mais? Mesmo quando o corpo não precisa agir, suas proporções são observadas com tanta arte e precisão, que seria difícil decidir se, em sua estrutura, Deus olhou mais para a utilidade ou para a beleza. Não vemos nele nada de útil que não seja belo ao mesmo tempo. Isso nos seria mais evidente se conhecêssemos as relações e as proporções que todas as partes possuem entre elas e que podemos descobrir alguma coisa ao ver de fora.

Quanto ao que está escondido — como o entrelaçamento das veias, dos nervos, dos músculos, das fibras —, ninguém poderia conhecer. De fato, mesmo que os anatomistas tenham dissecado cadáveres e algumas vezes mesmo fizeram isso em pessoas vivas¹⁹³⁵, para pesquisar nas partes mais secretas do corpo humano e aprender assim

¹⁹³⁴ São de se lembrar os versos de Ovídio e esta bela passagem de Platão no Timeu: *Quanto àquela de nossas almas que é a mais poderosa em nós (o **nous**, a razão), eis o que se deve pensar dela: foi Deus que a deu a cada um de nós, como a um génio. Dizemos que ela mora em um lugar o mais elevado de nosso corpo, por que pensamos com razão que ela nos eleva da terra rumo ao céu, nossa pátria, pois somos uma planta do céu e não da terra. Deus, ao erguer nossa cabeça — que é para nós como que a raiz de nosso ser — rumo ao lugar onde a alma foi primitivamente gerada, dirige assim todo nosso corpo.*

¹⁹³⁵ Celso faz honra aos célebres médicos Herófilo e Erasístrato, por terem praticado vivissecções em criminosos condenados à morte. (*De Medic.* pag. 11, Paris, 1823).

a curá-lo, no entanto, como nenhum deles encontrou essa proporção admirável que mencionamos e que os gregos chamam de *áρμονία* (*harmonia*), já que não ousaram procurá-la? Se nós pudéssemos conhecê-la nas entradas, que não têm nenhuma beleza aparente, nós ali encontrariamos alguma coisa de mais belo e que satisfaria mais nossa mente do que tudo o que mais agrada aos nossos olhos na figura exterior do corpo.

Ora, há algumas partes do corpo que são apenas ornamentos e não utilidades; como os mamilos no homem e a barba, que não é destinada à defesa, já que, fosse assim, as mulheres, que são mais fracas, deveriam tê-la. Se então, não há nenhum membro, de todos aqueles visíveis, que não ornem o corpo tanto quanto o servem e existindo mesmo aqueles que são apenas ornamentos, eu penso que é fácil compreender que, na estrutura do corpo, Deus olhou mais para a beleza do que para a necessidade.

De fato, o tempo da necessidade passará e virá outro em que desfrutaremos da beleza de nossos semelhantes, sem nenhuma concupiscência, que há de ceder, em louvor ao Criador, a quem se diz, no salmo: *De majestade e esplendor vos revestis*¹⁹³⁶.

¹⁹³⁶ Salmo 103: 1.

5 - A beleza da criação

Que dizer de tantas outras coisas igualmente belas e úteis que preenchem o universo e que a bondade de Deus criou para o uso e o espetáculo do ser humano, mesmo condenado que ele é a tantas penas e tantas misérias?

Falarei do brilho vivo da luz, da magnificência do sol, da lua e das estrelas, da sombria beleza das florestas, das cores e dos perfumes das flores, do número imenso de pássaros, tão diferentes no canto e na plumagem, da diversidade infinita dos animais, em que os menores são os mais admiráveis? Pois as ações das formigas e das abelhas nos espantam mais do que os corpos gigantescos de uma baleia.

Falarei do mar, que fornece sozinho um tão grande espetáculo aos nossos olhos e das diversas cores com que ele se cobre, como que com muitas roupagens diferentes, uma hora verde, outra hora azul, em seguida púrpura? Quanto prazer há emvê-lo encapelado, desde que se coloque ao abrigo de suas vagas!

Que dizer da quantidade imensa de comidas que existem para apaziguar a fome, com diversos temperos que nos oferece a liberalidade da natureza contra a insipidez, sem mencionar a arte dos cozinheiros; da infinidade de remédios que servem para conservar ou para restabelecer a saúde; da agradável sucessão dos dias e das noi-

tes; dos doces ventos que temperam os calores do verão e dos inúmeros tipos de vestimentas que nos fornecem as plantas e os animais?

Quem pode descrever tudo? E se eu quisesse mesmo estender este pouco que me limito a indicar, quanto tempo não seria preciso? Pois não há uma só dessas maravilhas que não compreenda várias outras.

E se isso tudo não passa de consolações para os miseráveis condenados e não as recompensas dos bem-aventurados, quais serão então essas recompensas? O que será que Deus dará àqueles que ele predestinou à vida, se ele dá tanto aqui embaixo àqueles que ele predestinou à morte? De quais bens ele não cumulará, na vida bem-aventurada, aqueles para quem ele quis que seu Filho único sofresse tantos males e a própria morte, nesta vida mortal e miserável?

Assim, o Apóstolo, ao falar daqueles que são predestinados ao reino celeste, diz: *Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas?*¹⁹³⁷

Quando esta promessa tiver se realizado, quais bens não temos que esperar nesse reino, já tendo recebido, como garantia, a morte de um Deus?

¹⁹³⁷ Romanos 8: 32.

Como será o estado do ser humano quando ele não tiver mais paixões a combater e estiver em uma paz perfeita com ele mesmo? Ele não conhecerá, certamente, todas as coisas sem dificuldade e sem erro, quando tiver como fonte a própria sabedoria de Deus?

Como será seu corpo, quando, perfeitamente submetido ao espírito, do qual tirará uma vida abundante, ele não precisar de alimentos? Ele não será mais animal, mas espiritual. Guardando, é verdade, a substância da carne, mas isenta dali por diante de qualquer corrupção carnal.

Capítulo XXV

A obstinação de alguns incrédulos, que não querem acreditar na ressurreição da carne, admitida hoje em dia, segundo as previsões dos livros santos, pelo mundo inteiro.

Os mais famosos filósofos concordam conosco sobre os bens que serão desfrutados pela alma. Eles somente combatem a ressurreição da carne e a negam o tanto quanto eles podem. Mas o grande número daqueles que acreditam nela tornou imperceptível o número daqueles que a negam. Os cultos e os ignorantes, os sábios do mundo e os simples, todos se colocaram ao lado de Jesus Cristo, que mostrou como real, através de sua ressurreição, o que um punhado de incrédulos acha absurdo.

O mundo acreditou no que Deus predisse e essa própria fé do mundo foi também predita, sem que se possa atribuir essa predição aos sortilégiros de Pedro¹⁹³⁸, já que ela o precedeu de muitos anos.

Eu já disse isto e não me incomodo de repetir, pois aqui o próprio Porfírio está de acordo comigo. Ele que busca nos oráculos de seus deuses os testemunhos em honra ao nosso Deus e chega mesmo a lhe dar os títulos de Pai e de Rei.

Ora, evitemos entender o que Deus predisse, como entendem aqueles que não partilham com o mundo a fé do mundo que ele predisse. E por que, de fato, não entendê-la mais como a entende o mundo cuja própria fé foi predita?

De fato, se eles não querem entendê-la de outra maneira, para não fazer uma injúria ao Deus que eles prestam um testemunho tão impressionante e para não dizer que essa predição é inútil, não é lhe fazer uma injúria maior ainda dizer que é preciso entendê-la diferentemente do que o mundo a acredita, já que ele mesmo anunciou, louvou e realizou a fé do mundo?

Por que ele não pode fazer com que a carne ressuscite e viva eternamente? Isto é um mal e uma coisa indigna dele? Mas nós já falamos amplamente de sua onipotência, que fez tantas coisas incríveis.

¹⁹³⁸ Sobre os supostos sortilégiros de São Pedro, ver o Livro XVIII, cap. 53.

Você quer saber o que não pode o Onipotente? Isto: ele não pode mentir. Creia então no que ele pode, ao acreditar no que ele não pode. Acreditando que ele não possa mentir, acredite então que ele fará o que ele prometeu e acredite como acreditou o mundo cuja fé ele predisse.

Agora, como nossos filósofos demonstram que isso é um mal? Não haverá lá nenhuma corrupção e, por consequência, nenhum mal do corpo.

Aliás, nós falamos da ordem dos elementos e das outras objeções que se imagina sobre este tema e mostramos, no décimo terceiro livro, o quanto os movimentos de um corpo incorruptível serão flexíveis e fáceis, a julgar pelo que vemos agora, quando nosso corpo se porta bem, embora sua mais perfeita saúde atual não seja comparável à imortalidade que ele possuirá um dia. Aqueles que não leram o que eu disse acima, ou que não querem se lembrar, deem-se o trabalho de relê-lo.

Capítulo XXVI

A opinião de Porfírio sobre o soberano bem.

Mas, dizem, Porfírio assegura que uma alma, para ser feliz, deve evitar qualquer tipo de corpo¹⁹³⁹. É, portanto, em vão pretender

¹⁹³⁹ Esta opinião de Porfírio é amplamente discutida no Livro X, cap. 30 e seguintes e no Livro XIII, cap. 16 e seguintes, desta obra.

que o corpo seja incorruptível, se a alma só pode ser feliz com a condição de evitar o corpo.

Eu já respondi suficientemente esta objeção, no livro indicado. Acrescentarei aqui somente isto: se os filósofos têm razão, que Platão, seu mestre, corrija então seus livros e diga que os deuses evitam seus corpos para serem bem-aventurados — ou seja, que eles morram — pois ele disse que eles estão presos em seus corpos celestes. No entanto, o deus que os criou lhes prometeu que eles permaneceriam ali para sempre, para que eles pudessem estar seguros de sua felicidade, embora isso não acontecesse naturalmente.

Com isso, ele derruba, no mesmo ato, o raciocínio que opõem a nós, ao dizerem que não se pode acreditar na ressurreição da carne por que isso é impossível. De fato, segundo este mesmo filósofo, quando o Deus criado prometeu a imortalidade aos deuses, ele lhes disse que, ao fazer isso, ele fazia uma coisa impossível.

Eis a fala que Platão atribui a Deus: “Como vocês começaram a existir, vocês não poderiam ser imortais e nem perfeitamente indissolúveis, mas vocês não serão jamais dissolvidos e não conhecerão nenhum tipo de morte, por que a morte não pode nada contra minha vontade, que é um laço mais forte e mais poderoso do que aqueles aos quais vocês estavam unidos ao nascerem”¹⁹⁴⁰.

¹⁹⁴⁰ Platão, *Timeu*. Ver Livro 13, cap. 16, desta obra e Sermão 241, 8.

Dante disso, não se pode mais duvidar que, segundo Platão, o Deus criador dos outros deuses não lhes tenha prometido o que é impossível. Aquele que diz “Vocês não poderiam ser imortais, na verdade, mas serão, por que eu quero assim”, o que ele diz, se não é que “Eu farei com que vocês sejam o que não podem ser”?

Este então ressuscitará a carne e a fará imortal, incorruptível e espiritual, já que, segundo Platão, ele prometeu fazer o que é impossível. Por que então ainda imaginar que o que Deus prometeu fazer e que o mundo inteiro acreditou é impossível, sobretudo quando ele prometeu também que o mundo inteiro acreditaria nisto? Na realidade, só afirmamos que esse Deus que, segundo Platão, faz coisas impossíveis, será ele que realizará isto.

Não é preciso então que as almas, para serem felizes, fujam de todos os tipos de corpos. Basta que elas recebam um incorruptível. E, em que corpo incorruptível é mais razoável que elas se regozijem, do que naquele corpo corruptível em que sofreram?

Assim, elas não terão o desejo que Virgílio atribui a elas¹⁹⁴¹, segundo Platão, de querer voltar novamente ao corpo, já que elas terão eternamente seus corpos e os terão tão bem que não se separarão mais deles nem por um lapso de tempo.

¹⁹⁴¹ Virgílio. *Eneida*, livro VI, verso 751.

Capítulo XXVII

As opiniões contrárias de Platão e de Porfírio, que poderiam tê-los levado à verdade, se cada um tivesse cedido um pouco.

Platão e Porfírio perceberam algumas verdades que talvez os tivessem levado a se tornarem cristãos, se tivessem podido se comunicar um com o outro.

Platão afirma que as almas não podem existir eternamente sem corpos, de sorte que, até mesmo a dos sábios retornará à vida corpórea após um longo intervalo de tempo¹⁹⁴².

Porfírio declara que a alma perfeitamente purificada retornará ao Pai e jamais voltará às misérias desta vida.

Se Platão tivesse convencido Porfírio da ideia que sua razão concebeu, de que até mesmo as almas das pessoas justas e sábias retornarão a corpos humanos e se Porfírio tivesse exposto a Platão a ideia que ele concebeu, de que as almas dos santos jamais retornarão às misérias de um corpo corruptível, eu penso que eles teriam concluído que as almas devem retornar a corpos, mas a corpos imortais e incorruptíveis.

Se Porfírio dissesse, como Platão: as almas retornarão a corpos.

Se Platão dissesse, como Porfírio: as almas não retornarão à miséria anterior. Ambos reconheceriam então que elas retornarão a corpos

¹⁹⁴² Mais uma vez, Platão não diz isto e até mesmo diz o contrário no *Fedro*, no *Górgias*, no *Fédon*, no *Timeu* e na *República*.

em que não sofrerão mais nada. Isto foi o que Deus prometeu, ou seja, a eterna felicidade das almas em corpos imortais.

Então, uma vez acordado que as almas dos santos retornarão a corpos imortais, eu penso que eles não teriam muita dificuldade em aceitar que elas retornarão aos corpos onde sofreram os males da terra e onde religiosamente serviram Deus, para serem libertadas de todo mal.

Capítulo XXVIII

Como Platão, Labeão e até mesmo Varrão, teriam podido ver a verdade da ressurreição da carne, se eles tivessem reunido suas opiniões em uma só.

Alguns dos nossos, que amam Platão por causa de seu estilo e de algumas verdades espalhadas em seus escritos, dizem que ele professa quase a mesma opinião que nós sobre a ressurreição.

Mas, Cícero, em algumas palavras em seu **República**, dá a entender que o filósofo queria mais se divertir do que falar do que acreditava ser verdadeiro. Platão, de fato, apresenta em um de seus diálogos um homem ressuscitado, que conta histórias de acordo com as opiniões dos platônicos¹⁹⁴³.

¹⁹⁴³ Ver no final de a **República**, de Platão, livro X, o mito de Er, o armênio.

Labeão¹⁹⁴⁴ conta também que dois homens, mortos no mesmo dia, se encontraram em uma encruzilhada e que, em seguida, tendo recebido ordem de retornarem aos seus corpos, juraram uma perfeita amizade, que durou até que eles morreram novamente.

Mas estes tipos de ressurreições são como as daquelas pessoas que sabemos terem retornado à vida em nossos dias, mas não para não mais morrer.

Varrão conta alguma coisa de mais maravilhoso em seu tratado sobre **A origem do povo romano**. Eis suas próprias palavras: “Alguns astrólogos escreveram que os seres humanos são destinados a um renascimento que os gregos chamam de *palingenesia* (*παλιγγενεσία*) e eles fixam sua data em quatrocentos e quarenta anos após a morte. Nesse momento, a alma retomará o mesmo corpo que tinha antes”.

O que Varrão e esses astrólogos __ eu não sei quais, pois ele não os identifica __ dizem aqui, não é absolutamente verdadeiro, já que, quando as almas tiverem retornado aos seus corpos, elas não os deixarão mais. Mas, pelo menos, isso derruba muitos argumentos que nossos adversários apresentam sobre uma suposta impossibilidade disso.

¹⁹⁴⁴ Sobre Labeão, ver Livro II, cap. 11, desta obra.

De fato, os pagãos que tinham esta opinião, não consideraram impossível que corpos evaporados no ar, ou dissolvidos na água, ou reduzidos em cinzas ou poeira, ou absorvidos pelas substâncias dos animais ou de outros seres humanos, possam ser restabelecidos ao seu primeiro estado.

Se então Platão e Porfírio, ou melhor, aqueles que os amam e que estão vivos, consideram que as almas purificadas retornarão a corpos, como diz Platão, mas não às suas misérias, como quer Porfírio, ou seja, se eles consideram o que ensina nossa religião, que as almas retornarão a corpos, onde permanecerão eternamente, sem sofrer nenhum mal, só lhes resta dizer, como Varrão, que elas retornaram aos mesmos corpos que elas animavam primitivamente e toda a questão da ressurreição estará resolvida.

Capítulo XXIX

A natureza da visão pela qual os santos conhecerão Deus na vida futura.

Vejamos agora, na medida em que Deus nos esclarecer, o que os santos farão em seus corpos imortais e espirituais, quando sua carne não viver mais carnalmente, mas espiritualmente.

Para falar com franqueza, não sei como será esse estado, ou melhor, essa paz e essa serenidade que eles desfrutarão. Os sentidos do corpo jamais me deram nenhuma ideia sobre isso e, quanto à inte-

ligência, o que é a nossa, em comparação com um objetivo tão grande?

É na morada celeste que reina essa *paz de Deus*, que excede toda a inteligência¹⁹⁴⁵, como diz o Apóstolo. Que inteligência é essa, se não é a nossa ou, talvez, a dos anjos? Mas ela não ultrapassa a de Deus.

Se então os santos devem viver na paz de Deus, seguramente a paz em que eles devem viver ultrapassa qualquer inteligência. Que ela ultrapassa a nossa, isso não há dúvida, mas, se ela ultrapassa até mesmo a dos anjos — como parece que o Apóstolo dá a entender, já que ele fala de *toda* inteligência, não excetuando, portanto, nenhuma — então, é preciso aplicar suas palavras à paz que Deus desfruta e dizer que nem nós e nem mesmo os anjos podem conhecê-la como Deus a conhece. Assim, ela ultrapassa qualquer outra inteligência, que não seja a dele.

Mas, da mesma forma como participaremos um dia, segundo nossa fraca capacidade, dessa paz, seja em nós mesmos, seja em nosso próximo, seja em Deus e na medida em que ela é nosso soberano bem, assim também os anjos a conhecem hoje, na medida em que eles são capazes e os seres humanos também, mas bem menos do que os anjos, por mais avançados que estejam nas vias espirituais.

¹⁹⁴⁵ Filipenses 4: 7.

Que ser humano, de fato, pode ultrapassar aquele que diz: *Conhecemos em parte e em parte profetizamos. Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá*¹⁹⁴⁶ e, logo em seguida: *Hoje vemos como por um espelho e em enigma, mas então veremos face a face*¹⁹⁴⁷.

É desta forma que já veem os santos anjos, que também são chamados de nossos anjos, por que, desde que fomos libertados do poder das trevas e transportados para o reino de Jesus Cristo, após termos recebido o Espírito Santo, como garantia de nossa reconciliação, nós começamos a pertencer a esses anjos, com os quais possuiremos em comum essa santa Cidade de Deus, sobre a qual já escrevemos tantos livros.

Os anjos de Deus são, portanto, nossos anjos, como Cristo de Deus é nosso Cristo. Eles são os anjos de Deus, por que eles não o abandonaram e eles são nossos anjos, por que nós começamos a ser seus concidadãos.

É isto que fez Nosso Senhor dizer: *Guardai-vos de menosprezar um só destes pequenos, porque eu vos digo que seus anjos no céu contemplam sem cessar a face de meu Pai que está nos céus*¹⁹⁴⁸. Nós também a veremos desta maneira, como eles a veem, mas ainda não

¹⁹⁴⁶ 1 Coríntios 13: 9 e 10. *Ex parte enim cognoscimus, et ex parte prophetamus. Cum autem venerit quod perfectum est, evacuabitur quod ex parte est.*

¹⁹⁴⁷ 1 Coríntios 13: 12. *Videmus nunc per speculum in enigmate : tunc autem facie ad faciem. Nunc cognosco ex parte : tunc autem cognoscam sicut et cognitus sum.*

¹⁹⁴⁸ Mateus 18: 11.

vemos desta maneira. Daí vieram estas palavras do Apóstolo, que eu já citei: *Hoje vemos como por um espelho e em enigma, mas então veremos face a face.*

Esta visão nos está reservada como recompensa por nossa fé e São João diz o seguinte: *Quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*¹⁹⁴⁹. É claro que, nestas passagens, por face de Deus, devemos entender sua manifestação e não a parte de nosso corpo que chamamos assim¹⁹⁵⁰.

Por isso, quando me perguntam o que farão os santos em seus corpos espirituais, eu não digo o que eu vejo, mas o que eu creio, segundo estas palavras do Salmo: *Acreditei, por isso falei*¹⁹⁵¹.

Eu digo então que é nesse corpo que eles verão Deus, mas saber se eles verão através desse corpo, como agora vemos o sol, a lua, as estrelas e outros objetos sensíveis, isso não é uma questão pequena. É duro dizer que os santos não poderão então abrir ou fechar os olhos quando quiserem, mas é mais duro ainda dizer que quem fechar os olhos não verá Deus.

Se Eliseu, embora ausente do corpo, viu seu servo Giezi que pegava, achando que não era visto, os presentes de Naamã, o sírio,

¹⁹⁴⁹ 1 João 3: 2.

¹⁹⁵⁰ Compare com uma bela carta de Santo Agostinho sobre a visão de Deus (Carta 147) e as *Retratações*, livro II, cap. 41.

¹⁹⁵¹ Salmo 115: 1. *Credidi, propter quod locutus sum.*

que o Profeta tinha curado da lepra¹⁹⁵², com muito mais razão os santos verão todas as coisas nesse corpo espiritual, não somente com os olhos fechados, mas até mesmo estando fisicamente ausentes!

Será então o tempo da perfeição mencionada pelo Apóstolo, quando ele diz: *Conhecemos em parte e em parte profetizamos. Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá.*

Para mostrar em seguida, numa espécie de comparação, o quanto esta vida __ seja qual for o progresso que se faça nela no caminho da virtude __ é diferente da outra, ele diz: *Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança. Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*¹⁹⁵³.

Se então, nesta vida, onde o conhecimento dos maiores profetas não merece ser comparado com aquele que teremos na vida futura, como uma criança não merece ser comparada com um adulto e Eliseu, mesmo ausente como estava, viu seu servidor que pegava os presentes, nos dirão que, quando a perfeição se realizar e o corpo corruptível não mais pesar sobre a alma, os santos precisarão de olhos para ver, se o profeta Eliseu não precisou?

¹⁹⁵² 2 Reis 5: 8-27.

¹⁹⁵³ 1 Coríntios 13: 11 e 12.

Eis o que diz o Profeta a Giezi, segundo a versão da Septuaginta: “Meu espírito não ia com você e eu não sei que Naamã saiu de seu carro diante de você e você aceitou o dinheiro?” Ou, como o padre Jerônimo traduziu do hebraico: *Não estava porventura presente o meu espírito, quando um homem saltou de seu carro ao teu encontro?*¹⁹⁵⁴

O Profeta diz que ele viu isso com seu espírito, ajudado, sem dúvida, sobrenaturalmente, pelo alto. Com mais forte razão ainda os santos receberão essa graça do céu, quando Deus for tudo em todos!¹⁹⁵⁵

No entanto, os olhos do corpo também terão sua função e estarão no seu lugar e o espírito se servirá deles para o ministério do corpo espiritual. Mesmo que o profeta Eliseu não tenha precisado de seus olhos para ver seu servidor ausente, isto não quer dizer que ele não os usava para ver os objetos presentes, que ele podia, no entanto, também ver com seu espírito, mesmo que ele fechasse seus olhos, como ele viu quem estava longe dele.

Evitemos então dizer que os santos não verão Deus na outra vida com os olhos fechados, já que eles o verão sempre com o espírito.

¹⁹⁵⁴ 2 Reis 5: 26. *Nonne cor meum in praesenti erat, quando reversus est homo de curru suo in occursum tui?*

¹⁹⁵⁵ Cf. 1 Coríntios 15: 28. *E, quando tudo lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho renderá homenagem àquele que lhe sujeitou todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos.*

A questão é saber se eles o verão também com os olhos do corpo, quando eles os abrirem. Se seus olhos, totalmente espirituais que serão em seus corpos espirituais, não terão mais a virtude que os nossos possuem agora, é certo que eles não lhes servirão para ver Deus. Eles terão então uma virtude infinitamente maior, se, através deles, vê-se a natureza imaterial que não está contida em um espaço limitado, mas que está inteira em toda parte.

Embora digamos, de fato, que Deus está no céu e sobre a terra, segundo o que ele mesmo disse através do Profeta: *Porventura não enche minha presença o céu e a terra?*¹⁹⁵⁶, não se segue daí que ele tenha uma parte dele no céu e outra na terra, mas ele está inteiro no céu e inteiro na terra e não em momentos diversos, mas ao mesmo tempo, o que é impossível a qualquer natureza corpórea.

Os olhos dos santos, portanto, terão então uma virtude infinitamente maior. Com isso eu não quero dizer que eles terão uma visão mais aguçada do que aquela que se atribui às águias ou às serpentes, pois estes animais, por mais sagazes que sejam, só conseguem ver com os olhos do corpo, enquanto que os olhos dos santos verão até mesmo as coisas incorpóreas.

Talvez tenha sido esta virtude que foi concedida ao santo homem Jó, quando ele disse a Deus: *Antes eu o ouvia, mas agora meu*

¹⁹⁵⁶ Jeremias 23: 24.

olho o vê. Por isso, me desprezo. Estou como que dissolvido diante de vós e acreditando que não passo de cinza e poeira ¹⁹⁵⁷.

Por fim, também se pode muito bem entender por olhos do espírito o que São Paulo diz: *Que ilumine os olhos do vosso coração* ¹⁹⁵⁸. Ora, que Deus seja visto com estes olhos, é o que não duvida nenhum cristão que aceita com fé estas palavras de nosso Deus e mestre: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!* ¹⁹⁵⁹

Mas, resta sempre saber se ele será visto também com os olhos do corpo e é isto que examinaremos agora.

Lemos no Evangelho: *E toda carne verá a salvação de Deus* ¹⁹⁶⁰. Ora, não há nenhum inconveniente em entender esta passagem desta maneira: “E todo homem verá o Cristo de Deus que foi visto em um corpo e que será visto sob a mesma forma, quando ele julgar os vivos e os mortos”.

De fato, que o Cristo seja *a salvação de Deus*, é justificado por vários testemunhos da Escritura, mas, singularmente, pelas palavras do velho Simeão, que, tendo tomado o menino Jesus nos braços,

¹⁹⁵⁷ Jó 42: 5 e 6. *In obaudit auris audiebam te prius, nunc autem oculus meus videt te; propterea despexi memet ipsum et distabui et existimavi me terram et cinerem.*

¹⁹⁵⁸ Efésios 1: 18.

¹⁹⁵⁹ Mateus 5: 8.

¹⁹⁶⁰ Lucas 3: 6. *Et videbit omnis caro salutare Dei.*

clamou: *Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a vossa salvação*¹⁹⁶¹.

Quanto a esta passagem de Jó, como é encontrada nos exemplares hebraicos: *Na minha própria carne, verei Deus*¹⁹⁶², é preciso acreditar, sem dúvida, que Jó profetizava assim a ressurreição da carne, mas ele não disse, no entanto, verei Deus *com* minha carne. E se ele o tivesse dito, poderíamos entender isso como se referindo a Jesus Cristo, que é Deus também e que será visto na carne e por meio da carne. Mas, neste momento, entendendo isto como se referindo ao próprio Deus, podemos muito bem explicá-lo assim: “Verei Deus em minha carne”, ou seja, estarei em minha carne, quando eu vir Deus.

Da mesma forma, o que disse o Apóstolo: *Então veremos face a face*¹⁹⁶³, não nos obriga a acreditar que veremos Deus com esta parte do corpo onde estão os olhos físicos; nós o veremos sem interrupção com os olhos do espírito.

De fato, se o ser humano interior não tivesse uma face, o apóstolo não diria: *Mas todos nós temos o rosto descoberto, refletimos como num espelho a glória do Senhor e nos vemos transformados nesta mesma imagem, sempre mais resplandecentes, pela ação do Espírito do Senhor*¹⁹⁶⁴.

¹⁹⁶¹ Lucas 22: 29 e 30.

¹⁹⁶² Jó 19: 26.

¹⁹⁶³ 1 Coríntios 13: 12.

¹⁹⁶⁴ 2 Coríntios 3: 18.

Não entendemos diferentemente estas palavras do Salmo: *O-lhai para ele a fim de vos alegrardes e não se cobrir de vergonha o vosso rosto*¹⁹⁶⁵. É com esta fé que nos aproximamos de Deus e é certo que a fé pertence ao coração e não ao corpo.

Mas, como ignoramos até que grau de perfeição deve ser elevado o corpo espiritual dos bem-aventurados, pois falamos de uma coisa que não experimentamos e sobre a qual as Escrituras não se declaram formalmente, é de todo necessário que nos aconteça o que lemos na Sabedoria: *Tímidos são os pensamentos dos mortais e incertas as nossas concepções*¹⁹⁶⁶.

Se a opinião dos filósofos __ de que os objetos dos sentidos e do espírito são tão fracionados que não se poderia ver as coisas inteligíveis pelo corpo, nem as corpóreas pelo espírito __ for verdadeira, seguramente não poderemos ver Deus com os olhos do corpo, mesmo espiritual.

Mas a razão sã e a autoridade dos Profetas se juntam a este raciocínio. Quem, de fato, seria tão pouco sensato para dizer que Deus não conhece as coisas corpóreas? No entanto, não há corpo para vê-las. E mais, o que relatamos sobre Eliseu não mostra claramente que se pode ver as coisas corpóreas pelo espírito, sem precisar de corpo? Quando Giezi pegou os presentes de Naamã, o fato aconteceu fisi-

¹⁹⁶⁵ Salmo 33: 6.

¹⁹⁶⁶ Sabedoria 9: 14.

camente e, no entanto, o Profeta não viu com os olhos do corpo, mas através do espírito.

Além disso, já que é constante que os corpos se vejam pelo espírito, por que não pode acontecer de a virtude de um corpo espiritual ser tanta que se veja mesmo um espírito através desse corpo? Pois Deus é espírito.

Aliás, se todos conhecem, por um sentimento interior e não pelos olhos do corpo, a vida que o anima, isso não acontece com a vida de nossos semelhantes. Nós a vemos com o corpo, embora seja uma coisa invisível.

Como diferenciamos os corpos vivos daqueles que não o são, se não é por que vemos ao mesmo tempo o corpo e a vida que só poderíamos ver com o corpo? Mas a vida sem o corpo escapa aos olhos corporais.

É por isso que é possível e muito crível que na outra vida veremos de uma maneira tal os corpos do novo céu e da nova terra, que lá descobriremos Deus presente em toda parte. Não como hoje, que, o que se pode ver dele, é visto, de alguma forma, através das coisas criadas, como que em um espelho e em enigma¹⁹⁶⁷ e de maneira parcial¹⁹⁶⁸ e mais pela fé do que de outra forma.

¹⁹⁶⁷ Cf. Romanos 1: 20. *Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras.*

¹⁹⁶⁸ Cf. 1 Coríntios 13: 12. *Hoje conheço em parte, mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido.*

Mas, assim como, com relação às pessoas que se apresentam aos nossos olhos, nós não acreditamos que elas vivem, nós vemos isso, da mesma forma, ou nossos olhos estarão tão aperfeiçoados que veremos Deus com sua ajuda, como ele é visto através do espírito — suposição difícil ou mesmo impossível de justificar por qualquer testemunho das Escrituras — ou então, o que é mais fácil de compreender, Deus nos será tão conhecido e tão sensível, que o veremos pelo espírito dentro de nós, nos outros, nele mesmo, no novo céu e na nova terra, enfim, em todo ser então sobrevivente. Nós o veremos mesmo com o corpo em todo corpo, para qualquer lado que voltemos nossos olhos.

E nossos pensamentos também se tornarão visíveis, pois então se realizará o que disse o Apóstolo: *Não julgueis antes do tempo; esperai que venha o Senhor. Ele porá às claras o que se acha escondido nas trevas. Ele manifestará as intenções dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que merece*¹⁹⁶⁹.

Capítulo XXX

A eterna felicidade da Cidade de Deus e o sabá eterno.

Como será feliz essa vida em que todo mal terá desaparecido, em que nenhum bem ficará escondido, em que só se terá que cantar

¹⁹⁶⁹ 1 Coríntios 4: 5.

louvores a Deus, que será tudo em todos! Pois, não sei que outra coisa se pode fazer num lugar onde a atividade não cessará por preguiça e nem se trabalhará por necessidade. O salmista não quer dizer outra coisa, quando clama: *Felizes os que habitam em vossa casa, Senhor: áí eles vos louvam para sempre*¹⁹⁷⁰.

Todas as partes de nosso corpo, agora destinadas a certos usos necessários à vida, não terão outro emprego além de ajudar nos louvores a Deus. Toda essa harmonia do corpo humano, que eu já mencionei e que está agora escondida, ao se descobrir então aos nossos olhos, com uma infinidade de outras coisas admiráveis, nos transportará, com um santo ardor, para louvar em alto e bom som o grande Artífice.

Não ousaria determinar quais serão as ações desses corpos espirituais, mas, seguramente, ação, atitude, expressão, tudo estará na conveniência, em um lugar onde nada além do que é conveniente se pode encontrar.

Outro ponto seguro é que o corpo estará imediatamente onde o espírito quiser e o espírito não quererá nada que seja contrário à dignidade do corpo e nem à sua.

Lá reinará a verdadeira glória, longe do erro e da lisonja. Lá a verdadeira honra, que não será mais recusada a quem a merecer, não

¹⁹⁷⁰ Salmo 83: 5.

será conferida a quem não a merece, pois nenhum indigno pode pretendê-la em um lugar aonde só o mérito dá acesso.

Lá haverá, enfim, a verdadeira paz, em que não se sofrerá nada de contrário, nem de si mesmo e nem dos outros.

Lá o próprio autor da virtude será a recompensa, por que não há nada melhor do que ele, que prometeu se dar a todos. O que significa o que ele disse, através do Profeta: *Serei o vosso Deus e vós seréis o meu povo*¹⁹⁷¹, se não é: “Serei o objeto que suprirá todos os seus desejos. Serei tudo o que os humanos podem honestamente desejar: vida, saúde, alimento, riquezas, glória, honra, paz. Enfim, todos os bens, *a fim de que Deus seja tudo em todos*¹⁹⁷²”, como disse o Apóstolo”. Ele será o objeto de nossos desejos, que será visto sem cessar, que será amado sem desgosto, que será louvado sem cansaço; ocupação que será comum a todos, assim que se estiver na vida eterna.

No entanto, não é possível saber qual será o grau de glória proporcionado aos méritos de cada um. Não há dúvida, no entanto, que há nisso muita diferença. Este é também um dos grandes bens dessa Cidade: que não se tenha inveja daqueles que serão vistos acima de nós, como agora os anjos não têm inveja da glória dos arcangels. De-sejar-se-á tão pouco possuir o que não se recebeu, embora se esteja

¹⁹⁷¹ Levítico 26: 12.

¹⁹⁷² 1 Coríntios 15: 28.

perfeitamente unido àquele que o recebeu, como o dedo não deseja ser o olho, já que tanto o dedo como o olho compõem a estrutura do mesmo corpo. Cada um então ali possuirá tanto seu dom — uns maiores, outros menores — quanto outro dom: o de não desejar um dom maior do que o seu.

E não se pode imaginar que os bem-aventurados não terão livre arbítrio, sob o pretexto de que eles não poderão obter prazer com o pecado. Eles serão mesmo tão livres, que estarão livres do prazer de pecar, para obterem invariavelmente prazer em não pecar. O primeiro livre arbítrio que foi dado ao ser humano, quando Deus o criou correto, consistiu em poder não ceder ao pecado, bem como o poder de pecar. Mas o livre arbítrio superior, que ele deve receber no final, será tão mais poderoso que ele não poderá mais pecar. Este será um privilégio que ele não obterá por ele mesmo, mas pela bondade de Deus.

Uma coisa é ser Deus, outra coisa é participar de Deus. Deus, por natureza, não pode pecar, mas aquele que participa de Deus recebe somente dele a graça de não mais poder pecar.

Ora, devia ser mantida esta ordem no benefício de Deus: dar primeiramente ao ser humano um livre arbítrio pelo qual ele podia não pecar e, em seguida, dar-lhe outro pelo qual ele não pode pecar. O primeiro foi para adquirir o mérito e o segundo para receber a recompensa.

Ora, tendo o ser humano pecado, quando ele pôde, é por uma graça mais abundante que ele é libertado, para conseguir a liberdade em que ele não poderá mais pecar.

Da mesma forma como a primeira imortalidade que Adão perdeu ao pecar consistia em poder não morrer e a última consistirá em não poder morrer, assim também a primeira liberdade da vontade consistia em poder não pecar e a última consistirá em não poder mais pecar.

De sorte que o ser humano não poderá mais perder sua virtude, bem como sua felicidade. Nem por isso ele será menos livre, pois, é possível dizer que Deus não possui livre arbítrio só por que não pode pecar?

Todos os membros dessa divina Cidade terão, portanto, uma vontade perfeitamente livre, isenta de todo mal, cumulada por todos os bens, gozando das delícias de uma alegria imortal, sem mais se lembrar de suas faltas nem de suas misérias e sem se esquecer, no entanto, de sua libertação, para não ser ingrato com relação ao seu libertador.

A alma se lembrará então de seus males passados, mas intelectualmente e sem ressentimento, como um hábil médico que conhece várias doenças com sua arte, sem jamais tê-las experimentado.

Da mesma forma como se pode conhecer os males de duas maneiras — pela ciência ou pela experiência, pois uma pessoa de bem

conhece os vícios de forma diferente de um libertino — pode-se também esquecer-lhos de duas maneiras. Aquele que os conheceu através da ciência não os esquece da mesma maneira que aquele que os sofreu. O primeiro os esquece abdicando de seu conhecimento e o último se livrando de sua miséria. É desta última maneira que os santos não se lembrarão mais de seus males passados. Eles estarão isentos de todos os males, sem que lhes reste o menor sentimento. No entanto, por meio da ciência que eles possuirão no mais alto grau, eles não conhecerão somente sua miséria passada, mas também a miséria eterna dos condenados. De fato, se eles não se lembrassem de terem sido miseráveis, como, segundo o salmista¹⁹⁷³, eles cantariam as misericórdias de Deus?

Ora, sabemos que essa Cidade não terá alegria maior do que cantar um cântico de glória ao Salvador que nos resgatou com seu sangue. Lá se realizarão estas palavras: *Parai — disse ele — e reconheci que sou Deus*¹⁹⁷⁴.

Lá será realmente o grande sabá, que não terá noite. Aquele que é descrito no Gênesis, quando é dito: *Tendo Deus terminado no sétimo dia a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho. Ele abençoou o sétimo dia e o consagrou, porque nesse dia repousara de*

¹⁹⁷³ Cf. Salmo 88: 2. *Cantarei, eternamente, as bondades do Senhor.*

¹⁹⁷⁴ Salmo 45: 11.

toda a obra da Criação¹⁹⁷⁵. De fato, seremos nós mesmos o sétimo dia, quando seremos plenificados e cobertos pela bênção e a santificação de Deus.

Lá repousaremos e reconheceremos que é Deus aquele cuja qualidade soberano quisemos usurpar, quando escutamos estas palavras do sedutor: *Sereis como deuses*¹⁹⁷⁶. Condição que teríamos, de alguma maneira, por antecipação ou por graça, se tivéssemos permanecido fiéis a ele e não o tivéssemos abandonado. O que conseguimos, de fato, ao abandoná-lo, além de morrer miseravelmente? Mas então, restabelecidos por sua bondade e plenificados por uma graça mais abundante, repousaremos eternamente e veremos que é ele que é Deus, pois estaremos plenos dele e ele será tudo em todos.

Mesmo nossas boas obras, quando creditamos mais a ele do que a nós, nos são imputadas para obter esse sabá. Pelo contrário, quando as atribuímos a nós, elas se tornam obras servis, já que é dito sobre o sabá: *Não fareis nenhuma obra servil*¹⁹⁷⁷. Daí vem estas palavras do profeta Ezequiel: *Instituí mesmo para eles os meus sábados, como sinal entre mim e eles, a fim de que reconhecessem que sou eu, o Senhor, que os santifica*¹⁹⁷⁸. Saberemos isso perfeitamente,

¹⁹⁷⁵ Gênesis 2: 2 e 3.

¹⁹⁷⁶ Gênesis 3: 5.

¹⁹⁷⁷ *Omne opus servile non facietis*

¹⁹⁷⁸ Ezequiel 20: 12.

quando estivermos perfeitamente em repouso e vermos perfeitamente que é ele que é Deus.

Esse sabá aparecerá ainda mais claramente se contarmos as eras como se fossem dias, já que ele está justamente no sétimo. A primeira era, como o primeiro dia, é contada desde Adão até o Dilúvio; a segunda, desde o dilúvio até Abraão, não por igualdade temporal, mas pelo número de gerações.

O evangelista Mateus conta três eras, compreendendo cada uma quatorze gerações. A primeira, de Abraão até Davi; a segunda, de Davi até o cativeiro da Babilônia; a terceira, deste cativeiro até o nascimento carnal de Jesus Cristo¹⁹⁷⁹.

Já temos então cinco eras. A sexta está transcorrendo agora e não deve ser medida por um número certo de gerações, por causa destas palavras do Salvador: *Não pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder*¹⁹⁸⁰. Após esta, Deus reposará, como no sétimo dia, quando nos fará repousar nele; nós, que seremos o sétimo dia.

Mas seria muito longo tratar aqui dessas sete eras. Basta saber que a sétima será o nosso sabá, que não terá noite, mas que terminará com o dia dominical; o oitavo e eterno dia, consagrado pela resurreição de Jesus Cristo e que representa o repouso eterno, não apenas

¹⁹⁷⁹ Cf. Mateus 1, 17 e Santo Agostinho, *De Gen. c. Man.* 1, 23.

¹⁹⁸⁰ Atos 1: 7.

do espírito, mas também do corpo. É nele que repousaremos e contemplaremos; que contemplaremos e que amaremos; que amaremos e louvaremos. Será então o fim sem fim e que outro fim nos propomos além de chegar ao reino que não tem fim?

Parece-me que, ao terminar esta grande obra, com a ajuda de Deus, consegui quitar minha dívida.

Aqueles que acharem que eu disse muito ou muito pouco, que me perdoem. Aqueles que pensam que eu disse o suficiente, rendam graças, não a mim, mas a Deus comigo.

Assim seja!



Créditos

Título original: *De civitas Dei* (La cité de Dieu)

© 427: Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2022: Valdemar Teodoro Editor – Niterói - Rio de Janeiro - Brasil.

Toda cópia e divulgação são autorizadas, desde que citada a fonte.

Traduzido do latim para o francês pelo Sr. Saisset in *Œuvres complètes de Saint Augustin*, organizada pelo Abade Raulx, Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1864-1873.

Tradução do francês, diagramação e revisão: Souza Campos, E. L. de

Conteúdo

A cidade de Deus.....	2
Livro I – Os Godos em Roma	2
CAPÍTULO I.....	2
CAPÍTULO II.....	5
CAPÍTULO III	7
CAPÍTULO IV	10
CAPÍTULO V	11
CAPÍTULO VI	12
CAPÍTULO VII.....	14
CAPÍTULO VIII.....	15
CAPÍTULO IX	19
CAPÍTULO X	23
CAPÍTULO XI	29
CAPÍTULO XII.....	31
CAPÍTULO XIII.....	33
CAPÍTULO XIV	36
CAPÍTULO XV.....	37

CAPÍTULO XVI	40
CAPÍTULO XVII	41
CAPÍTULO XVIII	42
CAPÍTULO XIX	45
CAPÍTULO XX	49
CAPÍTULO XXI	51
CAPÍTULO XXII	53
CAPÍTULO XXIII	55
CAPÍTULO XXIV	56
CAPÍTULO XXV	59
CAPÍTULO XXVI	60
CAPÍTULO XXVII	62
CAPÍTULO XXVIII	64
CAPÍTULO XXIX	68
CAPÍTULO XXX	69
CAPÍTULO XXXI	71
CAPÍTULO XXXII	73
CAPÍTULO XXXIII	74

CAPÍTULO XXXIV	75
CAPÍTULO XXXV	76
CAPÍTULO XXXVI	77
Livro II - Roma e os falsos deuses	80
CAPÍTULO I	80
CAPÍTULO II	82
CAPÍTULO III	84
CAPÍTULO IV	85
CAPÍTULO V	87
CAPÍTULO VI	89
CAPÍTULO VII	91
CAPÍTULO VIII	94
CAPÍTULO IX	95
CAPÍTULO X	97
CAPÍTULO XI	99
CAPÍTULO XII	101
CAPÍTULO XIII	102
CAPÍTULO XIV	105

CAPÍTULO XV	108
CAPÍTULO XVI	109
CAPÍTULO XVII	110
CAPÍTULO XVIII	113
CAPÍTULO XIX	117
CAPÍTULO XX	120
CAPÍTULO XXI	122
CAPÍTULO XXII	129
CAPÍTULO XXIII	132
CAPÍTULO XXIV	135
CAPÍTULO XXV	138
CAPÍTULO XXVI	141
CAPÍTULO XXVII	144
CAPÍTULO XXVIII	146
CAPÍTULO XXIX	147
Livro III - Os romanos e seus falsos deuses.....	151
CAPÍTULO I	151
CAPÍTULO II	152

CAPÍTULO III	155
CAPÍTULO IV	156
CAPÍTULO V	157
CAPÍTULO VI	158
CAPÍTULO VII	160
CAPÍTULO VIII	162
CAPÍTULO IX	163
CAPÍTULO X	164
CAPÍTULO XI	168
CAPÍTULO XII	169
CAPÍTULO XIII	171
CAPÍTULO XIV	174
CAPÍTULO XV	180
CAPÍTULO XVI	185
CAPÍTULO XVII	187
CAPÍTULO XVIII	196
CAPÍTULO XIX	199
CAPÍTULO XX	201

CAPÍTULO XXI	204
CAPÍTULO XXII	207
CAPÍTULO XXIII	208
CAPÍTULO XXIV	209
CAPÍTULO XXV	210
CAPÍTULO XXVI	212
CAPÍTULO XXVII	213
CAPÍTULO XXVIII	215
CAPÍTULO XXIX	217
CAPÍTULO XXX	219
CAPÍTULO XXXI	220
Livro IV - Ao que se deve a grandeza dos romanos	224
CAPÍTULO I	224
CAPÍTULO II	226
CAPÍTULO III	229
CAPÍTULO IV	231
CAPÍTULO V	232
CAPÍTULO VI	234

CAPÍTULO VII	236
CAPÍTULO VIII.....	238
CAPÍTULO IX	241
CAPÍTULO X	242
CAPÍTULO XI	246
CAPÍTULO XII.....	250
CAPÍTULO XIII.....	251
CAPÍTULO XIV	252
CAPÍTULO XV	253
CAPÍTULO XVI	255
CAPÍTULO XVII	256
CAPÍTULO XVIII.....	257
CAPÍTULO XIX	259
CAPÍTULO XX.....	260
CAPÍTULO XXI	261
CAPÍTULO XXII	265
CAPÍTULO XXIII.....	266
CAPÍTULO XXIV.....	271

CAPÍTULO XXV	272
CAPÍTULO XXVI.....	273
CAPÍTULO XXVII	276
CAPÍTULO XXVIII	279
CAPÍTULO XXIX.....	280
CAPÍTULO XXX	283
CAPÍTULO XXXI.....	286
CAPÍTULO XXXII	289
CAPÍTULO XXXIII	290
CAPÍTULO XXXIV	291
Livro V - Os antigos costumes dos romanos	294
PREFÁCIO.....	294
CAPÍTULO I	295
CAPÍTULO II.....	297
CAPÍTULO III	300
CAPÍTULO IV	301
CAPÍTULO V	303
CAPÍTULO VI	306

CAPÍTULO VII	308
CAPITULO VIII.....	311
CAPÍTULO IX	313
CAPÍTULO X	322
CAPÍTULO XI	325
CAPÍTULO XII.....	326
CAPÍTULO XIII.....	336
CAPÍTULO XIV	338
CAPÍTULO XV.....	341
CAPÍTULO XVI	343
CAPÍTULO XVII	344
CAPÍTULO XVIII.....	346
CAPÍTULO XIX	354
CAPÍTULO XX.....	358
CAPÍTULO XXI	360
CAPÍTULO XXII	362
CAPÍTULO XXIII.....	364
CAPÍTULO XXIV.....	366

CAPÍTULO XXV	368
CAPÍTULO XXVI.....	369
Livro VI - Os deuses pagãos	375
PREFÁCIO.....	375
CAPÍTULO I.....	376
CAPÍTULO II.....	382
CAPÍTULO III	385
CAPÍTULO IV	387
CAPÍTULO V	391
CAPÍTULO VI	395
CAPÍTULO VII.....	400
CAPÍTULO VIII.....	405
CAPÍTULO IX	408
CAPÍTULO X	414
CAPÍTULO XI	421
CAPÍTULO XII	422
Livro VII -Os deuses escolhidos.....	425
PREFÁCIO.....	425

CAPÍTULO I	426
CAPÍTULO II.....	427
CAPÍTULO III	429
CAPÍTULO IV	435
CAPÍTULO V	437
CAPÍTULO VI	439
CAPÍTULO VII.....	441
CAPÍTULO VIII.....	442
CAPÍTULO IX	444
CAPÍTULO X	448
CAPÍTULO XI	448
CAPÍTULO XII.....	451
CAPÍTULO XIII.....	452
CAPÍTULO XIV	453
CAPÍTULO XV.....	455
CAPÍTULO XVI	457
CAPÍTULO XVII	459
CAPÍTULO XVIII.....	461

CAPÍTULO XIX	462
CAPÍTULO XX.....	465
CAPÍTULO XXI	465
CAPÍTULO XXII	467
CAPÍTULO XXIII.....	468
CAPÍTULO XXIV.....	472
CAPÍTULO XXV	477
CAPÍTULO XXVI.....	478
CAPÍTULO XXVII	480
CAPÍTULO XXVIII	483
CAPÍTULO XXIX.....	486
CAPÍTULO XXX	486
CAPÍTULO XXXI.....	489
CAPÍTULO XXXII	490
CAPÍTULO XXXIII	491
CAPÍTULO XXXIV	492
CAPÍTULO XXXV	494
Livro VIII – A teologia natural.....	498

CAPÍTULO I	498
CAPÍTULO II.....	500
CAPÍTULO III	503
CAPÍTULO IV	505
CAPÍTULO V	508
CAPÍTULO VI	512
CAPÍTULO VII.....	515
CAPÍTULO VIII.....	516
CAPÍTULO IX	519
CAPÍTULO X	520
CAPÍTULO XI	523
CAPÍTULO XII.....	526
CAPÍTULO XIII.....	528
CAPÍTULO XIV	530
CAPÍTULO XV.....	533
CAPÍTULO XVI	536
CAPÍTULO XVII	538
CAPÍTULO XVIII.....	541

CAPÍTULO XIX	542
CAPÍTULO XX.....	545
CAPÍTULO XXI	547
CAPÍTULO XXII	551
CAPÍTULO XXIII.....	552
CAPÍTULO XXIV.....	558
CAPÍTULO XXV	566
CAPÍTULO XXVI.....	567
CAPÍTULO XXVII	572
Livro IX – As duas espécies de demônios.	576
CAPÍTULO I	576
CAPÍTULO II.....	577
CAPÍTULO III	578
CAPÍTULO IV	580
CAPÍTULO V	585
CAPÍTULO VI	588
CAPÍTULO VII	589
CAPÍTULO VIII.....	591

CAPÍTULO IX	594
CAPÍTULO X	596
CAPÍTULO XI	597
CAPÍTULO XII	598
CAPÍTULO XIII.....	600
CAPÍTULO XIV	604
CAPÍTULO XV.....	605
CAPÍTULO XVI	609
CAPÍTULO XVII	613
CAPÍTULO XVIII.....	615
CAPÍTULO XIX	617
CAPÍTULO XX.....	618
CAPÍTULO XXI	619
CAPÍTULO XXII	620
CAPÍTULO XXIII.....	622
Livro X – O culto da latria.	627
CAPÍTULO I	627
CAPÍTULO II.....	632

CAPÍTULO III	634
CAPÍTULO IV	637
CAPÍTULO V	638
CAPÍTULO VI	642
CAPÍTULO VII	645
CAPÍTULO VIII	646
CAPÍTULO IX	649
CAPÍTULO X	652
CAPÍTULO XI	655
CAPÍTULO XII	660
CAPÍTULO XIII	662
CAPÍTULO XIV	663
CAPÍTULO XV	665
CAPÍTULO XVI	666
CAPÍTULO XVII	671
CAPÍTULO XVIII	674
CAPÍTULO XIX	676
CAPÍTULO XX	678

CAPÍTULO XXI	679
CAPÍTULO XXII	681
CAPÍTULO XXIII	682
CAPÍTULO XXIV	684
CAPÍTULO XXV	686
CAPÍTULO XXVI	691
CAPÍTULO XXVII	693
CAPÍTULO XXVIII	697
CAPÍTULO XXIX	700
CAPÍTULO XXX	705
CAPÍTULO XXXI	709
CAPÍTULO XXXII	711
Livro XI – A origem das duas cidades.	722
CAPÍTULO I	722
CAPÍTULO II	724
CAPÍTULO III	726
CAPÍTULO IV	727
CAPÍTULO V	731

CAPÍTULO VI	733
CAPÍTULO VII	735
CAPÍTULO VIII.....	737
CAPÍTULO IX	738
CAPÍTULO X	742
CAPÍTULO XI	746
CAPÍTULO XII	748
CAPÍTULO XIII.....	750
CAPÍTULO XIV	753
CAPÍTULO XV	754
CAPÍTULO XVI	755
CAPÍTULO XVII	757
CAPÍTULO XVIII.....	758
CAPÍTULO XIX	760
CAPÍTULO XX.....	761
CAPÍTULO XXI	763
CAPÍTULO XXII	766
CAPÍTULO XXIII.....	768

CAPÍTULO XXIV	772
CAPÍTULO XXV	774
CAPÍTULO XXVI	776
CAPÍTULO XXVII	779
CAPÍTULO XXVIII	782
CAPÍTULO XXIX	785
CAPÍTULO XXX	787
CAPÍTULO XXXI	788
CAPÍTULO XXXII	791
CAPÍTULO XXXIII	793
CAPÍTULO XXXIV	796
Livro XII – Os anjos e os seres humanos.....	799
CAPÍTULO I	799
CAPÍTULO II	803
CAPÍTULO III	804
CAPÍTULO IV	806
CAPÍTULO V	808
CAPÍTULO VI	809

CAPÍTULO VII	814
CAPÍTULO VIII.....	815
CAPÍTULO IX	817
CAPÍTULO X	821
CAPÍTULO XI	824
CAPÍTULO XII.....	825
CAPÍTULO XIII.....	827
CAPÍTULO XIV	831
CAPÍTULO XV	832
CAPÍTULO XVI	839
CAPÍTULO XVII	840
CAPÍTULO XVIII.....	843
CAPÍTULO XIX	846
CAPÍTULO XX.....	848
CAPÍTULO XXI	854
CAPÍTULO XXII	856
CAPÍTULO XXIII.....	857
CAPÍTULO XXIV.....	858

CAPÍTULO XXV	859
CAPÍTULO XXVI.....	862
Livro XIII – A morte.	865
CAPÍTULO I.....	865
CAPÍTULO II.....	865
CAPÍTULO III	868
CAPÍTULO IV	871
CAPÍTULO V	873
CAPÍTULO VI	875
CAPÍTULO VII.....	876
CAPÍTULO VIII.....	878
CAPÍTULO IX	879
CAPÍTULO X	881
CAPÍTULO XI	883
CAPÍTULO XII	887
CAPÍTULO XIII.....	889
CAPÍTULO XIV	890
CAPÍTULO XV.....	891

CAPÍTULO XVI	893
CAPÍTULO XVII	896
CAPÍTULO XVIII	900
CAPÍTULO XIX	903
CAPÍTULO XX	907
CAPÍTULO XXI	909
CAPÍTULO XXII	911
CAPÍTULO XXIII	913
CAPÍTULO XXIV	920
Livro XIV – O pecado original.	931
CAPÍTULO I	931
CAPÍTULO II	932
CAPÍTULO III	936
CAPÍTULO IV	939
CAPÍTULO V	943
CAPÍTULO VI	946
CAPÍTULO VII	947
CAPÍTULO VIII	951

CAPÍTULO IX	957
CAPÍTULO X	965
CAPÍTULO XI	967
CAPÍTULO XII	973
CAPÍTULO XIII.....	974
CAPÍTULO XIV	979
CAPÍTULO XV.....	980
CAPÍTULO XVI	984
CAPÍTULO XVII	986
CAPÍTULO XVIII.....	989
CAPÍTULO XIX	990
CAPÍTULO XX.....	992
CAPÍTULO XXI	995
CAPÍTULO XXII	997
CAPÍTULO XXIII.....	999
CAPÍTULO XXIV.....	1003
CAPÍTULO XXV	1006
CAPÍTULO XXVI.....	1007

CAPÍTULO XXVII	1011
CAPÍTULO XXVIII	1013
Livro XV – Antes do dilúvio.....	1015
CAPÍTULO I	1015
CAPÍTULO II.....	1018
CAPÍTULO III	1021
CAPÍTULO IV	1022
CAPÍTULO V	1024
CAPÍTULO VI	1026
CAPÍTULO VII	1029
CAPÍTULO VIII.....	1036
CAPÍTULO IX	1040
CAPÍTULO X	1042
CAPÍTULO XI	1044
CAPÍTULO XII	1046
CAPÍTULO XIII.....	1050
CAPÍTULO XIV	1054
CAPÍTULO XV.....	1058

CAPÍTULO XVI	1062
CAPÍTULO XVII	1067
CAPÍTULO XVIII	1070
CAPÍTULO XIX	1072
CAPÍTULO XX	1074
CAPÍTULO XXI	1081
CAPÍTULO XXII	1084
CAPÍTULO XXIII	1087
CAPÍTULO XXIV	1095
CAPÍTULO XXV	1096
CAPÍTULO XXVI	1097
CAPÍTULO XXVII	1100
Livro XVI – De Noé a Davi	1107
Capítulo I	1107
Capítulo II	1108
Capítulo III	1114
Capítulo IV	1118
Capítulo V	1122

Capítulo VI	1123
Capítulo VII.....	1127
Capítulo VIII	1128
Capítulo IX.....	1132
Capítulo X	1133
Capítulo XI.....	1137
Capítulo XII.....	1142
Capítulo XIII	1143
Capítulo XIV	1145
Capítulo XV	1146
Capítulo XVI	1150
Capítulo XVII.....	1152
Capítulo XVIII.....	1153
Capítulo XIX	1154
Capítulo XX	1155
Capítulo XXI	1156
Capítulo XXII	1158
Capítulo XXIII.....	1159

Capítulo XXIV	1161
Capítulo XXV.....	1167
Capítulo XXVI	1168
Capítulo XXVII	1173
Capítulo XXVIII.....	1175
Capítulo XXIX	1177
Capítulo XXX.....	1180
Capítulo XXXI	1182
Capítulo XXXII	1183
Capítulo XXXIII.....	1188
Capítulo XXXIV.....	1188
Capítulo XXXV	1191
Capítulo XXXVI.....	1192
Capítulo XXXVII	1195
Capítulo XXXVIII	1198
Capítulo XXXIX.....	1202
Capítulo XL.....	1203
Capítulo XLI.....	1205

Capítulo XLII	1208
Capítulo XLIII	1209
Livro XVII – De Davi a Jesus Cristo,.....	1215
Capítulo I.....	1215
Capítulo II	1217
Capítulo III	1219
Capítulo IV	1222
Capítulo V	1236
Capítulo VI	1244
Capítulo VII.....	1248
Capítulo VIII	1253
Capítulo IX	1257
Capítulo X	1260
Capítulo XI	1262
Capítulo XII.....	1264
Capítulo XIII	1269
Capítulo XIV	1270
Capítulo XV	1272

Capítulo XVI	1273
Capítulo XVII	1278
Capítulo XVIII.....	1280
Capítulo XIX	1285
Capítulo XX	1286
Capítulo XXI	1292
Capítulo XII.....	1294
Capítulo XXIII.....	1295
Capítulo XXIV	1297
Livro XVIII – A história das duas cidades.....	1299
Capítulo I.....	1299
Capítulo II	1300
Capítulo III	1304
Capítulo IV	1306
Capítulo V	1307
Capítulo VI.....	1309
Capítulo VII.....	1310
Capítulo VIII	1311

Capítulo IX	1313
Capítulo X	1315
Capítulo XI	1317
Capítulo XII.....	1318
Capítulo XIII	1321
Capítulo XIV	1324
Capítulo XV	1325
Capítulo XVI	1326
Capítulo XVII	1328
Capítulo XVIII.....	1329
Capítulo XIX	1333
Capítulo XX	1334
Capítulo XXI	1335
Capítulo XXII	1337
Capítulo XXIII.....	1338
Capítulo XXIV	1342
Capítulo XXV	1344
Capítulo XXVI	1345

Capítulo XXVII	1346
Capítulo XXVIII.....	1348
Capítulo XXIX	1351
Capítulo XXX.....	1354
Capítulo XXXI	1356
Capítulo XXXII	1358
Capítulo XXXIII.....	1366
Capítulo XXXIV.....	1369
Capítulo XXXV	1371
Capítulo XXXVI.....	1376
Capítulo XXXVII	1378
Capítulo XXXVIII	1380
Capítulo XXXIX.....	1381
Capítulo XL.....	1383
Capítulo XLI.....	1384
Capítulo XLII	1390
Capítulo XLIII	1391
Capítulo XLIV	1394

Capítulo XLV	1396
Capítulo XLVI	1401
Capítulo XLVII.....	1403
Capítulo XLVIII	1406
Capítulo XLIX	1408
Capítulo L.....	1410
Capítulo LI	1412
Capítulo LII.....	1415
Capítulo LIII.....	1419
Capítulo LIV.....	1422
Livro XIX – O soberano bem.....	1427
Capítulo I.....	1427
Capítulo II	1434
Capítulo III	1436
Capítulo IV	1439
Capítulo V	1449
Capítulo VI	1452
Capítulo VII.....	1454

Capítulo VIII	1456
Capítulo IX.....	1458
Capítulo X	1459
Capítulo XI.....	1460
Capítulo XII.....	1462
Capítulo XIII	1468
Capítulo XIV	1472
Capítulo XV	1475
Capítulo XVI	1478
Capítulo XVII.....	1479
Capítulo XVIII.....	1483
Capítulo XIX	1484
Capítulo XX	1486
Capítulo XXI	1487
Capítulo XXII.....	1490
Capítulo XXIII.....	1491
Capítulo XXIV	1501
Capítulo XXV.....	1502

Capítulo XXVI	1503
Capítulo XXVII	1504
Capítulo XXVIII.....	1507
Livro XX - O julgamento final.....	1509
Capítulo I.....	1509
Capítulo II	1512
Capítulo III	1515
Capítulo IV.....	1516
Capítulo V	1518
Capítulo VI.....	1524
Capítulo VII.....	1528
Capítulo VIII	1535
Capítulo IX.....	1541
Capítulo X	1548
Capítulo XI	1550
Capítulo XII.....	1552
Capítulo XIII	1554
Capítulo XIV	1556

Capítulo XV	1560
Capítulo XVI	1563
Capítulo XVII	1565
Capítulo XVIII.....	1568
Capítulo XIX	1571
Capítulo XX	1578
Capítulo XXI	1582
Capítulo XXII.....	1592
Capítulo XXIII.....	1594
Capítulo XXIV	1599
Capítulo XXV.....	1606
Capítulo XXVI	1609
Capítulo XXVII	1614
Capítulo XXVIII.....	1615
Capítulo XXIX	1618
Capítulo XXX.....	1620
Livro XXI – A reprovação dos maus.....	1631
Capítulo I.....	1631

Capítulo II	1632
Capítulo III	1633
Capítulo IV	1638
Capítulo V	1644
Capítulo VI	1648
Capítulo VII	1652
Capítulo VIII	1656
Capítulo IX	1662
Capítulo X	1665
Capítulo XI	1668
Capítulo XII	1671
Capítulo XIII	1672
Capítulo XIV	1674
Capítulo XV	1676
Capítulo XVI	1679
Capítulo XVII	1681
Capítulo XVIII	1683
Capítulo XIX	1686

Capítulo XX	1687
Capítulo XXI	1688
Capítulo XXII	1689
Capítulo XXIII.....	1691
Capítulo XXIV	1694
Capítulo XXV.....	1704
Capítulo XXVI	1708
Capítulo XXVII	1717
Livro XXII – A felicidade dos santos.....	1724
Capítulo I.....	1724
Capítulo II	1727
Capítulo III	1730
Capítulo IV	1732
Capítulo V	1734
Capítulo VI	1738
Capítulo VII.....	1744
Capítulo VIII	1745
Capítulo IX	1770

Capítulo X	1771
Capítulo XI	1774
Capítulo XII	1779
Capítulo XIII	1782
Capítulo XIV	1783
Capítulo XV	1784
Capítulo XVI	1786
Capítulo XVII	1787
Capítulo XVIII	1790
Capítulo XIX	1793
Capítulo XX	1797
Capítulo XXI	1799
Capítulo XXII	1802
Capítulo XXIII	1808
Capítulo XXIV	1810
Capítulo XXV	1821
Capítulo XXVI	1823
Capítulo XXVII	1826

Capítulo XXVIII	1827
Capítulo XXIX	1829
Capítulo XXX.....	1840
Créditos	1849
Conteúdo	1850